

Diálogos transdisciplinares

livro de resumos 2021





**Diálogos transdisciplinares:
livro de resumos 2021**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

Gestão 2020-2021

Presidente

Gerson Roberto Neumann — UFRGS

Vice-Presidente

Andrei dos Santos Cunha — UFRGS

Primeira Secretária

Cinara Ferreira — UFRGS

Segundo Secretário

Carlos Leonardo Bonturim Antunes — UFRGS

Primeiro Tesoureiro

Adauto Locatelli Taufer — UFRGS

Segunda Tesoureira

Rejane Pivetta de Oliveira — UFRGS

Conselho Deliberativo

Membros efetivos

Betina Rodrigues da Cunha — UFU

João Cezar de Castro Rocha — UERJ

Maria Elizabeth Mello — UFF

Maria de Fátima do Nascimento — UFPA

Rachel Esteves de Lima — UFBA

Regina Zilberman — UFRGS

Rogério da Silva Lima — UNB

Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

Membros suplentes

Cassia Maria Bezerra do Nascimento — UFAM

Helano Jader Ribeiro — UFPB

Diálogos transdisciplinares: livro de resumos 2020

**Todos os direitos
desta edição reservados.**

Copyright © 2022:
dos autores dos textos.

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Betina Rodrigues da Cunha — UFU
João Cezar de Castro Rocha — UERJ
Maria Elizabeth Mello — UFF
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA
Rachel Esteves de Lima — UFBA
Regina Zilberman — UFRGS
Rogério da Silva Lima — UNB
Socorro Pacifico Barbosa — UFPB
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM
Helano Jader Ribeiro — UFPB

Projeto gráfico e capa

Mário Vinícius

Diagramação

Mário Vinícius

Revisão

Andrei dos Santos Cunha
Vinícius Casanova Ritter
Gerson Roberto Neumann

Como citar este livro (ABNT)

ZITTO, Bruno Costa; SANTANA, Júlia Genehr; DAUDT, Marianna Ilgenfritz (orgs.). *Diálogos transdisciplinares: livro de resumos 2021*. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2022.

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000
Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D537 Diálogos transdisciplinares
[recurso eletrônico] : livro de resu-
mos 2021 / organizado por Bruno
Costa Zitto, Júlia Genehr Santana,
Marianna Ilgenfritz Daudt. - Porto
Alegre : Bestiário, 2023.

1592 p. ; PDF ; 10,7 MB.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-6056-028-4 (Ebook)

1. Literatura brasileira.
2. Ensaio. I. Zitto, Bruno Costa. II. Santana, Júlia Genehr. III. Daudt, Marianna Ilgenfritz. IV. Título.

2023-3797

CDD: 869.94

CDU: 82-4(81)

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)



A presente publicação foi realizada com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os editores não se responsabilizam pelo conteúdo do livro ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

Sumário

- 87 **Apresentação**
Os organizadores
-
- 90 **Simpósio 1**
**“Tudo invade tudo”:
ressonâncias transdisciplinares
do tecido osmaniano**
Maria Aracy Bonfim
Elizabeth Hazin
Sandra Margarida Nitrini
- 92 **‘Guerra sem testemunhas’:
uma poética osmaniana**
Wesley Moreira de Andrade
- 92 **A concepção geométrica sintética
e clara de “O pássaro transparente”**
Marcos Eduardo Lopes Rocha
- 93 **Entre a “sede de volúpia da faca”
e o agulhão da consciência:
os trunfos paradoxais do livre
arbitrio do carrasco institucional
em “Conto Barroco e Unidade
Tripartita”**
Fernando Antônio Dusi Rocha
- 94 **História e literatura:
narrativas transdimensionais**
Lenna Carolina da Silva Solé Vernin
- 95 **Inquietações filosóficas no
romance *A Rainha dos Cárceres
da Grécia*, de Osman Lins**
Cacilda Bonfim
- 96 **O escudo de Lins: o saber que
advém das batalhas cinzeladas
em um apresto de guerra**
Elizabeth Hazin
- 96 **Osman Lins e Laurence Sterne
a bordo de suas narrativas
de viagem**
Maria Aracy Bonfim
- 97 **Osman Lins, a leitura subjetiva
e a formação de leitores**
Carolina Duarte Damasceno Ferreira
- 98 **Osman Lins, entre vistas**
Francismar Ramirez
- 99 **Saberes da ficção, saberes dos
tecidos: o *Manual de Fabricante
de Tecidos* como suplemento à
ficção de Osman Lins**
Pedro Henrique Couto Torres
-
- 100 **Simpósio 2**
**(Per)formar literário:
fruição, ficção, ação**
Fernanda Boarin Boechat
Daniel Martineschen
Otávio Guimarães Tavares
- 102 **A (trans) formação da família
contemporânea na crônica:
“Já não se fazem pais como
antigamente” de Lourenço Diaféria**
Luciana Raimunda de Lana Costa
Simeire da Silva Santos
- 103 **A entrevista e o silêncio:
a crítica biográfica e as
dimensões teórico-ficcionais
entre obra e vida em Oswaldo
Reynoso e Rubem Fonseca**
Lara Mucci Poenaru
- 104 **A escrita performática
de Ariano Suassuna no
*Romance de Dom Pantero
no Palco dos Pecadores***
Ester Suassuna Simões
- 104 **A mulher, por ela mesma:
o protagonismo feminino
de Bormann/Délia**
Gabriela Semensato Ferreira
- 105 **A verdade particular da ficção
no plano da criatividade literária
e da elaboração psicológica**
Sávio Moreira de Borba
- 106 **Antônio Torres e a polêmica como
gênero literário e performance**
Patrícia Miguez Lattavo

- 107 **Auden, Yeats e o que pode a poesia nas sombras do modernismo (e da guerra)?**
Otávio Guimarães Tavares
- 108 ***Die Schutzbefohlenen, de Elfriede Jelinek: um encontro entre a crise de refugiados, a literatura clássica, a filosofia e o discurso oficial***
Gisele Jordana Eberspächer
- 109 **Documentos de performance en las escrituras literarias**
Luciana Irene Sastre
- 109 **Em busca da afetividade perdida em “o pior dia de todos” de Daniela Kopsch: a literatura como resposta à ruína da palavra**
Antonio Valmario Costa Júnior
- 110 **Ilhas na literatura – experiências transareais**
Cintea Richter
- 111 **Imagens de flores imperfeitas: uma arquiteta, uma escritora**
Rosana Araújo da Silva Amorim
- 112 **Línguas que desfronteirizam: um sabersobreviver das literaturas sem morada fixa**
Luciane da Silva Alves
- 113 **O “eu” no exílio: discurso e enunciação em dois poemas de Rose Ausländer**
Luiz Carlos Abdala Junior
- 114 **O gato enredado: transpassos nos Estados Unidos de Erico Verissimo**
Fernanda Boarin Boechat
- 115 **O jogo ficcional no romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**
Aline Candido Trigo
- 116 **O sujeito ficcional lispectoriano e as narratividades cidadinas: uma análise do estrangeiro à luz de *A cidade sitiada* e *A hora da estrela***
Andressa de Azevedo Martins
- 117 **Os caminhos da poética: experiências criativas na contemporaneidade**
Ricardo Nonato A. de Abreu Silva
- 117 **Os lugares do relato de viagem e movimentos de entendimento do espaço**
Renato Barros de Castro
- 118 **Palavra, erosão do corpo: da escrita da performance à performance da escrita**
Augusto Melo Brandão
- 119 ***Um crime delicado*, a obra de Sérgio Sant’Anna: uma narrativa metaficcional produtora de efeitos de realidade**
- 120 **Um inverno Abruzzo: estilhaços de memória, imagens da história**
Lilian Monteiro de Castro
Michelle dos Santos
- 121 **Velhice, ficção e vida em *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe**
Marcos Henrique C. Soares de Araujo
-
- 122 **Simpósio 3**
A escrita de autoria feminina na literatura: memória, decolonialidade, identidade e resistência
Algemira de Macêdo Mendes
Geovana Quinalha de Oliveira
Lucilene Machado Garcia Arf
- 124 **(Re)Invenções Identitárias através das performances e obras da poeta / slammer Bell Puã**
Laura Emilia Araujo
- 125 **A escrita de Chimamanda Ngozi Adichie como resistência feminista: uma análise do livro de contos *No seu pescoço* (2017)**
Dayse Rayane e Silva Muniz
- 125 **A memória da escravidão em *Eu, Tituba: a bruxa de Salem* de Maryse Condê**
Marcella Mesquita Granatiere

- 126 **A produção de subjetividade das personagens mulheres em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira**
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira
- 127 **A relação feminismo e fenomenologia no conto “Duas palavras” de Isabel Allende**
Tarissa Marques R. dos Santos
Lucilene Machado Garcia Arf
- 128 **Alguém como eu... A representação negrofeminina em *Becos da memória* de Conceição Evaristo**
- 129 **As representações do feminino através das obras *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* e *Opúsculo Humanitário*, de Nísia Floresta**
Milena Bruno Ferreira
- 130 **Bruxaria e subversão: imagens do(s) feminino(s) em “Veromar”, de Dina Salústio**
Nayane Larissa Vieira Pinheiro
- 131 **Contestação da visão eurocêntrica: a reescrita da personagem Bertha de *Jane Eyre* em *Vasto mar de sargaços***
Allana Cristina Sales Meneses
- 131 **Cordel: “escrita” de autoria feminina como lugar de identidade e resistência**
Alvanita Almeida Santos
- 132 **Corpo opaco: a retórica do corpo em *Hilda Hilst***
Aparecido Carlos Simionato
- 133 **Decolonialidade feminina em *Our nig* de Harriet E. Wilson**
Paulo Eduardo Bogéa Costa
- 133 **Decolonizando a história da literatura brasileira: algumas questões para o sistema colonial/moderno de gênero**
Virgínea Novack Santos da Rocha
- 134 **Diálogos entre o pensamento feminista negro e a obra *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida**
Shaianna da Costa Araújo
Algemira de Macêdo Mendes
- 135 **Diálogos literários entre *Carolina Maria de Jesus* e *Chimamanda Ngozi Adichie*: reflexões sob a ótica comparatista**
Jurema Campos da Silva
- 136 **Escrita de autoria feminina sob o viés do feminismo decolonial nas narrativas *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra e *Por Cima do Mar*, de Déborah Dornellas**
Cleonice Alves Lopes-Flois
- 137 **Eu sou Nós: autodefinição, empoderamento e resistência em *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana**
Ângela da Silva Gomes Poz
- 138 **Inscrever-se às ruas: os grafites de *Mujeres Creando* e o feminismo como revisão epistemológica**
Barbara Alves Matias
- 138 **Julie Dorrico: Os (des)caminhos de uma *Macuxi***
Adriana de Oliveira Alves Corrêa
- 139 **Literatura e violência contra as mulheres em *Garotas mortas*, de Selva Almada**
Geovana Quinalha de Oliveira
- 140 **Maria Nsúé e Nnanga Abahá: um estudo sobre o protagonismo feminino na literatura hispano negro africana**
Regiane de Souza Costa
- 141 **Memória e identidade feminina no romance *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison**
Nágila Alves da Silva
- 142 **Nhanereindy: literaturas de mulheres Indígenas na construção de novos mundos possíveis**
Fernanda Vieira de Sant Anna

- 143 **O Bruxo Espanhol de Cassandra Rios: a mulher no contexto ditatorial brasileiro**
Érica Pontes Moreira Silva
- 143 **O feminicídio na literatura argentina: a denúncia através de *Chicas Muertas* e *Cometierra***
Estéfany Ingridy Cruz de Jesus
- 144 **Vozes mulheres: um chamado a outras epistemologias feministas**
Jailma dos Santos Pedreira Moreira
-
- 146 **Simpósio 4**
A leitura literária em sala de aula e o sujeito leitor: dimensões teóricas e práticas
Andresa Fabiana Batista Guimarães
Gabriela Rodella de Oliveira
- 148 **“Representações da literatura feminina afro-brasileira: escrevivências nas obras *Olhos d’água* de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus”**
Vera Barros Brandão R. Garcia
- 149 **A construção do imaginário literário e as estratégias de leitura nas histórias em quadrinhos**
Pâmela das Dores M. Mitterofhe
- 149 **A contribuição do conto “Acauã” de Inglês de Sousa na criação das narrativas orais de experiência pessoal: uma proposta de formação de alunos – leitores do 7º ano em Tucuruí – PA**
Aline Mary Ribeiro Pinheiro
- 150 **A formação de leitores literários pelo viés do Hip Hop e da Literatura marginal-periférica**
Leomar Alves de Sousa
- 151 **A leitura literária em sala de aula: possibilidades de aplicação do Método Recepcional a partir do conto “Totonha”**
Maria Marcela Freire
- 152 **Autobiografia de leitor: experiências de leitura literária no ensino técnico integrado**
Andresa Fabiana Batista Guimarães
- 153 **Curtas na Escola: da leitura literária à criação cinematográfica**
Ulisses Stefanello Karnikowski
- 153 **Da experiência à teoria: a busca por uma nova didática de ensino de Literatura**
Renata Esteves
- 154 **Da metamorfose do mundo à metamorfose do ser: literatura, conhecimento e (trans)formação do leitor**
Joana Marques Ribeiro
- 155 **Doses poéticas no cotidiano escolar: estratégias de abordagem do texto literário**
Micaela Sá da Silveira
- 156 **Ensino-Aprendizado de Literatura: currículo e representações de estudantes**
Mariana Rosa Silva
- 157 **Entre poesia e imagem: uma proposta de mediação de leitura a partir das lentes de “O fotógrafo” de Manoel de Barros**
Simone Oliveira Vieira Peres
- 158 **Experiências do leitor literário: a poesia concreta vai à escola**
Laila Rayssa de Oliveira Costa
- 158 **Experiências plurais a partir leitura de *O rapaz que não era de Liverpool* (2005), de Caio Riter: o encontro entre os leitores e o escritor**
Juliete Rosa Domingos
- 159 **Formação de professores e a prática de leitura literária na escola**
Nilo Marinho Pereira Junior

-
- 160 **Leitores da tela azul: Literatura e distanciamento social na escola contemporânea**
Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa
- 161 **Leitura literária na universidade: entre o isolamento social e a interação virtual**
Chirley Domingues
- 162 **Letramento literário crítico cultural: contribuições da semiótica da cultura à formação do leitor real no Ensino Médio**
Wellington Neves Vieira
- 163 **Letramento literário e formação de leitores: análise de práticas docentes em uma instituição federal de educação profissional e tecnológica**
Cristiane Maria Pereira Conde
- 164 **Literatura afro-italiana para a terceira idade: reflexões e perspectivas**
Agnes Ghisi
- 164 **O texto literário no ambiente escolar: análise de leitura mediada**
Ana Carolina Miguel Costa
- 165 **Pedagogia da Performance: a mediação como possibilidade do (re)encantamento da leitura literária na escola**
Gisele Gemmi Chiari
- 166 **Projetos de leitura na sala de aula: uma experiência transformadora durante a pandemia**
Marília Pereira da Cruz
- 167 **Reservatório de Experiências Poéticas: práticas de leitura de poesia no nível superior**
Diego Grando
- 169 **Simpósio 5
A literatura gótica em suas cartografias americanas**
Rogerio Lobo Saber
Ayda Elizabeth Blanco Estupiñan
Julio Cesar França Pereira
- 171 **"O senhor também o odeia": espaços de confinamento e sadismo em *Light in August* (1932), de William Faulkner**
Rogerio Lobo Saber
- 172 **A subversão no conto "O dia da caça" de Giulia Moon**
Patricia Hradec
- 173 **Análise da personagem do fantasma em "A dança dos ossos"**
Fernanda Braite
- 174 **As crianças do gótico: figurações negativas da infância na literatura brasileira novecentista (1920-1970)**
Daniel Augusto Pereira Silva
Julio Cesar França Pereira
- 174 **Catolicismo e pecado e m *Fronteira*, de Cornélio Penna**
Lais Alves de Souza da Silva
- 175 **Construção identitária em *Les enfants du sabbat*, romance de Anne Hébert**
Maria Cristina Batalha
- 176 **Entre dentes e túmulos: os elementos do gótico presentes em "Berenice" e "The Fall of the House of Usher", de Edgar Allan Poe**
Alanis Zambrini Gonçalves
- 177 **Espaços assombrados nas narrativas intimistas brasileiras de Gastão Cruls, Cornélio Pena e Lúcio Cardoso**
Ana Resende
- 177 **Horace Walpole & Edgar Allan Poe e o estudo da espacialidade gótica: tessituras em convergência**
Luciana Moura Colucci de Camargo

- 178 **Medo é um fenômeno natural: uma análise de metáforas conceptuais em *IT***
Morgana de Abreu Leal
- 179 **Memória, poder e segredos familiares: o gótico feminista em *O assassino cego*, de Margaret Atwood**
Ayda Elizabeth Blanco Estupiñan
- 180 ***O último gozo do mundo*, de Bernardo Carvalho, manifestação do gótico brasileiro atualizado**
Dione Mara Souto da Rosa
Mail Marques de Azevedo
- 181 **O Gótico Afroamericano e o Trauma em *Voltar Para Casa* e *Lovecraft Country*: as jornadas paralelas de Frank Money e Atticus Black**
Rosana Ruas Machado Gomes
Gabriela Pirotti Pereira
- 182 **O medo e a monstruosidade em *It, a coisa***
Ana Clara Albuquerque Bertucci
- 183 **Representações de corpos abjetos e desejos dissidentes em *Wormwood*, de Poppy Z. Brite**
Andrio J. R. dos Santos
- 183 **Rio acima, rumo à escuridão: elementos góticos da paisagem em *A morte e o meteoro*, de Joca Reiners Terron**
André Cabral de Almeida Cardoso
-
- 185 **Simpósio 6
A literatura, o pensamento e a filosofia**
Josué Borges de Araújo Godinho
Alexssandro Ribeiro Moura
- 187 **A abertura diabólica da linguagem em *Grande sertão: veredas***
Marcos Roberto Pinho Palheta
- 187 **A circularidade de Hegel em *Conjunciones y Disyunciones*, de Octavio Paz**
Adriana Carolina Hipolito de Assis
- 188 **A desconstrução e reconstrução da narrativa oral tradicional sob a perspectiva das personagens femininas, no conto "Nau Catrineta", de Rubem Fonseca**
Nelma Aronia Santos
- 189 **A escrita do inexprimível: o desafio da linguagem em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector**
Joanne Silva Nascimento
- 190 **A poética da névoa: os princípios estéticos e metafísicos da Nivola unamuniana**
Walter Pinto de Oliveira Neto
- 191 **A poesia de Affonso Ávila: um olhar deleuziano sobre a repetição**
Carolina Araujo Aguiar Franco
- 192 **De "orelhas pensas", eis o devir-outro drummondiano: uma leitura do poema "O elefante", de Carlos Drummond de Andrade**
Ana Carolina Botelho dos Santos
- 193 **Dizer o indizível ou multiplicidade de tempos em "Aurélia Steiner" de Marguerite Duras**
Isabela Magalhães Bosi
- 193 **Dos Usos Intensivos do Nome: tensões narrativas e performáticas em Ricardo Lísias**
Feliipe Garzon Sut
- 194 **Força e autobiografia do texto: é possível uma fronteira entre filosofia e literatura?**
Gabriel Bittar Domingues
- 195 **Manoel de Barros e os deslimites do poema**
Alexssandro Ribeiro Moura
- 196 **Narrador ontopoético em Inglês de Sousa**
Messias Lisboa Gonçalves

- 197 **O bricoleur, a gambiarra, a necessidade e a cartografia do desejo (uma leitura de "Traços biográficos de Lalino Salâthiel ou A volta do marido pródigo")**
Josué Borges de Araújo Godinho
- 197 **O meio termo em "Ética a Nicômaco", de Aristóteles, e em "O demônio da teoria", de Antoine Compagnon**
Rafael Fava Belúzio
- 198 **O Narrador de João Guimarães Rosa sob a lente de Walter Benjamin: o caso dos contos de *Sagarana***
Raimunda Maria dos Santos
- 199 **Pequeno índice para uma filosofia da natureza em Fiamma Hasse Pais Brandão**
Gabriel Guimarães Barbosa
- 200 **Por trás dos olhos, as palavras: escritos para além das línguas.**
Renata Coutinho Villon
- 201 **Por uma poética do trágico: ler *Lavoura arcaica* na companhia de Nietzsche**
Jivago Araújo Holanda Ribeiro Gonçalves
- 202 **Suturar a fratura: o impessoal e o pessoal em Clarice Lispector**
Fábio Barbosa da Silva
- 202 ***Vidas secas* e a natureza afirmativa da vida**
Mauro Lopes Leal
-
- 204 **Simpósio 7
A poesia lírica em discussão: das cantigas medievais ao modernismo**
Maria Alice Sabaini de Souza Milani
Clarice Zamonaro Cortez
- 206 **A solidão e as lembranças do eu-lírico refletidas na paisagem noturna em poemas de Florbela Espanca e Sophia de Mello Breyner Andresen**
Maria Alice Sabaini de Souza Milani
Clarice Zamonaro Cortez
- 206 **As Rimas: a natureza idílica e a beleza dos campos**
Nágela Neves Da Costa
- 207 **Cecília Meireles e a arquitetura do poema: uma leitura de *Poemas italianos***
Anny Costa Chaves
- 208 **Da palavra-pedra ao ovo-enigma: imagem poética em João Cabral de Melo Neto**
Saulo Lopes de Sousa
Deivanira Vasconcelos Soares
- 209 **Dante Milano: poeta de 1930?**
Vanessa Moro Kukul
- 209 **Em pele e tinta: a questão da autobiografia na obra *Duas fomes*, de Márcia Barbosa**
Thaís Nicolini de Mello
- 210 **Lirismo algum na terra dos mal-amados**
Otávio Augusto de Oliveira Moraes
- 211 **Na sala de cocktails: uma leitura de "Hípica"**
Fernando Guimarães Saves
- 212 **Quanto pode a poesia?**
Fernando Baião Viotti
- 212 **Um sabiá, na palmeira, longe: a pátria através das líricas romântica e modernista**
Erick Monteiro Moraes
- 213 **Uma aprendizagem da transgressão no poema "A mãe do cativo": do intertexto com o poema "A mãe polaca" a uma educação insubordinadora**
Jucelino de Sales

-
- 215 **Simpósio 8**
A teoria da literatura e as novas tendências críticas: aproximações possíveis
Constantino Luz de Medeiros
Roberto Acízelo Quelha de Souza
- 217 **A convergência de vozes e o fazer poético em Geraldo Carneiro**
Fernanda Castro de Souza Abreu
- 218 **A crítica literária na sua variabilidade: textos representativos da sua prática**
Roberto Acízelo Quelha de Souza
- 218 **A emergência de um paracampo marginal das periferias**
André Natã Mello Botton
- 219 **A lente e o fora-de-campo: que literatura para James Agee?**
Pedro Gomes Dias Brito
- 220 **A literatura entrega o que promete? A "escrita não criativa" entre o que diz e o que faz**
Sergio Marcone da Silva Santos
- 221 **A revitalização da obra literária: José de Alencar e seus manuscritos**
Marcelo Peloggio
- 222 **A vitória é uma ilusão de filósofos e néscios: uma leitura do cansaço em "O som e a fúria" de William Faulkner**
Gleydson André da Silva Ferreira
- 222 **Antirrealismo e Ficção pós-correlacionista**
Lucas de Jesus Santos
- 223 **As críticas da colonialidade e a literatura mundo diante dos estudos críticos da raça**
Rodrigo Octávio Águeda B. Cardoso
- 224 **Breves considerações sobre a historiografia literária romântica**
Constantino Luz de Medeiros
- 225 **Crítica Literária e Educação de Adultos na Grã-Bretanha dos anos 1950**
Yasmim Manatta Camardelli
- 226 **Debate em torno do estruturalismo no Brasil**
Ana Karla Carvalho Canarinos
- 227 **Estudos da epistemologia do romance: implicações teóricas e aberturas dialógicas**
Ana Paula Aparecida Caixeta
- 228 **Metodologia sem método: a primazia do objeto e a atualidade da crítica dialética**
Rogério Rufino de Oliveira
- 229 **O processo reescriturístico da Amazônia sob o olhar de Alfredo no Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir**
Helen Suzandrey Maia Sousa
-
- 230 **Simpósio 9**
Arquivo e inacabamento: escritas lacunares e pensadores/as-cataadores/as
Aline Leal Fernandes Barbosa
Natalie Souza de Araujo Lima
Paloma Vidal
- 232 **"O que te escrevo continua": a obra lacunar de Clarice Lispector**
Mislene das Neves Firmino
- 233 **...e tive 13 anos outra vez**
Sofia Baptista Karam
- 234 **A escritura como gesto de curadoria**
Giovani Tridapalli Kurz
- 234 **A escuta do olhar na cena proustiana**
Francisco Renato de Souza
- 235 **A poética lacunar de Safo de Lesbos: inscrições do tempo e do desejo no fragmento 94**
Felipe Vilmar da Motta Veiga

- 236 **Abrindo o arquivo de Hélio Oiticica: poesia entre 1964 e 1968**
Annelise Estrella Galeazzi
- 237 **Alegorias do tempo: Vieira e Benjamin**
Patricia de Freitas Camargo
- 238 **Arquivo literário e edição no *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares**
Isabela M. de Carvalho Monteiro
- 239 **Biografías conversadas. Escrituras de vidas y conversación en algunos libros recientes**
Patricio Miguel Fontana
- 240 **Do arquivo à câmara clara: a escritura verbo-visual de Valêncio Xavier em *Minha mãe morrendo e o menino mentido***
Romulo Valle Salvino
- 240 **Dois livros inacabados de Vinicius de Moraes**
Rafael Martins da Costa
- 241 **Escavação poética: considerações sobre viagem e memória na poesia de Astrid Cabral**
Fabio Fadul de Moura
- 242 **Fazer compras de Natal, Esperar o Sopro de vida: ler o romance pelo verso dos manuscritos**
Elizama A. de Oliveira Carvalho
- 243 **Fernanda Laguna: una poética abierta**
Julieta Belén Novelli
- 244 **Grafias de uma cena: corpo, escrita e fotografia nos diários de Alix Cléo Roubaud**
Fabricia Wallace Rodrigues
- 244 **História natural da destruição de meus arquivos**
Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo
- 245 **La poesía de las paredes: Cecilia Pavón en campo expandido**
Lucas Torices Reimão
- 246 **Literatura contada: o olhar da escritora Vera Romariz sobre sua produção poética**
Camila Maria Araújo
Aleilton Santana da Fonseca
- 247 **Literatura, Recordação, Esquecimento. Notas de leitura de Milton Hatoum**
Rayniere Felipe Alvarenga de Sousa
Carlos Augusto Nascimento
Sarmiento-Pantoja
- 247 **Montagem espectral: a costura de lacunas e anacronismos em *A Paixão de JL***
Maria de Abreu Altberg
- 248 **Nomes em muro de pedra: as listas na obra em prosa de Hilda Hilst**
Anne Louise Dias
- 249 **O arquivo crítico pós-autonomista de Ludmer**
Wanderlan Alves
- 250 **O cabeçote sujo da memória**
Filipe Bitencourt Manzoni
- 251 **O desaparecimento do sujeito no excesso de referências de Hilda Hilst e Juliano Garcia Pessanha**
Suelen Arianne Campiolo Trevizan
- 252 **O discurso do silêncio (a sombra e a lacuna): o atlas espacial de Francisco Brennand – uma forma de narrar uma invasão**
Ligia Maria Bremer
- 253 **Pelo direito ao grito**
Cintia Borges A. Fonseca
- 253 **Performance de Tropeços**
Martina da Silva Schaedler

- 254 **Una transfiguración esencial. Amor y conocimiento en algunas biografías literarias latinoamericanas**
Julia Musitano
- 255 **Walter Benjamin: edição e arquivo. Pistas e perguntas para uma possível atualização da poética benjaminiana**
Juliana Serôa da Motta Lugão
-
- 257 **Simpósio 10 Arquivos literários e correspondência: abordagens, desafios e perspectivas**
Cleber Araújo Cabral
Marcos Antonio de Moraes
Reinaldo Martiniano Marques
- 259 **A apropriação poética do desterro na correspondência em verso de Rafael Alberti e José Bergamín**
Mayra Moreyra Carvalho
- 259 **A carta como estratégia, José de Alencar e Machado de Assis**
Patrícia Regina Cavaleiro Pereira
- 260 **A cidade de Paris na correspondência de Baudelaire**
Gilles Jean Abes
- 261 **A presença da leitura na vida de Pedro II: as menções a livros feitas pelo segundo imperador brasileiro em seus documentos pessoais**
Larissa de Assumpção
- 262 **A presença-ausência do autor nas cartas "ficcionais" de Dalton Trevisan e Elena Ferrante**
Annalice Del Vecchio de Lima
- 263 **A produção literária de fontes ibiapina nos periódicos *Alterosa* e *Cigarra*: um olhar sobre seu arquivo literário**
Lueldo Teixeira Bezerra
Lanna Caroline Silva de Almeida
- 264 **As dobras dos envelopes: romances epistolares do século XX e a representação da realidade**
Iara Machado Frota Pinheiro
- 265 **As metamorfoses de Jaburu (biografama de Fernando Pieruccetti)**
Marcelino Rodrigues da Silva
- 266 **Cartas como arquivos editoriais: percursos do original ao livro na correspondência de Murilo Rubião**
Cleber Araújo Cabral
- 266 **Cartas de amor em arquivos públicos: Da Costa e Silva entre verso e prosa**
Raimunda Celestina Mendes da Silva
- 267 **Cartas entre escritores: encenações do arquivo**
Reinaldo Martiniano Marques
- 268 **Cartas Inéditas de Graciliano Ramos: Relações Afetivas, Intelectuais e Editoriais**
Thiago Mío Salla
Ieda Lebensztayn
- 269 **Cecília Meireles e Armando Côrtes-Rodrigues: comentários sobre a criação de *Romanceiro da Inconfidência***
Alina Taís Dário
- 270 **Interfaces entre epistolografia e ensaísmo crítico literário em Italo Calvino**
Alessandra Camila Santi Guarda
Lourdes Kaminski Alves
- 271 **Isto (não) é uma carta de Dalton Trevisan**
Katherine Funke
- 272 **Isto não é um cartaz: repercussões estéticas e históricas da escrita epistolar em Andrés Caicedo**
Gustavo Osorio Agredo

-
- 273 **João Cabral de Melo Neto, os programas de rádio e o *Romanceiro da Inconfidência***
Edneia Rodrigues Ribeiro
- 274 **Mário de Andrade, correspondência com escritores cearenses e paranaenses (1927-1944)**
Marcos Antonio de Moraes
- 274 **Mário e os gaúchos**
Marcia Ivana de Lima e Silva
- 275 **Missivas infantis a Dona Benta e Emília e o artifício da criação da imagem/máscara no gênero carta: imagens de si e do outro**
Patrícia Aparecida Beraldo Romano
- 276 **O processo de organização da correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa**
Solange Fiuza Cardoso Yokozawa
- 277 **O recolhimento de arquivo em acervo digital acerca dos poemas de Lara de Lemos e das recepções críticas em jornais e correspondências**
Bruna Santiago dos Reis
- 277 **Os rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Farmácia São José**
Stephanne Santiago
- 278 **Remessa de livros: Mário de Andrade e os livros do Ceará**
Rodrigo de Albuquerque Marques
- 279 **The Living Theatre no Brasil: uma análise de cartas, bilhetes e fotos**
Roberta Cantarella
- 280 **Um conjunto de cartas de Pierre Seghers, Adalgisa Nery e outros agentes literários, reunido por Roberto Assumpção**
Cilza Carla Bignotto
- 281 **Vestígios concretos: arquivo literário de Cyro dos Anjos**
Angélica Pereira Martins Chagas
- 282 **Simpósio 11
As configurações estéticas das tendências da literatura contemporânea na prosa e na poesia**
Herasmo Braga de Oliveira Brito
Alan Bezerra Torres
Edilson Floriano Souza Serra
- 284 **A atualidade da prosa literária brasileira em *Essa gente, de Chico Buarque de Holanda***
Leila Cristina de Melo Darin
Maria Jodailma Leite
- 285 **A autonomia das personagens femininas nas obras neorregionalistas de Milton Hatoun**
Lenise Matilde Santos de Assis
- 286 **A cidade contemporânea como inquisição: as relações socioespaciais em um romance de Carlos de Brito e Mello**
Emily Cristina dos Ouros
- 286 **A insuficiente resposta ao desejo da poesia**
Nicolas Tadashi Sato Faria
- 287 **A memória sob influência do espaço em *Vasto mundo, de Maria Valéria Rezende***
Rayssa Pereira Martins
- 288 **A presença da escrita cinematográfica na literatura neorregionalista brasileira**
Herasmo Braga de Oliveira Brito
- 289 **Anacronismo e contemporaneidade: a propósito da poesia de Salgado Maranhão**
Rafael Campos Quevedo
- 290 **Cenas da violência na literatura brasileira contemporânea: uma leitura dos romances *Estorvo e Essa gente, de Chico Buarque***
Adão Marcelo Lima Freire Alves
Silvana Maria Pantoja dos Santos

- 291 **Depois de tudo a palavra: metalinguagem e crítica da metáfora**
Alan Bezerra Torres
- 291 **Desde que o samba é samba: entre continuidades e rupturas na prosa brasileira contemporânea**
Vanessa Bastos Lima
- 292 **Ecos do social no discurso poético de "Miaêro"**
Gabriela Hoffmann Lopes
- 293 **Estudo comparativo entre Literatura e Audiovisual, a partir da análise da personagem Zana, no romance e na minissérie televisiva "Dois irmãos"**
Thaís Pinheiro Carvalho
- 294 **Fome e Sonho: a busca de um ideal**
Denise de Paula Veras
- 295 **Fotografias compulsivas: o poema como lugar de encontro entre lírica e artes visuais em Leila Danziger**
Mariane Pereira Rocha
- 295 **Instapoesia: amor, ruptura e liberdade em versos livres**
Edilson Floriano Souza Serra
- 296 **Mimesis e Narrativa na Literatura e no Cinema: um estudo comparativo sobre a influência do regionalismo literário nas produções do cinema contemporâneo brasileiro nos filmes *O Barco* (2018), de Petrus Cariry e *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho**
José Mauro Araújo Pereira
- 297 **O roteiro como gênero intersemiótico: uma análise da escrita e produção do filme *Aquarius* (2016)**
Sayara Saraiva Pires
- 298 **O sertão contemporâneo: re(x/s)istência**
Nathalia Pinto
- 299 **Pós-utópica, pós-autônoma: uma leitura da poética de Marília Garcia**
Gessica Luiza Kozerski
- 299 **Pelas ruas da cidade: uma análise de *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**
Andreza Braga Modesto
- 300 **Prosa e poesia na revista *Klaxon*: literatura e história no contexto do modernismo brasileiro**
Maria Beatriz Moura Interaminense
- 301 **Uma leitura dos poemas da obra *Dá gusto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvajes***
Roselaine de Lima Cordeiro
-
- 303 **Simpósio 12**
As escritas de si na América Latina e Caribe: diálogos entre a literatura e a história (séc. XIX-XXI)
Joana de Fátima Rodrigues
Mayra Coan Lago
Cesar Augusto Garcia Lima
- 305 **A escrita de si do poeta escravizado**
Juan Francisco Manzano
Adriana Kerchner da Silva
- 306 **A negação como recurso irônico em "A Resistência", de Julián Fuks**
Tereza Cristina Damásio Cerqueira
- 306 **As marcas da razão na escrita de si: um estudo sobre o diário de Frida Kahlo**
Mariane Rocha Silveira
Douglas Nardini
- 307 **Como um Flâneur: o narrador em trânsito em *Orgia*, os diários de Tulio Carella**
- 308 **Exmo. Sr. Getúlio Vargas, Mi Querido General Perón: práticas epistolares no varguismo e o peronismo**
Mayra Coan Lago

- 309 **Françoise Ega em tramas, performances e travessuras epistolares**
Vanessa Massoni da Rocha
- 310 **Las palabras son claves, son llaves: uma leitura dos *Diários* (2003) de Alejandra Pizarnik**
Laura Gabino Canesso Moreira
- 311 **Marcas de um projeto literário nas correspondências de Gabriel García Márquez e suas conexões históricas**
Joana de Fátima Rodrigues
- 311 **O anacrônico e o contemporâneo nas cartas de Carlos e Mário**
Cesar Augusto Garcia Lima
- 312 **O poeta nacional por excelência: construção de memória e autobiografia na vida e obra de Gonçalves Dias**
Andréa Camila de Faria Fernandes
- 313 **Os caminhos das escritoras Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega rumo a composição de suas identidades entre o passado diaspórico comum e o presente da escrita**
Maria Clara B. Machado Campello
- 314 **Sob o olhar nativo: eventos históricos nos relatos de vida indígena de Davi Kopenawa, Rigoberta Menchú e Lee Maracle**
Juliana Almeida Salles
-
- 316 **Simpósio 13**
As personagens insólitas
Fernanda Aquino Sylvestre
Claudia Fernanda de Campos Mauro
Cynthia Beatrice Costa
- 318 **A anunciação de Pennywise**
Alexandre Gil França
- 319 **A monstruosa Morgana: admoção ou empoderamento?**
Mariana Feitosa de Campos Oliveira
- 320 **As personagens insólitas em narrativas de Salman Rushdie, Margaret Atwood, Robert Coover e Nalo Hopkinson**
Fernanda Aquino Sylvestre
- 321 **Autor defunto ou defunto-autor? Revistando "Os óculos de Pedro Antão", de Machado de Assis**
Geovana Barbosa de Almeida
- 322 **Construções de femininos nas narrativas maravilhosas de Marina Colasanti e Marie NDiaye**
Juliana Ruiz Buchi Marcondes
- 323 **Desejo e liberdade: a reconfiguração da vampira a partir da relação entre Marceline, da animação *Hora de Aventura*, e *Carmilla*, de Le Fanu**
Fernanda da Cunha Correia
Giovanna Suleiman das Dore
- 323 **Feminismo mágico nas bruxas de *The Witch*, de Robert Eggers, e *Gretel & Hansel*, de Oz Perkins**
Cynthia Beatrice Costa
- 324 **Fogueiras de tinta e papel: a representação das bruxas nos contos de fadas europeus entre os séculos XVI e XIX**
Luiza Carvalho Santos Brandão
- 325 **Mário de Andrade e Murilo Rubião: manifestação da morte em *Macunaíma* e "Teleco, o Coelhoinho"**
Leony Bruno de Souza Pereira
- 326 **Manifestações do Insólito nas obras *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto**
Jacimara Nascimento Von Dollmger
- 327 **O duplo como componente do fantástico pirandelliano**
Claudia Fernanda de Campos Mauro

- 328 **O elemento fantástico na construção dos mitos da modernidade: as múltiplas variações das histórias de Fausto e Don Juan na Literatura Francesa**
Marli Cardoso dos Santos
- 329 **O grotesco como forma de carnavalização em "O bebê de tarlatana rosa" de João do Rio**
Carolina de Castro Wanderley
- 329 **O insólito voo do cegonho: o modo fantástico na telenovela *Êta Mundo Bom!***
Thiago Henrique Fernandes Coelho
- 330 **O misterioso Tom de Tolkien**
Lucas Bianconi Duarte Novais
- 331 **O percurso da maldade em *Grande sertão: veredas***
Carlos César Lima
- 332 **O terror das fadas no cinema irlandês contemporâneo: os ecos do passado nos filmes *The Hallow* (2015), de Corin Hardy, e *The Hole In The Ground* (2018), de Lee Cronin**
Sanio Santos da Silva
- 333 **Olhos do grotesco, cegueira do sublime: a obsessão em *Frankenstein* e "*Der Sandmann*"**
Marvin Kenji Nakagawa e Silva
- 334 **Os personagens insólitos de Murilo Rubião: A Esperança e Espera desses personagens**
Ricardo de Macedo
- 334 **Percepções do mal nas diferentes representações do barbeiro demoníaco de Fleet Street**
Bruno Amaral Dariva
- 335 **Refigurações de personagens das narrativas folclóricas brasileiras em obras da literatura fantástica nacional**
Paulo Ailton F. da Rosa Junior
- 336 **Representações do vampiro na literatura fantástica francesa: o caso de Charles Nodier e de Théophile Gautier**
Gabriela Jardim da Silva
-
- 338 **Simpósio 14**
As políticas do corpo e os sujeitos da ficção: a práxis literária II
Flávio Adriano Nantes
Cláudia Maria Ceneviva Nigro
- 340 **"I hasten to be disembodied": a dessexualização como libertação do feminino**
Paula Pope Ramos
- 341 **"Meu texto é testemunho compartilhado": a função da mediação em *Cadeia: relatos sobre mulheres* (2019), de Débora Diniz**
Júlia Oblasser Paladino
- 341 **A dinâmica do silenciamento: os corpos abjetos na Literatura Brasileira Contemporânea**
Ana Carolina Schmidt Ferrão
- 342 **A nova literatura sobre Maria Quitéria de Jesus / Soldado Medeiros**
Helder Thiago Cordeiro Maia
- 343 **A trabalhadora doméstica inominada em *Com armas sonolentas* (Carola Saavedra, 2019): contradições e estratégias nos usos das vozes subalternas**
Mariana Filgueiras de Souza
- 344 **A travessia para o feminino em "Miss Algrave": o corpo como devir e afirmação da sexualidade**
Julie Christie Damasceno Leal
- 345 ***Blue*, de Derek Jarman e a estética da Aids: a poesia para além da morte**
Flávio Adriano Nantes
- 346 **Citando a violência queer contra ela mesma: produtividade, aporias e limites de um contra-ataque**
Lucas Demingos de Oliveira

- 346 **E se eu fosse trans?**
A transgeneridade de
Amara Moira, Márcia Rocha,
T. Brant e João Nery contrastada
com o atual cenário político
Mariana Rissi Azevedo
- 347 **Flâneur do imaginário**
Thiago Luiz Berzoini Machado
- 348 **Não somente o direito,**
mas o dever de ser livre:
a escrita de Conceição Evaristo
e Jadie Smith
Cláudia Maria Ceneviva Nigro
- 349 **O corpo é insubmisso:**
características do protagonismo
feminino em contos de Chico Lopes
Lohanna Machado
- 350 **O corpo acuado: a corporeidade**
nos poemas “A noite calunga do
bairro Cabula”, de Ricardo Aleixo,
e “Certa gente”, de Wislawa
Szymborska
Felipe Bruno Silva da Cruz
- 351 **Poéticas de la insurgencia:**
cuerpos y voces en fuga
Melania Ayelén Estévez Ballesteros
- 352 **Santa Evita: um corpo como**
memória da nação argentina
Rosa Maria da Silva Faria
- 352 **Vestidos de menino: visibilidade**
queer nos livros infantis
Israel Augusto M. de Castro Fritsch
-
- 354 **Simpósio 15**
Crítica textual e literatura
comparada: estratégias
de combate ao apagamento da
historicidade da produção,
da transmissão e da recepção
das obras literárias
Ceila Maria Ferreira
Pedro Theobald
Viviane Arena Figueiredo
- 356 **“Psicologia da composição”**
e “O cão sem plumas”:
republicações e releituras
de João Cabral de Melo Neto
Priscila Oliveira Monteiro Moreira
- 357 **A crítica à literatura**
latino-americana no
periódico *Para Todos* (1956-1958)
Paula Sperb
- 358 **A gênese de *Memorial de Aires***
por meio do epistolário
e da crítica literária
Fabiana da Costa F. Patueli Lima
- 358 **Crítica textual, estudos de**
literatura e formação de um
público leitor e de acadêmicos mais
críticos ou comentários sobre a
realização de duas edições críticas
em tempos sombrios
Ceila Maria Ferreira
- 359 **Edição do livro inédito**
***Flôres e espinhos*, de Eulálio Motta**
Tainá Matos Lima Alves Boaventura
Patrício Nunes Barreiros
- 360 **Entre a Crítica textual**
e o ambiente digital na edição
de *Canções de meu caminho* de
Eulálio Motta
Taylane Vieira dos Santos
- 361 **Investigando o espólio inédito**
de Júlia Lopes de Almeida:
um estudo crítico-genético da peça
teatral *A Senhora Marquesa*
Viviane Arena Figueiredo
Leandro Trindade Pinto
- 362 **Por um olhar filológico na leitura**
de textos literários na escola
Elizabeth Mota N. de Almeida
- 362 **Resgate de contos inéditos**
de Júlia Lopes de Almeida
e rumos a uma nova edição
Guilherme Barp
- 363 **Walter Benjamin**
resenhista de traduções
Pedro Theobald

-
- 365 **Simpósio 16**
Das perspectivas decoloniais:
o sul e suas agências
Ricardo Postal
Imara Bemfica Mineiro
Daniel Conte
- 367 **A crise de 29 e a formação**
sistêmica da literatura angolana
no pós-independência
Daniel Conte
- 368 **A despoética na literatura**
contemporânea: visadas
descoloniais na poeticidade
crítico-fronteriza de Edgar
César Nolasco
Ana Paula Marques Machado
- 369 **A escrita de Márcia Kambeba:**
ancestralidade e reexistência
Omágua
Paulo Marcelino dos Santos
- 370 **Como se livrar do fantasma do**
boom: o discurso sobre a América
Latina em algumas antologias
do conto latino-americano
Renato Bradbury de Oliveira
- 371 **Corpos de fronteira:**
decolonialidade e luta
antirracista em *Um defeito de cor*,
de Ana Maria Gonçalves
Adriana Minervina da Silva
- 372 **Crítica biográfica fronteira:**
teorização descolonial
Edgar César Nolasco
- 372 **Escutar a palavra de Elicura**
Chihuailaf: uma conversa
literária no Sul Global
Ricardo Horacio Piera Chacón
- 373 **Gabriel García Márquez**
e Edgar César Nolasco:
o exercício da crítica comparatista
biográfico-fronteriza na
contemporaneidade para se
(des)britanizar a literatura
latino-americana
Fábio do Vale
- 374 **Indícios na composição narrativa:**
uma leitura de “La libreta de
almacén”, de Mario Halley Mora,
com “Os óculos de Pedro Antão”,
de Machado de Assis, numa
perspectiva comparatista-
descolonial
Luiz Roberto Lins Almeida
- 375 **Medo, mentes e fomentos:**
por uma leitura pelo sul de
“Republica Luminosa”
Ricardo Postal
Giovani Buffon Orlandini
- 376 **Na fronteira do labirinto:**
relações centro-periferia na
construção de *Kryptonita*,
de Leonardo Oyola
Higor David Rosa Afonso Pinto
- 377 **Nahualismo e brujo-chamanismo**
como alternativas críticas a uma
modernidade eurocentrada
Rogerio Mendes
- 378 **O corpo-narrativa**
como saber do sul
Gisane Souza Santana
- 378 **O poetry slam no Brasil:**
práticas decoloniais e de ruptura
do pensamento hegemônico
Fabiana Oliveira de Souza
- 379 **Por uma crítica**
literária do Sul global
Fernanda Dusse
- 380 **Reescritas e ressignificadas:**
figurações do feminino
em Adísia Sá e Maryse Condé
Anailde da Silva Ribeiro
Imara Bemfica Mineiro
- 381 **Si me permiten pensar:**
geografias outras
Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman
- 381 **Tradição oral na literatura**
moçambicana de língua
portuguesa: uma opção
descolonial?
Eduardo Reis Dourado

- 382 **Um peso e duas medidas: a modernidade em diálogo com o ensaio biográfico fronteiro e moderno**
Francine Carla de Salles C. Rojas
-
- 384 **Simpósio 17**
Doenças em ficções: imaginários e representações
Marcio Markendorf
Fernanda Müller
Renata Philippov
- 386 **“Chega de tanto morrer criança!”: uma epidemia em *Passagem dos Inocentes*, de Dalcídio Jurandir**
Alinnie Oliveira Andrade Santos
- 387 **“Tudo bem não ser normal” e a possibilidade da literatura infantil como instrumento de cura e catarse**
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa
- 387 **(Sobre)vivência, representações das políticas, da violência e do abandono na poética de Wilson Bueno**
Eliza da Silva Martins Peron
- 388 **A doença em Édipo, de Guarnieri e Peixoto: o silenciamento sobre a epidemia de meningite no Brasil da década de 1970 e os impactos na dramaturgia**
Allan Valenza da Silveira
- 389 **A loucura como denúncia social em Gonçalves Mendes Tavares**
Lara Silva Perussi Bertão
- 390 **A personagem Richard Brown e suas configurações: da apropriação da obra woolfiana à doença como metáfora**
Luís Antônio Soares da Silva
- 391 **A simbologia da hanseníase na produção de Bernardo Élis**
Fabianna Simão Bellizzi Carneiro
- 392 **A tinta negra da escrita: a doença como metáfora em Philip Roth e Samuel Rawet**
Mariana Alice de Souza Miranda
- 392 **Diários da pandemia: uma reflexão sobre o gênero literário mais popular de nosso tempo**
Fernanda Müller
- 393 **Doenças contagiosas em *Star Trek: The Next Generation***
Alex Ferreira Damasceno
- 394 **Entre médicos e pacientes: figurações afins nas narrativas de Júlio Dinis e Fialho de Almeida**
Elisabeth Fernandes Martini
- 395 **Literatura e necropolítica: desigualdade e exclusão no Brasil de ontem e de hoje**
Denise Dias
Maysa Maria Silva de Miranda
- 396 **Nostalgia, pandemia e sobrevivência: um estudo comparatista das narrativas distópicas de Margaret Atwood e Bernardo Carvalho**
Suenio Stevenson Tomaz da Silva
- 397 **O cólera, o espaço gótico e a monstruosidade em “The Sphinx”, de Edgar Allan Poe**
Renata Philippov
- 398 **O corpo doente como ruína gótica: uma leitura metafórica**
Marcio Markendorf
- 399 **Poe e as múltiplas faces da peste em “King Pest the First” e “The Mask of the Red Death”**
Ana Maria Zanoni da Silva
- 399 **Poesia e pandemia: retratos do invisível**
Gislaine Goulart dos Santos
- 400 **Sob o signo da peste: o tempo como metáfora em Belona, latitude noite, de Moacir Costa Lopes**
Thallys Eduardo N. de Araújo Oliveira
Marta Aparecida Garcia Gonçalves

-
- 402 **Simpósio 18**
Ecocrítica comparada,
decolonialidade e literatura:
olhares sobre a natureza no
antropoceno
Klaus Friedrich W. Eggensperger
Márcio Matiassi Cantarín
Rita do Perpétuo S. B. de Oliveira
- 404 **“Quanto vale uma baga?”:**
Wilderness em *Mirtilos*
***Silvestres* de Thoreau**
Luan Caroline O. Fontoura Kugler
- 405 **“Sob a geografia santa deste**
mapa”, “o tremor derradeiro”:
a colonialidade da natureza
presente em *Fia*, de Jussara
Salazar, e *Mugido*, de Marília
Floôr Kosby
Mariana Cristina Pinto Marino
- 406 **A Cosmotécnica e o projeto**
***Gênesis* (1999), de Eduardo Kac**
Antonio Candido Silva da Mata
- 406 **A escrita ecosófica**
e ecofeminista de Hilda Hilst
Marcelo Pereira Machado
- 407 **A literatura indígena na sala de**
aula: uma leitura ecocrítica do
conto “Wuhu siburu, peneira de
arumã”, de Jaime Diakara
Lidiana de Oliveira Barros
- 408 ***Cidade Selvagem*, de Raul Bopp:**
uma leitura ecocrítica
Priscila Prado
- 409 **Coreografias imprevisíveis**
do que se manifesta: vozes
mais que humanas na escrita
de Marília Floôr Kosby
Rafaela Scardino Lima Pizzol
- 410 **Da “Natureza Brasileira”:**
o Nature Essay em visualidade na
composição de Rosana Paulino
Scheyla Joanne Horst
- 411 **Descolonizando os jogos**
de tabuleiro modernos:
de Catan à Spirit Island
Isabelle Maria Soares
- 412 **Ecologia e Poesia:**
a ecoespiritualidade e a teia da
vida em *A duração do dia* (2010) e
***Bagagem* (2006), de Adélia Prado**
Marta Botelho Lira
- 412 **El chamán, el científico y el poeta:**
tres imágenes de la naturaleza
para la era antropocénica
Dino Brian Schwaab
- 413 **Entre paisagens e ressonâncias:**
a natureza amazônica como força
vital do poemeto haicai
Cacio José Ferreira
- 414 **Espaços perigosos e eco-ansiedade**
em “Flower Hunters” e “Snake
stories”
Delzi Alves Laranjeira
- 415 **Humanos e não humanos na**
Literatura Contemporânea:
um estudo sobre animalidade em
***Enterre seus mortos* de Ana Paula**
Maia e *Bajo este sol tremendo*
de Carlos Busqued
Diego Kiill
- 416 **Imaginar outras cidades:**
artes indígenas transformando
concreto em vida
Randra Kevelyn Barbosa Barros
- 417 **Jogos Digitais e a Ecocrítica:**
Leituras possíveis
Bryan Rafael Dall Pozzo
- 417 **Linhas naturais de comunicação**
nos escritos amazônicos de
Euclides da Cunha
Juliana Ristow Canuto
- 418 **O valor da natureza**
no romance *O som da montanha*
(1954) de Yasunari Kawabata
Narumi Ito
Neide Hissae Nagae
- 419 **Paisagens sonoras: o som do**
aquecimento global através dos
insetos, no ensaio de Hugh Raffles
Francis Raime Zagury Matos

- 420 **Representação literária da ciência e do cientista no Antropoceno**
Maria Cecília Marks
-
- 421 **Simpósio 19**
Entre o cânone e o esquecimento: processos de (não) canonização de autores e obras
Valdiney Valente Lobato de Castro
Alan Victor Flor da Silva
Yurgel Pantoja Caldas
- 423 **“É um sucesso entre o público a obra do escritor desprezado pela crítica”: o caso de Alexandre Dumas**
Maria Gabriella Flores Severo
Fonseca
- 424 **A crítica literária de Dario Fo e a sua função nos estudos do/sobre o autor no Brasil**
Bárbara Cristina Mafra dos Santos
- 424 **A lista literária dos esquecidos: identificação de obras não-canônicas na literatura brasileira**
Arnon Tragino
- 425 **A moral como critério de avaliação para a formação do cânone da literatura brasileira do século XIX**
Alan Victor Flor da Silva
- 426 **Além do cânone: a obra *Um defeito de cor* e o seu diálogo com as questões da negritude**
Ketilly de Freitas N. Dantas Silva
Valdenides Cabral de Araújo Dias
- 427 **Brasileiras autoras e educadoras nos séculos XVIII e XIX**
Simone Cristina Mendonça
- 428 **Duplo Sentido Editorial e a publicação de “Invisível”: posicionamento no campo e práticas no digital**
Vitoria Ferreira Doretto
- 428 **Guy de Maupassant: dos periódicos às antologias**
Amanda Gabriela de Castro Resque
- 429 **Janary Nunes cronista?: o primeiro governador do Território federal do Amapá como escritor**
Yurgel Pantoja Caldas
- 430 **João do Rio e a crítica literária: contradição e apagamento**
Sabrina Ferraz Fraccari
Pedro Brum Santos
- 431 **Ler o *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como *roman à clef*: uma leitura ilegítima?**
Daniela Corrêa Siqueira
- 432 **Mariana Luz: *Murmúrios* e outros poemas – apagamento e resgate de uma maranhense**
Gabriela de Santana Oliveira
- 433 **O *Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa: o precursor**
Bruno Lima
- 433 **O obsceno e o apagamento literário: o caso Bernardo Guimarães**
Antonio Carlos P. da Fonseca Junior
- 434 **O sequestro do *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães: um romance silenciado**
José Victor Neto
- 435 **Para além de *Cidade de Deus*: a prosa de Paulo Lins em perspectiva**
Thiago Martins Rodrigues
- 436 **Poesia verbalista urbana: poéticas apagadas da historiografia literária brasileira dos anos 1980/1990**
Marcelo José Ribeiro Vieira
- 437 **Poetas e poéticas dos anos 70: as mulheres que escreveram e editaram no Brasil**
Priscila Nogueira Branco
- 438 **Teresa Margarida da Silva e Orta: do pioneirismo ao apagamento sexista**
Tássia Hallais Veríssimo

- 439 **Trajetórias não canônicas: um panorama sobre as autoras de *sensation novel* do século XIX**
Tassiane Andreza D. dos Santos
- 439 **Vozes ancestrais na mata branca: uma leitura de *Iacina*, o esquecido romance indianista de Lindolfo Rocha**
José Manoel Ribeiro da Silva
-
- 441 **Simpósio 20**
Escrita da crise
Gabriela Lopes V. de Andrade
Antonia Torreão Herrera
Livia Laene O. dos S. Drummond
- 443 **"Existe algo que destrói meu pensamento": a correspondência de Antonin Artaud e Jacques Rivière**
Gabriel Bustilho Lamas
- 443 **A rememoração de sujeitos em crise nas narrativas de Antônio Lobo Antunes e Mafalda Ivo Cruz**
Samla Borges Canilha
- 444 **Caetano Veloso: o aniquilamento do sujeito em "Narciso em Férias" e nas cartas do exílio**
Áurea de Almeida Pacheco
Davi Silva Soares
- 445 **Crise e desejo na escrita gaguejante de Clarice Lispector**
Ana Maria V. Martins de Castro
- 446 **De crise e de resistência: um olhar sobre o romance *A resistência* de Julián Fuks**
Lígia Guimarães Telles
- 447 **"Diamond Princess II": crise como processo metodológico**
Amine Portugal Barbuda
- 448 **Fora de forma: a escrita da crise**
Evelina de Carvalho Sa Hoisel
- 448 **Horror da crise: monstruosidades-mundo; monstruosidades-eu;**
Gabriela Lopes V. de Andrade
- 449 **Interdição e intermediação na escrita mística de Angèle de Foligno**
Antonia Torreão Herrera
- 450 **Jacques Rigaut; A Experiência-Limite de um Literatúricida-Tanatógrafo**
Renato Factori Canova
- 451 **Kathy Acker: escrevendo no limite**
Livia Laene O. dos S. Drummond
- 451 **Os relatos de experiência e a produção de testemunho como ferramentas epistemológicas durante a pandemia de Covid-19**
Pamela Moura Freita
- 452 **Teoria e crise em *O prazer do Texto* de Roland Barthes**
Marcelise Lima de Assis
- 453 **Uma mosca em *Escrever* de Marguerite Duras**
Paula Cristina Gomes do Amparo
-
- 455 **Simpósio 21**
Escritas contemporâneas: incursões, avaliações e desafios ao comparativismo
Adeitalo Manoel Pinho
Maria de Fátima Gonçalves Lima
- 457 **"O que é que se passa quando se escreve sem ver?": leituras de Clarice Lispector e Jacques Derrida**
Amanda Dib da Silva de A. Ferreira
- 458 **"Sorôco, sua Mãe e sua Filha": uma análise transcriativa**
Cristiano Gomes da Silva
- 458 **A Editora Mulheres e a contribuição de Zahide Muzart para os estudos literários feministas**
Antonia Rosane Pereira Lima
- 459 **A leitura além das palavras: a cozinha literária na recepção cultural do sujeito**
Lais Conceição Portela

- 460 **A máquina de guerra literária e o estado de exceção nas obras literárias de José J. Veiga**
Wanice Garcia Barbosa
- 461 **A oficina “escreve, mulher!”: um dispositivo capaz de atualizar novas possibilidades de vida**
Luísa Benevides Valle
- 462 **A poética de Leodegária de Jesus como princípio da Literatura feminina em Goiás**
Cosme Juarez Moreira Stréglia
- 463 **A poética do corpo na poesia contemporânea de Mônica de Aquino**
Eva Maria Testa Teles
- 463 **A representação da mulher negra na poesia de Luiz Gama**
Magnólia Ferreira Cruz da Paixão
- 464 **Audiodrama na mídia de áudio podcast como forma expansiva para a criação ficcional**
Elizabeth Gonzaga de Lima
- 465 **Comparando o realismo contra-hegemônico no romance latino-americano contemporâneo**
Dionisio David Marquez Arreaza
- 466 **Fraternos romances: uma leitura de *A resistência*, *Torto arado* e *Marrom e Amarelo***
Karina de Castilhos Lucena
Luíza Ely Milano
- 467 **Geografias contemporâneas da intimidade em “Kentukis” de Samanta Schweblin**
Valerie Osorio-Restrepo
- 467 **Googlagens e remixes literários: a escrita não-criativa do século XXI**
Sayonara Amaral de Oliveira
- 468 ***Gota d'água: a literatura como fonte de compreensão da proposta freireana em Pedagogia do Oprimido***
Thiele Aparecida Nascimento Piotto
- 469 **Memória, cidade e representação do cânone na expressividade poética de Cora Coralina no entardecer poético**
Marta Bonach Gomes
- 470 **O devaneio e a performance tempo no romance *A Ampulheta*, de Everaldo Junior e a tela *A Persistência da memória*, de Salvador Dalí**
Maria de Fátima Gonçalves Lima
- 471 **O processo de nomeação em *Cem anos de solidão*: uma discussão sobre o nome próprio e suas narrativas**
Milena Nogueira Franco Soares
- 471 **Resistências políticas e subjetividades em *Tocaia grande: a face obscura*, de Jorge Amado e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior**
Pedro Dorneles da Silva Filho
- 472 **U.S. Latinx: identidades hifenizadas em busca de inclusão social**
Giséle Manganelli Fernandes
- 473 **Vida social e epidemia na literatura brasileira**
Adeílto Manoel Pinho
-
- 475 **Simpósio 22 Escritoras latino-americanas: identidades, histórias e memórias**
Fernanda Aparecida Ribeiro
Maria de Fátima Alves de O. Marcari
Alexandra Santos Pinheiro
- 477 **A Crítica Feminista e Pós-Colonial em *A ilha sob o mar*, de Isabel Allende**
Renato Kerly Marques Silva

- 477 **A narrativa histórica de escritoras latino-americanas revisitando a história da colonização da América**
Fernanda Aparecida Ribeiro
- 478 **A representação da cor local nos contos “E eles vieram com o amanhecer” e “Morro do Criminoso”**
Melly Fatima Goes sena
- 479 **As transgressões femininas em *Diários*, de Alejandra Pizarnik**
Erlândia Ribeiro da Silva
- 480 **Autoficção e mulheres chilenas: uma análise comparativa da escrita de Isabel Allende**
Andreia Piechontcoski Uribe Opazo
- 481 **Clarice Lispector e os laços de sociabilidade intelectual no Estado Novo**
Margareth Cordeiro Franklim
- 481 **Conceição Evaristo: a voz das escrivências políticas e poéticas**
Magno Santos Batista
- 482 **Da casa ao fogo: caminhos para o feminismo em contos de Mariana Enríquez**
Clarice Goulart Pedrosa
- 483 **Deseo y maternidad en *Matate, amor* de Ariana Harwicz y *La perra* de Pilar Quintana**
Maria Celina Ibazeta
- 484 **Mulher-mãe: representações da maternidade negra nos contos de *Olhos d'água* de Conceição Evaristo**
Mônica Maria dos Santos
Eliane Aparecida da Costa Soares
- 485 **Narrar no pós-ditadura: literatura escrita por mulheres e estratégias de contar as violências**
Maisa Barbosa da Silva Cordeiro
- 486 **Repressão às educadoras em tempos de ditadura em: *1964: aconteceu em abril*, de Mailde Pinto Galvão e *Fragmentos de la memoria: recuerdos de una experiencia carcelaria*, de Margarita Drago**
Joelma de Araújo Silva Resende
Margareth Torres de Alencar Costa
- 487 **Subjetividades e saberes decoloniais nas narrativas de *María Rosa Lojo***
Maria de Fatima Alves de O. Marcari
- 487 **Vidas fragmentadas em *Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal**
Alexandra Santos Pinheiro
-
- 489 **Simpósio 23**
Estratégias do feminino: literatura escrita por mulheres e resistência
Laura Barbosa Campos
Anna Faedrich
Silvina Carrizo
- 491 **“É pra te obrigar a me olhar de volta”: voz e visualidade em poemas de Ana C. e Iorio**
Fernanda Martins Cardoso
- 492 **“A escrita de corpo inteiro”: a antologia erótica *O olho de Lilith***
Ana Terra dos Santos Araújo
- 492 **“Cabelinho na Venta”: os contos de Adelina Lopes Vieira e suas personagens femininas**
Sérgio Luis Silva de Abreu
- 493 **“El mundo es una casa”: recursos literários do feminino a partir de uma leitura de Fernanda Laguna**
Anelise de Freitas
- 494 **“Toda mãe é uma sofredora?”: ressignificações do fazer materno em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**
Ariane Avila Neto de Farias

- 495 **A configuração do espaço em *As horas nuas, As meninas e Ciranda de pedra***
Natalia Aparecida Dante Cavichioli
- 496 **A crítica como resistência: o olhar das pioneiras brasileiras sobre literatura de autoria feminina**
Agnes Danielle Rissardo
- 497 **A deformação da permissividade feminina: literatura e feminismo em Naval El Saadawi**
Fernanda Barboza de Carvalho Nery
- 498 **A dupla face da escritora canária**
Sarah Munck Vieira
- 498 **A dupla subalternidade: mulher/(i)migrante**
Lorena de Carvalho Penalva
- 499 **A entrada (tardia) de Alejandra Pizarnik no Brasil via antologização**
Natália Barcelos Natalino
- 500 **A espetacular trajetória existencial de Catalina de Erauso: a expressão da estética barroca**
Amanda Moury Fernandes Bioni
- 501 **A hostilidade como mecanismo de exclusão da literatura de autoria feminina: uma análise de cartas, prefácios e outros paratextos editoriais**
Anna Faedrich
- 502 **A literatura putafeminista como instrumento de desconstrução dos estigmas impostos ao trabalho sexual**
Carla Elisio dos Santos
- 503 **A reivindicação feminista em busca da autorrepresentação na literatura de cordel contemporânea**
Letícia Fernanda Da Silva Oliveira
- 503 **As catorze vozes insubmissas de Conceição Evaristo**
Marcele Aires Franceschini
- 504 **As contribuições da poesia de autoras negras brasileiras contemporâneas em uma escola pública do Tocantins**
Edileuza Batista de Araujo
- 505 **As implicações do desaparecimento em *Outono, de Lucília Garcez***
Gínia Maria Gomes
- 505 **Aspectos editoriais do discurso literário de autoria feminina na década de 30**
Júlia Maria Costa de Almeida
- 506 **Autorrepresentação lésbica na cena da poesia falada brasileira: vozes do Poetry Slam**
Mariana de Oliveira Costa
- 507 **Cenas de estupro: o conto "Sweet on the Tongue" como recriação do romance *An Untamed State*, de Roxane Gay**
Priscilla Pellegrino de Oliveira
- 508 **Clarice Lispector e suas estratégias discursivas em *A paixão segundo G.H.***
Loíva S Vogt
- 509 **Cora Coralina: testemunho e poesia**
Fabiana Lula Macedo
Lílian Rodrigues de Souza Oliveira
- 510 **De María a Afuera crece un mundo: representações da escravidão em dois romances colombianos**
Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves
- 510 **Do gozo reivindicado por mulheres em três antologias eróticas brasileiras**
Claudicélio Rodrigues da Silva
- 511 **Escritoras portuguesas na divulgação da intelectualidade feminina no Brasil do início do século XX**
Carlos Eduardo Soares da Cruz

- 512 **Escritoras transclasses e escrita de si**
Laura Barbosa Campos
- 513 **Feminismos plurais: uma leitura crítica de desmundo e Ponciá Vicêncio**
Juliana Cristina Minaré Pereira
Paulo César Andrade da Silva
- 513 **Floribela Espanca: as femininas faces da resistência**
Tatiana Alves Soares
- 514 **Fumiko Hayashi e Banana Yoshimoto: uma reflexão sobre a popularidade da autoria feminina na literatura japonesa do século XX**
Cleiton Santiago Madruga
- 515 **Imagens negro-femininas em Mulher Matr(r)iz, de Miriam Alves**
Luciana Lis de Souza e Santos
- 516 **Memória e gênero na ficção' Musas provisórias'**
Marcia Caetano Langfeldt
- 517 **Mulheres artistas conversam...**
Angeli Rose do Nascimento
- 518 **O protagonismo antagônico de Lalita em *Pássaro tonto* (1934), de Júlia Lopes de Almeida**
Gabrielle Carla Mondêgo P. Pinto
- 519 **O translinguismo literário como resistência feminina em Gloria Anzaldúa e Melissa Lozada-Oliva**
Ana Carolina Martins dos Santos
- 519 **Os corpos do poema: a poesia escrita por mulheres no Brasil contemporâneo através de duas poetisas, Marília Floô Kosby e Mônica de Aquino**
Sara Lovatti Mancini
- 520 **Os romances de Cassandra Rios e seus anúncios nos anos 70**
Ingrid da Silva Marinho
- 521 **Para além do aquário: o romance de formação e a representação feminina em Lygia Fagundes Telles**
Lízia Adriane Freire Ferreira
- 522 **Patriarcado e estratégias de controle: loucura e transgressão em narrativas de mulheres dos séculos XIX e XXI**
Giselle Leite Tavares Veiga
- 523 **Performance e trauma em "Her kind", de Anne Sexton**
Virgínia Derciliana Silva
- 523 **Poepolíticas na pandemia: as formas de estar Graça Graúna**
Silvina Carrizo
- 524 **Portugal Moderno e os laços transatlânticos que uniam as feministas portuguesas ao Brasil**
Luzia Ribeiro de Carvalho
- 525 **Quatro releituras do poema "Quadrilha": corpos e desejos não normativos em cena**
Carla da Silva Miguelote
- 526 **Subjetividade e combatividade na poética de Noémia de Sousa**
Juliana Kohari da Silva
- 526 **Uma escrita em transe: crítica e poesia de Ana Chiara**
Regina Lúcia de Faria
- 527 **Uma propagandista perigosa: feminismo e religião em *Ilusão desfeita*, de Maria O'Neill**
Andreia Alves Monteiro de Castro
-
- 529 **Simpósio 24 Estudos da tradução: questões de gênero**
Andréa Moraes da Costa
Válmi Hatje-Faggion
- 531 **A lenda da Vitória-Régia como metáfora da tarefa tradutória**
Greicilaine Agostinho Martins

- 531 ***In the Time of the Butterflies:* uma reflexão feminista sobre sua tradução para a língua portuguesa**
Andréa Moraes da Costa
- 532 **O papel da tradutora Hellen Caldwell na tradução de romances de Machado de Assis para o inglês**
Válmi Hatje-Faggin
- 533 **Refletindo sobre uma tradução feminista de contos de Maria Valéria Rezende**
Norma Diana Hamilton
- 534 **Tradução da linguagem de gênero no japonês: soluções tradutórias para a linguagem de personagens transgênero em mangás**
Erika Martin Chaves
- 535 **Vieira e Romeu: Traduções do Sol e das Flores Adichianas**
Marília de Araújo Ruivo
- 536 ***We Should All Be Feminists* de Chimamanda Ngozi Adichie: tradução e (in)visibilidade da tradutora**
Ronelson Campelo Silva
-
- 537 **Simpósio 25 Estudos de tradução e autoria: o traduzir e o traduzido**
Valeria Silveira Brisolara
Paulo Roberto de Souza Ramos
- 539 **A conquista da competência linguística em língua estrangeira : o que as adaptações têm a ensinar sobre valor simbólico e cultural da literatura e as perspectivas de sucesso**
Elizamari Rodrigues Becker
- 539 **As estratégias de tradução de Barandiarán: um estudo dos marcadores culturais em *Casa grande & senzala***
Elaine Cristina dos Santos Costa
- 540 **As peculiaridades de Héctor Olea na tradução de *Macunaíma* para o espanhol**
Aline de Freitas Santos
- 541 **As relações entre tradução, capitais simbólico-culturais e forças mercadológicas na (não) representação da variação linguística em traduções de ficção literária e de best-sellers de ficção de gênero**
Lauro Maia Amorim
- 542 **Considerações sobre a tradução de “O inferno das garotas”, de Yumeno Kyūsaku (1936)**
Felipe de Medeiros Pacheco
- 543 **Cultura e identidade: a tradução da culinária baiana em Jorge Amado para a língua inglesa**
Keven de Almeida Antunes
- 544 **Domesticar ou estrangeirizar que autor? A tradução do incompreensível no *Finnegans Wake* de James Joyce**
Caetano Waldrigues Galindo
- 545 **O Brasil lá fora: tradução de literatura brasileira como política pública de Estado**
Lília Baranski Feres
- 545 **O intertexto shakespeariano nas traduções de *Ulysses* de James Joyce no Brasil**
Pedro Luís Sala Vieira
- 546 **Reflexões sobre uma estratégia de tradução estrangeirizante em um fragmento de diário da 1ª Guerra Mundial**
Brenda Bressan Thomé
- 547 ***The Recognitions*, de William Gaddis: originalidade, autenticidade e tradução**
Francine Fabiana Ozaki

- 548 **Tradução, adaptação e recriação em *Powers of Darkness* de Bram Stoker e Valdimar Ásmundsson**
Paulo Roberto de Souza Ramos
- 548 **Traduzindo a resistência: a tradução de obras translíngues**
Valeria Silveira Brisolara
- 549 **Traduzindo o verso livre de “Musée des Beaux Arts”, de W. H. Auden**
Alexandre Bruno Tinelli
- 550 **Um estudo comparativo da criatividade de Dr. Seuss em *The Butter Battle Book* traduzida para o português brasileiro e para o chinês**
Jamilly Brandão Alvino
-
- 552 **Simpósio 26**
Estudos interdisciplinares sobre Shakespeare
Regis Augustus Bars Closel
John Milton
Fernanda Teixeira de Medeiros
- 554 **A ópera *Roméo et Juliette*, de Charles Gounod: adaptação, intertextualidade, intermedialidade**
Anna Stegh Camati
- 554 **A representação do feminino na peça “*A Midsummer Night's Dream*”, de William Shakespeare**
Roberta Flores Santurio
- 555 **As problemáticas da tradução de *Titus Andronicus***
Igor Alexandre Capelatto
- 556 **Figurações queer no cânone shakespeariano: alguns apontamentos**
Leonardo Berenger Alves Carneiro
- 557 **Fora dos campos: espaço social, autoridade e experiência**
Regis Augustus Bars Closel
- 557 ***Haider* (2014) de Vishal Bhardwaj, a adaptação filmica indiana de Hamlet**
John Milton
- 558 ***Macbeth* – on line: cheio de som e fúria a experiência da adaptação para o ambiente virtual de uma das mais importantes peças de William Shakespeare e a recepção do público**
Valéria Cristina Marchi Ribeiro
- 559 **Margaret Tyler e Emilia Lanier: autoras inglesas contemporâneas de Shakespeare em defesa das mulheres**
Aline Fernandes Thosi
- 560 **O tempo em *Romeu e Julieta***
Luciana Paula Pereira da Conceição
- 561 **Primeiras quadrinizações de *Macbeth* publicadas no Brasil: anos 1960 e 1980**
Rebeca Pinheiro Queluz
- 562 **Shakespeare e o letramento racial crítico: na encruzilhada entre universalidade e decolonialidade**
Erika de Freitas Coachman
Izabelle da Silva Fernandes
-
- 563 **Simpósio 27**
Estudos literários e outors saberes: uma visão sistêmica
Maria Ivonete Santos Silva
Carlos-Germán van der Linde
Tatiele da Cunha Freitas
- 565 **“Bogotá, 1947”, de Gabriel García Márquez: uma análise sistêmica**
Raysa Barbosa Corrêa Lima
Pacheco
- 566 **“Linhas de raciocínio” como um sistema histórico e ficcional para narrar o conflito armado na Colômbia**
Carlos-Germán van der Linde

-
- 566 **A figuração da justiça no devaneio de Cymourdain: imagens em movimento no romance *Quatrevingt-Treize*, de Victor Hugo**
Maria Julia Pereira
- 567 **A propósito da construção do saber nas crônicas de José Saramago**
Rosemary Conceição dos Santos
José Aparecido Da Silva
- 568 **Cenografias do Novo Realismo: uma leitura de "Canción de tumba" de Julián Herbert**
Tatiele da Cunha Freitas
- 569 **Hibridismos Literários: a dissolução de fronteiras em Mario Bellatin e Antônio Carlos Viana**
Matheus Taylor Souza Borges
- 570 **Ironia em "Buriti": cenas da vida (ir)reais**
Joeli Teixeira Antunes
- 571 **Mariana Enriquez e Washington Cucurto: a construção de uma nova ideia de literatura desponta na obra dos dois autores**
Dalva Desirée Climent
- 572 **Os tortuosos caminhos da afetividade em *A costureira e o cangaceiro*, de Francis de Pontes Peebles**
Maria Ivonete Santos Silva
- 573 **Sobre silêncios e silenciamentos: representações da violência na literatura latino-americana**
Yvonélio Nery Ferreira
- 574 **Uma leitura sobre o envelhecimento e o erotismo no conto "Amarelo Klimt", de Antonio Carlos Viana**
Marília Simari Crozara
- 574 **Simpósio 28 Estudos retóricos e poéticos**
Jean Pierre Chauvin
Marcelo Lachat
Marcus De Martini
- 576 **"Come nave": considerações sobre a metáfora náutica na *opera seria***
Emerson Tin
- 577 **A Canção de Domingos dos Reis Quita**
Jean Pierre Chauvin
- 577 **A comédia palatina e a sociedade de corte espanhola: *El vergonzoso en palacio* (1624), de Tirso de Molina**
Gustavo Luiz Nunes Borghi
- 578 **"A doutrina dos ciclos" e "O tempo circular": elogio e vitupério nos ensaios de Jorge Luis Borges**
Ana Helena Barbosa de Oliveira
- 579 **A imagem de Don Antonio de Solís como autor construída pelas artes retórica e pictórica na edição de 1704 da *Historia de la conquista de México***
Deolinda de Jesus Freire
- 580 **A imitação e m Alexandre de Gusmão**
Isabel Scremin da Silva
- 581 **A lógica da finitude em Antônio Vieira: a retórica dos "exercícios mortais" na domesticação do corpo negro**
Felipe Lima da Silva
- 581 **A mathesis entre a *Inventio* e a *Elocutio* em "Agudeza y Arte de Ingenio" de Baltasar Gracián**
Lucas Bento Pugliesi
- 582 **A Ornamentação Livre da música barroca italiana e a virtude elocutiva do Ornato**
Roger Lins de A. Gomes Ribeiro

- 583 **A retórica deliberativa no canto III de *Os Lusíadas***
Lourival da Silva Burlamaqui Neto
- 584 ***A Deutsche Rhetorica oder Redekunst* de J.M. Meyfart e *Der vollkommene Capellmeister* de J. Mattheson: pontos de contato entre a *actio* retórica e a *actio* musical**
Stéfano Paschoal
- 585 **Aspectos da dramatização em João Guimarães Rosa: pirlimpisquice**
Fernando Martins Lara
- 586 **Como ler a poesia satírica atribuída a Bocage**
Marcelo Lachat
- 586 **Das impossibilidades e dos desencantos nas poéticas de Manuel Maria do Bocage e Manuel Inácio da Silva Alvarenga**
Flavia Pais de Aguiar
- 587 **Discutindo os arquétipos femininos: uma abordagem sobre a sátira licenciosa atribuída a Gregório de Matos**
Patricia Bastos
- 588 **Epitáfio e memória em melpómene, de Francisco de Quevedo**
Luzia Silva Pinto
Marcello Moreira
- 589 **Exercícios retóricos na "História da Província de Santa Cruz", de Pero de Magalhães de Gandavo**
Manoela Freire Correia
- 590 **Fábulas, Epílios e Romances**
Leonardo Zuccaro
- 591 **Gênero epidítico na "Relação da missão da serra da Ibiapaba", do Padre Antônio Vieira**
Fernanda Cristina da E. dos Santos
- 591 **Ideais ciceronianos em *O mestre-de-capela perfeito* de Johann Mattheson (1739)**
Monica Isabel Lucas
- 592 **Invenção meditativa: a prática da meditação como retórica literária numa conversa entre sonetos**
Guilherme Cunha Ribeiro
- 593 **Musas modernas: Hugo, Baudelaire, Mallarmé**
Sergio Alexandre Novo Silva
- 594 **O "modus digressivus" em "Sobre a infinidade do Amor" de Tullia d'Aragona**
Daniela dos Santos
- 595 **O conceito de Gosto em Francesco Geminiani (1687-1762): uma abordagem aristotélica**
Marcus Vinicius S. Held Neves
- 595 **O feminino ingenioso na Novena Parte de Lope de Vega**
Karenina do Nascimento Rodrigues
- 596 **O lugar de Marília: a interlocução nas liras de Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga**
Heidi Strecker-Gomes
- 597 **Práticas de leitura seiscentistas e a Companhia de Jesus**
Dario Trevisan
- 598 **Recontextualizando as letras luso-brasileiras do período colonial: ruínas para repensar o presente**
Marcus De Martini
- 598 **Representações do Grão-Pará através da retórica vieirina no sermão do Espírito Santo (1657)**
Cassia Sthephanie Cardoso da Silva
- 599 **Sobre a abundância de coisas, palavras e músicas**
Cassiano de Almeida Barros
- 600 **Técnica literária e método crítico: a terrível simetria de Northrop Frye**
José Luiz Coelho Rangel Junior

-
- 602 **Simpósio 29**
Fabulando o real utópico
André Carvalho
Guilherme de Figueiredo Preger
- 604 **No país das últimas coisas:
superando a distopia**
Daniela Barbosa Ribeiro
- 605 **As utopias e os paradoxos da
política**
Guilherme de Figueiredo Preger
- 606 **Crônica de uma resistência
anunciada: os traços da distopia
crítica em *Bacurau*, de Kléber
Mendonça Filho e Juliano Dornelles**
Wagner dos Santos Rocha
- 606 **O Real e a falha ideológica
da utopia em *The Day Before
the Revolution* de Ursula Le Guin**
Lucas Victor de Oliveira Araújo
- 607 **O realismo capitalista em
uma sociedade descafeinada:
Os Mercadores do Espaço de
Frederik Pohl e C. M. Kornbluth**
Pablo Heinrich Cunha Parreiras
- 608 **Orwell e a Distopia do Real:
o sistema de dominação em *1984***
Leonardo Lucena Trevas
- 609 **Representação da utopia no poema
"Rito do irmão pequeno",
de Mário de Andrade**
Adriane Lima Pinho
- 610 **Utopia ativa: a prefiguração e o
ativismo contra o cenário distópico
capitalista em *Maddaddão* de
Margaret Atwood**
Ânderson Martins Pereira
- 611 **Utopia: uma contraideologia
entre a crítica e a proposição**
Yan Patrick Brandemburg Siqueira
- 612 **Utopias na indústria cultural
contemporânea**
André Carvalho
-
- 613 **Simpósio 30**
**Franz Kafka, intérprete da
modernidade**
Alexandre Villibor Flory
Renato Oliveira de Faria
Tomaz Amorim Fernandes Izabel
- 615 **"The time is out of joint": o mundo
de imagens de Hamlet, de William
Shakespeare, em *Um médico rural*,
de Franz Kafka**
Renato Oliveira de Faria
- 616 **A epistolaridade kafkiana:
hipóteses e questões iniciais sobre
a prática epistolar de Kafka
enquanto nexo de sua obra**
Leonardo Petersen Lamha
- 617 **A modernidade
na condição de exilado**
Vanessa de Paula Hey
- 618 **A obra de Franz Kafka
como expressão da realidade**
Luiz Fernando Soares Pereira
- 618 **A obra kafkiana em *Resident Evil:
Revelations 2*: um estudo sobre a
convergência intersemiótica entre
a literatura e os jogos eletrônicos**
Yann Dias da Silva Maia
- 619 **De Kafka à Kafka: um projeto
literário de Maurice Blanchot**
Davi Andrade Pimentel
- 620 **Entre cartas que se apressam
rumo à morte: "contingência
absoluta" e "contingência
ordenada" nas figuras dos
mensageiros Bartleby e Barnabás**
Lóren Cristine Ferreira Cuadros
- 621 **Franz Kafka como parodista**
Tomaz Amorim Fernandes Izabel
- 622 **Franz Kafka e repetição: por uma
narrativa moderna da ruptura**
Luísa Osório Rizzatti
- 623 **Franz Kafka,
"o pequeno habitante das ruínas"**
Laís Maria de Oliveira

- 624 **Insensibilidade, sofrimento humano e modernidade: considerações sobre o conto "O cavaleiro do balde", de Franz Kafka**
Pablo Baptista Rodrigues
- 625 **Messianismo e estado de exceção em Franz Kafka**
Mauro Rocha Baptista
Ana Carolina Martins da Costa
- 625 **Modernidade estética e social em *Massa-homem*, de Ernst Toller**
Alexandre Villibor Flory
- 626 **Na própria carne: o corpo em "Na Colônia Penal", de Franz Kafka**
Lidiany Caixeta de Lima
- 627 **O singular contrerrâneo: ensaios de Vilém Flusser sobre a vida e a obra de Franz Kafka**
Eliane Maria Diniz Campos
-
- 629 **Simpósio 31**
Geopoesia nos tempos de pandemia: entre literaturas, crítica polifônica e etnoflânerie
Ana Clara Magalhaes de Medeiros
Augusto Rodrigues da Silva Junior
Willi Bolle
- 631 **A paisagem da América que Humboldt transmite a Europa e as influências dessa transmissão sobre as viagens de Rugendas e Church**
Danielle Noronha Maia
- 632 **As representações do espaço Brasília, sob uma perspectiva geopoética: análise do cordel *Brasília 5.0* do escritor cordelista Gustavo Dourado**
Sheila Gualberto Borges Pedrosa
- 633 **As vozes indígenas na arena da geopoesia: revelando Brasis/Pindoramas e ensinando a manter o céu suspenso**
Joel Vieira da Silva Filho
- 633 **Bahias: de Spix & Martius a Juraci Dórea**
Helena Magon P. de Cerqueira
- 634 **Conversas entre o escritor de Campo Geral e seu tradutor italiano: escrever/ traduzir**
Joana Luiza Muyllaert de Araujo
- 635 **Descrevendo o Oriente: Notas de um viajante Amazônico**
Anna Carolina de Abreu Coelho
- 636 **Geopoesia na linguagem das telas: a peleja de Mariazinha contra o Asmodeu Velho na obra "Hoje é dia de Maria"**
Marlus Regis Alvarenga
- 637 **Memórias de geopoesia e de pandemia: o romance febril de Machado de Assis**
Marcos Eustáquio de Paula Neto
- 637 **Mitologia e experiência urbana em Antonio Cícero: geopoesia e flânerie na cidade e nos livros**
Sara Gonçalves Rabelo
- 638 **No teatro poético de Renata Pimentel: a geopoesia e a flanagem do voo das árvores**
Eduardo de Lima Beserra
Renata Pimentel Teixeira
- 639 **O arcaico e o contemporâneo na prosa de Ronaldo Correia de Brito**
Queren Daniela Borges
- 640 **O cerrado no romance goiano: imaginário e história em *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga**
Maria José da Silveira Gomes
- 641 **O flâneur Riobaldo: uma travessia metafísica**
Rosa Amélia Pereira da Silva
- 642 **Paisagem, memória e geograficidade em Astrid Cabral: uma leitura de poemas de Visgo da Terra**
Regina Célia dos Santos Alves

- 643 **Passos e passagens: o flâneur em “Por onde Deus não andou”, de Godofredo Viana**
Regilane Barbosa Maceno
- 643 **Paulo Nunes Batista: um cordelista do cerrado**
Gláucia Mendes da Silva
- 644 **Poesia de habitar Brasília: notas para recordação de Cassiano Nunes e Hermenegildo Bastos**
Ana Clara Magalhaes de Medeiros
- 645 **Travessia das sexualidades subversivas e transgressoras na literatura brasileira**
André Luiz Moraes Simões
- 646 **Tudo é da geopoesia do mundo: passagens polifônicas e etnoflâneries cerradeiras por goyazes, Brasília e brasis liminares**
Augusto Rodrigues da Silva Junior
- 647 **Um homem nas feiras, uma história nas fronteiras: relatos orais e trajetórias de Zé Mochila no agreste pernambucano**
Isabela Pires Ferreira
- 648 **Uma oficina de teatro na periferia de Belém**
Willi Bolle
-
- 650 **Simpósio 32 História da literatura brasileira: tradição e novas abordagens**
Silvia Maria Azevedo
Maria Eunice Moreira
- 652 **“Pedaços miúdos da vida”: outras vozes, outras águas e outras barreiras**
Gisele Thiel Della Cruz
- 652 **A Identidade Nacional Brasileira nas Traduções Realizadas por Machado de Assis**
Anderson de Souza Andrade
- 653 **A produção do poeta Generino dos Santos nos periódicos da virada do século XIX para o XX**
Isabela Melim Borges
- 654 **As “Badaladas” do Dr. Semana: Machado de Assis cronista satírico da *Semana Ilustrada***
Silvia Maria Azevedo
- 655 ***Barroco (1969-2012/13) e Claro-Escuro (1988-1991): Portugal-Brasil, duas revistas entre a literatura e a arte, a palavra e o pincel***
Vivian Aparecida Pereira Pinto
- 655 **Booktube brasileiro: um breve estudo dos livros recomendados pelos canais literários do Brasil**
Ana Luiza Pereira Furlanetto
- 656 **Januário da Cunha Barbosa: o esquecido “estocador de material” da história da literatura brasileira**
Maria Eunice Moreira
- 657 **Mulheres em formação: aspectos do *Bildungsroman* feminino em Lygia Fagundes Telles e Aline Bei**
Danielle Felício Mafud
- 658 **Neopicaresca e quixotismo na literatura brasileira: *Memórias de um sargento de milícias*, *Macunaíma* e *O grande mentecapto***
Hudson Oliveira Fontes Aragão
- 659 **O estalo que ofusca: uma discussão sobre “Balas de Estalo”**
Vizette Priscila Seidel
- 660 **O primeiro romance policial brasileiro: *O mistério*, de Coelho Neto, Afranio Peixoto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque**
Taynara Leszczynski
- 661 **O que resta da pedra em “Museu de tudo”, de João Cabral de Melo Neto**
Mariane Tavares

- 662 **O sistema imunológico da Literatura Sul-rio-grandense: a história ausente de corpos estranhos**
Edcleberton de Andrade Modesto
- 663 **O teatro machadiano à margem do cânone**
Laura Helena Rossetti Ferreira
- 663 ***Olhos d'água: uma tatuagem no corpo***
Maria Alice Da Silva Braga
- 664 **Um olhar crítico para Tuiatã, de Hilda Simões Lopes (2017)**
Jaísa Girardi Morais
- 665 **Uma história da literatura a partir dos críticos literários: releituras oitocentistas em três estudos de caso da literatura brasileira**
Alexsandro da Rosa Menez
- 666 **Uma historiografia da literatura sob a condição histórica: contribuições de Paul Ricoeur**
Jonas Kunzler Moreira Dornelles
- 667 **Xavier de Carvalho: um mediador cultural**
Jaqueline de Oliveira Brandão
-
- 668 **Simpósio 33 Inventários da memória: coisas e objetos na literatura judaica**
Lyslei de Souza Nascimento
Nancy Rozenchan
- 670 **A Bíblia, os livros e a biblioteca intertextual de Samuel Benchimol**
Alessandra Fabricia Conde da Silva
- 670 **A colher: objeto e humanização em Primo Levi**
Filipe Amaral Rocha de Menezes
- 671 **As casadoiras: uma leitura feminina de Dorit Rabinyan**
Nancy Rozenchan
- 672 **As ruínas e a lição das coisas: Giselda Leirner, Ruth Sprung Tarasantchi, Leila Danziger**
Lyslei de Souza Nascimento
- 672 **Eis o quipá: a presença religiosa judaica em *A colina*, de Assaf Gavron**
Juliano Klevanskis Candido
- 673 **Ele roubava livros: objetos como inscrição da memória em *K.: Relato de uma busca***
Ricardo Augusto Garro Silva
- 674 **O manuscrito como objeto de memória em "O Mundo que eu vi", de Stefan Zweig**
Kênia Maria de Almeida Pereira
- 675 **O museu doméstico secreto**
Luis Krausz
- 675 **Objetos da cultura judaica recuperados em poemas de Scliar-Cabral**
Leonor Scliar Cabral
- 676 **Objetos e ruínas: a casa sefardita em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito**
André de Souza Pinto
- 677 **Os objetos narram o mundo: Primo Levi e a memória das coisas**
Claudia Cristina Maia
- 677 **Rolos, manuscritos, pergaminhos e livros: as escrituras encenadas de Moacyr Scliar**
Marcio Cesar Pereira Dos Santos
- 678 **Samuel Rawet e os objetos insólitos em diálogo**
Saul Kirschbaum
- 679 **Um chapéu, um bolinho: formas da memória em Clarice Lispector e Marcel Proust**
Patrick Gert Bange

-
- 681 **Simpósio 34**
Legados das mulheres da idade média e do renascimento: literatura, tradução, filosofia, história
Luciana E. de F. Calado Deplagne
Karine Simoni
- 683 **A mulher escritora na formação da consciência feminista: Marguerite Porete (séc. xiii-xiv) e a mística feminina subversiva**
Yasmin de Andrade Alves
- 684 **Christine de Pizan e o despertar da consciência feminista na**
Luciana E. de F. Calado Deplagne
- 685 **Do esquecimento ao meme: o legado de Artemisia Gentileschi como inspiração feminista nos séculos XX e XXI**
Amanda Bruno de Mello
Monalisa Cristina Teixeira
- 686 **Estratégias de persuasão no *Castelo Interior*, de Teresa d'Ávila**
Sara Maria Sertori
- 686 **Lucrezia Marinella: reflexões sobre o contexto biobibliográfico em tradução**
Karine Simoni
- 687 **O direito de amar e de ser em Louise Labé**
Marcelle Ventura Carvalho
- 688 **Os desafios da tradução de *A nobreza, e a excelência das mulheres, com os defeitos e vícios dos homens*, de Lucrezia Marinella**
Karla Ribeiro
- 689 **Profetisa e Pregadora: entendendo a atuação pública de Hildegard von Bingen**
Ana Rachel G. C. de Vasconcelos
- 690 **Traduzindo Marie de Gournay para o português brasileiro: desafios entre a ética e a letra**
Marta Pragana Dantas
Ana Cristina Bezerril Cardoso
- 691 **Simpósio 35**
Leitura de mulheres e estudos literários
Cristina Henrique da Costa
Ana Cristina de Rezende Chiara
- 692 **"Seus romances tornam os meus possíveis": leituras de Sylvia Plath e Virginia Woolf**
Vanessa Cezarin Bertacini
- 693 **A escrita de Raíssa Éris Grimm e a sua articulação da travestilidade e lesbianidade**
Beatriz Pagliarini Bagagli
- 694 **Colette e Blandine: um caso de escrita entre autora e personagem**
Luciana Ribeiro Rodovalho
- 695 **Conquistas e ansiedades no campo do feminismo**
Heloisa Helena O. B. de Hollanda
- 695 **Corpo ferido, corpo regalado, corpo de Cristo: os (des)prazeres do corpo feminino na obra poética de Teresa D'Ávila**
Isabelle Merlini Chiaparin
- 696 **Dar o coração: uma leitura sobre a poética de Alfonsina Storni**
Andreza J. Pigozzo de Oliveira
- 697 **De dentro da escritura de Ana Cristina Cesar: uma leitura com(o) mulheres no poema "Mocidade independente"**
Mariana Anselmo
- 698 **Em torno dos versos de Gilka Machado**
Francine Fernandes Weiss Ricieri
- 699 **Entre os muros de Alejandra Pizarnik**
Lara Luiza Oliveira Amaral
- 700 **Estilos e modos de ser em *Entrada de serviço*, de Lúcia Benedetti**
Viviane da Silva Vieira
- 700 **Eva e culpa feminina na poesia inglesa do século XVII**
Isabela de Souza Oliveira

- 701 **Gestos da dissimulação: o melodrama negociado em *Helena* (1876), de Machado de Assis**
Marcos Roberto Flaminio Peres
- 702 **Infância, educação e precariedade em *Jane Eyre*, *Agnes Grey* e *Wuthering Heights***
Ana Cristina Faria de Menezes
- 703 **Memória, metáfora e magia na natureza ceciliana: perspectivas decoloniais**
Bruna de Almeida Pereira
- 704 **Miyamoto Yuriko: uma mulher na luta**
Karen Kazue Kawana
- 704 **Mulheres em PoEHMaS: uma aposta de laço pela voz**
Mônica Graciela Zoppi Fontana
- 705 **Níveis de leitura em *the Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood**
Ana Leticia B. de Faria Gonçalves
- 706 **Para as mãos não há desculpas: palavras e gestos na poesia de Patrizia Cavalli**
Cláudia Tavares Alves
- 707 **Para ler Leda: estratégias e armadilhas nas práticas de crítica literária feminista**
Erica Martinelli Munhoz
- 708 **Penélope revisitada: leitura de poemas contemporâneos**
Flávia Lins e Silva
- 709 **Protagonistas mulheres na literatura contemporânea: uma comparação entre personagens de Helena Terra e Jeferson Tenório**
Juliana Caetano da Cunha
- 709 **Rosana Paulino e as poetisas hoje: algumas notas sobre a representação dos negros**
Carla dos Santos e Silva Oliveira
- 710 **Tons de "As aves da noite" de Hilda Hilst e o "Mineirinho" de Clarice Lispector: Contatos com Experiências- limite**
Malane Apolonio da Silva
-
- 712 **Simpósio 36 Leituras contemporâneas de Virginia Woolf II**
Davi Pinho
Maria Aparecida de Oliveira
Nícea Helena de Almeida Nogueira
- 714 **"Kew Gardens", "No pomar" e "O tempo passa". Do jardim à ruína**
Luiz Henrique Ernesto Coelho
- 715 **"Procure o fato nos arbustos de framboesa": pensando a arte da biografia a partir de *Freshwater*: uma comédia de Virginia Woolf**
Victor Santiago Sousa
- 716 **A construção da imagem nos contos de Virginia Woolf**
Ana Carolina de Azevedo Guedes
- 716 **A construção rítmica em *The Waves* e *Between the Acts***
Marluce Faria de Melo e Souza
- 717 **A escrita feminina e a androginia em Virginia Woolf: estudos a partir de Davi Pinho, Hélène Cixous e Jacques Derrida**
Rachel Ventura Rabello
- 718 **A voz do texto poético e a androginia sob a ótica da *écriture féminine*: um diálogo entre Virginia Woolf e Hélène Cixous**
Mariana Muniz Pivanti
- 719 **Ensaio de Virginia Woolf como crítica feminista na pesquisa acadêmica brasileira**
Nícea Helena de Almeida Nogueira
- 720 **Entre guerras, Hélène Cixous e Virginia Woolf como cena inconfessável**
Flávia Trocoli Xavier da Silva

- 720 **Entre Woolf e Butler: leitoras, leitores e releituras de *Antígona***
Gabriel Leibold Leite Pinto
- 721 ***Knitting the brown stocking:* sobre tramas têxtil-textuais**
Fábio dos Reis Júnior
- 722 ***Moments of being* e a linguagem coletiva em *A Sketch of the Past* e *The Waves***
Jessica Wilches Ziegler de Andrade
- 723 **O corpo que escreve: Virginia Woolf tateando o indizível**
Luisa de Freitas
- 724 **Por trás do algodão: uma ferida contingente em “*A Sketch of the Past*”**
Davi Pinho
- 724 **Representações de mulheres em *Mr. s Dalloway*, de Virginia Woolf: entre o projeto estético e o projeto político**
Ednelza Magalhães Nunes Duarte da Silva
Rita De Cássia Mendes Pereira
- 725 **Um olhar dos arbustos: a escrita queer de Virginia Woolf**
Marcela Filizola
- 726 **Uma leitura sobre os insetos na festa de *Mrs. Dalloway***
Patricia Marouvo Fagundes
- 727 **Virginia Woolf e a sexualidade feminina não-normativa**
Maria Aparecida de Oliveira
Lucas Leite Borba
- 728 **Virginia Woolf no Brasil: um panorama dos romances traduzidos e seus paratextos editoriais**
Myllela Ribeiro Lacerda
- 729 **Virginia Woolf: pensadora da literatura e de outras formas de arte**
Laís Rodrigues Alves Martins
- 730 **Woolf por Woolf: a criação literária e o devir ficcional nos diários, sketches e drafts**
Rosângela Neres
-
- 731 **Simpósio 37**
Letras, sons, ritmos e sentidos: diálogos transdisciplinares entre literatura e música
Rafael Eisinger Guimarães
Gérson Luís Werlang
Roniere Silva Menezes
- 733 **“Música bambeia qualquer coisa na gente”: Maria Bethânia interpreta Guimarães Rosa**
Everton Luís Farias Teixeira
- 734 **A cidade, os livros e as canções: a poética de Antonio Cicero (e Marina Lima)**
Rafael Barbosa Julião
- 734 **A musa-música como formação e construção das Airesianas – o romance-sinfonia**
Célia Patrícia Sampaio Bandeira
- 735 **A musicalidade em *Nênia*, de Maria Firmina dos Reis**
Denise de Lima Santiago Figueiredo
- 736 **A Paisagem Sonora no romance *A Casa das Sete Mulheres***
Viviane A. Pandolfo Debortolli
- 737 **A palavra cantada de Arnaldo Antunes**
Jorge Fernando Barbosa do Amaral
- 738 **A popularização da música sacra: os vários discursos teológicos expressos na canção popular versus o canto sacro na Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil – resultados parciais de uma pesquisa de mestrado**
Gabriel Scatena Guizado
William Teixeira da Silva
- 738 **A relação entre música, história e literatura na canção “Como 2 e 2” de Caetano Veloso**
Rízia Lima Oliveira

- 739 **As colagens sonoras de Caetano Veloso nas canções “Enquanto seu lobo não vem”, “Tropicália” e “Jenipapo absoluto”**
Lucia Aparecida Felisberto Santiago
- 740 **As sábias dissonâncias de Mallarmé: outras músicas para o verso**
Yuri Amaury Pires Molinari
- 741 **Augusto de Campos e Caetano Veloso: a poesia verbivocovisual e o leitor plurifocal**
Leonardo Davino de Oliveira
- 742 **Coisas nossas, coisas de Noel**
Enio Bernardes de Andrade
- 742 **Crítica e protesto em “Como Nossos Pais”, de Belchior**
Andressa dos Santos Vieira
- 743 **Entre pesquisas e experimentações poéticas e sonoras: diálogos comparativos entre O Som e o Sentido e Tropofonia**
Brenda Marques Pena
- 744 **Geraldo Pereira: musicando a vida popular urbana**
Michel Armand Koopmans
- 745 **Literatura e música: aspectos interdisciplinares na narrativa ficcional de Autran Dourado**
Alcides Fernando Campos Gonçalves
- 745 **Maracanã do Funk: a (re)criação do Baile da Penha no Podcast do Dj Rennan**
Artur Vinicius Amaro dos Santos
- 746 **Meu mundo você é quem faz: música e literatura em Marina Lima**
Cinara Antunes Ferreira
Carlos Walter Alves Soares
- 747 **O caso do alemão que chegou a São Leopoldo trazendo uma cítara: carnavalização e música no conto de Luiz Antonio de Assis Brasil**
Edemilson Antônio Brambilla
- 748 **O eterno tempo presente da música: uma proposta de abordagem da obra Quatro Quartetos, de T. S. Eliot**
João Felipe Gremiski
- 749 **O pensamento narrativo sobre a eternidade – da literatura à música; conceituação e paralelos soteriológicos: outras justificativas**
Leonardo Tubia Brasil
- 750 **O potencial gesto de consolo pela canção “Ainda Há Tempo”, de Criolo (2016)**
Wallas Gomes Zoteli
- 750 **Ondas Novas ao Mar: o vigor da presença do texto clássico atualizado pela tradução e música em português**
Artur de Freitas Gouvêa
- 751 **Orfeu brasileiro: tramas, canções, conflitos e mediações culturais**
Roniere Silva Menezes
- 752 **Os torneios da voz**
Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira
- 753 **Poe, Stevenson, Wilde: a paisagem sonora na narrativa gótica novecentista**
Gérson Luís Werlang
- 754 **Quando o chão acaba: uma leitura de Chico e Caravanas**
Pedro Bustamante Teixeira
- 754 **Que ousarás contar da canção?**
Celso Garcia de Araújo Ramalho
- 755 **Representações boêmias em “Vida Noturna”: um estudo sobre a obra de Aldir Blanc**
Wellington Girardi Rodrigues
- 756 **Ritmos, vozes, tempos e olhares em trânsito na encenação de Auto da Catingueira: uma leitura de muitas leituras**
Ana Cristina Moreira Pessoa

- 757 **Sob o signo de Oxum: as relações entre água, corpo e ancestralidade nas obras de Conceição Evaristo e de Elza Soares e Pitty**
Rafael Eisinger Guimarães
- 758 **Tia Ciata e Dona Ivone Lara: pioneirismo feminino no universo do samba**
Ana Laura Furtado Pacheco
- 759 **Voz, Palavra, Performance: Aldir Blanc por Elis Regina**
Enio Gontijo de Lacerda
-
- 760 **Simpósio 38
Literatura comparada e os estudos literários da tradução: diálogos em construção**
Francisco Pereira Smith Júnior
Valdeci Batista de Melo Oliveira
Silvia Helena Benchimol Barros
- 762 **A bailarina espanhola: memórias da dança da morte em São Paulo e Belém do Pará**
Daniela de Oliveira Silva
Wellerson Bruno Farias dos Reis
- 763 **A Escrita Insubordinada de Eneida de Moraes: uma página da memória nacional e das lutas feministas**
Mirna Lúcia Araújo de Moraes
- 764 **A memória e a tradução da Amazônia pelos poemas de Adalcinda Camarão**
Heydejane da Silva e Silva Nogueira
- 765 **A presença de formas de desumanização e humanização no contexto da Shoah na obra *O menino do pijama listrado* de John Boyne**
Ronaldo Oliveira Borges
Ana Lília Carvalho Rocha
- 765 **A tradução como arquivo, recomposição e memória do trauma**
Denes Augusto Clemente
- 766 ***Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll na tradução de Ana Maria Machado**
Kelly Cristiane Nunes
- 767 **As experiências traumáticas representadas nos contos “O fato completo de Lucas Matesso” e “O leite em pó da bondade humana”**
Maria Genailze de O. Ribeiro Chaves
Francisco Pereira Smith Júnior
- 768 **As variações do mito na vizinhança: disputas políticas sobre a fundação da aldeia Mapuera**
Simone Cristina Menezes Martins
- 769 **Aspectos imagológicos e identitários na tradução interlinguística de obra literária: um estudo de *Mad Maria* para o espanhol**
Denni Baia de Souza
Silvia Helena Benchimol Barros
- 770 ***Breve espaço, de Cristovão Tezza: um parcial estudo da tradução para língua inglesa baseado em corpus***
Jessica Tomimitsu Rodrigues
Valdeci Batista de Melo Oliveira
- 770 **Diáspora do corpo: uma abordagem comparada das personagens Esther e Hana**
Lucideyse de Sousa Abreu
- 771 **Era uma vez o fim: a morte como elos entre os contos “A menina de la” de Guimarães Rosa e “As flores de novidade” de Mia Couto**
Nana Patrícia Lisboa de Andrade
- 772 ***Gulliver’s Travels* na Perspectiva Adaptada de Clarice Lispector: o leitor infantojuvenil em questão**
Thais Fernandes De Amorim
- 773 **Interdito, desejo, prazer e dor na poesia latinoamericana de Gilka Machado, Delmira Agustini e Rosario Castellanos**
Edina Boniatti

- 774 **Literatura indígena brasileira: a resistência e o protagonismo dos povos originários na poética de Márcia Wayna Kambeba**
Rosely Sobral Gimenez Polvani
Franciele Lucia Libardi
- 775 **O fogo na mitologia indígena: um olhar sobre o discurso mítico e sua figuração narrativa**
Valdirene Aparecida Cotta
Luciana Aparecida Bravim Macarini
- 775 **“Samba”: uma análise literária discursiva do conto de Castro Soromenho**
- 776 **“Shirley paixão” e “Morre desgraçado”: a maternidade como força motriz contra a violência patriarcal**
Rafael Francisco Neves de Souza
- 777 **Tradução e predação, modos de familiarizar o outro**
Fernando Alves da Silva Junior
- 778 **Uma leitura comparada dos cães de Jack London: do épico ao naturalista**
Lucas Andre Berno Kolln
- 778 **Xicoténcatl (1826): o primeiro romance histórico latino-americano**
Jorge Antonio Berndt
Leila Shai Del Pozo González
-
- 780 **Simpósio 39**
Literatura de autoria e de expressão amazônica: diálogos com a literatura mundial
Cássia Maria B. do Nascimento
Mirella Miranda de Brito Silva
Adriana Helena de Oliveira Albano
- 782 **A Amazônia em Elizabeth Bishop**
Adriana de Souza Jordão Gonçalves
- 783 **A aventura existencial dos crótons**
Márcio Camillo da Silva
- 783 **A construção da rodovia Transamazônica (BR 230) em 1970 e suas representações literárias**
José Valtemir Ferreira da Silva
- 784 **A internacionalização da obra de Milton Hatoum: recepção e difusão na França**
Tamiris Tinti Volcean
- 785 **A Lenda Amazônica de Tainakã e *The wife of Bath's tale*: um diálogo comparativo**
Márcio Azevedo da Silva
- 786 **A questão indígena e a necropolítica em narrativas da Amazônia roraimense**
Huarley Mateus do Vale Monteiro
Thyelley Castro e Silva
- 787 **A violação dos corpos femininos: a mulher e a floresta na obra de Maria Macaggi**
Mirella Miranda de Brito Silva
- 788 **Análise do romance *Afonso contínuo*, *Santo de Altar* de Lindanor Celina segundo o conceito de “entremeagem”**
Gleice do Socorro B. dos Reis
- 789 **Antes o herói não existia: a contemporaneidade da figura heroica dessana**
Jandir Silva dos Santos
- 790 **Da Literatura da Amazônia: o domínio da letra sobre a voz**
Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
Luís Heleno Montoril Del Castilo
- 790 **Dalcídio Jurandir: Marajó não é o centro do mundo**
Marlí Tereza Furtado
Regina Barbosa da Costa
- 791 **Entre a língua e o texto, o estilo: análise estilísticas de narrativas amazônicas**
Hercilaine Virgínia Oliveira Alves
Carlos Antônio Magalhães Guedelha
- 792 **Entre-lugar e religião na análise de dois mitos sobre o Areruya**
Adriana Helena de Oliveira Albano

- 793 **Exclusividade, atração e pessoa: um estudo do amor nas lendas amazônicas Tambatajá e Iara**
Cristiane Alves da Silva
Cássia Maria B. do Nascimento
- 794 **Max Martins ou “Um nome sem a outra margem”**
André Luis Valadares de Aquino
- 794 **O relato de viagem como campo referencial do romance *Simá*, de Lourenço Amazonas**
Juliano Fabrício de Oliveira Maltez
- 795 **Relato de um certo oriente – espaços, seres, objetos: a vida do romance**
Kenedi Santos Azevedo
-
- 797 **Simpósio 40
Literatura e alteridade: transitando entre o documento e a ficção**
Simone Maria B. Moreira
Francois Weigel
Stela Maria S. Chagas de Moraes
- 799 **“Você me abre seus braços / E a gente faz um país”: o papel de Marcel Proust na formação das identidades brasileiras (1920-1947)**
Etienne Sauthier
- 800 **A influência europeia na trajetória da mulher brasileira oitocentista**
Andrea Reis da Costa
- 801 **Acessando o conceito platônico de alteridade: o “ser” do “não-ser”**
Ana Márcia Cabral Linhares
Mourthé
- 801 **Aventuras europeias no Brasil**
Maria Elizabeth Chaves De Mello
- 802 **Crônicas de uma modernidade encenada: Machado de Assis e o Rio de Janeiro do final do século XIX**
Thaís Bartolomeu Barcellos
- 803 **Diálogos entre o intelectual e o literato em José de Alencar**
Felipe Vigneron Azevedo
- 804 ***El abrazo de la serpiente* e suas múltiplas viagens**
Elisangela Santos Petrucci Peçanha
- 805 **Jean Mermoz, um herói na encruzilhada entre a literatura popular e as histórias em quadrinhos**
Francois Weigel
- 806 ***Le libraire*, de Gérard Bessette: “sobre o horrível perigo da leitura” e da censura**
Renato Venancio Henrique de Sousa
- 807 **Literatura e atualidade: revisitando a novela *Xadrez*, de Stefan Zweig**
Carlos Eduardo do Prado
- 807 **O rinoceronte, a chave e a casa verde**
Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes
- 808 **Revisitando Balzac e Machado: opiniões e deslocamento do protagonismo**
Pedro Armando de A. Magalhaes
- 809 **Um olhar Crítico sobre a Literatura Adulta de Monteiro Lobato**
Simone Maria Bacellar Moreira
-
- 811 **Simpósio 41
Literatura e cultura: objetos culturais em análise**
Yuri Jivago Amorim Caribé
Maria Suely de Oliveira Lopes
João Batista Martins de Moraes
- 813 **A desautomação da leitura de literatura negra em “Os transparentes”, de Ondjaki**
Frederico José Matias
- 814 **A hora dos corpos dissidentes em *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire: os subalternos podem falar?**
Diego Souza de Andrade

- 815 **A região enquanto condicionante trágico em *Liturgia do fim*, de Marília Arnaud**
Patricia Valeria Vieira da Costa
Eli Brandão da Silva
- 816 **Café Central: Ditadura e Amazônia**
Lucas Lima Moura
Nadia Grings Batista
- 816 **Corpo, violência e trauma: uma leitura de “Cecília” na série *Contos do Edgar***
Renato da Silva Oliveira
- 817 **Descolonização da infância na peça “A Família Ratoplan” de Luiz Marinho**
Amanda Lins Seabra Marques dos Santos
- 818 **Emancipação feminina na adaptação *Adoráveis Mulheres*, de Greta Gerwig**
Giovana Lasalvia Teles
- 819 **Entre espelhos e ruínas: a metaficção em Machado de Assis e Jorge Luis Borges**
Karla Vivianne Oliveira Santos
Naira Suzane Soares Almeida
- 820 **Literatura e transmídia: o caso da coleção *It's Okay to Not Be Okay***
Maria Gabriela Wanderley Pedrosa
- 821 **Mestiçagem e pureza de sangue na Nova Espanha do século XVIII: um diálogo taxonômico entre textos e pintura de castas**
Elisabeth Fromentoux Braga
- 822 **Momentâneas miragens do passado: a metaficção historiográfica em “A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas”, de Maria José Silveira**
Francisco Willton R. de Carvalho
- 822 **Nos labirintos da memória: traumas, ausências e perdas em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**
Leidiana Da Silva Lima Freiras
- 823 **O erotismo em *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman**
Jose Felipe Soares da Silva
- 824 **O Modernismo e a linguagem popular: oralidade nos poemas “Tempo das águas”, “Poema” e “Tostão de chuva” de Mário de Andrade**
Alice Laterza Ceatano
- 825 **O ser feminino e a morte na obra *Água viva* (1998), de Clarice Lispector**
Yasmin Maria M. Torres Galindo
- 826 **Opressão de gênero e violência no romance visual *Analogue: A Hate Story* (2012), de Christine Love**
Yuri Jivago Amorim Caribé
Pedro de Souza Melo
- 827 **Reescrituras pós-coloniais do cânone: em busca de um lugar próprio de enunciação**
Cindy Conceição Oliveira Costa
Sebastião Alves Teixeira Lopes
- 828 **Subvertendo o patriarcado: a sexualidade feminina em *A casa da paixão*, de Néida Piñon**
Jéssica Maria Cruz Silva
Maria Suely de Oliveira Lopes
- 829 **Texaco: o lugar do outro**
João Batista Martins de Moraes
- 829 **Um conto machadiano à luz dos estudos pós-coloniais**
David de Mello Junior
- 830 **Uma história de duas literaturas: como a ideia de autonomia da arte e a indústria cultural conceberam as categorias “alta literatura” e “literatura de massa”**
Wlange Keindé
- 831 **Vozes que não se calam: subalternização e ruptura no capítulo *O livro dos Mortos* de Borba Filho e J. Cláudio no romance *Agá***
Eronildo Januario da Silva

-
- 832 **Simpósio 42**
Literatura e dissonância
André Dias
Felipe Gonçalves Figueira
Rauer Ribeiro Rodrigues
- 834 **"Dr. Arnold A. Hutschnecker in Paradise": os fantasmas de Tony Kushner voltam à cena**
Vanessa Cianconi
- 835 **"No Brasil nunca houve teatro": histórias de uma não história**
Frederico van Erven Cabala
- 835 **"O império que não há": Portugal na poesia de Manuel Alegre**
Carina Marques Duarte
- 836 **"Os romances são os diálogos socráticos de nossa época": aproximações entre Schlegel e Bakhtin**
Gabriella de Oliveira Silva
- 837 **"Um jogador", de Dostoiévski: entre a crítica à burguesia e a apologia do status quo imperial**
João Marcos Cilli de Araújo
- 838 **A dimensão poética em "Retábulo de São Nuncia" (Estas estórias)**
João Paulo Santos Silva
- 839 **A importância negada da Clizia de Maquiavel**
Priscila Nogueira Da Rocha
- 840 **A pesquisa esperpêntica dissonante de viés sociológico**
Gustavo Rodrigues da Silva
- 841 **A resistência feminina em três contos de Marilene Felinto**
Edilva Bandeira Sousa
- 841 **Ampliações da cena em tempos de pandemia: o Grupo Galpão no projeto "Dramaturgias: cinco passagens para agora"**
Anna Paula Soares Lemos
- 842 **Anton Tchekhov e Luiz Vilela: para uma crítica da crueldade**
Catia Mendes Pereira
- 843 **As caravanas da cidade do meu sol: a cidade futurista de Aldo Palazzeschi**
Eric da Silva Santiago
- 844 **As emoções dos Ulisses contemporâneos**
Felipe Dartagan M. T. De Castro
- 844 **As utópicas cidades dos folhetos de Antônio Francisco**
Felipe Gonçalves Figueira
- 845 **Barra Funda, de João Antônio: a arquitetura da violência**
Maise Cristina Santos
- 846 **Carne viva do tamanho de um punho**
Katria Gabrieli Fagundes Galassi
- 847 **Dissonâncias e consonâncias com o status quo na formação do protagonista de "L'Enfance d'un chef" de Sartre**
Robert Ponge
Karol Garcia
- 848 **Ensino de literaturas na formação de professores: reflexões necessárias**
Raquel da Silva Ortega
- 849 **Entre parasitas**
Iasmim Santos Ferreira
- 849 **Espíritos marginais em Petersburgo: leituras de "A dócil" e "O sonho de um homem ridículo", de Dostoiévski**
Nataly Rafaela Ternero
- 850 **Evocação de memórias e a duplicidade na temática da peste: a abordagem revolucionária na obra Violação, de Rodolfo Teófilo**
Paloma Bispo de Angelis
- 851 **Imagens transfiguradas do intelectual na obra de Roberto Bolaño**
Talita Jordina Rodrigues
- 852 **Indagações ficcionais em Olhares de Orfeu, de Antônio Vieira**
Marcos Rogério Heck Dorneles

- 853 **Irreverência e disciplina: Antônio Abujamra e o grupo carioca Os F... Privilegiados (1991-2000)**
Paula Sandroni
- 854 **Literatura marginal como espaço de luta nos poemas de resistências de Ferréz**
Eduardo Vasconcelos da Silva
- 855 **Memória e literatura no rastro dos odores: uma leitura do romance *Cloro*, de Vidal Porto**
Elizabeth Cardoso
José Luiz Tavares
- 856 **Mitos gregos revisitados em duas peças de Carlos Henrique Escobar**
Bárbara Siqueira Martins
- 856 **Mulheres que tomaram as rédeas: sociedade e a dissonância da voz feminina em obras de Alciane Ribeiro**
Deusemar Cardoso do Nascimento
- 857 **Nessa lavoura quem colhe é o leitor**
Gabriella Pinheiro Lino
- 858 **O pensamento dissonante de Vico nas humanidades**
Paulo Sergio Martins
- 859 **O perene flunar de uma visada lucidez**
Augusto Mancim Imbriani
- 859 **O tédio como perspectiva e desafio em *The Pale King***
Kleber Kurowsky
- 860 **Personagens em dissonância em William Faulkner**
Yasmim Naif Amin Mahmud Kader
- 861 **Rainha de sabá e os Modos de ver**
Ygor de Lima Leite Ribeiro
- 862 **Representação das classes sociais em Ariano Suassuna**
Daniel Reis Pessanha
- 862 **Romances-em-cena: uma trilogia de narrativas dissonantes**
Raimundo Lopes Cavalcante Jr
- 863 **Teatro em tempos de pandemia: caminhos possíveis**
André Dias
- 864 **Torto Arado: peculiaridades do romance de formação e do realismo na literatura brasileira**
Victor Hugo Adler Pereira
- 865 **Tradição e ruptura em quatro contos de Alciane Ribeiro**
Karina Torres Machado
- 865 **Um "aborto de cérebros inativos": a ascensão do Fascismo do ponto de vista de Lewis Grassic Gibbon**
Carolina de Pinho Santoro Lopes
- 866 **Uma leitura dissonante do conto "Independência e morte", de Alciane Ribeiro**
Fabiane Lemos de Freitas Garcia
Rauer Ribeiro Rodrigues
- 867 **Uma voz feminina dissonante no Maranhão do século XIX: o discurso antiescravagista de Maria Firmina dos Reis**
Marcos Antônio F. dos Santos
- 868 **Vozes dissonantes: o odor social no conto "Pensar axilas" de Alciane Ribeiro**
Amanda Eliane Lamônica Araújo
Dayse Galvão Souza Oliveira
-
- 869 **Simpósio 43**
Literatura e ensino da teoria à prática: desafios do professor-pesquisador na educação básica
Adauto Locatelli Taufer
Cristiane Côrtes ,
Daniela Favero Netto
- 871 **"A gramática do cotidiano": o ensino de literaturas e o poetry slam**
Patrícia Pereira da Silva
- 872 **A Academia Estudantil de Letras "Raquel Naveira": um caminho possível para educação literária e o ensino de literatura na Pandemia**
Flávia Martins Malaquias
Thaís Maciel Piasentine Barbosa

-
- 873 **Biblioteca universitária e mediação literária: da educação básica ao ensino superior**
Júlia das Neves Mateus
- 874 **Leitura em voz alta, em grupo, em tempos de pandemia: práticas possíveis**
Adaauto Locatelli Taufer
Daniela Favero Netto
- 875 **Materiais didáticos do Novo Ensino Médio: desafios frente ao espaço e aos paradigmas do ensino de literaturas no PNLD 2021**
Débora Ventura Klayn Nascimento
- 876 **O papel da leitura literária na obra *Infância* de Graciliano Ramos e nas narrativas “autobiográficas” de alunos do ensino médio**
Solange Salete Toccolini Zorzo
- 876 **O pensamento feminista brasileiro e a literatura: proposta para uma pesquisa de BIC Jr.**
Cristiane Côrtes
- 877 **O que o cinema tem a nos mostrar sobre leitura literária? Contribuições da teoria da adaptação fílmica para o letramento literário no ensino médio**
Jivago Oliveira Fonseca
- 878 **O uso de textos literários na aula de francês na perspectiva da leitura literária como vaivém dialético**
Daniele Azambuja de Borba Cunha
- 879 **Permanências e rupturas: por um ensino de literatura dialógico e responsivo**
Mariana Roque Lins da Silva
- 880 **Vlogs literários e a Pedagogia dos Multiletramentos**
Luzia Cristina Magalhães Medeiros
- 882 **Simpósio 44
Literatura e ensino: tal Brasil, qual ensino de literatura/educação literária?**
Wellington Furtado Ramos
Ana Crelia Penha Dias
Rosana Cristina Zanelatto Santos
- 884 **A abordagem triangular no ensino da literatura ou a originalidade gerada por não originalidades**
Eduardo de Almeida Santos
- 885 **A dimensão narradora dos sujeitos da escola: reflexões sobre tempo, leitura literária e escritas subjetivas**
Maria Coelho A. de Paula Gomes
- 886 **A leitura de literatura: um direito com ou sem pandemia**
Geuvana Vieira de Oliveira Maia
- 886 **A leitura literária no livro didático: uma análise da abordagem de poemas em *Português: Linguagens* (9º ano do Ensino Fundamental)**
Gabriel Castilho Maia
- 887 **A literatura no âmbito da Política de Ensino, Pesquisa e Extensão para a Área de Línguas do Instituto Federal de Santa Catarina**
Estela Ramos de Souza de Oliveira
- 888 **A literatura nos vestibulares da UFMS: entre o conceito, o cânone e o ensino**
Isabela B. Pimenta Gomide
Wellington Furtado Ramos
- 889 **A noção de “consciência” na BNCC: implicações para o ensino-aprendizagem de língua e literatura**
Maria Amélia Dalvi
- 890 **A pedagogia de Paulo Freire e o ensino de literatura**
José Hélder Pinheiro Alves

- 891 **Criação, circulação, crítica e ensino de literatura: a ocupação de diferentes espaços por mulheres na América Latina**
Ana Crelia Penha Dias
- 892 **Didática da literatura no Brasil a partir de práticas docentes**
Vera Lúcia Cardoso Medeiros
- 893 **Educação literária em perspectiva antirracista**
Vima Lia de Rossi Martin
- 893 **Ensino de literatura: experiências na Residência Pedagógica**
Danglei de Castro Pereira
- 894 **Entrelaçando olhares: escrita literária, consciência histórica e decolonialidade no Ensino Fundamental**
Nathalia Cardoso Seabra Rocha
Cristiano Ferreira Campos
- 895 **Era pouco e (quase) se acabou: esvaziamento do currículo de literatura para o ensino médio dos PCN à BNCC (1999-2018)**
Daniele Gualtieri Rodrigues
- 896 **Fissuras em família: sobre o ensino de literatura em três contos de Bernardo Kucinski**
Cecília Guedes Borges de Araujo
- 897 **Frestas para o alumbramento: por onde incide a experiência com o poético no cotidiano da sala de aula?**
André Luís Mourão de Uzêda
- 898 **Juventude e o ensino de literatura no Amazonas**
Silvana Rossélia M. dos Santos
- 899 **Letramento literário no ensino fundamental em Capistrano-CE: o programa MAIS PAIC e a formação do leitor no ensino remoto**
Elizabete Nascimento Aguiar
- 900 **Literatura e escola: ensino para não esquecer**
Josineia Sousa da Silva
- 900 **Literatura: o quê e para quem ensinar?**
Benedito Antunes
- 901 **O ensino da "realidade"**
Leonardo Ferreira Aguiar
- 902 **O ensino da leitura literária e a ficcionalização da vida na Educação do Campo**
Sílvia Gomes de Santana Velloso
- 903 **O ensino de literatura negra na escola: representatividade e ressignificação identitária**
Lígia Chaves Ramos dos Santos
- 903 **O ensino de literatura no IFRN: discussão teórica sobre a concepção de literatura no ensino médio integrado à formação profissional**
Marília Maia Saraiva
- 904 **O que ensinar nas aulas de literatura? – Uma experiência de leitura literária**
Humbelina Santos da Silva
- 905 **Pelo direito a literaturas**
Patrícia Trindade Nakagome
- 906 **Poesia além do papel**
Sirley da Silva Rojas Oliveira
- 907 **Por que ler e ensinar literatura indígena?**
Delma Pacheco Sicsú
- 908 **Práticas translingües e ensino de literaturas no Brasil**
Antonio Andrade
- 909 **Relações de poder e representações sociais que permeiam o discurso acadêmico em documentos para o ensino de literatura**
Augusto Moretti de Barros
- 910 **Tal legislação, qual literatura?**
Rosana Cristina Zanelatto Santos

-
- 911 **Simpósio 45**
Literatura e outras linguagens
em diálogos transdisciplinares:
afrodescendências,
africanidades, oralidades,
trânsitos e engajamentos
Epaminondas de Matos Magalhães
Marinei Almeida
Renata Beatriz B. Rolon
- 913 **A memória como objeto**
de denúncia na poesia de
Noémia de Sousa
Jaqueline da Silva Oliveira
- 914 **A metáfora do mar na poética**
de Diogo Virgílio de Lemos
Syjara Cristina Ferreira Santos
- 914 **A poesia de autoria feminina**
e o campo literário em Angola:
Paula Tavares e Amélia Dalomba
em diálogo
Renata Beatriz B. Rolon
- 915 **A Resistência continua: traduzir**
poesia como ato anticolonialista.
A Itália e o apoio aos movimentos
de libertação africanos
Vincenzo Russo
- 916 **Afrodíaspóra musical: uma análise**
sobre a formação do gosto musical
Monique Ivelise Pires de Carvalho
- 917 **Analisando o álbum *Dolores Dala***
***Guardião do Alívio* de Rico**
Dalasan: uma perspectiva de
transculturação
Lucas Dias Dionísio
- 918 **As marcas históricas do**
colonizador na formação
identitária e cultural guineense:
uma análise da obra *As orações de*
***mansata* de Abdulai Sila**
Maciel da Paixão Borges
- 919 **As vozes e os silêncios dos**
excluídos em narrativas de Mia
Couto e José Eduardo Agualusa
Ana Paula Rodrigues da Silva
- 920 **Carolina Maria de Jesus:**
um diálogo com *Os supridores,*
de José Falero
Roseli Gimenes
- 921 **Circulação dos mundos, circulação**
dos signos: configurações
afrotransatlânticas na poesia de
Edimilson de Almeida Pereira e nas
Artes visuais
Michel Mingote Ferreira de Ázara
- 921 **Diálogos possíveis:**
Esmeralda Ribeiro e Rosana
Paulino: poesia e arte afro-
brasileira
Daniela Rebeca Campos Atienzo
- 922 **Diáspora africana e identidade do**
sujeito negro, em *Esse Cabelo de*
Djaimillia Pereira de Almeida
Rute Lages Gonçalves
- 923 **Entre o abuso e a resistência:**
a criação de um mundo
imaginário em Duzu-Querença
de Conceição Evaristo
Eliane da Silva Deniz
Marcos Aparecido Pereira
- 924 **Ficção e história no romance**
moçambicano: *O Sétimo*
***Juramento*, de Paulina Chiziane**
Larissa da Silva Lisboa Souza
- 925 **José Craveirinha e Vera Duarte:**
poesia e resistência no espaço
literário nacional
Vanessa Pincerato Fernandes
- 925 **Luta e resistência em *Ponciá***
***Vicêncio*, de Conceição Evaristo**
Adelia Maria de Souza Lima
Epaminondas de Matos Magalhães
- 926 **Manuel Bandeira na esteira**
produtiva da literatura nacional
de Moçambique
Andréia Maria da Silva
Laís Maíra Ferreira

- 927 **Narrativas sobre a colonização portuguesa em Moçambique: confrontos entre José Craveirinha e Gilberto Freyre**
Luana Soares de Souza
Marinei Almeida
- 928 **O entre-lugar e as identidades múltiplas em *O Senhor das Ilhas*, de Maria Isabel Barreno**
Josiane Lopes da Silva Ferreira
- 929 ***Orfeu da Conceição* (Vinicius de Moraes) e *Orfeu* (Cacá Diegues): mediações interartísticas para o ensino da história e cultura afro-brasileira**
Sidnei Boz
Claudiomar Pedro da Silva
- 930 **Reflexões sobre o processo de maturação do projeto literário de Conceição Evaristo: pensando o ontem e o hoje**
Celiomar Porfirio Ramos
- 930 **Traços de uma matriz africana: preservação cultural e resistência em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo**
Lethicia Ramos Bernardino
-
- 932 **Simpósio 46**
Literatura e religiosidade
João Cesário Leonel Ferreira
Alex Villas Boas
Marcos Lopes
- 934 **A Bíblia e a imaginação visual: uma análise de *Gênesis 32***
Lucas Alamino Iglesias Martins
- 934 **A construção da moralidade nos três primeiros romances de Lygia Fagundes Telles**
Dankar Bertinato G. de Souza
- 935 **A dessacralização do sagrado no conto "melhor do que arder" de Clarice Lispector**
Teresinha Vânia Zimbrão da Silva
Rosina B. de Mello Santos Rocha
- 936 **A heteronímia pessoana enquanto espaço psicológico: um contraponto ao Fausto de Goethe**
Debora Domke Ribeiro Lima
- 937 **A poética cristã como anti-tragédia em Giorgio Agamben**
Alex Villas Boas
- 937 **A rua como um Exu**
Paulo Rodrigo Verçosa Barros
- 938 **A unidade da narrativa do rei Roboão no livro de Crônicas**
Ricardo Cesar Toniolo
- 939 **Arte kenótica: a miséria da teologia e a mística na poesia de José Tolentino Mendonça**
Marcio Cappelli Aló Lopes
- 940 **As personagens judias de Clarice Lispector**
Thiago Cavalcante Jeronimo
- 941 **As tecelagens de Rainer Maria Rilke e Dora Ferreira da Silva**
Ana Maria Ferreira Côrtes
- 941 **Crítica e aceitação da religiosidade rural na ficção de Coelho Neto**
Gustavo Krieger Vazquez
- 942 **Espiritualidade tolstoiana em *A sonata a Kreutzer***
José Antônio da Silva Costa
- 943 **Lázaro: uma análise literária de João 11:1-55**
Cristhiano Motta Aguiar
- 944 **Literatura e Religião: José Saramago (re)leitor e (re)escritor da Bíblia**
Odete Jubilado
- 945 **Nomear é chamar à existência: a nomeação de Deus e do Diabo em Hilda Hilst e Guimarães Rosa**
Vitor Hugo Luís Geraldo
- 945 **O encontro de Jesus com a mulher pecadora: uma análise narrativa**
Lucas Viana de Oliveira Júnior

- 946 **O Nascimento de Nossa Casa – Um outro mundo – Livro e projeto**
Alceu João Gregory
- 947 **O que a polarização não explica: religião e literatura na crítica literária modernista**
Elisa Domingues Coelho
- 948 **O realismo animista como educação antirracista em “O feiticeiro”, de Xavier Marques**
Fabio Rodrigo Penna
- 949 **O Romantismo francês e o Cristianismo: afinidades e rupturas**
Cristovam Bruno Gomes Cavalcante
- 950 **O sagrado e o profano em *The Spire*, de William Golding**
Luiz Eduardo Ferreira Dockhorn
- 950 **O sagrado e o profano em: *Os Caminhantes de Santa Luzia* de Ricardo Ramos e *Graça* de Luiz Vilela**
Elcione Ferreira Silva
- 951 **Pães, peixes, multiplicação: estratégias narrativas no evangelho de Mateus 14.13-21**
João Cesário Leonel Ferreira
- 952 **Paganismo e cristianismo em Adélia Maria Woellner e Maria Teresa Horta**
Clarice Braatz Schmidt Neukirchen
- 953 **Para além da fé: o olhar sciliariano no Novo Testamento**
Isabel Arco Verde Santos
- 954 **Realidade e imaginação: a ficcionalização da religiosidade em *Morte e vida severina***
Tiago Miguel Stieven
Ivânia Campigotto Aquino
- 955 **Ressignificações da imagem dos anjos na literatura moderna e contemporânea**
Wandersson Hidayck Silva
- 955 **Teopoética: uma análise sobre a produção literária dos simpósios Literatura e Religiosidade dos congressos ABRALIC 2018 a 2020**
Gabriel Aquino da Cruz
-
- 957 **Simpósio 47**
Literatura e seus trânsitos transdisciplinares com outras linguagens artísticas
Cassia Dolores Costa Lopes
Lisa Carvalho Vasconcellos
Sandro Santos Ornellas
- 959 **É noite, sinto que é noite: figuras da noite no cinema brasileiro contemporâneo**
Pedro Rena Todeschi
- 960 **A construção da palavra e da imagem em *Quando meu pai se encontrou com o ET fazia um dia quente*, de Lourenço Mutarelli**
Graziela Ramos Paes
- 961 **A imagem da mão e suas interfaces reflexivas: o diálogo entre a literatura e outras artes**
Cassia Dolores Costa Lopes
- 961 **A poética pós-digital dos Livros de Artista de Isabel de Sá**
Sandro Santos Ornellas
- 962 **Aprendizagem política em *400 contra 1* e *Quase dois irmãos***
Lícia Soares de Souza
- 963 **Deslocamentos geográficos e transdisciplinares em *Não escrever*, de Paloma Vidal**
Katerina Blasques Kaspar
- 964 **Literatura e música em *The Book of Sand* de Michel Van der Aa**
Cláudia Grijó Vilarouca
- 964 **O palco nas ondas do rádio. Sobre as experimentações transmidiáticas de Bertolt Brecht**
Thereza de Jesus Santos Junqueira

- 965 **O sonho – uma potência do delírio: garotos que escrevem, dramaturgias e teatralidades em *Tudo sobre minha mãe e Dor e Glória* de Pedro Almodóvar**
Eduardo Reis Silva
- 966 **Olhar o mundo, ver o tempo: atmosfera e ambiência em *Sophia de Mello Breyner Andresen e no longa-metragem “Me chame pelo seu nome”***
Rodrigo Corrêa da Fonseca
- 967 **Papéis da prisão: o livro de artista de Luandino Vieira**
Lisa Carvalho Vasconcellos
- 968 **Ritornelos: uma estética do movimento nômade, uma ética da ressonância fantasmagórica no teatro e no cinema**
Midian Angélica Monteiro Garcia
- 969 **Rosa, Drummond e Rosa: poéticas magmáticas**
Leonardo Augusto Bora
-
- 970 **Simpósio 48**
Literatura e tecnologia: futuros (im)possíveis
Vinícius Carvalho Pereira
Andréa Catrópa da Silva
Rejane Cristina Rocha
- 972 **A criação poética e digital de Álvaro Andrade Garcia**
Carmélia Daniel dos Santos
- 972 **A escrita roteirizada de Marçal Aquino em “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios”**
Marília Corrêa Parecis de Oliveira
- 973 **As escritas sígnicas de Wilton de Azevedo: poesia, visualidade, música e tecnologia**
Rogerio Barbosa da Silva
- 974 **Entre a liberdade e a coesão narrativa: a agência em *OWNED – um novo jogador*, de Simone Campos**
Flávio Vilela Komatsu
- 975 **Entre a sequência e a obsolescência: arquivo e preservação digital em plataformas de autopublicação de fanfictions**
Ingrid Lara de Araújo Utzig
- 976 **Librare: uma análise do processo de remediação do livro impresso para o digital**
Andréia Shirley Taciana de Oliveira
- 977 **Literatura brasileira: uma leitura distante**
Emanoel Cesar Pires de Assis
- 977 **Literatura Digital Brasileira: olhar para a produção crítica**
Rejane Cristina Rocha
- 978 **Literatura e tecnologia: dos algoritmos ao streaming**
Fellip Agner Trindade Andrade
- 979 **Literatura Estrangeira no ensino médio: incentivo à leitura, multiletramentos e criatividade em ação**
Bárbara Cotta Padula
- 980 **Literatura no Século XXI: Encantamentos das Leituras a partir das Perspectivas Digitais**
Eliane Dolens Almeida Garcia
- 981 **Modos de ler e os espaços virtuais para a produção de leitura**
Andréa Catrópa da Silva
- 982 **Narrativas eletrônicas versus narrativas impressas – analisando o caso de “Refúgio”, de Cátia Ana Maiara Alvim de Almeida**
- 983 **Notas sobre a poética diagramática de Jim Rosenberg em *Diagrams Series 6: 6.4 and 6.10***
Vinícius Carvalho Pereira
- 984 **Poéticas Digitais no Brasil: cartografias de uma rede de poetas, artistas e pesquisadores**
Amanda Rafaela Gomes Martins

- 984 **Revista *Texto Digital*:
 Percursos possíveis**
Nair Renata Amâncio
-
- 986 **Simpósio 49
Literatura e testemunho:
teorias, limites, exemplos**
Marcelo Ferraz De Paula
Wilberth Claython Ferreira Sal-
gueiro
Marcelo Paiva De Souza
- 988 **“Diário do Hospício”:
onde o testemunho
e a literatura se encontram**
Thais da Silva César
- 988 **“Esta é a realidade da minha vida”:
primeiras considerações sobre a
literatura testemunhal de Vera
Tereza de Jesus**
Luciana Iost Vinhas
- 989 **A pós-memória nas *graphic novels*
testemunhais *Maus* de Spiegelman
e *Chleb* WOLNOŚCIOWY
de Piechnik**
Karina Moraes Kurtz
- 990 **As figuras do testemunho
latino- americano**
Christian Marie Victor Simon
Dutilleux
- 991 **Confissão e Testemunho
em *Memórias do cárcere***
Angélica Fernanda Mondêgo Ramos
- 992 **Convertendo nós em tranças:
o testemunho como ficção
especulativa**
Raquel Tamaio De Souza
- 993 **Das sombras ao sol: uma análise
comparativa de *Formas de volver a
casa* (2017) de Alejandro Zambra e
Hija de Revolucionarios (2018) de
Laurence Debray**
Diego Cardoso Perez
- 993 **Depois da memória: Zambra e
Vidal entre ficção e testemunho**
Tatiane de Souza França Rangel
- 994 ***Diário de Prisão*,
poemas de Ho Chi Minh**
Yasmeen Pereira da Cunha
- 995 **Escritas insubmissas e
testemunhos possíveis
em *Esperança Garcia*
e *Maria Firmina dos Reis***
Antoniele de Cássia Luciano
- 996 **“Eu vi a fumaça da pólvora, eu vi a
corneta bradar”: testemunho e
resistência cultural no canceiroiro
popular sobre a guerra de Canudos**
Tarcisio Fernandes Cordeiro
- 997 **Formação e tradução
de Antonio de Erauso:
o testemunho da viagem de espaço
e gênero do alferes que foi freira**
Leticia Pilger da Silva
Suéliton de Oliveira Silva Filho
- 998 **Fuga a duas vozes:
poéticas de escuta em
Primo Levi e Roberto Bolaño**
Leandro Donner
- 998 **Graciliano Ramos
e a escrita encarcerada**
Susana Souto Silva
- 999 **Literatura, memória e resistência:
perturbações da e à memória**
Gislene Teixeira Coelho
- 1000 **Machismo e feminicídio:
leitura de “Mulher do fim do
mundo”, de Tatiana Pequeno**
Wilberth Claython Ferreira
Salgueiro
- 1001 **Memória familiar e trauma
coletivo em “Białystok, a jornada”,
de Bernardo Kucinski**
Weverson Dadalto
- 1002 ***Memórias do esquecimento* e o
encontro com o real no cárcere**
Fátima Almeida da Silva
- 1002 ***Memórias em conflito* em *Essa
Dama Bate Bué!*, de Yara Monteiro**
Rosângela Sarteschi

- 1003 **MPB e testemunho: um estudo de três canções de Gonzaguinha**
Daniella Bertocchi Moreira
- 1004 **O “atravessar” da Literatura que testemunha e modifica**
Alice Rodrigues Crivano da Silva
- 1005 **O nó de Gullar: lírica e testemunho em *Dentro da Noite Veloz***
Guilherme Bruno Giani
Regina Barbosa Tristão
- 1006 **O que resta do resto? Notas sobre o conceito de sobrevivência em Agamben e Derrida**
Juliana Maria Silva de Sá
- 1007 **O retrato da vida periférica em contos e letras de rap. Um olhar sobre a narrativa voraz, de Ferréz a Racionais MC’s**
Rhegysmere Myrian Rondon Alves
- 1008 **O sonho de vida nova versus o terror do leprosário**
Maria Isolina de Castro Soares
- 1008 **O testemunho da presa política Preta Ferreira em “Minha carne: diário de uma prisão”**
Guilherme Henrique Ferreira Pimentel
- 1009 **O testemunho e a violência em *Cachorro Velho*, de Teresa Cárdenas**
Mônia Franciele de Souza Dourado
Mateus Soares Dias
- 1010 **O testemunho em *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto**
Cinthia Mara Cecato da Silva
Elizabeth Gerlândia Caron Sandrini
- 1011 **O testemunho no texto ficcional do romance português contemporâneo**
Cinthia da Silva Belônia
- 1012 **O testemunho poético no limiar da lírica moderna**
Marcelo Ferraz De Paula
- 1013 **O trauma em cena: memória e resistência na poesia de Alex Polari**
Suzeli Santos Santana
- 1013 **Poesia de resistência, poesia engajada, poesia de testemunho**
Cristiano Augusto Da Silva
- 1014 ***Proyecto 1980-2000, el tiempo que heredé*: testemunho e comunitarismo na construção da história peruana contemporânea**
Rafa da Silveira Falcão
- 1015 **Quarentena Poética: Slam das Minas RJ subindo testemunhos nas redes sociais**
Guilherme dos Santos Ferreira da Silva
- 1016 **Retratos da arbitrariedade do uso da força e violência em *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos**
Edson Sousa Soares
- 1017 **Revista *Casa de Las Americas*: o testemunho como construção identitária latino-americana**
Sueli Funari
- 1018 **Romance contemporâneo afro-brasileiro *Água de Barrela* (2016) de Eliana Alves Cruz: o testemunho dos mecanismos femininos de resistência**
Andreia Lívia de Jesus Leão
- 1018 **Sobre como individualizar covas coletivas: os conflitos agrários na poesia brasileira**
Eliziane Fernanda Navarro
- 1019 **Testemunho literário e memória cultural da escravidão nas traduções de *Jazz*, de Toni Morrison**
Prila Leliza Calado
- 1020 **Testemunho na poesia afro-feminina: reflexões em uma análise do poema “O grito”, de Jenyffer Nascimento**
Fabiana da Silva Soares

- 1021 **Testimonialidades lagunares. Puño y letra de Diamela Eltit**
Maria Jose Sabo
- 1022 **Titularidade e precariedade do narrar: a literatura transgeracional e as ditaduras latino americanas**
Lua Gill da Cruz
- 1023 **Traduzir a culpa e a (des)memória: notas para um projeto de tradução da peça *Burmistrz* (O prefeito), de Malgorzata Sikorska-Miszczuk**
Marcelo Paiva De Souza
- 1023 **Viagens ao passado ou diários do presente? Uma aproximação a três romances da venezuelana Ana Teresa Torres**
Jesus Oneiver Arellano Perez
-
- 1025 **Simpósio 50 Literatura infantil e juvenil brasileira na contemporaneidade: diálogos transdisciplinares**
Eliane A. Galvao Ribeiro Ferreira
Diana Navas
Diógenes Buenos Aires de Carvalho
- 1027 **"Viver é feito à mão / viver é risco em vermelho": a contemporaneidade de Nilma Lacerda**
Cecilia Barchi Domingues
Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira
- 1028 **A literatura infantil em exposição: sobre museus, infância e nostalgia**
Ana Luiza Rocha do Valle
- 1028 **A literatura na BNCC: um estudo das habilidades dos anos finais do ensino fundamental**
Mariana da Silva Santos
- 1029 **A materialidade como linguagem narrativa: leituras do livro-objeto**
Diana Navas
- 1030 **A materialidade e a construção da memória na narrativa juvenil "Clarice" (2018), de Roger Mello e Fellipe Cavalcante**
Camila Pereira de Sousa
Cleanne Nayara Galiza Colaço
- 1031 **A poesia contemporânea no livro ilustrado infantil: análise da obra *Que lambança!*, de Ana Maria Machado**
Fabricia Jeanini Cirino Pinto
- 1032 **Apontamentos sobre literatura de cultura de massa, best-sellers e leitores: por uma relação conciliatória**
Luzimar Silva de Lima
- 1033 **As linguagens metafictionais do livro ilustrado contemporâneo**
Luara Teixeira de Almeida
- 1033 **Entrecruzamento entre História e Literatura como reminiscência de um perigo iminente pelas tessituras verbais e visuais na quadrilogia de Ruth Rocha**
Ana Claudia dos Santos
- 1034 **Gênero e diversidade sexual na literatura brasileira para crianças e jovens**
Erivan da Silva Dantas Filho
- 1035 **Infância e Poesia no conto "A menina de Lá", em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa**
Valéria Ribeiro de O. Magalhães
- 1036 **Juvenil ou jovem adulto? A adolescência contemporânea em "Enfim, capivaras", de Luisa Geisler, e "Conectadas", de Clara Alves**
Severino Rodrigues da Silva
Daniela Maria Segabinazi
- 1037 **Livro ilustrado, acervos e escola: a leitura de imagens como um direito do (pequeno) leitor**
Andreia Aparecida Suli da Costa
Kelly C. Henschel Pobbe de Carvalho

- 1037 **Maia e Mia e a Sapa Tonia da materialidade de suas caixas para o digital**
Mariana Amargós Vieira
- 1038 **Narrativa verbovisual de André Neves: provocações ao leitor contemporâneo**
Diógenes Buenos Aires de Carvalho
- 1039 **O conto contemporâneo na sala de aula: estratégias e práticas de leitura no ensino médio**
George de Santana Mori
Ricardo Magalhães Bulhões
- 1040 **O Espaço "Sítio do Picapau Amarelo", em O Saci: uma toponímia das terras de Dona Benta**
Daniel Fernandes da Silva
- 1041 **O livro interativo para a infância e a reconfiguração do papel do leitor**
Mayla Luiza de Almeida
- 1042 **O lugar menor da linguagem: o valor do detalhe no limiar dos livros ilustrados**
Lion Santiago Tosta
- 1043 **O romance de formação na literatura juvenil premiada: um estudo de *Fragosas brenhas do mataréu* (2014), de Ricardo Azevedo**
Danilo Fernandes Sampaio de Souza
- 1043 **O universo transmídia e multimodal de *Once upon a time*: apropriações, paratextos e extensões ficcionais**
Renata Andreolla
- 1044 **Olhares negros e representação: uma abordagem dialógica da literatura negra infanto-juvenil nos contos "Um olhar" e "Olhos d'água"**
Mariana Costa do Carmo
Benício Mackson Duarte Araújo
- 1045 **Pelas margens do livro ilustrado contemporâneo: uma análise comparativa entre "Rosa" e a "A terceira margem do rio"**
Mell Sauter Brites Guimarães
- 1046 **Posso ficar com ele?: O livro-objeto como um convite à exploração dos sentidos**
Maria Laura Pozzobon Spengler
Juliana Pádua Silva Medeiros
- 1047 **Um amigo feito de trapos: o espantinho como representação da impermanência nas histórias infantis**
Valter Henrique de Castro Fritsch
-
- 1049 **Simpósio 51**
Literatura infantil/juvenil, visadas teóricas em pesquisa e ensino
Regina Silva Michelli Perim
Beatriz dos Santos Feres
Nataníel dos Santos Gomes
- 1051 **A Barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: leitura de prazer para reflexão de saber**
Maria Teresa Gonçalves Pereira
- 1052 **A figuração de mulheres sábias e seus feitiços nos contos de Hans Christian Andersen**
Lígia Regina Máximo C. Menna
- 1052 **"A gazela encantada" e "A velha esfolada": reminiscências do contar e da condição humana**
Diogo da Silva Nascimento
- 1053 **A sororidade nos contos de fadas da Disney**
Bruna Vieira Dorneles
- 1054 **Adaptação de linguagens, identidade e marcas discursivas no livro "Prezado Ronaldo"**
Tatiana Nunes de Lima Camara
- 1055 **As fraturas expostas no livro *Intramuros***
Andréia de Oliveira Alencar Iguma

- 1056 **As mil e uma noites adaptadas para o público infantil e juvenil**
Dayse Oliveira Barbosa
- 1056 **Da África ao Brasil: literatura e história**
Tania Maria Nunes De Lima Camara
- 1057 **Do lixo para as mãos do leitor: O livro do acaso, de Nelson Cruz**
Telma Borges da Silva
- 1058 **Do lobo mau ao mau lobo: memória e resistência na (re)construção dos imaginários e nas metamorfoses**
Beatriz dos Santos Feres
Regina Silva Michelli Perim
- 1059 **Ecos da natureza nos contos de fada e histórias de Andersen**
Euclides Lins de Oliveira Neto
- 1060 **Leitura literária: presença poética no maravilhoso de Liao e Sendak**
Juliana Gonçalves Mutafi
- 1061 **Lendas brasileiras e Cidade Invisível: releitura contemporânea no audiovisual**
Sandra Trabucco Valenzuela
- 1061 **Literatura, história e sensibilidade: a abordagem da violência sobre a personagem Russo de Má Pelo, em *Portugal Pequeno***
Raiza Marques Sampaio
- 1062 **Literaturas de língua oficial portuguesa e seu ensino**
Maria Auxiliadora Fontana Baseio
- 1063 **O dito e o não dito em Harry Potter: a associação entre os nomes das Casas de Hogwarts, suas características descritas pelo Chapéu Seletor e o emblema hogwartiano**
Karina Seferian Ventura
- 1064 **O duelo literário entre Ana Maria Machado e artistas populares**
Flávia Maria Reis de Macedo
- 1065 **O feminino entre palavra e imagem em "A Bela Adormecida"**
Regina Célia Ruiz
- 1066 **O fenômeno Anne de Green Gables e a formação do leitor estético: análise da obra *Anne de Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery**
Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos
- 1066 **O reendereçoamento de clássicos: uma análise sobre a versão em quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis**
Gabriela Ribeiro Nunes
- 1067 **Pela porta dos fundos: um estudo sobre a ambivalência na obra infantil de J.M.G. Le Clézio e Jacques Prévert**
Lia Araujo Miranda de Lima
- 1068 **Princesas no divã? Imaginários sociodiscursivos na (des) construção do universo feminino**
Gisele Arruda Eckhardt
Roberta Viegas Noronha
- 1069 **Representações da consciência ficcional nos textos infantis de Virginia Woolf**
Guilherme Magri da Rocha
- 1070 **Temas fraturantes na literatura infantil, da tradição à contemporaneidade: reflexões necessárias**
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos
Maria Zilda da Cunha
- 1071 **Ver, pensar e falar: a recepção estética dos livros de narrativa por imagens na educação infantil**
Sayonara Fernandes da Silva, Marly Amarilha
-
- 1072 **Simpósio 52 Literatura portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas**
Gabriela Silva
Ilse Maria da Rosa Vivian
Tainara Quintana da Cunha

- 1074 **"Da estátua à pedra", de José Saramago e as possíveis reverberações da literatura portuguesa contemporânea**
Bianca Rosina Mattia
- 1075 **"Eu estive lá": Dulce Maria Cardoso em cinco contos autoficcionais**
Larissa Fonseca e Silva
- 1076 **A lição de poética de Adília Lopes**
Gabriela Silva
- 1077 **Adília Lopes aparece na TV em 1971 (ou 1972)**
Ana Luíza Rigueto da Silva
- 1078 **Adília Lopes cronista**
Roberto Bezerra de Menezes
- 1079 **Afonso Cruz e o romance romântico: sobre a estética arabesca**
Drisana de Moraes Oliveira Santos
- 1080 **Alumbramentos: "a voz e a letra" em Terra sonâmbula, de Mia Couto**
Tainara Quintana da Cunha
- 1081 **As Naus de António Lobo Antunes: entre fantasmas e anti-heróis**
Francilene Monteiro da Silva
- 1082 **Cinco Voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso: a narrativa "transgênero" de Alexandra Lucas Coelho**
Mariana Letícia Ribeiro
- 1083 **Contemporâneo, Lisboa: afropolitanismo e melancolia pós-colonial**
Luca Fazzini
- 1084 **Estuário: a literatura lusitana contemporânea e a escrita da nação**
Clenir Da Conceição Ribeiro
- 1085 **Figurações de escritor e evidências de uma poética romanesca nas crônicas de António Lobo Antunes**
Thais Moreira de Oliveira
- 1086 **Luanda, Lisboa, Paraíso: a estética negra, pós-colonial e subjetiva na escrita de Djaimilia Pereira de Almeida**
Tarik Mateus Adão da C. de Almeida
- 1087 **Narração e fragmentação em *Passo para Sul* de Judite Canha Fernandes**
Rejane Queiroz Gonçalves
- 1088 **O amor é um banquete no qual me alimento: aberturas possíveis para a prosa portuguesa contemporânea em *A gorda*, de Isabela Figueiredo**
André Carneiro Ramos
- 1089 **O fazer poético de Manuel António Pina em 'Farewell happy fields'**
Cláudia Mentz Martins
- 1090 **O indesejável e amargo regresso em *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso**
Kátia M. Bianchi Ferreira Pessoa
- 1091 **O itinerário de Bloom em *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares: intertextualidade em uma viagem burguesa no século XXI**
Taciane Aparecida Couto
- 1092 **O jogo do absurdo: uma leitura de Dias úteis, de Patrícia Portela**
Carlos Roberto dos Santos Menezes
- 1093 **O olhar que (re)cria: diálogos entre o pintor Paul Cézanne e a personagem Paulo Vaz, de *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão**
Orivaldo Rocha da Silva
- 1094 **O ser português em jogo em *Caderno de Memórias Coloniais* de Isabela Figueiredo**
Fernando Januário Pimenta
- 1095 **O texto *Catarina* (2020) ou o livro que não há: as vias possíveis no texto de Maria Gabriela Llansol**
Winnie Wouters F. Monteiro

- 1092 **O Tibete de África e o romance histórico: uma perspectiva de leitura**
Carlos Henrique Fonseca
- 1093 **O vento assobiando nas gruas: a identidade portuguesa após o 25 de abril**
Thais Marley Ferreira da Silveira
- 1093 **Os caminhos da memória traumática em *Filho da Mãe*, de Hugo Gonçalves**
Livia Vilaça Santos
- 1094 **Que(m) vê o texto: "corpos unidos a ler" *Onde vais, drama-poesia?*, de Maria Gabriela Llansol**
Suelen Cristina Gomes da Silva
- 1095 **Quebra-cabeça de uma biblioteca deformada: a revisitação do cânone e suas conexões em *Senhor Eliot* e as *Conferências*, de Gonçalo M. Tavares**
Maria Catarina Rabelo Bozio
- 1096 ***Regresso a casa* de José Luís Peixoto: da construção poética à viagem do sujeito contemporâneo**
Eliana da Conceição Tolentino
- 1097 **Saramago e a singularidade do ser contemporâneo**
Pamera Ferreira Santos
- 1098 **Tempo e memória como elementos condutores do discurso intimista feminino em *Nas tuas mãos*, de Inês Pedrosa**
Keurnyn Stéfane Barbosa de Araújo
- 1098 **Um Conto em Três Tempos: "Viagem à Ilha de Satanás", de José Cardoso Pires**
Marcelo Pacheco Soares
- 1100 **Simpósio 53
Literatura traduzida na e sobre a Amazônia**
Lilian Cristina Barata P. Nascimento
Marie Helene Catherine Torres
Joaquim Martins Cancela Júnior
- 1102 **A Amazônia holandesa traduzida no Brasil**
Julio Cesar Neves Monteiro
- 1102 **As ecoteorias da tradução no mundo e no Brasil: Estado da Arte**
Marie Helene Catherine Torres
- 1103 **Jan Jacob Hartsinck e as Guianas ocupadas por europeus**
Walter Carlos Costa
- 1104 **Notas críticas acerca da tradução russa de *Linha do parque*, de Dalcídio Jurandir**
Raphael Bessa Ferreira
- 1105 **Os desafios da tradução na escrita de fôlego de Emilie Snethlage: sobre as etnias Xipiaia e Curuaia do Médio Xingu**
Cilene Trindade Rohr
Rosanne C. de Castelo Branco
- 1105 **Para além dos Campos de Cachoeira**
Joaquim Martins Cancela Júnior
- 1106 ***Reise in Brasilien*, de Martius e Spix (1928): uma tradução comentada do olhar iluminista sobre a Amazônia**
Alessandra R. de Oliveira Harden
- 1107 **Tradução comentada do conto amazônico "La fuente cuyana", de J. Herrera, para o português brasileiro**
Lilian Cristina B. P. Nascimento
- 1108 **Tradução de "A Viagem do Descobrimento": incidentes e conflitos entre índios e expedicionários**
Andréa Cesco
- 1109 **Uma viagem de reconhecimento através das terras da região amazônica**
Katia Aily Franco de Camargo

-
- 1110 **Simpósio 54**
Literatura, artes plásticas e artes cênicas: o percurso transdisciplinar por meio da tradução intersemiótica
Samuel Anderson de Oliveira Lima
Leila Maria de Araújo Tabosa
Yuri Brunello
- 1112 **Aspectos da Pop Art em *A Hora da Estrela***
Ricardo Iannace
Paulo Felipe Costa e Silva
- 1113 **Da literariedade ao intertexto: o caráter interartístico no romance *O arroz de palma*, de Francisco Azevedo**
Marli Lobo Silva
- 1113 ***Grande sertão: o romance de Guimarães Rosa (1956)* e o filme de Geraldo Santos Pereira e Renato Santos Pereira (1965)**
Maria Cláudia Bachion Ceribeli
- 1114 **Intermedialidade em Manoel de Barros: entre a poesia e a dança**
Maria Helena Santana Moreira
Neurivaldo Campos Pedroso Junior
- 1115 **Murilo Mendes e Guignard: relação entre poesia e pintura através da obra *Retrato de Murilo Mendes, 1930*, por Guignard**
Gabriele Oliveira Teodoro
- 1116 **O diálogo entre Carpentier e Goya em *El siglo de las luces***
Maria Stella Galvão Santos
- 1116 ***O Fantasma da Ópera* além dos Palcos: a construção do Personagem do Fantasma e a intermedialidade no teatro**
Mariana Seminatti Pacheco
- 1117 **O Serafim cubista, uma tradução intersemiótica**
Vitor Furtado
- 1118 **Pirandello e o mundo moderno: a crise do drama**
Nayara Carla da Fonseca
- 1119 **Policarpo Quaresma em 2021: tradução intersemiótica do amor e desespero de um brasileiro sempre atropelado pela pátria**
Daniele Lessa Soares
- 1120 **Transcriar Nuno Ramos: uma dupla tradução intersemiótica**
Irma Caputo
-
- 1121 **Simpósio 55**
Literatura, lugar de memória: a arte como um direito
Sabrina Vier
Juciane dos Santos Cavalheiro
Márcia Lopes Duarte
- 1123 **“Os lugares de memória” pelo flâneur de Milton Hatoum: literatura como direito à humanização e contestação a ideais totalitários**
David Costa de Souza
- 1123 **A presença de Alice em *O corpo interminável*, de Claudia Lage**
Luciana Paiva Coronel
Maria Zilda Ferreira Cury
- 1124 **Avaliação e poesia: do abstrato ao concreto**
Márcia Lopes Duarte
- 1125 ***Catch 22*: o humor retratando o horror**
Wladimir D'Ávila Uszacki
- 1126 **Culpa em *Cabo de Guerra*: Entre dois lados de um regime**
Andressa Estrela Lima
- 1127 **Memória e enunciação em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, de Milton Hatoum**
Juciane dos Santos Cavalheiro
- 1127 **Memória e esquecimento, visibilização e apagamento em *Stella do Patrocínio***
Anna Carolina Vicentini Zacharias

- 1128 **Memória, solidão e exílio: notas sobre "A noite da espera" (2017), "Pontos de fuga" (2019) e "Cinzas do Norte" (2005), de Milton Hatoum**
Ester Cordeiro da Fonseca
- 1129 **Narrar e resistir: ecos da ditadura na literatura brasileira contemporânea**
Raimunda Thamires M. Maquiné
- 1130 **Narrativas invisibilizadas em cifras: memórias de corpos tecidos de contas**
Gerson Rodrigues de Albuquerque
- 1131 **Os processos de uma catástrofe humana: discussões sobre a obra *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi a partir da teoria de Walter Benjamin**
Carolina Izabela Dutra de Miranda
- 1132 **Uma viagem pela memória, em *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony**
Camila Marcelina Pasqual
- 1133 **Zélia Gattai: memória e história**
Luciana Terra Targino
-
- 1134 **Simpósio 56**
Literaturas de língua inglesa da/na/sobre África: ampliando diálogos, travessias, desafios
Janice Ines Nodari
Mônica Stefani
João Pedro Wizniewsky Amaral
- 1136 **"What do i care for this body that has betrayed me?": figurações do corpo em *Age of Iron*, de J. M. Coetzee**
Ernani Silverio Hermes
- 1137 **A colonização africana e a posição da mulher nigeriana no conto "a historiadora obstinada", de Chimamanda Ngozi**
Ladjane de Barros Santos
- 1137 **As vozes do discurso indireto livre e a tradução: observando *Disgrace* e *Desonra***
Cecília Fischer Dias
- 1138 **Britânico e cristão de encontro com mouros e negros: *Mungo Park e seu diário pela África***
Mariana Hetti Gomes
- 1139 **Buchi Emecheta: (re)considerações sociais e culturais por meio da memória em *As Alegrias da Maternidade***
Mônica Stefani
- 1140 **Descolonizando mentes com a defesa pela Oratura: breves considerações sobre as produções de Ngũgĩ wa Thiong'o e Micere Githae Mugo**
Janice Ines Nodari
- 1141 **Notas sobre o luto: escrita de si e projeto literário**
Juliana Borges Oliveira de Moraes
- 1142 **Reflexões de J.M. Coetzee em torno da língua-mãe**
Talita Mochiute Cruz
-
- 1143 **Simpósio 57**
Literaturas em abismo: a perspectiva intersemiótica em debate
Fernando de Mendonça
Maria do Carmo de Siqueira Nino
Mariângela Alonso
- 1145 **"A alma vagueante" de Mário Cláudio: o escritor entre os seus**
Mariana Caser da Costa
- 1146 **"La ventana imanta todas las ojeadas inquietas": o signo do cinema no poema "Insomnio", de Jorge Luis Borges**
Palmireno Couto Moreira Neto
- 1146 **A identidade negociada de William Blake em *Dead Man*, de Jim Jarmusch**
Igor Gonçalves Miranda

- 1147 **Armas ofensivas: imagem, palavra e espetacularidade em Machado, de Silviano Santiago**
Luís Matheus Brito Meneses
- 1148 **As grotescas paródias musicais e pictóricas e outros intertextos, em um Sopro de vida (pulsações), de Clarice Lispector**
Joel Rosa de Almeida
- 1149 **Da Frantumaglia à desmarginação: o abismo na obra de Elena Ferrante**
Tatianne Santos Dantas
- 1150 **Em Busca da Intimidade Perdida: um sorriso épico de Pedro Costa ao cinema de Straub & Huillet**
Fernando de Mendonça
- 1150 **Entre a cinescrita e a literatura: os modos de subjetivação no cine-ensaio de Varda e escrita de Clarice Lispector**
Ana Karla Batista Farias
- 1151 **Hic et nunc como uma ode à impermanência no romance gráfico Aqui, de Richard McGuire**
Maria do Carmo de Siqueira Nino
- 1152 **Mise en abyme, visualidade e escultura em A paixão segundo G.H.**
Mariana Silva Bijotti
- 1153 **O cruzamento de narrativas e memórias: a mise en abyme em Terra Sonâmbula**
Luara Carvalho Fontes Menezes
- 1154 **O ensaísmo visual de Arlindo Daibert a partir do recurso da mise en abyme**
Wanessa Rayzza Loyo da Fonseca
Marinho Vanderlei
- 1154 **O vórtice abissal na ficção de Marques Rebelo**
Mariângela Alonso
- 1155 **Poesia e fotografia em 3x4, de Armando Freitas Filho**
César de Oliveira Santos
- 1156 **Um álbum de viagens das memórias pessoais: uma breve apresentação de América Latina: Traição e outras viagens, de Banana Yoshimoto**
Joy Nascimento Afonso
-
- 1157 **Simpósio 58 Literaturas hispânicas em diálogo: memórias, histórias e narrativas nos séculos XX-XXI**
Luciana Ferrari Montemezzo
Phelipe de Lima Cerdeira
Rosane Maria Cardoso
- 1159 **O livro dos abraços: tradução anotada de dois relatos; escrita por Eduardo Galeano (1940-2015)**
Gelen Adriana Alvez A. Freitas
- 1159 **A câmera atenta: o espetáculo da morte e da violência em duas narrativas hispano-americanas do século XXI**
Eulálio Marques Borges
- 1160 **A reconstrução de uma personagem histórica do século XIX ao século XX: Mariana Pineda, de Federico García Lorca**
Bárbara Loureiro Andreta
- 1161 **As memórias de Vargas Llosa na literatura do Boom hispano-americano**
Rocio Del Carmen Celis Lozano
- 1162 **Mare, no entenc els salmons: el exilio republicano español em um conto de Montserrat Roig**
Katia Aparecida da Silva Oliveira
- 1163 **O gaucho além dos pampas: a nueva narrativa argentina anticipatoria**
Priscila Maria de Souza Dantas
- 1164 **O olhar andaluz em Impresiones y paisajes: tradução comentada e anotada de "Albaicín" de Federico García Lorca**
Ariane Fagundes Braga

- 1164 **Procedimentos de escrita e estratégias narrativas no romance**
Antonio Gerson B. de Medeiros
- 1165 **Tecer e destecer: a memória como prática metaliterária em três romances de Maria Teresa Andruetto**
Phelipe de Lima Cerdeira
- 1166 **Tensividades do discurso fascista em *Soldados de Salamina* de Javier Cercas**
Alexandre Silveira Campos
- 1167 **Tradução da escrita feminina contemporânea na Espanha: "Operación cancelada", de Rosario Pérez Blanco**
Luciana Ferrari Montemezzo
-
- 1169 **Simpósio 59**
Literaturas latino-americanas de expressão francesa
Danielle Grace de Almeida
Dennys Silva-Reis
Rosária Cristina Costa Ribeiro
- 1171 ***Cartas a uma negra* e *Quarto de despejo*: as experiências do BUMIDOM para as antilhanas e as da favela para os favelados**
Samanta Siqueira
- 1172 **Do Caribe à totalidade-mundo: usos possíveis da noção de prefácio em Édouard Glissant**
Ella Ferreira Bispo
Alcione Correa Alves
- 1173 **Narrativas históricas guianenses e a construção do espaço romanesco: o caso de *Le nègre du gouverneur***
Rosária Cristina Costa Ribeiro
- 1174 **Notas sobre Realismo Maravilhoso na poética do Caribe**
Dieumettre Jean
- 1175 **O tam-tam do discurso poético nas Américas: dois poemas de *Les Armes miraculeuses*, de Aimé Césaire**
Érika Pinto de Azevedo
- 1175 **O texto teatral de expressão francesa na América Latina**
Dennys Silva-Reis
- 1176 **Poesia e política na escrita d e Évelyne Trouillot**
Danielle Grace de Almeida
- 1177 **Zonzon Tête Carrée e a obra-espetáculo de Ina Césaire**
Jéssica de Souza Pozzi
-
- 1179 **Simpósio 60**
Literaturas, africanidades e descolonização: teorias (d)e peles negras
Paulo Dutra
Felipe Fanuel Xavier Rodrigues
Luiz Henrique Silva de Oliveira
- 1181 **"A ansiedade e a dorida revolta que o queimam, sabe ele escondê-las dentro de si": o imigrante nacional no conto "Aconteceu em Saua-Saua", da escritora moçambicana Lília Momplé**
Nilza Gomes de Oliveira Laice
- 1181 **"Já nasci cativa": as personagens de *Torto Arado* como ralé rural, uma classe de subcidadania**
Bruma Soriano Ilarraz
- 1182 **A Fabulação**
Pretofágica de Yhuri Cruz
Clara Cavour Ponte
- 1183 **A juventude negra eleva sua voz: Racionais MC's e o negro drama da periferia brasileira**
Hernany Luiz Tafuri Ferreira Júnior
- 1184 **A poesia do mar na obra *O canto dos escravizados* de Paulina Chiziane**
Márcia Neide dos Santos Costa
- 1185 **Africanidades e (des)colonização na literatura de Mia Couto**
Ana Claudia Servilha Martins
Agnaldo Rodrigues da Silva

- 1185 **Afrofuturismo: o presente, o passado e o futuro de pessoas negras na ficção científica**
Raissa Lauana Antunes da Silva
- 1186 **As histórias importam: reflexões acerca de *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie**
Maiara Cristina Segato
- 1187 **As peles negras e máscaras brancas da obra “O alegre canto da perdiz” de Paulina Chiziane: uma análise a partir feminismo negro**
Gustavo Queiroz Rodrigues
- 1188 **Autoria negra, vida literária e literatura como direito à vida**
Vagner da Rosa Amaro
- 1189 **Autorrepresentações e identidades na autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua**
Isabela Cristina Silva Mesquita
- 1190 **Herdades de uma literatura periférica: a formação de uma identidade social e literária na literatura luso-africana e brasileira**
Elizabete Farias de Castro
- 1191 **História e narrativa em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior**
Harion Márcio Costa Custódio
- 1192 **Intelectuais negras/os em perspectivas dialógicas: considerações sobre a literatura de Nafissa Thompson-Spires**
Luciana de Mesquita Silva
- 1192 **Minha casa é onde estou: os sentidos da migrância na obra de Igiaba Scego**
Lívia Verena Cunha do Rosário
- 1193 **O Desenvolvimento da Memória Escravocrata nos Romances de Escritoras Afro-brasileiras do Século XXI**
Glauciane Aparecida dos Santos
- 1194 **O discurso literário negro como transbordamento da linguagem: princípios teóricos e estratégias criativas**
Felipe Fanuel Xavier Rodrigues
- 1195 **O espaço na construção da resistência: uma leitura comparativa entre *A vida verdadeira de Domingos Xavier* e *Capão Pecado***
Daniela Cristina Magalhães de Jesus
- 1196 **Oleba Edições: a realidade editorial em Moçambique**
Roberta De Bon Silva Mesquita
- 1196 **Poética/política da sobrevivência: uma proposta de leitura do livro *Abliterações*, de Paulo Dutra**
Luiz Henrique Silva de Oliveira
- 1197 **Rastreando o silêncio: Trouillot e a Revolução do Haiti**
Letícia de Paula Sampaio
- 1198 **Representações de poder e afeto em *Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz**
Maria Inês Freitas de Amorim
- 1199 **Ritos memorialísticos d a Congada no poema “Maio”, de Edmilson de Almeida Pereira**
Manoela Fernanda Silva de Matos
- 1200 **Saraus periféricos de Belo Horizonte e as construções poéticas coletivas de mulheres negras**
Fabiane Cristine Rodrigues
- 1201 **Visões Apocalípticas do Presente: Jovens Negros e a Necropolítica do Estado**
Eliseo Jacob

-
- 1202 **Simpósio 61**
Manifestações do insólito ficcional
Flavio García
Marisa Martins Gama-Khalil
- 1204 **A fúria das espirais:**
ficção, contrários e desconforto
nos contos de Silvina Ocampo
Júlia de Mello Silva Oliveira
Nayara Meneguetti-Pires
- 1205 **A hipotipose do horror**
em O cirurgião do mar,
de Gabriele D'Annunzio
Julia Ferreira Lobão Diniz
- 1205 **A insólita santa de Ourém**
Léa Evangelista Persicano
- 1206 **A literatura assombrada pelos**
humanos: Veronica Stigger e o
separatismo meridional no conto
Luana Della-Flora
- 1207 **Eden Bower,**
a monstruosidade feminina em
Borges e Dante Gabriel Rosseti:
manifestações do insólito na
mitologia do imaginário Lilit
Graciane Cristina M. Celestino
Cíntia Carla Moreira Schwantes
- 1208 **Fantásticos brasileiros:**
um relance sobre a gênese
do fantástico no Brasil
Abílio Aparecido Francisco Junior
- 1208 **Manifestações do insólito**
ficcional em mundo grave,
de Pedro Pereira Lopes
Flavio García
- 1209 **Miradas fantasmagóricas:**
o roupeiro de Frida Kahlo e suas
narrativas insólitas
Tamira Fernandes Pimenta
- 1210 **Mito e tragédia em Os Filhos**
de Húrin, de J. R. R. Tolkien
Samuel Renato Siqueira Sant'Ana
- 1211 **Mundos conectados pelo insólito:**
reflexões sobre a obra de Diana
Wyne Jones
Angelica Maria Santana Batista
- 1212 **O discurso e a diegese do**
fantástico: o plus ultra da
singularização
Marisa Martins Gama-Khalil
- 1213 **O fim do mundo é um lugar**
Andreza Tartarotti Postay
- 1213 **O insólito e o duplo em "Retratos"**
de Caio Fernando Abreu
Livia Maria Rosa Soares Oliveira
- 1214 **O insólito na ficção**
de Ignácio de Loyola Brandão
Mykaelle de Sousa Ferreira
- 1215 **O insólito revolucionário**
na Literatura e na fotografia
de Lewis Carroll
Ana Carla Vieira Bellon
- 1216 **O jardim como espacialidade**
insólita em "que se chama solidão",
de Lygia Fagundes Telles
Amanda Letícia Falcão Tonetto
- 1216 **O mundo de nós todos**
e invisível entre nós
Francisco de Assis Ferreira Melo
Alexander Meireles da Silva
- 1217 **O plus ultra da solidão**
em Cem anos de solidão,
de Gabriel García Márquez
George Lima dos Santos
- 1218 **O realismo maravilhoso**
em La ciudad de las Bestias
Wellington Valente dos Reis
- 1219 **O surgimento do folhetim nos**
periódicos brasileiros do século
XIX e o gênero fantástico
Sabrina Baltor de Oliveira
- 1220 **Os olhos na literatura fantástica**
brasileira: Machado, Campos
e Figueiredo
Karla Menezes Lopes Niels
- 1220 **Um lugar sem lugar:**
o insólito em Às avessas
de Huysmans
Marta Dantas

-
- 1222 **Simpósio 62**
Mobilidades culturais e figurações identitárias na literatura latino-americana
Tatiana da Silva Capaverde
Juliana Bevilacqua Maioli
- 1224 **Índios, caboclos e guardiões da fronteira: a degradação do outro a partir da chegada do europeu na Amazônia brasileira**
Sonia Maria Gomes Sampaio
Mara Genecy Centeno Nogueira
- 1225 **A importância da identidade diaspórica no papel do herói Manuel: uma reflexão sobre a criação da narrativa de Jacques Roumain**
Taïse Staudt
- 1226 **As Ilhas Canarias como espaço intercalar na literatura do venezuelano Juan Carlos Méndez Guédez**
Tatiana da Silva Capaverde
- 1226 **Edgardo Rodríguez Juliá: literatura e identidad**
Cristina Gutierrez Leal
- 1227 **Literatura voltada para a infância latino-americana e as temáticas de migração em *Eloísa e os bichos* de Jairo Buitrago**
Claudia Juliana Kroehne
- 1228 **Migração, identidade e narração em três romances brasileiros contemporâneos**
Naiara Speretta Ghessi
- 1229 **O coronelismo como referência identitária: um estudo sobre as narrativas de Wilson Lins**
André Luis Machado Galvão
- 1230 **Viagem, memória e identidade: figurações do deslocamento no conto "A natureza ri da cultura", de Milton Hatoum**
Juliana Bevilacqua Maioli
-
- 1231 **Simpósio 63**
Naturalismo/naturalismos
Leonardo Mendes
Haroldo Ceravolo Sereza
- 1233 **"Grande mestre do naturalismo moderno" e "defensor de Dreyfus": Zola na imprensa do Sul do Brasil**
Eduarda Araújo da Silva Martins
- 1234 **A "mulher viril" e a "donzela-guerreira": marcas antipatriarcais em romances naturalistas**
Marina Pozes Pereira Santos
- 1234 ***Casa de Pensão* (1883-1884) de Aluísio Azevedo: estratégias de promoção e divulgação**
Cleyciara dos Santos G. Camello
- 1235 **Centros e periferias culturais: l'affaire Dreyfus**
Célia Sousa Vieira
- 1236 ***Cocotes e conselheiros* (1887), de Rabelais: Alfredo Gallis, naturalismo e literatura licenciada no fim do século XIX**
Aline Cristina Moreira de Almeida
- 1237 ***Domício da Gama* (1862-1925): escritor naturalista?**
Riane Avelino Dias
- 1238 ***Hóspede* (1887), de Pardal Mallet, e o naturalismo da desilusão**
Gabriela Krugel dos Santos Nunes
- 1238 **Jorge Amado, o naturalismo, a civilização e a barbárie**
Evandro Jose dos Santos Neto
- 1239 **Modernismo e democracia em "Mes haines" e "Mon salon", de Émile Zola**
Matheus Arruda
- 1240 **Mulheres espartilhadas: manifestações do desejo feminino em contos de Délia**
Claudia Barbieri
- 1241 **Naturalismo e pictorialidade nos poemas em prosa de *Le Drageoir aux épices*, de J.-K. Huysmans**
Rubens Vinícius Marinho Pedrosa

- 1241 **O contramestre e o mineiro: uma análise comparada dos protagonistas de *Amanhã* (1901) e *Germinal* (1885)**
Moisés Baldissera da Silva
- 1242 **O nacional na Internacional Naturalista**
Haroldo Ceravolo Sereza
- 1243 **O Naturalismo de Aluísio Azevedo: das páginas dos jornais ao romance *O Mulato***
Luciana Uhren Meira Silva
- 1244 **O Neonaturalismo no romance de 30: um olhar para *Os Corumbas* de Amando Fontes**
Maristela Sanches Bizarro
- 1245 **O prefácio de *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt: de manifesto do romance realista a fiador de *Flor de sangue*, de Valentim Magalhães**
Zadig Mariano Figueira Gama
- 1246 **Pardal Mallet, naturalismo e o antirromance**
Leonardo Mendes
- 1246 **Sem aristocracia e sem classes? Os grupos sociais no romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva**
Gabriela Ramos Souza
- 1247 **Zola, romancista da classe operária?**
Pedro Paulo G. Ferreira Catharina
-
- 1249 **Simpósio 64 O comum nas poéticas latino-americanas do presente: literatura e crítica**
Débora Cota
Maria Candida Ferreira de Almeida
Nilcéia Valdatti
- 1250 **“Obra em pleno movimento de reprodutibilidade técnica”: o transbordamento na poética de Assionara Souza**
Brunna Pszdzimirski
- 1251 **“Viúvas de Ana C.”: Enjambement, Mulher e Tradição na poesia brasileira contemporânea**
Emanuelle de Queiroz Oliveira
- 1252 **A comunidade ausente: a construção narrativa de Carola Saavedra**
Nilcéia Valdatti
- 1253 **As poéticas interseccionais como um espaço do comum**
Maria Candida Ferreira de Almeida
- 1253 **Estratégias para pensar a literatura contemporânea na América Latina, redes literárias e escritas nômades**
Isabel Cristina Jasinski
- 1254 **Memórias literárias de mães: experiências da maternidade em *Jane Lazarre* e *Rachel Cusk***
Gabriela Dal Bosco Sitta
- 1255 **O comum e o translinguismo em *Damián Cabrera***
Débora Cota
- 1256 **O próprio e o impróprio da comunidade emigrante Latino-Americana a partir do trabalho estético realizado por Wilson Bueno**
Ana Gabriella Melo Ribeiro Aires
- 1257 **Poéticas afro-brasileiras do presente: lugares de passagem**
Douglas Rosa da Silva
- 1257 **Poéticas do presente e pintura: o pincel de Frida Kahlo nas palavras de Bárbara Lia**
Andriele Aparecida Heupa
Felipe Bini
- 1258 **Sentidos de comum nas poéticas transfronteiriças de Wilson Bueno e Cecilia Vicuña**
Eleonora Frenkel Barretto
- 1259 **Severo e Diaz: inespecificidade literária e oralidade em recitais**
Vinícius Eustáquio Magalhães

- 1260 **Situações da poesia frente à necropolítica: o luto pelos/as mortos/as e a defesa dos/as matáveis**
Felippe Nildo Oliveira de Lima
-
- 1261 **Simpósio 65**
O conto contemporâneo na literatura brasileira
Gislei Martins De Souza Oliveira
Claudia Vanessa Bergamini
Vanderluce M. Machado Oliveira
- 1263 **A reescrita e seus rastros em Alberto Mussa: uma investigação de dois contos transformados em um**
Henrique Balbi
- 1264 **Animismo e escrivência na literatura brasileira contemporânea: análise do conto "Não me deixe dormir o profundo do sono", de Conceição Evaristo**
Caio Vitor Marques Miranda
- 1264 **As faces do urbano: o lugar da violência em Rubem Fonseca**
Claudia Vanessa Bergamini
- 1265 **Da lâmina à estrutura semicircular do nada: representações da violência em contos de Amanda Prado**
Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva
- 1266 **Enigma e representação em "A santa de Schoneberg", de Rubem Fonseca**
Gislei Martins De Souza Oliveira
- 1267 **Exílio e melancolia no conto "Bárbara no inverno", de Milton Hatoum**
Alexandre Luiz Ribeiro da Fonseca Junior
- 1267 **Formas incomuns de um autor irremediável: o cenário narrativo em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu**
Deyse Filgueiras Batista Marques
- 1268 **Geovani Martins: a voz do realismo urbano e a sobrevivência numa cidade partida no conto "Travessia"**
Ilka Vanessa Meireles Santos
- 1269 **Há algo de mágico no ar: crítica social e encantamento em narrativas contísticas de Conceição Evaristo e Augusta Faro enviesadas pelo insólito**
Claudia Cristina Ferreira
- 1270 **Nem tudo o que é breve desaparece: uma leitura do conto "Duas Margens", de Rinaldo de Fernandes**
Paloma do Nascimento Oliveira
- 1271 **O absurdo do real na escrita de Veronica Stigger: o instantâneo da percepção na forma narrativa do conto**
Almir Gomes de Jesus
- 1272 **O conto brasileiro no "museu da memória" do escritor contemporâneo**
Fátima Cristina Dias Rocha
- 1273 **Semelhanças e diferenças da epifania em três contos de três contistas brasileiros em seus jardins e flores em uma análise comparativista**
Mario Marques
- 1273 **Sexualidade, religiosidade, simbologia, intolerância e morte em "Terça-feira gorda" de Caio F.**
Vanderluce Moreira M. Oliveira
-
- 1275 **Simpósio 66**
O conto de autoria feminina
Eliane Terezinha do A. Campello
Elizete Albina Ferreira
Marta Francisco de Oliveira
- 1277 **A autoria feminina de "A Bela e A Fera": da França do século XVIII a Clarice Lispector**
Karen Cristina Schuler da Silva

- 1278 **A identidade desnítida no conto Zeus ou a menina e os óculos**
Ana Karolina Damas da Costa
- 1279 **A representação da mulher negra em "Quantos filhos Natalina teve?", de Conceição Evaristo**
Andreza Pereira Dias Ramos
- 1279 **A representação feminina no conto "Senhor Diretor", de Lygia Fagundes Telles**
Keynesiana Macêdo Souza
- 1280 **Carmen da Silva, contista**
Nubia Tourrucão Jacques Hanciau
- 1281 **Clarice (se) explica:**
Eliane Terezinha do A. Campello
- 1282 **Clarice e o "tédio da repetição": uma leitura de "A quinta história"**
Carlos Eduardo Brefore Pinheiro
- 1282 **Elas amam: narrativas lésbicas possíveis**
Lisiane Andriolli Danieli
- 1283 **Identities femininas no conto "A friagem", de Augusta Faro**
Amanda C. Oliveira Nascimento
- 1284 **Literatura em perigo: a transgressão da lei moral em A via crucis do corpo de Clarice**
Patrícia Bersch Barbosa
- 1285 **O casamento e a maternidade subvertidos em dois contos de Kate Chopin (1850-1904), "A Pair of Silk Stockings" e "The Story of An Hour"**
Laura Ribeiro da Silveira
Carolina Francisco Fernandes dos Santos
- 1286 **O Conto de uma mulher pantaneira**
Quezia Stefani Fagundes Sena
- 1287 **O conto latino-americano de autoria feminina: uma leitura em três latitudes**
Marta Francisco de Oliveira
- 1287 **O corpo feminino amazônico: uma leitura decolonial de Flor de Gume, de Monique Malcher**
Cíntia Acosta Kütter
- 1288 **O corpo feminino no conto "Darling, ou do amor em Copacabana" da escritora Sônia Coutinho**
Lorena Luana Dias da Silva
- 1289 **O suplício do corpo caluniado nos contos de Lygia Fagundes Telles**
Carlos Magno Gomes
- 1290 **Peculiaridades da contística da escritora Amparo Dávila**
Daisy da Silva César
- 1291 **Reflexões sobre a condição da mulher negra a partir das personagens de Olhos d'água, de Conceição Evaristo**
Mariana Marujo Velloso
- 1291 **Sujeição e sororidade no conto "O corpo", de Clarice Lispector**
Cristiane Carvalho de Paula
- 1292 **Três perfis femininos nos contos de Helena Parente Cunha**
Marcia Gomes de Lima
- 1293 **Vozes da violência contra a mulher: diálogo e manifesto nos contos de autoria feminina quebequense e brasileira**
Kelley Duarte
-
- 1295 **Simpósio 67**
O crítico e pensador Benedito Nunes entre o clássico, o romântico e o moderno: estudos de textos líricos, narrativos, dramáticos e ensaísticos
Maria de Fatima do Nascimento
Hugo Lenes Menezes
Marcela Ferreira
- 1297 **A visão romântica: primazia alemã num ensaio de Benedito Nunes**
Hugo Lenes Menezes
- 1298 **Ascetismo em A paixão segundo G.H.: um estudo de Benedito Nunes**
Luã Leal Gouveia

- 1299 **Benedito Nunes: apresentação para *Poesia do Grão-Pará – Antologia poética de Olga Savary***
Melissa da Costa Alencar
- 1300 **Feias, quase cabeludas: a seleção de Benedito Nunes acerca da contística de Haroldo Maranhão**
Flávio Jorge de Sousa Leal
- 1301 **Inglês de Sousa: reflexões e leituras a partir de Benedito Nunes**
Marcela Ferreira
- 1301 **João Cabral de Melo Neto (1971): um estudo crítico de Benedito Nunes**
Maria de Fatima do Nascimento
- 1302 **Reflexões sobre *O tempo na narrativa***
Stélio Rafael Azevedo de Jesus
- 1303 **Roteiro literário de “Pará, capital Belém”, de Benedito Nunes: viajantes, relatos e memória viva**
Bruno José Diniz de Souza
-
- 1304 **Simpósio 68
Obras de Machado de Assis: do contexto da produção a manifestações sobre sua recepção**
Juracy Ignez Assmann Saraiva
Paul Dixon
- 1306 **“O espelho” e a Independência: conto publicado em setembro de 1882, na *Gazeta de Notícias***
Christini Roman de Lima
- 1306 **“Pai contra Mãe”:
Raça na recepção da obra de Machado de Assis**
Paulo Dutra
- 1307 **“Relógio parado”, “Maria Cora” e *A Estação***
Bruna da Silva Nunes
- 1308 **A (des)construção do matrimônio em dois contos de Machado de Assis**
Marcos Antonio Rodrigues
Raquel Cristina Ribeiro Pedroso
- 1309 **A escravidão no Brasil e sua lógica da cultura do favor nos personagens agregados machadianos e hatoumianos**
Cláudia de Socorro Simas Ramos
- 1309 **A Recepção de *Papéis Avulsos* e a Cristalização de Lugares-comuns da Crítica Machadiana**
Luiza Helena Damiani Aguiar
- 1310 ***Americanas*: uma obra do seu tempo e do seu país**
Antonio Marcos Vieira Sanseverino
- 1311 **Capitu, Marta, Melanie: mulheres em perspectiva comparada**
Giuseppa Giangrande (Università Orientale di Napoli)
- 1312 **D. Benedita:
um retrato de inconstância, feminismo e moralismo**
Maria Luíza Brandão da Silva
Juliana Narciso
- 1313 **Dois visitas de Alcibiades e duas leituras possíveis: melancolia e impunidade**
Ana Claudia Jacinto de Mauro
- 1314 **Entre leitores e navegadores: diálogos machadianos na cultura participativa das narrativas de fãs**
Marina Leite Gonçalves
- 1315 **Fernão Mentos? Minto:
“O segredo do bonzo” e a questão do narrador sem fundamento**
Paul Dixon
- 1315 **Figurações do livro na prosa machadiana: reflexões sobre o ofício de tipógrafo e o diálogo com a tradição**
Antonia C. de Andrade Cordeiro
- 1316 **Helena e Dom Casmurro: uma leitura da performance do feminino nos romances de Machado de Assis**
Juliana dos Santos Gelmini
- 1317 **Lamento por um império: elegia e política**
Maria da Glória Bordini

- 1317 **Machado de Assis e a consagração pelos jornais brasileiros**
Valdiney Valente Lobato de Castro
- 1318 **Machado de Assis no contexto musical do Rio de Janeiro**
Débora Bender
- 1319 **Machado de Assis no espelho**
Marisa Philbert Lajolo
- 1320 **Metáforas do olhar e m *Dom Casmurro* e em suas transposições para textos audiovisuais**
Márcia Rohr Welter
- 1321 **Moda e literatura: convergência entre ilustrações do periódico *A Estação* e o romance machadiano *Quincas Borba***
Catia Silene Kupssinskü
- 1322 **O *Alienista* e a Semiótica**
Felipe Ferreira Neves
- 1323 **O conto “O Espelho” em ambientes informais e virtuais de ensino**
Marina Bonatto Malka
- 1323 **Política, economia e alegoria no “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis**
Filipe de Freitas Gonçalves
- 1324 **Recursos da arte dramática em narrativas de Machado de Assis**
Juracy Ignez Assmann Saraiva
- 1325 **Ressurreição, de Machado de Assis: a publicação da obra e o ganho capital simbólico do autor**
Lucia Granja
- 1326 **Sobre alfaiates e canjicas: revoltas oitocentistas e sátira política em “O Alienista”**
Denise de Quintana Estacio
- 1327 **Teoria do medalhão e sua atualidade**
Isaque Gomes Correa
- 1327 **Uma experiência com ensino remoto: *Papéis avulsos*, de Machado de Assis, no canal @Letras na Rede**
Regina Zilberman
- 1328 **Xavier e o Medalhão: uma análise comparativa dos contos “O anel de Polícrates” e “Teoria do Medalhão”**
Júlia de Campos Lucena
Icaro Carvalho
-
- 1330 **Simpósio 69
Os escritores-tradutores e a formação dos cânones**
Sheila Maria dos Santos
Marlova Gonsales Aseff
- 1332 **A criação de uma genealogia de mulheres escritoras: a tradução das poetas russas por Maria-Mercè Marçal e Monika Zgustova**
Meritxell Hernando Marsal
Beatriz Regina Guimarães Barboza
- 1332 **A tradução como ato de liberdade em Ana Cristina Cesar**
Marlova Gonsales Aseff
- 1333 **A tradução de obras no período Meiji: seu impacto na sociedade e literatura japonesa**
Nathália da Silveira Martins
- 1334 **As (trans)criações de Sergio Faraco**
Andrea Cristiane Kahmann
- 1335 **As escritoras-tradutoras na Livraria do Globo**
Sheila Maria dos Santos
- 1336 **Cathay, de Ezra Pound, e a “invenção da poesia chinesa” no século XX**
Guilherme de Oliveira Delgado Filho
- 1337 **Damião de Góis, tradutor do *Eclesiastes***
Luís André Nepomuceno
- 1338 **Paula Brito, escritor e tradutor de folhetins**
Lucas de Castro Marques

- 1338 **Tradução colaborativa & poesia russa traduzida por Nicanor Parra**
Mary Anne Warken Sobottka
-
- 1340 **Simpósio 70**
Outros modernismos
Giovanna Ferreira Dealtry
Carlos Augusto Bonifácio Leite
- 1342 **A Modernidade dos Pobres**
Fernando Cerisara Gil
- 1342 **A veranista, romance epistolar**
Milena Ribeiro Martins
- 1343 **As posturas assumidas por Cyro dos Anjos no cenário intelectual brasileiro dos anos 1930: diferenciações estéticas e discursivas**
Raul Gomes da Silva
- 1344 **Axiologia da mestiçagem na Literatura Brasileira**
Adryele Maria Gomes de O. Duarte
- 1345 **Brinquedos nacionalistas: experimentações poéticas de Carlos Drummond de Andrade nos anos 1920**
Sara Meynard Begnane
- 1346 **Considerações sobre o Modernismo no Ceará**
Kedma Janaina Freitas Damasceno
- 1347 **Gastão Cruls e o modernismo no Rio de Janeiro**
Andressa Marzani
- 1348 **Memória e Recepção na Literatura Amadiana**
José Otávio Monteiro Badaró Santos
- 1349 **Modernas, sim; feministas, não: imagens de mulheres na prosa de João do Rio**
Giovanna Ferreira Dealtry
- 1349 **Modernidade e modernismo nas revistas Souza Cruz e Revista do Brasil entre 1916 e 1922**
Tâmara Maria Costa e Silva
Nogueira de Abreu
- 1350 **Monstruosamente grosseiro: modernidade, interrupção e trabalho reprodutivo em São Bernardo, de Graciliano Ramos**
Ismael Freitas
- 1351 **"Noturno", de Oswald de Andrade**
Carlos Augusto Bonifácio Leite
- 1352 **O clamor dos homens gloriosos: o nacionalismo beligerante nas crônicas de Cecília Meireles**
Paola Resende Braga Garcia de Araújo
- 1353 **O realismo elástico nas fotografias de Chichico Alkmim**
Karla Batista Almeida Japôr Souza
- 1354 **Pagu: uma outra antropofagia, feminista e revolucionária**
Rejane Pivetta de Oliveira
- 1355 **Repensando o Romance de 30 a partir dos debates ideológicos do romance proletário**
Alfredo Victor Souza de Almeida
Alana de Oliveira Freitas El Fahl
- 1356 **Romance proletário: aquele que foi sem nunca ter sido**
Roberto Amado
-
- 1357 **Simpósio 71**
Percursos transfronteiriços, textualidades rizomáticas: cartografias de epistemologias, comparatismos e humanidades das/nas Américas, Amazônias e Áfricas
Amilton José Freire de Queiroz
Ezilda Maciel da Silva
Simone de Souza Lima
- 1359 **A construção da paisagem e questão da identidade latino-americana em *Descobrimento do rio das Amazonas* (1542) de Gaspar de Carvajal e *Terra Nostra* (1975) de Carlos Fuentes**
Keury Naiane Silva de Almeida

- 1360 **Diálogos transversales: articulaciones y derivas de la modernidad y el colonialismo en la cultura brasileña contemporánea**
Gabriela Cornet
- 1361 **Do ignorado ao visível: uma análise dialógica-dialética de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus**
Grassinete Carioca de A. Oliveira
Angela B. Cavenagh Themudo Lessa
- 1362 **Fricções literárias e geográficas: topografias**
Amilton José Freire de Queiroz
Rogério Nogueira de Mesquita
- 1362 **Nascer do sol no Ocidente: integração social e cultural do imigrante japonês no Brasil na obra *Nihonjin***
Michelle Conterato Buss
- 1363 **O paradoxo entre prisão e liberdade no tempo das revoluções**
Carla Tais dos Santos
- 1364 **Pontes esquisitas para uma teorização latino-americana feminista e decolonial**
Thayse Madella
- 1365 **Vozes latino-americanas: resistências, travessias e tessituras nos contos *Dos Palabras*, de Isabel Allende, e *la Tejedora de palabras de rima*, de Valbona**
Ezilda Maciel da Silva
- 1366 **Simpósio 72
Poder e violência em literaturas "marginais"**
Nícia Petreceli Zucolo
Marlise Vaz Bridi
- 1368 **A casa, primeira habitação: lugar de memória, infância e de mulher**
Vania Maria da Silva
- 1369 **A corporalidade textual e a corporalidade infantil em "Meninas" de Maria Teresa Horta**
Marlise Vaz Bridi
- 1369 **A representação da mulher indígena na obra *Canumã: a travessia*, de Ytanajé Coelho Cardoso**
Luciane Maria Legeman Salorte
- 1370 **A transgressão da tradição: o romance de formação feminino, em *Myra* (2008), de Maria Velho da Costa**
Jéssika Aparecida Santachiara Nascimento Santos
- 1371 **Antagonismo e fragmentação: a representação da violência no conto "Espiral", de Geovani Martins**
Keury Carolaine Pereira da Silva
- 1372 **Carolina à luz do gênero e da raça**
Naiva Batista Ferreira
- 1372 **Como vencer gigantes, uma leitura de *Teu segredo: os nomes*, de Maria Lúcia Medeiros**
Nícia Petreceli Zucolo
- 1373 **Corpos marginalizados em *O abajur lilás*, de Plínio Marcos**
Sergio Manoel Rodrigues
- 1374 **Crítica literária de autoria feminina em recorte: contribuições de Maria Alzira Seixo para uma leitura equânime da produção literária portuguesa de autoria feminina**
Priscila Fernandes Balsini
- 1375 **De uma estética da violência: poder e experiência urbana em Patrícia Melo**
Sergio Schargel Maia de Menezes
- 1376 **Desejo e poder na obra *Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz**
Wanessa Reis Filgueiras
- 1376 **Do porão à superfície: reflexões acerca do Homoerotismo e do Cânone Literário a partir das obras de Luís Capucho**
Sandro Aragão Rocha

-
- 1377 **Figurações da violência em dois contos chamados "Branca de Neve"**
Ana Luiza Gerfi Bertozzi
- 1378 **Günderrode, Robinson e Alorna: poetas do 18, poetas do agora**
Elisangela Aneli Ramos de Freitas
- 1379 **Maibi: mulher, mimo, mercadoria – a construção metafórica da figura feminina como mercadoria de troca em relações de poder e violência nos seringais da Amazônia**
Alcione Alves de Oliveira de Araújo
- 1380 **Memórias de um sobrevivente: representação da violência e seus efeitos**
Patrini Viero Ferreira
- 1380 **Metamorfoses de Luiza Neto Jorge: infinitas invenções poéticas**
Carolina Alves Ferreira de Abreu
- 1381 **Paixão em Constança H.: arrebatamento, dor e morte**
Maria Luiza Germano de Souza
- 1382 **Preconceito e dor: os contornos sociais da escrita autobiográfica de Édouard Louis no mundo contemporâneo**
Paulo Cesar da Silva Lopes Junior
- 1383 **Relações de poder e hierarquias discursivas em Amara Moira e Geovani Martins: considerações finais de pesquisa**
Leandro Souza Borges Silva
- 1384 **Rompendo amarras: a resistência das mulheres velhas em dois contos de Cíntia Moscovich**
Cristiane da Silva Alves
- 1385 **Situações de representação da opressão na literatura de autoria feminina**
Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano
- 1385 **Vista chinesa: olhares para a violência de gênero no Brasil**
Aline Teixeira da Silva Lima
- 1387 **Simpósio 73
Poesia e transgressão**
André Cechinel
Cristiano de Sales
- 1389 **"Las carnicerías fronterizas parecen museos de arte do futuro": a metapoesia de fronteiras em Douglas Diegues**
Rafaela Nogueira Barbosa
- 1390 **"Vamos caçar cotia": o "Rito do irmão pequeno" e trecho suprimido de Amar, verbo intransitivo**
Cristiane Rodrigues de Souza
- 1390 **Armado de versos até os dedos luminosos: a luta dos surrealistas portugueses com a crítica do seu tempo – um debate cultural**
Clelio Toffoli Júnior
- 1391 **Experimentar o experimental em Navilouca**
Isis Diana Rost
- 1392 **Marilyn Monroe no esquadrão de Galáxias, de Haroldo de Campos**
Monalisa Medrado Bomfim
- 1393 **O corpo intangível de Ana Cristina César**
Yasmin Franca Merelim Magalhães
- 1394 **O Dante da Era Industrial: Mallarmé a partir de Walter Benjamin**
Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa
- 1395 **Os versos do verso livre: três momentos de transgressão**
João Pedro Moura Alves Fernandes
- 1396 **Re-lampare: o ideograma como estética em Litaipoema: uma transa chin de Haroldo de Campos e Lámpara de Juan José Tablada**
Samuel Delgado Pinheiro
- 1396 **Tradição em T. S. Eliot: contornos do conceito**
André Cechinel
- 1397 **Uma contra-musa na poética de João Cabral de Melo Neto**
Cristiano de Sales

- 1398 **Vasos Comunicantes: origem do homem e origem da poesia em Octavio Paz [1914-1998]**
Maycon Tannis
-
- 1399 **Simpósio 74**
Políticas do texto: autoria e autoridade
Maria Tereza Amodeo
Paulo Roberto Tonani do Patrocínio
Ivete Lara Camargos Walty
- 1401 **"A ordem natural das coisas": poder, submissão e contestação nas narrativas de Giovana Madalosso, Dulce Maria Cardoso e Valter Hugo Mãe**
Paulo Ricardo Kralik Angelini
- 1402 **A autorrepresentação de sujeitos ex-centralizados nas poesias do Slam das Minas – RJ**
Ana Paula Almeida Moreira
- 1402 **A literatura e a política na obra de Roberto Bolaño**
João Gabriel Kalili Marcelino
- 1403 **A recepção como performance: um Trauma de longa duração, numa performance poética de um Poetry Slam**
Rogério Meira Coelho
- 1404 **Autoria e autoridade: notas sobre o conceito de literatura surda**
Paulo Roberto Tonani do Patrocínio
- 1405 **Autoria em *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami***
Marília Gabriela Barros de Moraes
- 1406 **Contradições e temporalidades da nação em "República", de Grace Passô**
Lucas Bandeira de Melo Carvalho
- 1407 **Correlações entre história, gênero e memória: uma análise das produções biográficas de Ana Arruda Callado**
Jussimara Lopes de Jesus Simões
- 1407 **Dos riscos da rua: comunidade e imunidade**
Ivete Lara Camargos Walty
- 1408 **Educação das Relações Étnico-Raciais na escola**
Priscila de Souza Oliveira
- 1409 **Escrita como condição de vida em *Desabrigo*, de Antonio Fraga**
Analia Bicalho Vencioneck
- 1410 **Literatura de autoria indígena**
Luzia Aparecida Oliva
- 1410 **Memória e resistência na literatura de autoria indígena**
Leila Silvia Sampaio
- 1411 **O conceito de engajamento no meio literário em um diálogo entre W. Benjamin e Sartre**
Rodrigo Rocha Rezende de Oliveira
- 1412 **O slam e o ensino do gênero poesia nas escolas públicas: o slam interestelar pode ser considerado uma ferramenta motivadora para a fruição da leitura de outros tipos de poesia, além da marginal, para alunos da escola pública?**
Tamires Prestes de Matos
Tuchtenhagem
- 1413 **Os "Ex-cêntricos" de Porto Alegre em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**
Maria Tereza Amodeo
- 1414 **Pós-verdade, performance e a potencialização do real na autoficção de Ricardo Lísias**
Antonio Carlos Macedo Munró Filho
- 1415 **Reminiscência e resistência: um passado em construção para um curumim na Amazônia**
Viviane de Cássia Maia Trindade
- 1416 **Representações do feminino em *Um crime delicado*, de Sérgio Sant'Anna**
Marianna de Souza Esteves

- 1417 **Subúrbio sem pudor: a construção coletiva do subúrbio na página "Suburbano da depressão"**
Rossi Alves Gonçalves
- 1417 **Um "pretovelho" no espaço periférico do beco em Cora Coralina**
Claudia M. da Silva Moura Franco
Henrique Roriz Aarestrup Alves
-
- 1419 **Simpósio 75**
Poéticas da contenção: entre imagens, palavras e silêncios
Deborah Walter de Moura Castro
Paulo Henrique Caetano
Maria Rita Drumond Viana
- 1421 **"Deste calar alastrante se espraiando sem fronteiras": Representações do silêncio na poética e no exílio de Paula Ludwig**
Mariana Chirico Machado Holms
- 1422 **"O silêncio como verbo da experiência": representações do silêncio na poética de Daniel Faria**
Isabella Cristina Goda De Martino
- 1422 **"Tu estás em mim": o ausente-presente em Mário Cesariny**
Amanda Massante Peixoto Tracera
- 1423 **24 hour Psycho: uma narrativa arrastada em contenção**
Deborah Walter de Moura Castro
- 1424 **A língua seca, as palavras falham: Virginia Woolf e os limites da linguagem**
Maria Rita Drumond Viana
- 1425 **Contenção e silêncio na poética de Orides Fontela**
Pedro Henrique Viana de Moraes
- 1425 **Entre a expressão e o inexprimível: silêncios grafados na poesia de Rosalía de Castro**
Thiago Oliveira Carvalho
- 1426 **Finnegans Wake e o postulado milenar da determinação do sentido**
Mateus Toledo Gonçalves
- 1427 **Formas do silêncio em *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba**
Dayane Campos da Cunha Moura
- 1428 **O uso do silêncio e falas curtas nos *Contos Minimalistas Americanos***
John Barroso
- 1429 **Ruído e apelo ao silêncio: a elegante complexidade de *Graça Infinita*, de David Foster Wallace**
Kelvin Matheus da Silva Rosa
- 1430 **Silêncio e memória em Fernando Arrabal**
Cláudia Malheiros Munhoz
- 1431 **Todo quadro é um corte: cesura, silêncio e histórias em quadrinhos**
Luísa Loureiro M. de Castro Teixeira
- 1432 **Um silêncio sepulcral: Fanny Price, da introspecção à escravidão**
Maria Clara Pivato Biajoli
- 1432 **Vendo silêncio: hermetismo tipográfico e as ruínas da cidade letrada na poesia visual de Preto Matheus**
Miguel de Ávila Duarte
- 1433 **[]: o silêncio na poesia de Marília Garcia**
Maria Williane da Rocha Souto
-
- 1435 **Simpósio 76**
Poéticas fronteiriças nas Amazônias
Gilson Penalva
Ana Lúcia Liberato Tettamanzy
Márcio Araújo de Melo
- 1437 **A corpo-escritura como contraratura da imagem colonial do negro na Amazônia: Bruno de Menezes e Naiara Jinkns**
Thiago Alberto dos Santos Batista
- 1437 **A identidade amazônica: um olhar a partir da obra Seringal**
Ariceneide Oliveira da Silva

- 1438 **A viagem poética dos antepassados Marubo em busca dos Incas**
Marcos Lampert Varnieri
- 1439 **Da nascente à foz: itinerário crítico para *Um rio sem fim* (1998), de Verenilde Santos Pereira**
Luana Aguiar Moreira
Allison Marcos Leão da Silva
- 1440 **Diversidade epistemológica em “Vocês brancos não têm alma”: realidade e imaginação nas fronteiras da América profunda**
Daniela Severo de Souza Scheifler
- 1441 **Identidade cultural na Amazônia brasileira: uma leitura do conto “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza**
Jeanete dos Santos e Santos
- 1442 **Irrisão na zona: leitura da peça “Tem piranha no pirarucu”, de Márcio Souza**
Antônio Coutinho Soares Filho
Wallace Rodrigues
- 1443 **Literatura e Arte Contemporânea: vozes e gestos contra a necropolítica nas Amazônia**
Tatiana Cavalcante Fabem
- 1444 **Narrativas de fronteiras nas escritas de Jorge Pozzobon e Ruy Duarte de Carvalho**
Ana Lúcia Liberato Tettamanzy
- 1444 **O Andaluz, deslocamentos e travessias**
Gleidys Meyre da Silva Maia
- 1445 **O ethos amazônico e a poética de resistência/existência em poemas Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão**
Maria da Glória de Castro Azevedo
- 1446 **O eu nos cantos da mitologia marubo: um diálogo com a lírica moderna**
Fernanda Vivacqua de S. G. Boarin
- 1447 **O pobre, o favor e a exclusão social na Amazônia em “Três Casas e um Rio” de Dalcídio Jurandir**
José Elias Pereira Hage
- 1448 **O que faz do lugar o mais sombrio? Análise de romances de Milton Hatoum**
Márcio Araújo de Melo
Luiza Helena Oliveira da Silva
- 1449 **O rio que corre em mim é um rio de saberes: o saber ancestral como prática epistêmica na poesia de Márcia Wayna Kambeba**
Cássia Josiele da Silva
- 1450 **Oralidade Amazônica: as narrativas de Oxum**
Monise Campos Saldanha
- 1450 **Poética do ocre ou sob o Império de Wei: uma outra palavra e uma palavra outra para literatura**
Sonyellen Fonseca Ferreira
- 1451 **Poética fronteira e territorialidades amazônicas inscritas em processos de construção de autoria**
Nilsa Brito Ribeiro
Eliane Pereira Machado Soares
- 1452 **Poéticas afro-indígenas nas literaturas das Amazônia**
Gilson Penalva
- 1453 **Visagem elegíaca: ethos testemunhal na poética de Ademir Braz**
Abílio Pachêco de Souza
-
- 1454 **Simpósio 77**
Produções literárias de pessoas gênero-dissidentes na literatura brasileira contemporânea
Leocádia Chaves
Luiz Gonzaga Morando Queiroz
- 1456 **“Bixa travesti”: metamorfoses do corpo como práticas decoloniais na literatura de autoria trans* latino-americana contemporânea**
Manuela Rodrigues Santos

- 1457 **"Sou um homem, sim, mas não quero ser igual a vocês": a homossexualidade como um gesto de diferenciação no romance *Pai, Pai* (2017), de João Silvério Trevisan**
Arthur Antunes Araujo
- 1458 **"Deus me Livre" e o tensionamento de estereótipos: a fé inabalável e a vivência lésbica em *Natalia Polesso***
Larissa Dias Barbosa
- 1459 **Noll: o corpo, o cu e o queer**
Luiz Lopes
- 1459 **Uma escrita encruzilhada: poética e episteme na obra *escurecendo ontografias poéticas* de Abigail Campos Leal**
Leocádia Chaves
- 1460 **Vagas notícias de Melinha Marchiotti, experimentação e dissidência de gênero em *João Silvério Trevisan***
Luiz Gonzaga Morando Queiroz
-
- 1461 **Simpósio 78 Psicanálise, literatura e outras artes**
Gabriela Bruschini Grecca
José Lucas Zaffani dos Santos
Marisa Corrêa Silva
- 1463 **"O que quero eu?" "O que os outros querem de mim?": o desejo cor-de-rosa de bolinhas rosa (ou rosa de bolinhas cor-de-rosa)**
Fernanda Garcia Cassiano
Renata Kelen da Rocha
- 1464 **A desorganização do simbólico em *A paixão segundo G.H.*: uma leitura a partir do kitsch**
Ana Paula Parisotto
- 1464 **A Literatura como um delírio necessário à formação do sujeito-outro**
Jacqueline de Faria Barros
- 1465 **A questão essencial da personagem Rosa na narrativa fílmica "Como nossos pais", de Laís Bodansky**
Sandra Araujo de Lima da Silva
- 1466 **Final, o que quer uma mulher?: O enigma da insatisfação feminina em "A falecida", de Nelson Rodrigues**
Fernanda Hamann de Oliveira
- 1467 **As possibilidades de destruição de um único objeto: A Boneca de Hans Bellmer: uma leitura a partir do sonho de E.T.A. Hoffmann e o paradoxo em *Kant avec Sade* de Jacques Lacan**
Lucas Henrique da Silva
- 1468 **Aspectos do feminino: a literatura clariciana entre o mito e o ritual**
Márcia Denise da Rocha Collinge
- 1469 **Belmiro e a fantasia como modo de vida**
Pedro Barbosa Rudge Furtado
- 1470 **Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme *Cría cuervos*, de Carlos Saura**
Sylvia Maria Trusen
- 1470 **História do cerco de Lisboa: uma leitura materialista lacaniana da obra de José Saramago**
Maria Betânia da Rocha de Oliveira
- 1471 **O declínio da experiência em *João do Rio***
Yasmin Lima de Carvalho
- 1472 **O gozo e a política da autoria em Roland Barthes e Jacques Lacan**
Derick Davidson Santos Teixeira
- 1473 **O infamiliar em *Um copo de cólera* de Raduan Nassar**
Glenda Regina da Cunha Marinho
- 1474 **O neofantástico em *A Fúria*, de Silvina Ocampo e as narrativas clínicas em psicanálise: aproximações possíveis**
Isabela Cim Fabricio de Melo

- 1475 **O percurso da aprendizagem, ou pela dor, ou pelo prazer, em personagens femininas de Clarice Lispector**
Cynthia Rejane da Silva Pinheiro
- 1476 **O tempo e o vento, de Érico Veríssimo: uma leitura psicanalítica**
Zama Caixeta Nascentes
- 1477 **Pílulas negativas do sintoma em *Matrix*: forma representacional, crise e tecnofobia da alt-right no capitalismo tardio**
Eider Madeiros
Letícia Simões Velloso Schuler
- 1478 **Pulsão da escrita**
Alex Keine de Almeida Sebastião
- 1478 **Sob o signo do Sol Negro: traços da melancolia em *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe**
Luciana de Oliveira Dreyer
- 1479 **"We're always tired in the morning": uma leitura de *Ulysses*, de James Joyce**
Hêmille Raquel Santos Perdigão
-
- 1481 **Simpósio 79**
Revisão da historiografia teatral: ler e reler fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos na dramaturgia
Maria Clara Gonçalves
Elizabeth Ferreira C. R. Azevedo
Fabiana Siqueira Fontana
- 1483 **Ódio de raça: diálogo com o contexto histórico-literário luso-brasileiro**
Flavia Maria Corradin
- 1484 **"Tempestads", "Toscas" e espreitas: melodrama e imaginário moderno nos jornais brasileiros do início do século XX**
George Luiz França
- 1485 **A Aula-espetáculo de Ariano Suassuna como objeto possível da pesquisa em Artes Cênicas**
Orleni Cunha Torres
- 1485 **A dramaturgia do jovem Guarnieri: peça inédita do Teatro Paulista do Estudante e a produção cultural engajada no Brasil a partir dos anos 1950**
Lígia Rodrigues Balista
- 1486 **A dramaturgia na história do teatro: um texto para a cena**
Fabiana Siqueira Fontana
- 1487 **A farsa de Inês, a costureira: *Amor por anexins*, de Artur Azevedo, e suas implicações paródicas**
Rodrigo César Dias
- 1488 **A hegemonia do trágico clássico na fronteira com o cômico popular na obra teatral de Lourdes Ramalho**
Eduarda Maria Moreira Lopes
- 1489 **A representação do imigrante em *A rosa tatuada* de Tennessee Williams**
David Medeiros Neves
- 1490 **Afinal, Drama é o que mesmo?: Definindo um conceito e um lugar para o Drama na Historiografia Teatral através das ideias de três autores dramáticos japoneses modernos: T. Shoyo, O. Kaoru e K. Kishida.**
Paulo Ricardo Berton
- 1491 ***Aimez-vous Ionesco?* e *The Traveling Companion*: a dramaturgia Pop Art de Tennessee Williams**
Luis Marcio Arnaut de Toledo
- 1492 **Algozes de almas e corpos: a fisicalidade da morte e da condenação ao Inferno no *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, e em *Na festa de São Lourenço*, de José de Anchieta**
Marina Gialluca Domene
- 1493 **Aproximações da obra de Martins Pena ao teatro francês**
Elizabeth Ferreira C. R. Azevedo

- 1493 **Bio/grafias, releituras e linguagens: convergências dramáticas entre Tennessee Williams e Brian Friel**
João Dóia de Araújo
- 1494 **Da cena ao tempo ou a tentativa de re-ver um espetáculo de 1868**
Andrea Carvalho dos Santos
- 1495 **Do centro à margem: reflexões sobre a dramaturgia de Clifford Odets e Arthur Miller**
Thiago Pereira Russo
- 1496 **Dramas familiares nos modernismos brasileiros: um estudo comparativo entre dois tempos**
Mariana Toledo Borges
- 1497 **Entre o fascínio e a frustração: a recepção crítica da primeira visita da Ópera de Pequim ao Brasil**
Esther Marinho Santana
- 1498 **Luisa Carnés: uma mulher no teatro de guerra**
Ana Paula Cabrera
- 1499 **O gosto no teatro barroco ibérico: estudo das preceptivas**
Carlos Gontijo Rosa
- 1500 **O rei Caramba aportou no Rio de Janeiro: a mágica *A Pera de Satanaz* (1865) de Eduardo Garrido na cena teatral brasileira do final do século XIX**
Maria Clara Gonçalves
- 1501 **Para além da Indústria Cultural na Belle Époque Tropical: o Theatro da Exposição de 1908 e o Theatro Nacional de 1910 e 1912**
Phelippe Celestino P. dos Santos
- 1502 **Pesquisar dramaturgia de autoria de mulheres no Brasil e no RS: palavra como existência e resistência**
Natasha Centenaro
- 1502 **Samuel Beckett e a ruptura formal de *Not I*: dramaturgia e encenação através dos manuscritos e do theatrical notebook**
Felipe Augusto de Souza Santos
-
- 1504 **Simpósio 80**
Romantismo e classicismo: atualidades de uma velha batalha
Andréa Sirihal Werkema
Maria Juliana Gambogi Teixeira
- 1506 **A condição feminina no século XIX: a questão do trabalho e da educação em dois romances camilianos**
Amanda Regina dos Santos
Lourenço
- 1507 **A poesia de Junqueira Freire por Machado de Assis e por Antonio Candido: romântico e/ou neoclássico?**
Andréa Sirihal Werkema
- 1507 **As ambiguidades de Chateaubriand em meio à configuração do romantismo**
Melissa Raquel Z. F. Christofoletti
- 1508 **Entre antigos e modernos: a teoria da tragédia de Friedrich Schiller**
Isabella Gonçalves Vido
- 1509 **Entre Camilo Castelo Branco, Garrett e Eça de Queirós: Romantismo e antirromantismo no romance português**
Amanda de Carvalho Ferreira
- 1510 **Esconjurando o *grand siècle*: Corneille, Molière e Racine na crítica historiográfica de Jules Michelet**
Maria Juliana Gambogi Teixeira
- 1511 **Friedrich August Wolf e a fundação de uma disciplina moderna para o estudo da Antiguidade**
Rafael Guimarães Tavares da Silva
- 1512 **José de Alencar e Alphonse de Lamartine: alguns diálogos e possíveis traduções**
Wilton Jose Marques

- 1513 **O bicentenário de Charles Baudelaire**
Roxanne Coveló
- 1513 **O fastio poético de Álvares de Azevedo, crítico de romantismo**
Cilaine Alves Cunha
- 1514 **O fracasso da forma: amor e teoria do conhecimento em *Do amor* (1822) de Stendhal**
Clarissa Mattos Farias
- 1515 **Para uma estética do poder dos fracos em “Théâtre en liberté”, de Victor Hugo**
Beatriz Cerisara Gil
Suélen Martins Meleu
- 1516 **Romantismo e [anti]modernidade em Barbey d'Aurevilly**
Maria Clara F. Guimarães Menezes
- 1517 **Uma leitura do conto “O anel de Policrates”: Machado de Assis, romântico ou clássico?**
Miriam Piedade Mansur Andrade
- 1518 **Visões do Fauno**
Sandra Mara Stroparo
- 1518 **William Hazlitt e a Crítica ao rés-do-chão**
Daniel Lago Monteiro
-
- 1520 **Simpósio 81**
Temas, formas e obsessões do romance português contemporâneo
Pedro Fernandes de Oliveira Neto
Maria Aparecida da Costa
Jonas Jefferson de Souza Leite
- 1522 **“Autobiografia”, de José Luís Peixoto: refigurações**
Pedro Fernandes de Oliveira Neto
- 1523 **“Quanto tempo permanecerás sobre a cova onde teu passado apodrece?” – Configurações das memórias da infância e da adolescência em romances portugueses contemporâneos**
Cristina Arena Forli
- 1524 **Entre epígrafes e uma didascália: um olhar para o romance português contemporâneo**
***Dias Úteis*, de Patrícia Portela**
Mariana Daminato Alves
Ailton Pirouzi Junior
- 1524 **Jenny amava António, que amava Pedro: ciranda amorosa em “Nas tuas mãos”**
Alyne Isabele Duarte da Silva
Maria Aparecida da Costa
- 1525 **José Saramago “escrepintor”: a aprendizagem pelo *Manual de Pintura e Caligrafia***
Denise Noronha Lima
- 1526 **Matteo perdeu o emprego e uma taxonomia ficcional do comportamento humano**
Juliana Florentino Hampel
- 1527 **Morte e memória: perspectivas identitárias na Tetralogia das Minúsculas, de Valter Hugo Mãe**
Karine Costa Miranda
- 1528 **Narrar Portugal: o dialogismo n'O retorno, de Dulce Maria Cardoso**
Karen Lorrany Neves Adorno
- 1529 **Um beijo dado mais tarde e a (des)aprendizagem da leitura**
Gisele Seeger
-
- 1530 **Uma vida inventada: ficcionalização biográfica em “Bela”, de Cristina Silva**
Jonas Jefferson de Souza Leite
-
- 1531 **Simpósio 82**
Textos, contextos e tecnologias na literatura: encenações de saberes
Evaldo Balbino da Silva
Leni Nobre de Oliveira
Tereza Ramos de Carvalho
- 1533 **A influência da tecnologia no mundo literário: booktubers e a crítica digital**
Renata Fernandes Magdaleno

- 1533 **A poesia barroca no Brasil: retórica e realidade no seiscentismo brasileiro**
Evaldo Balbino da Silva
- 1534 **Breves considerações sobre o papel do leitor no “Grupo das obras literárias” no Facebook**
Gleise Tainara De Freitas Da Silva
- 1535 **Como a literatura se apropria da economia política para a análises das sociedades contemporâneas**
Amandine Elsa Molin
- 1536 **Da produção do “barco que veleje” ao clique da “plataformização” da vida**
Heloisa Lopes da Silva de Andrade
- 1536 **Diálogos com Drummond: texto e intertextos**
Tereza Ramos de Carvalho
- 1537 **Lives, booktubers e leitores: leitura literária na pandemia**
Ana Paula Gomes Rosa Costa
- 1538 **O relato de Carolina Maria de Jesus como artefato histórico-social**
Leni Nobre de Oliveira
Jaqueline Peixoto Vieira da Silva
-
- 1540 **Simpósio 83**
Traduzir e retraduzir autores clássicos de expressão alemã: interfaces na zona de tensão com a contemporaneidade
Magali dos Santos Moura
Pedro H. de Moraes Branco Tavares
Tito Lívio Cruz Romão
- 1542 **Algumas reflexões sobre diferentes traduções do Prometheus kafkiano: conflitos entre o manuscrito original de Franz Kafka e as alterações realizadas por Max Brod**
Tito Lívio Cruz Romão
- 1543 **Caminhos da tradução literária: tradutor como coautor e crítico**
Magali dos Santos Moura
- 1544 **Compartilhamento de saberes: prática tradutória, interculturalidade e Comparativismo**
Ebal Sant’Anna Bolacio Filho
José Mauro Ferreira Pinheiro
- 1545 **Dois vezes *Passagens*: atividades tradutórias para leituras novas da obra benjaminiana**
Maíra Moraes Cardoso Leal
Wiebke Röben de Alencar Xavier
- 1545 **Os casos clínicos de Freud: Tradução de Literatura ou Tradução de Teoria**
Pedro H. de Moraes Branco Tavares
- 1546 **Poemas de Rainer Maria Rilke traduzidos por Augusto de Campos: entre o olhar e o silenciar**
Ana Maria Ferreira Torres
- 1547 **Traduzir para dar voz à malandragem: experiências tradutórias no romance pícaro alemão de Hans Jakob Christoffel Von Grimmelshausen**
Levy da Costa Bastos
- 1548 **Traduzir, reescrever e mediar Elfriede Jelinek no Brasil: um projeto de tradução**
Ruth Bohunovsky
- 1549 **Uma tradução documento e uma tradução ferramenta da peça *Reigen*, de Arthur Schnitzler**
Deborah Raymann de Souza
-
- 1550 **Simpósio 84**
Tradução de literatura e ciências humanas no par de línguas francês-português
Clarissa Prado Marini
Kall Lyws Barroso Sales
- 1552 **Guimarães Rosa em tradução: um estudo sobre a versão francesa de *Primeiras histórias***
Elvis Borges Machado

- 1553 **Le silence des médias (1987)**
e a tradução comentada
de obra ensaística
Beatriz Romero
Maria Angélica Deângeli
- 1554 **Louis Wolfson: vida e obra**
de um estudante de línguas
esquizofrênico
Ciro Lubliner
-
- 1555 **Simpósio 85**
Usos políticos da memória
e da história nas literaturas
de língua portuguesa
Daniel Marinho Laks
Roberta Guimarães Franco
Renata Flavia da Silva
- 1557 **África em prosa e verso:**
o outro lado da história
Caio Cesar Tabajara Silva Santos
- 1558 **"A longa viagem", de Menotti**
Del Picchia, e as disputas por
protagonismo no Modernismo
brasileiro
Daniel da Silva Moreira
- 1559 **"Agora lembrei melhor":**
Ondjaki, autoficção e o
permanente exercício de
deslembrar
Renata Flavia da Silva
- 1559 **"Essas mentiras, caro doutor, vão**
tornar-se verdades indiscutíveis":
memórias subterrâneas, violência
e legitimidade em *O anjo branco*,
de José Rodrigues dos Santos
Daniel Marinho Laks
- 1560 **"Não conheço o meu corpo porque**
não conheço o teu": as memórias
privadas de um mapa coletivo em
"As telefones", de Djaimilia Pereira
de Almeida
Roberta Guimarães Franco
- 1561 **"Não foi um cruzeiro":**
a distopia à cor da pele
em *Água de barreira*,
de Eliana Alves Cruz
Maximiliano Gomes Torres
- 1562 **"Nem muito longe,**
nem muito perto demais":
percepções sobre a presença
do Estado no sertão de *Corpo*
de Baile, de João Guimarães Rosa
Marina Cardoso de Melo
- 1563 **A alegoria de Ulume: memória**
que corre, tempo que transcende
Jéssica Schmitz
- 1563 **A História Geral das Guerras**
Angolanas e sua releitura
pós-colonial em *Pepetela*
Erick Caixeta Carvalho
- 1564 **A memória como ferramenta**
analítica em *A Máquina de*
Joseph Walser e *A Máquina*
de Fazer Espanhóis
Amanda de Britto Murtinho
- 1565 **A reescrita da memória imperial**
na poesia de Patrícia Lino
Leonardo von Pfeil Rommel
- 1566 **As relações entre ficção e história**
segundo José Saramago
Daniel Vecchio Alves
- 1567 **Da imagem-texto**
ao texto-imagem: a fotografia
na construção memorialística de
Retratos Antigos e *No exílio*,
de Elisa Lispector
João Cláudio M. Araujo de Barros
- 1568 **Deslocamentos contemporâneos:**
o imigrante negro em *Morte Sul*
Peste Oeste, de André Timm
Allysson Augusto Silva Casais
- 1568 **Ecos do passado, ventos de futuro:**
Os vivos e os outros,
de José Eduardo Agualusa.
João Gabriel Pereira Nobre de Paula

- 1569 **Entre rastros e ecos:
a transmissão da memória
e as comunidades mnemônicas em
Água funda**, de Ruth Guimarães,
e **No exílio**, de Elisa Lispector
Nicolas Ferreira Neves Jacintho
- 1570 **Ficção, história e política brasileira
na narrativa poética de Cyro dos
Anjos no romance *Montanha***
Ricardo Santos Porto
- 1571 **Figurações do mar em Sophia,
Bethânia e Cesária: uma reflexão
sobre composições atlânticas**
Everson Nicolau de Almeida
- 1572 **História e memória
em *Paisagem com mulher
e mar ao fundo* de Teolinda Gersão**
Solange do Carmo Vidal Rodrigues
- 1573 **Império-minuto: (im)pactos da
memória em *A noite das mulheres
cantoras*, de Lúcia Jorge**
Ariane de Andrade da Silva
- 1574 **Memória, luto e melancolia no
romance de João Tordo**
José Luís Giovanoni Fornos
- 1574 **Motivos para rir:
abordagens sobre
a comicidade na
literatura angolana**
Renato dos Santos Pinto
- 1575 **O tom naturalista
em Ana Paula Maia**
Andre Luiz Godinho Aguiar
- 1576 **Os olhos do cão:
infância, cidade e memória
em *Nós matamos o cão tinoso
e Dragão e Eu***
Diana Gonzaga Pereira
- 1577 **Os usos políticos do cágado como
elemento reivindicador da
memória e da História em Angola**
Adriano Guedes Carneiro
- 1577 **Redenção e dissolução
do passado em *Até que as pedras
se tornem mais leves do que
a água*, de Lobo Antunes**
Gong Li Cheng
- 1578 **Solidão e memória
em *Venenos de Deus, Remédios
do Diabo***
Francisca Kellyane Cunha Pereira
- 1579 **Tomar banho no mar**
André Sebastião D. Corrêa de Sá
- 1580 **Um mapa nos cabelos de Mila:
uma análise de *Esse cabelo,
de Djaimilia Pereira de Almeida***
Isabela Lapa Silva
- 1581 **Uma confraria de corpos
insepultos e lutos impedidos**
Táscia Oliveira Souza
-
- 1582 **Simpósio 86
Versões da lusofonia**
Andreia Guerini
Odile Cisneros
Orlando Grossegese
- 1584 **A literatura brasileira
contemporânea em língua inglesa:
cartografias**
Cimara Valim de Melo
- 1584 **Djamila Ribeiro,
lugares de fala
em tradução italiana**
Giorgio Buonsante
- 1585 **João Ubaldo Ribeiro na Itália:
traduções, paratextos
e agentes da tradução**
Elena Manzato
- 1586 **Para além da alta cultura:
análise de três traduções
de obras de Machado de Assis
publicadas no âmbito da imprensa,
na Argentina, em 1905, 1922 e 1934**
Débora Garcia Restom

1587 **Paz-Pessoa: Diálogos**

Odile Cisneros

1588 **Sem Guimarães Rosa:
uma narrativa alternativa para a
literatura brasileira em países de
língua alemã (1967-1984)**

Orlando Grossegeesse

1591 **Informações sobre a presença
online da ABRALIC**

Apresentação

No biênio de 2020/2021, a Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC – realizou a XVII edição de seus Congressos Internacionais sob a temática Diálogos Transdisciplinares, e vivenciou, em conjunto com toda a comunidade de pesquisadores que se vincularam ao evento e à instituição, um momento singular de aprendizagem e de reflexão para além do âmbito acadêmico. Em decorrência das turbulências da chegada e do alastramento da pandemia do Covid-19 em 2020, o mundo teve de se adaptar a novas formas de contato (e de não contato), a novas velocidades proporcionadas pelo inevitável tráfego em rede de todas as informações e, no âmbito acadêmico, às novas demandas do compartilhamento de pesquisa em formato exclusivamente virtual. Nesse sentido, a ABRALIC se viu imersa na necessidade imediata de se reorganizar e se reelaborar para acolher e dar suporte aos pesquisadores e estudantes que desejavam compartilhar suas pesquisas em meio a um ambiente cercado de incertezas.

Sendo assim, a gestão do biênio, sediada em Porto Alegre e sob a responsabilidade de pesquisadores docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), agradece imensamente à comunidade acadêmica pela intensa participação no congresso e pelo engajamento demonstrado no sentido de contribuir para a boa realização do evento. No ano de 2021, o XVII Congresso ABRALIC contou com a presença de mais de 2600 participantes entre simposistas, comunicadores, apresentadores de pôsteres e ouvintes. No presente e-book, encontram-se os resumos das comunicações inscritas no XVIII Congresso Internacional ABRALIC de 2021 e apresentadas em modo inteiramente virtual.

Os resumos aqui reunidos são uma amostra do fazer comparatista da atualidade, resultado de um longo percurso da ABRALIC em seu papel de associação responsável por promover e instigar os estudiosos da área ao longo de seus trinta e quatro anos de existência. A partir dos trabalhos apresentados, desenvolvem-se leituras, discussões e reflexões que levam pesquisadores de todo o mundo a se dedicarem ao estudo de obras literárias e a observarem novas presenças, vozes e artes, trazendo à tona a elaboração de muitos diálogos transdisciplinares, tema do XVII Congresso ABRALIC e um dos objetivos fundamentais da Literatura Comparada hoje.

Os organizadores

Resumos ABRALIC 2021

Simpósio 1**“Tudo invade tudo”:****ressonâncias transdisciplinares do tecido osmaniano**

Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Elizabeth Hazin (UnB)

Sandra Margarida Nitrini (USP)

Resumo Existe na Literatura uma especificidade de suma importância a ser atentamente explorada, aquela precisamente que diz respeito ao fato de seu significado também repousar nas conexões que consegue acionar a partir de outras áreas do saber. Centrando-se aqui na obra literária do escritor pernambucano Osman Lins (Vitória de Santo Antão, 1924 – São Paulo, 1978), este simpósio tem como objetivo uma profunda reflexão sobre de que modo o texto literário pode ser modificado pela experiência de seu trânsito em outras áreas. Lê-se em *A ideia de ordem*, de Ana Paula Pedro que para Vitruvius a diferença entre o arquiteto e o artesão repousaria na formação do primeiro, que deveria adquirir conhecimento de um conjunto de disciplinas necessárias a sua atividade: literatura, história, filosofia, direito, medicina, astronomia, música, desenho e geometria. Poderia haver algo mais osmaniano? Em entrevista concedida ao *Correio da Manhã* (Rio), de 17 de setembro de 1966, e publicada em *Evangelho na Taba: outros problemas inculturais brasileiros*, Osman Lins afirma que seu livro *Nove, novena* – lançado publicamente em São Paulo, no dia 6 de julho de 1966 – abrange mais áreas de pesquisa do que seus trabalhos anteriores, o que se deve sobretudo ao fato de que seu espírito “permite agora essa aventura”. Dos aspectos formais constitutivos desse livro, chama a atenção o modo como cada uma das nove narrativas se torna foz e confluência de linguagens, ou seja, uma rede tecida no texto com elementos advindos de outros saberes e que a ele adere tão perfeitamente que já não é possível encará-la como um mero conjunto de informações necessárias à construção textual, mas como algo mais esquivo a definições e que instiga no leitor a reflexão. De fato, o diálogo com outros campos do conhecimento que aí se instaura aponta para um profundo envolvimento com a pesquisa, por parte do autor. Fruto de suas andanças pela Europa (esteve na França em 1961, por seis meses, como bolsista da *Alliance Française*) que o puseram em contato com a arte medieval, entre tantas

outras novidades, tal envolvimento abriu seus horizontes, permeando seu texto de outros saberes: a geometria, a entomologia, a música, a matemática, a paleontologia, a álgebra, a alquimia, a astrologia, o pensamento filosófico, a arquitetura e tantos outros. Assim – ao refletir sobre o conceito de transdisciplinaridade – este simpósio pretende refletir principalmente sobre o seu desdobramento em relação ao texto osmaniano, ou seja, sobre como se dá neste recinto – o do espaço da obra – o diálogo com outras áreas do conhecimento – o que envolve pesquisa também por parte de quem estuda esse autor – e em que medida isso afeta sua criação literária. Pretende, pois, investigar os diversos campos do conhecimento que – a partir de Nove, novena – surgem em seu discurso ficcional, na tentativa de apreender o mecanismo transdisciplinar que subjaz à fatura do texto, tornando-o tão peculiar: alusivo, metanarrativo e possuidor de estrutura que nasce naturalmente dos saberes que participam de sua oficina. Serão aqui acolhidos trabalhos que: 1) ampliem o conceito de transdisciplinaridade e sua relação com a Literatura; 2) apontem o modo como a literatura dialoga com outros saberes e como lança mão de sua aprendizagem na elaboração estética de seu conteúdo; 3) repensem as possibilidades de abordagem de outras áreas de conhecimento a partir do diálogo entre elas e a literatura; 4) apreendam em que medida a influência de outras disciplinas afeta o fazer literário e configura sua rede de significações; 5) aprofundem a relação da escrita com a leitura, da forma com o conteúdo, do real com a ficção, a partir da transdisciplinaridade do texto osmaniano. O aparato teórico poderá ser constituído pelos textos de Edgar Morin sobre a religação dos saberes e o método, mostrando o conhecimento como um fenómeno transdimensional, inseparável e simultaneamente físico, psicológico, cultural e social; de Foucault sobre a arqueologia do saber e a história dos sistemas de pensamento; de Krzysztof Pomian, sobre natureza, história e conhecimento, em que se lê que o conhecimento não pode ser concebido como uma unidade e, finalmente, no que diz respeito a questões que envolvam a narrativa, poderá ser usado como base o livro de Hayden White que se intitula *El contenido de la forma* (narrativa, discurso e representación histórica).

‘Guerra sem testemunhas’: uma poética osmaniana

Wesley Moreira de Andrade (USP)

Resumo Osman Lins foi um grande defensor da valorização do escritor em território brasileiro, seja em seus escritos mais íntimos, registros em diários, seja em entrevistas; tanto em obras que flertam com gêneros não-ficcionais, a exemplo da literatura de viagem praticada em ‘Marinheiro de primeira viagem’, quanto em livros como ‘Guerra sem testemunhas (O escritor, sua condição e a realidade social)’. Publicado em 1969, o escritor pernambucano expõe neste híbrido de ensaio e ficção todo o processo do trabalho com o texto literário, desde a concepção da obra até a publicação e a recepção desta pela crítica e pelo público em geral. Osman aproxima-se das preocupações de teóricos como Theodor Adorno, Walter Benjamin e Anatol Rosenfeld a respeito do narrador contemporâneo e do romance moderno, ao mesmo tempo em que antecipa conceitos sobre o papel do texto literário defendidos anos depois pelo francês Roland Barthes em ‘O prazer do texto’. Em ‘Guerra sem testemunhas’, Osman, fiando-se na experiência já adquirida com a redação e a publicação de trabalhos como ‘O fiel e a pedra’ e ‘Nove, novena’, por exemplo, além de apresentar proposições e reflexões a um leitor dileitante que almeja seguir a carreira literária, também revela com ineditismo as dificuldades que este poderá ter com o mercado editorial e a importância da literatura na sociedade. Após mais de 50 anos de seu lançamento original, ‘Guerra sem testemunhas’ é um livro atual e primordial para compreensão da bibliografia e da poética do autor de obras-primas como ‘Avalovara’.

A concepção geométrica sintética e clara de “O pássaro transparente”

Marcos Eduardo Lopes Rocha (UnB)

Resumo Dentre os inúmeros diálogos transdisciplinares que compõem os textos de Osman Lins, a aproximação entre geometria e literatura é um dos mais notáveis, sobretudo na fase madura de seu repertório literário, marcada pela publicação de Nove, novena (1966).

Nesta obra, já na epígrafe de Matila C. Ghyka – “uma concepção geométrica sintética e clara fornece sempre um bom plano” – fica evidente a presença da geometria em seus textos. A geometria – do grego γεωμετρία, em que geo- significa terra e -metria, medida – entra como um componente complexificador do espaço literário. No caso de “O pássaro transparente”, primeira narrativa de Nove, novena, o espaço literário não é somente a janela da cozinha ou o trem que leva o homem inominado, personagem principal da narrativa, de volta à sua cidade natal. Há também o entendimento de que a própria disposição do texto no papel é um fator geométrico na narrativa e, portanto, espacial. Ao agrupar dois parágrafos para criar um “quadro” da vida do personagem (para usar a nomenclatura utilizada por Sandra Nitirini em Poéticas em confronto), Osman Lins cria a estrutura de “O pássaro transparente”. São nove os quadros que compõe a estrutura desse conto, assim como Nove, novena é formado por nove textos. Essa proporção numérica nos remete primeiramente à *Esthétique de proportions dans la nature et dans les arts*, livro de Ghyka citado na epígrafe. Em segundo lugar, é possível também associar essa relação numérica à geometria fractal de Benoît Mandelbrot, criada apenas nove anos após a publicação de Nove, novena. Apesar de poder não ter conhecido a geometria fractal, Osman Lins cria em “O pássaro transparente” uma relação de autossimilaridade com Nove, novena, ou seja, a narrativa tanto em sua forma como em seu conteúdo funciona como uma miniatura de Nove, novena dentro do próprio livro.

**Entre a “sede de volúpia da faca” e o agulhão da consciência:
os trunfos paradoxais do livre arbítrio do carrasco institucional
em “Conto Barroco e Unidade Tripartita”**

Fernando Antônio Dusi Rocha (UnB)

Resumo A presente comunicação tem por objetivo avistar, num horizonte hermenêutico nietzschiano, a possibilidade de leitura do “Conto Barroco” pelo prisma do conceito de vontade de poder projetado sobre as implicações ético-jurídicas do procedimento de execução sumária da vítima, sob encargo do verdugo-policial. Com o intuito de validar a complexidade das inúmeras formas de interpretação da narrativa em estudo, pretende-se averiguar na presente leitura os

paradoxos avistados entre o prazer da crueldade – ou a “sede de volúpia da faca”, segundo metáfora do próprio Nietzsche –, traduzido no exercício de autotutela do castigo pelo carrasco-policialesco, enquanto ferramenta institucional do poder punitivo do Estado-Juiz, e a resistência interior à crueldade ou do combate à espiritualização da crueldade, cujos indícios, paradoxalmente, também podem ser percebidos nas atitudes do próprio verdugo, à vista de suas condutas hesitantes situadas no território turvo entre arrependimento na aplicação da pena e a consciência da vontade de poder. O objetivo primacial dessa comunicação é proporcionar um debate sobre a questão da consciência enquanto irremediavelmente encerrada no círculo de interpretações, as quais nunca se esgotam como formas tradicionais de acesso à verdade. Trata-se, enfim, de uma tentativa de buscar rastros de como o vastíssimo horizonte hermenêutico aberto pela leitura da narrativa *Osmaniana* articula-se com o conceito de vontade de poder, sob o signo da emblemática afirmação nietzschiana segundo a qual o texto desaparece, restando apenas o poder infinito da interpretação instituidora de sentido e valor.

História e literatura: narrativas transdimensionais

Lenna Carolina da Silva Solé Vernin (UERJ)

Resumo O presente trabalho se propõe a relacionar o conto “Fantasmas”, de Osman Lins, com a perspectiva da transdimensionalidade do conhecimento proposta por Edgar Morin em suas interlocuções temáticas entre o conhecimento histórico, criação literária e a educação. Diante do diálogo colocado entre as duas primeiras áreas de conhecimento, ambas ao abordarem temas reais ou factíveis colocam o autor frente ao dilema da escolha teórica. Definindo-se teoricamente cada autor traz consigo os autores que embasaram suas reflexões, de acordo com Michael Foucault, tornando cada texto uma espécie de produção coletiva. Ainda pensando a relação entre história e literatura, voltaremos o foco para o fazer historiográfico e a criação literária. Retomando a discussão levantada em 1973 por Hayden White sobre a Meta-História a respeito do trabalho historiográfico como uma espécie de produção textual aproximada de qualquer outro gênero literário. Uma vez que narrativa histórica consistiria,

sobretudo, num discurso sobre o passado e o historiador um tipo de escritor que enfrentaria os mesmos impasses criativos que o literato, as narrativas se equalizariam, a despeito do critério metodológico e crítica documental dos pesquisadores e preocupação estética dos escritores. Com isso, tal trabalho voltou-se a ideia discursividade da História, entendendo a historiografia como uma operação verbal ou discursiva, comparada em algumas ocasiões a própria literatura.

Inquietações filosóficas no romance

***A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins**

Cacilda Bonfim (IFMA)

Resumo O romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins, publicado em 1976, lança ao leitor vários convites: ler, buscar, comparar, conectar, fruir, pensar, filosofar. Dentre as muitas temáticas que aborda, a problemática existencial é, sem dúvida, uma das mais fascinantes. Construído sobre a forma confessional de um diário que contem em si um ensaio crítico acerca de uma obra literária não publicada, o livro de Lins se apresenta em um primeiro momento como uma construção ficcional que se fundamenta mimeticamente na perspectiva realista para, em seguida, violar essa estrutura, estilhaçando-a em mil pedaços. Assim, se inicialmente a narrativa se vale da verossimilhança, que pressupõe a admissão da existência natural dos personagens, a sequência dramática acaba rompendo totalmente essa perspectiva ao fazer o protagonista se transmutar em um dos personagens do romance que ele analisava em seu diário-ensaio. Ora, a metamorfose sofrida pelo personagem enseja uma série de indagações que ele levanta sobre a natureza de sua realidade, em um horizonte filosófico que instiga o leitor a transpor os limites do deleite estético rumo ao desafio de percorrer seus próprios labirintos existenciais em busca de significação. Este trabalho visa evidenciar algumas questões filosófico-existências suscitadas pelo romance, tendo como subsídio teórico-metodológico uma aproximação relacional entre esta obra de Lins e as temáticas mais significativa da filosofia da existência, desenvolvida a partir do século XIX, fundamentalmente por Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche.

O escudo de Lins: o saber que advém das batalhas cinzeladas em um apresto de guerra

Elizabeth Hazin (UnB)

Resumo A partir de pesquisa que resultou em artigo sobre o romance de Osman Lins intitulado *O fiel e a pedra*, em que aludi à comparação feita por vários autores entre este e a Eneida, dei-me conta de que talvez a aproximação com Virgílio devesse se estender para além dos limites do romance e até mesmo do poema épico (incluindo aí as *Geórgicas* e as *Bucólicas*), de certo modo acompanhando a obra de Lins desde então. Esse trabalho é uma tentativa de pensar em que medida a leitura do poeta latino – tido por Dante e pela Idade Média como “o altíssimo poeta” – feita por ele plasmou, tanto na forma como no conteúdo, livros seus (Nove, novena, Avalovara e A rainha dos cárceres da Grécia), demonstrando ser o autor pernambucano alguém que desejava se inserir fundamente na tradição literária, considerando a corrente infinita que envolve textos e autores, como tão bem nos lembra Curtius em seu livro *Literatura Europeia e Idade Média Latina*: “Sem Homero, não haveria a Eneida; sem a incursão de Ulisses ao Hades, não teria havido a viagem de Virgílio ao outro mundo; sem esta, não haveria a de Dante”. Trata-se, pois, de mostrar a relação de Osman Lins com a poesia clássica latina, conhecimento que lhe acrescenta aos textos a alegria e o lampejo de um novo saber.

Osman Lins e Laurence Sterne a bordo de suas narrativas de viagem

Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Resumo Não apenas menções explícitas de Osman Lins (1924 – 1978) às influências que a obra de Laurence Sterne (1713 – 1768) causaram em sua própria obra atestam que o escritor pernambucano contou com a literatura do irlandês nascido quase duzentos anos antes dele, na elaboração de seus textos. O objetivo aqui proposto se refere às escrituras que são desdobradas a partir do trânsito pelos espaços viajados, mas que ultrapassam a descrição dos lugares simplesmente,

provocando embarques mais em pensamentos e digressões do que em descrições de percursos munidos de roteiros pormenorizados e visitas aos lugares ditos turísticos. As narrativas de ambos escritores se direcionam ao leitor e não ao turista; os narradores apresentam peculiares focos narrativos: na obra de Lins, se dá em terceira pessoa e na obra de Sterne é Yorick, alter ego literário do escritor irlandês quem narra. Nos dois textos o leitor é levado a transitar pelas ideias (mais do que pelas descrições dos lugares). A proposta a desenvolver nesta comunicação lança-se, portanto, às duas obras: *Marinheiro de Primeira Viagem*, de Osman Lins, lançado em 1963 no Brasil; e *Viagem Sentimental*, de Laurence Sterne, em 1768 na Grã-Bretanha, a fim de estabelecer análise comparada entre elas, tendo a literatura de viagens, enquanto gênero, como contraponto.

Osman Lins, a leitura subjetiva e a formação de leitores

Carolina Duarte Damasceno Ferreira (UFU)

Resumo A *Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins, é, certamente, um dos livros que melhor abordam a questão da leitura literária em suas diversas facetas. A proposta do escritor pernambucano de criar um narrador que se debruça, em um diário, sobre um livro ao qual os leitores somente têm acesso a partir de seus comentários desencadeia um leque de reflexões sobre a interpretação e sobre o importante papel desempenhado por quem lê na constituição do objeto literário. O livro parece exemplificar um comentário de Culler: “Interpretar uma obra é contar uma história de leitura” (1999, p. 66). Tendo em vista a proposição do simpósio, que se deterá sobre a relação da obra osmaniana com outras disciplinas e campos do saber, o intuito desta comunicação é mostrar o quanto *A Rainha dos Cárceres da Grécia* ajuda a compreender os alcances da leitura subjetiva -vertente teórica francesa que se propõe a repensar alguns moldes do ensino de literatura, dando espaço à subjetividade dos leitores. O diálogo terá como base principalmente a ideia de “texto do leitor”, de Pierre Bayard (2007) e as imbricações entre a leitura e identidade proposta por Annie Rouxel (2013). Pretende-se evidenciar, assim, que a obra de Osman Lins, décadas após suas análises de livros didáticos, continua contribuindo para discutir sobre o que está em jogo

na apropriação do texto literário e ajuda a pensar sobre a formação dos leitores – questão que lhe era tão cara.

Osman Lins, entre vistas

Francismar Ramirez (UnB)

Resumo O autor de Avalovara alimentou com carinho e esforço a sua relação com o universo mediático (uma noção que, no seu tempo, entendia-se como indústria cultural). Osman Lins fez rádio (escreveu crônicas diárias e fez adaptações literárias), assumiu a crítica teatral por um tempo (para o Jornal do Comércio), refletiu sobre temas diversos na imprensa (visto que posicionar-se era, a seus olhos, um valor importante) e também o fez para tevê (com três narrativas transmitidas pela TV Globo). Igualmente concedeu entrevistas ao menos entre 1954 e 1978. Deste período dão conta os diálogos recolhidos por Julieta de Godoy Ladeira em 1979, ano em que Evangelho na taba. Outros problemas inculturais brasileiros é publicado em São Paulo. Ainda que o escritor pernambucano não considerasse os artigos para jornal como parte de sua obra, quem estuda os seus textos não pode desconsiderar nem tais posicionamentos culturais, nem os diálogos compilados no livro de 1979, nem as entrevistas nas quais Lins fez o papel de entrevistador. Se bem consideravelmente menos (comparados aos que ofereceu), os diálogos propostos por Lins aparecem parcialmente em Marinheiro de Primeira Viagem (1963). Neste volume, por exemplo, o leitor deparar-se-á com uma versão reduzida da entrevista a Vintila Horia, outra da conversação com Alain Robbe-Grillet em uma sala das Editions de Minuit, uma com Michel Butor e mais umacom Jean-Louis Barrault. Produto, todas, de sua primeira viagem a Europa (1961), quando permaneceu seis meses em Paris como bolsista da Aliança Francesa. Considerando ainda a relação híbrida com o gênero da entrevista (inicialmente jornalístico, mas permeado pela ficção em um volume como Guerra sem testemunhas), este trabalho se propõe traçar um perfil do autor a partir dos diálogos oferecidos pelo autor e dos por ele propiciados.

**Saberes da ficção, saberes dos tecidos:
o *Manual de Fabricante de Tecidos*
como suplemento à ficção de Osman Lins**

Pedro Henrique Couto Torres (IFB)

Resumo Osman Lins (1924 – 1978), como de praxe em sua prática literária intertextual, emprestou aos ofícios manuais uma inspiração temática e mesmo, terminológica, coextensiva a seu trabalho literário. Pretendo analisar como o saber têxtil e seu repertório técnico, material, histórico e estético suplementam a poética osmaniana, movimentando-a criativamente. Osman Lins, como destacado por diversos críticos, estudou manuais técnicos que, intertextualmente, fomentaram parte da diversidade de seu trabalho ficcional. Examinando neste trabalho o *Manual do Fabricante de Tecidos*, livro técnico de que se valeu Lins na leitura para empreender e apreender as minúcias do saber têxtil. Verificarei passagens em obras de Lins em que o tema do tecido surge. Para isso, trarei excertos de *Nove*, *Novena*, *Avalovara* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. A reflexão que apoia meu trabalho é aquela de Barthes. Tomando o exemplo do romance de Daniel Defoe, o pensador francês n’*Aula*, proferia: “A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura).” E continua: “Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso.” Sendo assim, também proponho verificar a validade da proposição de Barthes a partir da obra de Osman Lins.

Simpósio 2**(Per)formar literário: fruição, ficção, ação**

Fernanda Boarin Boechat (UFPA)

Daniel Martineschen (UFSC)

Otávio Guimarães Tavares (UFPA)

Resumo A relação literatura e vida, ou ainda, a tensão entre ficção e realidade, ocupa lugar central em diferentes debates no âmbito da Teoria da Literatura. Tal dicotomia, contudo, também pode ser tomada a partir de uma perspectiva conciliatória, de modo que se destaca certa complexidade presente no tecer e no tecido da obra literária. Assim, compreendemos como ponto de partida interseções entre literatura e vida, também entre ficção e realidade, em diálogo com a abordagem do romanista alemão Ottmar Ette, que reconhece na literatura um caráter transareal. Ette, nesse sentido, destaca que na literatura “[...] origina-se um campo de tensão não entre ficção e realidade, mas muito mais entre texto e vida. Já que a literatura [...] não é uma realidade representada, mas a representação literária de realidades vividas e vivenciadas que não podem ser reduzidas, como sempre, a uma realidade construída. Ou de outro modo: literatura é, porque ela é mais do que ela é” (ETTE, 2011, p. 50-51). Investigações voltadas à dimensão comunicativa da literatura, bem representadas no âmbito da Teoria da Literatura pelo trabalho de Wolfgang Iser em *O fictício e o imaginário* (1996), podem ampliar e aprofundar o debate que envolve a relação literatura e vida, a exemplo do que chama de relação tríplice em literatura – entre real, fictício e imaginário – presente como um mecanismo ou funcionamento. Para além das pesquisas na área de Estudos Literários, podemos observar o contato entre literatura e realidade compreendido a partir da noção de John Austin (1962) de atos de fala, em que as palavras e dizeres afetam e constroem a realidade. Em diálogo com Austin e uma tradição retórica antiga, Barbara Cassin (2019) irá apontar que Górgias, ao escrever o *Elogio de Helena*, instaura um mundo em que a inocência de Helena é possível. Judith Butler (1997) nota que o discurso de ódio deve ser compreendido não apenas como um ato discursivo semântico, mas como uma agressão ao outro, um ato de violência. Os contornos que podemos traçar destes movimentos apontam para uma ambígua relação em que as fronteiras entre

literatura, vida, realidade, ficção não podem ser absolutamente fixadas. Celso Braida irá apontar que a arte não é a concretização de um possível, mas sim que ela instaura o possível: “Uma vez admitido o primado do efetivo sobre o possível, admissão essa de difícil aceitação por implicar a destrascendentalização do artístico, a operação da arte então teria de ser pensada como um ato de ficção que faz ser o que não é, pois seria a ação de tornar possível, em vez de ser uma realização do possível. De ponta a ponta, o artístico se daria por atos de ficção que tornam possível e assim acrescentam outras possibilidades que as existentes” (2018, p. 27). Identificamos que o debate em torno do caráter do texto literário, não raro sobre sua função (social) ou utilidade, e que também envolve a relação realidade e ficção, está presente em diversas políticas e em momentos históricos distintos, seja mesmo em consideração à presença da Literatura como disciplina obrigatória na Educação Básica e orientações nacionais para processos de seu ensino e aprendizagem, seja sua presença robusta em políticas internacionais, como foi na Política de Boa Vizinhança (Good Neighbor Policy) promovida pelos Estados Unidos com a América Latina entre os anos 1933-1945. Quando consideramos as políticas em que o texto literário se insere, no contexto de concepção e recepção, é importante considerar uma rede de associações, aqui em diálogo com Bruno Latour (2012), em que os atores não são somente governantes, escritores, tradutores, intelectuais, mas também as próprias obras. Objetos/atores são considerados como mediadores, ou seja, instâncias que não somente transportam significados em um social construído de associações, mas como instâncias que podem transformar, traduzir, modificar e até distorcer significados em uma “rede em trabalho” ou, como Latour (2012, p. 65) menciona, uma *worknet*. Dessa forma, a obra com seu caráter polilógico (ETTE, 2011, p. 50-51) é capaz de movimentar discursos não somente por meio da recepção do leitor, mas é vista como ator de uma rede que atua no espaço das relações humanas, quiçá (re)configurando espaços e mesmo “redes em trabalho”. Nesse sentido, vale destacar também políticas de tradução, senão o próprio ato tradutório, como campo de investigação que se volta à relação realidade e ficção em literatura. Em vista dos apontamentos aqui brevemente reunidos, propõe-se no presente simpósio trazer à tona as possibilidades discursivas a partir da investigação do texto literário, com destaque para discussões em torno da natureza e caráter do

texto, portanto, que observem a linguagem em literatura e seus desdobramentos nos contextos de produção e recepção.

**A (trans) formação da família contemporânea na crônica:
“Já não se fazem pais como antigamente” de Lourenço Diaféria**

Luciana Raimunda de Lana Costa (UNEMAT)

Simeire da Silva Santos (UNEMAT)

Resumo Embora seja comum as pessoas pensarem na literatura como fenômeno de engajamento social utilitário e que cumpre uma razão de ser enquanto ensinamento ou informação, este apanhado de reflexões se preocupa em evidenciar a crônica “Já não se fazem pais como antigamente” de Lourenço Diaféria (In Santos 2007) quanto a sua axiologia estética tanto pela forma quanto pelo conteúdo da narrativa assim como propõe Bakhtin (2011). Visamos perceber as nuances propostas na narrativa diaferiana e que possibilitam ao leitor suprir a sua necessidade de ficção e fantasia (CANDIDO, 1995), pois subverte a visão patriarcal estabelecida de família e de comportamento dos filhos já a partir do título. Discutimos também a relação, a constituição e a participação dos pais na formação dos filhos a partir da abordagem da crônica de Diaféria. Como respaldo teórico e metodológico utilizamo-nos das concepções de Antonio Candido (1992, 1995), Mikhail Bakhtin (2011), Umberto Eco (2005), Walter Benjamin (1994), Massaud Moisés (1995) Leyla Perrone Moises (2006), acerca de conceitos basilares referentes ao bojo e à estrutura narrativos. Ao final, esperamos que o leitor perceba as transformações sociais e de perfil pelas quais passam as famílias do século XXI. Destacamos, ainda, para o leitor que a experiência literária ultrapassa os sentidos de fruição, ampliação de horizontes, deleite ou comunicação. O texto literário constitui-se, assim como defende Candido (1995), um direito basilar do ser humano.

**A entrevista e o silêncio:
a crítica biográfica e as dimensões teórico-ficcionais
entre obra e vida em Oswaldo Reynoso e Rubem Fonseca**

Lara Mucci Poenaru (UFMG)

Resumo Este trabalho contrapõe as posições de Oswaldo Reynoso (Arequipa, 1931-2016) e Rubem Fonseca (Juiz de Fora, 1925-2020) frente ao gênero entrevista. Enquanto Reynoso constrói um repertório autobiográfico para os estudos críticos de sua produção, Fonseca afasta-se de declarações públicas sobre si e suas obras. Apesar de se consolidarem como referentes de uma prosa urbana de vertente violentamente realista, cujas obras retratam grupos sociais demarcados, que se aproximam em seus desvios (morais, sexuais, de caráter), a partir da percepção ultra-humanizadora das personagens e da consciência da corporalidade a partir da degradação, as trajetórias pessoais de Reynoso e Fonseca divergem-se nas diferentes opções ideológicas assumidas. Enquanto Reynoso filia-se às correntes marxistas-maoístas, favoráveis à luta armada, Fonseca atua no IPES, agremiação que apoiou o golpe militar, ainda que o seu grau de pactuação com o movimento militar sempre permaneceu turvo. Se a entrevista é um importante meio através do qual se dá a conhecer a figura do autor, é necessário compreender a opção pela exposição ou reclusão dentro desta perspectiva. Ao tomar a palavra na entrevista, o autor constrói um discurso sobre si mesmo? um mapa de navegação ao leitor, para que possa se aventurar por suas obras? O que implica a decisão por silenciar opiniões, memórias, ou quaisquer traços biográficos à opinião pública? É possível pensar na construção da personagem do autor pela sua recusa a se deixar entrevistar? Se Reynoso utiliza a entrevista como plataforma para fugir do jogo de poderes ao qual está submetido pela crítica, Fonseca opta pelo silêncio para se afastar da realidade autoritária a qual os biografismos insistiriam em o aproximar. A perspectiva adotada almejou destacar a imbricada relação entre texto literário e traços biográficos, sem pretender reduzir a obra à vida dos autores, nem atrelar a ficção a um subproduto das experiências pessoais.

A escrita performática de Ariano Suassuna no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*

Ester Suassuna Simões (UFRJ)

Resumo Em dezembro de 2017, foi publicado postumamente o livro *O Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, que o escritor Ariano Suassuna passara cerca de trinta anos escrevendo. O que essa publicação revela é que, mais do que apenas autobiográfica, a escrita suassuniana era performática. Não havia margens entre arte e vida, e, em seu cotidiano, Suassuna performava personagens de sua literatura. O livro é composto de oito cartas assinadas por Dom Pantero do Espírito Santo, uma máscara criada por Antero Savedra, um dos muitos heterônimos de iniciais A.S. que aparecem no livro. Antero Savedra é sobrinho de Antero Schabino (ensaísta) e irmão de Adriel Soares (dramaturgo), Altino Sotero (poeta) e Auro Schabino (romancista). Antero e Ariano buscavam sintetizar as produções desses muitos “eus” fragmentados, e o caminho que encontraram para isso estava no palco, através das aulas-espetaculosas de um, aulas-espetáculo do outro. O palco só era possível porque estavam os dois – autor e personagem – portando a máscara de Dom Pantero. Este trabalho buscou, sobretudo a partir do que foi postulado por Aguilar e Camara (2017), Klinger (2008) e Ravetti (2002), investigar quais mecanismos Suassuna utilizou na construção de suas máscaras e pose performáticas na escrita de seu romance e, simultaneamente, em seu cotidiano e aparições públicas. Entender o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* como narrativa performática nos confirmou que a obra de Suassuna dialoga com o que tem se produzido na contemporaneidade e aponta para um futuro sonhado por um realista esperançoso.

A mulher, por ela mesma: o protagonismo feminino de Bormann/Délia

Gabriela Semensato Ferreira (UFRGS)

Resumo Lésbia (1890), de Maria Benedita Bormann (Délia), tem como protagonista Arabela, uma escritora no século XIX, época em que ainda se esperava das mulheres uma dedicação exclusiva ao lar.

Ao tornar-se escritora, Bela toma para si o nome de Lésbia, e depois nomeia seu Catulo, invertendo a lógica do poeta que elege sua musa, da mulher como objeto de amor e de inspiração para a criação literária. Outra inversão revolucionária ocorre quando Lésbia compartilha seus escritos com um médico amigo da família. Como aponta Norma Telles (2009, p. 299), através desse ato ela se torna “curadora”, provocando uma revolução interna no próprio médico, que antes ensinava as damas da sociedade a se comportarem. Aumentando o escopo, pode-se observar que a carreira literária de Bormann, ou Délia, face ao mesmo contexto sociocultural patriarcal, cai no esquecimento e só é parcialmente resgatada recentemente, a partir da pesquisa de Norma Telles. O mesmo ocorre com inúmeras outras escritoras no Brasil, como mostra “Escritoras brasileiras do século XIX”, organizado por Zahidé Muzart. Com este trabalho, proponho, portanto, uma reflexão sobre a potência da literatura em instaurar o possível, mais do que apenas retratá-lo, e como isso pode resultar em uma (re)invenção de si, no caso da personagem e da própria escritora. Afinal, com esse “romance de artista” (TELLES, 1998) e em outras publicações, Délia forma um projeto estético e torna realidade para si o que desenha para sua personagem: uma literatura própria. Ao reconhecer a mistura entre literatura, vida e imaginação em seus textos, alerta para que não se confundam essas instâncias, e cria personagens que buscam a liberdade. Assim, subverte não só a condição da mulher em sua época, mas o que se entendia por literatura. Ao escrever, inscreve-se na história que agora ressurgirá a partir de outras escritas.

A verdade particular da ficção no plano da criatividade literária e da elaboração psicológica

Sávio Moreira de Borba (UFAM)

Resumo Dentro do campo da Literatura, Juan José Saer define a ficção como uma antropologia especulativa, inadequada de se sustentar fixamente na antinomia verdade-mentira. Pelo contrário, a ficção se aproveita tanto da dita verdade quanto da dita mentira para dizer um terceiro posicionamento que se evade, no que diz respeito ao estudo literário, desse tipo de julgamento. Aliado a isso, o psicólogo suíço Carl Gustav Jung cunha a expressão Realidade Psíquica

para descrever o fenômeno inescapável de apreensão da realidade por um viés subjetivo. Decorrencia disso é o desmantelamento de uma visão de mundo mais ingênua, que define como quase auto evidente as fronteiras entre verdade e mentira, objetividade e subjetividade. Seja pelo eixo psicológico seja pelo eixo literário, a ficção se impõe com uma proposta de relatar criativamente uma certa imaginação objetiva. Por mais paradoxal que esta expressão possa parecer (e o é), faz-se importante observar que tipo de relato é esse. Se não uma verdade, se não uma mentira, qual a pertinência a que se propõe a ficção e qual valor podemos depreender dentro de seus próprios parâmetros, com critérios que façam jus a tal produção? O presente trabalho busca estudar a literatura de ficção à luz de uma verdade humana artisticamente expressa em linguagem simbólica. Nesse fito, podemos relativizar a concepção simplificada de verdade universal objetiva e elaborar uma verdade relativa cujas raízes se encontram em uma realidade interior especulativa (que também podemos entender por inconsciente). Outrossim, a elaboração literária, neste caso a de gênero ficcional, é o meio de transposição e comunicação dessa verdade particular humana.

Antônio Torres e a polêmica como gênero literário e performance

Patricia Míguez Lattavo (PUC-Rio)

Resumo A polêmica ocupa, mais do que nunca e de forma recorrente, todos os meios de comunicação, já que vivemos em uma sociedade pautada pelo dissenso. Mas a polêmica pública não é um fenômeno do momento, ao longo de nossa história ela ajudou a moldar o cenário do meio cultural brasileiro e contribuiu para o entendimento de sua dinâmica e de seus atores. Desde o final do século XIX, em que adquiriu status de gênero literário pela riqueza estilística das contendas, e ganhando outros contornos ao longo do século seguinte, – até chegarem ao século XXI como fenômenos midiáticos –, as interações polêmicas de grande repercussão são marcadores por meio dos quais é possível compreender o ambiente político, as dinâmicas sociais e as tendências culturais de uma época, além, é claro, do papel fundamental da figura do intelectual. Nos anos 1920-30 era Antônio Torres o mais controverso dos polemistas e também o mais lido no

Rio de Janeiro. Era um ex-padre e ainda assim um crítico impiedoso que atacava seus desafetos com palavras de baixo calão e insultos pessoais que faziam parte de seu estilo e contribuíam para o caráter performático de sua escrita. Uma das figuras mais vilipendiadas por esse ferrenho nacionalista era o cosmopolita Paulo Barreto, o João do Rio, que chegou a ser chamado por ele de “um balaio de toucinho podre”. A poeta Gilka Machado também não foi poupada pela “pena e estilo sem ferrugem”, segundo Guimarães Rosa, de Antônio Torres. Apesar dos maus modos, Torres, conhecido como homem de grande cultura, produziu, com sua crítica implacável à sociedade e à intelligentsia cariocas, registros fundamentais dos costumes de uma época. Busca-se aqui analisar as formas como Torres manipulava o discurso polêmico entendendo-o com gênero literário e performance.

Auden, Yeats e o que pode a poesia nas sombras do modernismo (e da guerra)?

Otávio Guimarães Tavares (UFPA)

Resumo Em seu ensaio “The Philosophical Disenfranchisement of Art”, Arthur Danto parte do poema de W. H. Auden “In Memory of W. B. Yeats” para questionar o que pode a poesia – e a arte – fazer no mundo. Esta pergunta adquire contornos diante do posicionamento paradoxal – presente desde Platão – de que “a arte nada pode no mundo” e de que, ao mesmo tempo, “a arte é perigosa (logo deve ser controlada/censurada)”. Com esta problemática em vista, proponho voltar ao trecho do verso de Auden “poetry makes nothing happen”, contextualizando-o na totalidade do poema e lendo-o diante do pano de fundo do “alto” modernismo anglófono em suas diversas propostas de alterar a sociedade da época, banhadas em uma relação problemática de um elitismo poético (visível em um hermetismo da construção linguística), seu apelo à uma “alta cultura”, deslocada e até mesmo contra uma cultura popular que, por fim, desaguaram no conservadorismo de Eliot e no fascismo de Pound, mesmo perante o genocídio da Segunda Guerra Mundial e dos campos de concentração Nazistas. Proponho pensar o posicionamento poético-político de Auden como uma reação à poética modernista e sua grandiloquência destrutiva, em que a recusa da possibilidade de uma ação direta

sobre a sociedade ande junto a um maior acesso ao poético, assim problematizando a relação de causalidade na noção de “fazer algo” e da exigência por uma função (comumente presente na pergunta “para que serve?”) como propostas eminentemente atadas a uma cosmovisão capitalista de mundo.

***Die Schutzbefohlenen*, de Elfriede Jelinek:
um encontro entre a crise de refugiados,
a literatura clássica, a filosofia e o discurso oficial**

Gisele Jordana Eberspächer (UFPR)

Resumo Em 2012, um grupo de refugiados palestinos e afegãos ocupou a Votiv-Kirche, em Viena, em súplica: pediam que seus processos fossem considerados e que sua permanência na Áustria fosse permitida. A intertextualidade entre o acontecimento e a peça *As Suplicantes*, de Ésquilo, não passou batida pela escritora austríaca Elfriede Jelinek, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2004. Em 2013, Jelinek publica o texto *Die Schutzbefohlenen*, na qual dá voz literária às súplicas em um peça que mistura Ésquilo, as Metamorfoses de Ovídio, os escritos de Heidegger e falas e documentos da Secretaria Nacional da Integração, órgão do Ministério da Fazenda austríaco. Para aprofundar o debate sobre a relação entre literatura e vida, este trabalho busca apresentar a maneira com que Jelinek traz essas fontes para seu texto, misturando discursos de ódio com literatura clássica e filosofia. Para isso, descreve-se também as “superfícies textuais” [*Textflächen*], termo criado pela própria Jelinek, e amplamente discutido em sua fortuna crítica, para descrever os longos parágrafos sem estruturação aparente dos quais suas peças são constituídas. Também discute-se as possibilidades de tradução da obra; afinal, em um texto que utiliza tantas fontes, despertando em leitores e espectadores várias relações, quais podem ser as estratégias de tradução que façam com que leitores de outro país e com outras referências também possam fazer suas próprias relações e associações? Nesse sentido, propõe-se uma discussão sobre a adoção de outros referenciais culturais e históricos para a tradução.

Documentos de performance en las escrituras literarias

Luciana Irene Sastre (Universidad Nacional De Córdoba)

Resumo Quisiera encaminarme hacia la lectura de tres actos literarios, que también podría llamar performances de la escritura. Me propongo indagarlos en relación a tres problemas: el de la voz, el de la escritura y el de la crítica. En este sentido, *De madre* de Nanne Timmer, *Ensayo de vuelo* de Paloma Vidal y *Libros chiquitos* de Tamara Kamenszain se articulan, con cierta presión hacia la progresión gradual en mi análisis, para pensar el vínculo entre literatura y vida o entre la escritura y la experiencia. Abordados en la perspectiva de la performance, como teoría y como práctica, es posible detectar, nombrar, analizar ciertos tráficos específicos declarados en los textos mismos como instrucciones de discursividad. Estas tres obras de escritoras entre la academia y la literatura, dejan registro de la motivación en el entramado de la escritura, cuando es un acto de lectura. Las escrituras exhiben el trabajo anterior al acto mismo de escribir desplegando el problema de las extensiones de distintos modos, como una performance que se pregunta cuándo comienza. Según mi perspectiva, de ese desborde de estatutos queda esa especie de documento de la creación. Ahora bien, en cuanto a la textualidad crítica, el libro de Kamenszain particularmente, despliega y pliega -una operación en cierto sentido inversa a la que realizan los otros dos textos que estudio- la cuestión del género, y refiere la selección de textos en relación a la poesía, pero a mí me interesa detenerme en la sucesión de escenas de lectura en voz alta que recupera en el proyecto del libro, porque señalan, otra vez, la motivación, dejándola anotada como un documento de performance.

Em busca da afetividade perdida em “o pior dia de todos” de Daniela Kopsch: a literatura como resposta à ruína da palavra

Antonio Valmario Costa Júnior (UFF)

Resumo “El desastre des – escribe”, limita y erosiona la capacidad del individuo para darle sentido con el pensamiento y expresarlo con el lenguaje.” (BLANCHOT *apud* SANTIÁÑEZ, 2006, P. 51). Estas

palavras de Maurice Blanchot (1907 – 2003) parecem refletir fielmente o que a jornalista Daniela Kopsch enfrentou durante o enterro de uma das vítimas do “massacre de Realengo”, e que a fez dizer à sua editora: “Não dá mais. “ (KOPSCH, 2019, p.254). Parelha à sua limitação pessoal, evidenciou-se nela sobretudo o que Blanchot chamou de a ruína da palavra, uma ruptura cognitiva e expressiva para com a totalidade. Ao comentar o uso da condicionalidade histórica do uso do computador em *O Pêndulo de Foucault*, Umberto Eco (1932 – 2016) nos lembra que “As restrições são fundamentais para toda operação artística” (ECO, 2003, p. 294), evidenciando-nos, então, que no fluxo entre a ficção e a não ficção, as restrições podem obedecer a aspectos limitadores da realidade. No caso de *O pior dia de todos* (2019) nos parece que a restrição imperativa da construção narrativa se fez pela supressão da percepção da afetividade naquele episódio tão violento, não obstante, aquela restrição tenha ensejado a que a escritora Daniela Kopsch, desvelasse, recuperasse ou construísse nomes para as coisas inomináveis que a jornalista Daniela Kopsch testemunhara e sobre as quais não lograra escrever. Richard Ohmann (1931 -) ao comentar Austin, nos recorda que “nossa palavra é nosso vínculo” e que grande parte da natureza ética da vida humana está suportada pelos atos ilocutivos. (OHMANN, 1999, p. 41). Literatura e jornalismo, ainda que de modos distintos, se servem dos atos ilocutivos. É justo na ruptura entre vínculo e palavra e na ética presente no jornalismo e na literatura que buscaremos apresentar o delicado trabalho de reconstrução da efetividade neste romance de Daniela Kopsch.

Ilhas na literatura – experiências transareais

Cintea Richter (UFRGS)

Resumo O comparatista Ottmar Ette, (ETTE in *Inseln und Archipelle*) inspirado pela pesquisa feita por Alexander von Humboldt em sua obra *Kosmos*, lançou seu olhar sobre a ilha como uma ponte de transposição de culturas. Assim, as ilhas teriam um papel fundamental no processo de expansão da história mundial que durante vários séculos se deu pelo mar e por elas. Em desdobramento a essa reflexão, o autor lembra que o termo arquipélago foi inicialmente atribuído somente ao mar Egeu e as ilhas entre a Grécia e a Ásia Menor,

e só mais tarde, foi atribuído a outros grupos de ilhas. Ette observa que nesse contexto, no primeiro Archipelagos, as ilhas desempenhavam um papel de ponte, “que desencadeia a circulação do conhecimento e uma tradução sempre nova entre as culturas. Nesse processo de dupla transferência, as ilhas formam entre-mundos móveis.” (ETTE in *Inseln und Archipele*, p. 24) Assim, a Europa se movia em direção ao ocidente, projetando naquele mar suas experiências, vivências e conhecimentos adquiridos no mar ao seu oriente. Segundo Ette, ainda hoje percebemos esses antigos movimentos vetorizados, eurocentrados, naquilo que entendemos como ilha. Essa dimensão vetorial da ilha guarda nela mesma a história de uma projeção e de movimentos eurocentrados. A partir da visão da ilha também como ponte e como, ela mesma, um conjunto de fragmentos, e adentrando a ideia de arquipélago como termo e figura que melhor expressa a ideia de interconexão, procuro observar em um movimento diacrônico de que forma a ilha desempenhou seu múltiplo papel de fonte imaginária, projeção de expectativas e expansão geográfica concreta na literatura.

Imagens de flores imperfeitas: uma arquiteta, uma escritora

Rosana Araújo da Silva Amorim (UFBA)

Resumo A literatura e o cinema, como formas de linguagem e expressão artística, têm dialogado de maneira cada vez mais próxima. Ao pensar na adaptação do texto de partida, o romance de Carmem Lucia Oliveira, para o filme de Bruno Barreto, podemos considerar que essa recriação no texto de chegada com as personagens históricas Elizabeth Bishop e Lota Soares se apresenta, com uma criação que é abordada a partir de indícios materiais, vestígios, rastros criativos do artista, elementos tais que têm a finalidade de atingir uma meta estética. É sob esse prisma que a presente comunicação objetiva mostrar o filme Flores Raras como uma adaptação do romance Flores Raras e Banalíssimas. Com o objetivo de conhecer os caminhos que levaram à criação da obra cinematográfica, com base nos roteiros disponibilizados pela Produtora L.C. Barreto, refletiremos sobre a gênese da referida obra pelo viés da análise dos seus documentos de processo, utilizando princípios e critérios da crítica genética,

além dos estudos de adaptação. O que se vê diante da tela não é apenas um filme, mas um desdobramento de criações, visto que, antes da filmagem, existem os processos criativos roteiros, que dão lugar à versão cinematográfica. Certamente que se trata de um novo discurso, a partir de uma nova lente, que se forma na adaptação, fazendo uso de ferramentas específicas da nova mídia para a qual o texto de partida está migrando.

Línguas que desfronteirizam: um sabersobreviver das literaturas sem morada fixa

Luciane da Silva Alves (UFRGS)

Resumo Em *Überseesungen*, uma das personagens de Yoko Tawada acorda todos os dias com a língua inchada, grande demais para caber na boca, causando a sensação de sufocamento. Um dia sonha que é uma língua: “Eu era uma língua. Saí de casa assim, nua, rosa e insuportavelmente úmida. Era fácil causar admiração nas pessoas na rua, no entanto, ninguém queria me tocar.” (TAWADA, 2019, p. 7). Esse sujeito transformado em língua causa estranhamento e repulsa, há interesse em sua imagem, mas igualmente o desejo de afastá-la. Ser estrangeiro é tornar-se uma língua. A língua, um dos principais elementos de referência dos ideais nacionalistas é, neste sentido, marcação de pertencimento/exclusão. Romper com o monolinguismo é romper com a tradição nacionalista e inserir no texto, e através dele, espaços e saberes plurais. Na literatura contemporânea, intensamente perpassada por trânsitos e rupturas, a necessidade de uma linguagem igualmente inconstante para dar conta de descrever as experiências que transmite se mostra cada vez mais urgente. Há forte presença de migração lexical, da hibridez de idiomas e dos processos complicados de tentativa de tradução, muitas vezes frustrados ou impossíveis para pensamentos sem residência fixa. Escritores que escrevem em outros idiomas que não apenas sua língua materna ou a língua do lugar onde residem, tornaram-se durante anos inclassificáveis pelo modelo tradicional ou foram até mesmo “desautorizados” a pertencer ao espectro literário nacional. A partir dos estudos de Ottmar Ette (2015; 2018) sobre literatura sem morada fixa e as fricções de um sabersobreviver como constituição do literário, esta

comunicação pretende apresentar alguns exemplos de escritoras e escritas migrantes contemporâneas que tematizam e utilizam as línguas como elementos de desfronterização, estabelecendo através da literatura encontros e reencontros afetivos, culturais, identitários e a inscrição de saberes e vozes nas linhas de vida/texto.

O “eu” no exílio: discurso e enunciação em dois poemas de Rose Ausländer

Luiz Carlos Abdala Junior (UFPR)

Resumo As considerações de Austin (1962) sobre atos de fala permitem ampliar as perspectivas sobre as operações discursivas para além de meros gestos denotativos ou descritivos, independentes e à margem do “acontecimento real”. Passa-se a considerar a língua como ação, como potência realizadora que age no mundo a partir de um lugar de fala, um lugar de enunciação. Essa mudança de paradigma, que ultrapassa uma noção da língua como somente transmissora de conteúdos para tomá-la como também produtora de performances, envolve considerar a dimensão do discurso, que segundo Meschonnic (2010) implica a inscrição de um sujeito, sua prosódia, ritmo e física, inseparáveis da dimensão textual. No contexto poético, cabe nos perguntarmos em que medida essa noção de sujeito e discurso pode ser relacionada com o sujeito lírico/poético, ou numa definição mais precisa a partir de Burdorf (2015), com o “eu-articulado” do poema, esfera de fala do discurso poético. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é discutir, com base nas análises de Matthias Bauer (2003, 2008) e Leslie Morris (1999, 2001), a esfera discursiva do eu-articulado em dois poemas de exílio de Rose Ausländer (1901-1988), *Variation on a Theme by E.E. Cummings* e *Miracle*. Neles, o “eu”, a partir do seu lugar de enunciação, constrói e complica relações com o espaço urbano, ideológico e cultural estrangeiro, complexificando a esfera intratextual por meio de intersecções com a vida e a realidade histórica. Do mesmo modo, o ato tradutório será aqui uma categoria importante de discussão, não apenas para entendê-lo como meio pelo qual o sujeito poético apropria-se da realidade que o cerca em sua enunciação e se posiciona diante dela, mas também para questionar o que acontecem com esses discursos quando traduzidos

por sujeitos históricos e, consequentemente, deslocados de seus contextos de enunciação.

O gato enredado: transpassos nos Estados Unidos de Erico Verissimo

Fernanda Boarin Boechat (UFPA)

Resumo A partir da atenção voltada ao funcionamento de dinâmicas comunicativas do texto literário e seus aspectos ligados à linguagem, serão observadas aqui as narrativas de viagem de Erico Verissimo (1905-1975) sobre os Estados Unidos, a saber, *Gato preto em campo de neve* (1941) e *A volta do gato preto* (1946). Exploraremos o tecer e o tecido de tais narrativas, publicadas pelo autor após sua integração oficial na política de Boa Vizinhança estadunidense (1933-1945) com a América Latina – e então com o Brasil –, de modo que seja possível identificá-las como um marco na produção e carreira do escritor, uma vez que demonstram sua compreensão a respeito do potencial de inserção do texto literário no espaço das relações humanas em diálogo com a construção e atuação do escritor como intelectual engajado em um contexto (inter)nacional. O caráter do texto literário, portanto, sua natureza linguística, ligado às características do gênero com que Erico trabalha, assume aqui lugar central. Para tanto, o conceito de “fricção” (Frikction), cunhado por Ottmar Ette (2001), para tratar da imprecisão ou dificuldade em se definir uma natureza particularmente factual ou ficcional do gênero narrativa de viagem, tem lugar privilegiado em nossa análise, assim como a expansão da ideia de tensão entre ficção/realidade para a relação texto/vida, ainda em diálogo com o teórico (Ette, 2011). Por fim, a partir do contexto maior, ou de um olhar macro, em que as duas narrativas de viagem se inserem, aprofundaremos a atenção e reflexão em torno dos fios de tecem a obra, os micro detalhes de sua composição que não só integram um cenário específico situado político e historicamente, mas que, de forma muito sutil embora potente, são capazes de borrar fronteiras desse mesmo cenário.

O jogo ficcional no romance***Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato***

Aline Candido Trigo (UNESP)

Resumo Este trabalho analisa o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato (2001) a partir do aspecto de jogos de leitura instaurados textualmente. Observa-se na obra um jogo com a própria forma narrativa, que descarta a função de narrador, mas que cristaliza, para o leitor que lhe aceitar o pacto do jogo, as imagens da cena e suas amplas possibilidades de contexto. Considerando a literatura brasileira contemporânea como uma manifestação intempestiva, que dá um passo para fora da cena e observa o real por lentes múltiplas e desautomatizadas, como resultado de experiência de leitura ocorre para o leitor um estranhamento de seu próprio tempo, de seus sentimentos e ações cotidianas. É a ferida, o punctum barthesiano, que atravessa o leitor ao nível de sua experiência única e subjetiva que lhe causa o gozo, a fruição do texto literário. No romance em questão, a denúncia social caminha ao lado das experiências subjetivas múltiplas e duais que se obtém ao pensar sobre o real atual, sobre as diferentes camadas sociais e diferentes formas de se habitar o cotidiano nos espaços da metrópole. Em aspectos narrativos, tem-se um texto que se coloca como jogo e como forma de jogar que não define as personagens, uma vez que a descrição é feita de modo lacunar e fragmentário. Em seus capítulos curtos, tudo o que se entende do texto parte da experiência do leitor, que aviva os sentidos e é o único capaz de descobrir, pelas regras apresentadas de modo indireto, quais caminhos interpretativos seguir. Tais são os aspectos de jogo ficcional que buscamos analisar no romance a partir das considerações de Wolfgang Iser e Umberto Eco.

**O sujeito ficcional lispectoriano
e as narratividades cidadinas: uma análise
do estrangeiro à luz de *A cidade sitiada* e *A hora da estrela***

Andressa de Azevedo Martins (UFF)

Resumo O presente trabalho analisa as relações entre a formação de identidade do sujeito ficcional a partir das narratividades cidadinas nas obras *A cidade sitiada* (1949) e *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector. Busca-se investigar ainda conceitos relacionados ao estrangeiro, ao exílio e à migração com interfaces na vida da escritora ucraniana, naturalizada brasileira. Para elucidar os apontamentos sugeridos pela pesquisa, apresenta-se uma breve biografia de Lispector. A partir de suas obras, é possível verificar expressivas questões relacionadas ao isolamento do sujeito clariceano frente a uma realidade, correntemente, enigmática, distante e impenetrável. As narratividades cidadinas que compõem significativamente o contexto ficcional tangencia aspectos identitários singulares, bem como desloca o espaço do real para uma instrospecção lancinante. Embora haja semelhanças entre as personagens em questão, Lucrécia e Macabéa, é importante destacar também suas diferenças. Lucrécia, ao longo do romance, possui rompantes de consciência, não ver além da superfície das coisas era um cenário de triunfo relativo, permitindo, diferentemente de Macabéa, cuja morte é o seu único triunfo. É importante ressaltar a distância cronológica que envolve as obras referidas, escritas entre as décadas de 40 e 70. *A cidade sitiada* foi uma de suas primeiras obras, a terceira especificamente, escrita em Berna, na Suíça, durante o período de 1946 e 1948. *A hora da estrela*, por sua vez, foi a obra derradeira. Ambas, no entanto, podem ser consideradas como uma escrita de sobrevivência, a primeira, pelo sentimento de não pertencimento à Berna, e a segunda pela doença que causou sua morte. As relações que revelam a solidão pungente das personagens, desprovidas, muitas vezes, de consciência e camufladas por uma liberdade inconsistente, notabilizam o estrangeiro no desconcerto de seu mundo intraduzível: a ausência, de si e do outro, o deslocamento em percurso de devir, passagem e permanência, e a memória em efervescência.

Os caminhos da poética: experiências criativas na contemporaneidade

Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva (UFMA)

Resumo Muitas são as metáforas para a criação. George Steiner (2003), na sua Gramática da criação, compara a criação na arte com a criação do mundo, a partir de uma analogia estética. Para o autor, a possibilidade de criação sem forma não é aceitável. A criação poética, em seu estado de devir possui leis próprias, sendo o resultado de uma complexa trama permeada de propósitos, buscas e recusas. Se por um lado, tais questões constituem parte do trabalho de um artista, não podemos ignorar a importância dessas experiências. Ao atentarmos para o público de leitores, formado por não artistas, percebe-se que a leitura de textos literários pode ser ampliada. Por isso, experiências criativas seria uma oportunidade singular podem ser uma oportunidade para adentrar no plano artístico e experimentar a singularidade do gesto criador. Nossa proposta, consiste na reflexão sobre o mecanismos/ estratégias para dinamizar a criação poética, para que pensemos o que Cecília Almeida Salles (1998) denominou como sendo a “estética do processo”, não mais restrito ao trabalho do escritor, mas com o propósito de compreender a experiência da criação poética e suas repercussões positivas, a partir de como uma “partilha do sensível”, tomando aqui as palavras de Jacques Rancière (2009).

Os lugares do relato de viagem e movimentos de entendimento do espaço

Renato Barros de Castro (UFRGS)

Resumo Na obra “Literatura em movimento”, o pensador alemão Ottmar Ette (2008) afirma que a literatura de viagem é, antes de tudo, um gênero do lugar, isto é, da mudança de lugar e da permanente determinação de novos lugares, numa assertiva que vai diretamente ao encontro de autores tão diferentes (inclusive no que tange ao distanciamento temporal) como Heráclito de Éfeso, Montaigne e Todorov. Das nove dimensões (com as cinco primeiras inspiradas em

Lévi-Strauss [1955]), Ette (2008) analisa também “os quatro lugares da literatura de viagem”, e que correspondem, respectivamente, à “despedida”, ao “apogeu”, à “chegada” e ao “retorno”. Ele acrescenta ainda o que chama de “lugares literários da viagem e movimento hermenêutico”, que correspondem, por sua vez, a cinco tipos básicos dos movimentos de entendimento de espaço, a saber: o círculo, o vaivém, a linha, a estrela e o salto. Ante o exposto, e baseando-se no conceito de “literatura friccional” de Ottmar Ette (2008), que analisa as tensões entre narrativa e realidade (assim como narrativa sobre a vida real e as técnicas intrínsecas ao fazer literário utilizadas na ficção), a presente comunicação busca avaliar o que o teórico alemão chama de “lugares da literatura de viagem” analisando, para tanto, as obras “Viagem à Itália”, de Goethe, e “Danúbio” e “Microcosmos”, de Claudio Magris. Do mesmo modo, serão avaliados, nas referidas obras literárias, os “tipos básicos de movimento de espaço” conforme apontados por Ette (2008), sem deixar de fora uma incursão a outros trabalhos que explicitam de modo muito claro as prerrogativas do teórico alemão, como “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, também de Goethe, considerado um dos marcos do “Bildungsroman” e da narrativa realista, ou “Cândido ou O otimismo”, de Voltaire, que vê no ato de viajar uma forma de o indivíduo buscar instrução para se incluir na sociedade.

Palavra, erosão do corpo: da escrita da performance à performance da escrita

Augusto Melo Brandão (UFF)

Resumo Nos últimos anos, observa-se um interesse crescente pela performance – tanto enquanto termo e conceito, como enquanto prática e gênero artístico – dentro da literatura contemporânea, interesse frequentemente associado às políticas do corpo e às poéticas da voz. A performance, seja porque enfatiza a presença do performer/poeta na cena, seja porque questiona as hierarquias entre palavra escrita e falada, poderia oferecer à literatura um redimensionamento de suas fronteiras e uma revisão de suas práticas. Mas, se hoje é possível pensar na dimensão performativa da literatura, resta ainda fazer o caminho inverso, indagando-se quanto à literariedade do gesto

performático. Desde seu surgimento enquanto gênero artístico, na segunda metade do século XX, artistas da performance mobilizam o texto não apenas como instrumento, mas como matéria prima de seus trabalhos: de Hélio Oiticica a Eleonora Fabião; de Yoko Ono a Elilson. A escrita pode aparecer em um momento anterior à ação performática, como nos programas performativos (FABIÃO, 2013); em um momento posterior à ação, como (des)dobramento do trabalho; ou durante a própria ação que o performer executa. Pode também ser ela mesma a performance, prescindindo de qualquer outra ação que não o próprio ato de escrever. Nesse sentido, a presente comunicação procurará investigar a dimensão literária de escritas produzidas por performers a fim de evidenciar não apenas a indistinção progressiva entre performance e literatura na cena contemporânea, mas a própria gênese comum de questões fundamentais a estes campos, como a relação entre ficção e realidade, o endereçamento na literatura, e a relação entre arte e vida. Para tanto, analisaremos as performances de Eleonora Fabião e Elilson, em diálogo com textos de Ana Cristina César e Frank O'Hara.

***Um crime delicado, a obra de Sérgio Sant'Anna:*
uma narrativa metaficcional produtora de efeitos de realidade**

Lennon Marques dos Santos (UESPI)

Resumo: A época contemporânea agraciou a literatura de ficção com a relativização de figuras como o espaço, o tempo, o foco narrativo e com a própria desconfiância da capacidade da narrativa de dar conta do real. Tudo isso bem entendido como atitude de experimentação formal que rompe com as formas tradicionais da criação literária. Moriconi (2001) aponta uma “transição” para a diversidade formal, fruto do experimentalismo que deve dar lugar à estabilização de uma nova literatura metalinguística e próxima ao ensaio e profundamente contestadora da ilusão referencial. Nesse contexto, Sérgio Sant'Anna imprime em seus textos, tanto no conto como no romance, um estilo em que a posição do narrador é frequentemente questionada. O ponto de vista da narrativa revela a fragilidade do narrador, assumindo-se este como parcial e limitado. Em *Um crime delicado* (1997), há uma trama

metaficcional que se desenrola sob a perspectiva de narrador-protagonista que conta sua versão dos fatos que se sucedem, os quais, o leitor não consegue ter uma visão imparcial para julgar se o crime, cujo livro trata, aconteceu de fato ou não; e se o crítico de teatro Antônio Martins (o narrador-protagonista) é o culpado pela ação, pois, ele dilui as fronteiras entre real e imaginário, entre vida e ficção. Através de Martins, Sant'Anna expõe as limitações do olhar distante e isento na figura crítico/intelectual. Nesse romance há uma evidente tentativa do narrador de aproximar o leitor para suas perspectivas, assemelhando-se a um jogo de cumplicidade. Com isso, estende-se uma via de mão-dupla entre vida e imaginário, de modo que um constitui e é constituída pelo outro, fazendo do leitor um coautor, uma vez que algumas tramas ficam, aparentemente, em aberto, deixando na mão do leitor a função de concluí-las. Um objeto fértil de análise da metaficção como produtora de efeitos de real.

Um inverno Abruzzo: estilhaços de memória, imagens da história

Lilian Monteiro de Castro (UnB)

Michelle dos Santos (UEG)

Resumo Esta proposta de comunicação se centra na análise comparativa de três textos da escritora italiana Natalia Ginzburg que se tramam a partir de uma mesma experiência pessoal: o exílio imposto pelo regime fascista de Mussolini aos judeus, deslocando-os para cidades distantes onde deveriam ficar confinados. No caso dos Ginzburg, Natalia, seu marido Leone e os filhos ainda pequenos – um deles o historiador Carlo Ginzburg – foram enviados à cidade de Abruzzo e as memórias da escritora desse tempo se refratam no ensaio *Inverno em Abruzzo*, no romance biográfico *Léxico familiar* e no ficcional *Todos os nossos ontens em distintas tessituras narrativas*. Enquanto no ensaio é o relato das agruras do exílio que se sobressai, em *Léxico familiar*, o texto assume um tom tragicômico pois, ao narrar o cotidiano de sua família no período entreguerras, indissociável da experiência de alteridade e antissemitismo, a escritora dá protagonismo ao léxico especial da família, cujas expressões, em maioria, se originavam de situações cômicas. Já em *Todos os nossos ontens*, o exílio é narrado em exterioridade, a partir da percepção da

protagonista Anna, que se depara com o confinamento dos judeus na longínqua cidade que se torna seu lar após um casamento por conveniência. Assim, ao mesmo tempo que a escritora submete sua vivência à experimentação com a linguagem, aproximando-se de um “efeito sofisticado”, criando diferentes regimes de discursividade e de atribuições de sentido, a literatura produzida por Natália Ginzburg não se desvincula de sua experiência pessoal e histórica, aproximando-se da leitura que Carlo Ginzburg faz da Educação sentimental, de Flaubert, em Relações de força: história, retórica, prova.

Velhice, ficção e vida em *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe

Marcos Henrique Castro Soares de Araujo (UnB)

Resumo A comunicação proposta tratará da relação entre literatura e vida com olhar voltado para a velhice. No romance “a máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe, o barbeiro português Antonio Silva é internado contra sua vontade num asilo, aos 84 anos. O luto, a viuvez, as novas amizades e o local insólito criam as tensões de maior interesse, visto que são os pontos em que uma realidade literária se impõe para além da representação. No impasse entre a proximidade da morte e a continuidade da vida, o que a literatura é capaz de dizer sobre a velhice, sobre o fim e a sobrevivência? A questão da ficcionalização se adensa com a existência do senhor Esteves no asilo – o personagem do poema “Tabacaria” de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Por mais plausível que se pareça o destino de um personagem literário esquecido terminar seus dias num asilo, a sua própria existência e a de todos os personagens do romance se revestem de uma camada ambígua de gravidade e esmaecimento com sua morte. Tratar a velhice na literatura exige este tipo de tensão vital, pois a partir dela são delineadas por um lado a negatividade inerente à ficção e por outro a decisão pela literatura como uma forma de compreender a potência da vida para além do factual.

Simpósio 3**A escrita de autoria feminina na literatura:
memória, decolonialidade, identidade e resistência**

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI / UEMA)

Geovana Quinalha de Oliveira (UFMS)

Lucilene Machado Garcia Arf (UFMS)

Resumo Este simpósio propõe congregar reflexões sobre a literatura de autoria feminina. A partir de uma perspectiva decolonial busca-se discutir a dimensão do poder de dominação e exploração do sistema colonial/moderno/capitalista/patriarcal (María Lugones, 2020) perpetrado em distintas sociedades. Desde proposições precedentes das relações gênero-raça, o objetivo é pensar criticamente os modos de sujeição a que as mulheres do Sul global foram submetidas com a efetivação do processo da colonialidade. Tais questões são constantemente atualizadas nos posicionamentos femininos inscritos nas produções literárias vigentes e enriquecidas pelos aportes teóricos e críticos dos estudos feministas decoloniais. Ao aprofundar as pesquisas de Aníbal Quijano, Lugones (2020) preconiza o que chamou de “sistema moderno colonial de gênero” como uma forma de olhar minuciosamente a teorização da estrutura opressiva da modernidade colonial, seu uso de dicotomias hierárquicas e de lógica categorial. Essa postura crítica de escritura/leitura desvela silenciamentos e invisibilidades e, por extensão, denuncia as mais diversas e diferentes formas de opressão e de violência de gênero praticados pelo arranjo colonial. Por meio de uma releitura crítica do passado e de propostas de valoração de epistemologias locais e pluriculturais, como sugerem Yunderkys Miñoso (2020), Julieta Paredes (2018), Ochy Curiel (2020), Françoise Vergès (2020), entre outras feministas, esse simpósio espera reunir pesquisas que tratam criticamente de questões sobre a memória, identidade e alteridade nas produções de mulheres a partir de diferentes lugares de fala. Trata-se de pensar o modo como a escrita de autoria feminina rompe silêncios, preenche lacunas e, por extensão, reescreve a história constituída por colonizações, ditaduras, confronto étnicos, exploração capitalista e relações hierárquicas/dicotômicas de gênero. Por esse viés, a literatura será aqui apreendida como um constructo cultural, cuja potência é representativa do espaço e da voz conquistados ao longo do tempo,

permitindo a construção de novas subjetividades nos modos de ser e sentir em uma visão interseccional de categorias como as de classe, raça/etnia, lugar e gênero (Carla Akotirene, 2019). A escrita de mulheres promove, nesse sentido, projetos críticos mais conscientes de nossa condição e, conseqüentemente, das nossas especificidades de sujeitos colonizados pelo sistema capital/moderno/patriarcal. Como afirma Adrienne Rich (2017), a literatura é um indício de como vivemos, como temos vivido, como nós mulheres temos sido levadas a nos imaginar e, sobretudo, como nossa linguagem tem nos aprisionado ou libertado. Certamente, estudar a literatura de mulheres é uma forma de refletir sobre os dispositivos que regulam a recepção e a circulação de obras definindo quais merecem pertencer ao cânone. Por essa razão, podemos dizer que as questões apontadas até aqui atuam, inevitavelmente, como elementos de articulação em que a autoria feminina pode ser analisada como lugar de des-encontro, deslocamento, diferença e resistência voltados para a compreensão dos procedimentos e das implicações políticas da produção discursiva e simbólica de elementos históricos, culturais, identitários e de alteridades. Como nos ensina bell hooks (2019), a tendência acadêmica de ressignificação radical dessas categorias é enraizada nos esforços antirracistas de libertação negra, o que abre espaço para produções que se enquadram na perspectiva da diferença. Ao pensar sobre identidade, alteridade e diferença, Stuart Hall (2006) coloca em xeque a relação entre natureza e identidade cultural, ressaltando que, embora os indivíduos tendam a tratar as identidades como características genéticas, as culturas nacionais não passam de comunidades imaginadas, produzidas a partir de sistemas de representação que se impõe, não raro, de forma violenta, no afã de mascarar a alteridade e a diferença. Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça/etnia, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 47). Como forma de combater a imposição desse opressivo discurso de identidades homogêneas e hegemônicas instaurado pela colonialidade eurocêntrica, o feminismo decolonial vem atuando em diversos campos como o político, o acadêmico, o social e o cultural. Essa perspectiva crítica que quer revolucionar as práticas cotidianas almeja uma sociedade que se atende para a valoração dos saberes e das epistemologias da diferença e das

minorias, a exemplo os dos corpos das mulheres e as muitas pluralidades que os compõe. Na perspectiva exposta acima, esse simpósio busca, portanto, reunir trabalhos e pesquisas de diferentes reflexões críticas e teóricas e de múltiplas áreas do conhecimento que dialogam com memória, decolonialidade, identidade e resistência. Palavras-chave: Autoria feminina; memória; identidade; decolonialidade.

(Re)Invenções Identitárias através das performances e obras da poeta/slammer Bell Puã

Laura Emilia Araujo (UNILA)

Resumo O artigo a seguir está situado no âmbito dos Estudos Culturais e da Crítica Literária Feminista, tem como propósito investigar a representação do corpo feminino negro e nordestino na literatura escrita por mulheres no movimento Slam (são batalhas de poesia oral que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos) brasileiro por meio de um diálogo interdisciplinar, a fim de evidenciar as dinâmicas de subalternidade que os corpos vivenciam, bem como a tentativa de (re)invenção dessas identidades através da poesia da escritora Bell Puã. Bell Puã, poeta pernambucana, autora das obras *É que dei o perdido na razão* e *Lutar é crime*, e possui participação em inúmeras antologias. A artista foi vencedora na primeira edição da Batalha de poesia falada Slam das Minas de Pernambuco no ano de 2017 e, também, do Slam BR. disputado em São Paulo. Analisaremos a trajetória percorrida pela autora em suas criações literárias (livros e resíduos de performances) com temáticas em relação ao corpo feminino, negritude e preconceito em relação a fronteiras geográficas, possibilitam o reconhecimento de diversas marcas de identidade, a princípio usaremos como referencial teórico as obras *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia* (2012), *A Máquina Performática: a literatura no campo experimental* (2017), *A mulher negra na sociedade brasileira* (1982) e *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo* (2018).

A escrita de Chimamanda Ngozi Adichie como resistência feminista: uma análise do livro de contos *No seu pescoço* (2017)

Dayse Rayane e Silva Muniz (UnB)

Resumo A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie figura hoje como uma das principais vozes da literatura contemporânea. Sua produção, que trata de temas como maternidade, conflitos étnicos, diásporas e trânsitos, dentre outros assuntos comuns ao rol da pós-colonialidade, conversa de perto com os estudos culturais desenvolvidos e aprofundados por pensadores e pensadoras como Stuart Hall e Lélia Gonzalez. A escrita de Adichie, segundo o pesquisador brasileiro Cláudio R. V. Braga, “pode ser entendida como uma iniciativa concreta de estímulo à descolonização cultural” (BRAGA, 2019, p. 28). O objetivo desta comunicação é analisar o livro de contos *No seu pescoço*, publicado no Brasil em 2017. O intuito é observar como as várias histórias se articulam para evidenciar a importância da escrita feminista e descolonial performada por Adichie, já que a resistência que a produção literária da autora representa dentro e fora do campo simbólico é primordial para repensarmos questões como as relações de poder, o papel da literatura para a transformação social e o protagonismo de sujeitos subalternizados, como mulheres negras falando fora do Ocidente. A proposta é destacar como as personagens, em sua maioria mulheres nigerianas das mais diversas idades, classes sociais e graus de instrução representam multiplicidades identitárias que merecem lugar no mundo ficcional, devido também ao apagamento contundente sofrido por elas pela literatura canônica. Ao mesmo tempo que pretendemos tratar sobre a representação como categoria de análise, tencionamos evidenciar a dimensão estética da obra da escritora.

A memória da escravidão em *Eu, Tituba: a bruxa de Salem* de Maryse Condé

Marcella Mesquita Granatiere (PUC-Rio)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo analisar a memória da escravidão conclamada pela protagonista do romance *Eu, Tituba:*

a Bruxa de Salem (2019), da escritora e feminista Maryse Condê. A narrativa baseia-se em um fato histórico, acontecido em 1692 no pequeno povoado de Salem, Estados Unidos. No qual, várias pessoas foram julgadas e condenadas à morte por bruxaria, entre elas a escravizada Tituba. A partir da rememoração histórica, Maryse Condê tenciona questões como a desumanização dos escravizados e dos senhores da plantation, o compartilhamento cultural e o apagamento de identidades no mundo atlântico. Tituba, a protagonista, narra e reflete sobre as suas dores, resistências e experiências vividas enquanto sujeito da diáspora. Lélia Gonzales (1984), considera a memória como o não-saber que conhece, o lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita. Na escrita ficcional, a combinação entre um fato histórico e a memória individual ecoa na memória coletiva. A escrita de autoria feminina negra inscreve a memória no passado histórico, desloca o sujeito narrativo do homem branco para a mulher negra, possibilita a reconstrução de vidas e seres humanos. Os personagens tradicionalmente silenciados nos romances nacionais ganham voz, narram suas experiências. As representações dos corpos negros mudam de sujeito objetificado para protagonista da narrativa. A memória opera como o instrumento de conhecimento e construção de outras metodologias para narrar as histórias.

A produção de subjetividade das personagens mulheres em *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (UEPB)

Resumo A obra de Maria José Silveira, *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas* (2002), faz um percurso histórico-ficcional do Brasil, em uma linha genealógica, trazendo a cada capítulo uma mulher que representa uma época, desde as indígenas do século XVI até as mulheres do mundo pós-moderno do século XX. Nessa perspectiva, o objetivo do artigo está em contemplar a crise de identidade das personagens femininas, bem como o seu trabalho imaterial – a partir do gênero, etnia/raça, desejos, laços de solidariedade, potência, resistência, isto é, uma produção de subjetividade à revelia de ações concretas – que escapa ao maquinário capitalista cuja captura se dá através do corpo, da identidade fixa, dos estigmas. Para tanto, faremos

o recorte interpretativo-analítico de três figuras femininas – Maria Taiaôba (1605-1671), Clara Joaquina (1711-1740) e Diva Felícia (1876-1925) –, historicamente situadas na obra de Silveira (2002), a fim de elucidar suas trocas e subjetividades. Por fim, o arcabouço teórico será pautado em Lazzaratto (2014; 2019) e Negri (2013), para a discussão do trabalho imaterial; em Hollanda (2020) e Hall (2019), para o debate acerca da crise de identidade; em Dalcastagné (2019) e Rodrigues (2016), teóricas do campo da literatura, para os aspectos da análise literária e da representatividade de personagens mulheres na literatura contemporânea; entre outros.

A relação feminismo e fenomenologia no conto “Duas palavras” de Isabel Allende

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos (UFMS)

Lucilene Machado Garcia Arf (UFMS)

Resumo Este trabalho é o resultado da leitura fenomenológica do conto “Duas Palavras” de Isabel Allende, aberta para um debate crítico com outras áreas do conhecimento, neste caso o feminismo, durante o oferecimento da disciplina Leitura e Recepção de textos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços-Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. “Duas Palavras” foi escrito pela escritora e jornalista chilena Isabel Allende e faz parte da obra *Contos de Eva Luna*, lançado pela primeira vez em 1989, que traz uma memorável coletânea de histórias sobre mulheres, narradas sob a estética da delicadeza dentro de uma concepção social selvagem. Questões políticas mescladas ao universo lírico-amoroso, o coletivo em confronto com o pessoal, memórias, feminismo e até algumas concepções do realismo fantástico latino-americano compõem o tecido literário dessa obra. Neste conto que é considerado o mais representativo da coletânea, aborda o amor, a pobreza, o machismo e, principalmente, o poder feminino para manipular as palavras e usá-las como arma no enfrentamento da violência engendrada pelos homens, a narradora apresenta a personagem principal, Belisa Crespusculário representa a figura da mulher latino-americana em busca ainda de sua identidade, vivendo sob os preceitos do patriarcado, essa figura feminina de heroína que conseguiu ultrapassar montanhas e

desertos, fome e sede e tantas outras barreiras em seu percurso feminino, termina refém do patriarcado, o que permite uma profunda crítica social e política. Para a elaboração deste trabalho, utilizamos como embasamento teórico as orientações de autores como BEAUVOIR (1970) STEARNS (2012) e a ativista boliviana Julieta Paredes que abordam a verdadeira dimensão da mulher que rompe com os estereótipos tradicionais que precisa estar dentro de limites mais amplos e enfrentar os preconceitos, o racismo, a violência legitimizada pela sociedade falocêntrica.

Alguém como eu... A representação negrofeminina em *Becos da memória* de Conceição Evaristo

Lizia Khênnya de Campos Rosa Oliveira Machado (PUC-GO)

Resumo: A literatura é produtora de discursos que contrapõem e fortalecem os valores sociais que estão postos e, por isso, se torna capaz de modificar a condição humana e possibilita que variadas vozes sejam ouvidas e reconhecidas. *Becos da memória* de Conceição Evaristo é um manifesto contundente e diverso do protagonismo feminino em sua forma mais genuína e possível. Segundo Grada Kilomba esse processo de silenciamento ocorre não porque não falamos, enquanto mulheres negras, mas porque fazemos parte de um sistema racista que sistematicamente procura invalidar e desqualificar nosso conhecimento através da representação de nossas verdades por pessoas brancas que insistem em ser especialistas em nossa cultura e até mesmo em nós (2019, p.51). Para as mulheres negras, durante muito tempo, a literatura foi algo inalcançável, pois se viam relegadas a papéis secundários de acordo com a sociedade sexista e patriarcal que as impedia de transitar por essa seara. Ainda que seja como escritora ou personagem, o ser mulher negra vem carregado de pressuposições e “amarras” que estão sendo quebradas a partir de novas narrativas construídas gradativa, constante e bravamente, emergindo abarrotadas de experiências e relatos que vinculam a margem ao centro. Enxergar-se nas linhas de um livro acaba por legitimar às mulheres negras seu lugar de existência, pois elas percebem que são sujeitos de sua própria história e não somente objetos relegados

à margem de suas próprias narrativas. A despeito de todo empenho, ainda existem resquícios de uma dominação colonial que as submete a papéis de subalternidade, que precisam ser rompidos a partir de uma narrativa consciente e efetivamente representativa. Conceição Evaristo, através de sua escrita proporciona um novo olhar sobre estas mulheres fazendo da literatura produtora de um contradiscurso recheado de atos históricos e insubmissos.

**As representações do feminino através das obras
Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens
e *Opúsculo Humanitário*, de Nísia Floresta**

Milena Bruno Ferreira (UEA)

Resumo Este estudo tem como objetivo analisar as representações do feminino através das obras *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, que teve sua primeira publicação em 1832, e *Opúsculo Humanitário*, obra publicada pela primeira vez em forma de artigos nos jornais “Diário do Rio de Janeiro” e “O Liberal”, entre 1852 e 1853. Pretendemos estabelecer um diálogo entre as representações estéticas e as obras de cunho teórico-crítico e historiográfico do século XIX, acerca do que se entendia como modernidade, feminismo e lutas de classes. As obras selecionadas são um marco para a História da literatura brasileira quando consideramos Nísia Floresta como precursora da escrita feminina no Brasil e na luta pela educação igualitária entre homens e mulheres, além de ter sido visionária em sua escrita e em sua conduta. A obra literária de Nísia apesar de toda sua importância literária, histórica, social, política e filosófica aparentemente está ofuscada pelo tempo. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos de Constância Lima Duarte (2003), Ivya Alves (1998), e Giorgio Agamben (2009), o que nos permite dissertar sobre a atualidade da voz de Nísia Floresta na denúncia da condição de exclusão da mulher assim como na defesa da sua emancipação por meio da educação e da política.

Bruxaria e subversão:**imagens do(s) feminino(s) em “Veromar”, de Dina Salústio**

Nayane Larissa Vieira Pinheiro (UESPI)

Resumo Nesta pesquisa, discutimos sobre a obra “Veromar” (2019), da escritora cabo-verdiana Dina Salústio, com um olhar atento para as imagens traçadas pela narrativa no que diz respeito aos aspectos de gênero frente à estrutura patriarcal. Assim, temos o objetivo de analisar a condição feminina e os aspectos identitários através de elementos literários e culturais presentes no romance “Veromar” (2019), da escritora cabo-verdiana Dina Salústio, com base nos pressupostos dos estudos culturais e de gênero. Para tanto, fundamentamos nossa análise nas pesquisas de literaturas africanas em língua portuguesa (MATA e PADILHA, 2007) e especificamente em literatura cabo-verdiana (GOMES, 2008, 2010, 2011). Embasamos-nos na perspectiva sobre o colonialismo de Césaire (1978), Quijano (1997) e nos estudos de identidade cultural (HALL, 2006), (BHABHA, 1998). Consideramos que a obra “Veromar” (2019) traz aspectos relevantes no que se refere à identidade cabo-verdiana, às relações assimétricas de poder e às relações de gênero, não só evidenciando as marcas da hegemonia patriarcal, mas contribuindo para a desarticulação dessa hegemonia, reivindicando, assim, os direitos das mulheres. Dessa forma, há uma dupla subversão: autora e personagens transgridem as delimitações de seus espaços, buscando recriar possibilidade para uma coletividade de mulheres, que enfrentam as estruturas opressoras. Concluimos assim, que as reflexões suscitadas a partir deste trabalho podem contribuir para a desconstrução de estruturas patriarcais, evidenciando as relações de luta e opressão no discurso das personagens femininas que são espelhadas nas construções sociais que já estão postas, o que nos permite não apenas uma reflexão, mas um modo de subverter a ordem hegemônica.

Contestação da visão eurocêntrica: a reescrita da personagem Bertha de Jane Eyre em *Vasto mar de sargaços*

Allana Cristina Sales Meneses (UFPI)

Resumo Desde o século XIX, histórias de mulheres são escritas por outras mulheres, em épocas e contextos diferentes. Com a crítica feminista, nasceu uma leitura de resistência – pautada em incômodos quanto a representação feminina em obras literárias- com o desígnio de questionar e desconstruir estereótipos negativos que representavam a mulher na literatura, estereótipos esses encontrados em Jane Eyre (1847), de Charlotte Brontë, onde a personagem Bertha ganhou fama por ser “a louca do sótão”. Bertha é representada à luz de preconceitos envoltos pela visão eurocêntrica. Jean Rhys reescreveu o romance com o título *Vasto Mar de Sargaços* (1966), em que proporciona à sua protagonista complexidade, concedendo-a espaço para contar sua própria história, podendo assim criar seu próprio caminho na narrativa. Desse modo, este trabalho tem como objetivo elucidar a reescritura da personagem Bertha Antoinette à luz da crítica feminista, observando como Rhys reconta a história da personagem com uma perspectiva decolonial. Metodologicamente, nos dispomos de teóricas como Buksdorf (2014), Spivak (1995), bell hooks (2018), discorrendo sobre teorias feministas da margem ao centro. Com esse trabalho, podemos perceber como a reescrita de obras canônicas europeias são importantes pois, por muito tempo tivemos a história única de muitos lugares, culturas e pessoas.

Cordel: “escrita” de autoria feminina como lugar de identidade e resistência

Alvanita Almeida Santos (UFBA)

Resumo A ideia que se pretende desenvolver neste trabalho é de uma crítica feminista por dois vieses: a noção de autoria e a noção de escrita, considerando o apagamento de uma produção poética popular – o cordel, no contraponto com uma literatura canônica. A discussão acerca da escrita literária busca problematizar a literatura de cordel, no âmbito da academia, como um gênero popular, fronteiro entre a

oralidade e a escrita que obedece a modelos próprios e desenvolveu-se restringindo a participação feminina da mesma forma que a literatura canônica. Por isso, é também lugar de discussão sobre a mulher como agente criativo, que ficou subsumida em uma sociedade capitalista/patriarcal/racista e colonizada (LUGONES, 2010). Assim, a partir das reflexões de Norma Teles (1992) sobre autoria feminina, tentando a desconstrução do conceito de autor, indicado na conferência de 1969 por Foucault que ainda funciona como base para o tratamento da questão, analiso um texto de cordel de autoria feminina, por um feminismo decolonial que inclui o pluralismo da diferença entre as mulheres e considera as interseções que atravessam os sujeitos sociais marcados por identidades próprias e diversas. Mais do que resistência, penso que a produção feminina de cordel é um espaço de reexistência – conceito pensado por Souza (2011), no processo de luta pelo direito a existir, resistindo e (re) existindo a despeito de todas as interdições que são impostas às mulheres.

Corpo opaco: a retórica do corpo em Hilda Hilst

Aparecido Carlos Simionato (UFMS)

Resumo Este artigo se propõe a investigar o uso estético do erotismo na poética de Hilda Hilst, como marca de sua contemporaneidade, redefinindo o conceito de corpo, erotismo e transgressão. Examinar-se-á a literatura movida pela pulsão do desejo, sendo o corpo, elemento principal, transgredindo os conceitos sociais, tida como uma escrita subversiva. Além da linguagem licenciosa e erótica, a autora mistura vários gêneros discursivos fragmentados, remetendo ao corpo. Então, realizar-se-á a pesquisa na própria linguagem, como corpo poético, sendo o fio condutor que dará aderência de sentido a cada poema, assim, interrogando a tradição erótica. Portanto, a concepção do corpo será por vias do discurso estético filosófico que relaciona o eu e o mundo pela percepção da linguagem. Poder-se-á ver e conceber a corporeidade na poética da autora, entrando em ressonância com os poemas imagéticos, corporais, criadores de sentidos e significações. No entanto, repensaremos questões de tempo e o espaço, um pensar filosoficamente sobre o assunto da questão desaparecimento do corpo, repesando o Devir, um lugar permanente da

essência. Compreenderemos os eixos fundamentais do pensamento de Nietzsche e Hilst, assim a sua paixão, a vontade de potência, fluxo da vida, o desconhecido, a angústia. Comutantemente, a poética do corpo que valoriza o movimento, a presença, a vontade de potência.

Decolonialidade feminina em *Our nig* de Harriet E. Wilson

Paulo Eduardo Bogéa Costa (UESPI)

Resumo Propõe-se realizar nesse trabalho a análise do livro *Our Nig*, publicado em 1859 de Harriet E. Wilson, abordando o lugar de fala dos negros estadunidenses, sobre tudo a fala da mulher negra. Através dos abusos à personagem central do romance, a mulata Frado, discutiremos a resistência dos seres escravizados frente ao sistema escravista da sociedade oitocentista dos Estados Unidos. Considerado o primeiro romance escrito por uma mulher negra norte-americana, esta obra foi um marco histórico na vida da comunidade afro-americana e anti-escravagista. Logo, nos apoiaremos na idéia de decolonialidade, que abordará a desumanização e eterização racial de um pensamento patriarcal e racista, que para Aníbal Quijano (2009) é alimentado pela “colonialidade do poder”. Em seguida os estudos de Françoise Vergés (2020) e de Gaytre Spivak (2010) ajudará a compreendermos o papel do feminino na decolonialidade. Ainda assim, o escopo crítico da obra é bem mais amplo, além de expor a predominância das ideologias da época, que sustenta a hegemonia branca, a escritora evidencia sua objeção a escravidão, a segregação e exclusão social do sujeito negro. Por essa razão faz-se necessário a arguição das narrativas que permitem discutir o pensamento decolonial a fim de que os indivíduos escravizados do passado tenham suas trajetórias resignificadas.

Decolonizando a história da literatura brasileira: algumas questões para o sistema colonial/moderno de gênero

Virgínea Novack Santos da Rocha (PUCRS)

Resumo A história da literatura brasileira com o intuito de combater o paradigma colonial de “povo sem escrita/história” funda-se

justamente no modelo eurocêntrico de escrita da história da literatura, apagando a diferença colonial que, por sua vez, ignora a colonialidade do poder (Aníbal Quijano, 2019). Considerando tal problemática, essa comunicação tem como objetivo aproximar a história da literatura brasileira (Sílvio Romero, Antonio Candido e Alfredo Bosi) das discussões Decoloniais (Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo e Maria Lugones) como base para uma escrita da história das mulheres na literatura brasileira, visto que a crise da história da literatura, ao longo do século XX, produz uma nova forma de esquecimento histórico ao negar atualizações historiográficas tanto de corpus literário quanto da própria Teoria da História e meus modelos alternativos de formas de conhecer (Decolonial). Ainda, limitando os sujeitos históricos à mulheres em sua pluralidade de gêneros, sexualidades, raças, etnias, condições sociais e econômicas, nessa história da literatura que aqui se pretende, a presente reflexão busca desenvolver uma sistematização da literatura de mulheres produzida no Brasil para além do sistema colonial/moderno de gênero (Maria Lugones, 2020), assumindo, assim, o gênero como elemento estruturante da colonialidade. Tal estruturação parte da produção real de escritoras como Pagu, Carolina Maria de Jesus, Maria Elisabeth de Lima Mota, Stela do Patrocínio, Lila Ripol, Maria Amélia de Mello, Conceição Evaristo, entre outras, questionando as formações discursivas coloniais em nome de uma pluralidade (Ana Pizarro, 1993) bem como desarticulando a homogeneidade como verdade que acaba com as diferenças ao propor espaços interpretativos pluritópicos como modelos para as novas histórias da literatura brasileira (Zulma Palermo, 2010).

Diálogos entre o pensamento feminista negro e a obra *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Shaianna da Costa Araújo (UESPI)
Algemira de Macêdo Mendes (UESPI)

Resumo No presente trabalho, identificaremos as pontes epistemológicas que se estabelecem entre o romance *Esse Cabelo*, da escritora luso-angolana Djaimilia Pereira de Almeida, e o pensamento feminista negro, sobretudo a partir da estruturação proposta por Collins (2016). Discorreremos sobre a função da escritura de mulheres negras

como fator de autodefinição e, portanto, reação efetiva à outrificação cultural. Investigaremos as características da posição subjetiva definida como *outsider within* (o “estrangeiro interno”) e demonstraremos que Mila, a narradora-protagonista, ocupa essa posição de sujeito, visto que está incluída no seio de uma família branca europeia e assume uma identidade portuguesa, porém se sente permanentemente marcada pelo signo mais gritante de sua diferença: o cabelo crespo. Partindo do esquema proposto por Collins (2016), demonstramos que a obra literária em análise trata dos temas-chave que impulsionam a teoria, a exemplo da natureza interligada da opressão experienciada pelas mulheres racializadas. Davis (2016; 2017), hooks (2014; 2019a; 2019b; 2019c) e outras autoras nos fornecem instrumentos para identificar a posição marginalizada de Mila, mas também para compreender a margem como espaço de possibilidade, potência e transformação. Em tópico específico, transportaremos o foco para as experiências pontuais relatadas pela personagem, colocando-as em diálogo com os resultados de pesquisa promovida por Kilomba (2019) junto a mulheres negras que, assim como Mila, vivem na Europa e conhecem diversas facetas do “racismo cotidiano”.

Diálogos literários entre Carolina Maria de Jesus e Chimamanda Ngozi Adichie: reflexões sob a ótica comparatista

Jurema Campos da Silva (UERJ)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre as obras “diário de bitita” de carolina maria de jesus e “hibisco roxo” de chimamanda ngozi adichie, e o quanto essas obras trazem para o leitor a essência desses dois expoentes da literatura negra feminina. Através dessas duas narrativas, observaremos as questões de gênero, de raça e os posicionamentos políticos de cada uma das escritoras, e como cada uma se coloca frente à sociedade de seu tempo, enquanto mulher negra e escritora. Questões de escolaridade, a solidão da mulher negra e o não pertencimento à um padrão social, também são relevantes nas duas obras que servirão como o pano de fundo para a elaboração das reflexões a serem propostas. Esse trabalho pretende ainda, fazer uma breve análise de como as obras supracitadas tem vários pontos de interseção, possibilitando um diálogo

entre as duas autoras; o quanto elas se aproximam e o quanto elas se afastam em suas trajetórias pessoais e literárias. Partindo de todas essas observações e breves análises, esse trabalho tem a intenção de trazer as duas obras e suas autoras para a nossa realidade atual, fazendo com que o diálogo das duas escritoras e suas duas obras, seja um diálogo nosso também, no nosso contexto social dos dias atuais.

Escrita de autoria feminina sob o viés do feminismo descolonial nas narrativas *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra e *Por Cima do Mar*, de Déborah Dornellas

Cleonice Alves Lopes-Flois (UNIOESTE)

Resumo A partir da leitura das obras *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra e *Por cima do mar* (2018), de Déborah Dornellas, observo a presença de um projeto ético, estético e político das autoras, esteticamente elaborado, com vistas a problematizar representações de subalternização do sujeito feminino e suas tentativas de libertação de uma discursividade, historicamente assentada na colonialidade de poder. A pesquisa é realizada pela metodologia da Literatura Comparada e justifica-se pelo entendimento de que a desobediência epistêmica a partir dos estudos descoloniais, interseccionais e fronteiriços são caminhos teóricos mais adequados para um entendimento anti-essencialista dos sistemas de representação. Os romances apresentam protagonistas que vivem situações de exploração por sua classe, raça e gênero e assim justifica-se abordagem pelo viés interseccional, ou seja, pela busca por capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação, nesse caso, entre raça, classe e gênero para uma compreensão coerente das formas de discriminação vivenciadas pelas personagens protagonistas, mulheres negras pobres, periféricas e de terceiro mundo apresentadas nas narrativas. Diante desta constatação, destaca-se a maestria com que os recursos de linguagem são utilizados pelas autoras para deslocar o pensamento colonialista sobre o sujeito feminino. Nota-se também que estas narrativas podem oferecer a quem lê instrumentos de crítica sobre violência e silenciamento do feminino, tendo em vista o potencial ético e estético das obras de autoria feminina. Considerando-se os processos rememorativos presentes

nas narrativas, proponho, também, pensar, a partir das categorias de memória na literatura, pelo viés dos estudos descoloniais, a problematização de situações traumáticas de opressão como formas de resistência das personagens e desconstrução de trajetórias de silenciamentos e apagamentos das próprias vozes e da própria identidade.

Eu sou Nós: autodefinição, empoderamento e resistência em *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana

Ângela da Silva Gomes Poz (IFF)

Resumo Este estudo propõe uma leitura analítica do livro *Quando me descobri negra* (2015), primeira obra literária publicada por Bianca Santana (1984-), na qual a autora apresenta textos autobiográficos e advindos de outras vozes negras, ouvidas e imaginadas, acerca de episódios de racismo velado ou explícito vivenciados dentro da sociedade brasileira (GONZALES, 2020). O livro é dividido em três partes – “Do que vivi”, “Do que ouvi” e “Do que pari”. Em cada uma delas, são expostas conjunturas de preconceito racial que emergem no cotidiano de pessoas negras desde a infância, especialmente de mulheres negras, que sofrem opressões várias que se cruzam (AKOTIRENE, 2018), as quais precisam ser nomeadas e enfrentadas a partir do reconhecimento e da autodefinição (COLLINS, 2019), o que só ocorre na vida da autora aos vinte anos de idade. Identificamos, em seus textos, que o processo de autoconhecimento da escritora como mulher negra lhe foi libertário, uma vez que ela passa a reconhecer-se como parte de um movimento que já se organiza politicamente há muito tempo (NASCIMENTO, 2018) e a produzir literatura na qual enfatiza situações discriminatórias que perpassam políticas espaciais, da pele e do cabelo (KILOMBA, 2019), por exemplo, além de outras questões relacionadas à interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021) a que mulheres negras são submetidas em um contexto hegemônico patriarcal e branco (LORDE, 2019). Sob um ponto de vista feminista decolonial (VERGÈS, 2020), lemos as experiências dramáticas que explicitam o caráter excludente de nossa sociedade, identificando, nas narrativas de Bianca Santana, a trajetória do “eu” que se autodefine e se junta a outras vozes, passando a compor um “nós” que constrói o empoderamento (BERTH, 2018) e a resistência das mulheres negras.

Inscriver-se às ruas: os grafites de Mujeres Creando e o feminismo como revisão epistemológica

Barbara Alves Matias (UFRJ)

Resumo Mujeres Creando é um coletivo feminista que atua na Bolívia desde 1992. Surge em resposta a mudanças políticas controversas e mantém uma postura política não partidária. Torna prática e teoria necessariamente imbricadas, investe na autogestão, manifesta desinteresse por discursos homogeneizadores e empreende ações desde performances até acompanhamentos jurídicos, o que caracteriza sua atuação como articuladora de diferentes camadas: política, estética, ética. Sob a defesa pela heterogeneidade, o grupo é marcado pela diferença e seus modos de fazer incidem sobre instituições como capitalismo, gênero, sexualidade, história, academia, arte etc., descentralizando o saber e descolonizando o pensamento. Uma das principais manifestações artísticas do coletivo são os grafites, que possibilitam uma circulação democrática do que consideram como pautas feministas. Nesse sentido, esta comunicação irá se debruçar sobre uma investigação do modo de fazer em jogo nessas ações do grupo e percorrer por conceitos mobilizados por elas, como o de “alianças insólitas”, articulando-os à hipótese de ser possível propor uma noção de feminismo que possa ser compreendido como sinônimo de revisão epistemológica. Para tanto, será analisado o funcionamento dos grafites, isto é, o que mobilizam, quais temas abordam, se há características discursivas predominantes, a quem se dirigem etc., a fim de observar como se articulam a linguagem adotada, o feminismo reivindicado e o discurso teórico-político proposto. Assim, será possível vislumbrar formas de gerar alternativas às práticas coloniais, capitalistas, patriarcais, que destituem o comum e configuram o que são e o que acionam as ideias de prática e conhecimento.

Julie Dorrico: Os (des)caminhos de uma Macuxi

Adriana de Oliveira Alves Corrêa (UFJF)

Resumo As textualidades de autoria indígena apresentam histórias que passam pelo filtro da escrita individual, pluralizando e ampliando

o olhar a respeito do encontro entre colonizados e colonizadores ou, contemporaneamente, entre povos originários e neocolonizadores. A jovem autora Julie Dorrico vem desenvolvendo um forte trabalho acadêmico e literário em diferentes espaços. Essa escritora originária pertencente à nação Macuxi e está passando por um processo de retorno às suas origens ancestrais, fato bastante comum dentre pessoas indígenas que moram nos centros urbanos e que, em suma, conhecem a violência decorrente do processo de validação de seus direitos. Refazer o caminho de volta traz consigo ensinamentos ao longo do trajeto; o relato literário da autora macuxi surge repleto de saberes. Assim sendo, o presente trabalho busca investigar a retomada da autohistória ancestral, individual e coletiva da autora Julie Dorrico na obra *Eu sou macuxi e outras histórias* (2019), considerando os processos de (des)caminhos, de retomada do feminino e da contação da História noutras perspectivas. Destarte, este trabalho será costurado com potentes referências intelectuais originárias com a finalidade de corroborar com Julie Dorrico como Graça Graúna (2019), Werá Kaká Jekupé (2020), Márcia Wayna Kambeba (2020), Ailton Krenak (2019), Davi Kopenawa (2015), Aline Rochedo Pachamama (2020), Eliane Potiguara (2018) e outros pensadores como Eduardo Viveiros de Castro (2016), María Lugones (2014), Darcy Ribeiro (1995) e Rita Segato (2016). Portanto, considera-se que a escrita de Julie Dorrico: rompe com as fronteiras entre os textos acadêmicos e literários; pluraliza saberes; amplia o entendimento de arte literária e mescla prosa com verso, criando outras possibilidades de fazer textual. Dorrico, ao fazer as suas histórias, promove um (des)caminhar no ser, no pensar, no questionar e cria uma possibilidade diferente do que se era presumido para os povos originários.

Literatura e violência contra as mulheres em *Garotas mortas*, de Selva Almada

Geovana Quinalha de Oliveira (UFMS)

Resumo Os Estudos Feministas e de Gênero – apreendidos enquanto campos teóricos, de práticas interpretativas e de lugares políticos – constituem-se a partir de enfrentamentos das estruturas de poder e suas regulações arbitrárias de representação em termos puramente

negativos, ou seja, por meio da limitação, do controle, da exclusão e da morte. Em suas variadas interfaces, o exercício do poder foi e continua sendo essencialmente patriarcal, fato que desencadeou a formação de sociedades dicotômicas, excludentes e violentas. A partir dessas problemáticas propomos analisar o livro *Garotas mortas*, de Selma Almada (2017), cuja narratividade gira em torno da história real dos assassinatos não esclarecidos de jovens mulheres no interior da Argentina da década de 80. Selma Almada problematiza o lugar da mulher e a banalidade do feminicídio em meio à sociedade contemporânea e, por extensão, concede visibilidade às garotas assassinadas a partir de uma escrita que envolve ficção, não ficção e relatos autobiográficos. Certamente, ao recontar a história de três jovens, vítimas de feminicídio, o livro de Selma Almada atribui, via memória, novos sentidos às experiências e peculiaridades de cada localização (pública e privada) tomando a literatura como destino de uma escrita situada, desde dentro, que considera vivências, experiências, representações e representatividade de histórias de vidas que se conectam e se identificam por intermédio de diferentes gritos: da morte, do abuso, da indignação, da consciência, da luta.

Maria Nsue e Nnanga Abahá: um estudo sobre o protagonismo feminino na literatura hispano negro africana

Regiane de Souza Costa (UEFS)

Resumo A discriminação racial somada a de gênero, fazem com que as mulheres negras sofram duplamente com as desigualdades sociais tanto na Guiné Equatorial quanto em qualquer parte do mundo. Sob essa perspectiva, essa proposta de comunicação se insere no campo dos estudos literários e tem como objetivo a disseminação da pesquisa que tem como objeto de estudo o livro *Ekomo* (2007[1985]) de autoria de María Nsue Agues, primeiro romance publicado por uma mulher na Guiné Equatorial. Essa obra destaca o protagonismo das mulheres na sociedade da Guiné Equatorial, tanto no enredo do romance, quanto na atuação da autora no cenário literário. Sob essa perspectiva, o objetivo central da pesquisa é ampliar as discussões em torno da literatura hispano-negra-africana, especialmente as produzidas por mulheres. Buscando contribuir para o fortalecimento da

discussão sobre literatura africana de língua espanhola, decolonialidade, autoria e gênero. A pesquisa está sendo desenvolvida com base na revisão bibliográfica e tem como arcabouço teórico os estudos de Bokesa (2002), Fanon (2008), Hall (2013 e 2014), Kilomba (2019), Nistal (2000), Ndongo (1984), N'gom (2000), Queiroz (2007) e Salvo (2003). Espera-se, como resultado dessa pesquisa, proporcionar maior visibilidade as vozes negras femininas nas literaturas africanas de matriz espanhola, especialmente as produzidas na Guiné Equatorial.

Memória e identidade feminina no romance *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison

Nágila Alves da Silva (UESPI)

Resumo O presente trabalho visa analisar o romance *Deus ajude essa criança*, da escritora americana Toni Morrison sob a ótica da identidade da mulher negra. Esta análise tem o objetivo de identificar através da narrativa os impactos da diáspora americana na formação de identidade da personagem Bride no romance *Deus ajude essa criança*, que por conta do racismo e preconceito não se aceita enquanto mulher negra. Dessa forma, desejamos lançar o olhar em como ocorre o processo de aceitação e autoafirmação da personagem que através de sua memória revive os traumas, conflitos, racismo e preconceito que vivenciou durante a infância. A memória vem sendo um tema amplamente discutido na atualidade no ambiente ficcional, por apresentar o passado de minorias sociais silenciadas pelo uso do poder e da dominação, que com as pressões sociais e os ideais do grupo dominante interferem na maneira como personagens de um grupo minoritário se percebem e aceitam. Esse trabalho foi construído a partir de pesquisa bibliográfica nos pressupostos teóricos sobre os estudos decoloniais e estudos sobre: feminismo negro, negritude, identidade, memória e autoafirmação. Para tanto, utilizamos os teóricos: Fanon (2008), Walker, Halbwachs (2010), Collins (2019), Hall (2000), Bhabha (1998), entre outros. A obra *Deus ajude essa criança* trata e reflete sobre a não aceitação da mulher negra pela sociedade e como essa não aceitação afeta a sua autoafirmação gerando consequências trágicas desde a infância e se perduram ao longo da vida. Toni Morrison conseguiu em suas obras representar-se e representar

o lugar de fala da mulher negra através dos seus escritos, pois através da escrita da mulher negra manifesta-se uma forma de emancipação e militância.

Nhanereindy: literaturas de mulheres Indígenas na construção de novos mundos possíveis

Fernanda Vieira de Sant Anna (UERJ/FAPERJ e UEMG)

Resumo Partindo do pressuposto de que a luta das mulheres Indígenas não começa na invenção do feminismo, esta comunicação se propõe a dialogar brevemente sobre mulheres Indígenas, feminismos e literatura, através do poema da escritora Menominee, Chrystos (1946), “I’m not your princess (1988) / “Eu não sou sua princesa” (2019, tradução minha); e “Terra Cunchã” (2004), da escritora Potiguara, Eliane Potiguara (1950). Chrystos discorre sobre os estereótipos e expectativas projetados sobre as mulheres Indígenas na contemporaneidade enquanto resultado da homogeneização feita pelo entendimento feminista eurocêntrico que não as permite espaço enquanto mulheres Indígenas, mesmo quando versadas na cultura da branquitude Ocidental; esse entendimento é também reverberado no poema de Eliane Potiguara, que versa sobre a violência secular contra as mulheres Indígenas, criticando a História oficial e afirmando a força e (r)existência das mulheres Indígenas como portadoras de novos futuros possíveis. O engajamento com as pautas étnicas, ecológicas e de soberania não apaga a pauta de gênero, resultando no acúmulo de camadas de opressão que precisam ser vencidas. Ainda que parte da retórica do feminismo branco/civilizatório não reverbere nas mulheres Indígenas, os aspectos que fazem eco e são compartilhados pela luta das mulheres Indígenas, não tornam as mulheres Indígenas feministas menos Indígenas. Os feminismos decoloniais são mais uma camada na luta das mulheres Originárias desde a invasão de Abya Yala. Partindo de um aporte teórico que inclui, mas não se restringe a Lugones (2010), Paredes e Guzmán (2014), Vergès (2020), Maracle (1996), Mihe-suah (2003) e Tuihawai Smith (2012), este trabalho propõe um olhar para a escrita de Chrystos e de Potiguara que vai além de um discurso feminista civilizatório, propondo uma prática decolonial que seja capaz de produzir outros mundos possíveis e novas epistemes.

O Bruxo Espanhol de Cassandra Rios: a mulher no contexto ditatorial brasileiro

Érica Pontes Moreira Silva (UEMA)

Resumo *O Bruxo Espanhol*, de Cassandra Rios, gênero de ficção científica, tem sua publicação auge da Ditadura Militar, sobretudo na vigência do Ato Institucional 05 (AI-5) que, em razão de seu conteúdo homoerótico e em virtude de a autora declarar-se lésbica, teve sua obra censurada e sofreu perseguições dos ditadores. Assim, esse estudo parte da seguinte questão: compreender de que maneira a escrita feminina serviu como refúgio e como o gênero de ficção científica foi importante para imprimir sua voz nessa sociedade. Logo tem-se como objetivo discutir e analisar de que maneira a obra “O Bruxo Espanhol”, de Cassandra Rios, foi uma forma de resistência ao discurso da época em que vigorava o AI-5. A pesquisa a ser desenvolvida será de cunho documental, tendo em vista investigar de como a escrita feminina de Cassandra foi uma resistência durante a vigência do AI-5, para tal, far-se-á por meio de um levantamento do estado da arte acerca da temática aqui abordada, como teses, dissertações, artigos. Para discutir e chegar ao objetivo geral da pesquisa, esse estudo terá por base os estudos de (DUARTE, 2003), (BRANCHER, 2013), (COLLING, 1997), (PIOVEZAN, 2005), bem com outros/as autores/as, de modo que esses estudos tragam importantes contribuições ao mundo acadêmico-científico, explicitando as transformações por quais resistiram o árduo momento da vigência do AI-5.

O feminicídio na literatura argentina: a denúncia através de *Chicas Muertas* e *Cometierra*

Estéfany Ingridy Cruz de Jesus (UFRJ)

Resumo Selva Almada, escritora argentina, publicou em 2014 o livro *Chicas Muertas*, narrando o assassinato real de três jovens, na década de 1980, nas províncias de Villa Elisa, Villa María e Sáenz Peña. Ao ouvir no rádio, ainda jovem, a notícia de que a estudante Andrea Danne havia sido assassinada enquanto dormia em sua cama com uma única apunhalada no coração, a escritora sentiu o impacto da

brutalidade do crime e narra, através do romance de não ficção, a história desses feminicídios, acompanhado de depoimentos de familiares e experiências próprias. Surge dessas crônicas uma figuração da mulher que vive à mercê da sorte, como ela mesma retrata em seu livro. O romance argentino *Cometierra*, publicado em 2019, retrata a vida de uma jovem subalternizada, moradora de uma periferia de Buenos Aires, vítima do feminicídio e que carrega consigo o dom da clarividência. A menina, ao comer terra, consegue ver as vítimas de crimes, a grande maioria feminicídios. Com a responsabilidade de ajudar a família dessas vítimas a solucionar esses casos negligenciados pela polícia, Cometierra, que vive os sofrimentos de uma vida inferiorizada pela sociedade, precisa lidar com as dores dessas mulheres desaparecidas, quando, diariamente, se questiona sobre o que é ser mulher numa sociedade que as mata. Pensando nisso, o intuito desse trabalho é analisar as obras supracitadas como uma ferramenta literária de denúncia aos crimes de feminicídio e a subalternidade feminina, levando em consideração todo o movimento feminista que ocorrer na América Latina, principalmente na Argentina. Para tanto, a pesquisa será desenvolvida a partir de referenciais em diálogo com alguns autores da área, dentre eles BOURDIER (2019), GAGO (2020), FIGUEIREDO (2020), HOOKS (2019), entre outros que discorrem sobre a temática da violência de gênero, subalternidades e feminismos.

Vozes mulheres: um chamado a outras epistemologias feministas

Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)

Resumo Trata-se de uma reflexão sobre o poema “Vozes mulheres” de Conceição Evaristo, buscando destacar a decolonialidade efetivada com os versos da referida escritora. Nesse sentido, objetivamos debater, com a leitura do poema, o apagamento de uma memória, de identidades de mulheres negras, através da razão colonial, da colonialidade do poder moderno que une gênero, raça e classe em seu processo redutor/dicotômico de desumanização. Nessa linha, também ensinamos destacar, com a escrita de Evaristo, reunindo as vozes de sua bisavó, sua avó, sua mãe, a sua e da sua filha, a diferença colonial tecida pela resistência dessas mulheres subalternizadas. Para tanto, como já sinalizado, faremos a leitura crítica do poema

eleito, tomando como base as proposições da crítica cultural literária feminista decolonial. Assim, autoras como Luiza Barrios (1995), revisando os feminismos, Lugones (2019), nos instigando a pensar a colonização da memória, a colonialidade de gênero e um feminismo decolonial, Kilomba (2019), e seu chamado para se reconhecer a criatividade política das margens, Julieta Paredes (2018) e Breny Mendoza (2017), nos incitando a perceber os saberes experienciais, outras epistemologias, serão retomadas nesse diálogo múltiplo contra uma lógica categorial, uma necropolítica, de ontem e de hoje, que estanca a vida, a poesia e seu possível eco de liberdade, como nos diz a própria escritora Evaristo. Portanto, com esta comunicação esperamos, com o poema *Vozes mulheres*, expandir o debate acerca dos colonialismos e suas formas de apagamento/silenciamento, assim como fazer reverberar o eco proposto pela escritora: de tornar visível outros modos de vida, de luta/fala/escrita, de epistemologias na fratura contra um poder colonial, patriarcal, capitalista, moderno, racista.

Simpósio 4**A leitura literária em sala de aula****e o sujeito leitor: dimensões teóricas e práticas**

Andresa Fabiana Batista Guimarães (IFSULDEMINAS)

Gabriela Rodella de Oliveira (UFSB)

Resumo Desde o final da década de 1960 e início da de 1970, a Reader-Response Theory e as teorias da recepção da Escola de Constança evidenciam o papel essencial do leitor na construção dos sentidos de um texto. Para Iser (1996, p. 197), o “texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que o recebe”. Stanley Fish, define a noção de “comunidade interpretativa” como uma entidade pública e coletiva, formada por todos aqueles que compartilham das mesmas estratégias de interpretação e, partindo do princípio de que “a habilidade de interpretar não é adquirida: ela é constitutiva do ser humano”, afirma: “o que é adquirido são os modos de interpretação e esses modos podem ser esquecidos, suplantados, complicados ou dispensados” (FISH, 1980, p. 172, tradução nossa). Jauss (1979) entende o leitor como o elemento que garante a historicidade das obras literárias, e defende que uma obra só se converte em acontecimento literário a partir da relação dialógica resultante da interação entre o leitor, suas experiências anteriores e a própria obra. No estabelecimento dessa relação, o saber prévio, ou “horizonte de expectativas” do leitor sobre a obra, será determinante em sua recepção. Para o crítico, a obra suscita expectativas, desperta lembranças, “conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão” (JAUSS, 1994, p. 28). Nesse sentido, a historicidade coincide com a atualização da obra literária, e a recepção apresenta-se como um fator social e histórico, pois reações individuais são parte de uma leitura mais ampla de um grupo no qual o sujeito está inserido, o que pode tornar a sua leitura semelhante à de outros homens que vivem sua época. Na atual corrente francesa acerca da didática da literatura, Annie Rouxel (2013) afirma que ao se pensar o ensino de literatura é fundamental livrar-se dos demônios do formalismo e considerar a dimensão subjetiva e as realizações efetivas dos sujeitos leitores (alunos, estudantes, professores). “A implicação do sujeito dá sentido à prática da leitura, pois ela é, ao mesmo tempo, o signo de apropriação do texto pelo leitor

e a condição necessária de um diálogo com o outro, graças à diversidade das recepções de uma mesma obra” (p. 23). Dessa forma, delineia-se uma nova perspectiva didática para o ensino de literatura, que se contrapõe à tradição escolar de um trabalho com literatura baseado na leitura analítica (de interpretação de texto com base na análise do professor e/ou dos críticos literários, ou mesmo nas respostas dos livros didáticos) e propõe uma outra perspectiva, a da leitura cursiva (leituras pessoais, autônomas e livres de coerção avaliativa), descrita como “a forma livre, direta e corrente” da leitura. Para a pesquisadora francesa, a prática da leitura literária abarca a da leitura cursiva, torna evidente a importância de se garantir um tempo em sala de aula para a leitura integral das obras, e não se reduz a uma atividade cognitiva, pois o processo de elaboração semântica enraíza-se na experiência do sujeito. Como pontua Rouxel (2012, p. 272-283): O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetiva, mas de acolher os sentimentos dos alunos, incentivando seu envolvimento pessoal com a leitura. Desta maneira, pode-se dizer que a prática da leitura literária possibilita a identificação e convida o leitor a uma apropriação singular das obras, favorecendo assim a construção de uma outra relação com o texto, sendo possível levar em consideração os desejos e interpretações de leitores reais. Nesse sentido, no simpósio “A leitura literária, a dimensão subjetiva e o sujeito leitor: dimensões teóricas e práticas” propomos dar sequência à discussão sobre o que seria uma didática para a leitura literária, os desafios que se delineiam para as práticas da leitura de literatura em sala de aula, buscando compartilhar pesquisas acadêmicas, experiências e vivências em sala de aula que estejam voltadas a estas novas perspectivas. No ano passado (Abralic de 2020), este caracterizou-se como um espaço de diálogo com os professores para se pensar as mudanças de foco no ensino da literatura. Em virtude da necessidade e da importância de se manter viva a interação com professores e professoras, almejamos novamente promover um espaço reflexivo levando em consideração estas novas perspectivas. Vale ressaltar que o nosso propósito também é refletir sobre a presença na sala de aula de textos da tradição, de obras importantes da literatura canônica, e das literaturas contemporâneas, bem como das diversas manifestações

culturais (como rap, batalhas de rimas e os slams), que fazem o trabalho com a literatura.

“Representações da literatura feminina afro-brasileira: escritivências nas obras *Olhos d’água* de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus”

Vera Barros Brandão Rodrigues Garcia (IFPA)

Resumo Antes de tratar do ensino de literatura nos cursos técnicos/integrados, deve-se destacar que a dificuldade em reconhecer o componente curricular “Literatura” como importante componente para a formação do cidadão encontra-se presente em todo o sistema educacional básico brasileiro. Percebe-se inúmeras lacunas existentes no estudo da Literatura no Ensino Médio Profissionalizante, visto que há uma grande preocupação com a parte técnica do curso, assim na maioria das vezes, os projetos desenvolvidos ao longo do curso costumam ser da área técnica. Dessa maneira, diante da relevância do estudo literário para o indivíduo, faz-se necessário que os cursos integrados encontrem na Literatura um importante componente para a formação integral do profissional-técnico. Nessa perspectiva, resolveu-se trabalhar uma Pesquisa abordando a Literatura, e a parte escolhida para o estudo foi o trabalho com duas escritoras negras, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. O presente projeto de pesquisa objetiva refletir acerca dos construtos literários apropriados e representados nas obras *Olhos d’água* de Conceição Evaristo e *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Situações que permeiam o cotidiano de mulheres, negras, mães solteiras e a violência são fatos comuns às obras das duas autoras, apesar de suas publicações terem mais de 40 anos de diferença. Nesta Pesquisa objetiva-se analisar as representações e as apropriações da Literatura Afro-Brasileira presentes nos livros *Quarto de Despejo* e *Olhos d’água* das escritoras negras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a fim de entender o quadro histórico de escravização e invisibilidade do negro no Brasil e suas implicações na formação do leitor literário. A metodologia tenderá, quanto à abordagem, para o viés qualitativo, de caráter bibliográfico. Nortearão a pesquisa os pressupostos teóricos cunhados por Achugar (2006), Duarte (2006, 2011), França (2015), Glissant (2005), Soares (2017), Spivak (2010), dentre outros.

A construção do imaginário literário e as estratégias de leitura nas histórias em quadrinhos

Pâmela das Dores Medeiros Mitterofhe (UFJF)

Resumo Na presente pesquisa objetiva-se analisar as relações das Histórias em Quadrinhos com a formação de leitores. Para realizar tal tarefa foca-se nas estratégias de leitura e a avaliação do trabalho com as HQs nas aulas de Língua Portuguesa. O gênero em questão é um instrumento eficiente para trabalhar leitura, questões sociais e apresentar o enredo de obras clássicas da literatura propiciando um contato inicial, capaz de ativar o imaginário dos alunos, para que haja um posterior aprofundamento por parte do professor. A fim de evidenciar essas possibilidades de práticas de leitura por meio dos quadrinhos foram analisados os livros didáticos do 6º, 7º, 8º e 9º anos, intitulado Português: Linguagens dos autores Wiliam Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, e duas adaptações, a saber: a obra Contos em Quadros, da qual nos delimitamos a analisar o conto Pai contra mãe de Machado de Assis, a obra O Guarani de José de Alencar, adaptação e roteiro de Ivan Jaf, roteiro e desenhos de Luiz Gê. Concluímos por meio dos estudos realizados que os livros didáticos possuem uma enorme lacuna no que tange a aplicabilidade dos quadrinhos, tirinhas e cartuns, como os utilizam, grande parte das vezes, para análise gramatical, porém poderia ser um instrumento eficiente na formação de leitores.

A contribuição do conto “Acauã” de Inglês de Sousa na criação das narrativas orais de experiência pessoal: uma proposta de formação de alunos – leitores do 7º ano em Tucuruí – PA

Aline Mary Ribeiro Pinheiro (UNIFESSPA)

Resumo As narrativas estão presentes em todos os tempos, lugares e em todas as sociedades, desde as culturas compartilhadas de forma basicamente oral até a cultura escrita e o processamento eletrônico da informação. Dessa forma, este referido projeto visa despertar, através das narrativas orais de experiência pessoal dos alunos de uma turma do 7º ano da Escola de Ensino Fundamental Manoel

Carlos em Tucuruí – PA, o incentivo à leitura e a produção textual. Essas narrativas serão influenciadas pelo conto Acauã de Inglês de Sousa, que retrata a realidade do povo ribeirinho, suas crenças, superstições, mistérios, experiências, lembranças e mitos. Este estudo se justifica porque geralmente quando se propõem ao aluno fazer da sua própria vida uma narrativa oral que será contada a outros, ou quando este aluno relata o que ouve de seus avós, retoma sua história e repassa-os aos demais membros da sala ou da escola de uma maneira ordenável e descritível em termos de sua estrutura e função. Nesse caso, trabalha-se uma forma de resgatar a tradição cultural, costumes e linguagens de um povo, sempre destacando seu contexto social que é a história da sua própria vida para desenvolver a partir dela uma série de textos narrativos. Ademais, a leitura, escrita, oralidade e socialização com outras pessoas serão de grande relevância para seu desenvolvimento pessoal, cultural e intelectual, uma vez que os mesmos estão acostumados a lidar com narrativas prontas, oriundas dos livros didáticos e paradidáticos que muitas vezes não os chamam a atenção por estarem fora de sua realidade social. O estudo da poética do autor Inglês de Sousa será uma maneira de despertar o interesse pela leitura literária em especial a literatura paraense, que ainda é desconhecida por muitos alunos. Logo, este trabalho contribuirá para uma mudança significativa na prática pedagógica das aulas de Literatura.

A formação de leitores literários pelo viés do Hip Hop e da Literatura marginal-periférica

Leomar Alves de Sousa (UFT)

Resumo O presente resumo refere-se a uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da UFT, campus de Araguaína-TO. Considerando os diferentes modos discursivos de representação da sociedade pelos quais os Mc's e os escritores da chamada literatura marginal-periférica, problematizam questões sociais muito presentes nos contextos das periferias urbanas, esta pesquisa investiga as contribuições do Hip Hop e da literatura marginal-periférica para a formação de leitores literários na escola. Por meio da realização de Oficinas de

Formação Orientadora de leituras (OFO) e de batalhas de rimas improvisadas, será promovida a interação entre um grupo de Mc's da cidade de Araguaína e alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública localizada na região periférica dessa cidade, na perspectiva de promover a leitura literária entre esses dois grupos de participantes da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa com viés interpretativo, com base nas teorias da leitura e formação de leitores de: Rouxel (2013), Petit (2009), Colomer (2007), Lajolo; Zilberman (2019), Santos (2009); nos estudos teóricos de Dalcastagnè (2012), Holanda (2012), Tennina (2017), Nascimento (2006; 2011), relacionados à literatura marginal-periférica; e ainda considerando os letramentos de resistência e o Hip Hop, discutidos por Souza (2011) e Patrocínio (2013).

A leitura literária em sala de aula: possibilidades de aplicação do Método Recepcional a partir do conto “Totonha”

Maria Marcela Freire (UFRN)

Resumo Por muito tempo a leitura literária foi tida como um privilégio das classes sociais dominantes. Ainda hoje, com a notória escassez de programas oficiais de leitura, mais parece ser, esta, um privilégio para poucos que possuem um poder aquisitivo considerável para obterem tal bem material, antes cultural. Pensar a formação do leitor em salas de aula de Escolas Públicas é vislumbrar um sem-número de problemas que vai desde a dificuldade de acesso aos livros à ausência de projetos escolares que possam colocá-los em contato com a leitura literária. A BNCC (2017) vê a prática de leitura literária como algo necessário ao desenvolvimento do aluno e reconhece, em suas competências específicas, seu “potencial transformador e humanizador”. Refletindo sobre isso, o presente artigo visa explicar sobre a função da literatura na sala de aula, bem como repensar as práticas da leitura literária com base na recepção de um leitor que chega ao Ensino Médio ainda sem demonstrar proficiência leitora. Sob a perspectiva da Teoria da Recepção e do Método Recepcional, tendo como objeto de análise e de reflexão, o conto “Totonha”, do escritor pernambucano Marcelino Freire, apresentamos uma proposta de intervenção que será embasada à luz de estudos de Iser (1996),

Jauss (1994), Rouxel (2013), Bordini & Aguiar (1993) e Zilberman (2011). Como resultado, espera-se que a proposta provoque/crie no aluno leitor horizontes de expectativas que o faça retornar a outras leituras.

Autobiografia de leitor: experiências de leitura literária no ensino técnico integrado

Andresa Fabiana Batista Guimarães (IFSULDEMINAS)

Resumo Para Rouxel (2013), como o gênero autobiografia de leitor está centrado na leitura, ele é um importante elemento de reflexão “para a importância que pode ter a literatura na formação de um indivíduo, para a multiplicidade de modos de apropriação dos textos, para o lugar da subjetividade no sujeito que constrói o sentido.” (p. 67). Desta forma, a partir da perspectiva dos estudos franceses acerca da leitura subjetiva e da prática da “leitura cursiva”, ou seja, da valorização da leitura autônoma e pessoal, visando estimular a apropriação das obras de forma singular pelos leitores reais, realizamos atividades de leitura literária e de escrita autobiográfica (autobiografia de leitor) em DUAS turmas do 1º ano dos cursos técnicos integrado ao ensino médio (Alimentos e Informática) do IFSULDEMINAS – Campus Avançado Carmo de Minas-MG. O ponto de partida foi a leitura, análise e discussão das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) de Carolina Maria de Jesus e *Morte e vida severina: auto de natal pernambucano* (2000) de João Cabral de Melo Neto. Desta forma, objetiva-se com este trabalho dar início ao processo de construção da identidade literária destes discentes, para que, a partir das leituras e produções autobiográficas (autobiografia do leitor) eles possam “observar o lugar que ocupa o processo de identificação na recepção dos textos e a que fenômenos de desdobramento identitário [eles, enquanto sujeitos leitores] são convidados ao longo do ato de leitura literária.” (ROUXEL, 2013, p. 68). À vista disso, procuramos elaborar uma coletânea de autobiografias, visando evidenciar como a subjetividade é elemento essencial para leitura, já que possibilita o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

Curtas na Escola: da leitura literária à criação cinematográfica

Ulisses Stefanello Karnikowski (UFMS)

Resumo A educação literária está passando por mudanças curriculares significativas no Brasil e um estímulo ao interdisciplinar vem sendo percebido nos documentos governamentais mais recentes. Porém, mesmo com as últimas versões da BNCC, algo se mantém basilar no ensino de literatura: a centralidade da obra literária. Com isso em vista, esse trabalho irá apresentar e analisar o projeto “Curtas na Escola”, proposto para alunos do Ensino Médio, que pode ser um aliado para a leitura literária de obras clássicas da literatura brasileira, além de proporcionar reflexões acadêmicas importantes acerca de aspectos metodológicos e práticos. Como suporte teórico, essa pesquisa alicerça-se em Antonio Candido e sua meritosa defesa à criação literária, além dos trabalhos de Teresa Colomer e Rildo Cosson em suas pesquisas acerca da leitura literária. As etapas metodológicas do projeto levam em conta a leitura literária mediada de um clássico, uma atividade de criação literária de um conto a partir da expansão interpretativa da obra lida, um curso rápido de linguagem audiovisual e, por fim, a criação de um curta metragem para exposição em um concurso cinematográfico regional. Entende-se, com isso que as etapas de criação fazem com que o leitor seja estimulado a diferentes mergulhos na obra literária, buscando referências e reminiscências, ressignificando, assim, sua relação com a obra e, consequentemente, com a literatura.

Da experiência à teoria: a busca por uma nova didática de ensino de Literatura

Renata Esteves (USP)

Resumo A experiência do ensino de Literatura no curso de Licenciatura em Letras em uma instituição de ensino superior particular na capital paulista, acessível à população de baixa renda, impôs a necessidade de abandonar os modelos convencionais de ensino de Literatura em prol da aproximação do leitor com o texto literário. Contextos históricos, periodizações literárias, análises formais e estudos

biográficos foram suplantados por rodas de discussão, relatos de leitura e diários de leitura, recursos estes que implicavam a leitura efetiva das obras literárias enquanto revelavam a paulatina autonomia dos leitores. A busca por metodologias diferentes daquelas que figuravam nos Planos de Ensino da instituição visava promover, nos futuros docentes, uma dinâmica de ensino de Literatura que rompesse com o modelo escolar herdado por todos e encontrou apoio teórico em outras propostas de abordagem do ensino literário, como a teoria da recepção ou conceitos como sujeito leitor e leitura subjetiva. A reflexão sobre esse processo de transformação profissional docente e a constatação da mudança de postura nos discentes ao longo do curso, de ouvintes passivos em leitores ativos e participativos, vai ao encontro do debate que tem sido feito sobre uma nova didática do ensino de Literatura e contribui com exemplos vividos em sala de aula durante a formação daqueles futuros docentes.

Da metamorfose do mundo à metamorfose do ser: literatura, conhecimento e (trans)formação do leitor

Joana Marques Ribeiro (USP)

Resumo O presente trabalho propõe reflexões sobre a formação do leitor literário, tendo como base a perspectiva da literatura como pensamento, conhecimento do mundo e da experiência humana e da leitura literária como experiência de formação e transformação do leitor. Para tanto, articulam-se proposições teóricas que abrigam princípios da teoria literária e conceitos centrais da filosofia contemporânea, os quais privilegiam a hermenêutica como exercendo um papel central no processo de conhecimento humano. Às investigações teóricas relacionam-se a prática pedagógica em sala de aula e a observação do processo de aprendizagem de jovens enquanto leitores de obras literárias e escritores de textos, os quais engendram experiências com a literatura. Primeiramente, apresentaremos o cerne do paradigma científico moderno e as críticas a que tem sido exposto desde o final do século XIX. Nesse contexto, acercar-nos-emos de conceitos fundamentais da hermenêutica filosófica tal como postulada por Hans-Georg Gadamer e desenvolvida pelo prisma da literatura por Paul Ricoeur, cujas reflexões abarcam a dimensão ontológica

e existencial da literatura, bem como da experiência da leitura literária. Os caminhos apresentados serão rearticulados de modo a pensar estratégias de mediação com vistas ao trabalho de formação do leitor literário, sobretudo na aula de Língua Portuguesa. Em seguida, apresentaremos experiências de mediação de leitura da obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, realizadas com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma instituição da rede particular de ensino da cidade de São Paulo. Por fim, investigaremos nas produções textuais dos estudantes vestígios e indícios do percurso de leitura iniciado em aula e de sua efetivação enquanto experiência autêntica com a obra literária selecionada, acontecimento discursivo entendido como apropriação que, na acepção ricoeuriana, corresponde ao diálogo entre os horizontes do texto e do leitor, processo em que ambos são refletidos e transformados.

Doses poéticas no cotidiano escolar: estratégias de abordagem do texto literário

Micaela Sá da Silveira (UEPB)

Resumo Os estudos sobre a abordagem da literatura no ambiente escolar têm avançado cada vez mais, sobretudo no que tange às políticas públicas e pesquisas desenvolvidas que apontam o papel do leitor na construção dos sentidos de um texto. Entretanto, sabe-se que as práticas pedagógicas, muitas vezes, estão na contramão do que é proposto teoricamente, tendo em vista que não priorizam a interação do leitor com o texto como elemento determinante para a recepção do texto literário. Nesse sentido, na tentativa de ir na contramão desse modelo tradicionalista, desenvolvemos o projeto “Farmácia poética” em uma instituição privada de ensino, na cidade de Campina Grande-PB. O projeto mencionado foi pautado em ações nas quais a abordagem do texto literário partia do reconhecimento do horizonte de expectativa dos alunos-leitores do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – anos finais, assim como da proposta de novos suportes para a disseminação dos textos poéticos, a saber: cápsulas de medicamentos, caixas de remédios e bulas poéticas. Desse modo, o objetivo deste artigo é apresentar as ações efetivadas pelo projeto, além dos seus desdobramentos em relação à prática de leitura literária no

ambiente escolar. Teoricamente, fundamentam a reflexão aqui proposta os estudos de Alves (2012), Cosson e Paulino (2004), Cosson (2006), Colomer (2007), Iser (1996), Jauss (2002), Todorov (2010), Rouxel (2012), dentre outros. A pesquisa realizada nos permitiu analisar a função da literatura na escola, além de possibilitar a reflexão acerca das metodologias de abordagem do texto poético, evidenciando que, por meio de alternativas e práticas inovadoras, é possível viabilizar a formação de leitores e disseminadores da leitura literária.

Ensino-Aprendizado de Literatura: currículo e representações de estudantes

Mariana Rosa Silva (USP)

Resumo Esta comunicação tem o objetivo de apresentar os resultados finais de investigação que buscou identificar e analisar representações de aprendizado de leitura de alunos do ensino fundamental e de Literatura de alunos do ensino médio, bem como compará-las. Realizada com alunos do 8º ano e do 2º ano do ensino médio de uma escola da rede privada da cidade de São Paulo, esta pesquisa reuniu dados sobre crenças, opiniões e situações vivenciadas pelos alunos em sua formação literária dentro da instituição escolar. Para tanto, a coleta de dados, realizada em dois momentos – novembro de 2018 e junho de 2019 – deu-se por meio de questionários – respondidos por 147 alunos. A hipótese inicial era de que, na escola, Literatura é conteúdo, ensinado, muitas vezes, por meio da historiografia literária, com pouco espaço para leitura literária em sala, o que levou à ponderação sobre a possibilidade de se afirmar que se aprende literatura, e, caso seja possível esse aprendizado, o que se aprende quando se aprende literatura. A análise dos dados evidencia que o currículo de Literatura interfere nas representações de aprendizado dos alunos, os quais, muitas vezes, reproduzem as representações de Literatura transmitidas pela escola, e por agentes do contexto socioeconômico em que vivem, e deslegitimam suas próprias práticas de leitura. Além disso, também foi possível constatar que as representações dominantes de aprendizado de leitura e de Literatura estão fortemente relacionadas à ampliação de vocabulário, a um bom desempenho em redações e à melhor compreensão de outras disciplinas escolares. A

pesquisa é concebida a partir das contribuições teóricas de Moscovici (2003) e Jovchelovitch (2008) sobre representações sociais e Meirieu (1998) sobre aprendizado. Ademais, a pesquisa dialoga com outras da mesma área, como as de Rocco (1981), de Leahy-Dios (2000), de Oliveira (2013) e de Souza (2015).

Entre poesia e imagem: uma proposta de mediação de leitura a partir das lentes de “O fotógrafo” de Manoel de Barros

Simone Oliveira Vieira Peres (UNIFESSPA)

Resumo Na tentativa de lançar o olhar para além “da aldeia morta” e “fotografar” singularidades através da poesia, este artigo, o qual refere-se a um recorte do projeto de pesquisa, pretende apresentar propostas de leitura e mediação do poema “O fotógrafo” (BARROS, 2000) aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Tendo em vista que cada vez mais estamos imersos em uma cultura digital baseada na imagem, e que formar leitores tem se mostrado um desafio às práticas escolares, como desenvolver estratégias metodológicas para que a poesia seja capaz de despertar o imaginário dos adolescentes em torno da profusão imagética que a construção polissêmica poética nos propõe? O objetivo é propor o multiletramento literário a partir de estratégias de mediação de leitura, estímulo ao imaginário, construção de sentidos, percepção sensorial e reflexiva dos discentes. Assim, apresentamos como práticas pedagógicas: 1) Imersão na leitura dialogada do poema “O fotógrafo”; 2) Experiência sensorial/poética do/no espaço de leitura; 3) Fotografia de imagens, metáforas e “despalavras” (Registro de imagens e produção poética); Podendo desdobrar-se na produção de gêneros como o Fotopoema, o qual permitiria uma abordagem multissemiótica da poesia. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a qual permitiu que construíssemos um referencial teórico no qual discutimos a imagem na contemporaneidade, a formação de leitores e mediação literária no contexto escolar embasados em Lajolo (1991), Zilberman e Silva (1995), Soares (2001) e Cosson (2012). Para construirmos nossas análises acerca dos conceitos de imagem e imaginário partimos das perspectivas poético-filosófica de Gaston Bachelard (1960) e Paz (1982).

Experiências do leitor literário: a poesia concreta vai à escola

Laila Rayssa de Oliveira Costa (UFF)

Resumo Esta comunicação examina processos de recepção de poemas concretos por estudantes do ensino médio, a partir da experiência da autora enquanto professora de Literatura. A predominância, no âmbito escolar, de um ensino de literatura voltado à periodização estabelecida pela historiografia literária aproxima os estudantes de leituras direcionadas a textos que contemplem as características dos movimentos a serem estudados ao longo do nível médio. Essa abordagem impacta a formação do leitor literário, visto que torna a leitura mais presa a olhares já predefinidos e consagrados por essa pedagogia. Tentando problematizar tal abordagem e construir outras alternativas pedagógicas, foi realizado (em plataforma virtual, devido à pandemia) um minicurso, com alunos secundaristas de uma escola particular de Fortaleza. O curso dedicou-se à leitura de poemas do movimento concretista, apresentados em formas escritas, vocalizadas e audiovisuais. Buscando estimular a participação ativa e criativa dos estudantes na leitura e discussão dos textos, experimentaram-se diferentes estratégias de trabalho com o texto poético, incorporando as impressões dos alunos no decorrer das leituras. Para discutir esses aspectos, as reflexões do campo da Estética da Recepção de Wolfgang Iser (*O ato da leitura*, 1976) serão articuladas às abordagens de leitura literária na escola por Marisa Lajolo (*Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, 1993) e Regina Zilberman (*A leitura e o ensino da literatura*, 1988).

Experiências plurais a partir leitura de *O rapaz que não era de Liverpool* (2005), de Caio Riter: o encontro entre os leitores e o escritor

Juliete Rosa Domingos (UENP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo apresentar a(s) experiência(s) de um encontro entre estudantes do 9º ano do CETA-Anglo (Centro Educacional de Taquarituba – SP) e o escritor Caio Riter. No ano de 2020, a partir da proposta embasada na ideia de um clube do

livro em vigência na disciplina de Literatura, para o 3º bimestre letivo, os estudantes foram convidados à leitura mediada da obra *O rapaz que não era de Liverpool* (2015), obra vencedora do 1º Prêmio Barco a Vapor (2005). Além de um trabalho sistematizado com práticas diversificadas de leitura, inclusive em caráter interdisciplinar, visando as disciplinas de Biologia e Inglês, o projeto conquistou a oportunidade de reunir virtualmente – por meio da plataforma Google Meet – o escritor Caio Riter e os estudantes para uma conversa sobre a obra em destaque. Mesmo em tempos difíceis para o âmbito educacional, foi possível vislumbrar a força emancipadora da literatura juvenil e momentos repletos de entusiasmo tanto durante as ações que centralizaram a leitura da obra, quanto no encontro dos jovens leitores em formação e os bastidores de criação do universo literário na figura do escritor gaúcho. Para fundamentar o processo de aplicação desse projeto de leitura, refletindo sobre a importância da mediação da leitura de literatura no contexto escolar, nos equivalemos das contribuições teórico-metodológicas de Rildo Cosson, Luzia de Maria, João Luis Ceccantini e Lígia Cademartori.

Formação de professores e a prática de leitura literária na escola

Nilo Marinho Pereira Junior (UFT)

Resumo Atentos à realidade de muitos professores que se dedicam ao ensino de leitura literária na escola por meio de diversas ações e práticas, torna-se importante conhecer a historicidade da formação desses professores como sujeitos leitores para que possam formar outros leitores na escola. Assim, esta é uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo conhecer melhor quem são esses professores que têm interesse pelo ensino da leitura literária nas escolas e como eles têm desenvolvido ações de leituras literárias com seus alunos. Além disso, a pesquisa buscará saber se estes professores tiveram algum tipo de formação específica para realizarem essas práticas e como sua formação como sujeitos leitores tem ajudado neste processo de ensino de leitura literária. A pesquisa permitirá conhecer os principais problemas e acertos encontrados pelos professores na execução das práticas de leituras literárias, podendo assim sugerir ações que contribuam para a melhoria deste trabalho.

Além disso, será possível fazer com que haja uma troca de informações entre esses professores sobre o trabalho que realizam e as práticas de leituras literárias existentes nas escolas. Metodologicamente a pesquisa terá abordagem qualitativa e interpretativista e terá como universo escolas de ensino fundamental e médio da cidade de Araguaína, que trabalham com práticas de leituras literárias. Como técnica de coleta de dados, será por meio de grupo focal que permite ouvir e perceber as realidades destes professores de forma conjunta e proporciona trocas de experiências que contribuam para o desenvolvimento de cada um deles. Para dar base teórica utilizaremos autores como Yunes (2020), Candido (2017), Zilberman (2005), Britto (2006), Cosson (2006), Barbosa (2011) e Lajolo (2001).

Leitores da tela azul:

Literatura e distanciamento social na escola contemporânea

Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa

Resumo As condições de ensino-aprendizagem durante a emergência sanitária que atravessamos parecem ter reposicionado o texto literário na sala de aula, no sentido de aproximar a sua abordagem da experiência de distanciamento social e mediação tecnológica a que estão submetidos leitoras e leitores em formação. Dadas as condições de acesso via internet à escola ou aos outros espaços de formação pedagógica, as aulas de literatura puderam se defrontar com a diversidade das cenas de leitura domésticas nas casas dos estudantes, e a desigualdade no acesso ao texto literário, problema pouco enfrentado no cotidiano escolar em geral. As estratégias possíveis são diversas, no entanto defendemos uma aproximação inicial ao texto literário por adolescentes e jovens adultos no ensino médio baseada na identificação com a narrativa. Essa comunicação propõe um relato de experiência pedagógica realizada durante os meses de fevereiro a maio de 2021 com estudantes da segunda série do ensino médio numa escola pública do município do Rio de Janeiro, os quais leram a novela *O véu erguido*, publicada em 1859 pela narradora britânica George Eliot, em diálogo com textos da tradição literária brasileira no século XIX. A análise das crônicas de leitura elaboradas pelos alunos em dois momentos distintos da leitura da novela visa flagrar

cenas de leitura diversas em situação pandêmica, e compreender a subjetividade leitora imersa na “fornalha de déficit de atenção” (TÜRCKE, 2015) alimentada pelas mediações tecnológicas, e as “posturas com relação à fragilidade e à impotência humanas” (NUSSBAUM, 2015) na leitura da trajetória de Latimer, o protagonista melancólico da narrativa. A hipótese de que a literatura pode formar comunidade com a leitura pública do texto será testada nessa análise que, por fim, dialoga com o ensaio de Vincent Jouve, “A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas” (2015).

Leitura literária na universidade: entre o isolamento social e a interação virtual

Chirley Domingues (UNISUL)

Resumo No início do ano letivo de 2020, milhares de professores e estudantes do ensino presencial se viram imersos no ensino a distância, recurso que se tornou indispensável para a manutenção do calendário escolar e acadêmico, por conta do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Ainda que algumas universidades tenham ampla experiência na educação a distância, foi uma mudança significativa, exigindo dos docentes rapidez na alteração de metodologias, empenho para se familiarizarem com as plataformas on-line, compreensão sobre e incorporação de novos processos de mediação e habilidade para lidar com artefatos tecnológicos diversos. Essa realidade tem se mostrado perturbadora para nós, professores de literatura. Num contexto de ensino marcado pela tecnologia da informação, da cibercultura, da predominância da escrita sucinta, da leitura que leva o leitor a saltar de um hiperlink a outro, entre diferentes mídias articuladas, como convencer os alunos a se envolver com o texto literário? Como mobilizá-los para a leitura de um texto que “opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações”? (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80). As questões apresentadas nos conduziram ao estudo cujo objetivo é analisar o processo de mediação entre o leitor e o texto literário nos cursos de Letras, Jornalismo e Cinema, de uma universidade do sul de Santa Catarina, antes e durante o isolamento social compulsório. A pesquisa se caracteriza como abordagem qualitativa

de caráter exploratório (GIL, 2010). A coleta de dados incluiu análise documental (projetos pedagógicos, planos de aula, diários de classe, registros docentes), entrevistas, questionários e análise do acervo da biblioteca universitária. Os resultados do estudo podem favorecer a socialização de estratégias de leitura literária realizadas nos cursos de graduação, mas que ficam limitadas ao espaço das salas de aulas.

Letramento literário crítico cultural: contribuições da semiótica da cultura à formação do leitor real no Ensino Médio

Wellington Neves Vieira (UNEB)

Resumo O letramento literário crítico cultural é mencionado nessa pesquisa como uma proposta que ainda está em construção. E até o presente, não se encontra na literatura científica o seu conceito desenvolvido. Vale ressaltar, que o vigente estudo é fruto de um projeto de tese desenvolvido pelo sujeito pesquisador com a finalidade de formar leitores reais no Ensino Médio de uma escola pública do estado de Alagoas. O objetivo dessa pesquisa é desenvolver um estudo teórico/epistemológico e didático/metodológico em crítica cultural. Dessa forma, este trabalho orienta-se pela seguinte pergunta: Em que medida a semiótica da cultura contribui para a formação do leitor real no ensino Médio? Como metodologia de pesquisa, recorreremos à pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, com os teóricos: Cosson (2014), Street (1984), Vieira (2016), Santos (2018), Lotman (2001), e Souza (2006). Funde-se a semiótica da cultura aos estudos da crítica cultural aplicados no sistema de interpretação dos textos literários. Tal estudo permite na elaboração de um modelo de ensino da literatura como sugestões que podem suscitar reflexões e práticas inovadoras à pedagogia literária. Entre as principais contribuições do referencial, destaca-se parcialmente a construção de uma abordagem teórica- metodológica e conceitual para o letramento literário crítico cultural. Oportuniza-se na revelação de um novo posicionamento metodológico de ensino da literatura. E, por fim, constata-se que a proposta teórica-metodológica apresentada, mostra-se promissora para a formação do leitor real com capacidade multisemiótica de leitura manifestada nos fenômenos de linguagens literária ou não. Bem como, de diversos gêneros envolvidos como o

literomusical, audiovisual, cinematográfica e tantas outras agregadas ao campo das linguagens.

**Letramento literário e formação de leitores:
análise de práticas docentes em uma instituição
federal de educação profissional e tecnológica**

Cristiane Maria Pereira Conde (IFPE)

Resumo Emancipação e democratização da leitura literária, além de se constituírem objetivo precípua do letramento literário, devem ser, como defende Zilberman (2017) premissa para a ação do docente: no entanto, vivenciamos uma verdadeira crise no ensino de literatura, traduzida pelo apagamento e redução do necessário exercício da leitura e da escrita de textos literários na escola. Formar o leitor literário, autônomo e consciente de seu lugar no mundo, deve ser o compromisso do ensino de literatura (COSSON, 2016). É urgente e necessário que o docente tenha clareza de quais são os princípios metodológicos e os paradigmas do ensino de literatura que permeiam sua prática. Assim, é possível construir o processo de análise, de avaliação, de definição e até construção de sua identidade. Por isso, para que os preceitos do letramento literário possam ser vivenciados pelo maior número possível de profissionais que lidam com o ensino de literatura, faz-se relevante e necessário que sejam construídos mapeamentos das práticas docentes vigentes no ensino de literatura nas aulas de educação básica brasileiras. O presente trabalho objetiva analisar as práticas PEDAGÓGICAS de docentes de literatura em unidades acadêmicas do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), ofertantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio, por meio de questionários e entrevistas, partindo das teorias de Cosson (2014, 2016, 2020), Zilberman (2017) e Machado (2005), com vistas a produzir um desenho do paradigma predominante no ensino de literatura em uma instituição federal de educação básica, técnica e tecnológica.

Literatura afro-italiana para a terceira idade: reflexões e perspectivas

Agnes Ghisi (UFSC)

Resumo Os desafios do ensino da língua italiana no Brasil não são poucos, mas alguns casos de possibilidade e liberdade de ensino podem ser encontradas em iniciativas como a do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI/UFSC). No NETI, em 2018, o estágio da docente Agnes Ghisi, sob orientação da professora Daniela Bunn, teve como objetivo o ensino da língua italiana por meio da literatura, visando também o bem-estar e a participação ativa da pessoa idosa (BELLA, 2007). Pensar a pessoa idosa como alguém que continua se desenvolvendo e é capaz de aprender e expandir o próprio universo a partir da leitura como um prazer (BALBONI, 1994) foi um dos objetivos e a motivação maior do estágio. Um dos desafios encarados foi o de trazer para o debate para a sala de aula da turma de italiano, nível iniciante, questões socialmente relevantes que estimulassem um olhar sensível e plural a partir da literatura; em particular, para o caso da escritora italiana Igiaba Scego e seu romance *La mia casa è dove sono* (2010). Partindo da leitura de um capítulo da obra, foram propostas discussões que abordassem o tema da memória, da imigração e do reconhecimento das culturas de origem africanas, no caso em específico, somali. O ensino da língua italiana, então, permitiu um diálogo multicultural em que tensões do cotidiano brasileiro puderam ser encaradas a partir do (con)texto italiano. A presente comunicação pretende explorar reflexões que surgiram dessa experiência, bem como pensar o contexto da terceira idade enquanto estudante de italiano.

O texto literário no ambiente escolar: análise de leitura mediada

Ana Carolina Miguel Costa (UNESP)

Resumo Ao observarmos os resultados concernentes às pesquisas sobre a leitura no Brasil, como a realizada pelo Instituto Pró-Livro (*Retratos da Leitura no Brasil*, 5ª edição, 2019), percebemos o quanto ela está distante dos brasileiros. Os dados mostram que houve uma queda em relação à quantidade de livros lidos se comparados aos

resultados da mesma pesquisa em 2015. Ademais, ao questionar os entrevistados sobre como escolhiam seus livros, apenas 10% apontou o professor como mediador. Evidencia-se, então, que a leitura e a literatura são relegadas a segundo plano e que o local – escola – que deveria fazer a promoção da prática leitora, na maioria das vezes, não cumpre seu papel. Na sala de aula, o texto literário, em muitos casos, é utilizado como recurso para ensino de gramática, técnicas de redação e sistematização de conteúdos para exames vestibulares. Os estudantes não são vistos como protagonistas, mas sim por meio de uma visão cristalizada de que são apenas receptáculos e seres passivos. Como aponta Antonio Candido (2006), “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Pensando nas problemáticas citadas e no que afirma Candido, é pertinente apresentar uma amostra dos resultados obtidos com a dissertação de mestrado intitulada *O texto literário na sala de aula: estudo e prática de métodos de leitura do texto literário* (COSTA, 2019), na qual buscou-se pensar/repensar o texto literário na sala de aula, mostrando-se, a partir de pesquisa de campo, análise quantitativa e qualitativa, a relação de alunos do 6º ano de uma escola do interior de São Paulo com obras literárias e o papel do professor como mediador.

Pedagogia da Performance: a mediação como possibilidade do (re)encantamento da leitura literária na escola

Gisele Gemmi Chiari (USP)

Resumo A partir da experiência como Articuladora do Centro de Referência para os Anos Iniciais na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, em 2018, no âmbito das ações de formação continuada de professores do Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa, pude observar, sob uma perspectiva qualitativa, como o letramento literário é desenvolvido nas escolas da rede pública da região. A leitura literária ainda tem sido trabalhada de forma inadequada, sendo confundida como subsídio para o ensino de língua portuguesa ou mesmo como aporte para admoestação moral. Uma das razões para essa situação advém do fato de muitos professores

desconhecerem as especificidades do objeto artístico e multimodal que é o livro para a infância devido a uma lacuna no percurso formativo dos cursos de Pedagogia. Vale lembrar que não há um paradigma para realizar a inter-relação entre leitor-obra, pois cada livro propõe, pela palavra, ilustração e projeto gráfico, maneiras de ler e de produzir sentidos. Dessa forma, como intervir de maneira que, encantado pela literariedade, o professor, a partir de sua performance, estimule as crianças e jovens a ler? Apresentamos uma proposta de interação com a literatura embasada em uma pedagogia da performance, a qual pressupõe a expressividade da presença, do corpo, do gesto e da voz, bem como a ação de se oferecer ao jogo de contemplar e ser contemplado. O mediador de leitura ou o narrador, ao (hiper)dimensionar a palavra, a (res)significa transformando a linguagem em experiência. Na ação de ler ou recontar o texto literário, ritualizando-o, o mediador transgride espaço e tempo, pois que a potencialidade estética da obra apresentada reverbera nos sujeitos participantes da atua(ção).

Projetos de leitura na sala de aula: uma experiência transformadora durante a pandemia

Marília Pereira da Cruz (USP)

Resumo O trabalho tem como objetivo apresentar formas de contextualizar e transformar a sala de aula on-line através de projetos de leitura. Durante o ano de 2020 desenvolvi um projeto chamado “Jornalzinho literário” com uma turma de 6º ano do ensino fundamental. Assim que iniciou a pandemia e comecei a lecionar aulas online, percebi que os alunos não conseguiam se concentrar devido à preocupação e o medo do Coronavírus, busquei pensar em um projeto que os auxiliasse a elaborar e lidar com essa nova realidade. O livro escolhido foi “A bicicleta que tinha bigodes” do escritor angolano Ondjaki por apresentar uma narrativa leve e divertida e por estar de acordo com o perfil e idade dos alunos. A leitura foi compartilhada e todos os dias líamos ao iniciar a aula, eles se identificaram com os personagens da obra e neste momento era como se a pandemia não existisse. Formulei um projeto que desenvolvesse as habilidades da escrita e da imaginação através dos gêneros textuais. O desafio foi

orientar e conduzir os pequenos a produzirem notícias, entrevistas, anúncios, assim como também conduzir a pesquisa sobre Angola onde a narrativa se desenvolvia, um espaço desconhecido para eles. Quando começamos os rascunhos, pude constatar que havia subestimado os pequenos e decidi propor um concurso do melhor jornalzinho literário, mas fiz uma força tarefa para conseguir prêmios para todos. Apaixonada pelo projeto que eles estavam fazendo, contatei o escritor Ondjaki e lhe mostrei os trabalhos das crianças. Logo, ele propôs uma aula surpresa onde ele entraria para uma conversa com as crianças e para anunciar os vencedores. Foi um momento inesquecível para mim, para as crianças e para o escritor. A literatura transforma o ser humano e propõe uma nova realidade, essa é a sua função, basta acreditarmos.

Reservatório de Experiências Poéticas: práticas de leitura de poesia no nível superior

Diego Grando (PUCRS)

Resumo O Reservatório de Experiências Poéticas (REP) é um grupo de estudos de poesia vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS (PPGL). Em atividade desde 2018, o REP é constituído majoritariamente por estudantes de graduação e pós-graduação em Letras, mas é aberto também ao público geral, independente de formação prévia ou vínculos institucionais. Com encontros semanais e uma metodologia assistemática, o grupo busca proporcionar aos participantes um espaço de leitura ou, mais especificamente, de compartilhamento de leituras no campo da poesia – este território que é, com muita frequência, temido pelos estudantes na mesma medida em que é negligenciado pelos professores. Nesta comunicação, pretendo fazer um balanço das diferentes atividades de leitura de poesia realizadas ao longo desses quase quatro anos de caminhada, entrelaçando-as a comentários dos próprios integrantes do grupo. Soma-se a isso a reflexão a respeito das constatações e descobertas feitas ao longo do percurso, a partir da minha posição de observador privilegiado – criador, coordenador e mediador do REP. Por fim, compreendendo o grupo como um círculo de leitura e letramento literário, conforme Cosson (2020), procuro relacioná-lo a outra metodologia de

ensino de literatura recorrente no PPGL da PUCRS: a oficina de escrita. Espero, com o compartilhamento dessa experiência, oferecer conclusões tanto teóricas quanto práticas sobre aspectos relacionados ao ensino e à formação de leitores de poesia no ensino superior, bem como à formação de professores de literatura e às experiências de leitura poética nos cursos de Letras.

Simpósio 5**A literatura gótica em suas cartografias americanas**

Rogerio Lobo Saber (UNIVÁS)

Ayda Elizabeth Blanco Estupiñan (UPTC)

Julio Cesar França Pereira (UERJ)

Resumo O diagnóstico realizado por Glennis Byron (2013) enfatiza o potencial difuso do fenômeno gótico e ressalta como, à medida que ingressamos mais e mais em processos culturais globalizantes e em novas dinâmicas de intercâmbio cultural, criativas inflexões têm sido garantidas à arte do excesso e da transgressão (BOTTING, 1996) ou, como designada por Marie Mulvey-Roberts (1998), à arte do mal-estar (un-ease) e da patologia (dis-ease). A passagem do século 20 para o 21 confirmou a plasticidade da literatura gótica – já reforçada por Andrew Smith e Jeff Wallace (2001) – e serviu de momento histórico que deu à luz “novos góticos nacionais e regionais, do gótico Kiwi ao gótico da Flórida, do gótico de Barcelona ao gótico japonês” (BYRON, 2013, p. 1). As obras contemporâneas, quer estabeleçam diálogo estreito ou distanciado com as obras da matriz europeia, se esforçam por recolher seu próprio inventário de “tropos ou estratégias” para garantir seus contrapontos culturais, “por mais diferentemente que sejam modulados por histórias e sistemas de crença específicos” (BYRON, 2013, p. 3). Na esteira do estudo de Byron, Enrique Ajuria Ibarra (2014, p. 6) corrobora que o gótico é um modo ficcional que se caracteriza por seu deslocamento entre “limites geográficos, culturais e artísticos”. Em *Tropical Gothic in Literature and Culture*, Justin D. Edwards e Sandra Guardini Vasconcelos (2016) analisam também o gótico como fenômeno de transculturação. Tabish Khair (2009) reforça as profícuas possibilidades hermenêuticas resultantes da aproximação entre a literatura gótica e os estudos pós-coloniais, fundamentais à percepção de questões relacionadas à alteridade. Tal abordagem permite que o gótico seja lido como um inventário estético que representa e denuncia a complexidade inerente a conceitos como privilégio e poder, ao colocar frequentemente em cena relações culturais orientadas por uma lógica de pensamento que reconhece o Outro como um “self pronto para ser assimilado” (KHAIR, 2009, p. 4-5). Qualquer que seja o tipo reconhecido como monstruoso escolhido para povoar as obras (demônios, vampiros, bruxas, judeus) é

indispensável reconhecer as obras góticas como inventário para exploração dos medos e ansiedades enfrentados coletivamente por determinada cultura. No caso do gótico estadunidense, a figuração do Outro fica inicial e insistentemente a cargo dos nativos indígenas e dos negros. Por sua vez, o gótico canadense marca-se por sua exploração de figuras sobrenaturais folclóricas, e o gótico do Caribe concede espaço para personagens exóticos que protagonizam contos de escravos e de rituais mágicos (SNODGRASS, 2009, p. 6-7). No Brasil, o gótico de Lygia Fagundes Telles se preocupa com questões de opressão feminina (BALDERSTON; GONZALES, 2004). Nota-se, a partir desses exemplos, que o gótico adquire contornos regionais, embora mantenha seu propósito matricial de mergulhar nos medos que assombram a coletividade. Para Byron (2013), o gótico do fim do século 20 e o gótico do século 21 caracterizam-se por ser espaço estético para exploração de ansiedades decorrentes do mundo globalizado e, embora a análise de Ibarra (2014) recaia sobre um objeto cinematográfico da cultura mexicana, é semelhante seu posicionamento ao nos sugerir que o gótico é um instrumento de catarse coletiva, capaz de “explorar diferentes aspectos da nossa psique social e cultural” (IBARRA, 2014, p. 7). A proposta classificatória de Mary Ellen Snodgrass (2005) permite-nos observar com mais atenção o emblemático vilão gótico, figura que, principalmente nas obras do século 18, personifica a alteridade ameaçadora que deve ser extirpada ou assimilada. No entanto, no decorrer dos séculos, o vilão gótico tem permanecido em seu posto de complexo personagem justamente porque a compreensão de suas motivações e ações nos obriga a encarar um território de “ambiguidade moral” (SNODGRASS, 2005, p. 351) que intensifica a dificuldade de qualquer julgamento. Retomados por autores como Isabel Allende e Gabriel García Márquez, temas como violência, vingança, mal, sonambulismo e reencarnação recorrem nas obras góticas latino-americanas, que compõem um portentoso acervo a partir do qual tensões coloniais e pós-coloniais podem ser aprofundadas, tais como “os sofrimentos da classe agrária” (SNODGRASS, 2005, p. 184), que suportou séculos de exploração. O modo literário gótico permanece sendo útil e instigante instrumento para a encenação e discussão de relações interpessoais predatórias e, especificamente no caso da América Latina, o toque sobrenatural entrelaça-se com o plano representacional realista, compondo o que Snodgrass (2005, p. 184) resumiu como “alto drama que une cenários de contos de fadas

e pavores supersticiosos com paixão e incidentes acreditáveis”. Na América Latina, sinaliza Snodgrass (2005), as obras despontam por sua remodelagem das convenções góticas e por sua densa carga de comentário social. É objetivo deste GT acolher propostas investigativas que discutam criticamente a literatura gótica produzida por autores das Américas. Embora não haja restrição quanto à abordagem crítica empregada para incursão nas obras, destacamos a promessa aproximação entre o gótico e estudos culturais, que nos convida a aprofundar a compreensão das tensões sociais vivenciadas pelo Canadá, Estados Unidos, América Latina e o Caribe.

“O senhor também o odeia”: espaços de confinamento e sadismo em *Light in August* (1932), de William Faulkner

Rogério Lobo Saber (UNIVÁS)

Resumo *Pharmakos*, *eir* e *alazon* correspondem aos principais modelos heroicos complexos que povoam o romance *Light in August*, publicado em 1932 pelo estadunidense William Faulkner. Imersos em atmosfera gótica, descrita em seus elementos macabros e de pesadelo, personagens como Joe Christmas, Lena Grove, Gail Hightower e Eupheus “Uncle Doc” Hines protagonizam eventos de violência, quer como agentes ou na qualidade de vítimas das ações de outrem. Em ensaio pioneiro a respeito das inflexões góticas na prosa de William Faulkner, Elizabeth Kerr chama-nos a atenção ao que avalia como “incongruidades grotescas” nos tableaux que compõem *Light in August*. Como lidas por Kerr, as cenas nucleares desse romance de 1932 colocam no palco faulkneriano duas formas recorrentes de violência, quais sejam: o aprisionamento autoimposto ou forçado – iniciativas aliadas ao perímetro cênico da obra, repleta de espaços de confinamento – e o sadismo – denunciado especialmente em sua conexão direta com crenças e figuras de inclinação religiosa (herdeiras das convenções góticas canônicas), e com patologias da sexualidade. A partir dessa dupla demarcação, esta investigação propõe-se a analisar a dinâmica e os desdobramentos resultantes das múltiplas formas de aprisionamento registradas na trama do romance, bem como a questão do sadismo, priorizada por Faulkner e que pode ser mais bem compreendida: (1) em seus fundamentos/motivação para

instalação; (2) em sua dinâmica (de cunho essencialmente ritualístico) e; (3) em sua sustentação executiva, amparada por discursos legitimados pela patriarcal cultura sulista (dentre os quais se destaca o framework calvinista a partir e dentro do qual operam os personagens da obra). A consecução da proposta visa a inaugurar possibilidades interpretativas a serem exploradas tanto a partir das apropriações das convenções góticas canônicas executadas pela poética faulkneriana quanto a partir das demarcações subsequentes que a criatividade e o pioneirismo de William Faulkner imprimiram ao desenvolvimento do gótico estadunidense.

A subversão no conto “O dia da caça” de Giulia Moon

Patricia Hradec (UPM)

Resumo A literatura gótica tem sido revisitada por inúmeras obras que dialogam com os medos e anseios da sociedade contemporânea e, é nesse contexto que encontramos o conto de Giulia Moon, intitulado “O dia da caça”, publicado na Coleção Sobrenatural: Vampiros (2015) com organização de Duda Falcão. A obra apresenta, dentro do universo contemporâneo e urbano, um mundo paralelo e subversivo, no qual vampiros caçam humanos para satisfazerem sua necessidade de sangue. Diego, um jovem de 23 anos, relata sua trajetória após ser sequestrado por um vampiro mercenário. De acordo com Fred Botting (*Gothic*, 1996), o gótico se apresenta, também, na fragmentação individual do ser e no limiar entre fantasia e realidade, sendo por consequência transgressora. O objetivo dessa comunicação é apontar, dentro do conto, as diversas camadas de subversão, não apenas as dos vampiros, mas também, as de Diego que não aceitará sua condição de objeto humano. Enquanto sua saga é apresentada, ele, gradativamente, vai se transformando e se fragmentando. Passa de caça à caçador e expõe a dualidade do herói-vilão, termo apresentado, como uma invenção da forma gótica, por Leslie Fiedler (*Love and Death in the American Novel*, 1960). Personagens monstruosas e loci horribilis se apresentam não apenas nos espaços urbanos, mas também, em banquetes vampíricos. O medo do sequestro é o ponto de contato com a realidade contemporânea que lida com os excessos e medos, no melhor estilo gótico.

Análise da personagem do fantasma em “A dança dos ossos”

Fernanda Braitte (PUC-SP)

Resumo A referente pesquisa pretende analisar a figuração do fantasma na literatura brasileira por meio do conto “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães (1871). O trabalho pretende verificar de que forma essa narrativa incorpora em seu enredo a figura do fantasma. Para explicar a origem da cultura do medo desenvolvido pela personagem, remontaremos aos estudos de Delumeau, que traz luz à crença histórica sobre mortos atuando no mundo dos vivos. Por fim, estudaremos o horror e o medo como efeitos do relato, uma estética presente na literatura de terror/horror, que sai da literatura fantástica. Como o personagem do fantasma em A dança dos Ossos leva o leitor a uma sensação de medo, horror, pavor ou apreensão através dessa narrativa? Como essa personagem se apresenta? Por que essa atmosfera de medo se liga à imagem de uma pessoa morta e quais informações essa literatura nos traz a respeito da relação humana com a própria morte? Essas serão questões que buscaremos responder através da nossa comunicação. Os teóricos que darão fundamentação à nossa análise serão Tzvetan Todorov (*Introdução à Literatura Fantástica*), David Roas (*A ameaça do Fantástico*), Wayne Booth (*A Retórica da Ficção*), Vladimir Propp (*Morfologia do Conto Maravilhoso*), Zygmunt Bauman (*Medo Líquido*), Sigmund Freud (*O Inquietante*), Edgar Allan Poe (*A filosofia da composição*), Howard Phillips Lovecraft (*O horror sobrenatural na literatura*) e Jean Delumeau (*História do medo no Ocidente 1300 -1800*). Apesar de ser um tema presente e recorrente na literatura brasileira, há certo silêncio na área dos estudos literários no que concerne à literatura de terror gótico e à figuração do fantasma. E, dada a popularidade do tema e capacidade de seduzir públicos diversos, é importante que se discuta em profundidade um gênero que tem raízes tão antigas na história da humanidade, e também suas semelhanças, estilos e recursos literários.

As crianças do gótico: figurações negativas da infância na literatura brasileira novecentista (1920-1970)

Daniel Augusto Pereira Silva (UERJ)

Julio Cesar França Pereira (UERJ)

Resumo O modo narrativo gótico se caracteriza por plasmar em forma de narrativa as tensões, as angústias e os medos dos períodos históricos. No século XX, uma de suas temáticas mais recorrentes foram as ansiedades em relação à família. Diversas obras retrataram lares destruídos, marcados pela violência e pelo temor de dissolução da estrutura doméstica. Nesse contexto, as crianças tornaram-se o foco das representações negativas. Não por acaso, muitos romances novecentistas, tributários da tradição gótica, abordaram figuras infantis com aspectos monstruosos ou ameaçadas por monstruosidades. É o caso, por exemplo, de *O senhor das moscas* (1954), de William Golding, *Sempre vivemos no castelo* (1962), de Shirley Jackson, e *O bebê de Rosemary* (1967), de Ira Levin. No Brasil, esse fenômeno também se manifestou na produção literária e pode ser observado em publicações como *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado, e *Boca do inferno* (1957), de Otto Lara Resende. Assim, o objetivo deste trabalho é estabelecer um panorama de como a literatura brasileira, especialmente entre as décadas de 1920 e 1970, abordou os variados temores em torno da infância. Partimos da hipótese de que a ficção nacional tematizou não apenas os abusos perpetrados contra crianças, mas também os atos cruéis cometidos por elas mesmas. Embora nem sempre tais obras possam ser qualificadas como góticas em sua integridade, elas se valem sistematicamente de poéticas negativas para produzir efeitos de recepção como o medo e a repulsa. Utilizamos como base crítico-teórica os estudos de Zofia Kolbuszewska (2007), Margarita Georgieva (2013), Kristen Gregory (2018), Alejandra Josrowick (2018) e Robin Wood (2020).

Catolicismo e pecado em *Fronteira*, de Cornélio Penna

Lais Alves de Souza da Silva (UERJ)

Resumo Nos últimos anos, inúmeros estudos acadêmicos têm identificado a presença da poética gótica na literatura nacional. Entre os

autores cujas obras têm sido reinterpretadas sob a perspectiva do Gótico literário figura o nome de Cornélio Penna. Os estudos sobre os seus dois mais conhecidos romances – a saber, *Fronteira* (1935) e *A Menina Morta* (1954) – empreendidos por Fernando Monteiro de Barros (2014) e Júlio França (2018) discutem a possibilidade da existência de uma tradição gótica brasileira em oposição a uma vertente que somente se apropriaria de elementos estético-formais e os adaptaria ao cenário do Brasil. O presente trabalho segue a linha de análise de Barros, mais recentemente desdobrada por João Pedro Bellas (2021), que defende um Gótico de características tipicamente brasileiras. Acreditamos que *Fronteira* é um exemplar de tal tradição literária não apenas em seus elementos formais – tais como enredo lacunar, narrador autodiegético, a presença de um locus horribilis, etc. –, mas também e principalmente em seus temas – como as consequências da violência cometida contra os povos originários e africanos. O Gótico na literatura brasileira amolda-se aos contextos socioculturais específicos do país, entre eles, o da religião católica: no Brasil, o catolicismo esteve presente desde os primeiros anos da colonização, passando por um processo de cruzamento com as crenças das culturas indígenas nativas e das africanas, e atuando fortemente na vida brasileira. Pretendemos explorar como Penna apresenta em *Fronteira* a influência da religião no interior do país, sobretudo a partir do tema do sexo, entendido como pecado.

Construção identitária em *Les enfants du sabbat*, romance de Anne Hébert

Maria Cristina Batalha (UERJ)

Resumo A tensão entre contemporaneidade e extra-temporalidade, protagonizada pela dicotomia entre tempo histórico e tempo mítico, é o eixo em torno do qual se estrutura o romance *Les enfants du sabbat* (Os filhos do sabá), de 1975, da autora quebequense Anne Hébert. Trata-se do relato do embate interior vivido pela monja Julie de la Trinité, filha do diabo e de uma feiticeira. O espaço do convento torna-se o local do confronto entre a memória das práticas ancestrais de seus antepassados e as normas do “universo da civilização” que ela tenta, sem sucesso, incorporar. Nas cerimônias orgiásticas

vividas na floresta, o incesto e a realização ilimitada dos desejos dão lugar a rituais que inspiram horror e prazer. Nossa proposta é a de examinar o fantástico presente na narrativa e suas configurações góticas, como uma ilustração da crise identitária que perpassa a construção da memória cultural das jovens nações americanas. No convento, espaço sagrado por excelência, lugar onde os acessos de loucura de uma imaginação sem limites precisam ser velados, irrompe o Mal com seu cortejo de diabos, feiticeiros e possuídos. Tal seria o seu papel no romance de Anne Hébert : expor as fissuras entre uma atitude racionalista, “civilizada”, e uma memória mítica, profundamente enraizada não apenas na cultura como também no mais profundo da psicologia humana – sua dupla essência, dividida entre o Bem e o Mal.

Entre dentes e túmulos: os elementos do gótico presentes em “Berenice” e “The Fall of the House of Usher”, de Edgar Allan Poe

Alanis Zambrini Gonçalves (UNICAMP)

Resumo A partir dos contos “Berenice” e “The Fall of the House of Usher”, de Edgar Allan Poe, busca-se estudar o modo como ambos vêm de uma longa tradição da literatura gótica, pensando em sua semelhança com os livros góticos que figuraram na Inglaterra durante o século XVIII e XIX e suas especificidades em meio ao ambiente americano, explorando elementos como a monstruosidade e a loucura presentes nos contos do autor, bem como a figura da casa assombrada, além do princípio estético que propunha a relação existente entre o medo e o sublime. Assim, pretende-se estudar o surgimento e os elementos presentes no gótico, explorando o modo como esses temas aparecem na literatura gótica e como podemos aplicá-los aos dois contos de Poe, de modo a encontrar possíveis semelhanças e diferenças em meio a suas abordagens, percebendo como o autor utiliza-se de elementos comuns a essa cultura gótica existente antes da escrita de sua ficção. Com isso, veremos como figurou a tradição gótica na Europa, principalmente na Inglaterra, e quais mudanças em relação a essa tradição foram propostas pelo movimento gótico nos Estados Unidos, sobretudo em relação à mudança entre a ambientação existente na ficção gótica americana frente o ambiente europeu.

Espaços assombrados nas narrativas intimistas brasileiras de Gastão Cruls, Cornélio Pena e Lúcio Cardoso

Ana Resende (UERJ)

Resumo A presente comunicação busca aprofundar alguns pontos que tematizei na comunicação apresentada na Abralic do ano passado, na qual procurei pensar a possibilidade de “Góticos nacionais” nas Américas. Agora, a partir da constatação de que não há “[n]ada mais semelhante a um edifício em ruínas do que um edifício em construção”, enunciada pelo crítico Agripino Grieco acerca do primeiro romance de Lúcio Cardoso, *Maleita* (1934), eu me proponho pensar a espacialidade assombrada e, para isso, vou me concentrar na “casa assombrada” em três narrativas “intimistas”: os contos “O noturno no. 13” (1920), de Gastão Cruls, e “Céu escuro” (1940), de Lúcio Cardoso, e o romance curto *Fronteira* (1935), de Cornélio Pena. Ao tornar a casa o foco da minha investigação, tanto na passagem do locus amoenus ao locus horribilis, tal como aparece no conto de Cruls, quanto na caracterização das “casas sencientes”, de Pena e Cardoso, eu proponho uma tentativa de interpretação do que vou chamar aqui de “modernismo assombrado”. Como fundamentação teórica da apresentação, usarei a “Introdução” de Chris Baldick à antologia *The Oxford book of Gothic tales* (2001); “Introduction: the Gothic in western culture” (2002), de Jeremy Hogle, e “O sequestro do Gótico no Brasil” (2017), de Júlio França.

Horace Walpole & Edgar Allan Poe e o estudo da espacialidade gótica: tessituras em convergência

Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM)

Resumo Em *A Description of the Villa of Mr. Horace Walpole at Strawberry-Hill, near Twickenham, Middlesex* (1774), Walpole (1717-1794) descreve inúmeras considerações sobre sua “modesta casa” (CLARKE, 2015, p.VII), bem como acerca do mobiliário, das figuras/pinturas e das curiosidades – entre outros elementos –, que faziam parte de sua coleção em Strawberry Hill. Este inventário, ao revelar o cuidado do autor tanto na pesquisa quanto no registro minucioso de cada item,

amalgamado à narrativa *The Castle of Otranto* (1764), valida o espaço literário como um dos pilares da maquinaria gótica delineada por Walpole. Já, do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos, Edgar Allan Poe (1809-1809) publica a *Philosophy of Furniture* (1840), um ensaio em que também há um estudo sobre o mobiliário, os materiais e outros ornamentos presentes em um determinado tipo de aposento. Lidas em conjunto, a *Description* e a *Philosophy* revelam-se complementares, remetendo à leitura de ambos sob a chave de um estudo topoanalítico da espacialidade gótica como já discuti em outras oportunidades. Justapostas essas observações, a proposta deste estudo visa discutir os fundamentos teóricos e críticos que embasam a convergência entre os referidos autores – da Inglaterra aos Estados Unidos –, a partir da problematização da categoria espacial na narrativa. Sob esse foco, é igualmente objetivo discutir como Walpole e Poe têm sido cada vez mais entendidos como nomes emblemáticos na construção, permanência, reelaboração da vertente gótica ao longo dos últimos séculos visto que o espaço literário tem sido intensamente valorizado a partir dos estudos culturais e do trânsito de indivíduos em mundo globalizado, definido por ansiedades, fragmentações e rupturas.

Medo é um fenômeno natural: uma análise de metáforas conceptuais em *IT*

Morgana de Abreu Leal (IFRJ)

Resumo Este estudo objetiva refletir sobre a linguagem, mais especificamente sobre as metáforas conceptuais presentes em *IT* ([1986]2014), de Stephen King, sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2020). A metáfora conceptual, diferente de uma metáfora concebida como figura de linguagem, é uma projeção entre domínios, estruturada conceptualmente em uma hierarquia esquemática de conhecimento. Essa, por sua vez, é construída pela experiência com o mundo físico e cultural que cerca o usuário da linguagem. Desse modo, analisar metáforas conceptuais do medo é buscar compreender a construção de sentidos de expressões linguísticas que retratam a emoção dos personagens em obras da literatura do medo. Para esta apresentação, foram

escolhidos quatro excertos de IT que representam a metáfora conceptual MEDO É UM FENÔMENO NATURAL. Apesar de a metáfora conceptual ter como foco de significado a passividade do sujeito ao se defrontar com o fenômeno natural, Bauman (2008) questiona o que há de “natural” entre os fenômenos naturais e as suas vítimas sociais: a condição socioeconômica, antes irrelevante, passa a ser de primordial importância para a sobrevivência aos fenômenos naturais que nos assombram há milhões de anos. Os excertos, porém, revelam ainda mais sobre a nossa construção biocultural do medo conceptualizado enquanto um fenômeno natural, ao projetar a força e a capacidade de destruição dos fenômenos na emoção do medo sentida pelos personagens da obra. Ao se concentrar em uma análise linguística, é possível mostrar como a linguagem cria, recria e provoca os nossos medos, contribuindo de maneira substancial com a produção de sentidos na obra literária.

**Memória, poder e segredos familiares:
o gótico feminista em *O assassino cego*, de Margaret Atwood**

Ayda Elizabeth Blanco Estupiñan (UPTC)

Resumo O gótico feminista tem se caracterizado pela discussão acerca da procura das mulheres pelo exercício do poder, da autonomia e da liberdade negadas pela cultura e pela sociedade patriarcal. Os temas sobre os quais reflete o gótico feminista estão enquadrados num cenário doméstico onde a violência, o casamento obrigado, a mentira, os segredos familiares e, inclusive, a maternidade fracassada fazem parte da cotidianidade. De acordo com Mary Ellen Snodgrass (2005), na narrativa de Margaret Atwood é evidente uma releitura de diversos elementos góticos que possibilitam reexaminar as relações de gênero condicionadas pelo patriarcado e identificar as possibilidades de autonomia e liberdade construídas pelas personagens femininas por meio da palavra, da memória e da confissão de segredos, embora o medo e a solidão sejam uma constante. Esta comunicação tem como objetivo principal analisar os elementos do gótico feminista relidos no romance *O assassino cego* (2000), da escritora canadense Margaret Atwood, para identificar como a memória, o poder e os segredos familiares são elementos tanto opressores

quanto libertadores, que permitem à protagonista do relato elaborar sua própria história e identidade como mulher. Um dos fatos narrativos mais relevantes a estudar é que a personagem de Iris Chase pode ser entendida como uma heroína que rejeita as convenções sociais e se nega a ser a vítima de algozes masculinos, mas que não pode apagar totalmente a ideia do amor romântico e da mulher como agente silenciado e objetivado.

O último gozo do mundo, de Bernardo Carvalho, manifestação do gótico brasileiro atualizado

Dione Mara Souto da Rosa (UNIANDRADE)

Mail Marques de Azevedo (UNIANDRADE)

Resumo Eric Rabkin (1976) define o fantástico como o efeito causado no leitor pela inversão diametral das regras básicas da realidade externa ou interna da narrativa. Considerações do fantástico complementam, portanto, métodos convencionais de investigação na crítica genérica e na história literária, porque tais considerações se baseiam na perspectiva do leitor no processo de recepção do texto. Para evitar a fadiga estética e continuar a produzir tais efeitos, um gênero narrativo já conhecido do leitor deve tornar-se cada vez mais fantástico, o que o teórico demonstra nas transformações do goticismo na literatura inglesa: o gótico dominante gerou o gótico naturalizado; os dois geraram o gótico satirizado; os três em conjunto, o gótico romanceado. Valendo-se de fantástico como reversão das perspectivas do leitor, este trabalho propõe-se a apontar as características de goticismo no romance *O último gozo do mundo*, de Bernardo Carvalho (2020), que retrata o Brasil da pandemia como uma “quase representação do horror” (sic). Como passo inicial, rememoram-se as características do gótico no conto “Solfieri” de Álvares de Azevedo, seguido de referências a outros escritores e poetas que praticaram o gênero, a fim de traçar breve panorama do gótico brasileiro. A análise comparativa permitirá reconhecer em *O último gozo do mundo* correspondências diretas com os traços da literatura gótica, ou a inversão fantástica de suas regras básicas. Trata-se de uma situação inusitada na qual não é o avanço tecnológico que gera medo, mas sim, paradoxalmente, a verificação do fato de que a tecnologia avançada do

mundo atual não está ao alcance dos brasileiros para o enfrentamento de um futuro aterrorizador. Para a teorização específica do gótico, utilizam-se basicamente a Filosofia do horror ou paradoxos do coração de Noël Carroll e Poéticas do mal, de Júlio França.

**O Gótico Afroamericano e o Trauma
em *Voltar Para Casa* e *Lovecraft Country*:
as jornadas paralelas de Frank Money e Atticus Black**

Rosana Ruas Machado Gomes (UFRGS)

Gabriela Pirotti Pereira (UFRGS)

Resumo *Voltar Para Casa* é um romance escrito por Toni Morrison e publicado em 2012. *Lovecraft Country* é uma série televisiva da HBO que estreou em 2020. As duas obras possuem muitos pontos em comum, iniciando pelos seus protagonistas. Frank Money e Atticus Black são dois soldados negros que lutaram pelo exército americano na guerra da Coréia na década de 1950. Durante o alistamento, os jovens são expostos a situações muito violentas e traumáticas. De volta aos Estados Unidos da América, tanto Frank quanto Atticus precisam embarcar em jornadas de deslocamento geográfico para encarar e derrotar fantasmas de seu passado – literais ou metafóricos. Tanto *Voltar Para Casa* quanto *Lovecraft Country* apresentam em seu cerne características e temáticas relacionadas ao que Maisha Wester chama de Gótico Afroamericano; uma linha do gênero que apresenta subversões de tropos góticos, oferecendo assim complicações e revisões de noções e de identidades tipicamente impostas a sujeitos afro-americanos por escritores e criadores brancos. As duas obras também podem se beneficiar de análises ligadas às teorias pós-coloniais do trauma, como as apresentadas por Stef Craps e Irene Visser, uma vez que as experiências traumáticas vividas pelos personagens estão conectadas também ao racismo. Portanto, o objetivo desse trabalho é identificar e analisar os elementos do Gótico Afroamericano presentes em *Voltar Para Casa* e *Lovecraft Country*, realizando uma aproximação das obras quanto a seus temas e possibilidades de questionar discursos dominantes. A metodologia inclui dois estágios: a apresentação das teorias do Gótico Afroamericano e do trauma pós-colonial e a análise e discussão de *Voltar Para Casa* e *Lovecraft Country*.

O medo e a monstruosidade em *It, a coisa*

Ana Clara Albuquerque Bertucci (UFU)

Resumo As poéticas negativas – o horror, o terror, e afins – vão sendo construídas através dos elementos formais. As histórias relacionadas a essas poéticas são capazes de assombrar de crianças a idosos, por meio de monstruosidades, de espacialidades e de ações aptas a disseminar o mal. O gótico, por exemplo, é constituído por meio de uma tríade definida por Julio França (2016, n.p.): “o locus horribilis, a personagem monstruosa e a presença fantasmagórica do passado”. Tais elementos são aspectos fundamentais para que o gótico se construa e desencadeie os efeitos estéticos referentes ao medo. O presente trabalho discutirá a produção do medo na obra *It: a coisa*, romance ganhador do prêmio British Fantasy Award em 1987. Ao longo da narrativa é visível que o monstro seja figurado através de uma ambientação diferenciada capaz de assustar e incitar o medo nos personagens. A narrativa de King inova ao explorar o noturno por outra perspectiva: o espaço narrativo; através dele, o autor alcança seu intento à medida que também suscita em nós, leitores, o medo. Diante dessa perspectiva intentamos trazer também ao diálogo a noção de fantástico defendida por David Roas (2014, p. 135): “o fantástico gera sempre uma impressão ameaçadora no leitor, impressão que, por comodidade, chamarei de ‘medo’”. Entendemos que esse medo pode ser postulado pelas inúmeras significações descritas por Bauman: “difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros” (BAUMAN, 2008, p.8) e é justamente sobre essa compreensão de medo que se faz necessária a discussão, na medida em que o medo em *It* é flutuante, porque o monstro assume diferentes formas, imagens e figurações para provocar o horror e o medo em suas vítimas.

Representações de corpos abjetos e desejos dissidentes em *Wormwood*, de Poppy Z. Brite

Andrio J. R. dos Santos (UFSM)

Resumo Poppy Z. Brite é um autor transgênero de ficção gótica. Seus textos frequentemente exploram questões relativas a identidades de gênero e sexualidades divergentes, característica que permite que sua obra seja lida como gótico queer. Em particular, os textos de Brite estão permeados por ansiedades sociais relativas a corpo, abjeção e desejo, algo refletido nos seus personagens queer: gays ou bissexuais, párias integrantes de subculturas à margem. Este é o caso da coletânea *Wormwood* (1994), que apresenta uma panóplia de criaturas tornadas abjetas, fantasmagorias e complicações do desejo. Nessas e em outras histórias, Brite realiza uma brutal anatomia do processo de abjeção imposto a corpos e desejos dissidentes, e a materialidade dos corpos tem papel central nesses retratos. Em “Angels”, gêmeos siameses encontram a morte depois de uma tentativa desesperada de retornar a unidade inicial dos corpos. Em “Optional Music for Voice and Piano”, um cantor cuja voz desperta uma espécie de colapso empático na audiência mutila as próprias cordas vocais para se livrar de tal fardo. Tendo isso em vista, pretendo analisar as representações das personagens de *Wormwood* no intuito de discutir suas potencialidades subversivas e o estado de abjeção imposto a elas. Como fundamentação teórica e crítica, trabalho a partir da teoria do abjeto cunhada por Julia Kristeva (1985) e também das concepções teóricas que norteiam os estudos queer e os estudos do gótico.

Rio acima, rumo à escuridão: elementos góticos da paisagem em *A morte e o meteoro*, de Joca Reiners Terron

André Cabral de Almeida Cardoso (UFF)

Resumo O objetivo desta comunicação é discutir a articulação de elementos formais e temáticos do gótico no romance *A morte e o meteoro*, de Joca Reiners Terron, levando em consideração principalmente a representação da mata amazônica na narrativa. Apresentada sob um aspecto sombrio, a representação da paisagem no romance de

Terron faz alusões a “Coração das trevas”, de Joseph Conrad, e a obras centrais da prosa romântica brasileira, como “O Guarani” e “Iracema”, de José de Alencar, efetuando uma releitura da tradição literária como uma simbolização do contato com o Outro e da própria formação do Brasil enquanto nação. O retorno fantasmagórico do passado, visto aqui como um dos elementos centrais do gótico, ressurgue, portanto, não só como manifestação da memória dolorida dos personagens principais, mas sobretudo como uma espécie de assombração ligada às tradições culturais e históricas do passado colonial, efetuando diversas inversões de mitos fundadores da identidade nacional, ligados à imagem dos índios, da natureza e dos próprios romances a que a obra faz referência. Dado o caráter apocalíptico da narrativa, esses mitos de origem são convertidos em imagens do fim, sob o signo da catástrofe e do esgotamento. Pretende-se, então, examinar a maneira como a apropriação de elementos da tradição gótica ajuda a estruturar a complexa temporalidade do romance de Terron, estabelecendo uma relação entre memória pessoal e memória nacional, além de apontar para uma visão pessimista tanto do presente quanto do futuro. Espera-se ainda salientar a importância do gótico para a estruturação de uma ficção apocalíptica.

Simpósio 6**A literatura, o pensamento e a filosofia**

Josué Borges de Araújo Godinho (UEMG)

Alexssandro Ribeiro Moura (IFG)

Resumo Este Simpósio tem por objetivo principal o estudo das relações entre a literatura, o pensamento e a filosofia, ponto em que a língua literária se dá a ler como as “Ideias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, nos desvios da linguagem” (DELEUZE, 1997, p. 16). No prólogo de *Crítica e Clínica*, Deleuze, com Proust, diz que “o escritor inventa na língua uma nova língua de algum modo estrangeira” (PROUST *apud* DELEUZE, 1997, p. 9). Afirma, portanto, que a literatura inventa “novas potências gramaticais ou sintáticas”, o escritor desorganiza o status quo da gramática e da sintaxe e as faz delirarem. Há uma potência fora dos caminhos da língua comum que, tensionada e extraída de seu lugar ordinário, mas devolvida a seu interior, apresenta, no ato da escrita literária, o “limite ‘as-sintático’, ‘agramatical’, ou que se comunica com seu próprio fora”. (DELEUZE, 1997, p. 9). Nesses termos, é importante apontar para a leitura que Rancière faz das relações entre o pensamento de Deleuze e a literatura. A literatura enquanto fórmula, pontua Rancière, é o processo “que desorganiza a vida, uma certa forma de vida. A fórmula corrói a organização racional do estudo e da vida [...], estiliza as hierarquias de um mundo mas também aquilo que as sustenta” (RANCIÈRE, 1999, p. 2). Lê-se, portanto, a literatura no processo, no movimento de deslizamento da sintaxe e da gramática, “passagem da vida na linguagem” (DELEUZE, 1997, p. 16), que é também o processo de minoração e decomposição da língua maior, oficial, que, levada ao seu limite, a um avesso de si, não pertence a si mesma, mas se dá internamente ao seu próprio sistema. Tais posicionamentos levam-nos a pensar a literatura além do atavismo às teorias miméticas aristotélicas, isto é, além dos postulados aristotélicos e, pensando com Sontag, uma alternativa à interpretação centralizadora dos sentidos e da representação. Em *Contra a interpretação*, Sontag afirma que a teoria da arte no Ocidente se consagrou na teoria grega “da arte como mimese ou representação” (SONTAG, 1998, p. 12), e que tal teoria é um problema, pois, prossegue a autora, trata-se de um pensamento que antepõe forma e conteúdo e sobrepõe este àquela, tornando-o, o

conteúdo, essencial, e ela, a forma, acessória. (SONTAG, 1998, p. 12). Não parecem ser outros os procedimentos que se encontram em textos os mais diversos da literatura brasileira. Nesse sentido uma gama de escritores cujas obras retomam e reelaboram tal herança literária. Nessas, ocorre a problematização da tradição e da fundamentação aristotélica ancorada nas três unidades (sujeito, espaço e tempo), reviradas ao avesso através da experimentação da linguagem ficcional e poética. Essa linhagem experimental, a nosso ver, tem seu ponto de partida em Machado de Assis, passando por Oswald e Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Murilo Rubião, os concretos, Manoel de Barros, Carolina Maria de Jesus, Sérgio Sant'Anna, Ana Cristina César, Wilson Bueno, Luiz Ruffato, Maria Esther Maciel, os marginais (tanto os da década de 1970 como os periféricos pós 1990), entre outros. Assim, esses autores seriam agenciadores de uma língua para a qual não só a experimentação é uma tônica, como a familiarização e a contaminação com outros sistemas de linguagens se faz de forma intensa. Exemplos desses procedimentos escriturais são os devires-outros que se leem em *Vidas secas*, em que o escritor, desorganizando as hierarquias que separam homem e cão, dá a visão, em um devir-intenso, da cachorra Baleia, e o narrador, ao rés do chão, narra como um cão. Também se lê no devir-mulher de “Desenredo”, de Guimarães Rosa, em que narrador e protagonista veem-se desorganizados da hierarquia narrativa estruturada numa história com começo meio e fim e, em um exercício intenso de sintaxe e de pensamento, “amatemático”, o barquinho de papel navega o abismo. São potências de “ruptura da literatura como tal com o sistema representativo, de origem aristotélica, que sustentava o edifício das belas letras” (RANCIÈRE, 1999, p. 2). Assim, interessa-nos, neste simpósio, a literatura em ponto de intensidade, de invenção intensa e torção da sintaxe, processo de produção de uma sintaxe nova, ao ponto de o escritor escrever como um animal, como um outro absoluto, como um burro, um rato, um cão “(Mas um cão não escreve. – Justamente, justamente).” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 52).

A abertura diabólica da linguagem em *Grande sertão: veredas*

Marcos Roberto Pinho Palheta (UFPA)

Resumo Tendo como ponto de partida a asserção consagrada pela crítica rosiana de que sua narrativa é inaugural, porque ele é um inventor de uma língua, de uma terceira língua que somente se mostra pela abertura da linguagem cotidiana quando esta é atingida pela quebra analítica do código linguístico. Deste modo, visto como um artesão da linguagem, mas um artesão que promove a transverberação do dizer em suas regras e caminhos seguros, Guimarães Rosa apresenta *Grande sertão: veredas* como um marco revolucionário da literatura brasileira. Esta transverberação será o resultado de uma ação de esgarçamento do dizer, que não nega a força instrumental do dizer cotidiano, mas ao contrário, consagrando-o em profunda escuta expectante, procura fundir os modos da língua numa unidade dialética tensionante, em cuja finitude une e reúne todo o dizer, trazendo a linguagem para seu estado larvar num eloquente silêncio gerador de mundos. A isto chamamos, acompanhando de perto a crítica da obra de Guimaraes Rosa, abertura dia-bólica da linguagem que consiste no trabalho de refundição da palavra na forja da memória, onde escritor e personagem se misturam em transfiguração da palavra poética para revelar as nascentes de mundos no meio do sertão. Tomaremos como fio condutor a narrativa memorial de Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, procurando mostrar o caminho meândrico do dizer na voz dominante do solerte protagonista. Como resultado da fusão entre o douto e o tabaréu expressa-se a terceira margem da palavra, na qual o alcance prospectivo da dimensão da linguagem em *Grande sertão: veredas* aproxima o trabalho de Guimarães Rosa de uma hermenêutica ontológica da linguagem, reivindicando o caráter metafísico da língua.

A circularidade de Hegel em *Conjunciones y Disyunciones*, de Octavio Paz

Adriana Carolina Hipolito de Assis (UFSC)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo compreender a presença da filosofia hegeliana e suas imbricações com o tempo histórico,

a fantasia e a concepção da falta, enquanto negatividade positiva no ensaio *Conjunciones y Disyunciones*, de Octavio Paz. É conhecida a intenção, neste ensaio, do poeta mexicano de libertar a expressividade do pícaro incluindo a Picardia Mexicana em variadas discussões sobre a modernidade, o corpo erótico, a psicanálise e a filosofia. A libertação da expressividade de Octavio Paz apresenta dois planos: a oriental e a ocidental. Embora o oriente hindu seja homenageado como possibilitador da liberação – via gozo sexual – da expressividade do pícaro, a atitude de Octavio Paz diante da picaresca é ocidental. Octavio Paz dá reconhecimento e reinsere o diário de Armando Jimenez à circularidade de Hegel ao tempo histórico. Para Hegel a inclusão do sujeito à sociedade se dá no tempo histórico. Sair da circularidade temporal em Hegel é estar fora do sentido lógico-racional e, portanto, fora da lei. O tempo, para Octavio Paz, vem marcado – além da morte – pelo barroco retilíneo, pela junção do tempo cosmogônico e do tempo histórico. Na obra *El labirinto de la soledad*, o dia dos mortos, mais do que uma metáfora de interação social com o povo mexicano é uma forma de situar o sujeito no tempo histórico pela finitude do ser. Para Hegel, a consciência da morte ou da finitude é o que possibilita ao homem, com os ritos mortuários, fazer cultura. A morte mexicana coincide com a morte da negatividade positiva de Hegel, morte que alavanca a produtividade do desejo na psique e na sociedade. A morte em Hegel associa-se as faltas nos estudos psicanalíticos de Jacques Lacan sob dois aspectos: como traço único do sujeito derivado da negatividade positiva e do real em Jacques Lacan.

A desconstrução e reconstrução da narrativa oral tradicional sob a perspectiva das personagens femininas, no conto “Nau Catrineta”, de Rubem Fonseca

Nelma Aronia Santos (UNEB)

Resumo Ao iniciar o conto “Nau Catrineta”, (1975), José, personagem narrador, diz ter acordado com sua tia Olimpia a declamar a “Nau Catrineta”, narrativa oral tradicional que dá título ao conto e cita um trecho do poema. A sua tia Helena intervém: “É tudo mentira; nem o demônio estourou, nem anjo algum salvou o capitão”. Assim, as tias começam a contar o que elas dizem ter sido “a verdadeira história”

da Nau Catrineta. Partindo dessa afirmação de que “é tudo mentira e da negação de que o anjo salvou o capitão da morte”, empreenderemos uma análise do conto embasadas no pensamento do filósofo alemão, Walter Benjamin, uma vez que o autor irá nos apresentar o modo como as técnicas de reprodução irão destruir a aura que envolve as obras de arte bem como extinguir a narrativa da tradição oral. Para que possamos entender essa emancipação do conto contemporâneo e a consequente desconstrução da Narrativa Oral Tradicional, recorreremos ao conceito de Déconstruction, cunhado por Jacques Derrida, sem perdermos de vista seu diálogo com outros autores a exemplo de Martin Heidegger que afirma ser ‘necessário que se abale a rigidez e o endurecimento de uma tradição petrificada e se removam os entulhos acumulados’. Heidegger (Apud Nascimento, 2015, p. 225), e Frederic Nietzsche, haja vista que segundo Derrida, “Nietzsche escreveu que a escritura – e em primeiro lugar a sua – não está sujeita ao logos e à verdade. E que esta sujeição veio a ser no decorrer de uma época cujo sentido nos será necessário desconstruir” (DERRIDA, 2017, p. 23).

A escrita do inexprimível: o desafio da linguagem em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

Joanne Silva Nascimento (UFBA)

Resumo Instrumento de quem escreve, a palavra oferece um caminho de apreensão e representação do mundo. O processo da escrita, no entanto, não se dá de maneira unívoca e pode não vir a realizar completamente o seu propósito, considerando que, por vezes, as palavras revelam-se impotentes para dizer o que é vivido e observado. É o que acontece em *A hora da estrela*, romance de Clarice Lispector, publicado em 1977. Rodrigo S.M – um narrador-personagem que é também, no plano da ficção, autor da trama- confronta-se com o desafio de retratar a vida de Macabéa, personagem sediada num lugar de quase invisibilidade; de modo que, quanto mais o autor dela se aproxima, mais a personagem escapa à sua apreensão. Descrita como manifestação de vida “buliçosa”, Macabéa parece existir num campo resistente à palavra, embora ela tenha a datilografia como profissão. Detendo, como escritor, o poder da palavra, Rodrigo S.M é

lançado ao desafio de falar sobre essa existência que, aos seus olhos, se mostra “parca”. Centrado na relação entre Rodrigo S. M e Macabéa, o trabalho reflete sobre os desafios da linguagem enquanto espaço de representação. Da fortuna crítica de Clarice Lispector, são retiradas algumas considerações de Benedito Nunes (1973; 1969) acerca da linguagem da autora, processada como drama e como jogo. No plano da teoria, a reflexão encontra lastro nos conceitos de “desterritorialização” e “minoridade” propostos por Deleuze e Guatarri (2017). Além disso, a hipótese de que, ao desestabilizar a linguagem, Lispector também desestabiliza o processo narrativo e a construção do sentido faz com que sejam levadas em conta as contribuições de Susan Sontag (2020), quando propôs um contato com o texto não centralizador e aberto à pluralidade de leituras e de sentidos.

A poética da névoa: os princípios estéticos e metafísicos da Nivola unamuniana

Walter Pinto de Oliveira Neto (UFMA)

Resumo No presente trabalho analisamos a proposta estética de Miguel de Unamuno (1864-1936) por meio de dois romances: *Amor y pedagogía* (1902) e *Niebla* (1914). Ambas as obras se alinham à epistemologia literária modernista espanhola, baseada na subjetividade narrativa, filosófica e estética, rompendo assim com os padrões estruturais do realismo. Decidido a se alinhar com os novos moldes do romance finissecular, Unamuno publica em 1902 *Amor y pedagogía*, em que narra o projeto pedagógico positivista que um pai impõe ao filho, levando-o à insatisfação existencial. A fim de expor sua ideologia antirracionalista e, portanto, antipositivista, o escritor se vale de uma diegese e estilística inovadora para a prosa contemporânea a ele. Doze (12) anos depois, Unamuno seguiria seu projeto romanesco com *Niebla*, cuja composição formal é ainda mais experimental que seus textos prévios. Disposto a criar senão um novo gênero, ao menos uma escrita romanesca livre, Unamuno decide intitular sua ficção de nivola – lugar poético onde o plano estético remete ao plano metafísico e vice-versa. Partindo dessas premissas, objetivamos apresentar as manobras metaficcionais, paratextuais e filosóficas que Don Miguel utiliza para defender sua proposta de nivola. Para

a execução da nossa proposta, valemo-nos dos estudos de Campos (2012) e García (2014) sobre o romance unamuniano; assim como o próprio Unamuno em suas faces filosófica (2005) e teórico-literária (2009). Resultados da pesquisa apontam para a constatação de que a Nivola, além de ser um experimento estético, abre-se à reflexão da condição humana, encontrando na literatura uma aliada de potentes e variadas possibilidades.

A poesia de Affonso Ávila: um olhar deleuziano sobre a repetição

Carolina Araujo Aguiar Franco (UFU)

Resumo A poesia brasileira sempre foi solo fértil para a manifestação de grandes escritores, porém muitos deles carecem de uma revista às suas obras para uma revalorização de sua produção. É o caso de Affonso Ávila (1928-2012), poeta mineiro que teve seu nome reconhecido por seus estudos sobre o Barroco no Brasil, em especial sobre o Barroco Mineiro. Especialista no assunto e em contato direto com a vanguarda nas décadas de 50/60, Ávila traz em sua produção poética uma junção do antigo com o contemporâneo somado a um domínio da escrita literária. Valendo-se de sua destreza com o léxico e conhecimento aprofundado das vertentes literárias, em especial as de manifestação brasileiras, o poeta possui uma coleção diversificada de obras literárias que se transmutam a cada nova escrita, absorvendo e utilizando dos inúmeros recursos linguísticos e estruturais aos quais tivera contato. Apesar dessa variedade em sua escrita, ao analisarmos a escrita de Ávila, em especial as poesias “Heurística” (2008), “Apostasia” (2008) e “Parnaso Obsequioso” (2008) e, percebeu-se o recurso da “repetição” recorrente durante todo o seu percurso como poeta, recurso ao qual detivemos nosso estudo. Não a repetição como vazio de informações novas e sim como reescrita, ressignificação do termo, conceito esse amplamente discutido pelo filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em sua obra “Diferença e Repetição” (1968), explorando tal conceito a que damos destaque, em especial na escrita, como essa ressignificação de conceitos, um reconstruir daquilo que já foi dito, não considerando assim como repetição vazia. É exatamente essa função que observamos no uso da repetição nas obras de Ávila.

De “orelhas pensas”, eis o devir-outro drummondiano: uma leitura do poema “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade

Ana Carolina Botelho dos Santos (UFF)

Resumo “Escrever é um caso de devir”, informa Gilles Deleuze ao leitor no primeiro capítulo de seu livro *Crítica e clínica* (2011). Ao direcionar a discussão à relação intempestiva entre literatura-linguagem-vida, Deleuze ratifica a importância de se entender o devir na escrita como um processo de inacabamento ou indiferenciação que “extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11), de tal modo que escrever, enquanto devir, torna-se trabalho com a linguagem num “devir-outro da língua” (DELEUZE, 2011, p. 16). Pensando na discussão a respeito da literatura como deslizamento do olhar, linguagem tensionada de maneira a causar estranhamento ao nos conceder novas imagens e sentidos a partir de possibilidades várias de interpretação, a comunicação visa apresentar uma leitura do poema “O elefante”, de Carlos Drummond de Andrade, em que se percebe a construção lírica tomada num devir-outro; neste caso, num devir-animal. Ao formular a imagem do elefante como uma metáfora que simboliza o poeta e sua criação literária na difícil conexão com o outro na sociedade reificada pelo modelo capitalista, cria-se no poema que compõe a obra *A rosa do povo*, de 1945, um deslocamento de sentido, ao mesmo tempo em que também se cria um campo de indiscernibilidade. Fundidos, poeta e poesia se misturam à “coisa” criada, num processo de transfiguração que tende a desorganizar os limites comuns entre homem-animal-espaco pelo trabalho com a linguagem poética. O diálogo parte da ideia de “devir” intentada por Deleuze (2011), mas abre a discussão para outros suportes teóricos que auxiliem a análise desse “devir-outro” drummondiano, como a teoria da percepção imagética elaborada por Georges Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha*.

Dizer o indizível ou multiplicidade de tempos em “Aurélia Steiner” de Marguerite Duras

Isabela Magalhães Bosi (PUCSP)

Resumo Neste trabalho, partindo de três textos homônimos de Marguerite Duras, intitulados “Aurélia Steiner”, de 1979, refletimos sobre a construção de múltiplas temporalidades nessa escrita, atravessada por silêncios, pausas, abismos. Em primeira pessoa, as três narrativas dão voz a Aurélia, personagem cujo nome representa, ao mesmo tempo, uma mulher morta em uma câmara de gás nazista e sua filha, nascida no campo de concentração. Cada texto é assinado por uma mesma Aurélia, que é também muitas, habitando diferentes países. Para Duras, essa personagem é como todos os judeus de todos os tempos, sobreviventes dos campos. Aurélia Steiner expõe a fragilidade de um *chronos* diante dessa experiência genocida, provocando, assim, uma ruptura com a ideia de tempo linear, mensurável, sucessivo, e uma abertura à multiplicidade de tempos heterogêneos, intensivos, em que passado, presente e futuro se interconectam, formando uma espécie de rizoma (DELEUZE). A linearidade temporal já não sustenta as memórias e narrativas fragmentadas do pós-guerra. Duras sabe disso e, portanto, não busca preservar uma escrita cronológica, mas assumir outros tempos, que não só permitam, em si, impossíveis, mas também, por si, movimentos aberrantes (PELBART). Assim, Aurélia Steiner anuncia outro regime de imagens na literatura, escapando da representação e permitindo o desastre da linguagem na linguagem – dizer o indizível. Além de Gilles Deleuze e Peter Pál Pelbart, dialogamos com outros filósofos, como Henri Bergson, Maurice Blanchot e David Lapoujade, cujas teorias coadunam com nossa análise acerca das temporalidades na e da literatura durasiana.

Dos Usos Intensivos do Nome: tensões narrativas e performáticas em Ricardo Lísias

Felipe Garzon Sut (UERJ)

Resumo Proponho um percurso pela obra do escritor Ricardo Lísias acompanhado sobretudo por alguns conceitos de Deleuze, Guattari e

Blanchot. Debruço-me sobre três trabalhos de Lísias: o conto “Concentração”, de 2008; os romances “O céu dos Suicidas”, de 2012 e “Diário da Cadeia – com trechos da obra inédita Impeachment”, de 2017 (escrito por Eduardo Cunha (pseudônimo), idealizado por Lísias). Um fio que liga as partes é o nome enquanto elemento de tensão narrativa e/ou performática. Em “Concentração”, o nome do protagonista prolifera história afora, tornando incerta a percepção de quem lê. Incerteza que também se abate sobre corpo e percepção do personagem, já que, ao longo da ação, ele se automutila para deter suas chamadas crises de solidão, e suas lacerações seguem por ele despercebidas. Aqui uso três conceitos: imperceptível e rostidade, segundo Deleuze e Guattari; desastre, segundo Blanchot. “O Céu dos Suicidas” é um romance autoficcional, ou seja, em que o autor usa seu próprio nome para nomear um personagem, atuando como tensor do estatuto ficcional da obra, duplicando Lísias. Merecerá atenção o impulso limítrofe do romance: o suicídio de um amigo do autor, que torna a obra próxima da perda e da morte. Aqui tratarei do conceito de hecceidade, segundo Deleuze e Guattari; e as considerações blanchotianas sobre a relação entre morte e escrita. Em “Diário da Cadeia”, momento ainda mais explicitamente performático e político, o nome enquanto tensor envolve a apropriação afrontosa do nome de outrem. O nome não segue mais uma proliferação interna, nem uma duplicação que performatiza o estatuto de realidade da obra, mas se trata de uma duplicação paródica e agressiva. Trato aqui, e por fim, das potencialidades políticas da literatura no cenário contemporâneo e como se pode discutir a maneira com que Lísias se inclui e adensa esse panorama.

Força e autobiografia do texto: é possível uma fronteira entre filosofia e literatura?

Gabriel Bittar Domingues (UnB)

Resumo Escrever implica de imediato habitar o texto? Se sim, quem habita? – Essas questões-problema parecem fazer soar uma nota tônica na reflexão sobre a possibilidade de uma fronteira entre filosofia e literatura. Derrida discutiu a assinatura em *Otobiographies* (1984), propondo uma leitura em que Nietzsche prefacia *Ecce Homo*

(1908), que prefacia o prefácio, em um movimento de retorno, circular, como um anel. Poderíamos pensar: como o *Anel do Nibelungo* (1869) de Wagner? Para além disso, Nietzsche se insere também nos poemas, aforismos, partituras e textos acadêmicos que escreve, de tal maneira que a auto-bio-grafia que realiza em seus textos torna explícita—sendo por isso um bom exemplo—a con-fusão entre literatura e poesia, literatura e filosofia, literatura e vida. É a grafia de si a responsável pela confusão generalizada. E assim como Dante coloca a si mesmo no Inferno na *Divina Comédia* (1472), e refaz esse ato de colocar-se a cada vez que traz um novo personagem que lhe é de alguma forma querido ou odiado: Virgílio, Aristóteles, Platão, também outros teóricos e literários nos mostram que a dinâmica da força do texto, da força mesma de *Force et Signification* (1967) de Derrida, não nega a autobiografia. Com o texto que escrevo, cuja metodologia se apoia em revisão bibliográfica e análise de teóricos e literatos, sobretudo com enfoque em Nietzsche, pretendo propor a discussão das temáticas acima apresentadas e levar a pensar que a noção “autobiografia”, atuante tanto na filosofia quanto na literatura, parece apontar para a inconsistência da pretensão de fechamento dessas áreas. Dessa forma as fronteiras entre “filosofia” e “literatura” se apagam a cada leitura-força que fazemos. São espaços já con-fusos desde qualquer ponto que se lhes queira dar por “origem”. Respiram a escrita nos dando a entrever sempre seu constante desapropriar.

Manoel de Barros e os deslimites do poema

Alexssandro Ribeiro Moura (IFG)

Resumo Este estudo busca apresentar uma leitura da obra poética de Manoel de Barros relacionando literatura, pensamento e filosofia. O processo de construção de Barros está pautado em “experiências linguísticas” que trazem à tona várias ações que problematizam a concepção tradicional de representação da realidade. Busca-se observar os devires que surgem na (a) gramática proposta pelo autor, na qual a presença do corpo sem órgãos, do rizoma e da desterritorialização do eu poético (DELEUZE, GUATTARI, 2010) reorganizam as relações entre o homem e a natureza. A desconstrução do modelo romântico sobre leitura e escrita de poema (poesia) amplia as

potencialidades para a criatividade manoelina redimensionar as relações pré-determinadas entre os elementos da vida cotidiana, algo que somente poderia ocorrer com mais vigor através dos olhos de uma criança, ser classificado pelas instituições formais da sociedade como incapaz, frágil e improdutivo. Até mesmo as classificações de fundações mais sólidas são balançadas na poética manoelina, fazendo com que surjam paradoxos em definições clássicas sobre características de gêneros literários e indicações paratextuais para o público leitor. Alguns estudiosos chamam a escrita de Manoel de Barros de “poética do deslimite” (SOUZA, 2010), denominação que sintetiza a negação do autor em relação a determinadas dicções poéticas do passado e abre caminho para uma produção que coloca o sujeito lírico fora de si, isso quando há a presença desse sujeito.

Narrador ontopoético em Inglês de Sousa

Messias Lisboa Gonçalves (UFPA)

Resumo A série *Cenas da vida do Amazonas*, de Inglês de Sousa (1853-1918), que é composta por seus três primeiros romances – *História de um Pescador* (1876), *O Cacauleta* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877), publicado de forma integral somente em 1882 (FERREIRA, 2017) – é costurada por um narrador disposto à escuta, que desvela os personagens dessa coleção. É importante mencionar que o horizonte de todo narrar nunca se esgota, porque se vela e desvela em um processo ininterrupto; nele, sempre existe algo além do visto. Sendo assim, focalizamos o protagonista Miguel Faria, que migra de *O Cacauleta* para *O Coronel Sangrado* e, semelhantemente a outros personagens da trilogia, encontra-se à deriva e se vê diante do tempo enquanto questão e da necessidade de dialogar com ele. Nesse sentido, objetivamos pensar o narrador inglesiano que nos descortina os personagens. Para tanto, centralizamos o pensamento em torno do narrador, mas não daquele enquadrado em conceitos encerrados pela crítica convencional, e sim de um narrador sensível e disposto à escuta e, por isso, um narrador ontopoético. Além disso, o narrar não é um conjunto linguístico formal que constitui a obra, mas a condição por excelência que a forma como significado e verdade. Isto posto, a tese de doutorado em andamento reconduz o narrador inglesiano ao pensamento poético.

O bricoleur, a gambiarra, a necessidade e a cartografia do desejo (uma leitura de “Traços biográficos de Lalino Salâthiel ou A volta do marido pródigo”)

Josué Borges de Araújo Godinho (UEMG)

Resumo Este texto é um experimento, nele nos aventuramos como um cartógrafo pelos espaços de (ab)errância e de nomadismo da escritura do conto “Traços biográficos de Lalino Salâthiel ou A volta do marido pródigo”, o segundo de Sagarana. Desse modo, busca-se uma leitura que se atente ao percurso elaborado nas expedições geográficas e imaginárias de Lalino Salâthiel, de modo a elucidar os problemas nos socius em que transita e inventa misturadamente. Assim sendo, o texto busca um entendimento das regulações e dos agenciamentos dos fluxos do desejo. O conto é regulado por tais fluxos, de forma que a personagem, Lalino Salâthiel, transita de forma singular, compondo-se através de problemáticas sensações e “movimentos aberrantes” que se desenrolam na inconstância itinerante com que personagem e geografia se interpõem em planos de subjetivação que se dão no fluxo de narrativas encetadas pelo desejo e a necessidade. Então, encara-se o movimento da personagem como uma espécie de bricoleur-antropófago que, movido pela necessidade e o desejo, cartografa o seu movimento inconstante. Para a escritura deste experimento, utilizamos, nos dizeres de Santiago-Sobrinho (2021) “a geofilosofia imanente deleuzeguatarriana”, em diálogo a cartografia sentimental de Ronik e Guatarri, o pensamento antropológico de Viveiros de Castro e os fundamentos da gambiarra.

O meio termo em “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, e em “O demônio da teoria”, de Antoine Compagnon

Rafael Fava Belúzio (UFMG)

Resumo Em “Literatura europeia e Idade Média latina”, Ernest Robert Curtius desenvolve o estudo de determinadas tópicas vindas do mundo antigo, especialmente greco-romano, capazes de permanecer, com diferenças e repetições, atuantes, com vigor, durante a Idade Média europeia, chegando mesmo até o Renascimento, e, em certos

sentidos, encontrando obras posteriores, como a do romântico Wolfgang von Goethe. O que estou definindo por “tópica” é um lugar-comum, elemento recorrente que pode caminhar na perspectiva de um motivo, ou arquétipo, mas que Segismundo Spina, comentarista de Curtius, apresenta como formas de conduta, cristalizadas em fórmulas que se tornaram chavões. Nesse viés, prosseguindo em maior ou menor medida o procedimento realizado em “Literatura europeia e Idade Média latina”, interessa notar a tópica do meio termo em “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, e em “O demônio da teoria, de Antoine Compagnon”. O estudo, um tanto comparativista desses autores muito ligados à tradição (não só) europeia, pode ajudar a dimensionar tanto a atualidade das propostas do estagirita, quanto a antiguidade das teorizações de um importante ensaísta contemporâneo. Ademais, a análise da obra, lançada em 1998, permite uma visão sobre o mundo marcado pela tentativa de superação das tensões existentes durante a Guerra Fria, vislumbrando o caminho ético do meio termo.

O Narrador de João Guimarães Rosa sob a lente de Walter Benjamin: o caso dos contos de *Sagarana*

Raimunda Maria dos Santos (UFRGS)

Resumo O artigo discute aspectos da narrativa de João Guimarães Rosa em seu livro de contos *Sagarana* (1946). A obra compõe-se de nove contos irregulares, mas de estreita relação de sentidos entre si e muitos pontos de aparentamentos, especificamente, por tratar-se de narrativa de escrita muito próxima da oralidade. Com foco no narrador analisa-se trechos do conto São Marcos para lançar luz à arte de narrar rosiana. O texto “O narrador” de Walter Benjamin serve à análise pela relação que o crítico e filósofo faz entre: 1) experiência e narração e o que ele considera como narração por excelência e experiência como enraizamento na cultura popular; 2) experiência e viagem e a ideia de que quem viaja enriquece-se em termos de saberes; 3) narrativa popular e senso prático, considerando que tais narrativas estão sempre em busca de resolução prática para os problemas cotidianos; 4) romance e conto para chamar a atenção sobre o declínio da arte de narrar em decorrência da ascensão do romance e dos meios de informação na era do capitalismo moderno e entre; 5)

memória e reprodução das narrativas para justificar que uma narrativa reproduzida de memórias (através do boca a boca), embora sofra transformações, permite que a memória popular possa circular entre as pessoas, fazendo com que esta sobreviva. A arte de contar rosiana chega à ideia benjaminiana se considerarmos que, apesar do individualismo dos sujeitos e apartamento destes em relação às suas sociedades, mantém-se ainda, e bastante forte, uma dimensão de moralidade, comunidade, experiência. E, resguardando-se do pessimismo de Benjamin, o que se pode observar é mais uma adequação que o declínio até a morte da arte de narrar. Assim, a memória e a representação das narrativas são preservadas no conto, permitindo que a memória popular possa sobreviver, ainda que de forma modificada.

Pequeno índice para uma filosofia da natureza em Fiamma Hasse Pais Brandão

Gabriel Guimarães Barbosa (UFRJ)

Resumo O presente trabalho busca investigar indícios de uma filosofia da natureza estabelecida pela arte poética da poeta, dramaturga, ensaísta, escritora e tradutora portuguesa Fiamma Hasse Pais Brandão (1938-2007). A presença incontornável de imagens da natureza construídas em sua poesia de cunho profundamente ensaístico e filosófico dá a ver mais que apenas articulações com a filosofia da natureza, mas apresenta ao seu leitor, por meios próprios do poético, uma teoria da natureza que, de forma ambivalente, traça profícua interação dialógica entre poesia e filosofia ao mesmo tempo em que oferece meios de identificar um pensamento teórico próprio ao seu texto poético. É nosso objetivo apresentar um breve índice de títulos, poemas e imagens do universo poético de Fiamma em que esse diálogo se mostra mais intenso, sugerindo possíveis modos de se ler a questão em futuras pesquisas. Objetiva-se, ainda, identificar de que forma a poeta interage com o conhecimento filosófico sobre a natureza a partir de um recorte específico, verificando, a partir da *Naturphilosophie* de Schelling, se este diálogo mantém ou perverte os postulados do alemão, se e quando se aproxima ou distancia e quais os dados novos que apresenta. Em termos metodológicos, pretende-se analisar versos e imagens da poeta de “Grafia I” de forma panorâmica

por diferentes momentos de sua obra, sendo as associações filosóficas convocadas a partir de investigação crítica e interpretativa do texto brandoniano.

Por trás dos olhos, as palavras: escritos para além das línguas.

Renata Coutinho Villon (UFRJ)

Resumo Jacques Derrida, em sua série de seminários intitulada O animal que logo sou, confronta o fundamento estritamente racional e antropocêntrico da filosofia ocidental ao lançar o olhar sobre o animal; assim, afirma: “o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, em essência, teve de se privar” (2002, p. 22). Em outro ensaio, “Che cos’è la poesia” (1998), o filósofo tenta definir sinteticamente o que seria a poesia, e acaba por compará-la a um animal, mais precisamente um ouriço, uma coisa “ahumana” e “sem sujeito”, que vai para além do logos e das línguas e se lança nas estradas, ao mesmo tempo exposto e fechado em si. Dessa forma, na experiência da poesia assim como na da animalidade, seria preciso “abandonar os saberes”, como nos convida Derrida, e aprender de cor [par coeur] – ou seja, com o coração. A poeta francesa contemporânea Liliane Giraudon (2019) diz que o que está em jogo na escrita é, justamente, o lugar dos animais em nós, e a ida ao encontro dessa animalidade. Nesse sentido, proponho-me a evocar os escritos de três mulheres (Virginia Woolf, Clarice Lispector e Liliane Giraudon) decorrentes de um desnudamento dos saberes pré-estabelecidos e de uma postura demasiadamente humana para, assim, falar com o coração, para além do logos e das línguas. Woolf, inclusive, parece falar nesses termos em sua obra *Entre os atos* (1941), no momento em que uma das personagens afirma que “não possuímos as palavras”, e que estas estariam “por trás dos olhos, não sobre os lábios” (p. 63, 2018), querendo, talvez, dizer que a escrita passa por esse falar com o coração, isso que parece também ocorrer quando olhamos no fundo dos olhos de um animal.

**Por uma poética do trágico:
ler *Lavoura arcaica* na companhia de Nietzsche**

Jivago Araújo Holanda Ribeiro Gonçalves (UFPI)

Resumo Na tentativa de traçar uma historiografia possível da ficção brasileira contemporânea Schollhammer (2009) aponta que entre os anos 1960 e 1980 vigorava, antes de adentrarmos a época da produção propriamente pós-modernista, e antecedendo ainda os anos 1990 e os anos 2000, uma tendência realista na produção nacional, engajada sobretudo no entendimento e/ou apreensão dos fenômenos sociais que davam forma à época, a saber, a turbulência civilizatória provocada pela instauração do regime militar que perdurou 21 anos: de 1964 à 1985. Contudo, partindo de uma postura genealógica o autor ressalta que dois autores se deslocam desse eixo produtivo e engajam-se num “trabalho experimental de linguagem” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 26). São eles: Osman Lins com o lançamento de *Avalovara* em 1973, e Raduan Nassar produzindo quase a totalidade da sua obra entre 1975 com *Lavoura arcaica* e 1978 com *Um copo de cólera*. O foco da presente proposta de comunicação é adentrar esse experimentalismo via linguagem que fez de *Lavoura arcaica* um marco na produção literária nacional, contemporânea. Partimos da hipótese de que Nassar põe em movimento neste romance uma escrita que associa incessantemente uma concepção, ou melhor, uma vivência trágica e a necessidade da prosa-poética como veículo de enunciação dessa forma de ser no mundo. Ademais, nosso interesse é perfazer uma leitura comparativa que parta de uma concepção trágica específica, a de Friedrich Nietzsche (1844-1900), tal como o filósofo a anuncia em *O nascimento da tragédia*, mas também em *Crepúsculo dos ídolos*, *Assim falou Zaratustra*, *A gaia ciência* e mesmo em *A genealogia da moral*. Devemos apontar como a experiência literária e as escolhas estilísticas que a estruturam mantêm um laço incontornável com a perspectiva trágico-existencial nietzschiana, buscando ressaltar uma aproximação possível entre texto literário e expressão filosófica.

Suturar a fratura: o impessoal e o pessoal em Clarice Lispector

Fábio Barbosa da Silva (UFRJ)

Resumo Nos livros *A paixão segundo G.H.* (1964) e *Água viva* (1973) de Clarice Lispector temos duas protagonistas que parecem se encontrar em um profuso processo de despersonalização. Esse processo é desencadeado por uma dissociação voluntária, onde as personagens buscam se desvencilhar de sua vida pessoal em busca de uma existência impessoal. Aos livros de Lispector aproximaremos o pensamento de Roberto Esposito, a partir da leitura de *Third Person: Politics of life and philosophy of the impersonal* (2012) e *DOIS: A máquina da teologia política e o lugar do pensamento* (2019), com isso buscaremos entender o que Esposito denominou “dispositivo de pessoa”, isso é, um conjunto de práticas políticas, jurídicas e biológicas que regulam quais seres possuem as qualidades determinantes para se tornar uma “pessoa”. Com esta aproximação procuraremos demonstrar como Lispector ao explorar a impessoalidade nos livros citados denuncia o regime excludente imposto pelo “dispositivo de pessoa” que qualifica quais são as vidas dignas ou não de existência. A partir dessa aproximação conseguimos observar como o desejo pelo impessoal na obra de Clarice Lispector é uma atitude política que visa pensar uma nova práxis que inclua formas de vidas marginalizadas, como Macábea, Laura, Mineirinho entre outros que permeiam sua escrita, dentro das pautas humanistas que o “dispositivo de pessoa” trata de excluir.

Vidas secas e a natureza afirmativa da vida

Mauro Lopes Leal (UFPA)

Resumo *Vidas secas*, escrito em 1938, é uma obra opressora. Seus personagens centrais, a saber, Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cadela Baleia estão submetidos a uma realidade que exige de si mais do que o reconhecimento como seres presentes no mundo: é preciso, na referida obra, tornar-se o que se é. A natureza, com a seca, sua hostilidade, bem como a significativa ação sobre as atividades humanas, torna-se mais do que mero cenário ou pano de fundo

para o drama vivido por Fabiano e sua família, ela é uma espécie singular de personagem que a todo momento paira sobre as vidas de todos, fazendo-os sentir a presença da pobreza, da fome e, principalmente, da morte, aspectos estes que podem conduzir o indivíduo a uma postura niilista, ou seja, descrença absoluta contra valores norteadores da própria existência. Mas apesar de tal cenário, Fabiano aceita a vida tal como ela se apresenta, mesmo em sua rudeza e crueldade. Nesta pesquisa, abordar-se-á Vidas Secas sob a perspectiva de Nietzsche, mais especificamente a sua afirmação da vida, compreendendo-se por tal expressão como a aquiescência da existência na sua multiplicidade, como forma de criatividade e possibilidade de liberação da potencialidade do sujeito, bem como dos seus instintos e força, aspectos estes presentes em Fabiano e em sua forma de enfrentamento para com a natureza, em um posicionamento que, inclusive, pode ser interpretado como antiniilista.

Simpósio 7**A poesia lírica em discussão:
das cantigas medievais ao modernismo**

Maria Alice Sabaini de Souza Milani (UNIR)

Clarice Zamonaro Cortez (UEM)

Resumo A proposta deste Simpósio é discutir a poesia lírica escrita em língua portuguesa, levando em consideração as diferenças teórico-ideológicas e estético-formais que marcam as várias correntes literárias, desde os tempos medievais ao modernismo. O termo lírico tem sua origem na Grécia Antiga, quando os poetas recitavam e cantavam seus versos ao som da lira e os versos associavam-se aos principais atos da vida cotidiana, como as cantigas de ninar, os cantos de pastores, os hinos de vitória ou de adoração, os lamentos de pesar pela morte de alguém, os himeneus e as cantigas de amor. A continuidade deste lirismo se estendeu por todo século XVI em Portugal na produção poética de Camões, Sá de Miranda entre outros. O lirismo renascentista teve a influência de Petrarca, principalmente nos sonetos. O Barroco também privilegiou os sonetos nas produções poéticas de Jerônimo Baía e Francisco Rodrigues Lobo. O lirismo atingiu seu auge tanto em Portugal como no Brasil com o Romantismo. Em Portugal, destaca-se Almeida Garrett e no Brasil Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Castro Alves com sua obra *Espumas Flutuantes* (1870). No século XX, em Portugal, o lirismo se faz presente em Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugéneo de Andrade. Ao passo que no Brasil, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Mário Quintana são poetas que no desenvolver de sua produção poética aderiram ao lirismo. Tal digressão demonstra a superioridade do conceito de poesia, que é considerada como uma forma elevada de atividade criadora da palavra. Segundo Candido (1993, p.12) essa atividade criadora da palavra, se deve as “intuições profundas, dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva. Por isso, a atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta”. O discurso lírico, portanto, é caracterizado pelo sentir em conjugação com o pensar e o sujeito lírico interpreta as tensões e os conflitos que fazem parte do mundo individual e social, discutindo temas variados como o amor e o ódio,

a fidelidade e a traição, a paz e a guerra, entre muitos outros. Temas esses representados com uma pluralidade de pontos de vista subjetivos e uma variedade formal dos esquemas estróficos, métricos, rítmicos, em conformidade com a expressão estilística do mundo imagético e metafórico, além do jogo sintático-semântico das antíteses, inversões e trocadilhos – matéria lírica estimuladora da sensibilidade do leitor, espécie de apelo para compartilhar ideias, emoções, sentimentos e atitudes. A poesia lírica cumpre, assim, o seu papel de “satisfazer as necessidades estético-espirituais dos leitores, ao mesmo tempo em que realiza uma tarefa educativa invejável, rivalizando com a música e a pintura” (MONIZ, 1997). O poeta lírico, pintor de palavras e músico de sons linguísticos, deve ser considerado um interlocutor e um intérprete privilegiado do mundo real e do imaginário, das frustrações, dos desejos, das utopias, das dúvidas e das angústias de cada época e de cada sociedade a que pertenceu. Quase sempre marginalizado pelas esferas do poder e das influências, valorizado postumamente, o poeta é considerado um “profeta que pregou no deserto”. O processo de produção da poesia não deve ser compreendido como um processo individual, particular a esse poeta explicável biograficamente, mas somente do ponto de vista lógico-linguístico, como o processo que ocorre dentro da correlação sujeito-objeto enunciado lírico. Entre os recursos linguísticos que caracterizam o fazer poético, a metáfora se constitui como um suporte na expressão plurissignificativa, por meio da qual “a linguagem deixa de ser um mero meio de comunicação e torna-se fruto da paixão e do prazer” (BORGES, 2000, p.14). Como tal, naturalmente, tem inúmeras formas diferenciadas, cuja distinção produz as possibilidades infinitas da expressão lírica e das consequentes obras de arte, e somente nesse sentido individual é o processo em relação aos diferentes poemas e poetas líricos, bem como em relação aos estilos da época. Assim, na perspectiva de Paz (2012) a história do homem condiciona-se à relação entre as palavras e o pensamento, sendo “o homem um ser de palavras”. Neste sentido, “o poema é criação original e única, mas também é leitura, recitação e participação. O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recia. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade” (PAZ, 2012, p. 46). Serão aceitos estudos sobre poetas portugueses, brasileiros e africanos, especificamente, propondo discussões sobre o discurso poético, as diferenças teórico-ideológicas e estético formais, entre outros temas da poesia lírica.

**A solidão e as lembranças do eu-lírico
refletidas na paisagem noturna em poemas
de Florbela Espanca e Sophia de Mello Breyner Andresen**

Maria Alice Sabaini de Souza Milani (UNIR)

Clarice Zamonaro Cortez (UEM)

Resumo A análise da expressão de emoções através de elementos do espaço e da paisagem na poesia é um estudo atual, que se mostra eficaz no entendimento de como o nosso redor nos afeta, como somos influenciados e nos expressamos em determinados espaço e paisagem a que pertencemos ou imaginamos e, principalmente, como eles se registram e apresentam-se em textos poéticos de forma que os sentimentos humanos sejam expressos na literatura de forma sensível e compreensível a quem lê. A poesia, através de sua subjetividade, permite que se expressem emoções por imagens que, de outra forma, não poderiam ser demonstradas em sua plenitude. Considerando as imagens e as paisagens noturnas, a comunicação em questão propõe demonstrar a solidão e as lembranças do eu-lírico refletidas na paisagem noturna dos poemas *Só*, de Florbela Espanca e *A Solidão* de Sophia de Mello Breyner Andresen, poetisas portuguesas de extensa produção poética. A fundamentação teórica baseia-se em pressupostos teóricos de Canton (2009), Santos & Oliveira (2001) para conceituar espaço e lugar, Borges Filho (2009) no que diz respeito à topoanálise e simbolismo das cores no espaço, além das ideias de Blanchot (1987) e Collot (2010) no que se refere ao espaço poético e a paisagem na poesia.

As Rimas: a natureza idílica e a beleza dos campos

Nágela Neves Da Costa (UEM)

Resumo Em tempos tenebrosos, como este que vivemos, a poesia é um bem oportuno e necessário, que nos permite viajar além-mar, para, assim, talvez, alcançar o refrigério, nos lugares mais profundos de nossa alma. É, pois, na poesia, que o homem descobre, constantemente, este mundo e, por vezes, cria outro. É, por isso, que, nesta comunicação, discutiremos os “Campos bem-aventurados”, aqueles

cuja a cor se assemelha ao limão e aos “olhos do meu coração”. É de Camões, o poeta máximo da língua portuguesa, que falaremos, ou melhor, de sua poesia, que poetizada há mais de quinhentos anos, continua a falar a todas as gentes, revelando-nos mundos diversos. Diante da vasta temática de sua obra, selecionamos das Rimas para, aqui, discutir, apenas alguns textos que abordam a natureza idílica e a beleza dos campos. Para esta empreitada, estaremos apoiados nos pressupostos teóricos de Massaud Moisés (1997), Aguiar e Silva (2011), Octávio Paz (2014), entre outros. Faremos, então, uma leitura interpretativa, a partir das marcas linguísticas dos textos e dos nossos horizontes de leitura, para, desse modo, captarmos a essência dessa poesia que, incorporando uma visão pictórica, reflete, na pintura da natureza, por meio de cores calmas e cenários brandos, a brevidade e a ciclicidade da vida. Os campos são, ainda, a representação da “paisagem ideal”, cantada desde Homero, e intimamente ligada ao espírito enamorado do sujeito.

Cecília Meireles e a arquitetura do poema: uma leitura de *Poemas italianos*

Anny Costa Chaves (UNIMONTES)

Resumo Este trabalho propõe-se a analisar poemas selecionados do livro *Poemas italianos*, de Cecília Meireles, publicado, postumamente, pelo Instituto Cultural Ítalo-brasileiro em 1968. Assim, a leitura buscará observar os procedimentos estéticos adotados por Cecília Meireles, nos poemas “Coliseu” e “Discurso ao ignoto romano”, tendo em vista seu poder de enunciação. O referencial teórico-metodológico, desse modo, reúne considerações sobre o fenômeno literário propostas por Emil Staiger (1997), Alfredo Bosi (1977), Octavio Paz (2015), Anatol Rosenfeld (2002) e Ezra Pound (2013). Pretende-se, desse modo, abordar o poema lírico, a partir de um amplo referencial teórico, ressaltando a particularidade do fazer poético de Cecília Meireles. O que se pode inferir, numa leitura crítica dos poemas, é que a autora, em “Discurso ao ignoto romano”, adota parâmetros da tradição literária, como a predominância da métrica e da rima, na medida em que reflete sobre o fazer artístico. No poema “Coliseu”, de outro modo, nota-se a adoção do verso livre e a elaboração do ritmo,

mediante recursos que destacam o dinamismo e a pluralidade do monumento romano em seu passado histórico. Isso revela uma atitude crítica do poeta (ELIOT apud PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 147) face à escolha de recursos estilísticos, reunidos no espectro da poética, face à conveniência desses à construção do poema. Para Emil Staiger (1997), a distinção do “verso” está em sua unicidade de imagens e sons. Isto posto, nota-se que a adoção de determinados parâmetros para a construção da forma poética, ora tradicionais ora contemporâneos à escritora, atendem, junto às imagens poéticas, aos imperativos da enunciação, qual seja, o resgate à memória das cidades italianas.

Da palavra-pedra ao ovo-enigma: imagem poética em João Cabral de Melo Neto

Saulo Lopes de Sousa (UFRGS)
Deivanira Vasconcelos Soares (UFSM)

Resumo Construir imagens: eis o penhor da “máquina” poética de João Cabral de Melo Neto. Os epítetos que, comumente, lhes são associados – poeta cerebral, poeta-engenheiro, arquiteto da poesia, operário das palavras – desnudam a construção do poema cabralino como um edifício erigido, tijolo por tijolo. A partir do poema “O ovo de galinha”, publicado na obra *Serial* (1961), propomo-nos, nesta comunicação, clarificar as estratégias estilísticas na poesia de João Cabral de Melo Neto, que possibilitam a percepção do ovo enquanto objeto estético. Dentre outros contributos, apoiamo-nos na concepção de imagem poética (PAZ, 1982) e nos aportes teóricos de Heidegger (2012) acerca de arte e poesia para debruçarmo-nos sobre os aspectos estéticos do poema escolhido. Nesse particular, mediante abordagem analítica, vislumbramos a lida do autor pernambucano com a linguagem, quando arquiteta o processo de composição do texto poético a partir da observação desautomatizada das imagens do real. A imagem poética do ovo traz, no seu bojo, não somente o exercício óptico e angular da objetividade, com a qual JCMN erige as paredes pétreas de sua poesia. O texto poético cabralino é um ato de enfrentamento: aproximar-se do objeto visto é aflorar o subjetivismo daquele que olha para com a matéria olhada.

Dante Milano: poeta de 1930?

Vanessa Moro Kukul (UEMG)

Resumo No ensaio “A poesia em 1930”, Mário de Andrade observou, na poesia brasileira contemporânea à época, a insistência do “desejo de partir”, “da libertação da vida presente”, por meio de um ritmo socializante, sintetizado no poema banderiano “Vou-me embora pra Pasárgada”. O autor de Paulicéia Desvairada, concentrando-se em uma reflexão estética, psicológica e social, compreende o tema como uma “constância psicológica” na obra de poetas diversos. Mesmo na poesia de Carlos Drummond de Andrade, oposta ao ritmo socializante e generalizante, Mário de Andrade identifica a recorrência “do desejo de partir”. Por sua vez, Vagner Camilo, em “Uma poética da indecisão: Brejo das almas”, retoma os argumentos de Andrade, dedicando-se a especificar o “volumenborismo” no livro drummondiano de 1934. A proposta, neste estudo, é ler Poesias, obra do poeta Dante Milano publicada pela primeira vez em 1948, refletindo acerca de como o flerte com a autodestruição – expondo a inutilidade de existir, mesmo sem se resolver na desistência absoluta –, percebido em estudo anterior (*Crise e irresolução: a poesia de Dante Milano*, tese de doutorado defendida em agosto de 2014, no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), é indicativo da aproximação da poesia milaniana à lírica brasileira dos anos 1930.

Em pele e tinta: a questão da autobiografia na obra *Duas fomes*, de Márcia Barbosa

Thaís Nicolini de Mello (PUCRS)

Resumo É muito antiga, na história da Literatura, a tensão entre o texto poético e o texto com caráter autobiográfico. Muitas vezes a figura do eu lírico parece mesclar-se com o autor, ampliando a reflexão sobre os diferentes sentidos que um texto literário é capaz de evocar. Por um lado, a leitura do poema como tal, e por outro, sinais de uma possível relação com a própria vida daquele que escreve. Tal tensão também é perceptível na obra de autores do século XXI, como é o

caso de Márcia Barbosa, poetisa gaúcha com publicação de duas coletâneas, *Duas fomes* e *No faro das migalhas*. Quanto à primeira, percebe-se uma confluência de diversos temas: sua poesia dialoga com elementos da cultura sul-riograndense e também latino-americana, intertextualidade com artistas e escritores de relevante papel cultural, temáticas sociais como a questão racial e o papel da mulher. Um destes possíveis temas, no entanto, salta aos olhos e coloca-se como protagonista: ao ler, permanece a impressão de estar diante de uma coletânea de memórias. Desse modo, com base nos estudos de Dominique Combe (2010), Philippe Lejeune (1986), Ana Caballé (2013) e Beatriz Sarlo (2017), o presente trabalho propôs-se a desvendar as memórias, sedes e fontes circunscritas à coletânea de poemas da autora já mencionada, buscando compreender quais são as “fomes” descritas pelo eu lírico. Além disso, também se pretendeu analisar os sinais de possível autobiografia presentes nos textos analisados, a fim de traçar um perfil para este sujeito lírico composto de pele e tinta, que insiste em permanecer em uma referência desdobrada.

Lirismo algum na terra dos mal-amados

Otávio Augusto de Oliveira Moraes (UFMG)

Resumo Existe uma identificação quase imediata entre os termos lirismo, poesia, sentimento e mais um sem fim de expressões que falam acerca da interioridade e da sua tradução em arte verbal. Tal aposta está lastreada em uma concepção fundamentalmente moderna acerca do poético, mas que, exatamente por ser moderna, organiza-se, acerca do passado, de maneira pantagruélica traduzindo sob o mesmo nome expressões que englobam de Safo até Manuel Bandeira. Os pontos de semelhança são muitas vezes evidentes, mas existe uma porção significativa de tal tradição que acaba realizando-se de maneira acentuadamente diversa. Minha fala tem como objetivo pensar a adjetivação de lírica acerca da tradição trovadoresca galego-portuguesa, focando na porção de temática amorosa, mais especificamente nas cantigas de amor e de amigo. No jogo de semelhanças e diferenças entre a definição canônica de lirismo, talvez mais prontamente encontrada na estética hegeliana, ambiciono pensar tal taxonomia literária sob um viés problemático, os conceitos não

enquanto fechamentos, mas sim como agenciadores de horizontes sempre novos de leitura. Nesse sentido, o principal problema tópico-formal que pretendo refletir está no caráter confessional do discurso lírico, sua relação com uma espécie de verdade interior em oposição a uma criação mais voltada para uma prática propriamente retórico-literária. Tal questão leva a pergunta, qual lirismo cabe aos trovadores? Na busca por essa resposta, partirei da leitura de uma cantiga do jogral Vidal e outra do também jogral Lopo. No plano bibliográfico tomarei como base as reflexões de Paul Zumthor, Georg Hegel e Roland Barthes, além da historiografia própria da Literatura Portuguesa.

Na sala de cocktails: uma leitura de “Hípica”

Fernando Guimarães Saves (UNESP)

Resumo Hölderlin, poeta alemão, na passagem do século XVIII para o XIX, preconizou que a poesia lírica consistiria numa metáfora contínua de um sentimento único. Entendemos ser essa a conceituação que, ao longo dos anos, melhor define o pensamento lírico. Ao se considerar o poema uma espécie de texto cíclico, a metáfora a que o escritor alemão se refere transcende o tropo de linguagem e configura-se como discurso poético em sua totalidade. Assim, o poema lírico seria, no plano discursivo, não apenas composto por metáforas, em que termo metaforizado (1) e termo metaforizador (2), num processo de similaridade, constituiriam um terceiro elemento, diferente de (1) e (2); mais do que isso, o poema lírico é uma metáfora em si, gerando um signo complexo em sua inteireza, uma vez que por meio de recursos do plano de expressão e do plano de conteúdo, ele, o poema, recria sentidos e realidades que nos reportam a situações comuns ao homem em sociedade. Daí nossas considerações também se voltarem ao restante da concepção de Hölderlin – “um sentimento único” – tendo a palavra “único”, a nosso ver, uma acepção voltada à singularização e ao estranhamento que proporia, no século XX, o teórico Chklovski (1971). Quanto ao termo “sentimento”, enxergamo-lo não como uma evasão langorosa, mas um acontecimento poético que, como já levantado, remete-nos à condição homem-mundo, homem-outro, homem-homem e, até mesmo, homem-arte. Esta proposta objetiva, portanto, em base à consideração holderliniana,

analisar o poema “Hípica”, do livro *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade (1925), estabelecendo contatos entre forma e conteúdo que, entremeados, realçam relações metafóricas contínuas e liames sociais.

Quanto pode a poesia?

Fernando Baião Viotti (UFMG)

Resumo “A filosofia já não consola”. Assim Benedito Nunes inicia sua clássica coletânea de ensaios, *O dorso do tigre* (1969). E a poesia já não encanta. Uma das mais antigas formas de expressão verbal, a poesia tem resistido às mais diversas transformações do mundo desde seu surgimento ainda anterior à escrita. Voz predominante da poesia na modernidade, a lírica parece sofrer atualmente uma crise de prestígio em face da disseminação incontrolável e infinita de tantas outras formas discursivas. Nascido para deleitar ouvintes e leitores e se desenvolvendo como linguagem performativa capaz de projetar sentidos até então inexistentes na realidade de onde surge, que papel pode ter o sofisticado discurso poético num mundo cada vez mais repleto de textos, imagens e sons cuja finalidade maior é a fácil disseminação, pedindo nossa atenção 24 horas por dia? A partir de um poema de Carlos Drummond de Andrade, autor de uma obra profundamente complexa e ao mesmo tempo afeita à difusão ampla, esta comunicação procura investigar os significados e respostas diferenciados que o discurso poético pode oferecer em comparação à infinidade de outras séries discursivas, elegendo como foco um dos temas mais centrais e recorrentes na história da expressão verbal; o encontro e o desencontro amoroso.

Um sabiá, na palmeira, longe: a pátria através das líricas romântica e modernista

Erick Monteiro Moraes (PUC-Rio)

Resumo Diversas evidências licitam demarcar no Romantismo o auge do lirismo no Brasil. Dentre elas, destaca-se que nesse período a tripartição clássica da poesia em lírica, épica e dramática começa a

ceder lugar à supremacia da lírica, que se torna sinônimo da poesia *tout court*, em detrimento das produções predominantemente épicas e dramáticas, que se exilam na prosa. Um caso exemplar é Gonçalves Dias. Em sua obra, embora se destaquem poemas de estruturação épico-dramática como *I-Juca-Pirama*, é sobretudo através do discurso lírico que o poeta interpreta as tensões e os conflitos que atravessam não apenas seu mundo individual mas também o social: em especial na “Canção do Exílio”, o sujeito poético conjuga o sentir e o pensar a identidade brasileira então recém-nascida e profundamente cindida entre “cá” e “lá”, ex-metrópole e ex-colônia, cultura e natureza, o “aqui e agora” e o outrora etc. Esse poema tornou-se o mais parodiado da literatura pátria, e não à toa essas paródias foram tanto mais frequentes quanto mais comprometidos em pensar a questão nacional eram seus autores. Dentre todas as paródias, cabe destaque à “Nova Canção do Exílio”, de Carlos Drummond de Andrade, uma vez que entre o original romântico e a releitura modernista, pode-se vislumbrar não só dois momentos de uma mesma realidade mas também as diferenças teórico-ideológicas e estético-formais entre Romantismo e Modernismo.

**Uma aprendizagem da transgressão
no poema “A mãe do cativo”: do intertexto
com o poema “A mãe polaca” a uma educação insubordinadora**

Jucelino de Sales

Resumo Publicado em 1868, três anos antes da promulgação da Lei do Ventre Livre, o poema “A mãe do cativo” se inicia com a epígrafe de duas estrofes do poema “A mãe polaca”, do poeta polonês Adam Mickiewicz, se desbordando como uma camada subterrânea na profundidade do poema de Castro Alves, isto é, um fino véu que sombreia a urdidura. Há no fundo do texto uma aprendizagem da transgressão, na medida em que a camada discursiva distorce a série de ensinamentos dada como legítima, aconselhando a mãe do cativo a desvirtuar aquilo que seria consignado como a verdadeira educação de uma conduta humana ideal oferecida a qualquer criança da época: “o poema se constrói ao rechaçar esses padrões socialmente considerados louváveis e dignos de serem seguidos e ao afirmar

os seus opostos como comportamentos que a mãe deve ensinar ao seu filho” (SOUZA, 2015, p.107). A política de ensinamentos que sustenta a razão do poema distorce os ditames da prática educacional vigente à época, uma vez que essa prática invisibilizou o negro escravizado. Para compreendermos a subversão operada, precisamos analisar o poema partindo dos dois versos finais, uma vez que suspensos sob a sintaxe linguístico-coordenativa de uma alternativa do tipo “ou... ou...”, constroem uma aporia que consubstancia duas vias opositivas cuja escolha por uma delas define o tipo de educação que a mãe deseja oferecer ao filho cativo: “Embala teu filho com essas cantigas.../Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.”. A investigação propõe destrinchar as aprendizagens insubordinadoras arroladas ao longo dos versos.

Simpósio 8**A teoria da literatura e as novas
tendências críticas: aproximações possíveis**

Constantino Luz de Medeiros (UFMG)
Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)

Resumo Na introdução de sua obra clássica, *Teoria da literatura*, uma introdução, cuja primeira edição data de 1983, Terry Eagleton afirma, de um modo quase enigmático para um livro que se propõe a abordar esse tema, a suposta inexistência de algo denominado teoria da literatura, e que as abordagens teórico-metodológicas que até então haviam se dedicado ao estudo dos fenômenos literários não diziam respeito apenas aos estudos literários (a ênfase é do autor), mas a áreas subjacentes das humanidades (EAGLETON, 2006, p. VII). A essa crise de disciplinas, teorias e métodos no âmbito dos estudos literários somam-se outras questões, de cunho político, ideológico, administrativo, alterando sistematicamente a área de estudos literários, e os departamentos de teoria da literatura e literatura comparada no Brasil e no mundo. Em consequência da denominada virada ou giro linguístico, e do surgimento dos estudos culturais, a partir da segunda metade do século XX, o âmbito dos estudos literários amplia-se e passa a abarcar outros fenômenos discursivos e culturais, e não apenas o literário, criando, por um lado, problemas na configuração de disciplinas, métodos e objetos, mas, por outro lado, possibilitando uma maior riqueza de abordagens, pesquisas e aportes teóricos. Assim, desde a institucionalização da teoria literária, nas primeiras décadas do século passado com os formalistas russos, até as correntes críticas mais atuais e inovadoras, a riqueza de conceitos e aportes teórico-metodológicos apenas reafirma a importância do campo literário no âmbito das Humanidades. Nesse sentido, no alvorecer do século XXI, a teoria literária encontra-se diante do desafio de refletir sobre os rumos a tomar, incorporando novas e importantes questões, sem, no entanto, abrir mão de sua riqueza conceitual e histórica. Do mesmo modo, o despontar de interessantes correntes críticas contemporâneas, como o ecocríticismo, as pesquisas que aproximam literatura e ambientalismo, os estudos sobre gênero e diversidade, entre tantos aportes teóricos atuais, não devem ser contemplados enquanto concorrentes históricos de escolas e correntes

críticas que os antecederam, embora devam ter suas especificidades reconhecidas e preservadas – sob pena de cairmos na facilidade do ecletismo –, ao mesmo tempo, devem ser consideradas também nas suas relações tanto de continuidade como de rupturas em relações às orientações crítico-teóricas que as antecederam. A abertura para as mais diversas posições crítico-literárias que se estabelecem após a década de 1960 tem enormes implicações para os programas das disciplinas de estudos literários, em especial da teoria literária. Por um lado, ocorre uma ampliação substancial no escopo de objetos de estudo passíveis de determinação, e, por outro, surgem questionamentos sobre a necessidade de se incorporar teorias e metodologias de áreas afins, como a sociologia da arte, a antropologia cultural, a filosofia, a estética, a história cultural, entre muitas possibilidades. Para alguns estudiosos como Jonathan Culler (1999), uma das consequências dessa ampliação de disciplinas, métodos e objetos é o caráter quase intimidador da disciplina, pois, ainda segundo Culler, “um dos traços mais desanimadores da teoria hoje é que ela é quase infinita” (CULLER, 1999, p. 23). Esse simpósio se propõe a refletir sobre os novos caminhos da teoria literária no século XXI em aproximação recíproca com a história da literatura, a literatura comparada, a crítica literária, a filologia, a retórica, entre outras. O intuito principal é demonstrar que, assim como em outros campos do saber, é imprescindível equacionar novas tendências teórico-metodológicas, novas correntes críticas e aportes teóricos em estreita relação com a rica tradição estabelecida pelo campo dos estudos literários – nesse sentido, a filologia tem demonstrado isso de forma exemplar no uso computacional para a leitura, interpretação, estabelecimento e preservação de manuscritos antigos – de modo a aproximar, teórica e praticamente, disciplinas aparentemente apartadas, enriquecendo e inovando campos de estudo. O benefício dessa aproximação entre passado e presente, entre tradição e modernidade para os estudos literários é mútuo e enriquecedor, tanto para aqueles que estudam a literatura em chave diacrônica, quanto para aqueles que optam por perspectivas distintas. Assim, são bem-vindas pesquisas acadêmicas sobre problemas relacionados à teoria literária; discussões sobre a história, o presente e os rumos futuros do campo literário em geral; reflexões sobre problemas específicos das diversas disciplinas que compõem os estudos literários, tais como a história da literatura, a crítica literária, a filologia, os estudos culturais, os estudos de

gênero e identidade, os estudos pós-coloniais, entre outras correntes críticas (antigas e atuais), assim como estudos e pesquisas que vissem alinhar o passado e o presente de nossa disciplina, sem excluir as sondagens sobre seu futuro.

A convergência de vozes e o fazer poético em Geraldo Carneiro

Fernanda Castro de Souza Abreu (UFMA)

Resumo A questão da retomada de um texto por outro possui uma longa trajetória de usos e valores ao longo da história da literatura. Se no período Clássico o seguimento de uma tradição consiste em imitar os autores de excelência em seus lugares-comuns e estilos, no século XIX esse preceito cai em decadência. O Romantismo elide de seus princípios a imitação de outros autores, visto que se apoiar em outras leituras privaria o poeta de sua espontaneidade, tomada como garantia de originalidade para esse movimento estético. A partir de então, passou-se a acreditar que as regras de composição deveriam se guiar pela inovação, seguindo um caminho para um futuro, qualitativamente mais próspero que o passado e o presente, sendo assim, repetir o que já se havia feito, tornava-se falta de originalidade, clichê. É no Romantismo que se nota uma efetiva mudança em termos como “lugar-comum”, “inovação” e “invenção”, em que o primeiro tornou-se sinônimo de banalidade e os outros dois de novidade, sentidos que se distanciam de suas etimologias latinas. Diante do exposto, busca-se analisar como o poeta brasileiro contemporâneo Geraldo Carneiro trata do tema da (não) originalidade em seus poemas. Para a pesquisa, utiliza-se como referencial teórico os livros *As origens da forma na arte*, de Herbert Read, *A voz desconhecida do real*, de René Girard, *A tradição do novo* de Harold Rosenberg e *Lírica e lugar-comum* de Francisco Achcar. Como *corpus*, utiliza-se a antologia *Poemas Reunidos* (2010) de Geraldo Carneiro, em que se nota construções poéticas perpassadas pelas obras de grandes autores da literatura, em diálogos intertextuais marcados pela ironia no trato com a questão da originalidade na poesia.

A crítica literária na sua variabilidade: textos representativos da sua prática

Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)

Resumo O comentário de obras poéticas, ficcionais ou dramáticas, com a finalidade de elucidação e/ou emissão de juízos de valor de natureza variada – de ordem gramatical, ética, estética, etc. –, mediante processos especializados ou não, constitui atividade intelectual que, como se sabe, tem origem na Antiguidade e prolonga-se até o nosso tempo, sem solução de continuidade. Embora de algum modo relacionada a teorias sobre o literário, trata-se, contudo, de atividade voltada para objetos particulares, isto é, obras literárias específicas, e assim seu vínculo com as abstrações teóricas é sempre complexo e problemático. Por isso mesmo, o texto crítico-analítico reveste-se de características bastante distintas daquelas que encontramos no texto teórico. A pesquisa pretende, mediante a recolha de amplo corpus dessa dimensão dos estudos literários, estabelecer um repertório representativo de suas manifestações, que se possa sistematizar num reader destinado a professores e estudantes de letras. A meta principal do projeto é, pois, publicar um volume que ilustre as múltiplas diretrizes da chamada “crítica prática”, que venha a acrescentar-se às três antologias dedicadas à teoria resultantes de projetos anteriores: *Uma ideia moderna de literatura* (2011, com 2. ed. em 2018), *Do mito das musas à razão das letras* (2014) e *Textos seminais para os estudos literários: séculos XX e XXI* (no prelo, programado para 2021).

A emergência de um paracampo marginal das periferias

André Natã Mello Botton (PUCRS)

Resumo Partindo de uma análise historiográfica sobre as trajetórias de Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e João Antônio pelo campo literário do século XX, percebemos o quanto o sistema literário brasileiro impôs dificuldades a esses agentes ao seu tempo. No início do XXI, com o aparecimento de sujeitos com habitus semelhantes a esses autores, as mesmas imposições surgiram. No entanto, especialmente a partir da atuação de Ferréz e da organização coletiva

das três edições especiais da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal*, em 2001, 2002 e 2004, um novo espaço simbólico de produção cultural emerge: um paracampo. Nesse espaço simbólico, o “capital periférico” (TENNINA, 2017) pode ser condensado em vista de um recurso de acumulação de um estoque de componentes (em sua maioria de prestígio) a serem possuídos pelos (ou transmitidos aos) indivíduos, ou coletivos. Ademais, esse tipo de capital (assim como o social e o cultural) integra formas de reconhecimento (um escritor, por exemplo, ao ser reconhecido por seus pares como “marginal”) ou estatutos de legitimação (como premiações e organizações coletivas). A presente proposta de comunicação pretende aprofundar e propor a discussão a respeito desse novo conceito. Desse modo, pretende analisar as ações oriundas no paracampo, tais como: criação de espaços geográficos (lugares de reuniões, eventos, festas literárias) e simbólicos (revistas e outras organizações) de encontro de agentes com atitudes semelhantes; criação de instituições legitimadoras; e, o surgimento de um mercado especializado (tais como as novas editoras e selos especiais). O que se destaca, contudo, é a organização insubordinada frente às regras do sistema dominante, de modo que os agentes do paracampo (com processo de autonomia relativa e homóloga oposta/paralelamente ao campo literário hegemônico) possam disputar outras posições no campo literário trazendo para o jogo, com isso, um maior volume de capital simbólico adquirido no paracampo.

A lente e o fora-de-campo: que literatura para James Agee?

Pedro Gomes Dias Brito (UFMG)

Resumo Nesta comunicação, examinarei a leitura feita por Jacques Rancière de “Elogiemos os homens ilustres” (1941), livro do escritor James Agee e do fotógrafo Walker Evans. No último capítulo de “Aisthesis” (2011), o filósofo francês elege-o como exemplar de um momento agonístico da literatura moderna. O texto de Agee seria representante de uma arte que desposa a potência sensível da vida anônima no momento mesmo em que começa a se cristalizar o discurso de uma autotelia da obra de arte moderna, presente nos ensaios de um contemporâneo, Clement Greenberg. Rancière posiciona Agee, precisamente, na contramão de Greenberg e de toda a tradição teórica da

negatividade da qual ele seria um precursor. Analisaremos como, nesse mesmo movimento, o filósofo realça a sua própria tese de uma política da estética. Isso porque a estética rancièriana vê a arte moderna não como um espaço impermeável à vida, mas como um tecido sensível que borra essas fronteiras e se abre à experiência anônima e à vida qualquer. A minha pergunta central é: seria o texto de Agee em “Elogiemos os homens ilustres”, de fato, um exemplar da arte literária moderna – como a entende Rancière? Ou seria, antes, algo anfíbio, nas fronteiras do literário e das ciências sociais, alimentado por uma racionalidade cognitiva e por um desejo de verdade? Minha fala terá como objetivo principal, então, colocar à prova o argumento de “Aisthesis”. Exporei como a leitura rancièriana merece ser nuançada, já que, como ficará demonstrado, ela desfigura o texto analisado, retirando i) uma nota de pé de página (espaço de investigação) e ii) um trecho intermediário no qual uma longa cadeia paratática de microdescrições de acontecimentos sensíveis – privilegiada por Rancière por ser o índice de um procedimento eminentemente literário e moderno – se vê quebrada por uma clara contextualização histórica e social.

A literatura entrega o que promete?

A “escrita não criativa” entre o que diz e o que faz

Sergio Marcone da Silva Santos (UFPR)

Resumo A noção de “escrita não criativa” (ENC), capitaneada pelo poeta e professor Kenneth Goldsmith (2015), tem como premissa a cópia de materiais já existentes, apostando que o gesto seja tão ou mais importante que o produto final. Inspirado em trabalhos dadaístas e pelo conceptualismo dos anos 1960, Goldsmith afirma que, diante de tantos materiais à disposição, sobretudo na internet, não há mais necessidade de o artista criar a partir do novo, algo original, mas investir na apropriação e traslado de textos disponíveis, valorando o contexto em lugar do conteúdo. Com isso, deseja retirar das vanguardas a pecha elitista, acolhendo um “público que reflete” em vez de leitor, pois “ao desfazer-se da carga da leitura, [pode-se] ver que a escrita não criativa tem o potencial de ser um corpo literário suscetível de ser compreendido por quem quer que seja” (2015, p.151). Mas, seria possível, como sugere o professor de Penn, fazer dessa literatura um

“marco democrático” na produção e fruição, vez que ela emerge do espaço institucionalizado da academia? Este trabalho pretende discutir possíveis lacunas entre a ideia de “popularização” (comparar o que se diz), e os modos de articulação da ENC no sistema literário (com o que se faz). Para tanto, precisaremos considerar temas que perpassam a teoria literária, como a institucionalização de conceitos e sua inscrição em modos historicizados de interpretação e legitimação da literatura. Nosso objetivo, portanto, é levantar questões sobre a validade do caráter experimental do “não criativo”, que se pretende “democrático” e de fácil acesso para todos, frente a trânsitos em nichos específicos, como o acadêmico; e o quanto esse sistema confirma, ou exerce força, sobre a forma como a ENC se apresenta e às suas pretensões. Shinner (2004), Becker (2008), Chagas (2018) e Mercier (2020) são alguns dos teóricos que nos ajudarão no percurso.

A revitalização da obra literária: José de Alencar e seus manuscritos

Marcelo Peloggio (UFC)

Resumo O trabalho trata da revitalização do conteúdo literário na obra de José de Alencar, a partir da interpretação de material inédito, de forma a exemplificar o diálogo permanente entre o autor e a sua obra. Pois, no caso em questão, firma-se, a cada texto, um novo cruzamento de ideias, que há de refletir o de outros campos textuais, nos quais, em momento diverso, lançou o próprio autor os mais variados conceitos e opiniões. Assim, é nosso objetivo trazer à luz esse diálogo decisivo, estabelecido entre o material inédito e o conjunto da obra alencarina, o que promove reajustes e inserções. Traço de união que desafia e supera o caráter taxativo da síntese classificatória. Foi então no sentido de se combater nesta a opinião cediça que buscamos a revitalização da obra geral alencarina por meio da leitura crítico-teórica de textos pouco estudados ou ainda desconhecidos do autor cearense, de sorte a se lhe encarar a produção a partir de um ponto de vista mais amplo e profundo. Em razão desse maior alcance, operou-se não apenas a leitura e análise do material crítico, mas também a abordagem teórica dos textos, o que abriu outra frente (por sinal, decisiva) no processo de revitalização: a da transcrição de manuscritos autógrafos

A vitória é uma ilusão de filósofos e néscios: uma leitura do cansaço em “O som e a fúria” de William Faulkner

Gleydson André da Silva Ferreira (UNICAMP)

Resumo Nos “Cursos de estética”, Hegel manifesta certo incomodo em relação ao desfecho de “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister” de Goethe. Isso porque, em abandono dos ideais intelectuais e estéticos perseguidos anteriormente, Meister adere à vida burguesa, casando-se e alcançando boa colocação social. Há então um cansaço final que transforma o protagonista, de acordo com Hegel, em um filisteu como qualquer outro. Já em “A rebelião das massas”, José Ortega y Gasset distingue, tanto no século XVIII quanto no XIX, uma juventude cansada: no primeiro caso, com o romantismo, os jovens se voltaram ao passado mais antigo, sendo tomados pela apatia; no segundo, em função da ascensão do capitalismo, adotaram atitudes fatigadas, moldando-se conforme os desígnios empresariais. No começo do século XX, Mário de Andrade, em “Da fadiga intelectual”, descreve os personagens de James Joyce como uns mornos fatigados, de uma realidade quase fotográfica, haja vista que, em “Ulysses”, praticamente não ocorrem ações relevantes. Nesse trabalho se debate o cansaço, propondo-o como categoria estética. Desse modo se privilegia, a princípio, uma abordagem teórica, para, em seguida, se proceder à análise de “O som e a fúria” de William Faulkner. Destaca-se, nesse encadeamento, a supressão dos momentos decisivos para adoção de seus efeitos fatigados, configurando uma narrativa cujos acontecimentos principais se encontram distanciados no tempo e no espaço. Também se considera, para a crítica do cansaço, o aspecto econômico, evidenciado no romance pelo fracasso das sucessivas gerações dos Compson, como legado familiar.

Antirrealismo e Ficção pós-correlacionista

Lucas de Jesus Santos (UNICAMP/UFBA)

Resumo Como Ursula K. Heise apontou em seu importante artigo, “The Hitchhiker’s Guide to Ecocriticism”, a influência tardia do movimento ambientalista nos Estudos Literários se deu pela forte herança

da obra de filósofos e críticos franceses do anos 1960 e 1970, cujo pressuposto fundamental era o de desnaturalizar os parâmetros sociais e filosóficos tradicionais. Nesse sentido, essa posição dificultou a inserção nos Estudos Literários de um movimento que objetivava re-discutir as relações entre humanidade e natureza. Este trabalho amplia o escopo dessa questão e propõe discutir a posição Antirrealista nos Estudos Literários, apontando suas limitações e indicando uma via de escape para se pensar uma reaproximação com a exterioridade. O Antirrealismo é definido como a posição segundo a qual o discurso literário é orientado a si próprio e não guarda conexões com qualquer exterioridade (o real, a natureza, a sociedade, etc.). Este argumento é baseado, por sua vez, em uma variedade de movimentos filosóficos que, pelo menos desde Kant, vêm promovendo uma espécie de crítica epistemológica da ontologia, subsumindo a pergunta pela existência na pergunta pelo acesso à existência. Essa posição acaba por restringir qualquer discurso sobre a exterioridade ao campo que permite seu acesso, isto é, aos parâmetros que condicionam as investidas (humanas) ao exterior (linguagem, consciência etc.). Nosso plano de ação, então, consiste em levantar alguns parâmetros argumentativos da posição Antirrealista, apontar suas contradições e, em seguida, traçar um caminho que nos possibilite um discurso sobre a exterioridade. Para isso, seguimos dois passos: 1) apresentamos a noção de correlacionismo que nos permite endereçar e descrever o processo complexo da posição Antirrealista e estabelecer sua crítica; 2) interpretamos o ensaio de Juan José Saer, “La canción material”, como uma proposta de saída para o impasse.

As críticas da colonialidade e a literatura mundo diante dos estudos críticos da raça

Rodrigo Octávio Águeda Bandeira Cardoso (UNICAMP)

Resumo Eagleton mostra com os Estudos Literários ingleses se institucionalizaram como instrumento de coesão nacional, adotando a literatura como uma ideologia capaz de aplacar tensões sociais e plasmar os sentimentos necessários para justificar domesticamente os projetos imperialistas da Inglaterra. A ocidentalização do mundo levada à cabo pela globalização do capitalismo produziu histórias

semelhantes para os Estudos Literários em diversos países, entretanto marcadas pelo desenvolvimento desigual e combinado, o eurocentrismo e o racial enquanto marcador da globalidade, o que se evidencia pelo eurocentrismo e a fixação no cânone predominantes no campo da Literatura Comparada. No fim do século XX, após a descolonização da África e da Ásia, os estudos pós-coloniais buscaram refletir sobre os efeitos da colonização, as formas de hibridismo e as implicações e limitações do projeto universalista-humanista do Iluminismo nas ex-colônias do imperialismo europeu. Junto aos Estudos Culturais e incorporando os desenvolvimentos teóricos do pós-estruturalismo, evidenciaram a presença espectral da colonialidade nos textos do cânone europeu e revelaram os diálogos comparativos latentes com obras produzidas no mundo pós-colonial como formas de resistência e inscrição no cânone literário, abrindo caminho para a formação do campo da Literatura Mundial. Produzidos predominantemente nas grandes universidades do mundo anglófono por acadêmicos não brancos, a intelectualidade predominantemente branca das universidades latino-americanas resistiu por muito tempo à teoria pós-colonial, respondendo eventualmente com sua própria teoria decolonial, observando as experiências dos povos indígenas da América Latina e a situação de seu colonialismo interno, mas quase sempre através da mediação de acadêmicos da elite intelectual branca. Isso não impediu que o decolonial fosse apropriado e transformado por militantes e intelectuais não-brancos como forma de crítica cultural e projeto político. Essa comunicação procura fazer um panorama da situação das críticas da colonialidade e da literatura mundial explicitando suas diferenças e percursos na Teoria da Literatura hoje.

Breves considerações sobre a historiografia literária romântica

Constantino Luz de Medeiros (UFMG)

Resumo A comunicação tem o intuito de discutir os fundamentos teóricos e históricos da historiografia literária romântica nos séculos XVIII e XIX, em autores alemães e brasileiros. Por intermédio do estudo de fontes originais e de textos de filosofia da história e filosofia da arte do século XVIII, busca-se compreender a aproximação recíproca

entre a historiografia literária romântica do século XIX, e as filosofias da história e da arte do século XVIII. Almeja-se, desse modo, a aproximação recíproca entre historiadores da literatura, como os irmãos Schlegel, Friedrich Bouterwek, Ferdinand Wolf, Ferdinand Denis, Sismonde de Sismondi, Carl Schlichthorst, Juan Valera y Alcalá Galiano – e pensadores da história e da arte, como Giambattista Vico, Johann Joachim Winckelmann, Johann Gottfried Herder, Gotthold Ephraim Lessing, Anthony Ashley-Cooper Shaftesbury, Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Schiller, Immanuel Kant, François Marie-Arouet, também conhecido por Voltaire, Denis Diderot, David Hume, entre outros. A hipótese central é que as filosofias da história e da arte do século XVIII, em sua adesão ao denominado paradigma orgânico, assim como em sua estrita filiação à tradição humanista, servem de fundamento ao modo como os historiógrafos de literatura compreenderam obras, estilos, autores, tendências, e o desenvolvimento dos fenômenos literários. A forma como esses pensadores concebem as fases da literatura remonta às filosofias da história e da arte encontradas em obras como a *Ciência Nova*, de Giambattista Vico, publicada em 1740, *Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura* (1755), *História da arte da Antiguidade* (1764), de Johann Joachim Winckelmann, ou ainda em *Também para uma filosofia da história da humanidade* (1774), de Johann Gottfried Herder. Desse modo, a análise das filosofias da história e da arte do século XVIII possibilitará a compreensão da historiografia literária romântica e sua forma de conceber os mais diversos fenômenos literários.

Crítica Literária e Educação de Adultos na Grã-Bretanha dos anos 1950

Yasmim Manatta Camardelli (UNICAMP)

Resumo O seguinte trabalho, intitulado “Crítica Literária e Educação de Adultos na Grã-Bretanha dos anos 1950”, tem por objetivo debater como a ideia de “crítica”, em especial de “crítica literária”, é central para o desenvolvimento do debate educativo no campo da Educação de Adultos na Inglaterra deste período. Nosso foco será a movimentação de dois importantes intelectuais. O primeiro é F.R. Leavis, que durante os anos 1930, em meio a diversas disputas do

campo universitário, desenvolve e canoniza um projeto de crítica literária tendo como base o método que ficou conhecido como “Close Reading”. Nossa atenção estará voltada especificamente para a dupla significação, e aos valores associados a elas, que a palavra “crítica” passa a incorporar. Por um lado, ela passa a se referir à capacidade de emitir um “juízo crítico” a respeito de um determinado objeto literário e, por outro, está associada a um treinamento das habilidades de leitura. Esses dois sentidos vão ser estendidos, elaborados e refutados dentro do conflituoso cenário educacional britânico, mas em especial, dentro do movimento da Educação de Adultos. Nesse sentido, o segundo intelectual a quem vamos nos dedicar é Raymond Williams, ator decisivo desse processo que tem início nos anos 1950. Vamos explorar como a atuação de Williams é fundamental tanto para estender o projeto pedagógico de Leavis ao campo da educação popular como para, ao longo desse processo de disputa de sentido em torno da palavra “crítica”, romper com ele e dar início à disciplina que hoje conhecemos como Estudos Culturais.

Debate em torno do estruturalismo no Brasil

Ana Karla Carvalho Canarinos (UNICAMP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo apontar uma possível relação entre a querela do estruturalismo e as disputas entre diferentes modos de narrar a nação na crítica literária da década de 1960 no Brasil. Para tanto, serão consideradas as produções *Dispersa Demanda*, de Luiz Costa Lima; *Ao vencedor as batatas*, de Roberto Schwarz e, finalmente, *Uma literatura nos trópicos*, de Silviano Santiago. A hipótese inicial desta apresentação se desdobra em duas partes: 1) As divergências em relação ao estruturalismo geram disputas no campo da crítica literária; 2) O debate em torno do estruturalismo ultrapassa a oposição binária entre crítica engajada e crítica formalista, assumindo diferentes discursos que buscam a hegemonia do discurso pedagógico sobre a nação. Segundo Craig Calhoun, em “O nacionalismo importa”, “o nacionalismo é uma formação discursiva que dá forma ao mundo moderno. É um modo de falar, escrever e pensar sobre as unidades básicas da cultura, política e noção de seu lugar no mundo” (CALHOUN, 2008, p. 37). Sob este aspecto, a importação da

teoria literária acendeu a polêmica entre os adeptos do estruturalismo e a esquerda engajada, deixando de ser simplesmente um embate teórico para tornar-se inclusive um posicionamento político diante da Ditadura Militar e, conseqüentemente, um discurso sobre a nação. Em suma, ao longo desta apresentação pretendemos retornar à polêmica em torno do estruturalismo de modo a repensar qual discurso sobre a nação a crítica literária brasileira – elite intelectual – pretende construir, quais discursos são rejeitados e ignorados por ela e como o embate entre crítica marxista e crítica estruturalista apontam para um debate sobre a formação discursiva da nação.

Estudos da epistemologia do romance: implicações teóricas e aberturas dialógicas

Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB)

Resumo Os desafios para se lidar com teoria e método no âmbito da investigação literária não se encerram apenas em um programa disciplinar. Quando a literatura passa a se tornar objeto de investigação estética e especulação filosófica, a questão problematizadora enfrentada por esse campo se interessará, em um primeiro momento, pela natureza desse objeto. Considerando as nuances que a linguagem literária acumula em seu universo de criação, especialmente diante das aberturas teóricas que os estudos comparados provocam, este trabalho propõe explorar aspectos da teoria da Epistemologia do Romance (ER) a fim de pensar seus caminhos constitutivos de conhecimento estético e as possibilidades de ampliação para outras esferas artísticas além do romance. Acatando as provocações epistemológicas que tal teoria engendra, especialmente pelo confronto com uma epistemologia tradicional e avanço para perspectivas sensíveis do conhecimento presente na arte, para realização desta reflexão será necessário pensar o que é a ER e como ela se apresenta na esfera da literatura comparada; quais explorações estéticas vêm sendo elaboradas a partir desse viés teórico e como, ao considerar os eixos disciplinares da Estética, Epistemologia e Hermenêutica, é possível aproximá-la de outros campos artísticos. Desse modo, observando as bases epistemológicas que permeiam os campos de estudos teóricos e críticos das artes em geral, a ER abre espaço para retomar aspectos

filosóficos basilares para se pensar a literatura em diálogo com outras linguagens e outros espaços de conhecimento.

Metodologia sem método: a primazia do objeto e a atualidade da crítica dialética

Rogério Rufino de Oliveira (UFES)

Resumo Esta é uma reflexão sobre a relação entre o estético ou, mais precisamente, a literatura, e a constituição de objetos artísticos e/ou literários específicos, mediada por uma consideração histórico-sistemática, nos termos em que Georg Lukács escreveu na *Estética I* (1966, p. 263). Isto é, a aparição e a extinção de formas e gêneros específicos, enquanto processos históricos, tanto podem ser analisadas via conceitos tradicionais de teorias estéticas e literárias, como simultaneamente as manifestações artísticas particulares emergentes impelirão o pensamento ao universal. Em *Sem diretriz – Parva aesthetica* (2021, p. 56 e 57), Theodor Adorno ponderou acerca dos problemas da aplicação teórica na crítica quando ainda se recorre a diretrizes normativas, sobretudo a partir da arte moderna. No entanto, a solução estaria tampouco na apreciação empirista situada no limite da particularidade. Diante do aparente impasse, argumenta-se, com esses dois pensadores, que a análise imanente das obras, a consideração dos materiais que as constituem e as conformam à expressão, torna-se a atitude adequada por parte da crítica. Os elementos internos de um objeto artístico não devem ser considerados como entes abstratos e atomistas, vazios de intencionalidade própria, mas portadores de sedimentos históricos repletos de sentidos que, em vez de se submeterem passivamente à composição autoral, operam uma mediação capaz de determinar qualitativamente a construção objetiva. Na literatura, as criações da linguagem, quando trabalham com palavras e as organizam semântica e sintaticamente à racionalidade da narração, dão prova não apenas de que a forma é o desfecho concreto de uma essência, mas de que a crítica literária, a cada exercício analítico, precisa, por assim dizer, julgar e ser julgada pelo texto que a ela se apresenta. Pretende-se demonstrar que a crítica imanente e dialética se mantém atual e pertinente frente à multiplicidade de experimentos da literatura contemporânea.

O processo reescriturístico da Amazônia sob o olhar de Alfredo no Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir

Helen Suzandrey Maia Sousa (Universidade de Coimbra)

Resumo Este trabalho tem por finalidade analisar a complexidade do fenômeno reescriturístico da Amazônia, bem como a sobrevida da personagem Alfredo na saga dalcidiana do chamado Ciclo do Extremo Norte. A fortuna crítica que envolve a literatura dalcidiana merece destaque dentro do cenário de pesquisas em torno da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, assunto que causou a defesa de opiniões díspares no que diz respeito à compreensão e diferenças entre a “Literatura Amazônica” e a de “Expressão Amazônica”. Dalcídio Jurandir retrata em suas narrativas a vida de personagens que constroem um enredo para a vida de Alfredo. Com uma peculiar forma de descrever a Amazônia, fornece uma enciclopédia linguística que caracteriza o povo daquela região: sons, narrativas, personagens que só existem neste território brasileiro, tão pouco explorado pela literatura mundial. Considerando os objetivos delineados para esta comunicação, procederemos à leitura analítica das obras *Chove nos Campos de Cachoeira*, *Três Casas e um Rio*, *Belém do Grão-Pará*, *Primeira Manhã* e *Ribanceira* (obra que encerra o Ciclo do Extremo norte), tendo em vista o objetivo de investigar a trajetória de Alfredo, personagem principal das tramas, que será o foco central deste estudo. Balizamos nossa pesquisa em leituras e análises de bibliografias especializadas sobre os conceitos de transtextualidade, discursividade, sobrevida das personagens e a relação intrínseca com o texto literário e, para além disso, a concepção de espaço como vetor estruturante da condição e vivência da personagem. Para fundamentar tais parâmetros, tomaremos por base os conceitos de Transtextualidade de Gérard Genette em *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Haja vista que estes estudos nos fornecerão as coordenadas teóricas e os instrumentos de análise necessários para balizar e fundamentar a abordagem escolhida sobre os aspectos ligados aos romances.

Simpósio 9**Arquivo e inacabamento:****escritas lacunares e pensadores/as-catadores/as**

Aline Leal Fernandes Barbosa (PUC-Rio)

Natalie Souza de Araujo Lima (UFF)

Paloma Vidal (UNIFESP)

Resumo A concepção da escrita como uma prática rumo ao inacabado, ao informe, ao processual e ao residual, e não como um produto acabado ou uma forma estabelecida, foi partilhada por diferentes teóricos e vem sendo desdobrada pela crítica e pela produção literária mais recentes. Em *Crítica e clínica*, Gilles Deleuze retomou a noção de devir a fim de liberar o texto literário de uma função representativa e aproximá-lo da ideia de processo. Décadas antes, Maurice Blanchot propôs um conceito de fragmentário que investiu contra a ideia do texto como unidade fechada e permitiu que o lacunar não fosse visto como a simples interrupção de um contínuo, mas como outra possibilidade relacional entre enunciados. Desde o final da década de 1960, e sobretudo em *A preparação do romance*, Roland Barthes passou a encenar-se como alguém cuja escrita estava ligada a uma produção desejante que precisava ser exibida em seus impasses e fracassos. Também Walter Benjamin teve um projeto inacabado, que, entretanto, tornou-se fundamental para a compreensão de diferentes aspectos de seu pensamento: o trabalho das Passagens, compilação de milhares de fragmentos pesquisados na Biblioteca Nacional da França cujo objetivo era recriar a Paris do XIX, foi uma empreitada arqueológica e arquivística interrompida pela morte de seu autor. Benjamin foi um pensador-catador que trouxe para dentro de sua obra uma prática do arquivo que nos interessa recuperar neste simpósio, na direção de uma reflexão sobre escritas lacunares e projetos inacabados. Cadernos, cartas, listas, notas, bilhetes, fotos – o material em torno de uma obra é múltiplo em suportes, processos e escritas. Pesquisar arquivos significa relacionar a obra publicada com os registros de sua elaboração, revelar a tensão entre arte e vida, a constituição da escrita literária como articulação de fragmentos de diferentes planos da memória coletiva e individual, as condições de produção e circulação dos textos. Destaca-se não somente a história do sucesso, daquilo que tradicionalmente se reconhece

como objeto literário, mas também a história do que ficou no meio do caminho, e a interdependência entre essas esferas. Se o arquivo tem lugar no desfalecimento da memória – como diz Derrida, seu “substituto deformado” –, é sempre uma perda em relação ao que arquiva, uma subtração – deliberada ou involuntária – da sua origem. Será trabalho do/a pensador/a-catador/a inserir-se nessas lacunas e cavidades, traçar relações perdidas ou imaginadas, fazer desta subtração uma sobrevivência. Tal gesto ecoa o que diz Raúl Antelo em “O Arquivo e o presente”: os arquivos seriam espaços simbólicos sujeitos a metamorfoses, que por sua vez resultariam da combinação entre acúmulo material e esquecimento. Surge assim o an-arquivista, que abre mão de buscar sincronias entre arquivo e obra e experimenta um desencontro temporal com ambos, numa anacronia que atinge seu presente, “hipertemporalizando-o”. Essa experiência temporal é verificável no contexto latino-americano quando notamos, via Josefina Ludmer, que a pós-autonomia na literatura e os “saltos modernizadores” promovidos na região fazem do arquivo um repositório de tempos não vividos, estancados em repetições e retornos cuja vida póstuma – a *Nachleben* de Aby Warburg – embaralha linguagens e discursos, referente e ficção. Tendo em vista que as práticas do arquivo podem ser deslocadas e torcidas para diferentes finalidades reflexivas e artísticas, referindo-se, inclusive, a produções não letradas, como apresentou Diana Taylor em *Arquivo e repertório*, receberemos propostas que abordem escritas num sentido amplo – poético, narrativo, teatral, plástico, vocal, em diferentes suportes – que se esquivam da ideia de totalidade, centro e reiteração, para indicar inacabamento, resíduo, devir, guiando-se pelos seguintes eixos propostos: – escritas lacunares, em que espaços não preenchidos de sentido, com a exibição do processo, dos impasses e até do fracasso da obra, permanecem como potência de leitura e de reescrita, como nas narrativas *La novela luminosa*, de Mario Levrero, *El zorro de arriba y el zorro de abajo*, de José María Arguedas, Machado, de Silviano Santiago, *Dora Bruder*, de Patrick Modiano; no ensaio com imagens *Cascas*, de Georges Didi-Huberman, ou no livro *Ensaio geral*, de Nuno Ramos; – pensadores/as-catadores/as, em que compreendemos teóricos/as e artistas que trabalham a partir de usos inventivos de arquivos feitos de materiais heterogêneos: Walter Benjamin, Carolina Maria de Jesus, Roland Barthes, Agnès Varda, Bispo do Rosário, Aby Warburg, Jorge Luis Borges, Eduardo Coutinho, entre outros;

– projetos inacabados, individuais ou coletivos, artísticos e críticos, que não chegaram a se realizar enquanto produtos, mas mobilizaram possibilidades de invenção e reflexão: A preparação do romance, de Roland Barthes, o trabalho das Passagens, de Benjamin ou o Conglomerado newyorkaises, de Hélio Oiticica; – e encenações do arquivo, quando imagens, listas, diários, espaços e outros materiais aparecem em escritas contemporâneas como coleção aberta e heterogênea: Nove noites, de Bernardo Carvalho, Lorde, de João Gilberto Noll, Arquivo das crianças perdidas, de Valeria Luiselli; dos biodramas de Vivi Tellas e de outras produções documentais do teatro contemporâneo; e de trabalhos de Rosângela Rennó.

“O que te escrevo continua”: a obra lacunar de Clarice Lispector

Mislene das Neves Firmino (UNIFESP)

Resumo O presente trabalho visa, além de estabelecer redes interpretativas e analíticas em torno de *Água viva*, fomentar a crítica literária da obra escrita e publicada pela primeira vez em 1973 por Clarice Lispector. A fim de mergulhar no universo sensorial da escritora, propomo-nos a observar o processo de gestação de *Água viva*, que de *Atrás do pensamento*: monólogo com a vida passou a ser, posteriormente, *Objeto gritante* – versões que sequer chegaram a ser publicadas. Sabe-se que o trabalho da escritora, até a decisão efetiva pela publicação do livro, fundamentou-se sobretudo em cortes e rasuras que culminaram na exclusão de quase cem páginas, conforme elucidada um de seus tradutores, Alexandrino E. Severino (1989). Ao analisar brevemente as diferentes versões interessa-nos principalmente olhar a obra como um processo – e não como um fim. É de nosso interesse investigar de que forma a rasura, ao mesmo tempo em que sobrepõe um traço, apaga não apagando, ou seja, de que maneira esses apagamentos são, também, rastros, marcas, da presença da escritora. Entendemos que o processo de sedimentação de *Água viva* nada mais é do que a tentativa de se chegar, também, ao *é da coisa*, a busca incessante por captar o instante, por dizer o indizível. Assim, o processo de redução procura encontrar o centro, o próprio *it*, segundo Blanchot “um livro, mesmo fragmentário, possui um centro que o atrai: centro esse que não é fixo mas se desloca pela pressão

do livro e pelas circunstâncias de sua composição” (2011, p. 9). Além disso, entendemos que *Água viva* pode ser lida como uma obra aberta, pois que sua completude está para acontecer sempre na próxima leitura; não à toa, a obra termina apontando para o infinito: “O que te escrevo continua e estou enfeitiçada”.

...e tive 13 anos outra vez

Sofia Baptista Karam

Resumo Rio de Janeiro, 1993, 13 anos: praia de Ipanema, Tablado, Circo Voador, cinema, música, Basement, insegurança, uma certa falta de autoestima, vontade de se apaixonar, “ninguém gosta de mim”, “nenhum menino se interessa por mim, só pelas minhas amigas”, “qual é o meu problema?”, a sensação de não saber. Um misto de meninice, falando dos meninos gatos e das horas que passava ao telefone, escutando música ou vendo MTV; e um mundo de pensamento que se anunciava, muitos filmes, anotações de frases feitas de Susan Sontag, Paul Klee, Victor Hugo, e outras como: “Shakespeare é deus”, “Vida de Artista”, “The art of rock n’roll”. Um mundo fervilhando, “eu amo muito D+ a vida e quero fazer muitos, muitos aniversários”. Os dias eram cheios e os escritos evocam as intensidades da época: dias com 3 filmes no vídeo, praia, saídas que varavam a noite e terminavam com uma parada na padaria depois do pôr-do-sol no Arpoador, muitos nomes de amigas e amigos. Uma relação muito forte e amorosa com a mãe, longas conversas com a avó paterna. Proponho uma comunicação a partir da abertura de um baú de lembranças pessoais – que trazem à tona um pedaço de adolescência de um grupo de meninas e meninos da zona sul – centrada no encontro com uma agenda/diário de quando a pesquisadora tinha 13 anos. Uma fala em forma de carta, que seria endereçada a um cantor de uma banda de rock, que a menina “amava” na época. De forma epistolar, catando sentidos e sensações por entre as anotações, ensaiando uma escrita como se estivesse no corpo da menina aos 13, no momento da experiência, e, de repente saltasse para os dias de hoje, para o corpo da pesquisadora, com o olhar da lembrança, da descoberta de um pedaço de vida arquivado.

A escritura como gesto de curadoria

Giovani Tridapalli Kurz (UFPR)

Resumo É possível rastrear aos anos 1960, com a emergência da crítica genética, o primeiro ímpeto científico de sistematização das práticas de escritura. Com a criação do grupo de pesquisa em torno dos manuscritos de Heinrich Heine, e a posterior fundação do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos, o ITEM, em Paris, institui-se a pesquisa sobre o manuscrito literário e, por extensão, aos processos de criação – gradualmente ampliado da literatura às artes plásticas, ao teatro, ao cinema, à tradução. De Louis Hay e Almuth Gréssillon, que propõem ainda em contexto francês as primeiras balizas para uma investigação genética, a Philippe Willemart, Cecília Almeida Salles e Élide Lois, que releem e transformam a reflexão sobre a escritura de modo a expandi-la para âmbito não-europeu, passando por Pierre-Marc de Biasi e Daniel Ferrer, que, concentrados em novas práticas, repensam o próprio estudo sobre criação, propõe-se aqui um passo além na reflexão sobre o gesto de escritura. Com a escrita criativa em xeque, especialmente à sombra de uma possibilidade não-criativa – com Kenneth Goldsmith e Leonardo Villa-Forte, por exemplo –, pode-se pensar a escritura, hoje, não a partir de conhecimento e produção, mas a partir de recorte e triagem: a criação como seleção, a escritura como curadoria. Coloca-se sob análise a própria categoria de “autor” – que, de morte em morte, sobrevive trôpego por leituras de Maurice Blanchot a Leonor Arfuch, passando por Michel Foucault e Giorgio Agamben. Com uma abundância imensurável de possibilidades intertextuais, é urgente repensar o ímpeto criativo pelo seu contexto contemporâneo e colocar em debate a singularidade da autoria.

A escuta do olhar na cena proustiana

Francisco Renato de Souza (UFRJ)

Resumo Nos volumes *No caminho de Swann* e *Sodoma e Gomorra*, o narrador de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, destaca o efeito que a observação das cenas de Montjouvain e do Pátio dos

Guermantes traria para a sua formação moral – cenas com componentes de homossexualidade, voyeurismo, sadismo e profanação que promoverão ainda o desvio do olhar do narrador, do foco narrativo e da estruturação narrativa da obra proustiana. O efeito dessas cenas se fará presente nas cenas imaginárias de ciúmes que fomentarão a busca pela cena da homossexualidade da companheira Albertine que, nunca efetivada, permanecerá como a cena ausente nos volumes *A prisioneira* e *A fugitiva*. Surgindo como eventos ocasionais que cruzam o campo de visão do narrador e o colocam na posição de observador clandestino, as cenas se apresentariam como dadas ao olhar. Todavia, pretende-se averiguar o processo de elaboração dessas duas cenas observadas como uma derivação de fragmentos de escuta das falas dos demais personagens da obra, que são colhidos pelo narrador, de forma voluntária e involuntária, e promovem um procedimento narrativo que se faria pelo que Hélène Cixous denomina, em “Saber ver”, de miopia do olhar. Precedendo à observação espontânea, as cenas elaboradas por essa escuta residual comporiam uma narrativa paralela que prevaleceria sobre a soberania do olhar absoluto do narrador proustiano, seja pela composição que se faz pelas lacunas que se perdem entre os ditos e os não ditos que a sua escuta (não) apreende, seja pelo desvio que a escuta promove no olhar do narrador e no foco narrativo da obra, que finda por manter inacabada a cena efetiva da homossexualidade de Albertine que, por resíduos de fala, se liberta, assim como a narrativa da Busca, do controle visual do narrador.

A poética lacunar de Safo de Lesbos: inscrições do tempo e do desejo no fragmento 94

Felipe Vilmar da Motta Veiga (PUC-Rio)

Resumo A poesia mélica de Safo de Lesbos, que floresce em Miti-lene no final do século 7 a.C., atravessou várias épocas e continua a chegar às nossas mãos à medida que sucedem novas escavações arqueológicas. Transcritos em manuais e antologias antigas, sobreviventes graças ao trabalho de transmissão levado a cabo por gerações de escribas gregos, egípcios e bizantinos, os poemas de Safo descobertos pela arqueologia encontram-se gravados em determinados

suportes que hoje não passam, contudo, de farrapos de papiro e pedaços de pergaminho corroídos pelo tempo. São poemas que, retirados dos escombros, encarnam eles mesmos uma paisagem em ruínas: surgem parcialmente apagados, rasgados, atravessados de lacunas. Faltam ali palavras, versos ou estrofes inteiras. Por isso, diferentemente do que ocorre com a escrita em fragmentos encampada na modernidade pelos românticos ou pelas vanguardas europeias, a forma fragmentária do corpus sáfico não tem aspecto programático e não resulta de escolhas propositais da poetisa de Lesbos. No fragmento 94, por exemplo, conservado num frágil pergaminho do século 6 d.C., repleto de rasgos e apagamentos, é a própria ação do tempo que junto ao texto se inscreve e se dá a ver. Mas se as lacunas, por um lado, impõem limites à compreensão que fazemos do texto, por outro abrem-no a uma diversidade de interpretações possíveis. Longe de inviabilizarem a leitura, desafiam a imaginação do leitor contemporâneo, instigam a sua curiosidade e participam da construção do sentido do poema. Assim é que esta comunicação, além de propor uma tradução do fragmento 94 que se apoie nos signos linguísticos legíveis sem deixar de trazer à tona a potência das ausências que o perpassam, pretende discutir de que maneira a precariedade material do suporte condiciona a atribuição de sentido e articula-se à temática desse texto, que fala de desejo, despedida e memória.

Abrindo o arquivo de Hélio Oiticica: poesia entre 1964 e 1968

Annelise Estrella Galeazzi (UNICAMP)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre aspectos pragmáticos que rondam parte do arquivo de Hélio Oiticica. No nosso caso, o corpus de análise é composto por 30 folhas, manuscritas e datilografadas entre 1964 e 1968, nas quais se concentram 25 poemas e um texto ensaístico do artista a respeito do seu próprio exercício poético. Pretende-se apresentar as características gerais desse arquivo, tais como se encontram nos aspectos peritextuais (GENETTE, 2009), por exemplo, além de discutir a possibilidade de tratá-los como um projeto inacabado ou não. Nesse sentido, por um lado, se é verdade que a obra chega a bom termo quando é trazida a público, aqui se tem um projeto poético inacabado, uma vez que, ao mantê-lo em

arquivo, Oiticica assegura-se fora do compromisso com um resultado final; por outro lado, o arquivamento dessas folhas nas quais não há marcas de revisão nem de outros impasses, características comuns aos arquivos de escritor, parece apresentar essa poética como produto final, um projeto acabado por parte de Oiticica. Seja como for, são fundamentais a circulação e a discussão desses 25 poemas inéditos de Hélio Oiticica a fim de tornar a obra pública, adquirindo, dessa forma, valor cultural e social. Por fim, pretende-se dialogar com a ideia de privilégio hermenêutico (MARQUES, 2015), uma vez que não há o conhecimento de outras pesquisas que trabalhem de maneira a produzir uma crítica literária em torno desses poemas de Hélio Oiticica escritos entre 1964 e 1968.

Alegorias do tempo: Vieira e Benjamin

Patricia de Freitas Camargo (USP)

Resumo Este trabalho pretende confrontar a situação de inacabamento de duas obras: *Das Passagen-Werk* (1982) de Walter Benjamin e o *Livro Antepreimeiro da História do Futuro* (1718) do Padre Antônio Vieira. Em certa medida as duas obras se assemelham pelo fato de terem sido escritas em situação de urgência: *Das Passagen-Werk* é parte do empenho intelectual de Benjamin contra a ascensão do fascismo nos anos 30 do século XX, e os capítulos da *História do Futuro* são escritos no contexto da disputa contra as acusações da Inquisição portuguesa e a “corrida contra o tempo” que Vieira acreditava ser o do cumprimento das profecias bíblicas. Publicadas postumamente, seus autores tiveram que enfrentar a incompreensão de seu tempo e situações de grave perseguição. Separadas por séculos e contextos culturais diferentes, essas obras permitem observar, a partir do confronto dos pressupostos de composição de cada uma delas, o que há de descontínuo nos conceitos de alegoria, tempo e história, e algumas permanências menos evidentes, como o fundamento teológico da linguagem e uma forma de imperfeição estrutural, perceptível justamente no exame de materiais de arquivo, como cartas, depoimentos e textos que cercaram o momento de composição. Utilizando o que se poderia chamar de um modelo arqueológico de crítica, proposto por João Adolfo Hansen desde 1989 em seus vários estudos

sobre práticas de representação luso-brasileira do século XVII, este trabalho pretende analisar as duas obras em sua particularidade histórica, mas também em seu alcance para uma crítica do próprio conceito de obra literária. O exame dos modos diferentes de recolher indícios para o reconhecimento do próprio tempo, e o exame das leituras alegóricas de imagens nessas obras revelam a amplitude de visualidades condicionadas culturalmente, seja por articulações retórico-teológico-políticas (ALCIR PÉCORA, 1994) seja pela sua técnica de produção (WALTER BENJAMIN, 1936).

Arquivo literário e edição no *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares

Isabela Mendonça de Carvalho Monteiro (CEFET-MG)

Resumo Esta apresentação abordará a escrita e a edição do *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares, obra publicada virtualmente durante a pandemia de 2020 e impressa em 2021 sob o título *Diário da Peste – O Ano de 2020*. Escrito durante o isolamento em função da pandemia de 2020, o *Diário da Peste* registra não apenas os dias, mas consigna, simultaneamente, pensamentos sobre a obra, sobre os acontecimentos e sobre a vida daquele que escreve. Com as particularidades da virtualidade, mostraremos como esse diário, impulsionado por um acontecimento mundial, opera como uma espécie de arquivo, de memória do mundo, não se restringindo ao cotidiano de Gonçalo Tavares – como a utilização da palavra “diário” talvez leve a crer. A partir de aspectos relacionados à memória, ao documento e à vivência daquele momento, pretende-se apresentar o modo como eles aparecem e são articulados nos textos do *Diário da Peste*, para então aproximá-los da teoria do arquivo de Jacques Derrida, presente em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. A aproximação dos procedimentos de escrita e edição utilizados por Gonçalo Tavares com a teoria do arquivo visa a estabelecer uma ligação entre os processos de criação e arquivamento digital do *Diário da Peste* como fatores significativos para a produção literária. Por fim, mostraremos como a publicação virtual foi transposta para o suporte impresso.

Biografías conversadas. Escrituras de vidas y conversación en algunos libros recientes

Patricio Miguel Fontana (CONICET)

Resumo En los últimos años se publicaron en la Argentina varios libros que hacen de la conversación una práctica central de la escritura biográfica. Esos libros son, entre otros, *Magnetizado*, de Carlos Busqued, *Nací para ser breve*, de Gabriela Massuh o *Mi padre y yo*, de Gonzalo Santos. En cada uno de ellos se cuenta una vida: la del asesino Ricardo Melogno, en Busqued, la de la autora María Elena Walsh, en el de Massuh, y la del plástico Enrique Breccia, en el de Santos. Y también, en cada uno de ellos, la conversación entre el biógrafo-entrevistador y el biografiado/entrevistado no es un antes del libro sino una práctica (oral) que determina su forma (escrita). En este sentido, podría decirse que estos libros postulan una literatura que oscila entre lo biográfico y lo autobiográfico, y entre lo oral y lo escrito, sin instalarse en ninguno de esos territorios de manera definitiva. En todo caso, son biografías inacabadas o, según lo propuso el crítico Antonio Marcos Pereira, biografías del proceso. En efecto, los autores de estos libros escriben menos de lo que podrían escribir y son, antes que escritores, transcriptores y editores del material oral recogido por su grabador. Y, antes que eso, hábiles conversadores. Al respecto, podría hablarse de esos libros inclasificables como de libros-archivo que solicitan una participación activa del lector para que la narración biográfica adquiera una forma más acabada. Son, también, biografías en potencia que, por ello, rehúyen cualquier voluntad de acabamiento. En síntesis, en el marco de este simposio, propongo leer esos libros como escrituras biográficas que, por el uso que hacen de un género de la oralidad que se caracteriza, como lo apuntó Barthes, por su inestabilidad formal, ponen en crisis la idea de obra literaria concluida o acabada.

Do arquivo à câmara clara: a escritura verbo-visual de Valêncio Xavier em *Minha mãe morrendo e o menino mentido*

Romulo Valle Salvino (UFF)

Resumo *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, conjunto de três novelas ou álbuns de Valêncio Xavier, é um livro que se constrói entre textos e imagens de diversas naturezas. Como nos demais livros do autor, essas imagens assumem na obra aqui enfocada um papel que não é fortuito ou secundário, mas estruturante. Nela, fotografias, desenhos, pinturas, mapas, poemas, recortes de periódicos e histórias em quadrinhos, fotogramas, anúncios e trechos em prosa encontram-se em um processo montagístico e onírico em que nada é o que parece ser, a compor uma narrativa em que o sexo, a morte e o medo têm um papel central. No livro, as palavras também são imagens, e as imagens se fazem parte de um jogo em que os fragmentos de diversos arquivos, desarqueologizados, transformam-se em material de invenção, a borrar os limites entre o público e o privado, a verdade e a mentira, a ficção e a vida. Este trabalho busca investigar como a escritura assim tecida – marcada por ausências, deslocamentos e excessos – rompe códigos e questiona não apenas o registro documental, mas o próprio exercício da memória, na construção de uma narrativa deslizante, lacunar, aberta a múltiplas interpretações. Para tanto, a abordagem fundamenta-se em proposições de Roland Barthes (*A Câmara Clara*), Derrida (*Mal de arquivo* e *A escritura e a diferença*) e Agamben (*O que resta de Auschwitz*).

Dois livros inacabados de Vinicius de Moraes

Rafael Martins da Costa (IFRJ)

Resumo Durante uma crise hipertensiva em 1969, Vinicius de Moraes supôs iria morrer em breve. Em razão disso, o poeta escreveu uma carta com orientações aos familiares na qual listava contas bancárias, valores a receber, contratos firmados, pensões a pagar. Quanto à sua obra literária, pedia que se guardassem seus originais, para que eles dessem rendimentos aos herdeiros. De resto, Vinicius ordenava que fosse entregue a Rubem Braga, seu editor na época, uma

“pasta de poemas inacabados”, cujo conjunto formaria o livro *O deve e o haver*. O poeta também indicava outra “pasta especial”, onde estariam guardados “bons poemas”, com os quais ele pretendia formar o Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro. A morte, no entanto, não veio naquele momento: como se sabe, Vinicius morreu quase onze anos depois de escrever essa carta. Tampouco vieram os livros mencionados, que se tornaram uma espécie de “dívida” nunca saldada: embora os tenha prometido em diversas ocasiões, embora guardasse contratos editoriais que garantiam a publicação dos volumes, embora se referisse a eles como “uma autocontabilidade de sua vida”, o poeta nunca os publicou. A partir da análise dos arquivos de Vinicius depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, a comunicação pretende analisar as ruínas dessas obras prometidas e não publicadas – pastas de papelão com anotações, listas de poemas, versões inacabadas. Vinicius suponha serem aquelas as suas palavras finais em termo de poesia e, acima de tudo, desejava fazer dos livros – como sugere o título de um deles – uma autoavaliação, um balanço do seu legado poético. Se a carreira de um escritor é traçada pelos livros que publicou, convém, por outro lado, indagar os projetos inconclusos, bem como os efeitos de tais inacabamentos para a compreensão a trajetória de um poeta complexo como foi Vinicius de Moraes.

Escavação poética: considerações sobre viagem e memória na poesia de Astrid Cabral

Fabio Fadul de Moura (UNICAMP)

Resumo O presente trabalho visa à apresentação de resultados parciais de pesquisa de doutorado sobre a poesia de Astrid Cabral. Neste recorte, será discutido o tema da viagem em um livro da autora brasileira nascida no Amazonas. Trata-se de *Torna-viagem* (1981), seu segundo livro de poesia, oriundo do momento em que viveu no Oriente Médio. Mais afeito ao filtro da memória que à descrição geográfica dos lugares por que ela passou, o livro traz a viagem no tempo como marca fundamental. Desde o título, isso é sinalizado com a determinação do tema e de sua caracterização. Não se trata de um percurso tradicional de descobrimento de determinada geografia, mas de

uma atitude de regresso ou, ainda, de um refugio da travessia percorrida. De maneira inusitada, a autora aproxima imagens da navegação e da escavação, de sorte a conjugá-las em sua empreitada. Considerando tal espectro, buscarei 1) rastrear as imagens poéticas convencionais da viagem em Astrid Cabral; 2) analisar as transformações operadas sobre as referidas imagens; e 3) perscrutar quais alvos são resgatados pela memória. À luz das ideias de Walter Benjamin (1987) e Aleida Assmann (2011), testarei a hipótese de que Astrid Cabral opera segundo a lógica do par navegar-escavar, em que o segundo verbo matiza o primeiro em função dos restos com os quais amplia a significação do texto poético. Assim, o avançar e o retroceder exercido na viagem poética encena uma dinâmica de cruzamento entre memória e ruína.

Fazer compras de Natal, Esperar o Sopro de vida: ler o romance pelo verso dos manuscritos

Elizama Almeida de Oliveira Carvalho (Universidade de Coimbra)

Resumo Clarice Lispector, em entrevista em 1977, comenta dois métodos de escrita seus: inspiração e concatenação. O primeiro seria relacionado a escrever sob impulso, “a qualquer hora do dia ou da noite”; já o segundo requeriria o refinamento, portanto, seria necessário um labor mais intenso a fim de dar acabamento à narrativa. Partindo dessa perspectiva, percebe-se que seu livro *Um sopro de vida* (1978) parece ter estacionado no primeiro movimento, o da inspiração, já que a organização final foi dada após a morte de Lispector, em 1977, por Olga Borelli. Recentemente doados em sua totalidade ao Instituto Moreira Salles, os manuscritos do romance alavancam renovadas leituras críticas a respeito da obra publicada. A presente pesquisa se localiza precisamente na dobra, entre a frente e o verso das páginas, e destaca, sobretudo, os itens documentais que contêm desvios de produção intelectual, isto é, aqueles que exibem a obra em gestação pari passu com outros gestos escriturais. Se o suporte não é múltiplo – afinal, trata-se quase sempre do mesmo tipo de A4 amarelado –, os conteúdos do avesso dessas folhas não são apenas diversos como escancaram novas relações teóricas e biográficas que servem aos estudos crítico-genéticos. O espaço da página que,

por um lado, tanto se faz de agenda, guarda providências para determinada viagem, quanto registra receita ou prece, por outro lado, dá abrigo aos personagens do livro, ainda em fase de crescimento e concatenação. O próprio *Um sopro de vida*, que, do ponto de vista da autora, não foi finalizado integralmente, torna-se ele também um objeto de escrita inacabada que convive com essas notas breves e caleidoscópicas. Forma-se aí, portanto, um desvão-desvio que expõe as cotidianidades no processo da inspiração e as condições de criação do romance a partir do registro da memória autoral fincada precisamente no avesso.

Fernanda Laguna: una poética abierta

Julietta Belén Novelli (Universidad Nacional de La Plata)

Resumo La cuestión de la performance se presenta como un problema inevitable para pensar la obra de la artista argentina Fernanda Laguna (1972) ya que se observa que la lectura acotada al campo de lo poético recorta la singularidad de sus poemas caracterizados por cruces y aperturas que van más allá del trabajo con las palabras. El proyecto de escritura de Fernanda Laguna no está compuesto sólo de elementos textuales, de modo que la consideración de un poema aislado de Laguna no da cuenta del gesto de escritura como performance, como escritura de sí, abierta y “haciéndose”. El propósito del artículo es, entonces, recuperar la noción de performance como enfoque de lectura. En consonancia con la propuesta de Gonzalo Aguilar y Mario Cámara (2019), el análisis partirá de lo literario pero se abrirá a zonas y aspectos que la crítica de poesía ha leído como accesorios. El análisis, entonces, se detendrá en la construcción de la figura autoral que hace Laguna en sus discursos –poemas, novelas y entrevistas– como continuidad de la vida y presentación de sí, y en los aspectos performativos de sus poemas a partir del cruce de disciplinas y de su poder de producir o teatralizar estos, sujetos y escenas.

Grafias de uma cena: corpo, escrita e fotografia nos diários de Alix Cléo Roubaud

Fabricia Wallace Rodrigues (UnB)

Resumo Os cadernos que a artista canadense Alix Cléo Roubaud manteve entre os anos de 1979 e 1983 engendram, para além do registo intimista de seus dias, a materialização de um projeto artístico. As entradas do diário, mantidas sem retoques ou reescrita, são permeadas de imagens de sua obra fotográfica, revelando-se como espaço que permite aliar artisticamente suas maiores hesitações: Alix oscila entre a primeira e a terceira pessoas, reforçando o estranhamento de sua própria imagem neste texto especular; entre o inglês, língua herdada do pai, e o francês, língua materna, dando-lhe a sensação de estar o tempo todo traduzindo uma língua na outra; e ainda a indistinção de sua arte, que transita da escrita para a fotografia e assim reciprocamente. O conjunto de fotografias é composto predominantemente por autorretratos, e é marcado, assim como no diário, pela ideia de repetição e aleatoriedade do cotidiano. Sendo assim, a comunicação aqui proposta toma o diário de Alix Cléo Roubaud como obra, em seu inacabamento e fragmentação próprios, e visa compreender como o diário íntimo pode ser uma obra artística e a vida do artista pode ser, por sua vez, encenada. Para tanto, lançaremos mão das reflexões de Roland Barthes, em *A preparação do romance*, sobre a prática da escrita; Georges Didi-Huberman, em *O que vemos, nos olha*, acerca da relação da imagem com aquele que a observa e outros textos teóricos e críticos que servirão de suporte à análise da obra de Alix Roubaud.

História natural da destruição de meus arquivos

Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo (UFRJ)

Resumo Esta comunicação parte de um projeto autobiográfico que estou realizando atualmente e no qual procuro analisar a tensão existente entre a criação e a destruição de textos literários. A pesquisa começa em um momento específico de bloqueio criativo. A partir desse momento faço no texto um percurso por meus próprios arquivos

literários (tentativas frustradas de romances, contos, roteiros) como uma tentativa de recuperação do desejo da escrita. No entanto, este percurso acaba se tornando finalmente um processo de destruição e, em certa forma, um processo de perda e luto. Paradoxalmente, é também este processo de destruição o que me levaria à recuperação de um determinado tipo de narrativa pessoal. De modo paralelo a esta pesquisa pessoal-autobiográfica, fui realizando uma pesquisa mais ampla nos arquivos da história da literatura na procura de outros textos inacabados ou destruídos. Referências a casos como os de Juan Rulfo, José Eustasio Rivera, Laurence Sterne, Carlos Liscano, entre outros, me permitem aprofundar sobre uma questão central neste projeto que faz referência a uma espécie de cânone literário em suspensão na literatura. Que lugar ocupa na história da literatura um texto inacabado ou que foi destruído? Como afirma Marcel Bénabou (autor central para meu projeto): “os livros que não escrevi, não pense você, leitor, que eles sejam um puro nada. Muito pelo contrário (e que isso fique claro de um vez por todas), eles permanecem como que em suspensão na literatura universal”.

La poesía de las paredes: Cecilia Pavón em campo expandido

Lucas Torices Reimão (UNIFESP)

Resumo O presente trabalho busca reconhecer o sentido mais preciso de uma literatura em campo expandido, ou como também encontramos no texto de Florencia Garramuño, de uma “literatura fora de si” a partir das observações decorrentes do texto de Cecilia Pavón intitulado: “La poesía de las paredes”, que, de modo bastante singular, consegue ilustrar as questões mais fundamentais para a compreensão do conceito de uma literatura fora de si, isto é, de uma literatura que habita outras fronteiras. Naturalmente, o conceito de um campo expandido traz novas questões, como a de seu armazenamento, isto é, da construção de seu arquivo. Para refletir sobre isso, iremos apontar nossa leitura para a personagem de Pavón chamada Vicky, que traz em sua poética reflexões fundamentais para alcançarmos as peculiaridades do conceito. Ressaltamos que não se trata aqui de encontrar um conceito que seja universal, que busque a totalidade do que é literatura. Aliás, Garramuño, uma autora tão indispensável a esse trabalho

parece se distanciar da realidade, na medida em que a realidade torna-se uma espécie de critério para a elaboração de seu conceito de literatura fora de si, assim, não parece conveniente ler Garramuño como uma autora totalizante, já que a realidade se manifesta em diversas formas de organização e consequentemente de entendimento dos conceitos que constituem os entendimentos múltiplos de si e do mundo.

Literatura contada: o olhar da escritora Vera Romariz sobre sua produção poética

Camila Maria Araújo (UEFS)

Aleilton Santana da Fonseca (UEFS)

Resumo Este trabalho tem por objetivo analisar a visão literária da poeta contemporânea Vera Romariz. Para isso, discutiremos sobre literatura e cultura na contemporaneidade através de uma entrevista autoral realizada virtualmente no dia 25 de maio de 2021, com o intuito de criar/gerar arquivos que discorrem sobre a autora, devido à escassez de fontes sobre sua trajetória biográfica e literária. Fazendo um contraponto com o ensaio “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf (1928), que conduz a reflexão sobre esse material ao evidenciar os estigmas que insistem em sondar a literatura escrita por mulheres e toda a evolução revolucionária que as constitui. Para subsidiar nossa pesquisa, utilizamos o estudo de Aderaldo Castelo (1970), sobre a esquematização e realização de entrevista, bem como, o de Silviano Santiago (2005), que nos mostra um aparato crítico sobre os escritores: Mário, Oswald e Carlos, indo além da relação como interprete, para expandir e esclarecer fatos da vida dessas personagens marcantes, nos auxiliando através disso, em como conduzir um trabalho proveniente de fontes sobre um escritor, e Regina Zilberman (2004), que nos ajuda a compreender de forma esclarecida a importância dos arquivos e de resgatar/construir fontes sobre os autores, mostrando com isso, que a obra publicada nunca está por inteiro, para que se possa compreender o que está presente nas entrelinhas de uma produção. Com isso, buscamos, ampliar/aumentar o arquivo lacunar sobre a escritora alagoana, possibilitando que estudantes, pesquisadores e leitores tenham acesso a documentos/informações que contribuam para o conhecimento das suas obras poéticas e perspectivas literárias.

Literatura, Recordação, Esquecimento.

Notas de leitura de Milton Hatoum

Rayniere Felipe Alvarenga de Sousa (UFPA)
Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja (UFPA)

Resumo As manifestações artísticas confluem com forças que embalam as experiências humanas. Acompanha-se um intenso tratamento das temáticas envoltas sob o prisma da memória, do esquecimento e dessa tarefa cercada por dilemas que é a criação de uma nova forma de relacionamento entre episódios pretéritos, presentes e naquilo que se acredita, por exemplo, ser o futuro. Desse contexto, emergem autores com obras de ficção que se relacionam com eventos vigentes na historiografia. Provocando assim, reflexões capazes de ocasionar momentos de argumentação válidos para a consolidação de estudos nesse âmbito. Com isso, menciona-se o intuito desse estudo: promover uma investigação em torno das marcas representativas das mídias escritas como meio propício ao levantamento de locais de recordação, sobretudo por intermédio de registros escritos (tais como cartas, bilhetes e demais anotações) em dois romances de Milton Hatoum: *Cinzas do Norte* (2005) e *A noite da espera* (2017). Portanto, voltar-se ao presente texto, pode promover discussão sobre as diferentes formas de trabalho que envolvem a memória-esquecimento. Para isso, conta-se com o aporte teórico de Paolo Rossi (2010), de Aleida Assmann (2011) e de pesquisadores que constituem a fortuna crítica de Milton Hatoum. Assim, comprova-se que o ato da recordação movimenta as narrativas e atinge diretamente a trajetória dos personagens presentes na escrita do ficcionista.

Montagem espectral: a costura de lacunas e anacronismos em *A Paixão de JL*

Maria de Abreu Altberg (PUC-Rio)

Resumo O filme *A Paixão de JL* (2016), de Carlos Nader, parte de uma condição espectral: a base do longa-metragem é a voz do artista José Leonilson (1957-1993), desprovida de sua imagem, no diário gravado em fitas cassete durante seus últimos três anos de vida. O objetivo

de Leonilson seria transformar o material em um livro relacionando vida e obra, mas ele veio a falecer aos trinta e seis anos por complicações causadas pelo vírus HIV e a ideia nunca foi realizada. Ao recorrer às fitas na intenção de realizar um filme sobre Leonilson, Nader deparou-se com uma rica miscelânea de temas de ordem íntima e pública, carregados de impressões e sentimentos retidos na voz do artista. O autoarquivamento do ato performático da própria fala realizado por Leonilson, na intenção de uma posteridade, opera no desejo de reter uma memória que, como aponta Derrida em *Mal de Arquivo*, está sempre ameaçada pelo desaparecimento. Segundo Nader, as reflexões diarísticas dispersas de Leonilson contidas nas fitas não formavam por si uma história. O cineasta incorpora a incompletude do arquivo ao projeto e faz da voz o principal elemento de intertextualidade de seu documentário ensaístico. Apropria-se das lacunas do inventário sonoro de inquietações do personagem para manusear esse arquivo de maneira que ele sirva à sua leitura sobre Leonilson, o mundo e a si mesmo. Através da análise de algumas passagens do longa-metragem, a comunicação vai discutir como o caráter de inacabamento e anacronismo dos arquivos é incorporado à linguagem do filme em gestos de costura afetuosa.

Nomes em muro de pedra: as listas na obra em prosa de Hilda Hilst

Anne Louise Dias (UnB)

Resumo As Letras, defende Judith Schlanger em “La mémoire des oeuvres” (1992), se alimentam de uma memória que mistura nomes próprios, datas, títulos, espécies de monumentos singulares, abrindo espaço para a criação de listas e índices dentro da própria literatura e de sua história. A criação das listas, entretanto, é um ato pessoal que passa por um certo caráter seletivo – a lista acolhe na mesma medida que rejeita. Em Hilda Hilst, elas parecem irromper por entre as linhas como uma demarcação da biblioteca hilstiana, de seus estimados textos e autores de preferência, que habitam também o espaço de suas prateleiras, hoje abrigados na Sala de Memória da Casa do Sol. Assim, aparecem no texto de Hilst alusões e acenos frequentes às obras e à vida de Michel Proust, Virginia Woolf, Jean Genet,

Arthur Rimbaud, Gustave Flaubert, Oscar Wilde, James Joyce, Yukio Mishima... cujos nomes e biografias se proliferam ao longo da obra em prosa de Hilda Hilst. “Escrevo porque li”, afirma Roland Barthes em “A preparação do romance” (1978-1980); Hilst, em movimento análogo, parece listar porque leu. É, portanto, objetivo principal dessa pesquisa a busca desses nomes de homens e mulheres escritores que permearam e formaram uma Hilda Hilst leitora, apaixonada pelos textos, mas também pelos sujeitos por detrás das obras. O propósito aqui expresso em compor uma lista de autores citados por Hilst é, de alguma maneira, uma resposta à própria atividade de catalogação hilstiana, que faz aparecer esses nomes também em forma de lista.

O arquivo crítico pós-autonomista de Ludmer

Wanderlan Alves (UEPB)

Resumo A perspectiva pós-autonomista de Ludmer articula polêmica, figurações da crítica e certa vinculação com o que se poderia chamar de uma “crítica menor” (ALVES, 2021b), colocando em debate modos de ler literatura, fazer crítica e problematizar o valor (ALVES, 2021a). Por sua vez algumas dessas questões já tinham sido tomadas por ela anteriormente: a noção de modos de ler aparece em um ensaio de 1969 em *Los libros*, antes, portanto, do livro *Modos de ver*, de John Berger (1972); a aposta na leitura como meio que situa o crítico entre saberes e línguas, criando uma ponte entre temporalidades, estava posta em ensaio de 1972, também de *Los libros*; e a ideia de que a crítica deve revisar os fundamentos de sua prática e suas relações institucionais tinha sido explorada no prólogo a *Cien años de soledad*. Una interpretación e nas aulas de seu seminário *Algunos problemas de teoría literaria* de 1985. Não se trata de atribuir um sentido retrospectivo ao debate sobre a pós-autonomia, mas de sondar operações e percursos crítico-argumentativos que constituíram seu modo de fazer crítica e funcionam como uma assinatura disseminada em ensaios breves e longos, notas, prólogos e em seus livros, miscelânea que constitui um arquivo fragmentário e ainda não tomado em conjunto, que pode ser lido a partir de diversas entradas e movimentos, como formando um dossiê (Barthes, 2005; 2013) que coloca em relação tempos, instituições, modos e meios de circulação, estratégias e

polêmicas sobre a literatura e “cómo y desde dónde se la lea” (Ludmer, 2006). Pretendo ler os primórdios dessa trajetória pós-autonomista tal como figuram nas suas intervenções em *Los libros*, *Literal*, *Sitio* e *Babel*, para analisar como algumas estratégias e questões exploradas no debate pós-autonomista já apareciam naqueles textos e quais as suas singularidades em relação ao seu debate nos anos 2000.

O cabeçote sujo da memória

Filipe Bitencourt Manzoni (UFRJ)

Resumo Nossa investigação busca se situar em um entrecruzamento de dois tópicos muito familiares para a crítica contemporânea: o arquivo e a escrita de si. Dito diretamente, nos interessa ler a tensão entre arte e vida como uma diferença gradativa de especificidade nos agenciamentos de um grande tecido de citações heterogêneas. Interessa, nesse sentido, observar como alguns poetas contemporâneos – pensamos aqui em nomes como Adelaide Ivanova, Angélica Freitas, Bruno Brum e Marcelo Montenegro – lançam mão de um panorama de fragmentos de canções, filmes, páginas da internet e personagens diversos, combinados em um repertório íntimo que complexifica a própria relação entre o individual e o comum (ou massivo), na medida em que é apenas como uma tessitura específica destes que aquele se permite ler. Cabe retomar, portanto, a questão do arquivo desde seu vínculo – que está presente no célebre *Mal de arquivo*, mas que Derrida deixara mais evidente em “Freud e a cena da escritura” – com as investigações de Freud em 1923-1295 a respeito do ponto em que as “representações verbais” residuais da memória – ou, diríamos com Marcelo Montenegro, o “cabeçote sujo da memória” – se convertem em uma instância que possa se chamar “eu”. Arquivo e memória não possuiriam, nesse contexto, uma relação protética um do outro tanto quanto seriam instâncias de cristalização de uma mesma matéria prima dispersiva. Finalmente, nos interessa expandir a questão para além das marcas individualizadas de uma escrita de si, na medida em que essas marcas de um comum-individualizado permitem ler, via Michael Warner, um campo de tensões políticas nas diferenças neutralizadas ou visibilizadas na constituição de uma esfera pública; isto é, na medida em que públicos e contrapúblicos se

negociam a cada mobilização de um arquivo que permite-nos ficcionalizar ou intuir um “eu”.

O desaparecimento do sujeito no excesso de referências de Hilda Hilst e Juliano Garcia Pessanha

Suelen Ariane Campiolo Trevizan (UFMG)

Resumo Em nossa pesquisa de doutorado, que se encaminha para o estágio de conclusão, procuramos delinear uma “genealogia do fora” na literatura, tomando a ficção de Hilda Hilst (1930-2004) e a de Juliano Garcia Pessanha (1962) como duas obras representativas dessa linhagem na contemporaneidade. Definimos o “fora” no sentido proposto por Michel Foucault no ensaio “La pensée du dehors” (1966): a exposição não-reflexiva do ser da linguagem, isto é, um dizer que descentraliza a consciência e, conseqüentemente, apaga o sujeito. Essa desconfiança com relação ao sujeito, cuja autoridade/autoria tornou-se alvo de questionamento sobretudo a partir de meados do século XX, resulta da radicalização de um processo de fragmentação de longo prazo, que vem pelo menos desde Descartes, conforme aponta Luiz Costa Lima em *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000). Já na modernidade, mas na contemporaneidade de modo mais evidente, a literatura, em consonância com a filosofia, apresenta diversas estratégias para expressar essa crítica ao sujeito. No nosso corpus de pesquisa, destacamos a dessubjetivação de personagens, a intertextualidade e a hibridização de gêneros. Nesta comunicação, enfatizaremos a intertextualidade. Stamatius, um dos tantos personagens escritores hilstianos (*Cartas de um sedutor*, 1991), coleciona cacos e ele próprio é um rejeito da sociedade, assim como a Estamira incorporada por um dos narradores pessanianos (*Instabilidade perpétua*, 2009). Seus trabalhos de reciclagem sintetizam aquilo que se observa na ficção em geral de Hilst e na de Pessanha, que reúnem explicitamente centenas de figuras oriundas dos mais diversos campos, num diálogo muito fértil com as respectivas bibliotecas e a cultura de massa. Analisaremos alguns padrões de referências, observando de que modo essa estética do excesso contribui para o esfacelamento do sujeito nesses textos literários.

O discurso do silêncio (a sombra e a lacuna): o atlas espacial de Francisco Brennand – uma forma de narrar uma invasão

Ligia Maria Bremer (UFSC)

Resumo A partir das ruínas de um antigo engenho de açúcar, localizado na região da Várzea em Recife/PE, o artista plástico Francisco Brennand criou uma paisagem onírica, onde personagens da literatura, da mitologia e da história ganham formas como esculturas ou em murais reproduzindo textos literários. Um dos ambientes inseridos nos 15 km² da Oficina Brennand é o espaço Templo do Sacrifício construído para homenagear “as culturas assassinadas”. Nesse espaço encontramos uma igreja em ruínas, um cavalo de Tróia, uma escultura do Imperador Inca Atahualpa enjaulado e uma referência explícita espacialmente e textualmente do poema escrito por Samuel Taylor Coleridge: A balada do Velho Marinheiro (1798). A proposta desta comunicação é analisar o Templo do Sacrifício como um atlas espacial, pensar a montagem e os discursos do silêncio que existem entre as esculturas/imagens e os murais/legendas. Buscar-se-á discutir a vida e a morte, duas realidades relacionando-se porosamente, deixando rastros da morte de um povo, de uma cultura, de uma civilização para viver e/ou sobreviver uma outra por meio de um sufocamento e uma colonização brutal não só territorial, mas, também, do imaginário de um povo. As escolhas das imagens feitas pelo ceramista proporcionam uma desconstrução das ideias de unicidade. As lacunas, ou podemos dizer as sombras, deixadas entre uma imagem e outra significa: essas imagens não se limitam apenas ao visível, a utilização do termo “visual”, ela extrapola para o “espacial” (DERRIDA, 2012, p. 46). A montagem apresentada por Brennand apresenta uma construção da historicidade que renúncia o contar uma “história” orientada, ela “torna visível as sobrevivências, os anacronismos, os reencontros com temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto”. (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 33) e se abre a inúmeras possibilidades politicamente imaginativas de interpretação.

Pelo direito ao grito

Cintia Borges A. Fonseca (PUC-Rio)

Resumo É possível, em um primeiro momento, aproximar *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, ou *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, de uma inscrição na literatura regional brasileira preocupada em narrar questões sociais e regionais, tradição iniciada ainda no século XIX (*O sertanejo*; *Os sertões*). Aqui também há referências ao contexto socioeconômico e às mazelas do migrante. No entanto, as autoras rompem com a tradição narrativa ao evitar qualquer abordagem totalizante para o sertão. De certa forma, rejeitam o discurso teleológico moderno ao tirar de cena o excesso descritivo e a linearidade narrativa. E abrem espaço para o seu reverso – a incapacidade da escrita em dar conta de narrá-lo, a problematização do inacabado. O que muda é a constatação do que há de inapreensível neste real que teima em escapar pelas mãos. Desfeita a tentativa de dar unidade, restam rastros e vestígios da implosão original em formas de narrativas que expõem o vazio. Em ambos os livros, o sertão é rastro, resto, resíduo de uma experiência traumática marcada pela fome e pelo abandono; uma inegável mancha de terra, de silêncio e privação impressa em Macabéa e em Rísia, que carregam o sertão tatuado em seus corpos – ásperos, emudecidos, magros e ressequidos – para habitar outras periferias, agora na cidade grande. É uma topologia que marca corpos e destinos, espécie de pele que habita o sertanejo, tanto quanto este o habita. Se lido como em uma banda de Moebius, o sertão é a superfície que recobre margens contínuas, ‘interior’ e ‘exterior’ que se complementam ao invés de oporem, num deslizar infinito entre si; superfície, portanto, que é mais do que geográfica, é também corpórea e afetiva, composta, em seu centro, por um espaço vazio que lhe da forma e lhe encerra.

Performance de Tropeços

Martina da Silva Schaedler (PUCRS)

Resumo Não suporto a linha reta que não alcanço, ainda que não siga em frente, então chuleio com precisão. Vi-me no traço pela letra

da tradução que estudava naquela tarde, ainda que buscasse outra coisa, dizia “a verdade é a morte da intenção”. Queda. Tomei-me de mim o que pude juntar, e segui. Era de Walter Benjamin por Haroldo de Campos o trato do Silêncio de “perder-se” de interrogar a verdade onde mora a intenção. Abismo. A língua não é chegada, ainda que pura. Fresta. E no que ressoa a estrela da manhã nos dispensados de linguagem, pensemos não nos afastemos, não nos afastemos muito, somos arquivos moventes, leitores ruindo, cambaleantes, ainda que combatentes. Giro. Inquietar a escrita pela manifestação poética em um gesto de expressão teórica é rumar pelo texto, (Outro) texto, sempre um mesmo, e um outro, pela ruptura do acontecimento. Performance de tropeços é rumar com a palavra, manejo de linguagem em texto, passo por passo em pé, mesmo que um depois do outro, de volta cambaleada, sem intentar caminho exato, até transforma-se, e ver, no sonho um dia de salto, um prumo descontínuo. Para tanto, Didi-Huberman, no resgate da imagem dialética de Walter Benjamin, do que resiste dos vagalumes, a intermitência da imagem, no apesar de, no rastro, na lasca, que se transforma, metamorfose: sobrevivência.

Una transfiguración esencial. Amor y conocimiento en algunas biografías literarias latinoamericanas

Julia Musitano (Universidad Nacional de Rosario)

Resumo Amor y conocimiento parecen fundirse en una serie de biografías literarias publicadas en los últimos años en América Latina. Se trata de textos que vienen a cuestionar la idea de que puede contarse la totalidad de una vida, que ponen en evidencia el proceso de investigación, los hilos de un encuentro fallido con el biografiado. Se detienen en ese proceso, en ese entramado de sentimientos y saberes, sin que eso implique la conclusión de algo, sino, en todo caso, su intenso comenzar. Escritores que indagan en la vida de otros escritores y quedan afectados (emocional y literariamente) por el encuentro azaroso con el otro. Pienso en Fernando Vallejo y sus biografías consagradas a José Asunción Silva, Porfirio Barba Jacob y Rufino José Cuervo como el ejemplo paradigmático de esta tensión, y como el precursor de un operativo de rescate de algunos escritores

olvidados. En Argentina, Osvaldo Baigorria publicó *Sobre Sánchez y Facu Soto Ioshua*. La biografía. En Chile, Rafael Gumucio publicó la biografía de Nicanor Parra: *Rey y mendigo*. Y en Brasil, Silviano Santiago, Machado. El interrogante que surge de la lectura de esos textos es si amar es una forma de conocer o si conocer es una forma de amar: escritores que están dispuestos a recibir en su casa a un desconocido y otorgarles el permiso para transfigurarse en el proceso. La escritura junto a la vida adquiere, así, las formas del amor, lo íntimo, lo familiar, la infidelidad y la traición.

Walter Benjamin: edição e arquivo. Pistas e perguntas para uma possível atualização da poética benjaminiana

Juliana Serôa da Motta Lugão (UFF)

Resumo A filologia mais recente, ao lado dos estudos de arquivos literários e da crítica genética, e também a paulatina publicação de novas edições das obras de Walter Benjamin, sob o guarda-chuva da coletânea *Werke und Nachlaß*, colocam em xeque textos antes considerados estabelecidos. Além do *Passagenwerk*, projeto conhecida-mente inacabado e lido na chave de sua incompletude, outros escritos do autor até então considerados finalizados tornam a aparecer como obras em processo, que demandam o retorno aos arquivos e a prática de leitura de arquivos, caracterizada, aqui, pelo delicado desdobramento de cada documento. Em uma obra cheia de desvios e retornos, autocitações, e diante de edições contraditórias, como é o caso da obra de Walter Benjamin, como entender, então, a poética e o possível programa de pensamento do autor? A partir de uma leitura transversal dessas novas edições e apontamentos de visitas anteriores ao Arquivo Walter Benjamin, em Berlim, a proposta desta comunicação é lançar luz justamente sobre novos problemas que surgem, ao se ter acesso, ainda parcial, aos documentos remanescentes do autor, mas já sem a intervenção editorial à maneira de Tiedemann, que buscava encontrar soluções para as lacunas deixadas por Benjamin, muitas vezes pontuando-as, ainda que sem deixar de lado a leitura de Theodor Adorno. Que novas questões e leituras podem emergir do mergulho nesses documentos ora publicados? Especial atenção será destinada, ainda que não de forma exclusiva, a

Infância em Berlim por volta de 1900 / Crônica Berlinense, editadas postumamente, e Sobre o conceito de história, ensaio que também contou com publicação póstuma e teve recente edição crítica traduzida e publicada no Brasil.

Simpósio 10**Arquivos literários e correspondência:
abordagens, desafios e perspectivas**

Cleber Araújo Cabral (UNINTER)

Marcos Antonio de Moraes (USP)

Reinaldo Martiniano Marques (UFMG)

Resumo O Simpósio tem por objetivo principal debater o atual estado das pesquisas em arquivos literários e no campo dos estudos e edição de correspondências. A proposta se justifica em razão de três fatores: o crescimento do número de instituições destinadas à salvaguarda de documentos referentes à memória material da literatura no Brasil (cf. MARQUES, 2015, 2019); o aumento de trabalhos e publicações, em nível de graduação e de pós-graduação, dedicados a manuscritos e cartas de escritores (cf. MORAES, 2016); o crescente número de periódicos e de publicações que têm como objetos de estudo arquivos e correspondências. Tendo em vista esses fatos, entendemos que os arquivos literários e as correspondências se apresentam como lugares de pensamento e debate para se problematizar a memória cultural, a historiografia, a crítica e a teoria literárias. Uma das muitas histórias ainda por fazer, no Brasil, consiste no exame das condições de emergência de uma tradição historiográfica vinculada ao trabalho com arquivos e correspondências de escritores, bem como das implicações disso no campo dos estudos literários e, tangencialmente, para o traçado da cultura intelectual brasileira. Tal prática estaria vinculada, de certo modo, a três voltas nos parafusos dos estudos históricos e literários brasileiros: 1) o giro linguístico, ou seja, o interesse, no campo das humanidades, pelos estudos sobre a linguagem, considerada agente estruturante das percepções de mundo, gesto que colocará a questão da ficcionalidade da prática historiográfica tensionando, assim, as fronteiras disciplinares entre literatura e história; 2) o giro histórico, advindo da recepção de teorias da nova história cultural francesa e da micro-história italiana entre pesquisadores brasileiros; 3) por fim, uma virada arquivística, ou o encontro dos pesquisadores com os arquivos privados, fruto da instalação de centros de documentação em nosso país (não só arquivos, mas também arquivos-museus), processo que remonta às décadas de 1960 e 1970. De acordo com a historiadora Ângela de

Castro Gomes (1998), as três viradas mencionadas são processos recentes, datados dos anos de 1970, na França, e de 1960, no Brasil, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, em 1962. A este segue a implementação de outros centros de documentação – como o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), em 1972, dentre outros espaços de guarda e de preservação de fontes históricas para o estudo da literatura. Desses deslocamentos de paradigmas interpretativos da realidade emergem outras abordagens dos documentos e fontes, como as “novas” histórias política, social e cultural (Cf. GOMES, 1998, p. 125). No campo da história cultural, nota-se a elaboração de abordagens como a história de intelectuais, centrada nas elites culturais e em suas dinâmicas de sociabilidade. Já no campo dos estudos literários, constata-se o esgotamento de pesquisas embasadas em concepções como nacionalidade e literariedade. Como resposta a esse cenário, ocorre a “pluralização do conceito de literatura” (ROCHA, 2008, p. 151-152), responsável pela (re)valorização de documentos pessoais de escritores, pelo “retorno do escritor”, e pela retomada do interesse no cruzamento da vida com a obra de escritores. Como desdobramento da rotinização das pesquisas com materiais alocados em arquivos de escritores, observa-se o processo de consolidação da crítica epistolográfica no Brasil. Dentre as várias publicações sobre estudos de cartas (Cf. RODRIGUES, 2019, p. 112-117), destacam-se como representativas da constituição desse campo de estudos: o livro *Prezado senhor, prezada senhora* (GALVÃO; GOTLIB, 2000), coletânea que apresenta uma amostra significativa da pluralidade de abordagens teóricas dedicadas à escrita epistolar no Brasil; e a obra *Escrita de si, Escrita da História* (GOMES, 2004), que reúne estudos no campo da historiografia dedicados à correspondências de escritores e de intelectuais. A partir das questões levantadas, este Simpósio acolherá estudos que abordem os seguintes temas: exame de arquivos e cartas de escritores, intelectuais e tradutores brasileiros e estrangeiros; cartas como arquivos de criação literária; pressupostos metodológicos, críticos e interpretativos de trabalho com arquivos e correspondências; manuscritos e cartas à luz dos estudos de crítica genética; questões metodológicas e críticas no preparo de edições ou reedições de epistolários; mapeamento de processos e redes editoriais em arquivos e cartas; textos literários que utilizem arquivos e cartas como mecanismos agenciadores da ficção e da poesia;

memória e testemunho no gênero epistolar; sociabilidades intelectuais e artísticas; reflexões sobre ideários estéticos; percursos das memórias literária, cultural e histórica no contexto digital.

A apropriação poética do desterro na correspondência em verso de Rafael Alberti e José Bergamín

Mayra Moreyra Carvalho (UEMG)

Resumo O exílio republicano espanhol de 1939 significou o êxodo de cerca de 500 mil pessoas da Espanha após o fim da Guerra Civil Espanhola (AZNAR, 2002). Nesse contingente, é marcante o grande número de artistas, escritores, poetas e intelectuais. Rafael Alberti (1902-1999) e José Bergamín (1895-1983) foram dois dos protagonistas-testemunhas desse longo e massivo processo. Companheiros desde a década de 1920, estiveram lado a lado, durante o conflito espanhol, na Aliança de Intelectuais Antifascistas. Após a Guerra Civil, Bergamín se exila no México e Alberti na Argentina, países onde tiveram atuação intensa nos âmbitos cultural e editorial. Embora sempre tenham mantido contato, reativaram um diálogo regular na série de vinte cartas-poemas intituladas *De X a X*, trocadas entre maio de 1971 e julho de 1972, período em que Alberti vivia em Roma, para onde se transladara em 1963, e Bergamín, em Madrid, após ter conseguido retornar ao país natal em 1970. A partir da leitura dessas cartas-poemas, buscamos confrontar a apropriação poética do desterro assumida por cada correspondente, visto que o reencontro registrado no conjunto das vinte composições proporciona o diálogo com o próximo, o outro contemporâneo e privilegiado (RICOEUR, 2007), e permite que ambos examinem-se, interrogando, a si e ao outro, sobre uma trajetória lírico-política lavrada pela palavra poética.

A carta como estratégia, José de Alencar e Machado de Assis

Patrícia Regina Cavaleiro Pereira (USP)

Resumo Contemporâneos, José de Alencar e Machado de Assis escreveram uma única vez um para o outro, em nome da literatura,

ratificando a admiração que nutriam mutuamente. Em duas cartas abertas, trataram publicamente da apresentação do jovem poeta Castro Alves ao circuito literário fluminense – documentos que trouxeram ainda mais luz à tarefa já notabilizada que Machado desempenhava, reconhecida por Alencar, e que marca indiscutivelmente a história da literatura brasileira. Para além desse episódio, a presença epistolar se mantém na obra de ambos. Tendo em mãos os romances urbanos e os perfis de mulher de José de Alencar, assim como as quatro primeiras narrativas machadianas – publicações realizadas entre 1856 e 1878, deparamo-nos com textos nos quais há largo emprego de documentos epistolares, missivas e bilhetes, que desempenham papel sempre transformador, quando não absolutamente decisivo, nas tramas. Com esta comunicação, pretendo apresentar o contexto e as cartas que compõem a correspondência de 1868, mantida entre os dois escritores (exibindo inclusive o fac-símile de um dos textos, conservado na Academia Brasileira de Letras), e refletir acerca da estratégia epistolar adotada por ambos na criação de parte de suas obras, considerando que, apesar de terem se valido do mesmo artifício narrativo, empregaram-no de maneiras distintas.

A cidade de Paris na correspondência de Baudelaire

Gilles Jean Abes (UFSC)

Resumo Num ensaio de André Guyaux intitulado “Le discours de la maladie dans la correspondance de Baudelaire” [O discurso da doença na correspondência de Baudelaire], o especialista do poeta das Flores do mal afirma que “circula sobre as cartas [de Baudelaire] um julgamento redutor: elas se limitariam a eternas queixas, a intermináveis lamentações sobre dois assuntos: a doença e o dinheiro.” A essas temáticas acrescenta-se uma escrita bastante prosaica, densa em referências e discussões que se entrecruzam. Estamos longe de epístolas como as de Madame de Sévigné ou de Kafka, classificadas como literatura. Com efeito, a correspondência de Baudelaire é matéria heterogênea, híbrida e, de certa forma, irreduzível. Exige assim um esforço considerável de pesquisa por parte do leitor. Esse julgamento negativo apontado por Guyaux revela uma falta de conhecimento do gênero epistolar, especialmente em se tratando de cartas

de um poeta, crítico e tradutor tão atuante, atento aos debates literários, artísticos e políticos de sua época. As cartas de Baudelaire, numa leitura mais detida, revelam-se uma fonte riquíssima de pesquisa enquanto, por exemplo, bastidores de sua atividade literária e intelectual (MORAES). Constituem uma importante chave de leitura de sua obra. Dentre os assuntos tratados, encontram-se referências a lugares, notadamente Paris, cidade que constitui o cenário e o objeto de numerosos poemas e da qual o poeta testemunhou as grandes transformações promovidas por Haussmann e Napoleão III no segundo império. Assim, a presente comunicação tem por objetivo analisar a questão da cidade de Paris na correspondência de Baudelaire. Interessa-me, precisamente, abordar a singularidade de sua escrita epistolar, assim como a centralidade e o papel da capital francesa em sua poesia e seu pensamento (BENJAMIN, BERMAN, COMPAGNON), a exemplo de seu conceito de modernidade, a ambivalência com que o poeta a representa, numa tensão tipicamente baudelairiana entre atração e rejeição.

**A presença da leitura na vida de Pedro II:
as menções a livros feitas pelo segundo
imperador brasileiro em seus documentos pessoais**

Larissa de Assumpção (UNICAMP)

Resumo O objetivo deste trabalho é realizar uma análise das menções a livros e à literatura presentes em cadernos e cartas escritas pelo imperador Pedro II entre 1831, quando ele iniciou seus estudos, e 1880, época em que, já adulto, ele trocava frequentemente cartas com sua filha, a princesa Isabel, em que discutia os livros que estava lendo ou traduzindo. Com essa análise, pretende-se colaborar para os estudos sobre a História do Livro e da Leitura, mostrando como a educação literária recebida pelo imperador durante a sua infância pode ter influenciado a sua prática da leitura depois da idade adulta. O corpus da pesquisa é formado por documentos que fazem parte do Arquivo Grão-Pará e do Arquivo da Casa Imperial do Museu Imperial de Petrópolis, e que consistem nos 4 cadernos com conteúdos literários escritos na década de 1830, durante a infância do imperador, e nas dezenas de cartas que ele trocou com a princesa Isabel entre

1859 e 1891. A análise será realizada a partir de três pontos principais: quais foram os conteúdos literários aprendidos por Pedro II durante a sua infância; quais ideias sobre livros e literatura ele trocou com a sua filha durante a vida adulta e de que maneira aquilo que foi aprendido em seus primeiros anos voltou a ser mencionado ou rememorado nessas missivas escritas nas décadas finais do segundo reinado. Ao final do trabalho, conclui-se que Pedro II recebeu uma educação literária majoritariamente clássica, que envolvia estudos da retórica e da poética, bem como a tradução de fábulas e parábolas moralizantes. Durante a vida adulta, o imperador continuou realizando a leitura e a tradução de obras clássicas, mas também dedicava suas horas de lazer à leitura de obras ficcionais, como romances e novelas, sobre as quais ele constantemente escrevia à filha.

A presença-ausência do autor nas cartas “ficcionais” de Dalton Trevisan e Elena Ferrante

Annalice Del Vecchio de Lima (UFPR)

Resumo Dalton Trevisan e Elena Ferrante, de estilo, linguagem e temáticas bem diversas, aproximam-se ao se moverem de acordo com um código próprio, rígido, que exerce função determinante em suas literaturas: ambos se mantêm absolutamente reclusos e sem oferecer aos leitores nada que as páginas de seus livros já não lhes tenham oferecido. Ferrante, pseudônimo de autora desconhecida, optou por não revelar sua verdadeira identidade desde a publicação de seu primeiro romance, *Um amor incômodo*, em 1991. Já então passou a travar relações somente por escrito com jornalistas e críticos, em cartas nas quais é instada, frequentemente, a justificar sua escolha pela ausência como autora empírica. Parte delas foi reunida no livro *Frantumaglia – os caminhos de uma escritora* (2017), coletânea em que discorre sobre sua leitura, escrita e memórias pessoais. Ao contrário da italiana, Trevisan não se refugia por trás de um nome falso, mas, já há algumas décadas, tudo o que sabemos sobre seu pensamento crítico em relação à própria literatura e a de outros autores, bem como sobre sua vida pessoal, circunscreve-se inteiramente ao universo ficcional – do qual fazem parte um conjunto de cartas escritas a amigos escritores, incluído no livro de contos *Desgracida* (2010). Em ambos

os escritores, esses textos de teor aparentemente memorialístico não se descolam do campo ficcional: em Ferrante, por terem sido assinados sob o mesmo pseudônimo dos romances, assumindo, portanto, o mesmo estatuto ficcional; em Dalton, por se atrelarem a um volume de contos, além de terem sido escritos por um autor que nutre verdadeiro horror à auto exposição. Este trabalho busca demonstrar como, tanto Dalton como Elena, distanciados das plataformas típicas do escritor contemporâneo, como palestras e mesas-redondas, buscaram formas próprias de expor seu pensamento literário e, até mesmo, justificar sua opção pela ausência.

A produção literária de fontes ibiapina nos periódicos *Alterosa* e *Cigarra*: um olhar sobre seu arquivo literário

Lueldo Teixeira Bezerra (UESPI)

Lanna Caroline Silva de Almeida (UESPI)

Resumo O crescente número de instituições que se dedicam à curadoria de arquivos de escritores tem contribuído consideravelmente para o aumento de pesquisas em espaços detentores de documentos de fontes primárias. Tendo este espaço como lugar de guarda de documentos pessoais, o presente estudo busca compreender a produção literária do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina nos periódicos *Alterosa* e *Cigarra* a partir do seu arquivo pessoal, que se encontra no Núcleo de Estudos em Memória e Acervo – NEMA, pertencente à Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Diante de uma produção literária nos periódicos supracitados, surgiu então a necessidade de estudar a circulação dos textos de Fontes Ibiapina fora do estado do Piauí. Para tanto, durante este estudo, consideraremos não apenas a publicação dos contos nas revistas em análise, mas também a correspondência por parte do escritor para os periódicos, que foram publicados no campo “carta aberta”, sessão existente dentro das revistas. Os contos publicados por Fontes Ibiapina nesses dois periódicos trazem questões culturais, memorialísticas, históricas e ficcionais sobre o estado piauiense. Assim, ao ler as publicações nos periódicos *Alterosa* e *Cigarra*, percebe-se que o escritor fez considerações sobre a forma de viver do homem sertanejo, questões políticas, sobre os usos, os costumes e a linguagem da região nordestina.

Afirma-se que Fontes Ibiapina encontrou nas revistas *Alterosa* e *Cigarra* um meio de divulgar suas produções. Assim, ambas as revistas foram suporte para o escritor empreender sua carreira literária.

As dobras dos envelopes: romances epistolares do século XX e a representação da realidade

Iara Machado Frota Pinheiro (USP)

Resumo Esta comunicação pretende delinear possíveis estatutos das cartas em romances epistolares do século XX, investigando os efeitos nas dinâmicas entre remetentes e destinatários à luz das questões que o período colocou para a representação literária da realidade. A proposta é analisar fragmentos de duas narrativas epistolares da escritora italiana Natalia Ginzburg, *Caro Michele* (1973) e *La città e la casa* (1984). Vale assinalar que o formato em missivas é bastante explorado pela autora em seus escritos tardios, além dos romances, há *A família Manzoni* (1983), um estudo epistolar com a correspondência do escritor Alessandro Manzoni e de seus familiares e amigos. A recorrência da forma em Ginzburg será pensada junto a comentários teóricos sobre missivas, como Foucault (2004) em “A escrita de si” com o destaque da produção de presença própria do formato, e o deslocamento da carta do campo da eloquência à prática privada, assinalado por Brigitte Diaz (2016). Assim, a tentativa seria delimitar possíveis aspectos anacrônicos da troca de correspondência e traços que estariam vinculados às condições históricas e às respectivas concepções de sujeito. Embora seja possível detectar nos romances de Ginzburg elementos propostos pela teoria sobre ficções epistolares dos séculos XVIII e XIX, como a presença de um passado recente como motor da escrita (HAMBURGUER, 1975) e a cisão entre o eu que vive a experiência e o eu que narra (GENETTE, 2017), as questões que o século XX traz para a representação literária teriam efeitos formais na configuração das missivas. Não só porque já existe o telefone, como é assinalado reiteradamente pelos personagens de Ginzburg, destacando que existem assuntos que só poderiam ganhar forma pela escrita de uma carta, mas também porque a noção de indivíduo fissurada parece gerar um ruído na possibilidade de realizar “uma formulação escritural de si” (DIAZ, 2016).

As metamorfoses de Jaburu (biografema de Fernando Pieruccetti)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Resumo Assinando com o pseudônimo “Mangabeira”, Fernando Pieruccetti foi o responsável pela criação das famosas mascotes dos clubes do futebol mineiro (o Galo, o Coelho, a Raposa etc), protagonistas das charges que ele publicou nos jornais do estado, desde 1945 até meados dos anos 1970. Nessas charges, os clubes e outras entidades do universo futebolístico eram representados por animais, que reviviam os acontecimentos esportivos em pequenos fragmentos narrativos, inspirados nas fábulas de Esopo e La Fontaine. Entre eles, estava o Jaburu, encarnando a figura do torcedor de uma forma irônica, desencantada e pessimista, que contrastava com a paixão dos aficionados pelos clubes. Antes de fazer sucesso como chargista esportivo, Pieruccetti havia causado frisson na primeira mostra coletiva de arte moderna realizada em Belo Horizonte, o Salão do Bar Brasil, de 1936, com uma série de desenhos que representavam cenas de miséria e sofrimento da vida na cidade, abandonando em seguida as participações em exposições e salões de arte. Trabalhando com os arquivos da família Pieruccetti para a escrita de um ensaio sobre sua trajetória artística e existencial, me deparei com algumas informações que permitem fazer uma genealogia desse personagem, mostrando suas ligações com outros momentos da carreira de seu criador. Partindo das proposições da crítica biográfica contemporânea e tomando como operador analítico a noção de “biografema”, formulada por Roland Barthes, o objetivo deste trabalho é perseguir, na biografia e nos arquivos de Fernando Pieruccetti, a história do Jaburu, a fim de iluminar, por um novo ângulo, seu trabalho como chargista esportivo. Ao mesmo tempo, busco levar adiante a reflexão teórica sobre as formas pertinentes de se colocar em relação a obra e a vida de artistas e escritores, a partir de uma perspectiva atualizada, atenta ao modo como os dados biográficos são transfigurados pela criação artística e ficcional.

Cartas como arquivos editoriais: percursos do original ao livro na correspondência de Murilo Rubião

Cleber Araújo Cabral (UNINTER)

Resumo Este trabalho contempla uma reflexão sobre os processos editoriais dos dois primeiros livros de Murilo Rubião, *O ex-mágico* (1947) e *A estrela vermelha* (1953), a partir do exame da correspondência ativa e passiva do contista com Marques Rebelo, Fernando Sabino e Otto Lara Resende. A título de hipótese, sugere-se pensar as correspondências como um arquivo editorial, ou seja, um espaço que reúne informações documentais que auxiliam a compreender e reconstruir as práticas mediação editorial do manuscrito/original ao livro. Metodologicamente, a pesquisa se apoia em três eixos teóricos: as investigações de Reinaldo Marques em torno dos arquivos literários e das ficções do arquivo; as reflexões de Ana Elisa Ribeiro, Donald Mackenzie e Roger Chartier acerca das práticas de circulação, composição e edição de textos; as considerações de Gustavo Sorá a propósito da história social da edição. Para demonstrar a validade dessa proposta, extraímos exemplos dos conjuntos analisados que propiciam observar tópicos relacionados ao processo da edição dos textos rubianos, tais como: o encaminhamento de originais a editores; as negociações sobre a publicação; as estratégias de divulgação de livros. Ao investigarmos essas correspondências, vemos como Rebelo atuou ativamente como intermediador de Rubião para viabilizar a edição de *O ex-mágico* junto a editores cariocas, capixabas e gaúchos. Já Lara Resende e Sabino, por sua vez, além de leitores de originais, propiciaram o contato com as Edições Hipocampo, selo pelo qual é editada a plaqueta *A estrela vermelha*.

Cartas de amor em arquivos públicos: Da Costa e Silva entre verso e prosa

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Resumo Essa pesquisa baseia-se em uma seleta de cartas expostas no Museu Odilon Nunes na cidade de Amarante-PI que o poeta Da Costa e Silva escreveu à sua noiva Alice, datadas do início do século

xx. Sabe-se que os arquivos pessoais despertam o interesse e a curiosidade de pesquisadores, do público em geral, por revelar a intimidade do emissor e a identidade do receptor, principalmente quando estes se encontram em local público como museus, bibliotecas etc. A carta de amor é um texto que seduz os leitores/pesquisadores não só pelas particularidades do gênero, pelo valor documental, testemunhal, cultural e histórico que envolve as missivas e os protagonistas, mas também pela magia do arquivo pessoal que guarda a personalidade e confissões que não se destinam ao espaço público. É o que acontece com essas correspondências entre o casal: dois jovens enamorados, sofrendo com a distância, a insegurança de Alice e o amor intenso do poeta. A importância dessa pesquisa está no fato de que se entende que as missivas constituem um lugar que não só revela o amor e a paixão que os unia, mas a escrita aponta o ofício do escritor, através das revelações, das queixas e das atitudes ciumentas, numa linguagem carregada de subjetividade, com valor poético expresso na busca pela forma mais objetiva de revelar o inexprimível. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e para tal contar-se-á com o suporte de teóricos que tratam do fazer literário e dos arquivos para uma análise do gênero epistolar, dos elementos literários, da função da literatura, do arquivo, do ponto de contato entre a carta e trechos dos poemas contidos nelas.

Cartas entre escritores: encenações do arquivo

Reinaldo Martiniano Marques (UFMG)

Resumo A leitura da correspondência entre escritores permite observar que as cartas costumam funcionar como instância de constituição de seus arquivos, posto que servem frequentemente para enviar textos, livros, recortes de jornais e periódicos, documentos, informações sobre obras e revistas publicadas, solicitar empréstimos de livros e devolvê-los. A presente comunicação toma a correspondência entre escritores como meio privilegiado para se pensar o gesto arquivístico que mobiliza a construção de seus arquivos pessoais, explicitando operações de arquivamento por meio das quais se constituem como arcontes da memória, indiciando uma arqueologia de seus arquivos. A par disso, ao dramatizarem na textualidade das cartas a

montagem do arquivo, promovem uma encenação de figuras que o constituem: a biblioteca, o museu, a coleção, o álbum, o inventário. Acionam desse modo um pensamento por imagens, de modo a performar um gesto autobiográfico, um desejo de escrita, uma subjetividade autoral. Desse modo, é possível pensar essas cartas, em alguma medida, como instâncias discursivas de ficcionalizações do arquivo, que fazem do arquivo pessoal do escritor um objeto paradoxal, a um só tempo imaginário e concreto, pertencente à ficção e à realidade. Para tanto, como demonstração da validade dessas hipóteses, serão extraídos exemplos especialmente da correspondência trocada entre Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade.

Cartas Inéditas de Graciliano Ramos: Relações Afetivas, Intelectuais e Editoriais

Thiago Mio Salla (USP)

Ieda Lebensztayn (USP)

Resumo A presente comunicação pretende apresentar e discutir nosso trabalho em torno da edição anotada da correspondência inédita de Graciliano Ramos, que, há mais de uma década, vem sendo por nós recolhida em acervos brasileiros e estrangeiros, livros, periódicos e sites. Até o momento foram publicadas, em livro, 133 cartas do autor endereçadas a familiares (os pais, irmãs, Heloísa, a esposa, filhos), a um amigo e a dois tradutores argentinos. Com vistas a praticamente duplicar tal conjunto, já coligimos mais de uma centena de missivas do autor de “Vidas Secas” que revelam os diálogos por ele estabelecidos, sobretudo, com intelectuais, escritores, tradutores e editores ao longo da primeira metade do século XX. De modo preliminar, seguindo critérios cronológicos e espaciais, dividimos esse material em três porções: 1) de 1905 a 1915, com destaque para a viagem do jovem Graciliano ao Rio de Janeiro, em 1914-5; 2) de setembro de 1915, em Palmeira dos Índios até a prisão, em março de 1936, em Maceió: período em que escreveu “Caetés” (publicado em 1933), “S. Bernardo” (1934) e “Angústia” (1936) e 3) a partir da saída da prisão, em janeiro de 1937, no Rio de Janeiro, até 1952, ano da viagem para a Tchecoslováquia e a União Soviética. Em linhas gerais, pautando-se por tais balizas, o volume de cartas que propomos possibilitará

conhecerem-se melhor as circunstâncias históricas vividas pelo escritor, suas relações afetivas e intelectuais, suas reflexões sobre os romances e seus projetos literários. Ao mesmo tempo, com seu estilo, que inclui autoironia e ternura, as cartas revelam o rigor ético e estético do romancista. Assim, temos como objetivo ampliar a compreensão da realidade e da obra de Graciliano Ramos, bem como contribuir para os estudos de epistolografia.

**Cecília Meireles e Armando Côrtes-Rodrigues:
comentários sobre a criação de *Romanceiro da Inconfidência***

Alina Taís Dário (UFU)

Resumo Se para os pesquisadores brasileiros o acesso ao arquivo de Cecília Meireles continua restrito, em Portugal houve uma importante publicação que nos ajuda a compor o laboratório de escrita da poeta. Em *A lição do poema* (1998), organizado por Celestino Sachet, são registradas 246 cartas ativas de Meireles para o amigo e poeta português Armando Côrtes-Rodrigues, entre os dias 29 de janeiro de 1946 e 3 de março de 1964, ano da morte poeta brasileira. A partir de um discurso memorialístico, as cartas serviram de registro para documentar alguns anseios e reflexões de Cecília Meireles sobre os mais variados assuntos que cercavam a sociedade da época e, inevitavelmente, a respeito de literatura e cultura. Este trabalho tem como objetivo analisar as cartas como testemunho da gênese de *Romanceiro da Inconfidência* para a compreensão do percurso pessoal de Meireles durante a escrita da obra. Para isto, foi necessário que o recorte de pesquisa se restringisse a três cartas datadas em 26 de maio de 1947, 9 de junho de 1947 e 28 de julho de 1947. Sendo assim, a hipótese norteadora deste trabalho se funda no discurso epistolar como testemunho dos anseios de escrita da poeta e como fonte de registro das transformações que ocorreram até a publicação da obra. Questiona-se, então, de que maneira Cecília Meireles apresenta seu pensamento sobre a criação de *Romanceiro da Inconfidência*? Para alcançar tais objetivos, entende-se que seja necessária uma investigação da bibliografia de estudiosos como Marcos Antônio de Moraes (2007), Leonor Arfuch (2010) e Reinaldo Marques (2015). As conclusões aludem ao desejo de contribuir com a crítica literária e,

principalmente, partilhar as percepções e descobertas sobre o arquivo de Cecília Meireles.

Interfaces entre epistolografia e ensaísmo crítico literário em Italo Calvino

Alessandra Camila Santi Guarda (UNIOESTE)

Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)

Resumo Italo Calvino destacou-se como autor multifacetado que buscou pensar o livro e o mundo em crise, o que se observa tanto na produção ensaística, como em sua produção literária. Escreveu contos, romances, ensaios, crítica de cinema e teatro, relatos de viagens e manteve expressiva correspondência com escritores, intelectuais e tradutores de diferentes nacionalidades, a exemplo de *Lettere 1940-1985*. Desde seu primeiro livro, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947), a obra de Calvino tem atraído diversos estudos, devido ao potencial estético de formulações conceituais caras aos estudos literários na atualidade. Pensar o que configura o contemporâneo, foi para Calvino uma constante, a exemplo das conferências, *Lezioni americane – Sei proposte per il prossimo millennio* (1988), nas quais Calvino identifica atributos norteadores não só para a produção literária, mas também para uma vida mais autêntica na conformação de um novo tempo. Considerando-se a relevância destas produções, estudos que coloquem em cotejamento o pensamento reflexivo do autor, a partir de sua correspondência (arquivos literários) e de sua escrita ensaística podem contribuir para ampliar a compreensão acerca das relações entre literatura, memória e vida social. Desta perspectiva, esta comunicação intenta elencar formulações conceituais acerca do literário que permeiam a correspondência do escritor, mais especificamente, *Lettere 1940-1985*, em cotejamento com os pressupostos estéticos apresentados nas conferências de 1988, a fim de refletir sobre possíveis aproximações que se dão entre estes textos e verificar a emergência de um pensamento crítico sobre as categorias de autor, leitor, memória coletiva e literatura no século XXI. Entendemos *Lettere 1940-1985* como potencial arquivo para estudos de memória e testemunho no gênero epistolar. Tanto a correspondência de Calvino, quanto sua produção ensaística corroboram com a visão deste,

como um sujeito plenamente engajado nas tensões que permeiam a contemporaneidade.

Isto (não) é uma carta de Dalton Trevisan

Katherine Funke (UFSC)

Resumo Missivista e contista best-seller, Katherine Mansfield recebeu algumas cartas de Dalton Trevisan. Esta comunicação se refere a estes escritos constantemente reeditados de Dalton Trevisan para Katherine Mansfield. Na versão original, da revista *Joaquim* (n. 14, 1947), sob o aspecto gráfico de uma carta, surge “My darling Katherine (Mansfield):”. Contudo, a assinatura da missiva aparece de modo sui generis, “(a) Dalton Trevisan”. A presença deste pequeno, mas ruidoso “(a)” abre caminho para interpretações sobre a real natureza desta suposta carta. Em uma segunda leitura do mesmo texto, se percebe que os verbos, colocados sempre na terceira pessoa do singular, tanto falam com/para a interlocutora, quanto de/a partir d’“ela”. Somado ao fato que a destinatária da missiva faleceu dois anos antes de Trevisan nascer, o componente ficcional do material pode ser colocado ao lado de outras cartas fictícias do autor, que aparecem em outras de suas obras. Em 1948, 1968 e 2013, o mesmo texto aparece em obras de Dalton Trevisan, agora com o título reescrito para “Retrato de Katie Mansfield”. A versão mais recente, depois de um silêncio de 45 anos, tem o corpo do texto quase que totalmente alterado, embora a forma epistolar se mantenha no parágrafo inicial. O fato de estar presente no volume intitulado *Até você, Capitu*, abre caminho para novas interpretações desta Katherine Mansfield “ao modo de” Dalton Trevisan. A análise comparativa destes textos leva à pergunta: seria esta longa relação de interlocução Trevisan/Mansfield marcada pela devoção ou pela devoração? O que há na vida e na obra de Mansfield que justifique sua demorada presença (ainda que com pausas) como interlocutora e/ou como personagem do Vampiro de Curitiba?

Isto não é um cartaz: repercussões estéticas e históricas da escrita epistolar em Andrés Caicedo

Gustavo Osorio Agredo (UFSC)

Resumo Numa carta datada o dia 31 de dezembro de 1972 em Cali (Colômbia) o escritor colombiano Andrés Caicedo tenta dar resposta a seu amigo Henry Holguín, ante o interrogante que este último faz acerca de um cartaz publicitário que apareceu colado nas paredes da cidade nesse ano, no qual se rejeitava a participação de três orquestras nacionais de música tropical (acusadas de ter um som conservador) no principal festival da cidade; pelo contrario no cartaz se pede a presença de Richie Ray e Bobby Cruz, dois jovens músicos porto-riquenhos precursores da música salsa. A carta como pretexto literário, vai nós permitir entender a transgressão das fronteiras disciplinares e de gênero, subjacentes na escrita epistolar. Por sua vez o cartaz como objeto artístico, (“Ready Made”) aparece em diversos cenários da sua obra, -no romance “¡Que viva la música!” na carta, exibido em museu-, suas repercussões estéticas vão além de um primeiro momento, como choque publicitário ou como crítica cultural em relação com a emergência da música salsa nos anos setentas. Devem também, documento histórico de uma época, ecos, reverberações, sobrevivências, que ficaram plasmadas na escrita epistolar caicediana, no ser livro intitulado “Correspondencias 1970-1977” (2020). Através da perspectiva de análise da escrita epistolar apresentada por Ângela de Castro Gomes no seu livro “Escrita de si, escrita da história” que vai me permitir estabelecer um paralelo entre vida e obra do autor, e com a história, partindo de que “a escrita de si” é por sua vez um jogo de subjetividade na construção do “eu” escritor. Aliás o texto sobre “A lei do gênero” de Derridá vai nos permitir analisar o devaneio criativo do autor perante o qual oscila sua obra: Cartaz publicitário, literatura, escrita epistolar, crítica cultural e musical, objeto artístico, para finalmente se tornar um jogo de “correspondências” entre os gêneros artístico-literários.

João Cabral de Melo Neto, os programas de rádio e o *Romanceiro da Inconfidência*

Edneia Rodrigues Ribeiro (IFNMG)

Resumo João Cabral de Melo Neto chegou a afirmar, em entrevistas e em Depoimento para a posteridade, no Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, que escrevia poesia enquanto se preparava para ser crítico. Embora a força da sua poesia possa ter ofuscado a prosa ensaística, na *Obra completa* (1994) e no livro *Prosa* (1997) destacam-se “Joan Miró”, “Poesia e composição” e “Da função moderna da poesia”, por exemplo. Contudo, a atuação desse poeta-crítico não se limita aos textos em prosa, até então, incluídos em seus livros ou aos vários poemas de cunho metalinguístico observados ao longo de sua obra. Consultas realizadas, entre 2016 e 2018, no espólio documental de João Cabral, sob os cuidados do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, revelaram a existência de documentos inéditos: mais de 50 poemas, uma conferência intitulada “A poesia brasileira” e cerca de 30 textos curtos identificados como artigos de jornal e programas de rádio. Com base nesta pesquisa, o presente trabalho apresentará um breve levantamento de materiais inéditos e dispersos descobertos na seção “Produção intelectual”, desse espólio documental, buscando enfatizar os textos em prosa. A maior parte foi escrita nos primeiros anos da década de 1950, ocasião em que o poeta retorna ao Brasil, após ser afastado do Itamaraty. Muitos deles versam sobre obras de escritores brasileiros: Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Otávio de Faria, Mauro Mota, entre outros. Desse modo, serão apresentados “Romanceiro da Inconfidência” e “O exílio das elites”, nos quais o autor aponta o poema histórico empreendido por Cecília Meireles como um dos maiores acontecimentos da nossa literatura. A partir da análise desses documentos inéditos em livros, pretende-se comparar *Romanceiro da Inconfidência* (1953) a *Auto do frade* (1984), no qual o poeta pernambucano busca resgatar a história de Frei Caneca.

Mário de Andrade , correspondência com escritores cearenses e paranaenses (1927-1944)

Marcos Antonio de Moraes (USP)

Resumo Esta comunicação aborda a correspondência do polígrafo Mário de Andrade (1893-1945) trocada com escritores ligados ao Paraná e ao Ceará, no período de 1927 a 1944, valendo-se da Série Correspondência do autor paulistano, preservada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Tenciona ampliar o conhecimento das redes de sociabilidade intelectual no modernismo brasileiro, registrando a movimentação literária em Curitiba, Fortaleza e Crato. Intenta apreender trajetórias da formação de escritores cearenses e paranaenses, recuperando o espectro de suas leituras e distinguindo suas ações intelectuais/artísticas. Algumas dos correspondentes focalizados na comunicação: Aluísio Medeiros, Antonio Girão Barroso, Eduardo Campo, Luís Sampson de Siqueira Melo, Luís de Carvalho Maia Júnior, Maria de Oliveira, Quixadá Felício, José Cândido de Andrade Murici, Luís Navarro, Nestor Vitor, Wilson Martins. A investigação também coloca em pauta questões metodológicas, atinentes à singularidade da prática editorial de correspondência, e críticas, relativamente a maneiras de interpretação de diálogos epistolares. Propõe, em termos mais gerais, reflexões sobre a pesquisa em acervos de escritores, discutindo a potencialidade dos documentos produzidos na esfera da intimidade, para a ampliação e aprofundamento dos saberes da história e da crítica literária.

Mário e os gaúchos

Marcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS/USP)

Resumo Na presente comunicação, pretendo apresentar o projeto, em andamento, da organização do catálogo *Mário e os gaúchos*, a partir de pesquisa na série Correspondência do arquivo no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (IEB/USP), de modo a construir uma listagem qualificada, com descrição de cada item. Para além de apresentar a lista de nomes dos gaúchos que se relacionaram com Mário de Andrade, a pesquisa pode apontar o tipo

de relacionamento, o período e a periodicidade dos contatos. Tal resgate pode levar a alguns cruzamentos históricos e culturais, que evidenciariam a importância de tais contatos. A pesquisa online no site do IEB já está pronta. Devido aos protocolos restritivos, provocados pela pandemia, ainda não tive acesso aos documentos. Estou no aguardo da autorização para a pesquisa presencial, para proceder à consulta física a cada documento localizado no site, realizando, assim, a descrição detalhada de cada item, para a elaboração do catálogo. O levantamento da correspondência entre Mário e os gaúchos pode apontar para um quadro referencial, de modo a construir um panorama da cultura brasileira através do relacionamento entre intelectuais. Além disso, a presença do destinatário gaúcho, pode revelar aspectos da imagem que Mário de Andrade desejava criar em seu interlocutor, ampliando suas referências e relações para além do eixo da região Sudeste.

Missivas infantis a Dona Benta e Emília e o artifício da criação da imagem/máscara no gênero carta: imagens de si e do outro

Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA)

Resumo Esta comunicação surge como apresentação de parte de nosso objeto de estudo de Projeto de pesquisa de Pós-doutorado, a saber, as missivas infantis enviadas a dona Benta e Emília, personagens da obra infantil de Monteiro Lobato. As missivas se encontram no dossiê Raul de Andrada e Silva, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Pretendemos trazer para a discussão nossa problemática: qual o papel e a função dos jovens missivistas leitores diante de seus destinatários/personagens? Que imagem/"máscara" criam de si mesmos e de seus interlocutores/personagens? O corpus é composto por seis cartas diretamente enviadas a Dona Benta e Emília e três que, indiretamente, os missivistas pedem que sejam encaminhadas a elas para obtenção de alguma informação. Apresentaremos nessa comunicação os primeiros passos que temos trilhado no estudo do gênero carta e a importância dele para a criação de artifícios de convencimento do interlocutor no interior desse corpus de nove missivas encaminhadas às personagens infantis de Lobato. Para isso, temos nos pautado nos estudos teóricos de Tin (2007, 2009,

2014, 2016, 2018, 2020), Silva (2009), Raffaini (2008), quando pensamos em cartas infantis de Monteiro Lobato; Moraes (2007, 2014), Rocha (2017), Pinheiro (2016), Haroche- Bouzinac (2016), Rocha (2017), Galvão e Gotlib (2000) para a discussão do gênero carta e Chevalier, Gheerbrant (2020) e Ceia (2009) para o significado de “máscara”.

O processo de organização da correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa

Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (UFG)

Resumo A Biblioteca Municipal do Porto e o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, abrigam o diálogo epistolar entre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e o português Alberto de Serpa [Esteves de Oliveira] (1906-1992). As cartas de Cabral a Serpa, escritas entre julho de 1949 e outubro de 1957, apresentam, em muitos momentos, um tom ensaístico. O poeta já havia atingido o seu estilo poético reconhecível, sobretudo com *Psicologia da composição* (1947), mas se mostra, sobretudo nas cartas de 1949 e início de 1950, um poeta bastante tocado pela sua contemporaneidade (o fascismo, o franquismo em Espanha, o comunismo), o que tem repercussão sobre a sua obra poética. As cartas de Serpa a Cabral, escritas entre junho de 1949 e novembro de 1956, havendo ainda um telegrama de 1966, apesar do interesse crítico menor, são peças indispensáveis para compor o conjunto epistolar, para acompanhar como esse poeta, a exemplo de outros pares portugueses da Geração da Presença, lidou poeticamente com a sua época e também para reconstruir uma importante interlocução entre Brasil e Portugal. O que chama inicialmente a atenção nessa correspondência é a coesão das cartas escritas entre 1949 e o início de 1950, a parte mais extensa do epistolário, em torno de um assunto central, a organização de *O cavalo de todas as cores* (1950), revista que teve apenas um único número impresso pelo próprio Cabral, mas que contava com um segundo número planejado ou esboçado e ainda com indicações de autores para figurarem em números futuros. Nesta comunicação, proponho apresentar o processo de organização da Correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa e a contribuição, nesse processo, de teorias sobre edição de cartas e de outras correspondências publicadas.

O recolhimento de arquivo em acervo digital acerca dos poemas de Lara de Lemos e das recepções críticas em jornais e correspondências

Bruna Santiago dos Reis (UFRGS)

Resumo Lara de Lemos é uma escritora gaúcha que se destacou pela poética de viés social, mas também íntimo, entre 1956 e 2006. Uma das obras marcantes de Lara é *O Inventário do Medo* (1997) a qual aborda as experiências pessoais acerca das torturas e da prisão em período ditatorial. Ao realizar pesquisas a distância, por meio do acervo digital do DELFOS/PUCRS, foi observado que há muitas obras de Lara que receberam atenção especial, como *Palavravara* (1986) e *Para um Rei Surdo* (1973), também de viés político. A partir disso, diversas questões serão levantadas sobre o corpus em si e o trabalho do pesquisador de acervo. Será mapeado e delimitado o que há de manuscrito de Lara de Lemos, assim como, a recepção por parte de críticos em jornais e correspondências sobre os escritos publicados. Também, será exposta a situação desafiante do pesquisador de arquivo em meio ao cenário global atual – como trabalhar com os poucos materiais oferecidos por acervos digitais? Como ficam as pesquisas para quem necessita do acervo físico? Qual é o papel do acervo digital e como ficam as questões éticas da correspondência? A partir de todas as reflexões mostradas, alguns teóricos serão recuperados na pesquisa como Derrida (2001) e Assmann (2011), entre outros. A partir disso, serão recolhidos e analisados alguns manuscritos da escritora, os quais apresentam modificações comparados aos originais, e algumas correspondências e matérias de jornal acerca da recepção por parte do meio literário e editorial dos poemas de Lara de Lemos em obras como *Para um Rei Surdo* (1973) e *Palavravara* (1986). Ainda, será analisada a relevância desses poemas devido ao teor político.

Os rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Farmácia São José

Stephanne Santiago (UEFS)

Resumo Eulálio Motta (1907-1988), escritor de Mundo Novo-BA, guardou consigo um rico acervo com uma documentação variada,

que conta com fotografias, cartões-postais, datiloscritos, cartas avulsas e 15 cadernos de trabalho e anotações. Dentre eles, há o caderno Farmácia São José, escrito entre 1940 e 1945, composto por textos de gêneros variados, que vão de anotações cotidianas e financeiras a rascunhos de poemas, de crônicas e de cartas. O gênero mais produtivo no caderno é o epistolar, apresentando um total de 53 rascunhos de cartas escritas para destinatários diversos. O principal deles foi Eudaldo Lima, amigo de infância e conterrâneo do escritor, com quem travou uma longa discussão acerca do catolicismo e protestantismo. A discussão dos amigos foi regada de embasamentos da literatura religiosa e bíblica e ocupou 19 dos 53 rascunhos de cartas do caderno, sendo uma fonte importante para entender o pensamento do escritor acerca da religião e para compreender seu movimento de Ação Católica, executado, dentre outras formas, por meio de produção literária. Neste trabalho, busca-se apresentar a edição do rascunho de carta Meu caro Eudaldo: Saudações, discutindo o debate religioso entre Motta e Lima, os aspectos materiais do rascunho de carta, seu contexto de produção e circulação, além de traçar um panorama geral da correspondência entre os amigos. A pesquisa encontra-se embasada nos estudos epistolares de Silva (2002), Diaz (2016), Barreiros (2018), Santiago (2021) e nos estudos filológicos de McKenzie (2005), Barreiros (2017) e Santiago (2021). O estudo possibilitou compreender aspectos da prática de escrita epistolar de Eulálio Motta, das suas relações interpessoais, dos seus posicionamentos religiosos e suas produções literárias.

Remessa de livros: Mário de Andrade e os livros do Ceará

Rodrigo de Albuquerque Marques (UECE)

Resumo Mário de Andrade estava morando no Rio de Janeiro quando recebeu pela primeira vez uma carta de um jovem poeta do Ceará, Antônio Girão Barroso. O remetente pedia desculpas pela liberdade, mas iria chamá-lo de camaradão, bonzão, ou simplesmente você, com um V. assim em maiúscula. O motivo da correspondência era o reenvio de um livro de estreia, pois desejava ouvir de Mário ao menos uma ligeira impressão de leitura: “Há tempos mandei p^a. o seu endereço paulista esta brochurinha de primeiros poemas.” A carta

foi o início de uma intensa correspondência com jovens escritores do Ceará, uma geração inteira de intelectuais que ansiavam ouvir do paulista palavras de incentivo e lições de poética. Nem sempre foi assim, na década anterior, no Ceará da segunda metade dos anos 1920, o nome de Mário de Andrade mal aparecia, figurava às vezes vinculado ao homônimo Mário Sobreira de Andrade, ou melhor, ao Mário de Andrade (do Norte), com brincadeiras, gozações e nada mais. Em 1939, porém, Mário iniciaria uma correspondência com jovens poetas e romancistas cearenses ávidos por conselhos, contatos e leituras. Este trabalho objetiva elencar os livros que Mário recebeu do Ceará, a partir da correspondência passiva de Mário de Andrade que se encontra no acervo do IEB e da correspondência ativa já publicada em livros. Seleccionamos 16 cartas (décadas de 1930 e 1940) dos autores cearenses: Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros e Eduardo Campos a Mário de Andrade. O trabalho procura analisar como a remessa de livros de escritores de uma província distante do centro hegemônico do país para a apreciação de um grande escritor nacional repercutia na recepção e na legitimação das obras na própria província, a ponto de moldar a escrita segundo a expectativa de leitura dessa personalidade legitimadora.

The Living Theatre no Brasil: uma análise de cartas, bilhetes e fotos

Roberta Cantarella (UnB)

Resumo Em 2008, a Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, em conjunto com o Arquivo Público Mineiro, publicou o *Diário de Judith Malina: o Living Theatre em Minas Gerais*. O livro é a reunião dos textos escritos por Judith Malina (1926-2017) durante o tempo que ficou presa no Brasil e também recortes de jornais. O grupo The Living Theatre foi fundado em 1947 em Nova Iorque por Malina e Julian Beck, em 1985. Ficou conhecido pelas suas criações coletivas como *Paradise Now* (1967) e por ser um grupo de teatro anárquico e pacifista. O grupo veio ao Brasil em 1970, a convite dos dramaturgos Renato Borghi e Zé Celso, do Teatro Oficina, em São Paulo. Em 1971, Malina, Beck e outros integrantes do grupo foram presos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) antes da participação do

Festival de Inverno de Ouro Preto (MG). Depois de um tempo presos, foram expulsos do Brasil, a partir de Decreto Presidencial do Governo Militar. Os escritos de Malina nesse período deram origem ao diário publicado em 2008. Esse diário abriu um escopo de estudo sobre a estada do grupo Living no Brasil. Nessa busca, encontramos os arquivos do Living na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Dando a sequência à pesquisa já iniciada, este trabalho tem objetivo analisar fotos, bilhetes e cartas do Living arquivadas na Biblioteca Pública de Nova Iorque relacionadas ao período em que estiveram no Brasil na década de 1970. Para colaborar nesta pesquisa temos como referenciais teóricos Starling (2008), Klinger (2018; 2020) e Gomes (2004).

Um conjunto de cartas de Pierre Seghers, Adalgisa Nery e outros agentes literários, reunido por Roberto Assumpção

Cilza Carla Bignotto (UFSCar)

Resumo Em maio de 1952, o poeta e editor francês Pierre Seghers (1906-1987) enviou uma carta a Roberto Assumpção (1916-2007), então adido cultural da Embaixada Brasileira em Paris, na qual confirmava a publicação de uma plaquette de poemas da escritora brasileira Adalgisa Nery (1905- 1980). Na carta, Seghers menciona conversas prévias mantidas com Assumpção sobre a tradução e publicação de poemas de Adalgisa na coleção P.S., que reuniria 3 publicações dos “melhores poetas brasileiros” traduzidos e adaptados em francês. A plaquette, ou folheto, foi lançada naquele mesmo ano, com o título “Au dela de toi,” com doze poemas traduzidos por Francette Rio Branco e adaptados por Pierre Seghers. A carta integra um conjunto de correspondências intermediadas por Roberto Assumpção, que faziam parte de seu acervo pessoal. As cartas do conjunto estendem-se de 1952 a 1964, data da última carta de Adalgisa Nery ao diplomata. A correspondência reunida por Assumpção permite mapear os processos de tradução e edição de vários autores brasileiros por Pierre Seghers, bem como as redes editoriais das quais tanto o editor como o diplomata faziam parte. O conjunto de documentos inclui missivas de Adalgisa Nery, do próprio diplomata e de outros agentes de diferentes campos literários, como o intelectual francês Gaston Bachelard, o tradutor italiano Vincenzo Spinelli e o editor Gabriel Athos Pereira,

da Livraria José Olympio. Esta comunicação pretende apresentar ao público estas cartas, adquiridas quando o acervo de Assumpção foi leiloadado, em 2017. O principal enfoque da apresentação será o mapeamento dos processos e redes editoriais de Pierre Seghers, sobretudo para a publicação de autores brasileiros na França.

Vestígios concretos: arquivo literário de Cyro dos Anjos

Angélica Pereira Martins Chagas (UFU)

Resumo A preservação de arquivos de escritores é de grande relevância para estudiosos literários. Em janeiro de 2020, foi realizada uma visita ao Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com foco na sala dedicada aos arquivos de Cyro dos Anjos. A busca pelos arquivos literários do escritor Cyro dos Anjos teve foco nas correspondências do escritor, já que com elas é possível identificar prováveis referências de outros autores contemporâneos de Cyro dos Anjos. Um olhar foi voltado também, em relação à sua biblioteca, para observar as predileções de leituras do escritor enquanto grande leitor. No caso do escritor mineiro, além dos livros, correspondências e recortes, também encontramos rascunhos de prováveis momentos de estudo do escritor, como pedaços de papel com listas de palavras e seus significados ou traduções, trechos de leituras com comentários e interpretações. Além de alguns objetos de sua mesa de escritório, como uma coruja, pequenos bibelôs e um porta-retrato com a foto de sua esposa. Cyro dos Anjos, ao deixar suas correspondências arquivadas, permite que os estudiosos de sua literatura possam encontrar, de alguma forma, em arquivo, o próprio Cyro dos Anjos montado por si mesmo. Ao guardar algumas fotos, seus próprios retratos, desenhos feitos por pintores, ao conservar as cartas trocadas com sua família e amigos, agrupar coleções de objetos pessoais e livros, “o escritor constitui o seu arquivo, destacando também uma gama variada de imagens de si mesmo, como autor, artista e intelectual” (MARQUES, 2015, p.101). Daí a necessidade de se visitar o acervo do escritor, em busca de saber mais sobre Cyro dos Anjos autor, artista e intelectual daquele tempo.

Simpósio 11**As configurações estéticas das tendências
da literatura contemporânea na prosa e na poesia**

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UFPI/UESPI)

Alan Bezerra Torres (IFCE)

Edilson Floriano Souza Serra (IFMT)

Resumo A Literatura Brasileira Contemporânea tem se firmado cada vez mais tanto nas produções ficcionais – sejam elas de ordem prosaica ou poética, quanto no desenvolvimento da crítica sobre ela. Questionáveis estigmas como aqueles que a entendiam como sendo uma literatura menor comparada à tradição têm sido desfeitos. Diversos pesquisadores, de dentro e fora das universidades, têm eleito a literatura contemporânea como mote principal para os seus estudos. Dessa forma, abrir espaços para trocas de ideias sobre a Literatura Contemporânea na prosa e na poesia, além de enriquecer aqueles que dela participam, também promove a divulgação de importantes pontos de investigação na questão comparativa. Sendo assim, o propósito do Simpósio se coloca como este espaço mediador e de divulgação da rica produção literária brasileira recente. Analisar os elementos que configuram as diversas tendências da Literatura Brasileira Contemporânea tais quais a autoficção, o romance histórico, o neorregionalismo, o *ecce homo fictus*, o niilismo, a poesia marginal, a poesia hermética, a poesia urbana ou a poesia de cordel, entre outros, constitui um dos cerne do simpósio. Importante lembrar que as tendências acabam servindo como base para a compreensão da Literatura Brasileira hodierna com natural exigência para que a crítica literária saia das suas discussões consolidadas e partam para novos desafios em busca do entendimento das obras atuais. Outro ponto a ser destacado ao se analisar as tendências literárias recentes se encontra nas contribuições para o cenário não só nacional, mas até mesmo global da Literatura Contemporânea – seja na prosa ou na poesia – diante da suntuosidade em relação aos diálogos não só dos pontos de vistas sócio-históricos vigentes, mas com as diversas artes e ciências alavancando uma rica construção ficcional. Podemos ilustrar as misturas produtivas com o cinema, a filosofia, a crítica literária, a antropologia, a sociologia, a pintura, a música. Reconhecemos que esses diálogos da Literatura não

são novidades, pois desde as primeiras manifestações ficcionais estiveram presentes, todavia, a singularidade do momento se encontra na intensidade e no maior amalgamento destes campos distintos nos textos. Completa-nos Lucaks em *Teoria do romance* (2000) quando diz: “O homem contemporâneo se assemelha a uma abelha, voando contra uma janela de vidro, enxergando o mundo do outro lado, mas incapaz de atravessá-lo”. Isso indica-nos o mundo labiríntico no qual nos deparamos cotidianamente. Aqueles que gozam de melhor compreensão ajudam os “perdidos e inquietos”. Percebemos assim a Literatura como meio de pelos menos fissurar esse vidro da realidade e, através dessas pequenas rachaduras, sentir o que nos é apresentado e não compreendido. Além dessa ação perceptiva, a produção literária promove dois efeitos relevantes em que um havia sido perdido e outro estagnado. O primeiro condiz com a centralidade da literatura. Não tem sido incomum diversos agentes sociais estarem se utilizando de textos literários contemporâneos para oferecerem maior profundidade nas suas exposições e debates. Não mais se cita apenas autores consagrados, que de certa maneira já foram aludidos reiteradas vezes, mencionam-se autores e poetas do momento presente para o incorporarem às discussões sociais públicas, sejam nas produções de temática sobre afro-descendentes, homoafetivos, de direitos humanos, ou de outras problematizações sociais. Promovem desta maneira discussões produtivas sem caírem na vinculação da literatura como reflexo puro da sociedade, algo danoso não só para a literatura como para vida social. Outro ponto relevante se encontra na formação de novos leitores. Castro Rocha nos diz que “o leitor é um sujeito que assimila um outro modo de ser, transformando-se no processo de assimilação, ampliando assim seu horizonte existencial” (2015, p. 41). Essa constituição de alteridades em que o leitor forma o indivíduo auxilia na compreensão das imagens, do mundo, das pessoas e, no caso dos textos ficcionais, completa-nos. Castro Rocha: “A leitura de textos literários é o meio privilegiado para recuperar ritmos mais lentos de cognição, pois sua própria materialidade exige uma pausa em meio à vertigem do cotidiano globalizado” (2015, p. 43). Essa desaceleração nos retira também do automatismo do cotidiano, no caso do texto ficcional contemporâneo, por uma questão até mesmo de compreensão no que se refere ao horizonte temporal, é mais fácil jovens se identificarem com obras que contemplam o seu momento e que parecem mais próximas das suas vivências do

que com produções poéticas e em prosa dos séculos anteriores. Com base em estudos como Araújo (2010, 2013), Azevedo (2013), Baumgarten (2000), Brandão (2013), Brito (2017), Dalcastagné (2012), Perrone-Moisés (2016), Santini (2014), Schollhammer (2011), entre outros importantes teóricos, apresentamos a nossa proposta de Simpósio: As novas tendências da Literatura Contemporânea na prosa e na poesia como instrumento de mediação dos estudos sobre as produções literárias do momento presente.

A atualidade da prosa literária brasileira em *Essa gente*, de Chico Buarque de Holanda

Leila Cristina de Melo Darin (PUCSP)

Maria Jodailma Leite (PUCSP)

Resumo Esta apresentação visa a contribuir para a pesquisa sobre a produção literária brasileira contemporânea, a partir da análise da obra *Essa gente* (2019), de autoria de Chico Buarque de Holanda. Observa-se, nesse romance do poeta, dramaturgo, músico e compositor, vários elementos que se encontram em sintonia com as recentes reflexões de críticos literários e de estudiosos das tendências que marcam hoje os fenômenos culturais. Manuel Duarte é um escritor que, após publicar alguns livros e ganhar notoriedade com o romance histórico *O Eunuco do Paço Real*, enfrenta um “bloqueio criativo” que o inibe de dar continuidade a um texto ficcional recém-iniciado. Deparamo-nos com sinais da possível identificação entre Duarte e Buarque acompanhando a escrita da obra do autor-narrador-personagem, configurando uma ambivalência que inscreve a narrativa como autoficcional. Assim, ao mesmo tempo que o protagonista relata as dificuldades que enfrenta para redigir seu romance, oferece ao leitor, a cada nova página, o livro que ele tem em mãos, convidando-o a participar do jogo metaliterário que sobrepõe a leitura à reflexão sobre o que é escrever literatura. A atualidade de *Essa gente* também transparece na forma como diferentes gêneros são embaralhados: relatos altamente pessoais, inclusive de sonhos desconexos, intercalam com recortes de jornais, correspondências, transcrições telefônicas, diários. A opção do autor pela estrutura narrativa recortada em 69 capítulos curtos, ou episódios, coaduna-se com a

“popularidade das formas ultracurtas de minicontos e das estruturas complexas e fragmentadas” (SCHOLLHAMMER 2009, p. 14). A fragmentação das histórias espelha a desagregação da própria Rio de Janeiro ficcionalizada: uma cidade dividida entre a violência policial, o tráfico de drogas, as milícias, a pobreza, a corrupção, a descrença no sistema judiciário e o preconceito contra a mulher, o travesti, o morador de rua, e, principalmente, os negros.

A autonomia das personagens femininas nas obras neorregionalistas de Milton Hatoun

Lenise Matilde Santos de Assis (UFPI)

Resumo Nos romances *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoun são contemplados as marcantes características da família árabe com o forte componente de voltar-se, primeiramente para si mesma, com a demarcação rígida dos universos masculino e feminino com o mascaramento das relações interpessoais pela hominização afetiva e passional. De acordo com Brito, (2016) a partir do Neorregionalismo de 1970 as personagens femininas ganharam um papel de destaque nas narrativas de cunho social que agora exerce a função autônoma dentro dos enredos, diante disso criou-se uma necessidade de estudo sobre essas narrativas que entram e ganham bastante relevância na sociedade e também, não menos importante, na literatura brasileira. A partir desse movimento, a literatura e o gênero romance foram utilizados como uma propagação de uma nova ordem social advinda da burguesia que não só entreteram, mas que configurou um novo modelo de vida social (BRITO, 2016). Com base nesse estudo pretendemos analisar nos romances *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoun a autonomia das personagens femininas que se destacam por apresentarem um forte poder durante a narrativa, nela analisaremos a partir da construção das personagens femininas em especial a matriarca Zana e a empregada Domingas na qual discorre toda a narrativa por se destacarem na administração de suas famílias, apesar de pertencerem a civilizações onde supostamente as mulheres tem pouca vez e voz.

A cidade contemporânea como inquisição: as relações socioespaciais em um romance de Carlos de Brito e Mello

Emily Cristina dos Ouros (USP)

Resumo A reflexão sobre as relações entre a literatura e a cidade, apesar de antiga no contexto brasileiro, vem ganhando novos contornos no limiar da literatura contemporânea. Boa parte da produção recente – como bem mapearam Regina Dalcastagnè e Gislene Baral na organização “Literatura e cidades” (2019) – tem revelado profundas tensões e alteridades entre a experiência dos sujeitos e o espaço urbano onde vivem e por onde circulam, mostrando o quanto a dinâmica da cidade e os personagens engendram uma relação impossível de permanecer despercebida. É dentro desse contexto que se insere a presente comunicação. O trabalho apresenta uma leitura crítica sobre o livro *A cidade, o inquisidor e os ordinários*, de Carlos de Brito e Mello, obra em que uma cidade fictícia – com personagens arquetípicos como, o inquisidor, o olheirento e as vizinhas – alimenta as agruras de um convívio social baseado no controle espacial do outro. A análise busca evidenciar a forma como o autor se vale do espaço urbano, e de diferentes alegorias nele presentes, para trazer à tona as vicissitudes de um convívio hostil, no qual a ideia de público e privado, coletivo e individual se perdem em meio a uma vigilância constante e inquisidora sobre os habitantes do lugar. Nesse cenário, a posição social dos indivíduos e suas intervenções na cidade tornam-se fundamentais para pensar as relações entre a literatura e a experiência urbana em diferentes metrópoles brasileiras da contemporaneidade.

A insuficiente resposta ao desejo da poesia

Nícolas Tadashi Sato Faria (UFF)

Resumo Levando-se em conta a localização discursiva da poesia contemporânea em um campo de crise (SISCAR, 2010) – que permite o convívio produtivo entre práticas poéticas diversas e modos de participação das subjetividades nessas práticas –, intenciona-se investigar a possibilidade de os poemas de Ana Martins Marques, em

seu livro “Da arte das armadilhas” (2011), insinuarem certos procedimentos de evocação e de convocação a partir de/por meio de lugares, objetos e comportamentos. “Como quem/ com uma lanterna e um mapa/ cre? empreender/ a descoberta do mundo” (MARQUES, 2011), AMM parece construir a possibilidade de a evocação e a convocação oportunizarem endereçamentos e transitividades (PEDROSA, 2008; 2010), permitindo relações de memória e de alteridade – e também de movimento, uma vez que sua linguagem parece sondar mais do que definir, rondar mais do que destinar, abrir para a imanência dos sentidos a serem partilhados pelos sujeitos: “na sua pele/ meu corac?o dorme/ tatuado”. Por comunicação, a poesia de AMM e? lugar de desejo. Dessa forma, para refletir sobre a percepção do contemporâneo enquanto instabilidades transitivas, importa estimular a maneira de considerar a poesia de Ana Martins Marques, tensionando não somente seus procedimentos poéticos enquanto discursos demandantes e desejosos, mas também a própria criticidade a seu respeito enquanto indagação e (portanto) comunicação constantes sobre a contemporaneidade.

A memória sob influência do espaço em *Vasto mundo*, de Maria Valéria Rezende

Rayssa Pereira Martins (UESPI)

Resumo Este trabalho se propõe a analisar a relação entre a memória e o espaço na obra neorregionalista brasileira *Vasto mundo*, de Maria Valéria Rezende. Bem como observar como esses aspectos que caracterizam as obras neorregionalistas influenciam na vida das personagens. Sabe-se as obras neorregionalistas são caracterizadas por algumas particularidades, como a autonomia das personagens femininas, a presença de traços memorialísticos e o espaço como co-participe nas narrativas. No entanto, o espaço aqui não atua apenas como plano de fundo, mas dialoga e influencia na vida e no imaginário das personagens. Ademais, sabe-se que a identidade narrativa de um personagem é medida ao decorrer do tempo, com isso as experiências dos personagens e consequentemente o contato com uma cultura de determinado espaço, faz com que os costumes dessa região se tornem parte da identidade dos mesmos. Assim podemos

constatar que o que dá valor aos lugares são as memórias que dele fica nos sujeitos, os dando uma sensação de pertencimento a esse lugar. Por outro lado, o deslocamento de um espaço para outro pode provocar um conflito interno nas personagens, uma sensação de estranheza de não pertencimento àquele espaço. Em vista disso, o objetivo deste trabalho é analisar como a memória sob intermédio do espaço influenciam na subjetividade das personagens em Vasto mundo. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica. Ademais, é importante ressaltar a seleção de passagens da narrativa e o uso de autores como: Brito (2017), Assmann (2011), Tuan (1980), entre outros.

A presença da escrita cinematográfica na literatura neorregionalista brasileira

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI/ UFPI)

Resumo O presente estudo visa analisar a produção de uma escrita cinematográfica na produção literária contemporânea de estética neorregionalista. Em linhas gerais, o Neorregionalismo apresenta, entre as suas características, aspectos como autonomia das personagens femininas que se reflete o reconhecimento do protagonismo das mulheres ao longo da história que é exercido na autonomia das suas vontades, dos seus desejos, mesmo em ambientes ainda sob efeito de marcas patriarcalistas e de ambientes machistas. No tocante ao espaço, ele se desenvolve nas narrativas, nas saídas das zonas rurais para os espaços urbanos, como também, ele não mais constitui apenas um elemento ornamentativo de situar os personagens diante de um determinado lugar, ele acaba atuando na subjetividade das personagens e até mesmo como personagens, sendo, portanto, co-participante dos enredos. Adita-se a presença do teor memorialista no desenvolvimento das tramas. Além da presença marcante e significativa dos traços culturais regionalistas, que em nada diminuem o teor estético da obra e menos ainda dificulta ou isola a produção ficcional, retirando os seus caracteres universais, pois as questões humanas, como seus dilemas, aflições, anseios, problematizações, não estão particularizadas sob a égide de uma determinada essência local. Reconhece-se que ao longo da tradição cinematográfica brasileira a Literatura se fez presente desde das primeiras imagens. Inúmeras

obras literárias foram adaptadas ao longo dos mais de 100 anos do Cinema Nacional. No tocante a presença do cinema na produção ficcional contemporânea torna-se mais evidente como na obra neorregionalista *Sombra Severa* de Raimundo Carrero. Abordar como esses aspectos cinematográficos atuam na escrita literária romanesca e como ele acaba por potencializar os enredos são alguns dos objetivos das nossas investigações. Pautamo-nos nas teorias de Bakhtin (1981), Deleuze (2010), Diniz (2005), Hutcheon (2013), Johnson (1983), Stam (2009).

Anacronismo e contemporaneidade: a propósito da poesia de Salgado Maranhão

Rafael Campos Quevedo (UFMA)

Resumo Propõe-se uma discussão acerca da ideia de anacronismo (ENZENSBERGER, 2003; AGAMBEN, 2009) e suas implicações no debate acerca do contemporâneo a partir da produção lírica de Salgado Maranhão, especialmente em obras publicadas entre 2013 e 2020, entre elas “O mapa da tribo”, “Ópera de nãos” e “A sagração dos lobos”. A abordagem pressupõe uma discussão acerca da relação entre o poeta contemporâneo e a tradição da poesia lírica que o antecede, relação essa que já não mais se estabelece pelo regime “escolar” da imitatio poética, da qual a cultura clássica foi a instituição mais representativa, tampouco pelas investidas de contestação típicas da “tradição da ruptura” (PAZ, 2013) introduzidas pela modernidade. Sendo assim, a noção de anacronismo, tal como a empregamos, a saber, desinvestida de qualquer carga negativa e entendida como dispositivo de “leitura” do presente em sua relação com o passado, permite pensar uma possibilidade de apreensão de um dos modos de ser da poesia contemporânea. A nosso ver, a atual poesia de Salgado Maranhão, atravessada por intertextos com tradições diversas, procedimentos e recursos absorvidos, também, de variadas procedências, além de seu modo específico de fazer convergir o erudito com o popular, modular o clássico com o “tribal”, apresenta-se como um ângulo privilegiado para a discussão proposta.

**Cenas da violência na literatura brasileira contemporânea:
uma leitura dos romances *Estorvo* e *Essa gente*, de Chico Buarque**

Adão Marcelo Lima Freire Alves (UESPI)
Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI)

Resumo Este trabalho propõe analisar os romances *Estorvo* e *Essa gente*, de Chico Buarque, levantando a hipótese de que as duas obras elaboram, em termos de linguagem, uma representação da violência brasileira cujos traços estruturantes não são completamente explicáveis se não se considerar que o Brasil é um país de herança autoritária. *Estorvo* (1991) apresenta um narrador-personagem sem nome, transitando entre seu apartamento, a mansão da irmã rica, o sítio da família, o condomínio da mãe e a casa da ex-mulher. Como observa Schwarz (1999), o ângulo narrativo bifurcado entre alucinação e realidade torna “porosa” a análise dos fatos na obra. Por sua vez, é essa forma narrativa que melhor matiza as relações sociais, salientando o aspecto agônico nas ações do narrador, ao tempo em que também capta variadas cenas de violência. Em *Essa gente* (2019), o procedimento narrativo acentua a fragmentação tanto na exposição das situações narradas quanto na própria voz que narra os fatos, que, embora tenha em Manuel Duarte uma figura central, não concentra a narração nele, evocando, assim, outros narradores. A interlocução entre os variados ângulos narrativos possibilita uma representação poderosa da violência social brasileira. Para essa pesquisa, o diálogo com Lukács (2009) é fundamental, pois, com ele, compreende-se que a forma romanesca instaura a ausência do abrigo transcendental, impelindo o indivíduo problemático a buscar, sem sucesso, um sentido para a vida. Com Ginzburg (1999), Pinheiro (1991) e Ribeiro (1999) percebe-se que o Brasil é um país de base autoritária. As ideias de Agamben (2009) e Schollhammer (2009) são importantes para se compreenderem, respectivamente, as características do “contemporâneo” e da literatura brasileira produzida nos últimos anos. Percebe-se, assim, que, apesar de as duas obras operarem com formas narrativas diferentes, o resultado é o mesmo: o desnudamento das contradições sociais brasileiras e a exposição da violência.

Depois de tudo a palavra: metalinguagem e crítica da metáfora

Alan Bezerra Torres (IFCE)

Resumo Depois de tudo a palavra, obra de estreia do poeta cearense Sinval Farias, é – como o título já sugere – um exercício metalinguístico. O texto alevanta-se incansavelmente em prol do poder da palavra e da metáfora. De acordo com Barbosa (2009), o poema moderno é uma crítica da metáfora. Assim sendo, estendemos a discussão para a própria condição de existência da arte: Qual o lugar da poesia? Há a possibilidade de poesia? A linguagem da poesia moderna está saturada? É necessária uma reflexão acerca de si mesma para uma reinvenção, uma renovação? Nessa equação de questionamentos, o texto torna-se, muitas vezes, um enigma indecifrável, obscurecendo a relação entre os elementos topológicos e tropológicos, consequentemente, levando ao hermetismo. Já para Habermas (2000), a Modernidade carece de ver-se referida a si mesma, numa tentativa de afirmar-se e essa autocertificação seria, para ele, uma das características fundamentais do período. Este trabalho visa, pois, compreender os versos livres, escorregados e concretistas do artista como uma procura de resgate da metáfora, não como simples imagem, mas como bandeira contra a opressão dos discursos que querem calar o grito de liberdade da linguagem e, consequentemente, do ser. Sendo assim, para nós, Depois de tudo a palavra, ao defender a metáfora, defende o ser: a polissemia da arte é arma não só para desconstruir dicionários e a linguagem automatizada, mas também instrumento contra aqueles que “a fantasiam continência/ não regozo” (FARIAS, 2021, p. 26).

Desde que o samba é samba: entre continuidades e rupturas na prosa brasileira contemporânea

Vanessa Bastos Lima (UERN)

Resumo Ao percorrermos as criações literárias contemporâneas brasileiras, podemos nos deparar com um território marcado pela multiplicidade. A partir dessa premissa, propomos com este estudo analisar, a partir da personagem Ismael Silva, do romance Desde que o samba é samba, de Paulo Lins, como se dá a formação do Samba no

Rio de Janeiro dos anos 1920, a partir de uma releitura contemporânea e ficcional da história dessa importante manifestação cultural brasileira. Levaremos em consideração a trajetória dessa personagem marginalizada, que habita “o morro”, e, no entanto, simboliza e demarca o terreno da literatura contemporânea como múltiplo; seja por representar vozes e pontos de vista de lugares sociais diferentes, seja na forma de representar a matéria de extração histórica por um outro viés. Para a realização desse estudo, utilizamos como referencial teórico Lukács (2011), para discutirmos a respeito da estrutura do Romance Histórico em sua forma clássica; Weinhardt (1994) e (2006), para compreendermos mais sobre os rumos deste gênero na literatura contemporânea; além de Dalcagné (2012), Resende (2008) e Schollhamer (2011), para debater sobre a produção brasileira contemporânea, suas nuances e configurações; sobretudo no que tange a representação de personagens pertencentes a contextos marcados pela marginalidade; por fim, nos guiamos pelos pressupostos de Candido (2007) e Franco Junior (2009) para realizarmos uma análise da personagem Ismael Silva e sua trajetória na obra.

Ecos do social no discurso poético de “Miaêro”

Gabriela Hoffmann Lopes (FEEVALE)

Resumo A análise da canção “Miaêro”, composta em 2015 por Chico César, revela o olhar de um poeta engajado com questões sociais brasileiras e, ao mesmo tempo, atento a questões de ordem estética da linguagem lírica. Por meio de metáforas, o eu lírico apresenta elementos que compõem a identidade de grande parte da população brasileira e, de modo subjetivo, conduz o ouvinte-leitor a uma construção que revela a exclusão social e o distanciamento dos direitos civis dessa população. A contribuição da canção se materializa, portanto, na formação de uma identidade nacional contemporânea, socialmente sensível, que considera as qualificações fundamentais da cidadania, como a liberdade, a capacidade, a dignidade, o senhorio de si e o direito de propriedade, uma garantia à massa de empobrecidos brasileiros para seu reconhecimento como cidadãos. A fundamentação teórica que sustenta este trabalho baseia-se em estudos das áreas da literatura (CANDIDO, 2006; SARAIVA, MÜGGE, 2006), da sociologia

(HOLSTON, 2013; FRANCO, 1976) e da história (SCHWARZ, 2012). Objetiva-se, com essa análise, valorizar a produção lírica do compositor paraibano e enfatizar as potencialidades da arte que, por meio da linguagem lírica, é capaz não só de retratar condições reais inerentes ao ser humano, mas também de formar o sujeito e de contribuir para seu desenvolvimento afetivo e social.

**Estudo comparativo entre Literatura e Audiovisual,
a partir da análise da personagem Zana, no romance
e na minissérie televisiva “Dois irmãos”**

Thaís Pinheiro Carvalho (UFPI)

Resumo A presente pesquisa propõe-se a buscar um diálogo entre as mídias literárias e audiovisuais, tomando como estudo de caso a adaptação da personagem Zana, do romance “Dois irmãos” (de Milton Hatoum) para a minissérie televisiva homônima (dirigida por Luiz Fernando Carvalho). O objetivo principal deste trabalho é observar como Zana foi reconfigurada no processo adaptativo, avaliando quais caracterizações dela foram preservadas e quais receberam modificação nesse procedimento, levando-se em consideração elementos próprios da personagem ficcional em obras romanescas e audiovisuais. Outras questões a serem abordadas dizem respeito à autoconsciência da personagem e a aspectos da Literatura Brasileira Contemporânea, a exemplo da autonomia da personagem feminina, apontada na tendência literária do neorregionalismo. Nesse sentido, serão salientados, tanto no romance quanto na minissérie, as manifestações comportamentais daquela personagem, as quais a apresentam como autoconsciente e autônoma, realizando as próprias vontades, conduzindo com firmeza as decisões domésticas, submetendo o esposo às vontades dela, e influenciando o rumo das vidas dos três filhos. Serão, portanto, verificados quais desses aspectos são mais preponderantes em cada mídia e os possíveis motivos para as diferenças de caracterização. Os principais aportes teóricos utilizados nesse estudo serão: Hutcheon (2013), no tocante às questões sobre adaptação; Candido (2007), a respeito da personagem de ficção no romance; Gomes (2007), quanto à personagem de obras audiovisuais; Bakhtin (1981), no que se refere à autoconsciência das personagens, e Brito (2017),

abordando a autonomia da personagem feminina no contexto da ficção neorregionalista.

Fome e Sonho: a busca de um ideal

Denise de Paula Veras (UNB/IFPI)

Resumo Considerando a polêmica que Glauber Rocha sempre provocou no meio político e cultural de sua época, intenta-se buscar compreender o papel de seu romance único romance publicado, *Riverão Sussuarana*, para ele enquanto produtor de arte e formador de opiniões. Com esse intento as buscas realizadas nesta pesquisa utilizaram como base os dois textos manifesto de autoria do cineasta baiano: *Estética da Fome* e *Estética do Sonho*. Toda a obra de Glauber é marcada pela relação literatura-cinema, sendo seu livro permeado de metáforas e críticas. Sendo ele um agitador nato seu romance surgiu como mais uma de suas experiências artísticas. Sempre buscando inovar, o cineasta empresta técnicas do cinema nas linhas de seu romance, da mesma forma que faz uso de estratégias literárias em seus filmes. A estética fílmica de Glauber Rocha, identificada nos dois textos manifestos, também está presente no livro, e apresenta traços de sua busca em retratar a realidade do povo brasileiro. A análise realizada comparando os dois textos manifesto ao romance em questão sinaliza presença marcante de elementos comuns nas três obras. As andanças dos personagens do romance rememoram os elementos nacionais intocados pela cultura estrangeira e já bastante debatidos nos manifestos em questão. Esses elementos presentes na temática de Glauber Rocha – o sertanejo, o poder, a autoafirmação do povo, as desigualdades sociais e a miséria – não apenas negavam o atraso econômico, mas iam além da denúncia desse atraso nos países do Terceiro Mundo, em especial o Brasil, numa busca por acionar, no povo brasileiro, a construção de uma identidade cultural nacional que o cineasta e romancista acreditava ter já encontrado, como uma tentativa de resgate da cultura genuinamente nacional.

Fotografias compulsivas: o poema como lugar de encontro entre lírica e artes visuais em Leila Danziger

Mariane Pereira Rocha (UFPEL)

Resumo Leila Danziger, nascida no Rio de Janeiro, além de poeta, é artista visual. Essa atuação dupla se manifesta em sua lírica, que se apresenta repleta de referências a artistas, métodos e procedimentos do campo das artes. Sua obra poética propicia ao leitor, assim, discussões acerca das imagens e das artes visuais. Tendo isso em vista, o presente trabalho se propõe a analisar o poema “Robert Smithson” do livro *Três ensaios de fala* (2012), no qual identificamos reflexões sobre o fazer fotográfico e usos culturais e artísticos da fotografia, a partir das referências ao artista norte-americano, entrecruzadas com as menções ao próprio processo artístico de Leila. A poeta, ao enfatizar traços em comum entre ela e Smithson, se insere em uma tradição artística e deixa demarcado o seu lugar de artista-poeta-fotógrafa, cuja produção se posiciona em um entre-lugar. O objetivo desta pesquisa é, dessa maneira, refletir sobre o poema como lugar de encontro entre as diferentes práticas artísticas, bem como elo entre as produções poético-visuais de Danziger e as fotografias e instalações de Smithson. Para realizar a análise proposta, utilizaremos os procedimentos da literatura comparada aliados às reflexões teóricas sobre poesia contemporânea propostas por Luiz Claudio Costa (2012) e Celia Pedrosa (2008, 2015), assim como as proposições acerca da fotografia de Walter Benjamin (2017), Jacques Rancière (2010), André Rouillé (2009) e Susan Sontag (2003, 2004).

Instapoesia: amor, disruptura e liberdade em versos livres

Edilson Floriano Souza Serra (IFMT)

Resumo Nos últimos anos, um acontecimento interessante ficou visível nos espaços editoriais de muitos países. A poesia, que há muito não encontrava mercado expressivo no mundo da literatura, sobretudo naqueles nichos dedicados ao público jovem, tem sido a responsável pela venda significativa de livros, chegando à casa dos milhões algumas vezes. No Brasil, como era de se esperar, esse fenômeno

também tem ocorrido. Os “Instapoetas”, denominados assim devido ao espaço inicial por onde circulam seus textos – a rede social Instagram – em muitos casos materializaram em obra impressa seus escritos, o que lhes dá uma mais palpável envergadura. Neste trabalho, estudaremos “Textos Cruéis Demais para Serem Lidos Rapidamente – Onde dorme o amor”, escrito por Igor Pires, entre outros autores que compõem o coletivo literário. À luz de teóricos como Anthony Giddens, Zygmunt Bauman e Georges Bataille, discutiremos de que forma as relações amorosas têm se configurado na contemporaneidade e de que forma a poesia sinaliza ou não a mudança de paradigmas apontados pelos estudiosos. Em especial o amor romântico tem sido alvo de questionamentos que colocam em xeque a sua continuidade. Resultaria esse reposicionamento do sujeito, conforme sentença Bauman (2004) no fim do relacionamento amoroso com viés romântico, tal qual o conhecemos? Se sim, para qual direção nos apontam a escritura de Textos Cruéis? Caminhamos para a barbárie amorosa baseada no consumismo do Outro? A autonomia dos sujeitos eclipsou de vez o amor ou ele se reconfigura de outras maneiras, livre das velhas usuras? Feitas essas considerações, apontaremos como o amor tem se configurado a partir da autonomia dos sujeitos, sobretudo da mulher, e como isso tem provocado instabilidade nos relacionamentos conforme aponta Bauman, ao mesmo tempo em que não tem concorrido mais para o embotamento dos sujeitos que ouçam mergulhar em suas águas.

Mímesis e Narrativa na Literatura e no Cinema: um estudo comparativo sobre a influência do regionalismo literário nas produções do cinema contemporâneo brasileiro nos filmes *O Barco* (2018), de Petrus Cariry e *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho

José Mauro Araújo Pereira (UESPI)

Resumo Este trabalho se propõe a analisar a obra cinematográfica *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dorneles, dialogando com a perspectiva literária, fazendo uma análise da influência exercida pelo espaço como personagem em relação aos moradores de Bacurau. Sabe-se que, o cinema contemporâneo recebe influência de

diversas áreas. Nesse sentido, é possível perceber algumas características que dialogam principalmente com aspectos da literatura, tornando-se, assim, possível analisarmos essa relação. Nessa perspectiva, o objetivo é reforçar a importância do espaço-personagem e como ele contribui para a relação entre as pessoas que nele estão; mostrar os fios condutores desta através de *Bacurau* (2019) sobre outras e a influência artística derivada de outras obras. Em vista disso, pretende-se abordar esse longa metragem permeado por dilemas universais, focalizando aqui a interação dos personagens da cidade de Bacurau; do espaço-personagem; o aspecto mimético considerando o modo como estes problematizam a questão da mimesis e da narrativa. Assim, busca-se compreender as ligações e desdobramentos do Neorregionalismo Brasileiro proposto por Brito (2017), com outras particularidades presentes nesse filme. A presente pesquisa caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Para tanto, é feita a seleção de alguns momentos da narrativa e o uso de autores como: Brito (2017), Paul Ricoeur (1983), Martins (2002), Yi Fu Tuan (1983) entre outros.

O roteiro como gênero intersemiótico: uma análise da escrita e produção do filme *Aquarius* (2016)

Sayara Saraiva Pires

Resumo A palavra escrita, seja ela de ordem literária ou não, vem servindo de base para diversas artes ao longo dos anos, a exemplo da música e notadamente do cinema, através do roteiro. Contudo, estudos da arte cinematográfica tendem a excluí-lo, deixando de lado a sua imperativa colaboração para a construção de filmes. A par disso, este trabalho tem como objetivo analisar o roteiro como um gênero intersemiótico, acentuando a relação da escrita e da imagem. Neste ponto de vista, discutiremos a intersecção estética e estrutural entre roteiro e filme, sinalizando a produção de efeito e sentido de cada um, reconhecendo as mudanças ocasionadas pela tradução intersemiótica. Para tanto, utilizaremos como objeto de estudo a obra fílmica *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, assim como o roteiro da obra, publicado em 2020, também assinado pelo cineasta. Pretende-se, com isso, discutir a importância do roteiro para a comunicação entre cinema e literatura, reconhecendo-o como mediador da

intercomunicação entre as artes verbal e visual, sendo indispensável na análise de construção dialógica das duas artes. Utilizaremos como base teórica os estudos de Thaís Flores Diniz (1998) e Robert Stam (2006) no que tange a concepção de tradução intersemiótica; Syd Field (2001) e Doc Comparato (2009) para compreensão estrutural do roteiro; e, ainda, a percepção de Ricardo Martins (2012) do roteiro como gênero intersemiótico; entre outros.

O sertão contemporâneo: re(x/s)istência

Nathalia Pinto (UFRGS)

Resumo O sertão é uma das categorias mais fortemente elaboradas pelos discursos literário e sociológico ao longo de todo o século XX. Através da voz desses agentes autorizados, esse espaço foi formulado através de uma visibilidade altamente produtiva em diversas linguagens, como o cinema, a novela televisiva e a canção popular. A modernidade, no entanto, com o massivo processo de urbanização que reconfigurou a sociedade brasileira, previu o esvaziamento discursivo do interior nordestino através da extinção do regionalismo como uma proposta literária capaz de representar o Brasil contemporâneo. O século XXI, contudo, contradiz importantes críticos que pesquisadores que sinalizaram a emergência de uma literatura que se desenvolveria exclusivamente nos ambientes urbanos: o sertão ressurgiu no romance contemporâneo em obras de autores como Antônio Torres (*Essa terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha*, obras que formam uma trilogia) e Ronaldo Correia de Brito (os romances *Galileia* e *Dora sem véu*). Nesses textos o sertão se estabelece como espaço atravessado por diferentes temporalidades, entrecruzado por discursos que o formularam no passado, em forte diálogo com a tradição regionalista que o tornou uma entidade fundamental no sistema da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, ressignificado, afetado pela globalização, pela revolução tecnológica e pela reconfiguração das relações sociais, especialmente transformadas pela migração, fenômeno fundamental na constituição da moderna sociedade sertaneja.

Pós-utópica, pós-autônoma: uma leitura da poética de Marília Garcia

Gessica Luiza Kozerski (UFPR)

Resumo Este trabalho visa propor uma leitura da poética de Marília Garcia, interpretar e descrever alguns dos procedimentos que compõem sua escritura, com destaque para a relação entre textos que mesclam a linguagem poética às de tom ensaístico, depoimento e performance, contendo imagens, hipertextos, referências audiovisuais e considerações sobre o processo de escrita. A fim de tecer uma reflexão sobre a poesia contemporânea, principalmente no que tange às tendências de conteúdo, formas e estratégias, o trabalho se desenvolverá com a leitura de alguns poemas da referida autora (2016, 2017, 2018), dialogando especialmente com as noções de poema pós-utópico, proposta por Haroldo de Campos (1997), e de literatura pós-autônoma, cunhada por Josefina Ludmer (2013). Entram em discussão, ainda, Lucius Provasse (2016), ao comentar a relação das novas produções com os horizontes temporais, e Marcos Siscar (2010, 2014a, 2014b, 2015), referência importante quando examinamos a trajetória da poesia brasileira, articulando ideias a respeito de tendências críticas, projetos literários disruptivos, diversidade de formas e valores e a relação entre prosa e poesia. Sob esse aporte teórico, exemplificar-se-ão conceitos como o presentismo – ou agoridade –, hibridismo textual, maleabilidade das noções de tempo, espaço, realidade e ficção, princípios que permitem compreender um dos traços fundamentais da literatura contemporânea, a pluralidade de poéticas possíveis.

Pelas ruas da cidade: uma análise de *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende

Andreza Braga Modesto (UTFPR)

Resumo As tendências da literatura brasileira contemporânea têm mostrado a representação do espaço e da experiência subjetiva do indivíduo. O propósito deste trabalho consiste em analisar a obra *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. A autora brasileira

trabalha com temas importantes em sua literatura, tais como: a proposta de uma visão social e política, crítica feminista, movimentos migratórios, a relação entre espaço e identidade. A narrativa em questão apresenta-se como um romance cujo tema é o tempo passado nas ruas. Alice, a protagonista, se muda de Paraíba para Porto Alegre para acompanhar a gravidez da filha. Conquanto, a história desdobra-se com o desaparecimento de Cícero Araújo. A narradora dedica-se a essa busca para encontrá-lo. Assim, *Quarenta dias* torna-se referência ao tempo vivenciado nas ruas, transitando e dormindo pelos cantos da cidade. Brandão e Pessôa (2019) já diziam que as transformações no espaço acontecem por conta do sujeito de memória, o qual pretende solidificar a construção textual a partir da materialização de determinados lugares como: casas, ruas, bairros, cidades. Com base nessas reflexões, este trabalho, portanto, investigou o espaço da cidade como reflexo da memória e identidade no romance *Quarenta dias* (2014), da escritora Maria Valéria Rezende. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo, pautada na análise literária e ancora-se no método bibliográfico-exploratório. Os instrumentos de coletas de dados levaram em consideração o romance, como elemento essencial, à luz dos suportes teóricos principais para análise tais como Luis Alberto Brandão e Silvana Pessôa (2019), Dalcastagné (2012), Walter Benjamin (2020), e Aleida Assmann (2011).

Prosa e poesia na revista *Klaxon*: literatura e história no contexto do modernismo brasileiro

Maria Beatriz Moura Interaminense (UFPI)

Resumo Debate-se nesse trabalho como a revista *Klaxon: mensário de arte moderna* se constituiu como um projeto histórico-educativo, de caráter literário, para o Modernismo brasileiro. Para isso, além de consulta bibliográfica, utilizou-se do método de pesquisa de mapas conceituais de caráter estrutural e temático. A pesquisa teve como objetivo principal analisar as poesias e contos em língua portuguesa, presentes no periódico, com a finalidade de identificar seu caráter histórico-educativo. Em 2022, será comemorado o centenário da Semana de Arte Moderna e isso implica na necessidade de concentrar esforço acadêmico nesses suportes textuais fruto do seu projeto

primário: a implantação da arte moderna no Brasil, que aconteceu através dos periódicos e das muitas publicações de obras literárias. Para isso, buscou-se identificar as bases de significação da revista, destacadas no prefácio da primeira edição, que elenca a vida, a internacionalização, a identidade literária, o tempo, a tecnologia, o artista e a natureza como eixo medular das produções de Klaxon. Adotou-se, como aporte teórico, as orientações de Bosi (1999), Bloom (2013), Eco (1994) e Frye (2017). Atingiu-se o entendimento que a representação do projeto educativo moderno de *Klaxon* garante a revista uma pretensão clara: ser o instrumento vociferador que induziria o público leitor, que educaria e persuadiria os padrões convencionais conforme os ditames da nova arte moderna.

Uma leitura dos poemas da obra

Dá gusto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvajes

Roselaine de Lima Cordeiro (UFFS)

Resumo Esta pesquisa investiga o dizer presente no livro *Dá gusto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvajes*, publicado, em 2002, pela Travessa dos Editores, em Curitiba-PR, do poeta contemporâneo Douglas Diegues. São trinta sonetos com uma mesma estrutura, escritos no modelo inglês/shakespeariano: três estrofes de quatro versos seguidas de um dístico. Nestes, vários elementos são colocados em jogo: escritos, segundo Diegues, em “portunhol selvagem”, observamos que há uma imprevisibilidade de uso de palavras, de modo que a voz do eu lírico desliza pelo português, pelo espanhol, pelo guarani e pelo inglês, compondo um universo nessas mais variadas línguas. Transforma, dessa forma, em língua poética uma “não-língua” ou também chamada língua de mercadoria. Há, ainda, uma efusão de associações, enumerações, alusão ao que é e está na fronteira ou “frontera”, bem como um jeito de lidar com uma vida que se encontra em “ruínas”. Esta pesquisa nasce de nossa inquietação diante do modo de dizer do eu lírico dos sonetos salvajes. Assim, buscamos compreender como esse dizer é construído pelo poeta. Para tanto, tomamos alguns sonetos como corpus para análise. Na sequência, traçamos uma historicidade desse dizer que está, por exemplo, em Dante Alighieri, em Sousândrade e em Juó Bananére. Esses

movimentos permitiram chegar a um terceiro momento dessa pesquisa, a saber, a partir do salvaje dos sonetos de Diegues buscamos compreender a própria poesia e a literatura. Diante de nossas investigações, podemos afirmar que essa pesquisa aponta o salvaje como uma possibilidade de leitura dos poemas, colocando em jogo a língua e a possibilidade do dizer.

Simpósio 12**As escritas de si na América Latina e Caribe:
diálogos entre a literatura e a história (séc. XIX-XXI)**

Joana de Fátima Rodrigues (UNIFESP)

Mayra Coan Lago (FURG)

Cesar Augusto Garcia Lima (UERJ)

Resumo Nos últimos vinte anos, assistimos a um crescimento de publicações de caráter biográfico ou autobiográfico, composto por diários, correspondências, biografias e autobiografias no Brasil e no exterior. Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, apesar do interesse de um público mais amplo em obras deste caráter, estudos científicos utilizando estas fontes ainda não tem sido tão numerosos em nosso país. No campo dos estudos literários, a produção científica tem se aproximado de forma expressiva junto a esses gêneros textuais, justamente devido a um crescimento significativo de obras ficcionais, que tem lançado mão de tais escritas como gênero literário. Por outro lado, a difusão de estudos sobre a temática das escritas de si, como aponta a crítica argentina Leonor Arfuch, igualmente tem provocado na comunidade acadêmica análises e reflexões sobre o reconhecimento, a relevância e a contribuição de tais gêneros textuais para a sociedade. Também no Brasil esse movimento vem conseguindo maior expressividade, em particular junto aos estudos a respeito das correspondências, mediante um grupo de pesquisadores em que figura Marco Antonio de Moraes, responsável pela continuidade dos primórdios desses estudos desenvolvidos por Telê Ancona Lopez. No âmbito da História, a sua valorização é fruto de um amplo empreendimento historiográfico, gerado especialmente a partir da década de 1980, que reconheceu a importância dos indivíduos e de suas ações na história. Este empreendimento incorporou fontes autorreferenciais – diários, autobiografias, cartas, testemunhos e relatos de viagem – que antes eram consideradas como “complementares” e/ou “informativas”, mas modificou a sua condição. Atualmente, todas elas são consideradas modalidades das escritas de si e, cada vez mais, são utilizadas como fontes e objetos principais dos mais diversificados estudos científicos. Apesar do reconhecimento mais recente das escritas de si, sabemos que, pelo menos desde os tempos modernos, homens e mulheres, indivíduos públicos ou anônimos, elaboram e

utilizam as escritas de si para narrar as motivações mais íntimas de suas ações, para expressar seus sentimentos e angústias, para manifestar seus anseios, entre tantas outras possibilidades de falar sobre si, sobre o outro, o que lhes envolve junto à sua época. A (re) constituição das subjetividades e o acompanhamento das relações estabelecidas entre os diversos indivíduos propiciou a emergência de novas fontes, objetos de pesquisa, teorias e metodologias para a Literatura e para a História. Especificamente no caso do espaço ibero-americano, as coletâneas organizadas por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Gotlib, por António Gómez e Verónica Sierra Blas e Ana Cristina Mignot, Maria Helena Bastos e Maria Teresa Cunha evidenciam a diversidade e ajudam a acompanharmos o “estado da arte” das escritas de si na região. Os estudos mais específicos, como os de Donna Guy, Fabiana Fredrigo, Joana Rodrigues e Mariana Ruivo, Jorge Ferreira, Mayra Coan Lago, Ana Gallego Cuinãs, Brigitte Díaz e Verónica Sierra Blas contribuem para revelar as potencialidades das escritas de si no que diz respeito à compreensão dos fenômenos ibero-americanos. Tais estudos também endossam a importância do pesquisador ter maior cuidado teórico-metodológico, especialmente para não cair no que a historiadora Angela de Castro Gomes denominou “as malhas do feitiço”, que envolve os mitos da “espontaneidade”, “autenticidade” e “ilusão da verdade” das escritas de si, algo que também foi alertado por C. Prochasson, G. Levi e P. Levillain. Na mesma linha de argumentação, os estudos literários vêm apontando que tais escritas reúnem, como nos aponta Leonor Arfuch, um estreito diálogo ao contemplar a memória, a subjetividade e a política. Somam-se a Arfuch outros estudiosos como Nora Bouvet e Vanessa Massoni da Rocha no endosso desse reconhecimento e ajuste nos esmeros teórico-metodológicos dos pesquisadores e suas mais recentes análises. É a partir deste diálogo entre Literatura e História que propomos este Simpósio, cujo objetivo é propiciar um espaço de reflexão e compreensão das escritas de si e das escritas da História no espaço ibero-americano, pelos mais variados sujeitos e formas, entre os séculos XIX a XXI e das escritas literárias. Estimulamos trabalhos que abordem as produções de escritas de si, as experiências e conjunturas vivenciadas, as relações sociais e/ou políticas com outros sujeitos, o cotidiano, entre outros. Também consideraremos estudos que tratem dos indivíduos que dialogaram diretamente, mas também com aqueles que dialogaram indiretamente, como os que ordenaram, arquivaram

e legitimaram a produção escrita ou narrada (editores, memorialistas, arquivistas, entre outros). Esperamos, assim, que este diálogo interdisciplinar venha à luz como contribuição no sentido de ampliar a capacidade crítica sobre tal temática, sobre tais estudos, além da difusão de novos olhares inter e multidisciplinares lançados para esse campo das Ciências Humanas.

A escrita de si do poeta escravizado Juan Francisco Manzano

Adriana Kerchner da Silva (UFRGS)

Resumo Um desdobramento da dissertação de mestrado da autora, este trabalho visa analisar como se constitui a escrita de si de Juan Francisco Manzano em sua Autobiografia do poeta-escravo ([1835]2015), tendo em mente que ele narra, em seu texto, sua vivência enquanto homem escravizado em Cuba no século XIX ainda durante o cativeiro. Encomendada por um grupo de literatos abolicionistas de seu país e escrita em troca da compra de sua alforria, a obra de Manzano está repleta de silêncios, omissões e saltos temporais deliberados, o que marca sua autoria e seleção do que narrar e advoga contra uma suposta espontaneidade na escrita (LABRADOR-RODRÍGUEZ, 1996). Ademais, pelo seu conteúdo e contexto de publicação, o texto apresenta-se como um interessante ponto de cruzamento entre a autobiografia, o testemunho e as slave narratives, gênero constituído no mundo anglófono que abarca textos escritos ou narrados por pessoas escravizadas no século XIX (DAVIS; GATES JR., 1991). O principal ponto de análise desta comunicação é como se constitui a escrita de si desse sujeito sem posse de si e de seu próprio corpo, que narra os horrores da escravidão e, concomitantemente, quer expressar sua subjetividade, alegrias, medos, esperanças e angústias. Além disso, que respondia a uma expectativa externa e a pessoas que ocupavam justamente o lugar social que ele criticaria, o de brancos membros da elite açucareira cubana, de modo que Manzano não apenas narrou o que desejaria ou conseguiria, mas o que ele poderia relatar. O arcabouço teórico que apoia esta comunicação inclui, entre outros/as, Smith e Watson (2001), Lejeune (2008), Olney (1984), Seligmann-Silva (2008), Gomes (2004) e Kilomba (2019).

A negação como recurso irônico em “A Resistência”, de Julián Fuks

Tereza Cristina Damásio Cerqueira (UFBA/UNEB)

Resumo Alain Badiou em seu livro *Em busca do real perdido*, (2017), afirma que “o real nunca é encontrado, descoberto, inventado, mas sempre uma imposição, figura de uma lei de bronze...”. Vimos na máscara imaginária, no semblante do real e naquilo que frustra a representação, para usar os termos de Badiou, as balizas que oferecem os recursos para que possamos pensar a negação como recurso irônico em *A resistência*, de Julián Fuks. Tal ideia é defendida a partir do ponto de vista de que o irônico não é necessariamente risível, como se propaga no senso comum. A ironia se estabelece na fricção entre dois planos, donde o dito faz emergir o não dito e, daí, se estabelece o olhar crítico, conforme Huchteon (2000). Desse modo, nosso objetivo é analisar a ironia como um elemento subjacente ao romance estudado, na medida em que: a) a negação é um recurso para afirmar; b) quando não se pode ou quer negar, são feitos questionamentos, c) ou são apresentados vazios, lacunas, silêncios e ausências. No conflito entre falar do irmão adotivo e falar dos fatos da história, uma constatação: a impossibilidade de representar o irmão. O jogo irônico reside crucialmente neste ponto: o narrador se propõe a falar de outro e acaba falando de si. O que não é necessariamente falar de Julián Fuks, mas falar de uma subjetividade que aproxima o narrador Sebastian das experiências vividas pelo autor. Autores consultados Badiou (2017); Huchteon (2000); Klinger (2006, 2012); Lejeune (2008); Moriconi (2006).

As marcas da razão na escrita de si: um estudo sobre o diário de Frida Kahlo

Mariane Rocha Silveira (UPF)
Douglas Nardini (UPF)

Resumo A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar, sob a perspectiva da Crítica Genética, algumas das muitas rasuras presentes no diário da pintora mexicana Frida Kahlo, investigando

o que esses movimentos de escritura – produzidos pela própria autora – podem significar à escrita de si. Para a realização do estudo, uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo-descritivo, busca-se apoio teórico sobretudo nas considerações de Pino e Zular (2007), Biasi (2010) e Lejeune (2014). Com isso, busca-se desvelar como a escrita de si, especificamente o gênero diário, pode ser modificada em sua estrutura original ao receber determinadas rasuras, uma ação atípica se consideradas as características do gênero. Além disso, ensaiam-se algumas possibilidades analíticas quanto às novas construções de sentido após essas alterações, o que pode ser considerado como uma marca de subjetividade. Os resultados da investigação apontam que algumas dessas construções referem-se à possibilidade de a própria rasura apresentar-se como um vestígio da razão aparentemente perdida pela pintora em meio à dor e ao sofrimento que a dominaram durante sua vida e, paralelamente, durante a produção de suas obras artísticas e de suas escritas íntimas, a exemplo das cartas e do próprio diário, objeto de análise da investigação, o qual esteve guardado no Museu Frida Kahlo durante 40 anos antes de sua publicação.

Como um Flâneur:

o narrador em trânsito em *Orgia*, os diários de Tulio Carella

Moacir Japearson Albuquerque Mendonça (UFAL)

Resumo: Italo Tulio Carella, escritor, professor de teatro e intelectual importante em seu país, a Argentina, é chamado por Hermilo Borba Filho a dar aulas na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, no intuito de oxigenar o curso de teatro recém criado, no começo dos anos 1960. Ao mesmo tempo em que a cidade fervilhava intelectual e culturalmente, ela respirava um certo fechamento moral e político, o que fez com que Tulio Carella fosse confundido com um traficante de armas cubano para as Ligas Camponesas, sendo preso e torturado pelo exército brasileiro. No seu apartamento no centro da cidade do Recife, o exército descobre anotações que são seus diários, nos quais relatava, principalmente, os encontros com homens. Convidado a sair da Universidade e deportado informalmente para a Argentina depois da sua prisão, principalmente pelo conteúdo desses

cadernos, ele lança *Orgia, Diário Primeiro*, em 1968, período duro da ditadura militar brasileira e também um dos períodos da ditadura militar argentina. No livro, o narrador percorre a cidade, em uma narração fílmica, nada insidiosa, naquele microcosmo do centro da cidade, narrando o que via e experienciava, transformando-se em um verdadeiro flâneur, o que fez com que descortinasse uma nova face da sua sexualidade. É, portanto, objetivo desse trabalho mostrar como esse narrador enxerga a cidade e como ele interage com ela, nessa escrita assumidamente de si.

Exmo. Sr. Getúlio Vargas, Mi Querido General Perón: práticas epistolares no varguismo e o peronismo

Mayra Coan Lago (CUFSA)

Resumo Durante o Estado Novo brasileiro (1937-1945) e o Primeiro Peronismo (1946-1955), os governantes Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón receberam milhares de cartas de “pessoas comuns” de todas as partes do Brasil e da Argentina. As missivas foram lidas, encaminhadas a outros Ministérios pelos funcionários estatais e respondidas pela Secretaria da Presidência da República, no caso brasileiro, e pela Secretaria de Assuntos Técnicos, posteriormente transformada em Ministério de Assuntos Técnicos, no caso argentino. Nosso objetivo é analisar e comparar a construção dos imaginários populares sobre o a família e a pátria durante o Estado Novo e o Primeiro Peronismo. A análise será realizada com base nos aportes teóricos sobre os imaginários sociais propostos por Bronislaw Baczko. Também dialogaremos com estudos gerais e específicos acerca das correspondências, como os de Angela de Castro Gomes, Teresa Malatian, Jorge Ferreira, Omar Acha, entre outros que trabalharam com estas correspondências. O estudo destas missivas permite percebermos que os governantes e as pessoas comuns construíram uma relação direta e particular, ainda que assimétrica, que foi sustentada e legitimada por ambas as partes. As noções mencionadas permitirão compreendermos como homens e mulheres, nacionais e estrangeiros, interpretaram, mobilizaram e utilizaram-nas para apresentarem suas aflições, aspirações, assim como para fazerem as suas reivindicações, considerando as particularidades do Brasil e da Argentina.

Françoise Ega em tramas, performances e travessuras epistolares

Vanessa Massoni da Rocha (UFF)

Resumo Esta comunicação se propõe a analisar tramas, performances e travessuras epistolares em *Cartas a uma negra*, da martinicana Françoise Ega. Publicado em 1978, em francês, o livro ganha tradução brasileira em 2021. Escrito no exílio em Marselha, enquanto trabalhava sobretudo como empregada doméstica, Ega produz o que se pode considerar uma obra-prima das correspondências. Dando continuidade às reflexões que culminaram na publicação do livro *Por um protocolo de leitura do epistolar* (EdUFF, 2017), de minha autoria, pretende-se analisar dispositivos, negaceios e esgarçamentos da tessitura epistolar da autora. Ega escreve por dois anos à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. As cartas nunca foram enviadas. Carolina não compreenderia o francês e Françoise não sabia sequer a cidade da catadora de lixo mineira. As missivas ressaltam seu potencial documental e se tornam, assim, certidão de batismo de fraternidade, união de mulheres separadas por línguas e exílios, porém aproximadas por mazelas e pelo gosto pela escrita. Ao promover a ruptura do dialogismo epistolar (Foucault) e a renúncia do dispositivo de resposta (Mário de Andrade, Fernando Sabino), Ega tira partido das possibilidades das escritas de si, do flerte entre gêneros e produz missivas que acolhem, ainda, a meta-escrita de um romance. Muitos aspectos epistolares merecem atenção: um livro organizado em capítulos, cartas sem assinatura nem despedida, profusão ou ausência de vocativos, etc. A se ressaltar igualmente o fato de uma doméstica pouco escolarizada, invisibilizada, cujo nome nem as patroas conhecem, conseguir forjar espaço de acolhimento-retiro, de vida e de desvendamento confessional no seio de correspondências que não chegarão ao destinatário. Enfatiza-se o caráter democrático das missivas que não rechaçam o mais vulnerável dos missivistas. Trata-se, enfim, de se apropriar do caráter proteico das missivas (Brigitte Diaz), de “pensar alto com” (Matildes Demétrio) para atravessar, traçar e travessurar o fazer epistolar.

**Las palabras son claves, son llaves:
uma leitura dos *Diários* (2003) de Alejandra Pizarnik**

Laura Gabino Canesso Moreira (UFMG)

Resumo Alejandra Pizarnik, poeta argentina – considerada a maior por Cesar Aira: “A.P. no sólo fue una gran poeta sino que fue la más grande, y la última” (AIRA, 2004) –, além de uma vasta e celebrada obra poética, bastante lida, nacional e internacionalmente, escreveu diários, os quais vêm atraindo, cada vez mais, os olhares dos críticos literários. Reunidos e editados a cargo de Ana Becciu, os *Diários* (2003), publicados pela editora Lumen, podem ser lidos, de maneira bastante específica, como parte de seu projeto literário e, logo, de sua obra poética. Ao contrário da maioria dos diários, marcados pela escrita do dia a dia e por um relato de vida, a escrita diarística de Pizarnik está, na verdade, intimamente ligada a uma reflexão, ao pensamento acerca da obra já escrita – ou ainda por vir – e os processos, as experimentações, os desejos e as angústias da tarefa de poeta. Tanto essas angústias quanto essas experimentações são atravessadas pela crise da modernidade e pela consequente melancolia moderna, seja pela consciência do fracasso da linguagem, questão latente tanto nos poemas quanto nos escritos diarísticos. Neste trabalho, propõe-se, nesse sentido, ler e investigar como, na obra pizarnikiana diarística, questões caras à sua poética, como a falabilidade da linguagem e o silêncio enquanto procedimento estético, jogam luz ao seu contexto de produção na América Latina do século XX, marcada pelo exílio, pela imigração e pela consequente desterritorialização da linguagem. Busca-se, portanto, trazer como parte de sua obra poética, para um exercício de leitura crítico dos poemas de Pizarnik, o seu diário de escritora – “gênero por excelência da mesma modernidade” (ÁVILA, 2016) – evidenciando a sua relação com a história e a modernidade periférica (SARLO, 1988) de Buenos Aires e a importância das escritas de si para os Estudos Literários.

Marcas de um projeto literário nas correspondências de Gabriel García Márquez e suas conexões históricas

Joana de Fátima Rodrigues (UNIFESP)

Resumo Entre os elementos que compõem o universo dos escritores, reconhece-se em sua produção epistolar a relevância de uma contribuição pontual, à medida em que as cartas trazem à luz marcas relevantes que auxiliam no reconhecimento, entre outros aspectos significativos da obra de um autor, os traços, o desenvolvimento e a realização de um projeto literário. Ao tratar da análise de uma parcela da produção epistolar do escritor colombiano Gabriel García Márquez, o objetivo deste trabalho está voltado em reconhecer no conjunto de missivas trocadas junto aos também escritores, Mario Vargas Llosa e Plinio Apuleyo Mendoza durante as décadas de 1960 e 1970, elementos que constituem um arquivo de criação literária, como aponta Marcos Antonio de Moraes. Tendo em vista o cenário histórico em que ocorrem essas trocas, permeado por acontecimentos significativos para a trajetória da literatura latino-americana em particular, por se tratar de uma década marcada pelo boom literário, Revolução Cubana e o preâmbulo da instauração do estado de exceção em vários países latino-americanos, este trabalho propõe a leitura crítica dessas cartas à luz dos marcos e acontecimentos históricos da América Latina tendo em vista o processo de finalização de *Cem Anos de Solidão* (1967) e *O Outono do Patriarca* (1975).

O anacrônico e o contemporâneo nas cartas de Carlos e Mário

Cesar Augusto Garcia Lima (UFRJ)

Resumo Às vésperas do centenário da Semana de Arte Moderna, a ser comemorado em 2022, este trabalho pretende discutir o caráter literário e histórico das cartas entre os escritores Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, tendo como foco seu caráter datado, mas paradoxalmente atual. Anacrônicas como meio de troca de mensagens em nosso tempo dominado pela comunicação digital, essas cartas modernistas preservam sua aura literária, podendo serem lidas como expressão do contemporâneo, interpretado, como

postula Giorgio Agamben (2009), não apenas como o atual. Ao estabelecerem um diálogo epistolar de 1924 a 1945, os autores exercitam em suas cartas um tipo de escrita de si na qual buscam definir o ethos do escritor brasileiro, praticando uma “ilusão de presença”, segundo a formulação de Geneviève Haroche-Bouzinac (1995), enquanto o nacionalismo era visto como um fator importante para o desenvolvimento da estética dos primeiros anos do modernismo. Essa correspondência é expressão de uma troca literária em que os autores liam criticamente as próprias obras, antecipando a crítica midiática e acadêmica, ao mesmo tempo em que estreitavam seus laços de amizade, muitas vezes divergindo em questões estilísticas e dos rumos políticos do país. Neste trabalho, proponho o resgate dessa correspondência como recurso de análise do processo de formação do modernismo brasileiro, constituindo um conjunto subjetivo de trocas literárias, visto agora em contraste com o excesso de midiaticização e exposição das redes sociais, nas quais os registros são fugazes e homogeneizados.

O poeta nacional por excelência: construção de memória e autobiografia na vida e obra de Gonçalves Dias

Andréa Camila de Faria Fernandes (UERJ)

Resumo Autor da célebre Canção do exílio, cujos versos “Nossos bosques têm mais vida,/ Nossas vidas mais amores” estão eternizados na letra do nosso Hino Nacional, o poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias foi alçado ao pantheon dos grandes nomes de nossa literatura já com a publicação de seus Primeiros Cantos, em 1846/1847, e desde então sua memória e suas obras se fixaram de tal modo em nosso imaginário cultural que se tornaram quase que inquestionadas. Essa fixação, segundo Maria Helena Rouanet (1999) se deu porque os versos do poeta foram eficazes em proclamar a diferença entre o eu e o outro, o nacional e o estrangeiro ao “pintarem” o retrato da natureza brasileira ao mesmo tempo em que evidenciavam sua diferença em relação ao “velho mundo”, dando concretude à polaridade que norteava o romantismo e a nossa construção nacional. Tomando por verdade esta máxima, no nosso entender a consagração da memória de Gonçalves Dias pode nos dizer muito sobre as imagens de

Brasil e de brasileiro que se pretendeu exaltar, o que explicaria sua pronta “canonização”, mas sem perder de vista que houve um esforço pessoal de Gonçalves Dias em criar para si mesmo uma memória que o exaltou e destacou como poeta nacional e que esse esforço foi, em certa medida, redimensionado e ampliado por seus críticos e biógrafos. Para investigar essas questões mapeamos seus investimentos individuais na construção de sua memória a partir dos registros autobiográficos a que temos acesso (cartas, nota autobiográfica, estratégias editoriais), analisando sob as chaves de compreensão do biográfico apresentadas por Philippe Leujene (2014) e Leonor Arfuch (2010 e 2013), e sobre as considerações sobre construção de memória fornecida por Joel Candau (2011). Vale dizer que este trabalho é parte das reflexões desenvolvidas no projeto de doutorado em curso atualmente no PPGH-UERJ sob o título “A fabricação do imortal”: uma biografia intelectual de Gonçalves Dias.

Os caminhos das escritoras Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega rumo a composição de suas identidades entre o passado diaspórico comum e o presente da escrita

Maria Clara Braga Machado Campello (UnB)

Resumo A comunicação investigará a escrita autobiográfica e diarística das autoras Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega especialmente no tocante a questões relacionadas a suas identidades individuais e coletivas a partir do que depreendemos dos livros analisados. Da primeira, analisaremos *Quarto de Despejo* (1960). Da segunda: *Lettres à une noire* (1978). Este último livro, composto de cartas da autora franco-martinicana à Carolina Maria de Jesus, nunca foi lido pela autora brasileira, embora Françoise Ega tenha buscado em vão contactá-la. Ega, inspirada pela leitura de trechos do diário de Carolina Maria de Jesus, lidos na revista *Paris Match*, quando do lançamento da versão em francês do livro, *Le dépotoire* (1962), na França, decide colocar em palavras seu próprio cotidiano. Os diários se transformam, mais tarde, no livro *Lettres à une noire*, publicado postumamente. O livro dialoga literariamente com as narrativas de Carolina Maria de Jesus, ao colocar em evidência a vida de uma mulher negra, trabalhadora, mãe, pobre e escritora – a narradora Maméga – na periferia de

uma grande cidade, além de evocar a vida de outras mulheres antilhãs exploradas como faxineiras em Marselha. Ao centrar as narrativas nas experiências das mulheres negras, as duas autoras abordam, paralelamente e cada uma de um lado do Atlântico, as lacunas dos sistemas democráticos em que vivem e que relegam pessoas negras às margens de sociedades marcadas ainda hoje pelos processos de colonização e racialização. As identidades das duas autoras se revelam profundamente marcadas pela experiência compartilhada da diáspora africana. Buscamos evocar aproximações e eventuais distanciamentos entre as obras das duas autoras a partir de uma abordagem literária comparativa centrada no estudo da linguagem autobiográfica e nos conceitos de “ipseité” e “mêmeté” de Paul Ricoeur a fim de analisar as construções literárias dessas identidades, ao mesmo tempo individuais e únicas, mas também coletivas.

Sob o olhar nativo: eventos históricos nos relatos de vida indígena de Davi Kopenawa, Rigoberta Menchú e Lee Maracle

Juliana Almeida Salles (UFRJ)

Resumo O gênero “relato de vida indígena” (SALLES, 2020) é marcado pela dinâmica modelo-redator que envolve necessariamente um modelo indígena, que fala e conta sobre sua própria vida, e um redator não-indígena, que transcreve, edita e publica esta fala inicial ao fim de todo o processo. Os três relatos sob investigação aqui são: A queda do céu: palavras de um xamã yanomami (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert, Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência (1992), de Rigoberta Menchú e Elizabeth Burgos, e Bobbi Lee: Indian rebel struggles of a Native Canadian Woman, de Lee Maracle e Don Barnett (1975). Ao longo das sessões de conversas/entrevistas para a gravação da voz dos modelos, é possível apontar claramente passagens e momentos históricos marcantes – seja para os estados-nação em questão (Brasil, Guatemala ou Canadá, respectivamente) ou para a América Latina de maneira geral. Aqui, portanto, trato do olhar do relato de vida indígena sobre eventos históricos e a perspectiva do “eu” que fala, mas não escreve. As diferenças culturais que marcam os povos indígenas aos quais pertencem Kopenawa, Menchú e Maracle, assim como o constante

engajamento destes modelos na defesa de seus ideais e do interesse dos grupos em questão, fazem com que muitas vezes tenhamos acesso a uma nova perspectiva de alguns eventos históricos. Além disso, o próprio gênero literário, serve os leitores com uma sessão de fotos (aspecto bastante comum para narrativas biográficas) – que ilustram alguns dos eventos históricos narrados nos relatos. Contudo, diferentemente das outras narrativas que também trazem esse mesmo elemento, as especificidades culturais e identitárias nativas assim como os detalhes oferecidos na obra nos brinda com um outro olhar possível sobre o que já passou.

Simpósio 13**As personagens insólitas**

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP)

Cynthia Beatrice Costa (UFU)

Resumo As narrativas insólitas, em seus mais variados modos, têm envolvido tanto leitores quanto espectadores – um fenômeno de longa data, que descende das narrativas orais de cunho maravilhoso, como contos de fada e outras manifestações do folclore, o que abarca vampiros, bruxas, monstros, gênios, dragões, demônios, seres mitológicos e outras tantas personagens intrigantes, misteriosas e assustadoras que habitam um universo no qual nos confrontamos com o impossível (ROAS, 2014). A literatura, o cinema e a televisão têm se apropriado desse universo e o subvertido, desdobrando-o em um sem-número de facetas: da repulsiva criatura do Frankenstein de Shelley aos robôs da ficção científica de Asimov, do Nosferatu de Murnau às recentes releituras de Drácula; dos horrores de Maupassant e Poe, passando pelas figuras mágicas de Tolkien, à fantasia contemporânea de Salman Rushdie, Neil Gaiman, Ian McEwan, Kazuo Ishiguro e tantos outros, provando que o interesse pela fantasia reiventase cultural e historicamente ao longo do tempo. Nos anos 2010 e 2020, uma forte safra de criações, geradora tanto de enorme popularidade quanto de marcado interesse acadêmico, demonstra a atual renovação da fantasia (STEPHAN, 2016) como um largo espectro abrangente e subversivo de histórias que não se prestam a leituras puramente realistas (JACKSON, 1981) e que são povoadas por personagens humanas e não humanas às vezes em harmonia, mas com frequência em confronto e beligerância. A releitura de personagens já consagradas pelo tempo no imaginário popular, assim como a construção de figuras insólitas inéditas, abre possibilidades renovadas de interpretação, dando voz aos marginalizados e inserindo-os em contextos mais condizentes com os conflitos da realidade contemporânea, entre os quais questionamentos feministas e dilemas identitários e étnico-raciais. Em tempos pandêmicos, o escapismo tem funcionado como uma alternativa ao mundo “real”, intensificando ainda mais a produção de obras de viés fantástico, entendido aqui em sentido lato, como modo (FURTADO, 2018). Não à toa, TVs

por assinatura e plataformas de streaming têm produzido e veiculado obras de diversas nacionalidades caracterizadas pela presença da fantasia e por personagens insólitas envolvidas em situações igualmente impalpáveis – o sucesso comercial de séries já consolidadas como *Game of Thrones*, *Doctor Who*, *Stranger Things*, *Outlander*, *Black Mirror*, *Once Upon a Time* e *Dark* parece ter desencadeado uma onda de produções recentes bastante diversificadas quanto à sua expressão do maravilhoso, do fantástico, do gótico e da ficção científica, tais como a turca *Você já viu vagalumes?*, a brasileira *Cidade invível*, a italiana *Curon*, a inglesa *Os irregulares de Baker Street*, a anglo-polonesa *The Witcher* e até mesmo a americana *The Mandalorian*, da Disney, entre dezenas de outras. Dentre os elementos que ajudam a construir essas narrativas audiovisuais que rompem com o sólito, instaurando o metaempírico (FURTADO, 2018), estão as personagens sobrenaturais, extraterrestres e/ou com estreitas ligações com um mundo que não nos pode ser cientificamente explicado. Diante das experiências vividas e/ou provocadas por elas, o público pode reagir com medo ou empatia; pode achar cômico ou sério, repulsivo ou cativante; pode, inclusive, identificar-se (CESERANI, 2006). Como agem essas personagens? Como se estruturam dentro das narrativas? Que papel desempenham para com o mundo insólito? Como se relacionam com os outros elementos que corroboram para a construção do fantástico na narrativa? Como atuam de modo a contribuir para a verossimilhança e ajudam a instaurar o fantástico? No caso das releituras, é interessante que se discuta em quais aspectos as personagens insólitas atuais aproximam-se ou afastam-se das personagens tradicionais, entendidas aqui como as primeiras, as “originais” das narrativas maravilhosas, como a madrasta má da *Branca de Neve*, o excêntrico Barba Azul, a repulsiva Fera de *A Bela e a Fera*, o hipnotizador Flautista de Hamerlin e o gênio de *As mil e uma noites*. Como e por qual motivo elas foram reconfiguradas nas narrativas contemporâneas? Que relação estabelecem com as narrativas revisitadas? Os questionamentos aqui apresentados funcionam apenas como sugestão para que se pense essas personagens, estando os proponentes livres para tratar quaisquer outras indagações concernentes ao viés aqui proposto. É possível também se trabalhar de maneira comparativa, contrastando as personagens ligadas ao mundo metaempírico com outras que compõem narrativas literárias e audiovisuais. Trabalhos que remetam a temáticas como feminismo, racismo, medo e distopia, entre

outras tantas possibilidades, também serão acolhidos, desde que ligados de alguma maneira às personagens insólitas.

A anunciação de Pennywise

Alexandre Gil França (UNICAMP)

Resumo Georges Didi-Huberman na obra *Diante da Imagem* (2013) apresenta-nos um novo olhar acerca da arte medieval, diferente daquele que classifica o período como “a idade das trevas”. Argumentando que o pintor Fra Angélico utilizava de elementos exteriores à figuração de suas pinturas para expressar a dramaticidade presente nelas, revelando também, com esse procedimento, a suposta materialidade do espírito cristão, Didi-Huberman nos lembra como tais criações eram contaminadas por materiais que não diziam respeito estritamente à história da arte canônica. No caso de Angélico, mais do que o encaixe em determinada historicidade artística, o que está em jogo é a ideia de transcendência religiosa incorporada no mundo físico. No campo da literatura, Stephen King em *IT, a coisa* (2014) apresenta-nos à Pennywise, um palhaço que, além de se transformar nos medos de suas vítimas, confunde-se com a materialidade do cenário em que ele é pressentido, a ponto da criatura ser confundida pelas personagens com a própria cidade em que se passa boa parte da trama, Derry. Há, portanto, somada à tentativa de figurar os medos na expressão de um organismo que transcende a nossa compreensão, uma ideia de transmutação dessa coisa no próprio mundo ao redor dos envolvidos. Como na arte de Angélico, a onipresença daquilo que transcende em *IT* é sempre demonstrada – e o terror torna-se fator inelutável na vida dos protagonistas. Levando em conta esse ponto em comum entre o pensamento de Didi-Huberman sobre Fra Angélico e a obra de King, haveria ressonâncias entre o procedimento de articulação da expressão católica e a expressão do medo em *A coisa*? Partindo do afresco “A anunciação” analisado por Didi-Huberman, o presente trabalho pretende explorar esse tema com o intuito de lançar uma nova luz à complexidade formal da personagem Pennywise, ícone da literatura de terror norte-americana dos anos 80.

A monstruosa Morgana: admonição ou empoderamento?

Mariana Feitosa de Campos Oliveira (UFRJ)

Resumo O arquétipo da bruxa como mulher monstruosa, consequentemente imbuído de concepções de gênero e feminilidade, desponta em diversos momentos da história em diferentes configurações, por vezes se prestando a imposição de comportamentos e crenças normativas, por outras a possibilidades de transgressão e transformação (COHEN, 1996). Consequentemente, as bruxas famosas da história e da literatura carregam diferentes implicações socioculturais em cada contexto e co-texto em que surgem, como é o caso da homônima personagem arturiana, Fada Morgana. Desde sua primeira aparição idílica, porém inócua no romance *Vita Merlini* (c. 1150) de Geoffrey de Monmouth até sua transformação monstruosa nos ciclos de romances franceses da *Vulgata* (c. 1215) e *Pós-Vulgata* (c. 1235 – 1240), culminando finalmente na caracterização ambígua de Thomas Malory em *A Morte de Artur* (1485), só no medievo a personagem passou por diversas reconfigurações, cada uma com suas reverberações. Não obstante a existência de contáveis releituras contemporâneas da Fada Morgana no gênero fantástico tanto literário quanto midiático e frente a formulação de novas perspectivas ético-políticas feministas e queer como as de Judith Butler (2004;2020) e Margrit Shildrick (2002) que encorajam novas leituras do feminino como uma posição cultural que excede as próprias culturas que a enquadram, uma releitura crítica e atualizada dessa personagem em suas origens também se faz necessária. Com base no método de Jeffrey Jerome Cohen (1996) de “ler culturas a partir dos monstros que elas engendram” (COHEN, 1996, p. 3, tradução nossa), conduzimos uma investigação de como as potências normativa/transgressora inerentes ao monstro operam na personagem Morgana em dois dos textos supracitados, o ciclo francês da *Vulgata* e *A Morte de Artur de Malory*, em busca de rachaduras na representação normativa do feminino monstruoso medieval que ainda informa releituras dessa personagem, já que tais rachaduras são o que possibilita a fratura (AGAMBEM, 2009) necessária para isso.

As personagens insólitas em narrativas de Salman Rushdie, Margaret Atwood, Robert Coover e Nalo Hopkinson

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

Resumo Assim como os contos de fadas tradicionais mudaram para se adaptar aos novos contextos pelos quais passaram, os autores contemporâneos que retomam esses contos ou, em geral, o maravilhoso em suas narrativas, como Coover, Hopkinson, Rushdie e Atwood, deram a suas histórias um novo viés, mais voltado para os conflitos atuais, assumindo um estilo intimista. Percebe-se que muitas características típicas dos contos de fadas e, portanto, do maravilhoso, são preservadas nas narrativas pós-modernas que fazem parte do corpus dessa comunicação, embora muitas se modifiquem para se adequar ao novo contexto do qual fazem parte. Os elementos mais dissonantes entre as narrativas tradicionais e as pós-modernas no âmbito do maravilhoso parecem se dar na dissolução da dicotomia bem/mal e dos finais felizes e na mudança do papel do herói, que se configura muito mais como um anti-herói. Há uma inversão, ainda, no papel das personagens, notado na atuação de princesas e jovens que não desempenham mais o papel de mulheres frágeis, mas de empreendedoras; e na composição de príncipes incapazes de salvarem princesas. Nesse sentido, há um afastamento do que se chama de conto de fadas tradicional, mas sem a desintegração da essência do gênero maravilhoso, já que a aceitação do insólito, como propõe Todorov (2004), permanece. Os elementos que sofrem transformação no maravilhoso pós-moderno com relação ao tradicional, se modificam por uma necessidade de preencher a lógica de um mundo que também mudou cultural e socialmente. Assim, esta comunicação pretende, por meio do resgate do maravilhoso, discutir, mais especificamente o papel das personagens insólitas, como os gênios, as fadas e os seres sobrenaturais. Pelas personagens, é possível notar a subversão dos contos de fadas e do maravilhoso enquanto gênero na pós-modernidade e o quanto eles estariam próximos ou não do maravilhoso no sentido todoroviano.

Autor defunto ou defunto-autor?**Revistando “Os óculos de Pedro Antão”, de Machado de Assis**

Geovana Barbosa de Almeida (UFU)

Resumo O objetivo deste trabalho é propor a reflexão sobre o narrador insólito do conto “Os óculos de Pedro Antão”, de Joaquim Maria Machado de Assis publicado na revista feminina *Jornal das Famílias* em 1874. Um tio morto deixa um casarão como herança para o sobrinho sob a condição expressa de só tomar posse da casa dez meses após sua morte. O enredo contém elementos típicos de um conto fantástico, um herdeiro, um casarão vazio, uma morte, um mistério pronto para ser decifrado, contudo, adiciona-se a narrativa um narrador que enuncia: “A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes” (ASSIS, 1874, S/P). O conto machadiano foi considerado pela crítica como homenagem a Edgar Allan Poe e foi caracterizado como quase-macabro, Fernandes (1999) e macabro, Ginway (2016). Além disso, o que nos obseda neste conto é que Pedro, o narrador, amigo íntimo do herdeiro do casarão narra a história três anos após o acontecimento com o objetivo de investigar o motivo do uso dos óculos do defunto, por conseguinte, tenta desvendar a vida do solitário Antão pelo inventário dos objetos encontrados na casa. A constituição labiríntica do conto viabilizada por meio da inserção de histórias intercaladas revela o desdobramento da voz narrativa em três dimensões temporais. Desta forma, o conto sugere uma questão paradoxal de crítica literária ainda não explorada, a hipótese é que a assimilação do fantástico moderno se dá através de Pedro, leitor de Poe, que narra a experiência de ser assombrado pelo fantástico antigo através da interferência além-túmulo de Pedro Antão, assim, justificamos a reflexão sobre esta personagem no conto. Nesta perspectiva, para sustentar a problematização recorreremos a Marcelo J. Fernandes (1999); Norman Friedman (2002); M. Elizabeth Ginway (2016) e Luiz Roncari (2000).

Construções de femininos nas narrativas maravilhosas de Marina Colasanti e Marie NDiaye

Juliana Ruiz Buchi Marcondes (UNESP)

Resumo Marina Colasanti é autora de vasta obra da literatura brasileira, flertando com diversos gêneros textuais, como contos, crônicas, ensaios e poemas, voltando-se tanto para um público adulto quanto infanto-juvenil. Sua temática também versa a respeito de variados assuntos, contudo, pode-se perceber como constante a presença do feminino, de figuras de mulheres que nos permitem vislumbrar, mesmo em uma narrativa maravilhosa, uma construção de um “ser mulher” que ressoa em nossa realidade. Marie NDiaye é um dos grandes nomes da literatura francesa contemporânea, autora de romances, novelas, contos, peças de teatro e também de literatura voltada a jovens e crianças. Apesar de versar sobre diversas temáticas em sua obra, NDiaye também utiliza como matéria poética as experiências e percepções desse “ser mulher”, propondo um olhar de crítica e denúncia social. Ambas autoras constroem essas imagens – e, ao mesmo tempo, desconstroem estereótipos ligados a elas – utilizando, em especial, elementos do maravilhoso e representações arquetípicas de aspectos do feminino. Dessa forma, o presente trabalho procura discorrer sobre como as autoras recorrem ao maravilhoso e aos arquétipos, considerando as contribuições teóricas de Jung, Von Franz e Propp, para darem forma a suas personagens femininas, abarcando lutas, violências e emancipações que fazem parte da história das mulheres. Serão analisadas, em específico, as protagonistas dos contos “A moça tecelã”, de Colasanti, e “A diaba e sua filha”, de NDiaye, à luz da Literatura Comparada, base teórica que fundamenta o projeto de pesquisa do qual se recorta esse trabalho, com as contribuições de Samoyault, Coutinho e Carvalhal.

**Desejo e liberdade: a reconfiguração
da vampira a partir da relação entre Marceline,
da animação *Hora de Aventura*, e *Carmilla*, de Le Fanu**

Fernanda da Cunha Correia (UPM)
Giovanna Suleiman das Dores (UPM)

Resumo Este trabalho visa refletir a respeito da construção do arquétipo do vampiro feminino, a partir da construção da personagem Marceline, a Rainha Vampira do desenho animado contemporâneo *Hora de Aventura* (2010). O trabalho foi desenvolvido com o intuito de discorrer sobre a construção do arquétipo da personagem insólita do vampiro, da vampiro feminina e quais são as reconfigurações que a personagem analisada sofre dentro de sua construção, quais seriam as motivações por trás destas e qual seria sua relação uma das primeiras personagens de vampiro feminina, *Carmilla* (1872), de Le Fanu, que também tem um relacionamento homoafetivo. A pesquisa caminha sob o ponto de vista do fantástico e do insólito do filósofo e linguista búlgaro, Tzvetan Todorov (2010), e do escritor e crítico literário espanhol, David Roas (2013); da construção da personagem da ensaísta, linguista e crítica literária brasileira, Beth Brait (2017) e da história e arquétipos dos vampiros do filólogo e medievalista francês, Claude Lecouteux (2005). A pesquisa conta com uma exploração da construção da personagem insólita através da análise centrada em Marceline, a partir de uma comparação com a personagem literária Carmilla. Em face desse contexto, indagamos: Qual o arquétipo do vampiro feminino construído no desenho animado? Quais são suas relações com a vampira Carmilla? Quais podem ser as motivações para as reformulações dos arquétipos vampírescos presentes no desenho animado?

**Feminismo mágico nas bruxas de *The Witch*,
de Robert Eggers, e *Gretel & Hansel*, de Oz Perkins**

Cynthia Beatrice Costa (UFU)

Resumo Duas décadas passaram-se desde o resgate da bruxa como entidade misteriosa e sanguinária no filme *The Blair Witch Project* (A

Bruxa de Blair), de Eduardo Sánchez e Daniel Myrik. De lá para cá, frequente tem sido o resgate dessa figura em filmes ditos “de terror” – ainda envolvida em ou desencadeadora de situações insólitas, porém não mais como a bruxa má tradicional dos contos de fadas. Nos filmes *The Witch* (2017), de Robert Eggers, e *Gretel & Hansel* (2020), de Oz Perkins, ambos perturbadores no que diz respeito à atmosfera que constroem, meninas adolescentes são confrontadas com os males da bruxaria, mas conseguem se apropriar dessa prática em benefício próprio. Não se tornam bruxas boas ou fadas: a ambiguidade moral intensifica o insólito. Essas duas obras cinematográficas parecem ilustrar a virada atual da bruxa como expressão de um “feminismo mágico” (Kimberly Ann Wells, 2007; Maggie Rosen, 2017), no qual são agentes da própria liberdade. Como reconto folclórico, *The Witch* recria fidedignamente o contexto puritano do nordeste estadunidense do século XVII. Ali, quando uma criança desaparece, a menina Thomasin é injustamente acusada de bruxaria. Afastando-se do papel de vítima, entretanto, Thomasin aceita o sobrenatural e ascende à posição de bruxa. Já em *Gretel & Hansel* – que inverte, já no título, a ordem dos nomes das crianças –, o conto João e Maria é reinterpretado de maneira subversiva, arrancando-o do campo do maravilhoso e atirando-o em um insólito extravagante e incômodo. Por meio deste breve estudo e tomando essas duas narrativas como exemplos, investiga-se a hipótese de que a bruxa tem se consolidado como personagem feminista sem, no entanto, romper com suas raízes mágicas.

Fogueiras de tinta e papel: a representação das bruxas nos contos de fadas europeus entre os séculos XVI e XIX

Luiza Carvalho Santos Brandão (UFMG)

Resumo Os contos de fadas constituem parcela relevante do imaginário ocidental e, segundo a folclorista Maria Tatar (2010, p. 8), “modelaram códigos de comportamento e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que forneceram termos com que pensar sobre o que acontece no mundo.” Na Europa, tais narrativas são oriundas da cultura oral camponesa e, a partir do século XVI, passam a despertar o interesse de eruditos preocupados em capturar a voz “pura” do povo, empreendendo diversas compilações dessas histórias

e transplantando-as da oralidade para a língua escrita. A fim de adequá-las aos ouvidos sensíveis da burguesia emergente, os contos populares sofrem um processo de depuração no qual lhes é retirado tudo aquilo considerado grosseiro e obsceno, além de serem acrescentados ensinamentos morais voltados, muitas vezes, de forma específica para as meninas (TATAR, 2010). Extremamente difundidas até os dias de hoje, tais narrativas atuam, também, no sentido de criar determinadas representações de personagens femininas, sobretudo pelo viés dicotômico da princesa indefesa e da bruxa má. O objetivo da presente comunicação consiste em fomentar a reflexão acerca das representações de bruxas nos contos de fadas europeus entre os séculos XVI e XIX. Para tanto, serão analisados os contos João e Maria (GRIMM, 2010) e A bela adormecida no bosque (PERRAULT, 2009) a partir do método do materialismo histórico, tendo em vista as representações de tais personagens no contexto da caça às bruxas, que atinge o seu ápice, segundo Silvia Federici (2017), no século XVI, contando com o apoio de inúmeros intelectuais e artistas no sentido de promover uma campanha difamatória contra as mulheres consideradas bruxas.

**Mário de Andrade e Murilo Rubião:
manifestação da morte em *Macunaíma* e “Teleco, o Coelhoinho”**

Leony Bruno de Souza Pereira (USP)

Resumo Esta proposta de comunicação corresponde a um recorte da pesquisa que desenvolvo como mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH-USP; intitula-se “Murilo Rubião e a poética da morte”. Analiso, em alguns contos do autor mineiro, o fenômeno da morte como elemento exponencial na construção narrativa de vertente insólita. Assim, os trechos de Rubião ganham comparação com obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *O Centauro* e *Barba Azul*. Para esta apresentação, limitamo-nos, especificamente, a examinar a mitopoética da morte em torno das personagens Macunaíma e Teleco. A mitopoética consiste, grosso modo, em arranjo ficcional de mitos, que relê e subverte antigas narrativas a fim de suscitar determinado efeito estético. Cabe lembrar que a morte é um tema que aflige o

homem desde tempos primitivos. Para driblá-la ou ilusoriamente dominá-la, dá-se o apoderamento dos mitos, os quais oferecem explicações metafísicas que de alguma forma ocupam o vazio do grande além. Poucos não são os ficcionistas que se apropriam deste inventário mítico, reelaborando-o e nos permitindo refletir sobre o mistério do fim da vida. O protagonista Macunaíma, por exemplo, morre algumas vezes durante a obra de Mário de Andrade, como se pudesse aplicar o malicioso jeitinho brasileiro na morte, ao passo que o ardiloso Teleco consegue se metamorfosear em vários animais; porém, a personagem muriliana, depois de incorporar um elenco de bichos e de passar por uma desilusão amorosa, morre na forma de uma criança recém-nascida. Nessa perspectiva, tanto Rubião quanto Mário de Andrade se valem da mitopoética para construir narrativas e personagens insólitas. Quanto a estas, seus corpos, dinâmica e performativamente, experienciam a mágica da mutação.

Manifestações do Insólito nas obras *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto

Jacimara Nascimento Von Dollmger (UNIR)

Resumo O presente estudo tem como objetivo demonstrar, por meio da perspectiva da Literatura Maravilhosa, que os aspectos insólitos, destacadamente os mitos, ritos, lendas e crenças presentes nas obras *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, e *Terra Sonâmbula* (2015), de Mia Couto, contribuem para a composição da tessitura narrativa e das personagens Dinaura e Farida – mulheres enigmáticas e misteriosas –, rompendo as realidades referenciais as quais as respectivas personagens estão vinculadas – a amazônica e africana – possibilitando, assim, para que o sobrenatural emergja em meio ao natural, sem que com isso essas narrativas desvinculem-se das referidas realidades. Destaca-se, portanto, que este estudo parte da compreensão de que a realidade maravilhosa se perfaz por meio dos mitos e na crença em suas tradições culturais. A pesquisa é de cunho bibliográfico, baseada na análise descritiva e explicativa, e segue os pressupostos teóricos de Tzvetan Todorov (2004), Irlemar Chiampi (1980), Alejo Carpentier (1949), Ernst Cassirer (1985) e Mircea Eliade (1991), pois esses autores apresentam conceitos fundamentais para

a elaboração do estudo, tendo em vista que eles discorrem a respeito do insólito, do mito e do Realismo Maravilhoso. Como o estudo compreende uma análise comparativa entre duas obras, os estudos de José Luis Jobim (2020), Sandra Nitrini (1998) e Tânia Franco Carvalho (2006), os quais discorrem sobre a literatura comparada, também embasam esta pesquisa.

O duplo como componente do fantástico pirandelliano

Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP)

Resumo Os elementos fantásticos permeiam a literatura italiana desde os seus primórdios, podendo ser encontrados em Dante Alighieri (*La Divina Commedia*), Giovanni Boccaccio (*Decameron*), Ludovico Ariosto (*L'Orlando Furioso*) e Torquato Tasso (*Gerusalemme Liberata*). Posteriormente, no Romantismo, em um movimento chamado de Scapigliatura, a Itália conhece o fantástico nos moldes de Poe, Hoffmann, Gautier pelas mãos, principalmente, de Ugo Tarchetti. É definitiva a influência do crítico Benedetto Croce, que defendia uma forte distinção entre a alta letteratura e a literatura di genere. Esta noção croceana influenciou (e, talvez, o faça até hoje) boa parte da crítica do século XX. Silvia Zangrandi, em seu livro *Cose dell'altro mondo, percorsi nella letteratura fantastica italiana*, publicado em 2011, refere-se a Luigi Pirandello como um dos responsáveis pelo início, na Itália, de uma literatura fantástica mais consolidada. Zangrandi chama a atenção para o “uso intelectual” que Pirandello faz do fantástico, a fim de oferecer uma alternativa para as angústias do homem moderno. No século XX, a literatura fantástica italiana explora não mais somente as angústias e o terror, mas se concentra nas temáticas da perda da harmonia do homem consigo mesmo e com o mundo em torno dele, do sentido de desnorteamento, da constante ameaça às grandes certezas, da existência de eventos extraordinários. Propomos, então, por meio da análise do conto Stefano Gogli, uno e due, investigar a questão do duplo, um dos componentes fundamentais da narrativa fantástica pirandelliana. Muitas vezes, Pirandello lança mão do humorismo como estratégia para a criação do duplo, desembocando no pesadelo, no delírio, na psicose. O presente trabalho, tem como objetivo analisar a personagem pirandelliana e

o modo como, prisioneira das próprias obsessões, esta naufraga na perda da própria identidade.

O elemento fantástico na construção dos mitos da modernidade: as múltiplas variações das histórias de Fausto e Don Juan na Literatura Francesa

Marli Cardoso dos Santos (UFU)

Resumo Na literatura, muitos escritores retomam nomes de diversas mitologias ou constroem histórias em torno dessas personagens e temáticas. Todavia, existem também os mitos literários, que nem sempre estão ligados às antigas mitologias, muitos desses mitos encontram-se vinculados a outras tradições, como a tradição oral (caso de Don Juan) e se relacionam com o progressivo processo de individualismo promovido pela modernidade a partir do Renascimento. Os mitos de Fausto e de Don Juan permaneceram por muito tempo no imaginário popular, devido à associação dessas histórias com o insólito. Em Don Juan, a presença da estátua de um morto que vem levá-lo ao inferno; em Fausto, o pacto com as forças ocultas em troca de poder. Essas figuras são ligadas por uma incessante busca de identidade; são indivíduos incompletos, insatisfeitos e, por isso, desafiam também as ordens naturais e sobrenaturais. Logo, um dos caminhos para entender a relação que existe entre esses mitos é a análise dos elementos sobrenaturais. A forte presença de elementos que fogem ao “real”, como espíritos que propõem pactos e estátuas que ganham vida para se vingarem são aspectos que possibilitaram a perpetuação e a repetição desses mitos na história da literatura. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de resgatar esses dois mitos para realizar uma pesquisa que tenha como foco a construção do mito literário. Queremos analisar a presença de elementos fantásticos nessas histórias como um fator fundamental para a consolidação desses textos, especificamente em obras da literatura francesa. Assim, para este trabalho, resgataremos esses dois mitos do Individualismo Moderno nas obras de Honoré de Balzac, Molière e Baudelaire.

O grotesco como forma de carnavalização em “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio

Carolina de Castro Wanderley (UFRJ)

Resumo Quando fala da pesarosa perda do liame do grotesco com a cultura popular ocorrida a partir do Renascimento, Mikhail Bakhtin em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento” (2010) apresenta a carnavalização como sua oportunidade de reversão. A reconexão mais pura do que há de excêntrico e incomum na realidade social com a significação cultural e o reconhecimento deste mesmo grupo como sociedade acontece no carnaval, enquanto celebração de uma realidade polifônica e múltipla. Há fartos exemplos de ritos carnavalescos na literatura, mas raros são os que apresentam teratológicas personagens principais como estratégias de carnavalização da realidade e de ressignificação do insólito. Em “O bebê de tarlatana rosa”, conto do cronista carioca João do Rio (1925), observa-se generosa demonstração de como o grotesco e o carnaval podem convidar para uma nova visão das relações com o discordante, com o não condizente com as regras postas, com o monstruoso. A análise do conto proposto, sob enfoque do grotesco carregado pela insólita personagem principal que é ao mesmo tempo consubstanciação do desejo sexual, da ingenuidade infantil e da aberração, em confronto com as inversões ensejadas pelos folguedos do carnaval, é o interesse da presente proposta, notadamente dentro do referencial teórico bakhtiniano mas também sob a visão de grotesco de Muniz Sodré (2014), de Wolfgang Kayser (1986) e da obra “Do grotesco e do sublime” de Victor Hugo (2007).

O insólito voo do cegonho: o modo fantástico na telenovela *Êta Mundo Bom!*

Thiago Henrique Fernandes Coelho (UFU)

Resumo A presente pesquisa tem como objetivo discutir o modo fantástico observado na telenovela *Êta Mundo Bom!* exibida na rede Globo de televisão no ano de 2016, no horário das 18 horas. A telenovela foi escrita por Walcyr Carrasco e aborda o meio rural e urbano na

década de 1940 e 1950 do século XX, mostrando tanto a vida na capital paulista como em uma fazenda no interior do estado, chamada Dom Pedro II, no fictício município de Piracema. A história de *Êta Mundo Bom!* é baseada no conto *Cândido ou o otimismo*, de Voltaire, no filme de 1953 *Candinho*, que teve como protagonista Amácio Mazzaropi, e no conto *O comprador de fazendas* de Monteiro Lobato. O modo fantástico surge na telenovela a partir de alguns personagens, que são eles Candinho que conversa com um burro; pela jovem Mafalda, que tem a curiosidade de conhecer o cegonho que vive na calça dos homens; pela menina Alice que diz ser uma fada; por Cunegundes que é vítima de vários fatos insólitos; e Seu Osório que dizem que ele morreu de amor. Ao longo desse trabalho iremos discutir sobre esses cinco personagens, abordando como o modo fantástico está presente na trajetória de cada um, mas primeiramente iremos abordar as definições de fantástico por Todorov, Filipe Furtado e Marisa Gama-Khalil.

O misterioso Tom de Tolkien

Lucas Bianconi Duarte Novais (UNESP)

Resumo Tom Bombadil é uma das personagens mais misteriosas e controversas criadas por Tolkien em seu universo ficcional. De acordo com o próprio autor, Tom se constitui como um enigma intencionalmente elaborado e colocado em suas obras com a função de manter, ou salvaguardar, o mistério. Nesse contexto, desde a entrada de Bombadil em *O Senhor dos Anéis* (*The Lord of Rings*, 1954-1955), que se dá de modo completamente abrupto e inesperado – misterioso, portanto –, destacam-se um conjunto de características que o compõem e se adensam ao longo do romance: ele se manifesta quase que exclusivamente pela música e pelo canto; sua aparição é envolta pelos elementos da Natureza, especialmente o ar e o fogo – os mais insólitos dos elementos –; e há, também, a magia, algo que se coaduna ao universo ficcional de Tolkien, no qual o maravilhoso é parte estrutural, pois Tom Bombadil tem o poder de enfeitiçar e, com isso, mudar a atmosfera à sua volta, o que implica no poder de mudar a tessitura da própria realidade física. Tal habilidade mágica ganha proporções ainda mais significativas diante da postura da personagem frente ao Um Anel, objeto mágico feito por Sauron, o vilão da obra, com

o intuito de dominar todos os povos livres da Terra-média, local mítico onde transcorre a narrativa. Assim, o mistério e o enigma envolvem Bombadil, os quais se reiteram e reforçam-se a cada aparição ou menção à figura de maneira peculiar, pois toda vez que o mistério-enigma é respondido, a resposta em si se mostra um novo mistério-enigma, gerando um vórtice de perguntas-respostas aparentemente sem saída, como um labirinto ou um jogo de mise en abyme.

O percurso da maldade em *Grande sertão: veredas*

Carlos César Lima (UNESP)

Resumo A proposta da presente pesquisa é apresentar uma análise semiótica do percurso isotópico da maldade em *Grande sertão: veredas* e verificar em que medida tal percurso colabora na garantia da continuidade temática da obra. Haja vista que, no campo das ciências humanas há uma diversidade de teorias que se debruçam sobre o sentido. Dentre elas, optamos pelo modelo teórico-metodológico da Semiótica da Escola de Paris para aplicarmos à análise do romance. Ao refletirmos sobre o percurso da maldade por meio da análise semiótica, vemos como a cultura modela o discurso, o imaginário e a forma narrativa dos romancistas; assim sendo, por meio do protagonista Riobaldo, jagunço apartado das armas, enquanto enunciatador, narra sua vida de aventuras a seu interlocutor, jovem doutor da cidade. Junto aos recursos do ritmo da fala e da memória, as isotopias vão se engendrando no discurso, ou seja, no procedimento da enunciação constroem-se os percursos isotópicos. A iteração dos semas ao longo do discurso abastece o aporte de informações responsáveis por garantir os traços semânticos que contribuem com a coerência textual. Assim, no texto de Guimarães Rosa, as isotopias amarram de forma coesa o percurso isotópico da maldade que pode estar figurativizado no reino animal e vegetal, nos seres humanos, nos espaços e no próprio sertão. A título de exemplo, o locus imaginal, Liso do Suçuarão é o palco de eventos que se repetem; ora na luta aguerrida entre Riobaldo e o jagunço Treciziano, na primeira tentativa de travessia; ora no confronto final entre Diadorim e o Hermógenes. Assim, um dos eixos que compõe essa proposta é examinar as ações das personagens que figuram nessas narrativas e reforçam a isotopia da maldade.

O terror das fadas no cinema irlandês contemporâneo: os ecos do passado nos filmes *The Hallow* (2015), de Corin Hardy, e *The Hole In The Ground* (2018), de Lee Cronin

Sanio Santos da Silva (UFBA)

Resumo As fadas estão presentes em inúmeras lendas da tradição oral irlandesa. Lady Jane Wilde, através de sua obra *Legends, Charms and Superstitions of Ireland*, documentou narrativas contadas por aldeões em meados do século XIX. Nesse trabalho estão incluídos os textos *The Fairies' Revenge* e *The Fairy Race*, ambos sobre fadas que atormentam e levam seres humanos ao desespero. Nos dias atuais, o cinema de terror da Irlanda resgatou e emoldurou esses personagens em situações contemporâneas. Ruth Barton (2019) afirma que cineastas irlandeses estão cada vez mais envolvidos com histórias assustadores, em um esforço para aproximar suas produções de tendências hollywoodianas. Na Irlanda, existe um número considerável de filmes de terror com fadas representadas como monstros, sendo que os mais recentes são *The Hallow* (2015), de Corin Hardy, e *The Hole In The Ground* (2018), de Lee Cronin. Desse modo, o presente trabalho surge a partir do seguinte questionamento: como as fadas são representadas nos filmes de terror irlandeses, ambientados nos dias atuais? O objetivo geral é analisar como fadas são representadas em *The Hallow* (2015) e *The Hole In The Ground* (2018), tentando identificar aspectos similares e distintos às lendas contadas por aldeões no século XIX. A metodologia adotada será a análise de conteúdo, tal como definida por Laurence Bardin (1977). Trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos que visa obter procedimentos para descrição e interpretação de mensagens implícitas e explícitas. A justificativa está relacionada à necessidade de ampliar o diálogo multicultural nas pesquisas no Brasil, onde raramente estudos são desenvolvidos a partir de filmes irlandeses.

Olhos do grotesco, cegueira do sublime: a obsessão em Frankenstein e “Der Sandmann”

Marvin Kenji Nakagawa e Silva (UNESP)

Resumo Neste trabalho, busca-se evidenciar a perspectiva da cegueira na dicotomia sublime/grotesco no Romance Frankenstein: or the modern prometheus (1818) e em “Der Sandmann”, conto de Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, presente na coletânea *Nachtstücke* (1817). Para tal, faz-se necessário estabelecer a perspectiva histórica da ciência da época (século XVIII) o que nos é apresentada por Adams Roberts em *The History of Science Fiction* (2016) e Eliane Robert Moraes em *O corpo Impossível* (2015). Nesse sentido, ambas as obras introduzem uma característica insólita dessa ciência, isto é, o grotesco dessa atuação científica reside na pesquisa e desenvolvimento com base no sagrado antropomórfico, o que consequentemente, segundo Moraes (2015) gera uma fragmentação da identidade humana, um duplo, presente na criatura. Desse modo, busca-se aprofundar na questão do noturno (LEOPOLDSEDER, 1973), como conceito literário, conectando-o a questões de natureza interna, como a loucura e obsessão – e a cegueira que surge dela. Nessa perspectiva, é dado um destaque aos olhos dos personagens monstruosos, naturalmente insólitos e profanos – revelando a sua natureza artificial – e aos olhos dos protagonistas, que em obsessão, são incapazes de ver a real natureza das criações artificiais com quem interagem, o que potencializa o efeito do Unheimlichkeit. Dessa forma, apresenta-se o conceito de cegueira noturna (*Ibidem*) na qual os personagens “criadores” perpassam – Spallanzani, Nathanael e Frankenstein –, tais personagens quebram as normas do que é aceitável socialmente, assim, terminam por apresentar em si e em suas criações, características dicotômicas, principalmente, relativo aos aspectos: vivo/morto, humanidade/monstruosidade e natural/artificial. Portanto, a relação criador e criatura, e como tal, a própria mimesis entra em questão, apresentando-se como uma interpretação possível, em que as criaturas criadas surgem a imagem e semelhança de seu criador, uma versão distorcida e/ou fragmentada, de seus criadores, no entanto, não necessariamente perversa.

Os personagens insólitos de Murilo Rubião: A Esperança e Espera desses personagens

Ricardo de Macedo (USP)

Resumo A partir de um recorte da obra de Murilo Rubião. Observa-se muitos personagens do tipo insólito: Teleco, o coelhinho, Bárbara, O homem do boné cinzento, A noiva da casa azul etc. A questão é levantar hipóteses: por que são insólitos ou esquisitos ou fantásticos tais personagens? Por que alguns, principalmente, masculinos vivem em uma eterna espera e possíveis esperanças em relação ao amor? O estudo também ganha outras perspectivas: as imagens na obra deste autor e Inter textualizando-o com outros autores, como por exemplo, Kafka podemos notar o singularismo da literatura fantástica brasileira. O artista/pesquisador Ricardo de Macedo faz em sua tese de doutorado uma tradução poética dos personagens insólitos de Rubião por meio de HQ – Histórias em Quadrinhos que também será apresentada neste simpósio. Essa tradução ganha um vasto texto descritivo (objetivo e subjetivo) refletido por cores, formas, personagens, mobiliários etc. Não podemos nos esquecer também, que Murilo Rubião escreveu apenas cerca de 33 contos, pois trata-se de um escritor econômico, oportunidade para os leitores críticos lerem e relerem sempre os seus contos e a cada revisitação: uma ou várias novidades a cerca da narrativa, um ou outro detalhe que não tinha-se percebido... Assim como o amigo do autor, Mário de Andrade, que não compreendeu em suas histórias, sentido algum. A façanha maior seja talvez a busca desse sentido pelo não sentido.

Percepções do mal nas diferentes representações do barbeiro demoníaco de Fleet Street

Bruno Amaral Dariva (UFRGS)

Resumo O romance *The String of Pearls*, publicado sem autoria e de forma seriada entre 1846 e 1847, introduziu à literatura inglesa o personagem Sweeney Todd, um barbeiro monstruoso, assassino e maléfico. Ao longo dos anos, a história e o personagem foram adaptados diversas vezes, especialmente para peças teatrais. Em 1979, com

a produção do musical *Sweeney Todd: The Demon Barber of Fleet Street* para a Broadway, Stephen Sondheim e Hugh Wheeler tornaram o personagem conhecido mundialmente. Em 2007, Tim Burton lançou uma adaptação cinematográfica do musical. Vencedor do Oscar de Melhor Direção de Arte, o filme homônimo incorpora diferentes camadas à construção do personagem e representa um contraste significativo com a história e o personagem originários da literatura. Através de um estudo comparativo entre o romance *The String of Pearls* (1848-47) e o filme *Sweeney Todd: The Demon Barber of Fleet Street* (2007), o presente trabalho busca analisar as variações na caracterização do personagem do barbeiro no que diz respeito à percepção de sua personalidade maligna. Investigando-se as peculiaridades de cada obra, pretendemos compreender como os elementos narrativos de cada texto reforçam ou atenuam seu caráter vilanesco. Para isso, nos debruçamos sobre conceitos como monstro (ZANINI, 2019), mal (KEKES, 2010) e exposição (STERNBERG, 1978). KEKES, John.

Refigurações de personagens das narrativas folclóricas brasileiras em obras da literatura fantástica nacional

Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior (UFMS)

Resumo O retorno de figuras que reconhecemos como integrantes das narrativas mitológicas, em especial as dos antigos gregos e nórdicos, para novas aventuras que se desenvolvem em tempos que não são os que remontam à sua origem, é uma constante facilmente perceptível nas narrativas insólitas mais famosas dos últimos anos em língua inglesa. Geralmente essas personagens reaparecem sob novas roupagens, concebidas a partir de uma interpretação singular que as aclimata ao universo ficcional daquela obra em específico, mas sempre mantendo a essência que as torna reconhecíveis em qualquer contexto. No Brasil, o surgimento de uma produção literária que se assume fantástica coincide com o advento da valorização das nossas próprias narrativas da tradição, caracterizando um filão que convencionou-se chamar ficção folclórica; nele, os autores replicam em suas criações o modelo internacional de reler esses monstros e heróis da imaginação brasileira a partir de novas perspectivas. Assim, o objetivo deste estudo é identificar a recorrência de determinadas

personagens oriundas de narrativas folclóricas brasileiras quando refiguradas em obras da literatura fantástica nacional contemporânea e comparar algumas destas refigurações discriminando as semelhanças ou diferenças que estabelecem com o conhecimento prévio acumulado acerca delas. O corpus é o mesmo de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, mas que se centra especificamente na figura da Iara, a sereia brasileira, tratando-se de: “Sete Monstros Brasileiros”, de Bráulio Tavares; “A Bandeira do Elefante e da Arara”, de Christopher Kastensmidt; e os três volumes que compõem “O Legado Folclórico”, de Felipe Castilho, a saber, “Ouro, Fogo & Megabytes”, “Prata, Terra & Lua Cheia” e “Ferro, Água & Escuridão”. O aporte teórico que subjaz estes movimentos é composto, principalmente, por Reis (2018, 2018b), Matangrano e Tavares (2018), Corso (2004) e Cascudo (2012).

Representações do vampiro na literatura fantástica francesa: o caso de Charles Nodier e de Théophile Gautier

Gabriela Jardim da Silva (FURG)

Resumo Ancorado no imaginário popular ao longo dos séculos, o mito do vampiro apresenta-se como tema do fantástico em literaturas de diferentes expressões. Trata-se, além disso, de uma temática de interesse na contemporaneidade, fator que pode ser corroborado pela vasta produção de narrativas literárias e fílmicas que versam sobre o vampirismo nas últimas décadas. Partindo desse amplo contexto, este estudo debruça-se sobre representações do vampiro na literatura fantástica francesa produzida no início do século XIX, momento histórico em que o fantástico se disseminara na França. Para tanto, examinar-se-á o vampiro em três contos de *Infernalina* (1822), antologia de Charles Nodier, e no conto “La Morte amoureuse” (1836), de Théophile Gautier. A presente análise fundamentar-se-á em estudos acerca do fantástico (CASTEX, 1951; TODOROV, 1970; FURTADO, 2018) e, mais especificamente, acerca da personagem fantástica (MALRIEU, 1992; MILLET e LABBÉ, 2005) e, através desse arcabouço teórico, focalizará sua atenção nos aspectos físicos, psicológicos e sociais que caracterizam o vampiro nas narrativas que figuram no

corpus literário deste trabalho, bem como em suas ações e relações com outras personagens. Outrossim, ressalta-se que o exame desses vampiros interessar-se-á por questões atinentes às figurações de gênero, ou seja, consagrar-se-á a uma análise baseada no par feminino/masculino como determinante na caracterização desse tipo de personagem. Transgressor em diversos aspectos, o vampiro revela-se como uma figura de extremo interesse em obras cujo intuito é a instauração do metaempírico.

Simpósio 14**As políticas do corpo e os sujeitos da ficção: a práxis literária II**

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP)

Resumo Começamos com uma nota explicativa: o simpósio ora apresentado pelos pesquisadores é o mesmo proposto no ano passado (ABRALIC 2020) em razão do número de desistências, assim, os que não puderam participar – por diferentes questões – poderão se inscrever, ademais, de outros pesquisadores que queiram compartilhar seus trabalhos. Italo Calvino (2006) afirma que o texto literário materializa-se – para o bem ou para mal – sempre como um gesto político, um posicionamento a favor ou contra a ordem social vigente. Para o mal, porque há um conjunto de escritos literários que endossa a violência contra a existência de determinados corpos. Existem autores que compactuam com o sexismo, o machismo, o patriarcado, o fascismo, as ditaduras, a lgbtfobia, etc. E na contramão deste pensamento, há uma quantidade expressiva de textos que colocam em evidência e reivindicam a existência de corpos historicamente lançados à escuridão social. A literatura, então, como um gesto político, encontra meios, no interior das ciências humanas, para denunciar práticas sociais que inibem, silenciam e invisibilizam determinados corpos. Entre eles, o corpo negro, o corpo indígena, o corpo pobre, o corpo feminino, o corpo com deficiência, o corpo gordo, o corpo envelhecido, o corpo com dificuldade de aprendizagem, o corpo contaminado pelo HIV, o corpo LGBTQIA+. E por quais razões a literatura, bem como outros constructos artísticos, trata desses corpos? O artifício literário trata desses corpos, cf. antedito, como um gesto político, com o intuito de dar-lhes voz, desterritorializá-los da margem e reterritorializá-los em um lugar que lhe é de direito no interior da sociedade. Trata desses corpos porque a eles a vida deve ser vivível, respirável, pois são corpos que importam (BUTLER, 2019). Trata desses corpos porque são pauta urgente na agenda estatal e devem, também, ser protegidos pelo Estado-nação. Achille Mbembe, intelectual camaronês, em seu *Necropolítica* (2018), afirma de forma categórica que é de competência do Estado-nação a decisão dos corpos que merecem viver e dos que devem ser eliminados letalmente. Quais são os critérios utilizados pela nação? Quais corpos devem ser eliminados

e quais são eleitos para viver? Talvez encontremos possíveis respostas quando nos inteiramos que o Brasil ocupa o 1º lugar no ranking mundial em assassinatos a corpos transexuais; matamos mais que em países onde a homossexualidade é crime de morte. Ou ainda, quando pensamos no constante genocídio praticado contra as populações negra e indígena. No contexto das Américas, o Brasil, segundo dados estatísticos da Anistia Internacional, é o país que mais mata ativistas e/ou militantes seja na defesa dos direitos humanos ou na proteção do meio ambiente. Ademais, o Brasil, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, ocupa o 5º lugar entre os demais países do globo em violência – leia-se assassinatos no contexto doméstico e familiar – contra a mulher, ficando atrás apenas para El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. De acordo com o Geledés – Instituto da Mulher Negra, as mulheres negras e pardas durante o parto recebem menos anestesia que as mulheres brancas. O que esses dados indicam? Que há vidas específicas que estão sob uma violência estatal estrutural e não “merecem” a proteção do Estado-nação. Pensar nas políticas sexuais e nos direitos reprodutivos, por exemplo, seria outra forma de indicar a intervenção do Estado sobre o corpo dos cidadãos. A criminalidade em relação ao aborto extirpa da mulher o direito de decisão sobre o seu próprio corpo. A decisão de uma gravidez indesejada não é de competência da mulher, mas da Nação, assim, o que há de mais privado – o corpo – não é verdadeiramente privado. Pessoas do mesmo sexo passaram a oficializar a relação civil somente a partir de 2011, com a declaração da legalidade de união civil estável feita pelo Supremo Tribunal Federal, e somente em 2013, o Conselho Nacional de Justiça publicou uma resolução permitindo o casamento homoafetivo, bem como proibindo os cartórios de se recusarem a efetivá-lo. Neste sentido, fica evidente que o Estado-nação se incumbe da efetivação formal da união civil entre os cidadãos. A partir destas proposições elencadas, convocamos pesquisadores cujo objeto de investigação seja a relação entre a literatura e a corporeidade, i. e., pensar o texto literário por intermédio dos Gender Studies, das políticas sexuais, dos feminismos plurais, das masculinidades e feminilidades, entre outras proposições. Serão privilegiados textos que confirmam voz, tirem da invisibilidade, demonstrem conhecimentos e o *modus vivendi* de corpos que historicamente estiveram/estão à margem dos processos democráticos, dos direitos conferidos a toda pessoa humana, da acessibilidade a recursos básicos para uma vida vivível.

**"I hasten to be disembodied":
a dessexualização como libertação do feminino**

Paula Pope Ramos (UERJ)

Resumo Esta comunicação visa demonstrar o modo através do qual a mulher violenta, como um corpo infiel, rebela-se contra instâncias heteropatriarcais que regulam a sociedade e, nesse processo, infringe padrões de feminilidade exigidos de sua classe, subverte a docilidade e a fragilidade do Anjo do Lar e, então, se dessexualiza (MONTEIRO, 2020). Para tanto, é proposta uma análise da personagem Victoria di Loredani, protagonista do romance gótico *Zofloya, or the Moor* (1806), da escurecida autora Charlotte Dacre (1771/2-1825). Victoria, uma mulher tomada por um desejo sexual insaciável e uma crueldade sádica, refuta os limites exigidos do feminino quando engata uma série de atos de vingança contra indivíduos que a cercam e que, de algum modo, lhe ofenderam – marido, cunhado ou parentes. Ela, que no decorrer da narrativa faz uso da violência como ferramenta de ação e de resistência, vê seu corpo e psique perdendo características femininas e rematerializando-se em um modelo perigosamente não-feminino. Isto, por sua vez, reflete, já no século XIX, o que a teoria queer contemporânea anota sobre a fluidez entre masculino e feminino (BUTLER, 1993), indicando uma perspectiva pós-gênero. A dessexualização de Victoria implica mais que um ser sem sexo, mas uma agenda política de reivindicação de si, na qual, ao permitir-se viver experiências mais livres, desterritorializadas, a ela se torna possível reclamar uma vida vivível (BUTLER, 2004), bem como a construção de uma subjetividade soberana. Na arte, sobretudo na de poética gótica, aquilo que é comumente compreendido como negativo, quando manifestado como um gesto político, coloca-se na contramão do silenciamento histórico de corpos vulneráveis e, nas mãos de mulheres violentas como Victoria, torna-se instrumento de (re)existência.

“Meu texto é testemunho compartilhado”: a função da mediação em *Cadeia: relatos sobre mulheres* (2019), de Débora Diniz

Júlia Oblasser Paladino (UNICAMP)

Resumo Partindo da concepção de que “nós, enquanto sociedade, evitamos falar de mulheres encarceradas” (QUEIROZ, 2019, p. 18), este trabalho pretende analisar a obra *Cadeia: relatos sobre mulheres* (2019), da antropóloga Débora Diniz, em que a escritora relata sua experiência de escuta e observação na Penitenciária Feminina do Distrito Federal durante seis meses. Na pretensão de “esquecer os números e recuperar as vozes” (DINIZ, 2019, p. 10), Diniz – mulher livre e professora universitária – é mediadora de testemunhos de um espaço que abriga cerca de setecentas mulheres, “as grávidas, as doentes, as velhas ou as muito jovens, as estrangeiras, as loucas e as líderes” (idem), negras, pobres e com filhos, narrando as vidas que presenciou na companhia do “colete preto” e do “jaleco branco”. Diante deste cenário, a voz da autora, enquanto “testemunha dos testemunhos” (FELMAN, 1992), tem limitações como expressão da experiência do cárcere, mas, em algumas instâncias, é a fala possível (ZENI; TIMERMAN, 2017, p. 305). Considerando, então, a função de Diniz como gestora dessas histórias, propõe-se discutir as possibilidades e os limites da mediação, a fim de analisar como se constrói esse diálogo entre voz “marginal” e voz “intelectual”, entendendo o abismo de raça e classe que ainda as separa e a falta de acesso à representação (KILOMBA, 2019, p. 51) sofrida por essas mulheres.

**A dinâmica do silenciamento:
os corpos abjetos na Literatura Brasileira Contemporânea**

Ana Carolina Schmidt Ferrão (PUCRS)

Resumo Há muito a literatura se ocupa da identidade em diferentes aspectos e infinitas abordagens, no entanto, segundo Hall, a pós-modernidade é permeada por identidades contraditórias, reconhecemos cada vez mais a nossa fragmentação enquanto indivíduos. A transexualidade é uma questão identitária, totalmente ligada com a percepção que o sujeito tem de si mesmo. O presente trabalho se

propõe a analisar duas obras, *Deixei ele lá e vim* (2006), de Elvira Vigna e *E se eu fosse puta* (2016), de Amara Moira, nas quais a personagem protagonista é uma mulher transexual que trabalha na prostituição. As narrativas evidenciam as dinâmicas que comandam esses “corpos abjetos”, conceito de Julia Kristeva, pois, ao contrário do que se possa pensar, não é possível falar de subjetividade sem falar dos corpos, ainda mais quando se tratam de corpos políticos. Os textos teóricos que darão suporte à análise articulam a questão de identidade em relação à subjetividade e estereótipo, como Judith Butler, Homi Bhabha, Stuart Hall e Roland Barthes. O tema da prostituição surge, obviamente, pelo trabalho e pela sobrevivência física, mas também pela sobrevivência psicológica. Buscar libertação do corpo-prisão que é aquele que não espelha o gênero com o qual o indivíduo verdadeiramente se reconhece marca a trajetória das protagonistas de Elvira Vigna e Amara Moira. A prostituição aparece então como o universo no qual é permitido que as transexuais transitem, onde suas performances são validadas, ainda que o estereótipo seja presente nas suas interações. Percebemos a força do estereótipo agindo sobre esses corpos a todo momento, o olhar do outro como encarceramento cruel. Porém os recursos narrativos garantem a inserção da subjetividade, o desvelamento intimista das personagens ocorre através das memórias e da narrativa em primeira pessoa. A literatura cumpre, portanto, a função de viabilizar essas vozes marginalizadas.

A nova literatura sobre Maria Quitéria de Jesus / Soldado Medeiros

Helder Thiago Cordeiro Maia (USP)

Resumo Após breve apresentação da personagem histórica Maria Quitéria de Jesus, que viveu um trânsito de gênero e lutou como o Soldado Medeiros nas guerras de independência da Bahia, analisamos as cinco últimas obras literárias brasileiras publicadas sobre a personagem, sendo todas do século XXI. Para melhor entendermos esses textos, assim como inferirmos as repetições e rupturas em relação à tradição narrativa sobre a personagem, levamos em consideração estudos anteriores que analisaram as obras literárias sobre a personagem nos séculos XIX e XX (MAIA, 2020, 2021a, 2021b). Assim, analisamos

Guerreira Maria: presença de Maria Quitéria (2004), de Sônia Coutinho, Maria brasileira (2005), de Antônio Carlos Vilela, Maria Quitéria (2007), de Walter Vetillo, Mariazinha Quitéria: a primeira mulher soldado do Brasil (2014), de Regina Drummond, e Mulheres do Brasil: a história não contada (2018), de Paulo Rezzutti. Ao mesmo tempo em que apontamos para o surgimento de um novo gênero literário, a literatura infanto-juvenil, mostramos como essas novas obras seguem utilizando uma perspectiva narrativa militarista sobre a personagem, o que remete às obras do século XIX. No entanto, nos livros de Coutinho (2004) e Vetillo (2007) há também uma perspectiva que sem deixar de ser militarista é também feminista, o que remete às obras de Carvalho (1958) e Salomão (1997), ambas da segunda metade do XX. Por fim, apontamos que a perspectiva narrativa abolicionista, cuja origem é o romance de Santos (1980), não produz novos frutos literários, uma vez que as cinco obras analisadas seguem uma fórmula de silenciamento e/ou de naturalização do sistema escravocrata brasileiro. Nesse sentido, a nova literatura sobre Maria Quitéria é nova apenas no que se refere ao gênero literário e à data de publicação, uma vez que as obras seguem reescrevendo tópicos narrativos do século XIX e XX, assim como não apresentam nenhuma nova informação histórica.

**A trabalhadora doméstica inominada
em *Com armas sonolentas* (Carola Saavedra, 2019):
contradições e estratégias nos usos das vozes subalternas**

Mariana Filgueiras de Souza (UFF)

Resumo A partir dos estudos pregressos acerca da figuração da empregada doméstica na literatura brasileira ao longo do século XX, que observaram como a mais numerosa classe trabalhadora do país esteve representada segundo um espectro discursivo ora higienista, ora servil, ora condescendente, até o testemunhal – a “doméstica imaginária” (RONCADOR, 2008) – este trabalho vai analisar a mediação literária no discurso da empregada doméstica do romance *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra, de 2019. O romance tem três personagens centrais: a primeira, inominada, é uma empregada doméstica no Rio de Janeiro, oriunda do interior e de descendência indígena; a segunda é sua filha Anna, que tornou-se atriz na Alemanha e a

terceira é sua neta Maike, que volta ao Brasil para recuperar a história da família. Apesar de ser uma das protagonistas, a personagem sem nome não chega a ter uma identidade, e reproduz as fissuras recorrentes da relação patrão-empregada no Brasil, herança direta da Escravidão, sofrendo abusos, estupros e privação de liberdade, “um verdadeiro topos da literatura brasileira” (FIGUEIREDO, 2020). Dividido em duas partes, “O lado de dentro”, e “O lado de fora”, o romance se apresenta como uma fita de Moebius, objeto citado recorrentemente, oferecendo paralelismos indiscerníveis à trama. Na leitura crítica do romance, observa-se que, para além da denúncia social, recorte da realidade ou recurso de estilo (DALCASTAGNÉ, 2017), a obra incorpora, pela forma, outras contradições da sociedade, como “estratégias” (DE CERTEAU, 1984) de usos das vozes subalternas.

A travessia para o feminino em “Miss Algrave”: o corpo como devir e afirmação da sexualidade

Julie Christie Damasceno Leal (UFPA)

Resumo A Via Crucis do Corpo é um livro visceral, tanto quanto o conjunto da obra de Clarice Lispector. Um texto escrito por encomenda do editor, mas que a despeito disso, trás em suas páginas inúmeras provocações que exprimem as impressões de Clarice sobre os corpos, suas percepções acerca das sexualidades e seu olhar em torno do feminino. Clarice escreve a referida obra de forma apaixonada e audaciosa, afinal, os contos ali expostos permitem um fazer/escrever, literariamente, que nunca havia experimentado, posto que promovem a ruptura com certas amarras impostas às mulheres de sua época. “Miss Algrave”, o conto que inaugura a coletânea, é uma história de sofreguidão afetiva e sexual, na qual a personagem central vai da incompreensão e negação de seu corpo e sexualidade à afirmação e descoberta de si, de seus desejos mais íntimos e reprimidos. Ruth Algrave, mulher virgem, solitária, expressa repúdio aos extravasamentos de sexualidade dos outros, considerados por ela imorais, culminando no silenciamento e repulsa do seu próprio corpo, recebe a visita de um ser extraordinário que promove a descoberta sexual da personagem. A partir desse momento, Ruth busca a satisfação sexual, livre das imposições morais e de gênero construídas

socialmente, tornando-se um ser desejante, na travessia para a afirmação do feminino que há em si. Como aporte teórico, faremos um diálogo com Foucault e suas contribuições a respeito de corpo e sexualidade, bem como das teorias de Judith Butler em torno da performatividade de gênero, tendo em vista que a personagem subverte fronteiras socio-historicamente demarcadoras dos corpos e sexualidades.

Blue, de Derek Jarman e a estética da Aids: a poesia para além da morte

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo Em 1993 é lançado *Blue*, filme experimental de Derek Jarman, onde o espectador se depara com uma tela azul do início ao fim da narrativa e, por trás dela, vozes tratando da vida do cineasta: a infância, os amigos, as angústias de ser quem se é – homossexual, as vivências no hospital para tratamento da aids em fase terminal. O filme trata da própria vida do diretor que também é personagem, no entanto, o espectador não está diante de documentário, mas de um relato pessoal-poético sobre a vida e a morte e quando esta é engendrada pela aids. O diretor autodeclarado gay e soropositivo no filme empreende uma narrativa expondo a deterioração do corpo consumido pela doença que durante muito tempo atribuída (e ainda hoje) aos homossexuais masculinos entendidos como promíscuos, inclinados ao sexo fácil ou coisas que o valham. Na contramão desta perspectiva social atribuída aos gays, Jarman, por intermédio de seu *Blue*, demonstra a questão pela via da poesia durante a longa narrativa perpetrada por diferentes vozes, indicando que sujeitos contaminados com o hiv têm uma história (como todas as outras) carregada de momentos ambivalentes: tristezas, alegrias, afetos, desamores... e que, ao final, fenece como todos os outros corpos. A proposta de Derek Jarman é, pois, indicar que o corpo soropositivo é um corpo como qualquer outro e não há razão de ser demonizado como tem sido desde o surgimento da aids até os dias hodiernos. Para refletir sobre o corpo contaminado, logo, demonizado, tal qual o fazem com a doença, serão utilizadas, sobretudo, as proposições de Susan Sontag, em *Aids* e suas metáforas, buscando desta forma indicar que um corpo (e o sujeito implicado nele) está muito além de uma doença.

Citando a violência queer contra ela mesma: produtividade, aporias e limites de um contra-ataque

Lucas Demingos de Oliveira (UFRGS)

Resumo Desde o documentário *The Celluloid Closet* (1995), a figuração de personagens LGBTQIA+ vem sendo vista de modo ambivalente. Se, por um lado, a representação pode gerar visibilidade e identificação, por outro lado, percebe-se também dois temas recorrentes e dominantes: o sofrimento e a violência. Conhecido como o tropo de “enterre seus gays”, é comum que as narrativas encenem sofrimento, trauma, fobia, abuso, e que concluam com a morte violenta – e por vezes, em maior ou menor grau, punitiva – de seu personagem dissidente: ser queer é ser julgado infeliz (AHMED, 2006). Essa recorrência não pode ser simplesmente ignorada, isso causaria uma cristalização do que tais narrativas têm para nos dizer, pois elas continuam invariavelmente circulando no discurso. Ignorar impede, ainda, “a possibilidade de uma reelaboração que poderia mudar seu contexto e propósito” (BUTLER, 1997, p. 38). Judith Butler (2015, 2020) parece apontar um caminho possível para tal reelaboração ao considerar o luto como elemento central e critério normativo que distingue vidas reconhecíveis como vividas e pranteáveis de vidas não-reconhecidas enquanto tal, uma diferença que se traduz politicamente na entre as perdas pelas quais podemos prantear publicamente e, por conseguinte, “a proibição de certas formas de luto constitui por si só a esfera pública” (2006, p. 38). Proponho, portanto, uma reflexão a respeito das ambivalências de citar o tropo narrativo contra ele mesmo, recontextualizando-o com o propósito – ainda que precário – de um alargamento dos termos do reconhecimento, ao invés de tão-somente aceitar a reencenação de tais violências.

E se eu fosse trans? A transgeneridade de Amara Moira, Márcia Rocha, T. Brant e João Nery contrastada com o atual cenário político

Mariana Rissi Azevedo (UFTM)

Resumo De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), mais antiga associação brasileira de defesa dos gays, morreram 420 LGBTQIA+

no Brasil em 2018, vítimas da homolebotransfobia, e ser transgênero em um país como esse requer a resistência dos vaga-lumes, termo usado por João Silvério Trevisan (2020) para definir a luz emanada de travestis que usam a purpurina para brilhar e serem sujeitos de si mesmos. Os relatos de Amara Moira, Márcia Rocha, T. Brant e de João W. Nery, na obra literária *Vidas Trans: a coragem de existir* (2017), denunciam o sofrimento de pessoas trans no Brasil, o que nos traz ao questionamento: Como é ser transgênero no atual cenário político? A proposta de trabalho nesta pesquisa é a de analisar essa obra a contrastando com dados da atualidade, e discutir a temática tendo por base Estudos da Transgeneridade, e as Teorias Queer de Judith Butler (2003), relacionando-as ao ordenamento jurídico, e debates dos direitos humanos nos direitos sexuais, presentes na obra de Giann Lucca Interdonato e Marisse Costa de Queiroz (2017), além de teorias da psicanálise referente à identidade de gênero, dentre elas a de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos (2018). O principal objetivo da pesquisa é discutir os direitos dos LGBTQIA+ e resistir ao discurso LGBTfóbico do atual cenário.

Flâneur do imaginário

Thiago Luiz Berzoini Machado (UFJF)

Resumo O trabalho pretende trazer reflexões sobre a prática do flâneur, a imobilidade e a imaginação como uma tríade presente em personagens da literatura que são imóveis. Para trabalhar tais considerações, o foco será na obra “Cães heróis – tratado sobre o futuro da América Latina visto através de um homem imóvel e seus trinta pastores belga malinois” (2011) de Mário Bellatin, autor mexicano com uma escrita fragmentária ofertando a seus leitores apenas informações básicas para a composição do mundo de suas ficções. Em “Cães Heróis”, o protagonista encontra-se imóvel e, perante a sua condição, só pode aguardar ao fim inevitável, acabando por conceber mecanismos de esquecimento de sua condição, de existir e nada mais poder experimentar exceto a imobilidade e a satisfação de observar seus cães bem treinados. Sabe-se apenas que o personagem está em um quarto, vivendo no segundo andar em uma casa com sua mãe, irmã, e um enfermeiro-treinador de cães (além dos seus pastores belgas

malinois). À situação de paralisia do personagem do romance, “o homem imóvel” de Bellatin, pode-se traçar um paralelo com o capítulo “O controle do meio ambiente” do livro “A Inércia Polar” (1993) de Paul Virilio. Personagens imóveis fazem uma flânerie pela memória e imaginação, buscando e inventando lugares e situações, enquanto polarizam sua presença em um cômodo que, com ajuda de equipamentos (mesmo que rudimentares), apresentam características de uma voz autoritária, que seduz pela narrativa e controla o meio, mesmo à parte das forças das cadeias produtivas. Assim, desses corpos paráliticos e a situação vivida por eles, surge um indivíduo que Virilio (1993) chama de “inválido equipado”, que é capaz de “pilotar” o ambiente doméstico graças algum resto de aptidão corporal, seja o uso do queixo, extremidade da língua.

**Não somente o direito, mas o dever de ser livre:
a escrita de Conceição Evaristo e Jadie Smith**

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP)

Resumo Conceição Evaristo tem mãe e pai brasileiros: da mãe tem ancestralidade africana; do pai biológico pouco se sabe. Jadie Smith tem mãe jamaicana e pai inglês. Ambas são escritoras reconhecidas pela crítica. Uma escreve sobre o povo que ergueu o Brasil economicamente e que continua não desfrutando dos benefícios conquistados; a outra sobre variados tipos, de indianos a judeus. Uma nasceu em Belo Horizonte e mora em Maricá/RJ e a outra é de Londres e trabalha em Nova York. Como corpos negros tem pautas diferentes? O norte e o sul global oferecem desafios distintos? Nesse trabalho, levanto considerações sobre as oportunidades e as pautas dos corpos negros em diferentes contextos, considerando a obra das escritoras Jadie Smith e Conceição Evaristo e o corpo das mulheres e homens negros habitantes nelas, sustentada na ideia de espaço de Milton Santos. Também repenso as políticas adotadas para esses corpos no norte e no sul global, considerando: Grosfoguel e Quijano, quando refletem sobre ocidentalismo, globalização e a geopolítica do conhecimento; Mary Louise Pratt, ao tratar da neocolônia e do tráfico de significados; Katherine Walsh, quando aventa sobre as práticas e as políticas de re-significação e de decolonialização; Aquiles Mbembe,

ao explicitar a necropolítica; Jarrid Arraes e b. Hooks sobre o feminismo negro nas Américas.

O corpo é insubmisso: características do protagonismo feminino em contos de Chico Lopes

Lohanna Machado (USP)

Resumo Tendo como ponto de partida seis contos de Chico Lopes com mulheres protagonistas, empreendo uma reflexão sobre a relação vazão/recalque do desejo/corpo feminino dentro das especificidades desenhadas pelo autor. Beneficiado por uma experiência rara hoje, a de um escritor de cidade pequena que optou por lá permanecer e virar as costas para os cantos de sereias da capital paulista, Chico Lopes dirige com segurança suas personagens interioranas. Sempre às voltas dos marginais, pobres-diabos, excluídos, atormentados, débeis, oprimidos, a sexualidade é frequentemente um problema que se coloca. A sociedade ocidental de linha machista e cristã se acomoda em suas cidades de superfície pacata, sem referências geográficas claras, e – característica marcante do escritor – se expressa em duplos masculinos heterossexuais, um submisso orbitando em torno de um “machão”, em relações confusas e dolorosas com as puberdades coibidas, a vergonha e o medo castradores dos mexericos, ostracismo, condenações se descobertas as condutas tidas como desviantes. Trabalhando com protagonistas femininas, a principal adaptação feita diz respeito às suas opressões sexuais quando em contato com sedutores e vagabundos. Esta pesquisa foi motivada pela observação de que se tratavam de narrativas de conteúdo ainda não satisfatoriamente explorado sobre este gênero de vivência somando a seguinte conjunção de fatores: as especificidades dos espaços, condições econômicas, sociais e formação cultural das personagens e o uso de uma linguagem às vezes crua, mas empática, sem descambar para o vulgar. A linha teórica adotada tem viés filosófico e sociológico recorrendo a estudos sobre a sexualidade como um problema, dominação masculina e neuroses, notadamente P. Bourdieu e S. de Beauvoir. Contrapostos, a leitura desses contos foi enriquecida – sempre evitando sobreposições – e os mesmos se confirmaram material de valor a ser somado nas representações literárias dos diferentes matizes da repressão do corpo feminino.

**O corpo acuado: a corporeidade nos poemas
 “A noite calunga do bairro Cabula”, de Ricardo Aleixo,
 e “Certa gente”, de Wislawa Szymborska**

Felipe Bruno Silva da Cruz (UFPA)

Resumo Resumo: Este trabalho objetiva discutir as manifestações da barbárie, empregando a acepção que é atribuída ao termo por Walter Benjamin, na linguagem literária a partir das representações do corpo em situação de opressão nos poemas “Na noite calunga do bairro Cabula”, de Ricardo Aleixo, e “Certa gente”, de Wislawa Szymborska, ambos autores de uma obra marcada pelo interesse nos usos da violência contra alguns corpos em particular: no poema de Aleixo, isto se evidencia pela representação do racismo institucional expresso na chacina da Cabula, referenciada pelo poema desde seu título, na qual corpos negros foram sumariamente executados por policiais (isto é, pelo estado), já no poema de Szymborska, a questão é abordada a partir da descrição de um “certo” povo a quem não é dado o “privilegio” de existir e ao qual resta a fuga, a clandestinidade, o terror; nos dois casos os conceitos de necropolítica e de soberania desenvolvidos por Achille Mbembe serão centrais para a compreensão de tensões estabelecidas pelos poetas. Proponho, ainda, a articulação entre a representação do corpo perseguido pelos poderes hegemônicos, que objetivam a sua eliminação para a manutenção de um imperativo narrativo e, portanto, discursivo, e a noção de literatura menor de Deleuze e Guattari, aprofundando a discussão a respeito dos modos como a literatura pode representar uma via de resistência para esses corpos. Por fim, incluo no debate os conceitos de vidas precárias e de vulnerabilidade desenvolvidos por Judith Butler como maneira de refletir sobre as consequências do apagamento desses corpos “matáveis” para a construção de identidades submissas ao discurso homicida-fascista que busca a manutenção de seu poder também por meio do desaparecimento de corpos dissonantes.

Poéticas de la insurgencia: cuerpos y voces en fuga

Melania Ayelén Estévez Ballesterio (CIFYH / UNC)

Resumo El siguiente trabajo se propone desarrollar una reflexión en torno a las escrituras poéticas disidentes que construyen dos autoras y activistas brasileñas: Dinha y tatiana nascimento. Puntualmente, nos interesa indagar dos cuestiones interrelacionadas. Por un lado, el modo en que en ellas poesía, cuerpo y voz se entrecruzan y tensionan proponiendo resignificaciones de las mismas nociones y de las formas en que han sido archivadas en la tradición nacional y literaria hegemónica. Por otro, las interrupciones que dichas producciones plantean a las retóricas racistas, patriarcales y coloniales (Carneiro, 2003) al propiciar este cruce en el cual la escritura deviene piel insumisa y voz en fuga: una “estereofonía de la carne profunda” (Barthes, 2003) que desmonta las representaciones normativas y los marcos de legibilidad (Butler, 2010) desde los cuales ciertos cuerpos y voces han sido subalternizadas, estigmatizadas y denegadas. En efecto, tanto los poemarios *Gado cortado em milprantos* (2018) y *María Zé Povo* (2019) de Dinha como *Lundu* (2017) y *mil994* (2018) de tatiana nascimento, nos colocan frente a una textualidad en la cual una pluralidad de cuerpos/voces precarizados y marginalizados por el Estado y sus políticas (Butler, 2017) se anudan en la escritura para agenciar revueltas significantes que resquebrajan el repertorio de los discursos dominantes, sus imaginarios y lenguajes. Resituados en el espacio de la palabra que les ha sido sistemáticamente negada, estos cuerpos vociferan no solo el genocidio de las poblaciones negras, trans, lésbicas sino también la potencia que anida en las resistencias latentes y en los gestos cotidianos de disenso y transgresión de lo demarcado como posible/deseable para ciertas vidas. De tal forma, estas escrituras poéticas abren la pregunta por las dislocaciones a las que dan lugar proyectos en los que estética y política, escritura y activismo, cuerpo y voz se entretajan cuestionando los ordenamientos prescriptos y naturalizados.

Santa Evita: um corpo como memória da nação argentina

Rosa Maria da Silva Faria (UFRJ)

Resumo Eva Duarte Perón representa, para a nação argentina, um corpo que se recusa a morrer e ser esquecido. Segue sendo relida e inserida em debates narrativos, culturais e intelectuais desde sua morte em 1952. A ficção desenvolve sua representação como mito apropriando-se da permanente simbologia de projeto político, de disputas ideológicas e de reconhecimento de direitos trabalhistas, de classe, de gênero e de amparo social evocados por seu cadáver. No romance *Santa Evita* (1996), Tomás Eloy Martínez, ao mesclar ficção e fatos históricos, instiga reflexões sobre um momento histórico e político que à nação argentina interessa omitir. Desse modo, Martínez possibilita que os campos intelectual e literário argentinos ponham em cena o incontestável: o destino de Evita estreitamente conectado à história de seu país. Escrever sobre este fato significa resgatar a memória do mito de Evita por meio de símbolos, marcas e signos mitológicos que seguem na imaginação do povo argentino. Esta exposição pretende, portanto, entender como se construiu a narrativa mítica popular deste cadáver na Argentina e de que modo os campos cultural, intelectual e literário argentino se posicionam diante desta realidade. A hipótese é a de que a produção literária denota o posicionamento do escritor e o papel do intelectual, uma vez que representa e/ou legitima um marco social, político e cultural.

Vestidos de menino: visibilidade queer nos livros infantis

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch (UFRGS)

Resumo Dar visibilidade a um corpo é um gesto político. Por muito tempo, as crianças queer foram, no mais das vezes, presenças veladas, no sentido de invisibilizadas (como na relação de Hans Castorp e Pribislav Hippe, em *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann) ou reveladas, no sentido de expostas, (como Almiro de Capitães de Areia, de Jorge Amado, hostilizado, explorado e “castigado” com a morte pela bexiga) na literatura ocidental dedicada a adultos. O então denominado ativismo gay desse lado do mundo, a partir dos anos 1970, e a

luta por reconhecimento e respeito aos grupos LGBTQIA+ nos anos seguintes, possibilitaram, concomitantemente, um recrudescimento desses personagens literários, com uma virada de chave: não mais apenas velados (invisíveis) ou revelados (expostos), mas cancelados. A Literatura Infantil contribuiu para o debate com livros ilustrados criados como instrumentos da visibilidade, que apresentam meninos, meninas e meninos dissidentes. Já em 1979, Tomie dePaola publicou *Oliver Button is a Sissy* para falar do menino que não se comportava de acordo com o esperado para o gênero masculino. Muitas dessas obras mostram famílias homoparentais e a triangulação entre filhos, pais LGBTQIA+ e a sociedade, outras evidenciam a relação afetiva entre crianças e um terceiro grupo se dedica a discutir padrões de gênero na infância. É neste grupo que pretendemos nos debruçar a partir dos livros infantis: o já citado *Oliver Button*; *O vestido da mamãe*, de Dani Umpi e Rodrigo Moraes; *Viva as unhas coloridas*, de Alicia Acosta, Lis Amavisca e Gusti, e *Princesa Kevin*, de Michaël Escoffier e Roland Garrigue, que focam em meninos que enfrentam resistência ao romper padrões masculinos. Será uma discussão a partir de e como resposta à pergunta-título do texto de Paul Preciado: “Quem defende a criança queer?” A literatura infantil é uma das respostas, pois possibilita a criação de inclusões possíveis.

Simpósio 15**Crítica textual e literatura comparada:
estratégias de combate ao apagamento da historicidade
da produção, da transmissão e da recepção das obras literárias**

Ceila Maria Ferreira (UFF)

Pedro Theobald (PUCRS)

Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Resumo A Crítica Textual, assim como a Literatura Comparada, trabalham, com frequência, no espaço da transdisciplinaridade. E, quando nos reportamos à Literatura Comparada, estamos nos referindo outrossim aos Estudos de Tradução e à Tradução de obras literárias e sobre literatura. É dessa interface que surge nossa proposta: a partir de estudos da história da transmissão textual, abrangendo sua tradição indireta, como é o caso das traduções, que contribuem para a divulgação e para a formação da fortuna crítica de um número expressivo de obras, sem nos esquecermos da teoria e da metodologia da Crítica Textual/Filologia de preparação de tipos especiais de edição, conforme Cambraia (2005, p. 87-107), convidamos as e os colegas a pensarem e dialogarem conosco acerca dos papéis da Crítica Textual Tradicional e Moderna, assim como da Tradução, no resgate de textos, nomes de autoras e de autores, como também de leituras, que ficaram registradas em periódicos, livros, cartas, guardados em arquivos, bibliotecas, universidades, institutos públicos ou com particulares, mas que foram emudecidos e invisibilizados pela ação da censura, como política de Estado, e/ou pela propagação de correntes de investigação que não colocaram entre suas preocupações a questão da historicidade, assim como do contexto de produção, transmissão e recepção de obras literárias e/ou sobre literatura, sejam elas ensaios de crítica literária e/ou de história da literatura. Para tal, propomos dialogar com o resgate da História dos Vencidos e com o “escovar a história a contrapelo”, conforme escreveu, em 1940, Walter Benjamin, em Sobre o conceito da história (2012, p. 245), num país com passado colonial e escravagista, como é o Brasil, numa época de profunda crise do Capitalismo, de revival de discursos anticomunistas, de crescimento e de fortalecimento da extrema-direita, na contemporaneidade, em que estão afiadas as armas da necropolítica, na aceção dada a esse termo por Achille Mbembe (2018, p. 5). E tal

contribuição, para o resgate de textos, de leituras, de nomes de autoras, de autores, de críticas e de críticos literários, além de historiadoras e de historiadores da literatura, abrange discussões acerca de questões relacionadas inclusive a gênero, raça e classe, assim como modo e época de produção e de divulgação de obras literárias e sobre literatura. Tais temáticas contemplam também indagações acerca da contribuição do trabalho da Crítica Textual e da Tradução para a formação de um público leitor mais crítico. Serão bem-vindas igualmente reflexões sobre a crítica ao Historicismo, realizada por Benjamin em texto acima mencionado (2012, p. 241-252), discussão que entendemos como fundamental para a Crítica Textual, assim como para a Literatura Comparada, e para a maior divulgação da Crítica Textual nas universidades brasileiras. Vale destacar que esta proposta de Simpósio reivindica um lugar de destaque para a Crítica Textual nos Estudos de Literatura, já que, sem os pressupostos teóricos e metodológicos da Crítica Textual não são colocadas em discussão ou o são, mas sem dialogar com toda uma tradição de estudos relacionados à transmissão textual, questões relacionadas a problemas de transmissão de obras literárias, de materialidade textual, de mudança de suportes textuais e uma série de problemáticas relevantes para o estudo da transmissão de textos, assim como para sua edição e recepção, o que de cerca forma é abordado por Roger Chartier em *A mão do autor e a mente do editor* (2014). Em relação a tais problemáticas, faz-se necessário mencionar a constituição da Comissão Machado de Assis, aqui no Brasil, no final da década de 1950, para a edição da obra daquele que dá nome à referida Comissão, além da formação. Acerca da obra de Machado de Assis, também gostaríamos de discutir a “perda do sentido do tempo, ou de um sentido mais seguro do lugar que as pessoas ocupam num continuum histórico [...]” (GLEDSON, 2003, p. 219). Voltando às equipes de edição crítica, em Portugal, há o Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa, coordenado por Ivo Castro, e a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis. Nossa proposta também passa pela discussão do conceito de literatura e do engajamento em literatura, na acepção dada a essa última expressão nos termos propostos por Sartre, em *Que é a literatura?*, que recebeu nova edição, no Brasil, pela Editora Vozes, em 2019, lembrando que em 2021 as Conferências Democráticas do Cassino Lisboense e a Comuna de Paris completam 150 anos, sendo

que Eça participou do Programa das Conferências e escreveu sobre a Comuna no último capítulo das versões de *O crime do padre Amaro* (REIS/CUNHA, 2000). Vale lembrar que trabalhar com Crítica Textual é também possibilitar o desenvolvimento e a divulgação de estratégias de combate ao apagamento da historicidade da produção, da transmissão e da recepção das obras literárias.

“Psicologia da composição” e “O cão sem plumas”: republicações e releituras de João Cabral de Melo Neto

Priscila Oliveira Monteiro Moreira (Universidade De Coimbra)

Resumo Para João Cabral, reescrever fazia parte de criar. A obsessão pela forma e o caráter autorreflexivo são consensos interpretativos acerca de sua poesia, demonstrados por estudos de Crítica Genética e confirmados pelo autor em entrevistas ao longo de sua vida. Entretanto, não só seus poemas eram pensados longamente: durante certo período, o poeta preocupou-se também reler seus livros publicados a ponto de reformular partes e modificá-los para as publicações seguintes. Apesar de a antilírica e de a racionalidade compositiva terem sido exaustivamente abordadas pela teoria, a relação entre poesia e livro impresso encontra pouco espaço na fortuna crítica – a exceção de apontamentos feitos por Adalberto Müller, sobre mídia, e Abel Barros Baptista, a respeito de *A educação pela pedra* (1966). Todavia, estamos diante não só de um poeta que reescreve, mas que reedita e republica. *Psicologia da composição* (1947) e *O cão sem plumas* (1950) são anteriores à fase considerada divisora de águas na poesia cabralina. Tais textos foram reunidos em obras com amplo alcance comercial que suprimiram ou ofereceram informações mínimas sobre as primeiras publicações. Propor a leitura da obra poética de João Cabral por livros – e não por poemas apenas ou, ainda, por livros absorvidos em volumes únicos – torna-se um caminho para compreender o código bibliográfico envolvido. Assim, as versões pertencentes a *Poemas reunidos* (1954), *Duas águas: poemas reunidos* (1956) e *Poesias completas: 1940-1965* (1968) não são sequer equivalentes em seus códigos linguísticos quando comparados aos exemplares originais, dado que há alterações textuais entre as republicações. É importante afirmar que as republicações dos dois títulos analisados não fazem

menção às condições em que foram feitas as primeiras tiragens, manualmente concebidas e executadas por João Cabral em seu projeto editorial amador, quando também apresentavam, esteticamente, proposições gráficas e visuais norteadoras para o poeta em formação daquele período.

A crítica à literatura latino-americana no periódico *Para Todos* (1956-1958)

Paula Sperb (UFRGS)

Resumo O presente trabalho investiga como a literatura latino-americana era abordada no periódico cultural *Para Todos*, dirigido por Jorge Amado. Os textos analisados englobam especialmente resenhas críticas sobre livros recém-lançados de escritores sul-americanos. *Para Todos* tinha periodicidade quinzenal ou mensal e circulou entre 1956 e 1958, a partir de São Paulo e Rio de Janeiro. As críticas analisadas eram publicadas majoritariamente em uma seção específica, chamada de “Para Todos recomenda a tradução de...”. Como o nome da seção indica, tratavam-se de livros de ficção ainda não publicados no Brasil. Muitas vezes, quem assinava o texto crítico era outro romancista ou intelectual do mesmo país de origem do livro indicado. Como chefe da redação, Jorge Amado foi o responsável por agregar escritores, ilustradores, jornalistas e críticos. Na década de 1930, Jorge Amado viajou por diversos países da América do Sul, onde estreitou laços pessoais e profissionais, em países como Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Bolívia, Peru e México, por exemplo. A principal hipótese é que estas relações facilitaram a abordagem dos escritores latino-americanos em *Para todos*. Para verificar como se estabelecem as relações entre escritores, editoras, críticos e imprensa (*Para todos*), os pressupostos de Itamar Even-Zohar, sobre sistemas e polissistemas literários, servirá como principal suporte teórico.

A gênese de *Memorial de Aires* por meio do epistolário e da crítica literária

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UFF)

Resumo O manuscrito *Memorial de Aires*, de Joaquim Maria Machado de Assis, foi escrito em 1907 e publicado em livro em julho de 1908 por Hippolyte Garnier. O trajeto desde a sua elaboração até publicação ficou registrada nas correspondências escritas pelo ou para o autor. Por esse motivo esse conjunto de correspondências é de extrema importância para estudos críticos acerca do manuscrito ou da edição em livro do referido romance. De igual maneira há considerável registro no ano de 1908 da crítica literária publicada nos periódicos da época sobre *Memorial de Aires*. Os relatos descrevem o pano de fundo saudoso que a viuvez trouxe para Machado de Assis, ao mesmo passo que tais críticos também experimentavam o luto pelo escritor que veio a falecer pouco tempo depois do lançamento da edição em livro, em 29 de setembro de 1908. Desta forma, as críticas literárias sobre *Memorial de Aires* dão lugar as merecidas homenagens ao autor que entrega para o deleite de seus leitores um romance que tem muito a nos dizer até hoje acerca da vida privado do autor, de uma época (1888-1889) e das figuras eternas emuladas como personagens pelo Bruxo do Cosme Velho. Dado o exposto, *Memorial de Aires* é uma das principais obras do autor, muito mais do que extratos de diários de um velho conselheiro aposentado por isso tanto seu epistolário como a sua crítica são importantes para a análise literária, a crítica textual e genética da obra.

Crítica textual, estudos de literatura e formação de um público leitor e de acadêmicos mais críticos ou comentários sobre a realização de duas edições críticas em tempos sombrios

Ceila Maria Ferreira (UFF)

Resumo Nossa proposta de comunicação é a de articulação de um conjunto de considerações sobre a importância dos estudos e das pesquisas em Crítica Textual para os Estudos de Literatura, embora a Crítica Textual ainda não tenha tido sua importância reconhecida e

ainda não seja corrente sua presença nos currículos de cursos de graduação em Letras no Brasil. Contudo, tal área vem ganhando espaço, pois cada vez mais vem recebendo menções e comentários dentro e fora da academia. Por outro lado, os trabalhos de pesquisa que estamos realizando, a edição crítica de Papéis Avulsos, coletânea de contos de Machado de Assis, e a das narrativas de viagem de Eça de Queirós nos mostram, cada vez mais, a importância dessa área de estudos tanto para os Estudos de Literatura como para a formação de um público leitor mais crítico, o que é fundamental nos tempos em que vivemos e num país como o Brasil, tão marcado por uma elite do atraso, na acepção dada a esse termo por Jessé Souza (2017). Falaremos outrossim sobre o estágio de preparação dessas duas edições críticas (escrita da introdução; preparo do texto crítico; construção do aparato crítico, com destaque de algumas das variantes textuais e alguns dos problemas enfrentados para a conclusão dos trabalhos de edição).

Edição do livro inédito *Flôres e espinhos*, de Eulálio Motta

Tainá Matos Lima Alves Boaventura (UEFS)

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)

Resumo O trabalho trata dos resultados da pesquisa de mestrado cujo corpus foi o livro inédito de poemas denominado ‘Flôres e espinhos’, que faz parte do acervo do escritor baiano Eulálio Motta e do Projeto de Pesquisa “Edição da obras literárias inéditas de Eulálio Motta”, desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O escritor nasceu em 1907, na cidade de Mundo Novo-BA e faleceu em 1988. Eulálio de Miranda Motta escreveu por mais de seis décadas e deixou em seu acervo vários projetos de publicação: manuscritos, datiloscritos, impressos, textos passados a limpo, textos em processo de construção, etc. que dão um tom de laboratório ao seu acervo pessoal. Nesse trabalho, discutimos o processo de criação sobre a gênese da obra, as mudanças decorrentes do processo criativo do livro supracitado, a presença das emendas, rasuras, e acréscimos na formação do texto, ou seja, as interferências no labor autoral na construção do texto literário, é dizer, na complexa tarefa que é o exercício de escrita de textos literários e como se deram esses processos de escrever, apagar, reescrever, alterar que configuram

o processo criativo de uma obra literária. Buscamos evidenciar a pluralidade de textos e paratextos pertencentes ao arquivo do escritor e que estabelecem uma rede mútua de ligações entre si, mas que, geralmente, não aparecem nas grandes edições tornadas públicas. O estudo foi subsidiado pelas reflexões da Crítica Textual, Crítica Genética, pelos estudos acerca de documentação de fonte primária e da metodologia de pesquisa em acervos de escritores Bordini (2003), Marques 2003, Barreiros (2009 e 2012), Cambraia (2005), Zilberman (2004), Grésillon (2007), Artiérez (1997), Hay (2003), Willermart (2007) etc.

Entre a Crítica textual e o ambiente digital na edição de *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta

Taylane Vieira dos Santos (UEFS)

Resumo O referente estudo busca compartilhar as pesquisas realizadas nas fontes documentais do acervo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta relacionadas à obra poética *Canções de meu caminho*, a qual apresenta duas edições publicadas e um projeto editorial de uma terceira edição tendo em vista a sua estrutura orgânica, a presença de vários textos passados à limpo e indicações presentes em manuscritos inéditos de que fariam parte da terceira edição de *Canções de meu caminho*. Após a realização da edição crítica, produzida no mestrado, a obra passou a reunir 86 textos, 69 éditos e 17 inéditos que se apresentam em formato de sonetos, poemas livres, trovas e cantigas e refletem a trajetória literária e as identidades do escritor. Diante das características dos textos que compõem a obra em análise, percebeu a necessidade de realizar uma edição que vá além do estabelecimento do texto, que atenda às suas particularidades, a sua extensão, que apresente a interação existente entre os textos com a infinidade de paratextos disponíveis no acervo. Desse modo, a Crítica textual passa a dialogar com as Humanidades digitais para desenvolver a hiperedição do livro em questão. A hiperedição amplia o acesso aos textos, potencializa as singularidades do corpus ao explorá-lo em todas as dimensões: linguístico, material e contextual e aponta novos caminhos na tarefa do humanista para leitura crítica filológica na contemporaneidade (possibilitada pelos novos suportes eletrônicos), a fim de explorar o texto sob diferentes aspectos, considerando

os processos de produção, transmissão e recepção. A pesquisa é subsidiada pelos conhecimentos da Crítica textual, Crítica genética, Sociologia dos textos e Humanidades digitais.

**Investigando o espólio inédito de Júlia Lopes de Almeida:
um estudo crítico-genético da peça teatral *A Senhora Marquesa***

Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Leandro Trindade Pinto (UERJ)

Resumo Investigar um espólio inédito é ter a certeza que nós, enquanto pesquisadores, vamos nos deparar com um universo inacreditavelmente novo que, em certas situações podem até mesmo modificar o nosso olhar sobre o objeto da nossa pesquisa, podendo, até mesmo, transformar os rumos desta. Porém, a riqueza que encontramos em certos materiais deve ser não só fartamente aproveitada, levando em consideração os vários vieses presentes em uma pesquisa, como também, minuciosamente analisada, a fim de que possamos tirar o maior proveito do material que temos em mãos. Assim ocorre com Júlia Lopes de Almeida; seu espólio inédito, gentilmente cedido por seu neto Cláudio Lopes de Almeida, contém uma farta quantidade de materiais, que não cessam em si, levando em consideração a quantidade de temáticas que estes podem abarcar, tanto em relação à Crítica Literária, quanto os ramos da Filologia, tais quais a Crítica Textual e Crítica Genética. Sendo assim, decidiu-se por fazer um estudo da peça *A senhora marquesa*, obra inédita de Júlia Lopes de Almeida, que além de possuir um conteúdo temático de grande valia para um estudo histórico-literário da sociedade vigente, também nos revela ser um documento de pleno valor para as pesquisas em Crítica textual e Genética, visto que se trata de um datiloscrito, contendo rasuras manuscritas, perpetradas pela própria autora, mostrando as modificações que foram concluídas durante o processo de criação, podendo nos revelar a maneira pela qual a autora lidava com o seu texto, bem como com a sua finalização.

Por um olhar filológico na leitura de textos literários na escola

Elizabeth Mota Nazareth de Almeida (UEFS)

Resumo O livro didático, apesar de não ser o único, ainda é considerado como uma importante fonte de consulta em sala de aula. Mais especificamente, em livros didáticos de Língua Portuguesa, o texto literário é transmitido na íntegra ou em fragmentos, proporcionando o contato dos alunos, em muitos casos, à primeira leitura de algumas das mais conhecidas obras literárias. Além disso, por meio da internet, os textos literários apresentam-se em diferentes suportes, assumindo inclusive características do meio digital. Entretanto, muitos desses textos não foram criados para o ambiente virtual, mas antes, referem-se a manuscritos ou ainda a publicações impressas que, provavelmente, foram revisados e modificados por seus autores e editores até chegarem às mãos de seus leitores. Desse modo, discute-se, neste trabalho, as implicações filológicas presentes na transposição de textos literários em materiais didáticos, impressos e digitais, a partir de um olhar humanista de leitura. Como apoio teórico, levou-se em consideração o que versam autores como Petrucci (1992), Chartier (2002), Said (2007) e Borges e Souza (2012) para discutir os aspectos filológicos na leitura de textos literários na Educação Básica. A partir desse aporte teórico, discute-se o papel do leitor contemporâneo, tendo em vista apontar caminhos possíveis para o desenvolvimento de materiais didáticos que contemplem a formação leitora e as necessidades de aprendizagem de alunos inseridos em uma sociedade tecnológica digital.

Resgate de contos inéditos de Júlia Lopes de Almeida e rumos a uma nova edição

Guilherme Barp (UFRGS)

Resumo No fim do século XIX, uma escritora se destacou no meio literário brasileiro, um espaço, até então, majoritariamente masculino. Trata-se de Júlia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862 – Rio de Janeiro, 1934). Sendo a primeira autora a “viver das Letras” no País, dedicou-se a gêneros diversos, que iam do romance às crônicas de

jardinagem, tendo a oportunidade de publicar muitos livros. Apesar disso, as histórias da literatura, em sua maioria, esqueceram-na, de modo que foi apenas efetivamente recuperada nos anos 1980, a partir de trabalhos realizados pelos Estudos de Gênero. Desde então, há um crescente interesse no conjunto da obra da autora. Novas edições de seus romances começaram a aparecer no fim do século XX e, recentemente, de suas narrativas curtas. Nesse sentido, este estudo apresenta progressos de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é resgatar contos inéditos de Júlia Lopes de Almeida, restritos à imprensa, com a finalidade de reuni-los para a produção de uma nova edição. Sendo assim, busca-se contribuir para o acesso a esse material, a sua preservação e a sua consequente (re)consideração nos Estudos Literários e no horizonte de pesquisas sobre a poética da autora. Desse modo, metodologicamente, executa-se revisão bibliográfica, a partir de aportes teóricos do resgate de escritoras esquecidas e da crítica textual, e documental, no que diz respeito aos periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, em busca de contos que não foram publicados em coletâneas da autora, como *Contos infantis* (1886), *Traços e illuminuras* (1887) e *Ânsia eterna* (1903). Ainda que as investigações estejam no início, pode-se estimar que a nova criação proporcionará o retorno de narrativas pouco conhecidas para leitores e estudiosos, que poderão, assim, acessá-las, lê-las e estudá-las novamente.

Walter Benjamin resenhista de traduções

Pedro Theobald (PUCRS)

Resumo É bastante conhecido, entre os que estudam teoria da tradução e filosofia, o texto “A tarefa do tradutor”, que Walter Benjamin publicou em 1923 como prefácio à sua tradução alemã dos *Tableaux parisiens* de Charles Baudelaire. Existem dele traduções para várias línguas. Além disso, estudiosos como Paul De Man e Haroldo de Campos, para citar dois de uma longa lista, ocuparam-se dele ou o tomaram como base para o desenvolvimento de teorias. Apesar de tais fatos, que provam a fecundidade desse texto nos debates que provocou, são menos conhecidas as críticas e resenhas de traduções alheias que Walter Benjamin publicou na imprensa de sua época. O exame dessas

críticas e resenhas pode nos dar uma ideia de como se mostraram na prática os ideais e as convicções defendidos em “A tarefa do tradutor”? O propósito desta apresentação é mostrar o início de um trabalho de levantamento e análise da produção crítica de Benjamin a respeito de tradução na imprensa, confrontando-a, quando possível, com o seu texto teórico. Consultaram-se os índices e leram-se muitos dos textos incluídos em sua obra reunida, especialmente os do volume 3, que contém as críticas e resenhas. Benjamin era um intelectual de interesses amplos, e muitas das obras que resenhou ou criticou se inserem no contexto da cultura e não especificamente da literatura; em apenas um número reduzido de casos se tratava de traduções. Por isso, talvez surpreenda menos que ao longo das 557 páginas que contêm exclusivamente críticas e resenhas publicadas entre 1912 e 1940, ou seja, desde suas primeiras publicações, aos 20 anos de idade, até a morte aos 48, se encontre só meia dúzia de textos em que se pode ver mais claramente sua postura diante de uma tradução. Esses textos serão examinados e comentados nesta comunicação.

Simpósio 16**Das perspectivas decoloniais: o sul e suas agências**

Ricardo Postal (UFPE)

Imara Bemfica Mineiro (UFPE)

Daniel Conte (FEEVALE)

Resumo Se o termo “decolonial” tem sido usado em escala ampla, nos questionamos sobre quais são as bases teóricas que promovem sua promulgação dentro dos textos acadêmicos e quais trânsitos teóricos ocorrem entre pesquisas que tem, apesar de seus variados objetos, um mesmo vetor de interesse, a saber, a provocação desde as frestas do sistema hegemônico de pensar (e suas estruturas de poder), de um movimento constante de reformulação de teorias e práticas para o desestabelecimento do modo eurocentrado hetero-cis-patriarcal branco de conceber o mundo, a alteridade e a racionalidade. Como sinalizou Achille Mbembe, o “grande acontecimento” ou a “experiência fundamental de nossa época” reside no processo no qual a Europa deixa de ser o “centro de gravidade do mundo” (2018, p.11). Como atestado dessa experiência emergem diversas perspectivas teóricas que colocam em xeque a elaboração mítica da modernidade que permeou o discurso eurocentrado a respeito da história, da racionalidade e dos campos de saber, questionando o lugar da Europa como berço da modernidade e bastião dos principais alicerces da civilização (DUSSEL, 1994). Desvelada a falácia da neutralidade e universalidade dos saberes tidos por hegemônicos – que Santiago de Castro-Gómez denominou “hybris do ponto zero” (2003) –, é explicitado o caráter situado de todo conhecimento (HARAWAY, 1988) e torna-se imperativa a necessidade de “provincializar” (CHAKRABARTY, 2008) os discursos apresentados como universais. Na emergência de perspectivas teóricas que convidam a outros olhares através das frestas do pensamento hegemônico são questionadas as múltiplas hierarquias que caracterizam o sistema-mundo excludente – porque baseado em fundamentos racistas, machistas, heteronormativos, patriarcais e capitalistas (QUIJANO, 2005, GROSFOGUEL, 2009). Olhares esses que sabem-se situados e “encarnados”, conscientes de que partem e de e incidem sobre corpos e localidades, olhares que desafiam os parâmetros naturalizados da racionalidade compreendida como produto exclusivo do iluminismo, e que se interrogam sobre os alicerces

de um projeto de modernidade que oculta sua contrapartida, o lado perverso da colonialidade (MIGNOLO, 2017). Nesse sentido, a ideia/imagem de Sul emerge na condição de categoria que evidencia a geopolítica do conhecimento ao mesmo tempo em que recusa a posição “minorizada” ou “subalternizada” a que é relegada pela narrativa da modernidade ocidental eurocêntrica. Pensar o Sul e suas agências implica, portanto, pensar a partir de referenciais epistêmicos mais dilatados e generosos, que contemplem a alteridade como condição mesma da coexistência, reconhecendo a pertinência das questões etnico-raciais, de gênero, sexualidade, espiritualidades e cosmologias para a reflexão sobre a contemporaneidade e seus (nossos) horizontes de expectativas. As perspectivas decoloniais (assim como a teoria queer) tornam “o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar” (LOURO, 2001). Pensadas a partir das perspectivas elaboradas acima, as obras literárias oriundas de localidades do sul global, vítimas do processo colonial, precisam ser analisadas a partir de ferramentas conceituais que não esqueçam a atuação da “colonialidade do saber” (QUIJANO, 2005) que lhes é incontornável, e que seja ressaltado o quanto elas se lançam num combate decolonial pela vontade mesma de manifestarem as vozes dos que foram por séculos silenciados. Interessa-nos discutir os mecanismos de manutenção da colonialidade através de imaginários e discursos para, a partir de um olhar crítico, apresentar o estado da arte da agência decolonial tornada literatura. Cabe pensar tanto nas formulações escritas a partir de fronteiras e espaços trans-culturais, promotoras de hibridismos vários, como também no alargamento dos conceitos mesmos do literário e poético provocados por ações periféricas de ruptura do cânone, bem como pela inserção de novos falares e cenários na tão homogênea espacialidade do imaginário norte-ocidental. Sabendo de tais movimentos, que propõem utopias para além do estado estagnado a que a colonialidade insiste em manter o espaço epistêmico do sul, pensamos nas encruzilhadas de saberes, tradicionais, acadêmicos, orais, eruditos, ancestrais e inovadores que as vozes subalternas vem impulsionando organicamente

para uma emergência urgente de exposição, compreensão e reiteração nas pesquisas das humanidades. Sendo assim, esse simpósio se propõe a acolher comunicações que pesquisem tanto articulações teóricas das perspectivas decoloniais Sul-Sul, análises de práticas decoloniais coletivas que gerem representações literárias, bem como análises de narratividades e poéticas que materializem formas dissidentes de pensar suas agências político-identitárias esteticamente, abraçando, portanto, teoria literária e teoria social imbricadas numa proposta de comparatismo contemporâneo que entenda a literatura e seu contexto politicamente motivado.

A crise de 29 e a formação sistêmica da literatura angolana no pós-independência

Daniel Conte (FEEVALE)

Resumo Profundamente marcadas pelos movimentos da economia e da política das potências econômicas mundiais, as literaturas das ex-colônias portuguesas na África sofreram a História como uma sucessão de rupturas em sua rede simbólica. Dentre essas marcas historiográficas, podemos destacar, com segurança, a crise de 29 e o começo da grande depressão nos Estados Unidos. As análises que pululam na malha imaginária do social, sobre a queda da bolsa de Nova Iorque, no final da terceira década do século XX, sedimentam desconhecimentos e ignoram sua importância para os sistemas literários das colônias portuguesas. A crise conformou a queda generalizada da produção e do escoamento de produtos industrializados do mundo entre os anos de 1929, com o colapso da Bolsa de Valores de Nova York, e 1939, quando a Segunda Guerra Mundial passou a demandar o rearmamento das nações e seu potencial industrial. Esse movimento deu origem às commodities internacionais e, por consequência, a uma supervalorização de produtos primários como o café, que crescia nos quintais das casas angolanas. Com o cultivo potencializado da fruta nativa, operou-se um sistema cafeeiro que deu origem a uma elite econômica na colônia portuguesa e que iniciou um fluxo de formação dos nativos na educação superior, principalmente em centros metropolitanos como Lisboa e Coimbra, funcionalizando uma organização sistêmica da literatura em Angola e nos países

que, à altura, eram territórios portugueses. Este pensamento rediz a ordem narrativa que traz a Europa como o “grande berço” da revolução literária das ex-colônias portuguesas. Como base teórica tem-se Alcroft, 1987; Bowles 2009; Coste, 2005; Di Fulvio 2019; Ukers, 1990; Mazrui, 2010; Chenntouf, 2010 e Crowder (2010).

A despoética na literatura contemporânea: visadas descoloniais na poeticidade crítico-fronteriza de Edgar C  zar Nolasco

Ana Paula Marques Machado (UFMS)

Resumo Este artigo busca disseminar – por criticidades – o estilo poético-contemporâneo do escritor, crítico literário e pesquisador sul-mato-grossense Edgar C  zar Nolasco no que tange à sua poeticidade por uma visada da despoética. Segundo o próprio professor e intelectual Edgar C  zar Nolasco, a fronteira-Sul: Brasil/Paraguai/Bolívia, guarda segredos invioláveis e inimagináveis,    como se fosse um mundo em miniatura bárbaro e selvagem, com serpentes coleantes e um grito desesperado do pássaro urutau no meio da floresta negra, que se desenha na mente de quem vive por l   e, quando mais esse intelectual l  , menos consegue entender, mas está predestinado a saber que esse lugar vela um pântano abissal para o qual converge o seu coração inevitavelmente fronteiriço. Em seus poemas, Nolasco narra que seu canto é como o do urutau, que    melancólico e s   canta na fronteira um canto que ninguém escuta e, se o escutasse, não entenderia e as memórias dos homens escuros e tristes da fronteira, trabalhadores de voz gutural, sobrevivem em seu corpo e na baranca do rio, assim como no gesto monótono e repetitivo de um boi ruminando no meio do campo, e também de um urutau abandonado de si quase em posição de desistir da vida. Busco, com este trabalho, articular uma reflexão acerca da importância desses intelectuais subalternos que necessitam ser apreciados a partir de seus loci fronteiriços, como    o caso do autor que reside em Mato Grosso do Sul. Minha discussão parte do diálogo com a despoética de Edgar C  zar Nolasco, que teoriza seu discurso a partir da tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia, esboçando as suas memórias subalternas na trilogia constituída pelas obras: *Pântano* (2014), *Oráculo da fronteira* (2018) e *A ignorância da Revolta* (2019).

A escrita de Márcia Kambeba: ancestralidade e reexistência Omágua

Paulo Marcelino dos Santos (UNEB)

Resumo A proposta deste trabalho é analisar a perspectiva de Márcia Kambeba acerca da palavra a partir de sua escrita poética e de suas interpretações sobre a literatura indígena como lugar da ancestralidade e da reexistência dos Omágua/Kambeba. As literaturas indígenas são fundamentadas na memória ancestral, na tradição oral, na influência dos encantados (KAMBEBA, 2018) e na resistência ao silenciamento e ao extermínio dos autóctones. Sendo assim, as literaturas escritas pelos próprios indígenas se contrapõem ao pensamento hegemônico, etnocêntrico e eurocentrado. Aníbal Quijano (2009) destaca a ocorrência na América do Sul da imposição de saberes, conhecimentos, percepções e do imaginário eurocêntrico, suprimindo outros modos de subjetivação em um contexto de exploração, dominação e conflito, que sob o signo do moderno exercem um poder colonial. Portanto, os estudos decoloniais demonstram como nenhum conhecimento é neutro, questionando o caráter impositivo e classificatório – que inferiorizou e silenciou povos tradicionais – engendrado na modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2017). Os Omágua/Kambeba estão entre as nações ameríndias inseridas nessa conjuntura decolonial: em prol da sobrevivência do povo e da valorização de seus saberes. Márcia Kambeba é uma das integrantes dessa nação, afirmando sua existência e divulgando-a a partir da pesquisa geográfica, das redes sociais, dos escritos sobre literatura, da música, da fotografia e da poesia. Nesse contexto, os poemas “O Olhar da Palavra” (KAMBEBA, 2020) e “Palavra do Povo Omágua” (KAMBEBA, 2021) ilustram uma poética da metalinguagem que direciona a percepção da palavra para o sagrado, a memória, a identidade e a luta. Desse modo, a escrita poética de Márcia Kambeba configura-se como uma forma de resistir e de reexistir para os Omágua/Kambeba, ao mesmo tempo em que atualiza o saber ancestral na construção do presente, por meio da vivência de sua cultura e reescrita de sua história.

Como se livrar do fantasma do boom: o discurso sobre a América Latina em algumas antologias do conto latino-americano

Renato Bradbury de Oliveira (UFSC)

Resumo A partir da década de 1980, vários antologistas se referem, negativamente, ao legado do fenômeno editorial “el boom de la narrativa latinoamericana”, para justificarem suas seleções de textos. Os gestos destes antologistas contribuíram para transformar a memória do boom num ponto de partida que é, ao mesmo tempo, a meta de suas antologias: como se livrar de tal presença fantasmagórica? Neste sentido, este trabalho busca problematizar critérios de seleção de antologias do conto latino-americano de obras publicadas a partir da década de 1980 (RAMA, 1981; ORTEGA, 1989, 1997; FUGUET; GÓMEZ, 1996; BECERRA, 1999). A montagem dessas antologias é realizada num suporte onde uma série de operações discursivas agrupam os fragmentos que, ao final, aparecem como uma amostra da produção simbólica deste lugar nomeado “América Latina”. Em alguns casos, trata-se de dar visibilidade aos escritores que sucederam determinado período histórico; noutros, o objetivo primordial do antologista é o de trazer à luz determinada produção literária pouco comentada pela crítica; além disso, também existem antologias que buscam antecipar as novas subjetividades do porvir; ainda, há antologias que colocam a criação de redes literárias supranacionais como meta. Alguns daqueles antologistas mobilizam como marco histórico de sua seleção a crise do paradigma da modernidade, assumindo uma posição crítica em relação ao conceito de “desenvolvimento” e à geopolítica do nacional para se pensar o literário. Uma questão recorrente nas antologias que formam o corpus deste projeto de pesquisa é a busca por nuevas miradas sobre a literatura latino-americana que, não raro, desdobra-se numa outra busca: a de nuevas miradas sobre a própria América Latina, entendida como uma categoria-chave/imagem em disputa. Como categoria-chave, seu uso permitiria realizar uma crítica epistemológica às normatividades da modernidade enquanto discurso eurocêntrico; como imagem, permite a criação de âmbitos do discurso, o que admitiria hablar desde la América Latina.

**Corpos de fronteira: decolonialidade e luta antirracista
em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves**

Adriana Minervina da Silva (UFPE)

Resumo Este estudo tem por objetivo analisar movimentos de luta antirracista referentes à personagem Kehinde, no romance *Um defeito de cor* (2016), de Ana Maria Gonçalves. A narrativa é ambientada nos anos de 1800, período historicamente marcado pelas relações coloniais de poder e pela opressão escravocrata. É apresentada a história de vida da personagem Kehinde, mulher negra, de origem africana, capturada ainda na infância e trazida para o Brasil para ser vendida como escrava. Ao longo do que nos narra, Kehinde passa por diversas experiências e sofrimentos até conseguir sua liberdade e independência financeira. Uma dessas experiências é a do racismo. Sofrendo os efeitos da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e da colonialidade de gênero (LUGONES, 2014), Kehinde aprende desde muito cedo o peso de ser uma mulher negra, um corpo discursivamente localizado na fronteira (MIGNOLO, 2017) dentro de um sistema opressor, que segrega pessoas e subjetividades. É também através da literatura que ela consegue superar tais sofrimentos. Diante disso, propomos uma leitura do romance a partir dos estudos Pós-coloniais e de gênero, em que destacaremos os movimentos de luta antirracista vivenciados pela personagem Kehinde ao longo da narrativa. Destacamos ainda a possibilidade de leitura desse romance a partir de uma perspectiva decolonial, por apresentar vozes anteriormente silenciadas em busca de recontar a própria história. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual evidenciamos episódios de superação do racismo, a partir das contribuições de Ribeiro (2019), Grosfoguel (2020) e Kilomba (2019). Em *Um defeito de cor* (2016), a voz subalternizada tem a oportunidade de contar com sua voz suas dores, superando seus sofrimentos e reafirmando a sua resistência a partir da literatura.

Crítica biográfica fronteira: teorização descolonial

Edgar César Nolasco (UFMS)

Resumo O ensaio propõe discutir acerca de uma teorização que se formula a partir do que o autor entende por fronteira-sul. Para desenvolver sua reflexão, o autor convoca a lógica e a retórica do ensaio moderno, visando pontuar que este, por sua vez, por mais que tenha se esmerado para atender ao sujeito fronteiro, bem como a sua condição de exterioridade, não fez outra coisa senão reforçar sua inferioridade teórica e filosófica. A teorização, por sua vez, ao lembrar que tal sujeito pensa, logo faz teorização, e esta, a seu modo, pode dar a todos um entendimento maior e melhor do “outro” da exclusão. Tal discussão, por sua vez, endossa o que o autor vem propondo e defendendo e que atende pela rubrica de Crítica biográfica fronteira. A teorização que se sobressai da discussão proposta está ancorada na epistemologia fronteira que preside a descolonialidade defendida a partir da América latina. O autor nomina tal lócus fronteiro biográfico de fronteira-sul, visando situar melhor o outro na discussão proposta. A proposta do trabalho dá-se a partir de leituras que partilham de tal visada crítica, como *Podemos pensar los no-europeos?* (2018), de Facundo Giuliano, *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), de EdgarCésar Nolasco, e *A fronteira não é longe daqui* (2020, no prelo), de Edgar César Nolasco, entre outros.

Escutar a palavra de Elicura Chihuailaf: uma conversa  o literária no Sul Global

Ricardo Horacio Piera Chacón (UFBA)

Resumo “Está comprovado que podemos falar; s   faltam ouvidos dispostos a escutar”. A afirmativa    de autoria da poeta mapuche Maribel Mora Curriao (2009). Silvia Rivera Cusicanqui (2013), em conversa  o com Boaventura de Sousa Santos, refere-se à possibilidade de esquecer a utopia de falar com os agentes do Norte Ocidental, devido à incapacidade desses de escutar. O impasse colocado por Spivak (2010)    sorteado, no pensamento da autora, pela possibilidade de mudar os rumos dos nossos esforços: já que os pensadores do Norte não

conseguem escutar-nos, vamos, então, dialogar entre nós. O problema, contudo, continua, a partir de outra dobra. Quem se forma nos espaços da Academia no continente, sabe que ela, na maioria das vezes, se pauta por metodologias e epistemologias providas do Norte. A Academia também é fruto e mantenedora da colonialidade do poder (QUIJANO, 2014). De que maneira, portanto, podemos dialogar com uma produção de palavra do Sul Global (DUSSEL, 1994; 2015) ampliando esse arcabouço teórico no qual formamo-nos? A resposta parece ser a chave da problemática que nos tem impedido compreender cabalmente nossos processos sociais e literários: seguir outra diretriz, outro pensamento, telúrico (ANZALDUA, 2016). Nessa comunicação pretende-se, assim, descrever e ponderar acerca do exercício de escutar o sonho da palavra do poeta mapuche Elicura Chihuailaf, seguindo os gestos por ele utilizados no seu livro “Recado confidencial a los chilenos” (2015). O caminho escolhido é o do *nütram*, a conversação entendida como a arte de escutar, modo de expressão pelo qual vivencio o exercício de entrelaçar, no texto acadêmico ocidental as formas providas da vivência dessa outra forma de pensar sobre e dialogar (ÑANCULEF, 2010, 2016; SEGUNDO LLAMÍN). Espera-se apresentar os passos do *nütram*, assim como refletir acerca da sua potencialidade operativa para dialogar com a poesia do Sul Global para além dos postulados europeu-ocidentais (MIGNOLO, 2010).

**Gabriel García Márquez e Edgar César Nolasco:
o exercício da crítica comparatista biográfico-fronteriza
na contemporaneidade para se (des)britanizar
a literatura latino-americana**

Fábio do Vale (UFMS)

Resumo Este presente artigo erige e apresenta – a partir de uma visada descolonial – o exercício comparatista crítico biográfico-fronterizo dos autores Gabriel García Márquez e Edgar César Nolasco. Nessa seara e por bem dizer, através da eleição amoderna, ou seja, não eurocêntrica, propomos um olhar desviante para se (des)britanizar, fazer de modo outro – descolonial – enaltecendo a criticidade literária brasileira no restante da América Latina, bem como a sua confluência com demais autores latinos edificando – epistemológica e

culturalmente – o que entendemos por latinidade. Esse exercício acadêmico-literário condiciona a crítica comparatista biográfico-fronteiriça contemporânea como ponto de partida para uma visada não moderna, logo, não hegemônica. Essa proposta sugere uma crítica cujo cerne contemporâneo não abarca uma literatura comparada tradicional, por assim dizer, uma perspectiva que cumpre – muitas vezes – um papel comparatista uno-linguista, que busca similitudes percebíveis por uma leitura técnica, prefigurando um diálogo meramente acadêmico. Nesse invólucro descolonial percebido através da prática-laboral do (des)britanizar, conceito advindo da crítica biográfica fronteiriça, este artigo vislumbra a capacita dos referidos autores de subjetivarem-se compreendendo seus loci (lugares) bios (vidas) como premissa para não falarem sobre a literatura, mas, sobretudo, com e a partir dessas vicissitudes que se encontram e enunciam por meio das obras: Eu não vim fazer um discurso de Gabriel García Márquez e Perto do coração selbaje da crítica fronteriza de Edgar C  zar Nolasco. Dos diversos autores latinos não brasileiros, Gabriel García Márquez discerniu – como Nolasco tem assinalado – a importância de se valorar o biol  cus, ou seja, os atravessamentos de vida e lugar para, com esses pressupostos, enunciar com propriedade crítico-literária, o que já apresentamos como confluência em ambos os autores e que discerniremos no decorrer das suas agências imbricadas neste diálogo acadêmico-contemporâneo literário comparatista biográfico-fronterizo.

Indícios na composi  o narrativa: uma leitura de “La libreta de almacén”, de Mario Halley Mora, com “Os   culos de Pedro Antão”, de Machado de Assis, numa perspectiva comparatista-descolonial

Luiz Roberto Lins Almeida (UFMS)

Resumo Na linguagem jurídica, diz-se que indício é a circunstância que, “...tendo rela  o com o fato, autorize, por indu  o, concluir-se a existência de outra ou outras circunstâncias”. Machado de Assis, em seu conto “Os   culos de Pedro Antão”, e Mario Halley Mora, no conto “La libreta de almacén”, colocam seus protagonistas em contato com elementos, que são convertidos em indícios, utilizados para

a base arquitetônica da narrativa. A proposta consiste em comparar as duas narrativas, desde a apresentação dos personagens, ambientação, dando especial atenção ao desfecho escolhido pelos escritores, que pode dar pistas sobre suas concepções de verdade e denotar sua crença, ou ausência dela, diante dos dados a que os sentidos têm acesso. A escolha desses textos obedece uma visão fragmentária, que, num primeiro momento, mais diz a respeito do aluno que do objeto estudado, uma vez que a “organização de repertórios sempre há uma seleção de obras determinada pelo lugar da enunciação” (CARVALHAL, 2003). O aporte teórico será a perspectiva comparatista-descolonial, com base em Walter Mignolo e Edgar Nolasco, que considere a possibilidade de uma obra latino-americana tendo como norte o sul, como expressado por Javier Torres-García. Desse modo, o que se pretende é a (re)leitura do conto do canônico Machado de Assis, pela literatura posta à margem do paraguaio de Halley Mora.

Medo, mentes e fomentos: por uma leitura pelo sul de “Republica Luminosa”

Ricardo Postal (UFPE)

Giovani Buffon Orlandini (UFPE)

Resumo Pensando para além da questão da fala dos subalternos (LIMA, 2020) e buscando compreender os modos de suas agências, fomentada nossa perspectiva pelas epistemologias do Sul (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016), propomos aqui uma leitura do romance República Luminosa (2017), de Andrés Barba. Na narrativa se conta, retrospectivamente, a atuação misteriosa e incômoda de um grupo de crianças sem origem definida numa pequena cidade latino-americana. A incompreensão da sociedade local para com as intenções, razões e existência silenciosa das crianças gera nos habitantes um medo que circula no âmbito dos afetos e dispõe uma saída da política em prol de um ódio exterminador. O desamparo, afeto basilar que orienta a existência do grupo de jovens, jamais é compreendido socialmente em sua potência transformadora (SAFATLE, 2015), o que depõe em favor do acerto mimético de uma narrativa de superfície aparentemente distópica. Propomos então que no romance

acontece a geração de uma metáfora de atuação social dos subalternos (as crianças) e elencaremos suas práticas e os modos como elas atingem o âmagô afetivo da hegemonia de circulação social. A reação da cidade contra o que está em suas margens também nos leva a pensar no estado atual dos autoritarismos e em como a literatura pode estar sinalizando soluções – ainda que não evidentes – para esses embates sociais. Localizar essa luta contra-hegemônica na América Latina nos faz pensar numa sugestão de ação provinda do sul global e na projeção de uma realidade possível na qual as crianças (os grupos subalternos agentes) não sejam sempre eliminadas pelo poder alimentado pelo medo enquanto afeto central.

Na fronteira do labirinto: relações centro-periferia na construção de *Kryptonita*, de Leonardo Oyola

Higor David Rosa Afonso Pinto (UFRJ)

Resumo Sabendo que um agenciamento é um conjunto de linhas e de velocidades mensuráveis em determinada multiplicidade; “um crescimento de dimensões que muda necessariamente de natureza à medida que aumenta suas conexões (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.16), e levando em conta a proposta de Deleuze & Guattari em *Mil Platôs* (1995, p.11), para quem “A literatura é um agenciamento”, este trabalho buscar pensar, a partir da produção de Leonardo Oyola, mais especificamente a que o autor apresenta em *Kryptonita*, o modo como certas epistemologias da periferia, outrora postas neste lugar a partir das imposições coloniais, passam a afirmar-se através de uma produção de sentido que se estabelece por meio da relação labiríntica entre diferentes modos de pensar, de imaginar e de inventar o real. Para isso, o que se observa é a maneira como o argentino engendra variados discursos no interior do romance, produzindo relações aparentemente improváveis entre diferentes imaginários, gêneros literários e formas de elaboração artística. Nesse sentido, o cinema, a música, a poesia, as histórias em quadrinhos e a literatura, em um conjunto de referências canônicas e não-canônicas, combinam-se em diversas linhas e velocidades a fim de reterritorializar-se em um conjunto próprio de possibilidades para o real. Conjunto esse que, operando como ritornelo, ressignifica modelos universalizantes

de pensamento e de representação, já que opera com base em um dialogismo que pressupõe relações dinâmicas entre as noções de centro e de periferia. Para entender como isso ocorre, o que se propõe é uma leitura que se debruce sobre o modo como a heterogeneidade de discursos e de referências presentes no interior do romance deslocam as relações entre centro e periferia e localizam o texto de Oyola em um lugar deslizante, que pressupõe agenciamentos muito próprios do olhar decolonial.

Nahualismo e brujo-chamanismo como alternativas críticas a uma modernidade eurocentrada

Rogério Mendes (UFRN)

Resumo Observam-se mínimos os espaços e reconhecimentos das contribuições dos povos originários no processo de formação das Literaturas e Crítica Literária Latino-Americanas. Atribui-se ao fato a predominância dos referentes civilizacionais eurocêntricos na América Latina em virtude das relações coloniais no continente ou que o crítico literário uruguaio Angel Rama chamou das impertinências da “Cidade Letrada” (1985). Ao investigar como operam e sistematizam-se as cosmogonias e as cosmovisões dos povos originários no continente americano pretende-se articular sensibilidades críticas para melhor entender, com o auxílio da História, Antropologia e Filosofia, a contribuição e inclusão dos fundamentos da narrativa e cultura originária no processo de formação das sociedades e literaturas na América Latina. Reflexo do propósito que relevam o Coletivo Decolonial (MIGNOLO, 2000; CASTRO-GÓMEZ, 2012; WALSH, 2009), no objetivo de (re)pensar fissuras ontológicas entre a Modernidade e Colonialidade que definem a América Latina, a presente proposta destaca o interesse na centralidade do patrimônio ancestral dos povos de Abya Yala por meio do Nahualismo (Nahuatl) e o brujo-chamanismo (BUSSO, 2000) como crítica a uma Modernidade Eurocentrada responsável pelo processo de colonização e civilizatório latino-americano e articulação de pensamento e episteme operantes que poderiam ser/estar presentes em processo reestruturante de educação crítica escolar e humanística na América Latina.

O corpo-narrativa como saber do sul

Gisane Souza Santana (UFBA)

Resumo As reflexões deste texto, cujo título é uma apropriação do livro de Boaventura Souza Santos, *Epistemologias do Sul*, contra-põem-se à monocultura da ciência moderna e sinaliza para um Pensamento Ecológico. Nesse sentido, mais que uma contraposição à monocultura e ao rigor do saber, o olhar constitutivo sobre as Epistemologias do Sul da Bahia é um convite para pensarmos sobre outras narrativas que compõem Território Sul da Bahia. Este artigo objetiva discutir as experiências narradas com e pelo corpo das vozes poéticas do distrito rural do Rio do Engenho/Ilhéus, Sul da Bahia. O conceito de corpo-narrativa é entendido, neste estudo, como saber do sul visto que instaura uma lógica epistemológica pautada na diferença de concepções e cosmovisões, ou seja, um lugar político capaz de rasurar as questões pertinentes ao ponto de vista etnocêntrico e grafocêntrico. Como repertório de memórias (MARTINS, 2002), o corpo-narrativa produz conhecimentos e imprime em sua morfologia, pluralidade de saberes, subjetividade corpóreas, conhecimentos assentados na ancestralidade de suas poéticas próprias. O estudo, desenvolvido interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada, estabelece convergências conceituais da Teoria e Crítica Literárias e dos Estudos Culturais. Para a discussão dos conceitos teóricos, tomam-se as questões sobre performance (MARTINS, 2002; ZUMTHOR, 2000; RAMOS, 2017; TAYLOR, 2003), observando-se as reflexões sobre a memória (NORA, 2004; MARTINS, 2002).

O poetry slam no Brasil: práticas decoloniais e de ruptura do pensamento hegemônico

Fabiana Oliveira de Souza (UFRJ)

Resumo O poetry slam, uma competição de poesia falada, se caracteriza no Brasil como um movimento artístico-literário protagonizado por sujeitos periféricos que deixam em evidência as múltiplas formas de discriminação contra grupos sociais silenciados, marginalizados e invisibilizados. A partir desse tema, o propósito deste trabalho é

discutir a deslegitimação da literariedade dessas produções que podem ser definidas como “literatura oral performada”, nos termos de Ruth Finnegan (2005). Tal questionamento de seu valor estético nos indica de antemão que não se trata de uma poesia canônica, possivelmente pelo fato de estar vinculada à chamada “cultura de massa”, além de não estar preocupada com a norma culta da língua e de priorizar a oralidade, tão menosprezada em uma sociedade grafocêntrica. Contudo, como aponta Rita T. Schmidt (2008), há uma recente revolução nos estudos literários, nos quais se propõe uma revisão dos critérios injustos e excludentes que determinam se uma obra pertence ou não à literatura. Para esta investigação, toma-se como base a seleção e análise de poemas e respectivas performances de diferentes poetas em alguns torneios brasileiros de slam, registrados em vídeos e disponibilizados em diversas redes. O que se pode observar, nesta pesquisa ainda em desenvolvimento, é que esses poetas-slammers propõem um olhar decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007; QUIJANO, 2000) para suas histórias ao ressignificá-las em suas contranarrativas, buscando o empoderamento e a emancipação pela palavra falada, razão pela qual o conteúdo importa mais que a forma, sem deixar de reivindicar (e afirmar) a relevância e legitimidade daquilo que produzem.

Por uma crítica literária do Sul global

Fernanda Dusse (CEFET-MG)

Resumo A cooperação Sul-Sul, fundamental para o projeto político de partidos de centro-esquerda no comércio deste milênio, é pautada pelo diálogo entre países e pelo respeito à diversidade. Capaz de escapar da totalidade do Estado-nação e do abandono do neoliberalismo, o Sul global, fundado nessas ações políticas transnacionais, foi abraçado por diversos teóricos e políticos contemporâneos e passou a figurar como um projeto alternativo de futuro. Considerando isso, este trabalho pretende apresentar o conceito de Sul global e debater sobre sua capacidade de modificar a geografia mundial ao substituir a lógica da competição pela cooperação e assegurar novas parcerias. A seguir, são propostas aproximações entre essas práticas geopolíticas e tendências da crítica literária na contemporaneidade, sugerindo

novos caminhos para a teoria da literatura e para a literatura comparada a partir do encontro dos povos cuja história recente é determinada pela colonização. São ressaltadas, portanto, as semelhanças entre projetos políticos e estéticos através de uma perspectiva que não elimina a liberdade do fazer artístico, mas o insere no conjunto de práticas culturais e ações políticas. Nesse sentido, o trabalho tenta preencher a lacuna deixada pelas universidades brasileiras em seu desinteresse por acompanhar o movimento conduzido por líderes políticos do país na primeira década deste século.

**Reescritas e ressignificadas:
figurações do feminino em Adísia Sá e Maryse Condé**

Anailde da Silva Ribeiro (UFPE)

Imara Bemfica Mineiro (UFPE)

Resumo A literatura é um reflexo de seu tempo e a partir do momento que uma história é contada, ela pode ser revisitada em diversas épocas. *Capitu conta Capitu*, de Adísia Sá, revisita e ressignifica a história de Bento Santiago e Capitulina, inicialmente surgida através da pena de Machado de Assis em *Dom Casmurro*, sendo que no romance de Sá a trama é recontada sob o ponto de vista da própria Capitu. Por sua vez, *Corações Migrantes*, de Maryse Condé, é uma reescrita do clássico de Emily Brontë, *O Morro dos Ventos Uivantes*, situando personagens e trama nos cálidos canaviais de Guadalupe. Dito isso, nosso trabalho tem como proposta analisar as representações do feminino e da sensualidade nas obras de Adísia Sá e Maryse Condé tomando como foco a reescrita e ressignificação das personagens centrais de *Capitu* e *Katy*. Para balizar nossa leitura e estabelecer o diálogo entre as obras, são mobilizados textos que pensam a questão do feminino sem deixar de localizar a discussão no ambiente geopolítico e situado historicamente, entre os quais Butler; Athanasiou (2013), Ballestrín (2017), Mohanty (2008), Lugones (2014), verificando as diversas nuances da representação do feminino e da sensualidade a partir dessas duas personagens icônicas na literatura mundial.

Si me permiten pensar: geografias outras

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman (UFMS)

Resumo Este trabalho tem como objetivo uma leitura acerca da indagação de Hamid Dabashi em seu texto “¿Pueden pensar los no-europeos?” (2018). Se ao longo da história dada como oficial os não europeus foram lançados para uma exterioridade construída “[...] há muitas exterioridades, quer dizer, o exterior construído a partir do interior para limpar e manter seu espaço imperial [...]” (MIGNOLO, 2008, p.291). Pensar fora do pensamento moderno é pensar externo às epistemologias ocidentais, não só no sentido geográfico, mas, sobretudo no âmbito epistemológico. Ainda que o centro não admita, “o mundo que habitamos, o planeta terra, tem muitas geografias imaginárias” (DABASHI, 2018, p. 78). Dessa maneira, há muitas pessoas, histórias e sensibilidades locais silenciadas e a geografia dos europeus é apenas uma entre tantas geografias outras, não só a geografia, mas todo a teoria deles que continua imperando, nós aqui da fronteira-sul também pensamos e teorizamos. A leitura está pautada em uma metodologia bibliográfica embasada na Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013)) e em estudos de críticos como Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Edgar César Nolasco, entre outros. Esse trabalho se dá a partir de um lócus geoistórico fronteiriço específico, o estado de Mato Grosso do Sul, fronteira seca com os países Paraguai e Bolívia.

Tradição oral na literatura moçambicana de língua portuguesa: uma opção decolonial?

Eduardo Reis Dourado (UFBA)

Resumo O texto tem por finalidade apresentar fundamentos que corroboram quanto ao uso da tradição oral como elemento representativo dos fundamentos da decolonialidade em *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Ancora-se na premissa da desobediência epistêmica como forma de resistência e, por conseguinte, de questionamentos ao pensamento colonial eurocêntrico. Para elucidar o processo de colonização escolheu-se

apontar o poder político-militar dos portugueses e sua tentativa de transgressão provocando uma crise identitária e falência do aspecto de unidade entre os militares lusitanos em Moçambique. Os objetivos selecionados foram: a) apresentar os conhecimentos advindos da oralidade, seu(s) uso(s) e impacto(s) em desobediência aos princípios políticos e legais do colonizador; b) Identificar, no contexto pós-colonial, as vertentes que basilar os movimentos de resistência, de luta e de protesto através das suas representações nas obras literárias objetos de análise deste texto; c) Discutir sobre as formulações aglutinadas no paradigma modernidade/colonialidade e apresentar os mecanismos utilizados para a manutenção do poder visando a garantia do processo de exploração. Do ponto de vista teórico, selecionou-se A. Hampaté Bâ (2010), Mignolo (2008, 2016), Mbembe (2001), Hall (2016), Cabaço (2009), Quijano (1992), Grosfoguel & Bernardino-Costa (2016), entre outros. Do ponto de vista metodológico, optou-se pela pesquisa bibliográfica, seleção de documentos legais entre a década de 30 e 70 do século passado os quais motivaram a criação de organizações sociais que tinham como objetivo promover movimentos que culminassem no processo de libertação, utilizou-se de fichamentos e resenhas sobre os textos teóricos consultados. Os resultados obtidos foram reflexões que contribuíram para uma melhor compreensão dos conceitos de colonialidade, pós-colonialidade e decolonialidade e como esses ainda necessitam de outros debates devido à iniciativa de se retomar os conhecimentos anteriores ao processo de colonização e suas representações nos movimentos literários na contemporaneidade.

Um peso e duas medidas: a modernidade em diálogo com o ensaio biográfico fronteiro e moderno

Francine Carla de Salles Cunha Rojas (UFMS)

Resumo o trabalho objetiva discorrer sobre a relação da modernidade com o ensaio biográfico fronteiro e moderno. Nesse sentido, tal conceito é apresentado de acordo com as definições de Walter Mignolo (2008, 2017) e Enrique Dussel (2005), o que significa compreender o termo como uma narrativa de vencedores (MIGNOLO, 2008) e como uma proposta que advoga ser o centro da história mundial

(DUSSEL, 2005). A tese defendida é a de que os ensaios biográficos, fronteiriço e moderno, se relacionam com a modernidade. Todavia, o que difere ambas as propostas é como eles se relacionam e quais são as consequências desse vínculo. No intuito de desenvolver a teorização comparatista biográfica fronteiriça entre os ensaios, a reflexão encontra-se organizada nos seguintes termos: em um primeiro momento será apresentado o conceito de modernidade como concebido pela teorização descolonial. Em seguida, dentro do entendimento dessa concepção, será apresentado o conceito de tradição ensaística. Para tanto, o entendimento de tradição provém da Literatura Comparada e encontra em Tania Franco Carvalhal (2003, 2006), Leyla Perone-Moisés (1982) e Antonio Candido (1996) suas bases. Em suma, entende-se que o ensaio moderno e a tradição ensaística emergem como consequência da modernidade ao mesmo tempo em que a reafirmam. Em seguida e considerando o conceito de modernidade apresentado, o trabalho se deterá na relação desse com o ensaio fronteiriço, em suma discorre-se sobre como esse emerge da experiência de ser e sentir a modernidade a partir das feridas coloniais / abertas. Dentro dessa proposta, o ponto de partida será o entendimento de que o ensaio biográfico emerge como prática e reflexão obrigatória que reage ao discurso racionalista e desenvolvimentista moderno e aos seus legados coloniais, em especial, a prática ensaística eurocêntrica, e o ponto de chegada consiste em esboçar a proposta do ensaio fronteiriço e como ela difere do ensaio eurocêntrico.

Simpósio 17**Doenças em ficções: imaginários e representações**

Marcio Markendorf (UFSC)

Fernanda Müller (UFSC)

Renata Philippov (UNIFESP)

Resumo Em 1926, no ensaio “Sobre estar doente”, Virginia Woolf reclamou que não havia, até aquele momento, um aparato metafórico e um trabalho literário mais detido sobre as enfermidades, o que – na conclusão da escritora – remeteria a uma incapacidade de a doença conter o sublime. O breve ensaio poético, contudo, ignorava um conjunto de obras concebidas sobre o tema nas mais diversas perspectivas – do real ao fantástico, do literal ao alegórico. Ensaio crítico de maior fôlego viria a público apenas em 1978, quando Susan Sontag escreve *Doença como metáfora*, no qual são descritos e problematizados os usos (e abusos) cometidos pela mídia e pelo senso comum ao empregarem as enfermidades como viés metafórico para se referir a todo tipo de mazelas de ordem social, política ou econômica, como: “o desemprego é o câncer da sociedade”. O estudo atuava no universo cultural, esvaziando o sistema metafórico de representação, a fim de proteger a subjetividade dos enfermos, especialmente dos que lutavam contra o câncer. Tal abordagem é retomada dez anos mais tarde, em *A AIDS e suas metáforas*, quando Sontag coloca em xeque, a partir da pandemia de HIV dos anos 1980, os elementos presentes no imaginário relacionado à contaminação e o modo como essas representações afetavam os enfermos. Aos trabalhos de Sontag somamos os estudos sobre a abjeção (KRISTEVA, 1980; BUTLER, 2013), o que inclui a natureza simbólica e estética do monstro (COHEN, 2000; NAZÁRIO, 2003; CARROL, 1999) e permite estabelecer paralelos entre enfermidade e monstrosidade, problematizando comportamentos sociais diante de situações de contágio e contaminação, bem como a imaginação acerca do corpo doente. Passando para o campo da literatura propriamente dito, podemos ver esse intenso debate político reverberar na elaboração de obras como a coletânea *Tente entender o que tento dizer – Poesia + HIV/AIDS*, organizada por Ramon Nunes Mello, ou o romance *Tribunal da quinta-feira*, de Michel Laub. Embora sejam textos contemporâneos, dialogam com o romance-reportagem de *Um diário do ano da peste*, Daniel Defoe (Reino Unido,

1722), o caráter filosófico de *A peste*, Albert Camus (França, 1947), o realismo mágico de *O amor nos tempos do cólera*, Gabriel García Márquez (Colômbia, 1985) ou as colagens e deslocamentos de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier (Brasil, 1998), uma vez que todas tomam como ponto de partida doenças e epidemias reais, com surtos historicamente situados. Há também uma vertente contemporânea mais metafórica ou alegórica, tributária de uma tradição mais atrelada à estética romântica do século XIX, marcada pela exploração de elementos fantásticos, horríficos ou insólitos presentes em contos de Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant, ou ainda em romances como *O último homem*, de Mary Shelley (Inglaterra, 1826), a qual ecoaria no século seguinte em obras como *Eu sou a lenda*, de Richard Matheson (Estados Unidos, 1954), *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (Portugal, 1995), *Os anões*, de Luis Andre Nepomuceno (Brasil, 2009) e *Nêmesis*, de Philip Roth (Estados Unidos, 2010) e *Corpos secos*, obra multiautoral de Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado (Brasil, 2020). Se a temática da doença, não raro atrelada à estética do grotesco e ao domínio da abjeção, já somava farto repertório literário e crítico, com a deflagração da pandemia de Covid-19, no início de 2020, nota-se um crescente interesse do público por narrativas sobre epidemias, fenômeno que alçou à condição de best-seller anacrônico obras como o romance *A peste*, de Albert Camus, e alçou o filme *Contágio* (*Contagion*, Steven Soderbergh, 2011) ao status de hit no serviço de streaming. O interesse por narrativas como essas foi responsável, inclusive, pelo relançamento de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, livro ganhador do Prêmio Jabuti, que se encontrava esgotado no mercado editorial desde 1998. De modo geral, obras que tratam sobre a doença e suas consequências coletivas, epidemias e pandemias, estimularam reflexões teóricas sobre o sistema de feixes metafóricos das enfermidades, o frequente emprego de sinais cósmicos que prenunciam pragas, a ascensão de discursos nacionalistas e xenofóbicos, formas de preconceito radical contra infectados, a busca de remédios milagrosos ou curas mágicas para os males, relações entre o problema coletivo e a noção bíblica de pecado, a gestão governamental das situações de crise sanitária, o sensacionalismo midiático, o extermínio de animais, a imposição da quarentena, o debate sobre os direitos individuais, a crise econômica, a necessidade de subsistência da população e o consequente colapso social, sanitário e funerário. Dado

o exposto, este simpósio pretende abarcar trabalhos que reflitam sobre contextos de epidemias – reais ou imaginárias – e/ou de representação de doenças na ficção, a fim de formar uma gama bastante diversificada de abordagens, da estética à política, do surto à pandemia, da alegoria à necropolítica, do objeto ao abjeto, do jornalístico ao insólito, do horror artístico ao horror social.

**“Chega de tanto morrer criança!”:
uma epidemia em *Passagem dos Inocentes*, de Dalcídio Jurandir**

Alinnie Oliveira Andrade Santos

Resumo: Ao desenvolver seu projeto literário, conhecido como Ciclo do Extremo Norte – composto por dez romances: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1968), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão dos Lobos*, (1976) e *Ribanceira* (1978) –, o escritor Dalcídio Jurandir denuncia as mazelas sociais das primeiras décadas do século XX na Amazônia paraense. Para isso, em nove dos 10 romances do Ciclo, ele conta a história de Alfredo, um menino marajoara que sonha morar em Belém para dar continuidade aos seus estudos. Em *Passagem dos Inocentes*, quinto romance da série, Alfredo, já morando na capital, se depara com uma cidade assolada por uma doença misteriosa que está ceifando a vida de crianças pequenas. Depara-se também com a reação da multidão enfurecida que protesta contra a indiferença das autoridades diante do surto de tal doença. O presente trabalho, portanto, busca refletir sobre o momento do romance *Passagem dos Inocentes* que aborda essa epidemia, objetivando verificar de que forma ele retrata tal doença e como, por meio dela, se dá a denúncia social do autor; além de observar como essa situação impacta a trajetória do protagonista Alfredo.

“Tudo bem não ser normal” e a possibilidade da literatura infantil como instrumento de cura e catarse

Danielli de Cassia Morelli Pedrosa (UPM)

Resumo Para Estés (1994), o exame de contos de fadas, histórias do folclore, lendas e mitos revelam fios condutores para o desenvolvimento da psiquê humana, oferecendo caminhos para a superação de traumas, cura de neuroses e solução de conflitos anteriores. Tais histórias alimentam a alma e, por vezes, a inauguram, tendo o poder de guiar o homem pelas complexidades da vida e da cultura. Tolkien (2013) comenta que a virtude do Reino Encantado reside nas suas operações, como a satisfação de desejos, a possibilidade de visitar as profundezas do tempo e do espaço e a possibilidade de entrar em comunhão com outros seres vivos. Bettelheim (2002) afirma que a literatura deve oferecer acesso ao significado mais profundo da vida, tornando o homem mais capaz de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada, fazendo-o acreditar em sua própria contribuição para a vida e para o outro. A boa história estimula a imaginação, desenvolve o intelecto, esclarece emoções, expressa ansiedades e aspirações, reconhece dificuldades, propõe soluções e ensina sobre os dilemas interiores dos seres humanos em qualquer sociedade. A série coreana “Tudo bem não ser normal” (2020), propõe releituras de contos de fadas, lendas e fábulas, clássicos e contemporâneos, realizadas por meio de uma composição original ao relacionar tais narrativas ao enredo principal, que inclui relações entre indivíduos com transtornos mentais e emocionais a serem tratados e superados. Esse trabalho tem como objetivo compreender as maneiras pelas quais tais narrativas são utilizadas para expressar os dramas, crises e sintomas dos personagens, criando uma atmosfera única e uma experiência catártica para o espectador.

(Sobre)vivência, representações das políticas, da violência e do abandono na poética de Wilson Bueno

Eliza da Silva Martins Peron (UEMS)

Resumo Com o artigo debateremos a epidemia e outras doenças narradas em *Amar-te a ti nem sei se com Carícias* (2004) de Wilson Bueno,

a fim de problematizar algumas concepções culturais e políticas da época, selvagerias e manipulações de poder. Nesse sentido, para além das representações, há um esgarçamento das desagregações provocadas, e consequente delineamento das políticas públicas, das dicotomias entre as classes sociais e dos desmandos – a narrativa enquanto denúncia das práticas vigentes. A fim de delinear as diferentes maneiras de se retratar enfermidades, também nos pautaremos como objeto de análise em outra obra do autor paranaense intitulada *A copista de Kafka* (2007), tendo como referência um dos contos inseridos na narrativa em que a personagem principal, um lenhador carcomido pela lepra, não se restringe a descrever a dor física do corpo, mas sim o desespero ante o suposto desamparo e abandono de si por Deus e pelos homens, incitando à reflexão sobre a exclusão social, o preconceito, as violências deflagradas. Nesse sentido a estratégia discursiva além de esquadriñar o espaço urbano, as condições sociais, as realidades dos pobres, negros e desvalidos, formam um painel revelador não tão somente das chagas dos homens, mas da realidade dissimulada, da degradação humana e das políticas de exclusão.

**A doença em Édipo, de Guarnieri e Peixoto:
o silenciamento sobre a epidemia de meningite
no Brasil da década de 1970 e os impactos na dramaturgia**

Allan Valenza da Silveira (UFPR)

Resumo Ao longo da década de 1970, o Brasil sofreu – assim como diversos outros países do mundo – de uma epidemia de meningite. Este momento coincide com os ápices de radicalização repressiva do governo militar no Brasil, buscando controlar, quando não silenciar, vozes dissonantes às políticas implementadas no país. Coincide, também, com o período que ficou conhecido como o milagre econômico brasileiro. Temia-se que a imagem de um país que crescia e caminhava a passos largos para seu destino de grandeza pudesse ser abalada com a presença de uma epidemia que não conseguia ser controlada. Desta forma, o controle da mídia foi austero na busca de evitar que de divulgassem dados – e até mesmo que se falasse – sobre a epidemia. Aqui, procuro apresentar como que as características da doença presente em uma adaptação televisiva, o especial *Édipo*, escrito

por Gianfrancesco Guarnieri e Fernando Peixoto para a TV Globo – no qual aproveita o mote da peste que assola toda a região no texto grego. A exploração e as péssimas condições de vida de populações rurais brasileiras, usadas como base do texto de Guarnieri e Peixoto, permitem estabelecer uma correlação entre a epidemia presente na obra e a epidemia de meningite cujos dados e informações eram censurados ao longo da década de 1970, o que contribui, juntamente às outras temáticas de dinâmica social, para a não realização do especial de televisão, em um processo de autocensura sistêmica, subprodutos da Censura oficial, como aponta Kucinski (2002).

A loucura como denúncia social em Gonçalo Mendes Tavares

Lara Silva Perussi Bertão (UNICAMP)

Resumo O ciclo de obras tavianas, chamado d'O Reino (2003-2007), apresenta-nos a personagens diversas, dentre as quais destacam-se as doentes mentais. Em *Um homem: Klaus Klump* (2003), Johana e sua mãe; em *A máquina de Joseph Walser* (2004), o próprio protagonista e o seu chefe; em *Jerusalém* (2005), Mylia, Ernst e Hinnerk; em *Aprender a rezar na era da técnica* (2007), Rafa. A pergunta a qual o trabalho pretende responder é em que medida as obras analisadas representam a insanidade como “índice de sensibilidade superior” (SONTAG, 1984, p. 24), recorrendo ao processo de metaforização da doença discutido pela autora citada. Uma análise mais aprofundada das obras referidas nos permite notar que, por vezes, as doenças mentais são descritas como derivadas de um intenso sofrimento psíquico (oriundo da experiência da guerra, por exemplo) e, em outros momentos, como uma espécie de protesto diante de um mundo repressor, que viola direitos individuais em nome de uma razão arbitrária, supostamente coletiva, confirmando a afirmação de que: “As doenças sempre foram usadas como metáforas para reforçar acusações de que uma sociedade era injusta ou corrupta.” (SONTAG, 1984, p.46). A hipótese é a de que, explorando tanto a primeira como a segunda perspectiva, as obras tavianas não reproduzem idealizações danosas que prejudicam a compreensão da doença como fenômeno biológico, mas denunciam a sociedade em que vivemos por fabricar delírios e nomear, a partir de critérios arbitrários, quem são os indivíduos mentalmente sãos e os doentes.

A personagem Richard Brown e suas configurações: da apropriação da obra woolfiana à doença como metáfora

Luís Antônio Soares da Silva (USP)

Resumo *The Hours* (1998), de Michael Cunningham, narra um dia singular da vida de três mulheres pertencentes a gerações distintas: Virginia Woolf, em 1923, escrevendo um de seus livros mais famosos e enfrentando crises nervosas; Laura Brown, em 1949, lendo Mrs. Dalloway e refletindo apreensiva sobre sua inaptidão em cumprir os papéis sociais de mãe, esposa e dona de casa; e Clarissa Vaughan, vivendo como a Senhora Dalloway no fim do século XX, preparando uma festa para homenagear um amigo. Richard Brown está presente em duas das três narrativas, mas sua personagem permeia todo o livro: na infância foi abandonado pela mãe Laura e na idade adulta é o amigo íntimo de Clarissa, e assim como Virginia é um escritor de saúde fragilizada. O romance de Cunningham é uma apropriação da obra da escritora inglesa, ou pastiche, ou “riff” (YOUNG, 2003). O objetivo deste trabalho é analisar a simbologia da doença na literatura woolfiana através da personagem Richard Brown, soropositivo, eco literário de Septimus Warren Smith – duplo de Clarissa em Mrs. Dalloway, veterano da Grande Guerra, traumatizado pela experiência dos campos de batalha. Holden (2001) afirma que em quatro meses de guerra, 10% dos oficiais britânicos haviam sofrido algum tipo de colapso nervoso ou mental. Showalter (1993) observa que a epidemia da Aids promoveu, em vez de educação sexual, estímulo à fobia aos homossexuais. Certas enfermidades são metáforas não elucidadas em suas épocas que, conforme apontou Sontag (1989), culpabilizavam a vítima e provocavam sentimentos de vergonha: preconceitos e estigmas associados a homossexuais, e covardia ou histeria a soldados afetados por crises do sistema nervoso. Isto posto, pretendemos aproximar a abordagem à doença em ambos os romances, estabelecendo como base as considerações, dentre outros, das teóricas supracitadas.

A simbologia da hanseníase na produção de Bernardo Élis

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Universidade Federal De Catalão)

Resumo A obra literária pode refletir nossa realidade, todavia dentro de protocolos específicos, afinal haverá sempre uma “contenda pela representação da realidade, [...] um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos, hibridismos” (GINZBURG, 2007, p.8-9). No caso específico deste trabalho, seleciono o conto “As morféticas”, do goiano Bernardo Élis (1915-1997), por exhibir as clausuras que a humanidade constrói de forma a rechaçar os que não fazem parte de um determinado modelo social, e aqui pontuo o modelo da pureza e higiene. Tal justifica a confecção deste trabalho – os relatos históricos nos mostram que as doenças contagiosas carregam estigmas, preconceitos e violência, daí que excluir e isolar o enfermo pode simbolizar a exclusão que as sociedades sempre almejaram ao apartarem pessoas que não fazem parte de um status quo. Felizmente temos as artes, afinal, reconhecer-se no personagem ficcional pode nos levar da evasão à ação. A arte literária talvez não mude o mundo, mas nos faz pensar a respeito da nossa realidade e das agruras que nos paralisam, o que já é transformador. Objetiva-se uma leitura simbólica da contaminação capaz de nos fazer constatar que para além do seu oposto – a saúde ou a limpeza, a contaminação/sujeira revela a fragilidade do jogo de categorias e pessoas que deveriam ocupar “seu devido lugar” e que nossa altivez e prepotência tanto anseiam, afinal a contaminação é sempre aquilo que ofende e desestabiliza a arbitrariedade dos sistemas de classificação, seja o sistema econômico, político ou social. Ressalto que a metodologia se sustenta em teóricos devidamente referenciados ao longo do trabalho e que fornecerão um melhor suporte analítico para a leitura da obra selecionada, bem como trazer à baila a questão do estigma e do imaginário em torno das doenças e, também, do isolamento a que foram obrigados certos enfermos no decorrer dos séculos.

A tinta negra da escrita: a doença como metáfora em Philip Roth e Samuel Rawet

Mariana Alice de Souza Miranda (UFMS)

Resumo Nossa comunicação tem como objetivo aproximar tematicamente a novela *Homem comum* (2009), do escritor estadunidense Philip Roth, com o conto “A Batalha de Kurukshetra” do escritor brasileiro, Samuel Rawet, presente na obra *Os Sete Sonhos* (1967). A partir das considerações de Freud e Walter Benjamin sobre a melancolia e a alegoria, nossa hipótese é de que nesses textos a melancolia é representada metaforicamente a fim de expressar o conflito primordial do ser humano: o embate entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos). Desse modo, interpretamos a doença nessas obras como o conflito do sujeito situado no limiar da existência. A morte, ou melhor, o Real é aquilo que escapa ao simbólico, isto é, à linguagem, pois não há, na vida, a experiência da morte, no máximo há a experiência da morte do outro. Assim, a doença representa aquilo que, para o homem, é inefável e irrepresentável. A literatura é inseparável da imaginação, de modo que a elaboração simbólica a partir da linguagem permite que falemos do ausente ou do inexistente. Por fim, nosso trabalho propõe destacar como Philip Roth e Samuel Rawet elaboram de modo diferente um tema em comum: a doença e a morte. Ambos os autores são descendentes de famílias judaicas. Por esse ponto de vista, podemos refletir sobre o conceito de judeidade explicado pela psicanalista Betty Fuks. Para a autora, judeidade é o modo pelo qual cada sujeito vive a sua própria condição de ser judeu, ainda que a religião judaica se valha ou não para o sujeito. É algo que está sempre a ser construído, uma alteridade múltipla e inacabada, sempre em devir. Portanto, ligada ao desejo, uma vez que é um projeto subjetivo que direciona o sujeito para o futuro.

Diários da pandemia: uma reflexão sobre o gênero literário mais popular de nosso tempo

Fernanda Müller (UFSC)

Resumo O gênero literário “diário”, consagrado no século passado por autores como Anne Frank, Lima Barreto e Maria Carolina de

Jesus, ocupa um papel importante no registro ficcional de acontecimentos históricos e experiências pessoais dramáticas. Além de retratar vidas invisíveis em meio a uma guerra, em um manicômio ou em um barraco na favela, o diário popularizou-se como um gênero ideal para narrar surtos e epidemias, como bem exemplifica o romance reportagem “Um diário do ano da Peste” [1722], de Daniel Defoe. Não surpreende, pois, que em meio a pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, os diários tenham se popularizado tanto, invadido prateleiras de livrarias, páginas de internet, jornais, revistas, programas televisivos e podcasts, evidenciando seu potencial para apreender as novas experiências de contágio, doença, morte e isolamento social, sem escolas abertas, mas com muito teletrabalho, negacionismo e ônibus lotados. O gênero se fez presente em coletâneas de cartoons e charges, como “Diário da pandemia”, de Alpino; em compêndios no campo das ciências políticas e sociais, como “Diário da catástrofe brasileira”, de Ricardo Lísias, e “Diário de quarentena”, de Frei Betto; em crônicas de jornal, como o “Diário da quarentena”, de Antonio Prata; em programas de humor, como “Diário de um confinado”, de Bruno Mazeo; e em podcasts, como “Diário do front”, do cientista Miguel Nicolelis. Em meio a uma tal profusão de versões de um gênero que nasceu da literatura confessional e intimista, o objetivo desse trabalho é refletir sobre as muitas versões dos diários da pandemia de Covid-19 na cena cultural brasileira contemporânea, produções que buscam a reelaboração ficcional de experiências heroicas, patéticas, deliberadamente tediosas ou potencialmente traumáticas visando atribuir sentido a esse acontecimento que marcou o século XXI e as nossas vidas.

Doenças contagiosas em *Star Trek: The Next Generation*

Alex Ferreira Damasceno (UFPA)

Resumo *Star Trek: The Next Generation* (STTNG) é um seriado norte-americano de ficção científica, exibido entre 1987 e 1994, que conta a história dos tripulantes da Enterprise-D, uma nave espacial de exploração científica do século 24. Ao longo de sete temporadas, um dos temas mais recorrentes, conflito central de vários episódios, é a contaminação dos personagens por alguma doença contagiosa

desconhecida, de origem alienígena. Neste trabalho, a partir de uma abordagem neoformalista dos estudos de audiovisual (BORDWELL, 1989; THOMPSON, 1988), busco compreender como este tema particular é motivado pela inter-relação de diferentes dispositivos formais que estruturam a narrativa do seriado. Defendo que a doença contagiosa decorre principalmente de dois dispositivos. Em primeiro lugar, o tema está relacionado ao formato serial episódico, baseado no conceito de “bottled episode” (NANNICELLI, 2014). Como é comum em produções televisivas, por questões orçamentárias, muitos episódios de STTNG desenvolvem suas tramas em um mesmo cenário: a nave espacial se torna um espaço de confinamento propício para o contágio de doenças, especialmente pelo frequente transporte de espécies alienígenas. O segundo dispositivo formal é o gênero de ficção científica e o aumento do seu interesse, a partir dos anos 90, pelas descobertas da área das ciências biológicas (SLONCZWESKI e LEVY, 2003). Em todas as séries da franquia, um dos membros da tripulação – um dos personagens principais – é um médico, e muitos episódios de STTNG são narrativas centradas na investigação da cura de uma doença. Esse enfoque permite que o seriado aborde uma variedade de conhecimentos da medicina (diferentes parasitas, sintomas e tratamentos), assim como questões relacionadas à ética médica, aos avanços da tecnologia da saúde (aparelhos como tricorder e biofilter), e aos impactos políticos e sociais de epidemias em contextos interplanetários.

Entre médicos e pacientes: figurações afins nas narrativas de Júlio Dinis e Fialho de Almeida

Elisabeth Fernandes Martini

Resumo No século XIX, a doença ganhou as páginas dos jornais, haja vista o grande espaço que as epidemias ocuparam nas folhas lusas por todo o período. Particularmente, a compreensão do que seria e como se dava a contaminação pela “peste branca” ou “tísica”, como era conhecida a tuberculose, observou uma construção gradativa de conhecimento que repercutiu na mudança de figuração do doente, assim como o papel desempenhado pelo médico e a adoção de protocolos médicos para prevenção e tratamento, entre a primeira e a

segunda metade do Oitocentos. Ainda que as notícias ficassem inicialmente restritas à elite letrada, a intenção explícita de disseminar o saber científico e, por conseguinte, angariar um público mais alargado, recrudescer no meio jornalístico. A prevalência do cientificismo, com os avanços no campo tecnológico e na área de saúde, repercutiu na ação preventiva, por meio de um esforço pronunciado em prol da melhoria das condições de higiene em espaços privados e áreas públicas, e nas investigações para a profilaxia, pois a moléstia adquirira um caráter endêmico e o diagnóstico conduzia quase sempre para um trágico desfecho, chegando a 20 mil óbitos/ano no Portugal finissecular. Por sua vez, a seara ficcional canalizou preocupações afins que palpitavam na sociedade oitocentista, em virtude do transbordamento do pensamento científico, oferecendo vislumbres de modernidade que ecoam até os nossos dias. Médicos de formação que não chegaram a exercer a profissão, Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871) – eternizado pelo pseudônimo Júlio Dinis – e José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) abraçaram de forma irrestrita a literatura e plasmaram visadas contemporâneas por sobre o campo da Medicina e abordagens distintas na figuração dos atores, as quais proponho desvelar nas obras de ambos os escritores.

Literatura e necropolítica: desigualdade e exclusão no Brasil de ontem e de hoje

Denise Dias (UMEB)

Maysa Maria Silva de Miranda (IPEC/BA)

Resumo A presente comunicação visa investigar as obras de Jorge Amado *Capitães da areia*, 1937 e Tereza Batista *cansada de guerra*, 1972; de Moacyr Scliar, *Sonhos Tropicais*, 1992; de Pedro Nava, *Chão de ferro*, 2012; as quais suscitam o testemunho do caos social promovido por epidemias durante o século XX. A partir da leitura dos referidos romances, visualizamos essas doenças como metáforas da exclusão social, isso é observável no conteúdo e pano de fundo que descorrinam as mazelas e efeitos sociais causados por elas, especialmente em grupos sociais vulneráveis e menos assistidos pelo poder público. Os escritores lidos fizeram de sua experiência com a literatura um modo de entender o Brasil; por isso, essas obras conduzem o leitor a

refletir, de maneira geral, sobre o contexto histórico brasileiro principalmente pelo viés histórico-cultural e sanitário. Assim, nosso objetivo foi investigar de que forma os autores estabelecem, nas obras do corpus, uma discussão em torno da dimensão limítrofe entre vida e morte, explicitando a estética da necropolítica, termo cunhado por Aquille Mbembe, o qual afere que o Estado tem o poder de decidir quem morre e quem vive, a depender de como as políticas públicas vigoram no meio social. O método utilizado, durante a investigação, toma por base os textos teóricos dos filósofos Michel Foucault, Giorgio Agamben e Aquille Mbembe. Os resultados demonstram, via literatura, que o Estado utiliza-se de estratégias de políticas excludentes, fatos demonstrados nas obras em questão, cujo retrato apresenta um país historicamente marcado pelo caos social.

**Nostalgia, pandemia e sobrevivência:
um estudo comparatista das narrativas
distópicas de Margaret Atwood e Bernardo Carvalho**

Suenio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG)

Resumo O objetivo desta comunicação consiste em oferecer uma análise comparatista entre dois romances da literatura contemporânea: *Oryx and Crake* (2003), da canadense Margaret Atwood e, e o recém-publicado *O último gozo do mundo* (2021), do brasileiro Bernardo Carvalho. O interesse em comparar as duas obras tem a ver com as minhas pesquisas em literatura dos últimos anos, sobretudo aquelas sob a perspectiva dos estudos comparativos. Diante disso, pretendo mobilizar, como sugere o título desta proposta, a articulação de três temas por intermédio dos universos ficcionais de Atwood e Carvalho, a saber: nostalgia, pandemia e sobrevivência. Enquanto no texto da autora canadense, temos um cenário pós-apocalíptico devastado por um vírus criado em laboratório para dizimar a espécie humana, na narrativa brasileira, apesar de não haver uma referência explícita à Covid-19, é possível associar, a partir das pistas evidenciadas pela voz narrativa, o impacto da atual pandemia no nosso país. Além disso, o tema da sobrevivência, acentua ainda mais a retórica apocalíptica e as características distópicas que iluminarão a minha leitura sobre as obras cotejadas. Por fim, devo ressaltar o elemento nostálgico

que une as protagonistas de ambos os romances cujas trajetórias são marcadas pelo entrelaçamento do passado e do presente, assim como uma preocupação em relação ao futuro.

O cólera, o espaço gótico e a monstrosidade em “The Sphinx”, de Edgar Allan Poe

Renata Philippov (UNIFESP)

Resumo Entre junho e agosto de 1832, Nova Iorque sofreu uma intensa epidemia de cólera, que matou três mil pessoas e forçou um terço dos duzentos e cinquenta mil habitantes a fugirem da cidade (GARNER, 2015). É esse o pano de fundo para o conto “The Sphinx” [A Esfinge], de Edgar Allan Poe, originalmente publicado em 1846 na revista *Arthur’s Ladies’ Magazine*. O conto começa com a partida do narrador rumo ao norte do estado de Nova Iorque, a convite de um amigo, para que se exile da epidemia e permaneça em local bucólico, à beira do rio Hudson. As notícias calamitosas de morte e sofrimento, no entanto, continuam chegando e afligem o narrador, descrito por ele mesmo como propenso à melancolia e a maus presságios. Seu contraponto é o amigo, dono da cabana em que estão hospedados: este se mostra mais objetivo e psicologicamente estável, igualmente segundo o narrador homodiegético. Os dias passam e, cercado de livros da biblioteca, muitos dos quais versando sobre temas soturnos, o narrador começa a se sentir ameaçado por uma criatura monstruosa que somente ele vê e a qual descreve com pormenores aterradores. O conto termina com a explicação científica, dada pelo amigo anfitrião de que se tratava apenas de uma mariposa, vista em perspectiva por um narrador melancólico, confuso e aflito diante do contexto em que estava inserido. Em nossa comunicação, pretendemos analisar esse conto pelo prisma do gótico, tomando a espacialidade e os topoi da monstrosidade e da doença como focos. Para tal, recorreremos a Botting (1996), Punter; Byron (2012), Jeha (2007) e Zanoni da Silva (2007). Pretendemos, assim, compreender esse conto, menos conhecido do grande público, dentro de um conjunto de temas bastante recorrentes na contística de Poe: a morte, a doença, o medo injustificado.

O corpo doente como ruína gótica: uma leitura metafórica

Marcio Markendorf (UFSC)

Resumo O corpo é o templo do espírito, registra o livro de Coríntios, interpretação religiosa que penetra no senso comum e toma a imagem da casa imaculada como metáfora de um corpo são. No pensamento mágico-religioso, segundo estudos de Mary Douglas, costuma haver uma separação cultural e ritualística entre o puro/divino e o impuro/demoníaco, rito comportamental que avalia não apenas como proibido, mas também como potencialmente perigoso o contato entre as duas esferas. Em se tratando do campo das ideias, conforme argumenta Susan Sontag, doenças são saturadas de significados, de modo que um corpo enfermo está contaminado duplamente, pelo patógeno em si e pelos discursos culturais que o precedem. No espaço ficcional, especialmente o do gênero de horror, a narratologia demonstra que representações de uma casa horrífica costumam evocar o tropo miasmático, alusivo à doença, e no qual figuram mofo, manchas, infiltrações, deterioração, desmoronamentos, cheiro fétido. No âmbito dos miasmas, são comuns configurações em que o espaço arquitetônico é uma extensão protética dos próprios moradores, igualmente adoentados e até, por vezes, deformados pela doença, o que amplifica o sentimento de decadência e de contaminação. Vale destacar que a ficção gótica, uma das espécies do horror, costuma contemplar formas arquitetônicas (castelos, templos, mansões) marcadas pela passagem do tempo e pela decadência, além de funcionar como espaço de habitação do monstro/tirano ou de aprisionamento das vítimas. Dado esse contexto, pretende-se estabelecer conexões entre doença, arquitetura e monstruosidade, perceptível na literatura em descrições alusivas à impureza, ao perigo e ao contágio, o que remete ao horror cultural às afecções. A proposta desta comunicação, portanto, é fazer uma leitura do corpo doente como análogo a uma casa em ruínas, o que pode ser visto como sintoma de contaminações metafóricas entre corpo/templo, doença/monstruosidade e enfermidade/decadência – condições que imprimem à imaginação do adoecimento certo tom gótico.

Poe e as múltiplas face da peste em “King Pest the First” e “The Mask of the Red Death”

Ana Maria Zanoni da Silva (IMESB/UNIFESP)

Resumo O estabelecimento de um efeito como ponto de partida para a criação poética e ficcional serve de embasamento ao escritor, poeta e crítico estadunidense Edgar Allan Poe tanto para compor quanto para classificar sua obra ficcional. Segundo Howard (1960, 114-116), sob a nomenclatura de produtos da reflexão, Poe enquadra contos, cujo o efeito sobre o leitor advém da análise racional na reconstrução de acontecimentos inter-relacionados. Na categoria de arabescos estão contos em que o horror é abstraído de “um estado de violenta tensão”, enquanto na de grotescos estão aqueles, cujo efeito é obtido por meio “do humor sinistro e irônico”. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo analisar os contos “King Pest the First: A Tale Containing an Allegory” (1835) e “The Mask of the Red Death: A Fantasy” (1842) e demonstrar como Poe, ao valer-se de aspectos grotescos e arabescos retoma e transfigura o tema da peste, por meio de uma atmosfera de horror suscitada pelo medo, pelo isolamento e pela presença da morte. Ao transfigurar o real, Poe recria, na ficção, um mundo às avessas e estende tanto um convite à reflexão sobre os subterfúgios criados pela mente humana para escapar da morte quanto questiona a ordem imposta, ao mostrar falhas e incongruências dos mecanismos adotados como formas de controlar o contágio da doença. Os contos em apreço apontam para as transformações que o surto de peste impõe à sociedade, bem como mostram a atualidade e a acuidade crítica e criativa do ficcionista na configuração da trama narrativa apoiada sobre o tema da peste. As análises serão embasadas nas concepções teóricas de Poe, manifestas no Prefácio dos Contos Grotescos e Arabescos associadas aos postulados de Bakhtin (1999) sobre o grotesco e de Todorov a respeito do fantástico.

Poesia e pandemia: retratos do invisível

Gislaine Goulart dos Santos (UNICAMP)

Resumo O tema epidêmico compareceu na literatura em diferentes épocas. Na Europa, em obras como *Decamerão* (1348-1353), de

Giovanni Boccaccio; *Um diário do ano da peste* (1722), de Daniel Defoe; *A peste* (1947), de Albert Camus, *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago. Entre os latino-americanos sobressai a obra de Gabriel García Márquez: *O amor nos tempos de cólera* (1985). Na literatura brasileira, nas obras *Lucíola* (1865), surto de febre amarela, de José de Alencar; *A mão e a luva* (1874), epidemia do cólera, e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), tuberculose, bexiga e febre amarela, de Machado de Assis, *Ana de corona* (2020), de Gisele Mirabai. A literatura tem esse poder de resgatar e enunciar o significado dos acontecimentos e refletir sobre eles. A pandemia da COVID-19, no início de 2020, mais uma vez mostrou a fragilidade do humano. Para o filósofo Achille Mbembe, a “pandemia ressaltou a separação individualista e neoliberal da morte, dando a ricos a chance de se protegerem e expondo os pobres” (DUARTE, 2020, p. 118). Sendo o inimigo invisível, assim como o mercado, ele desafia nossa razão, já que os sentidos não são capazes de captá-lo, apenas de perceber seus efeitos. Em 2020, Osman Matos publicou *Poesia em plena pandemia*. Os 45 poemas versam sobre a batalha entre o homem e o vírus, isolamento social, comportamentos humanos (ódio, racismo, orgulho, amor, egoísmo, solidariedade), esperança, futuro, meio ambiente, desigualdade, capitalismo e política. O objetivo dessa comunicação é refletir sobre os poemas, “Invisíveis”, “#Fique em casa” e “CEF”, de Osman Matos, e o livro *A cruel pedagogia do vírus* (2020), de Boaventura Santos. Esses textos retratam a invisibilidade do vírus e do mercado; mal que reforça e torna mais visível a injustiça, a exclusão social e o sofrimento dos invisíveis, os “sem”: sem-teto, sem-comida, sem renda.

Sob o signo da peste: o tempo como metáfora em Belona, latitude noite, de Moacir Costa Lopes

Thallys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira (UFRN)

Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

Resumo No campo literário, é vasto o número de obras que trazem as epidemias como elemento constituinte de suas tramas, seja como tema principal, desencadeador direto de tensões ao longo do enredo, seja como tema secundário, para caracterizar a época em que se ancoram historicamente as ações narradas, por exemplo. Títulos

célebres, como os contos A máscara da morte rubra, de Edgar Allan Poe, e A peste, de João do Rio, e os romances O amor nos tempos do cólera, de Gabriel García Márquez, e A peste, de Albert Camus, além do recente Demerara, de Wagner G. Barreira, ilustram o interesse que a literatura apresenta pelo tema. Menos conhecido, embora igualmente notório em termos de composição estética, é Belona, latitude noite (1968), de Moacir Costa Lopes, romance em que é narrada uma viagem do cargueiro Belona II, a bordo do qual tripulantes e passageiros são acometidos pela Gripe Espanhola. A descrição realista do horror vivenciado pelos contaminados, vendo a peste ceifar a vida de seus entes próximos e vendo-se a si próprios na iminência da morte, contrasta com a insurgência de eventos fantásticos ao longo da obra, dentre os quais destacamos a “entrada” do navio, após a disseminação da doença a bordo, em uma noite sem fim. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo investigar a relação entre a tematização da doença no romance e a referida experiência sobrenatural do tempo, além da relação daquela com o tempo em si, na medida em que este promove um desgaste nos campos material e imaterial das experiências humanas, “corroendo” a matéria, a memória e a própria existência, assim como a peste “corrói” o corpo dos personagens contaminados. Fundamentam nossa análise autores como Benedito Nunes (1988), David Roas (2014), Remo Ceserani (2006), Susan Sontag (2007) e Lília Moritz Schwarcz (2020), além de outros.

Simpósio 18**Ecocrítica comparada, decolonialidade e literatura:
olhares sobre a natureza no antropoceno**

Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger (UFPR)

Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

Resumo O presente simpósio pretende constituir-se como um amplo fórum de discussões sobre textos literários – aos quais podem juntar-se obras de outros campos semióticos, tais como o cinema, artes plásticas, performances, produções em vídeo ou graphic novel, entre outras, ficcionais ou não –, que apresentem, em primeiro plano, questões ecológicas e tematizem a profunda crise nas relações humano-natureza. Na tradição literária ocidental, o mundo não-humano serve, na maioria das vezes, apenas como pano de fundo em tramas cujo foco principal está nos conflitos psicológicos e/ou sociais, na diversidade das relações de poder, de gênero e de etnia humanos. Contudo, existe também uma herança literária que foi capaz de dar voz a animais e vegetais, de pôr em cena ambientes naturais moldados culturalmente, de modo a problematizar a dicotomia natureza-cultura, questionando, inclusive, essa própria partição entre os registros do que sejam o natural e o cultural. No mundo anglo-americano existe uma forte tradição voltada para a chamada nature writing, preocupada em imaginar e reconstituir, no âmbito do texto literário, experiências autênticas com um determinado ambiente natural. O encontro literário com o outro que não somos (e ao mesmo tempo somos, como seres vivos) implica no domínio e manejo de um repertório de técnicas retóricas e narrativas que proporcione o envolvimento dos leitores de forma sensual, emocional e intelectual com os entes não-humanos representados. Análises críticas deste tipo de literatura podem proceder, por exemplo, de leituras baseadas em tropos tais quais os propostos por GARRARD (2006), como a Pastoral, o Mundo Natural (wilderness) ou o Apocalipse. Podem, ainda, abordar discussões relativas à representação de animais em literatura e outras artes ou aspectos concernentes ao especismo; enfim, todos os tipos de problematizações fundamentais sobre a relação humanidades – natureza – meio ambiente. Quando pesquisadores norte-americanos proeminentes, como Lawrence Buell e Ursula

Heise, destacam a interdisciplinaridade, a pluralidade e o ecleticismo dos estudos literários ecocríticos, caracterizados por um “spirit of environmental concern not limited to any one method or commitment” (BUELL/HEISE/THORNBUR, 2011, p. 418), documentam de certa forma a politização do seu campo de estudos. Textos literários repercutem aquilo que se entende, ou já se entendeu, por “natureza” em contextos histórico-culturais diferentes. Ao imaginar, encenar e refletir tais discursos, a literatura ganha em relevância social, considerando que seus modos estéticos de criação e técnicas de representação artística podem abrir perspectivas novas para a compreensão dos problemas ecológicos sistêmicos oriundos da assimetria nas relações entre humanos e mundo natural (CLARK, 2019). No antropoceno contemporâneo, a ideia do antagonismo cultura versus natureza, tão enraizado no pensamento ocidental desde a filosofia clássica grega, está se desfazendo. Atualmente, as relações das artes com o meio ambiente físico têm alcançado grande importância para o pensamento estético. A natureza no antropoceno “não pode mais ser vista sem que, radicalmente, esteja em colapso e/ou em reconstituição” (BOGALHEIRO, 2018, p. 53). Assim, ela deixa de representar o outro mundo, a alteridade não-humana, para tornar-se o espaço vivo e dinâmico que compartilhamos com todas as outras espécies, muitas delas extremamente ameaçadas pelas ações antropogênicas. Na América Latina e no Brasil, parte das tarefas de uma ecocrítica comparada reside em mapear as linhas concretas de desenvolvimento que as relações entre humanos e meio ambiente têm percorrido nos últimos quinhentos anos, enquanto a natureza tem sido objeto de imaginação e exploração (neo-)coloniais. O extrativismo não somente modificou radicalmente os ecossistemas do continente, mas deixou seus rastros no imaginário coletivo: há muito tempo, “as sociedades latino-americanas, sobretudo as elites, carregam nos genes uma espécie de DNA extrativista” (ACOSTA; BRAND, 2018, p. 28). No escopo das humanidades ambientais, um projeto ecocrítico decolonial deve contribuir com críticas ao modelo predatório de desenvolvimento em vigor, além de discutir propostas que ressignifiquem e valorizem os modos de ser e pensar nas culturas originárias dos povos colonizados. Atualmente continua prevalecendo o modelo extrativista altamente destrutivo, enquanto uma literatura brasileira que incentiva sensibilidades ecológicas ainda se faz pouco presente. Um pensamento ecocrítico brasileiro que leva o conceito de crítica

a sério, necessariamente deve estar ligado a questões de justiça e de transformação sociais. Assim, também procuramos estabelecer, no simpósio, um diálogo entre a ecocrítica literária ocidental e o pensamento decolonial oriundo do continente americano.

“Quanto vale uma baga?”:

Wilderness em *Mirtilos Silvestres* de Thoreau

Luan Caroline Oliveira Fontoura Kugler (UFPR)

Resumo Observar as minúcias das flores, examinar arbustos, estimar os tempos de colheita, diferenciar singulares sabores de bagas tantas e registrar cada detalhe em seus diários. Essas poderiam ser listadas como observações de um amante da natureza e até mesmo como implicações científicas. Em seu ensaio, *Mirtilos Silvestres*, Thoreau nos fornece registros pontuais e botânicos sobre a sazonalidade e o habitat de diferentes bagas silvestres em um misto de ciência e lirismo. Também aborda a perda e a mercantilização das terras dos nativos norte-americanos, a exploração do trabalho humano, a privatização da terra, a influência das ferrovias na natureza e critica o sistema educacional. Para Cronon (1995), Thoreau em seus ensaios nos oferece formas interessantes de repensar os problemas com o wilderness, apesar da ambiguidade da sua famosa afirmação, “na natureza selvagem está a preservação do mundo”, como um romântico, ele considerava a natureza como terna, benevolente, harmoniosa e ordenada, mas como um cientista ele sabia que ela era selvagem, caótica, dissonante e indiferente. Segundo Cronon (1995), wilderness é um lugar de liberdade no qual podemos recuperar o verdadeiro eu que perdemos para as influências corruptoras de nossas vidas artificiais. Em *Mirtilos Silvestres*, Thoreau reforça que a forma como vivemos e construímos cidades cria uma necessidade interminável de recursos naturais à medida que elas ficam mais densas e maiores, tenta alertar seus leitores e fazer com que “vivam e sejam um com a natureza”, diminuindo a quantidade de exploração. Exalta o valor e a satisfação de colher mirtilos. Fala da estética da natureza e do romantismo da experiência que oferece: ela é abundante, não é preciso ir muito longe para se alimentar. Assim, Thoreau nos faz reconhecer e nos reconectar com o wilderness que está ao nosso redor, em nosso próprio quintal.

**“Sob a geografia santa deste mapa”, “o tremor derradeiro”:
a colonialidade da natureza presente em *Fia*, de Jussara Salazar,
e *Mugido*, de Marília Floôr Kosby**

Mariana Cristina Pinto Marino (UFPR)

Resumo Como afirma Gisela Heffes (2014, p. 19), a “perspectiva ecocrítica se encontra em certa medida ausente no campo disciplinar latino-americano”. Segundo a autora argentina, as leituras ecológicas de obras literárias devem ser mobilizadas a partir da ideia de que a ecocrítica, enquanto ferramenta analítica, há que ser articulada no sentido de considerar questões particulares da América Latina, seus discursos de exploração às naturezas, “que afeta por igual tanto a terra quanto os sujeitos que a habitam” (*ibidem*). Seguindo essa postura, Priscilla Solis Yabarra (2016), em *Defining Mexican American Good Life Writing*, pontua que a segunda “era” dos estudos ecocríticos assume preocupações relacionadas à justiça social e considera a exploração de humanos e da natureza como sendo sobrepostas. Essas ideias, trazidas por Heffes e Yabarra, aproximam-se de proposições da ecologia política discutida pelo cientista político Héctor Alimonda (2011). Para ele, a persistente colonialidade que afeta as naturezas latino-americanas e seus habitantes humanos acontece porque aquelas, vinculadas à vida social, foram transformadas apenas em “terra”. Nesse sentido, a dimensão de uma natureza humanizada, trazida ao estudo da ecologia nas literaturas, nos permite utilizar ferramentas de análise que levem em consideração conflitos próprios dos territórios da América Latina, como sugere Heffes. A presente comunicação propõe valer-se desses referenciais para examinar duas obras em que a colonialidade da natureza constitui aspectos principais: *Fia* (2016), de Jussara Salazar e *Mugido* (2017), de Marília Floôr Kosby. Tratam, respectivamente, de temas como o impacto da indústria têxtil na vida material e simbólica de mulheres bordadeiras do interior de Pernambuco, assim como a implicação que a indústria da carne tem não somente na existência de vacas parideiras, mas também na de pessoas envolvidas no abate e consumo de bovinos. Além disso, faz-se premente analisar como essas tensões temáticas podem ser dimensionadas na estruturação interna das narrativas poéticas discutidas.

A Cosmotécnica e o projeto *Gênesis* (1999), de Eduardo Kac

Antonio Candido Silva da Mata (UnB)

Resumo Eduardo Kac, artista plástico e escritor brasileiro, nomeia seu poema *Gênesis* (1999) de “biopoema”. Produzido a partir da inserção em laboratório de um gene artificial em uma bactéria *E. Coli*, o poema propõe questões complexas, desde problematizar o que é a poesia em um contexto de intervenções feitas pela bio-engenharia em organismos vivos, até colocar em xeque a própria divisão entre cultura e natureza, uma vez que o próprio *Gênesis* é um híbrido entre ambos, da forma como o termo é pensado por Latour pelo menos. Gostaria de apresentar a ideia de que, no poema *Gênesis*, assim como em muitos outros trabalhos de Kac, temos um processos de compor com–, ou de simpoiesis, para falar com Donna Haraway. A composição do texto é resultado da interferência de um agente sobre o outro, o humano Kac sobre a bactéria *E. coli*, abolindo assim o princípio de domínio antropocêntrico do logos e da cultura humanos – princípio que, como acredito, é um dos sustentáculos do antropoceno via a cosmovisão do Naturalismo (domínio da cultura sobre a natureza), que como demonstra Descola é a que vigora no ocidente. Para meu trabalho, portanto, gostaria de pensar encima de dois eixos principais, sempre tendo em vista a exposição e leitura do poema. Primeiro, refletir a respeito do processo de hibridização que o poema propõe, onde a bio-semiótica da bactéria é traduzida através de um aparelho informacional para se confundir infinitamente com a semiótica do logos e da cultura humanos. E por fim, numa tentativa de repensar as práticas tecnológicas predatórias alimentadas pelo antropoceno, que enxergam a natureza apenas como recurso, demonstrar que o poema propõe uma forma de técnica não antropocentrada, como reivindicam Viveiros de Castro e Yuk Hui em uma entrevista recente, através da noção de “cosmotécnica”, proposta por Yuk Hui.

A escrita ecosófica e ecofeminista de Hilda Hilst

Marcelo Pereira Machado (IFMT)

Resumo O objetivo da comunicação é evidenciar a utilização de elementos não-humanos, de signos próprios da Natureza, de noções

integradoras sobre o meio-ambiente, na produção literária, em prosa, de Hilda Hilst. Tal atitude permite perceber, nos textos da escritora, a concepção de uma nova ecologia. Uma ecologia capaz de abarcar não somente o estritamente natural, mas também o social e o subjetivo. Essa perspectiva mais abrangente de se ler a natureza nos textos literários, levando-se em conta o aspecto físico, mas também a compreensão construída em torno do meio ambiente, é compartilhada por pesquisadores, como Greg Garrard, e filósofos, como Félix Guattari. Garrard salienta que a ecocrítica tem como intenção principal analisar os discursos que são produzidos em torno do entendimento sobre o ecológico. Já Guattari argumenta que a ecologia deveria ser pensada a partir de três esferas: o ambiental, o social e o subjetivo. Para ele, uma das maneiras de se articular um novo comportamento frente à crise ecológica é estar atento a essas três instâncias; só assim se conseguiria uma revolução ética e política, identificada como ecosófica. Hilst, portanto, ao trazer os elementos mencionados para seus textos, experiencia uma escrita pluralista e aberta às diferenças, constituindo um projeto altamente criativo. Além disso, aproxima-se de uma corrente de pensamento que se preocupa com a relação entre humano e natureza, assim como as questões de gênero, conhecida como ecofeminismo. A escrita de Hilst, assim, com base em Guattari, é uma proposta ecosófica, que dialoga também com as correntes ecofeministas, pois trazem uma nova maneira de lidar com a natureza e com os sujeitos reificados por sistemas opressores. Desse modo, valores e estratégias linguísticas são ressignificados, possibilitando a revisão de posicionamentos polarizados para homens e mulheres e de construção de cenários menos poluídos.

A literatura indígena na sala de aula: uma leitura ecocrítica do conto “Wuhu siburu, peneira de arumã”, de Jaime Diakara

Lidiana de Oliveira Barros (UFC)

Resumo Os efeitos da colonização nas Américas continuam a ter um forte impacto no presente. O genocídio de tribos indígenas, as várias formas de exploração da natureza, a escravidão, entre tantos eventos que caracterizaram as diferentes fases e processos de colonização, reverberam ainda hoje no nosso modo de pensar e de agir em relação

ao outro. Mas afinal, quem é o “outro”? Entendemos por “outro” a natureza e o que se convencionou denominar como parte dela. A fim de transcender essa contraposição estabelecida, o presente trabalho propõe um resgate do vínculo homem-natureza através da literatura indígena na sala de aula. O conto selecionado para essa leitura é “Wuhu Siburu, peneira de arumã”, de Jaime Diakara, presente na antologia *Nós*, organizada e ilustrada por Maurício Negro (2019). Além de tratar a questão indígena pelo viés literário, repensando os estereótipos impostos por uma cultura dominante, o trabalho pretende apontar a importância da ecocrítica no ensino. O intuito dessa abordagem interdisciplinar é fazer os estudantes perceberem que o senso de preservação e conscientização ecológica está diretamente relacionado ao respeito sobre si e sobre o outro. Nesse sentido, o trabalho fundamenta-se teoricamente nas reflexões de Mutarana (2002), Daniel Munduruku (2009), Graça Graúna (2013) e Ailton Krenak (2019).

***Cidade Selvagem*, de Raul Bopp: uma leitura ecocrítica**

Priscila Prado (UTFPR)

Resumo *Cidade Selvagem*, poema de Raul Bopp de 1926, abordado em perspectiva atual. Leitura ecocrítica, abrangendo aspectos relativos à ecologia em sentido amplo: vegetais, animais, humanos – suas interações entre si e em contexto espaço-temporal, sócio-econômico, de gênero, (de)colonialista. A crise do antropoceno, resultante de séculos de extrativismo e colonialismo, decorre de considerar o *ánthropos* como ente apartado da natureza, que lhe seria subalterna e, portanto, disponível a uso, abuso, descarte. Também são objeto dessa reificação pessoas consideradas próximas à natureza e, portanto, a ela equiparadas – seja por contexto sócio-econômico, de etnia, de gênero, ou outro. É a postura que tem permitido agressões e destruição indiscriminadas, como o desmatamento amazônico, por considerar a natureza como mera coisa: inerte, passiva; quando muito, um ornamento – “a mobília do planeta”, como adverte Mabey. Em *Cidade Selvagem*, ao contrário, a floresta é organismo vivo, complexo sistema dinâmico habitado pelos mais diversos seres vivos, dotados de capacidade de percepção, comunicação, inteligência, cooperação. Abre-se a reflexões sobre colonialismo e decolonialismo a partir da

imagem, no poema, do ádvena – no caso, o botânico Jacques Huber, suíço que foi diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia – que adentra a floresta com intenção catalográfica. Este personagem também serve de mote para se pensar – e questionar – as dicotomias de um sistema de pensamento binário, agudizado no Brasil durante a pandemia, que contrapõe, simplificando a polos extremados, os elementos de uma mesma realidade complexa: humano e natureza, masculino e feminino, conhecimento científico e culturas originárias. Vislumbra-se na obra de Bopp coerência com paradigmas cada vez mais urgentes: proteção ao meio ambiente, respeito à diversidade – inclusive de gênero –, reconhecimento da cultura dos povos tradicionais. Referências: Greg Garrard, Lawrence Buell, Timothy Clark, Peter Wohlleben, Acosta e Brand, entre outros.

Coreografias imprevisíveis do que se manifesta: vozes mais que humanas na escrita de Marília Floôr Kosby

Rafaela Scardino Lima Pizzol (UFES)

Resumo Aceitando o convívio tanto com a indeterminação da vida quanto com a inevitabilidade da morte, sem se furtar à responsabilidade própria da participação em “paisagens perturbadas”, na expressão de Anna Tsing (2019), bem como em sistemas de dominação, reducionismo e expropriação, a poesia caminha em direção a perspectivas profundas, de onde retornar não com obras acabadas, fechadas em si, mas com fagulhas, com faíscas: vislumbres de existências integradas às coreografias imprevisíveis do que se manifesta. Neste trabalho, a partir de uma análise do livro *Mugido* [ou diário de uma doula], da poeta brasileira Marília Floôr Kosby, procuro investigar os mundos multiespécies instaurados pela escrita – explorando não apenas o comentário poético sobre tais mundos, mas o modo como o texto literário se insere em sua constituição, convocando-nos ao “êxodo / de uma tal condição / humana” (KOSBY, 2017, p. 11). Num volume em que a reflexão lírica sobre a vida, a morte, a comida e o feminino é invadida pela narrativa da experiência como ajudante do pai, veterinário, no parto de um “terneirinho” natimorto, há muitas vozes (e muito mais que vozes humanas) que nos chamam a traduzir o mugido. A tradução solicitada pela autora implica entrar em relação

com um outro ente – mais-que-humano – que nos imponha a desarticulação, numa comunicação sempre imprevisita, porém profusa de significados. A reflexão aqui proposta busca estabelecer diálogo com os ensaios *Viver nas ruínas*, de Anna Tsing (2019), *Staying with the trouble*, de Donna Haraway (2016), e *Ecofeminism*, de Maria Mies e Vandana Shiva (2014), que indicam horizontes para um bem viver e um morrer com dignidade, em face da imersão em teias de existências interdependentes, mas, ainda assim, singulares.

Da “Natureza Brasileira”:

o Nature Essay em visualidade na composição de Rosana Paulino

Scheyla Joanne Horst (UFPR)

Resumo Ensaiar consiste em revirar um assunto com o intuito de gerar reflexões (ADORNO, 2003). Um ensaio da natureza, por sua vez, traz à tona temas ecológicos complexos de uma maneira concreta, podendo até mesmo engajar o público, ou, ao menos, causar desconforto. Este estudo analisa o ensaio visual “Natureza Brasileira”, da artista Rosana Paulino, por uma perspectiva ecocrítica. O objetivo é revelar as conexões existentes nas peças da série com a proposta do gênero literário *Nature Essay* (SCHRÖDER, 2019) e discutir sobre como a produção realiza um aprofundamento da natureza do povo brasileiro recorrendo a imagens registradas em diferentes períodos históricos, mas que reverberam até os dias de hoje. A artista Rosana Paulino é uma mulher brasileira, negra, doutora em Artes Visuais. O ensaio visual de interesse neste estudo foi lançado em dezembro de 2020 na *Revista ZUM*, especializada em fotografia e publicada no âmbito do Instituto Moreira Salles. Dentre as referências utilizadas na composição do ensaio visual estão: cenas advindas do racismo científico, imagens de catálogos da flora brasileira, cartões postais do Brasil Império e primeiros anos da República, fotografias atuais, tipografias, ilustrações e intervenções da autora. Como a própria Rosana Paulino indica, ela realiza uma sutura de assuntos não tratados pela sociedade brasileira, conceito que apresenta para refletir sobre o seu método artístico que une diferentes componentes e que, inevitavelmente, fala a respeito da violência que persiste no país na contemporaneidade.

Descolonizando os jogos de tabuleiro modernos: de Catan à Spirit Island

Isabelle Maria Soares (UFPR)

Resumo Considerado o pai dos jogos de tabuleiro modernos, *Catan* (1995), do designer Klaus Teuber e cuja as primeiras edições foram publicadas como *Colonizadores de Catan*, apresenta em sua proposta temática e narrativa, seu objetivo e sua mecânica, a colonização de uma ilha fictícia: Catan. Nesse mundo imaginário, cada jogador cumpre o papel de um colonizador, com o objetivo de extrair e negociar recursos, construir rotas e vilas e agrupar exércitos. Com base nessas possibilidades, vence o primeiro que somar 10 pontos. A partir de *Catan*, muitos jogos de tabuleiro vieram a ser publicados com proposta semelhante: conquistar, colonizar, negociar, competir. Contudo, a ampliação do hobby no mundo todo fez com que novas propostas de jogos surgissem para desafiar o que já vinha sendo ofertado. Um bom exemplo é o *Spirit Island* (2017), de R. Eric Reuss, no qual cada jogador encarna o personagem de um espírito que representa algum elemento da natureza: água, planta, rocha, tempestade. Além disso, os jogadores não competem uns com os outros, como tradicionalmente, mas, de forma cooperativa, se unem para defender a ilha de colonizadores: o jogo termina com a vitória ou a derrota do grupo. O contraste entre uma proposta competitiva com base no colonialismo e extrativismo, e outra cuja estética dialoga com a natureza em uma mecânica de cooperação entre jogadores com o fim de defender um ambiente comum, demonstra que há iniciativa de descolonizar o imaginário tipicamente produzido pela cultura dos jogos de tabuleiro. Nesse sentido, faremos uma leitura desses produtos culturais pela ótica do Ecoplay (BIANCHI, 2018), que conecta o ato de jogar com a forma de entender criticamente o jogo como um dinamizador dos discursos ambientais, haja vista que o mundo dos jogos de tabuleiro mostra-se um campo estimulante na discussão e reflexão sobre questões ecológicas (FJÆLLINGS DAL, KLÖCKNER, 2020).

Ecologia e Poesia: a ecoespiritualidade e a teia da vida em *A duração do dia* (2010) e *Bagagem* (2006), de Adélia Prado

Marta Botelho Lira (UTFPR)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo apresentar o modo como Adélia Prado, nas obras *A duração do dia* (2010) e *Bagagem* (2006) trata de forma poética a ecologia. Tem-se como metodologia a análise por um viés ecocrítico. A fundamentação teórica é respaldada, principalmente, na ideia sobre a teia da vida de Fritjof Capra em *A teia da vida* (2006) em que o autor apresenta e discute a teoria sistêmica, isto é, tudo integra um sistema, está inter-relacionado; reiterada pelo pensamento de Leonardo Boff, em *Ética e Ecoespiritualidade* (2011) em que define a ecologia como um estado de consciência humana caracterizada por benevolência, compaixão, solidariedade, respeito e cuidado para com a natureza e de Michel Deguy em *Ecologia e poesia* (2010) a respeito da correspondência entre a poesia e a ecologia, porque em ambas estão implicados o ser e o estar do homem no mundo. Corroborando com a discussão, a ideia de Giorgio Agamben em “O que é o contemporâneo?” e outros ensaios (2009). O autor define o ser contemporâneo como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62), por exemplo, os poetas, por perceberem a escuridão do presente e evidenciarem isso por meio da literatura, da poesia. A autora mineira denuncia as relações ecológicas, o comportamento antropocêntrico da humanidade por meio da sua poesia.

El chamán, el científico y el poeta: tres imágenes de la naturaleza para la era antropocénica

Dino Brian Schwaab (UNILA)

Resumo La transformación del hombre en una fuerza geológica (Antropoceno) nos pone delante desafíos que alteran, de facto, las relaciones entre hombre y naturaleza y nos obligan a repensar la episteme moderna. Como señalan Danowski y Viverios de Castro el antropoceno contribuye para el desmoronamiento “da distinção fundamental da episteme moderna, a distinção entre as ordens cosmológica e

antropológica” (2015: 26). Sin embargo, no contamos aún con relatos a la altura de ese desafío. Nuestra idea de naturaleza, las historias que nos contamos, aún están fuertemente tamizadas por la idea moderna en donde la naturaleza es un recurso, lo cual vuelve a la actual época una época de peligros, lo que Isabelle Stengers llama “intrusão de Gaia”. Nuestra propuesta es realizar un breve recorrido por tres imágenes alternativas (alternativas a la imagen moderna, prometeica) de la naturaleza, la que supieron esbozar Davi Kopenawa, James Lovelock y Maurice Maeterlinck: el chamán, el científico y el poeta. Estas tres imágenes se organizan, cada una, en torno a los siguientes ejes: la idea de una naturaleza habitada por “espíritus”, la idea Gaia, y la idea de inteligencia como fluido universal. Las tres nos dan herramientas para elaborar otras perspectivas posibles sobre la naturaleza y el hombre que estén a la altura de nuestra actual era antropocénica. Referencias bibliográficas: DANOWSKI, Déborah, Viverios de Castro, Eduardo, *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2015. STENGERS, Isabelle, *No tempo das catástrofes. Resistir à barbárie que se aproxima*, São Paulo, Cosac Naify, 2015.

Entre paisagens e ressonâncias: a natureza amazônica como força vital do poemeto haikai

Cacio José Ferreira (UFAM)

Resumo A presente comunicação empreende uma reflexão em relação à natureza que compõe a força motriz do haikai. No poemeto japonês, Bashô, observa a coloquialidade da paisagem e a amplia em camadas de cores e simulacros na busca pelo instante poético. O olhar singular da natureza pelo poeta é a verdadeira inspiração para recriação. Tal processo também perpassa pela preservação da real motivação da recriação: o meio ambiente. Nessa perspectiva, o objetivo dessa investigação é suscitar diálogos criados por meio da construção poética do haikai produzido no Amazonas, tendo a paisagem amazônica como é um dos elementos que compõe o campo imagético de alguns haicaístas do Amazonas: Luiz Bacellar, Roberto Evangelista, Aníbal Beça, Zemaria Pinto, Jorge Tufic, Rosa Clement. A poética suscitada em cada camada dos poemetos e a força imagética da

natureza, somados ao instante cristalizado, permeiam o trabalho. A escolha estética de cada poeta, cadenciada e perfeitamente imaginada, faz com que a natureza se torne poesia por meio da prática da linguagem. No entanto, não é apenas isso. Há uma singularidade que vai além da degustação da palavra, pois a imagem amazônica sugere uma amplificação duplicada de sentido no poemeto. A sensibilidade do escritor também conduz a uma percepção rítmica e sonora inerente a cada verso. Dessa forma, a imagem da natureza é dilatada gerando a uma espécie de oralidade ressoante. O processo de junção da imagem e da palavra gera uma natureza que requer preservação. Assim, tendo como base os haicais produzidos no Amazonas, o debate poético, a essência depurada, a engenhosidade do haicai e o entrelaçamento da natureza são elementos principais desta comunicação.

Espaços perigosos e eco-ansiedade em “Flower Hunters” e “Snake stories”

Delzi Alves Laranjeira (UEMG)

Resumo O termo “Antropoceno” é utilizado para designar a época em que a ação humana sobre a biosfera se tornou uma ameaça. A ficção climática emergiu de forma assertiva no início do milênio, propiciando representações sobre a mudança climática antropogênica e suas consequências para o presente e o futuro da humanidade e do planeta (JOHNS-PUTRA, TREXLER, 2016). O que pode acontecer a ambos tem sido uma fonte de crescente ansiedade para as pessoas, denominada “eco-ansiedade” (USHER, DURKIN e BHULLAR, 2019). Os contos de Lauren Groff são analisados sob essa ótica de incerteza, em que as consequências ecológicas e sociais se tornam imprevisíveis (HEISE 2008), afetando as personagens. Em “Flower hunters” a leitura do livro de um naturalista que mapeou a Flórida no século dezoito leva a protagonista a refletir sobre a degradação sofrida pelos espaços naturais e urbanos, simbolizada pelo surgimento de uma cratera no quintal de sua casa. Ela também situa os espaços que convive como mediadores dos relacionamentos: casamento, amizade e maternidade misturam-se às inquietações quanto à mudança climática e o futuro dos filhos. De maneira similar, em “Snake stories” a narradora conecta as experiências conjugal e materna, um mau relacionamento

anterior e uma garota que sofreu estupro, a uma reflexão sobre como os bairros de classe média branca da Flórida convivem com as serpentes que coabitam seus espaços. Esses répteis tornaram-se parte da paisagem e das vidas das pessoas, embaralhando a noção de espaço ameaçador. São os humanos ou as serpentes o verdadeiro perigo? Como a personagem de “Flower Hunters”, ela também teme pelo futuro de seus filhos antes às consequências do aquecimento global e da degradação ambiental. Neste sentido, as histórias de Groff podem ser percebidas como distópicas, pois suas protagonistas veem seus espaços desprovidos de certezas e de futuro sob a perspectiva sombria do Antropoceno.

**Humanos e não humanos na Literatura Contemporânea:
um estudo sobre animalidade em *Enterre seus mortos*
de Ana Paula Maia e *Bajo este sol tremendo* de Carlos Busqued**

Diego Kiill (UNILA)

Resumo Considerando as pesquisas recentes sobre as interações entre os seres humanos e não-humanos, suas subjetividades e simbologias, nas ciências literárias, analisa-se neste trabalho como a Animalidade é representada na produção literária contemporânea, e de que forma as representações encontradas se relacionam com os aspectos socioculturais de um determinado espaço geográfico, neste caso, a América Latina. Assim, o objetivo desta comunicação é apresentar uma leitura comparada sob a perspectiva dos Estudos dos Animais das obras *Enterre seus mortos* (2018), da brasileira Ana Paula Maia, narrativa protagonizada por Edgar Wilson, um recolhedor de animais mortos do setor de zoonose de uma cidade interiorana, que precisa levar uma mulher morta ao necrotério, e *Bajo este sol tremendo* (2009) romance do argentino Carlos Busqued, que narra a história de Certati, um homem desempregado, que é chamado a ir à uma cidade para buscar as cinzas da mãe e do meio-irmão e a obter uma apólice de seguro, com a intenção de analisar de que forma os seres humanos e não-humanos se relacionam nas narrativas em questão. Para tanto, serão utilizados estudos sobre a Animalidade de Maria Esther Maciel (2016) e da Ecocrítica de Greg Garrard (2002), como também aportes teóricos sobre as obras literárias

Imaginar outras cidades: artes indígenas transformando concreto em vida

Randra Kevelyn Barbosa Barros (PUC-RIO)

Resumo Os centros urbanos convidam as pessoas a buscarem constantemente o progresso e o desenvolvimento, princípios da modernidade cada vez mais intensificados. Ao analisar a construção das cidades nos territórios latino-americanos, desde o início da colonização até o século XX, Ángel Rama (2015) percebe que os europeus projetaram uma ordem na perspectiva da estrutura física e da hierarquia social, implantando o capitalismo e o modelo de civilização. Contemporaneamente, a concretização dessa proposta é observada em uma paisagem repleta de edifícios, outdoors chamativos, veículos acelerados e os indivíduos no ritmo desse tempo veloz, se tornando seres mecânicos. Há o apagamento da biodiversidade para que sejam erigidos os prédios, símbolos da suposta superioridade racional do homem em relação às outras espécies. Questionando a paisagem dos centros urbanos, as artes indígenas têm sugerido a importância de cultivarmos relações com o lugar que sejam marcadas pela comunhão com a Terra. Diante da relevância dessas produções, busca-se analisar a criação de outras cidades no trabalho “Tyty: memórias de beija-flor”, elaborado por Denilson Baniwa (2021) para o Rec.tyty: Festival de Artes Indígenas. O vídeo mostra imagens de indígenas trabalhando, havendo a sobreposição de grafismos baniwa e, ao fundo, ouve-se um poema entoado pelo artista junto com o som do trânsito frenético. A voz poética expõe o impacto dessa vida utilitarista em sua existência e sonha com uma cultura urbana diferente, na qual possa ser plantado um território-floresta (BANIWA, 2021). A política do envolvimento (Ailton Krenak, 2017) seria praticada nos gestos de as pessoas envolverem-se com diversos seres e se empenharem para remover o concreto da paisagem urbana e de suas próprias vidas. Assim, o estudo questiona as marcas do antropoceno nas cidades e analisa a importância de as poéticas indígenas estarem criando outras possibilidades de vida em envolvimento com a Terra.

Jogos Digitais e a Ecocrítica: Leituras possíveis

Bryan Rafael Dall Pozzo (UFPR)

Resumo Atualmente, muito se versa sobre a capacidade Ecocrítica dos jogos digitais. Contudo, muitas vezes estudos priorizam análises visuais dos jogos ou sobre determinadas interpretações de suas narrativas, ignorando camadas intrínsecas do jogo, tais como mecânicas e regras, materialidade de seus dispositivos, composição de trabalho dessas empresas e até o poder afetivo e de ensino que a mídia possui. De tal forma, precisamos entender o que efetivamente uma análise Ecocrítica de um jogo deve considerar ou quais seriam os termos para se considerar um jogo, de fato, Ecocrítico, ou como posto por Melissa Bianchi (2018) o que forma uma Ecoplay. Sendo assim, nos debruçamos sobre os estudos de Alenda Chang (2011); John Parham (2016); Miguel Sicart (2011), Melissa Bianchi (2018; 2020) e entre outros no sentido de melhor interpretarmos a composição “natural” dos jogos. Dessa forma, buscamos entender o que é uma gameplay ética nos termos da Ecocrítica, a capacidade lúdica e de engajamento dos jogos em questões ambientais, o papel da indústria na produção e distribuição massiva de tal commodity e suas consequências ambientais, bem como o papel do usuário no consumo e utilização da mídia. Por fim, entendemos que para um jogo ser analisado ecocriticamente ou ser considerado Ecocrítico deve necessariamente ter algumas preocupações, tais como uma representação não antropocêntrica em seu design, uma preocupação com a materialidade dos jogos e com sua capacidade afetiva e de ensinar o jogador sobre tais relações, além de um questionamento do que pode ser considerado um “fun-time”.

Linhas naturais de comunicação nos escritos amazônicos de Euclides da Cunha

Juliana Ristow Canuto (UFPR)

Resumo Esta comunicação pretende trazer ao centro do debate o ensaio Transacreana, pertencente à uma coleção de ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, postumamente publicada sob o

título de *À margem da história* (1909), com o objetivo de afirmar o seu lugar próprio e importância no pensamento ecocrítico nacional, por meio da força residente na sua expressão de interdependência da experiência humana no Brasil e na ecologia. Nesse ensaio Euclides mescla a sua relação com a experiência amazônica ao mesmo tempo em que apresenta a relação dos habitantes e forasteiros com o ambiente natural, que por sua vez também reage à todas essas presenças; desse modo o próprio texto apresenta-se como um ecossistema, acreditamos ser essa uma das mais profundas marcas de originalidade nos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, cujas repercussões a nível formal e temático são incontornáveis para a sua compreensão. Reunindo elementos de ao menos três grandes áreas – ecologia, geografia e política – a obra de Euclides da Cunha oferece-se como projeto de revolução social, política, ambiental e ensaística para um novo e antigo lugar do homem na natureza, uma vez que temas que ainda nos são caros como por exemplo a destruição das matas nativas e o extrativismo predatório em nome do chamado progresso são recorrentes.

O valor da natureza no romance

***O som da montanha* (1954) de Yasunari Kawabata**

Narumi Ito (USP)

Neide Hissae Nagae (USP)

Resumo Os japoneses demonstraram, ao longo do tempo, como a sua relação com a natureza foi moldada de forma distinta, quando comparamos com a visão ocidental. No Japão, diversas manifestações artísticas, como a literatura, o cinema e as artes visuais retratam o meio ambiente com uma ênfase especial em suas produções. Este é o caso de algumas obras do escritor Yasunari Kawabata (1899-1972), premiado com o Nobel de Literatura em 1968. Em seu romance *O som da montanha* de 1949, somos capazes de vislumbrar o papel da natureza em vários elementos narrativos. Uma das possibilidades é por meio da representação do ciclo da vida dos personagens – nascimento, juventude, velhice e morte, – em que esse acontecimento biológico e humano também está relacionado profundamente com os conceitos budistas de impermanência e efemeridade. Muitos dos princípios e dos ensinamentos do xintoísmo e do budismo podem

ser encontrados nas artes nipônicas com relação, inclusive à fauna ou à flora. Nesses pensamentos, a natureza e as divindades possuem igual importância, ressaltando uma visão peculiar do meio ambiente, onde ele passa a ter mais valor do que o próprio ser humano. Portanto, este trabalho tem o intuito de analisar a representação da natureza no livro *O Som da Montanha*, de Kawabata, desenvolvendo um contraste com o olhar ocidental no que diz respeito ao respeito à natureza por meio de reflexões de estudiosos como Teruhiko Torada (1935) e Haruo Shirane (2020).

Paisagens sonoras: o som do aquecimento global através dos insetos, no ensaio de Hugh Raffles

Francis Raime Zagury Matos (UFPR)

Resumo Esta comunicação se propõe a apresentar as paisagens sonoras em “The sound of global warming”, um dos muitos ensaios da premiada coleção *Insectopedia* (2011) do antropólogo britânico Hugh Raffles, com o objetivo de chamar a atenção, através dos sons, para a importância de o ser humano urgentemente “ouvir” o aquecimento global como uma ameaça real e imperativa. Nessa obra, Raffles compartilha os estudos sobre os sons que besouros produzem, especificamente os que habitam as florestas de pinhões no sudoeste dos Estados Unidos bem como a experiência de se estar no interior de uma árvore e captar os sons que elas emitem. Ao mesmo tempo, Raffles apresenta as impressões a respeito do aumento da população destes insetos, em decorrência do som das implosões de bolhas de vácuo formadas no tecido da casca das árvores, devido às altas temperaturas registradas nos últimos anos, o enfraquecimento e morte das mesmas. Com base nos estudos sobre Soundscape, de Murray Schafer, e Soundscape Ecology, de Bryan Pijanowski, pretende-se registrar a relevância que o elemento acústico pode trazer na profunda reflexão ecocrítica sobre este universo pouco conhecido com a possibilidade de aproximar mais o ser humano da realidade ecológica que atualmente vivencia. Realizando um levantamento das paisagens sonoras e classificando-as pretende-se, também, destacar os comprometimentos e interações visuais decorrentes da ação humana na busca incansável pelo progresso.

Representação literária da ciência e do cientista no Antropoceno

Maria Cecilia Marks (USP)

Resumo A proposta desta comunicação parte do debate atual na sociedade sobre a possibilidade de o vírus SARS-COV-2, causador da pandemia de Covid-19 que assola o planeta há quase dois anos e já provocou milhões de mortes, ter sido produzido em laboratório. Independentemente se com propósitos ideológicos e mercadológicos ou de maneira acidental, pretendo analisar tal hipótese com base na representação literária da ciência e do cientista no Antropoceno. Para tanto, tomo como ponto de partida cenas do “Fausto” de Goethe, tragédia em que há a tentativa de criar um ser humano em laboratório, e como ponto de chegada trechos e capítulos de “O Homem sem Qualidades”, de Robert Musil. Em seu romance-ensaio, esse autor questiona o paradigma científico contemporâneo, traçando um perfil dos homens de ciência em que evidencia o excesso de especialização como uma deformação. Assim, é possível imaginar pesquisadores ultraespecializados do Instituto de Virologia de Wuhan, que está sob suspeita e investigação internacional, manipulando geneticamente cepas de coronavírus com propósitos científicos. Com base nas obras citadas, identificamos um posicionamento visionário e crítico, por parte desses escritores, com relação ao custo social e ambiental do caminho tomado pela humanidade em direção a um suposto progresso que acaba por se transfigurar em morte e destruição, com um caráter mefistofélico, em detrimento de um desenvolvimento científico sustentável, que leve em conta uma visão sistêmica do mundo, em que o ser humano atue de forma integrada à natureza.

Simpósio 19**Entre o cânone e o esquecimento:****processos de (não) canonização de autores e obras**

Valdiney Valente Lobato de Castro (UERJ)

Alan Victor Flor da Silva (CMBEL)

Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

Resumo Segundo Robert Darnton (2010), os autores constituem um segmento de um circuito de comunicação associado a muitos outros elementos, como os editores, os tipógrafos, os livreiros, os leitores, entre outros. Esse circuito demonstra que os escritores não são os únicos envolvidos nos processos de produção e circulação de impressos. Muito pelo contrário, são completamente dependentes dos demais agentes do circuito de comunicação e estão à mercê das influências intelectuais, da conjuntura econômica e social e das sanções políticas e legais. Do mesmo modo, Roger Chartier (1999) afirma que os autores também estão constantemente sujeitos a uma série de tensões que delimitam a atividade da escrita, pois quase sempre são obrigados a atender as exigências implícitas ou explícitas impostas pelos editores, pelo suporte material onde se materializam os textos, por uma ou várias comunidades de leitores e, de um modo bem mais geral, por um mercado de circulação de impressos. Sendo assim, a compreensão acerca do cenário literário construído na entronização de um escritor expande-se como um processo de aceitação para além da mera relação entre autor e público: Bourdieu (1996) destaca afinidade do escritor com seus pares como elemento singular no processo de canonização. Nesse sentido, todos esses segmentos do circuito de comunicação interferem diretamente não apenas na atividade de produção literária, como também no estatuto do qual desfruta um escritor na sociedade na qual está inserido. Em razão do papel que esses agentes desempenham, alguns autores desfrutam de um espaço privilegiado no meio artístico-literário, enquanto outros são relegados ao esquecimento. Reconstruir, portanto, o processo de canonização de um determinado escritor é remontar todos os seus passos percorridos ao longo dos anos para alcançar um lugar de relevo no cânone literário, o lugar ao qual pertence o grupo seletivo dos autores mais representativos de uma determinada nacionalidade. Segundo Marisa Lajolo (2001) e Márcia Abreu (2004), um escritor, para alcançar esse

lugar de prestígio, deve passar pelo número máximo de instâncias de legitimação ou consagração, a exemplo das universidades, dos suplementos culturais dos grandes jornais, das revistas especializadas, dos livros didáticos, das histórias literárias, entre outros. Essas instâncias, de modo geral, apresentam a tarefa de julgar e hierarquizar o conjunto de textos que circulam em meio a uma determinada sociedade e, conseqüentemente, são as responsáveis pelo estatuto social atribuído aos autores, pois têm o poder institucional de declarar escritores e obras como pertencentes ao cânone literário. A (não) canonização implica, além da avaliação da qualidade estética e literária das obras, diversas conseqüências mais concretas. Os autores canonizados, por exemplo, desfrutam de um espaço muito mais privilegiado no cenário literário, pois são estudados por diversos críticos e especialistas e apresentam uma extensa fortuna crítica, assim como também as obras desses literatos possuem várias e diferentes edições (para todos os gostos e, sobretudo, para todos os bolsos) e, por conseguinte, podem ser lidas por um público leitor muito mais amplo e diversificado. Os não canonizados, em contrapartida, possuem pouco espaço no cenário literário, pois carecem de críticos e especialistas, de referências bibliográficas, de fortuna crítica, de edições para suas obras e, principalmente, de leitores. Em alguns casos não muito raros, até mesmo informações biográficas a respeito de escritores que ficaram à margem do cânone são difíceis encontradas, a exemplo do ano de nascimento e morte, naturalidade, bibliografia, entre outras. As pesquisas em periódicos, por exemplo, revelam uma série de escritores brasileiros que produziram durante os séculos XIX e XX, mas hoje são completamente desconhecidos dos leitores deste século, isso porque os impressos desenharam a imagem da leitura: periodicidade, diversidade de temas, atualidade e propagação mudaram as práticas de produção e leitura do texto literário, o que produziu uma democratização da leitura devido o acesso fácil tanto no que concerne ao barateamento dos custos quanto às condições de manuseio do suporte. Com isso as folhas públicas passam, então, a desenhar a imagem da leitura e as relações que por ela se estabelecem entre os sujeitos que cooperam para a circulação do texto literário. Desse modo, a proposta deste simpósio temático é congrega trabalhos que procurem traçar aspectos da trajetória de consagração ou de esquecimento de autores e obras de qualquer nacionalidade e de qualquer século. Para tanto, esses trabalhos devem considerar

o papel da crítica literária, das histórias literárias, das universidades, das editoras, das livrarias, dos jornais, entre tantos outros.

“É um sucesso entre o público a obra do escritor desprezado pela crítica”: o caso de Alexandre Dumas

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca (UnB)

Resumo Alexandre Dumas, o reconhecido autor francês oitocentista de “Os três mosqueteiros” e “O Conde de Monte Cristo”, obteve a consagração entre o público, porém, não recebeu a mesma consideração por parte da crítica de sua época, que o condenava justamente por sua popularidade. Sainte-Beuve para a “Revue des deux mondes”, em 1839, criticou os autores de romances-folhetins, afirmando que produziam “literatura industrial”. Eugène de Mirecourt, no folheto “Fabrique de romans: Maison Dumas et Compagnie”, de 1845, solicita a Émile Girardin que feche as portas de seus jornais para o que considerou como um “vergonhoso mercantilismo de Dumas”. Mirecourt acusava o escritor de ter uma rede de produção colaborativa, que o ajudava na realização de seus romances-folhetins. Por trás dessas críticas, relacionadas à suposta produção “mercantilista” ou à “realização a várias mãos” dos romances de Dumas, circunscreve-se certo ideal de escritor literário, relacionado ao estatuto privilegiado alcançado a partir do século XVIII. Segundo Bénichou (2012, p. 51), o escritor, exercendo seu ofício em permanente generosidade, deveria “transcender interesses, para fazer seu crédito residir nos valores que definem.” Dumas, ao contrário desse ideal promulgado, tinha orgulho de ser um vulgarizador, ou seja, de popularizar os temas e linguagem românticos ao grande público. Realizando tal feito, a despeito das críticas que recebeu em sua época, o escritor angariou seu lugar na cultura e no imaginário social, passando, ao longo do tempo, a receber novos critérios de avaliação que têm sido reunidos para sua consagração junto às instâncias de legitimação. Pretende-se, assim, a partir da figura do prolífico escritor romântico Alexandre Dumas, trazer ao debate como a efetiva consagração entre o público pode levar a obra de um escritor literário ser julgada como inferior do ponto de vista estético.

A crítica literária de Dario Fo e a sua função nos estudos do/sobre o autor no Brasil

Bárbara Cristina Mafra dos Santos (UFSC)

Resumo Dario Fo (1926-2016) foi um autor, ator e diretor italiano, vencedor do Prêmio Nobel de literatura de 1997, porém embora a reconhecida importância de sua obra para a literatura italiana do século XX, no Brasil possui apenas duas dissertações de mestrado na área literária, e de seus mais de cem textos publicados na Itália, apenas cinco possuem tradução para o português-brasileiro, e, alguns apenas de forma parcial. Desta forma, percebe-se que pouco se tem como fortuna crítica do autor, no Brasil, para que se possa conhecê-lo e entender, como o público brasileiro o conhece ou o lê. Com este pensamento, esta comunicação se baseia na afirmação de Durão (2016), de que “a crítica tende a implicar algum espaço concreto de veiculação e a consequente existência de um público leitor, de uma esfera pública na qual se inserirá.”, tendo em vista a esfera pública de um autor, esta comunicação pretende apresentar um pouco do que se tem de crítica literária de Fo no país. Em consonância com Durão, de que hoje existem duas formas de crítica literária, a acadêmica e a jornalista, pretende-se compreender em qual das duas veiculações o autor possui mais espaço e qual é a função dessas críticas para os estudos sobre ele e sua obra.

A lista literária dos esquecidos: identificação de obras não-canônicas na literatura brasileira

Arnon Tragino (UFES)

Resumo De acordo com Umberto Eco (2010), em *A Vertigem das Listas*, e Robert Belknap (2004), em *The List*, as listas literárias podem ser produzidas pela cultura de massa e pela cultura acadêmica com o objetivo de formatar um rol de obras a serem consumidas e apreciadas, gerando níveis de legitimação na leitura. Isso acontece, por exemplo, nas indicações dos vestibulares ainda existentes e com as listas dos mais vendidos publicadas em jornais e revistas. Nessa esfera, o cânone literário a ser listado e difundido é instituído por sua

presença, sua força em poder ocupar diversos espaços para manter sua consagração, como expõe Jaime Ginzburg (2008) em “O valor estético”. Porém, como identificar então uma obra não-canônica? Se esta é oposta àquela que se legitima, como reconhecer sua ausência? Observando esse processo, o presente trabalho possui duas propostas com foco na literatura brasileira: discutir uma metodologia para rastrear as ausências de obras não-canônicas; e analisar duas listas literárias como espaços de (não) legitimação dessas obras, comparando a última lista indicada pela Fuvest (2021) com a última lista dos mais vendidos divulgada pelo Publishnews (março de 2021), sendo nosso corpus. Teoricamente, elencamos as reflexões de Eco (2010) e Belknap (2004) sobre o conceito de lista literária; e Márcia Abreu (2006), em *Cultura Letrada*, para tratar da relação entre as listas acadêmicas e comerciais. Na metodologia, trazemos Ginzburg (2008), junto a um procedimento bibliográfico-documental de abordagem quali-quantitativa do corpus, para produzir um dado de análise que mostre o lugar ocupado nas listas pelas obras não-canônicas. A relevância do trabalho se mostra, por fim, no debate sobre as identidades não incluídas no cânone, os leitores e os grupos sociais que não compõem ou que não são representados pelas obras legitimadas, e que, portanto, assim como os livros não-canônicos, podem estar ausentes nas listas.

A moral como critério de avaliação para a formação do cânone da literatura brasileira do século XIX

Alan Victor Flor da Silva

Resumo Quando pensamos em avaliar o trabalho literário de qualquer escritor neste século, acreditamos que devemos apreciá-lo unicamente pela qualidade do texto e a partir de critérios estéticos, literários, artísticos e formais. Essa perspectiva de análise pressupõe, então, que a literariedade de uma obra literária está intrinsecamente na materialidade do texto. Porém, quando nos remetemos ao século XIX, percebemos que a produção literária desse período foi avaliada com base em critérios extraliterários. Críticas a romances publicados em periódicos brasileiros do Oitocentos, por exemplo, revelam que essas obras foram avaliadas a partir de uma perspectiva

predominantemente moral. Nesse sentido, a literatura dessa época, a partir do olhar dos críticos, tinha de moralizar os leitores com a exaltação das virtudes em detrimento dos vícios. Como desdobramento, tal perspectiva de avaliação contribuiu para consagrar o Romantismo como um período literário relevante para a construção da história da literatura brasileira e para relegar o Naturalismo a um estilo de época sem grande valor para a formação do cânone literário brasileiro. Nesse sentido, propomos, com este trabalho, compreender como a avaliação de obras literárias no Brasil do século XIX a partir de uma perspectiva moral influenciou na (não) canonização de escritores e obras. Para tanto, elaboramos o presente estudo com base em diversas fontes de pesquisa, a exemplo de histórias literárias, prefácios e periódicos.

Além do cânone: a obra *Um defeito de cor* e o seu diálogo com as questões da negritude

Ketilly de Freitas Nobre Dantas Silva (UFRN)
Valdenides Cabral de Araújo Dias (UFRN)

Resumo Nos ambientes escolares, é notável a frequente exclusão de obras não canônicas, em especial aquelas que abordam questões sociais, uma vez que não fazem parte dos “padrões” estéticos que ratificam o estatuto canônico de uma obra. Narrativas sobre o negro e a sua trajetória no Brasil comumente são produzidas através de uma visão dominante entre os cânones da literatura. Em contraposição, a obra contemporânea *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, propõe uma reconstrução da história por apresentá-la a partir de uma visão periférica, fazendo uso da metaficção em sua narrativa. Este artigo tem como objetivo analisar a obra *Um defeito de cor*, a fim de discutir sua contribuição não só na construção da identidade do sujeito, mas na reflexão acerca das questões étnico-raciais e contextuais que cercam essa construção dentro e fora da escola. Para tanto, este é o referencial teórico que compõe esta pesquisa: Hall (2006), Kothe (1997), Schollhammer (2011) e Zilberman (2012), além do aporte com outros teóricos, artigos, dissertações e teses no campo da literatura. Essas etapas possibilitaram a discussão acerca do ensino da literatura não canônica e a sua relação com o sujeito, bem como

a elaboração de uma proposta didática. Por meio da pesquisa, concluiu-se que a escola é um importante meio para a transmissão da cultura e que, por isso, precisa apresentar um currículo mais aberto a outras obras que ainda não pertencem ao cânone vigente. Dessa forma, contribuirá para a construção de leitores mais justos e democráticos, que repudiarão qualquer tipo de discriminação.

Brasileiras autoras e educadoras nos séculos XVIII e XIX

Simone Cristina Mendonça (UNIFESSPA)

Resumo No intuito de contribuir para a linha de crítica feminista (ZOLIN, 2005), este trabalho volta-se para o estudo de mulheres escritoras no Brasil dos séculos XVIII e XIX, com especial atenção dada àquelas que se dedicaram à educação das crianças, como professoras, fundadoras de escolas de primeiras letras ou autoras de textos destinados ao ensino, por crer que, apesar do avanço nos estudos da linha, empreendidos desde a década de 80, muito ainda há para ser re(visitado). Levantamentos como os feitos por Arroyo (2011) e Lajolo & Zilberman (1985, 1993), por exemplo, nos revelam nomes de mulheres que, a partir de brechas abertas pela necessidade de materiais de leitura para uso escolar, publicaram contos e poesias infantis no Oitocentos. Quanto à dedicação ao ensino, podemos citar a poetisa mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), ainda no século XVIII, e a escritora Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Objetivamos trazer uma cooperação para as investigações sobre essas mulheres, nem sempre lembradas no cânone da literatura nacional, construindo majoritariamente por penas masculinas. A metodologia adotada se dá partir de leitura, anotações e paráfrases de textos teóricos sobre a temática (DURÃO, 2020). Citamos alguns autores a serem estudados, como Anastácio (2011), Duarte (2003), GOMES, 2005), Lopes (2011) e Veríssimo (2013).

Duplo Sentido Editorial e a publicação de “Invisível”: posicionamento no campo e práticas no digital

Vitoria Ferreira Doretto (UFSCar)

Resumo Criada em 2016 prometendo repaginar o mercado editorial brasileiro dentro do seu segmento, a Duplo Sentido Editorial tem como proposta produzir livros de jovens autores nacionais para o público jovem-adulto, com projetos gráficos criativos e que possibilitem o que chamam de “uma experiência de leitura diferenciada”. Com dezessete títulos publicados, de forma impressa ou em e-book, entre romances, antologias e contos, a editora mantém um ritmo de publicação constante. Tendo uma equipe formada apenas por mulheres, a Duplo Sentido publica obras de autoras já com alguma popularidade em plataformas de escrita, como Wattpad ou Sweek, mas ainda pode ser considerada uma editora periférica em relação às outras editoras de seu segmento. Nesta ocasião, propomos discutir a partir do exemplo da publicação (tradicional e nas plataformas de autopublicação) de “Invisível”, romance da brasileira Aimee Oliveira, publicado em 2015 no Wattpad e em 2019 pela Duplo Sentido, como o posicionamento da editora no campo literário deixa entrever as estratégias de publicação adotadas pela editora e impostas pelo digital, de forma a garantir certa validação pelas instâncias de consagração do campo literário, e o que isto evoca do sistema de publicação impresso, diferenciando dois tipos de práticas de publicação – uma que tem interesse no sucesso de obras nas plataformas digitais de autopublicação, mas encara o “estar de graça” nestas plataformas como negativo para a publicação tradicional, e outra que aposta no grande número de leituras nestas plataformas como público garantido para o lançamento da versão impressa.

Guy de Maupassant: dos periódicos às antologias

Amanda Gabriela de Castro Resque (UFPA)

Resumo O principal objetivo deste trabalho é apresentar como se guem as reedições das principais antologias de Guy de Maupassant (1850-1893) em nossa contemporaneidade. Amplamente publicado,

bem como lido nas últimas décadas do século XIX, o francês iniciou sua vida literária divulgando seus escritos em periódicos parisienses e, rapidamente, por conta do grande fervor que envolvia tanto seu nome quanto suas obras, passou a reunir suas prosas em antologias – sendo elas largamente traduzidas e editadas. Apesar de ser um nome muito associado ao Naturalismo, Maupassant decidiu não se vincular a movimento literário algum, buscando manter-se livre de ideologias. Com isso, é possível localizar suas prosas nos mais diversificados jornais oitocentistas. Além da disponibilidade desses escritos, em folhas diárias, eles também estavam acessíveis ao deleite do público leitor em bibliotecas, como a do Grêmio Literário Português (Belém, Pará). Ao verificarmos periódicos dos oitocentos, foi possível perceber o declínio gradativo da veiculação dos escritos de autoria atribuída a Guy de Maupassant, conforme o século XX se aproximava. Apesar de suas prosas não ocuparem mais o centro da circulação ficcional, elas seguem sendo estudadas academicamente, bem como veiculadas em antologias principalmente voltadas às temáticas do horror e terror. Sendo uma pesquisa de caráter documental e bibliográfica, baseamos as nossas postulações principalmente nos estudos de Maynial (1906), Lemoine (1957), Neves (2012) e Nobrega (2014).

Janary Nunes cronista?: o primeiro governador do Território federal do Amapá como escritor

Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

Resumo O status do Amapá – que até então pertencia ao estado do Pará – foi alterado para Território Federal por meio de um decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em dezembro de 1943. Em janeiro de 1944, assume como primeiro governador daquele território o militar paraense Janary Gentil Nunes (1912-1984), promovendo uma espécie de “fundação” do Amapá em sua recente condição: uma nova política de ocupação do espaço urbano da capital, Macapá, é posta em prática, assim como a ereção de prédios públicos para abrigar a política de atração de servidores ao trabalho burocrático e o estímulo à criação de órgãos ligados à imprensa (Jornal Amapá [1945] e Rádio Difusora de Macapá [1946]) e às artes (Sociedade Artística de Macapá [1952] e Academia Amapaense de Letras [1953]). Esse seria o

contexto em que Janary Nunes – além de governador – atuaria como cronista, publicando seus textos no Jornal Amapá, criado pelo próprio Janary. O objetivo desta comunicação é apresentar uma abordagem que considere o primeiro governador do Território Federal do Amapá como um cronista que exalta o espaço amapaense como propaganda interna e externa e como estratégia de atração de vários tipos de mão de obra, inclusive a braçal – fundamental para a abertura de estradas e a construção de prédios públicos. Como percurso teórico a fim de embasar tal discussão, propomos os trabalhos de Canto (2016), Luna (2017), Oliveira (2013), Silva (2007), Souza (2016), Tostes & Weiser (2018) e Uchoa (2017).

João do Rio e a crítica literária: contradição e apagamento

Sabrina Ferraz Fraccari (UFMS)

Pedro Brum Santos (UFMS)

Resumo João do Rio, pseudônimo literário pelo qual Paulo Barreto (1881-1921) tornou-se conhecido, é um escritor carioca cuja produção literária data das duas primeiras décadas do século XX, período denominado “Pré-Modernismo” por Tristão de Athayde (1939). João do Rio obteve relativo sucesso ainda em vida, alcançando altos números de vendas no restrito mercado editorial do período, situação incomum entre os literatos brasileiros. No entanto, após a morte do escritor, pouco se escreveu sobre ele durante cerca de cinquenta anos, e as escassas análises que o mencionavam apontavam um escritor fútil, preocupado exclusivamente em alcançar prestígio junto à classe dominante. O objetivo desta comunicação consiste em reconstituir os caminhos da crítica literária acerca de João do Rio e do período 1900-1922 a fim de levantar hipóteses sobre os motivos que levaram o escritor e sua obra ao ostracismo. Para isso, revisitaremos textos de Veríssimo (1901), Carvalho (1937), Miguel-Pereira (1973), Candido (1980; 2006), entre outros, que versam tanto sobre João do Rio quanto sobre o “Pré-Modernismo”. Ao tratar a produção literária do período 1900-1922 em comparação ao Modernismo, parte desta crítica considera-a como uma literatura satisfeita, sem maiores inovações temáticas, formais e estilísticas. De outra parte, a incorporação de diferentes estéticas que ressoavam no contexto fin-de-siècle pelos

escritores brasileiros, tal como ocorre com João do Rio e o Decadentismo, contribuiu para caracterizar os textos nacionais como meras cópias dos europeus. Tendo pouco a oferecer em termos de inovação ao mesmo tempo em que reproduz, de modo artificial, estéticas estrangeiras, restaria pouco ou nada relevante a se destacar neste período, seja autores ou obras.

Ler o *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como *roman à clef*: uma leitura ilegítima?

Daniela Corrêa Siqueira (UERJ)

Resumo *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, foi ignorado pelos jornais da época, e quando não ignorado, foi violentamente atacado por seus críticos de literatura. O argumento para atacá-lo seria o fato de ser um *roman à clef*, gênero em que pessoas reais são retratadas como personagens, tendo sua vida íntima exposta. O romance critica personalidades do meio jornalístico e intelectual do Rio de Janeiro do início do século XX, o que teria sido a real motivação para a retaliação a ele. Após anos de sua publicação, autor e romance foram redimidos pela crítica, mas tal redenção não alcançou o *roman à clef*, gênero utilizado por Barreto. Embora seja de amplo conhecimento que Barreto retratou no romance, pessoas importantes do Rio de Janeiro, esse detalhe aparece na maior parte das pesquisas como uma mera nota de curiosidade. Acreditamos que isso se deva ao estigma carregado pelo *roman à clef* que, a partir de meados do século XIX, passou a ser visto como uma forma inferior de literatura. Agrava tal ilegitimidade todo um arsenal crítico consolidado no decorrer do século XX, da crítica modernista às teorias do New Criticism, atingindo o seu ápice com a “morte do autor”, de Barthes. Entretanto, estudos contemporâneos sobre outros gêneros limítrofes, como o romance autobiográfico e de autoficção, têm possibilitado a revalorização do *roman à clef*. Portanto, este trabalho propõe uma reflexão acerca da exclusão da legitimidade do *roman à clef*, bem como fornece subsídios para sua reabilitação. Assim, nos baseamos em Bombart (2014) e Lathan (2009) acerca do *roman à clef*; e nos estudos do anacronismo de Neiva (2019) sobre a obsolescência de gênero literários. Visamos contribuir para os estudos do *roman à clef*,

bem como para a reabilitação da leitura à clef aplicada ao romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Barreto.

Mariana Luz: *Murmúrios e outros poemas* – apagamento e resgate de uma maranhense

Gabriela de Santana Oliveira (UFMA)

Resumo Mariana Gonçalves da Luz nasceu em 1871 em Itapecuru Mirim, cidade localizada no interior do Estado do Maranhão, onde viveu e faleceu em 1960, aos 88 anos. Professora negra, poeta, cronista e dramaturga, ao ser escolhida para ocupar um assento na Academia Maranhense de Letras, tornou-se a segunda mulher a adentrar nesta seleta casa, onde fundou a cadeira nº 32, tento tomado posse em 1949. Entre o final do século XIX e início do XX, a artista foi presença constante na imprensa, principalmente com publicações de poesia e crônicas. Apesar de ter alcançado certa notoriedade em vida, após sua morte, ela caiu no completo ostracismo. Mesmo com o reconhecimento de seus pares, Mariana Luz nunca conseguiu apoio para a publicação de seu único livro de poemas – *Murmúrios*. O pequeno volume *Murmúrios* foi finalmente publicado após o falecimento da poeta, em 1960, em uma pequena tiragem, a título de homenagem póstuma. *Murmúrios* foi reeditado trinta anos depois, novamente em uma tiragem reduzida, rapidamente esgotada. Apesar do pioneirismo da autora, do valor estético de sua poética mergulhada em uma atmosfera simbolista e da importância de seu resgate para nossa memória cultural, ainda hoje, mesmo no meio acadêmico, ela é uma completa desconhecida, ficando evidente sua posição à margem do cânone. Após mais de três anos de pesquisa que incluiu a reunião dos textos, manuscritos autógrafos e poemas publicados em periódicos da época, e a preparação desse material, amparada nos critérios da Crítica Textual, organizamos a edição crítica *Mariana Luz: Murmúrios e outros poemas*, obra publicada este ano pela Editora da Academia Maranhense de Letras. Nosso objetivo nessa comunicação é apresentar a autora e sua obra, visando estimular novos estudos acerca de sua lírica e assim contribuir por seu resgate.

O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa: o precursor

Bruno Lima (UERJ)

Resumo O cânone literário necessita ser revisitado de modo a recuperar obras importantes da literatura brasileira que, por razões diversas, caíram no ostracismo. Para citar um exemplo do esforço atual em retirar do esquecimento autores obliterados, citamos o crescente número de publicações sobre a autoria feminina, em um esforço que deve muito à crítica feminista, cuja relevância é atual e remonta aos estudos culturais provenientes do desconstrutivismo. Porém, não são apenas as escritoras que merecem um olhar crítico atento que as restituam ao cânone, ou ao menos problematizem a consolidação canônica. Inglês de Sousa é um autor importante para a literatura brasileira, dentre outras razões, por ser considerado por alguns estudiosos como o precursor do naturalismo no Brasil com *O Coronel Sangrado*, de 1877. Obra rica esteticamente, sobretudo em diálogo com o diapasão naturalista, é quase ignorado pelos estudantes de Letras e não possui reedições suficientes para atender ao público leitor. A própria história da literatura brasileira e as ementas dos cursos de literatura no país são, de certa forma, responsáveis pela pouca visibilidade e leitura desse escritor, no sentido de que, ao privilegiar Aluísio Azevedo como o grande nome de nosso naturalismo, privilegia este em detrimento daquele. O romance de Inglês de Sousa, cuja voz defensora de Lúcia Miguel-Pereira de sua filiação ao naturalismo ser predecessora de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em quatro anos, merece ser lido e discutido de forma a fazer justiça às nossas letras e a melhor se compreender como a estética naturalista iniciou-se no Brasil.

O obsceno e o apagamento literário: o caso Bernardo Guimarães

Antonio Carlos Pinto da Fonseca Junior (UFU)

Resumo Os textos obscenos carregam em si a complexidade de aceitação de sua qualidade literária na mesma proporção que se fazem lidos, seja como uma literatura à disposição do prazer sexual do leitor, seja pela representação da sexualidade e, por consequência, ativar

a curiosidade do leitor. Se nos apegarmos à origem grega da palavra “obsceno”, “o que está fora de cena”, podemos salientar que a obscenidade é um fator para a não canonização de textos e autores, visto que, estando fora do conjunto canônico de temáticas da literatura, sua natureza é imperativa no apagamento de sua narrativa. O que pode gerar um impedimento destas obras serem lidas, discutidas e analisadas em ambientes escolares, por exemplo nas Universidades, espaço de suma importância no processo de canonização de obras literárias. (MITIDIERI; CAMARGO; SACRAMENTO, 2020) É o caso, hoje totalmente descoberto, das poesias fesceninas de Bernardo Guimarães, com destaque ao título “O elixir do pajé”, que não foram reconhecidas historicamente como parte da produção do autor, canonizado por *A escrava Isaura*, por exemplo. Esta comunicação pretende apresentar como o fator erótico/obsceno (MORAES, 2013; EL FAR, 2004; LEITE JUNIOR, 2006) é condicionante para o apagamento de obras e autores, atrelado ao pudor e à vontade hegemônica de esconder a sexualidade de diversos modos, como ocorre nos estudos literários. Tal recorte é parte integrante da pesquisa do proponente em questão, em seu mestrado, que analisa o gabinete secreto da repartição de Obras Raras da Biblioteca Nacional intitulado Inferno. Esta comunicação, portanto, tem por objetivo central discutir como a caracterização hierárquica de uma obra no processo de canonização (LAJOLO, 2001; BOURDIEU, 1996; DARNTON, 1998) no caso, seu erotismo e sua obscenidade, está relacionada ao apagamento dos autores e textos produzidos por eles.

O sequestro do *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães: um romance silenciado

José Victor Neto (IFPA)

Resumo Este trabalho visa refletir sobre os processos de silenciamento sofridos pelo romance *Chibé* (1964), do escritor paraense Raimundo Holanda Guimarães. O referido romance é um exemplar de *roman à clef*, gênero romanesco que consiste na representação de pessoas reais através de personagens ficcionais, em uma trama que oscila entre ficção e realidade. Ambientado na Vila do Apeú, em Castanhal-PA, o romance *Chibé* trouxe à tona casos picantes e segredos

incandescentes de importantes personalidades locais, gerando um escândalo que culminou em ameaças de morte ao autor (pelo que este se autoexilou), e na destruição de muitas das cópias de seu livro, restando dele apenas seis exemplares conhecidos. Mais de cinquenta anos após sua publicação, o pesado silêncio que se abateu sobre autor e obra guarda ainda sob as cinzas da refrega as brasas do escândalo. Para além dos aspectos inerentes à polêmica a nível local, contribuem para o atual desconhecimento sobre o romance a condição periférica do autor à época de sua publicação: um jornalista radicado na região Norte, distante dos grandes centros editoriais e de difusão literária do Sudeste. Somavam-se a isso as intrigas deste com seus pares na capital Belém, fazendo dele *persona non grata*, devido às suas desavenças com os ilustres medalhões da Academia Paraense de Letras. Desta forma, para nossa discussão interessam-nos os apontamentos de Darnton (1998; 2012) em torno da repressão aos “livros proibidos”; de Straten (2018) acerca dos “livros perdidos”; e de Chartier (1994), Ortega y Gasset (1914) e Castro Rocha (2013; 2017) acerca das relações entre texto, autor e seu contexto. Compreender a posição e as circunstâncias do autor em relação ao sistema literário de sua época, bem como o processo de silenciamento de seu romance, pode contribuir para as reflexões acerca dos processos canonização e não-canonização literária.

Para além de *Cidade de Deus*: a prosa de Paulo Lins em perspectiva

Thiago Martins Rodrigues (UFRGS)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo explorar a produção em prosa do carioca Paulo Lins, a fim de identificar constantes formais e repercussões temáticas, bem como tensionar sua inserção no mercado editorial e no cenário da literatura brasileira contemporânea. A hipótese é que a obra de Paulo Lins ainda carece de uma leitura de conjunto, que vá para além de *Cidade de Deus*, e o insira em um contexto mais amplo do que o de best-seller da violência nas favelas cariocas. Para compor essa discussão, constam como objetos de análise: *Cidade de Deus* (1997; 2002), *Desde que o samba é samba* (2012) e *Dois amores* (2019). Pode-se dizer que os dois primeiros

livros, ambos romances, atuam dentro do escopo de uma certa tradição romanesca canônica operada no espaço acadêmico brasileiro. Enquanto o terceiro, que traz uma combinação de elementos da novela, do conto e do slam poetry, difere dos demais, não só pela extensão, como na concentração em um conflito medular. A repercussão estrondosa de *Cidade de Deus* ofuscou os demais escritos, que não tiveram a mesma recepção e colocam Lins em certo confinamento na cena literária brasileira. Em oposição, para uma mirada de perspectiva, há que se considerar três aspectos fundamentais: o caráter de pesquisa formal implicado nas obras do autor; o caminho que o autor ajudou a consolidar no cenário das grandes casas editoriais brasileiras para a autoria negro-brasileira, com todas as tensões que esse quadro carrega; e o valor formativo do autor e da obra para a cena literária que se desenrolou a partir dos anos 2000 nas periferias urbanas do Brasil, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Poesia verbalista urbana: poéticas apagadas da historiografia literária brasileira dos anos 1980/1990

Marcelo José Ribeiro Vieira (UERJ)

Resumo Ao examinarmos mais atentamente as décadas de 1980 e 1990, percebemos o volume e a relevância da produção que poderia estar presente em antologias, estudos, ensaios, pesquisas e livros referentes a tal período. Boa parte, decerto a maioria, dos pesquisadores da poesia dos anos 1980/90 define o perfil do poeta de então como sendo o de um artista culto, preparado, grande conhecedor das técnicas poéticas, rigoroso com sua escrita, caprichoso com a condução de sua obra. Em minha dissertação, intitulada *Poesia verbalista urbana: poética e política no Rio de Janeiro dos anos 1980*, demonstrei que há uma enorme quantidade de poetas – a despeito dos critérios de valor privilegiados pela crítica – que escapam bastante desse perfil proposto pelos críticos em pauta, a começar porque se trata de uma poesia de caráter sobretudo oralizante e feita (não exclusiva, mas principalmente) pensando em performances em espaços públicos. Na tese que agora estou escrevendo, levo adiante, e com mais vigor e alcance, a revisão desse “cânone”. Para tanto, minha tese investiga as produções textuais e performáticas de três grupos desta época,

que melhor simbolizaram a chamada, por mim, poesia verbalista urbana: a Gang Pornô, que criou o chamado “Movimento de Arte Pornô”; o Mymba Kuera, que mesclava poesia, dança, música e teatro; e o Poça D’Água, responsável pelo sarau de rua “Passa na praça que a poesia te abraça”. Tais escolhas se justificam por entendermos que esses três grupos, bastante ativos nas décadas de 1980 e 1990, ilustram muito bem o que nossa pesquisa pretende resgatar, isto é, são produções poéticas que têm ficado à margem de reconhecimentos, esquecidas ao largo da historiografia crítica (que fixa, ao longo do tempo, obras e autores representativos de cada época). Esta minha tese tem como objetivo, portanto, elaborar uma reavaliação da poesia dos anos 1980-90.

Poetas e poéticas dos anos 70: as mulheres que escreveram e editaram no Brasil

Priscila Nogueira Branco (UFRJ)

Resumo Apesar de o que dizem os livros de história literária, houve muito mais poesia sendo produzida para além da conhecida “geração mimeógrafo” durante os anos 70 no Brasil. *Retrato de época* (1981), de Carlos Alberto Messeder Pereira, e a antologia *26 poetas hoje* (1976), de Heloisa Buarque de Hollanda, são a base de estudos dessa época, focando o trabalho de pesquisa e de organização antológica no circuito Rio-São Paulo. Propomos um estudo descentralizador das questões regional e de gênero, a partir da leitura da antologia “Palavra de mulher (poesia feminina brasileira contemporânea)”, organizada por Maria de Lourdes Hortas, com 45 vozes de poetisas mulheres de diversos estados brasileiros, publicada apenas três anos depois da famosa antologia de Heloisa. Compreendemos que as mulheres sofreram um “memorícidio” e foram apagadas da construção da história em diversos meios, inclusive o literário. Por isso, este é um trabalho de resgate e de reconstrução do que conhecemos como poesia produzida nessa década em nosso país, desfocando o olhar do sudeste e da produção da poesia produzida por homens. Também se pretende fazer uma discussão sobre o processo de canonização versus esquecimento, uma vez que a antologia de Maria de Lourdes não é sequer citada nos livros ou artigos sobre a literatura dos anos 70, enquanto

a antologia de Heloisa foi um dos marcos potencializadores de, anos depois, canonização de alguns poetas ali publicados.

Teresa Margarida da Silva e Orta: do pioneirismo ao apagamento sexista

Tássia Hallais Veríssimo (UERJ)

Resumo Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu no Brasil, na cidade de São Paulo, provavelmente entre o final de 1711 e início de 1712. Era filha de José Ramos da Silva, português que prosperou no Brasil, tornou-se Cavalheiro da Ordem Militar de Cristo e Provedor da Casa da Moeda de Lisboa, e da paulista, Catarina Orta. Ela foi morar em Portugal aproximadamente aos 5 anos. Na então metrópole estudou no Convento das Trinas e teve contato com intelectuais da época, o que provavelmente auxiliou no desenvolvimento de seu interesse nas ciências naturais, matemática, astronomia e política. Teresa Orta publicou seu primeiro, e único, romance em 1752, quando tinha aproximadamente 40 anos. Assim como outras autoras da época, Teresa Margarida adotou um pseudônimo para a autoria, assinando como Engrassásia Tavadra Dalmira, que é um anagrama de seu nome verdadeiro. O título da obra era Máximas de virtude e formosura e saiu pela Tipografia de Miguel Manescal da Costa. Em 1777, foi publicada a segunda edição do romance pela Régia Oficina Tipográfica, que manteve o pseudônimo de Dorotéia Engrássia Tavadra Dalmira e mudou o título para Aventuras de Diófnes, título com o qual ficou conhecido no Brasil quando de sua publicação em 1945, já com a autoria revelada. A proposta desta comunicação é não só fazer uma breve apresentação de Teresa Margarida da Silva e Orta e de seu trabalho como escritora, mas também refletir sobre os motivos pelos quais ela ficou de fora do cânone literário nacional, uma vez que diversos autores homens que publicaram fora do Brasil não deixaram de ser considerados na história da literatura Nacional. Será que o apagamento sexista que atingiu as autoras brasileiras do século XIX começou, na verdade, já no século XVIII com Teresa Margarida e sua obra (quase) esquecida?

Trajetórias não canônicas: um panorama sobre as autoras de *sensation novel* do século XIX

Tassiane Andreza Damião dos Santos (UFPA)

Resumo O presente trabalho visa apresentar um panorama das escritoras não canônicas de língua inglesa cujas obras, em edições do século XIX, estão disponíveis no acervo do Grêmio Literário Português do Pará, gabinete de leitura fundado em 1867 na cidade de Belém (PA). No acervo desse gabinete há obras de cinquenta e seis autores (as) que escreveram em língua inglesa, sendo trinta e sete homens e dezenove mulheres, das mais diversas nacionalidades: inglesa, americana, irlandesa e escocesa. Muito embora em quantidade mais reduzida, a presença de escritoras no acervo é substancial, sendo muitas delas pouco conhecidas pelo público leitor brasileiro da contemporaneidade. Dentre as autoras canônicas cujas obras pertencem ao acervo do gabinete, estão Jane Austen, George Eliot e Harriet Beecher Stowe. Por outro lado, autoras como Isabella Bird, autora profícua de literatura de viagem, e Elizabeth Lynn Linton, considerada a primeira mulher a receber um salário como jornalista na Inglaterra, costumam receber pouca atenção da crítica, apesar de terem alcançado sucesso entre o público leitor de suas épocas. Os gêneros literários aos quais se dedicaram essas mulheres foi muito diverso, pois escreveram relatos de viagem, romances sentimentais, romances góticos etc. Uma delas, Mary Elizabeth Braddon, produziu um gênero muito popular na Era Vitoriana, ainda que bastante criticado na época e hoje quase esquecido, os chamados *sensation novels*. Apresentaremos, portanto, informações sobre as carreiras literárias de algumas dessas autoras, dando atenção especial àquelas que se dedicaram às *sensation novels*, gênero atualmente pouco conhecido.

Vozes ancestrais na mata branca: uma leitura de *Iacina*, o esquecido romance indianista de Lindolfo Rocha

José Manoel Ribeiro da Silva (UEFS)

Resumo No presente trabalho apresentamos uma análise do romance *Iacina*, – a dispersão dos maracaiáras, escrito por Lindolfo

Rocha, dentro do contexto histórico-literário brasileiro dos anos finais do século XIX e do início do século XX, a fim de reavaliá-lo em suas ambições etnográficas, históricas e estéticas. Do mesmo modo, visamos compreender como esse romance, um livro particularmente ignoto e extemporâneo, se estabelece em relação aos traços fundamentais do indianismo canônico brasileiro, visto que apesar das suas singularidades e da capacidade de fomentar indagações, Iacina permanece esquecido por nossa historiografia literária, ignorado pela academia, e cativo aos raros exemplares remanescentes de sua única e centenária edição. Lindolfo Jacinto Rocha nasceu na cidade de Grão-Mogol, norte de Minas Gerais, mas viveu no sertão da Bahia quase a totalidade dos seus 49 anos. Formado em Direito pela Escola do Recife (1892), enveredou-se por diversas áreas do conhecimento, não obstante, sua inteligência inquieta encontrava refúgio em duas grandes paixões: o sertão e a Literatura. Por viver no interior da Bahia desde a segunda infância, e por ter idealizado e realizado sua obra nesse estado – além de se debruçar como poucos sobre a realidade do sertão e sobre a história da Bahia –, devemos chamá-lo, sem medo de errar, de escritor baiano. A análise da obra conduz para alguns resultados parciais: a narrativa traz, a princípio, um texto tipicamente indianista romântico, onde há a exaltação idealizada da vida nativa em meio à natureza, nesse caso, os índios maracaiá-ras no sertão baiano, para depois se transformar num libelo indigenista ao trazer a invasão dos bandeirantes (século XVII) e o bárbaro massacre dos nativos, trazendo à tona um momento obscuro da nossa história. Neste sentido, Iacina pode ser entendido como um romance renovador, pois parte da tradição indianista canônica para depois questioná-la abertamente.

Simpósio 20

Escrita da crise

Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade (UFMG)
Antonia Torreão Herrera (UFBA)
Livia Laene Oliveira dos Santos Drummond (UFBA)

Resumo A escrita do sujeito em crise perpassa a trajetória e a obra de Antonin Artaud. O livro, *A Perda de si: cartas de Antonin Artaud*, organizado por Ana Kieffer (2017), é um compilado das cartas do autor. Tal escrita epistolar tece a arte como experiência radical e cruel do substrato da vida, que aparece na correspondência como uma tentativa de sistematização do sofrimento que o acomete. Os textos poéticos de Artaud apresentam uma negação radical do centro até no uso da forma – do espaço físico –, eles empreendem uma torturante busca pelo espaço em suspensão da própria crise, do mal, da doença, da crueldade que atravessam o ser e o ser-escrita, não como representação, mas como absurdo e loucura da vivência cruel. O que fica evidente é como essa escrita da crise, um sujeito à margem do pensamento, no flerte com a “loucura”, se dispersa nos próprios limites da escrita e da língua. A crise acontece justamente por uma consciência da própria língua como uma moldura indissociável do pensamento e da vivência humana. A crise, do corpo em falência, da mente em retalhos, impede uma escrita pela consciência da falência da própria língua. Não é por acaso que Artaud ensaia a criação de uma língua própria, na qual as palavras são antes de tudo sons e imagens, uma língua que não comunica sentidos, mas evoca o ilimitado, o impossível da experiência interior do sujeito em crise. O impasse da escrita e da língua é abordado por Jean Starobinski (2011) em Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo. O autor analisa a questão da mediação da linguagem em Rousseau – o oblíquo do significante e do significado. A fala traz a espontaneidade da manifestação imediata do pensamento, enquanto a escrita opera na ausência do falante, é estética e deformada. Um signo enganador. Um signo que desloca, descentra e emaranha-se. Escrever é um acréscimo, uma completude de algo que falta, uma doença da fala. A escrita estetiza o agora, torna-se um encadeamento infinito, que se multiplica ilimitadamente. Artaud, em sua carta à Jacques Rivière, após a recusa da publicação da sua poesia, descreve uma escrita permeada pelo sofrimento de

uma doença, um mal que lhe impede a formulação, que põe em suspensão a língua. Artaud desenha sobre si a crise do sujeito enquanto uma crise da escrita. Questionado sobre a veracidade desta crise, principalmente porque a sua escrita epistolar e teórica é tão profícua, Ele responde: “Existe algo que destrói o meu pensamento; algo que não me impede de ser isso que eu poderia ser, mas que me deixa, se assim posso dizer, em suspensão. Algo furtivo que rouba as minhas palavras [...] que destrói ao fim e ao cabo, na sua substância, a massa do meu pensamento” (ARTAUD *apud* KIFFER, 2017, p. 27). Peter Pál Pelbart (2019), em *Ensaio do Assombro*, afirma que Artaud vive a impossibilidade do pensamento. Para o autor, o pensar não é um mecanismo automático e natural, mas sim um corpo-objeto artificial, atravessado por diversas formas, que impedem um automatismo livre. “Se o pensamento é impossível, para Artaud, é porque em seu espírito a forma foi quebrada. Portanto, nem formas, nem imagens, nem representações, nada daquilo que prenderia ou escamotearia as flutuações intensivas do ser” (PÁL PALBERT, 2019, p. 278). Segundo Pelbart, o pensamento de Artaud, no seu impasse com a linguagem, busca fluxos que abandonam os limites de organização do corpo, justamente porque a crise fratura a economia das formas. A crise questiona a linguagem como instância de relação e de significado, que mitifica todas as coisas. E por isso, a escrita da crise recusa a linguagem como representação, em sua fragilidade da designação e do seu oblíquo. “Os signos, em Artaud, são linhas finas, flutuantes, em movimento. E a aspiração de Artaud é tornar-se uma linha impalpável, mas poderosa, indeterminada. Tornar-se uma linha em vez de ocupar o espaço” (PÁL PALBERT, 2019, p. 280-281). Nesse sentido, o presente simpósio propõe a seguinte discussão: o que pode uma escrita da crise? E assim, outras questões desdobram-se: quais os processos de suspensão da linguagem que transbordam em um sujeito em crise? Quais os atravessamentos de uma escrita permeada pela perda dos limites das estruturas e das organizações racionais? Dessa forma, utilizando o pensamento de Artaud como uma elaboração inicial, mas não limitado a ele, buscam-se trabalhos que abordem o tema da escrita da crise – uma escrita que rompe os limites da linguagem – e os desdobramentos de um sujeito em sofrimento, em dissociação com a realidade. A partir dessa temática, espera-se a eleição e análise de diversos autores e produções poéticas e artísticas que coloquem em cena o sujeito em crise e suas escritas impossíveis.

**“Existe algo que destrói meu pensamento”:
a correspondência de Antonin Artaud e Jacques Rivière**

Gabriel Bustilho Lamas (UFRJ)

Resumo Em 1º de maio de 1923, Jacques Rivière envia uma carta a Antonin Artaud recusando, educadamente, os poemas que Artaud enviou à *Nouvelle Revue Française*. A partir daí – e de um encontro presencial – começa entre eles uma longa troca de cartas em que Artaud, justificando seus poemas, expõe sua “doença do espírito”, “uma doença que remove a palavra, a lembrança, que desenraíza o pensamento”. Uma doença que faz com que ele fixe uma forma, “mesmo que imperfeita”, “com medo de perder todo o pensamento”, consentindo a imperfeição “pelo medo de que seja isso ou a morte”. (ARTAUD, 2017). Em dado momento da correspondência, Rivière, interessado nesse relato de uma impossibilidade do pensamento de realizar-se, propõe a Artaud que as cartas sejam publicadas. Assim, “os poemas, que ele julga insuficientes e indignos de publicação, deixam de o ser quando são completados pela narrativa da experiência de sua insuficiência. Como se o que lhes faltava, seu defeito, se tornasse plenitude e acabamento pela expressão aberta do que falta e pelo aprofundamento de sua necessidade” (BLANCHOT, 2005) É sobre essa “narrativa da experiência de sua insuficiência” que a presente comunicação se debruça, buscando refletir sobre esse pensamento que, ao mesmo tempo que se pensa, é uma cisão, e como uma impossibilidade de fixá-lo se desdobra no relato de sua própria cisão. Além disso, buscar-se-á também refletir sobre a relação entre a forma “imperfeita” “ou a morte”, observando a dinâmica que se dá entre o pensamento, a impossibilidade de pensar e a vida.

**A rememoração de sujeitos em crise nas narrativas
de António Lobo Antunes e Mafalda Ivo Cruz**

Samla Borges Canilha (PUCRS)

Resumo Como transformar em narrativa a memória de um sujeito em crise? Considerando que o romance memorialístico tradicional respeita nosso ímpeto natural de organização das lembranças em

uma estrutura coerente, linear, que dê sentido às experiências, destacam-se as obras de escritores que aceitam a fragmentação, a falha e a confusão natural do processo de rememoração. Exemplos dessa estética são, no contexto da literatura portuguesa contemporânea, António Lobo Antunes e Mafalda Ivo Cruz, autores cujas escritas apresentam diversos recursos disruptivos, que rompem com as classificações da teoria da narrativa tradicional, para retratar a mente complexa de seus personagens, em geral sujeitos que carregam diversos traumas (destacando-se os ligados à violenta colonização portuguesa em África e à ditadura salazarista em Portugal). Para apresentar e debater sobre esses recursos, parto dos romances *A outra margem do mar* (2019), de Lobo Antunes, e *Um réquiem português* (1995), de Cruz – trazendo, quando necessário, exemplos de outros de seus textos. O embasamento teórico do trabalho consiste, especialmente, na teoria da memória – as propostas de Henri Bergson, Paul Ricoeur, Aleida Assmann, Joël Candau e mesmo do neurocientista Iván Izquierdo – e da teoria da narrativa – autores como Wayne Booth, Brian Richardson, Ansgar Nunning e outros que pensam a produção contemporânea –, além de teóricos que exploram a relação entre as duas. O que se pode perceber, na leitura dos objetos de investigação, é que os autores em questão apresentam uma nova forma de fazer narrativa de memória, qual seja uma escrita que respeita as falhas e a fragmentação de uma mente traumatizada, de forma a representar muito mais o processo de rememoração que o resultado dele.

Caetano Veloso: o aniquilamento do sujeito em “Narciso em Férias” e nas cartas do exílio

Áurea de Almeida Pacheco (UEFS)

Davi Silva Soares (UNEB)

Resumo Este texto busca compreender a criação do sujeito nas narrativas recriadas por Caetano Veloso no livro “Narciso em Férias” (2018) bem como empreender uma análise das cartas produzidas enquanto esteve na condição de exilado político em Londres, durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Buscamos objetivar a produção dessas cartas enquanto constituição do sujeito, bem como os desdobramentos da experiência narrada em “Narciso em Férias” como

incidência sobre o sujeito, sobre o corpo, compreendendo os interstícios do texto, seus silêncios, vazios, a invenção de si. Para esta análise, autores como Washington Drummond (2012), Benjamin (1936), Derrida (2002), Foucault (1979), servem como elementos para constructo do texto, como fio condutor do pensamento sobre a narrativa, sobre o cuidado de si, sobre o sujeito e principalmente sobre a experiência limite, ou seja, de quase morte, também sobre o aniquilamento do sujeito, vivenciado por Caetano no período em que esteve preso e, posteriormente, exilado. A escrita de si configura um espaço de esvaziamento de si, emancipação, na medida em que o indivíduo ao se expor ao olhar do outro exerça uma dinâmica de desabafo pessoal, bem como um movimento político, dimensionando contradições, conflitos e crises, experimentações diversas, práticas cotidianas que enfatizam o cuidado de si e a reinvenção do sujeito. Uma condição da escrita de Caetano quanto a sua memória sobre a prisão oscila entre a narrativa sobre sua condição psicológica delirante, portanto, uma experiência do real, ou do inapreensível, em meio àquele turbilhão de acontecimentos que incidem sobre o corpo, a relação com os próprios militares e a prisão no regime militar como experiência limite, constituindo então uma narrativa do sujeito, uma narrativa que não se exime das limitações de seu corpo, ao contrário, mostra-o inerte e esvaziado diante da prisão e do exílio.

Crise e desejo na escrita gaguejante de Clarice Lispector

Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro (UNICAMP)

Resumo “Entende-me: escrevo-te uma onomatopeia, convulsão da linguagem” (LISPECTOR, 1998, p. 17), diz Clarice Lispector em “Água viva”, o que deixa para o leitor um desafio: como acompanhar uma escrita tão vertiginosa como a que se nos oferece neste livro? Em conferência publicada sob o título de “Aula”, Roland Barthes vai afirmar que literatura é a trapaça diante de uma língua – esta necessariamente autoritária, que obriga a dizer. O escritor, então, é aquele que trapaçaria, vacila, gagueja. Gilles Deleuze, em “Crítica e clínica”, propõe que “fazer a própria língua gaguejar, no mais profundo do estilo, é um procedimento criador que atravessa grandes obras. Como se a língua se tornasse animal.” (DELEUZE, 1997, p. 66). Em “Notas sobre

o gesto”, Giorgio Agamben aponta que “o gesto é a exibição de uma medialidade, o tornar visível um meio como tal.” (AGAMBEN, 2008, p. 13). Tais atravessamentos de conceitos filosóficos, notadamente pós-estruturalistas, ajudam-nos a discutir, neste estudo, como a escrita de Clarice Lispector pode ser posta em perspectiva como uma escrita em (e da) crise. Partindo das noções de trapaça (Barthes) ou gagueira como procedimento literário (Deleuze) e gesto como aquilo que torna visível uma medialidade impossível (Agamben), percorremos o esgarçamento da linguagem próprio da escrita de Clarice Lispector (especialmente em “Água viva”, mas não só) em direção a um estranhamento radical. A onomatopeia, por exemplo, de que fala Clarice em “Água viva”, passa a dizer sua própria fissura no gesto desejante da repetição. Assim, pretendemos alcançar a ideia de dupla captura que o texto em crise devém: “os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 66).

De crise e de resistência: um olhar sobre o romance *A resistência* de Julián Fuks

Lígia Guimarães Telles (UFBA)

Resumo Tendo em vista o tema do Simpósio “Escrita da crise” e, particularmente, a discussão proposta em torno da questão “o que pode uma escrita da crise?”, esta comunicação elege o romance *A resistência* (2015), do escritor Julián Fuks, como campo de estudo para as reflexões a serem desenvolvidas. A temática do exílio ocupa um lugar destacado na ficção de Fuks, especialmente nos romances *A resistência* (2015) e *A ocupação* (2019). O romance aqui em foco narra a história de uma família argentina que procura exílio no Brasil, depois do golpe de estado de 1976 em seu país, situação ficcional que dialoga com a biografia do próprio autor, nascido em São Paulo (1981) e filho de pais exilados argentinos. Associa-se a esse traço biográfico a criação do personagem Sebastián, também de origem argentina, presente nos dois romances citados e, anteriormente, em *Procura do romance* (2011). A narrativa de *A resistência* é composta pela superposição de duas histórias – a do narrador-protagonista Sebastián e a do seu irmão adotado – e de dois espaços – São Paulo e Buenos Aires

– mediante entrecruzamentos e desdobramentos das tramas e das reflexões acerca do processo de escrita em curso e dos limites e des-limites da linguagem. O caráter híbrido dessa narrativa que desliza entre ficção e autobiografia encontra na categoria da autoficção uma chave de leitura que põe em relevo a crise do romance.

“Diamond Princess II”: crise como processo metodológico

Amine Portugal Barbuda

Resumo A comunicação proposta aborda as possibilidades de escrita da crise através do conto em quadrinhos “Diamond Princess II”. O conto é escrito e ilustrado por nós, foi publicado pela primeira vez em 2021, em língua inglesa, no periódico francês *Angles*, da Société des Anglicistes de l’Enseignement Supérieur (SAES). A narrativa descreve um grupo de seis passageiros do Diamond Princess – cruzeiro que formou um cluster de COVID-19 no início de 2020 – na cidade de Yokohama, Japão. Passada a pandemia, os seis precisam discutir uma condição coletiva: uma comunicação mental entre eles, cuja origem não se poderia atribuir a um tratamento ou à doença de origem. Construiremos uma apresentação sobre o conto evocando referências de diversas áreas que utilizamos para a sua construção literária e gráfica, articulando-as em torno da problemática – escrita da crise – através das crises que o compõem: comunicativa, linguística, estética e do sujeito. Nesse sentido, traremos as peças “A Classe Morta” (1976) de Tadeusz Kantor (Teatro da morte) e “Akropolis” (1962) de Jerzy Grotowski (Teatro pobre), ambas obras polonesas com fortes reflexos das crises sociocultural, linguística e financeira, após a Segunda Guerra Mundial. O quadrinho norte-americano “Maus” (1986) de Art Spiegelman, que relata a memória de imigrantes do mesmo período que as peças, colaborou, como contraponto construtivo, já que traz elementos gráficos atenuantes. Os filmes “El ángel exterminador” (1962) e “Le charme discret de la bourgeoisie” (1972), ambos de Luís Buñuel, imersos em uma atmosfera surrealista, trazem no roteiro elementos observados no cruzeiro, como pessoas conectadas por uma “força invisível”, uma sensação de comunicação rompida, além da disseminação de informações enganosas. Questões que enfrentamos no presente, como o fluxo contínuo de (des)comunicação – que

desafia a estrutura referencial do mundo que habitamos. Articularemos possibilidades de escritas da crise através da apresentação das imagens do conto e das referências.

Fora de forma: a escrita da crise

Evelina de Carvalho Sa Hoisel (UFBA)

Resumo Com o objetivo de refletir sobre a escrita do sujeito em crise, proposta pelo Simpósio A escrita da crise, pretende-se proceder a uma releitura de *Guerra em surdina* (1964), do escritor russo brasileiro Boris Schnaiderman, no sentido de compreender como a escrita do diário de João Afonso, calculador de tiros e integrante da Força Expedicionária Brasileira – FEB – registra os conflitos vivenciados por ele e pelos soldados durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália. Construída a partir de um jogo que alterna um narrador que assume a primeira e a terceira pessoas, a narrativa de João Afonso rompe, em vários trechos, com os limites da linguagem e ganha um ritmo delirante para registrar a vivência cruel de uma guerra em surdina – o turbilhão de acontecimentos, conflitos, alucinações, medos – que circulam em alta voltagem na intimidade dos soldados, de sujeitos em crise, diante da violência e da brutalidade, gerando o esgotamento físico e psíquico do narrador protagonista. Pretende-se verificar como as imagens do terror e de um mundo em escombros são postas em circulação por uma escrita que se faz de resíduos, fragmentos, despojos da barbárie, traduzindo o ilimitado e o imponderável da experiência interior do sujeito em crise.

Horror da crise: monstruosidades-mundo; monstruosidades-eu;

Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade (UFBA / UFMG)

Resumo O presente trabalho busca analisar a figura do *Godzilla*, a partir dos filmes de 1954 e 2016, assim como o protagonista do mangá, *Boa Noite, Pun Pun!* (2018), de Inio Asano. O objetivo do trabalho é interpretar as imagens das monstruosidades do imaginário japonês, a partir dos acontecimentos de crise, tanto do ruir do mundo, quanto

da ruína do próprio sujeito. Os monstros são a corporificação do abjeto e do horrível da experiência humana. Eles são formas estéticas e políticas de entender o caos do mundo, da natureza e do humano. As deformidades e dilatações revelam a transgressão do sujeito em frente ao caos e a crise. Artaud, no livro, *A Perda de si: cartas de Antonin Artaud*, organizado por Ana Kieffer (2017), apresenta a busca pelo espaço em suspensão da própria crise, do mal, da doença, da crueldade que atravessam o ser, em sua loucura da vivência cruel. Para o autor, a crise do corpo em falência, da mente em retalhos, impõe uma ruptura com a língua e o texto. O monstro é o abandono do limite do próprio corpo para construção do abjeto em que o eu e o mundo se colocam como presentificação do caos e da crise. O monstro é o texto que fratura a economia das formas. Assim, para pensar a crise do significado associada a criação das figuras monstruosas, serão utilizados Antonin Artaud, Kuniichi Uno, Christine Greiner, Byung-Chul Han, Georges Bataille e Peter Pál Pelbart.

Interdição e intermediação na escrita mística de Angèle de Foligno

Antonia Torreão Herrera (UFBA)

Resumo O presente trabalho busca analisar *Le livre des visions et instructions* de Angèle de Foligno. Nascida no século XIII, em Foligno, na Umbria, sob os holofotes da Inquisição, uma mulher, rica, dona de palácio, vida mundana, com marido e filhos, após ficar viúva e perder os pais e todos os filhos, despoja-se de tudo, vende suas posses e atende a um chamado místico para fazer peregrinação em Assis. Interessam-me as vozes ouvidas por Angèle e seu processo de escrita ditada. Sua ardente necessidade de dizer, alternada de silêncio em recolhimento, são tentativas de sentir e dizer o Inefável. Seu ouvinte e escriba, o padre Arnaud, que é também seu discípulo, apresenta-se arrebatado e fascinado pela fé e singularidade de Angèle que, em seus momentos de transporte místico, dita para ele seu texto. A cena da escrita ou a encenação da escrita tem sido palco de estudo desde os primórdios do século XX, mediante considerações de ordem filosófica, psicanalíticas, antropológica e da ciência da comunicação. Consideramos que há sempre um rastro de alucinação

na escrita criativa, assim como há desvão de crises em uma brilhante lucidez. A fronteira existe porque há aproximações de territórios. A escrita é, pois, um ato lúcido e insano que perpassa o gesto de um gênio ou de um louco. Consideramos ainda que toda escrita arrasta em si uma crise da escrita, como gesto dissociativo de um corpo e seu pensamento, de uma peformatividade que engendra um saber e uma alienação. Assim, será realizada uma leitura sobre a escrita mística, que sofre dos arroubos do dizer com a incapacidade de dizer, e com a insuficiência da língua para dar conta de estados febris e ardentes.

Jacques Rigaut; A Experiência-Limite de um Literaturicida-Tanatógrafo

Renato Factori Canova (PUCSP)

Resumo Este artigo tem como intento apresentar a análise resultante da dissertação de mestrado defendida no ano de 2019 na Pontifícia Universidade de São Paulo sobre os escritos do arteiro dadaísta Jacques Rigaut, conhecidos como epitáfios. Tal exposição se compõe de uma miríade conceitual na qual se fez possível oferecer uma resposta possível acerca da probabilidade em inserir ao ato suicida uma dimensão estética. Tão Logo, algumas ferramentas conceituais foram acionadas. Com o conceito de Literaturicida, de autoria de George Izambard, procurou-se explorar o modo de ser de Jacques Rigaut, sua profissão de fé; um homicida simbólico das *magnus opus*, de seus autores e de seus respectivos valores culturais. Os epitáfios produzidos nessa profissão podem ser apreendidos como aparelhos de Tanatografias, cujo conceito foi elaborado por Philippe Sollers. Suas tanatografias revelam seu flerte com o morrer, narrativas que exprimem a morte de si, o gesto da escrita que expressa seu anseio por encerrar-se. Tais grafias mortíferas, lançam Jacques Rigaut em uma Experiência-Limite, conceito este, elaborado por Maurice Blanchot. A Experiência-Limite localizada no campo da escrita, exige de Jacques Rigaut seu corpo, colocando em risco sua existência, que o faz deslizar rumo a uma renúncia de si, a uma bela desistência, uma elegante saída de seu habitat corpóreo, infringindo sobre si, por um gesto de sumária estesia, uma Estética da Desistência

Kathy Acker: escrevendo no limite

Livia Laene Oliveira dos Santos Drummond (UFBA)

Resumo “Ceci ne sera pas un article”, mas um experimento de leitura... um experimento de sensações sorvidas na e da leitura da novela *The childlike life of the Black Tarantula by the Black Tarantula*, primeira obra da escritora americana Kathy Acker, com o intuito de compor um mosaico de reflexões a respeito da crise do sujeito, dramatizada na e pela linguagem que, simultaneamente, entra em crise; além desta obra, outros textos da escritora serão evocados, pois as referidas crises se espriam em toda sua obra; neste experimento, busca-se apreender o movimento de uma escrita-sujeito em convulsão; Acker traz à cena o impossível, que constitui a ideia de eu/sujeito/identidade, por meio do dilaceramento de um corpo que desde a invenção da psicanálise contribui para a formação da noção de eu/sujeito/identidade (VIGARELLO, 2015)... O corpo é o grande campo de batalha de Acker, o corpo-corpo, o corpo-linguagem, a linguagem-corpo... É pela violência, pela destruição do corpo-corpo, da linguagem-corpo, que suas personagens se apropriam e reconfiguram o corpo, a linguagem e a subjetividade; nós, na condição de leitores, podemos tentar apreender a ruína do império do EU a partir da sua escrita... Esta é uma leitura do impossível e para estabelecer um diálogo com o impossível recorreremos às reflexões de outros escritores, alguns deles “precursores de Acker”, no sentido borgiano da expressão, a saber: Georges Bataille, Yukio Mishima, Maurice Blanchot, Antoine Artaud, entre outros, que evocam em suas obras temas centrais na obra de Acker como: a carne, a escrita, a violência, o erotismo e a crise do eu... E paramos por aqui para não estender a lista de temas ao infinito.

Os relatos de experiência e a produção de testemunho como ferramentas epistemológicas durante a pandemia de Covid-19

Pamela Moura Freitas (UFBA)

Resumo Este trabalho nasce da observação de dois momentos particulares. De um lado, a conjuntura vivida pelos sistemas

epistemológicos tradicionais. Seja pela produção de materiais dos campos da filosofia e sociologia da ciência, seja por um profundo negacionismo que passou a infestar o debate público, é visível o abalo nas estruturas dos sistemas do conhecimento nos tempos atuais. Não é coincidência, portanto, que muitas das produções teóricas e acadêmicas dos últimos tempos sejam realizadas a partir das experiências e vivências dos pesquisadores e apresentadas em primeira pessoa. Por outro lado, a pandemia da COVID-19, vem se revelando como um cenário de crise com efeitos tão profundos quanto extensos, ampliados pelo contexto contemporâneo de transformações e incertezas. A crise sanitária gerada pelo novo coronavírus encontrou um mundo que já estava enfrentando profundas mudanças causadas não somente por uma grave crise econômica, mas também pela crise climática-ambiental, pelas tensões envolvendo a disputa da hegemonia nas relações internacionais, por um profundo abalo nos papéis e instituições sociais, pela crise nos sistemas de confiança, além de uma inquietação em relação às questões identitárias e um ressurgimento de discursos extremistas. Sendo assim, este trabalho se propõe a analisar como a experiência aparece como uma possibilidade de, num mundo em que os sistemas epistemológicos tradicionais estão em crise, e em que os eixos de estruturação da vida dos sujeitos, inclusive a linguagem, enfrentam desgastes, produzir enunciados que estão sempre abertos a mudanças, não tem a pretensão de fabricar verdades, e, ao mesmo tempo, não mentem jamais. Pretende-se, portanto, através da análise das produções que tentam entender e explicar o presente, perceber o testemunho e os relatos de experiência como uma tentativa de tornar visível o sofrimento, os restos, os cacos, aquilo que escapa à descrição objetiva do mundo e, a partir disso, construir vida e, portanto, conhecimento.

Teoria e crise em *O prazer do Texto* de Roland Barthes

Marcelise Lima de Assis (UNEB)

Resumo No livro *O estruturalismo e a miséria da razão*, Carlos Nelson Coutinho diz compreender o estruturalismo como uma expressão ideológica de um mundo aparentemente “seguro”. O francês Roland Barthes escreveu a respeito desse método em uma de suas fases

intelectual, e que podemos notar por meio de seu texto *Análise Estrutural da Narrativa*. Contudo, esse método, quando aplicado ao estudo do texto literário e às obras de arte, tende a apagar as categorias: historicidade, razão e humanismo, privilegiando uma técnica burocrática de análise das obras. Em outro momento de sua fase intelectual, precisamente por meio do texto *O prazer do texto*, Roland Barthes apresenta um rompimento com o método estruturalista, bem como abre espaço para outras formulações, posteriormente denominadas como “Pós-modernas” ou “Pós-estruturalistas”, dependendo dos processos de recepção. Nesse sentido, interessa a esta proposta de comunicação duas noções de texto propostas por Roland Barthes em *O prazer do Texto*: texto de prazer e texto de fruição, para as quais o autor criou definições “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”, enquanto “Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, (...) faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, (...), faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (BARTHES, 1987, p. 21). Outra noção que Roland Barthes privilegia na sua nova fase intelectual é a de Antigo e Novo. Ao compreender que a ideologia é alimentada socialmente pela repetição da linguagem, dos códigos etc., ele argumenta que, ao contrário dessa lógica, o Novo é a fruição, o de fazer falar uma linguagem contrária à linguagem das massas, pois esta trabalha repetindo a linguagem, sobretudo, a burguesa, que ele chama de fora-de-fruição.

Uma mosca em *Escrever* de Marguerite Duras

Paula Cristina Gomes do Amparo (UFRJ)

Resumo A escritora francesa Marguerite Duras, após a venda dos direitos autorais de *Uma Barragem Contra o Pacífico*, adquiriu uma casa de quatrocentos metros quadrados em Neauphle-le-Château, uma comuna francesa próxima de Saint-Denis. Essa casa comprada pelo trabalho da escrita e usada para continuar exercendo o ofício da escrita, será o cenário do ensaio-filme *Escrever*, no qual uma narradora solitária e consciente da sua solidão irá elaborar a relação existente entre a escrita, a loucura, o vício e a casa. A atmosfera noturna perpassa todo o relato da escritora, ressaltando que escrever a/à

noite não funciona segundo o relógio do dia, das fábricas ou de uma jornada normativa. O trabalho do escritor verdadeiramente começa quando todas as outras pessoas dormem, sendo um trabalho do corpo que será inscrito com as paredes da casa, os barulhos da rua e as demais atividades domésticas. Nesse contexto, surge a escrita estranhamente material de uma mosca proletária que morre às três e vinte da tarde, inserindo, na temporalidade, uma narradora órfã de maio de 68 que humanizará a mosca, escrevendo e registrando a sua morte. Diante da perda de si, experimentamos a solidão na linguagem, que, em *Escrever*, terá uma de suas encarnações no desenho que a mosca faz na luz refratada na parede da sala, e que escreve através de um gesto que deixa em suspenso o nosso repertório ocidental de comunicação – geralmente via palavra falada ou escrita. Por fim, diante desse limite da linguagem, será elaborada uma leitura detida da morte da mosca, colocando-a em diálogo com os filósofos franceses Maurice Blanchot e Georges Bataille, contemporâneos da autora e citados em *Escrever*.

Simpósio 21**Escritas contemporâneas:
incursões, avaliações e desafios ao comparativismo**

Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GO)

Resumo Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, Belém-PA, a 2019, Brasília. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEBSalvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio expressam a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos para seguir como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das postulações a O que é o contemporâneo: “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” A imagem potente de um “escuro” do tempo delineia metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e o corpo das proposições aceites como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de “cultura” alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o

empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, conseqüentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a “mundanidade”. Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o “escuro do tempo” ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artísticocriativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalcados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de

performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea.

**“O que é que se passa quando se escreve sem ver?”:
leituras de Clarice Lispector e Jacques Derrida**

Amanda Dib da Silva de Almeida Ferreira (UFRJ)

Resumo Este trabalho visa ler *A paixão segundo G.H.*, escrito por Clarice Lispector, com *Memórias de cego: o auto-retrato e outras ruínas*, de Jacques Derrida. É importante destacar a abertura do romance de Lispector: G.H. afirma que só será possível narrar o acontecimento que a acomete se “fingir que alguém está segurando a minha mão”. Entende-se que a mão se inscreve na escrita da narradora-personagem como se o romance fosse em si uma escrita de cego, a lembrar: “a escrita entrega-se antes à antecipação [...] a antecipação seria coisa da mão. O tema dos desenhos de cego é antes de mais a mão” (DERRIDA, 2010, p. 12). Quanto a isso, também é válido retomar o que G.H. diz: “Enxerguei, mas estou tão cega quanto antes” e “meu testemunho visual de um jarro ou de uma cadeira é falho em vários pontos”. Quando a narradora-personagem depara-se com a barata no quarto da empregada, ela pergunta-se: “Seriam salgados os seus olhos? (...) se eu os tocassem com a boca, eu os sentiria salgados?”, o que indica que ela busca outro modo de ver a barata, isto é, um modo que não envolve apenas o testemunho visual. Derrida pergunta-se: “O que é que se passa quando se escreve sem ver? uma mão de cego aventura-se solitária (...) tateia, apalpa, acaricia (...) como se um olho sem pálpebra se abrisse na ponta dos dedos”. Pode-se afirmar, então, que é “na errância, no tacteio, na especulação” que os textos, tanto o de Clarice quanto o de Derrida, constroem-se e apresentam-se. Portanto, este trabalho intenta investigar a escrita como traço constituído de um espécie de cegueira que dá a ver a dúvida e que propicia a inserção do corpo, sobretudo através do toque, no romance de Clarice Lispector e no texto de Jacques Derrida.

“Sorôco, sua Mãe e sua Filha”: uma análise transcriativa

Cristiano Gomes da Silva (PUC-GO)

Resumo Os estudos da tradução, na contemporaneidade, têm propiciado cada vez mais inquietações a todos que se dedicam a essa ocupação, tornando-se cada vez mais movediços, resultado do que vem acontecendo nos estudos de linguagem na modernidade, o que propulsiona a pesquisa, de maneira geral e, em especial, na área da tradução. Neste sentido, o principal objetivo, no presente trabalho, é abordar a tradução em seu aspecto transcriativo, considerando-a como crítica literária. Das três ocorrências da tradução, a intralingual ou reformulação, a tradução interlingual ou tradução propriamente dita e tradução intersemiótica ou transmutação, sua última interface terá prioridade nos estudos deste artigo. Destarte, as reflexões não se limitarão tão somente a estudos teóricos, mas também, à investigação de peças estéticas escolhidas para análise interpretativa, proporcionando um diálogo entre literatura, pintura, filmes e outras linguagens e signos artísticos. A obra “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de João Guimarães Rosa, assumirá um caráter de singularidade, estabelecendo-se como eixo central para as discussões que aqui serão travadas. Dispondo, lado a lado, a sua versão original como conto e a versão fílmica de Kico Jaess, pretende-se constatar como o processo de semiose é amplamente alterado quando o signo é utilizado em seu aspecto estético, quer dizer, de que modo o código, do qual o signo fazia parte anteriormente, será transformado, tornando muito mais difícil e criativa a tradução.

A Editora Mulheres e a contribuição de Zahidé Muzart para os estudos literários feministas

Antonia Rosane Pereira Lima (UFBA)

Resumo A Editora Mulheres foi um dos projetos mais notáveis realizados pela pesquisadora sul-rio-grandense Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015), o qual pautava-se, principalmente, no “resgate” de escritoras do passado e suas respectivas obras. Com a criação da editora, em 1995, juntamente com duas parceiras Elvira Sponholz e Susana

Bornéo Funck, foi possível relançar obras das autoras de autoras do século XIX e que não era possível serem adquiridas de outro modo. A Editora Mulheres foi responsável pela reedição de diversos títulos, como o dicionário de Inês Sabino, *Mulheres ilustres do Brasil*, publicado originalmente no final do século XIX (1896), que, segundo Risoletti Maria Hellmann (2017), teria feito a inauguração da editora. Outras obras que constam dessas publicações são: *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann (Délia), dentre outros trabalhos. Esse empreendimento foi interrompido em 2015, em decorrência do falecimento de Muzart. O interesse de estudo de Zahidé Muzart girava em torno do questionamento da constituição do cânone literário – e a sua quase total ausência feminina –, que insere as escritoras do século XIX e suas obras. Por esse motivo, ela tanto se empenhou em trazer ao conhecimento do público a ampla produção de escritoras brasileiras, sobretudo do período oitocentista, tendo em vista que a maioria figurou no esquecimento até pouco tempo atrás. Nesse sentido, este estudo busca discutir o legado da pesquisadora em questão, levando em conta a criação da editora citada, para os estudos literários feministas. Para isso, serão usadas diversas referências da crítica feminista, a exemplo de Constância Lima Duarte, Maria da Conceição P. Araújo, Sinéia Silveira, Simone Pereira Schmidt, dentre outros nomes.

A leitura além das palavras: a cozinha literária na recepção cultural do sujeito

Lais Conceição Portela (UNEB)

Resumo A leitura faz parte da sociedade fornecendo conhecimentos e rastros que nenhuma outra forma de comunicação forneceria. Isto se dá pelo do envolvimento social que o texto toma para si a partir da interação do autor, texto e leitor, construindo representações, identificações e ideologias que reafirmam elementos externos às narrativas como história, cultura e a própria linguagem. Reconhecendo a construção de alguns personagens presentes nas obras de Jorge Amado, compostos de características regionais, observa-se sujeitos que interagem com história e cultura do território baiano a partir da culinária local. Deste modo a pesquisa discorrerá sobre o sujeito

personificado, através da cozinha literária amadiana, com o objetivo de compreender os sentidos e analisar a relação do autor com a gastronomia e com o sujeito pertencente à narrativa. Na tentativa de revisar a interação das obras literárias com o sociocultural, se deu a leitura de um corpus investigativo que abordasse a literatura e a alimentação junto às obras que discorrem sobre o autor, o texto e o leitor em paralelo com a recepção literária e os estudos culturais. A análise dos conteúdos se apoiou em uma investigação levantada pela leitura da obra de Paloma Amado (2014), em interlocução com obras do autor que referenciam a culinária baiana. A partir disto se obteve uma discussão entre o texto em diálogo com o sujeito cultural, a recepção literária de Jorge Amado e sua expressão social, a cozinha literária como reflexo da cultura e como recepção de memória e afeto do sujeito. Concluindo que os trabalhos de Jorge Amado sempre abordaram o alimento em várias vertentes caracterizando a cultura soteropolitana sendo possível uma interação do autor, das obras e do leitor através da gastronomia literária.

A máquina de guerra literária e o estado de exceção nas obras literárias de José J. Veiga

Wanice Garcia Barbosa (PUC/UFG)

Resumo Com esse estudo pretende-se apresentar as obras de J. J. Veiga: *A hora dos ruminantes* (1966), *A sombra de Reis Barbudos* (1972) e *Vasabarro* (1982) como agenciamentos maquínicos profanado (subjetivação- transpor a história, ir contra o tempo e à eternidade para focar no aqui e agora) os dispositivos (dessubjetivação- o homem como objeto de algo) culturais e políticos e a máquina Estatal sedentária. Objetiva mostrar a máquina de guerra de Deleuze e Guattari *Mil platôs* volume 4 e 5 (1997) e o porquê dessas obras serem resistência contra o estado opressor, capazes de criar linhas de fugas; inventa seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos. A teoria dos dispositivos em seus Três significados: seres viventes, os dispositivos entre eles o terceiro os sujeitos conceituados nas obras de Giorgio: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2009) e *Estado de exceção* (2004) estas dialogam com as obras de J. J. Veiga, contra dispositivo; fazendo assim, as obras literárias traçarem um diálogo entre si, resistentes

quanto contra os regimes autoritários. Através destes aportes teóricos sobre a Máquina de Guerra literária e o profano contra os dispositivos demonstrar que a literatura dessubjetiva não representa um perigo ao estado dominante, sendo assim, é capaz de tramitar nos lugares abandonados pelo estado e torna-se um elemento imprescindível para se criar um estado de exceção, capaz de oferecer uma resistência, abalando as estruturas tidas como solidas do estado. Essa máquina de guerra literária estoura em linhas de fugas desterritorizando e reterritORIZANDO de forma veloz e transforma-se em uma profana (contra dispositivo) guerra dos sexos, dos desejos, das sexualidades, das identidades, dos marginalizados, negros, mulheres e outras linhas que são impossíveis de se combater, pois são despercebidos.

**A oficina “escreve, mulher!”:
um dispositivo capaz de atualizar novas possibilidades de vida**

Luisa Benevides Valle (UERJ)

Resumo Neste trabalho, trarei algumas reflexões acerca da oficina “escreve, mulher!”, espaço online de leitura e escrita entre mulheres. Desde seu início em 2020, foram realizadas 8 edições com 39 mulheres no total, sendo o único pré-requisito para participar o desejo pela escrita. A oficina consiste no trabalho de campo de minha tese de doutorado em Letras pela UERJ, onde ingressei em 2020. Visto que o projeto encontra-se em andamento, farei um recorte inicial do espaço em si, partindo de três indagações: como surgiu a oficina? Podemos pensá-la enquanto um dispositivo? E seria ela capaz de produzir novas subjetivações? A oficina teve início num contexto pandêmico. Diante de um esgotamento das possibilidades existentes, era urgente a criação de um novo campo de possíveis. Ela surge a partir de uma abertura ao acaso, guiada não por projetos ou imagens concretas, mas por sinais afetivos. Naquele momento, era urgente inventar formas sociais capazes de atualizar novas possibilidades de vida (ZOURAVICHBILI, 2000). Penso o espaço da oficina enquanto um dispositivo. De natureza heterogênea, entre o dito e o não-dito, um dispositivo se forma a partir de um certo momento histórico com a função de responder a uma urgência, obtendo efeitos mais ou menos imediatos (AGAMBEN, 2009). Tais efeitos podem ser

vistos enquanto a criação de novas possibilidades de existência. Assim, situo a oficina entre a literatura e a clínica, sendo meu foco não exatamente a produção de textos, mas antes o que, nas entrelinhas, possa se vislumbrar enquanto novas possibilidades de subjetivação referentes à mulher. O critério a me guiar nos encontros é, portanto, imanente e de ordem estética (DELEUZE, 1996). Numa postura à espreita e aberta ao acaso, busco, enquanto acadêmica, ser facilitadora de novas possibilidades de vida, num momento em que, mais do que nunca, elas se fazem prementes.

A poética de Leodegária de Jesus como princípio da Literatura feminina em Goiás

Cosme Juarez Moreira Stréglio (PUC-GO)

Resumo A proposta desta pesquisa tem como base a compreensão da formação poética de Leodegária de Jesus, bem como sua tentativa de construção dos primeiros versos com o apoio da família e a publicação das duas obras: *Coroa de lírios* e *Orquídeas*. Esta pesquisa também analisa como o eu lírico, nestas duas obras, desenvolve os passos poéticos tendo a idealização referente ao amor, passando pelos caminhos do devaneio e, ao mesmo tempo, tendo a ideia da fuga do sofrimento amoroso por meio da criação poética. A autora, por sua vez, através do eu lírico demonstra a compreensão da dinâmica da dualidade que se dá entre os termos: vida e morte, sofrimento e felicidade chegando ao aspecto místico do amor e do sofrimento. Esses aspectos revelam o eu lírico numa coletânea de poemas conhecidos como *Semana Santa*. Para o alcance dos objetivos propostos para a realização deste estudo dissertativo, temos como suporte teórico o arquétipo de Northrop Frye e a teoria do imaginário. A expectativa de estudar a poetisa Leodegária de Jesus é ao mesmo tempo a percepção de um contexto que era difícil uma mulher ser escritora em Goiás e no Brasil porém não impossível como ocorreu com a jovem Leodegária que aos 17 anos é a primeira mulher goiana e negra a ter um livro de poesia publicado denominado *Coroa de Lírios*. Os estudos sobre Leodegária de Jesus tem: Darcy França Denofrio, Basi-leu França, Gilberto Mendonça Teles.

A poética do corpo na poesia contemporânea de Mônica de Aquino

Eva Maria Testa Teles (UFMS)

Resumo O presente trabalho parte da observação de como o corpo está presentes nos poemas da obra *Fundo Falso* (2018) da escritora mineira Mônica de Aquino. O objetivo geral foi analisar as experiências corpóreas enquanto parte da inspiração poética e estética na perspectiva da filosofia nietzschiana que enxerga o corpo como expressão da vida enquanto fio condutor da vontade de poder, de acordo com a qual não há separação entre corpo e alma, sendo alma entendida como razão, que para Nietzsche é ainda corpo. Para orientar este estudo nos embasamos no texto “O que pode o corpo” de Daniel Lins, com especial atenção ao capítulo “Metafísica da Carne: o que pode o corpo” em que o autor traz as contribuições de Nietzsche, Deleuze e Espinosa para o debate sobre o corpo e o pensamento. A leitura dos poemas nessa perspectiva possibilitou a reflexão sobre a forma como o corpo é apresentado nos poemas e os limites que encerra, essa representação aparece algumas vezes de forma sutil e delicada: “Tece o pano como quem toca/ o corpo de um homem, de cem homens” (AQUINO, 2018, p.19.), outras, porém, de forma visceral e contundente: “De noite desfaz, obediente/ a fera que a carne abriga” (AQUINO, 2018, p. 21). Pode-se observar que a poesia de Aquino está em consonância com a teoria apresentada, pois nela parece não existir binariedade corpo/pensamento, os dois estão intrinsecamente relacionados, o corpo aparece como pulsão criativa e materialização dos pensamentos, planos, angústias e desejos do sujeito lírico, que ao experienciar o sensível e, também, o imaginário os traz igualmente em poesia.

A representação da mulher negra na poesia de Luiz Gama

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (PROGEL/GELC/UEFS)

Resumo Este artigo visa analisar a representação da mulher negra na poesia de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, verificando como o escritor tematiza e representa em Primeiras trovas burlescas publicada

em 1859, a mulher negra. As representações de mulheres negras na poética de Luiz Gama, fruto de uma escrita afro-brasileira, é construída partindo da sua vivência, o qual ousou e desafiou a lógica da representação que circulava na sociedade brasileira do século XIX, acerca da população negra. Além disso, será analisado a aceitação por parte do público leitor com relação a uma obra escrita por um negro, quando normalmente, o ambiente literário da época era constituído por brancos, sobre os brancos e para os brancos. Os poemas que compõe a obra citada são carregados de sentimentalismo de alguém que viveu na pele as amarguras da escravidão, mas que soube com destreza fazer uso das letras para superar todo o sofrimento vivido e denunciar destemidamente as injustiças sociais do seu tempo. Além disso, os poemas líricos do autor trazem a valorização da mulher negra, características até então desvalorizados pelos poetas do Romantismo brasileiro. A poesia lírica de Gama acaba sendo soterradas pela poesia satírica. São trazidos para o debate, os poemas “A cativa”, “Meus amores “ e “Minha mãe”, de Luís Gama, extraídos da sua única obra *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (2000), sob a ótica crítica de Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Lígia Fonseca Ferreira, Nazareth Fonseca, Antonio Candido, Zilá Bernd, Luiz Carlos Santos, Jair Cardoso dos Santos, Sílvia Roberto e outros.

Audiodrama na mídia de áudio podcast como forma expansiva para a criação ficcional

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB)

Resumo O caleidoscópio narrativo contemporâneo tem sido marcado pela transmídia e hipermídia, com seus deslocamentos e hibridações desconcertantes, provocando estudiosas, a exemplo de Florência Garramuño (2014), a observar a inespecificidade da estética contemporânea, caracterizada pelo entrecruzamento de meios, suportes e manifestações artísticas díspares. Ainda que esse contexto provoque uma espécie de vertigem de Babel em leitores e espectadores, as novas experimentações artísticas conjugadas à interface digital possibilitam que a elaboração ficcional absorva a pulsação de outras linguagens, tornando o processo de hibridização entre imagem e texto, ou som e texto, em um profícuo laboratório de criação

na contemporaneidade. Nesse sentido, os podcasts de audiodramas passaram a ocupar espaço na criação de narrativas ficcionais em mídia de áudio, como exemplifica o “Contador de histórias”, projeto de Danilo Battistini, o qual desenvolve narrativas de ficção especulativa, explorando a dramatização em áudio a partir de um roteiro, dublagem, trilha musical e efeitos sonoros. O audiodrama, inspirado na radionovela, ressurgiu por meio da mídia de áudio podcast, formato que emergiu com a cultura da convergência (JENKINS, 2009), ao ressignificar a linguagem radiofônica na esteira das mutações promovidas pela mídia digital. A proposta do trabalho é examinar os episódios “O viajante e a vila” e “O caso de Agatha Dias”, do programa “Contador de histórias”, a fim de analisar o processo elaborativo do audiodrama, buscando compreendê-lo como forma expansiva de criação ficcional, ao estabelecer o hibridismo entre elementos dramáticos e imaginativos aos processos da mídia de áudio, ao mesmo tempo em que proporciona uma experiência imersa para o leitor ouvinte.

Comparando o realismo contra-hegemônico no romance latino-americano contemporâneo

Dionisio David Marquez Arreaza (UFRJ)

Resumo Esse trabalho estuda dois romances realistas latino-americanos, a saber, *Bicentenaire* (2004) do escritor haitiano Lyonel Trouillot e *Yo maté a Simón Bolívar* (2010) do venezuelano Vicente Ulive-Schnell, como produtos simbólicos em circulação num espaço político e comunicacional no qual as obras interagem em Haiti e Venezuela contemporâneos. Do ponto de vista do método, a leitura literária da identidade dos personagens toma em conta a noção gramsciana de articulação. A relação complementar entre obra e mercado parte do seu conceito de hegemonia, revisado pós-estruturalmente por Laclau e Mouffe (2001), e também da leitura política da literatura proposta por Jameson (1991) e Rancière (2000; 2007). A tensão nas identidades marginalizadas (i.e.: a negra) e nas classes socioeconômicas ficcionalizadas aponta para uma crítica do nacional e da justiça social inalcançada e, por contraposição, para a construção de uma nova (contra)hegemonia cultural através da (in)formação do leitor-cidadão, no nível do texto. Porém, no nível do contexto, as obras e seus autores

lidam com a frustração de observar os limites do mercado editorial nas discussões públicas do nacional, em particular, ao reconhecer o problema de leitura no país respectivo e o horizonte hegemônico que orienta o mercado literário, os aparelhos comunicacionais em massa e os paradigmas político-ideológicos.

Fraternos romances:

uma leitura de *A resistência*, *Torto arado* e *Marrom e Amarelo*

Karina de Castilhos Lucena (UFRGS)

Luiza Ely Milano (UFRGS)

Resumo Nossa comunicação parte de uma constatação aparentemente banal: três romances brasileiros contemporâneos de grande circulação e prestígio se estruturam a partir das tensões entre irmãos. Em *A resistência* (2015), de Julián Fuks, o narrador está às voltas com a identidade do irmão adotado, e a relação entre os dois possibilita uma reflexão sobre as políticas da memória na transição da ditadura à democracia no Brasil e na Argentina. Em *Torto arado* (2018), de Itamar Vieira Junior, duas irmãs tomam a palavra para narrar, cada uma a seu modo, a aridez da vida no Brasil profundo. Em *Marrom e Amarelo* (2019), de Paulo Scott, o irmão de pele clara tenta entender pelo que passa seu irmão de pele escura em uma das cidades mais racistas do país, Porto Alegre. Nesses três romances estão concentrados problemas cruciais do Brasil contemporâneo – a memória da ditadura, questões de classe, gênero e raça – e nossa hipótese é que a forma literária construída a partir da perspectiva dos irmãos permite o tratamento desses temas com a complexidade que exigem. Para organizar nossa perspectiva de análise, mobilizaremos igualmente a ideia pendular de macro-micro, ou seja, buscaremos apontar uma posição de interpretação basculante para tentar entender como lidar com construções ficcionais tão intimistas/singulares ao mesmo tempo em que a tematização mobilizada por esses romances apresenta repercussões sociais de temáticas deveras inquietantes no âmbito do social.

Geografias contemporâneas da intimidade em “Kentukis” de Samanta Schweblin

Valerie Osorio-Restrepo (The University of Texas at Austin)

Resumo A contemporaneidade tem mostrado uma relação inextricável entre o íntimo e o público, devido especialmente ao desenvolvimento vertiginoso da Internet, das redes sociais e da sofisticação dos dispositivos eletrônicos destinados à comunicação ou ao acesso à informação. Na literatura latino-americana do século XXI, a intimidade contemporânea tem sido explorada por meio da reflexão sobre a sofisticação dos dispositivos, a invasão da privacidade, o viral, as intimidades públicas, as novas linguagens, a banalização das emoções, o alcance da cidadania digital, as limitações da lei ou as novas maneiras dos relacionamentos amorosos. O romance “Kentukis”, de Samanta Schweblin, apresenta a imagem da conexão global através de uma rede de intimidades nas quais os sujeitos observam e são observados. A partir dessas conexões e do fenômeno global de proliferação de tecnologias e sua utilização como mecanismos de vigilância, proponho que a exibição da intimidade permite considerá-la como um fenômeno coletivo. A abertura digital e a suposta democratização da Internet suscitaram novos ritmos, novos afetos, novas relações entre sujeitos e novas relações com o público e o privado. O marco teórico que proponho para o análise da intimidade na contemporaneidade são os estudos da vigilância e a teoria dos afetos. A intimidade é caracterizada, na ficção do século XXI, pelos fluxos de informação, o que significa que é móvel; pela corporeidade que se transforma em dados, o que revela uma fração não humana; e pelos afetos que têm a ver com a soberania sobre os corpos, o que a torna política.

Googlagens e remixes literários: a escrita não-criativa do século XXI

Sayonara Amaral de Oliveira (UNEB)

Resumo Nesta comunicação, pretende-se refletir acerca de práticas literárias contemporâneas, disseminadas na mídia digital, as quais se formulam por meio da apropriação, da colagem e mixagem de textos

alheios, oriundos de fontes e suportes diversos. Considera-se que tais práticas podem ser lidas à luz do conceito de escrita não-criativa, de acordo com a definição do escritor e artista visual Kenneth Goldsmith (2011): uma escrita deliberadamente desprovida de originalidade e genialidade – no sentido convencional os termos –, que desafia o modo como tradicionalmente pensamos as noções de autoria e de criação no campo da literatura e das artes em geral. Trata-se de uma escrita que, segundo a crítica Marjorie Perloff, deflagra a nova noção de inventio do século XXI, ao substituir o trabalho de “criação” pelo trabalho de “citação” e assumir um exercício estético condizente com a era do eletrônico e do digital, quando os textos se fazem literalmente móveis, transferíveis. Nessa nova inventio, emerge a figura do “gênio não-original”, para quem importa mais mostrar o que se pode fazer com os textos já existentes do que apostar naquilo que se acreditaria (ou pareceria) ser a expressão de uma criação própria ou de primeira mão. Para o desenvolvimento da reflexão aqui proposta, serão tomadas como práticas exemplares de escrita não-criativa a Poesia do google, projeto coletivo que ocupa um site homônimo na web, e o Mixlit, proposta elaborada pelo escritor Lonardo Villa-Forte, cujos textos estão publicados no site MixLit – O DJ da Literatura. A presente comunicação é um desdobramento dos estudos realizados por esta pesquisadora no âmbito do Projeto Procad/Capes Escritas Contemporâneas: desafios teórico-críticos (PUC-Rio/UNEB-Salvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás), iniciado em 2014.

Gota d'água: a literatura como fonte de compreensão da proposta freireana em Pedagogia do Oprimido

Thiele Aparecida Nascimento Piotto (UPM)

Resumo Este estudo pretende lançar o olhar sobre as reflexões de Paulo Freire contidas na *Pedagogia do Oprimido* (1970) e sobre a narrativa da peça teatral *Gota d'água*, escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes em 1975, de forma a encontrar imbricações entre a cena cultural que inspirou os dramaturgos e as práticas educacionais propostas por Freire diante da organização político-social que permeou esse período histórico brasileiro. A leitura da obra de Paulo Freire é significativa fonte de estudos para a prática docente e segue atual

– não apenas no Brasil – em suas reflexões sobre o ensino e que colabora para a ação cívica e o engajamento social do educando, ou seja, ainda que possamos observar importantes mudanças na sociedade, como o acelerado curso das informações, as novas tecnologias, a internet e as redes sociais, e considerando que tais mudanças se dirigem também às experiências escolares e educacionais, as reflexões de Freire alcançam uma observação sobre o comportamento humano e nos sensibilizam para fazer uma análise mais consciente sobre as estruturas sociais. Nesse sentido, abordamos a narrativa de *Gota d'água*, fortemente relacionada à tragédia grega *Medeia*, escrita por Eurípedes em 431 a.C. Os autores brasileiros acrescentam, contudo, ao conflito da mulher traída e abandonada, cuja vingança alcança até seus filhos, a temática de uma comunidade explorada monetariamente pelo dono de um cortiço. Assim, temos uma rica gama de personagens habitantes da comunidade que assistem e reagem à ascensão social do boêmio Jasão, que se vê em dilema de decidir de qual casta social fará parte então, ou seja, se integrará a classe mais privilegiada ou manterá suas origens. Debruçando-nos nesse contexto, podemos estabelecer uma comparação com as observações de Freire em sua obra, a respeito do funcionamento de uma estrutura social opressora, que desumaniza opressores e oprimidos.

Memória, cidade e representação do cânone na expressividade poética de Cora Coralina no entardecer poético

Marta Bonach Gomes (PUC-GO)

Resumo Em 1956, Cora Coralina afirmara: “Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando minha gente” [Voltei] Vintém de cobre (p. 135, 2015). O seu legado, além de ser bastante extenso, é o mais múltiplo produzido por uma só autora no Cerrado Goiano. Apesar de sua obra fazer parte do século XX, ela continua muito atual, pois trata de temas e problemas que continuam a remeter a nosso tempo. O leitor contemporâneo que tem contato com os textos de Cora Coralina conseguem visualizar neles a sua própria vivência. Desse modo, percebemos uma necessidade em estudá-la em alguns âmbitos. O seu retorno a Cidade de Goiás, após 40 anos afastada da cidade natal, Cora se lança na

produção literária. O ato de contar as histórias dessa gente miúda e isolada nos confins do Cerrado implica um intercâmbio de vivências e experiências ligadas à própria natureza da gente sertaneja, e transmitidas de maneira mais verossímil do que o artifício da palavra escrita e manejada por um narrador acadêmico. Uma literatura em que o viés social e cultural se desvela através da identidade e memória numa linguagem inovadora de uma consciência narrativa preocupada em contar. Como roupas que se estendem ao sol para arejar, para secar, roupas guardadas ao fundo de um baú.

**O devaneio e a performance tempo
no romance *A Ampulheta*, de Everaldo Junior
e a tela *A Persistência da memória*, de Salvador Dalí**

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GO)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo realizar uma análise sobre o imaginário na obra *A Ampulheta*, de Everaldo Correia de Lima Júnior e a tela de *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí. O diálogo entre as obras parte da representação do esgotamento do tempo, através da imagem da ampulheta e, pela ideia de relógios se desfazendo. Nestas obras, exploraremos a imagem do tempo a partir da imagem “osmose”, onde a liquidez do tempo na tela de Dalí é marcada pela representação dos relógios como imagens disformes, entre a representação do duro e do mole. Na obra *ampulheta*, a imagem do tempo é percebida sob a magia da ampulheta, quando ela é ativada para experimentar o imaginário do tempo pela imagem da osmose como o fluído escorregadio. A análise parte da fenomenologia de Bachelard, seguindo o caminho da Poética do devaneio. Em *A Ampulheta* o autor procura aproximar pontas do passado e presente, na histórias dos mitos Gregos, romanos, Egípcios, Nórdicos e aproximar distâncias entre as narrativas de cada mito, sem, contudo, fechar qualquer saída para novas e intermináveis viagens nos descaminhos da própria aventura mítica e humana. Nessa travessia, vê-se desconstruída, ao mesmo tempo em que é reconstruída, a aventura terrena do homem, entre deuses, semideuses, planetas, missões e pelejas que decorrem e voltam sempre ao grande Deus Cronos. O contato com essa narrativa chama a atenção pelo seu espírito arrebatador que absorve

o leitor que é envolvido pelas areias da AMPULHETA que compõe a narrativa e que escorrem como um relógio, que marca o tempo que desliza num imaginário ficcional, à semelhança do quadro de Salvador Dalí, A persistência da memória, em que o tempo escorregadio se mistura de forma devaneio.

**O processo de nomeação em *Cem anos de solidão*:
uma discussão sobre o nome próprio e suas narrativas**

Milena Nogueira Franco Soares (UNEB)

Resumo Esse escrito traz a discussão sobre a questão do nome próprio na perspectiva do que é realmente próprio ao indivíduo, utilizando como base a teoria psicanalítica a partir da nomeação como um lugar ofertado pelo Outro e as possibilidades de escrita da própria história em torno dessa marca fundamental. A obra *Cem anos de solidão* entra como peça chave nessa construção, abordando uma série de nomeações repetidas que implicam em destinos previamente desenhados, saberes fixados e tragédias advindas de processos de esquecimento e não elaboração de um passado ainda presente, resultando em um apagamento da história dos personagens e da família. O processo de construção da memória traz a possibilidade do passado se atualizar no presente não mais como repetição, mas como compreensão e transformação, o que se tentou perpetuar através dos nomes, se perdeu com as diversas tentativas de desautorizar a lembrança, e o tempo na obra dava voltas em torno de histórias tão singulares e ao mesmo tempo tão destinadas a se repetirem. O nome próprio entra como possibilidade de inscrição de uma nova história, no processo de revisitação do que essa antiga história carrega de significados, é possível caminhar desconstruindo destinos prontos e construindo novas narrativas, novas marcas de uma história própria.

Resistências políticas e subjetividades em *Tocaia grande: a face obscura*, de Jorge Amado e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior

Pedro Dorneles da Silva Filho (UFF)

Resumo Objetiva-se nesse artigo localizar pontos de contato entre as obras *Tocaia grande: a face obscura*, de Jorge Amado e *Torto arado*,

de Itamar Vieira Júnior, no que concerne à construção de suas personagens, pertencentes a grupos sociais subalternizados, no contexto da luta pela terra. Essas figurações, de algum modo, acabam por imbricar suas experiências subjetivas à necessidade de reivindicação contra as imposições das forças políticas e sociais hegemônicas. Em ambas narrativas, a memória ancestral, a relação íntima com a terra, os projetos de vida e a subversão dos limitantes sociais, articulam gestos que podem ser compreendidos como atos de resistência não só política, mas, sobretudo, humana. Essa investigação ampara-se em um instrumental teórico dos estudos culturais, do pós-colonialismo e da decolonialidade, justamente para pensar na complexa construção identitária dessas personagens subalternizadas como potências de vida. Essa perspectiva procura sobrelevar a discussão localista dos romances, tidos como regionalistas, a uma abordagem em que as experiências e realizações pessoais dessas figurações sejam levadas em conta; revelando, dessa maneira, as diversas camadas de significados que representam. O propósito de fazer uma leitura comparada entre a atualíssima obra de Itamar Vieira Júnior e a obra de Jorge Amado não é traçar um panorama comparativo e evolutivo de abordagens, representações e estilos, até porque são textos construídos esteticamente de modo bem peculiares, isto é, cada um se vale de dispositivos específicos em sua construção. Para tanto, proponho pensar nas intersecções entre as obras em relação a suas temáticas correspondentes em que, a partir de um mote regional, acabam por tocar em questões outras, profundamente humanas, como a solidariedade, a empatia, a memória, a construção da autoestima e as realizações pessoais.

U.S. Latinx: identidades hifenizadas em busca de inclusão social

Giséle Manganelli Fernandes (UNESP)

Resumo Autores de origem Latina, mormente os de ascendência Hispânica residentes nos Estados Unidos, produzem narrativas, poemas e peças teatrais a fim de obterem suporte para suas tentativas de uma justa inclusão social. Ao viverem “entre dois mundos” que se confrontam e também se mesclam, suas angústias estão conectadas a uma diversidade de questões sociais e identitárias. Em busca do

American Dream, esses imigrantes e seus descendentes perceberam a necessidade da transposição de barreiras não apenas físicas, mas também culturais, linguísticas, econômicas e raciais. Ora, é possível a eles o desligamento por completo de suas tradições para se inserirem no American Way of Life? A escritora Dominican-American Julia Alvarez, por exemplo, aborda o fato de ser “hifenizada”, como expressa em seu texto **Entre Lucas y Juan Mejía**, publicado em 1992. Alvarez afirma que lhe falavam “learn your English” e assim ela o fez. Contudo, Alvarez ainda permanece dividida entre os Estados Unidos e a República Dominicana, seu país de origem, com o qual seu pai tinha graves problemas no tocante ao governo de Trujillo. Já Gloria Anzaldúa, Luis Valdez e Jimmy Santiago Baca abordam, em seus textos, a hifenização e as marcas da opressão presentes na rotina de quem precisa enfrentar o preconceito cotidianamente. Este trabalho objetivava analisar questões acerca da condição híbrida desses sujeitos e sua constante busca por igualdade. Textos de José Luiz Saldívar (1997), Walter Mignolo (2000), Néstor García Canclini (2003), Hugo Achugar (2006), Thomas Byers (2011) e Yuval Noah Harari (2018) serão utilizados na fundamentação teórica deste estudo.

Vida social e epidemia na literatura brasileira

Adeíto Manoel Pinho (UEFS)

Resumo Epidemia e pandemia sempre estiveram presentes na sociedade brasileira. Tais doenças, varíola, cólera, tuberculose, gripes são tão frequentes que chegaram a tornar o Brasil um país insalubre e perigoso. A literatura nunca recusou-se a representar essas aflições em suas narrativas, agindo, quase sempre, com acervos desprezados e temidos pelas autoridades sanitárias e políticas. Por isso a atribuição de memória perfeita para a literatura faz tanto sentido. O objetivo desse estudo é apresentar narrativas como memória social do Brasil com vistas a abordar questões de saúde realizadas no país. Outro objetivo é fazer articulações entre história do Brasil e ocorrências contemporâneas. Além de verificar que tais calamidades não são novidade em nossa sociedade, as escritas muitas vezes apontam como foram negadas, politizadas, relegadas ao esquecimento. De modo semelhante, o estudo investiga a insistência dessas mazelas em retornar

ao convívio social, quase como marca de identidade social. A literatura parece aproximar as epidemias aos desajustes e às desigualdades sociais. Os romances *Senhora e Lucíola*, de José de Alencar, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e outros serão bordados nesta leitura. Serão utilizadas pesquisas e ideias críticas de Lilia Schwarcz, Heloísa Starling, Eduardo Assis Duarte, José Murilo de Carvalho, Silvano Santiago e outros.

Simpósio 22**Escritoras latino-americanas: identidades, histórias e memórias**

Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL)

Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari (USP)

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo Os estudos da literatura de expressão feminina partem do pressuposto de que a sociedade sempre valorizou a visão masculina como a “universal” e “oficial”, e, com isso, a voz feminina foi silenciada e subordinada à voz masculina. Tais estudos assumem, dessa forma, o papel de desmascarar a repressão dos papéis femininos legitimados pela ideologia dominante na sociedade e pela literatura canônica. Em 1994, Heloisa Buarque de Hollanda publica a coletânea *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, reunindo estudiosas e teóricas que chamam a atenção para a importância da desconstrução do cânone literário (Ria Lemaire); da ginocrítica (Elaine Showalter); da alteridade (Gayatri Spivak); do conceito de gênero (Teresa Lauretis); dentre outros debates. A expansão da literatura de autoria feminina ocorre nas últimas décadas do século XX, refutando cada vez mais o conceito do patriarcado e em busca de uma identidade própria. Na América Latina, escritoras como Isabel Allende, Laura Esquivel, Gioconda Belli, Ana Miranda, entre muitas outras, se destacam por sua escrita voltada à problemática da mulher na sociedade, cujos temas abordam a construção, a manutenção e a transformação de práticas sociais e culturais que reverberam o conceito do patriarcado, salientando a sobreposição, a hibridização e a variação dessas práticas de modo que continuamente são revisitadas pela literatura para (re)construir identidade(s) a partir de diversas noções que se interseccionam: classe, etnia, gênero e outros. A professora Márcia Hoppe Navarro (1995, p. 53) propôs a nomenclatura Nova literatura feminista latino-americana para a fase em que a mulher escritora ganha autonomia para escrever, destacando os aspectos que foram determinados pelo movimento de liberação da mulher. Dez anos depois, em um artigo sobre a literatura latino-americana atual, a pesquisadora enfatiza que “o sentido de feminino [...] não como algo pejorativo, que se opõe à feminista, mas sim como algo que soma, recupera e adiciona um lado esquecido da história” (NAVARRO, 2005, p. 197). Diante do exposto, o presente simpósio inspira-se

nestas vozes de mulheres pioneiras ao propor pensar os conceitos de identidades, histórias e memórias a partir da análise da literatura de escritoras latino-americanas. Uma temática que exige pensar nas raízes do patriarcado e em sua herança, ainda disseminada pelos discursos religiosos, políticos, escolares e familiares. A ficção de autoria feminina tem resgatado experiências até então não cartografadas de personagens femininas que avançam a partir do espaço íntimo familiar até a esfera pública. O principal objetivo das escritoras é a recuperação, por meio de suas obras, de eventos silenciados por uma realidade social e política opressora, por meio de uma linguagem desestabilizadora do logos patriarcal, criando um discurso de resistência e posicionando-se por meio de sua linguagem. Desse modo o presente simpósio visa reunir trabalhos que analisem as relações entre história, identidade e memória na narrativa de autoria feminina, em especial da América Latina, observando como a escrita é utilizada como um meio para articular as vozes da periferia – dos excluídos por gênero, classe ou raça –, e, em particular, das mulheres como sujeitos próprios de seu discurso, tendo como base aquilo que Medeiros-Lichem (2006, p.15, tradução nossa) disserta em seu livro: “a causa primordial da voz da mulher na literatura latino-americana tem sido ampliar e redefinir a compreensão do desenvolvimento social e do papel da mulher no acercamento cultural à alteridade. Ao incorporar as vozes múltiplas do outro, a narrativa feminina está entretecendo uma imagem pluri-identitária da mulher, da sociedade e da realidade latino-americana”. Convidamos professores(as) e pesquisadores(as) a enviarem artigos que contemplem análises de obras literárias de escritoras latino-americanas sob a perspectiva dos estudos de gênero e da crítica literária feminista, e desenvolvidos a partir das seguintes perspectivas norteadoras: a) Representações identitárias e de gênero na literatura feminina; b) Escritas de si femininas; c) Vozes poéticas femininas; d) A narrativa histórica de escritoras latino-americanas.

A Crítica Feminista e Pós-Colonial em *A ilha sob o mar*, de Isabel Allende

Renato Kerly Marques Silva (UFSC)

Resumo O romance *A ilha sob o mar*, da escritora Isabel Allende, será considerado como associado ao projeto político que, nas últimas décadas, tem dado centralidade à história dos sujeitos que foram subalternizados durante o Período Colonial nas Américas, como os povos originários, as populações africanas escravizadas e as mulheres. Sua leitura, permite associar o romance aos discursos de contestação do sexismo e do racismo que têm sido produzidos pela crítica feminista e pelos estudos pós-coloniais. Publicado em 2009, o texto problematiza a questão hierárquica das relações de gênero impostas às populações colonizadas, que seriam vistas como não humanos, pelo colonizador europeu humanizado (LUGONES, 2014), com destaque para o registro sobre a situação das mulheres negras, as manifestações religiosas e os saberes marginalizados pelo poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado (QUIJANO, 2005). A narrativa gira em torno da personagem Zarité Sedella e cobre um recorte temporal que vai de 1770 a 1810. A trajetória da personagem se confunde com os eventos históricos daquele momento, o que permite a realização de um denso registro sobre a História caribenha, a economia, as relações sociais e o movimento de libertação negra que culminou com a Revolução Haitiana (1791-1804), além dos efeitos dessa revolução sobre uma família escravocrata que precisou fugir da colônia francesa de Saint-Domingue para a colônia espanhola de Cuba e posteriormente fixou-se na, então, colônia francesa da Louisiana.

A narrativa histórica de escritoras latino-americanas revisitando a história da colonização da América

Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL)

Resumo A literatura de autoria feminina na América Latina nas últimas décadas, seguindo a tendência da literatura ocidental, tem revelado a repressão sofrida pelas mulheres ao longo da história. Especificamente, um grupo de escritoras, utilizando-se do gênero do

romance histórico contemporâneo, tem proposto a revisão da história pela literatura e, assim, ao mesmo tempo que evidencia como o patriarcado esteve ou está presente na sociedade, mostra que o discurso dominante silenciou a voz e a participação de mulheres na história do continente, cujas figuras foram silenciadas e/ou ganharam estereótipos de mulher perigosa, ou sedutora ou imoral (ZOLIN, 2005). Para a escritura de suas narrativas, as autoras fazem uma extensa pesquisa histórica sobre o tema/personagem abordado a fim de sublinhar a presença de grupos subalternos na história, em especial, o protagonismo feminino. Dentro desse panorama, destacamos as narrativas escritas por mulheres na América Latina que destacam a presença e a participação feminina na conquista e colonização do continente, especialmente os romances *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda (1951-), *Malinche* (2005), da mexicana Laura Esquivel (1950-) e *Inés de alma mía* (2006), da chilena Isabel Allende (1942-). Como base teórica, esse estudo se pauta em estudos sobre o romance histórico feminino – entre eles Cunha (2004) e Esteves (2010) – e a crítica literária feminista – Navarro (1995), Zolin (2005), Figueiredo (2020), entre outras pesquisas.

A representação da cor local nos contos “E eles vieram com o amanhecer” e “Morro do Criminoso”

Melly Fatima Goes sena (UFMS)

Resumo O presente trabalho possui dois pontos imbricados em si como proposição de desenvolvimento: a representação e a representatividade. Da representação, interessa-nos a construção de uma cor local como mote das narrativas a serem analisadas e sua colaboração ou não na construção identitária do Estado de Mato Grosso do Sul, em que uma espécie de “vazio simbólico” (BANDUCCI, 2009) foi percebido após o rompimento dos laços institucionais com o Estado do Mato Grosso. Da representatividade, trata-se de uma escolha política contra o apagamento da autoria feminina (HOLLANDA, 1994). Considerando esses dois pontos, objetivamos analisar de forma comparativa dois contos de duas escritoras sul-mato-grossenses, Tânia Souza e Gleicielly Nonato, autoras, respectivamente, de “E eles vieram com o amanhecer” e “Morro do Criminoso”. Desenvolveremos

uma análise vinculada à busca de uma identidade regional ou/e da formação de uma literatura regional e à procura de representar uma cor local, visto que ambas as narrativas remetem a questões relativas à formação da identidade de Mato Grosso do Sul, seja a mistura dos povos originários com os colonizadores, seja a Guerra do Paraguai. Souza e Nonato servem-se da memória e de seus artifícios narrativos para contar suas histórias e representar a cor local, incorporando nelas as várias vozes de eventos silenciados, a fim de impulsionar o não esquecimento e o questionamento das versões contadas e que hoje são componentes da identidade e da (re)fundação de uma memória que mostra que a literatura produzida em Mato Grosso do Sul não é só pôr do sol e Pantanal; ela também é marcada pela violência e escrita por mulheres.

As transgressões femininas em *Diarios*, de Alejandra Pizarnik

Erlândia Ribeiro da Silva (UFES)

Resumo Este trabalho tem como objetivo analisar as transgressões femininas na obra *Diarios*, da autora argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972), que com sua escrita diarística subverteu normas da sociedade patriarcal e do próprio gênero diário. A hipótese da transgressão feminina nos diários surge enquanto representação da quebra dos estereótipos para a escrita de mulheres, demonstrando uma voz própria que a autora alcançou com seu projeto literário diarístico, destoante também da ideia do diário como apenas íntimo e privado, trabalhando-o como um diário de escritora, como obra literária, sendo escrita e reescrita a fim de lapidar sua palavra poética. Além disso, Pizarnik utiliza-se de um discurso literário transgressor, na medida em que sua escrita de autoria feminina não está mais no campo da delicadeza romântica, como o estereótipo esperado para escritoras da época, mas sim utilizando da subversão do mito feminino a partir de sua escrita poético-crítica, filosófica e impudica que reverbera em um espaço de liberdade possível para a criação literária e seus múltiplos sentidos. Para tanto, esta pesquisa recorre aos estudos críticos de Lúcia Osana Zolin (2009), Márcia Hoppe Navarro (1995), Maria Helena Kuhner (1989), Márgara Russotto (1994), Nora Cattelli (1996) e demais pesquisadoras que nos ajudem a compreender

a importância das transgressões femininas na obra aqui analisada e suas reflexões.

Autoficção e mulheres chilenas: uma análise comparativa da escrita de Isabel Allende

Andreia Piechontcoski Uribe Opazo (UNIOESTE)

Resumo Com relação às literaturas de autoria feminina produzidas na América Latina, teóricas como Márcia Hoppe Navarro (1995) e Sara Beatriz Guardía (2013) atribuem destaque a Isabel Allende por ser uma das primeiras escritoras a ser reconhecida ainda na década de 1980 – tanto em número de exemplares vendidos quanto em elogios por parte da crítica literária. Como característica de sua escrita, Allende busca recontar histórias de mulheres por meio da ficção, colocando-as não apenas como personagens, mas também como narradoras. Além disso, a produção de Allende é composta por obras escritas em primeira pessoa, nas quais há o uso da escrita literária para analisar e opinar sobre distintos tópicos, como as condições sociais das mulheres na América Latina. Nesse sentido, este trabalho pretende realizar uma análise comparativa entre as obras *Mi país inventado* ([2003] 2016) e *Mujeres del alma mía* (2020), partindo do conceito de autoficção criado por Serge Doubrovsky, em 1977, e analisado pelas teóricas brasileiras Eurídice Figueiredo (2010) e Anna Faedrich (2014; 2016). Nestas análises, a fim de identificar convergências e divergências na configuração ficcional da mulher em ambas as obras, levou-se em consideração as mudanças sociais que ocorreram no Chile no período pós-ditatorial, a partir do ano de 1990, e após as manifestações feministas que ocorreram entre 2018 e 2019. Para isso, buscou-se apoio teórico em Verónica Feliu (2009); Valentina Saavedra e Javiera Toro (2018); e Catherine Reyes-Housholder e Beatriz Roque (2019), que investigam o papel e a condição das mulheres chilenas após ambos os períodos.

Clarice Lispector e os laços de sociabilidade intelectual no Estado Novo

Margareth Cordeiro Franklim (CEFET-MG)

Resumo Clarice Lispector iniciou uma nova fase no modernismo brasileiro ao publicar seu romance *Perto do Coração Selvagem*, em 1943. Neste trabalho pensaremos alguns aspectos da produção dessa obra fundadora para a literatura brasileira relacionando-a ao contexto histórico e cultural do Estado Novo (1937-1945), especialmente o envolvimento da escritora com sua rede de sociabilidade no Rio de Janeiro do início dos anos 1940. Entre os seus amigos inseridos nos meios jornalísticos e literários, destacamos a sua ligação com o grupo de intelectuais católicos, com eles Clarice compartilhou ideias e leituras. Deles recebeu sugestões, críticas e apoio para as suas primeiras produções jornalísticas e publicações. Em comum tinham as indagações sobre a subjetividade e a existência. A correspondência pessoal da autora enquanto um lugar de sociabilidade merece destaque pois confirma a relação entre amizade e sociabilidade e desvela redes de influências, convivências, afetos. Além da correspondência pessoal, neste trabalho destacaremos o itinerário da autora por lugares importantes para a intelectualidade carioca de então,. Desde os seus primeiros escritos, Clarice Lispector abriu um novo momento para a literatura brasileira pelo viés do gênero, afastando-se de uma consciência de nacionalidade segundo padrões vigentes à época. Sua obra continha uma forte reflexão sobre as condições de existência das mulheres e de outros representantes dos segmentos considerados minoritários e marginais na sociedade.

Conceição Evaristo: a voz das escritivências políticas e poéticas

Magno Santos Batista (UFBA)

Resumo As histórias de muitas exclusões e os espaços historicamente esquecidos e silenciados pelo discurso escravagista e colonial. Essa urgência ainda precisa emergir as vias em que vozes dissonantes reivindicam o direito à escritivência – uma potente escritura sobre novas maneiras de existi/ resistir que relaciona memória, poética

e política. No campo dos estudos literários brasileiros, a maneira de produção postulada na ocidentalização e validada pelo poder político e cultural masculino. Essa única forma de produção é um tipo de racionalidade que exclui outras formas de pensar e conceber o mundo produzido fora do discurso hegemônico. Além disso, marginalizou a textualidade dos povos africanos e indígenas, denegando a possibilidade de pensar a literatura a partir das diferenças e de construir outros percursos de estudos. Este artigo objetiva analisar a escrita de Conceição Evaristo como lugar de resistência, a fim de pensar como a escritora numa atitude política, desmobiliza conceitos como lugar de enunciação e cânone, e ainda, constrói outros tipos de conhecimentos a partir de suas escrevivências. Para a discussão teórica-metodológica tomam-se os estudos de Martins (2002), bell hooks (1995), Spivak (2010), Evaristo (2010) e Gomes (2010). O estudo contribui para as discussões sobre: a produção dxs intelectuais insurgentes; os desafios postos aos estudos literários contemporâneos; e o agenciamento da abertura dos estudos literários a enunciações que se mantiveram fora do que chamamos de cânone.

**Da casa ao fogo:
caminhos para o feminismo em contos de Mariana Enríquez**

Clarice Goulart Pedrosa (UFF)

Resumo Nas últimas décadas, principalmente desde a eclosão da terceira onda feminista nos anos noventa, observamos nos âmbitos social, político e literário a ascensão de discussões acerca da temática de Gênero em grande parte do território mundial. No contexto argentino, seja através de movimentos sociais como o “ni una a menos” ou de avanços na política interna do país – como a regulamentação da lei de paridade de gênero para o Congresso – percebe-se uma crescente luta não apenas para que as mulheres sejam ouvidas, mas para que ocupem cada vez mais espaços de poder na sociedade, o que evidentemente, também significa progressões no campo literário. Autoras como Samanta Schweblin, Gabriela Cabezón Cámara, Selva Almada, Mariana Enríquez e tantas outras, ocupam hoje espaço central no cenário literário argentino e aos poucos vão ganhando lugar no contexto internacional, fazendo com que seja cada vez

mais urgente que a Crítica explore os caminhos percorridos por essas narrativas que apresentam ao leitor vozes por tanto tempo silenciadas. Tendo isso em vista, nos propomos nesse trabalho a refletir acerca das trajetórias das personagens femininas no livro de contos *As coisas que perdemos no fogo* (2017) de Mariana Enríquez, a fim de tentar entender de que formas o(s) feminismo(s) e o(s) feminino(s) se manifestam na literatura da autora e o que tal questão nos comunica em relação ao contexto social argentino.

Deseo y maternidad en *Matate, amor* de Ariana Harwicz y *La perra* de Pilar Quintana

Maria Celina Ibazeta (UFF)

Resumo En el transcurso de las primeras dos décadas del siglo XXI, novelas y cuentos escritos por mujeres latinoamericanas han alcanzado una gran visibilidad y repercusión a través de numerosos premios y de la excelente acogida por parte de la crítica y del público. Esta nueva generación de escritoras, que rondan entre los 30 y 40 años, narra desde una perspectiva original y rupturista temas como el deseo femenino, la maternidad y la violencia contra las mujeres. Este trabajo compara dos novelas contemporáneas: *Matate, amor* (2012) de la argentina Ariana Harwicz y *La perra* (2017) de la colombiana Pilar Quintana. En ambas tramas, el mundo de las protagonistas mujeres gira en torno al deseo o a la falta de deseo de ser madre, de cuidar de otro. Hay un cuestionamiento radical al modelo de madre abnegada y sacrificada construido desde los discursos políticos y religiosos de las sociedades patriarcales. Con propuestas radicalmente diferentes, Harwicz y Quintana exploran el deseo femenino, profundizando en sus aristas más oscuras y crueles. De esta forma, ponen en tela de juico el rol de la mujer dentro del espacio doméstico, siempre concebido como suyo, específicamente en lo que toca a la familia y el matrimonio. El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre las técnicas narrativas de ambas novelas para construir atmósferas enrarecidas que produzcan el efecto de “extrañamiento” en el lector y logren hacerlo ver/sentir la conflictividad que acarrea en los personajes femeninos el no poder cumplir con las expectativas sociales depositadas en ellas.

Mulher-mãe: representações da maternidade negra nos contos de *Olhos d'água* de Conceição Evaristo

Mônica Maria dos Santos (UFMT)

Eliane Aparecida da Costa Soares (UEG)

Resumo A história da literatura no Brasil, na América Latina e em outros continentes deixam claro que a representação das mulheres sempre permeou um espaço marginalizado de pouca visibilidade e voz. Em uma pesquisa realizada em romances brasileiros publicados entre o final do século XX e início do século XXI, Regina Dalcastagnè (2004) aponta como branca, hétero, cristã e masculina a literatura produzida no Brasil, acrescentando que a produção dessa literatura concentra-se no eixo Rio-São Paulo, a pesquisa também explora a presença das mulheres em diversos contextos da cena literária mostrando que essa negligência da existência do feminino na literatura alcança: a autoria, o protagonismo e institui a construção de estereótipos que, em sua maioria animalizam ou sexualizam as personagens. Nesta linha de questionamentos, a escritora e crítica Conceição Evaristo, em análise sobre a presença e representação da mulher negra na literatura canônica brasileira destaca outra característica marcante, a negação da mulher negra como mãe, talvez o maior ato de apagamento e silenciamento dessas mulheres em contextos culturais. A escritora Conceição Evaristo, na realização de suas escritas (vências), produz um movimento de enfrentamento a essa invisibilidade e a essa infertilidade feminina negra na literatura brasileira trazendo para os seus textos uma galeria de mulheres-mães e protagonistas que fazem emergir muitas das múltiplas subjetividades femininas ignoradas pela arte e pela vida. Esta pesquisa objetiva analisar as múltiplas formas de representações das maternidades presentes nos contos do livro *Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo. Para tanto adotaremos uma pesquisa básica de caráter qualitativo, com objetivo explicativo que tomará como procedimento a análise literária e a revisão bibliográfica.

Narrar no pós-ditadura: literatura escrita por mulheres e estratégias de contar as violências

Maisa Barbosa da Silva Cordeiro (UNIGRAN)

Resumo O modo como um país lida com um trauma profundo e duradouro como uma ditadura contribui para elaborar a memória coletiva desse país e conduzir, em certa medida, o modo como cada sujeito lida com o passado. No Brasil, hoje, podemos constatar nos discursos oficiais a banalização dessa etapa cruel e decisiva de nossa história: a ditadura militar. As tentativas de reconstrução da história e resgate das dores no período pós-ditadura sempre foram feitas de modo superficial e movidas por civis e entidades engajadas na reconstrução da violência e dos efeitos dela ao longo da história, já que nunca foi uma pauta governamental prioritária. A arte, contudo, tem sido essencial para a reconstrução das imagens da violência por meio de diferentes estratégias narrativas e para falar sobre aquilo que não se deveria – o nefas (FINAZZI-AGRÒ, 2014). A literatura cumpre, assim, o papel de entregar a verdade e os interditos relacionados às violências sobre as quais não se pode falar. A literatura e sua potência cumprem, assim, o papel de entregar e a verdade sobre os interditos gerados pelo dispositivo político-repressivo. Nessa esteira, a literatura escrita por mulheres abriga representações de sujeitos silenciados, também, por outra instituição: o patriarcado. Este trabalho se inscreve, portanto, em um projeto que almeja mapear as estratégias narrativas na literatura escrita por mulheres no período pós-ditadura, ou seja, após 1984, para compreender de que modo as diversas formas de violência contra a mulher são representadas. Neste trabalho, especificamente, a análise se centrará na obra *Doce canção de Caetana*, de Nélida Piñon (1987).

**Repressão às educadoras em tempos de ditadura em:
1964: aconteceu em abril, de Mailde Pinto Galvão
e Fragmentos de la memoria: recuerdos de
una experiencia carcelaria, de Margarita Drago**

Joelma de Araújo Silva Resende (UFPI)
Margareth Torres de Alencar Costa (UFPI)

Resumo Em sociedades patriarcais, mulheres que estudam e defendem a educação são vistas como perigosas; em contextos ditatoriais, esse “perigo” torna-se maior. Essa pesquisa tem o objetivo de investigar a repressão sofrida por educadoras durante períodos ditatoriais. Para a análise, parte-se de dois objetos de pesquisa: 1964. *Aconteceu em abril*, de Mailde Pinto Galvão, inserido no contexto da ditadura brasileira e *Fragmentos de la memoria. Recuerdos de una experiencia carcelaria*, de Margarita Drago, que retrata o contexto da ditadura argentina. Mailde Galvão era diretora de Documentação e Cultura da Prefeitura de Natal (RN) e teve sua residência invadida pelo Exército, foi levada a depor e conduzida à prisão. A Diretoria de Documentação e Cultura (DDC) trabalhava pela democratização da cultura e coordenava o programa de alfabetização De pé no chão também se aprende a ler. Sua prisão durou cerca de um mês. Margarita Drago, por sua vez, era estudante de Letras e educadora. Na escola onde trabalhava, participava de uma associação de educadores e reivindicava melhores condições de trabalho. As ideias de Paulo Freire eram seu guia – o de um ensino baseado na liberdade e na democracia. Por essas ideias, Margarita foi perseguida e presa no dia 24 de outubro de 1975. A pesquisa é de natureza qualitativo bibliográfica, situa-se no campo da Crítica Literária e será apoiada em autores como Freire (1967), que defende a educação como prática libertadora; Batista & Kruger (2021) e Merlino (2010), que investigam a participação de mulheres que lutaram contra a ditadura no Brasil e Calveiro (2013) que retrata o contexto da ditadura na Argentina. O que se percebe é que mulheres que estudavam e defendiam a escolarização dos mais carentes financeiramente eram alvo frequente da ditadura. Defender os ideais de liberdade e proporcionar leitura e instrução à população era inadmissível.

Subjetividades e saberes decoloniais nas narrativas de María Rosa Lojo

Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari (UNESP)

Resumo Resumo: A maior parte da obra criativa da escritora María Rosa Lojo se centra no contexto da Argentina do século XVI ao XIX, sobretudo no questionamento do projeto identitário do país, baseado na dicotomia civilização versus barbárie, que buscou eliminar a heterogeneidade racial e cultural na fundação nacional argentina. Assim, a obra crítica e ficcional da autora elabora uma nova análise da história da identidade nacional argentina e de seus mitos fundacionais, marcados pelo colonialismo e logocentrismo eurocêntrico. Sua coletânea de contos *Amores insólitos de nuestra historia* (2001) reelabora as histórias de personagens que foram subalternizadas pelo discurso histórico hegemônico: indígenas, mestiças, cativas, configurando subjetividades que resistiram à imposição da colonialidade de gênero, a partir de estratégias de resistência e negociação. Nesta perspectiva, nosso trabalho objetiva analisar como a escritora ressignifica as subjetividades femininas em uma perspectiva decolonial, por meio de narrativas em que o corpo forma parte do processo de articulação dos sujeitos femininos que se opõem à dominação patriarcal. Assim sendo, as narrativas questionam a concepção colonial do corpo feminino como território a ser conquistado, reconhecendo-o como um locus de emancipação e de constituição de subjetividades. Contamos com o apoio teórico dos estudos de Lugones (2008), Mignolo (2008), Quijano (1988), Braidotti (2004) e Grosz (1994).

Vidas fragmentadas em *Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo A literatura brasileira contemporânea tem sido um redescobrir de possibilidades temáticas e estruturais. Romances tecidos pela mescla de cartas, entrevistas, receitas, poemas e tantas outras possibilidades rompem espaços geográficos e nos permitem transitar por diferentes contextos políticos, sociais e culturais. Movidos pelo jogo duplo entre o revelar e o camuflar / o ficcional e o histórico, os

jovens escritores contemporâneos têm se deslocado a contextos e territórios que não vivenciaram, no entanto, são redescobertos por um imaginário alimentado pela pesquisa e a sensibilidade do ouvir. Uma literatura que surpreende pela criatividade, hibridismo e ressignificação do lugar do texto literário. Além disto, temáticas como a sexualidade, a miséria humana, a injustiça social e as relações de gênero ganham visibilidade, obrigando a enxergar um cotidiano automatizado. Por outro lado, o contemporâneo também é responsável por revisitar velhos temas, oferecendo uma releitura e um avivamento da memória histórica. Nascida dois anos depois do fim da ditadura militar (civil) argentina, a jovem escritora brasileira Beatriz Leal, em *Mulheres que mordem* (2015), rompe a fronteira geográfica e temporal para recompor a trajetória de Laura, Clara e Rosa, vidas literárias inspiradas nas histórias das “Abuelas de la plaza de mayo”. A análise aqui apresentada dialoga com os pressupostos da Crítica feminista.

Simpósio 23**Estratégias do feminino:****literatura escrita por mulheres e resistência**

Laura Barbosa Campos (UERJ)

Anna Faedrich (UFF)

Silvina Carrizo (UFJF)

Resumo Pretende-se examinar a manifestação da resistência na literatura produzida por mulheres, de todas as épocas, das mais variadas nacionalidades, tendo em vista as diferentes formas de enfrentar as intempéries da trajetória intelectual e literária feminina. Visamos dar continuidade às discussões empreendidas por este simpósio em 2021. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variadas autoras, cujas obras expressam traumas e/ou dificuldades de existir, enquanto escritoras e mulheres pensantes, em uma sociedade patriarcal e hostil. A repercussão da contribuição literária feminina ensejou reações de escritores – homens – que revelam os jogos de poder e suas implicações sobre a fortuna das carreiras de 62 mulheres no mundo das letras. Virgínia Woolf, em *Um teto todo seu*, anotou que a “indiferença do mundo, que Keats, Flaubert e outros homens geniais achavam tão difícil de suportar, não era, no caso d[a mulher], indiferença, mas hostilidade” (WOOLF, 2014, p. 78). Sendo assim, interessa-nos o estudo dos mecanismos sociais de exclusão da literatura de autoria feminina do cânone literário e das histórias literárias brasileiras e estrangeiras, bem como as estratégias utilizadas pelas escritoras como enfrentamento dos espaços que lhe foram reservados – o doméstico e desvalorizado, para as mulheres; o público e prestigioso, para os homens. É possível identificar estratégias do feminino que se impõem como procedimentos evidentes para adentrar o meio – predominantemente masculino – das letras. Reedições dos romances, poemas e crônicas dessas autoras têm sido realizadas com intenção de facilitar o acesso aos leitores, já que muitas dessas obras se encontram em raras bibliotecas, em situações de deterioração, beirando ao desaparecimento. Uma vez aferidos os valores estéticos das obras de autoria feminina – que em termos literários não ficam aquém das escritas por homens – buscamos compreender os mecanismos sociais de exclusão das escritoras. Após anos de estudos – relembramos o

trabalho das pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Trabalho (GT) Mulher e Literatura, que, desde os anos 1980, vêm contribuindo com os estudos literários, abrindo espaço para análise e consideração de obras escritas por mulheres –, está comprovado que se trata de uma exclusão por viés de gênero. Ao analisar a masculinidade como nobreza, em *A dominação masculina*, Bourdieu esclarece que “a definição de excelência está, em todos os aspectos, carregada de implicações masculinas” (BOURDIEU, [1998] 2002, p. 78). O homem como dominante reconhece o seu modo particular de ser como universal. Um modo que, segundo tal perspectiva, uma mulher jamais atingirá. Ou melhor, um modo de ser que uma mulher jamais terá a chance de atingir. Sem chances de atingir a “nobreza” masculina, as escritoras são vítimas da sofisticação dos mecanismos de exclusão realizada – consciente ou inconscientemente – pelos historiadores e críticos literários, que perpetuam as mesmas listas de eleitos para figurar a História da Literatura. Naturaliza-se essa exclusão no ensino e nas histórias de literatura que alunas e alunos aprendem nas universidades, antes de se tornarem correias de transmissão das mesmas exclusões, nas ementas que organizam para o alunado também das escolas de formação préuniversitária. Este consenso e naturalização devem ser permanentemente questionados, tendo em vista que a relação do campo literário com a literatura de autoria feminina é socialmente construída. Nesse sentido, a produção das escritoras só pode ser devidamente compreendida quando se explicitam as expectativas sociais, em particular as expectativas de escritores homens sobre a escrita literária. Como postulou o sociólogo francês Émile Durkheim (1895), essas expectativas coletivas são usualmente tão naturalizadas que, como uma segunda natureza, sequer são percebidas, exceto 63 quando desafiadas ou quando se lhes tenta alterar o curso. Trata-se de uma coerção doce, porque sua força, embora se exerça de modo permanente, não se percebe. E, sendo coletiva, não é produto de vontades individuais, embora se manifeste nas ações de cada um. A luta da volição individual contra a expectativa do coletivo é desigual. O coletivo dispõe de recursos de coerção de toda sorte, quando vê a norma desafiada. Hoje desafiamos o que nos foi paulatinamente naturalizado, tornando possível a alteração do curso. Embora nosso objeto de estudo seja literário – literatura de autoria feminina –, e não interdisciplinar ou cultural, acredito ser possível dialogar com os estudos culturais, sem abrir mão da teoria literária

e do exercício crítico. Se a história da literatura reproduziu seleções arbitrárias, por sua índole essencialmente falonarcísica e patriarcal, ela também é um instrumento para reconstruir narrativas em novas perspectivas. Tal reconstrução é um trabalho literário e político. O que se espera é que os trabalhos apresentados no Simpósio abordem questões voltadas tanto para a estética das obras escritas por mulheres, quanto para questões sociológicas pertinentes ao âmbito da teoria feminista para pensar a exclusão das escritoras – segundo uma visão falonarcísica e um princípio androcêntrico – e as estratégias do feminino no intuito de romper com a expectativa de gênero.

**“é pra te obrigar a me olhar de volta”:
voz e visualidade em poemas de Ana C. e Iorio**

Fernanda Martins Cardoso (UFF)

Resumo Neste trabalho pretende-se discutir de que maneiras flutuações entre o olhar e a voz são performados em poemas de Ana Cristina Cesar e Maria Isabel Iorio, a fim de perceber as relações que ambas estabelecem entre texto e corpo. De acordo com Gonzalo Aguilar e Mário Câmara (2017, s/p), “se um corpo é fundamental na ordem da visibilidade e da experiência do espaço, nunca se encontra separado de uma constelação sonora que existe desde as origens da literatura”. Não se trata, contudo, do corpo fisiológico, biológico de uma poeta que entraria em cena mas, sim, de produção de presença a partir do corpo físico das palavras – seus sons e traços, visualidade e audibilidade. Tal investigação dialoga com o proposto por Annita Costa Malufe (2021, p. 37), que a performance de um texto escrito se dá “no momento em que o texto, posto em movimento pelo leitor – mesmo em uma leitura silenciosa –, atualiza seu potencial performático, que é precisamente esse potencial de fazer proliferar fluxos corporais no aqui-agora do tempo da leitura”. Dessa forma, procuramos mostrar como alguns procedimentos e temáticas operados pela poética de Ana Cristina são reclamados pela escrita contemporânea de Maria Isabel: seja a prática do endereçamento – o “desejo alucinado de se lançar, [de] que o teu texto mobilize” (CESAR, 2016, p. 294) –, o destaque aos afetos e humores do corpo “feminino” ou a inscrição do desejo lesboerótico na poesia.

“A escrita de corpo inteiro”: a antologia erótica *O olho de Lilith*

Ana Terra dos Santos Araújo (UNEB)

Resumo A proposta desse trabalho é analisar como a escrita erótica de autoria feminina tem contribuído para o processo de construção da autonomia de si e empoderamento feminino, exemplificado na antologia erótica *O olho de Lilith* (2019). O corpo da mulher e sua sexualidade, por muito tempo foi passível de domesticação e subjugação em virtude das imposições religiosas e sociais que controlavam o comportamento feminino. Visando romper com tais imposições, tem surgido produções literárias que exploram o corpo feminino trazendo à tona temáticas outrora consideradas tabus, como por exemplo, as experiências sexuais das mulheres e seu prazer. A análise desse fenômeno é de caráter bibliográfico e parte das considerações de Bataille (2013) acerca do erotismo enquanto elemento da natureza humana, em diálogo com Elódia Xavier (2021) sobre a representação do corpo feminino nas escritas de autoria feminina, perpassando pelos posicionamentos de Foucault (1975) acerca da domesticação dos corpos considerados subalternos. A partir dessas reflexões, é necessário problematizar como esse episódio tem sido confrontado pelo público feminino a ponto do ofício da escrita ser utilizado como uma estratégia para romper com esse sistema, corroborando com Audre Lorde (2019) ao destacar que é necessário transformar linguagem em ação, utilizando o erótico como poder. Dessa maneira, analisar o processo de construção da autonomia feminina, tendo como objeto a escrita erótica, é antes de tudo romper com os padrões responsáveis pelo silenciamento e controle desses corpos.

“Cabelinho na Venta”:

os contos de Adelina Lopes Vieira e suas personagens femininas

Sérgio Luis Silva de Abreu (UERJ)

Resumo Nascida em Portugal, Adelina Lopes Vieira (1850-1923) foi trazida pela família para morar no Brasil ainda nos primeiros anos de sua vida. Seja como poetisa, seja como colunista em jornais, Adelina figurou em sua época como um dos grandes nomes que publicavam

em periódicos brasileiros, o que levanta questionamentos acerca do seu apagamento pela historiografia literária. A autora era reconhecida no Oitocentos e por vezes citada junto a outros literatos célebres, mas o fato de ser uma mulher intelectual fez com que fosse alvo de críticas e ataques na imprensa por suas ideias. Sua contribuição para as letras foi diversificada e vasta, Adelina Lopes Vieira publicou três livros: *Margaritas* (1878), *Pombal* (1880) e *Destinos* (1900) e colaborou também em periódicos e em obras coletivas. Além disso, dado seu prestígio, a poetisa foi coautora do livro *Contos Infantis* (1886) na estreia de sua irmã, hoje célebre nos estudos de literatura, Julia Lopes de Almeida. A temática de seus textos era plural, mas estavam intimamente ligadas com questões importantes para mulheres de seu tempo como a educação das meninas, o casamento, a emancipação e até mesmo certa participação política. Justamente é sua questão temática que nos causa maior interesse já que seus textos documentam e nos aproximam do que Adelina Lopes Vieira valorizava em literatura e também para o sexo feminino. Ela demonstrava estar atenta às novidades literárias e se aproximava dos estilos de época, como o Realismo, apesar de ter sido acusada de permanecer romântica. Posto isto, pretendemos nos ater a seus contos publicados no livro *Destinos* (1900) e em outros dispersos pela imprensa para destacar personagens que ilustram a condição do sexo feminino no século XIX, além de mostrar também em seus contos a preocupação da autora de demonstrar ser uma intelectual atenta e atualizada.

“El mundo es una casa”: recursos literários do feminino a partir de uma leitura de Fernanda Laguna

Anelise de Freitas (UFJF)

Resumo Essa proposta de comunicação é um recorte da minha pesquisa de doutoramento que se dedica ao estudo da presença performática da “casa” em poéticas contemporâneas do Brasil e da Argentina. A casa foi considerada, durante muito tempo, como também afirmou Gastón Bachelard, como um ninho, isto é, o nosso primeiro lugar no mundo, e, conseqüentemente, como um lugar de segurança. Entretanto, é preciso considerar que a visão filosófica do francês se postula desde uma mirada ligada a um ethos do século XIX e de

um homem branco europeu. O que observamos na América Latina, por exemplo, é o inverso. Vivemos em um dos lugares em que mais se mata mulheres fora das zonas de guerra. Além disso, os corpos de mulheres são violados e violentados, comumente, por pessoas próximas e que, muitas das vezes, vivem sob o mesmo teto que elas. Só no Brasil, segundo o IPEA, em “43,1% dos casos, a violência ocorre tipicamente na residência da mulher”. Ou seja, esses dados rebatem a teoria da casa como ninho ou lugar de segurança. Afinal, a casa seria segura para quem? Dessa forma, esse trabalho busca a análise do poema-livro “La ama de casa”, da artista plástica e poeta argentina Fernanda Laguna. Em seu poema a casa assume uma postura personificada e a dona de casa percebe que, na realidade, não é sua dona, mas sim uma escrava. Assim, a poeta usa alguns recursos estilísticos para refutar a ideia da casa como lugar do feminino, da mulher e, principalmente, como lugar de resguardo e proteção. Nessa comunicação, apresentarei os recursos literários utilizados pela poeta e mostrarei como a presença da casa atua nesta poética.

**“Toda mãe é uma sofredora?”: ressignificações
do fazer materno em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende**

Ariane Avila Neto de Farias (FURG)

Resumo A obra *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, tem a maternidade como um dos seus temas centrais. Os debates postos por essa narrativa levantam inúmeros questionamentos acerca dos valores impostos ao feminino no exercício do fazer materno, à vista do fato que esse, enquanto exercício moldado com base no discurso do patriarcado, fez-se espaço de opressão e regulação dos corpos das mulheres. Sabe-se que o ideal de mulher-mãe constituiu-se a partir da abnegação e devoção total aos filhos, sendo o amor o único sentimento esperado na relação por esses sujeitos traçada. Essa situação tem como consequência o total apagamento da mulher-mãe, um feminino marcado pela solidão e culpa, principalmente, quando da impossibilidade de adequação aos padrões sociais preestabelecidos. Contudo, compreende-se que o livro de Rezende aponta para uma ressignificação da maternidade, de modo que clarifica a multiplicidade que a envolve, sugerindo o necessário reconhecimento dos

diferentes sentimentos e ações que envolvem esse fazer. Do mesmo modo, entende-se que a narrativa sinaliza a importância de se perceber o fazer materno como uma ação que se molda a partir da coletividade, bem como um modo de resistência. Para tanto, as reflexões propostas neste trabalho partem das contribuições de teóricas que se debruçaram sobre o tema como Nancy Chodorow (1978), Elizabeth Badinter (1985) e Adrienne Rich (1986).

A configuração do espaço em *As horas nuas*, *As meninas* e *Ciranda de pedra*

Natalia Aparecida Dante Cavichioli (UFMS)

Resumo Esta proposta tem por objetivo analisar alguns aspectos da construção do espaço em três romances da autora brasileira Lygia Fagundes Telles, sendo eles *As horas nuas* (1989), *As meninas* (1973) e *Ciranda de pedra* (1954), evidenciando a importância das representações deste componente literário e as suas implicações na trama romanesca, além de comprovar que há uma fusão entre o espaço e as personagens. O referencial teórico pauta-se pelos estudos realizados pelos críticos Antonio Candido (2006), Gaston Bachelard (2008), Antonio Dimas (1985), Luis Alberto Brandão (2013), Osman Lins (1976), dentre outros autores. Após a leitura das obras, verificou-se a as semelhanças em uma escrita intimista com foco em personagens femininas e introspectivas ambientadas na esfera doméstica, que desempenha um papel importante na composição dos personagens e do ambiente que as cercam, além da intersecção entre elementos espaciais e as trajetórias das protagonistas, que desvela a solidão e a tendência a permanecer em ambientes internos, embora as três histórias transcorram em localidades urbanas. Também foi possível constatar que o ambiente em que as personagens estão inseridas as limita, revelando-se bastante hostil, e os elementos espaciais amalgamam-se às protagonistas, influenciando nas suas atuações e em seus destinos dentro das tramas a que pertencem.

A crítica como resistência: o olhar das pioneiras brasileiras sobre literatura de autoria feminina

Agnes Danielle Rissardo (UERJ)

Resumo Se até meados do século XX as autoras de ficção e poesia eram obliteradas do cânone literário brasileiro e somente nos dias atuais vêm sendo resgatadas dos arquivos por pesquisadoras(es), o que dizer daquelas mulheres que ousaram pensar criticamente a literatura? Ao perscrutarmos manuais e glossários sobre a produção intelectual de autoria feminina a partir de fins do século XIX, o que salta aos olhos é a rarefeita quantidade de ensaios críticos sobre literatura publicados em periódicos e livros. Além da produção ficcional e poética, mais numerosa, o que se constata é a (admirável) proliferação de artigos, crônicas e ensaios de cunho feminista na chamada imprensa feminina, isto é, periódicos feitos por mulheres e direcionados às mulheres, porém pouco voltados à literatura. Esse panorama começaria lentamente a mudar nas décadas de 1930 e 1940, quando três nomes representativos surgem nas páginas de periódicos e livros para consolidar a formação de uma linhagem crítica de autoria feminina no país: a romancista mineira-carioca Lucia Miguel Pereira (1901-1959), a poeta mineira Henriqueta Lisboa (1901-1985) e a professora universitária paulista Gilda de Mello e Souza (1919-2005), que enfrentaram barreiras e preconceitos em uma sociedade habituada a alijar a mulher do trabalho intelectual, sobretudo do pensamento crítico, e souberam se colocar à altura dos principais críticos literários de seu tempo. Pretende-se, assim, perscrutar os sentidos das proposições e teorias que se explicitam nos seus exercícios críticos e, sobretudo, refletir a respeito de sua produção textual sobre as obras de outras mulheres – brasileiras e estrangeiras –, como Cecília Meireles, Gabriela Mistral, Virginia Woolf e Clarice Lispector, dimensionando a reflexão realizada por elas como uma forma de resistência no âmbito maior da tradição crítica brasileira.

A deformação da permissividade feminina: literatura e feminismo em Nawal El Saadawi

Fernanda Barboza de Carvalho Nery (UFMG)

Resumo Em 1921, James Joyce escreveu uma carta endereçada ao escritor Frank Budgen, na qual elucidava sobre a insistência da palavra “sim” ao longo do monólogo de Molly Bloom, em *Ulysses*. Tratava-se, segundo o autor, de uma expressão, inexoravelmente, feminina, devido às mulheres caracterizarem-se enquanto “a carne que sempre afirma”. Contrariamente à posição do escritor irlandês, situa-se a escritora egípcia Nawal El Saadawi, cuja resistência política transcorre através de sua obra literária, ao estabelecer a percepção do feminino enquanto substância poética e, acima de tudo, política. Fato exposto na elaboração de Firdaus, protagonista do romance *Woman at Point Zero* que, de modo emblemático, funciona como uma antítese ao pensamento de Joyce: apesar de submersa em inúmeras violações, proporcionadas pelo sistema patriarcal, a personagem expõe o antagonismo à dor imposta ao seu corpo, dimensionando-se em um patamar reativo, sob a capa do renascimento diante do mundo androcêntrico. *Woman at Point Zero* compõe a extensa obra de Saadawi, que consiste na publicação de mais de cinquenta livros em árabe, traduzidos em torno de trinta idiomas. Dito isso, importa falar que a sua carreira literária foi construída à sombra de uma extrema repressão e rendeu-lhe, em 1980, o incêndio da editora iraniana que traduzira seus livros no país. Posteriormente, em 1993, exilou-se após o seu nome passar a compor a lista de extermínio de um grupo extremista. Em 2021, ano de seu falecimento, a relevância de suas palavras se faz cada vez mais evidente. Afinal, ao construir personagens femininas que subvertem identidades comuns associadas às mulheres, sobretudo, às árabes, no contexto ocidental, Saadawi nos convida a refletir sobre a supervivência do corpo feminino, na esteira ficcional, evidenciando a notoriedade da autoria feminina na produção de novas subjetividades que não transitem sob a ótica androcêntrica, em que as mulheres podem ser reduzidas em carnes afirmativas.

A dupla face da escritora canária

Sarah Munck Vieira (UFJF)

Resumo Elsa López nasceu na ilha de Santa Isabel de Fernando Poo, Guiné Equatorial, 1943. Passou a infância em La Palma (Ilhas Canárias), trasladando-se, posteriormente, a Madrid. Na península, concluiu sua pesquisa antropológica na Universidad Complutense de Madrid: “Las supersticiones en la isla de La Palma”. Atualmente, vive nas Ilhas Canárias. Em 2016, o governo canário outorgou-lhe a Medalla de Oro de Canarias pelo seu comprometimento para com a literatura, a pesquisa e a etnografia canária. Em 2018, recebeu o Premio Canarias de Literatura por sua dedicação ao universo literário. Suas obras dividem-se entre estudos antropológicos, poesia e narrativa. Na presente pesquisa, nos dedicamos à leitura de *Las brujas de la isla viento* (2006) que narra a trajetória de mulheres internadas em um centro psiquiátrico de uma ilha continuamente assolada por um vento misterioso que provoca transtornos psicológicos e delírios contínuos. Por meio de suas personagens femininas, Elsa López dá visibilidade ao silenciamento sofrido pelas mulheres ao longo da história, sobretudo àquelas que, em solo canário, foram perseguidas devido aos seus conhecimentos medicinais sobre as plantas. Concomitantemente, constatamos que o percurso literário de Elsa López evidencia o papel marginal endereçado às escritoras canárias que, durante cinco séculos de expressão literária, tiveram os seus projetos literários inviabilizados pelo anonimato e não reconhecimento. Nesse sentido, conforme Quintana (2003), a marginalização das escritoras canárias possui uma dupla face: ser mulher e viver em uma ilha.

A dupla subalternidade: mulher/(i)migrante

Lorena de Carvalho Penalva (IFPA)

Resumo Este trabalho tem o intuito de analisar duas figuras femininas da Literatura Brasileira Contemporânea: Amina, do romance *Amrik*, de Ana Miranda, e a protagonista, não nominada, do romance de Tatiana Salem Levy, *A chave de casa*. Em *Amrik*, tem-se uma personagem transgressora, que vê na dança uma forma de criticar o padrão

e os costumes da sociedade patriarcal. Em *A chave de casa*, a narradora luta com o peso da tradição judaica e utiliza-se de viagens, exílios imaginários, para curar-se de uma dor existencial. Os corpos físicos das personagens configuram-se como corpos de linguagem, que carregam histórias, traumas, imagens da terra natal. A mulher imigrante, nesse contexto, carrega consigo a dupla subalternidade: a de ser entrecortada por duas culturas, dois mundos – a realidade da imigrante – e também a de ser mulher, de ser desejo e sedução no mundo masculino, trazendo a marca da estrangeiridade, mas, também, da resistência. Portanto, busca-se estudar a condição da mulher imigrante no contexto maior da imigração em geral. Para fundamentar a proposta, recorre-se, principalmente, a Edward Said, Julia Kristeva, Stuart Hall e Jacques Derrida, com intuito de pensar o deslocamento do ponto de vista físico, mas, sobretudo, da dimensão interior e ontológica. É necessário, nesse sentido, posicionar-se diante de duas questões: reconhecer a existência de um sujeito composto por múltiplas identidades, entre as quais a fornecida pela existência em um lugar próprio, pensando nas consequências de sua perda; e, em outra direção, questionar a existência desse ser e desse lugar, analisando os desdobramentos de um deslocamento/ exílio fundamental dado pelo discurso.

A entrada (tardia) de Alejandra Pizarnik no Brasil via antologização

Natália Barcelos Natalino (UERJ)

Resumo Mais de cinco décadas separam as edições argentina e brasileira de *Árbol de Diana*, título de Alejandra Pizarnik (1936-1972): a argentina, publicada em 1962 pela editora bonaerense Sur; a brasileira – traduzida por Davis Diniz para *Árvore de Diana* – publicada em 2018 pela editora mineira Relicário. Não esquecendo dos trabalhos de tradutoras(es) como Josiane Bosqueiro, Vinícius Barth, Nina Rizzi e Mariana Basílio, que investiram em trabalhos acadêmicos e/ou promoveram publicações esparsas em revistas literárias, há de se notar o esforço da editora belo-horizontina no sentido de reparar tal lacuna editorial – inclusive, na mesma ocasião da publicação de *Árvore de Diana*, a Relicário também publicou *Os trabalhos e as noites* (*Los trabajos y las noches*, 1965), e chegou a editar um box com os dois títulos.

Entretanto, devemos à Bella Josef, organizadora e tradutora da antologia bilingue *Poesia argentina 1940-1960*, publicada em 1990, a entrada “oficial” de Pizarnik em solos brasileiros. Treze anos depois a poeta argentina também apareceria em outra antologia, *Puentes/Pontes* (2003), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda e Jorge Monteleone, com tradução de Sérgio Alcides. Propomos nesta comunicação rever o percurso de entrada da poeta no país vizinho, pensando em como sua recepção se deu tão tardiamente aqui no Brasil. À luz das contribuições de Andre Lefevere (2007) e Marie-Hélène Torres (2016), pensaremos no papel das antologias – e nos conceitos de antologia, coletânea e coleção de tradução literária – como um primeiro passo para a entrada de autoras estrangeiras. Quem sabe um dia alguma de nossas editoras tenha o trabalho de corporizar uma edição sistemática, rigorosa e acessível de toda a obra poética de Alejandra Pizarnik – afinal, sua obra merece ser publicada, debatida e conhecida no Brasil como uma referência indispensável aos campos da poesia sul-americana escrita por mulheres.

A espetacular trajetória existencial de Catalina de Erauso: a expressão da estética barroca

Amanda Moury Fernandes Bioni (UFPE)

Resumo A presente proposta de comunicação objetiva realizar uma breve análise sobre o relato autobiográfico de Catalina de Erauso, conhecida como a “Monja Alférez”, considerando a condição discursiva de resistência de uma personalidade feminina que se atreveu a ser soldado e protagonista na Conquista espanhola. Em primeiro lugar, é válido destacar o caráter híbrido da obra, na medida em que se obtém, por um lado, atribuições históricas, devido a sua pertinência aos relatos de viagem da América colonial do século XVII; por outro lado, a narrativa é ficcional, pois se tratou de uma autobiografia por mandato, buscando promover uma imagem heroica e agradável de si, com o propósito de obter vantagens da Coroa espanhola (ESTEBAN, 2018). Ademais, o relato também possui uma nota picaresca, especialmente, com respeito ao tom satírico que a nossa personagem andarilha e fugidia adota em determinadas partes do texto. É oportuno investigar como essa atmosfera de incertezas e de tensões, tão

conveniente à estética barroca, se encontra refletida na obra, para tanto, os estudos de Hauser (1993), Silva (1999), Josef (2005) e Maravall (2009) foram necessários. Desse modo, essa proposta de comunicação pretende demonstrar, de maneira breve, como a autobiografia de Catalina de Erauso se apresenta como um espelho de uma época histórica, social e cultural, à proporção que também reflete o caráter imprevisível, ambíguo e paradoxal da sua vida.

**A hostilidade como mecanismo
de exclusão da literatura de autoria feminina:
uma análise de cartas, prefácios e outros paratextos editoriais**

Anna Faedrich (UFF)

Resumo A hostilidade para com as escritoras mulheres em suas diversas manifestações – violência simbólica; injunções continuadas, silenciosas e invisíveis lançadas para as mulheres pelo mundo sexualmente hierarquizado; dissimetria radical na avaliação de atividades masculinas e femininas –, ancoradas na lógica da relação de “dominação masculina” que inculca nas mulheres propriedades negativas atribuídas à sua natureza (P. Bourdieu), é o nosso objeto de pesquisa. Realizar-se-á o levantamento de episódios que refletem as intempéries da trajetória literária feminina no período da Belle Époque carioca, de modo a construir amplo repertório de exclusões, o que nos possibilitará analisar a relação entre a hostilidade e o gradual desaparecimento das escritoras oitocentistas da memória e história literária brasileira. Periódicos cariocas (disponíveis na Hemeroteca Digital), prefácios e paratextos editoriais (G. Genette) dos livros presentes de autoria feminina na virada do século XIX para o século XX serão analisados. Fato que nos saltou aos olhos, numa primeira observação dos prefácios das obras de autoria feminina, é o menosprezo velado ou implícito em relação à produção literária e intelectual de mulheres. Geralmente, os prefácios são escritos por homens, integrantes da elite intelectual brasileira, que avalizam a obra em questão. Entretanto, mesmo que a função de um prefácio seja a de apresentar e recomendar uma obra literária ao público-leitor, é possível identificar certa hostilidade, à época, praticamente inerente ao discurso masculino sobre as participações femininas.

A literatura putafeminista como instrumento de desconstrução dos estigmas impostos ao trabalho sexual

Carla Elisio dos Santos (UNEB)

Resumo Observando a crescente publicação de livros escritos por mulheres prostitutas atualmente, percebemos que a prostituta tem deixado de ser representada sob a ótica de escritores homens, como em geral ocorria no passado, e passa a escrever sobre si mesma, o que contribui, entre outros aspectos, para uma maior abertura ou democratização do campo literário, na contemporaneidade. A partir do momento que alguém é representado por um escritor ou escritora, esse alguém assume um “lugar de outro”, ficando de certo modo silenciado. Tal condição leva a questionar: “quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde?” (Dalcastagnè, 2012). Considerando que a mulher prostituta ocupou (ou ainda ocupa) durante muito tempo essa posição de “o outro silenciado”, a presente comunicação propõe-se a uma análise do livro *Putafeminista*, da escritora Monique Prada (2018), a fim de examinar como o silêncio imposto às mulheres prostitutas é agora rompido. Na análise, será considerada a relevância dessa narrativa para a criação do movimento “putafeminismo”, o qual surgiu em 2018 a partir da resistência e união das prostitutas, como um espaço de discursos políticos no combate aos estigmas contra o grupo, assim como um instrumento de reivindicação dos direitos das prostitutas, não somente como mulheres, mas também como trabalhadoras sexuais. Silvia Federici (2013) entende que o movimento feminista contribuiu para que as prostitutas representassem a si mesmas como trabalhadoras sexuais. Contudo, considerando que o movimento feminista convencional é excludente e despreza a mulher que se prostitui, ao enxergá-la somente como vítima e não reconhecer a legitimidade de suas reivindicações, o “putafeminismo” oportuniza a criação de novos espaços de fala. Rompe, assim, o silenciamento que a sociedade reserva às prostitutas, com o propósito de controlar ou interditar os seus corpos e os seus discursos (Foucault, 1999).

A reivindicação feminista em busca da autorrepresentação na literatura de cordel contemporânea

Letícia Fernanda Da Silva Oliveira (UNESP)

Resumo Desde seu surgimento, no início do século XX, o versejar popular sempre foi, por si só, um ato de resistência. Intimamente ligados à oralidade, os poetas eram, em sua maioria, indivíduos afastados das universidades e do meio editorial, mas muito próximos ao povo e traziam consigo uma cosmovisão bastante genuína. Ainda assim, eram poetas homens, que traziam em seus versos pensamentos correntes dentro da sociedade, tecendo retratos por diversas vezes machistas e racistas. Com a facilitação promovida pelo surgimento da internet, as mulheres passaram a divulgar seus cordéis de maneira massiva nas últimas décadas, criando retratos bastante destoantes daqueles promovidos pelos seus antecessores. Ao promoverem a própria escrita e a busca por autorrepresentação, as poetas mulheres inauguraram dentro da Literatura de Cordel uma nova fase: a feminista. Neste momento, as mulheres não desejam apenas publicar os seus cordéis, mas também buscam reescrever a trajetória das mulheres dentro do mundo dos folhetos, reivindicando o reconhecimento que sempre lhes foi negado. Além disso, ao criarem seus versos na contemporaneidade, não lhes escapam a defesa de uma postura feminista, as críticas ao machismo e ao racismo, bem como a contestação da postura masculina, responsável pela exclusão das mulheres durante décadas do ambiente de cordel.

As catorze vozes insubmissas de Conceição Evaristo

Marcele Aires Franceschini (UEM)

Resumo O presente trabalho tece considerações à respeito das catorze protagonistas presentes em “Insubmissas lágrimas de Mulheres” (2016), de Conceição Evaristo. Treze são as personagens, somando-se o eu-autoral, que por seu processo de ‘escrivência’ também entra nas histórias, já que ouviu os relatos das vozes narrativas e oferece, com sensibilidade e engajamento, sua contrapartida íntima. Ficção e realidade misturam-se, prevalecendo-se as temáticas:

sororidade/irmandade, violência, solidão, racismo, entre outras vi-
gentes nos debates relacionados ao feminismo e à condição da mu-
lher negra na sociedade brasileira. Literatura e memória importam
uma vez que as anotações de Evaristo funcionam como lícito retra-
to, poético e ancestral, que antecede as narrativas apresentadas. Para
tais abordagens utilizamos Bell-McDonald (“Embracing Sisterhood:
Class, Identity, and Contemporary Black Women”, 2007), Patricia
Hill-Collins (“What’s in a name? Womanism, Black Feminism, and
Beyond”, 2019), Suely Gomes Costa (“Movimentos feministas, femi-
nismos”, 1994), Regina Dalcastagne (“Da senzala ao cortiço: história
e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro”, 2001), Carole
Boyce Davies (“Some notes on African Feminism”, 1986), Angela Da-
vis (“Women, Race & Class” 1983), Lélia Gonzales (“Mulher negra”,
1979), Sharon Harley (“Sister circle: Black women and work), Beatriz
Nascimento (“A mulher negra e o amor”, 1990), Vilma Piedade (“Do-
roridade”, 2017), entre outras[os] autores.

As contribuições da poesia de autoras negras brasileiras contemporâneas em uma escola pública do Tocantins

Edileuza Batista de Araujo (UFT)

Resumo As vivências com poesias de autoras negras contemporâneas em uma escola da rede estadual de ensino do Tocantins é de suma importância para a formação leitora de alunas e de alunos e para ajudar a efetivar o “letramento de reexistência”. Por isso, o presente trabalho visa apresentar uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL-UFT), que tem como objetivo propor reflexões importantes sobre o acesso à produção da poesia negro-brasileira nas escolas e a sua contribuição para a formação de leitores. Metodologicamente é um trabalho qualitativo, interpretativa e documental que será realizado por meio de entrevistas a professores e alunos, observações e análises de materiais didáticos. Esta investigação enfoca nas contribuições que as poesias de autoras negras apresentam dentro (e fora) da escola. Compreender e perspectivar uma valorização destas produções que abrem espaço também para discutir questões, como o racismo

e o corpo negro. Esta abordagem trata-se ainda de compreender “lugar de fala” e as formas de visibilidades das poesias de escritoras negras. Como fundamentação teórica adotamos os seguintes autores: Augel (2007), Cuti (2010), Dalcastagnè (2002), Evaristo (2005), Kilomba (2015), Souza (2011), Ribeiro (2017).

As implicações do desaparecimento em *Outono*, de Lucília Garcez

Gínia Maria Gomes (UFRGS)

Resumo A comunicação tem por objetivo fazer a análise do romance *Outono* (2018), de Lucília Garcez. Nele, Ângela, a narradora-protagonista, teve sua vida devastada pelo desaparecimento do marido, ocorrido durante o período da ditadura civil-militar brasileira. Mesmo tendo-se passado várias décadas desse episódio traumático, ela ainda é atormentada por lembranças desse passado sombrio. Isso é compreensível porque, sem o corpo, não lhe foi oportunizado realizar a cerimônia fúnebre, o que se constituiu em óbice para a elaboração do luto. Dessa forma, a experiência traumática é reencenada em seu cotidiano, quando as memórias dos tempos repressivos se impõem. De um tempo em que a tortura e o desaparecimento se transformaram em uma política do Estado. O silêncio sobre os corpos insepultos, foi motivo de muita luta entre os familiares. Também Ângela lutou para saber do paradeiro do marido, percorrendo os espaços labirínticos do poder repressor. Depois, lutou pelo reconhecimento de sua morte. No presente da narrativa, esse passado se impõe, dando visibilidade à história do país, que não deve ser esquecida.

Aspectos editoriais do discurso literário de autoria feminina na década de 30

Júlia Maria Costa de Almeida (UFES)

Resumo Este trabalho se detém sobre a produção literária de escritoras de esquerda na década de 30 no Brasil, período conhecido como Era Vargas, em que a circulação do discurso político sofre fortes

restrições sob regime autoritário e perseguição política. Objetivamos levantar indícios das condições editoriais de obras publicadas – Parque industrial, de Patrícia Galvão, Caminho das pedras, de Raquel de Queiroz, e Condição feminina, de Lydia Besouchet –, e não publicadas – Os desambientados e Histórias sem idade, de Haydée Nicollussi – naquela década, lançando luz sobre o perfil das editoras e dos jornais que efetivamente acolhem e fazem circular os textos dessas escritoras, assim como as condições negativas, materiais e políticas, que contribuem para a rarefação desses discursos e sujeitos. A partir de um diálogo entre os procedimentos de exclusão, controle, seleção, funcionamento e institucionalização do discurso que elenca Michel Foucault em *A ordem do discurso* (2004) e as noções de noções de instituição e comunidade discursiva de Dominique Maingueneau (2009), nosso olhar perscruta regularidades e dissimetrias no que tange ao sistema de edição e de autoria que perpassa a produção dessas escritoras ao longo da década de 1930, refinando a articulação teórica entre autores e perspectivas de análise. Acreditamos que os resultados desta pesquisa possam lançar luz sobre a história literária e política de um período fundamental para o entendimento do Brasil contemporâneo, que gestou os princípios de formação da cultura e da literatura brasileira, mas manteve alijadas dessa narrativa hegemônica as vozes de mulheres, intelectuais e escritoras que deram contribuição indispensável à compreensão da sociedade patriarcal.

Autorrepresentação lésbica na cena da poesia falada brasileira: vozes do Poetry Slam

Mariana de Oliveira Costa (UFRJ)

Resumo Falar de autorrepresentação na Literatura contemporânea implica inevitavelmente em falar do Poetry Slam. Essas batalhas poéticas se afirmaram no Brasil como um instrumento de expressão mobilizado principalmente por pessoas negras, moradoras de periferias e, em sua maioria, LGBTQIA+ e mulheres. O slam se configura como uma esfera artístico-literária que abre espaço para identidades subalternizadas, corpos e vivências alterizadas, sendo, portanto, uma nova ágora estético-política na qual esses sujeitos que ocupam o espaço público de praças e estações de metrô debatem identidade e diferença

como pautas fundamentais da agenda do presente. Alguns conceitos de Hugo Achugar (2006), Regina Dalcastagnè (2007), Nelson Maldonado-Torres (2007), María Lugones (2008), Djamila Ribeiro (2017) e outros relacionados à representação dos sujeitos subalternizados nos guiarão na compreensão de que a literatura em geral e, de modo específico, o poetry slam, vem se constituindo num espaço para vozes subalternizadas, um campo para a expressão de corpos políticos. Assim como existe uma disputa pela representação dos sujeitos alterizados no campo teórico, esse movimento também acontece num campo literário e artístico que coloca o corpo no centro da cena. Em vista disso, o propósito deste trabalho é apresentar uma discussão inicial que fundamente a análise da produção poética desenvolvida por mulheres lésbicas no espaço na cena do slam utilizando como objeto de pesquisa a poesia de Laura Conceição e reivindicando uma audição atenta a essa dimensão da poesia falada que desconstruirá as representações dominantes e fará frente à subrepresentação desse grupo específico a partir do momento em que essas mulheres erguem a voz e passam a ser representadas por elas mesmas.

Cenas de estupro: o conto “Sweet on the Tongue” como recriação do romance *An Untamed State*, de Roxane Gay

Priscilla Pellegrino de Oliveira (UERJ)

Resumo A escritora e ativista norte-americana Roxane Gay está entre as autoras feministas mais bem cotadas da atualidade por suas obras de ficção e não-ficção. Dentre elas, o romance *An Untamed State* (2014) e o livro de contos *Ayiti* (2018) expressam vozes contemporâneas acerca de temas relacionados ao feminismo do século XXI. Ainda sem tradução para o português do Brasil, ambas contêm narrativas que retratam situações de violência sexual. O romance, narrado em primeira pessoa, conta a história de uma mulher descendente de haitianos, assim como a própria autora, que é sequestrada no Haiti e é estuprada pela gangue diante da recusa de seu pai em pagar o resgate. Ela passa pelo estupro coletivo e pela violência física e psicológica por treze dias até ser liberada. Tanto as cenas de abuso quanto seu estresse pós-traumático são relatados de forma vívida. Em um dos contos de *Ayiti*, “Sweet on the Tongue”, a mesma

história é recontada com algumas diferenças na trama. Não se trata de um resumo do romance, mas de uma adaptação para uma outra forma literária, o conto. Ademais, nomes de personagens e lugares, por exemplo, foram mudados. Porém, o país de origem e os motivos são o mesmo: o Haiti e seus traumas, Roxane Gay e sua biografia. Em seu livro de ensaios *Bad Feminist (Má feminista, 2014)*, a escritora relata uma traumática situação: um estupro coletivo sofrido na adolescência. Percebe-se, assim, o motivo da recorrência da temática em suas obras. Ela dá voz a sobreviventes.

Clarice Lispector e suas estratégias discursivas em *A paixão segundo G.H.*

Loiva S Vogt (UFRGS)

Resumo Ruptura, prosa poética introspectiva, escrita vinculada à materialidade, aos corpos e afetos com ressonâncias profundas que rompem modelos estéticos e filosóficos de natureza cultural e política. Esses são alguns dos atributos da obra da escritora Clarice Lispector que nasceu em 1920 na Ucrânia e imigrou ainda criança para o Brasil. Sua obra denuncia de modo sutil a desumanização de uma economia emergente, porém socialmente precária. Traz para o nosso sistema literário brasileiro a descontinuidade em relação aos padrões realistas e naturalistas marcados pela suposta impessoalidade e objetividade. Sua prosa não é apenas modernista, mas intimista e rompe com sentidos estigmatizados. Suas histórias falam de uma cultura reprimida e obscurecida pelas relações de poder e autoridade patriarcal. Aprofunda questões complexas como o espaço materno em que o feminino se constitui como origem, anterior ao logos. O Brasil que presenciou a produção literária de Lispector entre as décadas de 1940 e 1970 passava por um processo de modernização tecnológica, bem como de autoritarismo político e exclusão social. Esse processo favoreceu a consolidação de uma elite conservadora que deixou suas sementes para o período “contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Argumento que as epifanias de Lispector permanecem atuais nesses “tempos sombrios” (ARENDT, 2008, p. 19). Para tanto, apresento trechos significativos de seu romance *A paixão segundo G.H.* (LISPECTOR, 1998) com seu potencial inovador em relação à forma

e ao conteúdo. A obra explora os campos instáveis da experiência e relativiza os limites do “real” quando a protagonista, em puro êxtase e de modo intencional, ingere uma barata. Constata-se que, na obra, a realidade é percebida como incompletude e os momentos de epifania levam a outro nível de compreensão da experiência do sensível em que a razão cartesiana é deixada de lado e há espaço para a inovação discursiva e cognitiva.

Cora Coralina: testemunho e poesia

Fabiana Lula Macedo (UFG)

Lílian Rodrigues de Souza Oliveira (UFG)

Resumo Diante da problemática que perpassa a literatura produzida por mulheres como manifestação de resistência numa sociedade patriarcal, o presente artigo pautado no arcabouço teórico que norteia a relação entre Literatura, memória e testemunho, tem o escopo de refletir sobre a posição de diferentes figuras femininas no início do século XX. Para tal, este estudo divide-se em três partes. Na primeira, procuramos desenvolver teoricamente uma aproximação entre a teoria sobre a literatura de testemunho, considerando a ideia de teor testemunhal de Seligmann-Silva, e a literatura de autoria feminina que possui como característica a apresentação de personagens e histórias de mulheres que estiveram de alguma forma oprimidas pelo sistema patriarcal. Na segunda, apresentamos a autora, objeto de análise neste texto, Cora Coralina, como uma poeta que trabalha com a memória individual e coletiva, portanto uma testemunha de como as mulheres eram educadas e tratadas de maneira opressiva em seu tempo e em sua cidade, Goiás. Por fim, analisamos o teor testemunhal de poemas que possuem como temática principal a vida de mulheres que a escritora chama de “obscuras”, pois são pessoas a margem da sociedade: a prostituta, a lavadeira, a louca, a menina que não se encaixa no grupo familiar. Essas personagens povoam muitos dos poemas líricos da autora e narram traumas causados pela violência patriarcal.

De María a Afuera crece un mundo: representações da escravidão em dois romances colombianos

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves (UFJF)

Resumo Publicado entre 1864 e 1867, o romance *María* do escritor colombiano Jorge Isaacs se converte no romance nacional da Colômbia e provavelmente o mais popular do século XIX na América Latina, segundo Doris Sommer. Nos capítulos XL e XLIII da obra, Isaacs insere história da escrava Nay, rebatizada com o nome de Feliciano, fiel servidora dos pais de Efraim, um dos protagonistas da obra. Nay é filha de um guerreiro de Gana e está apaixonada por Sinar, também guerreiro de origem nobre. Na ocasião das bodas o casal é capturado por comerciantes de escravos e separados para sempre. Em 2017 a escritora calenha Adelaida Fernández Ochoa publica *Afuera crece un mundo*. Nessa obra, ganhadora do prêmio Casa de las Américas de 2015, Ochoa recupera a personagem Nay a partir de uma perspectiva distinta a de Isaacs. Desta vez, a protagonista é narradora de sua história, dona da sua vida, conhecedora de seus poderes. Nay subverte o imaginário construído sobre a imagem da fiel e doce escrava para poder contar a história de um dos tantos personagens da diáspora africana durante o século XIX. Neste trabalho propomos uma leitura das obras mencionadas trazendo como viés as contribuições do feminismo negro para a escrita da obra de Ochoa.

Do gozo reivindicado por mulheres em três antologias eróticas brasileiras

Claudicélio Rodrigues da Silva (UFC)

Resumo Ainda na primeira metade do século XX, em seu *O Segundo Sexo* (2009), Simone de Beauvoir investigou o ser mulher, dos mitos à biologia, da história à psicanálise, e proferiu a sentença “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Mais que um aforismo retirado da monumental obra, essa frase pode ser entendida como uma das maiores provocações que o feminino (e o feminismo) trouxe para fomentar o debate sobre a desigualdade social entre os sexos no campo social, político e econômico. Entretanto, na literatura, mais do

que recorrente, a mulher é uma obsessão. Prostituta, casada, solteira, balzaquiana, lolita, romântica, dissimulada, adúltera... o elenco de personagens femininas na literatura é extenso e, quase sempre, resvala no horizonte do enigma. Se a mulher é uma obsessão na literatura escrita por homens, objeto do erotismo deles, representar o feminino erótico continua sendo um tabu para as escritoras. E, no entanto, elas insistem em reaver o erotismo usurpado ao domínio dos homens. Esta comunicação é um recorte das minhas pesquisas de estágio pós-doutoral que investigam antologias eróticas de sujeitos dissidentes publicadas no Brasil a partir da década de 1960. Nesse caso, apresento três antologias consideradas pioneiras na tarefa de reunir mulheres em torno da representação do desejo e do prazer pela literatura. São elas: *Muito prazer: conto eróticos femininos* (1980) e *O prazer é todo meu: contos eróticos femininos* (1984), ambas organizadas pela escritora Márcia Denser; e *Erótica: contos eróticos escritos por mulheres* (1993), organizada por Bebéti do Amaral Gurgel. As bases teóricas desse estudo são oriundas de pesquisadoras feministas desde a segunda onda, como Monique Wittig, Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, Bell Hooks e Maria Lugones.

Escritoras portuguesas na divulgação da intelectualidade feminina no Brasil do início do século XX

Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ)

Resumo Nas primeiras décadas do século XX, algumas escritoras portuguesas com reconhecimento nos dois lados do Atlântico se deslocaram ao Brasil para divulgar suas ideias e suas obras. Em alguns casos, a presença em terras brasileiras suscitou a oportunidade de tecer comentários não apenas sobre sua própria trajetória intelectual, seja na imprensa ou por meio de conferências, como também a de outras compatriotas. É o caso, por exemplo, dos artigos de Ana de Castro Osório no Portugal Moderno, do Rio de Janeiro, entre 1911 e 1913, no qual a feminista republicana comenta algumas de suas companheiras feministas, enquanto residia em São Paulo. Olga Morais Sarmento, entrevistada pela repórter lusa Virgínia Quaresma, para o jornal A Época, quando se deslocou à América do Sul para uma série de conferências, fala sobre “a mentalidade feminina”, revelando suas opiniões sobre

poetisas e prosadoras de seu país. Na década seguinte, ao chegar no Rio em 1927, a poetisa Beatriz Delgado acaba por escrever sobre suas colegas de arte para a *Ilustração Brasileira*. Destaca-se o trabalho de Emília de Sousa Costa. Após a visita desta escritora ao Brasil em 1923, ela publicou no jornal dos imigrantes lusos *Pátria Portuguesa*, além de alguns textos isolados, 37 pequenas biografias e apresentações de intelectuais portuguesas numa coleção que intitulou de “*Flos Santorum das Mulheres Portuguesas*”, entre 20 de dezembro de 1925 e 16 de janeiro de 1927. Seu trabalho amplia a visão que os leitores poderiam ter sobre a cultura portuguesa. Analisaremos essas estratégias de divulgação intelectual de mulheres portuguesas no Brasil num período no qual algumas escritoras buscavam se profissionalizar.

Escritoras transclasses e escrita de si

Laura Barbosa Campos (UERJ)

Resumo Em *La Place* [*O Lugar*], obra autobiográfica da escritora francesa Annie Ernaux publicada em 1983 e recentemente lançada no Brasil, a autora destaca o seu sentimento de trânsfuga de classe, tal como a noção é desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu para se referir a uma mobilidade social através da via escolar. Seguindo a perspectiva empreendida por Ernaux, interessa-nos investigar relatos autobiográficos de escritoras oriundas de meios populares que problematizam suas trajetórias sociais. Optamos pelo neologismo transclasse, forjado pela filósofa Chantal Jacquet, por considerá-lo mais pertinente por suprimir a ideia de fuga presente no vocábulo trâns-fuga e expressar o movimento de migração entre diferentes classes sociais. O objetivo da proposta é analisar narrativas de cunho autobiográfico de autoras transclasses brasileiras e francesas, dentro de um viés comparatista. O afastamento do mundo de origem vivenciado gera impactos afetivos importantes, frequentemente associados à culpa e a um estranhamento sentido no contexto de origem, engendrando um ser clivado entre dois mundos que se opõem. Buscamos mostrar que os relatos do percurso social das escritoras é um importante mecanismo de elaboração de traumas em textos que mobilizam de forma recorrente os laços familiares e expressam muitas vezes uma tentativa de reabilitação de figuras parentais.

Feminismos plurais: uma leitura crítica de *desmundo* e *Ponciá Vicêncio*

Juliana Cristina Minaré Pereira (UNESP)

Paulo César Andrade da Silva (UNESP)

Resumo O trabalho tem como principal objetivo analisar as similaridades e discrepâncias, a partir da crítica literária feminista, das obras *Desmundo*, de Ana Miranda (1996), e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2002). A aproximação justifica-se pelo fato de ambas terem em suas centralidades narrativas personagens cuja perspectiva é vista pelo ângulo da condição de autoria feminina e por tratarem de contextos sócio-históricos próximos. Acrescente-se ainda que a diferença étnico-racial das autoras possibilita uma alteração significativa de percepção em relação às vivências femininas e o modo como a sociedade as percebem. Olhar tais narrativas em conjunto, a partir de uma crítica feita por e para mulheres, possibilitará, como hipótese principal, compreender, através da literatura, a importância da pluralidade dos movimentos feministas e, sobretudo, a necessidade de mudança do ponto de vista narrativo, abrindo espaço para que as próprias mulheres contem suas histórias. No que tange ao material literário, interessa analisar as personagens, a forma de narração e os espaços que compõem cada obra e como essas características contribuem para a condição das personagens. Esses elementos serão observados a partir da crítica feminista e teorias pós-coloniais, que contribuem para a compreensão de obras que são desestabilizadoras da ordem canônica preestabelecida. Além disso, os estudos da decolonialidade interessam para perceber as diferenças de posicionamentos existentes entre as autoras e suas personagens, bem como o impacto que essas leituras geram no contexto da luta feminista.

Florbela Espanca: as femininas faces da resistência

Tatiana Alves Soares (CEFET-RJ)

Resumo Quando se pensa em Florbela Espanca, a imagem que vem à mente é a da alma feminina em sofrimento. Sua vida, pautada por frustrações, culminou no suicídio da poeta no seu 36º aniversário.

Sua obra, marcada pelo lirismo amoroso, retrata os anseios de um eu lírico que, a despeito de ser marcadamente feminino, não se limita à angústia do amor irrealizado, única possibilidade legada à mulher. Dotada de um estilo visceral, a poesia de Florbela traz consigo traços de uma sensualidade e de um panteísmo que fazem dela uma das precursoras de uma estética feminista. Mulher à frente de seu tempo, Florbela faz da busca do amor o mote da existência de seu sujeito poético, mas vai muito além: fala de paixão, de desejo, de liberdade, no grito de uma mulher aprisionada em um tempo em que o querer era exclusivamente masculino. Numa obra que parece assinalar uma trajetória ascensional, sua persona poética tem início em um melancólico *Livro de Mágoas* (1919), passa pelo ambivalente *Livro de Sórora Saudade* (1924), para finalmente irromper, plena e sensual, no sugestivo *Charneca em flor* (1930), obra da plenitude. Com base nesse percurso, o presente trabalho tem por objetivo uma análise da representação da mulher na obra da poeta à luz das diferentes facetas femininas presentes em sua trajetória evolutiva.

**Fumiko Hayashi e Banana Yoshimoto:
uma reflexão sobre a popularidade da autoria
feminina na literatura japonesa do século XX**

Cleiton Santiago Madruga (USP)

Resumo As autoras Fumiko Hayashi e Banana Yoshimoto podem ser consideradas as duas autoras japonesas mais populares do século passado. Embora o surgimento das autoras tenha acontecido em épocas completamente diferentes, é curioso observar como possuem muitas semelhanças no que se refere à reação da crítica literária, popularidade e legado. Fumiko Hayashi foi uma escritora de grande popularidade, sendo alvo constante da crítica literária durante o período Shôwa (1926-1989). Donald Keene, um dos maiores historiadores da literatura japonesa, em seu livro *Dawn to the West: Japanese Literature in the Modern Era* (1984), afirma que que Hayashi era a escritora mais popular do país naquela época. De forma muito parecida, os grupos literários assimilaram o sucesso de Banana Yoshimoto como passageiro, desconsiderando sua obra e tratando seu primeiro livro, *Kitchen* (1988), como descartável e popular demais, apesar do estrondoso

sucesso com o público. Este trabalho irá refletir sobre a popularidade das autoras, comparando as semelhanças e diferenças como fenômenos literários populares e suas marcas como pioneiras na literatura japonesa. Não há dúvidas de que a crítica literária japonesa se tornou um pouco mais receptiva em relação às autoras mulheres. Hoje em dia, o país conta com uma nova corrente literária feminina, encabeçadas por escritoras que alcançaram considerável renome dentro e fora do Japão, como Sayaka Murata, Mieko Kawakami e Hiromi Kawakami. A reflexão se estenderá até os dias de hoje, procurando entender de que forma a influência das autoras contribuiu para o surgimento de mais autoras mulheres em um país em que o progressismo ainda caminha a passos muito curtos.

Imagens negro-femininas em *Mulher Matr(r)iz*, de Miriam Alves

Luciana Lis de Souza e Santos (UESPI)

Resumo O presente estudo propõe uma análise das imagens negro-femininas nos contos da obra *Mulher matr(r)iz*, de Miriam Alves. Esta pesquisa sustenta-se no fato de que esta obra de Alves potencializa a compreensão das múltiplas representações da mulher negra brasileira na literatura, inserida na perspectiva da Escrivivência, de Conceição Evaristo. Propõe-se uma análise da representação das personagens dos contos para compreender como são construídas as imagens negro-femininas na obra *Mulher matr(r)iz*, de Miriam Alves; como, na obra *Mulher matr(r)iz*, Miriam Alves intervém socialmente ao romper com os estereótipos? Qual a relevância da escritora Miriam Alves como intelectual negra? Miriam Alves é escritora e intelectual que mobiliza o seu trabalho em torno das discussões sobre raça e gênero. É necessário trazer a voz das mulheres negras para dentro dos campos literários e para a perspectiva crítica, necessidade imperiosa diante de um processo extremamente excludente, perpetuado historicamente, mas que, mesmo diante do projeto de exclusão, essas mulheres têm produzido incessantemente. Para tal abordagem, foram usados alguns conceitos de Evaristo (2005), Cuti (2010), Dalcastagnè (2012), Santos (2018), dentre outros, convergidos para a concepção de que estudar a literatura feminina negra de Alves, suas metáforas e verbos, sua junção de saberes, suas tradições

e valores culturais podem servir como guia para o redescobrimento e a valorização da cultura das pessoas negras e de suas histórias.

Memória e gênero na ficção' Musas provisórias'

Marcia Caetano Langfeldt (Universidade de Oslo)

Resumo Nas últimas duas décadas tem surgido um número cada vez maior de pesquisas acadêmicas, livros de ensaios e literatura de ficção com a clara intenção de redefinição da produção cultural de diversos países, levando em conta a perspectiva feminina. A violência contra a mulher, por exemplo, é um tema que se apresenta constante em inúmeros trabalhos, assim como o preconceito de cor e de classe. A teorização da violência pela pesquisa acadêmica feminista tem se dedicado igualmente à análise das práticas pedagógicas na perpetuação do problema, bem como da presença da religião como elemento propulsor. O objetivo desta comunicação é discutir o tema da memória, do trauma e da transmissão familiar e cultural no Brasil, a partir da novela ficcional *Musas provisórias* (2019). A narrativa é um relato em primeira pessoa de uma física brasileira de carreira internacional, desde a infância até a vida adulta, passadas em uma escola de religiosas italianas, durante a última década da ditadura militar. Atravessando um emaranhado de situações prosaicas ou dolorosas, a narradora descreve o tratamento repressivo dirigido às meninas e jovens, em contraste com seus colegas masculinos. A narrativa é estruturada a partir de dois eixos fundamentais: a memória (pessoal e coletiva) e a perspectiva feminina na reelaboração do discurso. Um outro dado que a ficção aborda é o que se pode chamar de “efeito colateral” da ditadura militar, a partir do qual ocorre a elaboração de uma identidade cultural em cujo cerne está um discurso misógino e violento. Uma empreitada que se pauta igualmente pela reapropriação da memória coletiva (ao revés dos livros e documentos históricos) e ainda hoje permeia o ethos nacional.

Mulheres artistas conversam...

Angeli Rose do Nascimento (UFRJ)

Resumo A comunicação apresentará iniciativa do âmbito cultural, que foi a criação do “Coletivo Mulheres Artistas” (NASCIMENTO, 2020), propondo reflexões sobre a escrita de mulheres. Dispositivo (AGAMBEN, 2014) para ser híbrido, presencial e virtual, no entanto, com o impacto da Pandemia, tem sido até o momento um “coletivo” de ações virtuais. Trata-se de um grupo feminista (ADICHIE, 2015), aberto, sem núcleo fixo, lusófono, focado em questões e temas relacionados aos direitos e conquistas das mulheres e dos corpos feminilizados, à inclusão social, ao antirracismo, à noção de “maternagem” (EVARISTO, 2021), sendo estes alguns dos norteadores das reflexões produzidas pelo grupo. O “coletivo” tem uma coordenação geral, que estimula o protagonismo feminino, com o exercício de liderança em rodízio, de acordo com as ações e os projetos que vão se sucedendo ou sendo articulados. O grupo também estabelece parcerias, apoiando projetos de colaboradoras externas. O título do trabalho refere-se ao 1º. projeto fixo [<https://youtu.be/XfjVix3ZDJI>], constituído de lives semanais com o objetivo principal de dar visibilidade a mulheres que estão participando do cenário cultural contemporâneo e às produções de mulheres artistas das diferentes linguagens estéticas, de ativistas e produtoras culturais. São conversas roteirizadas, entre mediadoras do CMA e convidadas, estruturadas em 3 eixos: antropológico (aspectos autobiográficos); estético (as obras autorais); e sociológico (reflexão sobre a condição da mulher na contemporaneidade). Nesse grupo, predominam escritoras que se situam como “escritoras independentes”. O lema “Juntas, somos mais fortes” tem reafirmado a relevância da constituição do coletivo cultural, tanto para a circulação dos produtos estéticos autorais, como para novos vínculos criados, evidenciando o propósito de resistência aos discursos hegemônicos sobre a Mulher e a Arte em geral. As expressões literárias como o “Afrofuturismo” (LINS, 2021), “Aldravias” e a poesia contemporânea em geral dão a ver o quanto a escrita de mulheres tem buscado explorar recursos e suportes, como as antologias, que deem esca a vozes de mulheres.

O protagonismo antagônico de Lalita em *Pássaro tonto* (1934), de Júlia Lopes de Almeida

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto (UERJ)

Resumo Publicado pela primeira vez em 1934, *Pássaro tonto* foi a última obra escrita e enviada à edição pela escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). O romance, ambientado na Paris da segunda metade da década de 1920, possui uma alcunha diferente dos demais volumes deste gênero assinados pela escritora: é considerado um “romance menor” (TELLES, 2012). Na contramão das demais obras romanescas de Júlia Lopes, observa-se Lalita, a protagonista, sendo caracterizada por seus excessos e defeitos, a exemplo da futilidade, a falta de “modos”, a inconstância, a sexualidade insubmissa, a crença no amor livre. Em uma lógica mais tradicional, Foucault (2019) sublinha a procriação como uma justificativa à sexualidade feminina, o que vai de encontro com os desejos e impulsos de Lalita, que por vezes mostra-se sedutora e disposta a viver aventuras amorosas diversas. A predileção por *Pássaro tonto* para a pesquisa acerca da temática da escrita feminina se dá não apenas por se tratar de um livro escrito por uma das mais renomadas escritoras do início do século (MUZART, 2013), mas também por retratar uma espécie de rompimento de Júlia Lopes com a sua própria escrita, uma vez que a escritora parece postular em suas páginas uma certa aversão ao que está a sua volta, concretizada na figura de Lalita, um pássaro tonto. Este estudo debruça-se em Ferreira (2015) e a percepção da literatura como fonte fecunda para se pensar a história de uma coletividade, estabelecendo diálogo com o debate acerca da escrita feminina em Woolf (2014) e Eleutério (2005), especialmente. Por fim, pretende a integração aos estudos que priorizam a história da escrita feminina, a constituição do cânone literário e, ainda, a própria gênese da história das mulheres no Brasil.

O translinguismo literário como resistência feminina em Gloria Anzaldúa e Melissa Lozada-Oliva

Ana Carolina Martins dos Santos (UNILA)

Resumo O presente trabalho aborda a obra *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza* (2016) de Gloria Anzaldúa e, também, *Peluda* (2017) de Melissa Lozada-Oliva. Interessa discutir de que modo autoras de diferentes gerações, inseridas no contexto de vida estadunidense, de origem latino-americanas e atravessadas pelo movimento diaspórico, se valem –cada uma à sua época– do translinguismo literário como dinâmica de resistência feminista, através das suas escritas poéticas. Em virtude da necessidade básica de sobrevivência, resistir é uma palavra de ordem que sempre estará nos dicionários femininos. Portanto, essa reflexão está proposta à luz do conceito de resistência desenvolvido por Butler (2017), Freitas (2020) e Lugones (2014). A respeito do conceito de translinguismo, são utilizadas as considerações teóricas de Megale Siano (2015) e Mary Louise Pratt (2011). Diante disso, o objetivo é entender, através das obras literárias, já citadas anteriormente, se mesmo passados 50 anos da primeira para a segunda autora, as violências e as lutas travadas continuam as mesmas e, como o translinguismo literário funciona como agente de resistência feminista. Deste modo, a metodologia adotada é a de uma análise qualitativa através de uma comparação crítico-literária entre as duas autoras, já mencionadas, que reclamam seu lugar e sua identidade híbrida, por meio da escrita translíngue, sustentando seus posicionamentos de não se vincularem a padrões impostos pelo mundo contemporâneo, como sendo os únicos e possíveis.

Os corpos do poema: a poesia escrita por mulheres no Brasil contemporâneo através de duas poetisas, Marília Floô Kosby e Mônica de Aquino

Sara Lovatti Mancini (UFES)

Resumo Essa comunicação apresentará os traços da poesia escrita por mulheres no Brasil contemporâneo através de poemas selecionados de: *Mugido (ou diário de uma doula)* (2017), de Marília-Floôr

Kosby, e de *Continuar a nascer* (2019), da Mônica de Aquino a fim de observar como os poemários se constroem enquanto corpo poético – espaço da linguagem que denuncia e resiste, além do uso da escrita de si numa representação de um ser humano-mulher – e enquanto corpo livro, um objeto artístico e político, de autoria feminina. Ambas obras partem do corpo – e do parto, para desenvolver sua poética. Se a Marília ordena que o leitor traduza o mugido, numa lírica rude, fria – que ao passo que aproxima do mundo animal, mais põe o ser humano longe – e superior – com a relação à natureza, ao “selvagem”, a Mônica põe o leitor no ventre quente de sua voz, que está nascendo – enquanto mãe, “nascer é sempre prematuro”, afirma. O livro de Mônica é uma publicação da Relicário Edições, têm páginas bordô e imagens de ultrassons. Já em *Mugido*, da editora Garupa, tem na capa a foto do pêlo cheio de uma vaca, dentro: um misto dissecante entre a poesia e a prosa, num jogo do mugido com o diário de uma doula de vacas. Acredito que ambas produções utilizam o artifício da intimidade, o diário como recurso e partem de um corpo poético difuso, de uma escrita “à deriva, livre de amarras” (HOLLANDA, 2021). Almejo, entender, no entanto, o que essa relação dos corpos expostos pelas autoras têm a propor enquanto parte integrante de um corpo maior de mulheres que escrevem literatura atualmente e traçam os caminhos de uma tradição de escrita por mulheres.

Os romances de Cassandra Rios e seus anúncios nos anos 70

Ingrid da Silva Marinho (UFPA)

Resumo Esta pesquisa faz parte do meu projeto de tese, a qual debruça-se sobre a produção literária da escritora paulista Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios (1932-2002). A autora obteve destaque ao escrever sobre a sexualidade, prazer feminino e principalmente sobre relações homossexuais entre mulheres, temas até então não abordados por outras escritoras e completamente censurados durante o regime militar. Apesar de censurada e dos processos por atentado à moral e aos bons costumes, Cassandra foi uma das autoras mais lidas no Brasil, tornando-se popular entre os anos 50 e 70, sendo a primeira escritora brasileira a chegar em um milhão de exemplares vendidos e manteve essa posição até os anos 90. Os romances

cassandrianos faz pensar sobre as formas de representações estigmatizadas, a mulher como sujeito de si, do seu corpo e do seu prazer, invadindo um espaço falocêntrico e de controle sobre o corpo feminino. A partir das consultas feitas nos arquivos da hemeroteca digital, encontramos Cassandra Rios presente em constantes anúncios dos jornais a cada nova edição de um romance, na década de 70. Tendo isto em vista, buscou-se analisar esses anúncios, bem como mapear os anos de publicação de alguns dos romances cassandrianos, os principais locais de publicação e os tipos de anúncios lançados pelas editoras.

Para além do aquário: o romance de formação e a representação feminina em Lygia Fagundes Telles

Lizia Adriane Freire Ferreira (UFMA)

Resumo A escritora brasileira Lygia Fagundes Telles produziu contos e romances, contribuindo para o movimento modernista da terceira geração do século XXI, com foco nas personagens femininas e nos seus dilemas internos. Na década de 60, a expressão literária da autora configurou um sujeito em sintonia com o entorno sociopolítico, notando-se a presença do papel da mulher em transformação e o seu franco crescimento psicológico e social. Sob esse entendimento, este trabalho pretende analisar uma de suas obras, inserida nesse período marcante do país: *Verão no aquário* (1964), sob as teorias acerca do Bildungsroman, um subgênero do romance que teve seu reconhecimento no século XIX, na Alemanha, e influenciou na produção de obras em todo o mundo, ao longo do tempo. Desde a sua origem, o Bildungsroman passou por uma série de revisões na literatura ocidental, dentre elas, a possibilidade de um gênero de formação feminino, o que antes era um campo apenas masculino. Desse modo, este trabalho objetiva apresentar a história do cânone do Bildungsroman, desde as obras clássicas até as manifestações que ampliaram espaço para a escrita feminina, a fim de destacar como as características desse gênero influenciaram na produção de obras de autoras brasileiras, como *Verão no aquário*, cujo processo de crescimento da personagem é marcado pelo contexto sociopolítico do país da década de 60. Esta pesquisa pretende, ainda, verificar como Lygia

Fagundes Telles compôs o seu segundo romance e de que forma está alinhado à tradição do Bildungsroman, por meio da análise de micro e macrocaracterísticas da obra. . Assim, essas teorias possibilitarão a realização do estudo sobre o gênero de formação feminino em Telles e ajudarão a apontar como esse subgênero contribui para a expressão da riqueza literária no romance nacional modernista.

**Patriarcado e estratégias de controle:
loucura e transgressão em narrativas
de mulheres dos séculos XIX e XXI**

Giselle Leite Tavares Veiga (UFF)

Resumo A loucura ou o medo dela se faz presente no enredo de diversos livros escritos por mulheres. Na presente comunicação, analisaremos alguns deles a fim de investigar a recorrência dessa temática à luz de textos teóricos feministas que abordam a construção da sociedade patriarcal e seus impactos dilacerantes na vida de gerações de mulheres. A partir da literatura pode-se chamar atenção para aspectos relevantes fora do eixo diegético. Afinal, como lembra a pesquisadora e professora Eurídice Figueiredo, “A literatura fornece modelos combinatórios das relações humanas que podem e devem suscitar nossas reflexões de maneira a tentar mudar o mundo, estabelecendo relações mais igualitárias entre homens e mulheres.” (2020, p. 214). Mesmo depois da dissociação da histeria à mulher, na contemporaneidade, ainda é reiterada a ligação dessa patologia à figura feminina, por exemplo, no recorrente uso de ofensas como “louca” e “histerica” dirigidas às mulheres a fim de deslegitimar seus discursos. Pode-se concluir, então, que alguns dos valores/cobranças morais da época de Hipócrates – principalmente os direcionados às mulheres –, perduram até hoje. Tal associação da mulher à loucura não existe apenas por conta da etimologia da palavra histeria, apesar da importância disso. Mulheres loucas, doidas, histéricas são forjadas pela sociedade patriarcal. Logo, mais do que cunhar mulheres como loucas e doentes, essa sociedade tem um papel basilar no adoecimento concreto das mesmas ou, como diz Riter, na “produção da histeria”. Analisaremos personagens femininas que enfrentam tal estigma.

Performance e trauma em “Her kind”, de Anne Sexton

Virgínia Derciliana Silva (USP)

Resumo O poema “Her kind”, um dos mais conhecidos de Anne Sexton (1928-1974), é também um dos mais expressivos de sua verve. Inserida no contexto dos poetas confessionais, posterior à geração beat nos Estados Unidos, Sexton trata de temas e angústias caros às mulheres de sua época, ainda que partindo de um lugar autobiográfico. De seu volume de estreia, “To Bedlam And Part Way Back” (1960), inspirados na experiência da poeta com internações psiquiátricas, “Her kind” destaca-se pela imagética peculiar da qual se utiliza para expressar o tema geral do livro. É interessante pensar que Sexton – à época, tida como histérica, um diagnóstico hoje compreendido como profundamente misógeno – começa a escrever de forma “terapêutica”, recomendação de seu psiquiatra, e que sua poesia confessional sempre foi vista como simples confissão. Entretanto, procuramos aqui fazer uma análise estilística do poema, partindo do que diz Eagleton (2007) sobre poema como performance. Deve-se levar em conta a figura central de Her kind: a bruxa, uma mulher desviante, mas que se regozija em seus aspectos sombrios (OSTRIKER, 1980). Investigamos, portanto, como se dá a performance do trauma por meio do poema. Buscamos relacionar a figura da bruxa com a situação das mulheres no contexto sócio-histórico de Sexton, além de pensar essa poética individual como representativa da pauta das mulheres – a poeta escrevia e publicava ao mesmo tempo em que tomava lugar, em seu país, a segunda onda do movimento feminista. Partindo daí, discutimos brevemente os limites do confessional e do autobiográfico, como o eu-lírico passa a arquétipo e, assim, o trauma individual se reconhece como coletivo (CARUTH, 1996).

Poepolíticas na pandemia: as formas de estar Graça Graúna

Silvina Carrizo (UFJF)

Resumo Esta comunicação analisa algumas das estratégias da política e poética da escritora e professora indígena potiguará/RN, Graça Graúna, durante o período da pandemia. O acontecimento mundial

da pandemia da Covid-19 levou o mundo a situações de extrema fragilidade e vulnerabilidade, porém, notadamente no Brasil, a emergência dada pela falta de políticas públicas vem deixando à população entre o luto e as lutas pelos direitos à saúde, à vida e à integralidade pessoal, entre outras calamidades costuradas no contraponto de um Estado contra seus cidadãos. Nesse período todo, Graça Graúna vem participando de forma ativa, a partir de diversas mídias e em diferentes modalidades, na resistência das várias comunidades indígenas. Buscaremos fazer um balanço dessa participação, selecionando tanto suas textualidades inscritas no seu blog “Tecido de vozes”, quanto suas performances em eventos virtuais pelo país. A constelação “con-signa” os signos destes tempos de confinamento, das noites, da solidão, do luto, da resistência e da existência, entre a palavra poética, narrativa, ensaística e bloggera escrita e a oralidade virtualizada dos encontros entre escritoras e escritores. Quais as estratégias da poeopolítica da escritora para sobreviver uma pandemia e um pandemônio? Quais são as formas escriturais e as cenas de interpelação a partir das quais pode ser senti-pensada a experiência deste acontecimento atrelado ao descaso político?

Portugal Moderno e os laços transatlânticos que uniam as feministas portuguesas ao Brasil

Luzia Ribeiro de Carvalho (UERJ)

Resumo O presente trabalho propõe um olhar sobre a participação das mulheres na imprensa periódica no final do século XIX e início do século XX, bem como tenta expor as conquistas alcançadas pelas campanhas feministas, através da pesquisa em periódicos. Nossa pesquisa busca demonstrar como se deu a participação das escritoras portuguesas e quais as suas contribuições na imprensa destinada à colônia portuguesa no Brasil. Teresa Franco, Ana de Castro Osório, Maria Evelina de Sousa e Alice Moderno são algumas das escritoras que integravam uma rede de comunicação para a divulgação das conquistas feministas. Publicando seus textos em periódicos no Brasil e em Portugal, articulavam com outras mulheres ao redor do mundo e assim fortaleceram as lutas. Os fios que teciam as redes feministas estavam se expandindo em Portugal e a criação da Liga Republicana

das Mulheres Portuguesas, organização feminina criada em apoio à República Portuguesa e de intervenção política junto às reivindicações feministas uniu vários fios dessa rede e encontrou no periódico Portugal Moderno um ponto de convergência a partir da participação de Ana de Castro Osório, que abriu espaço para que outras sócias da Liga pudessem publicar. A intercessão encontrada entre essas escritoras aconteceu através da criação de ligas e associações feministas. A pesquisa contempla os anos de 1912 e 1913 do periódico Portugal Moderno, órgão da colônia portuguesa no Brasil, que de forma regular mantinha colunas assinadas por mulheres e procura analisar as redes de sociabilidade feminista transatlântica. Algumas das escritoras desse jornal usavam de seu espaço no periódico para além de noticiarem as conquistas femininas, amplificarem as vozes das feministas portuguesas, como foi o caso, sobretudo, de Teresa Franco.

Quatro releituras do poema “Quadrilha”: corpos e desejos não normativos em cena

Carla da Silva Miguelote (UNIRIO)

Resumo A partir da análise de releituras do poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade por quadro poetisas brasileiras contemporâneas (Bianca Gonçalves, em “outra quadrilha”, Livia Natália, em “Quadrilha”, Maria Isabel Iorio, em “Virilha”, e Tatiana Nascimento, em “rebutecio quebrado”), pretende-se pensar o par repetição-subversão como uma estratégia de escrita de inflexão feminista. Nos quatro poemas em questão, a cadeia de amor não correspondido de Drummond dá lugar a tensões que atravessam corpos e desejos não normativos, o que confere um sentido político a essas releituras. Tal abordagem se faz em diálogo com a hipótese, levantada por Elaine Showalter (1990), de que a escrita de mulheres é bitextual, ou um discurso de duas vozes, pois se faria em diálogo a um só tempo com o cânone – esmagadoramente branco e masculino – e com uma tradição literária, paralela e silenciada, de autoria feminina. Dialogamos também com as reflexões de Gayatri Spivak em seu ensaio “Echo”, sobre a ninfa condenada a sempre repetir a última frase que escuta, sem jamais ter a iniciativa do discurso. Como observam Rabernhost e Camargo (2013, p. 992), a leitura de Spivak permite-nos entender

Eco como “metáfora dos sujeitos subalternos, ou seja, todos aqueles privados do direito de falar, e alegoria da tradução e da apropriação subversiva do discurso dominante”.

Subjetividade e combatividade na poética de Noémia de Sousa

Juliana Kohari da Silva (USP)

Resumo Este trabalho tem como propósito apresentar uma análise da poética de Noémia de Sousa a partir da leitura de dois textos literários “Poema da infância distante” e “Se me quiseses conhecer”, publicados no livro *Sangue Negro*. Noémia de Sousa destacou-se na constituição do sistema literário moçambicano em um momento em que a Literatura cumpriu um papel fundamental na formação de um contradiscurso de enfrentamento ao sistema colonial português ao mesmo tempo em que construía uma identidade política e a própria ideia de nação sem perder de vista a função estética própria do texto literário. Esta leitura parte da investigação das relações entre os campos da Literatura e da História por meio da perspectiva comparada. Ademais, fundamenta-se no conceito de “resistência” (BOSI, 2002) e na reflexão teórico-crítica a respeito das dimensões subjetivas e objetivas do colonialismo (FANON, 2015). Assim, espera-se evidenciar a importância da produção literária de Noémia de Sousa como uma forma de elaboração de um contradiscurso de resistência e enfrentamento ao domínio colonial. Ressalta-se ainda que essa análise literária insere-se em um trabalho de pesquisa que vem investigando a articulação entre as dimensões da subjetividade e da combatividade presentes em poemas integrantes do livro *Sangue Negro* de Noémia de Sousa.

Uma escrita em transe: crítica e poesia de Ana Chiara

Regina Lúcia de Faria (UFRRJ)

Resumo Em ensaio publicado em 2008, “Teoria em transe”, Ana Chiara operacionaliza conceitualmente a metáfora “transe” para pensar “a cultura e arte latino-americanas de um ponto de vista interno

e alterado” (2008, p.18). A metáfora-conceito mobilizada, no ensaio em questão e em outros, permite-lhe, via a possessão teórico-crítica de suas fontes – Sade, Bataille, Nietzsche, Derrida, Deleuze –, metabolizadas sob o influxo do gesto antropofágico de Oswald de Andrade ou de Silviano Santiago, afetar o corpo do arquivo a ser trabalhado, atingindo, com violência, seu objeto. Um outro aspecto resultante da metáfora-conceito “transe” é aceitar as maquinações do pensamento como linguagem do impossível, do desapego, descontrolo, gasto, sem volta. Como diz Ana Chiara, “estar no além da Língua, desinstalado no im-possível da máquina da Língua, isto é, “estar no instante em que a linguagem da arte se torna iridescente e inadequada”, (2008, p. 20) o que possibilita o vislumbre das pequenas epifanias instantâneas em sua poesia. Tendo como base a metáfora-conceito “transe”, configurada, sobretudo, no ensaio anteriormente mencionado, e a leitura panorâmica de sua obra crítica e de sua poesia, em nossa comunicação procuraremos mostrar como no ato de escrita de Ana Chiara está implicado, numa relação de mão dupla, teoria e vida / ficção e vida, o que aponta para a configuração de uma crítica que adota o ponto de vista de uma especificidade da linguagem feminina.

Uma propagandista perigosa: feminismo e religião em *Ilusão desfeita*, de Maria O'Neill

Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ)

Resumo Os romances de Maria O'Neill (1876-1932), escritora portuguesa feminista, espírita e socialista comprometida, eram considerados por muitos conservadores como propaganda de ideias perigosas. Em sua prolífica e diversificada carreira, O'Neill, efetivamente, registrou e deu publicidade à experiência feminina e feminista do início do século XX. Os seus textos apresentavam e discutiam não só os atores que subjuguavam, diminuía e limitavam a existência das mulheres, mas, sobretudo, as possibilidades e as potencialidades que elas dispunham para transgredir e superar tais impedimentos. Em *Ilusão desfeita*, de 1910, Maria O'Neill emprega a já consagrada estrutura do romance para defender a emancipação política, intelectual e econômica das mulheres, o acesso irrestrito à educação, a liberdade de crença, a paridade de direitos e a justiça social. Maria O'Neill

percorreu o Brasil, de norte a sul, se apresentando em diversas capitais do país, para apresentar e debater questões literárias e espíritas. Anúncios publicitários, entrevistas e recepção crítica veiculadas por periódicos brasileiros revelam a importância e a difusão de suas obras. Seguir os passos da escritora no Brasil também é revelar os percursos do feminismo e do espiritismo no país. Sem finais conciliatórios, seus textos afirmam a importância da mobilização e da luta coletiva para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Simpósio 24**Estudos da tradução: questões de gênero**

Andréa Moraes da Costa (UNIR)

Válmi Hatje-Faggion (UnB)

Resumo Redefinições críticas envolvendo gênero e tradução sob a perspectiva dos Estudos Culturais, especialmente a partir da década de 1970, têm ampliado as possibilidades de pesquisa no campo dos Estudos da Tradução, uma vez que objetos de pesquisa, até então preteridos no universo acadêmico, passaram a ser percebidos com atenção especial, sendo, então, incluídos em suas investigações. Como um dos resultados dessa dinâmica, houve, por exemplo, um movimento no sentido de redefinir a própria concepção de tradução. A ação de traduzir passou a ser compreendida como o ato de reescrever, e o tradutor, por sua vez, passou a ser considerado como reescritor. Assim, passaram a importar, por exemplo, investigações voltadas para o contexto de produção e comercialização de obras traduzidas. O interesse nesse contexto deve-se ao fato de que as condições de produção de determinadas obras estão condicionadas a vários fatores políticos, ideológicos e culturais propensos a polêmicas, como subalternidades e questões de gênero vigentes na cultura receptora. No que tange especificamente ao gênero, o empenho em tais investigações provocou novos questionamentos e novas problemáticas advindos de diferentes esferas de onde a mulher se situa, tais como classe social, profissão, dentre outras. Os debates colocando ao centro o sexo da autoria passam a dar lugar a discussões “involving gender signs encoded in the text” [envolvendo marcas inscritas no texto], como atesta Susan Bassnett (1992, p. 63). Atem-se, então, paralelamente a isso, à compreensão de feminino para além da visão que o define como contraposição ao masculino. Nesse contexto, as publicações de *Translating and Gender* (1997), *Translating Women* (2011) e *Translating Women: Different Voices and New Horizons* (2017), da canadense Luise von Flotow, servem de ilustração no que diz respeito a possíveis estudos orientados pela associação das temáticas tradução e gênero. Nessa última obra, por exemplo, a pesquisadora oferece ampla discussão considerando políticas identitárias aplicadas à tradução, ao feminismo, ao gênero e à teoria queer. Assim sendo, no processo tradutório a atuação dos tradutores se mostra

diretamente relacionada ao modo de sua leitura para compreender, interpretar e reescrever o texto de partida em suas diversas possibilidades. Nessa reescritura revelam-se tomadas de decisão, escolhas e estratégias que permitem a reflexão sobre as questões levantadas pelo texto que envolvem feminismo, poder e uso da linguagem em momentos históricos e lugares diversos que asseguram a sobrevivência/pervida do texto de origem (BENJAMIN, *apud* HEIDERMAN, 2001). Ainda, é possível refletir acerca de que textos adicionados, na tradução publicada, como os prefácios assinados pelos tradutores, anunciam o surgimento de uma outra presença discursiva, “the presence of a second hand”, a inscrição de duas assinaturas, uma “double signature” (SIMON, *apud* BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 111), resultando na pluralidade de vozes inscritas no texto traduzido. Desse modo, a tradução reconhecida em seu valor intrínseco e como elemento de difusão literária e prática legitimada contribui para produzir uma história cultural que se escreve em diferentes dimensões e modulações, as quais revelam dados importantes de dada época e lugar. Por isso, a relevância de analisar o texto traduzido – cotejado com seu texto de partida –, como procedimento literário e manifestação cultural, bem como a interferência que provoca em cada novo polissistema que o recebe (CARVALHAL, 2003, p. 255). Nesse âmbito, a (in)visibilidade das tradutoras, relevante no escopo dos estudos da tradução feminista, permite a análise da presença da pluralidade de vozes, da linguagem (não) sexista, das normas vigentes para explorar novos espaços de prolongamento de dada obra. Observa-se, portanto, que nesta proposta se evidencia a relação intrínseca entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero, visto que ambos os estudos são interligados ao sujeito da linguagem a qual, assim como suas múltiplas manifestações, ocupam papel fundamental no que diz respeito à promoção da visibilidade de tradutoras e suas traduções. Nesse sentido, em diálogo com os aspectos abordados aqui, este Simpósio aceita propostas que contemplem a análise de traduções publicadas com relação aos seguintes aspectos: – modelos de tradução utilizados nas tomadas de decisões das tradutoras; – processo tradutório e uso da linguagem; – tradução feminista comentada; – discursos paratextuais e suas possíveis implicações; – tradução e (in)visibilidade da tradutora; – tradução feminista sob a perspectiva do polissistema literário; – a (auto)representação da tradutora; – crítica, tradição e história da tradução e da tradutora.

A lenda da Vitória-Régia como metáfora da tarefa tradutória

Greicilaine Agostinho Martins (UNIR)

Resumo Este estudo é uma proposta de análise da lenda amazônica da Vitória-Régia, considerando seu potencial metafórico em relação aos processos envolvidos na atividade tradutória, visto que a lenda possui, como temática central, processos de transformação envolvendo a mulher amazônica em um dado contexto cultural. Para tanto, a análise parte das perspectivas contemporâneas dos Estudos Culturais em diálogo com os Estudos da Tradução, considerando suas intersecções que se ramificam nos Estudos de Gênero. Assim, alinhando-se aos pressupostos dos Estudos Feministas de Tradução, a pesquisa tem como principal aporte teórico os estudos realizados por André Lefevere (2007), Edwin Gentzler (2009), Marshall Berman (2007), Olga Castro (2017) e Susan Bassnett (1998), entre outros. Ao longo do estudo foi possível demonstrar, entre outras questões culturais, sociopolíticas e ideológicas que envolvem a tradução e suas metáforas, que a lenda da Vitória-Régia possibilita ilustrar o processo tradutório a partir de um potencial metafórico que se contrapõe às metáforas de cunho sexista, oriundas da tradição patriarcal, difundidas nos Estudos da Tradução como, por exemplo, as “belles infidèles” criada pelo escritor francês Gilles Ménage para pormenorizar as traduções com os mesmos termos utilizados para descrever mulheres, sob uma perspectiva em que “se são bonitas (belles), serão infiéis (infidèles)”.

In the Time of the Butterflies: uma reflexão feminista sobre sua tradução para a língua portuguesa

Andréa Moraes da Costa (UNIR)

Resumo A tríade Estudos da Tradução, Estudos Culturais e Estudos de Gênero a partir de suas pautas sempre atentas ao sujeito da linguagem, inevitavelmente, entrelaçado aos fatores sociais e históricos, têm discutido com vigor acerca do protagonismo que mulheres, assim como homens, desempenham nas relações humanas mediadas pelas dinâmicas culturais. Para que essa configuração tomasse

contorno, significativos combates foram cancelados por teóricas/os feministas, sobretudo, desde a década de 1970. Como resultado disso, testemunhou-se, interna e externamente à academia, o surgimento de fissuras importantes nos debates estigmatizantes em que o tom masculino marcava a unilateralidade do pensamento e das tomadas de decisões. No entanto, há muito ainda o que fazer na tentativa do completo rompimento de tais debates. Especificamente, no que diz respeito à Tradução, sob a perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, uma das questões que vêm ganhando espaço é o modo como tradutoras, mesmo sem o devido reconhecimento, têm contribuído para que a História da humanidade não se apague. Tendo isso em vista, esta proposta pretende discorrer acerca da tradução para a língua portuguesa de *In the Time of the Butterflies* (1994), de Julia Alvarez, realizada por Léa Viveiros de Castro. Trata-se de uma obra ficcional que tem ao centro um evento histórico, a morte das irmãs Mirabal, ocorrido em 1960 na República Dominicana sob a ditadura de Rafael Leónidas Trujillo. Com esse recorte – que evidencia esse movimento conturbado, igualmente experienciado por outros países da América Latina –, propõe-se uma reflexão feminista da tradução, sublinhando o relevante trabalho dessa tradutora, para o contexto da tradução e para a própria história da América Latina. Como apoio para as reflexões desenvolvidas aqui destacam-se os pressupostos teóricos de Susan Bassnett (1992), Luise von Flotow (2011), Sherry Simon (2005), dentre outros.

O papel da tradutora Hellen Caldwell na tradução de romances de Machado de Assis para o inglês

Válmi Hatje-Faggion (UnB)

Resumo Na esfera dos estudos da tradução poucas ainda são as mulheres que oferecem traduções ao público. Entretanto, cada vez mais, verifica-se que elas ocupam o espaço público da escrita via tradução antes reservada, quase sempre, apenas ao gênero masculino (que eram escritores renomados). O objetivo desta comunicação é analisar o projeto tradutório e o papel da professora e tradutora norte-americana Helen Caldwell (1904-1987) nas suas traduções para o inglês de romances de Machado de Assis. Serão analisadas as traduções

de *Dom Casmurro* (1953), *Esau e Jacó* (1966), *Memorial de Aires* (1972) e *Helena* (1984), a fim de investigar como essa tradutora está inscrita e materializada no texto traduzido que elaborou ou nos textos suplementares que se referem a esse texto traduzido (notas de rodapé, introdução da tradutora) e a fortuna crítica (jornais, artigos de revistas, resumos, resenhas, comentários). A fundamentação teórica de autores como Munday (2013), Newmark (1988), Lefevere (1985/1992), Even-Zohar (1990), Theo Hermans (1998), Carvalhal (2003) e Sherry Simon (1999) servirá de base para a análise dos dados que envolvem o processo editorial, político, cultural e o de elaboração e formulação da tradução. Os dados indicam que a presença discursiva da tradutora pode ser rastreada tanto no texto traduzido quanto nos textos suplementares.

Refletindo sobre uma tradução feminista de contos de Maria Valéria Rezende

Norma Diana Hamilton (UnB)

Resumo Este trabalho focaliza o processo tradutório e uso de linguagem referentes à tradução feminista de três contos produzidos pela escritora brasileira nordestina Maria Valéria Rezende: “A guerra de Maria Raimunda”, “Boas notícias” e “Aurora dos Prazeres”. Ao retratar as experiências cotidianas e problemáticas da região nordeste que envolvem o êxodo rural, conflitos latifundiários, corrupção política, exploração de trabalhadores rurais, dentre outras questões socioeconômicas e políticas, Rezende dá o protagonismo às personagens mulheres, fazendo com que o leitor reflita sobre as dores, lutas, perdas e conquistas delas. Na proposta de uma tradução para a língua inglesa dos contos supracitados, as proponentes deste trabalho produziram uma versão feminista, com a intenção de evitar a reprodução de uma linguagem masculinista/sexista e de valorizar o feminino, que está em destaque no texto de partida. O objetivo específico desta comunicação oral proposta é relatar sobre os processos de tomadas de decisão, escolhas e estratégias na tradução, ao procurar construir um texto de chegada cuja linguagem poderia ser identificada como feminista. Pretende-se também contribuir para a visibilidade da obra produzida pela escritora nordestina que merece destaque,

mas que se encontra descentralizada por tratar de questões não convencionais na literatura brasileira. Por fim, busca-se contribuir para a ampliação das pesquisas sobre a tradução feminista, uma prática de tradução que pode contribuir para a questão de ética na tradução, tendo em vista que pode contornar os discursos machistas que inferiorizam as mulheres. Para refletirmos sobre a tradução feminista, recorreremos aos trabalhos teóricos de Sherry Simon (1996), Von Flowtow (1991), Maria Tymoczko (2013), Spivak (1993), Susan Bassnett (1991), Barbara Godard (1990), assim como de pesquisadoras como Patricia Morais (2015), Tatiana Nascimento (2013), Norma Hamilton (2018), dentre outras. Enfim, a metodologia da pesquisa focaliza o léxico e mudanças na tradução (shift in translation), com base no modelo de Gideon Toury.

Tradução da linguagem de gênero no japonês: soluções tradutórias para a linguagem de personagens transgênero em mangás

Erika Martin Chaves (UFRGS)

Resumo Na língua japonesa existem normas de linguagem de gênero muito rígidas e específicas. Existem determinadas palavras, expressões, estruturas e estilos de fala que são considerados linguagem feminina ou masculina, portanto, apenas mulheres podem falar de uma determinada maneira e apenas homens podem falar de outra determinada maneira. De acordo com Momoko Nakamura (2014), a linguagem feminina do japonês foi criada para controlar as mulheres. Entretanto, ainda segundo Nakamura, ao longo da história do Japão, as mulheres usaram a linguagem de maneiras subversivas, utilizando as restrições da linguagem de maneira criativa a seu favor. Isso pode ser diretamente relacionado com a teoria da performatividade de Judith Butler (2003), com a linguagem sendo um dos atos performativos que compõem a construção do gênero. Também usando a teoria da performatividade de Butler, Rodrigo Borba (2014 e 2015), ao tratar de linguística queer, mostra que a linguagem pode ser usada para construção de uma identidade de gênero. Assim sendo, pode-se observar que a linguagem que determinado personagem usa em japonês ajuda a construir a sua identidade. Portanto, vou analisar

de que maneiras podemos traduzir esses usos de linguagem, focando em personagens transgênero de mangás, quadrinhos japoneses. Como o japonês e o português são línguas muito diferentes, às vezes é muito difícil achar soluções tradutórias.

Vieira e Romeu: Traduções do Sol e das Flores Adichianas

Marília de Araújo Ruivo (UnB)

Resumo Com maiores chances de se fazerem ver e ouvir, diversos autores, distintos das nacionalidades americana e europeias vem adentrando os polissistemas literários, criando a possibilidade de mudanças e renovações nas literaturas centrais, injetando novos estilos, histórias, tradições em seu sistema receptor, para que possam se fazer entendidos nessa nova realidade caberá aos mediadores culturais, àqueles que desempenham o papel de ponte entre culturas distintas apresentá-los. Chimamanda Ngozi Adichie, destaque dentre as autoras porta-vozes da Nigéria, famosa por escrever incansavelmente sobre a Guerra Biafra-Nigéria e as perspectivas de personagens ibos durante esse período, arrematou leitores de diversas nacionalidades, ao ser traduzida para mais de 30 línguas, incluindo, e, em pouco tempo, o sistema literário brasileiro. Para esta comunicação, tratamos de apresentar uma análise das reescritas para o Brasil das obras *Meio Sol Amarelo* (2008) e *Hibisco Roxo* (2011), – cujos originais renderam amplo reconhecimento e prêmios literários para a autora –, respectivamente introduzidas no sistema brasileiro pelas tradutoras Beth Vieira e Julia Romeu e publicadas pela Editora Companhia das Letras. Com base em teóricos como Heloísa Gonçalves Barbosa (2020), Paulo Henriques Brito (2012), Francis Aubert (2006), entre outros autores, tratamos de apresentar uma análise quanto a aspectos da linguagem e da (in)visibilidade das traduções de modo a investigar suas representações no sistema de chegada.

***We Should All Be Feminists* de Chimamanda Ngozi Adichie:
tradução e (in)visibilidade da tradutora**

Ronelson Campelo Silva (UNIR)

Resumo Este estudo tem por objetivo analisar a tradução, para a língua portuguesa do ensaio *We Should All Be Feminists* (2015), de Chimamanda Ngozi Adichie, realizada por Christina Baum e intitulada *Sejamos Todos Feministas* (2015), a fim de identificar as soluções tradutórias empregadas pela tradutora na versão brasileira, com o intuito de corroborar para as reflexões sobre a questão da (in)visibilidade da tradutora no momento da reescrita, além disso, a partir da análise dos excertos selecionados dos objetos desta pesquisa, buscou-se realizar um possível diálogo entre a área da tradução e dos Estudos de Gênero, especialmente, o Feminismo, que está presente na referida obra de Chimamanda. Nesse sentido, evidenciando a luta contra a desvantagem, marginalidade e o apagamento que teimam em assombrar tanto a mulher na sociedade, quanto a área da tradução, no campo literário. O desenvolvimento desta pesquisa é de cunho descritivo, explicativo e bibliográfico, tendo como suporte teórico estudiosos da tradução, dentre eles Edwin Gentzler (2009), Lawrence Venuti (2019) e Susan Bassnett (1992, 2005). Para embasar as discussões acerca dos Estudos de Gênero, esta pesquisa contou com pressupostos, sobre esta temática, desenvolvidos por Luise Von Flotow e Joan W. Scott (2016), Carla Cristina Garcia (2015), dentre outros teóricos da área. A presente análise foi realizada por meio do cotejamento entre o texto fonte, em língua inglesa, e sua tradução para a língua portuguesa. Assim, ao final, sendo possível comprovar a hipótese deste estudo, isto é, a presença de traços de autoria da tradutora no texto traduzido e o possível diálogo entre a área da Tradução e o Feminismo.

Simpósio 25**Estudos de tradução e autoria: o traduzir e o traduzido**

Valeria Silveira Brisolara (UNISINOS)
Paulo Roberto de Souza Ramos (UFRPE)

Resumo No cenário contemporâneo de globalização, muitos se engajam em e interagem através de traduções e não é preciso um olhar minucioso para se constatar a ubiquidade da tradução na vida diária das pessoas em diferentes contextos. A partir disso, a prática tradutória tem ganhado visibilidade no cenário mundial nas últimas décadas e o campo denominado como Estudos da Tradução tem tido crescente importância, especialmente após 1990, com o advento de novas tecnologias e formas de interação, que levaram ao surgimento de novas possibilidades de tradução e, consequentemente, de novas teorias. Correntes teóricas como a Escola da Manipulação, vem ganhando espaço e colocando uma maior ênfase em aspectos culturais e sociais ligados às traduções. Teorias de cunho ideológico, cultural e sociológico, como a feminista e, mais recentemente, a teoria queer, tem tomado o lugar de teorias de ênfase mais textual. Pesquisadores têm ampliado o foco de suas investigações, levando em conta o contexto cultural e social em que as traduções são feitas e circulam, deixando de se concentrar unicamente nos textos em si, mas em suas circulações e repercussões, como se pode observar nas teorias dos autores que embasam esta proposta, tais como Lawrence Venuti, Antoine Berman e Itamar Even-Zohar, e a visão de tradução e literatura que compartilhamos, enquanto práticas sociais que têm uma natureza política e ideológica (VENUTI, 1995, 1998). Assim, este simpósio alinha-se a essas teorias contemporâneas da tradução, nas quais a tradução não é mais vista como uma atividade secundária, mas sim tomada como uma prática social e autoral situada na medida em que as escolhas do tradutor são vistas como uma intervenção cultural com impacto no polissistema literário (EVEN-ZOHAR, 1990) ou campo literário maior (BOURDIEU, 2015) e a literatura como um elemento relevante poderoso na sociedade. (EVEN-ZOHAR, 1990). A tradução é parte relevante de um sistema literário maior e está ligada a engrenagens desse sistema do qual faz parte, mas dentro do qual tem grande influência (EVEN-ZOHAR, 1994). Nessa perspectiva, surgem questionamentos sobre o papel da tradução e o papel do

tradutor na sociedade contemporânea. Nesse contexto, surgem indagações relevantes sobre que textos ou discursos devem ser traduzidos, por quem devem ser traduzidos, como e onde devem ser traduzidos e, ainda, para quem devem ser traduzidos. Da mesma maneira, ainda tomando a perspectiva de Venuti, a tradução é governada pelo objetivo de manter uma relação com o texto original (VENUTI, 1998, p. 44), sendo, no entanto, um outro original, o que a caracteriza como uma prática autoral; com isso, Venuti chama atenção para o frequentemente ignorado papel de quem traduz. Ainda, por conta do já referido contexto de globalização e da multiplicidade de perspectivas nos estudos da tradução, parece propício revisitar à questão de normatividade em tradução (TOURY, 1985/1995; HERMANS, 1996; DARWISH, 1999) e se discutir o peso das normas tradutórias vistas, conforme Hermans (1996, s.p.) “como realidades sociais e culturais, bem nos moldes que os sociólogos e antropólogos poderiam usá-las” na ações e concepções de quem traduz e nos produtos resultantes destas, considerando o impacto das escolhas ou decisões tradutórias. Assim, interessa-nos enfocar os “princípios e objetivos da tradução” ? (VENUTI, 1998, p. 3), que têm sido objeto de nossas pesquisas recentes. O objetivo do simpósio é acolher trabalhos que reflitam sobre o cenário atual da tradução no Brasil, ou seja, o que está sendo traduzido no Brasil, para quem está sendo traduzido, onde está sendo traduzido e como está sendo traduzido, ou seja, o impacto e lugar das traduções no cenário literário e social. São de especial interesse do simpósio os trabalhos que analisem traduções enfocando as estratégias de tradução (domesticação/estrangeirização) (VENUTI, 1995; SCHLEIERMACHER, 2011) adotadas, a literatura brasileira em tradução e retradução; as retraduições e temporalidade das traduções (BERMAN, 2007); a tradução e o plágio; as questões éticas associadas à tradução; ghost-translating; os paratextos e os espaços para a voz do tradutor; a normatividade em tradução; os trabalhos utilizando teorias contemporâneas da tradução, como a Tradução queer, a tradução queerificadora; os trabalhos que lidem com questões relacionadas à Visibilidade/invisibilidade do tradutor, ou seja, a presença discursiva do tradutor; e o tradutor como “agente social” (BOURDIEU, 2004); assim como os papéis e as identidades do tradutor no cenário atual de tecnologia com uso de ferramentas, sistemas e programa de tradução.

A conquista da competência linguística em língua estrangeira: o que as adaptações têm a ensinar sobre valor simbólico e cultural da literatura e as perspectivas de sucesso

Elizamari Rodrigues Becker (UFRGS)

Resumo Esta investigação busca compreender o papel didático e formador da tradução adaptada na formação, por meio da leitura de graded readers, de um público leitor de aprendizes de língua estrangeira. Acreditamos que, mesmo através das lentes opacas da simplificação textual, podemos ver insinuada uma política literária canônica, devotada a dialogar com o escopo maior de uma indústria de ideias abertamente dedicada à criação de um repertório cultural e à proliferação de opções que emergem como uma promessa de sucesso, tudo pelas mãos de seus partícipes empreendedores e elaboradores, políticas essas que pretendemos analisar segundo os conceitos de “energia social” e “patrimônio” de Itamar Even-Zohar (Even-Zohar, 2021, p. 77). No caso específico em tela, toda uma indústria editorial se desenvolveu e prosperou a partir das recomendações prescritivas e planificadoras de um programa de leitura que ficou conhecido como Extensive Reading Program (Bell, 1998, s/p). A proposta pedagógica do programa, fartamente registrada nos paratextos que acompanham essas traduções adaptadas, é a promoção (1) do letramento em língua estrangeira, (2) da construção da competência linguística e leitora, (3) da assimilação progressiva da cultura através do contato com a literatura canônica, (4) da exposição relevante e autônoma do aprendiz a textos de complexidade controlada e (5) da facilitação do processo de aquisição linguística e contextualização do aprendido.

As estratégias de tradução de Barandiarán: um estudo dos marcadores culturais em *Casa grande & senzala*

Elaine Cristina dos Santos Costa (UEFS)

Resumo Esta comunicação resulta do recorte da dissertação de mestrado intitulada ‘Marcadores Culturais na Tradução para o Espanhol de Casa Grande & Senzala: a fronteira linguístico-sociocultural do domínio ideológico’, a qual, objetivou realizar um estudo dos marcadores

culturais dos capítulos IV e V, baseado no corpus paralelo constituído pela obra original em Língua Portuguesa (FREYRE, 2006) e a sua tradução para a Língua Espanhola (FREYRE, 2010). A pesquisa foi ancorada nos conceitos de marcadores culturais e seus domínios a partir dos estudos de Eugene Nida (1945); Aubert (1981, 2003, 2006); Biderman (1998, 2001); Aubert e Zavaglia (2003, 2006); Reichman e Zavaglia (2014) e Nascimento (2018). Centrada nos Estudos do Léxico e na Linguística de Corpus, sob os estudos de Validório (2008), Barreiros (2017) e Nascimento (2018), articulando-se ao expoente da LC no Brasil, Berber Sardinha (2009) e à pesquisa de Nascimento (2018) para utilização e aplicação das funções do software WordSmith Tools 7.0. Esse trabalho está vinculado a pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais – NEIHD, da Universidade de Feira de Santana – UEFS, coordenado pelo Prof. Drº Patrício Barreiros. Sabe-se que a tradução é um trabalho intelectual e científico e, desse modo, o termo Marcador Cultural é empregado no âmbito da tradução para definir lexias que se confrontam e não está relacionado à regionalismos. A proposta aqui, portanto, é apresentar como foi projetada a cultura brasileira a partir das estratégias de tradução de Barandiarán (2010).

As peculiaridades de Héctor Olea na tradução de *Macunaíma* para o espanhol

Aline de Freitas Santos (UEFS)

Resumo Este trabalho está situado no campo de Estudos dos Marcadores Culturais (MC's) na Tradução e tem como objetivo geral apresentar resultados da pesquisa de mestrado e nossas reflexões sobre a tradução de *Macunaíma: um herói sem nenhum caráter*, de Mario de Andrade (1978), realizada pelo mexicano Héctor Olea (1979). A tradução põe em contato diferentes realidades, permitindo através da comunicação que estabelece, o compartilhamento mútuo de experiências e saberes. Por se tratar de uma prática de retextualização executada entre línguas/culturas distintas, inúmeras implicações, especialmente de ordem cultural, giram entorno deste fazer que, por sua vez, são reveladas, a partir da análise da postura do tradutor impressa em seu produto/resultado. Diante dos entraves que pode apresentar,

a tradução torna-se, portanto, uma tarefa de significativa complexidade, desmitificando, desse modo, através de sua própria natureza, a afirmativa de muitos autores tradicionalistas que a consideram mera transposição entre língua/cultura. Na pesquisa, ao realizarmos a análise dos Marcadores Culturais de Macunaíma, correspondentes a mitologia do folclore brasileiro, observamos algumas peculiaridades da produção do tradutor Héctor Olea e as marcas de sua tradução decolonial. Além disso, construímos um protótipo de Glossário Bilíngue de Marcadores Culturais, no qual estão disponibilizados os MC's e seus respectivos correspondentes analisados. O presente trabalho está vinculado ao projeto do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NEIHD), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e possui caráter interdisciplinar, ancorado nos estudos do léxico (BIDERMAN, 1998; 2001); nas Teorias da tradução (VENNUTI, 1995; 2019; AUBERT, 1995; COSTA, 2005), nos conceitos de Marcadores Culturais (AUBERT, 2006), (AUBERT; ZAVAGLIA, 2003; 2006); (REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014), da Linguística de corpus (BAKER, 1998; BERBER SARDINHA, 2000) e da Lexicografia Bilíngue (ZAVAGLIA, 2005; 2006; ZAVAGLIA & ZAVAGLIA, 2000; DURAN & XATARA, 2008).

As relações entre tradução, capitais simbólico-culturais e forças mercadológicas na (não) representação da variação linguística em traduções de ficção literária e de best-sellers de ficção de gênero

Lauro Maia Amorim (UNESP)

Resumo Nesta comunicação, pretende-se apresentar os resultados de uma pesquisa envolvendo a análise de marcas de oralidade em diálogos ficcionais de obras traduzidas associadas à “ficção literária” e aos best-sellers de “ficção de gênero”. Observou-se que best-sellers de “ficção de gênero” de John Grisham, Agatha Christie e Troy Denning compartilham dois aspectos: a) os seus autores, em graus diferentes, não desfrutam de capitais simbólicos elevados no campo dos estudos literários, e b) apresentam poucas marcas de oralidade nos diálogos traduzidos. Contrastivamente, obras de “ficção literária” de Philip Roth, Hemingway, Kazuo Ishiguro, e as de “ficção de gênero”

de Shirley Jackson e Philip K. Dick indicaram que seus autores, em níveis diferentes, detêm elevado capital simbólico e reverberação junto ao campo dos estudos literários, e, em suas obras traduzidas, há elevados índices de marcas de oralidade nos diálogos ficcionais. Discute-se a hipótese de que, contemporaneamente, uma parcela das traduções de best-sellers de ficção de gênero, especialmente aquelas mais desprovidas de capital simbólico (BOURDIEU, 2013), poderia ser influenciada por uma percepção mais conservadora, por parte dos editores, quanto à representação da variação linguística em obras de amplo alcance comercial, uma vez que seu público-leitor seria mais abrangente e com capital cultural menos elevado. Para a presença significativa de marcas de oralidade nas obras traduzidas de Ishiguro, Hemingway, Roth, Philip K. Dick e Jackson, considera-se a hipótese de que a reverberação simbólica que adquiriram junto ao campo dos estudos literários influenciaria os agentes do campo editorial (tradutores e editores) a valorizarem a experimentação linguística com marcas de oralidade como parte do “jogo estético” ao qual certo público leitor, de capital cultural mais elevado, estaria acostumado a aderir, uma vez que haveria a crença de que esse “jogo estético” seria parte constitutiva de uma literatura marcada por sua “distinção simbólica” (BOURDIEU, 2017[1979]) nos estudos literários.

Considerações sobre a tradução de “O inferno das garotas”, de Yumeno Kyûsaku (1936)

Felipe de Medeiros Pacheco (UFRJ)

Resumo Almejo, nesta fala, trazer algumas considerações acerca do processo de tradução da última obra de Yumeno Kyûsaku, pseudônimo artístico de Sugiyama Yasumichi, chamada “Shoujo jigoku”, ou “O inferno das garotas”, traduzido em 2021 para a editora Laboralivros. Essa tradução teve um intuito, no mínimo, duplo: por um lado, trazer ao público lusófono a primeira tradução de um autor em grande parte esquecido e, por vários anos, censurado no Japão (durante e após a Segunda Guerra Mundial) por suposta obscenidade. Aqui, é importante salientar que Kyûsaku conta apenas com cerca de oito publicações em todo o Ocidente, seis das quais são contos esparsos em revistas e duas das quais são livros de acesso mais ou menos

difícil. O segundo intuito foi seguir na contramão de certa linha de traduções brasileiras de livros japoneses que tendem a domesticá-los demasiadamente. Isto não leva em consideração o fato de o Brasil abrigar uma grande comunidade de japoneses e descendentes fora do Japão e de o Brasil ser grande consumidor da cultura pop japonesa, especificamente animes e mangás. Tal intimidade proporciona a uma parcela da população brasileira intimidade com certas especificidades da cultura japonesa, como o uso de honoríficos, idiomatismos, afixos honoríficos que seguem o sobrenome e até o fato de o sobrenome vir antes do nome. Argumento que essa situação cultural permitiria maior liberdade no ato de tradução do texto japonês. Para explicitá-lo, trarei excertos tanto da tradução que fiz do livro de Yumeno Kyûsaku quanto do japonês, explicitando algumas peculiaridades. Por fim, ressaltarei que tal método também implica numa ética da tradução: propiciar ao leitor de certa cultura entrar em contato com uma outra, permitir a abertura de um espaço do estranhamento com o outro, sua linguagem e seu mundo.

Cultura e identidade: a tradução da culinária baiana em Jorge Amado para a língua inglesa

Keven de Almeida Antunes (UEFS)

Resumo Esse trabalho tem como objetivo analisar a representação da cultura na tradução literária, a partir dos casos de tradução de algumas lexias que representam pratos típicos da Bahia em Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado, na direção português-inglês. Foram analisadas estratégias de tradução que correspondessem maior distanciamento/proximidade da cultura local: a domesticação e estrangeirização propostas por Venuti (1995). Ao longo do texto, são levantadas discussões sobre o conceito de cultura na visão antropológica e como ela está presente na língua, assim como a sua relação com a identidade e diferença do indivíduo que é representada nas lexias da obra literária. Também foi discutido acerca de alternativas de tradução de uma lexia cultural. A análise implica-se, portanto, no grau de estrangeirização e domesticação de casos tradutórios dessas lexias culturais e o impacto cultural da escolha do tradutor, a partir do corpus de análise da literatura referida, que representa o campo da

culinária local de um estado brasileiro. Foi constatado, com base na tradução das lexias analisadas, que a estratégia de estrangeirização pode promover resultado satisfatório para a representação da cultura afro-brasileira, enquanto a domesticação pode facilitar a leitura do estrangeiro, como também invalidar uma cultura de resistência. Também notou-se a tendência a omissão de pratos culinários peculiares no processo tradutório do corpus trabalhado.

Domesticar ou estrangeirizar que autor? A tradução do incompreensível no *Finnegans Wake* de James Joyce

Caetano Waldrigues Galindo (UFPR)

Resumo Em outras ocasiões já se aproximaram os tradutores dos também “intérpretes” no mundo da música. Já defendi (Alevato e Amaral, 2020) que essa comparação pode ser mais que mera metáfora. Nos dois casos trata-se de uma figura que, encarando um original escrito numa linguagem inacessível a um dado público, dedica-se a transpô-lo para uma outra, agora fruível por eles. E, no caminho, é claro que essa figura marca o texto de seu estilo, sendo exatamente essa a maneira mais direta de dá-lo a ver, com honestidade. Essas questões, no entanto, se tornam ainda mais densas quando abordamos uma obra como o *Finnegans Wake* (1939) de James Joyce. Pois ali o maior problema que nos confronta é resistência a pura e simplesmente categórica do original em se dar à compreensão. Como traduzir, como transportar pacotes semânticos cuja interpretação é não apenas ambígua para mim (e qualquer tradutora) mas na verdade indeterminável por princípio? E em que lugar isso coloca o tradutor em termos de interpretação do original e de (co-)autoria do novo original? Devo assumir a responsabilidade da criação livre sobre parâmetros definidos pelo original? Devo assumir que o texto final será mais “meu” que na maioria das situações da tradução literária? Se o tradutor é antes de tudo um intérprete, estaremos aqui mais próximos de intérpretes cocriadores como os músicos de jazz? Ou das experiências com a música aleatória? É a essas perguntas que se dirige essa comunicação, contemporânea do desenvolvimento de um novo projeto de tradução integral da obra.

O Brasil lá fora: tradução de literatura brasileira como política pública de Estado

Lilia Baranski Feres (UNIRITTER)

Resumo A tradução é uma prática inerentemente social e igualmente política, sobretudo quando se pensa sob as perspectivas de Even-Zohar (1990) e Bourdieu (1996), que contemplam o sistema literário como um complexo polissistema composto e regido por engrenagens, forças e capitais (simbólico e econômico), os quais se organizam em campos fortemente hierarquizados segmentados em centros e em margens/periferias. Por sua vez, dentro do campo literário mundial, a literatura brasileira se situa mais periféricamente (em oposição aos centros anglófonos, por exemplo) ou semi-periféricamente (em oposição às literaturas de matriz africana ou árabes, por exemplo), participando de forma muito diminuta dos fluxos tradutórios do mercado editorial internacional. Nesse sentido, o governo federal vem investindo, desde 2011, na internacionalização da literatura brasileira através do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, uma política de Estado que visa tornar o Brasil um significativo polo de exportação editorial, além de disseminar nossa cultura a nível mundial. Por meio de dados coletados junto à Fundação Biblioteca Nacional, os quais compuseram uma base de dados a partir da qual foi possível fazer cruzamento de dados, este trabalho tem por objetivo apresentar uma parte do cenário atual da tradução de literatura brasileira para o exterior e, com isso, contribuir para que se conheça mais sobre o que está sendo traduzido lá fora, para onde está sendo traduzido e quem está sendo traduzido no âmbito desse Programa no período 2011-2019, reafirmando a relevância de políticas públicas para o incremento da presença brasileira no intercâmbio de bens culturais.

O intertexto shakespeariano nas traduções de *Ulysses* de James Joyce no Brasil

Pedro Luís Sala Vieira (UFF)

Resumo A tradução literária constitui um processo de reescrita que permite expandir os horizontes de determinado autor na direção de

culturas diversas e momentos históricos diferentes. O processo tradutório não conduz apenas o texto de determinado escritor mas também os fios intertextuais tecidos em sua obra que imergem em uma memória cultural de formação histórica distinta da original. Exponentes da literatura em língua inglesa, William Shakespeare e James Joyce representam a inovação da tradição literária ocidental em suas respectivas épocas. No plano intertextual, a obra de Joyce é permeada pelo cânone shakespeariano, o qual se manifesta nas mais diversas camadas: cultural, estrutural, político, temático, estilístico, psicológico ou mesmo psicoliterário (PELASCHIAR, 2015). Harold Bloom (1996) argumenta que o bardo inglês constitui um ponto de referência para Joyce: “Ele [Shakespeare] não tem precursor nem sucessor, o que é claramente a visão idealizada que Joyce tem de si mesmo como autor” (BLOOM, p. 407). A relevância significativa do intertexto shakespeariano na obra de Joyce reflete nas traduções de seus escritos, sobretudo em *Ulysses*, considerada a sua obra-prima. As versões em português da obra, traduzidas por Antônio Houaiss (Civilização Brasileira, 1966), Bernardina Pinheiro (Objetiva, 2005) e Caetano Galindo (Companhia das Letras, 2012), representam perspectivas distintas do romance. Como parte de tese de Doutorado em curso, a presente comunicação aponta algumas questões a respeito desta intrincada relação por meio da discussão de trechos e passagens alusivas a Shakespeare no texto traduzido com o objetivo de observar como os tradutores abordaram essa intertextualidade.

Reflexões sobre uma estratégia de tradução estrangeirizante em um fragmento de diário da 1ª Guerra Mundial

Brenda Bressan Thomé (UFSC)

Resumo O objetivo desta comunicação é mostrar como o conceito de tradução estrangeirizante proposto por Lawrence Venuti em *Escândalos da tradução* pode ser empregado em um projeto de tradução que traz para o português brasileiro os diários de um combatente francês da Primeira Guerra Mundial, mais especificamente, na tradução de *Les cahiers de guerre* de Louis Barthas, tonnelier : (1914-1919). Almeja-se também explicitar e refletir sobre o processo de tradução e de seleção dos termos que proporcionam optar entre

a estrangeirização e a domesticação durante o processo tradutório. Pensar sobre as escolhas tradutórias e os critérios que levaram a tomar cada decisão dá voz ao tradutor e evita que ele ou ela seja invisibilizado ou invisibilizada. Para isso, é necessário falar sobre as notas de tradução inseridas no texto e pensar sobre os motivos que despertaram a vontade de inclui-las. Neste trabalho há também uma reflexão sobre os motivos que justificam fazer circular um texto que traz um olhar pessoal sobre um grande evento histórico, pois os diários de Barthas falam sobre uma visão muito particular e até mesmo política de sua participação nos conflitos da Primeira Guerra Mundial. Dessa forma demonstra-se que a tradução de um relato como esse proporciona um olhar novo e humanizado a um evento que já está um pouco distante no tempo, mas que trata de questões universais.

***The Recognitions*, de William Gaddis: originalidade, autenticidade e tradução**

Francine Fabiana Ozaki (UNISANTACRUZ)

Resumo Esta pesquisa teve por objeto central a obra *The Recognitions* (1955), do autor norte-americano William Gaddis (1922-1998). Embora tenha seu lugar bem estabelecido no cânone estadunidense, considerado como o criador de um elo entre o modernismo e o pós-modernismo no tocante à ficção, Gaddis permanece pouco lido e pouco estudado. No Brasil, apenas uma de suas obras foi traduzida e, academicamente, pudemos encontrar apenas uma tese já defendida sobre o autor e sua obra. Tratando essencialmente de falsificações e falseamentos em seus mais diversos níveis, *The Recognitions* questiona o lugar do artista na era das reproduções, desestabilizando os conceitos de autoria e originalidade. Nesse sentido, retomando os estudos de Brisolara (2005) a esse respeito, este trabalho buscou relacionar à obra as noções de originalidade e autenticidade, como entendidas por Trilling (1971), para discutir o dilema pós-moderno da insuperabilidade do passado, em meio a originais e cópias. Além disso, buscou-se refletir sobre o papel do tradutor frente a esse dilema: qual é o lugar do tradutor de obras que são em si ecos e referências de obras de um passado que se coloca como insuperável? A partir disso, apresentou-se também uma reflexão sobre a prática de

tradução da obra e, como fechamento deste processo, a tradução de toda a primeira parte do imenso romance.

Tradução, adaptação e recriação em *Powers of Darkness* de Bram Stoker e Valdimar Ásmundsson

Paulo Roberto de Souza Ramos (UFRPE)

Resumo Em 1900, uma versão islandesa de Drácula, de Bram Stoker, foi feita pelo editor e escritor Valdimar Ásmundsson. Além de traduzir o romance gótico para o islandês, Ásmundsson adaptou passagens, escreveu outras novas, reduziu algumas, inseriu personagens que não existiam no livro do autor irlandês e suprimiu outras. Em 2017, Hans Corneel de Roos traduziu *Makt Myrkranna* [*Poder das Trevas*], título que Drácula recebeu na edição publicada na Islândia. O presente trabalho tem por objetivo cotejar a tradução inglesa da ‘tradução’ islandesa com o texto em inglês de Stoker e, com isso, ponderar sobre os limites e implicações de se traduzir e adaptar uma determinada obra. Embora adaptar possa ser um dos muitos recursos disponíveis no processo de tradução e traduzir seja também um dos artifícios de quem empreende uma adaptação, trata-se de dois processos distintos, que podem compartilhar ‘áreas cinzas’, de difícil categorização. No entanto, em linhas gerais, pode-se dizer que o gênero ‘tradução’ apresenta mais restrições em relação ao texto de partida (TP) e/ou ao responsável pela criação daquele texto, enquanto que a chamada adaptação usufrui de uma liberdade maior, que pode incluir obras livremente inspiradas em textos escritos em outras línguas. *Powers of Darkness* é uma tradução para o inglês feita a partir da adaptação de Drácula para o islandês *Makt Myrkranna*.

Traduzindo a resistência: a tradução de obras translíngues

Valeria Silveira Brisolara (UNISINOS)

Resumo Obras literárias sempre resistem à tradução, pois não são, em sua origem, escritas para serem traduzidas, mas, sim, para serem lidas, para proporcionarem uma experiência única de interação com

o texto. Textos marcados por práticas translíngues, por sua vez, apresentam dificuldades singulares para leitores e tradutores, que se deparam com o estrangeiro, com o outro. Em uma tradução, o discurso do tradutor está presente tanto nas suas mais evidentes escolhas lexicais e sintáticas quanto na sua menos evidente interpretação do texto a ser traduzido. No entanto, nem sempre essa presença se faz perceptível ao leitor, ou seja, o público a quem as traduções são direcionadas, causando uma ilusão de apagamento da voz do tradutor. A questão que guia este trabalho é: Como deve e como pode o tradutor lidar com obras translíngues, a fim de viabilizar um maior acesso a elas sem apagar seus aspectos translíngues e sem apagar-se, tornando-se aparentemente invisível? Nesse contexto, o objetivo deste artigo é discutir aspectos relacionados à tradução de obras translíngues, enfocando as dificuldades apresentadas para os tradutores e as possibilidades que os textos os oferecem, ao resistirem à tradução, e as suas implicações. Espera-se contribuir com as discussões sobre autoria e também sobre a tradução de obras translíngues e, assim, dar mais visibilidade a essas obras.

Traduzindo o verso livre de “Musée des Beaux Arts”, de W. H. Auden

Alexandre Bruno Tinelli (UFRJ)

Resumo “Musée des Beaux Arts” é um poema central na obra do escritor anglo-americano W. H. Auden (1907-1973). Composto em Bruxelas, no fim de 1939, e publicado no livro *Another Time*, no início do ano seguinte, o poema pertence a um momento crucial da vida do poeta: sua emigração da Inglaterra para os EUA, onde obteve, em 1946, a cidadania norte-americana. Baseando-se em quadros de Bruegel, o Velho, que se encontram no Museu Real de Belas Artes de Bruxelas, na Bélgica, em particular na pintura *Paisagem com a queda de Ícaro*, Auden aborda, no poema, os temas da presença do sofrimento na vida cotidiana e da indiferença humana em relação à dor alheia – dois temas pertinentes num mundo que estava às vésperas da Segunda Guerra Mundial, quando o texto foi escrito. Esses temas recebem do autor um tratamento formal apurado, que denota requinte no uso da técnica poética. Em linhas gerais, os versos livres casuais

e irregulares do poema, de dicção coloquial e ensaística ao mesmo tempo, possuem duas características fundamentais: o contraponto entre verso visual e verso sonoro e as rimas. Nesta comunicação, pretendemos investigar as estratégias tradutórias que adotamos na recriação de “Musée des Beaux Arts”, de Auden, em português brasileiro, estratégias que buscaram recriar, com alguma dose de liberdade, por meio de recursos específicos da poesia de língua portuguesa, as principais características formais do original. Nosso método de trabalho tem como alicerce o pensamento sobre tradução de poesia e a prática tradutória dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e de Paulo Henriques Britto.

Um estudo comparativo da criatividade de Dr. Seuss em *The Butter Battle Book* traduzida para o português brasileiro e para o chinês

Jamilly Brandão Alvino (USP)

Resumo O autor e ilustrador Theodor Geisel Seuss (1904-1991), conhecido pelo pseudônimo Dr. Seuss, é considerado um ícone da Literatura Infantil, com mais de 60 livros publicados na área, traduzidos para mais de 20 idiomas. Sendo também conhecido por sua criatividade lexical, esta pesquisa propôs-se a analisar o livro *The Butter Battle Book* (1984) e suas traduções para o português-brasileiro – *A Guerra do Pão com Manteiga* (2018), e para o chinês – huángyóu dàzhàn 黄油大战 (2014), compondo, assim, um corpus paralelo. Foram analisados os nomes de personagens para, posteriormente, identificar as escolhas dos tradutores para reproduzir a criatividade do autor. Para tanto, foi utilizada a metodologia da Linguística de Corpus, que se ocupa da coleta e exploração de textos reunidos em *corpora* (plural de corpus) por meio do uso de ferramentas computacionais. O corpus foi processado pelo software WordSmith Tools 8 e os dados obtidos foram analisados conforme as considerações de Aubert (1998; 2006) sobre as Modalidades de Tradução e de Venuti (1995) sobre as estratégias tradutológicas ‘domesticação’ e ‘estrangeirização’. Dentre as 13 modalidades descritas por Aubert, terão destaque ‘tradução intersemiótica’, ‘adaptação’ e ‘tradução literal’. Complementarmente, foi incluída a modalidade ‘transcrição fonética’, tendo em vista que o

estudo abarca uma língua oriental. A exploração do corpus revelou que o tradutor de língua chinesa optou, na maioria das vezes, pelo uso da modalidade ‘transcrição fonética’, aplicando, assim, a ‘estrangeirização’, enquanto a tradutora para o português brasileiro optou, majoritariamente, pelo uso da modalidade ‘tradução intersemiótica’ – na qual são introduzidos aspectos das ilustrações no texto traduzido –, utilizando a estratégia ‘domesticação’.

Simpósio 26**Estudos interdisciplinares sobre Shakespeare**

Regis Augustus Bars Closel (UFMS)

John Milton (USP)

Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ)

Resumo As obras de William Shakespeare (1564-1616) continuam a estimular estudos que ensejam diálogos, questionamentos, revisões, atualizações. Novas mídias e formas de transmissão de conteúdo colaboram para que incontáveis espaços ao redor do mundo sejam alcançados e a relevância dos textos seja sempre colocada à prova. Ao contrário de um falso senso comum, muito do que se produz atualmente sobre a obra e os tempos de Shakespeare e de seus contemporâneos é composto de ricos materiais – variando em sua abrangência, metodologia, corpus e objetivos de análise – que proporcionam novas rotas críticas para se pensar obras praticamente inesgotáveis. É natural que Shakespeare e suas mais de quarenta peças acabem por ser um imã para diversas teorias literárias tanto pela diversidade do conjunto dramático quanto por sua abertura polissêmica, sua vasta amplitude temática e sua imensa representação de tipos humanos. Séries especializadas, como “Shakespeare and Theory” (Arden Shakespeare, 2015-atual) e a abrangente “Shakespeare Oxford Topics” (Oxford University Press, 2001-atual), atestam a flexibilidade de se refletir, questionar e se aproximar do texto shakespeariano. Ambas refletem sobre o que tem sido feito em cada área de concentração especializada, e fornecem análises que aplicam o aparato teórico discutido a peças, sonetos e poemas narrativos (Brown, 2015; Egan, 2004; Harber, 2018; Hawkes, 2015; Laroshe, 2017; Marlow, 2017; Martin, 2015; Novy, 2017; Parvini, 2017; Singh, 2019; Taylor, 2001; Sanchez, 2019; Hollifield, 2017). Este simpósio pretende reunir diversos campos ligados à pesquisa shakespeariana para estimular a troca de reflexões, sobretudo com recurso a linhas teóricas que transitam entre diferentes abordagens, como história, geografia, história da emoção, psicanálise, composição textual, adaptação, gênero, história das performances e do texto, tradução, recepção, economia, poesia e cinema. Tanto abordagens emergentes –por exemplo, ecocrítica, ecofeminismo, geocrítica, nova crítica econômica, estudos de atribuição, teoria pós-humanista e estudos sobre o espaço– como linhas teóricas

já estabelecidas – como os estudos de adaptação, os estudos de tradução, a teoria fílmica, os estudos de gênero, os estudos textuais, os estudos queer, a teoria psicanalítica, a crítica econômica, a crítica marxista, os estudos pós-coloniais, o materialismo cultural e o novo historicismo – são bem-vindas para promover o debate e a reflexão sobre os múltiplos olhares acerca de um objeto comum. A diversidade de encontros de disciplinas e a fluidez de interpretação dos objetos de análise são inerentes à condição de universalidade atribuída às peças de Shakespeare. A última década testemunhou novas direções na composição daquilo que forma o conjunto da obra ou em sua expressão mais tradicional, ainda que limitante, “o cânone” (Taylor & Loughnane, 2017) shakespeareano com a publicação da *New Oxford Shakespeare* (2016) e o crescimento de estudos especializados sobre o período do início da idade moderna, por exemplo, as muitas séries como a *Cambridge Studies in Early Modern History*, *Early Modern Cultural Studies*, *Early Modern Studies*, *Early Modern Literary Geographies*, *Arden Shakespeare Intersections*, *Arden Performance Editions*, entre muitas outras, atestam a profundidade acadêmica dedicada ao período. Convidamos propostas de comunicações sobre Shakespeare, em qualquer linhagem teórica, para debatermos juntos, ao longo deste simpósio, questões como: Como o crítico (re)constrói o(s) sentido(s) a partir do aparato teórico?; Qual via deve ser utilizada ou evitada em sala de aula?; A existência de diversas teorias auxilia ou dispersa?; A divergência de conclusões é fruto da análise ou da natureza “shakespeareana” (ou instável) do texto?; Uma abordagem específica necessariamente anula/contradiz outra? Cabe ao crítico literário se especializar em uma abordagem ou não?; Quais cruzamentos entre linhas críticas devem ou não ser feitos?; Como deve ser interpretada a variedade de teorias lançadas para uma mesma obra, como um objeto inesgotável, saturado ou uma via segura para se pensar a produção da crítica literária?; Por que algumas teorias são desenvolvidas em língua portuguesa enquanto outras não? Portanto, convidando a presença de uma malha crítica diversificada, este simpósio procura, por meio da variedade de abordagens, estimular o diálogo entre diversas formas e percursos de se pensar os estudos sobre Shakespeare desenvolvidos tanto no Brasil como no exterior.

A ópera *Roméo et Juliette*, de Charles Gounod: adaptação, intertextualidade, intermedialidade

Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Resumo A ópera é a arte da adaptação por excelência, constituída pela interseção e fusão de múltiplas linguagens artísticas. Em “Adaptation and Opera” (2017), Linda e Michael Hutcheon propõem três etapas distintas para a análise concreta do processo de criação e produção de uma ópera, ressaltando a proeminência da adaptação em cada uma destas fases: o libretista adapta o texto-fonte, o compositor adapta o libreto para criar a partitura, e tanto o libreto quanto a partitura são adaptados quando encenados. O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo refletir sobre a ópera *Roméo et Juliette* (1867), de Charles François Gounod (1818-1893), inspirada não somente na tragédia lírica homônima de Shakespeare (1595-1596), mas também em versões cênicas e musicais posteriores do texto shakespeariano. Em um primeiro momento, o libreto, escrito por Jules Barbier e Michael Carré, será discutido como mídia auxiliar do processo de adaptação operística, especificamente criado para ser transmediado (Elleström, 2017). Na sequência, serão analisadas duas cenas de uma encenação festiva da ópera de Gounod, gravada ao vivo em 2016 no Palácio das Artes em Belo Horizonte, Minas Gerais, em comemoração ao quarto centenário da morte de Shakespeare, conduzida por Sílvio Viegas e com direção de Pablo Maritano. à luz de perspectivas teóricas de críticos contemporâneos.

A representação do feminino na peça “A Midsummer Night’s Dream”, de William Shakespeare

Roberta Flores Santurio (UFMS)

Resumo Diferentemente das peças anteriores, “Richard II” e “Romeo and Juliet”, nas quais a originalidade de Shakespeare está em apropriar-se de histórias já existentes e transformá-las maravilhosamente em algo melhor, fornecendo-lhes cor e texturas por meio da complexidade de seus personagens, “A Midsummer Night’s Dream” é um emaranhado de influências, das Metamorfoses de Ovídio até o

folclore local de Stratford-upon-Avon. Suas fontes não são totalmente claras. Há também conexões com simbologias de uma herança mística, principalmente no que tange ao universo do sagrado feminino e seus elementos, ao mundo dos sonhos ligado à intuição, aos seres mágicos e à conexão com a natureza, a Deusas, feitiços e festivais. A carga feminina é enorme na peça. De onde vêm todas essas coisas? Como e por que Shakespeare seleciona esses temas, em um certo nível aleatórios, e os coloca juntos no palco? Em oposição à tradição das musas gregas de Atenas, representantes míticas para as inspirações das coisas do mundo, a feminilidade em *Dream* ousa voltar-se para si e suas vontades. Todas as personagens femininas dão vazão aos seus desejos. O feminino é o tom estético da peça. Mais do que retomar a tradição dos romances medievais, que alternam seu espaço entre a corte e uma “floresta selvagem” (SALINGAR, 1974, p. 299), Shakespeare coloca na floresta uma simbologia das emoções que a eleva para além de um cenário para acontecimentos. Assim, este trabalho propõe-se a buscar essas fontes indefinidas de Shakespeare, nas quais variam das milenares crenças sobre o sagrado feminino aos festejos populares do medievo, e retomá-las, a fim de iluminar certas interpretações ainda não esclarecidas devido à perda cultural inerente ao tempo.

As problemáticas da tradução de *Titus Andronicus*

Igor Alexandre Capelatto (UNICAMP)

Resumo O presente estudo pretende a partir das problemáticas da interpretação, apresentadas por Umberto Eco (em *Os Limites da Interpretação*, 2004), discursar sobre os conceitos de Tradução, Interpretação, Decodificação, Subjetividade, Criatividade, Liberdade e Adaptação, a partir de diferentes versões da peça *Titus Andronicus* (1584) de William Shakespeare. Além dos processos literários, dramáticos e cinematográficos que conferem multiplicidade de significados à peça. É importante ressaltar que esse trabalho levanta como foco central, a escolha das significações linguísticas nas construções e variações semânticas e culturais dos textos e palavras do texto shakespeariano: o recorte proposto é o das palavras *Stuprum* e *Rape*, no original de Shakespeare, em algumas versões traduzidas

como estupro, outra como rapto, e outra até como ‘perda da virgindade’, criando sentidos muito distintos nas ações das personagens-atores e no contexto psico-sócio-político da peça). Enfim, apresentar as dificuldades e processo criativo da elaboração da versão em português de *Titus Andronicus* que elaborei para a editora Martin Claret no ano de 2020/2021 decorrente da minha pesquisa de doutorado e estudos shakespearianos que inclui: adaptação do Pentâmetro Iâmbico, adaptação e sugestões de tradução de verbetes criados por Shakespeare, adaptação das indicações gestuais, o uso do latim e as citações de Metamorfosis de Ovídio.

Figurações queer no cânone shakespeariano: alguns apontamentos

Leonardo Berenger Alves Carneiro (PUC-Rio)

Resumo A presente comunicação tem por objetivo (re)pensar quatro personagens do cânone teatral shakespeariano pelas lentes da teoria queer. Partindo do trabalho incontornável de Alan Bray (1992) e também endividada com a crítica de matriz queer mais contemporânea (SANCHEZ, 2019; GUY-BRAY, 2021), a comunicação pretende apresentar uma leitura queer das relações entre as personagens Antônio e Bassânio (*O mercador de Veneza*, 1596-97) e Coriolano e Aufídio (*Coriolano*, 1608). A despeito de compreender homoerotismo como um construto evidentemente anacrônico ao contexto do Renascimento inglês, este trabalho busca defender a ideia de que a teoria queer fornece uma perspectiva ao estudioso que representa um desafio às bases ontológicas da noção mesma de desejo, ao desestabilizar o binarismo hermético homo/heterossexualidade. Assim, por meio de uma reflexão acerca da amizade entre Antônio e Bassânio e da rivalidade entre *Coriolano* e *Aufídio*, podemos ser convidados a, junto a Goran Stanivukovic (2017), a entender a noção de queer como correlata não apenas à intimidade e à afeição, não apenas à sexualidade e ao erotismo, não apenas a práticas e atos, mas como um conceito que também se faz figurar em textos literários, poéticos e teatrais ao capturar a divisão entre representação e incorporação, afirmando que práticas e atos sexuais são queer; mas também o são as figuras de linguagem, a imagística e os recursos retóricos.

Fora dos campos: espaço social, autoridade e experiência

Regis Augustus Bars Closel (UFMS)

Resumo O Renascimento pode ser compreendido, em linhas gerais, como um movimento de redefinição do posicionamento do homem no mundo. Contudo, essa proposição inclui nela duas dimensões subsumidas: a primeira sendo o relacionamento do homem com a natureza, enquanto a segunda envolve o entendimento sobre a percepção do mundo natural. Assim, além de uma redefinição cognitiva, existe também uma mudança operando no ambiente que pode ou não sinalizar uma mudança no panorama visual. Com a Dissolução dos Mosteiros na Inglaterra, o cenário se altera fisicamente (abadias e mosteiros são destruídos ou renovados) e socialmente (classes eclesiásticas perdem espaço e novos grupos desfrutam de acesso às riquezas). As alterações cognitivas e espaciais dentro da cultura e da experiência individual acabam por tomar diversas formas na arte. A produção poética e dramática do início da modernidade inglesa materializa a oscilação das certezas do naturalismo aristotélico e as dúvidas colocadas pela “nova filosofia”. O drama do Renascimento, em sua capacidade de adotar perspectivas múltiplas em uma época de incertezas, acaba por registrar as inquietações e as angústias de vozes desconhecidas e silenciadas ao longo da história. Obras dramáticas, como ‘Arden de Faversham’, registram percepções, concepções e experiências muito distintas acerca de mudanças na relação com a terra. Contudo, os dramaturgos responsáveis pela tragédia não expressam preferência por uma ou por outra delas, permitindo que cada leitor ou espectador interaja com aquilo que foi representado. Esta comunicação tratará das questões do espaço social, em uma seleção de peças do período elisabetano-jacobino, recorrendo a teorizações sobre o espaço social.

Haider (2014) de Vishal Bhardwaj, a adaptação filmica indiana de Hamlet

John Milton (USP)

Resumo Depois de suas adaptações bem-sucedidas de *Macbeth* (Maqbool 2006) e *Othello* (Omkara 2006), em 2014 o diretor indiano Vishal

Bhardwaj lançou *Haider* (*Hamlet*), localizado em em 1995 em Caxemira, na fronteira de Índia e Paquistão, em meio aos conflitos e desaparecimentos de civis. O filme é também baseado nas memórias de Basharat Peer, *Curfewed Night: A Frontline Memoir of Life, Love and War in Kashmir* (2010). Haider, jovem estudante e poeta, retorna à Caxemira no auge do conflito para buscar respostas sobre o desaparecimento de seu pai e acaba sendo envolvido na política de Caxemira. Como *Maqbool* e *Onkara*, *Haider* foi aclamado pela crítica e, de fato, o crítico britânico de cinema, Roger Manvell, comenta que frequentemente Shakespeare, é traduzido muito melhor por “filmes estrangeiros”. Assim, esta apresentação introduz *Haider* ao público brasileiro, examina a ligação com dois textos nos quais se baseia: a memória local contemporânea, inserida na política da Caxemira, e a peça mais famosa de todos os tempos. Além disso, também será feita uma análise de elementos que *Haider* inclui de filmes tradicionais de Bollywood e do *thriller* de espionagem. Além de clipes do filme e comparações com *Maqbool* e *Onkara*, serão feitas referências às teorias de adaptação de Lawrence Venuti (interpretantes), Linda Hutcheon (repetição com variação), Thomas Leitch (adaptador como auteur) e Daniel Fischlin (manipulação do original).

Macbeth – on line: cheio de som e fúria a experiência da adaptação para o ambiente virtual de uma das mais importantes peças de William Shakespeare e a recepção do público

Valéria Cristina Marchi Ribeiro (USP)

Resumo A mudança drástica da realidade e a duração prolongada da pandemia da Covid19, trouxe a necessidade de se recriar e se reorganizar as relações sociais nas mais variadas instâncias da sociedade. No campo das artes, fundamentalmente no teatro, novas possibilidades tiveram de ser constituídas. Compreendendo que as transformações de um mundo pós advento da pandemia se tornaram híbridas e definitivas, o teatro, como sempre fez ao longo dos séculos, tem se reinventado e busca sobreviver adaptando-se às novas tecnologias, criando experiências cênicas muito contundentes nos ambientes virtuais. E um campo aberto de novas possibilidades se delinea. A obra de Shakespeare, que foi criada também na experiência prática

de uma outra pandemia, a Peste Negra que assolou a Europa por décadas, também é ela própria é uma sobrevivente. E a obra de Shakespeare tem sido, na pandemia do século XXI, reiteradamente convocada, revisitada e encarada como um potente farol reflexivo para o indivíduo lidar com um mundo extremamente conturbado, polarizado e repleto de idiossincrasias. Discorrer de maneira dinâmica e interativa sobre a experiência cênica da adaptação virtual da peça *Macbeth* de William Shakespeare, através da experiência da diretora Valéria Marchi que responde pela direção artística da peça, buscando reproduzir ao máximo a beleza do texto original, através da parceria com a tradução do premiado tradutor Lawrence Flores Pereira, com um elenco de 16 talentosos atores, e a experiência muito impactante que o público vivenciou, é a proposta dessa comunicação.

Margaret Tyler e Emilia Lanier: autoras inglesas contemporâneas de Shakespeare em defesa das mulheres

Aline Fernandes Thosi (UERJ)

Resumo Em “Um teto todo seu” de 1929, Virginia Woolf (1882–1941) reflete sobre a aparente ausência de mulheres escritoras no Renascimento inglês. O questionamento de Woolf é pertinente pois ecoa em um cenário em que a literatura, a política, a religião e a educação – dentre outras esferas – eram ocupadas majoritariamente por homens. No entanto, diversos nomes e obras de autoras contemporâneas de William Shakespeare já foram revelados. Como Anita Pacheco nos explica, “a injunção, frequentemente mencionada, de que as mulheres devem ser castas, silenciosas e obedientes e confinar seu trabalho criativo em agulhas e linhas...não pode mais ser considerada uma definição precisa da participação das mulheres na cultura literária da modernidade nascente inglesa.” (PACHECO, 2002, p. xvii, tradução minha) Desta forma, é necessário retornar à era do Bardo para investigar, debater e analisar a contribuição literária dessas mulheres. Margaret Tyler (1540–1590) e Emilia Lanier (1569–1645) são dois importantes exemplos. Ambas autoras, publicadas ainda em vida, escreveram em defesa da mulher e questionaram as limitações impostas pela sociedade patriarcal na qual estavam inseridas. Propomo para a comunicação, apresentar um panorama da contribuição

literária feminina no início da modernidade inglesa (século XVI e primeira metade do século XVII), bem como explorar excertos das obras de Tyler e Lanier, a fim de ilustrar a relevância da literatura feita por mulheres no Renascimento inglês. Ler a literatura da mulher – e não somente literatura sobre a mulher, escrita pela perspectiva masculina – nos ajudará a compreender com mais precisão questões ainda pertinentes na atualidade, como a importância da contribuição literária feminina e os motivos para o seu apagamento histórico, como pontuado por Woolf. Outro possível desdobramento dessa pesquisa, é vislumbrar uma análise mais historicamente contextualizada das diferentes nuances de personagens femininas de Shakespeare.

O tempo em *Romeu e Julieta*

Luciana Paula Pereira da Conceição (Universidade de Oviedo)

Resumo A obra *Romeu e Julieta* é universalmente conhecida como uma tragédia romântica. No entanto, ao considerar-se as características de uma tragédia Shakespeareana, poderia ser catalogada como uma tragédia imperfeita. As grandes tragédias de Shakespeare apresentam, entre outras características, a mudança da ordem ao caos ou a queda de um homem de sua posição social ou política com certo grau de responsabilidade. No entanto, *Romeu e Julieta* apresenta a morte como ponto inicial para o retorno à harmonia. Além disso, a obra discute responsabilidades, senão uma série de coincidências que trazem a tragédia de duas pessoas que ainda não alcançaram a maturidade. Assim, apesar de iniciar a obra com um soneto, forma básica da poesia cortesã e amplamente relacionada ao amor, não é o amor o principal fator desta obra, mas sim o tempo, nas suas diversas acepções. A primeira acepção está relacionada com o tempo externo à obra, onde o contexto social e histórico é definido e comparado com o contexto narrativo, promovendo uma interpretação da obra relacionada aos acontecimentos históricos ingleses. O tempo da história também é considerado, com o fim de descrever a articulação entre o tempo e a narrativa, mantendo os limites entre realidade e ficção, ao contrário do que se costuma fazer nas obras teatrais, onde se busca que o público viva o espetáculo. Finalmente, o tempo interno da obra, como fator acionador das decisões de cada personagem

e, consequentemente, como instrumento para que o destino cumpra o seu objetivo, o qual já foi anunciado pelo coro, através de um sone-to, no prólogo da obra.

Primeiras quadrinizações de *Macbeth* publicadas no Brasil: anos 1960 e 1980

Rebeca Pinheiro Queluz (UFPR)

Resumo Nossa proposta para esta comunicação é explorar uma quadrinização literária de *Macbeth* feita por Álvaro de Moya e Jayme Cortez que foi (re)publicada por 3 editoras diferentes (Editora Continental, Editora Vecchi e Editora D-Arte) entre os anos 1960 e 1980 e que apareceu, posteriormente, em um livro intitulado *Anos 50, 50 anos – São Paulo 1951-2001*. A partir dos paratextos dos periódicos, iremos mostrar como a tragédia shakespeariana foi transformada em uma história de terror e direcionada a um público adulto. Para isso se faz necessário compreender minimamente o contexto histórico e cultural das décadas mencionadas. Deste modo, contaremos com o aporte teórico de autores como: Luciano Henrique Ferreira da Silva (2012; 2013) e Nobu Chinen (2013). No que concerne à adaptação, dialogaremos com os estudos de Linda Hutcheon (2013) e, com relação aos paratextos, utilizaremos por base o trabalho de Gérard Genette (2009). Em nosso estudo, foi possível observar a valorização, através das capas das revistas, da temática sobrenatural, da fantasmagoria, da feitiçaria, do medo, do horror, da guerra, das tenebrosas imposições do destino. Também chamaram nossa atenção as referências intermidiáticas presentes na HQ: há uma aproximação tanto com a literatura, quanto com o cinema. Tal opção levou a adaptação de *Macbeth* a dispor de muito mais espaço para a narração do que para os diálogos entre os personagens. Finalmente, pôde-se constatar soluções plásticas e textuais interessantes que enriqueceram e deram novos sentidos à tragédia shakespeariana.

Shakespeare e o letramento racial crítico: na encruzilhada entre universalidade e decolonialidade

Erika de Freitas Coachman (CAp-UFRJ)
Izabelle da Silva Fernandes (UFRJ)

Resumo Embora o cânone de Shakespeare tenha sido alçado ao patamar de literatura universal, desafiando os limites do espaço e do tempo, os desdobramentos da teoria racial crítica nos últimos anos nos convidam a uma releitura crítica do seu legado, apontando para a inexorável influência da constelação de valores, crenças, tradições e acontecimentos da idade moderna nascente sobre sua obra. Nas palavras de Greenblatt (2001, p.51), “the English possess Shakespeare as a common bond, [...] a symbol of what is most precious to the nation as a whole”. No entanto, a percepção de Shakespeare como um epítome do homem inglês, um ícone da civilização ocidental, ainda não parece ter abalado a crença arraigada na universalidade das obras escritas pelo Bardo de Stratford-upon-Avon. De acordo com Little Jr. (2016), essa fé inabalável em sua universalidade é um indício de uma atitude mais generalizada em relação à raça e identidade. Afinal, naturalizar o repertório cultural, literário e filosófico europeu como universal faz parte do esforço hegemônico de consolidar a branquitude como não-racializada, como guardiã da quintessência da humanidade. Em última análise, as obras shakespearianas não devem mais ter camufladas suas raízes coloniais. Para desconstruir o mito da sua universalidade, é urgente propor um engajamento crítico com suas obras – não apenas com aquelas em que o racismo é mais evidente. Com as lentes do letramento racial crítico, é possível detectá-lo nas entrelinhas, no modo discreto – mas eficaz – como o racismo se constrói e se transforma em força estruturante do mundo em que vivemos.

Simpósio 27**Estudos literários e outros saberes: uma visão sistêmica**

Maria Ivonete Santos Silva (UFU)

Carlos-Germán van der Linde (LA SALLE)

Tatiele da Cunha Freitas (UFU)

Resumo A proposição deste simpósio, pautado na teoria sistêmica do físico austríaco Fritjof Capra (2005), objetiva promover o diálogo entre os estudos literários e os demais campos do saber, em uma visão integrada da literatura nas manifestações culturais inseridas em um contexto mais amplo do qual é interdependente. A teoria sistêmica de Fritjof Capra (2003, 2005, 2006, 2014) e Pier Luigi Luisi (2014) parte do pressuposto de que o mundo possui uma lógica fundamentada em interrelações cuja compreensão mecanicista de causa e efeito que os modelos sociais e científicos de base cartesiana têm imposto à sociedade se torna ineficiente em demonstrar e explicar o mundo. Para o físico, a vida, em sentido amplo, funciona como uma teia, como uma rede, cabendo aos seres modificar-se e renovar-se de forma que haja continuidade. Em suas próprias palavras: É essa a chave da definição sistêmica da vida: as redes vivas criam ou recriam a si mesmas continuamente mediante transformação ou substituição dos seus componentes. Dessa maneira, sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo que preservam seus padrões de organização, que sempre se assemelham a teias. A interpretação do mundo e da vida em si como redes vivas em processos de criar-se e recriar-se é a chave para entender a teoria sistêmica. Compreender e pensar sistemicamente leva ao reconhecimento do “ser” em seu contexto (CAPRA, 2005, p. 27). De acordo com Capra, a percepção que ele propõe do mundo se pauta na tomada de consciência deste estado de interdependência próprio dos fenômenos físicos, psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Como salientado na citação, o físico percebe os sistemas como totalidades integradas que não podem ser reduzidas a unidades menores. Se o sistema for fragmentado e seus elementos forem analisados isoladamente, as propriedades sistêmicas desaparecem. O teórico usa a imagem de uma “árvore sistêmica” para representar as relações existentes entre os diferentes níveis, com o objetivo de demonstrar que essas interligações e interdependências se encontram presentes e que podem transitar tanto de forma

ascendente quanto descendente. A maioria dos sistemas vivos exibem modelos de organização em múltiplos níveis, caracterizados por muitos e intrincados percursos não-lineares, ao longo dos quais se propagam sinais de informação e transação entre todos os níveis, tanto ascendentes quanto descendentes. (...) [a] árvore [é o] símbolo mais apropriado para a natureza ecológica da estratificação nos sistemas vivos. Assim como uma árvore real extrai seu alimento tanto através das raízes como das folhas, também a energia numa árvore sistêmica flui em ambas as direções, sem que uma extremidade domine a outra, sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo (CAPRA, 2006, p.274). A teoria proposta por Capra e Luisi, especialmente na obra *A visão sistêmica da vida* (2014), relaciona-se à literatura quando fornece uma compreensão para a análise literária ligada à realidade visando a compreensão tanto do mundo como das ações do sujeito, exigindo do leitor um olhar aguçado, uma vez que se trabalha com conceitos e modelos interligados, envolvendo os fenômenos das mais variadas esferas da vida. Além disso, a visão sistêmica provoca uma gama de ricas reflexões, pois a literatura deixa de se configurar apenas como um conjunto de textos, e passa a abarcar um agrupamento de atividades que, como um todo, constitui um sistema interagindo com outros sistemas. Ainda, a partir da visão sistêmica, estudantes, leitores e pesquisadores são levados a ter uma visão social e cultural ampla, quando vislumbram elementos simbólicos como bens materiais, valorizados pelas diferentes instituições. Tal postura implica repensar os textos como construções de um agente, inseridos em determinado contexto social, por sua vez relacionados a um discurso de poder construído a partir de certo repertório aceitável e legitimado por distintas instituições. Desse modo, a teoria sistêmica rompe com uma tradicional hierarquização da leitura, para a qual há modelos “interpretativos” que pressupõem a imanência dos textos, não sendo necessário questioná-los ou investigá-los em sua materialidade, restando somente decifrar seus segredos. O rompimento de hierarquias não rompe com o respeito e o prestígio dos poetas pertencentes ao cânone; mas muda a abordagem de análise, estudando as obras canônicas sob uma perspectiva mais ampla porque propicia questionar a influência que determinado autor causou no sistema, o repertório do qual se apropriou e a recepção da sua obra tanto na época de sua publicação como nos dias de hoje. Tais questionamentos permitem

a inserção de um conjunto de questões econômicas, políticas e culturais no processo interpretativo, sem que a abordagem relativa ao estudo da tradição impeça a reflexão sobre o presente, porque o sistema literário não é uma realidade homogênea; seus elementos e funções configuram-se sistemas não hierarquizados.

“Bogotá, 1947”, de Gabriel García Márquez: uma análise sistêmica

Raysa Barbosa Corrêa Lima Pacheco (UFU)

Resumo O escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014) é reconhecido mundialmente por seus romances de maior repercussão, como *Cem anos de solidão* (1967) e *O amor nos tempos do cólera* (1985), e seu nome é muitas vezes automaticamente associado ao movimento do realismo mágico, o que faz com que grande parte dos estudos a respeito de sua obra gire em torno desse aspecto. Entretanto, assim como outros escritores do boom da literatura latino-americana na segunda metade do século XX, Márquez começou sua carreira profissional como jornalista, e suas crônicas mesclam descrições sobrenaturais da realidade aos aspectos históricos da América Latina. Seu estilo rejeita a razão e os cânones que associam a objetividade a um ideal discursivo ao ser alcançado, pois não há interesse pela lógica da real, e sim liberdade para narrar as emoções humanas, o que constitui uma espécie de jornalismo mágico. Nesse contexto, este trabalho visa analisar o texto “Bogotá, 1947”, inicialmente publicado no jornal espanhol *El País* em 1981, sob o viés da presença dos animais e os efeitos de sentido por eles suscitados na constituição da crônica. Assim, Márquez traz elementos autobiográficos para sua narrativa e afirma ter encontrando, em sua juventude, um fauno no bonde, o que confere uma atmosfera sobrenatural ao texto. Desse modo, seguindo os pressupostos da teoria sistêmica proposta por Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi (2014), é evidente que o entendimento integral da escrita jornalística de Márquez e dos animais que a povoam só pode ser efetuado pelo acionamento de conhecimentos advindos de diferentes áreas do saber, como a Literatura, o Jornalismo, a História, a Sociologia e a Biologia e suas ramificações, como a Etologia e a Biopolítica. Nesta análise, o entrecruzamento dessas esferas será

fundamental para a discussão sobre as fronteiras do real e da ficção na produção marqueziana.

“Linhas de raciocínio” como um sistema histórico e ficcional para narrar o conflito armado na Colômbia

Carlos-Germán van der Linde (LA SALLE)

Resumo O conflito armado na Colômbia é longo e confuso. Em 1964 foram fundados grupos guerrilheiros reconhecidos internacionalmente como as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e o ELN (Exército de Libertação Nacional). Em 2016, o governo assinou o acordo de paz com as FARC, e, hoje, cinco anos depois, o país não alcançou a condição de pós-conflito. Neste cenário, a outra grande luta é uma narrativa nacional integradora e uma memória plural. O romance colombiano “Líbranos del bien”, de Sánchez Baute (2008), conta a guerra entre paramilitares e guerrilheiros, através das figuras de Jorge Cuarenta e Simón Trinidad. A obra em si é um entremeado narrativo que mescla história e ficção, crônica e romance, memória histórica e memória coletiva, testemunhos orais e entrevistas pessoais com arquivos jornalísticos e judiciais. Isso configura a obra como um sistema heterodoxo que combina a versão oficial da história com as opiniões pessoais das testemunhas diretas. Desta maneira, o romance oferece – nos termos de Jablonka – “linhas de raciocínio” genéticas (perspectiva histórica) para compreender o presente da realidade social da Colômbia. Em conclusão, “Líbranos del bien” é um arquivo aberto que funciona como um sistema narrativo heterodoxo como requisito necessário de uma memória histórico-literária da nação.

A figuração da justiça no devaneio de Cimourdain: imagens em movimento no romance *Quatrevingt-Treize*, de Victor Hugo

Maria Julia Pereira (UNESP)

Resumo Considerando o fundamento imagético do texto literário e a justaposição como elemento artístico importante na construção

de imagens nas artes, demonstraremos, neste trabalho, a figuração da justiça no capítulo *La goutte d'eau froide*, do romance Quatrevingt-Treize, de Victor Hugo, em que é apresentado o reencontro entre o mestre Cimourdain – partidário republicano legalista – e seu pupilo Gauvain, também republicano, porém avesso ao legalismo estrito. Por meio do emprego de justaposição, de paralelismo, assim como de figuras de linguagem sonoras e imagéticas com valor semântico de movimento, o devaneio de Cimourdain é construído a partir de um sentimento de justiça legalista e punitiva, por ele considerada ideal para a pátria republicana. Em justaposição, o devaneio mencionado será repentinamente destruído em razão de um gesto de clemência de Gauvain, que desobedece à lei que condenava à morte os inimigos da República ao poupar o camponês que atentara contra sua vida na guerra da Vendeia. As imagens engendram significação na medida em que geram no leitor a sensação de conflito ao expressar a divergência dos sentimentos de justiça das personagens: enquanto para o mestre a lei é a lúdima expressão do justo, para o pupilo, o justo transcende os limites legais, pois a lei é passível de injustiça.

A propósito da construção do saber nas crônicas de José Saramago

Rosemary Conceição dos Santos (USP)
José Aparecido Da Silva (USP)

Resumo Tendo por objetivo promover o diálogo entre os estudos literários e outros campos do saber, como, por exemplo, o jornalismo, a análise do discurso, a psicologia, os estudos culturais, a história, a política e a educação, entre outros, em uma visão integrada da literatura nas manifestações culturais inseridas em um contexto mais amplo do qual é interdependente, este trabalho tem como objeto de estudo as crônicas saramaguianas. Ciente de que José Saramago não exerceu o jornalismo como repórter, tampouco como redator de notícias, mas, sim, como comentarista das atualidades da época, ou seja, o jornalismo de opinião, este artigo apresenta alguns pensamentos e reflexões presentes nas mesmas, que preveem, ou determinam, a construção de seu discurso alegórico, contextualizado às características jornalísticas luso-brasileiras do período em

que se inserem. Nelas, a interpretação do mundo, e da vida em si, decorrendo de processos de criar-se e de recriar-se, tal como definido por Capra (CAPRA, 2005, p. 27), e a configuração dos muitos e intrincados percursos não-lineares presentes nas crônicas, propagam sinais de informação e transação entre todos os níveis, tanto ascendentes quanto descendentes, resultando em chave para compreender a percepção que José Saramago propõe do mundo a partir dos fenômenos físicos, psicológicos, biológicos, sociais e culturais, entre outros, apresentados em *Deste mundo e do outro* (1971); *A bagagem do viajante* (1973); *As opiniões que o DL teve* (1974) e *Os apontamentos* (1977).

Cenografias do Novo Realismo: uma leitura de “Canción de tumba” de Julián Herbert

Tatiele da Cunha Freitas (UFU)

Resumo O presente trabalho objetiva investigar a cenografia da obra *Canción de tumba* (2011) do escritor mexicano Julian Herbert, partindo da proposta tanto da proposta do Novo Realismo, como da concepção de cenografia, estudada pelo teórico Maingueneau (2005, 2008, 2012, 2013, 2015). Segundo Schollhammer (2007) o Novo Realismo se pauta na luta por espaço do discurso literário que perde sua legitimidade no século XX, de modo a ser mais um discurso frente a tantos outros, nascendo deste lugar a necessidade de os escritores narrarem a realidade de seus entornos de modo diferente do que a demanda pelo real tem produzido na mídia, de modo geral. E, de acordo com Maingueneau, representante da Análise do Discurso de linha francesa, a cenografia é o primeiro elemento com o qual o interlocutor se defronta, a cena instituída por cada enunciado. Cada cenografia é construída para um fim específico, podendo conter “armadilhas” discursivas de modo a causar determinados efeitos. Em *Canción de Tumba* (2011) nos é apresentado um narrador disposto a narrar a história de sua mãe, prostituta quando jovem, que, no momento da narrativa, sofre de um câncer terminal e está internada. A narração que se pretende biográfica e realista ganha contornos delirantes no decorrer da trama e extrapola o âmbito pessoal, discorrendo sobre as mazelas do México na contemporaneidade. Será privilegiado como fundamentação teórica os trabalhos de Schollhammer

sobre o Novo Realismo e a violência urbana (2009, 2013), os estudos de Dominique Maingueneau sobre cenografia (2005, 2008, 2012, 2013, 2015), além do apoio de autores como Mikhail Bakhtin (1997) e Roland Barthes (2004). Espera-se que o trabalho também possa propiciar um diálogo entre a linguística e literatura, permitindo sua aproximação.

Hibridismos Literários: a dissolução de fronteiras em Mario Bellatin e Antônio Carlos Viana

Matheus Taylor Souza Borges (UFU)

Resumo Quando iniciamos nossa vida escolar, somos apresentados a algumas disciplinas as quais, paulatinamente, são fragmentadas em subconteúdos que se tornam separados a tal ponto de não conseguirem se reintegrar. Esse fenômeno da compartimentação se dá não somente entre áreas do conhecimento, mas também dentro das matérias, como a literatura. Os chamados gêneros literários são ensinados de forma a dissecar o objeto literário em gêneros como conto, romance, entre outros, além da divisão básica entre textos literários e não-literários, a exemplo das notícias de jornal, no entanto, será a literatura tributária da rigidez dos gêneros para se constituir? Tendo em vista refletir sobre a questão do hibridismo de gêneros, realizaremos um diálogo com a obra de Karl Schollhammer, *Ficção brasileira contemporânea* (2009), na qual o autor discute a respeito de tendências da contemporaneidade, mas também de gêneros mistos, como é o caso do romance-reportagem, em diálogo com a teoria de Fritjof Capra e Pier Luisi, em *A visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas* (2014), na qual os autores discutem temas homônimos ao título da obra, associados a uma visão integrada da vida. Como forma de visualizar as teorias apresentadas, serão utilizados como corpus literários as obras Flores, do mexicano Mario Bellatin, e o conto Olhos de Fogo, de Antônio Carlos Viana, ambos em diálogos como teorias como o *fait divers*, de Roland Barthes e reflexões sobre a concepção da morte no Ocidente, sob a perspectiva de Norbert Elias (2002), dentre outros autores que possam lançar luz sobre as questões propostas na discussão.

Ironia em “Buriti”: cenas da vida (ir)reais

Joeli Teixeira Antunes (UFU)

Resumo O enredo de “Buriti” suscita questionamentos sobre as intenções de Rosa ao delinear personagens como: Miguel, Maria da Glória, Nhô Gaspar, Iô Liodoro, Leandra, Iô Irvino, Dionéia, Inspetor, Chefe Zequiel, Maria Behu, Alcina, Iô Isio, Iá-Dijina, Dona-Dona, Dô-Nhã, Tia Cló, Vovó Maurícia e Mariaze. Será se ao mostrar o cotidiano dessas pessoas, no sertão de minas, na fazenda Buriti-Bom, lugar longe, retirado da rota e regido por um sistema local de poder informal ele queria mostrar um projeto de modernidade para o sertão mineiro, que se esboça metaforicamente a partir da performance dessas personagens? Ou criticar a sociedade patriarcal, mostrando sua visão de mundo? Ou trazer à baila discussões sobre as mudanças ocorridas nos ambientes familiares nas primeiras décadas do século XX? Nossa hipótese é que, por meio da ironia Guimarães Rosa traz à tona todas essas reflexões. Mas neste texto vamos nos ater a análise do episódio que ocorreu debaixo do pé de Buriti-grande tendo como protagonista o Inspetor, marido legal da Dona Dionéia que era amante do Iô Liodoro. Para tanto, tomamos como referencial teórico os estudos de Oliveira (2011), Perro (2006), Alberti (1999), Schlegel (1997), Brant (1996), Muecke (1995), Duarte (1994) e Hutcheon (1985). Não é nada simples a compreensão da ironia em Guimarães Rosa, mas como ela pode renascer mediante a visão do leitor, independe de sabermos se ela nasceu a partir da intenção do autor ou não, ela nos convida a um debate tão teórico quanto moral ou mesmo a uma reflexão estética ou linguística. Vale mencionar que este trabalho faz parte de um cenário de questionamentos maior, pesquisa de doutorado em Letras Estudos Literários pela UFU, que investiga o poder e a ironia na novela “Buriti”.

Mariana Enriquez e Washington Cucurto: a construção de uma nova ideia de literatura desponta na obra dos dois autores

Dalva Desirée Climent (UFRJ)

Resumo : Ao transitar pela obra de Mariana Enriquez e Washington Cucurto, observa-se que, mesmo com opções estéticas narrativas tão

distintas, ambos apresentam, em seus textos, uma reivindicação por um tipo de literatura que historicamente ficou à margem dos circuitos literários consagrados. No caso da autora, a literatura de gênero de terror é o que molda sua voz e sua narrativa. Já para o autor, há a apresentação de uma constelação de escritores que não obtiveram visibilidade no campo argentino, como aqueles relacionados ao movimento contracultural no Brasil dos anos 70. Pretende-se, portanto, demarcar como, para os dois autores, há um movimento que leva a uma literatura que negocia com os dois espaços que antes pareciam díspares: a literatura de entretenimento e a acadêmica. Para tanto, debruça-se nas questões acerca dos gêneros menores, proposta por Irlemar Chiami (1996), na reivindicação do prazer do texto, trazida por Roland Barthes (1987), na questão de campo, de Pierre Bourdieu (1996) e, ainda, na própria identidade, na concepção de Stuart Hall (2016), forjada pelos autores a partir do que eles possuem como bagagem cultural e utilizam em seus textos e em sua imagem como escritores. A leitura e aproximação de Enriquez e Cucurto possibilita, portanto, a reflexão sobre novas formas de construção literária na narrativa argentina atual.

Os tortuosos caminhos da afetividade em *A costureira e o cangaceiro*, de Francis de Pontes Peebles

Maria Ivonete Santos Silva (UFU)

Resumo Todas as personagens de *A costureira e o cangaceiro* (2009), romance de Francis de Pontes Peebles, são moldadas a partir de uma sensibilidade que ultrapassa os limites da razoabilidade instituída pelas regras sociais e pela moral que acompanha a ideia de uma lógica homogeneizadora/homogeneizante. Atravessadas por sentimentos complexos e tensões advindas de condições histórica e socioculturais de extrema precariedade, Luzia e Emília, as irmãs órfãs e principais protagonistas do drama que se desenvolve entre Taquaritinga, sertão pernambucano e a capital, Recife, fogem completamente a essa “lógica”, na medida em que, a seu modo, cada uma revela um comportamento autêntico e decisivo, no tocante à não aceitação das perdas, sobretudo, da perda dos afetos. Nesta comunicação, o objetivo é compreender de que maneira Francis Peebles articula os elementos

composicionais de uma narrativa que se reporta à primeira metade do século XX, cujo tema aparentemente exótico e impactante é o cangaço, porém, ao desentranhar os tortuosos caminhos da afetividade que marcam suas personagens, um(a) narrador(a) extremamente sensível revela a verdadeira temática da história das duas costureiras. Para uma abordagem capaz de abarcar as várias possibilidades de análise do romance de Francis Peebles, este estudo se pautará pela visão sistêmica de Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi em *A visão sistêmica da vida* (2014), e Even-Zohar, que propõe através de elaborações teórico-críticas de grande relevância para a construção de distintos saberes, reflexões acerca dos sistemas literários e de seus polissistemas.

Sobre silêncios e silenciamentos: representações da violência na literatura latino-americana

Yvonélio Nery Ferreira (UFG)

Resumo O silêncio e a palavra não são elementos contrários, mas complementares, ativos e significantes que fazem com que os discursos passem a existir a partir de suas ligações mútuas, tornando quase impossível a existência de palavra sem a presença do silêncio. Cabe ao silêncio, além de revelar a essência dos seres, dizer aquilo que as palavras não seriam capazes de expressar, reforçando o fato de nada escapar a ele – elemento primordial, originário e propulsor de sentido. Entre os vários caminhos abertos pelo silêncio, encontra-se o silenciamento enquanto fator passível de levantar questionamentos cruciais, tais como aqueles alusivos às enfermidades sociais e psicológicas relacionadas às formas de violência que perpassaram/perpassam as relações sociais, culturais e políticas na América Latina. Por sua vez, a violência é uma constante nas relações que envolvem Estado, sujeitos e poder. Apresentada de diversas formas, às vezes velada, em outras explícita e, em muitos momentos, negada, a violência perpassa essas ligações sociais, seja na tentativa de manter certa ordem – aqui nos referimos às políticas estatais – ou para combater determinada política de Estado – quando indivíduos procuram desconstruir tais condutas governamentais, utilizando-se de práticas de resistência. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é, com base em textos literários de escritore(a)s, como Conceição Evaristo,

Deborah Dornellas, Fátima Sime, Marcelo Rubens Paiva, Marie-Célie Agnant, entre outros, uma abordagem acerca de representações da violência em algumas sociedades latino-americanas, tendo como fio condutor o entendimento de silêncios e de políticas de silenciamento nelas implementadas.

Uma leitura sobre o envelhecimento e o erotismo no conto “Amarelo Klimt”, de Antonio Carlos Viana

Marília Simari Crozara (UFU)

Resumo Esta comunicação objetiva discutir aspectos relacionados aos debates em torno da noção de identidade etária, diferentes preconceitos relacionados à idade (etarismos), identidade de gênero, em face às concepções de sexualidade e erotismo mediante os personagens envelhecidos presentes no conto “Amarelo Klimt”, que integra a coletânea *Jeito de matar lagartas*, de Antonio Carlos Viana (2015). Nesse livro, os personagens idosos são o mote de enredos, cuja linguagem adquire um tom árido e seco, como a pele enrugada dos corpos que ganham destaque nas histórias. No conto em debate, vemos as ambiguidades em torno das identidades de gênero dos protagonistas – LR e MN – apresentadas obtusamente mediante um relato com ares de narrativa policial e, nesse processo estético, a sexualidade dos personagens é tão imprecisa quanto os nomes a eles atribuídos. Diante disso, o narrador onisciente intruso encobre identidades e orientações sexuais de homens envelhecidos que, ora tentam libertar-se das amarras sociais e vivenciar uma possível relação homoerótica na terceira idade, ora aprisionam-se nos tabus que regeram suas vidas ao longo dos anos, aspectos mediados e matizados pelos intercâmbios de sentidos com a pintura, especificamente, com o quadro *Adele Bloch-Bauer I* (1907), de Gustav Klimt. Com o objetivo de problematizar a sexualidade e o erotismo apresentados pelo autor em relação ao corpo envelhecido, serão considerados os pressupostos teóricos de Georges Bataille, em *O erotismo* (2013), de Margaret Morganroth Gullette em *Aged by Culture* (2004), Guacira Lopes Louro, em *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* (2004) e Judith Butler, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), bem como outros estudiosos que se façam necessários.

Simpósio 28**Estudos retóricos e poéticos**

Jean Pierre Chauvin (USP)

Marcelo Lachat (UNIFESP)

Marcus De Martini (UFMS)

Resumo Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica – como os de John Bender e David E. Wellbery (*The Ends of Rhetoric*), Olivier Reboul (*Introduction à la Rhétorique*), George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Traditions*) e Brian Vickers (*In Defence of Rethoric*) – seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de retomar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já alertava para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como já se notava em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica em tais domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de escritores emblemáticos das letras luso-brasileiras, como o padre Antonio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento*) são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Também é notório o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira, na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício, realizada pela profa. Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos “Autos do processo” de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII, pela Inquisição de Portugal, e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro). Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos para o resgate dessas formas de representação, já que apontam para a necessidade de reconstruir “arqueologicamente”, nos dizeres de Hansen, textos anteriores ao final do século XVIII, que, não raro, eram lidos pela crítica

sob viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes que vigorasse a concepção dita “moderna” nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII, quando, como se sabe, todo a forma mentis e a escrita foram profundamente alteradas e mesmo rompidas. Observam-se, neste sentido, incentivos no mundo editorial, traduzido na publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de livros, bem como estímulos no âmbito da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para se recorrer a dois termos generalizantes, presentes na história literária. Isto posto, a tendência é que os estudos sobre as práticas retóricas e os fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livreiro, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades – domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abrelac, dentre outros mecanismos de ação reflexiva. Assim, este Simpósio de “Estudos Retóricos e Poéticos” pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para corpora das letras antigas e modernas (até o final do século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação: – Retórica e poética nas letras clássicas ou antigas; – Retórica e poética nas letras modernas; – Manuscritura, história do livro e da cultura letrada; – Relações entre as letras e o discurso da história; – Retórica e poética e as disciplinas humanísticas; – Retórica, poética e filosofia; – Recepção de tratados de retórica e poética; – Retóricas e poéticas medievais; – Retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. – Presença dos preceitos

de Retórica e Poética nos séculos XIX e XX. Espera-se que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da “modernidade literária”.

“Come nave”: considerações sobre a metáfora náutica na *opera seria*

Emerson Tin (FACAMP)

Resumo A “já gasta”, ao tempo de Dante (CURTIUS, 1996: 178), metáfora náutica ganhou fôlego com o surgimento do *dramma per musica* a partir do século XVII. Sendo Veneza “das primeiras cidades na Europa a acolher a nova forma de arte, a ópera” (BURKE, 1991: 125) e estando sua elite ligada ao comércio marítimo, talvez não se estranhe que a metáfora náutica tenha sido incrustrada, quase que desde o surgimento do novo gênero, no texto poético base para os compositores líricos. Com a renovação dramática empreendida por Apostolo Zeno (1668-1750) e levada adiante por Metastasio (1698-1782) (COELHO, 2000: 171 e ss.), a incorporação das metáforas náuticas às arie da capo, características da *opera seria*, passou a ser praxe, devido sobretudo aos desafios musicais que as imagens que suscitava permitiam a compositores e cantores. Em árias como “Come nave in mezzo all’onde” e “Mi pareo del porto in seno”, típicas arie di paragone – que, segundo Isabelle Moindrot (1993: 199), ilustram um conflito dramático, um caso de consciência ou um estado psicológico, pondo-as em paralelo com imagens extraídas da natureza –, nitidamente a metáfora náutica é avocada para garantir maior dramaticidade à cena. Lembre-se ainda que, como apontou René Jacobs (1996: 19), “um número considerável de tratados havia sido redigido sobre as relações entre retórica e música, e muito instrutiva é a comparação entre uma aria da capo e um discurso clássico (do tipo daquele do qual Quintiliano, o grande teórico romano da arte oratória, descreveu a ‘divisio’)”. Desse modo, a aria da capo amplifica a dramaticidade da cena e também busca persuadir o público ouvinte quanto

às razões da personagem. Esta comunicação pretende, assim, identificar, a partir de alguns exemplos, como a metáfora náutica contribui para a intensificação dos afetos expostos em cena e para o convencimento do espectador.

A Canção de Domingos dos Reis Quita

Jean Pierre Chauvin (USP)

Resumo Na segunda edição das *Obras* (1781) de Alcino Micénio – cognome de Domingos dos Reis Quita (1728-1770) na Arcádia Lusitana – há um poema intitulado “Canção”. O dado é curioso porque ele se dedicou especialmente ao Soneto (o primeiro tomo reúne setenta e sete sonetos, treze élogos, dezenove idílios, oito odes, uma elegia, uma epístola, um epitalâmio, uma silva, um poema e a referida canção). Inicialmente, há que se considerar que o título (“Canção”) se confunde com a espécie poética em que o texto se inscreve. Outro aspecto importante refere-se à matéria do poema, já que a persona poética associa o entardecer do dia (e o cessar das luzes) ao avivamento da memória, durante a noite. É fim de tarde. Antevendo a penumbra, o enunciador retrata e discorre sobre a figura de uma amada, associando seus dotes à luminosidade e ao dourado solar. Feliz por sentir saudade de quem ama, afirma escrever solitariamente, o que lhe permite ressaltar elogios à mulher, invocando a presença das ninfas – combinadas a elementos da natureza. Além de reunir tópicos frequentes da convenção dita arcáde, os versos de “Canção” favorecem o diálogo entre música e poesia, dentre eles: a sonoridade, o ritmo e o emprego de tropos e figuras decorosas com o gênero lírico.

A comédia palatina e a sociedade de corte espanhola: *El vergonzoso en palacio* (1624), de Tirso de Molina

Gustavo Luiz Nunes Borghi (USP)

Resumo Desde o final do século XIX, nota-se um esforço por parte da crítica e historiografia literária espanhola em editar e classificar as peças de teatro produzidas no Siglo de Oro, especialmente as

comédias e suas variações. Segundo os documentos e preceptivas da época, o teatro era, desde o final do século XVI, amplamente praticado em todas as regiões do império pelas companhias dramáticas, seja nos centros das cidades, nas vilas, nas cortes ou nos currais de comédia. Segundo críticos como Francisco Florit-Durán (1999) e Victor Dixon (1994), frequentar os espaços em que eram encenadas e assistir às peças era uma prática de todos os membros da sociedade, dos nobres aos comerciantes e camponeses. Dentre todos os subgêneros classificados, trataremos, nesta apresentação, da comédia palatina. Em linhas gerais, nessa comédia, a ação se organiza a partir das inadequações e aspirações dos membros da corte e do campo, oferecendo aos espectadores e leitores um panorama das relações sociais do século XVII. Buscaremos compreender, desta forma, como esse subgênero se relaciona com os ‘tratados de cortesania’ espanhóis, oferecendo modelos e exemplos da dinâmica e prática cortesã. Tomaremos, como objeto de análise, a comédia *El Vergonzoso en palacio*, de Tirso de Molina, publicada pela primeira vez em 1624 na obra Cigarrales de Toledo.

“A doutrina dos ciclos” e “O tempo circular”: elogio e vitupério nos ensaios de Jorge Luis Borges

Ana Helena Barbosa de Oliveira (UnB)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo apresentar como o autor argentino Jorge Luis Borges trabalha o elogio e o vitupério em dois ensaios estreitamente relacionados, ambos parte do livro *História da Eternidade*: “A doutrina dos ciclos” e “O tempo circular”. Busca também demonstrar como Borges faz uso da argumentação aristotélica apresentada por Olivier Reboul em seu livro “Introdução à Retórica”, especialmente do quarto argumento, onde o orador é capaz de se colocar contra e a favor sobre um mesmo tema. Como fica evidenciado pelos títulos, os ensaios trazem como tema central uma discussão que sempre foi cara ao autor: o tempo, tanto cronológico (*Cronos*), como o tempo oportuno (*Kairós*). Para abordá-los, Borges utiliza o tipo essencial do gênero epidíctico: o elogio e o vitupério. Em “A doutrina dos ciclos”, o autor dedica-se a vituperar a teoria defendida por Friedrich Nietzsche, trazendo argumentos contrários; já

em “O tempo circular”, Borges adota um tom mais ameno para abordar a teoria. Para dar estrutura a seus argumentos, o autor utiliza várias figuras retóricas: de ritmo, de sentido com tropos simples e tropos complexos, de construção e de pensamento. Com a combinação desses elementos, é possível criar na audiência (nesse caso o leitor) o efeito de indecisão diante da teoria abordada.

A imagem de Don Antonio de Solís como autor construída pelas artes retórica e pictórica na edição de 1704 da *Historia de la conquista de México*

Deolinda de Jesus Freire (UFTM)

Resumo Para os séculos XVII e XVIII, o gênero histórico é composto por discursos fabricados, fundamentalmente, pela arte retórica. A narração da História é constituída por diversos subgêneros como, por exemplo, a crônica, que narra a história dos tempos; os comentários e os diários, incluídos nas efemérides, que narram as coisas no tempo de um dia; o jornal, efeméride mercantil; os anais, comentários dos anos; e as vidas, que narram as ações de santos e heróis, fornecendo exemplos virtuosos a serem imitados. Nosso propósito nessa comunicação é ler retoricamente o subgênero vidas do cronista Don Antonio de Solís, autor da *Historia de la conquista de México*, publicada pela primeira vez em 1684 em Madri. Na edição de Bruxelas, de 1704, ornada com gravuras, o texto “Vida de Don Antonio de Solís y Ribadeneyra”, escrito por Juan de Goyeneche, é reproduzido como forma de elogio, também fúnebre, ao lado da imagem pictórica do cronista em forma de vinheta. O discurso e a gravura, em uma competição de artes, ostentam a sublime existência e a dedicação às letras de Solís como autor, função que só pode ser certificada, nessa época, pelos homens discretos. Nossa leitura considera, a partir de Foucault (2006), que o autor nasce no ato da leitura, pois não se trata de um conceito, mas uma função, e esta é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. A imagem louvável, construída no discurso do subgênero vidas e na gravura, contribui para que Solís tenha um futuro de glória e fama como cronista, permitindo que ambas – glória e fama – sejam estendidas à conquista que narra, ao herói que a concretiza e à sua nação.

A imitação em Alexandre de Gusmão

Isabel Scremin da Silva (USP)

Resumo Alexandre de Gusmão (1629-1724) assumiu, durante a conturbada transição dos séculos XVII e XVIII na América Portuguesa, cargos diversos enquanto jesuíta: desde mestre de Humanidades e instrutor de noviços, até provincial da Companhia de Jesus e fundador do Seminário de Belém da Cachoeira, o inaciano foi responsável por significativo número de impressos, os quais não só circulavam no Recôncavo baiano e em toda a Província brasílica, mas também atravessavam o Atlântico. Imerso nos preceitos retórico-poéticos de seu tempo, Gusmão baseava toda sua produção na imitação – imitação que não se restringia a uma simples cópia imprudente de clichês, senão a uma atualização circunstancialmente localizada, obediente ao passado da tradição e ao presente da experiência, que fundamentavam tanto o “ethos” de Gusmão enquanto representante insigne da ordem de Loyola, quanto seus impressos como práticas letradas reguladoras dos hábitos de sua audiência. Fazendo de seus tratados espirituais (*Escola de Bethlem*, 1678; *Arte de crear bem os filhos*, 1685; *Meditações para todos os dias da semana*, 1689; *Rosa de Nazareth*, 1715; *Eleyçam entre o bem, & mal eterno*, 1720; *O Corvo, e a Pomba da arca de Noé*, 1724; *Arvore da vida, Jesus crucificado*, 1724) e de sua narrativa ficcional (*Historia do Predestinado Peregrino, e seu irmão Precito*, 1682) unidades compostas pelo acúmulo de autoridades, reunidas por meio do engenho do artífice que dispunha e organizava suas referências para demonstrar, provar e evidenciar seus argumentos, assemelhando-as em suas dissemelhanças e fazendo-as rodar nas voltas concêntricas de sua argumentação, Gusmão via-se como Zêuxis ao pintar o retrato de Helena através da imitação das partes de muitos exemplos. A passagem é citada pelo jesuíta, e a esta comunicação serve ela de mote, onde pretendo abordar a noção de imitação para Gusmão, trazendo passagens de seus impressos e, se possível, passando por seus gêneros.

A lógica da finitude em Antônio Vieira: a retórica dos “exercícios mortais” na domesticação do corpo negro

Felipe Lima da Silva (UERJ)

Resumo Esta comunicação pretende adentrar o campo das questões sociais em torno do eixo temático da escravidão, no tempo histórico de Antônio Vieira, a partir de um ponto de vista que entende o tópico em foco como indissociável das propostas religiosas da Igreja pós-tridentina. Propomos pensar que a escravidão, largamente presente nos sermões de Vieira, deve ser entendida como um lugar-comum da “retórica da morte” ensaiada pelo pregador, que, por meio da pregação consoladora, dirige-se aos mais decisivos agentes da empresa colonial – os africanos escravizados – definindo-os como “peças-chave” para a eficácia do plano salvífico e para a plena consolidação do Império português. Essa abordagem busca discutir ainda a natureza antissolar associada aos africanos e à sua cultura na discussão desse tema dentro da obra de Vieira. Assim sendo, caberá elementarmente repensar algumas posições retórico-político-teológicas na sermonística do inaciano no que tange ao discurso salvacionista dirigido aos negros, assim como refletiremos de que modo esse discurso encerra um conjunto de práticas que se pode definir como “exercícios mortais”, os quais ditam ao Outro a forma como pensar a vida, a morte e sua própria condição como engrenagem de um sistema que aventa a tese da servidão voluntária como causa fundamental para a domesticação dos corpos negros.

A mathesis entre a Inventio e a Elocutio em “Agudeza y Arte de Ingenio” de Baltasar Gracián

Lucas Bento Pugliesi (UFRJ)

Resumo Intentando pensar a singularidade do tratado de retórica “Agudeza y Arte de Ingenio” (1642) de Baltasar Gracián, perpassaremos sua proposição da invenção de uma nova sede para a “agudeza”, entendida como a arte engenhosa de aproximar, com adequação, figuras de pensamento e figuras de elocução. Como os outros retores, Gracián entende que há uma partição da arte retórica entre

a *Inventio* (a arte de compor argumentações a partir de loci, auctoritates etc) e a *Elocutio* (a arte de ornar e dispor das palavras segundo um ordenamento determinado), contudo o jesuíta aragonês propõe uma particular forma de encontro entre ambas esferas. Isto é, como pretendemos ler, Gracián visa propor uma arte da conjugação ordenada entre a *Inventio* e a *Elocutio*, ou em termos mais amplos, entre a dialética (para a invenção argumentativa) e a eloquência (para a ornamentação da linguagem). Isto implica inventar uma espécie de saber prático e ordeiro que estabelece vínculos necessários entre conceitos e sua. Nesse sentido, intenta-se flagrar como a proposição de uma arte que colige, de modo necessário, o complexo do silogismo (lógico) e a ornamentação (retórica) parece responder a inquietações mais gerais da epistémé seiscentista flagrada por Michel Foucault em “As Palavras e as Coisas” (2000). Para Foucault, o século XVII assistiria um processo de desontologização da linguagem, o que implicaria uma redefinição das maneiras de estruturar o conhecimento. A lógica vigente não seria mais a da analogia, mas a da consecução de cadeiras lógicas em regimes de matematização e previsibilidade de possíveis. Com isso, espera-se ler o tratado de Gracián, e suas consequências para uma teoria do conhecimento à luz desse processo.

A Ornamentação Livre da música barroca italiana e a virtude elocutiva do Ornato

Roger Lins de Albuquerque Gomes Ribeiro (USP)

Resumo A ornamentação livre, um dos mais importantes diferenciais do estilo musical italiano do século XVIII, é uma técnica utilizada para enriquecer o discurso melódico de uma obra, por meio da inserção de ornamentos musicais, especialmente em trechos mais lentos da música. Na maior parte dos casos, os ornamentos não são previamente indicados pelo compositor na partitura, mas é esperado que o intérprete os adicione. No século XVIII, a música era entendida como um “discurso de sons” (MATTHESON, 1739), e a performance musical era comparada à declamação de um orador (QUANTZ, 1752). Considerando essa relação, é possível compreender a ornamentação livre no espectro mais amplo das virtudes elocutivas. O verbo ornamentar é derivado do verbo latim *ornare*, que significa guarnecer um

exército ou uma frota. Quintiliano compara o ornatus (ornamentação) com o brilho de uma arma ou relâmpago: segundo o retor, o que assusta as pessoas é o brilho, e não o potencial de ferir ou matar. Assim, o brilho é que comove o público, e um discurso sem ornamentos é como um raio sem brilho. No escopo da retórica, o ornatus é uma das quatro virtudes elocutivas, ao lado de puritas, perspicuitas e decoro. Segundo Bartel (1997), “é nesta ‘Virtude’, ornatus, que as figuras retóricas e tropos encontram seu lugar.” Garavelli (1988) destaca “sua enorme gama de distinções e seu desenvolvimento histórico autônomo”, enfatizando a atenção especial dada ao ornatus dentro do estudo da retórica. O objetivo principal desta comunicação é discutir a ornamentação livre na música do compositor italiano Arcangelo Corelli (1653-1713), auctoritas do estilo musical italiano do período, no âmbito da elocutio, considerando sua relação com as demais virtudes elocutivas, especialmente o decoro. Este foi o tema da minha dissertação de mestrado, concluída em 2020.

A retórica deliberativa no canto III de *Os Lusíadas*

Lourival da Silva Burlamaqui Neto (UFPE)

Resumo Este trabalho propõe que a retórica deliberativa perpassa o canto III de *Os Lusíadas* (1572). O gênero deliberativo – teorizado na antiguidade por Aristóteles, Cícero, Quintiliano, dentre outros retóricos – era o ideal para as assembleias políticas e visava persuadir a audiência à tomada de uma decisão prática. Esse convencimento da plateia provinha da apresentação de feitos do passado, o que induzia os interlocutores a esperarem resultado semelhante para a decisão que estavam prestes a tomar. Pode-se afirmar, então, que a retórica deliberativa expunha o passado para conduzir a um futuro similar. O canto III de *Os Lusíadas*, por sua vez, narra a história da primeira dinastia portuguesa, a casa de Borgonha, expondo a regência dos nove Reis pertencentes a essa linhagem. No seu contexto de produção, à medida que apresentava tais dirigentes, esse canto do poema épico induzia D. Sebastião – interlocutor a quem a obra fora dirigida – a ações semelhantes àquelas dos primeiros Reis. Para tornar essa natureza persuasiva do canto III mais verossímil, será demonstrado, a partir da leitura da *Chronica d’El Rei D. Sebastião* (1586; 1903)

de Frei Bernardo da Cruz e dos Apontamentos sobre a vida del Rei dom Sebastião (1616?) de Frei Amador Rebello, que a apresentação dos antepassados ao jovem Rei era uma das estratégias que seus preceptores utilizaram com frequência para educá-lo, não se tratando de uma especificidade da poesia camonianana. No curso da apresentação, também se mencionará os trabalhos *O Sistema da poesia épica* quinhentista (1999) de Hélió Alves e *La retórica y Os Lusíadas* (2002) de Alfonso Martín Jiménez (2002), obras que já associaram o épico de Camões à retórica clássica.

**A *Teutsche Rhetorica oder Redekunst* de J.M. Meyfart
e *Der vollkommene Capellmeister* de J. Mattheson:
pontos de contato entre a *actio* retórica e a *actio* musical**

Stéfano Paschoal (UFU)

Resumo A *Teutsche Rhetorica oder Redekunst* (1634) foi escrita por Johann Matthäus Meyfart e é parte do conjunto de obras escritas na Alemanha do século XVII pertencentes ao cultivo da língua. Este movimento cultural, expressivo na Alemanha por meio das academias, principalmente durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), incentivava sobretudo o fortalecimento do vernáculo. As academias visavam à formação de língua e literatura nacionais, como ocorrido anteriormente, por exemplo, na Itália (cf. *De vulgari eloquentia*, de Dante Alighieri (1265-1321)) e na França (cf. *Défense et illustration de la langue française*, de Joachim Du Bellay (1522-1560)). Com seu atraso em relação a outros países da Europa ocidental, a Alemanha passava a ter, para a formação de sua literatura a partir da imitatio (leia-se aemulatio) a literatura clássica greco-romana e a literatura produzida nos países vizinhos. É nessa atmosfera de efervescência cultural e de emulação que surgem as retóricas ou poéticas alemãs escritas em língua alemã, sendo a primeira delas, e mais difundida, *Buch von der deutschen Poeterey* (1624), de Martin Opitz (1597-1639). A Retórica de Meyfart, um exemplar da recepção da retórica latina na Alemanha, tem em sua estrutura uma curiosidade em relação a outras retóricas literárias: possui uma parte dedicada à Actio ou Pronuntiatio. Esta parte tem sido utilizada com frequência em minhas pesquisas para demonstrar as relações entre música e retórica em tratados do

século XVII e da primeira metade do século XVIII, no tocante à formação de uma actio musical. Nesta comunicação, mostraremos pontos de contato entre a sexta parte do Livro I da obra *Der vollkommene Capellmeister* (1739) de Johann Mattheson (1681-1764), que trata da arte dos gestos e, conseqüentemente, de uma actio musical, e o discurso sobre a actio retórica propriamente dita, conforme apresentada por J. M. Meyfart em sua obra *Teutsche Rhetorica oder Redekunst*.

Aspectos da dramatização em João Guimarães Rosa: pirlimpisquice

Fernando Martins Lara (UNIFESP)

Resumo O teatro, no gênero híbrido desenvolvido pela prosa de João Guimarães Rosa, ocupa lugar central a partir da materialização das personagens em torno de sua oralidade e marcas específicas de seu modo de ser, ou seja, de seu ethos. Subvertendo os estilos oratórios, configurando seu auditório presente, hibridiza Rosa também elementos laudatórios, forenses e políticos. Tem por objetivo esta comunicação apresentar aspectos dessa aproximação entre retórica e teatro no substrato metalinguístico empregado pelo grande contador de histórias mineiro em algumas de suas reflexões acerca do valor da Arte. Teatro e metafísica formam continuidades na cosmovisão filosófica rosiana, de maneira que as reflexões sobre os papéis sociais, o alcance do discurso, o mágico, o linguístico e o literário confluem na mesma caudalosa imagem simbólica, múltipla e plurifacetada, ambígua embora comum. Misturando aspectos cômicos e trágicos, oscilando entre “oração fúnebre”, o “panegírico”, a “apologia”, busca a arguição de Guimarães construir um lugar privilegiado, presentificado, que subverte as tópicas de que se serve. Para tanto, o objeto desta apresentação é ressaltar certas propriedades da montagem de cena empregadas por Rosa em “Pirlimpisquice”, “Partida do audaz navegante”, “São” Marcos e singelas passagens de *Grande Sertão: Veredas* para que se entenda a proposital mistura formal, da qual, se é possível delimitar predomínio de um sobre os demais, confunde os gêneros Laudatório e jurídico com o político.

Como ler a poesia satírica atribuída a Bocage

Marcelo Lachat (UNIFESP)

Resumo Não há, evidentemente, um jeito certo de ler poesia. Os poemas são lidos (ou ouvidos) de diversas maneiras nos diferentes tempos históricos em que circulam. No caso da poesia satírica portuguesa, a circulação, até fins do século XVIII, deu-se, sobretudo, de forma oral. Em sua absoluta maioria, os poemas satíricos compostos durante o chamado Antigo Regime não foram impressos no seu tempo de produção, mas ficaram (poucos deles) registrados em manuscritos, observando-se, com frequência, variações textuais e divergentes atribuições de autoria. Por isso, é difícil ler e compreender hoje, de modo historicamente apropriado, esses poemas. Tal dificuldade de leitura e compreensão se mostra evidente, em particular, na fortuna crítica sobre a produção poética de Bocage (1765-1805). Como se sabe, a principal coletânea impressa da sátira bocagiana foi publicada por Inocêncio Francisco da Silva, quase 50 anos depois da morte do poeta, intitulado-se “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas” (1854). De modo geral, os estudiosos dessa poesia leram-na anacronicamente, pautando-se por critérios românticos, modernos, pós-modernos e contemporâneos que lhe são impróprios, tais como “gênio”, “originalidade”, “subjetividade” e “transgressão”. Assim, a leitura crítica “tradicional” – isto é, desde a segunda metade do século XIX – dos poemas satíricos atribuídos a Bocage tem ignorado o fato de que essas composições seguem modelos e preceitos poéticos e retóricos. Propõe-se esta comunicação, portanto, com o objetivo de discutir a sátira bocagiana com base em noções poéticas e retóricas que lhe são pertinentes, a fim de entender adequadamente seu gênero e sua “auctoritas”.

Das impossibilidades e dos desencantos nas poéticas de Manuel Maria du Bocage e Manuel Inácio da Silva Alvarenga

Flavia Pais de Aguiar (UFF)

Resumo Esse trabalho propõe investigar de que maneira ocorre uma aproximação entre os poetas setecentistas Manuel Inácio da

Silva Alvarenga (1749-1814) e Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805), no âmbito dos poemas que prenunciam aspectos relativos à desilusão, desencanto ou desengano provenientes das impossibilidades de concretização de ideais políticos, considerando que na produção de ambos, resguardadas as diferenças, a atividade politicamente engajada abre espaço para que se perceba a construção de um conturbado estado d'alma afinado à estética pré-romântica, cujas marcas de dramaticidade subjetiva intensa refletem o paradoxo entre ideais de liberdade e modelo político vigente na sociedade lusitana setecentista. Isso posto na expressão artística deflagra uma “opressão, violência que em todos os sentidos se reparte” (BOCAGE, 2018, tomo I, p. 310), e que pode ser percebida a partir da escolha e da construção lexical cujo campo semântico contorna a concepção de censura, de cerceamento. Desse modo, verifica-se, por um lado, a condição de desencanto advinda tanto do cárcere quanto da descrença no processo civilizatório do poeta, Professor Régio e ilustrado Silva Alvarenga. Por outro lado, ecoa a indisciplina e subversão social de Bocage, poeta que dedicou parte de sua vida à carreira militar e aos estudos científicos e naturais, contudo, rendeu-se à boemia e à má conduta social, vivendo também em realidade de cárcere e exílio. Assim sendo, considerando o que Antonio Candido verificou em Silva Alvarenga, e que também se aplica a Bocage, como sendo “impulsos naturais (correspondentes) a verdades mais fundas que as da razão”. (CANDIDO, 2007, p. 142), busca-se perceber como as experiências de sujeitos que escrevem desdobram-se nas experiências de sujeitos líricos, seja como voz poética que denuncia a estreiteza da vida, seja como pastor lírico desencantado com o amor.

Discutindo os arquétipos femininos: uma abordagem sobre a sátira licenciosa atribuída a Gregório de Matos

Patricia Bastos (UERJ)

Resumo Observando as imagens produzidas na construção das personagens femininas presentes na obra atribuída a Gregório de Matos, é possível notar que a sua poesia mostra faces distintas, através da lírica amorosa e da sátira licenciosa. Esta abordagem irá apresentar o segundo tipo de poema: o satírico – poesia de amor obscena,

na qual Gregório destaca o amor físico através do uso de uma linguagem misógina e vulgar, associado ao material e ao carnal –, normalmente direcionado a mulheres negras e mestiças. Atendendo a essa perspectiva, o objetivo desta comunicação é, por meio de poemas selecionados, analisar a configuração do retrato feminino na poesia satírica atribuída a Gregório de Matos, considerando o uso de metáforas recorrentes e estruturadas na sátira licenciosa, assim como, a importância de um olhar que não subestime o lugar do corpo e da anatomia nas letras seiscentistas. Desse modo, será realizado um breve exame das letras coloniais e da sociedade luso-brasileira do século XVII, investigando a recepção da poesia atribuída ao poeta baiano a partir de uma sociedade patriarcal e misógina. É fundamental, portanto, observar a concepção da imagem feminina presente nessa poesia como um retrato não só plástico e (ou) discursivo, mas também social e cultural, reconhecendo as idiossincrasias da sociedade receptora do discurso em questão. Pretende-se, através dos questionamentos desenvolvidos ao longo da comunicação, revitalizar discussões ainda presentes no que diz respeito aos arquétipos femininos.

Epitáfio e memória em melpómene, de Francisco de Quevedo

Luzia Silva Pinto (UESB)

Marcello Moreira (UESB)

Resumo Propõe-se discutir a relação entre epitáfio, monumento e memória, na Espanha monárquica, dos séculos XVI e XVII, na qual se efetuou a produção da poesia fúnebre do poeta espanhol Francisco de Quevedo. Para fins desse estudo, analisar-se-á um epitáfio laudatório, integrante da Melpómene do aludido poeta, com o fito de compreender como estão, nele, articulados o topos poético da perenidade da poesia, sumarizado no verso “Exegi monumentum aere perennius”, imortalizado por Horácio, na sua primorosa Ode 3.30, bem como as tópicas próprias do gênero “epitáfio” como, por exemplo, a “admoestação ao passante” e o louvor dos homens ilustres que compunham o estamento aristocrático da monarquia espanhola quinhentista e seiscentista, cujos feitos são dignos de se tornarem memória poética pelo agenciamento de um faber, o Poeta.

Dito isso, cumpre pôr plenamente a claro que a poesia fúnebre produzida pelo poeta do Siglo de Oro, cujo epitáfio será aqui analisado, vincula-se a uma tradição retórico-poética que especifica os gêneros e as espécies discursivas, assim como os tipos a serem representados por meio deles, representação essa reforçada pela retórica epidítica, fomentando, desse modo, uma relação estreita entre morte, memória, teologia, política e poesia, no Estado monárquico espanhol, ao qual pertenceu Quevedo. Com vistas a garantir a inteligibilidade do estudo que aqui se pretende empreender, perscrutar-se-á tratados retórico-poético-teológico-políticos, escritos pelos antigos, e atualizados no supracitado recorte temporal. Por fim, da análise aqui encetada, mediante articulação entre poética e retórica demonstrativa, não foi forçoso constatar que a poesia fúnebre quevediana tem, portanto, uma finalidade didática e moralizante, já que, por meio do memento mori, ensina que uma vida bem vivida, sobretudo em consonância com a vontade cristã, culmina, por conseguinte, numa boa morte.

Exercícios retóricos na “História da Província de Santa Cruz”, de Pero de Magalhães de Gandavo

Manoela Freire Correia (UESB)

Resumo Tomando como base o capítulo intitulado: “Do monstro marinho que se matou na capitania de São Vicente no ano de 61”, da “História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”, de Pero de Magalhães de Gandavo, temos por objetivo demonstrar como esse escrito pode ser analisado à luz de uma tradição poética e retórica de composição de vários gêneros de discurso. A “História da Província” é uma das quatro versões ou quatro etapas de escrita da obra de Gandavo e foi preservada num manuscrito da Biblioteca do Mosteiro do Escorial, sendo dedicada ao governador de Malaca, D. Leonis Pereira. Tal escrito reconstitui modelos e atualiza normas que orientavam as práticas discursivas no Quinhentos, como demonstraremos. Assim sendo, salientamos que o referido capítulo da obra será analisado com o intuito de encontrar alguns dos expedientes discursivos elencados por Aftônio, Hermógenes, Menandro, dentre outros retores gregos que produziram Ejercicios de Retórica.

Ademais, far-se-á necessário trazermos à baila outros relatos que dão notícia do aparecimento do monstro na dita Província, os quais eram coetâneos do de Gandavo. Com isso, evidenciamos a necessidade de ler a obra em destaque retoricamente, levando na devida conta o período histórico em que ela foi produzida e os preceitos poético-retóricos e teológico-políticos que a regraram, num esforço de expor as práticas de representação do século XVI.

Fábulas, Epílios e Romances

Leonardo Zuccaro (USP)

Resumo A definição do suposto gênero das “fábulas mitológicas”, o qual foi praticado sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, desde a publicação da obra “Fábulas Mitológicas en España” (1952) de José María de Cossío tem tomado um espaço significativo entre as discussões do campo dos estudos concernentes ao chamado “Siglo de Oro”. A filologia hispânica dos últimos 30 anos, encabeçada por nomes como Mercedes Blanco, Jesús Ponce Cárdenas e Sofie Kluge, ao eleger como poema paradigmático a “Fábula de Polifemo y Galatea” de D. Luis de Góngora, apresenta o gênero como uma espécie da Épica, propondo que o termo “fábula mitológica” seja substituído por “epílio”, e dão como uma de suas definições substanciais a métrica. Com isso, pesquisadores e críticos atualmente tendem a excluir deste gênero poemas que tenham sido compostos na forma de romance, por exemplo, e somente incluem poemas que o sejam em oitavas, considerando como pacificada a discussão genérica. Esta comunicação tem o intuito de apresentar justamente a problemática que há nesta filiação do gênero a uma das espécies de épica, sobretudo quando observada sob a lente das discussões sobre o poema heroico em Torquato Tasso e em alguns comentários coevos ao poema de D. Luis de Góngora. Para o bem da evidência, serão apresentados exemplos poéticos que não sejam composições em oitavas.

Gênero epidítico na “Relação da missão da serra da Ibiapaba”, do Padre Antônio Vieira

Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos (UNIFAP)

Resumo O texto “Relação da missão da serra da Ibiapaba”, escrito pelo padre Antônio Vieira em 1660, inclui-se numa panóplia de textos do autor escritos para defender as missões jesuíticas na vasta região amazônica (em uso a edição da Obra Completa do Padre Antônio Vieira, volume da Varia-Escritos sobre os Índios, 2014). Assente nas preceptivas retóricas de Seiscentos, o texto trabalha com os gêneros demonstrativo (ou epidítico), deliberativo e judiciário. A base teórico-metodológica são os conceitos desenvolvidos por autores clássicos como Aristóteles, na obra *Poética* e *Retórica*, Quintiliano, em *Instituição oratória* e Cícero, em *Do orador*. O gênero deliberativo permite observar o caráter persuasivo do texto, cujo principal objetivo é manter o financiamento das missões por parte da Coroa portuguesa. O texto de Vieira traz no bojo elementos históricos, geográficos e etnográficos de Ibiapaba e inúmeros embates dos jesuítas com os índios tabajara. Para além dos autores clássicos supracitados, o artigo tem como base os estudos sobre os gêneros retóricos de Melina Rodolpho (2014), Cleber Felipe (2015), Fernanda Santos (2018; 2019), Rosane Guedes (2014), Laurent Pernot (2000) e no âmbito do estudo dos textos de Vieira, Luís Filipe Silvério Lima (2009), João Adolfo Hansen (1993; 2006; 2017) e Guilherme Amaral Luz (2018).

Ideais ciceronianos em *O mestre-de-capela perfeito* de Johann Mattheson (1739)

Monica Isabel Lucas (USP)

Resumo No mundo Reformado dos sécs. XVII e XVIII, escritos que discorrem sobre a música poética – ou composição musical –, emprestam sua sistemática e terminologia das retóricas e poéticas da antiguidade greco-latina. Estes textos musicais têm em comum a noção de que a música seja análoga ao discurso verbal, sendo ambos sujeitos às regras da retórica, e de que sua finalidade seja ensinar, deleitar e mover o ouvinte, adequando-se às circunstâncias de público,

ocasião e lugar. A descrição mais abrangente e detalhada desta concepção musical é representada pelos escritos de Johann Mattheson (1681-1764), músico, diplomata e homem de letras. Dentre estes escritos, destaca-se seu último tratado musical: *Der Vollkommene Capellmeister* (“O Mestre-de-Capela Perfeito”), de 1739. Esta extensa obra é considerada, desde sua publicação, como sendo referencial para o estudo da música sob a perspectiva da poética e da retórica. Um exame mais atento a *Der Vollkommene Capellmeister* revela similaridades estreitas com retóricas latinas, em especial o *Orator* e o *De Oratore* ciceronianos, além da *Institutio Oratoria* de Quintiliano. Ao transpor preceitos dessas oratórias latinas para a música, Mattheson apresenta uma teoria fundamentada na invenção musical a partir do emprego de lugares-comuns dispostos segundo esquemas claramente formulados e apresentados de maneira lisa ou ornada (verba), de acordo com o decoro da matéria e da ocasião, o estilo e a autoridade emulada. Na presente comunicação, concentrar-nos-emos na discussão de Matheson sobre a perfeição musical, evidenciando como seu texto emula as premissas ciceronianas a este respeito.

Invenção meditativa: a prática da meditação como retórica literária numa conversa entre sonetos

Guilherme Cunha Ribeiro (UFMG)

Resumo Este trabalho pretende estudar de que maneira as poéticas do contemporâneo Jacques Roubaud (1932) e do seiscentista Jean du Clicquet de Flammermont (s/ data, [seu texto é provavelmente de 1601]) usam o tema-forma da “meditação”. Mary Carruthers, em “A técnica do pensamento” (2011[1989]), entende a “meditação”, no contexto do monasticismo medieval, como uma técnica retórica centrada na invenção e cuja finalidade é possibilitar e organizar o pensamento sobre o divino. Desse modo, o objetivo é esclarecer o que é esta técnica, a partir da discussão de Carruthers, e em que essa técnica se transforma quando, retirada do contexto monástico, torna-se alguns séculos depois a regra composicional para os autores envolvidos no repertório da chamada “poesia de meditação” francesa, de fundo religioso, que marca o século XVII e na qual Flammermont se inclui. Na sequência, busca-se contrastar a poética seiscentista com

o modo pelo qual ela é lida e usada por Jacques Roubaud, numa série de sonetos chamada “Square des Blancs-Manteaux, 1983/ Méditation de la mort, en sonnets, selon le protocole de Joseph Hall”, do livro “La forme d’une ville change plus vite, hélas, que le cœur des humains” (1999), em que a referência às “meditações” se evidencia desde o título por intermédio do bispo inglês Joseph Hall (1564-1656). A leitura comparada se assenta sobretudo em dois sonetos, o de Flammermont, “Les fidelles pour Juge ont le Dieu des vengeances”, e o de Roubaud, citação e contrafação do anterior, “Les Étoiles pour Juge ont le Dieu des Lumières”. A hipótese é de que há um progressivo esvaziamento do fundo religioso, ao mesmo tempo em que há a permanência da técnica da meditação como artimanha retórica, do ponto de vista tanto da memória quanto da disposição, a compor e organizar o sentido.

Musas modernas: Hugo, Baudelaire, Mallarmé

Sergio Alexandre Novo Silva (UFRJ)

Resumo A importância do recurso às musas no espaço da literatura ocidental foi pontuada por Ernst R. Curtius em extenso ensaio de seu célebre *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (1948, “As Musas”). Ali, o filólogo alemão ressaltou que estas se caracterizam como “constantes formais” que representavam, na tradição clássica, as próprias “forças vitais” da poesia. É já um clichê a referência às musas como estes seres divinos, femininos, que são as verdadeiras vozes das artes: as vozes que sedimentam a inspiração do poeta, demonstrando que a sua verdadeira ocupação era a de transmissor de uma mensagem divina. A tradição clássica estabelece por vezes as musas como descendentes da memória, o que colocaria toda investigação nesta direção num mesmo trajeto em vias disto que Aleida Assmann chamou de “espaços da recordação” (2006). Foi também Curtius quem notou, no entanto, que, durante a modernidade, o eventual uso de tal recurso é a marca de um certo discurso da “decadência” ou da “esterilidade” poética (“T. S. Eliot”, 1949 In: *Ensaio de Literatura Europeia*), dada a crescente desconfiança em meados do século XIX em relação ao lugar divinizado do escritor. Assim, buscando aprofundar o debate no que toca às musas na modernidade, proponho um levantamento de

algumas passagens críticas na obra de três escritores que marcam a virada da poesia romântica para a poesia moderna em território francês – Victor Hugo (1802-1885), Charles Baudelaire (1821-1867) e Stéphane Mallarmé (1842-1898). O presente trabalho se insere no simpósio através do eixo da “presença dos preceitos de Retórica e Poética nos séculos XIX e XX”, e procura não postular uma linha genealógica ou cronológica dos modos de expressão, e sim pensar como estes se formam e emergem como discursos poéticos de crise, sem deixar de atualizar a presença de certos fantasmas poéticos da antiguidade.

O “modus digressivus” em “Sobre a infinidade do Amor” de Tullia d’Aragona

Daniela dos Santos (UNICAMP)

Resumo “Sobre a infinidade do amor”, de 1547, atribuído a Tullia d’Aragona (Roma 1508?- 1556) faz parte do conjunto de diálogos escritos em língua vulgar, na península itálica, no século XVI, que introduziu uma dupla modificação frente à tradição dialógica, como aponta Yves Hersant em edição francesa da obra. A primeira refere-se à inserção de aspectos lúdico e civil, característicos da conversação civil; a outra corresponde ao cruzamento do gênero dialógico com o da comédia, resultando em cenas cômicas e reflexões filosóficas sobre o amor que se retroalimentam. Além disso, do modelo propriamente platônico de Tullia, desenvolve-se uma forma ou “modus tractandi” peculiar. O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura dos recursos retórico-poéticos empregados na progressão dramático-narrativa do diálogo, identificando o “modus digressivus” como o procedimento mais latente e que resgata a acepção retórica que aparece em fontes antigas e em Dante – enquanto técnica “utilis” e “pertinens”. Verifica-se que o método de desvios, avanços e regressos em “Sobre a infinidade do amor” potencializa o gênero dialógico no âmbito da conversação civil. Ao suspender ou adiar a determinação teleológica, finalista do debate, isso é realizado em favor do prazer civil do encontro ou da companhia – orientado para agradar aquele com quem se trata ou a quem a obra se destina –, que, no caso de Tullia, ganha uma extensão particular para o espaço do erotismo.

O conceito de Gosto em Francesco Geminiani (1687-1762): uma abordagem aristotélica

Marcus Vinicius Sant'Anna Held Neves (USP)

Resumo Francesco Geminiani (1687-1762) foi um violinista italiano, de orientação corelliana, que se radicou na cosmopolita cidade de Londres, em 1714. Conforme demonstram as fontes primárias e secundárias, Geminiani foi, rapidamente, considerado não apenas um grande artífice, mas também um professor renomado na Ilha – reputação esta sustentada ao longo de sua vida. Dentre seus diversos alunos, podemos mencionar os britânicos Matthew Dubourg (1703-1767), que liderou a estreia do oratório *Messiah*, de Handel, e Charles Avison (1709-1770), cujas ideias em estética musical são de especial interesse na área. Entre 1748 até sua morte, Geminiani se dedicou à elaboração e publicação de diversos tratados e manuais, tanto para profissionais quanto diletantes. Este artigo fornece um panorama do conceito de Gosto em sua obra (tópico recorrente, aliás, no Iluminismo britânico) e de que maneira ele se relaciona com o conceito aristotélico de virtude. No segundo livro da “*Ética a Nicômaco*”, o filósofo grego argumenta que a virtude é a mediania entre dois vícios opostos, e que advém da prática e do cultivo da observação, reflexão, treinamento e emulação. Ideias semelhantes podem ser traçadas na obra tratadística de Geminiani, e poderemos entender de que maneira o autor se posiciona no pensamento filosófico britânico de meados do século XVIII.

O feminino ingenioso na Novena Parte de Lope de Vega

Karenina do Nascimento Rodrigues (UNICAMP)

Resumo A pesquisa tem como objeto a expressão dramática da mulher ingeniosa nas peças impressas de Lope de Vega da *Novena Parte* de 1617 de Francisca de Medina, viúva do impressor Alonso Martin de Balboa. Tal docena (i.e., cânone editorial para fôlio com 12 peças) passou pelo crivo direto de Lope de Vega, e contém rubricas, licenças, elogios, prólogos, cartas ao leitor e ao patrono que nos dão pistas importantes sobre padrões de legibilidades e códigos de relevância

para temas e formas da escrita teatral cômica característica da época, eliminados ou muito alterados nas edições didáticas e críticas dos séculos XX e XXI. Buscamos reconstituir legibilidades intencionadas para os tipos femininos deste conjunto de peças, ponderando a sua conexão com a instituição retórica das “belas letras” do século XVII e como isso configura direções de sentidos para cânones de gêneros, estruturas de enredo, linguagem figurativa dos versos e caracterização dos personagens. Na edição de Francisca de Medina, indiciamos que esses gêneros de peças operam o jogo ou linguagem figurativa de paradoxos a partir de protagonistas femininas nobres que encarnam o feminino ingenioso, como podemos observar no próprio uso da palavra “varona” no título de uma das peças. A questão que se coloca é o quanto o uso figurativo do paradoxo, neste jogo de gêneros (i.e., os papéis de gênero no gênero cômico lopesco), expõe algumas inconsistências de instituições e regras sociais a partir do jogo relacional trópico-temático masculino/feminino na configuração dos enredos, a ponto de tornar insatisfatória a solução apaziguadora que é imperativa do gênero cômico, desafiando o olhar habitual então codificado para o mesmo. Não corroboramos com proposições binárias do tipo anti- ou pró-feminista das tendências recentes de estudos sobre mulheres no corpus dramático lopesco.

O lugar de Marília: a interlocução nas liras de Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga

Heidi Strecker-Gomes (USP)

Resumo O objetivo desta comunicação é discutir o papel de interlocutora atribuído à personagem-pastora Marília em Marília de Dirceu, poema em duas partes do poeta luso-brasileiro Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810). Compreendemos a obra como artefato retórico, derivado das convenções e preceptivas em vigor na segunda metade do século XVIII, que regem a produção letrada do período. Um estudo estatístico mostra que mais da metade das liras da parte I do livro (publicada pela primeira vez em 1792) dirige-se explicitamente a Marília, enquanto na parte II (publicada em 1799) mais de 80% das liras tem Marília como interlocutora, o que permite inferir ser este um aspecto estrutural na composição retórica do poema. Partindo

de uma perspectiva retórico-poética associada a uma análise linguística dos enunciados que configuram o mecanismo da interlocução, estudaremos a interação persona poética/interlocutora em alguns poemas do livro, demonstrando a relação entre a pastora e o cenário bucólico para configurar a situação discursiva de gênero bucólico. Será apresentada também uma análise quantitativa da presença de Marília nas duas partes que compõem a obra, seja como interlocutora explicitamente mencionada, seja referida por meio de epítetos, como “bela”, “ó bela”, “a minha bela”, “a minha amada”, “ó minha amada” que remetem à sua presença.

Práticas de leitura seiscentistas e a Companhia de Jesus

Dario Trevisan (USP)

Resumo Entre os católicos, a cisão religiosa que marcou o século XVI europeu resultou no desenvolvimento, sob influxo do Concílio de Trento (1545-1563), de um aparato supostamente repressivo da leitura cujo instrumento mais conhecido é a versão tridentina do *Index librorum prohibitorum* (1564). No âmbito da Companhia de Jesus, um conjunto notável de textos dialogou com o *Index*, complementando de diferentes maneiras as diretrizes católicas então estabelecidas. Obras como a *Bibliotheca selecta* (1593), de Antonio Possevino (1533-1611), que traçou um cânone catolicamente autorizado, e *De ratione librorum cum profectv legendi libellus*, *Livrinho sobre como ler proveitosamente* (1613), de Francesco Sacchini (1570-1625), *ars legendi* dedicada “ao jovem discípulo de retórica” que especificou práticas de leitura genericamente previstas no *Ratio studiorum* (1599) da Ordem, estabeleceram os jesuítas entre os principais agentes das prescrições católicas sobre a matéria. No caso de Sacchini, sua obra transformou-se em sucesso editorial extraordinário, com consecutivas reimpressões e traduções que se estenderam até o início do século XIX, e balizou as discussões a respeito das práticas de leitura entre os jesuítas no século XVII. Nesta comunicação, proponho que a leitura dos “bons livros”, tal como proposta por Sacchini, é entendida como uma ação que, ao nutrir corretamente o engenho, auxilia na ordenação da vontade do Ser, realinhando criado e Criador, sua Causa e Fim.

Recontextualizando as letras luso-brasileiras do período colonial: ruínas para repensar o presente

Marcus De Martini (USP)

Resumo Neste trabalho, procurarei apresentar meu projeto de pós-doutorado, de mesmo título, que vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão do Prof. Dr. João Adolfo Hansen, e que conta com auxílio de bolsa de Pós-Doutorado Sênior (PDV) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nesse projeto, pretendo trabalhar com os escritos escatológicos de Padre Antônio Vieira por um viés duplo. Por um lado, pretendo investigar seu método interpretativo, a alegoria (*allegoria in factis*), para compreender o uso que fez de profecias canônicas e não canônicas a fim de conceber sua teoria do “Quinto Império”, qual seja, o “Reino de Cristo consumado na Terra”, dando relevo à forma como o Novo Mundo foi acomodado a uma tradição milenar da qual obviamente não fazia parte. Por outro lado, pretendo compreender o influxo da experiência de Vieira nas províncias do Brasil e do Maranhão e Grão-Pará em relação a essa escatologia tradicional. Tal interesse se justifica porque objetivo analisar o papel da conversão dos indígenas (os “bárbaros”, segundo Vieira) no advento desse reino de Cristo no fim dos tempos, ideia mais original do edifício escatológico vieiriano. Assim, os primeiros passos do projeto vêm apontando justamente para a necessidade de maior aprofundamento dessa questão, haja vista a pequena atenção que a crítica especializada tem dado a ela.

Representações do Grão-Pará através da retórica vieirina no sermão do Espírito Santo (1657)

Cassia Sthephanie Cardoso da Silva (USP)

Resumo O objetivo deste trabalho é descrever como o Estado do Grão-Pará pode ter sido representado pelo Padre Antônio Vieira através da pregação no século XVII. Ou seja, observar como o território, cultura, povo, língua é (ou não) referenciado por Antônio Vieira no sermão. Para isso, analisaremos o Sermão do Espírito Santo (do

mencionado jesuíta), proferido no ano de 1657 na Igreja da Companhia de Jesus que se localizava na cidade de São Luís do Maranhão (território do Estado do Maranhão e Grão-Pará). Ao pensarmos na criação representativa dos discursos, utilizaremos como aporte as teorias sobre retórica, incluindo-a como pertencente a tríade: retórica-verossimilhança-representação, analisando como as construções metafóricas podem auxiliar na construção de uma imagem. Portanto, também consideraremos as discussões incitadas por Chartier (2002), Hansen (2000) e Pécora (2008) no que tange à representação. Afinal, a retórica, conforme Hansen (2000, p. 337) explica, é pensada como essa técnica a partir das metáforas e suas proximidades com o jogo de imagem, construindo uma representação mental no ouvinte, ressaltando que “as discussões seiscentistas da agudeza têm por objeto principal a verossimilhança e o decoro da sua aplicação [...]”. Até o final da discussão do presente trabalho, esperamos ter conseguido estruturar um movimento de análise a respeito das características, atribuições e referências que possam englobar o Grão-Pará.

Sobre a abundância de coisas, palavras e músicas

Cassiano de Almeida Barros (UDESC)

Resumo Em 1606, o músico alemão Joachim Burmeister publicou em Rostock sua *Poética Musical* (*Musica Poetica*) com o objetivo de sistematizar o processo criativo musical, constituir material didático para a escola latina onde atuava, difundir esse conhecimento e preservar as práticas musicais vigentes. Esse tratado é reconhecido, desde sua época, pela originalidade da sistematização que propõe e que iniciou uma tradição especificamente luterana de escrita, leitura e interpretação musical, baseada na estreita relação entre poesia e música. Para a formulação dessa sistematização, Burmeister tomou como ponto de partida a ideia de que o espaço da elaboração musical seria aquele da compositio elocutiva das palavras e que essa mesma elaboração devia ser proporcional ao estilo das palavras, de maneira que a música resultante contribuisse para torná-las mais persuasivas. Assim, às palavras compostas em estilo simples, corresponderia uma elaboração musical igualmente simples, ao passo que às palavras em estilo elevado corresponderia uma música igualmente

elevada. Nesses termos, podemos compreender que os diferentes estilos musicais se caracterizariam, em parte, por diferentes estilos poéticos e, em parte, pelas formas particulares de elaboração musical deles, codificadas retoricamente pela tratadística existente. Em seu *Musica Poetica*, Burmeister categorizou uma série de artifícios e técnicas musicais baseando-se nas referências mais próximas e comuns de seu tempo, dentre as quais destaco o *De utraque verborum ac rerum copia* (1512) de Erasmo de Roterdã. Assim como Erasmo reformulou e atualizou em seu tratado os preceitos relativos à abundância de pensamentos e palavras, Burmeister reformulou e atualizou, para o contexto luterano, os preceitos relativos à abundância de artifícios musicais. Nesta comunicação, proponho analisar as relações entre o tratado de Burmeister e o de Erasmo, investigar o caminho das ideias que os unem, suas aproximações e distanciamentos, e conhecer os fundamentos daquilo que se convencionou chamar desde o século XVII de retórica musical.

Técnica literária e método crítico: a terrível simetria de Northrop Frye

José Luiz Coelho Rangel Junior (UERJ)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo apresentar os primeiros passos da pesquisa de Doutorado, iniciada em 2021, acerca da atualidade da crítica humanista de Herman Northrop Frye (1912-1991), no programa de Teoria da Literatura e Literatura Comparada, da UERJ. Propõe-se aqui afirmar a importância da crítica literária encetada pelo crítico canadense como forma de uma retomada dos instrumentos retóricos e analíticos no campo das humanidades e, mais especificamente, na crítica literária, diante dos constantes ataques sofridos e de sua consequente desvalorização dentro e fora da academia. Trata-se, portanto, de uma fase ainda heurística e do trabalho de pesquisa. Ao escrever o verbete “Allegory”, para a *Encyclopedia of Poetry and Poetics*, em 1965, Northrop Frye aponta para uma dupla função da alegoria. Por um lado, a alegoria é uma técnica literária de escrita ficcional, que pressupõe uma narrativa. Por outro, e por derivação desta, a alegoria é um método de crítica literária. Este último será de interesse especial para o presente trabalho,

que visa expor as origens de sua hermenêutica de pensamento, derivada sobretudo da obra de William Blake (1757-1827) e apresentada em sua obra seminal “Fearful Symmetry”, de 1947. A definição de poesia, proposta pelo poeta inglês, pode ser reputada como a compreensão do próprio Frye: “A alegoria endereçada aos poderes Intelectuais, ao passo em que está igualmente escondida do Entendimento Corporal, é Minha Definição da Mais Sublime Poesia” (FRYE, 1947, p. 7). Se a escrita ficcional propriamente alegórica, desenvolve-se a partir de uma narrativa de eventos que possui paralelos com outras estruturas, sejam elas eventos históricos, ideias filosóficas ou fenômenos naturais, algo semelhante ocorre na poesia de Blake, na medida em que esta se aproxima da recriação poética de mitos. Busca-se, a partir disso, apresentar como Frye articula o método alegórico com sua crítica literária.

Simpósio 29**Fabulando o real utópico**

André Carvalho (UFSC)

Guilherme de Figueiredo Preger (UERJ)

Resumo “Realismo capitalista” é o termo de Mark Fisher (2009) para resumir o estilo da exaustão, da esterilidade cultural e do esvaziamento da imaginação transformadora no presente. Franco Berardi (2011) percebe que o século XX foi definido pela crença no futuro, estilizado nas poéticas de diversos modernismos. “Os modernos ainda acreditavam que poderia se conhecer o futuro e fazê-lo obedecer a vontade humana”, escreve o filósofo italiano (2011, p. 38). No entanto, após as sucessivas crises econômicas, sociais e psíquicas promovidas pelos governos “sem alternativas” de Thatcher, Reagan e outros, além da derrocada da alternativa soviética, Berardi nos situa no “pós-futuro”, um cenário que veta a antecipação do vindouro. Ele afirma que estamos vivendo uma “asfixia” e que precisamos de uma “insurreição da linguagem” (2020). Dardot e Laval vaticinam na abertura de *Comum*: “o futuro parece bloqueado” (2018, p. 12). Darko Suvin define a utopia como “um gesto de apontar” (1977, p. 37) e “uma violação dos limites” (1977, p. 32). Raymond Williams liga utopia à declaração consciente de um desejo e ao soar de um alerta (1978, p. 203), atos performativos que dependem da crença no porvir. Mas, se o futuro está bloqueado, como as utopias podem se articular? A imaginação utópica se esvaiu? Utopia e movimento socialista estão profundamente conectados. As utopias literárias do final do século XIX (BELLAMY, 1890; MORRIS, 1908) são a sublimação ficcional de um período de imaginação utópica fervente, por vezes concretizado em experimentos sociais como os de Saint-Simon e Fourier. Durante o período do socialismo real, autores da URSS produziram utopias ficcionais, como *Hard to be a God* (STRUGATSKY; STRUGATSKY, 2015) e *Red Star* (BOGDANOV, 1984). Mesmo após a derrocada do regime, o “experimento” soviético ainda é tema de especulação ficcional, como no romance *Red Plenty* (SPUFFORD, 2010), e a Revolução Cultural chinesa é pano de fundo para a trilogia de ficção científica de Liu Cixin (2014). Em 1890, Edward Bellamy (1890) já imaginava uma rede de comunicação orientada por emissores e receptores conectados por válvulas a vácuo. Vladimir Khlebnikov (1987) escreve em 1921 sobre

“o rádio do futuro”. Tais autores pressentem a utopia da “sociedade em rede”, que nos anos 2000 era defendida por autores como Manuel Castells (2000) e Kevin Kelly (2002). Hoje, o “socialismo digital” (MOROZOV, 2018) permanece uma questão em aberto, conforme é cercado por monopólios de vigilância, empacotamento e venda de dados privados. Mesmo assim, existem aqueles que ouvem o chamado de uma forma diferente de comunicação, capaz de alterar a consciência do possível, como no conto “Story of Your Life” (CHIANG, 2016). O ativismo ecológico organizado na obra de Rachel Carson, *Silent Spring* (2002) dá origem à *Ecotopia* (CALLENBACH, 1975), que funda o gênero de “ficção (científica) climática”. Kim Stanley Robinson continua e atualiza o tema, com *The Ministry for the Future* (2020), obra que mistura tratado científico e ficção especulativa, ampliando o cenário de sua obra anterior (2017) para imaginar formas alternativas de organização coletiva frente à ameaça do aquecimento global. Por outro lado, o transumanismo acredita no momento da “singularidade” quando a humanidade sofrerá um “upgrade” para *Homo sapiens 2.0* (O’CONNELL, 2018) ou para *Homo Deus* (HARARI, 2016). É uma fantasia antiga, que vai desde *Frankenstein* (SHELLEY, 1818) à série de jogos eletrônicos *Deus Ex* (2013). Fredric Jameson, que analisara o conceito e o gênero da utopia (2005), agora se dispõe a apresentar um programa, *An American Utopia* (2016), que daria conta de conciliar as esferas da “necessidade” e da “liberdade” sem a mediação do mercado. O marxista Erik Olin Wright (2010) fala em “utopias reais”, com programas concretos para o presente. Nessa linha, Anton Benanav (2020) discute propostas de realização da abundância articulado à automação do trabalho, sem as ilusões de que a tecnologia e a evolução maquinal resolverão as contradições do capital. Dardot e Laval (2018) recuperam o conceito de “comum” como o gatilho de um movimento político, enquanto Manu Saadia (2016) mobiliza a economia de *Star Trek* (ou “trekonomia”) como modelo de um futuro possível. Esses são alguns exemplos das articulações teóricas e fabulações literárias que o conceito de utopia ainda pode gerar. Como disse Robert Scholes (1975), “não há mais mimesis, apenas poiesis”: para conhecer a realidade precisamos distorcê-la pela criação ficcional. Esperamos, no simpósio, acolher trabalhos que fabulem sobre a persistência do espírito utópico em nossa época, compreendendo o termo tanto no sentido específico de utopia “literária”, quanto como “princípio” ou “impulso” (BLOCH, 2005) presente nas manifestações

cotidianas e em obras insuspeitas. Se a realidade capitalista distorcida se tornou distópica e asfixiante, a fabulação da utopia pode ser a atmosfera que nos retorne à respiração vital.

No país das últimas coisas: superando a distopia

Daniela Barbosa Ribeiro (UERJ)

Resumo O escritor Paul Auster, em seu livro *No país das últimas coisas* (1987), cria uma protagonista se encontra em um país distópico e precisa tirar das ruínas objetos que vai ressignificar para sobreviver e superar sua situação inicial. A própria personagem principal já ilustra esse procedimento. Seu nome, Anna Blume, remete ao poema homônimo do alemão Kurt Schwitters, um artista multimeios considerado um mestre da colagem, cujas origens artísticas remontam ao dadaísmo. O poema, que causou furor à época de sua publicação, é sinestésico e propõe significações diversas, recusando-se a um fechamento interpretativo. Diversas abordagens teórico-filosóficas podem ser evocadas para investigar esse procedimento. O conceito de modos de subjetivação de Michel Foucault, com sua topologia, seus dispositivos, estratos, dobras e resistências, é uma delas. As próprias vanguardas artísticas, como o dadaísmo, o expressionismo, o cubismo, o surrealismo e mesmo o futurismo lidam com as questões dos fragmentos e das novas configurações multifacetadas. Walter Benjamin será igualmente convocado com seus escritos sobre a teoria da história, Baudelaire e seu trabalho sobre as passagens. A partir do Brasil, poderemos invocar o conceito modernista de antropofagia e, mais recentemente, o pensamento desconstrutivista de Silvano Santiago. Críticas quanto à dispersão dos conhecimentos enumerados são esperados, uma vez que os autores e as ideias reunidas estão distantes em seus campos e momentos históricos. Nós aqui apelaremos para a configuração de constelação, em que os aportes, anacrônicos que sejam, possibilitarão visões de pontos de vista distintos e, espera-se, complementares. Sem pretender fechar uma totalidade de entendimento, buscamos testar a relevância desses saberes como procedimento de investigação do objeto literário.

As utopias e os paradoxos da política

Guilherme de Figueiredo Preger (UERJ)

Resumo Nesta comunicação debatarei a importância política e literária de três obras produzidas na virada dos séculos XIX e XX: *The Republic of the future: or Socialism, a Reality*, de Anna Bowman Dodd (1887); *A Modern Utopia*, de H. G. Wells (1905) e *Estrela Vermelha*, de Alexander Bogdanov (1908). São três obras escritas num intervalo de 20 anos, que podem ser classificadas tanto como de ficção científica como de literatura utópica, mostrando a convergência entre esses gêneros literários. Na comunicação pretendo entendê-los como exemplares de fabulação especulativa (SCHOLÉS, 1975). Nesta forma, especula-se em linguagem ambigualmente articulada entre discurso científico e literário sobre mundos possíveis. Nas obras em questão, o discurso científico se funde à linguagem política, própria aos manifestos. As obras descrevem sistemas políticos cujas características estavam sendo debatidas, nos movimentos políticos da época. Em Anna Dodd, há a descrição de um sistema socialista em Nova Iorque, no futuro. Em Wells, a sociedade descrita se encaixa nas formas governamentais sociais-democratas, vistas como ideais. Em Bogdanov, a sociedade descrita, localizada em Marte, tem contornos diretamente socialistas, sendo um protótipo ficcional da sociedade russa a partir da revolução de 1917, dez anos após a composição da obra. Nesses clássicos, a linguagem literária se funde às formas da ficção científica, e ao estilo especulativo próprio da ciência moderna, em sua versão positivista, e se articula à linguagem dos panfletos políticos, comuns da época. Essa fusão de estilos cria problemas de ordem estética para a elaboração da narrativa tanto ao nível da intriga (enredo) quanto da verossimilhança. Argumento, a partir das ideias de Niklas Luhmann sobre a função do paradoxo na descrição social, que as obras de fabulação especulativa utópica, como é o caso desses exemplos, trabalham com paradoxos e aporias do discurso político quando se trata de aproximar realidade, desejo e antecipação futurística.

Crônica de uma resistência anunciada: os traços da distopia crítica em *Bacurau*, de Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles

Wagner dos Santos Rocha (UESPI)

Resumo A distopia é um desdobramento da utopia literária que ganhou força especialmente no início do século XX, demonstrando uma habilidade singular em discorrer sobre temáticas sociopolíticas atuais através de um espelho manchado do porvir. O texto distópico possui uma predisposição para a narrativa que a aproxima de vários gêneros artísticos e discursivos, ao contar a vivência de uma ou mais pessoas num futuro próximo ou não, em que a ordem social proposta é considerada pior do que aquela que existe na realidade. A partir dos anos 1980, críticos e teóricos que estudam o tema sinalizaram uma “guinada distópica”, em que narrativas desse cunho começaram a apresentar vislumbres de esperança em meio ao caos característico da temática com o advento das chamadas distopias críticas. Diante disso, o presente trabalho analisa o longa-metragem recente dos diretores brasileiros Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, *Bacurau* (2019), como uma distopia crítica. O filme, que situa sua narrativa no sertão pernambucano “daqui a alguns anos”, apresenta a união de uma comunidade contra a tensão constante de forças externas que trabalharam para sua destruição, restando-lhes apenas o senso de resistência já arraigado em sua história. Procura-se, assim, discorrer sobre esse tipo específico de distopia e como ele está presente dentro da narrativa do filme, transformando-o em um material de aguçada crítica social e política. A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e caráter exploratório, apoiando-se teoricamente em nomes como Sargent (1994), Baccolini (2003) e Moylan (2016).

O Real e a falha ideológica da utopia em *The Day Before the Revolution* de Ursula Le Guin

Lucas Victor de Oliveira Araújo (UFRN)

Resumo O tópico da utopia aparece de forma maestral na literatura de ficção. Diferentes autores tratam do tópico de diferentes maneiras, construindo um subgênero literário que abraça diversas propostas

provindas de perspectivas ideológicas distintas. O presente trabalho tem por objetivo a análise do conto *The day before the revolution*, pertencente à coletânea *The wind's twelve corners* (1987) da autora estadunidense Ursula K. Le Guin, investigando de que maneira podem ser percebidos elementos de ideologia nas propostas utópicas e a percepção da categoria do Real como discutido pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek em sua obra *Bem vindo ao deserto do Real!* (2003). Compreende-se que a protagonista Laia, uma revolucionária já idosa que vê seu sonho de mundo ideal tornando-se realidade, acaba percebendo uma significativa diferença na maneira como percebia seu sonho utópico quando era apenas um sonho e a forma que este sonho lhe parece no momento que se encontra realizado. Žižek elucida como a ideologia está intrinsecamente relacionada à percepção e valoração do Real. O mundo utópico de Laia, baseado em suas próprias ideologias, era também relacionado às suas próprias limitações; quando trazido à realidade coletiva, estabelecendo-se uma sociedade para todo um planeta, ela deparou-se com as perspectivas de outros. Seu sonho tornou-se uma amálgama de utopias falhas.

O realismo capitalista em uma sociedade descafeinada: Os Mercadores do Espaço de Frederik Pohl e C. M. Kornbluth

Pablo Heinrich Cunha Parreiras (UFMG)

Resumo Escrito a quatro mãos por Frederik Pohl e Cyril M. Kornbluth, *Os Mercadores do Espaço* (1953) é uma sátira representando uma distopia publicitária publicada pouco depois da chamada “Era de Ouro” da ficção científica. No romance, Mitchell Courtenay, o personagem principal, é um executivo de sucesso do ramo da publicidade em uma versão futurista dos Estados Unidos. Sua principal tarefa é convencer os “consumidores”, forma pela qual as pessoas comuns são chamadas nessa sociedade, de que é possível e desejável – mesmo cientificamente sabendo que não é – se tornar um dos primeiros humanos a habitar o planeta Vênus em um projeto de colonização espacial. Para tanto, Pohl e Kornbluth caricaturizam uma das mais simbólicas e efetivas facetas do capitalismo: a indústria da publicidade, confrontando, assim, a sociedade de consumo estadunidense, já em franca ascensão no pós-Segunda Guerra. No entanto, assim

como outras obras do mesmo contexto histórico, o potencial de *Os Mercadores do Espaço* esbarra nos limites de uma crítica não-capitalista do capitalismo que é capaz de apontar os problemas de produção, consumo e desigualdade da modernidade e da sociedade estadunidense, mas que ao final se vale apenas do pastiche. Levando isso em consideração, a análise da obra se apoiou nas contribuições de Mark Fisher (2009) acerca do que o autor chama de “realismo capitalista” e na noção de uma realidade “descafeinada” proposta por Slavoj Žižek (2004) para compreender até que ponto a sátira distópica de *Os Mercadores do Espaço* consegue de fato ser crítica e não somente um produto que “mais alimenta do que ameaça o realismo capitalista” (FISHER, 2020).

Orwell e a Distopia do Real: o sistema de dominação em 1984

Leonardo Lucena Trevas (UNICAMP)

Resumo O mundo de 1984 e o sistema de dominação das três potências (Oceânia, onde ocorre a ação da trama; Eurásia; e Lestásia funciona como uma hipérbole, isto é, um exagero até o limite, dos paralelismos históricos que inspiraram Orwell, em seu tempo. As fronteiras entre os territórios ocupados pelos blocos de 1984 são semelhantes às fronteiras das três grandes potências militares da atualidade (Estados Unidos, Rússia e China) e de suas esferas de influência. A Oceânia, país de Winston Smith e de Big Brother, compreende as Américas, o continente da Oceania e as Ilhas Britânicas. A Eurásia situa-se nos antigos territórios de Portugal e Espanha até o Estreito de Bering. A Lestásia tem as suas fronteiras entre o norte da China e o sudeste asiático. É possível encontrar um paralelo com Eurásia, Oceânia e Lestásia e as alianças militares criadas no século XX, de maneira que suas estruturas se assemelham à OTAN e ao Pacto de Varsóvia. O que diferencia os blocos das superpotências fictícias e das reais é, essencialmente, a natureza do conflito bélico. Enquanto as políticas de détente impediram a OTAN e o Pacto de Varsóvia de entrarem em um conflito armado aberto (que resultaria na eliminação mútua), Eurásia, Oceânia e Lestásia se mantêm em um estado de guerra perene: “it is always the same war – one must realize in the first place that it is impossible for it to be decisive” (1984, p. 186).

Além da détente, a Otan e Varsóvia encontravam no instrumento da guerra de procuração uma maneira de alcançarem seus objetivos geopolíticos, estratégicos e militares sem a necessidade de um conflito direto (vide a Guerra do Vietnã). Nesta comunicação, iremos falar sobre as relações geopolíticas do sistema de dominação do romance 1984 e seus paralelismos com a história do século XX e XXI.

Representação da utopia no poema “Rito do irmão pequeno”, de Mário de Andrade

Adriane Lima Pinho (UERJ)

Resumo No presente trabalho buscaremos examinar a poética do escritor brasileiro Mário de Andrade no que se refere à sua relação com a noção de utopia. Neste sentido, pretendemos demonstrar como o poema “Rito do irmão pequeno”, inserido na obra *Livro azul*, possui traços de uma imaginação utópica sediada sob a matriz amazônica brasileira por meio das experiências e reminiscências de viagens feitas por Mário de Andrade ao Norte do Brasil. Se considerarmos o contexto histórico do país nos anos trinta, veremos que o poema em análise destoa das outras publicações do autor em destaque. Portanto, a proposta do trabalho visa mapear a figura de Mário como intelectual e como peça fundamental do Modernismo brasileiro. Além disso, identificaremos nas análises teóricas a respeito do poema “Rito do irmão pequeno” o alinhamento do conceito de utopia na literatura com a construção de um imaginário utópico na linguagem do texto poético em questão. Levaremos em conta as matérias de reflexão do escritor, como o ócio e a maleita, possibilitados pelo cenário ideal da Amazônia. O que se pretende em nosso estudo é observar como a peculiaridade da obra analisada suscita a leitura utópica revelada sob a máscara mais profunda da poética de Mário de Andrade.

Utopia ativa: a prefiguração e o ativismo contra o cenário distópico capitalista em *MaddAddão* de Margaret Atwood

Ânderson Martins Pereira (UFRGS)

Resumo As distopias contemporâneas vêm questionando o uso da tecnologia e a relação do humano com um planeta moribundo. Seja qual for a corrente filosófica ou o quão imbricados os elementos trans e pós-humanos estejam na criação destas sociedades distópicas, pode-se pontuar uma recorrência do elemento tecnológico como gatilho da derrocada do sistema social e da humanidade enquanto conceito. Essas obras não se caracterizam como anti-utopias e mensageiras de um futuro inescapável; o que acontece nelas é diametralmente o oposto. Assim, busca-se demonstrar que as distopias contemporâneas são perpassadas por um enclave utópico que reside no abandono da tecnologia e retorno à natureza. Nesse prisma, objetiva-se mostrar que a ponte da distopia para este espaço pós-humano utópico se dá através da prefiguração, uma comunidade que busca viver conforme os valores utópicos que acredita. Para tal, valer-se-á da trilogia MaddAddão constituída por *Oryx e Crake* (2003), *Ano do dilúvio* (2009) e *MaddAddão* (2013). A análise das três obras se dá principalmente a partir dos aportes teóricos de Carl Boggs (1977), Eduardo Marques de Marques (2013), Fredric Jameson (2005) e Rosi Braidotti (2019). Assim, analisar-se-á na narrativa os grupos Jardineiros de Deus e os Maddadamitas: o primeiro sendo um grupo prefigurativo e o segundo, mais radical, envolve-se em ações terroristas de modo a derrubar a realidade distópica. Questionar-se-á, assim, não apenas a existência da utopia na distopia contemporânea, mas o seu embate, demonstrando que a obra se inscreve ao mesmo tempo em um discurso de urgência sobre a queda do capitalismo, em um discurso de ressignificação da relação humano/natureza, humano/animal, mas também deixa aberto à crítica sobre as formas de desmantelamento do sistema capitalista.

Utopia: uma contraideologia entre a crítica e a proposição

Yan Patrick Brandenburg Siqueira (UFES)

Resumo Mannheim em *Ideologia e Utopia* estabelece uma relação relativista entre esses dois conceitos e defende uma concepção não-valorativa e isenta de julgamento. Nesse jogo, autor propõe quatro classificações do pensamento utópico: o quiliasma orgiástico dos anabatistas; a liberal-humanitária; a conservadora e a utopia socialista-comunista. Embora diferentes, as quatro seriam equivalentes na validade de suas premissas e parcialidade de seus argumentos. Por outro lado, Alfredo Bosi em *Ideologia e Contraideologia* (2010, p. 17) argumenta que “a imaginação utópica alimentou a primeira contraideologia sistemática dos tempos modernos”. Nessa concepção, a utopia fundamenta-se como uma contraideologia pois se interessa em denunciar as relações dominantes e imaginar uma sociedade superior. É uma contraideologia porque, em uma aproximação da concepção do termo da teoria marxista, opera uma denúncia do funcionamento dos males sociais sobre os dominados. Como argumenta Max Horkheimer (1971, p. 91), no texto “La Utopia”, as grandes obras utópicas do Renascimento são expressões das camadas submissas da sociedade que suportaram o caos da transição dos séculos XV e XVI entre formas econômicas distintas. Esse quadro é descrito e questionado por Morus que, em contrapartida, desenvolve sua obra *Utopia* como alternativa para aquele caos. Na visão de Horkheimer, há, portanto, duas características básicas nas obras utópicas: o elemento crítico e o propositivo. Neste trabalho, pretende-se sistematizar o conceito de utopia como uma contraideologia fundamentado em uma leitura marxista. Além disso, apoiado não só em Alfredo Bosi, mas também em *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* de Michael Löwy, questiona-se a visão imparcial de Mannheim. Para tanto, a chave de leitura do elemento de crítica somado a proposição de uma realidade superadora dos males sociais é a ferramenta utilizada para organizar e propor uma reflexão sobre o tema na contemporaneidade.

Utopias na indústria cultural contemporânea

André Carvalho (UFSC)

Resumo Esta comunicação pretende refletir sobre a possível existência, a extensão e os limites de impulsos utópicos presentes em diferentes produtos da indústria cultural contemporânea. Para a investigação, utilizaremos o conceito norteador de Ernst Bloch (1959), o princípio-esperança, além de ensaios recentes que buscam redefinir a ideia da utopia, como enumerados a seguir. Buck-Morss (2000) oferece o modelo mais próximo ao nosso ensejo, quando examina a utopia do capitalismo e do socialismo soviético em confronto com a ascensão de uma sociedade de massa. Jameson (2016) imagina uma reestruturação total da sociedade, pautada em revolução de formas de trabalho e na instituição de um “exército” permanente e rotativo. Dardot e Laval (2018) traçam a origem da propriedade privada para chegar no conceito de Comum, do qual derivam propostas políticas práticas para a democracia do século XXI. Benanav (2020) concentra-se na automação do trabalho para imaginar um mundo em que a abundância seria possível. Ao voltarmos-nos para algumas das obras da indústria cultural, poderíamos detectar impulsos utópicos semelhantes? Haveria traços do desejo pela libertação do potencial humano e de protoformas de organização do espaço social, das emoções e do trabalho em filmes de animação, séries adolescentes e vídeos musicais? Jameson oferece uma pista quando percebe o formato de histórias situadas em escolas estadunidenses como um modelo de sociabilidade liberado da necessidade, onde paixões e conexões humanas poderiam se formar. Seguiremos buscando o princípio esperança nesses tipos de objetos.

Simpósio 30**Franz Kafka, intérprete da modernidade**

Alexandre Villibor Flory (UEM)

Renato Oliveira de Faria (USP)

Tomaz Amorim Fernandes Izabel (UNICAMP)

Resumo A três anos de completar o centenário de sua morte, Franz Kafka (1883-1924) segue como um dos escritores mais lidos e estudados no mundo. São incontáveis as adaptações e as referências à sua obra, a seus personagens e às vezes ao próprio escritor como personagem, nas mais variadas formas de ficção, de adaptações literárias e cinematográficas até, mais recentemente, o videogame. Essa presença aponta para a atualidade de sua obra e para a permanência social de muitos dos seus temas. O período histórico chamado de Modernidade, caracterizado sobretudo pela ruptura com condições econômicas, sociais e estéticas anteriores, encontra na obra de Kafka uma reflexão e uma representação à altura. O escritor aparece como intérprete da Modernidade no duplo sentido desse conceito: como autor da geração expressionista, ele participa da demolição estética moderna das normas artísticas clássicas (Modernidade estética); concomitantemente, sua obra reflete sobre os processos sociais de modernização que desencadearam em ritmo vertiginoso múltiplas experiências de crise (Modernidade social). Os efeitos psíquicos da modernização, que ao longo do século XX foram repetidamente descritos como experiências de um mundo tornado então estranho, insólito, opaco, impenetrável, coisificado, são motivos que atravessam a obra de Kafka e que se tornaram sinônimo de “kafkiano”. Nos protagonistas de seus romances, O desaparecido (Amerika), O processo e O castelo, está refletida a condição do sujeito moderno – ratlos, desorientado, sem o conselho da tradição (BENJAMIN, 1996) – diante de máquinas burocráticas de funcionamento opaco e onipresentes (ANDERS, 1969), tanto na intimidade das relações afetivas e do lar (ROBERT, 1963), quanto na vida profissional e pública. A representação total de instituições opressoras, através de uma técnica de “deformação precisa” (BENJAMIN, 1992) que foi além da representação realista, rendeu críticas vindas da esquerda de comentadores como Bertolt Brecht (BRECHT, 1990) e Georg Lukács (LUKÁCS, 1969), ainda que posteriormente ambos tenham revisto sua posição. Por outro

lado, outros comentadores também enxergaram na obra possibilidades de resistência (LÖWY, 2005), de linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1977), de reinvenções das relações corporais, sociais e políticas (BUTLER, 2013). As correntes críticas mais recentes também têm se debruçado sobre a obra, em narrativas como Na colônia penal, “Josefina, a cantora” e “Um relatório para uma academia”, oferecendo reflexões sobre elementos raciais e pós-coloniais (THOMPSON, 2016) e de gênero (GROSS, 1985). Além de contista e romancista, Kafka figura também entre os grandes diaristas do século. Ele tratou seus diários tanto como espaço de relato cotidiano, quanto de laboratório literário, embaralhando os limites entre a escrita de si e a ficção, antecipando debates teóricos importantes sobre autoficção e os limites difíceis entre vida e obra (como mostram também suas cartas). Para além de sua posição como judeu assimilado em um centro da periferia da Europa, também as experiências profissionais de Kafka (KAFKA, 2004: *Amtliche Schriften*) possibilitaram ao escritor uma posição única como testemunha dos grandes processos de transformação social, que se iniciaram no século XIX e culminaram na “catástrofe original” do século XX (MOMMSEN, 2004), a Primeira Guerra Mundial, responsável pela dissolução da antiga ordem europeia. A propósito, convém lembrar que as experiências como funcionário do Instituto de Seguros contra Acidentes dos Trabalhadores em Praga propiciaram a Kafka não apenas uma percepção privilegiada da luta cada vez mais encarniçada entre capital e trabalho (e das consequências negativas da vertiginosa modernização do mundo do trabalho) como também do fato de que as devastações da Primeira Guerra Mundial não se restringiam, de modo algum, aos campos de batalha, mas abarcavam também o chamado “front doméstico”, configurando assim o que se convencionou chamar de “guerra total”. Tragicamente, sua obra também foi lida a posteriori a partir dos horrores da Segunda Guerra Mundial, como uma espécie de antecipação da experiência do sujeito submetido a mundos totalitários (ADORNO, 1998), o que rendeu a Kafka o epíteto de profeta e a sua obra uma proximidade com a chamada “literatura de testemunho”. Para além da proximidade temática, a inovação formal de sua obra, com a retomada de formas e gêneros clássicos da tradição, parodiados, esvaziados ou virados contra si mesmo (DERRIDA, 2010), inspiraram escritores fundamentais do século XX (como Borges e Beckett). A experiência moderna encontrou em sua obra um dos primeiros momentos de

grande expressão, o que não se deu sem ambivalência na recepção, como mostram as inúmeras querelas entre sionistas, marxistas, psicanalistas, entre outros. Que correntes críticas tão diversas tenham se batido até hoje em busca de uma interpretação justa mostra a diversidade e a seminalidade dessa obra. Serão aceitos trabalhos motivados por elementos dessa ementa ou que lidem com a obra de Kafka levando em conta o contexto moderno, que estabeleçam comparação com outros escritores, que reflitam sobre adaptações para a literatura ou outras artes, que reflitam sobre as intersecções entre vida e obra nos diários, cartas e textos estritamente literários ou que comentem leituras das diversas correntes críticas.

“The time is out of joint”: o mundo de imagens de Hamlet, de William Shakespeare, em *Um médico rural*, de Franz Kafka

Renato Oliveira de Faria (USP)

Resumo Em um depoimento sobre o amigo Franz Kafka, publicado originalmente na revista *Witiko* em 1929, Oskar Baum recorda que o escritor, durante o processo de escrita do drama O guarda da tumba, entre novembro e dezembro de 1916, estava também entretido com o drama *Hamlet* de Shakespeare, em razão de uma nova edição que se encontrava então exposta em uma livraria de Praga (cf. Hans-Gerd Koch (org.), “Als Kafka mir entgegenkam...”: Erinnerungen an Franz Kafka, 1995, p. 74). Partindo desse depoimento, alguns críticos passaram recentemente a se atentar para as relações entre o drama de Shakespeare e a única incursão dramática de Kafka (cf., por exemplo, Peter-André Alt, Franz Kafka: der ewige Sohn, 2005, p. 440: “De Shakespeare o fragmento O guarda da tumba herda a intenção de expor a instabilidade política sob o signo da troca de poder e da descontinuidade. [...] O guarda da tumba pode assim ser lido como um drama sobre a decadência do reinado de Francisco José e a degradação da dignidade do império.”). Curiosamente, porém, a esses mesmos críticos escapou o fato de que a apropriação por parte de Kafka do mundo de imagens (*Bildwelt*) de Hamlet não se restringe, de modo algum, a O guarda da tumba, mas estende-se a uma infinidade de fragmentos narrativos que constam dos primeiros cadernos in-oitavo, escritos entre novembro de 1916 e abril de 1917. Esta comunicação busca

rastrear esse mundo de imagens de Hamlet na coletânea *Um médico rural* (1920), cujas “pequenas narrativas” (com exceção de “Diante da lei” e “Um sonho”) foram extraídas justamente desses primeiros cadernos in-oitavo, e também mostrar como tal apropriação responde a um ponto de vista da decomposição, intuído por Kafka no drama shakespeariano e compreendido em termos políticos.

A epistolaridade kafkiana: hipóteses e questões iniciais sobre a prática epistolar de Kafka enquanto nexos de sua obra

Leonardo Petersen Lamha (UFF)

Resumo Em seu famoso ensaio sobre as cartas a Felice, Elias Canetti considera que “não se trata de um epistolário fútil, de um fim em si, de uma mera satisfação. [As cartas estão] a serviço da criação literária.” Nas cartas a Milena, porém, Kafka desenvolve repetidas vezes a tese contrária: as cartas não só se bastam como também são, por essa razão, problematizadas. Essa autossuficiência postal aparece nas cartas da seguinte maneira: seu prazer advém de fantasmas que simultaneamente permitem e impedem a comunicação à distância. Os fantasmas das cartas surgem na fortuna crítica kafkiana de diversas formas, contudo o seu “em si” postal ainda é pouco considerado em sua estrutura comunicacional, sua relação com meios de comunicação que surgiam no começo do século XX, e com produção literária de Kafka, onde carteiros, mensageiros e mensagens não poucas vezes desempenham papel fundamental. Tampouco o termo “kafkiano” compreende sua atividade epistolar. Tormentos burocráticos, distópicos ou cotidianos, são considerados “kafkianos”, mas passar a vida escrevendo cartas, não. São considerados ou práticas românticas, associadas a um período na história da literatura anterior a Kafka, ou práticas ainda pouco levadas a sério nos estudos literários contemporâneos. Porém, precisamente essa prática intensa de escrita de cartas é referida, sofrida e desenvolvida por Kafka nas suas obras. A partir da década de 80, a relação de Kafka com as cartas vem sendo estudadas em suas interseções com a psicanálise, a teoria literária, a história do romance, e a teoria da mídia, não só como janela para sua biografia. Portanto, pretende-se, com esta comunicação, apresentar os temas acima à luz dos ricos mas pouco

conhecidos estudos de autores como Gerhard Neumann, Friedrich e Wolf Kittler, Dorothea von Mücke, Bernhard Siegert e David Wellbery e, com isso, começar a delinear os contornos de uma possível “epistolaridade kafkiana”.

A modernidade na condição de exilado

Vanessa de Paula Hey (UFPR)

Resumo Narrativas de indivíduos enredados nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno, de que *Amerika* (1927) de Franz Kafka é exemplo, possibilitam investigar formas pelas quais a modernidade se vê representada na literatura do início do século XX. Entre as fontes que alimentam o turbilhão da vida moderna (BERMAN, 1982), e que são figuradas por essa obra, se encontram: a industrialização da produção, os avanços tecnológicos, a criação de novos ambientes e o consequente desaparecimento de outros, a rapidez do ritmo de vida, as novas formas de poder corporativo e de lutas de classes, a explosão demográfica, o crescimento urbano, entre outros. Em *Amerika*, é sob a condição de emigrante e exilado – propositalmente deslocado, expulso mesmo de sua pátria natal –, e menos de viajante, que o jovem alemão Karl Rossmann chega aos Estados Unidos do começo do século XX. Tendo por base reflexiva essa conjuntura, ou seja, a posição social, econômica e cultural ocupada por esse personagem na América, que difere de sua situação anterior, a europeia, é que nos propomos a investigar o seu percurso e muitos de seus desdobramentos, que, a nosso ver, estão estritamente relacionados à experimentação da modernidade pelo indivíduo, questão que será privilegiada em nossa discussão. Acentua-se, nesse romance kafkiano, o caráter negativo da experimentação da modernidade pelo indivíduo, dado a posição ocupada pelo protagonista dessa história: de estrangeiro – migrante e exilado. A presente comunicação pretende, assim, analisar de que modo a modernidade e o sujeito moderno na condição de migrante são representados na obra *Amerika ou o Desaparecido*.

A obra de Franz Kafka como expressão da realidade

Luiz Fernando Soares Pereira (UFES)

Resumo O objetivo da presente comunicação é traçar uma relação entre a obra de Franz Kafka e a crise moderna no começo do século XX. Como esse cenário surge para movimentações políticas que culminaram em ideias que levaram a humanidade a presenciar acontecimentos inimagináveis do ponto de vista das relações humanas, como a supressão de direitos de povos, confinamentos, totalitarismos, a produção de armas de destruição em massa e duas guerras mundiais. Neste período há a evidência de uma forte presença do mal-estar – em seu caráter moderno – na vida dos indivíduos daquele período. Assim, pretendo direcionar reflexões acerca de sua obra para análises do contexto, dos enredos e dos personagens, a relação entre Estado, sociedade e indivíduo dentro dos romances kafkianos. Busco analisar a narrativa dos romances de Kafka juntamente com ensaios historiográficos e filosóficos a respeito da temporalidade inerente ao autor, para tal, utilizando as contribuições de intelectuais contemporâneos a ele, como Hannah Arendt e Walter Benjamin. Transpassando toda a análise, utilizarei Reinhart Koselleck, com o intuito de fomentar as reflexões acerca do tempo histórico e da modernidade. Uma pergunta poderá ser utilizada a fim de nortear a apresentação: Como os exemplos das obras literárias que citarei brevemente, podem nos permitir traçar relações de poder e de força entre Estado, sociedade e indivíduo, no começo do século XX? Em suma, pretendemos analisar o aspecto político da modernidade nas primeiras décadas do século XX, bem como os aspectos sociais, as relações de poder e as ideias políticas presentes em determinado período a partir da expressão na literatura de Franz Kafka.

A obra kafkiana em *Resident Evil: Revelations 2*: um estudo sobre a convergência intersemiótica entre a literatura e os jogos eletrônicos

Yann Dias da Silva Maia (UFS)

Resumo O presente trabalho busca investigar e analisar o jogo eletrônico *Resident Evil: Revelations 2* (2015) e as suas relações com a obra

e a vida do escritor Franz Kafka. Essas análises terão como aporte teórico a perspectiva da intersemiose (PLAZA, 2013), que, por meio da tradução da linguagem escrita para a linguagem audiovisual, contribui para a construção de uma nova narrativa que ressignifica o cânone literário no suporte digital-eletrônico. Para isso, verificaremos os pontos de convergência entre o game e a literatura do escritor supracitado, evidenciando os elementos visuais e textuais que compõem suas relações intersemióticas. Ademais, objetivamos contribuir para a teoria da recepção (FISH, 1980), a partir da investigação das influências que os elementos narratológicos do cânone literário exercem sobre os leitores/jogadores contemporâneos, quando traduzidos pela intersemiose. Assim, para atingirmos uma análise satisfatória do corpus, estudaremos a relação entre o campo da Literatura e dos jogos eletrônicos através de três correntes teóricas, visto que as superfícies de contato entre as obras são múltiplas. A saber, serão considerados preceitos da filosofia (BLANCHOT, 1997), da narratologia (GENETTE, 1979), além da própria tradução intersemiótica (PLAZA, 2013). Com isso, espera-se que fique demonstrada de que forma a Literatura canônica de Kafka se apresenta nas mídias digitais da atualidade, especialmente nos jogos eletrônicos, partindo da evidênciação dos recursos semióticos que constroem os múltiplos significados que ampliam e ressignificam os sentidos da obras de Franz Kafka no jogo da série *Resident Evil*. Por fim, ampliaremos a abertura do diálogo entre os estudos literários e os jogos eletrônicos, bem como a formação de uma postura ativa dos leitores diante dos novos textos que são compostos a partir da reformulação dos clássicos.

De Kafka à Kafka: um projeto literário de Maurice Blanchot

Davi Andrade Pimentel (UFRJ)

Resumo Na obra crítica do escritor francês Maurice Blanchot, é bastante significativa a publicação em 1981 de uma coletânea, a única de sua obra, de seus artigos sobre a obra-vida de Franz Kafka, intitulada *De Kafka à Kafka*. Nesta coletânea, na qual estão reunidos onze textos, de 1947 a 1968, Blanchot compõe um grande painel de escrita-crítica sobre as narrativas, os diários e a vida de Kafka, entrecruzando-os, por isso o termo obra-vida, pois, em muitos momentos, torna-se

difícil e quase impossível separar o escritor-Kafka do homem-Kafka em Blanchot, sobretudo, porque o homem-Kafka, segundo o olhar blanchotiano, chega a ser tão ficcional quanto o escritor-Kafka ou os personagens kafkianos. Nesta impossibilidade, Blanchot revisita a escrita kafkiana dando-lhe lugar de extremo destaque, pois se inaugura nesta escrita uma concepção de literatura enquanto morada do abandono, enquanto estrutura textual que tanto pode possibilitar a fuga do mundo real quanto impossibilitá-la e que, por fim, nos apresenta a chegada do herói negativo moderno. Em seu movimento de extrema tensão de escrita, entre viver e morrer pela literatura, Kafka se entrega ao escrever absolutamente. Nesta entrega, manifesta-se a própria experiência literária para Blanchot, que escreverá, em 1949, no texto “Kafka e a exigência da obra”: “Temos às vezes a impressão de que Kafka nos oferece uma chance de entrever o que é a literatura.”. Uma antevisão que se presentifica na concepção de literatura e na escrita ficcional de Blanchot, principalmente, em *Aminadab*: uma narrativa assombrada pelo espectro kafkiano. Nessa perspectiva, proponho, a partir de *De Kafka à Kafka*, analisar e discutir como se estrutura o projeto literário de Blanchot sobre a obra-vida de Kafka, os seus pontos de tensão e os de reflexão, e as consequências teóricas e formais para a sua concepção de literatura.

**Entre cartas que se apressam rumo à morte:
“contingência absoluta” e “contingência ordenada”
nas figuras dos mensageiros Bartleby e Barnabás**

Lóren Cristine Ferreira Cuadros (UFPel)

Resumo Conforme Giorgio Agamben (2015), os teólogos medievais percebiam em Deus uma dicotomia: a potência absoluta, que Lhe conferiria a capacidade de fazer qualquer coisa; e a potência ordenada, que passaria a ato por estar de acordo com a vontade de Deus, introduzindo a ordem na potência absoluta. Nesse sentido, desprovida da vontade, a potência não poderia passar a ato. O escrevente Bartleby, criação de Herman Melville, subverte essa lógica, pois nele a potência faz-se maior que a vontade. O filósofo italiano relaciona a personagem à imagem do mensageiro, que nada acrescenta à mensagem que lhe é confiada, mas apenas a anuncia. Ademais, Agamben (2015)

estabelece uma analogia entre Bartleby e Barnabás, mensageiro que integra a narrativa de “O castelo”, de Franz Kafka. O presente trabalho visa aprofundar essa analogia, exemplificando-a textualmente e discutindo sua ligação com o conceito de potência. Desse modo, observou-se que, conscientes das respectivas missões, Bartleby e Barnabás agem de maneira oposta. Em toda passagem a ato, algo acontece e algo não acontece; Bartleby busca a suspensão entre esses dois polos. Seu comportamento – visto como desesperado – é associado a um episódio marcante de seu passado pelo patrão. Surge a tese: aquilo que foi não pode ser alterado, entretanto, permanece contingente, conservando em si a potência de não ter sido. Também Barnabás apresenta um desespero que decorre de sua experiência de trabalho. Embora sua figura, seu status e seu futuro sejam ambíguos, a vontade intervém, conduzindo-o à busca por validação que Bartleby renega. Enquanto Barnabás “tem a potência nas mãos” – até mesmo desconhece o conteúdo das cartas que entrega – e possivelmente a abandona, Bartleby anuncia a suspensão da história. Assim, observamos a existência de um contraste entre uma “contingência absoluta” e uma “contingência ordenada” nas personagens criadas por Melville e Kafka, respectivamente.

Franz Kafka como parodista

Tomaz Amorim Fernandes Izabel (UNICAMP)

Resumo Através da análise de passagens dos textos e a referência a comentadores e outros autores, a comunicação verificará a hipótese de que a paródia é um mecanismo literário distintivo na escrita kafkiana. Seja em sentido mais estrito, através da citação alterada de um original para produzir um efeito de estranhamento (como nas narrativas “O novo advogado” ou “O silêncio das sereias”), seja em sentido mais amplo, como sua conhecida deformação de gêneros literários (a fábula, a parábola, o romance de formação) e temas da tradição (o sacrifício de Isaque, a China imperial, Poseidon), a paródia kafkiana representa a tradição depurada de sua doutrina. Sua opção consciente por este procedimento talvez possa ser compreendida como uma terceira alternativa para a lidar com a chamada “doença da tradição” que sua obra representaria, segundo Walter

Benjamin. Enquanto alguns grupos de vanguarda reconheciam essa doença da tradição como condição histórica da Modernidade e propunham como solução sua demolição, e outros buscavam ignorar a doença propondo sua reinvenção em termos nacionalistas ou identitários, Kafka parece ter mobilizado grande parte de sua literatura justamente para representar o estado presente desta tradição: mantendo-se fiel a ela, sem, no entanto, falsificar seu estado. Neste contexto, a paródia, como um procedimento literário que atualiza de maneira crítica um objeto da tradição, retirando-o de seu contexto e diminuindo assim sua autoridade (muitas vezes com potencial humorístico, como, por exemplo, no “Dom Quixote”), pode ter sido estratégica para Kafka na representação de seu contexto histórico e de sua problemática relação com o passado.

Franz Kafka e repetição: por uma narrativa moderna da ruptura

Luísa Osório Rizzatti (UFRGS)

Resumo Franz Kafka é bastante lembrado por tematizar em sua obra o contexto da sociedade moderna pelo viés da burocracia. Por outro lado, o que motiva este trabalho é discutir outro viés desencadeado pela modernidade: a repetição. Com a lógica industrial, a repetição passa a ser um valor bastante característico desse novo mundo, tanto no sentido da produção, quanto no da recepção. Na sua obra, Kafka exagera propositalmente e eleva a repetição da modernidade à última potência. Assim, chama a atenção a recorrência de certos elementos, além de ser perceptível uma insistente repetição de temáticas, de situações e de algumas marcas textuais. Ademais, a circularidade se faz presente na constituição mental das personagens, cujos dilemas são os mesmos e não se desenrolam, e na construção da forma narrativa, pois as ações não avançam em uma progressão tradicional com início, meio e fim. A narrativa simplesmente gira em círculos. E esse universo de repetições e circularidades provoca um extremo mal-estar nas personagens, desencadeando uma discrepância entre sujeito e mundo (ANDERS, 2007). O propósito do trabalho, entretanto, é provar que Kafka consegue produzir rupturas narrativas utilizando elementos da própria linguagem, como os gestos e os sons. O objetivo é refletir e entender como Kafka consegue traçar linhas de

fuga no seu círculo aparentemente alienante e repetitivo, tomando como ponto de partida o conto O silêncio das sereias. Dentro disso, será discutida a crise do narrador na modernidade, tão bem explorada por Walter Benjamin (2012), com o intuito de entender qual é a solução que Kafka parece propor diante da impossibilidade de narrar. Além de Benjamin, Theodor Adorno (1985), Günther Anders (2007), Jeanne Marie Gagnebin (2009) e Modesto Carone (2009) também serão as referências centrais da discussão.

Franz Kafka, “o pequeno habitante das ruínas”

Laís Maria de Oliveira (IFMG)

Resumo “[...] Quase nenhuma palavra que escrevo combina com a seguinte, ouço as consoantes raspando metalicamente uma na outra, e as vogais que as acompanham cantando feito negros em exposição. Minhas dúvidas circundam cada palavra, vejo-as antes da palavra em si. Qual nada! Não vejo palavra nenhuma, eu a invento. O que, afinal, nem seria a maior das infelicidades; bastaria que eu conseguisse inventar palavras capazes de soprar o cheiro de cadáver numa direção tal que ele não nos atingisse, a mim e ao leitor, bem no meio da cara.” (KAFKA, 2021, p. 33 – tradução modificada) A partir dessa entrada e de alguns temas recorrentes nos cadernos de diários do escritor – como a diversidade de línguas com as quais convivia, em função da singular condição social que ocupava, um judeu tcheco vivendo sob um império austro-húngaro, sob o qual habitavam muitas nacionalidades; as várias descrições de mulheres e de reflexões sobre seus relacionamentos, mote para a criação de suas personagens femininas; as insatisfações com o próprio trabalho e o registro minucioso de situações com trabalhadores e trabalhadoras, tanto nas obras que lia, quanto na sua relação com eles no cotidiano; e principalmente a impotência, registrada diante desses temas e de tantos outros – pretende-se discutir sua escrita em articulação com a modernidade em que se encerra, encarada em negativo, como os diários e as outras obras sugerem. Assim, quando necessário faremos diálogos com outras obras do autor e também com as de Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roswitha Scholz, Nora Catelli e Alan Pauls.

**Insensibilidade, sofrimento humano e modernidade:
considerações sobre o conto “O cavaleiro do balde”,
de Franz Kafka**

Pablo Baptista Rodrigues (UFRJ)

Resumo Esta comunicação visa apresentar algumas considerações a respeito do conto “O cavaleiro do balde”, de Franz Kafka (KAFKA, 2011). Por meio da filosofia de Hannah Arendt, a partir de «Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal» (ARENDT, 1999), e a sociologia de Zygmunt Bauman, a partir de «Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida» (BAUMAN, 2014), pensaremos as condições ético-políticas das relações sociais. Em especial o lugar da “indiferença humana como afeto político” na elaboração e estabelecimento da vida moderna. A literatura nesse sentido, é compreendida como discurso ético-político ao colocar diante de nós um espelho que refletem ruínas da humanidade. No ano de 1916, Franz Kafka (1883 – 1924) escreveu o texto “Der Kübelreiter” [“O cavaleiro do balde”]. A personagem de “O Cavaleiro do Balde” ao se deparar com a dura realidade de não ter mais o carvão para enfrentar o inverno se vê impelida à casa do carvoeiro, e a implorar por um pouco de carvão. O carvoeiro ouve seus gritos, porém sua esposa lhe diz: “Não estou ouvindo absolutamente nada” (KAFKA, 2011). O Cavaleiro então, a responde: “Oh, você ouve sim – eu brado –, sou eu, um velho freguês, fiel e dedicado, só que no momento sem recursos” (KAFKA, 2011). Kafka constrói uma personagem dependente da benevolência dos outros, e que padece diante da “cegueira moral” do casal de comerciantes. Somam-se a essas primeiras considerações o pensamento de Arendt e Bauman, que nos fornece importantes chaves de leitura para a compreensão da obra kafkiana, bem como, a sociedade contemporânea. No caso de Arendt o conceito de “banalidade do mal” que passa a designar uma nova forma de leitura para antiga relação “bem-mal” e a “cegueira moral”, por Bauman, sintoma da sociedade líquida.

Messianismo e estado de exceção em Franz Kafka

Mauro Rocha Baptista (UEMG)

Ana Carolina Martins da Costa (UFMG)

Resumo O moderno conceito de estado de exceção está diretamente associado à possibilidade de decidir que caracteriza a soberania. Só existe decisão soberana quando a regra deixa de vigorar. Neste sentido a experiência do messianismo judaico se torna paradigmática para a compreensão deste contexto de exceção. Se por um lado o judaísmo precisa pronunciar e aplicar a lei como palavra de Deus, e neste sentido sua função é a de transmitir sua tradição, por outro ele precisa estar atento à vinda do Messias que reformará esta lei, o que entra em conflito com a atividade de transmitir uma tradição que já se reconhece errônea. Imersa nessa tradição paradoxal a literatura kafkiana incorpora na postura de seus narradores a primeira função do judaísmo como mantenedor da tradição, enquanto o herói de seus textos arca com a tensão existente no messianismo e pretende abrir espaço para o Messias ao questionar a transmissão dessa lei caduca. Neste texto partimos da conceituação de estado de exceção proposta por Giorgio Agamben a partir da análise de um suposto debate entre Carl Schmitt e Walter Benjamin, para analisar como este conceito se envolve com a proposta de um messianismo judaico descrito por Gershom Scholem, pontuando com os exemplos da literatura kafkiana a aplicabilidade destes conceitos. Franz Kafka se apresenta como figura capaz de reunir estes conceitos de forma paradigmática. Benjamin, Scholem e Agamben são leitores e intérpretes do judeu tcheco, mas mais do que isso seus aforismos e sua literatura dialogam com a proposta de um estado de exceção, embora nunca nomeado desta forma, e com a emergência de um Messias que há de pôr fim a este contexto, embora somente no “ultimíssimo dia”.

Modernidade estética e social em *Massa-homem*, de Ernst Toller

Alexandre Villibor Flory (UEM)

Resumo Nessa comunicação, pretende-se discutir questões teóricas e críticas sobre o expressionismo teatral em *Massa-homem*, de Ernst

Toller. Escrito em 1921, quando o autor estava preso por sua participação ativa na Revolução Alemã, essa obra é fundamental para se estudar a relação entre arte e sociedade no contexto do expressionismo. A obra é dedicada à revolução proletária e, ao fazê-lo, não perde de vista a renovação estética, provocando uma discussão sobre a agência subjetiva na obra. Raymond Williams (2011) nomeia essa perspectiva por ‘expressionismo social’, com grande pertinência e profundidade, em seu ensaio ‘O teatro como um fórum político’. A discussão do homem como massa guarda relação com Kafka na medida em que este autor recorre à expressão “material-homem”. (Menschenmaterial). Faria afirma que este sintagma surge na época da primeira guerra mundial, no contexto da “guerra total” de Luddendorff, que se refere a usar todos os materiais disponíveis para a guerra, incluindo o material, digamos, humano. Cito: “Um dos termos correntes à época da Primeira Guerra, aliás, era precisamente o de “Menschenmaterial” (material-homem) que, não por acaso, será empregado literalmente por Kafka em Durante a construção da muralha da China.” (FARIA, 2011, p.99) De certo modo, há uma urgência em elaborar esteticamente, mas de modo quase imediato, o contexto histórico que se impõe, e Massa-homem é também uma espécie de participação direta no debate político e estético de então. Essas são linhas de força que articulam a modernidade nos dois autores.

Na própria carne: o corpo em “Na Colônia Penal”, de Franz Kafka

Lidiany Caixeta de Lima (UFU)

Resumo Com esta comunicação, apresento parte da minha dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFU, em 2021. Abordo a importância do corpo como arquivo de memórias no conto “Na Colônia Penal”, de Franz Kafka e, mediante as contribuições teóricas sobre “corpo” e “corporeidade” como as de Michel Foucault, Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy, apresento de que maneira as histórias dos personagens e, portanto, suas mazelas são inscritas em suas peles, subjugados e aliçados diante das leis que regem o sistema do local, marcando, significativamente, o corpo estranho que perpassa a narrativa de Kafka. “Sentir na pele” é a expressão máxima do corpo, isso justifica que,

em “Na Colônia Penal”, a sentença seja gravada como uma escultura ou uma pintura no corpo (tela, suporte) do condenado, assim “ele vai experimentá-la na própria carne” (KAFKA). O que acontece no corpo de um condenado na Colônia Penal é sentido na epiderme. Por meio da dimensão sensorial do tato, a verdade imposta pela sentença é conhecida primeiramente pelo condenado, por meio de seu tecido epitelial, e depois por quem assiste à execução pelos outros sentidos: visão, tato e olfato. Neste recorte, as análises sobre o corpo criminoso, relacionando-o aos conceitos de “corpo estranho”, “pele”, “sujeito escorchado” e “vida infame”, contribuíram para minhas reflexões, segundo as quais a narrativa “Na Colônia Penal” encerra uma crítica ao discurso jurídico, utilizado para subjugar quem não está de acordo com o poder e com as autoridades que o detêm.

O singular conterrâneo: ensaios de Vilém Flusser sobre a vida e a obra de Franz Kafka

Eliane Maria Diniz Campos (UERJ)

Resumo Em 1939, Vilém Flusser (1920-1991), como pensador exilado da sua terra natal, a República Tcheca, ou melhor dizendo, Praga, desembarcou no porto do Rio de Janeiro, Brasil. Depois de passar dez anos distanciado, de maneira involuntária, do ambiente acadêmico, retomou sua produção em 1950, publicando os mais diversos textos de crítica, preponderantemente textos ensaísticos. Devido à origem comum com o escritor Franz Kafka (1883-1924) e sendo este uma figura fundamental na formação de Flusser, por se tratar de um conterrâneo e judeu tal como ele, o artigo que inaugura as publicações de Flusser para o jornal Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, em 28 de outubro de 1961, se chama, bem a propósito: “Praga, a cidade de Kafka”. Nesse texto, Vilém se refere, como bem lembra Krause (2017, p.34), a um dos paradoxos comuns à Praga: “não é uma cidade muito antiga. As suas origens se perdem, no entanto, nas brumas da lenda”. Segundo ele, “algo a um tempo santo e demoníaco paira sobre a cidade”. A cidade “absorve, sedenta, todas as correntes ocidentais”, mas “nunca se desliga da vasta correnteza mística do Oriente europeu”. Nesse sentido, a comunicação a ser apresentada objetiva analisar todos os ensaios publicados por Vilém Flusser em

Língua Portuguesa que se relacionam com a vida e a obra do singular escritor boêmio. Em especial, os ensaios disponibilizados no Arquivo Vilém Flusser São Paulo e também no site FlusserBrasil: “Praga, a cidade de Kafka”; “Kafka” e “Esperando por Kafka”. A reunião bem como a análise desses ensaios compõe parte da tese de doutorado desta pesquisadora, defendida em 2020, sobre a crítica literária de Vilém Flusser.

Simpósio 31

Geopoesia nos tempos de pandemia: entre literaturas, crítica polifônica e etnoflânerie

Ana Clara Magalhaes de Medeiros (UFAL)

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)

Willi Bolle (USP)

Resumo Walter Benjamin, circunscrito a um período de “mal-estar na cultura e na civilização” (FREUD, 2011), propôs “imagens do pensamento” (BENJAMIN, 1986, p. 143) que congregam novas formas de apreensão da modernidade na literatura, nas artes e no discurso ocidental. Atuando no âmbito da geopoesia, propomos uma renovação da crítica diante de mudanças tão drásticas na humanidade perpetradas pela pandemia. No Brasil, a movimentação político-social também nos desafia: entre a literatura e o literário, a crítica e o inacabamento, a etnografia e a etnoflânerie, buscamos formas atualizadas de pensar o nosso milênio. Ensejamos tecer uma crítica plurivocal e inacabada (BAKHTIN, 2006), que move e demove um painel de brasis liminares, evocando sempre a palavra do outro. Assim, agregamos trabalhos que comunguem poemas e canções, prosas e dramas, relatos e arquivos que de tão longe vêm vindo – e que para um futuro incerto se direcionam. A teoria da geopoesia alvorece como uma grande cartografia de poéticas e estéticas: “nasce do encontro de topografias” (SILVA JUNIOR, 2018, p. 55). Territorialidades, vocalidades, corporalidades e performances advindas do Sertão, da Amazônia, do Cerrado, da Caatinga e dos Pampas compõem polifonia que convoca o olhar responsável dos estudiosos deste Simpósio – que observam e se movimentam num país de dimensões continentais. Busca-se constituir e ampliar as literaturas de campo, distantes do mar, reveladoras de brasis: sertanejo, caipira, indígena, quilombola, centroestino, “do mato”, “do norte”, “da floresta”, enfim, da palavra viva. Surge, com esta proposta, a possibilidade de reescrever histórias. Contadas oralmente, experimentadas performaticamente, continuadas por leitores e autores de rincões e veredas, buscamos, neste encontro, sério e festivo, enformar uma imensa etnocartografia de territórios literários e territorialidades de etnoflâneurs e andarilhos, de navegantes e ambulantes, flâneurs sertanejos e flâneuses revolucionárias, foliões e mascarados. O literário, com suas vozes, autores,

leitores, críticos e pensadores, recusa a palavra autoritária e o discurso monológico – ensinam-nos Mikhail Bakhtin (2010) e Paulo Bezerra (2005). A geopoesia passa por grandes sertões, imensos vãos, longínquas varedas. Enfim, movimenta pesquisas e inquietações que abordam manifestações da literatura oral e escrita no campo da poesia, da prosa, do teatro, da performance, do cinema literário, da literatura de viagens, da cyberflânerie e de vocalidades várias. Nossos passos também estabelecem correspondências com viajantes lusitanos e de outras paragens: ibéricos, holandeses, alemães, jesuítas, judeus, aventureiros que respondem à travessia colonial dos tempos de formação do que a Europa chamou de América. Tratamos, ainda, dos deslocamentos e migrações que levaram à ascensão de uma brasilidade desde Machado de Assis a Lima Barreto, passando por Euclides da Cunha e Mário de Andrade. A crítica polifônica (MEDEIROS; SILVA JR., 2015) arranja-se com fazedores do cotidiano, como os goianos/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta, Cassiano Nunes, Santiago Naud, Hermenegildo Bastos e Augusto Niemar; prosadores das gentes e das tropas demigrantes – sempre ameaçadas –, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos, Graciliano Ramos, Bernardo Élis, Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum, Cristino Wapichana, Eliane Potiguara, Dorrico Julie, dentre outros. Além de cantores e versistas populares, narradores orais quilombolas e indígenas, centroestinos e norte-nordestinos apagados pela historiografia, com obras perpetuadas nas entoações de festejos, celebrações populares e cordéis. No universo plural de raízes, rizomas e raizamas de um país de culturas várias espalhadas por veredas, vales, vãos, recôncavos, planaltos, altiplanos, rios, quilombos, aldeias (espaços de resistência), os estudos de cultura popular aqui desenvolvidos estabelecem diálogos com investigadores brasileiros, tais como Josué de Castro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho e Vicente Cecim, e viajantes que percorreram/percorrem muitos brasis: Guimarães Rosa, Willi Bolle e Darcy Ribeiro, dentre tantos que nos levam por veredas de uma teoria carnalizada da literatura (pensando-se a carnavalização com Bakhtin, 2008). As funções da geopoesia, enfim, são: enfrentar o preconceito literário, renovar as perspectivas do cânone e da história da literatura e apresentar autores esquecidos, desconhecidos e/ou pouco estudados. Ao mesmo tempo, seu papel fundamental é agregar não apenas as relações entre autor, obra e público, mas também o contato entre corpo, voz e

performance (conforme Zumthor, 2010). Para tal, o território, o espaço e a cidade (GOMES, 2008) apresentam-se como paradigmas de vidas em obras, de obras em vida (e na morte). O direito ao literário (CANDIDO, 2011) foi uma premissa da modernidade benjaminiana (BENJAMIN, 1994) e continua sendo para os estudos da geopoesia. Assim como a visão autoconsciente da literatura permitiu a constituição da crítica polifônica enquanto campo de estudo, a consolidação da geopoesia como ferramenta acadêmica faculta a emergência do povo, dos silenciados, dos rincões do país no seio universitário. Enfim, neste Simpósio, abrimos uma “moldura teórica que questiona a tradição e o patrimônio cultural literário” (BOLLE, 1986, p. 9), para provocar inquietações e redefinições dos campos entre literatura, da crítica literária e convidar ao perene exercício da etnoflânerie.

A paisagem da América que Humboldt transmite a Europa e as influências dessa transmissão sobre as viagens de Rugendas e Church

Danielle Noronha Maia (USP)

Resumo Entre 1799 e 1804, Alexander von Humboldt (1769–1859) em parceria com o botânico Aimé Bonpland (1753–1858) percorre os territórios da Nova Espanha (que atualmente chamamos de Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Cuba e México) e também os Estados Unidos. Quando retorna a Europa edita dezenas de publicações relacionadas a essa viagem. Nossa reflexão gira em torno de duas dessas publicações em especial: O “Ensaio sobre a geografia das plantas” (publicado em 1807) na qual se destaca a imagem *Naturgemälde* colorida à mão e o luxuoso álbum de gravuras “Vistas das cordilheiras e monumentos dos povos indígenas da América” (publicado entre 1810 e 1813) contendo 69 pranchas – sendo 23 delas coloridas à mão em aquarela. Humboldt propõe um estudo da natureza em sua totalidade, de modo que sua descrição seja a mais universal possível e, diante das imagens que ele oferece, acaba por influenciar artistas a viajarem e buscarem eles próprios a síntese da paisagem americana. Nosso estudo enfoca na produção de viagem de dois pintores: Johann Moritz Rugendas (1802–1852) que, sob a influência e os conselhos de Humboldt, retorna a América (pois já havia estado no Brasil entre

1821 e 1825 quando participou da expedição Langdorff como ilustrador) para uma jornada na qual ele desembarca no México e desce até a Terra do Fogo desenvolvendo uma grande série de pinturas a óleo entre 1831 e 1847 e Frederick Edwin Church (1826–1900), que, contrariando o costume dos artistas americanos de viajarem pela Europa, influenciado pela obra e os conselhos de Humboldt, decide viajar pela Cordilheira dos Andes em duas ocasiões.

**As representações do espaço Brasília,
sob uma perspectiva geopoética: análise do cordel
Brasília 5.0 do escritor cordelista Gustavo Dourado**

Sheila Gualberto Borges Pedrosa (UEG)

Resumo Há na paisagem de Brasília, formas poéticas deslumbrantes de se enxergar e imaginar a cidade. Cada monumento construído, cada construção, carrega também o retrato social do homem candango. A saga da construção da capital federal, já rendeu muita arte, literatura, escritos e geopoesia. Dessa forma, sob o ponto de vista sociocultural é importante refletir suas reverberações no literário e na cultura popular, especificamente na Literatura de Cordel, retratada nos versos do poema *Brasília 5.0* de Gustavo Dourado. Antonio Candido, (2011) nos leva a refletir sobre qual a influência exercida pelo meio social na obra de arte. A partir dessas reflexões, esse trabalho propõe fazer uma correlação entre a paisagem de Brasília fotografada e interpretada nos versos de Gustavo Dourado e a perspectiva sociocultural, fundamentada nos textos de Antonio Candido (2011). No poema em contexto, Dourado (2010) faz referência não só a epopeias da construção de Brasília, mas as figuras protagonistas dessa narrativa poética. O cordel de Gustavo é carregado de sentimentos, imagens, e retratos da cidade de Brasília. De acordo com o professor Alfredo Bosi, “Se nos dispomos a considerar qualquer poema para determinar o que nos faça julgá-lo como tal, discernirmos ao primeiro olhar constantes e necessários dois elementos: um complexo de imagens e um sentimento que o anima” (BOSI, 1996, p. 8).

As vozes indígenas na arena da geopoesia: revelando Brasis/Pindoramas e ensinando a manter o céu suspenso

Joel Vieira da Silva Filho (UFAL)

Resumo Os indígenas das terras de Pindorama/Brasil são povos formados na tradição oral, tal como, na proposta de Walter Benjamin (1994), são exímios narradores. À vista disso, este estudo tem por objetivo destacar como os narradores orais indígenas influenciam/colaboram para a composição poética de autoras indígenas. Da mesma forma, será vislumbrado como esses povos mantiveram/mantém a arte de narrar e a experiência em movimento, sobretudo em meio ao processo colonizatório e as constantes ameaças às vidas indígenas. Assim, enveredamos as poéticas indígenas de Márcia Kambéba e Eliane Potiguara pelos estudos da geopoesia, em dialogismo com as considerações de Walter Benjamin acerca d'O narrador (1994). Situando nossa discussão numa arena polifônica, aludiremos às concepções teóricas de Mikhail Bakhtin (2018), posto que, essas poéticas revelam vozes ancestrais e vozes identitárias, bem como o compromisso ante os ensinamentos herdados e o cuidado com terra em que habitamos. Revelando, desse modo, os Brasis/Pindoramas a serem preservados, pois como destaca o xamã Davi Kopenawa (2015), é preciso evitar a queda do céu; ou, nas palavras de Daniel Munduruku (2017), manter o céu suspenso. A partir desses diálogos, a polifonia de vozes indígenas une passado e presente e compõe um movimento de encontro da memória e atualização da ancestralidade.

Bahias: de Spix & Martius a Juraci Dórea

Helena Magon Pedreira de Cerqueira (USP)

Resumo “Viagem, experiência, perigo, percurso” (CARERI, 2018, p.46). Dentre o vasto leque de experiências, há sempre o exercício do ser e do estar, de formas de se relacionar, pensar, e, algumas vezes, de sobrevivência. Também a possibilidade de contato com distintas realidades e de afetos, e o valor do retorno. A ideia de percurso vai muito além do deslocamento físico, geográfico: o caminhar é uma prática estética desde quando os primeiros deslocamentos começaram a

ser feitos pelo homem – o espaço percorrido, imaterial, que passa a adquirir sentido simbólico: a ação em si, a linha cortando o espaço e “o percurso como estrutura narrativa” (CARERI, 2018). Em se tratando de paisagens e cidades, conectarmos ao berlinense Walter Benjamin (1892-1940), é inevitável. Por suas imagens de pensamento, é considerado um retratista da modernidade: entrecruzando campos de conhecimento e mirando as transformações do século XIX para o XX, antecipou diagnósticos sócio-políticos, artísticos e estéticos que seguem atuais no mundo contemporâneo. Para Benjamin, questão fundamental é o tempo histórico, na historiografia burguesa, condenado a uma linha vazia, constante e homogênea (BENJAMIN, 1993, p. 229), além da falta de um revisionismo na história vigente. Nessa direção segue a crítica de Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2011), ao pensar como se deu a construção da “Nordestinidade”, calcada em estereótipos inerentes a relações de poder. Propomos, assim, traçar uma reflexão acerca de experiências estéticas e visualidades tendo como ponto de partida a grande expedição dos alemães Spix & Martius pelo Brasil (1817-1820) e o registro da Bahia. Iluminando algumas dimensões diante das inúmeras que o extenso lugar e imaginário nos oferecem, pretendemos ilustrar a amplitude das leituras e possibilidades estéticas contemporâneas apresentando, então, o trabalho do artista baiano Juraci Dórea (1944-).

Conversas entre o escritor de Campo Geral e seu tradutor italiano: escrever/ traduzir

Joana Luiza Muylaert de Araujo (UFU)

Resumo Em carta de 4/12/1963, a seu tradutor italiano, Guimarães Rosa revela que escrever um livro é traduzi-lo de “algum alto original”, sempre esquivo; no limite, intraduzível. Extraio dessa afirmação o mote para refletir sobre a ideia de “tradução” nela contida, escrita-tradução sempre sujeita a erros, a distâncias entre a língua humana traduzida e a linguagem arquetípica imaginada. Para ampliar a compreensão das questões envolvendo o ato tradutório, recorro à correspondência entre o tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, e o autor de *Corpo de baile*, travada no período de outubro de 1959 a outubro de 1967,

com foco nas passagens que tratam da estória de Miguilim, em Campo Geral, a primeira das sete narrativas que compõem o livro *Corpo de Baile*, assim no singular, paisagem-tradução de todas as paisagens no plural, contendo, “em germes, os motivos e temas de todas as outras, de algum modo”, como nos explica o autor. Nessa comunicação, pretendo abordar as conversas entre o escritor e o tradutor, assumindo como pressuposto a ideia de que traduzir é “abrir no nível da escrita uma certa relação com o outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro”, nos termos de Antoine Berman; ou encontrar o que Walter Benjamin chamou de “traduzibilidade da obra”, sem deixar de apontar para o que nela persiste como “intraduzível”, em seu conhecido ensaio sobre os problemas da tradução.

Descrevendo o Oriente: Notas de um viajante Amazônico

Anna Carolina de Abreu Coelho (UNIFESSPA)

Resumo Devido às limitações impostas pela pandemia, a leitura de narrativas de viagem é uma das possibilidades de diversão e reflexão. Nesse sentido, proponho apresentar um pouco sobre o livro de três tomos publicado entre 1874 e 1876 intitulado *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphóro e Danúbio*, escrito pelo político e intelectual paraense José Coelho da Gama e Abreu (1832-1906). Os Apontamentos de viagem, de Gama e Abreu, guardam muitas semelhanças com a produção de autores europeus e de alguns brasileiros. Os locais escolhidos pertenciam a uma tradição da escrita das viagens iluministas para pesquisa ou pelo prazer cultural (*grand tour*), algumas eram rotas da evasão tempo e espaço (conforme gosto romântico); ao lado dessas características, ocorre a perspectiva prática das viagens a serviço do país (costumeiras no século XIX). Uma boa parte da obra de Gama e Abreu destina-se ao Oriente, em destaque as partes do segundo e do terceiro volume. Devemos considerar também sob essa perspectiva uma parte do primeiro volume que corresponde à Península Ibérica, já que a noção de oriental era ampla e muitas vezes compreendia essa região. Gama e Abreu, em sua viagem no oriente utiliza os mesmos critérios de julgamento já utilizados para as cidades europeias e para o Brasil. Ele não deprecia esses locais de nenhuma forma, mas ao lado dessa perspectiva urbana há lugar para o exótico e

para a busca ou um retorno ao passado através da história e dos monumentos, como era característica dos escritores românticos.

Geopoesia na linguagem das telas: a peleja de Mariazinha contra o Asmodeu Velho na obra “Hoje é dia de Maria”

Marlus Regis Alvarenga (UnB)

Resumo Em um Brasil íntimo, o humano, a terra e a voz se intercalam e se fundem, como os espaços em que ocupam a personagem Maria/ Mariazinha na minissérie “Hoje é dia de Maria” (2005), transposta para as telas por Luiz Fernando Carvalho, destacando a protagonista entre o luto pela perda da mãe, a ebriedade do pai e os desejos inatos de criança. Neste universo de passagens orais como dispositivo de identidade (XAVIER, 2021), a marca do cancionero popular brasileiro, da língua orgânica construída pela “geopoesia” (SILVA JR, 2007) da fala carregam o embate contra Asmodeu em várias faces, bastante articulado, envolto em si mesmo, no “caracol de linguagem” (CORTAZAR, 1995). Na incessante busca pelas “franjas do mar”, Mariazinha encara o ser fáustico com desafios cada vez mais complexos, como uma criança na situação da rua, pé no chão, usando o “apoio imaginário” (CORSO, 2011) como força fundamental para vencer, por intervenção de sua criacionice imaginativa e pelo entendimento do linguajar com o Diabo, a peleja pela sombra de Zé Cangaio, trocada anteriormente com o Mefistofélico, onde sua força é arada como lavoura onde para que as pessoas se entendam, é preciso que ponham ordem em suas ideias, palavra com palavra (NASSAR, 1997). Entretanto, para sobreviver, o que mais Mariazinha tem e precisa é de coragem nas coisas da vida, dando força ao ancestral e descangalhando mundo ao seu redor. Nesse percurso travado no popular, além das lendas e causos do Brasil de dentro, vê-se passagens mambembes, lúdicas, fotografadas como a visão de um imaginário poético, no dialogismo do cinema, uma espécie de equivalente funcional da língua (AUMONT, 2012), do amor, da vida, do dia e da noite, espelhando traços que entrecortam, diafanamente, a cinematografia nacional como um espectro da literatura oral, através do espaço dialógico das telas.

Memórias de geopoesia e de pandemia: o romance febril de Machado de Assis

Marcos Eustáquio de Paula Neto (UnB)

Resumo Propomos análise das Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880/1881), de Machado de Assis, que atravessa o romance tendo em vista a conjectura febril (CHALHOUN, 2017) que assolava o Rio de Janeiro da época. Com foco maior nos surtos da febre amarela ocorridos durante a década de 70, chamamos atenção para a presença epidêmica na produção machadiana e para o modo com que o autor executa uma estilização alegórica (BENJAMIN, 1989) da epidemia. O “narrador” (que articula geopoesia e tanatografia) explora as crises sanitárias, políticas e humanas daquele tempo. Para percorrermos tais veredas, lançamos mão da ideia de dialogismo e de estilização, conforme Mikhail Bakhtin (2017; 2019); e de geopoesia (SILVA JUNIOR; MARQUES, 2015). Grifamos também o caráter dialógico que conduzirá nossa abordagem. Adentramos a obra romanesca levando em conta A) a conjuntura pandêmica do biênio 2020-2021 em que nos situamos, dada a proliferação da COVID-19, tomando como referências históricas e filosóficas trabalhos de Lilia Schwarcz (2020) e de Byung-Chul Han (2017) e B) o contexto parasitário explorado por Bakhtin (2010) ao discorrer sobre o Gargântua e Pantagruel (1532-1564), de François Rabelais – com enfoque em episódio-chave para nossa aproximação, referente às bactérias que povoam a boca do gigante descritas no livro II da pentalogia romanesca. Acreditamos que, com tal emaranhado epidêmico, constitutivo de referências seiscentista, dezenovista e contemporânea, somos auxiliados a atravessar a leitura do romance sepulcral e extrair dele ferramentas que podem nos ajudar a repensar nossa história e nosso País (em constante mal-estar da cultura).

Mitologia e experiência urbana em Antonio Cícero: geopoesia e *flânerie* na cidade e nos livros

Sara Gonçalves Rabelo (UFU)

Resumo A poesia, a voz e o imaginário popular andam juntos desde o início das civilizações – de Grécia e Brasil. Nesse conjunto, conceitos

filosóficos e imagens urbanas sempre se movimentaram. Antonio Cicero, poeta, filósofo e compositor carioca, destaca-se nessa movimentação ao trazer os mitos clássicos para a atualidade e dialogar com o espaço e o tempo na narrativa popular das ruas. Com poemas, músicas e estudos críticos que versam sobre mitologia, filosofia, cidades e literatura, Cicero propicia ao leitor um universo plural permeado por possibilidades visuais, artísticas e literárias. Partindo de uma perspectiva espacial (JAFÉ, 2007), sua geopoesia realiza a arte de andar e de flunar pelas ruas do Rio de Janeiro. Entre lugares e espaços urbanos – livrarias, cafés, museus, apartamentos, além de carros, vans e ônibus – a ótica de um observador das multidões irrompe. Entre o mal-estar e o desânimo, quase como uma crítica às visões cosmopolitas Cicero insere o leitor no movimento singular e instável da metrópole. Em perspectiva etnográfica, este trabalho propõe trazer a obra *A cidade e os livros* (2002) que versa sobre a experiência urbana e estabelece o diálogo entre mitologia e geopoesia. Com a intenção de discutir um *flâneur* poético, carioca e contemporâneo, essa análise ocorre à luz das teorias de Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Paul Valéry, Willi Bolle, Augusto Silva Junior, dentre outros.

No teatro poético de Renata Pimentel: a geopoesia e a flangem do voo das árvores

Eduardo de Lima Beserra (UFAL)
Renata Pimentel Teixeira (UFRPE)

Resumo Denso e leve como o voo das árvores, de Renata Pimentel, publicado em 2015, é o ponto gravitacional em torno do qual este estudo orbita. Organizado em seis partes, de cada uma elegemos um poema. Tais blocos recebem as seguintes denominações: Húmus, Semeadouro, Rizoma, Eflúvio, Intervalo e advertência e Álula, dos quais foram extraídos, respectivamente, Das cartas navais e suas intenções, Declaração, Cais, Hélas, Post-it e Apontamentos. Os textos selecionados se sustentam em figuras que tematizam processos de fluidez, estaticidade, o saber do incerto, desejos/ vontades, bem como as zonas intervalares entre os estados epifânicos e dolorosos do eu poético, que zarpa da clarividência fragmentada em direção ao cais do torpor, dos mistérios recalcitrantes os quais circundam as

condições do ser existente. A investigação desses poemas é norteada pelos pressupostos da geopoiesia, em especial, nos parâmetros estabelecidos por Augusto Silva Júnior (2018). Ainda, acionamos os estudos de Bastos (2009), Durand (2012), Moscovici (2007) e de outros estudiosos cujas contribuições são relevantes para o esmiuçar das questões emergidas a partir das nossas inclinações ao que a perspectiva central, aqui apreciada, abriga em seu seio: o desenhar de cartografias filosóficas, sociais e políticas, a desobstrução da garganta dos silenciados, o desvelar das potências encobertas por véus tecidos a fios embaciados e a concessão de espaços a expressões diversificadas nos territórios das artes, somando a voz poética de renata pimentel a esta picada nas veredas de litoral e chão nordestino, aderindo a essa “moldura teórica que questiona a tradição e o patrimônio cultural literário” (BOLLE, 1986, p. 9), em um eco de inquietações e redefinições do campo artístico literário.

O arcaico e o contemporâneo na prosa de Ronaldo Correia de Brito

Queren Daniela Borges (UFU)

Resumo Ronaldo Correia de Brito é um dos nomes mais representativos da literatura atual produzida no Brasil, é escritor e médico, autor de diversas obras, traduzidas em diferentes linguagens, como o teatro, a música e a literatura. Suas narrativas dialogam com textos bíblicos, tradições e valores, captam falas anônimas, de tipos humanos que povoam um espaço e um tempo do sertão tornado linguagem. Os personagens sertanejos, protagonistas desse espaço histórico/ ficcional, enfrentam e revivem os mais arcaicos e persistentes conflitos sociais e políticos, os mais arraigados e extremos sentimentos de medo, solidão e desamparo. Mas sua significação se espalha para além do chão histórico e geográfico mais imediato, trata-se de experiências recriadas numa dimensão literária de múltiplos sentidos. Em *Gali-leia*, 2008, o romance trará a problemática que envolve o regionalismo literário em diferentes níveis. O sertão é visto sob o imperativo da modernidade, mas ainda carrega consigo as marcas do passado, das paisagens rurais, de origens arcaicas. O presente trabalho propõe discutir as possibilidades que a obra de Ronaldo abre em torno

da permanência ou não do regionalismo, visto que, o mundo globalizado está no sertão, assim como o sertão está em toda parte por onde passam seus personagens. É nesse sentido que espero poder discutir os caminhos estéticos escolhidos pelo autor, os quais apresentam possibilidades de reinvenção de um sertão, que reaparece transfigurado e salvo do esquecimento pela força das palavras/enredos e pela força das tramas refinadas da linguagem de ficção.

O cerrado no romance goiano: imaginário e história em *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga

Maria José da Silveira Gomes (UFAL)

Resumo Este trabalho tem como principal objetivo analisar a representação do cerrado no contexto da obra *Sombras de Reis Barbudos* (1972), de José J. Veiga, buscando focalizar e compreender a questão espacial representada neste romance a partir de um viés geoliterário. O cerrado aparece sugerido através de marcas identitárias, evocando cenas e costumes regionais típicos do interior brasileiro e/ou, mais especificamente, goiano, lugar onde o escritor nasceu e viveu sua primeira década de vida. A ambientação dada por Veiga a sua narrativa parece ter sido inspirada em suas vivências de infância, questão que será abordada/problematizada ao longo deste trabalho, considerando-se o constante e complexo movimento dialético entre literatura, espaço geográfico e paisagens, este último construído não apenas em seu aspecto visual, mas a partir de outras nuances que interagem com outros sentidos humanos: sons, cheiros, sabores, etc., e que cooperam para o reconhecimento da cultura goiana. Tal movimento possibilita o estudo de como a geografia local pode fornecer subsídios interpretativos que, em interação com outros elementos da narração, podem interferir na organização e desenrolar dos acontecimentos narrativos em S.R.B., observando-se uma conexão indissolúvel, advinda do texto, entre a representação literária e a geografia dos acontecimentos. Como amparo teórico-crítico acionamos, sobretudo: Silva Júnior (2018) e Bergamo (2011).

O flâneur Riobaldo: uma travessia metafísica

Rosa Amélia Pereira da Silva (IFBA)

Resumo A presente reflexão parte do pressuposto de que Riobaldo, protagonista do romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, realiza uma travessia edificantemente filosófica. Apesar da pouca instrução formal, a condição filosofante é inerente à sua humanidade: esta eclode porque tudo o inquieta. O seu posicionamento questionador e o fato de duvidar de tudo demonstram que ele vive em constante suspensão do juízo. Assim ele se revela um cético. Já maduro, devido às várias epifanias que viveu, quando reflete sobre as guerras – sentimental e social – que travou para si, é possível reconhecer nele a figura de um filósofo da monta dos grandes fenomenólogos. As reflexões sobre tais epifanias, sobre os fatos que o levaram a elas, demonstram-no um pensador existencialista. Quando ele se põe a pensar acerca da linguagem e de Deus, revela a sua condição metafísica: o ápice da transformação. Ao analisar a narrativa de Riobaldo, observa-se uma ascensão para a transcendência, partindo daquilo que lhe é imanente. A sua travessia pela vida é transformadora e ele têm consciência disso. Assim acreditamos que Riobaldo tenha sido um filósofo ao estilo mineiro, que, ao flunar solitariamente pelo sertão, mesmo acompanhado de um grupo de jagunços, investiga a si próprio para se compreender e falar de si. Em seus devaneios como um caminhante solitário, ele explica os acontecimentos que marcaram a sua infância, a sua juventude, as guerras das quais participou, os amores que viveu, o desejo por Reinaldo/Diadorim que avassalou a sua alma e o seu corpo. Ele perscruta aquilo que não compreendeu de si no passado e que, talvez, não entenda também no presente narrado, exceto pela análise dos acontecimentos que a memória o faz reviver. Nesse viés, busca-se entender esse processo de auto compreensão e de transformação que o narrador de *Grande Sertão: Veredas* viveu.

Paisagem, memória e geograficidade em Astrid Cabral: uma leitura de poemas de *Visgo da Terra*

Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Resumo Importante voz feminina da literatura contemporânea produzida no Amazonas, Astrid Cabral surge na cena literária em 1963, com a publicação de *Alameda*, conjunto de contos de sensibilidade particular e marcante, em que o processo de “animização” de elementos da natureza, como a terra, a árvore, a chuva, etc., constituem “janelas”, pontos de vista a partir dos quais o mundo se configura e significa. A produção posterior da autora é dedicada quase que com exclusividade à poesia, a confirmar a poeta que já se desenhava desde a primeira obra em prosa. Na literatura de Astrid Cabral, o mundo amazonense é força propulsora de sua lírica, surgindo de forma viva e renovada, sem apelos a um regionalismo raso e exótico, instigador de curiosidades passageiras e pitorescas. Ao contrário, revela-se enquanto universo altamente metafórico, denso e misterioso, entranhado de forma indelével, única e sempre movente no ser que o habita. *Visgo da Terra*, publicado em 1986, que aqui será nosso objeto de estudo, dividido em três partes – “Terra”, “Água” e “Seres” – traz com grande pujança a presença do mundo amazônico, desenhado em paisagens que se ancoram na memória do sujeito lírico. No movimento intercambiante entre o presente e o passado, o estável e o instável, o real e o imaginário, o subjetivo e o objetivo, a afastar o posicionamento dualista e investir no aspecto relacional e pluridimensional das coisas, Astrid Cabral põe em cena um universo amazônico altamente vivo, ao dele criar paisagens únicas em que se mesclam, em uma explosão de formas e sensações, o real e o ficcional, marcando, aí, um modo de ser no espaço, ou melhor, uma geograficidade que, se não se abstém da materialidade e referencialidade do mundo, também se alimenta, inevitavelmente, dos estratos da memória e do trabalho da mente.

**Passos e passagens:
o flâneur em “Por onde Deus não andou”, de Godofredo Viana**

Regilane Barbosa Maceno (UnB)

Resumo A Revolução Industrial provocou mudanças intensas e aceleradas na vida econômica, social e política, sobretudo para a burguesia que ascendia no século XIX. O *modus vivendi* do homem transforma, então, a cidade em um ambiente de transitoriedade, com muitos hiatos de passagens, uma vez que as ruas e as praças são engolidas pela multidão que ali se movimenta, como protagonista desse progresso. É nesse contexto de transformações bruscas, aceleradas e efêmeras que o sociólogo e crítico literário Walter Benjamin, a partir das obras de Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, chama a atenção para a figura do flâneur. Benjamin retrata as experiências da metrópole urbana, sobretudo, a francesa e inglesa da primeira metade do século XIX, com uma nova perspectiva de olhar a cidade. Neste estudo, não propomos uma retomada do flâneur aos moldes clássicos, o da Paris e/ou Londres do século XIX, mas utilizamos o espírito da experiência da flânerie como inspiração na análise do romance “Por onde Deus não andou”, do escritor maranhense Godofredo Viana. O objetivo é observar como se configura uma poética urbana da errância individual desdobrada por meio das deambulações que o protagonista do romance realiza pelas vias da cidade. Além das contribuições retrocitadas, buscamos ancoragem também nos conceitos de Literatura de Campo e de Geopoesia, discutidos pelo pesquisador José Augusto e, outros que se fizerem necessários.

Paulo Nunes Batista: um cordelista do cerrado

Gláucia Mendes da Silva (UFU)

Resumo A arte literária tem caráter migratório, pois acompanha os movimentos sociais e se materializa a partir das experiências e vivências históricas, políticas e culturais da sociedade. O poder de abrangência da literatura é imensurável quando se considera sua natureza de representação da realidade por meio da palavra falada, cantada ou escrita, em prosa ou em versos, no âmbito erudito ou popular, ou

ainda no entrelace de todos esses elementos. É nesta forma de evento linguístico advindo da vivência de um povo que a poesia de cordel se consolida como gênero literário e artístico, com raízes na tradição da oralidade, com todas as propriedades de cultura popular de riqueza singular. Introduzida no Brasil pelos portugueses, a literatura de cordel, antes conhecida como versos, folhetos ou romances, possui em suas raízes o caráter migratório, pois fora importada de Portugal para cá, tendo como *locus* inicial a região Nordeste do Brasil. A partir do ano de 1920, com o aumento considerável de tipografias no Nordeste, os folhetos começaram a ser comercializados em diversos locais (feiras, mercados, etc.) e também através do envio pelos correios, em um processo de popularização com a abrangência de circulação. Neste panorama, investigar a evolução da poesia de cordel enquanto gênero literário que integrou esse processo de migração da cultura nordestina para a região Centro-Oeste, mais precisamente para o estado de Goiás, a partir da obra do cordelista Paulo Nunes Batista é o objetivo geral dessa proposta de pesquisa. Objetiva-se realizar um estudo sobre as obras de cordel oriundas do estado de Goiás, tendo como corpus inicial as obras do poeta Paulo Nunes Batista, em busca de compreender o modo como as nuances regionalistas se apresentam e de que maneira a relação intercultural Nordeste – Centro-Oeste é representada pelo sujeito poético na voz do cordelista.

Poesia de habitar Brasília: notas para recordação de Cassiano Nunes e Hermenegildo Bastos

Ana Clara Magalhaes de Medeiros (UFAL)

Resumo 2021 carrega dois importantes marcos para a poesia de Brasília. Trata-se do primeiro centenário de nascimento de Cassiano Nunes, poeta oriundo de Santos-SP, mas radicado em Brasília a partir dos anos 1960, quando passa a atuar como professor de literatura na Universidade de Brasília (UnB). O segundo marco refere-se a outro docente de literatura da UnB, também engajado no ofício de poeta: vivemos o primeiro ano sem Hermenegildo Bastos, falecido nos últimos dias de 2020. Com este trabalho, temos por objetivo central tecer aproximação inédita entre dois livros de poesia publicados em Brasília na década de 1970: *O pássaro-inspeção* (1970), de Hermenegildo

Bastos, e *Jornada* (1972), de Cassiano Nunes. Situado no campo da geopoética, este estudo é desencadeado por ensinamento oral do poeta baiano que viveu boa parte da vida em Brasília, morrendo nessa mesma cidade em 2020. Nos anos 2010, Bastos indicou em entrevista a esta pesquisadora que a poesia feita na nova capital federal, nos anos 1960 e 1970, visava “habitar a cidade”. Desdobramos dessa lição o conceito de “poesia de habitação” e, a partir dele, buscamos elementos de convergência entre a poesia cotidiana, pueril de Cassiano Nunes e os versos filosóficos, por vezes herméticos, de Hermenegildo Bastos. Com amparo de importantes pensadores da poesia brasileira, a exemplo de Augusto Rodrigues, Climério Ferreira e Anderson Braga Horta, tecemos um estudo comparado que aciona ainda ideias de Italo Calvino e Renato Cordeiro Gomes, compondo-se um quadro de crítica polifônica. Nesta jornada lírica pelos livros dos dois escritores, ensinamos, ainda, angariar maior número de leitores para nossos poetas – ambos mais reconhecidos por seu legado como críticos literários. Finalmente, esta exposição busca comemorar o centenário do poeta do “Quintana’s Bar”, enquanto rememora, prestando tributo saudoso, o intelectual marxista que, nos anos 1990, ingressaria como professor de literatura na UnB.

Travessia das sexualidades subversivas e transgressoras na literatura brasileira

André Luiz Moraes Simões (UFPA)

Resumo O presente trabalho intenciona provocar o leitor a uma análise crítica da construção das sexualidades subversivas e transgressoras em obras modernistas e contemporâneas. Na tentativa de compreender o cerne das identidades dos personagens e a forma como as obras foram recebidas pela crítica partiremos da teoria queer, que por sua vez é fundamentada em Butler (1992) Lauretis (2007) e Preciado (2017), para assim compreender a relação entre a obra e o posicionamento político social de cada autor e posteriormente comparar as obras para demarcar as alterações no protagonismo político social dos personagens subversivos e transgressores, de acordo com Foucault (2019) e Georges Bataille (2014, 2015 e 2017). Por essa razão, iremos cursar um caminho por obras que demarcam a fuga da

normalidade denotando para o leitor a subversão, a transgressão do corpo e do desejo, assim como a precariedade da identidade em seu contexto histórico. Nossa análise se inicia na geração de 22 com Mário de Andrade (1893-1945), com o conto “Frederico Paciência”, passando a geração de 30 com José Lins do Rego (1901-1957), com o romance *Menino de engenho* (1932) e a geração de 45, tendo como amostra literária Guimarães Rosa (1908-1967), com o romance *Grande sertão: veredas* (1956), para terminar com Caio Fernando Abreu (1948-1996), com a obra *Morangos Mofados* (1982) e Silviano Santiago, com o romance *Stella Manhattan* (1985). Para tanto, a pesquisa bibliográfica tem como referencial teórico textos da Estética da Recepção de Jauss (1979, 1994), assim como uma parte da fortuna crítica de cada autor, para compreender como se deu a interpretação e recepção de cada época a exemplo de: Mello e Souza (1979), Campos (1973), Proença (1955) Nunes (1999, 2002), Holanda (1995), Lousada (1969), Bueno (2006) e Candido (1964, 1992, 2000).

Tudo é da geopoesia do mundo: passagens polifônicas e etnoflâneries cerradeiras por goyazes, Brasília e brasis liminares

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)

Resumo “Tudo é da natureza do mundo”, revelou a escultora Conceição dos Bugres (MS; 1979). Tudo é da geopoesia do mundo: ensinamentos de niemar. Diante da sociedade doente, lancemos sementes de reflorestar o campo pensamental. Se nosso destino é ser vento e geografia percorramos passagens e flâneries todos os dias. Se o vírus todo dia nos dá lições de partir, a etnografia nos dá lições de vida e escritaria. Nesse caminho, a nossa proposta investiga a literatura de campo centroestina e vozes de goyazes, Brasília e brasis liminares. Dialogicamente recorremos a variantes de geopoetas: a) etnoflâneurs da estilização: Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho Ramos; b) etnoflâneurs dos narradores: Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José J. Veiga; c) etnoflâneurs poéticos: Manoel de Barros, Cora Coralina, José Godoy Garcia; d) etnoflâneurs da cena: Hermilo Borba Filho, Fernando Guimarães, Geraldo Lima. Modos de fazer que agregam elementos centroestinos, sertanejos, caipiras, indígenas e quilombolas. Das pulsões da cultura popular buscamos vozes do mato,

da floresta, de orla, de rios, de festejos e da palavra viva. Seguindo os rastros e as vozes dos que de tão longe vêm vindo, a geopoésia engaja-se em seres e discursos para enfrentar o “preconceito literário”, renovar o cânone e evocar autores esquecidos. A teoria da geopoésia movimenta-se em cartografias que se aproximam da: geocrítica, ecocrítica, geopoética, geopolítica da comparação, estudos da performance, dentre outras ferramentas para pensar espaço e território, cidade e niemares, sertões e veredas. Presentamos assim, paradigmas de renovação diante de transformações tão radicais na humanidade e no planeta – perpetradas pela pandemia. A exploração desenfreada da terra e movimentações político-sociais ameaçadoras exigem nova postura da crítica literária. O tempo da crítica pela crítica, do livro pelo livro já passou: por isso caminhamos na pandemia. Caminhando e etnografando e seguindo a geopoésia do mundo: todo dia!

Um homem nas feiras, uma história nas fronteiras: relatos orais e trajetórias de Zé Mochila no agreste pernambucano

Isabela Pires Ferreira (USP)

Resumo Perdura, há cerca de meio século, no agreste pernambucano, o temor e o fascínio pela história de Zé Mochila. Esta consiste em uma aproximação ao famigerado lobisomem, relatando as peripécias de um indivíduo que transforma-se em animal ao cair da noite devido a uma maldição que lhe fora lançada, e circula por sete estados em uma noite. Assume, no entanto, o tom da galhofa, mistério e irreverência que caracteriza o comportamento do sujeito, figura recorrente a circular nas feiras agrestinas, em que aparece, durante os dias, a pedir uma dose de bebida àqueles que assombrou. Seja através da força poética da narrativa oral, seja por meio da performance dos contadores, ou mesmo, atualmente, nas páginas das redes sociais, a narrativa é contada por muitos habitantes de municípios do agreste pernambucano, de modo que faz parte de um conjunto de conhecimentos culturais compartilhados pela comunidade. Esta pesquisa, através de investigação de fontes orais, detém-se não apenas à observação da construção da narrativa, mas também a observa em paralelo à história de José Belo da Silva, o homem em torno do qual figura a lenda, encontrado vivo em um asilo, aos 98 anos, pela pesquisadora.

Diante disso, propõe-se um levantamento de relatos que permitam reconstruir os dados biográficos de José Belo, a fim de compreender como foi construída a figura fantástica de Zé Mochila. Também se pretende, através de aproximações teóricas diversas, compreender quais as motivações e circunstâncias implicam na elaboração dessa narrativa. Por tratar-se de um trabalho com história oral e com o estabelecimento de fontes historiográficas, há uma reflexão permanente sobre as práticas de pesquisa e os métodos utilizados. Propõe, por fim, uma análise interdisciplinar da representação construída, integrando-se perspectivas históricas, geográficas, culturais e literárias, na medida em que busca interpretar, também, elaborações e gestos humanos produzidos por uma sociedade.

Uma oficina de teatro na periferia de Belém

Willi Bolle (USP)

Resumo A base desta comunicação é o meu livro *Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir* (Edições Sesc São Paulo, 2020). Por meio do estudo do ciclo dos dez romances do escritor paraense Dalcídio Jurandir vamos acompanhar o caminho de formação do protagonista Alfredo, de seus 10 aos seus 20 anos. Dos quatro cenários da ação – ilha de Marajó, centro e periferia de Belém, e a vila de Gurupá (no Baixo Amazonas) – focalizamos a periferia de Belém, onde se passam cinco dos dez romances. O eixo da nossa apresentação é a experiência de uma oficina de teatro, realizada entre 2009 a 2014 com um grupo de professores e alunos de uma escola pública de ensino médio no bairro de Terra Firme. Nossos textos-base são os roteiros cênicos que elaboramos a partir do estudo dos romances. Por meio da obra *Passagem dos Inocentes* (1963) mostramos como o protagonista, que veio da ilha do Marajó, é iniciado à periferia de Belém. O tema da montagem seguinte, na qual juntamos os romances *Primeira Manhã* (1967) e *Ponte do Galo* (1971), é a decepção do adolescente Alfredo com as aulas abstratas e descompromissadas ministradas no ginásio; como alternativa ele opta pela “escola da rua”. Em *Os habitantes* (1976) acompanhamos, junto com ele, a investigação do caso misterioso de uma moça a quem foi negado o acesso ao ensino médio e que acabou caindo na prostituição. Finalmente, na montagem de

Chão dos Lobos (1976), mostramos os desafios que se apresentam cotidianamente para os habitantes de uma favela, e também os meios de socialização na comunidade. – O objetivo desta apresentação é estimular a leitura da obra de Dalcídio Jurandir e, com isso, a reflexão sobre problemas sociais e educacionais que dizem respeito não apenas à Amazônia, mas ao Brasil como um todo.

Simpósio 32**História da literatura brasileira: tradição e novas abordagens**

Silvia Maria Azevedo (UNESP)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Resumo Ao longo das últimas décadas, observa-se uma tendência de recusa às posições essencialistas no que se refere à concepção do cânone e de seus critérios. Durante muito tempo, a discussão teórica sobre a formação do cânone negligenciou a historicidade dos critérios utilizados, representada pelo componente de exclusão, ou seja, “os traços de violência inerentes a todo gesto de escolha e seleção estética.” (KLEIN, 2013, p. 113) A tomada de consciência do potencial de violência inerente às estratégias de composição canônica tem levado ao exercício de revisão do cânone, pautado pelo que foi chamado de “política da memória”, a implicar decisões sobre “o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido.” (GUINSBURG, 2008, p.105) À ausência de consenso, entre os teóricos da literatura, no que diz respeito à formação do cânone soma-se ainda o questionamento sobre a própria validade e circulação do valor estético, em função das aberturas promovidas na incorporação de representatividades culturais, até então excluídas do cânone ocidental, a incorrer, segundo alguns críticos, como Andreas Huyssen, na diluição da atividade teórica e metodológica: “Em uma época em que se espera dos estudos literários que cubram cada vez mais territórios, geográfica e historicamente, o perigo é a disciplina perder a coerência como campo de pesquisa, atolar-se em estudos de casos locais ou tornar-se superficial, negligenciando a necessidade de manter um projeto metodológico e teórico.” (2002, p. 18) No cenário cultural contemporâneo, reafirmar os valores e os nomes do cânone implica, para alguns críticos, incorrer numa posição problemática, por desconsiderar que a arte deve ser democratizada tanto no consumo quanto na produção, enquanto para outros, como Leyla Perrone-Moisés, os apelos para essa democratização na verdade são fruto de uma geração para a qual “a globalização econômica não revelou os problemas nacionais em termos gerais e igualitários, e o multiculturalismo se transformou em enfretamento de particularismos.” (2016, p. 40) Essas questões dizem respeito às mutações que os conceitos e as formulações teóricas vêm sofrendo ao longo do tempo, em função das concepções e

normas que regem a constituição do sistema literário. Ao mesmo tempo que essas concepções orientam a construção do arranjo discursivo conhecido como literatura, interferem também na avaliação e na organização desse mesmo arranjo. Diferentemente, portanto, do historiador do passado, o historiador (narrador) do presente envolve-se com uma série de questionamentos que comprova a fertilidade das reflexões teóricas sobre a literatura e sobre a história da literatura, em particular, atingindo a formação do cânone, entre outros aspectos. Nesse sentido, questionam-se os períodos históricos, os diferentes gêneros literários e até mesmo o conceito de literatura. Esse novo paradigma mostra que a história da literatura não está assentada sobre um discurso unívoco em torno de uma unidade nacional, mas é formada por diferentes vozes, provenientes de estratos variados. A discussão sobre a história da literatura (e da história da literatura brasileira, em especial) recai sobre o alargamento de conceitos como história, literatura, gêneros, cânone; sobre a intervenção ou a ausência das instâncias de recepção que provocam efeitos no discurso historiográfico; o papel dos sujeitos responsáveis pela escrita do discurso da história da literatura. Entende-se, portanto, que estamos em um terreno sujeito a alterações, em mutação e passível de múltiplas leituras, o que comprova a dinamicidade desse campo dos estudos literários, e que veio pôr em xeque certa posição conservadora adotada pelas Histórias da literatura brasileira, escritas a partir de 1970, na observação de João Alexandre Barbosa: “Mesmos autores, mesmas obras, na sucessão de quadros canônicos seculares, acrescidas, aqui e ali, mas sem maiores repercussões de análise literária, pelo próprio tempo histórico, e em decorrência dos métodos historiográficos adotados. Não aquela adição ao cânone advinda de uma releitura capaz de pôr em xeque as fables convenues da historiografia tradicional.” (1996, p. 57) No que se refere à literatura brasileira, por conta desse movimento revisionista, vem ocorrendo nos últimos tempos o resgate de autores e obras literárias que ficaram à margem do cânone, assim também de crônicas, cartas, diários, autobiografias, histórias literárias, quer na forma de estudos e pesquisas, quer na forma de reedição de textos inéditos. Uma vez que o exercício de revisão implica muito mais do que a substituição e agregação de autores e obras marginalizados, o objetivo do simpósio é abrir espaço para a discussão dos critérios de exclusão e revisão na constituição da história literária brasileira.

**“Pedaços miúdos da vida”:
outras vozes, outras águas e outras barreiras**

Gisele Thiel Della Cruz (UNIDOMBOSCO)

Resumo A recuperação do passado por meio de narrativas ficcionais tem se constituído em um terreno fértil para o debate sobre as fronteiras/margens da Literatura e da História. Nesse debate, a importância do lugar de fala é central. Os discursos não são neutros e retratam sistemas de valores específicos de uma época e cultura. As construções discursivas produziram as imagens femininas, suas significações estéticas e políticas. Na produção ficcional brasileira os “perfis de mulher” se ajustaram a um ideal feminino, marca relevante dos romances do XIX e que, em maior ou menor grau, foi repetido no século seguinte. Assim, autor/narrador figuraram o feminino dentro de limites de passividade. Esse ser criado/projetado deveria ser submisso e angelical, cuja única missão em potencial era o amor. Em *Água de barreira* (2018) de Eliana Alves Cruz, a voz narrativa colada às personagens femininas negras potencializa a expressão da margem, colocando em cena a figura da mulher-negra-escravizada. O percurso desenvolvido ao longo do enredo sugere a composição de diferentes vozes que, ao longo do tempo histórico, manifestaram-se em maior ou menor grau. O movimento de lavar roupas, sugerido no título e no decorrer dos capítulos, clareia panos, clareia situações, embranquece grupos, desestrutura aparentes cristalizações sociais e imagéticas. A autora capacita Anolina, Martha, Damiana, Celina, Nunú e outras a, por meio de suas ações, memórias e palavras, dissolver as impressões masculinas sobre o feminino e apresentar o mundo e a mulher essencialmente elaborados a partir de um novo olhar.

**A Identidade Nacional Brasileira
nas Traduções Realizadas por Machado de Assis**

Anderson de Souza Andrade (UNESP)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo realizar uma apresentação das traduções realizadas por Machado de Assis (1839-1908) durante o século XIX de obras oriundas da língua inglesa, destacando

o caráter nacionalista empregue através das traduções, abordando principalmente o seu projeto estético literário no século XIX. Machado de Assis fez uma associação entre o local e o universal, visto que o autor fluminense tinha a intenção de abrigar os textos literários em suas traduções, tendo em vista o contexto social do Brasil. A faceta machadiana da tradução revela como obras de culturas distintas e longínquas, com contextos diferentes, eram adaptadas para uma realidade social brasileira do século XIX, praticando uma certa associação e diálogo entre autores e gêneros literários distintos. Para tal análise iremos nos valer de conceitos aplicados por Arrojo (2005), Benjamin (2008), Britto (2012), dentre outros teóricos da tradução literária. Pretende-se com essa pesquisa, que está em sua fase inicial, ampliar esse campo pouco estudado que é de Machado de Assis atuando como tradutor, apresentando obras de autores como: Edgar Allan Poe (1809-1849), Charles Dickens (1812-1870), Henry Longfellow (1807-1882), William Cowper (1731-1800), William Shakespeare (1564-1616), dentre outros de língua inglesa que foram traduzidos e/ou adaptados pelo autor fluminense para a língua portuguesa.

A produção do poeta Generino dos Santos nos periódicos da virada do século XIX para o XX

Isabela Melim Borges (UFSC)

Resumo A partir da aclimação das ideias positivistas de Auguste Comte no Brasil, desenvolvi em minha tese de doutoramento uma proposta de compreensão da presença dessas ideias na poesia brasileira da virada do século XIX para o XX, de que um dos melhores exemplos é Generino dos Santos (1848-1937). Este, poeta recifense autodeclarado positivista, participou ativamente da fundação do Centro Positivista do Brasil, antes de se tornar Igreja homônima, no Rio de Janeiro. Desse modo, esta comunicação tem por objetivo discutir parte da produção escrita, de teor positivista (mas não só), deste poeta nos periódicos: *O Mequetrefe* (RJ), *O Diabo-a-quatro* (PE) e *O Trabalho* (PE); e, sobretudo, apresentar o poeta, já que se mantém ainda invisível nos compêndios de História da Literatura brasileira. Com isso, o intuito principal é explicitar e debater acerca do diálogo entre a produção em prosa jornalística e a produção poética de Generino

dos Santos, cuja pretensão é de alargar o debate, assim como as pesquisas que estão em andamento. Considerando que esse é um caso entre muitos outros, mas bastante ilustrativo, no que diz respeito à história das ideias, do modo como correntes de pensamentos estrangeiras chegam ao Brasil e aqui vêm exercer influência.

As “Badaladas” do Dr. Semana:

Machado de Assis cronista satírico da *Semana Ilustrada*

Silvia Maria Azevedo (UNESP)

Resumo Nos últimos anos a publicação de várias coletâneas de crônicas de Machado de Assis veio disponibilizar rico e extenso material, disperso por periódicos e revistas, parte dele assinado pelos inúmeros pseudônimos que o escritor criou ao longo da vida. Faltava ainda organizar a edição das “Badaladas”, conjunto de crônicas assinadas pelo pseudônimo Dr. Semana, que circularam na *Semana Ilustrada* (1860-1876), entre 20 de junho de 1869 a 19 de março de 1876, cuja pesquisa de atribuição de autoria a Machado de Assis resultou na antologia, recentemente publicada, *Badaladas Dr. Semana* (2019). Muito embora em momento anterior às “Badaladas” Machado de Assis já houvesse produzido crônicas, é quando se torna colaborador da *Semana Ilustrada* que o escritor passa a escrever crônicas satíricas para uma revista de caricaturas, cujo lema ridendo castigat mores pautava a crítica moralizadora aos principais acontecimentos da semana, quer na linguagem verbal, quer na linguagem visual. Tendo em vista essa experiência inédita na trajetória jornalística de Machado de Assis com a imprensa ilustrada de humor gráfico, representada pela *Semana Ilustrada*, até agora não estudada, a coincidir com os anos de formação do escritor, a pesquisa tem por objetivo investigar as “Badaladas” e a relação desse conjunto de textos com a diretriz satírico-humorística da revista de caricaturas, dirigida por Henrique Fleiuss.

**Barroco (1969-2012/13) e Claro-Escuro (1988-1991):
Portugal-Brasil, duas revistas entre a literatura
e a arte, a palavra e o pincel**

Vivian Aparecida Pereira Pinto (UNESP)

Resumo Fundada por Affonso Ávila (1928-2012) em 1969 e vinculada ao Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, a revista *Barroco* tinha como objetivo divulgar os trabalhos realizados por um grupo de pesquisadores ligados à barrocologia, termo criado por Ávila para denominar a ciência voltada aos estudos sobre o Barroco, bem como conferir visibilidade à produção de escritores e artistas brasileiros que, alinhados àquela tradição europeia, deixaram um grande legado cultural. *Claro-Escuro*, revista lisboense, subsidiada pelo Instituto Calouste Gulbenkian e fundada por Ana Hatherly (1929-2015), professora, poeta, escritora e artista plástica, tinha em seu eixo central o objetivo de promover o diálogo entre pesquisadores que estudavam o Barroco, sobretudo, o português. Como Ávila, Hatherly não se preocupou apenas com a constituição de um corpo de colaboradores de diversas nacionalidades, mas também com a abrangência das pesquisas divulgadas na revista acerca do fenômeno barroco, que compreendiam várias manifestações artísticas, como literatura, pintura, música e arquitetura barroca. O objetivo desta comunicação é apresentar um panorama sobre as duas revistas, considerando as relações Portugal- Brasil no âmbito dos estudos barrocos, bem como situando a concepção gráfica e editorial de ambas as publicações, em diálogo com os respectivos projetos sobre o Barroco.

**Booktube brasileiro: um breve estudo
dos livros recomendados pelos canais literários do Brasil**

Ana Luiza Pereira Furlanetto (PUCRS)

Resumo O presente trabalho pretende pensar a atual crítica e recomendação literária feita pela comunidade booktube brasileira, ou seja, pelo grupo de pessoas que disponibilizam vídeos no site YouTube falando sobre literatura: indicam livros, fazem resenhas, vídeos de recomendações específicas para determinados tópicos, entre

outros. Considerando a influência destes canais literários na forma de ler da contemporaneidade, sendo eles talvez a forma de crítica literária mais acessada pela e mais acessível à população brasileira, a pergunta que norteia o atual trabalho é: quais são os livros que estão sendo recomendados por estes canais? O trabalho selecionará 5 booktubers com mais de cem mil inscritos no seu canal e escolherá os 3 vídeos mais assistidos do último ano para pensar quais são os livros que estão sendo indicados. São livros brasileiros? Caso não sejam, são de onde, então? A literatura latino-americana aparece nessas recomendações? Se forem livros brasileiros, de qual editora? De qual estado é o autor? Qual a etnia dos escritores? Qual seu gênero? Outra pergunta de extrema importância: algum livro se repete? Quais? O trabalho também pretende pensar a relação entre os grupos editoriais cujos livros são mais recomendados relativo às parcerias feitas com os booktubers que estão sendo analisados. Em resumo: estas editoras com parceria aparecem mais nos canais literários do que as editoras que não estabelecem parceria com a comunidade booktube? Com essa pesquisa, pretende-se investigar se há alguns padrões nos livros indicados pelos canais literários brasileiros; e, caso haja, quais padrões são esses.

Januário da Cunha Barbosa: o esquecido “estocador de material” da história da literatura brasileira

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Resumo Como proposta, este Simpósio visa recuperar ou reler a história da literatura brasileira, reavivando nomes relegados ou esquecidos pelo discurso historiográfico. Esquecimento, apagamento ou silêncio são formas de exclusão que atingem personalidades, obras, autores, instituições e fatos que conformaram nossa história literária. Entre esses nomes atualmente apagados ou silenciados, menciono o Cônego Januário da Cunha Barbosa. Figura proativa e empreendedora (se aplicássemos às suas iniciativas e atividades o conceito de empreendedorismo cunhado na segunda metade do século XX), Januário Barbosa investiu no levantamento de documentos para a elaboração de biografias de brasileiros, documentos e papéis sobre a história do Brasil, apontamentos sobre a descrição física do país,

coleta de autores e produção de poetas e escritores, iniciativas que visavam à constituição da memória nacional. O intuito empenhado do Cônego voltava-se para “estocagem de material”, necessário para a recuperação da memória pelas gerações vindouras. Pierre Nora, o historiador francês, no século XX, reconheceria essa operação histórica como de fundamental importância para a preservação do patrimônio nacional, provendo a nação de tudo aquilo que seria recordar, no futuro. Nesse sentido, a atuação do Cônego foi imprescindível para “a constituição gigantesca e vertiginosa de estoque de material, de tudo o que nos é impossível lembrar; o repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de recordar”. Enfoco, nesta comunicação, duas ações que, por sua natureza, contribuem para elucidar o sentido dessa “estocagem”: a edição do Parnaso brasileiro (1829-1831), do que resulta a recuperação e o registro das primeiras manifestações literárias, base para as futuras histórias literárias e constituição do cânone literário nacional, e a fundação de uma sólida instituição, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839), com a função de construir a memória do Império e colaborar para definir a identidade do país em formação.

Mulheres em formação: aspectos do *Bildungsroman* feminino em Lygia Fagundes Telles e Aline Bei

Danielle Felício Mafud (UNESP)

Resumo O presente trabalho é parte de uma proposta de dissertação de caráter crítico e comparativo sobre os romances brasileiros *Ciranda de Pedra* (1954), da autora canônica Lygia Fagundes Telles e de *O peso do pássaro morto* (2017), da autora Aline Bei. Partindo de uma concepção do contexto histórico das últimas décadas, em que a sociedade se depara com sucessivos e paulatinos debates no que se refere à presença e ao valor da mulher, tanto em âmbitos sociais, como também na esfera literária, pontua-se que as “[...] áreas de criação literária que, tradicionalmente, eram ignoradas ou minimizadas pela cultura oficial [...] [tem como um exemplo] à literatura escrita por mulheres [...]” (COELHO, 1991, p. 91). Face ao exposto, percebe-se uma proeminência de obras escritas e, também, protagonizadas por figuras femininas e seus papéis como valor de identificação. Diante

disso, esta pesquisa busca apontar aspectos de um Bildungsroman feminino, à luz da obra da estudiosa Cristina Ferreira Pinto (1990), diante do desenvolvimento das personagens principais, Virgínia de Ciranda de Pedra e da personagem feminina (sem nome) de *O peso do pássaro morto*. Para tal, o estudo propõe investigar as relações familiares conturbadas, tal como os acontecimentos significativos ocorridos durante a vida dessas personagens e as consequências no perpassar das obras, considerando também os contextos históricos e literários do século XX e XXI. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é analisar a transformação e o crescimento das personagens supracitadas, contemplando desde o período infantil até suas fases adultas, com o intuito de contemplar aspectos do chamado “romance de formação” brasileiro em ambas as obras literárias.

Neopicaresca e quixotismo na literatura brasileira: *Memórias de um sargento de milícias*, *Macunaíma* e *O grande mentecapto*

Hudson Oliveira Fontes Aragão (UFS)

Resumo É indubitável que o romance picaresco surgiu na Espanha, por volta do século XVI. Primeiramente, o *Lazarillo de Tormes* (1554?) surgiu como o primeiro romance do gênero. A seguir, Mateo Alemán (*Guzmán de Alfarache*, 1599) e Francisco de Quevedo (*El Buscón*, 1626) consolidaram a picaresca como um gênero literário cômico, em que um jovem marginal à sociedade perambula em busca de melhores condições sociais, em geral através de atitudes que não chegam a ser hediondas, mas que podem ser encaradas como criminosas. Por outro lado, Mário González (1995), além de discutir a picaresca em contexto europeu, propôs o conceito de neopicaresca. A partir do recorte latino-americano, e especialmente do brasileiro, ele percebeu que o romance neopicaresco atende também aos anseios do que chamaríamos de quixotismo. González (1995) não considerou *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha* (1605; 1615) como um romance picaresco, mas esta é, segundo o autor, a obra literária responsável por consolidar os ideais utópicos em nossa literatura de gênero picaresco. A partir de tais considerações, discute-se como três romances brasileiros – *Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade e *O grande*

mentecapto (1979), de Fernando Sabino –, reorganizaram, segundo implicações próprias à região e ao país, o modelo intertextual europeu. Tal releitura considera as utopias brasileiras alucinadamente quixotescas e conduzidas também pela (cômica) precariedade picaresca. Através de tais inter-relações, discordantes entre alguns autores e críticos que fizeram a nossa história literária, em especial Antonio Candido (1970) e Flávio Kothe (1985; 2000; 2004), entre outros, analisaremos como os conceitos de neopicaresca e quixotismo podem auxiliar na compreensão da história (literária) brasileira, a fim de fazer uma releitura dos problemas sociais e políticos do Brasil e revisar conceitos estabelecidos pela história e crítica literária canônicas.

O estalo que ofusca: uma discussão sobre “Balas de Estalo”

Vizette Priscila Seidel (UFPR)

Resumo “Balas de Estalo” (1883-1886) foi uma seção diária do jornal a *Gazeta de notícias*, uma seção composta por vários colaboradores que traziam aos seus leitores críticas e reflexões sobre a política e o cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista. Os estudos em relação às Balas de Estalo atingem prioritariamente seu colaborador mais conhecido: Machado de Assis, deixando de lado os outros colaboradores, que são oito autores reais distintos nessa seção que chegou a contar com vinte e uma diferentes assinaturas. Como sabemos, Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros, pode ter ofuscado os outros colaboradores da seção em relação aos estudos literários, fazendo-se relevante uma observação da unidade entre os textos e diálogos internos para ressaltar o valor da seção como um todo. Dedicamo-nos a fazer uma análise de momentos históricos que selecionamos junto à seção, olhando a estratégia narrativa (ou discursiva?) dos autores em seus textos, relacionando com as questões de sua época, questões que estavam vigentes no final do século XIX. Os textos que compõem as Balas de Estalo são construídos a partir do olhar subjetivo de cada escritor dando voz aos diferentes narradores, que comentam, zombam, dão conselhos, dialogam com seus leitores sobre os acontecimentos políticos e sociais, no bairro ou no país. Dessa maneira, o potencial literário coletivo das Balas de Estalo, um espaço em que os colaboradores puderam fazer experimentações linguísticas e literários, tem

grande relação com os atravessamentos entre as várias vozes que a formava, usando os fatos e os acontecimentos do cotidiano para refletir sobre o momento em que estavam, de maneira bem-humorada e ácida para os seus leitores, apresentando em suas subjetividades os fatos, muitas vezes, causando o desconforto pela situação ali comentada, e, assim, circunscrevendo sob seu nome uma visão demarcada sobre o Brasil oitocentista.

O primeiro romance policial brasileiro: *O mysterio*, de Coelho Neto, Afranio Peixoto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque

Taynara Leszczynski (UFPR)

Resumo A história da literatura brasileira é repleta de apagamentos. Por motivos diversos, mesmo obras de suma importância para a época em que foram escritas acabam sendo esquecidas no decorrer do tempo, como é o caso do livro *O mysterio*, considerado o marco inicial da literatura policial no Brasil. A narrativa foi publicada primeiramente em folhetim, entre março a maio de 1920, no entanto, fez tanto sucesso que acabou virando um livro. A prosperidade da história se constitui pela instigante investigação de um crime, mas também, por ser de autoria de quatro notórios escritores nacionais, já renomados em seu tempo: Coelho Neto, Afranio Peixoto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque. O romance subverte muitas regras tradicionais do gênero policial, funcionando em alguns momentos até mesmo como uma sátira. O teor irônico é realçado pela intertextualidade, visto que o detetive da trama é chamado pelo narrador de “Sherlock Brasileiro”. Não obstante, os próprios autores viram personagens, cujas personalidades são construídas de acordo com o estilo literário de cada um deles. Lê-se ainda uma metaficção, já que o narrador reflete sobre o rebaixamento dos romances de detetive perante a outros romances. O espaço da história também é um aspecto de interesse: a modernidade brasileira, sobretudo, a belle-époque no Rio de Janeiro. A história apresenta vários pontos de vista sobre a modernização que despontava em território nacional naquele momento. Tendo como base dessa análise os recursos de investigação criminalística. Por meio de uma narrativa que mistura humor e suspense, nos deparamos com dois principais grupos sociais: o primeiro,

formado por aqueles que se adaptam à modernidade e até mesmo deslumbram-se por ela e o segundo, por quem a recusa e debocha daqueles que dela se aproximam. Assim, o resgate desse livro também contribui para o entendimento do pensamento de uma época.

O que resta da pedra em “Museu de tudo”, de João Cabral de Melo Neto

Mariane Tavares (UNICAMP)

Resumo Na historiografia literária, a pedra ocupa um lugar importante, principalmente na modernidade, porque representa certa tensão na linguagem, entre a imagem e o símbolo que constrói. Isto é, numa relação de metonímia e metáfora, a imagem da pedra é a de imobilidade, obstrução e outras ideias que correspondam a esse campo semântico, mas no que tange ao simbólico ela pode ganhar conotações que podem ser até opostas à primeira, pois a pedra pode ser porosa ou lapidada, e pode ter diferentes formas. Talvez, além da tensão que a imagem da pedra implique, outro fator que desperte o interesse de escritores por ela, é o fato de que mesmo que ela mude com o tempo, ela permanece e um desafio da modernidade é justamente criar o que não é efêmero, sobretudo na arte. Em “Museu de tudo” (1975), João Cabral de Melo Neto – poeta que à época da publicação do livro já era reconhecido como um poeta de rigor formal e concretude, que explorava a durabilidade e resistência da pedra – trabalha com esse topos de outra maneira. Nos poemas “Retrato à sua maneira”, “Escultura dogon” e “A doença do mundo físico”, Cabral reflete sobre a própria obra e nega que esta seja como um diamante, além disso afirma que a pedra é como doença e que só tem valor enquanto ruína. A partir da leitura de Walter Benjamin, analisaremos como a pedra deixou de ser a base da poesia cabralina para se tornar o que “resta”, também apontaremos como “Museu de tudo” funciona como uma espécie de arte poética e uma nova chave para adentrar e interpretar a obra de João Cabral.

O sistema imunológico da Literatura Sul-rio-grandense: a história ausente de corpos estranhos

Edcleberton de Andrade Modesto (PUCRS)

Resumo Apesar de fartamente discutidas por diversos estudantes da área de Letras, as obras literárias com a temática LGBT encerram-se em análises investigativas de obras isoladas ou, no máximo, um estudo comparado. Desse modo, tendo em vista a presença marcante de uma considerável publicação na prosa ficcional por diversos escritores com essa abordagem temática, é oportuno ressaltar que nenhum historiador ou crítico literário promoveu a construção de uma história da literatura LGBT no Rio Grande do Sul. Há um sistema imunológico agindo dentro da literatura sul-rio-grandense, e a primeira linha de defesa que vem negando a entrada desses escritores são os historiadores que em seu caráter de seleção por quais obras devem entrar para a representação decidem manter de fora qualquer partícula/obra que ameace o corpo/cânone, ou a inquestionável imagem dos escritores e escritoras já consagrados no Rio Grande do Sul. Ao fazer isso, através de um processo de exocitose estes pesquisadores agem como uma célula de proteção deixando de fora toda e qualquer representação da temática LGBT. Assim, ao refletir sobre esse aspecto, a história que se propõe aqui, é a de investigar, na literatura produzida no Rio Grande do Sul esses processos de silenciamentos ou de apagamentos que se vem construindo ao passar dos anos. Ao expor essa lacuna que existe na literatura sul-rio-grandense, pretende-se englobar os escritores e escritoras dos anos 1980 a 2020 que produziram romances com abordagem temática LGBT. Longe de toda a ênfase, merecimento, que lhes foi atribuída aos autores que compõem a já tão conhecida literatura local como uma espécie de memória obsessiva da tradição que conhece apenas o já dito. Esta será a história dos excluídos, daqueles que estão do outro lado, aos quais resta apenas o desconhecido, um murmúrio na margem, o não-dito, ou o não merecido.

O teatro machadiano à margem do cânone

Laura Helena Rossetti Ferreira (UNESP)

Resumo Como se sabe, muitos romances e contos de Machado de Assis fazem parte do cânone da Literatura Brasileira, pois se trata de um autor mundialmente renomado no que se refere aos gêneros supracitados. Em se tratando da dramaturgia, Machado ganhou notoriedade como tradutor de peças francesas, crítico e censor do Conservatório Dramático, no início de sua carreira, diferentemente do que aconteceu em relação às peças de sua autoria, que não foram bem recebidas pela crítica da época, a exemplo de Quintino Bocaiúva, para quem as comédias de Machado de Assis eram para ser lidas, e não representadas. O julgamento de Quintino tinha por base o teatro realista, de tom moralizante, procedente da França, levado ao palco do Teatro Ginásio Dramático, que fazia muito sucesso junto ao público da época. Muito embora, tenha sido nesse ambiente que Machado de Assis estreou como crítico teatral, compartilhando da proposta moralizadora do teatro realista, como autor das próprias peças ele vai se afastar desse modelo, ao optar pelos provérbios dramáticos, nos quais os conflitos não são aprofundados, o desenvolvimento da história acontecendo através dos diálogos entre as personagens. O objetivo da comunicação é propor uma reflexão em torno dos motivos que levaram Machado de Assis ter permanecido à margem do cânone teatral, tendo em vista as críticas que suas peças receberam na época, o que faz com que a dramaturgia machadiana seja ainda pouco explorada.

Olhos d'água: uma tatuagem no corpo

Maria Alice Da Silva Braga (PUCRS)

Resumo Durante muito tempo, a mulher esteve ausente como sujeito da história, ficando, pois, reduzida a uma inferioridade calcada na sua constituição biológica, à mercê de ideologias que a colocavam como o segundo sexo. Sabe-se que a indústria cultural masculina encarregou-se da construção e da cristalização da imagem do feminino e, sob essa perspectiva, é muito difícil recuperar o tempo e reconstruir

essa identidade. Devido ao movimento feminista, a posição das mulheres frente à sociedade cria novos contornos e o posto de ser submisso e inexistente nas categorias de poder e influência social vai, aos poucos, sendo ocupado por mulheres conscientes da importância de seu papel atuante, tanto nos meios de convívio, como nos de divulgação e disseminação do ideário feminino, incluindo os de produção literária. A partir dessa nova tomada de posição, que poderíamos até chamar de imposição, criam-se situações fatalmente conflituosas no âmbito dos gêneros, instaurando-se um processo de disputa nas relações de poder, que abalam antigas estruturas, aparentemente ordenadas, para que, então, a mulher rompa com o discurso de submissão e se estabeleça com propriedade no meio público e no privado. Sob essa perspectiva, a literatura brasileira contemporânea configura-se como território que reúne disputas e jogos de poder, destacando que o monopólio da produção artística não pertence mais a grandes padrões econômicos; a nova literatura busca ser democrática. O estudo que se apresenta procura esquadriñar identidades silenciadas: a mulher escritora negra, bem como identidades sexuais não-hegemônicas, como representação literária. São filhas, avós, amantes, homens e mulheres que emergem, plurais e vulneráveis, de seus dilemas sociais, sexuais e existenciais, próprios da condição humana. Assim, o corpus escolhido são três contos do livro *Olhos d'água* (2014), da escritora mineira Conceição Evaristo.

Um olhar crítico para Tuiatã, de Hilda Simões Lopes (2017)

Jaísa Girardi Morais (PUCRS)

Resumo Proponho neste trabalho contribuir para a construção cultural por meio da seleção de critérios receptivos a revisitação do romance histórico de Hilda Simões Lopes, *Tuiatã: a história verídica de uma família em terra ocupada a casco de cavalo* (2017). Após quase quatro anos do lançamento, apresento o que já foi dito sobre a obra e quais são os aspectos priorizados para o estímulo da leitura no momento inaugural em que chega ao público, também o resumo da obra em plataformas comerciais. Visto que a maioria das chamadas nos veículos de imprensa se propõem a destacar o casamento de um cigano com um dragão militar como origem da família secular, há que

analisar e levar em consideração o que isso implica como uma chave de leitura proposta para a obra. Dito isso, em referência a Vianna Moog (1983), destaco também outras chaves de leitura como a refiguração de personagens históricas, estratégias narrativas para entreteimar a historicidade do texto, aspectos do universo militar e religioso presentes no arquipélago construído esteticamente pela autora do romance para provocar reflexões inerentes às conciliações predominantes também na atualidade de nosso estado e país. Ainda, tomando de empréstimo conceitos ponderados por Ana Pizarro (1993), a partir do olhar de outra leitora e considerando a hermenêutica diatópica dos processos de historicização da literatura, levanto os pontos ocultos no momento recepcional da obra de Lopes e ainda os que podem contribuir para a formação literária da ficção sul-rio-grandense.

Uma história da literatura a partir dos críticos literários: releituras oitocentistas em três estudos de caso da literatura brasileira

Alexsandro da Rosa Menez (Brown University)

Resumo Esta comunicação pretende apresentar alguns resultados obtidos a partir de estudos que demonstram a capacidade dos críticos e estudiosos literários em atribuir, alterar e retificar sentidos ou consensos interpretativos aos textos ficcionais, convertendo a percepção de obras e autores para significados diferentes do seu contexto de origem. Como argumentação desse entendimento, serão expostos três estudos de casos envolvendo situações literárias brasileiras originadas no oitocentos, sendo estes os seguintes: 1) Apolinário Porto Alegre e a atribuição de ambiguidade entre o nacionalismo e regionalismo literário em sua produção; 2) Machado de Assis e a crítica ao Primo Basílio, de Eça de Queirós; 3) O naturalismo brasileiro e a interpretação de sua falta de originalidade em relação ao modelo francês. Salienta-se que a escolha desses casos segue a prerrogativa de seus citados entendimentos serem consensos críticos, exonerando qualquer caráter arbitrário nas suas escolhas. Por fim, intenciona-se evidenciar a historicidade não somente da perspectiva e leitura crítica sobre uma obra, como a agregação e alteração de leituras pela qual a mesma sofre ao longo do tempo, ocasionando, consequentemente,

uma submissão do objeto artístico em relação ao período e as variações do seu contexto de recepção. Como resultado, torna-se evidente a interferência da avaliação do crítico e seus contextos sociais e culturais em relação ao objeto de análise. Assim, argumenta-se que a inserção do crítico e estudioso literário permitiria a expansão da compreensão de estudos literários para além dos parâmetros exegéticos e contextualistas prevalentes ao campo.

Uma historiografia da literatura sob a condição histórica: contribuições de Paul Ricoeur

Jonas Kunzler Moreira Dornelles (PUCRS)

Resumo O presente trabalho busca desenvolver possíveis contribuições da historiografia de Paul Ricoeur, em especial de *A memória, a história e o esquecimento* (2010), para a análise e produção do discurso da história da literatura. Importante filósofo da história, Ricoeur permite relacionar o arquivo como rastro, indicando sua relação com duas importantes formas de temporalidade: a temporalidade do cuidado (onde buscamos os agentes históricos e onde procura se posicionar o historiador); e o “tempo histórico”, produto resultante da figuração narrativa do discurso histórico. Fazendo frente aos esquecimentos, o historiador busca fazer emergir dos rastros sua potência histórica, adotando uma retórica que assuma os limites do registro do passado, as ausências, as falhas de arquivamento. Trazendo para o instante do cuidado, ressalta-se no tempo histórico a tragédia da finitude humana, a revolta frente injustiças históricas, a denúncia de apagamentos ideológicos. Como Finazzi-Agró (2008), que traz o leitor para o tempo pre-ocupado, busca-se fazer história por via da representância, uma espécie de força da imagem capaz de produzir impacto no leitor ou ouvinte da narrativa histórica. Enfrentando o esquecimento dos rastros, a narrativa histórica procura reconfigurar a posição de injustiçados frente a instituição literária, exigindo compromisso dos historiadores e da recepção da história da literatura, de maneira que a partir de sua enunciação se procure, como um pacto, fazer um futuro mais justo. É, portanto, a proposição de uma historiografia reflexiva para o discurso da história da literatura, um registro que traz pra superfície seus problemas teóricos, critica possíveis

representações equivocadas e propõe representações historiográficas que possam refigurar e acionar o legado dos mais diversos agentes discursivos (escritores excluídos, mulheres, negros, LGBTQIA+, indígenas, “loucos”, etc), no combate contra o esquecimento e fazendo frente a injustiças através do arsenal próprio do discurso histórico.

Xavier de Carvalho: um mediador cultural

Jaqueline de Oliveira Brandão (UNESP)

Resumo A imprensa brasileira constitui um terreno fecundo para o estudo das transferências culturais entre Brasil e França, especialmente no período em que não apenas ela se encontrava em processo de formação, mas a própria nação estava em vias de consolidação de sua identidade. Dentre o vasto conjunto de bens propagados através das transferências culturais desse momento, nos deteremos naqueles que foram veiculados pela imprensa carioca, mais especificamente através da coluna “Cartas de Paris” ou “Cartas Parisienses”, do jornal *O País*, escrita pelo correspondente estrangeiro José Xavier de Carvalho Júnior (1861-1919). Em função disso, o lisboeta Xavier de Carvalho deve ser considerado um agente das transferências culturais, portanto um mediador, tendo em vista que desempenhou um papel significativo na divulgação da cultura europeia, fundamentalmente ao que tange à literatura, sobretudo a francesa, não apenas no Brasil, como também em seu país de origem, em um momento em que a nossa Semana de Arte Moderna estava sendo gestada, o que coincide com o advento da vanguarda Futurista. Dessa forma, Xavier de Carvalho contribuiu para o desenvolvimento cultural de ambas as nações, que tiveram a oportunidade de se apropriarem desses objetos culturais, aclimatando-os aos próprios contextos e, por isso, tornando-os legítimos e originais.

Simpósio 33**Inventários da memória: coisas e objetos na literatura judaica**

Lyslei de Souza Nascimento (UFMG)

Nancy Rozenchan (USP)

Resumo Primo Levi, em *É isto um homem?*, relata as atividades das mães apesar da situação-limite em que se encontravam com seus filhos: “Cada um se despediu da vida da maneira que lhe era mais convincente. Uns rezaram, outros se embriagaram; mergulharam alguns em nefanda, derradeira paixão. As mães, porém, ficaram acordadas para preparar com esmero as provisões para a viagem, deram banho nas crianças, arrumaram as malas, e, ao alvorecer, o arame farpado estava cheio de roupinhas penduradas para secar. Elas não esqueceram as fraldas, os brinquedos, os travesseiros, nem todas as pequenas coisas necessárias às crianças e que as mães conhecem tão bem. Será que vocês não fariam o mesmo? Se estivesse para ser mortos amanhã, com seus filhos, será que hoje não lhes dariam de comer?” (p. 15). Georges Perec em *As coisas: uma história dos anos 60*, adverte: “E houve o sabão em pó, a roupa que seca, a roupa que é passada. O gás, a eletricidade, o telefone. As crianças. As roupas e as roupas de baixo. A mostarda. As sopas em pacote, as sopas em lata. Os cabelos: como lavá-los, como pintá-los, como mantê-los, como fazê-los brilhar. Os estudantes, as unhas, os xaropes para a tosse, as máquinas de escrever, os adubos, os tratores, as diversões, os presentes, a papelaria, a linha branca, a política, as autoestradas, as bebidas alcoólicas, as águas minerais, os queijos e as conservas, as lâmpadas e as cortinas, os seguros, a jardinagem. Nada do que era humano lhe foi alheio.” (p. 27). Coisas e objetos habitam, como se vê nas citações de Levi e Perec, de forma singular, a literatura judaica. O arrolamento, as listas e as enumerações são, nesse sentido, estratégias ficcionais da tentativa de resgate, de elaboração e de compreensão do mundo a partir de fragmento, itens, ruínas. Em estado de dicionário, como queria Carlos Drummond de Andrade, que parecem trazer de longe, ou de não tão longe na história, “entre o ser e as coisas”, vozes que não podem ser apagadas, as coisas e os objetos inanimados citados no texto literário constituem escopo de reflexão deste simpósio. Objetiva-se, nesse recorte, receber propostas de comunicação que: efetuem uma reflexão sobre a literatura judaica que deixe vislumbrar

como os objetos, as coisas e suas relações com a memória, na dupla tensão entre lembrar e esquecer, parece trazer o humano, muitas vezes, destituído de sua individualidade, ou humanidade. O principal desafio dessas comunicações será aproximar o pendor da escrita, enciclopédica, como queria Umberto Eco, a narrativas estruturadas sobre a condição da traduzibilidade precária da memória, às vezes à contrapelo, como nos ensina Walter Benjamin. Já, a partir de Jorge Luis Borges, a lista de coisas e objetos pode, ser levada a extremos, como uma máxima exploração dos recursos da memória, mas cada vez mais absurdos. Ler e escrever entre escombros é, assim, um das múltiplas faces da presença de coisas e objetos que mobíliam o mundo encenado na ficção. Não afeito à monumentalidades, os escritores que fazem da estratégia de elencar coisas e objetos em sua ficção, partem do pequeno, do ínfimo, da história vista de baixo. Por isso, “o que se poderia tomar por simples catálogo de dicionário parece antes sintetizar a rememoração profunda de uma cultura, um lugar, um longo período”, como queria Viviane Bosi. As coisas e os objetos, portanto, fazem ouvir vozes que anseiam sair do estado de dicionário e vir habitar nossa memória. Ler, portanto, a “escrita das coisas”, na esteira da “arqueologia das coisas”, como queria Michel Foucault, esperamos atentar para o desejo dos escritores de fazer falar os objetos nos textos literários. Essa proposta, portanto, propõe uma reflexão que surge no estudo das coisas e dos objetos, potencializando um recorte teórico, de acordo com Beatriz Sarlo, para pensar a “arte da memória”, em contraposição, talvez, de um “dever da memória”. A estratégia de se construir uma a memória a partir de itens (coisas e objetos) de uma lista ou enumeração, às vezes como verbetes de uma “enciclopédia intertextual”, constitui-se de “um arquivo aberto” em que cada item instaura possibilidades de fazer confluir sentidos que podem ser acessados pelo leitor. Essa capacidade da coisa ou do objeto vir nesses textos apresenta-se entre a exatidão e a multiplicidade, como queria Italo Calvino. Essa inscrição da coisa ou objeto na narrativa contemplará, nesta proposta, comunicações que se dedicuem à análise e à interpretação das vozes desses elementos na prosa ou na poesia judaica.

A Bíblia, os livros e a biblioteca intertextual de Samuel Benchimol

Alessandra Fabrícia Conde da Silva (UFPA)

Resumo Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, afirma Jorge Luis Borges, o mais espetacular é sem dúvida, o livro. Os demais são, para o escritor, extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio da visão; o telefone, da voz; o arado, a espada, do braço. O livro, porém, é outra coisa. É uma extensão da memória. Esta comunicação pontuará essas recorrências e mesclas, considerando dois livros de Samuel Benchimol. Benchimol nasceu em 1923 e faleceu em 2002, em Manaus. Foi professor, ensaísta e poeta. Estudioso da Amazônia, dedicou-se a publicação de livros seminais sobre a formação social e econômica da região. Para além dessas contribuições acadêmicas, entre a exatidão e a multiplicidade, com um lastro enciclopédico e poético, ele mesclou o imaginário ficcional com o cotidiano amazônico de forma paradigmática. A partir da reflexão de Borges, analisarei a presença dos livros tanto em *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*, de 1977, quanto em *Eretz Amazônia*, publicado em 1998. Nesses textos, a referência ao objeto livro, como a Bíblia, por exemplo, dá testemunho da vasta cultura, da erudição e da memória de Benchimol, mas também de sua habilidade em abrir as páginas desses livros, fazendo-os falar, conformando, desse modo, uma rica e vasta biblioteca intertextual que ilumina o nosso olhar para os escritores na Amazônia.

A colher: objeto e humanização em Primo Levi

Filipe Amaral Rocha de Menezes (UFMG)

Resumo A colher é um dos mais comuns objetos do cotidiano. Elas podem ser feitas dos mais variados materiais como madeira, aço, ferro e ou outros metais mais nobres até mesmo de ossos, papel, plástico. Primo Levi em *É isto um homem?* afirma que uma de suas preocupações iniciais em Auschwitz foi como comeria a sopa distribuída pela manhã, pois não possuía uma colher. Esse objeto corriqueiro torna-se, naquele espaço de confinamento e morte, uma moeda de troca valiosa na movimentada rede de tráfico que acontecia nos campos

de concentração. O seu uso, para além do essencial no consumo da sopa diária, era um fator de civilidade e, em última instância, de humanidade. O objetivo desta comunicação é apresentar a colher como um objeto de especial desejo e de necessidade no texto de Primo Levi. Estarão em análise as diversas cenas nas quais esse objeto desempenha o papel principal, dadas as condições precárias tanto da alimentação, quanto dos próprios prisioneiros: roubos pelos demais internos, confiscos pelas autoridades, o contrabando dentro e fora dos campos. Pretende-se, assim, demonstrar como a colher é valorizada nos campos de concentração, pois apesar das dificuldades de obtê-las, o seu uso constitui um pequeno reencontro com a dignidade e com a civilidade perdidas e uma tentativa de retorno à condição humana roubada pelos nazistas.

As casadoiras: uma leitura feminina de Dorit Rabinyan

Nancy Rozenchan (USP)

Resumo Com carreira bem-sucedida iniciada com um romance publicado aos 22 anos e traduzido em quinze línguas, a israelense Dorit Rabinyan se dedicou mais de uma vez aos sonhos e desilusões de jovens casadoiras da comunidade judaica iraniana, da qual ela própria é originária. Enquanto o primeiro livro foi ambientado no país de origem de seus pais, o Irã, o segundo romance, *Hachaturnot shelanu* (*Os nossos casamentos*), de 1999, se passa principalmente em Israel. O título da tradução americana do livro, *Strand of a Thousand Pearls*, de 2001, estimula o enfoque da temática do “fio de pérolas”. Na verdade, muito mais numerosas, foram bordadas em fios pela mãe quando a jovem Iran sequer conhecera alguém com quem se casar. Adornaram o vestido de casamento de Iran e, mais tarde, compraram o apartamento onde foram viver. O noivo, o modesto pescador Solly Azizyan, deu à noiva uma grande caixa de joias a qual prometeu encher. Por ocasião das núpcias, ela continha apenas um simples anel de prata sem enfeites. O contraste joia/recipiente do feliz casal é retomado ao serem ressaltadas as desventuras matrimoniais da geração seguinte. A narrativa, em tom feminino e, por vezes, feminista, é feita indistintamente pelas filhas. A abordagem do romance abrangerá ainda alguns outros objetos que se somarão ao fio de pérolas.

As ruínas e a lição das coisas: Giselda Leirner, Ruth Sprung Tarasantchi, Leila Danziger

Lyslei de Souza Nascimento (UFMG)

Resumo Esta comunicação pretende contribuir com a crítica sobre a arte e a literatura sobre a Shoah no Brasil a partir do estudo da presença de coisas e objetos em textos selecionados de Giselda Leirner, Ruth Sprung Tarasantchi e Leila Danziger. As três, escritoras e artistas plásticas, põem em cena, em suas obras, a multiplicidade representada pelo descobrimento das potencialidades narrativas dos objetos e das coisas que funcionam não como um saber estanque, mas, como “ruínas circulares” ou um ponto-Aleph, como queria Jorge Luis Borges. Estarão, também, em perspectiva, as teorias de Walter Benjamin sobre a narrativa, a memória e o fragmento, bem como as propostas das lições americanas de Italo Calvino para a literatura contemporânea. Nas artes, a presença de objetos, às vezes mínimos, fazem deslocar o olhar do leitor-espectador das monumentalidade para as coisas em sua mínima compleição. Brinquedos quebrados, uma trouxa pequena, tocos de lápis, borrachas usadas. Esses objetos, dispersos ou presos em uma coleção, uma imaginária unidade, metaforizam as incontáveis perdas, mas, sobretudo, o que resta, em metonímia composição da resistência. Tanto no texto, quanto nos trabalhos visuais, os objetos significam e fazem falar as memórias: a própria e a alheia, a factual e a ficcional. As coisas têm alma e, no espaço da arte, é preciso desentranhar-lhes segredo, voz e testemunho, a fim de reverter a sentença pouco generosa da mudez ou da afasia. Nesse sentido, espera-se realizar uma reflexão sobre o valor do pormenor, os limites da representação da Shoah, em obras, nas quais os de fragmentos, as ruínas e os resíduos, como motivos artísticos, escapam de uma avaliação de que são obras-limite, fechadas em sua significação pela precariedade.

Eis o quipá:

a presença religiosa judaica em *A colina*, de Assaf Gavron

Juliano Klevanskis Candido (UFMG)

Resumo O escritor israelense Assaf Gavron, no romance *A colina*, publicado em 2013, apresenta uma série de objetos que, invariavelmente,

inscrevem-se na tradição religiosa judaica. O quipá (solidéu), um desses elementos, marca a onipotência de Deus e a submissão do homem ao seu Criador. A colina trata da vida de colonos judeus em um pequeno assentamento ilegal na Cisjordânia, denominado Ma'aleh Hermesh C, próximo a dois assentamentos autorizados, Ma'aleh Hermesh A e Ma'aleh Hermesh B, e está acima de uma vila árabe cercada por antigos olivais. O romance, premiado em Israel, aborda assuntos controversos. Ele se inicia com um eco irônico da narrativa bíblica, insinuando que os colonos talvez imaginem viver em um novo Éden. Em geral, os colonos mantêm relações complexas com os palestinos, os israelenses seculares e o governo israelense. Os colonos de A colina são homens com barbas, pe'ot (cachos) e grandes quipot de malha, que consideram, por exemplo, os pequenos quipot de ortodoxos modernos como uma concessão vergonhosa. Assim, a narrativa traz para o leitor personagens que variam estética e ideologicamente. O objetivo desta comunicação é analisar a presença da quipá, no romance de Gavron, no intuito de explorar a relação desse objeto judaico com o estatuto de ficção do relato.

Ele roubava livros:

objetos como inscrição da memória em *K.: Relato de uma busca*

Ricardo Augusto Garro Silva (UFMG)

Resumo Publicado originalmente em 2011, o romance *K.: Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, narra a trajetória de um escritor judeu-polonês de literatura em língua ídiche, nomeado apenas como K., que migrou para o Brasil no período anterior à Segunda Guerra Mundial. O livro tematiza o desaparecimento de sua filha e do seu genro no Brasil dos anos 1970, sob a ditadura civil-militar que governou o país entre 1964 e 1985. O desaparecimento é o ponto de partida de uma investigação e de uma peregrinação em busca do paradeiro de ambos, durante as quais, ao mesmo tempo que se delineia a história recente do país, se apresenta as características pessoais de K. e de personagens ligados à sua vida. No capítulo “Livros e expropriação”, a partir da frase inicial “Ele roubava livros”, Kucinski define a personalidade de seu cunhado, Wilson Silva. O militante político, fiel ao ideário marxista, tem a partir dos livros roubados o desenho de

uma personalidade idealista e apaixonada, que levará ele e sua esposa, Ana Rosa Kucinski Silva, a serem assassinados por agentes do Estado brasileiro. A comunicação, a partir da simbologia de objetos que são deixados para trás – como os livros que representam o personagem –, tanto no momento de fuga apressada, como por herança legada aos familiares, busca interpretar como o escritor, por intermédio desses objetos, ao mesmo tempo que define os personagens, elabora a memória dos desaparecidos políticos no contexto da ditadura civil-militar.

O manuscrito como objeto de memória em “O Mundo que eu vi”, de Stefan Zweig

Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU)

Resumo *O Mundo que eu vi, minhas memórias*, do autor austríaco de origem judaica, Stefan Zweig, foi publicado no Brasil pela primeira vez em 1942, pela editora Guanabara, com tradução de Odilon Galotti. Essa obra traz reminiscências e reflexões em torno da Primeira e da Segunda Guerra, bem como os anos sombrios da ascensão de Hitler ao poder e das atrocidades do nazifascismo. Mescladas às estas evocações dos conflitos mundiais e das barbáries da Gestapo, Stefan Zweig apresenta também suas lembranças do período entregueras: os anos de idílio e alegria, em que ele, famoso autor de best sellers, em considerável situação financeira, podia viajar despreocupadamente por toda a Europa e parte das Américas, participando de leilões, visitando livrarias e amigos, afim de adquirir uma das suas mais intensas paixões: manuscritos raros dos mais diversos escritores, músicos e artistas consagrados. Foi assim que ele construiu um invejável acervo de textos escritos à mão, provavelmente o mais completo e importante arquivo particular europeu destes preciosos objetos. Em suas memórias, Stefan Zweig enumera parte dessa coleção, que vai de originais de Rilke, Freud, Gorki, Goethe, Balzac, até manuscritos de pautas musicais de Mozart, Bach e Beethoven. Para Walter Benjamin, o colecionador vive uma tensão entre “a ordem e a desordem” já para Umberto Eco, arquivar objetos seria “um modo de reapropriar-se de um passado que nos foge”. Assim, o principal objetivo dessa comunicação será refletirmos sobre as memórias de Zweig

em torno da aquisição e da dispersão desse valioso acervo de raros objetos, em meio aos caos da guerra e ao exílio no Brasil.

O museu doméstico secreto

Luis Krausz (USP)

Resumo O propósito desta comunicação é investigar e descrever alguns itens que fazem parte de uma coleção de objetos de uso cotidiano, trazidos de Viena para o Brasil à época da emigração de membros da família Krausz-Faltitschek, na década de 1930. Esses objetos representaram, na história dessa família, a ligação com um mundo perdido para sempre: aquele da simbiose austro-judaica, destruída pelo nazismo. Testemunham, além disso, o desejo de manter viva, no Novo Mundo, uma cultura que, na Europa, se tornara impossível. Como exemplos cabe citar um relógio de bolso, transmitido de geração em geração como presente de Bar-Mitzvá, como se um dia pudesse vir a marcar, novamente, os tão desejados “tempos dourados”, associados seja ao passado do “Mundo de Ontem” ou ao futuro glorioso do “País do Futuro” (Stefan Zweig). Ou um retrato do Kaiser Joseph II, que abriu o caminho para a emancipação e para a germanização dos judeus da Morávia, e que era considerado como o protetor e o redentor dos judeus na monarquia do Danúbio. A observação crítica desses objetos deve conduzir a uma espécie de arqueologia dos sentidos perdidos, e trazer à tona aspectos relevantes de um projeto de identidade malgrado e exilado: aquele dos judeus emancipados, quando não assimilados, de língua alemã da Europa Central.

Objetos da cultura judaica recuperados em poemas de Scliar-Cabral

Leonor Scliar Cabral (UFSC)

Resumo Rastreio a recuperação de objetos da cultura judaica que povoaram o cotidiano de minha infância em Passo Fundo, RS e de minha adolescência, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Além de inventários da memória, funcionam como símbolos, impregnados

de intensa carga afetiva. No poema “Minha avó” ressurgem as velas acesas no Shabat do Pessach, a lisa e transparente massa que a ‘bobe’ adelgaçava sobre a mesa para recheá-la com nozes e geleias, no insuperável strudel judaico que eu jamais comi igual; rememoro a matzá, o osso de cordeiro assado, o ovo rijo e as ervas amargas, o charosset e a água salgada, mas também a taça erguida com vinho para as bênçãos. O samovar dourado é um objeto revivido em vários poemas, objeto que traz à lembrança os momentos de aconchego familiar, quando, ao redor da mesa, sorvíamos o chá, que de tão quente era espalhado no pires da chávena, tendo antes colocado na boca um pequeno cubo de açúcar em pedra para o derreter. No poema “O noivo fugiu”, outro objeto da cultura judaica é o baú da noiva: preparar bem as moças casadoiras é um dos principais deveres para que não fique solteirona, uma desgraça! Evoco o baú de mil cadeados, cheirando a naftalina dissolvida. E, claro, a Torá, é o objeto mais sagrado que comparece muitas vezes.

Objetos e ruínas: a casa sefardita em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito

André de Souza Pinto (UFMG)

Resumo Em *Galileia*, 2009, de Ronaldo Correia de Brito, narra-se a história dos Rego Castro, uma família arruinada no sertão dos Inhamuns, no nordeste brasileiro, e cuja genealogia familiar é marcada pela existência de antepassados sefarditas. No romance, a referência aos cristãos-novos se dá por meio da apropriação de relatos genealógicos ficcionalizados, que seriam, segundo o narrador, confirmados pela existência de uma antiga escultura, a Pedra de Jacó, imagem grafada com uma frase escrita em holandês, o que aproximaria a família a um possível antepassado imigrante. Atuando como uma forma de testemunho, conforme afiança Jean Baudrillard, o objeto decorativo “dá-se portanto como mito de origem”, o que permite, ao leitor, vislumbrar, na arca de Raimundo Caetano, patriarca da família, e na referência ao baú de Maria Raquel, outros índices da origem dos Rego Castro: “objetos misteriosos, camuflados pela sombra”, álbuns de fotografias escondidos embaixo de fundos falsos, livros que apontariam a sentença sobre a ruína da família, uma flor

seca dentro de um envelope e anotações sobre o cotidiano familiar. Desse modo, propõe-se, nesta comunicação, analisar a construção de uma memória familiar que se dá a partir dos objetos e das relíquias dos Rego Castro, restos ocultos nos baús da família.

Os objetos narram o mundo: Primo Levi e a memória das coisas

Claudia Cristina Maia (CEFET-MG)

Resumo O objetivo desta comunicação é apresentar uma investigação sobre a relação entre a memória e os objetos no livro de ensaios de Primo Levi *L'altrui mestiere*, de 1985 (*O ofício alheio*), que reúne textos publicados esparsamente em jornais italianos, sobretudo no *La Stampa*, de 1964 a 1984. A coletânea se dedica a variados temas, como a botânica, a zoologia, a astronomia, a linguística, a química, a literatura e a cultura judaica. Além de evidenciar o gosto de Levi pelo colecionismo e o enciclopedismo, que vai se confirmando em cada um dos mais de 50 textos, pretende-se aqui dar destaque aos ensaios em que o mote é o objeto, seja uma goma de mascar que há anos se depositou em uma calçada da cidade de Turim, seja o microscópio que o escritor e químico ganhou do pai quando menino. A partir dos objetos, muitos deles aparentemente desprezíveis, outros tantos com fortes marcas de sua vida íntima, Levi narra o mundo e a condição humana. Para estudar essa relação entre as coisas e a memória no livro de Levi, pretende-se estabelecer um diálogo com o pensamento de Walter Benjamin, Italo Calvino, Roland Barthes, Georges Perec, Ecléa Bosi e Aleida Assmann, dentre outros.

Rolos, manuscritos, pergaminhos e livros: as escrituras encenadas de Moacyr Scliar

Marcio Cesar Pereira Dos Santos (UFMG)

Resumo O povo judeu é conhecido, entre várias denominações, como o “povo do livro”, essa distinção amalgamou a este grupo humano uma de suas profundas características identitárias. Toda essa imensa fonte de saber se faz acontecer em uma categoria de objetos

criados para conter e organizar as sagradas letras, números e palavras. São eles: os rolos, os pergaminhos, os manuscritos, os livros da lei – a Bíblia. Os antigos cabalistas e os sábios hebreus contam que Deus criou o universo pela potência cosmogônica das letras e das palavras, anteriores como o criador, à criação. Elias Lipiner, filólogo e ensaísta, especialista em hebraico, também o registra: “[...] é a leitura das letras segundo sua qualidade de hieróglifos da cosmologia: os signos que modernamente se combinam no texto para formar vocábulos têm-se combinado, nos albores do mundo, para formar o universo. Para esse povo esse sistema de objetos que contém as letras, palavras, textos e narrativas, guardam não apenas a memória, mas toda essência de sua criação. O escritor Moacyr Scliar dedicou grande parte de sua obra à esses objetos de registro, particularmente ele encenou em seus textos ficcionais a sua fascinação pelo alcance imagéticos dos manuscritos, dos registros, dos livros da lei, suas escrituras. Esse interesse performa um crescente caminho em seus contos aos seus romances bíblicos, onde o autor ficionaliza de a escrita das Escrituras no extraordinário romance *A mulher que escreveu a Bíblia* de 1999. Este trabalho pretende analisar como Moacyr Scliar utiliza os registros escritos como, cadernos, pergaminhos, manuscritos, livros, encenados no corpo do texto de suas narrativas, Essa estratégia textual pode ser aproximada daquilo que o semiólogo e escritor Umberto Eco definiu como “metanarratividade”. E a partir desses objetos escritos o escritor torna possível toda uma discussão, sobre autor e autoria, bem as possibilidades ficcionais da reescrita das escrituras

Samuel Rawet e os objetos insólitos em diálogo

Saul Kirschbaum

Resumo Uma locomotiva apitando à distância, uma caldeira chian-do, o machado de cabo curto de um açougueiro, frangos pelados e empalados, uma britadeira trepidando sob a proteção de uma bandeirinha vermelha. O que têm em comum esses objetos, para participarem de um mesmo conto? Samuel Rawet, frequentemente, espargia objetos insólitos em seus textos, como recurso para a criação do ambiente desejado. Em “Diálogo”, por exemplo, esses objetos, seja em sua forma material, de coisas, seja como ruídos, são constitutivos

para o estabelecimento de um clima opressivo, em que o diálogo entre os protagonistas, pai e filho, se manifestará impossível. No conto, que começa in media res, o palavrão vindo da esquina, o nevoeiro espesso de incontáveis cigarros e o armário baixo ao lado do qual o pai senta, à espera do filho – a quem convocara, pela manhã, para uma “conversa séria” –, a sopa do jantar do filho – o qual, pressentindo o que está por vir, não tem a menor pressa de se defrontar com o pai –, além dos objetos enumerados acima, são tão presentes que adquirem status de personagens e, de certa forma, dialogam uns com os outros. A comunicação abordará o uso que Samuel Rawet faz desses estratagemas narrativos em sua obra ficcional, em especial no conto “Diálogo”. Este conto, que deu título à coletânea publicada em 1963, leva às últimas consequências o vazio da comunicação que revela a impossibilidade do diálogo, notadamente entre pai e filho.

Um chapéu, um bolinho: formas da memória em Clarice Lispector e Marcel Proust

Patrick Gert Bange (UFRJ)

Resumo O segundo romance de Clarice Lispector, *O lustre* (1946), inicia-se com uma cena em que dois irmãos, Virgínia e Daniel, avistam um chapéu num rio. Diante dele, eles supõem um afogamento e guardam segredo entre si. Ao longo do livro, o chapéu retorna como uma das coisas da infância de Virgínia, cuja relação com o passado é marcada por uma névoa pouco nítida, pouco reelaborada em uma narrativa. Em carta a Lúcio Cardoso, a propósito de *O lustre*, Clarice comenta estar lendo *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, autor que, ela achava, seria grandioso, mas cuja escrita, pelo contrário, parece-lhe muito modesta. Esse encontro entre Clarice e Proust coloca em questão justamente o estatuto das coisas: se Marcel, ao provar a madeleine, é acometido por uma felicidade que lhe retira a sensação de finitude ao dar a ver um passado que até então parecia morto para sempre, o narrador de *O lustre*, rente a Virgínia, acompanha a maneira precária com que o passado retorna para a personagem, sem que Virgínia tome a palavra para recontá-lo, cada vez mais “à beira das coisas”. Talvez a ausência de elaboração da lembrança do chapéu faça Virgínia se tornar uma espécie de chapéu reencenado,

levada pela corrente narrativa do romance. Se Walter Benjamin traduziu a memória involuntária proustiana para o âmbito de uma historiografia coletiva, ler a diferença entre o chapéu clariciano e a madeleine proustiana implica examinar possíveis efeitos políticos de uma e outra relação com o passado. A pobreza de experiência de Virgínia, digamos, só pode levar ao pior, ou poderíamos vislumbrar, com Benjamin, uma outra barbárie positiva, “à beira das coisas”?

Simpósio 34**Legados das mulheres da idade média e do renascimento:
literatura, tradução, filosofia, história**

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Karine Simoni (UFSC)

Resumo Este simpósio tem o objetivo de ser um espaço de encontro, debates, articulações e produção de conhecimento sobre as mulheres nos períodos que abrangem a chamada Idade Média e o Renascimento, considerando-as dentro da perspectiva dos Estudos Feministas e de Gênero sob a ótica multi/inter/transdisciplinar da Literatura, Estudos da Tradução, Filosofia e História. Entendemos a amplitude cronológica dos termos “Idade Média” e “Renascimento”, e os vemos, sobretudo, não presos num determinado tempo, mas pensados na dialética entre passado e presente, no qual o conhecimento deve ser construído, transformado e aperfeiçoado. No caso da história das mulheres, apesar de todos os avanços conseguidos ao longo do tempo em busca de sua visibilidade e da garantia de seus direitos, as sociedades atuais assistem a muitos questionamentos e retrocessos conduzidos por grupos conservadores e extremistas que, nas suas brutais campanhas pela manutenção do poder, têm atacado sobretudo as áreas das chamadas humanidades que se debruçam sobre os Estudos de Gênero, distorcendo os discursos e as experiências das mulheres para legitimar a permanência do pensamento misógeno e neutralizar/normalizar as várias formas de violência contra elas. Tanto a Literatura quanto os Estudos da Tradução, a Filosofia e a História constroem caminhos para a reflexão e militância, em diversos engajamentos, sejam eles na sala de aula, nas ruas, no campo, nos movimentos sociais, na arte, nas escolhas sobre o que e como traduzir e editar, etc. Portanto, é a partir de nossa prática acadêmica, de cunho feminista, que surge a proposta de refletir sobre a importância do legado das mulheres medievais e renascentistas para vários campos do conhecimento, inclusive para a História do feminismo. É importante ressaltar que, embora o androcentrismo característico da historiografia tradicional tenha buscado o apagamento da contribuição das mulheres ao longo dos séculos, seus próprios escritos atuaram como espaços de memória e de valorização dos legados das antepassadas. Dessa forma, se faz urgente o resgate das obras produzidas por

mulheres, como um elemento fundamental para se pensar a emergência de uma consciência feminista, desde a Idade Média, bem com o desenvolvimento do sentido de sororidade (LERNER, 1993; PELLEGRIN, 2010; DEPLAGNE; BROCHADO, 2018). Impulsionada pelos estudos feministas e decoloniais (DEPLAGNE, 2019), a visibilidade de obras escritas por mulheres em séculos anteriores ao XIX, por meio de traduções, edições, estudos, vem interrogando historiografia tradicional, redefinindo problemáticas relacionadas às questões de gênero naquele período, à condição das mulheres, suas produções e atuações na sociedade como sujeito histórico, proporcionando, assim, o reconhecimento do legado feminino nas mais variadas áreas do conhecimento. Destacamos, por ora, o exemplo de Hildegarde de Bingen (século XII), abadessa, compositora, música, pintora, poetisa e cientista, cuja existência foi retirada dos porões da história somente no século XX (PERNOUD, 1996). Se até meados do século XX sua obra esteve silenciada e distante de um público mais amplo, com a divulgação de seus escritos, cânticos e iluminuras, e ter sido proclamada Doutora da Igreja, em 2012, é notável o interesse por suas obras e o reconhecimento de seu legado entre pesquisadoras/pesquisadores em Teologia, Literatura, Música, Medicina holística, Ecologia integrativa, Psicologia junguiana, Musicoterapia, etc. Suas receitas e tratamentos foram adotados em várias clínicas especializadas da França, Portugal, Bélgica, Alemanha, Espanha nos dias atuais. Além de sua história ter servido de inspiração para o filme *Visions*, dirigido por Margarethe von Trotta, em 2009, suas composições foram gravadas em CDs e facilmente podem ser encontrados nas grandes redes de distribuições em todo mundo. Em pleno século XXI, a obra hildegardiana vem, portanto, tornando-se fonte de inspiração para o pensamento ocidental e re-ocupando um espaço de relevância, assim como fora no século XII. Como Hildegarde, outras mulheres medievais e renascentistas, como Gaspara Stampa, Moderata Fonte, Christine de Pizan, Marie de Gournay vêm sendo pesquisadas, traduzidas e seus pensamentos parecem ter em comum refletir o papel ativo que desempenharam na construção do conhecimento e na busca por direitos. Suas biografias e suas obras retratam resistência, persistência e esperança, aqui entendida não como um lugar de espera, mas como um espaço de luta, como ensinou Paulo Freire (1987). Dar voz e visibilidade a elas através de uma abordagem multidisciplinar e dialógica é, portanto, fundamental, sobretudo porque,

ainda segundo Paulo Freire, todo diálogo “Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade”, fundamental para as mudanças que queremos, ao mesmo tempo em que “Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo” (1992, p. 115). Convidamos, assim, pesquisadoras e pesquisadores de História, Literatura, Estudos da Tradução, Filosofia, a compartilharem seus espaços de existência e resistência, para que na alegria da partilha multipliquem-se as possibilidades e as conquistas dos direitos de todos, todas, todes nós.

A mulher escritora na formação da consciência feminista: Marguerite Porete (séc. xiii-xiv) e a mística feminina subversiva

Yasmin de Andrade Alves (UFPB)

Resumo O estudo da Literatura mostra-se complexo no que diz respeito à autoria feminina na maioria dos contextos de produção. As mulheres, que compartilham pontos em comum acerca de suas experiências, têm a palavra como instrumento comum de subversão. Nesta pesquisa, tem-se como foco a palavra escrita das mulheres místicas medievais através do Espelho das almas simples (1290), obra escrita e publicada por Marguerite Porete, primeira mulher morta pela Inquisição no ano de 1310. Defende-se que a autoria sempre foi um privilégio do patriarcado. Partindo do estudo de Lerner (2019) acerca da criação do patriarcado, que persiste com a cooperação das mulheres por meio da doutrinação e de sua negação sobre a própria história, busca-se desenvolver como esta negação afeta na formação da consciência feminista, considerando a palavra escrita como um veículo pelo qual as mulheres puderam/podem expressar suas próprias visões, abrangendo narrativas que carregam realidades comuns aos grupos femininos e tornando sua escrita completamente subversiva. Este trabalho volta sua análise para quatro pontos principais do corpus: 1) Marguerite, enquanto escritora, foi julgada por ser mulher e ter adentrado um terreno de domínio masculino; 2) sua obra é reivindicatória em torno das hierarquias sociais e utiliza elementos da tradição cortesã, atrelando-os às intenções discursivas; 3) é fictícia

e utiliza instrumentos metafóricos para fins retóricos e para alcançar sua audiência; e 4) encaixa-se numa tradição de obras místicas de autoria feminina, destacando-se por nos permitir encontrar a presença do pensar feminino predominante em relação à representação da mulher, sendo uma questão de representatividade. Parte-se, assim, da crítica feminista por Schmidt (2017), Rovere (2019), Gilbert e Gubar (2017); da História das mulheres, por Bolton (1983), Perrot e Duby (1990), Brochado e Deplagne (2018), e Lerner (1993); e da mística feminina, por Newman (1995), Garí e Cirlot (2008), Nogueira (2018), e Régnier-Bohler (1990).

Christine de Pizan e o despertar da consciência feminista na Querelle des femmes

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Resumo Em meio à hegemonia patriarcal presente nos valores e instituições ocidentais ao longo dos séculos, cada vez mais nos certificamos de que sempre existiu pensamento contrário, reivindicações e estratégias de resistência contra o sistema opressor e as assimetrias de gênero. A crítica feminista e a História das mulheres vêm contribuindo para o resgate de fontes medievais e renascentistas que atestam pensamento contrário à visão patriarcal. Esses escritos que vêm sendo editados, traduzidos, estudados, desde o século XX, são na grande maioria de autoria feminina e apontam para uma consciência feminista, formando, assim, um conjunto de documentos capaz de desestruturar a historiografia androcêntrica, de repensar o cânone e propor uma nova historiografia. A fim de ilustrar as estratégias de resistência ao sistema opressor ao qual as mulheres estavam inseridas, nossa proposta de comunicação focará na obra da escritora franco-italiana Christine de Pizan (século XV) e buscará destacar a relevância de suas ideias na formação de uma consciência feminista anterior ao século XIX. Para tanto, selecionamos alguns pontos chave do pensamento de Pizan presentes nas obras pertencentes à *Querelle des femmes* (XV-XIX), como *Vita Christi de Isabel de Villena* (Século XV), *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*, de Isotta Nogarola (Século XV), *Les Prisons*, de Marguerit de Navarre (Século XVI), *Égalité des hommes et des femmes*, de Marie de Gournay (Século XVII).

Nossas reflexões serão baseadas nas pesquisas de Gerna Lerner (1993, 2019), Nicole Pellegrin (2020), Maxime Rovere (2019), Zum Brunn e Épiney-Burgard (1988, 2007), entre outras.

**Do esquecimento ao meme:
o legado de Artemisia Gentileschi
como inspiração feminista nos séculos XX e XXI**

Amanda Bruno de Mello (UFMG)

Monalisa Cristina Teixeira (Università Degli Studi di Bologna)

Resumo Artemisia Gentileschi (1593-1654) foi uma pintora italiana que alcançou destaque na sociedade de sua época como pintora de influência majoritariamente caravaggista. Sua imagem, porém, foi sendo apagada desde os seus últimos anos de vida, dos quais praticamente não se têm notícias, o que perdurou nos séculos seguintes, mesmo em publicações especializadas. Foi a partir do início do século XX que sua vida e sua obra voltaram a ganhar visibilidade. Primeiramente, essa retomada se deu no âmbito da historiografia da arte, quando Roberto Lomi publicou o artigo “Gentileschi pai e filha” na revista *Arte* (1916). Inicialmente vinculada aos pintores caravaggistas de sua época, principalmente a seu pai, Orazio, depois a outras mulheres pintoras, sua presença na crítica e na ficção foi se destacando e individualizando ao longo dos séculos XX e XXI, o que fez com que, por meio de trabalhos acadêmicos, obras de ficção (literárias e audiovisuais) e até memes, Artemisia se tornasse praticamente um ícone feminista. Em 2020, esse processo de individualização da sua figura culminou na sua primeira exposição individual, que ocorreu na National Gallery de Londres. Este trabalho pretende investigar como o legado de Gentileschi, como mulher artista e protofeminista, foi recuperado e forjado ao longo dos séculos XX e XXI, e como esse legado se assemelha ao discurso da própria artista, presente em seus quadros e nos poucos registros escritos que se têm dela (os autos do processo por estupro do qual ela foi vítima e suas cartas), organizados e publicados na Itália por Eva Menzio (2004), dos quais traduzimos alguns excertos.

Estratégias de persuasão no *Castelo Interior*, de Teresa d'Ávila

Sara Maria Sertori (UNESP)

Resumo Os livros de cunho religioso, além de possuírem um determinado público-alvo, apresentam, em sua estrutura, estratégias persuasivas responsáveis por alcançar seu público-alvo e também produzir nele os sentimentos esperados pelo autor quando da construção do seu enredo e do seu argumento. Este projeto visa, sendo assim, analisar quais são as estratégias persuasivas utilizadas por Teresa d'Ávila em sua obra *Castelo Interior*, que quer persuadir seus leitores à condição, no texto, chamada de Sétima Morada. Com finalidade de apoiar-se a um viés mais específico, propõe-se a analisar e a investigar através da semiótica discursiva, isto é, com base na Semiótica Greimasiana e nos estudos de Diana Luz Pessoa de Barros e de José Luiz Fiorin, além de Wolfgang Iser e de Antoine Compagnon, os aspectos da persuasão do discurso; o modo como a autora utiliza o ambiente; as figuras de linguagem; o tempo gradual narrativo e a focalização como elementos discursivos no contrato entre autor e leitor implícitos e o modo como tais elementos se desenvolvem nos processos de significação na construção do enunciado. Para isso, a metodologia que guia a pesquisa é o levantamento bibliográfico de textos da semiótica de vertente francesa, dando maior ênfase aos conceitos de autor implícito e leitor implícito; a leitura e fichamento de textos que versam sobre o uso de figuras de linguagem e a literatura mística, além da leitura e releitura crítica da obra em análise. Por fim, como resultado parcial, tem-se a análise da focalização, proposta por Sergei Eisenstein, como um dos elementos de estratégia de persuasão utilizados pela autora.

Lucrezia Marinella: reflexões sobre o contexto biobibliográfico em tradução

Karine Simoni (UFSC)

Resumo Esta comunicação irá percorrer alguns momentos da vida e da obra de Lucrezia Marinella (Veneza, 1571-1653), autora de poesias e obras em prosa que constituem hoje um rico conjunto para

visualizar o lugar e o papel da mulher no seu tempo, bem como para refletir sobre as condições das mulheres no mundo atual. Em especial, serão apresentadas as discussões filosófico-literárias que levaram a autora a escrever sua obra mais conhecida, o tratado *Le nobiltà, et eccellenze delle donne: et i diffetti, e mancamenti de gli huomini* [A nobreza e a excelência das mulheres, e os defeitos e vícios dos homens], publicado em 1600 e ainda sem tradução completa para o português. Lucrezia pode ser incluída no conjunto de autoras que pertencem ao chamado Renascimento Tardio, e muitos dos temas e formas de escrita dialogam com uma tradição de escrita de mulheres que criticaram o domínio masculino e propuseram uma outra possibilidade de convívio, baseada no acesso à educação e no respeito e na valorização das mulheres como, por exemplo, havia feito Christine de Pizan no século XV. Objetiva-se, com isso, refletir sobre a importância e a necessidade do estudo da obra e do contexto histórico-filosófico no momento da prática tradutória, bem como propor algumas diretrizes, em diálogo com expoentes historiográficas da Nova História Cultural, para a tradução de textos temporalmente distantes séculos.

O direito de amar e de ser em Louise Labé

Marcelle Ventura Carvalho (UFCG/UEPB)

Resumo A proposta dessa comunicação é apresentar uma análise de algumas passagens dos sonetos da poeta Louise Labé, que nasceu e viveu na cidade francesa de Lyon, no decorrer do século XVI. Banhando-se nas fontes da Renascença francesa, Louise Labé faz da poesia um manancial ou nascente de versos que, como tsunamis, intentam derrubar fronteiras literárias, sociais e morais, afogando valores que não condizem com a sua forma de perceber o papel da mulher na sociedade. São 24 sonetos que dão voz a um eu-lírico feminino, sujeito poético muitas vezes erotizado, que expressa suas dores, suas delícias, seus anseios e que, sobretudo, clama para chegue o tempo em que os homens e suas severas leis não possam impedir às mulheres de dedicar-se às ciências e ao estudo das letras. Mesmo em se tratando do período renascentistas, em que se percebe uma sutil mudança em relação às mulheres, a bela cordoeira, como também era conhecida a poeta, teve, de fato, de nadar contra um corrente falocêntrica,

que não se melindrou de alcunhá-la pejorativamente de cortesã. Em 2006, Mireille Huchon não mediu esforços para provar que a poeta não existiu, tratando-se apenas de uma personagem, uma “criatura de papel”, a quem alguns poetas, como Maurice Scève, deram vida, numa espécie de pseudônimo. Trata-se de um ensaio que provoca mais dúvidas do que elucidações e que não impediu a poesia labetana de se propagar e de ser traduzida em diversos países. Analisar esses versos, contextualizá-los à luz da história e da literatura, é uma das formas de fazer ecoar uma dessas vozes que não mais aceita os silêncios que lhes são impostos.

**Os desafios da tradução de
A nobreza, e a excelência das mulheres,
com os defeitos e vícios dos homens, de Lucrezia Marinella**

Karla Ribeiro (UFSC)

Resumo Em *Le nobiltà, et eccellenze delle donne: et i diffetti, e mancanenti de gli huomini* [A nobreza e a excelência das mulheres, e os defeitos e vícios dos homens], a poeta e prosadora Lucrezia Marinella (Veneza, 1571-1653), mesmo com uma educação reclusa, apresenta em seu texto forte posicionamento ao afirmar a superioridade da condição feminina sobre a dos homens. Ela ainda manifesta tal pensamento ao trazer grande variedade de exemplos retirados da tradição clássica e vernácula, como Francesco Petrarca, o qual traz a exaltação das mulheres e do amor por elas, buscando legitimar o papel da mulher na sociedade como sujeito ativo e de valor, também em áreas comumente reservadas ao homem. Ao traduzir o texto de Lucrezia Marinella sob a luz da tradução da letra, percebe-se a riqueza de adjetivos bem como a inversão sintática dos períodos, os quais, em sua maioria, são longos. Além disso, ressalta-se que um dos grandes desafios encontrados nesta tradução foi a grande quantidade de citações de outros autores, como Petrarca e Dante, sem contar a quantidade de expressões em latim. Tais elementos provocaram a necessidade do uso de paratextos, como notas de rodapé, com o intuito de levar mais informações ao leitor de hoje, uma vez que o fator temporal é bastante relevante, sendo necessários, tais elementos paratextuais, como uma ponte entre o texto de Marinella, escrito há mais

de 400 anos, e o leitor de língua portuguesa da atualidade. Tentou-se, na tradução do texto de Lucrezia, trazer para o texto traduzido todo o poder da palavra e o significado de um contexto que a autora tentou imprimir na sociedade de então, buscando demonstrar a força e o poder do Feminino, da Dona, da Mulher desde séculos atrás e o pouco valor dado à capacidade das mulheres em desempenhar diferentes papéis na sociedade.

Profetisa e Pregadora: entendendo a atuação pública de Hildegard von Bingen

Ana Rachel Gondim Cabral de Vasconcelos (UEPB)

Resumo Poucos períodos chamam a atenção dos pesquisadores como o século XII, pela quantidade e diversidade de discussões filosóficas e teológicas, pelo número de inovações e pela profusão de talentos em plena atividade. Um destes talentos, comumente citada dentre os maiores nomes da época, é Hildegard von Bingen (1098–1179), que foi compositora, linguista, filósofa, pintora, teóloga, dramaturga, cientista e médica, além de mística, visionária e profetisa. Redescoberta em pleno século XX, em especial por sua mística peculiar e pelas contribuições médico-científicas, dentre as várias facetas da Sibila do Reno, chama também a atenção a sua atuação pública, desempenhada por meio da troca de cartas com diversas personalidades, como papas e imperadores, e pelas suas viagens e pregações públicas feitas a pedido do próprio papa. Neste texto busca-se aclarar um pouco mais a atividade profética da abadessa, chamada de “primeira grande teóloga da Cristandade”, que ficou conhecida em seu tempo por sua visão apocalíptica de mundo e que, de maneira singular, conseguiu atuar publicamente e sem maiores contratempos num período em que muito dificilmente uma mulher conseguia adquirir notoriedade e respeito, e que mesmo homens – como Pedro Abelardo, Guilherme de Conches e Gilbert de Poitiers – tiveram problemas com as autoridades eclesiásticas.

Traduzindo Marie de Gournay para o português brasileiro: desafios entre a ética e a letra

Marta Pragana Dantas (UFPB)

Ana Cristina Bezerril Cardoso (UFPB)

Resumo Este trabalho tem como objetivos apresentar e discutir escolhas tradutórias por nós empreendidas durante o processo de tradução para o português brasileiro do texto “*De l’égalité des hommes et des femmes*” / “*Igualdade dos homens e das mulheres*”, de Marie Le Jars de Gournay. Verdadeiro panfleto contra as instituições e todos aqueles que defendiam a inferioridade da mulher e a sua subordinação ao sexo masculino, o texto, escrito em 1622, significou uma tomada de posição da filósofa na controvérsia que opunha defensores e detratores do sexo feminino. O projeto tradutório que será apresentado tem como apoio teórico as reflexões de Antoine Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (1999), onde o autor defende que a tradução literária tem o objetivo de revelar o outro. Este projeto faz parte de uma proposta de tradução e publicação de textos protofeministas, a fim de dar visibilidade a mulheres que, embora tenham tido um protagonismo na sociedade de sua época – escritoras, filósofas, poetas, literatas –, tiveram seu legado apagado pelo androcentrismo da historiografia tradicional. A distância temporal do texto-fonte trouxe uma série de desafios para a tradução, desde o sentido de termos e expressões seiscentistas até o nível de língua a ser adotado no texto de chegada, passando por questões de estilo relativas à sintaxe e à pontuação. Essas questões vieram acompanhadas da seguinte pergunta: qual Marie de Gournay queremos apresentar ao público leitor brasileiro? – pergunta que se torna mais relevante ainda quando constatamos que esta não será a primeira nem a segunda tradução desse panfleto em defesa dos direitos da mulher no Brasil.

Simpósio 35**Leitura de mulheres e estudos literários**

Cristina Henrique da Costa (UNICAMP)

Ana Cristina de Rezende Chiara (UERJ)

Resumo A proposta do simpósio é contribuir na definição do campo, específico dos estudos literários, da “leitura de mulheres”. Ora, na tentativa da definição, é a imprecisão do genitivo que fala mais alto: leitura feita por mulheres, leitura feita de textos de mulheres ou ainda leitura das representações de mulheres que estão sob a guarda da literatura? O grupo informal Mulherando, reunindo-se regularmente no IEL (UNICAMP) optou por trabalhar com a ambiguidade, sem recusar os problemas teóricos da área, no sentido de construir o “nós” que se esconde e revela na “leitura”. Na vivência das mulheres, a afirmação da diversidade das experiências femininas é um dos desafios à construção de um “nós” qualquer. No âmbito da prática teórica e literária, outros problemas surgem: uma vez posta entre parênteses a relação realista de causa a efeito entre uma autora e seu discurso, o que resta de mulher no texto de mulher? De uma forma geral, certa fatalidade inerente à mobilização da própria linguagem conceitual parece conduzir o universo tradicional dos estudos literários a igualar neutralidade de gênero, critério estético e ferramenta teórica. De uma forma mais específica, a maldição do neutro também divide as feministas. Enquanto Monique Wittig, Gayle Rubin e Adrienne Rich advogam pelo desaparecimento do próprio conceito opressivo de mulher, feministas diferencialistas tais que Luce Irigaray insistem na necessidade de uma definição da sujeita feminina por si-própria. O conflito literário entre Kamuf (alcançar olhar “além do nome próprio”) e Miller (a necessidade da prática da resistência do termo “mulher escritora”) retoma as polaridades da questão teórica. Nesta perspectiva, são as próprias fragilidades das posições/oposições feministas que talvez exijam hoje de nós um esforço de reflexão sobre o significado das teorias nos estudos literários. Entretanto, se fazer o diagnóstico acerca dos limites do campo teórico parece estratégico para as mulheres, paradoxalmente não é certo que a reação contra o teórico, em nome das práticas ou dos lugares e das falas, sirva à causa dos estudos literários de mulheres. Por isso precisamos pensar melhor: é hoje interessante buscar apoio em ferramentas da hermenêutica

crítica (Ricoeur, Sedgwick) ou da teoria da imaginação poética (Bachelard) a fim de não reduzirmos a importância literária da tarefa, mantendo o vínculo com as múltiplas e irredutíveis facetas do “nós”. É na própria prática leitora, regulada por alguns princípios comuns, que o nós circula livremente entre os textos e os vivos, estreitando os laços subjetivos existencialmente fortes da literatura: leitora que lê leitora tem cem anos de leitura. Do texto literário se espera, em retorno, um enriquecimento do conhecimento necessariamente experiencial, acerca do ser mulher. O que vem a significar que o campo da leitura de mulheres precisa assumir o postulado do círculo hermenêutico tal como foi primeiro pensado no âmbito da hermenêutica filosófica, embora pretenda ressignificá-lo: é preciso ler como mulher para definir a literatura de mulheres, mas é preciso definir a literatura de mulheres para ler como mulher. Os trabalhos esperados podem tanto realizar concretamente leituras críticas inéditas de textos literários, lendo mulheres e/ou lendo com(o) mulheres, quanto apresentar questões teóricas pertinentes ao campo, quanto ainda discutir aplicações de teorias ao texto de literatura, numa perspectiva que reflita sobre as resistências do literário e seu interesse para a definição de uma leitura de mulheres.

“Seus romances tornam os meus possíveis”: leituras de Sylvia Plath e Virginia Woolf

Vanessa Cezarin Bertacini (UNICAMP)

Resumo Se a tentativa de definição do que vem a ser uma “leitura de mulheres” aponta para diferentes direções – leitura feita por mulheres, leitura feita de textos de mulheres, leitura das representações de mulheres –, uma possibilidade de trabalho é tentar lidar, cuidadosamente, com todas elas. Quando Sylvia Plath (1932-1963) afirma que “Virginia Woolf ajuda. Seus romances tornam os meus possíveis” (PLATH, 2018, p. 335), ela está ecoando as próprias palavras de Virginia Woolf (1882-1941), quando esta declara que “pensamos retrospectivamente através de nossas mães quando somos mulheres” (WOOLF, 1991, p. 94) e que “[a]s obras-primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, [...] de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada”

(WOOLF, 1991, p. 82) Tais romances possíveis, tais mães e tal pensar em conjunto encontram ressonância naquilo que Elaine Showalter (1994, p. 29) denomina uma “tradição literária de mulheres”, referindo-se a padrões, temas, imagens e problemas que se revelam nas obras escritas por mulheres – aquilo à que Gilbert e Gubar (2000, p. xi) se referem ao mencionar “a coerência de tema e imagem que encontramos nos trabalhos de escritoras que frequentemente estavam distantes umas das outras geograficamente, historicamente e psicologicamente”. Deste modo, a partir da (in)definição da ideia de uma leitura de mulheres, o presente trabalho propõe uma aproximação entre Sylvia Plath e Virginia Woolf, relativamente distantes em termos geográficos, históricos e até mesmo psicológicos, de modo a refletir sobre a leitura de Woolf por Plath, de ambas por Showalter e Gilbert e Gubar e de uma tradição literária de mulheres por uma leitora, também mulher.

A escrita de Raíssa Éris Grimm e a sua articulação da travestilidade e lesbiandade

Beatriz Pagliarini Bagagli (UNICAMP)

Resumo Raíssa Éris Grimm é uma escritora que reivindica uma fala que dê conta da articulação de duas identidades: lésbica e travesti. Em sua produção, a autora articula teorizações transfeministas com a escrita poética, de forma a abordar, de forma interseccional, sexualidade e gênero. Se posicionar tanto enquanto travesti como lésbica implica questionar certos sentidos consolidados a respeito destas identidades, pois a reivindicação do pertencimento a ambas as categorias pode ser considerada como um gesto ininteligível. Assumimos a posição de que as questões levantadas por Grimm possam contribuir com as discussões a respeito do que se pode mapear como sendo do campo da “leitura de mulheres” ou da “escrita feminina”, tendo em vista que o próprio estabelecimento de critérios ou definições para a identidade feminina é em si mesmo uma questão crucial para o campo. A escrita qualificada como feminina levanta questões problemáticas que incidem sobre distintas noções sobre o corpo e, em particular, um corpo trans-lésbico cuja inteligibilidade se encontra em suspenso. Por sua vez, a escrita lésbica levanta questões

particulares para a escrita transgênera e vice-versa, revelando pontos de intersecções e vazios de sentidos que demandam formulações. Em razão disto, este trabalho propõe abordar as problemáticas a respeito da relação entre gênero e literatura tendo em vista as intersecções de gênero e sexualidade. Nos interessamos, desta forma, pelas condições de possibilidade da inscrição da experiência de travestis ou mulheres trans lésbicas no campo literário.

Colette e Blandine:

um caso de escrita entre autora e personagem

Luciana Ribeiro Rodovalho (UFU)

Resumo A sociedade francesa do século XIX e XX foi marcada pelo crescimento da presença das mulheres na literatura e também em outros campos de conhecimentos. Nesse período, mulheres de diferentes partes do mundo, como nos destaca Michelle Perrot em “Minha história das mulheres” (2006), levantaram movimentos como o sufrágio, a luta pela igualdade de salários e pela igualdade de direitos. Em meados do século XIX, as mulheres perceberam que uma das principais formas de dominação que sofriam era a privação do direito à educação, independentemente de sua classe social. Assim, várias mulheres começaram a publicar livros, entre elas, Colette. Sua vida e obras foram influenciadas por seu primeiro marido Willy, que se aproveitou de suas ideias publicando os livros em seu próprio nome até a separação do casal. Por meio de seus livros, Colette narrou sua história, como podemos ler na série *Claudine à l'école* (1900), *Claudine à Paris* (1901), *Claudine en ménage* (1902) e *Claudine s'en va* (1903). Neste trabalho, o objetivo é explorar a obra *A vagabunda* (1971). Nesta obra, observamos traços biográficos da vida de Colette, mesclados a aspectos da vida da protagonista Blandine, personagem que se divorcia, após ser traída por um homem que roubou os direitos de seus livros de sucesso. Sem condições financeiras e rejeitada pela sociedade burguesa francesa do século XIX, a protagonista ganha a vida nos palcos dos bas-fonds de Paris, até o momento em que um pretendente lhe oferece amor e vida luxuosa, com a condição de que a dançarina abandonasse sua carreira artística e vida de vagabunda. Este trabalho explorará quais são os traços autobiográficos de Colette

que encontramos no romance, os pontos tangenciais entre a vida da autora e a vida da personagem. Pretende-se analisar no texto do romance *A vagabunda* os traços autobiográficos da escrita da autora.

Conquistas e ansiedades no campo do feminismo

Heloisa Helena Oliveira Buarque de Hollanda (UFRJ)

Resumo Teríamos hoje um giro epistêmico prestes a ser acessado por mulheres que circulem na esfera dos estudos literários, ou até mesmo já promovido por elas? Essa pergunta me parece central, tanto para o feminismo em geral e no Brasil de hoje, quanto para o trabalho com a literatura. Foi neste sentido que procurei, na poesia de mulheres pós 2013, que tipo de linguagem ou que universo simbólico estaria regendo a novíssima produção poética hoje (*As 29 Poetas Hoje*, HOLLANDA [org], 2021). Da mesma forma, e atrás desta mesma questão, organizei quatro volumes de compilação teórica que podem mostrar um caminho bastante revelador da trajetória da produção de conhecimento feminista de 1960 a 2020 (*Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais*, *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto*, *Interseccionalidades: Pioneiras do feminismo negro brasileiro*, *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*, 2019) Sobre essas questões gostaria de compartilhar nessa mesa minhas conquistas e ansiedades.

Corpo ferido, corpo regalado, corpo de Cristo: os (des)prazeres do corpo feminino na obra poética de Teresa D'Ávila

Isabelle Merlini Chiaparin (UNICAMP)

Resumo Gozo e pranto, sossego e dor, ventura e quebranto. Na harmonia entre os contrários se constitui o poema “[dedicado] À profissão de Isabel dos Anjos”, escrito pela reformadora da Ordem do Carmelo, doutora da Igreja Católica e sobrevivente da Inquisição espanhola (1458), Teresa D'Ávila (1515-1582). Em uma estrutural paradoxal, a pensadora revela sua percepção sobre corpo e alma, relacionando-os diretamente a dor e prazer. O caminho poético é traçado por vias sacrificiais, como as de Cristo, que oferta seu corpo em detrimento

da salvação universal. Reverenciado, o corpo do Cristo morto será descanso para o olhar de Teresa, que não o verá nu ou estilhaçado – já que as imagens sacras cobrem o sexo de Cristo e as feridas de seu corpo –, mas entregue a Deus no paraíso. Homem, celibatário, puro, constante, apático. Tal é a herança cristã de Teresa, construída em um longo caminho teológico: de João Crisóstomo (347-407 d.C) a Jerônimo (340-420 d.C), alcançando Agostinho de Hipona (354-430 d.C). A partir de um desprezo pelo corpo que alcançou a castração de alguns, estes foram os homens que teorizaram acerca da cosmogonia cristã, isto é, da narrativa de Adão e Eva, para justificar a corrupção corpórea e sua inabilidade em alcançar o divino. De Eva à Teresa, tais teólogos culpabilizaram as mulheres por seu “feitio astuto”, pregando o celibato e a abstenção do sexo como vias para sanar as “doenças” que o desejo pelo corpo feminino poderia causar. Diante disso, é evidente que Teresa rejeitaria os prazeres do corpo. Contudo, rejeitando seu corpo, razão da queda, não estaria também rejeitando a si mesma como mulher? Esta comunicação tem por objetivo investigar as raízes da deterioração do corpo feminino a partir da herança teológica dos primeiros padres da Igreja Católica, assim como enxergar seus reflexos na poesia teresiana.

Dar o coração: uma leitura sobre a poética de Alfonsina Storni

Andrezza Jaquier Pigozzo de Oliveira (UFSCar)

Resumo Alfonsina Storni (1892-1938), reconhecida, sobretudo, por sua obra poética, é um caso singular da literatura argentina: mãe solteira em Buenos Aires, trabalhadora, advinda de uma família de imigrantes arruinados, conquistou forçosamente seu espaço nos meios literários e culturais. Seja com um olhar crítico e feminista, seja pelo erotismo ou ironia, a poeta suíça-argentina inscreveu uma perspectiva outra sobre a questão da mulher e seu lugar na sociedade, abrindo novos caminhos à expressão da mulher. Na clara recusa do discurso hegemônico de sua época em relação ao feminino, a obra poética de Alfonsina fissa os estereótipos da poesia feminina do início do século XX (ALVES-BEZERRA, 2020). Desse modo, à medida que mobiliza o discurso oficial para subvertê-lo, a poeta busca uma linguagem que pudesse expressar sua experiência concreta do ser mulher,

transformando sua poesia em um “campo de luta” (MUSCHIETTI, 1990). Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar uma perspectiva de leitura em torno de certas imagens da poética de Alfonsina Storni que comunicam o conflito acerca da experiência do ser mulher, entrelaçando outros universos em torno da experiência do amor, do mal e do erotismo. Considerando, por um lado, a nova sensibilidade ao mal na criação literária observada por Georges Bataille (2017), onde o mal será justamente fonte de criatividade e fascínio, e por outro, o entrelaçamento dos universos da mulher e do mal em um diálogo de participação e criação propomos: a interpretação do gesto simbólico de “dar o coração”, do poema “O Clamor” (1920), imagem aparentemente banal dos poemas de amor que se espalha e nutre outros poemas de Alfonsina, para demonstrar que esse gesto, em sua dimensão simbólica (RICÉUR, 2013), ambivalente, pode comunicar uma visão singular acerca da experiência poética da mulher e do próprio enigma da existência do mal.

**De dentro da escritura de Ana Cristina Cesar:
uma leitura com(o) mulheres no poema “Mocidade independente”**

Mariana Anselmo (UFU)

Resumo O objetivo desta comunicação é realizar uma leitura crítica do texto literário “Mocidade independente”, de Ana Cristina Cesar, partindo da reflexão da própria escritora sobre literatura e mulher. No poema publicado em *A teus pés* (1982), reverberam imagens de transgressão, profecias, veículos em alta velocidade, mulheres que não obedecem aos estereótipos determinados pela visão masculina. A voz poética se lança em vertiginosas rasantes e deseja transgredir o lugar tradicional em que a crítica coloca a produção de poesia feita por mulheres, os estereótipos lançados em seu caminho – limitadores de suas possibilidades de existência – a própria ideia de poesia pura, limpa, etérea. O poema pode ser lido à luz do ensaio “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, publicado em 1979, no qual a autora cria diversas vozes para refletir sobre o feminino na literatura, literatura de mulher e o lugar da mulher na literatura. Uma delas, Sylvia Riverrun, afirma a necessidade de se considerar o sexo da autora – o fato de ser uma mulher quem escreve – na crítica literária,

porque “mulheres que escrevem são raras”. Ana Cristina joga com essa voz ficcional para realizar, como no ensaio ficcional de Virginia Woolf, “Um teto todo seu” (2016), uma crítica sobre seu próprio lugar na literatura, como mulher escritora. Nessa reflexão, o conceito de mulher fica à deriva, embora a textualidade revele pistas sobre essa ideia de literatura feminina que não está nem no lugar do feminismo, nem no lugar da ideologia do eterno feminino, mas que traz para o interior do texto a questão, em uma tentativa de olhar para a mulher que escreve de dentro da própria escritura.

Em torno dos versos de Gilka Machado

Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

Resumo Gilka Machado (1893) publicou sua obra poética ao longo do século XX. Desde o livro de estreia (*Cristais Partidos* 1915), causaram rumores seus versos voltados para um certo sensorialismo de sentido mais amplo que se manifestou, por vezes (também), como tematização do encontro físico ou do ato erótico formulados como realização ou manifestação de um desejo expresso por uma voz feminina. Em uma poética organizada em torno dos “domínios de Eros”, seus versos, elegendo a dimensão física da experiência amorosa como caminho para a construção de uma identidade social feminina, concebiam, ainda, o erotismo como encontro e diálogo, como acesso a um Outro, como descoberta do mundo, como oscilação entre transcendência e carnalidade, como integração com a Natureza e relação com as diversidades sociais. A partir da sequência *Cristais Partidos* (1915), *Estados de Alma* (1917), *Mulher Nua* (1922), *Meu glorioso pecado* (1928) e *Sublimação* (1938), pretendemos pensar dois movimentos paralelos e suas eventuais consequências para a análise do projeto poético de Gilka Machado. De saída, parece importante historiar o tom violento e belicoso de um conjunto de manifestações críticas e sociais em um sentido mais amplo que parecem ter despertado na escritora uma necessidade de reformulação e explicitação de seus pressupostos poéticos a cada novo livro – com intervenções que se formulam desde os títulos até elementos paratextuais ou mesmo procedimentos imagéticos considerados em perspectiva. Em acréscimo, parece oportuno pensar, na recepção crítica realizada sobretudo por mulheres já no

último quartel do século XX, a incidência do pensamento concessivo e a descrição de uma certa falência poética, a constatação de uma capitulação final. Sem conclusões definitivas, a proposta é pensar nuances de sentido (talvez de algum modo convergentes, nos dois casos delimitados) emprestadas à escrita do feminino no contexto apontado.

Entre os muros de Alejandra Pizarnik

Lara Luiza Oliveira Amaral (UNICAMP)

Resumo Alejandra Pizarnik, poeta argentina, publica em 1965 *Los trabajos y las noches*. O título advém de uma brincadeira com o famoso poema épico de Hesíodo, “O trabalho e os dias”, também já feita por Proust, em 1896, com “Os prazeres e os dias”. Para César Aira (2001), o título de Pizarnik soa como uma “novidade vazia”. Ao meu ver, o jogo linguístico retoma, reflete e enfatiza a sua posição enquanto mulher amaldiçoada pela linguagem, assim como conta o mito da abertura da caixa de Pandora. A mortalidade deu ao homem o trabalho, como explica Hesíodo, e como castigo deram à mulher a linguagem. Escrever se torna o “trabalho da noite”, um trabalho maldito. Nesse sentido, Alejandra recupera a posição de “poeta maldita” do romantismo (Piña, 2005), trazendo para si a maldição, (d)escrevendo o mal da e pela escrita. O mal, como ressalta Ricoeur (1960), é alcançado por meio da linguagem, através de um “símbolo”. Para este trabalho, elenco a imagem do muro, nos poemas de Pizarnik, como símbolo do mal. Um símbolo é sempre repartido entre um sentido literal e um sentido figurado. Ou seja, neste caso, ele é tanto um muro, concreto, quanto uma atuação, metáforas do mal: mal-estar, maldizer e morte. Assim, a literatura passa a vir agregada com o mal, como já prescrevia Bataille (1957), uma representação da experiência limite do trabalhador amaldiçoado pela palavra. A escrita, uma forma de confissão e exorcismo daquilo que os assombra, torna-se um mal-dito necessário para todos os eu(s) que compõem a escrita de Pizarnik (eu poeta, eu lírico, eu dos diários) (Venti, 2008). A partir disso, proponho analisar, em “Os trabalhos e as noites”, uma seleção limitada de poemas (em diálogo com trechos do diário da poeta), enfatizando a imagem do muro como símbolo do mal em Alejandra Pizarnik.

Estilos e modos de ser em *Entrada de serviço*, de Lúcia Benedetti

Viviane da Silva Vieira (UNICAMP)

Resumo O primeiro romance de Lúcia Benedetti, *Entrada de serviço*, foi lançado no segundo semestre de 1942. Para Álvaro Lins, que escreveu sobre o livro em janeiro de 1943, a obra possuía dificuldades a serem contornadas pela escritora estreante, dentre elas, as limitações próprias da história que pretendia contar: a de uma empregada doméstica. Apesar disso, o crítico acreditava que a autora se saía bem, mesmo tendo como protagonista “uma criada normal”. Maria Isabel era uma jovem que, cedendo à pressão da mãe, acabou se casando com um colono da fazenda em que viviam. Após dar à luz a uma menina, Maria se empregou em uma fazenda nas proximidades, determinada a prover o sustento da criança e a tê-la por perto. Um tempo depois, aceita acompanhar a filha recém-casada dos patrões ao Rio de Janeiro, tendo que deixar a própria filha aos cuidados da mãe. A vida no Rio, longe de ser tranquila, é marcada por descobertas, uma série de planos frustrados, saudades e solidão. Desse modo, a análise proposta nesta comunicação busca identificar os estilos presentes na obra, mais especificamente, ler o texto a partir da estilística da existência. Na linha dos estudos desenvolvidos pela pesquisadora e especialista em literatura, Marielle Macé (pesquisadora do CNRS e professora da EHESS), o conceito de estilística da existência envolve sempre uma questão aberta do “como” da vida, e não apenas de vidas brilhantes e triunfantes, mas de toda vida, de todas as formas de vida oferecidas (MACÉ, 2011, 2016). Logo, considera cada tipo de subjetividade como relevante, como importante na prática de leitura e na pluralidade dos modos de ser.

Eva e culpa feminina na poesia inglesa do século XVII

Isabela de Souza Oliveira (UNICAMP)

Resumo Em “Paraíso Perdido”, John Milton defende a inferioridade da razão feminina e argumenta pela necessidade de subjugar mulheres em relação a homens devido ao desequilíbrio na capacidade reflexiva e lógica dos sexos. No poema, a hierarquia e ordem de contato

e comunicação parte da posição mais elevada em termos de divindade e razão, onde se encontram Deus e o filho, e descende até a esfera de Satã, este último associado ao Mal e à racionalidade equívoca. Enquanto o homem se encontra em um degrau abaixo de Deus, Eva está entre Adão e Satã. Apesar de não ter a intenção de causar a Queda e fazer o Mal, ela está mais vulnerável e sujeita a ele por uma debilidade racional intrínseca à mulher. Ainda que, em termos literários e religiosos, a descrição da Queda de “Paraíso Perdido” seja incomparavelmente mais influente que outros poemas do século XVII com a mesma temática, poetisas como Aemelia Lanyer e Lady Anne Southwell discutiram, a partir do relato bíblico do Éden, o peso desproporcional de culpa que recai sobre Eva. Em seus poemas, respectivamente “Eve’s Apology in Defense of Women” e “All married men desire to have good wives”, pretende-se denunciar a culpa do sexo masculino pela transgressão e a exigência hipócrita de homens, os quais a partir dos relatos bíblicos estabelecem um discurso de expectativa em relação às mulheres, mas ignoram sua própria responsabilidade quanto ao fato de não hostilizar aqueles que dizem inferiores, como orientado pelos textos cristãos. Essas autoras não estão buscando obrigatoriamente rearranjar a posição das mulheres na hierarquia dos sexos, mas denunciam que a partir da perspectiva unilateral e seletiva dos textos bíblicos e do poder legitimado aos homens pela religião, ocorre uma violação de dever e de responsabilidade independente da dita superioridade do sexo masculino.

Gestos da dissimulação:

o melodrama negociado em *Helena* (1876), de Machado de Assis

Marcos Roberto Flamínio Peres (USP)

Resumo Obra da primeira fase da produção machadiana, *Helena* agradou a crítica em um primeiro momento por aproximar-se do melodrama, gênero de muita aceitação no século XIX. Contudo, ao longo do século XX passou a ser criticado por não cumprir as expectativas que se esperava do gênero, sobretudo ao conceber um vilão que está longe de encarnar plenamente a polarização entre extremos que o leitor/espectador habituado ao gênero ansiosamente espera. Sob esse ponto de vista, bem e mal, puro e impuro, justo e injusto,

etc. não se realizariam plenamente na obra de Machado. Pretendo argumentar, porém, que uma tal avaliação crítica tem prestado pouco atenção à heroína que dá título ao romance, que, embora se apresente como a típica vítima inocente perseguida pelo malfeitor, apresenta uma cisão interna inaceitável para o gênero, a crermos em seus principais estudiosos (Heilman, Sharp, Brooks). Transigindo com o vilão, ela acaba por tentar manipular personagens e enredo em seu próprio benefício, colocando seriamente em risco os fundamentos do gênero. Isso sugere mais do que uma falha de concepção por parte de Machado, mas, sim, um questionamento deliberado ao gênero e da própria natureza da narrativa, questionamento que será deliberadamente aprofundado em seus romances maduros, como *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó*.

Infância, educação e precariedade em *Jane Eyre*, *Agnes Grey* e *Wuthering Heights*

Ana Cristina Faria de Menezes (UERJ)

Resumo Esta comunicação propõe investigar as diferentes infâncias figuradas nas obras *Agnes Grey* (1847), de Anne Brontë (1820-1849), *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë e *Wuthering Heights* (1847), de Emily Brontë (1818-1848). Dado que as irmãs de Haworth viram de perto as opressões trazidas pela Revolução Industrial e, antes disso, as complicações da agricultura capitalista (EAGLETON, 2005a; WILLIAMS, 2011), os entrelaçamentos entre o contexto histórico no qual viveram e a criação ficcional de suas personagens infantis contribuem para uma percepção mais refinada das respectivas precariedades (BUTLER, 2019) em jogo. Aqui, a vulnerabilidade é compreendida à luz de “Vida Precária” (2019), livro em que Butler distingue os conceitos de vida precária, constituição da qual todas as vidas humanas compartilham a partir do momento em que todas são mortais, e precariedades, circunstâncias nas quais algumas vidas seriam mais “matáveis” que outras. Raça, sexo, gênero e classes sociais diferentes seriam classificadores dessas precariedades materiais distintas (BUTLER, 2019, p. 49). A pluralização do termo “infância”, presente no título de minha comunicação, se faz necessária visto que, como pontua a historiadora Ginger Frost, não há um tipo único de criança vitoriana, mas sim

diversos desdobramentos de tipos de crianças que viveram nesse período em diferentes situações de infantilização (FROST, 2008, Loc192) – o que refletirá em suas precariedades. Proponho, assim, que o ato de narrar tais infâncias, marcando-as materialmente quanto às suas distintas precariedades (BUTLER, 2019), expõe um sistema que precisa explorar vulnerabilidades para que possa crescer.

Memória, metáfora e magia na natureza ceciliana: perspectivas decoloniais

Bruna de Almeida Pereira (UFF)

Resumo Segundo Aníbal Quijano (2009), a categorização de seres em classes tem seu princípio nos estudos sobre natureza com a publicação de *O Sistema da Natureza* (1735) compilado por Carl Linné. No livro, o naturalista sueco elabora um sistema de classificação para as plantas até então conhecidas e as ainda não descobertas, contribuindo assim para uma tradição que configura a vida vegetal como objeto a ser manipulado. Dessa forma, a exploração da natureza e seus recursos constitui um dos elementos disputados na malha de poder capitalista e extrativista no “mito do progresso ilimitado”, conforme denominam Maria Mies e Vandana Shiva (2014). A partir de uma perspectiva decolonial e de abordagens antiextrativistas pretende-se compreender nesta pesquisa de que forma a visão poética sobre a natureza na poesia de Cecília Meireles (1901-1964) apresenta aspectos que vão ao encontro de uma desconstrução epistemológica da representação da vida vegetal e de perspectivas antiextrativistas. Considerando que a produção poética da autora não é de cunho decolonial, o que se propõe é um diálogo entre a representação dos seres vegetais e concepções antiextrativistas, visto que a poesia ceciliana expõe uma visão poética da natureza que não se alinha aos preceitos do Ocidente moderno que tendem a objetificar as vidas vegetais. Para tanto, pretende-se discutir de que modo o desfolhar-se lírico e vegetal, em poemas selecionados de Meireles, é apresentado como indício de uma natureza que comporta memória e magia, ao conciliar a realidade de ser biológico da planta e de construção metafórica. Nesse sentido, a pesquisa convida à observação da aproximação entre humano e natureza em uma relação não hierárquica, através

das representações dos espécimes vegetais caracterizados pela poeta, bem como pensar o papel da poesia para novas práxis e relationalidades em um mundo que vem se mostrando funesto.

Miyamoto Yuriko: uma mulher na luta

Karen Kazue Kawana (UNICAMP)

Resumo Yuriko Miyamoto (1899-1951) foi uma escritora, ativista social e crítica literária japonesa. Escritora precoce e oriunda de uma família de intelectuais, sua escrita passa por diversas fases, mas esta comunicação irá se concentrar em duas. A primeira, na qual a autora já revela sua preocupação com os problemas da sociedade, particularmente com as dificuldades encontradas pelas mulheres no cotidiano; e a segunda, que se inicia depois de sua passagem pela União Soviética, entre 1927 e 1930. Ao retornar, Yuriko se filia ao Partido Comunista Japonês e, a partir de então, coloca sua escrita a serviço da disseminação das ideias do partido, criticando a exploração dos trabalhadores, especialmente das mulheres, e denunciando o militarismo e o imperialismo do governo japonês. Suas atividades políticas levam-na à prisão diversas vezes nesse período de repressão violenta vivido pelo país, mas isso não faz com que renuncie a seus valores. É interessante sublinhar que, mesmo nos textos dessa fase de literatura proletária, a maior parte de suas obras retrata mulheres e a família e há sempre alguma doçura na forma como ela faz isso. Meu intuito é apresentar essa autora, ainda inédita no Brasil, traçando o desenvolvimento do tema de seus textos que têm a mulher ao seu centro.

Mulheres em PoEHMaS: uma aposta de laço pela voz

Mónica Graciela Zoppi Fontana (UNICAMP)

Resumo A leitura é um gesto. Um gesto material que se inscreve na história e no corpo que lê. Virar a página, clicar na tela, focar a direção do olhar, aninhar o livro no colo, ajustar o tamanho da página na tela. Ler em voz alta, rir, sorrir, suspirar, se emocionar, chorar. A leitura é um gesto. E um gesto é um ato simbólico que afeta o real do

sentido. Que nos afeta. Que enlaça nossas histórias pela letra. Na leitura nos encontramos e nos perdemos no outro. O tempo e o espaço se desdobram e nos suspendemos entre a atualidade e a memória. A leitura é gesto que acontece. É sentido que se faz. Percurso traçado na deriva dos possíveis. No embate entre o sentido e o não-sentido. A leitura acontece. E o acontecimento é encontro. Com o intuito de promover encontros por meio da poesia e das vozes enlaçadas pela leitura, o grupo de pesquisa Mulheres em Discurso (IEL-UNICAMP) criou em maio de 2020 o podcast MULHERES EM POEHMAS, cuja proposta é publicar semanalmente a leitura de um poema de autoria feminina. Cada participante escolhe a poesia a ser recitada e grava sua leitura, que é logo editada e publicada em acesso aberto. A iniciativa estava destinada inicialmente às integrantes do grupo e convidadas, mas o podcast se popularizou e recebemos leituras espontâneas das ouvintes. Nesta comunicação apresento o podcast e teço algumas considerações teóricas a partir dos estudos enunciativos e discursivos. Nossa aposta foi quebrar o isolamento e angustia produzidos pela pandemia no Brasil, trazendo a força da poesia no acolhimento da língua materna das diversas vozes que se encontram enlaçadas pela letra. Ficha técnica: Tyara V. Chaves na edição de som e identidade visual, Lauro Baldini na locução, Mônica G. Zoppi Fontana na ideação e podcasting.

Níveis de leitura em *the Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood

Ana Leticia Barbosa de Faria Gonçalves (UNICAMP)

Resumo Em grande parte resultado de embates e debates feministas contemporâneos, *The Handmaid's Tale* (1985), de Margaret Atwood, é porventura o romance mais presente nos meios midiáticos atualmente. Nas leituras acadêmicas e extra-acadêmicas, o enfoque usual inside sobre o enredo no qual a aia Offred, prisioneira e coagida ao trabalho reprodutivo, relata suas vivências na República de Gilead. Sob outra perspectiva, esta comunicação, derivada de uma pesquisa de mestrado, incide sobre uma questão específica: o fato de que existem dois narradores isolados, narrando em espaço e tempo distintos, sob circunstâncias e propósitos díspares. As “Notas Históricas”, segmento que sucede o relato da aia, apresenta a voz do historiador

Pieixoto em uma conferência acadêmica dois séculos após as vivências de Offred, na intenção de analisar seu teor histórico. Mais do que dois segmentos abrigando vozes antagônicas, temos uma espécie de “contradiálogo” no jogo de referencialidade, em que o personagem do segundo relato toma o relato da primeira como objeto de análise. Pela leitura feminista desse quadro, a subdivisão da matéria textual instiga a reflexão sobre a problemática de como ler como mulher o paralelo entre os dois sujeitos narrantes, para entender as escolhas e os valores que a autora implícita, conceito desenvolvido a partir de Wayne Booth (1961) instiga a partir da fragmentação. Assim, no intuito de realizar uma leitura reflexiva na linha do filósofo Paul Ricoeur (1986), o objetivo da comunicação é pensar os distintos âmbitos de leituras estabelecidos a partir do olhar feminino/feminista: leituras por de dentro da ficção e leituras incitadas pela ficção fora dela, partindo da escrita de mulher para expandir-se através da leitura de mulher.

**Para as mãos não há desculpas:
palavras e gestos na poesia de Patrizia Cavalli**

Cláudia Tavares Alves (UFSC)

Resumo Publicada em uma década marcadamente ideológica na Itália, tanto pelas crises políticas e culturais posteriores ao fascismo, quanto pelo histórico movimento feminista no país (BRACKE, 2014), a coletânea *Meus poemas não mudarão o mundo*, primeiro livro de Patrizia Cavalli, apresenta alguns caminhos para pensarmos a literatura italiana escrita por mulheres nos anos 1970. Sua poesia aparece muitas vezes circunscrita ao ambiente doméstico, mas não de forma submissa ao “anjo do lar” (WOOLF, 2012). Além disso, sua escrita percorre gestos sutis e banais, como pentear os cabelos ou arrumar a cama, reconhecendo alguma poeticidade na vida e na linguagem cotidianas. Tais poemas carregam ainda resquícios que pretendem se afastar da névoa ideológica que os rodeia, formalizando o que pelo título já se intuía: a poesia (e a própria literatura) não mudará o mundo. No entanto, instaura-se um conflito pela percepção dessa impotência, a qual não anula o desejo de, ainda assim, continuar escrevendo: “ha? sempre uma palavra / uma palavrinha a dizer” (CAVALLI, 2021).

Conjugando tais aspectos, esta comunicação pretende refletir sobre a poesia de Cavalli a partir da tensão entre corpo coletivo-político e corpo subjetivo – pulverizados em versos como “Meu sêmen avaro de mulher / e? muito pouco para ofender. O que posso / deixar pelas ruas pelas casas / pelos ventres infecundados? As palavras / muitíssimas palavras” (CAVALLI, 2021) –, observando em que medida a escrita (e a leitura) poética feminina se assume, nesse caso, como um processo de investigação de si mesma diante do mundo.

Para ler Ledas: estratégias e armadilhas nas práticas de crítica literária feminista

Erica Martinelli Munhoz (UNICAMP)

Resumo O fato da crítica literária feminista se parecer “mais com um conjunto de estratégias intercambiáveis do que uma escola coerente ou orientação de objetivos compartilhados (...)” representa “de um lado a sua maior força, e de outro a sua fraqueza” (KOLODNY 2011, p.219). Levando em consideração esse caráter múltiplo e mutável do campo, interessa discutir estratégias hermenêuticas e modos de ler, desviando a preocupação com a definição teórica de um campo para a reflexão de uma prática: como fazer leituras críticas de literatura informadas pelos pressupostos feministas de forma produtiva e propositiva? Elencando três leituras feministas dedicadas a obras poéticas que retomam o mito de Leda, e discutem o tema da violência de gênero nessas obras (principalmente “Leda e o Cisne” de W. B. Yeats), levantarei estratégias possíveis e armadilhas das quais é preciso desviar na prática de leitura crítica feminista. Neimneh (2017, et. Al.), ao focar exclusivamente o desvelamento de violências implícitas no texto, pode cair nas armadilhas da “leitura paranoica” (SEDGWICK, 2020), relegando a figura feminina ao lugar de vítima e simplificando excessivamente as obras estudadas. De outro lado, porém, estratégias que equilibram o distanciamento crítico e a adesão ao texto (lembrando a hermenêutica crítica de Paul Ricoeur, 1978), como é o caso de Maria Rita Drumond Viana (2010) e Helen Sword (1992), reconhecem o potencial de positividade do texto, sem abrir mão do viés crítico. Sword e Neimneh ambas informam seus olhares críticos pela leitura de poemas de mulheres sobre o mesmo mito. Buscar na

própria literatura respostas para a leitura crítica da tradição poética é uma estratégia que pode injetar nova vida em imagens recrudescidas. Nessa estratégia, porém, é preciso perguntar: como levar a identidade da autora e do autor em consideração sem fazer dela o nosso único ou último horizonte crítico?

Penélope revisitada: leitura de poemas contemporâneos

Flávia Lins e Silva (CEFET-MG)

Resumo A comunicação proposta terá como objeto de análise poemas contemporâneos que trazem como tema a figura de Penélope, personagem da *Odisseia*, de Homero. Associada ao modelo de comportamento feminino, a personagem é evocada na literatura e nas artes plásticas há séculos, seja servindo à manutenção do modelo de comportamento feminino, ao qual foi inicialmente associada, seja revisitada, numa atitude de desconstrução de tal representação. A leitura de poemas atuais, de autoria feminina ou não, que retomam a figura da Antiguidade Clássica, transfigurando sua imagem enquanto símbolo do tradicional papel social de gênero, procura discutir aspectos da lírica contemporânea que envolvem conceituações ligadas ao vasto campo dos estudos da literatura feminina, trazendo uma análise tanto estética – da maneira como o tema encontra-se inscrito na formatação dos versos, na escolha da sequência dos poemas, na definição do pronome que define o eu-lírico, por exemplo; quanto ética – da proposição “política” inerente à revisão da personagem e de seus atributos. Tal proposta já indica, de certa forma, nossa escolha pelo escape da conceituação da escrita feminina baseada somente no tema ou na autoria, procurando realizar discussões críticas e retomar discussões teóricas, possibilitadas pelos textos de poetisas pertencentes a uma geração recente, como Ana Martins Marques, Mônica de Aquino e Daniel Arelli.

Protagonistas mulheres na literatura contemporânea: uma comparação entre personagens de Helena Terra e Jeferson Tenório

Juliana Caetano da Cunha (UFRGS)

Resumo Este trabalho pretende debater a literatura produzida por mulheres e a representação das mulheres na literatura, apoiado na crítica literária feminista. Tem como objeto dois títulos bastante contemporâneos: *A condição indestrutível de ter sido*, de Helena Terra (2013), e *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório (2018), protagonizados por personagens femininas, narrados em primeira pessoa, porém, de escritores de gêneros diferentes. Investigam-se as diferenças entre uma e outra personagem, a fim de pensar o tema do lugar de fala e a relevância social de uma literatura em que questões caras às mulheres são trazidas à baila, sejam estas produzidas por escritores ou escritoras. Faz-se uma pequena alusão a outras autoras contemporâneas, como Angélica Freitas e Veronica Stigger, com o objetivo de contribuir para um panorama do que as mulheres estão escrevendo no Brasil hoje. Entretanto, interessa-nos levar à frente principalmente a discussão sobre qual literatura serve à luta das mulheres, contra a opressão de gênero e capitalista. Além disso, ter em conta que escrevemos para que a crítica feminista passe a ser apenas crítica, assim como a literatura feminista passe um dia a ser apenas literatura. A fundamentação teórica conta com Heloísa Buarque de Hollanda (1994), Djamila Ribeiro (2017) e Sílvia Federici (2017).

Rosana Paulino e as poetisas hoje: algumas notas sobre a representação dos negros

Carla dos Santos e Silva Oliveira (UERJ)

Resumo “Por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar?” (GONZALEZ, 1984, p. 225): a pergunta de Lélia Gonzalez, feita no início dos anos 80, parece nortear parte do trabalho de Rosana Paulino, – artista visual e pesquisadora, cuja investigação se debruça sobre a representação dos negros na história da arte. Nesse contexto, a presente

comunicação tem como objetivo estabelecer um diálogo entre as obras e a pesquisa de Paulino, que denuncia a violência e exige o reconhecimento dos afrodescendentes, e poemas de Jarid Arraes, Natasha Felix e Stephanie Borges, publicados na antologia *As 29 poetas hoje*, com a curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda. Em um primeiro momento, o percurso deste trabalho se ocupará de discussões fundamentais, levantadas no curso “Arte, ação e pensamento anticoloniais”, ministrado no Museu de Arte do Rio, em que a gravurista traça um panorama da representação dos corpos negros na arte ocidental, apontando a necessidade de compreendermos o poder das imagens como instrumentos que atrelam significados a determinados grupos. Em um segundo momento, pretende-se apresentar proposições de Paulino e das referidas poetas que atendem ao chamamento de Gonzalez, quando a filósofa sugere que seja assumido o risco “do ato de falar com todas as implicações” – “infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos” (Ibidem) –, palmilhando produções artísticas que têm como faixa temática questões relacionadas à negritude (memória, construção de identidade etc.), bem como trabalhos que reivindicam outros temas (amor, erotismo etc.), irrompendo o processo de achatamento de subjetividades que, muitas vezes, aprisionam as artistas negras a um pretenso essencialismo.

Tons de “As aves da noite” de Hilda Hilst e o “Mineirinho” de Clarice Lispector: Contatos com Experiências- limite

Malane Apolonio da Silva (UFMS)

Resumo Neste estudo refletiremos sobre as personagens de Hilda Hilst e Clarice Lispector, experimentando textos que se propõe a questionar ambientes que semeiam a morte em barbárie. Acionaremos discussões sobre a morte, com barbáries já declaradas nos porões da fome de Hilda Hilst na sua peça “As Aves da Noite” (1968) e a morte da personagem em o “Mineirinho” (1969) crônica de Clarice Lispector publicada no livro “A Descoberta do Mundo”. Em Hilda Hilst as personagens da peça chamavam a morte com mais altivez, no entanto, a personagem que nos ateremos se propõe a querer viver em meio a toda crueldade que lhe cerca. Assim também, na crônica de

Clarice Lispector, pensaremos como um certo controle sobre quem vive, pode estar atrelada, a elaborações de ódio. Desse modo, essa análise propõe discutir o que pode a vida quando se tem experiências-limite nas personagens de Hilda Hilst e de Clarice Lispector. Para esse estudo, que aproxima textos de duas escritoras brasileiras, com aproximações estéticas diferentes, haja vista, estarmos falando de peça e crônica, salienta-se que o interesse desse estudo está nas experiências -limites das personagens. Faremos contato com os textos de Ana Kiffer em “Ódios Políticos e Política do ódio” (2020), Judith Butler em “Quadros de Guerra” (2015) Georges Didi-Huberman em “Sobrevivência dos vaga-lumes” (2011) e Gilles Deleuze em “Crítica e Clínica” (2009).

Simpósio 36**Leituras contemporâneas de Virginia Woolf II**

Davi Pinho (UERJ/FAPERJ)

Maria Aparecida de Oliveira (UFPB)

Nícea Helena de Almeida Nogueira (UFJF)

Resumo Em “A torre inclinada” (1940), revelando seu esforço para pensar o futuro da vida e da arte em meio à destruição em massa da Segunda Guerra Mundial, Virginia Woolf conclui que “a literatura não é terreno particular de ninguém; a literatura é terreno de todos. Não foi retalhada em nações; lá não há guerras” (p. 463). E conclama a todos os intrusos – como aqueles que ouviram essa palestra para a Associação Educacional dos Trabalhadores (Workers’ Educational Association) em 1940, os outsiders do Império: “Transgridamos livremente e sem medo e encontremos por nós mesmos nosso próprio caminho” (WOOLF, 1940, p. 463). Woolf esteve em confinamento intermitente não apenas por conta das guerras de seu tempo e de suas crises de depressão, mas também devido à pandemia de gripe espanhola que dizimou milhões de pessoas mundialmente antes, durante e depois do auge de 1918-1919, deixando marcas profundas em sua produção, como elabora Elizabeth Outka (2020) ao comentar o romance *Mrs Dalloway* (1925) e o ensaio “Sobre estar doente” (1926/1930), no qual Woolf nos convoca a reimaginar a tradição por meio da linguagem “primitiva, sutil, sensual, obscena” do corpo doente (WOOLF, 1926/1930, p. 187). Essa procura por uma nova linguagem mantém vivo o impulso de “reunir as partes separadas” (“A Sketch of the Past, 1976) e de “preservar e criar” (“A torre inclinada”, 1940). Este simpósio propõe que, agora que nossos corpos estão em isolamento, continuemos o debate que se iniciou na Abralic de 2019, quando propusemos pela primeira vez que leitoras/es de Virginia Woolf se reunissem para pensar, coletivamente, as marcas que as obras ficcionais, ensaísticas e auto/biográficas de Woolf deixaram na ficção, na teoria e na crítica contemporâneas, especialmente no que se refere ao dito formalismo modernista e às questões de gênero. De sua primeira recepção, e sua ênfase na forma, aos estudos feministas da década de 70 e além, o nome “Virginia Woolf” constituiu por vezes uma assinatura modernista que ora fechou sua obra completamente no vocabulário dos formalistas de Bloomsbury, ora no vocabulário

do feminismo estadunidense, ou ainda na esteira da desconstrução de Derrida e dos saberes rizomáticos de Deleuze. No entanto, como vêm revelando os estudos woolfianos recentes, a questão estética em Woolf está inextricavelmente entrelaçada à questão política que figura em sua obra, o que lança a autora em busca de novas formas de escrita em movimento de eterno devir-outro, como pensa Rosi Braiddotti (2011). É justamente essa oscilação produtiva entre o estético e o político que faz com que pesquisadoras/es contemporâneas/os, como Madelyn Detloff (2016), deem privilégio aos hibridismos encenados por Woolf por meio da ficção, sua ferramenta para atravessar diferenças e reorganizar mundos, o que sempre nos permite reavaliar e revalorar sua escrita. Filiando o poético ao material, vale pensar hoje como as leituras de Virginia Woolf do século passado não se excluem mutualmente, mas são complementares no pensamento woolfiano, que é centrífugo por excelência, como pensa Judith Allen (2010). Voltar à escrita de Virginia Woolf nos permite achar os pontos de conexão no mosaico de perspectivas de seus intérpretes, atentando sempre para os sentidos que sua forma deixa escorregar para o nosso presente. Continuando a virada estético-política dos estudos woolfianos (Goldman, 1998 & 2004), convidamos trabalhos que se debrucem sobre releituras de toda e qualquer questão que sua vasta obra suscite – da forma do conto, ensaio e romance modernistas à escrita de si ou a uma filosofia queer e/ou feminista. Se levarmos a sério os choques de realidade que Virginia Woolf diz sentir ao escrever (cf. “A Sketch of the Past”), entenderemos que sua escrita está sempre dentro e fora de seu tempo, uma escrita contemporânea no sentido agambeniano (2006), sempre referida ao passado do passado mas também à sua presença, como antes formulou T.S. Eliot (1919). Hoje, muito do que se anuncia na produção tardia da autora parece mais uma vez ativar quadros de guerra incessantes, e por isso não podemos ainda temer Virginia Woolf. Desse modo, almejamos acolher trabalhos que contemplem os seguintes temas, ou quaisquer outros que estejam em diálogo com a vida, a obra e/ou o tempo de Virginia Woolf: – Woolf e o modernismo, as artes e/ou o Bloomsbury Group; – Woolf e o pós-modernismo, o pós-estruturalismo e/ou a filosofia; – Woolf e os estudos feministas, queer e/ou transfeministas; – Woolf e o trauma, a guerra e/ou o fascismo; – Woolf e a pandemia e/ou a doença; – Woolf e a educação, os movimentos sociais e/ou o materialismo histórico; – Woolf e/em tradução e/ou adaptação; – Woolf e o Império e/

ou os estudos pós-coloniais; – Woolf e a ecocrítica; – Woolf transnacional, transcultural, transtemporal; – Woolf e a teoria crítica e/ou a psicanálise; – Woolf leitora/ leitores de Woolf.

“Kew Gardens”, “No pomar” e “O tempo passa”. Do jardim à ruína

Luiz Henrique Ernesto Coelho (UFMG)

Resumo Nos contos “Kew Gardens” e “No pomar”, bem como no capítulo “O tempo passa”, do romance *Ao farol*, de Virginia Woolf, são descortinados os aspectos da escrita da autora, que a colocam como uma das pioneiras das transformações formais percebidas nas primeiras décadas do século XX. A chegada desta nova perspectiva para a forma do texto é acompanhada por transformações históricas significativas, sobretudo, relativas a Primeira Guerra Mundial. Em “Kew Gardens”, de 1919, a Woolf, pela primeira vez, lança mão do recurso do fluxo de consciência ao observar e descrever o cenário do famoso parque londrino. Em “No pomar”, de 1923, a autora apresenta três possibilidades de narrativa para a personagem Miranda, inscrevendo uma notável fratura diegética ao somar tais possibilidades em um mesmo conto. Já em “O tempo passa”, de 1927, Woolf remete-se a passagem do tempo inserida em *Ao farol*, associando tal temporalidade às ruínas da Primeira Guerra Mundial. O autor Andreas Huyssen no texto “O jardim como ruína” analisa, a partir das fotografias de Pipó Nguyen-duy, o elemento temporal, isto é, a influência da passagem do tempo como criadora de uma espécie de “ruína da modernidade”. As fotos exploram, em cada estação do ano, os restos de uma estufa, abandonada e, agora, ocupada pela natureza. Suas estruturas de aço e vidro estão cobertas pela vegetação, cujas mudanças ocorridas durante as mudanças climáticas e pela passagem do tempo foram registradas nas fotografias. A presente investigação busca relacionar a produção escrita de Woolf sob a evidente ótica moderna, a partir de uma abordagem benjaminiana, e o conceito de “jardim em ruínas” proposto por Andreas Huyssen.

“Procure o fato nos arbustos de framboesa”: pensando a arte da biografia a partir de *Freshwater: uma comédia de Virginia Woolf*

Victor Santiago Sousa (UERJ)

Resumo Em consonância com a proposta deste simpósio – Leituras Contemporâneas de Virginia Woolf II – esta comunicação objetiva pensar os personagens da farsa modernista *Freshwater: uma Comédia de Virginia Woolf* (1923; 1935), única peça escrita por Virginia Woolf, a partir do conceito da “arte da biografia”, cunhado por Woolf no ensaio “The Art of Biography”, publicado postumamente em *The Death of the Moth and Other Essays* (1942). O jurista Charles Hay Cameron, a fotógrafa Julia Margaret Cameron, o poeta laureado Alfred Tennyson, a atriz Ellen Terry, Mary (uma das empregadas de Julia Cameron) e a Rainha Victoria são personalidades da era Vitoriana que se tornam personagens na referida farsa, causando uma tensão entre verdade e ficção. Ao pensar em personalidades históricas, podemos cair na armadilha de colocá-las ao lado da biografia (entendida como verdade), assim como tendemos a aparelhar personagens ficcionais com o que se entende por ficção. A escrita de Woolf, no entanto, sugere a escrita como uma escrita de vida, e a biografia como ficção e vice-versa, na tentativa de soldar o “granito” ao “arco-íris”, “verdade” e criação, “fato” e imaginação, questões que Woolf levanta em dois ensaios de 1927, “The New Biography” e “The Art of Fiction”. Em *Freshwater*, esta tensão entre verdade e ficção é sugerida também por John Craig, único personagem considerado inteiramente ficcional, como aponta Penny Farfan (2004, p. 53). Em suma, a partir dos entendimentos de Woolf sobre a “arte da biografia”, analisaremos os personagens escolhidos por ela como “assinaturas” (AGAMBEN, 2009) da era vitoriana que, em *Freshwater*, não apenas tornam-se risíveis, mas também colocam em pauta o que os modernistas daquela época ainda tinham de vitorianos. E, para nós brasileiros, fica a seguinte pergunta: o que os personagens de *Freshwater* têm a dizer para os espectadores brasileiros hoje?

A construção da imageria nos contos de Virginia Woolf

Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-Rio)

Resumo No presente trabalho pretendo analisar a presença da imageria enquanto uma união entre imagens, sons e percepções atuantes nas obras de Virginia Woolf (1882-1941), mobilizando os contos “Objetos Sólidos” (1920), “No pomar” (1923), “O símbolo” (1941). Entendendo-se imageria como uma composição formada por ritmo, símbolo e metáfora, objetiva-se apresentar os três contos como parte de um conjunto de metáforas que formam um elo que esboça uma conexão entre obras longas e curtas de Virginia Woolf. O termo busca unir sob a égide de uma metáfora a construção de um ritmo poético e cadências que estabeleçam um espaço de criação e relação entre autora e leitores. Para isso, são mobilizados estudos de Hans Blumentberg acerca da metaforologia, Wolfgang Iser e Alberto Manguel sobre o leitor e estudos acerca do símbolo vindos da história da arte. Pensar os contos sob a lente da imageria permite perceber a presença do ritmo e seu jogo com o poético/poemático, o uso inovador do simbolismo e a presença da metáfora fora do sistema de signo-significado. Essas obras primam pela construção de uma subjetividade que se faz presente no contraponto com o outro, podendo-se dizer que os contos são pequenos experimentos da escritora para vivenciar e narrar a necessidade do indivíduo de estar só e em comunhão com o seu meio, e isso pode ser demonstrado através desses pequenos contos. Com esse trabalho se objetiva dar um passo a fim de compreender como a literatura de Virginia Woolf se mantém presente dentro dos meios literários por sua força narrativa, mas também pela sua capacidade de produção de imagens e sons que contribuem para uma experiência literária característica de escritores do período que abrange a primeira metade do século XX.

A construção rítmica em *The Waves* e *Between the Acts*

Marluce Faria de Melo e Souza (UFRJ)

Resumo Enquanto desenvolvia *The Voyage Out*, Virginia Woolf descreveu para o amigo Clive Bell seu processo de composição: pensava

em como poderia re-formar o gênero do romance e capturar inúmeras coisas fugidias, construir um todo e moldar infinitas formas estranhas (19 de agosto de 1908). Já em carta a Vita Sackville-West, Woolf afirma que estilo é algo muito simples: se resume inteiramente a ritmo. Em sua visão, quando conseguimos encontrá-lo, não é possível escolher as palavras erradas (16 de março de 1926). Ao longo da vida, Woolf constantemente procurou romper os limites da convenção e fundar o novo. Esta proposta de comunicação tem como objetivo investigar as experimentações de Woolf com o ritmo e com o gênero do romance, tomando por base *The Waves* e *Between the Acts*. *The Waves* é composto por solilóquios e passagens marcadamente poéticas, e tem o ritmo incessante das ondas como princípio ordenador. *Between the Acts*, por outro lado, é conduzido pelo ritmo dos silêncios e das lacunas. Como Woolf anuncia em cartas e escritos pessoais, ambas as obras foram planejadas em torno de um ritmo, cada uma à sua maneira. Esta proposta de comunicação busca dar sequência à conversa iniciada na ABRALIC de 2019, extremamente proveitosa para a minha pesquisa de doutorado.

A escrita feminina e a androginia em Virginia Woolf: estudos a partir de Davi Pinho, Hélène Cixous e Jacques Derrida

Rachel Ventura Rabello (UERJ)

Resumo Esta comunicação se propõe a pensar a influência da vida pessoal de Virginia Woolf e sua visão política em suas obras, mais especificamente em *Um teto todo seu*, *O quarto de Jacob* e os diários dos anos de 1915 a 1918 (publicados postumamente por seu marido), e em autores brasileiros modernistas e contemporâneos, tendo como arcabouço teórico o pensamento de Jacques Derrida, Hélène Cixous e Davi Ferreira de Pinho. Penso que os conceitos de *différance*, *écriture* (DERRIDA) e *écriture féminine* (Cixous) se relacionam com o conceito de Androginia, e tentarei dar conta dessa relação a partir das pesquisas desenvolvidas por Davi Ferreira de Pinho. Assim, as questões que instigam esse trabalho poderiam ser resumidas em: como a vida pessoal de Virginia Woolf influenciou o seu pensamento e posicionamento político-filosófico? Como tal posicionamento aparece em suas obras ficcionais e não-ficcionais? Quais rastros de suas

obras e pensamento podem ser percebidos na produção de autores brasileiros modernistas e contemporâneos? Ainda que não consiga responder a todas essas questões, acredito que seria muito proveitoso participar desse simpósio que nos convida a pensar a obra dessa renomada autora a partir do contexto histórico em que vivemos, que é tão difícil quanto similar ao que ela viveu.

A voz do texto poético e a androginia sob a ótica da *écriture féminine*: um diálogo entre Virginia Woolf e Hélène Cixous

Mariana Muniz Pivanti (UERJ)

Resumo Embora a autora britânica modernista Virginia Woolf e a feminista pós-estruturalista, filósofa e ficcionista argelina Hélène Cixous tenham percorrido ambientes e épocas radicalmente diferentes, podemos perceber inúmeras aproximações em seus escritos. De fato, ambas fazem do feminino uma questão feminista quando advogam pela inscrição do feminino na ficção como um ato de mudança e revolução contra a sociedade patriarcal, construída sobre a égide de uma linguagem masculina. Tal noção pode ser abordada através de diferentes ângulos e suscitar diversos estudos sobre as mais variadas perspectivas. Neste trabalho, entretanto, nos deteremos sobre a questão poética ao investigarmos como ambas as autoras aproximam feminino e escrita ao fazerem da sonoridade do texto poético uma característica fundamental da escrita feminina. Nesse sentido, veremos como a noção de *Écriture Féminine* de Cixous conversa com a defesa da androginia em Woolf, uma vez que ambos os conceitos articulam feminino e escrita. Nos apoiaremos sobre o conceito de chora semiótica da também feminista pós-estruturalista Júlia Kristeva (1974), que defende a existência de um conjunto de fonemas e sons presentes no inconsciente de todos os seres humanos. Além disso, nos debruçaremos sobre a noção de chora materna da filósofa contemporânea Adriana Cavarero (2005), que relaciona o conceito de Kristeva com a figura materna e com o momento “pré-edipal”. Assim, apoiados pelos escritos dessas duas autoras perceberemos como sonoridade poética, figura materna e escrita se articulam em Woolf e Cixous. Finalmente, poderemos observar como uma poética da androginia surge na escrita de Woolf e como ela se relaciona com a *Écriture Féminine*

de Cixous ao afirmar que o feminino seria uma porta de entrada para o andrógino, isto é, uma escrita que se abre para todas as subjetividades, e se mostra múltipla, diversa e impedida.

Ensaio de Virginia Woolf como crítica feminista na pesquisa acadêmica brasileira

Nícea Helena de Almeida Nogueira (UFJF)

Resumo A ausência de traduções de textos recentes de crítica literária feminista para a língua portuguesa faz com que docentes e discentes brasileiros, que não leem em inglês, considerem os ensaios traduzidos de Virginia Woolf como uma fonte primária para esse tipo de crítica. Este estudo se baseia em 153 teses e dissertações sobre Virginia Woolf, tendo como fonte oficial o catálogo online da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esses trabalhos foram produzidos em Programas de Pós-graduação em Literatura, Psicologia, Educação e Filosofia, avaliados pela CAPES, em universidades e instituições de pesquisa de todo o país de 2014 a 2019. Cerca de 40% desses textos citam Woolf como crítica literária feminista em análises da narrativa e da poesia de autoras contemporâneas. Os ensaios mais citados são *Um teto para todos* (1929) e *Provisões para mulheres* (1931), traduzidos para o português pela primeira vez em 1985 e 1996, respectivamente. Outras críticas feministas bastante conhecidas, como Elaine Showalter, Sandra Gilbert e Susan Gubar, Toril Moi e Judith Butler, raramente aparecem nessas teses e dissertações, pois poucas traduções de seus ensaios estão publicadas em português. Este estudo tem como objetivo questionar a relevância dos ensaios de Virginia Woolf para o estudo, no Brasil, da literatura de autoria feminina, ao mesmo tempo em que esses tendem a diminuir as distâncias temporais e culturais entre o pensamento da escritora e as referidas obras literárias.

Entre guerras, Hélène Cixous e Virginia Woolf como cena inconfessável

Flávia Trocoli Xavier da Silva (UFRJ)

Resumo Em outubro de 2020, iniciou-se a publicação dos seminários de Hélène Cixous, *Lettres de fuite*, editado por Marta Segarra, abrangendo o período de 2001 a 2004, nele, o leitor encontrará, pelo menos, quatro lições em torno da guerra: “On écrit toujours avec une main coupée”, “Guerre, ou He war”, “L'enfance de la guerre”, “Après la bataille”. O estudo dessas lições, ao lado do breve livro ficcional intitulado *Un vrai jardin*, 1971, permitirão apreender as linhas fundamentais do pensamento e da ficção de Cixous em torno da guerra e de seus efeitos incontornáveis. Na primeira lição do seminário, Cixous retorna a *A causa* [*Die Ursache*], de Thomas Bernhard, em meio aos escombros de sua cidade natal bombardeada pelos americanos, o narrador-personagem encontra uma mão decepada, primeiro ele pensa que é a mão de uma boneca e em seguida recebe o choque ao se dar conta de que é a mão de uma criança. Tal cena retorna muitas vezes na obra de Cixous como uma cena inaugural da escrita: só se escreve com a mão de criança decepada, e ela chegará a afirmar também que é uma criança da guerra – como judia perseguida pelos nazistas, como argelina colonizada pelos franceses. Na obra de Cixous, as pequenas tragédias são reminiscências das Grandes Tragédias – as da História e as da Literatura. Considerando que o corpo é portador de todas as dores, que a guerra se torna uma questão de língua e que a recepção do choque exige a doação de uma forma, é que proporemos um encontro sempre a construir entre Hélène Cixous e Virginia Woolf, afinal a herança dos livros, por vezes, é, também ela, inconfessável.

Entre Woolf e Butler: leitoras, leitores e releituras de *Antígona*

Gabriel Leibold Leite Pinto (UERJ)

Resumo Diante do quadro equívoco e ambíguo da genealogia edípica de *Antígona*, os laços de parentesco na peça de Sófocles, bem como as ações que deles decorrem, tornam-se um dos principais locus

de divergência entre suas leituras. Acontece que, dentro de suas respectivas acepções na leitura de *Antígona*, aqueles que a lêem passam a editar e reeditar o texto de modo a fazer-se valer dos trechos que confirmam suas próprias interpretações (ora com mais, ora com menos razão). Se no livro “O Clamor de *Antígona*” (2004), a filósofa Judith Butler parece estar desafiando a filosofia a voltar seu olhar para a literatura, de modo que esse texto possibilite a compreensão dos laços de parentesco sob diferentes epistemes de inteligibilidade cultural, as referências de Virginia Woolf à peça propõem ficções enveredadas para além do eixo familiar entre pais e filhos (como no caso do romance de 1938, “Os Anos”), reimaginando as possibilidades de elo forjados por estruturas de parentesco patriarcais. Quando Butler recupera a complicada cena genealógica de *Antígona* e faz dela o epicentro de suas reflexões sobre a peça, ela vai de encontro direto com a acepção dos laços de parentesco postulada pelo estruturalismo de Lévi-Strauss. Para o antropólogo, o parentesco é balizado pelo universal atribuído ao tabu do incesto e daí decorre a maneira como as leis por esse estabelecidas determinam uma estrutura normativa para o casamento (necessariamente heterossexual). Funda-se aqui a distinção determinante entre um antes e depois das leis regidas pelo tabu do incesto. Esse entendimento da ordem das coisas, no qual natureza e cultura tornam-se polos opostos organizados por um tabu central organizador, é justamente o tipo de universalismo que Butler procura contrapor em suas articulações sobre *Antígona* – uma contraposição antecipada pelo imaginário ficcional de Virginia Woolf.

Knitting the brown stocking: sobre tramas têxtil-textuais

Fábio dos Reis Júnior (UERJ)

Resumo Em minhas leituras contemporâneas de Virginia Woolf, tema norteador deste simpósio, busco lançar luz sobre as tramas têxtil-textuais que comparecem na produção de Woolf. Investigo as relações de interculturalidade que se constroem no tecido (CUSICAN-QUI: 2019, não paginado), contemplando os modos de conhecimento apoiados no corpo. Para isso, me lanço sobre o projeto político-filosófico de Woolf numa tentativa de criar inteligibilidade acerca dos saberes produzidos no movimento das agulhas de Mrs. Ramsay, em

To the Lighthouse, ou na costura abandonada por Isa Oliver, na cena que encerra *Between the Acts*. Compreendo a costura como um desdobramento do saber das mãos mobilizado por essas figuras woolfianas que estão apartadas das esferas públicas, distantes da linguagem acadêmica dominada pelos homens. Afinal de contas, como Woolf assevera em *Three Guineas*, a ciência “não é assexuada; ela é um homem, um pai, e está infectada” (WOOLF: 1938, p. 149). Ao apostar, em seu universo ficcional, nos saberes não legitimados pelas instituições, Woolf nos convida a ressuscitar Judith Shakespeare, a irmã anônima do celebrado dramaturgo, que nunca escreveu uma linha sequer pois estava fadada a coser meias e não podia mexer em livros (WOOLF: 1929, p. 71). Desse modo, me debruço sobre as tessituras (de textos e têxteis) para recuperar o pensamento produzido por mulheres que escrevem com agulha e linha.

Moments of being e a linguagem coletiva em *A Sketch of the Past* e *The Waves*

Jessica Wilches Ziegler de Andrade (UERJ)

Resumo Este estudo pretende abordar os moments of being rememorados por Virginia Woolf em *A Sketch of the Past*, considerando o contexto em que foram escritos. Nesse sentido, Julia Briggs observou que Woolf começou a escrever sobre os próprios começos, num período de iminência de guerra, no qual o futuro dela estava gravemente ameaçado. Assim, entre um presente assustador e um futuro incerto, a autora revisitou um passado fixo de sua infância na casa de veraneio em St. Ives. Nesse cenário do início de vida, ela teria seus primeiros momentos de choques e êxtases, arrebatada pelo som do quebrar das ondas. Tal período de consciência de um padrão por detrás das aparências foi crucial para o nascimento de sua escrita. Nesse diapasão, Briggs elucidou: “In the Waves, Woolf peeled away the present moment to reveal the enduring ‘moments of being’ that lay beneath.” (BRIGGS, 2005, p. 246). Jane Goldman atentou para o fato de que os momentos de choque ora terminavam em êxtase, ora em desespero. De um ou outro jeito, fizeram com que Virginia percebesse desde cedo o valor particular daquelas experiências como força motora para sua criação e imaginação. “Her celebration of the powers

of imaginative and communicative reason here marks her out as a rational rather than a mystical writer.” (GOLDMAN, 2009, p.46). O ato de escrita para Woolf significava não apenas uma ação individual, mas a tentativa de trazer para a linguagem a noção de coletividade, de que enquanto humanos estamos envolvidos em todos os níveis. Destarte, tanto no “we are the words” de *A Sketch of the Past*, quanto na prosa poética de *The Waves*, a autora buscou transpor para a linguagem os “moments of being”, sugerindo que em última instância o indivíduo não pode ser separado do social.

O corpo que escreve: Virginia Woolf tateando o indizível

Luisa de Freitas

Resumo Virginia Woolf (1882-1941) inicia seu ensaio “A torre inclinada” com uma possível descrição da pessoa que escreve, quem quer que seja. Woolf diz: “Um escritor é uma pessoa que, sentando-se à mesa de trabalho, mantém o olhar fixado, tão atentamente como consegue, sobre determinado objeto”. A autora começa por chamar a atenção, portanto, à figura “sentada com uma caneta na mão e uma folha de papel à sua frente”, com a ressalva de que essa imagem diz pouco ou nada a respeito dessa figura. Algumas linhas abaixo, acrescenta que “sabemos mais sobre o corpo do que sobre a mente”. Nesta comunicação, pretendo discorrer a respeito das visões de Woolf sobre o corpo que escreve e o contraste dessa vivência concreta com aquilo que, de fato, define quem escreve: o ato de escrever em consonância com os impalpáveis efeitos das palavras. Partirei do texto supracitado, bem como de outros ensaios em que Woolf aborda questões corpóreas, como “Sobre estar doente” (*ibidem*). Também considero, neste trabalho, o que diz Judith Allen em *Virginia Woolf and the politics of language* (2010). Citando o mesmo ensaio “A torre inclinada”, Allen afirma que Woolf enxerga, como Montaigne, a necessidade de um novo tipo de escrita, um que não separe teoria e prática” (p. 22), o que relacionarei ao elo entre mente e corpo, como entende Woolf, e ao impacto físico do distanciamento social que vivemos hoje.

Por trás do algodão: uma ferida contingente em “A Sketch of the Past”

Davi Pinho (UERJ)

Resumo Escrito em um momento de extrema vulnerabilidade, o ensaio autobiográfico inacabado “A Sketch Of the Past” nos dá acesso ao que Virginia Woolf arriscou chamar de uma filosofia. Em diálogo com leituras vitalistas e neomaterialistas da crítica woolfiana contemporânea e com a filosofia ética de Adriana Cavarero e Judith Butler, esta comunicação dará destaque a uma noção que está no coração dessa filosofia woolfiana: a de que a escrita registra uma subjetividade que se forma em ciclos de interações súbitas e, em muitos sentidos, violentas, dando a ver que ‘por trás do algodão [cotton wool] está escondido um padrão [pattern]’ (SP, p. 72). Levando a sério o complexo metafórico de Woolf, esta comunicação propõe que, se há um desenho ou padrão por trás do algodão, esse desenho se constitui a partir da imagem escondida de uma ferida que se torna então paradigmática para unir o ‘nós’ ou ‘o mundo todo’ na escrita woolfiana. É essa ferida contingente que atravessa identidades ao se colocar como uma tarefa ética e uma estratégia estética no esboço de Virginia Woolf. Nesta comunicação, chamaremos atenção para a posição desse pattern onde se encontraria uma ferida (*behind the cotton wool*) como aquilo que parece fazer da própria ‘feribilidade’ do vivente um novo paradigma para se pensar o que, lendo ‘A Sketch of the Past’, Madelyn Detloff chama de uma ontologia de interconectividade.

Representações de mulheres em *Mr.s Dalloway*, de Virginia Woolf: entre o projeto estético e o projeto político

Ednelza Magalhães Nunes Duarte da Silva (UESB)

Rita De Cássia Mendes Pereira (UESB)

Resumo O romance *Mrs. Dalloway* (1925) de Virginia Woolf constitui um marco no experimentalismo estético woolfiano que desencadeou no rompimento com o realismo inglês, inaugurando técnicas narrativas capazes de apreender o fluxo de pensamentos de suas personagens e, por conseguinte, a interioridade do indivíduo. Dessas

inovações estéticas resultam uma prosa em linguagem altamente lírica, a diluição do enredo, não-linearidade dos acontecimentos e múltiplas perspectivas em suas personagens, apresentadas por meio da técnica do monólogo interior e da mediação de um narrador onisciente (HUMPHREY, 1976). A despeito da ênfase dada à forma, estudos contemporâneos tem demonstrado que o projeto estético de Woolf encontra-se em perfeita articulação com o projeto político figurado em sua obra, especialmente no que diz respeito às questões relacionadas às condições das mulheres na sociedade (OLIVEIRA, 2017). Assim, ao considerar a intrincada relação entre o projeto estético e político de Virginia Woolf, este estudo toma como fonte de pesquisa o romance *Mrs. Dalloway*, pensado em suas condições de produção e características estéticas, e analisa personagens femininas com o objetivo de identificar imagens e discursos que possam ser considerados como possíveis elementos para redefinição das representações de mulheres inglesas no início do século XX. A abordagem teórica que conduz a discussão é a teoria das representações que entende as representações sociais como geradoras de práticas de conformação ou contestação em relação à realidade social da qual fazem parte (CHARTIER, 1988; CHARTIER, 2000). Resultados preliminares têm demonstrado que, além das particularidades estéticas, *Mrs Dalloway* é um texto altamente crítico, bem situado em seu tempo histórico e que, ao explorar a interioridade dos indivíduos, a autora engendra representações de mulheres capazes de suscitar reflexões sobre casamento, educação e trabalho de mulheres, que podem ser tomadas como práticas de contestação da dominação patriarcal e, por conseguinte, serem entendidas como elementos de transformação social.

Um olhar dos arbustos: a escrita *queer* de Virginia Woolf

Marcela Filizola (UFRJ)

Resumo Recuperando a temática em torno das mãos apresentada na Abralic de 2019, proponho uma reflexão a partir da cena final de *Between the Acts* (1941), de Virginia Woolf, em que a personagem Isa – mulher, mãe e esposa –, ao contrário da matriarca Mrs. Ramsay em *To the Lighthouse* (1927), deixa cair de suas mãos a costura e abre, assim, um momento de conversa com seu marido. Se entendemos que

a performance da história da literatura inglesa no espetáculo teatral de Miss La Trobe não pode ser pensada sem um questionamento também da construção do sujeito hegemônico e da heteronormatividade, podemos ler o final do texto de Woolf como um olhar queer da própria personagem dramaturga a respeito desse casal heterossexual para trazer ao palco esses entreatos, ou seja, isso que parece estar fora da história da representação por ser do âmbito privado, compreendendo que tais forças são exercidas tanto nos espaços públicos quanto nos privados, tal qual elabora Woolf no ensaio *Three Guineas* (1938). Para pensar essa cena final de *Between the Acts*, gostaria de a contrapor às imagens da mão presentes em *Orlando* (1928). Se, por um lado, há a mão da barbárie imperialista, como vemos nas primeiras linhas do texto, quando o personagem, ainda um jovem menino, bate na cabeça decepada de um mouro, ou a da rainha, com seu poder de cortar cabeças com apenas um gesto das mãos; por outro, há a mão que escreve, a mão do poeta, que costura palavras e encontra nesse fazer um espaço de pensamento e luta, como escreve Woolf em seus diários. De que modo essas mãos que pensam – de Lily Briscoe, Miss La Trobe, Orlando já mulher, Isa em sua busca pela poesia – tateiam por outra visão e forma de dizer?

Uma leitura sobre os insetos na festa de Mrs. Dalloway

Patricia Marouvo Fagundes (UFAC)

Resumo Na obra de Virginia Woolf, a festa de Mrs. Dalloway atua como palco onde as personagens interagem e experimentam as máscaras que julgam necessárias para um melhor convívio social. As tensões em disputa se intensificam à medida que questões de gênero, raça e classe social irrompem de conversas em que identidades se provam instáveis, tanto individual quanto coletivamente. No conto “The Introduction” [“A apresentação”], a jovem Lily Everit relutantemente comparece à festa, mas, deslumbrada pela vivacidade e leveza da anfitriã, se metamorfoseia em borboleta, metáfora do feminino tomando forma nos moldes do Anjo do Lar vitoriano, quando convocada a conversar com um jovem estudante de Oxford. Uma mosca serve de referência também a outra personagem presente na festa, Mabel Waring, protagonista do conto “The New Dress” [“O vestido

novo”]. Como uma ideia que insistentemente retorna a Mabel, a mosca torna-se um referente para a vulnerabilidade que nos une enquanto humanos, tentando sobreviver em meio aos excessos da realidade, de modo geral, e da festa, em particular. Na esteira de Deleuze & Guatarri (2014) e Rosi Braidotti (2011), este trabalho busca pensar a figuração dos insetos nos referidos contos woolfianos a fim de refletir sobre a desestabilização das identidades presentes no seio da festa quando o elemento não humano figura como potencial desencadeador de devires que reorganizam as relações entre os convidados e, em última instância, entre o humano e o não humano.

Virginia Woolf e a sexualidade feminina não-normativa

Maria Aparecida de Oliveira (UFPB)

Lucas Leite Borba (UFPB)

Resumo O presente artigo tem como objetivo analisar de que modo Woolf desafia a sexualidade normativa em seus textos. Em *A Room of One's Own*, Woolf teoriza o conceito de androginia, para além da rigidez dos papéis sexuais, Woolf promove a heterogeneidade e a flexibilidade de uma identidade sexual ainda em construção. Em 1926, Woolf tem um primeiro contato com a escritora Vita Sackville-West, a qual inspirou a escrita do romance *Orlando*, publicado em 1928, período em que Woolf começa a interrogar a sexualidade normativa em seus escritos. Em seu ensaio *A Room of One's Own* (1929) também questiona a relação entre Chloe e Olivia, que compartilham um laboratório. Muitas críticas, entre elas Jane Marcus (1988), viram nessa relação uma referência ao livro de Radclyffe Hall, *A Well of Loneliness* (1928), que estava sendo julgada por escrever um romance lésbico. *Orlando* publicado no mesmo ano passa pelo olhar dos censores, por tratar-se de uma fantasia, uma brincadeira, uma paródia de uma biografia. Já em *Mrs. Dalloway* (1925), Virginia Woolf explora de maneira tímida as relações entre mulheres, seja por meio das personagens Sally e Clarissa, seja por meio de Elizabeth e Miss Kilman. Nesse momento, podemos falar da impossibilidade de uma relação homoefetiva, já que tanto Sally quanto Clarissa, acabam casadas e com filhos. Nos questionamos como Virginia Woolf reflete sobre a sexualidade feminina não-normativa, pensando na posição da mulher na sociedade

patriarcal do século XX, como esse sujeito feminino é representado em seus textos, tanto no âmbito político, quanto no âmbito doméstico. Como embasamento teórico, partir-se-á de obras fundamentais da crítica feminista, tais como Toril Moi (2006), Adrienne Rich (1994), Simone de Beauvoir (2017) e Patricia Cramer (2010).

Virginia Woolf no Brasil: um panorama dos romances traduzidos e seus paratextos editoriais

Myllena Ribeiro Lacerda (UFSC)

Resumo Nos anos 1940, um produtivo percurso de publicações de Virginia Woolf iniciou-se no Brasil, demarcando o que se tornaria uma série de reedições, retraduições, atualizações de paratextos e outros lançamentos. Desde 2012, a recepção da obra woolfiana tem crescido significativamente, quando os direitos entraram em domínio público. Cerca de quarenta novas traduções e várias reedições/reimpressões foram lançadas nos mais diversos formatos, físicos e digitais, de luxo, pocket, boxes, com ou sem comentários dos tradutores e de críticos literários. Nota-se, por exemplo, o grande volume de retraduições: ao todo, há oito versões de *Mrs Dalloway* (Mario Quintana, 1946; Denise Bottmann, 2012; Tomaz Tadeu, 2012; Claudio Marcondes, 2013; Gabriela Maloucaze, 2016; Thais Paiva e Stephanie Fernandes, 2020; Eliane Fittipaldi e Katia Orberg, 2021; e José Rubens Siqueira, 2021), seis de *Orlando* (Cecília Meireles, 1948; Laura Alves, 1994; Doris Goettems, 2013; Jorio Dauster, 2014; Tomaz Tadeu, 2015; e Eliani Fittipaldi e Katia Orberg, 2019) e cinco de *To the Lighthouse* (Luiza Lobo, 1968; Oscar Mendes, 1976; Tomaz Tadeu, 2013; Doris Goettems, 2013; e Denise Bottmann, 2013). Esta comunicação comentará o percurso editorial da autora e a sua recepção ao abordar as traduções dos nove romances no Brasil à luz dos contextos culturais e sociológicos (CHESTERMAN, 2006) e refletir de que forma elas são apresentadas, ou seja, quais são os paratextos que as acompanham, como prefácios, posfácios e notas – especialmente quando os discursos de acompanhamento forem de autoria dos próprios tradutores (GENETTE, 2009; TORRES, 2011). Dessa forma, espera-se discutir de que maneira Woolf é posicionada no sistema literário nacional e de literatura traduzida, e quais aspectos editoriais e tradutórios têm contribuído para a disseminação de sua obra entre os leitores brasileiros.

Virginia Woolf:**pensadora da literatura e de outras formas de arte**

Laís Rodrigues Alves Martins (UNESP)

Resumo A presente proposta de comunicação objetiva examinar as manifestações e as possíveis implicações de três temas na produção ensaística da escritora Virginia Woolf, a saber: literatura gótica e suas vertentes; reflexões acerca da “ficção moderna” e o que aqui denominaremos “sistemas artísticos não literários” ou “sistemas artísticos extraliterários”, tais como a música, a pintura e o cinema. Por meio desse corpus, intentamos investigar a tese de que a autora possa ser reconhecida não apenas como uma das mais proeminentes romancistas do século XX, – produção essa já mais referendada e explorada pelos estudiosos de sua obra –, mas também, e sobretudo, conforme tem sinalizado a crítica contemporânea de Woolf, como uma prolífica e refinada pensadora da literatura e de outras artes vinculadas ao contexto sócio-histórico a que estava inserida ou mesmo ao de épocas preexistentes e posteriores. A fim de o fazer, empreenderemos um percurso investigativo pelos compêndios de ensaios da britânica, dentre eles os publicados pelas editoras Harcourt Brace Jovanovich e Houghton Mifflin Harcourt, os quais denominam-se *The Essays of Virginia Woolf* e compilam, em seis volumes, quatro décadas de produção teórico-crítica da escritora. Procuraremos destacar, dentre os textos que compõem essas edições, aqueles que abordem as temáticas mencionadas alhures. Visamos, neste trabalho, a averiguar as razões pelas quais uma autora intimamente ligada ao modernismo se volta, repetidas vezes e em períodos diversos de sua escrita, a campos temáticos a princípio distintos do que se suporia como suas áreas primordiais de interesse e de atuação, tal como é o caso da literatura gótica e de suas vertentes, bem como dos “sistemas artísticos extra-literários” e das peculiaridades e potencialidades de cada uma dessas esferas, questões essas ainda pouco abordadas pela crítica especializada, e que, portanto, fornecem-nos um profícuo material investigativo.

Woolf por Woolf: a criação literária e o devir ficcional nos diários, sketches e drafts

Rosângela Neres (UEPB)

Resumo Os escritos metaliterários e metaficcionais de Virginia Woolf são, inegavelmente, um legado, no reconhecimento de seu estilo literário. No entanto, existe uma produção paralela, ainda assim complementar, que precede sua criação literária e que, de certo modo, a influencia. Essa produção está distribuída em momentos significativos dos seus diários, esboços, roteiros e drafts e, por se constituir de notas, pontuações, pensamentos, comentários, ou foram doravante mencionadas nas análises em relação à ficção woolfiana, ou apareceram como menções esporádicas do devir ficcional. Na realidade, essas notas pontuam não somente detalhes e características de personagens e enredos; elas também evidenciam o estilo e o fazer literários, as técnicas narrativas, os conhecimentos de Virginia Woolf sobre história, cultura e política, bem como suas leituras sobre outras artes. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva mostrar a importância dessas notas, na criação literária de Virginia Woolf. Para tanto, debruça-se sobre o esboço holográfico de *To The Lighthouse* (1982), *A casa de Carlyle e outros esboços* (2004), o Diário de 1925-1930 e os *Selected Diaries* (1990), que pontuam as notas de Virginia Woolf sobre a escrita dos romances e alguns contos. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Susan Dick (1982), David Lodge (1993), Jane Goldman (1998), Mark Hussey (2000), Emily Dalgarno (2002), Laura Marcus (2010), dentre outros pesquisadores que têm se debruçado nas reflexões de Woolf sobre sua própria escrita.

Simpósio 37**Letras, sons, ritmos e sentidos:****diálogos transdisciplinares entre literatura e música**

Rafael Eisinger Guimarães (UNISC)

Gérson Luís Werlang (UFSM)

Roniere Silva Menezes (CEFET-MG)

Resumo As reflexões que colocam em diálogo a literatura e a música têm conquistado bom espaço na pesquisa acadêmica contemporânea. Tal constatação pode ser feita ao observarmos o intenso e estimulante debate acerca das aproximações e dos distanciamentos existentes entre essas duas manifestações, seja a partir de musicalização de poemas, de referências musicais em textos narrativos, dramáticos e poéticos, seja na menção, mais ou menos explícita, de obras literárias nas letras de canções ou peças eruditas. Podemos também pensar no exemplo da citação e recriação de versos, quadras e cantigas do campo oral, popular folclórico, no âmbito da música popular urbana, erudita e mesmo no espaço da escrita literária. Isso sem contar nos diversos diálogos existentes entre literatura, música, cinema e teledramaturgia. Ultimamente têm surgido trabalhos inovadores aproximando texto literário, leitura, criações rítmico-sonoras do universo popular oral e tecnologias digitais. As produções que aproximam a linguagem literária e a musical fazem parte de uma rede em contínuo movimento e expansão. Nesse sentido, se é fato inegável que a literatura, ao menos no contexto ocidental, teve sua origem marcada por um vínculo muito forte com a música (pensamos aqui, em especial, na poesia lírica da Grécia antiga), não há como ignorar que, ao longo dos séculos, essas duas linguagens – a escrita e a sonora – distanciaram-se bastante uma da outra, muito embora, não raras vezes, o ancestral vínculo que as une insista em deixar-se entrever. Tendo em mente as questões teóricas propostas recentemente pelos mais distintos nomes, sobretudo na esfera do comparatismo, debruçar-se sobre as similaridades e contrastes existentes entre produções literárias e musicais revela-se um exercício interpretativo que resulta em iluminação mútua. Na esteira dessas observações, este simpósio se propõe a ampliar o debate iniciado com as apresentações que tiveram lugar no ST “Dissonâncias e consonâncias entre literatura e música: temas, personagens, espaços e

linguagens em diálogo transdisciplinar”, ocorrido no Congresso Internacional ABRALIC 2020. Tomando como base para as nossas reflexões a ideia de literatura em campo expandido (KIFFER e GARRAMUÑO, 2014), a concepção de literatura pós-autônoma (LUDMER, 2007) e imaginação pública contemporânea (PEDROSA et al, 2018), dentre outras produções que problematizam as concepções de especificidade e essência das manifestações artísticas e culturais, parece ser mesmo possível, em alguns casos, propor um questionamento dos limites que separam a literatura e a música. As investigações sobre esses diálogos interartes podem tanto sugerir o apagamento de fronteiras entre o literário, o musical e o cancional como possibilitar, de forma complementar, reflexões sobre em que medida, e sob que aspectos, a linguagem literária contribui para a elaboração do objeto musical e vice-versa. Salientamos que, em se tratando de estudos sobre transdisciplinaridade, guiamo-nos por pensadores que questionam a noção de hierarquia de saberes como Edgar Morin (2006); quanto a debates contemporâneos em torno da literatura comparada, trabalhamos com autores como Ottmar Ette (2018). Com vistas a contribuir para a problematização proposta e para o olhar em direção às relações entre as linguagens literária e musical, mostram-se bastante relevantes as contribuições de José Miguel Wisnik (2004), Luiz Tatit (2002), Murray Schaffer (2011), Paul Zumthor (1993), Ruth Finnegan (2008) e Solange Ribeiro de Oliveira (2002), dentre outros nomes que têm contribuído para uma compreensão dos elementos estéticos que envolvam a materialidade sonora e linguística. Diante desses aspectos, este simpósio receberá trabalhos que busquem, a partir de uma perspectiva comparatista e transdisciplinar, analisar trânsitos existentes entre literatura e música, por meio de relações intertextuais, temáticas e técnicas, por exemplo a partir da análise de canções, de investigação acerca da presença de elementos musicais na construção de obras poéticas, narrativas, dramáticas e ainda a por meio da utilização de traços literários na concepção musical, entre outras possibilidades. Deve-se ressaltar que temas, perspectivas e estruturas literárias possibilitaram o surgimento de ricas criações em diversos campos artísticos. Como descrito, o simpósio tem como objetivo acolher distintas colaborações para o debate sobre os diálogos transdisciplinares existentes entre literatura e música. Nesse sentido, estamos abertos a propostas que tragam reflexões sobre arte, cultura, literatura e música no âmbito popular tradicional, o

popular urbano, massivo e erudito, e sobre o intercâmbio entre esses gêneros e lugares discursivos. Textos que se propõem a discutir, em termos teórico-conceituais – ao menos em parte do trabalho – a própria questão transdisciplinar e comparatista relativa ao trânsito literário e sonoro são também bem vindos ao simpósio.

**“Música bambeia qualquer coisa na gente”:
Maria Bethânia interpreta Guimarães Rosa**

Everton Luís Farias Teixeira (UFPA)

Resumo Esta comunicação perpassa as lições deixadas por Hans Robert Jauss, como a do conceito de leitor e a contribuição deste para o reavivamento do objeto estético. Destarte, a proposta desse trabalho produz um diálogo crítico entre as linguagens da MPB e da literatura nacional, examinando como esta última contribui para a composição poética da primeira, tal como nos revela a leitura de João Guimarães Rosa feita por Maria Bethânia em álbuns como *Brasileirinho* (2003), *Pirata* (2006), *Dentro do mar tem rio* (2007) dentre outros. Numa leitura atenta de *Sagarana* (1946) e de *Corpo de baile* (1956) pode-se denotar que, em suas páginas, nada se fez gratuito ou ornamental, este é o caso, por exemplo, das epígrafes tornadas relevantes para a arquitetura desses livros. Ao se utilizar de cantigas populares e de textos filosóficos-espirituais de Ruysbroeck e de Plotino, Guimarães Rosa faz desses mais do que doudas fontes eruditas, como era usual nas estéticas românticas europeias, mas um importante expediente das tramas de sua ficção. A maneira de aprendizes, alguns de seus leitores seguiram essa prática de citação, como a intérprete da MPB ao lançar mão de conceitos e máximas enfeixadas em narrativas como “Uma estória de amor”, *Grande sertão: veredas* e “Barra da Vaca”. À guisa de vinhetas de abertura, estes excertos rosianos operam as funções de organizadores e sintetizadores dos enredos que compõem os “atos dramáticos” encerrados pela artista que, por intermédio das criações do autor de *Tutaméia* (1967), elabora a sua tradução cultural do Brasil caboclo e sertanejo. Esse trabalho traça uma via de análise de mão-dupla, examinando, de um lado, a construção de novas tendências baseadas na Literatura, e de outro, a atualidade de uma obra como a de Guimarães Rosa a qual soube interpretar e ensinar a compreender este país, em seu tempo e além.

A cidade, os livros e as canções: a poética de Antonio Cicero (e Marina Lima)

Rafael Barbosa Julião (UFRJ)

Resumo Antonio Cicero apresenta uma contribuição múltipla e fundamental para a cultura brasileira moderna, não apenas por seus ensaios filosóficos e seus livros de poemas, mas também por sua fértil produção enquanto letrista de canção popular, que começou ainda nos anos 1970, por meio de sua parceria artística com Marina Lima, sua irmã. Em seus poemas e letras, Cicero representa frequentemente um atravessamento entre o eu (o sujeito), a cidade (em especial, o Rio de Janeiro) e a poesia (o fazer poético, concretizado em forma de livros, poemas e canções). Essa triangulação está constantemente relacionada a um componente moderno, que, por sua vez, é um dos principais temas de reflexão filosófica do autor. A presente comunicação tem por finalidade observar como o indivíduo, a cidade, os livros e as canções se atravessam na poética de Antonio Cicero. Para tanto, analisaremos mais detidamente a canção “Virgem” (Antonio Cicero/ Marina Lima), mas também os poemas “A cidade e os livros” (de seu livro homônimo, de 2002) e “Os inocentes do Leblon” de Carlos Drummond de Andrade (de Sentimento do mundo, de 1940), este último referenciado na canção. Além disso, mobilizaremos as obras filosóficas do próprio autor sobre as relações entre poesia, filosofia e modernidade, e também os conceitos desenvolvidos pelo poeta e pensador francês Michel Collot em suas célebres reflexões sobre poesia e paisagem.

A musa-música como formação e construção das Airesianas – o romance-sinfonia

Célia Patrícia Sampaio Bandeira (UFRJ)

Resumo Ao escutar a tonalidade que Suassuna firma para cada um de seus romances (*O Romance da Pedra do Reino*: a “Airesiana Brasileira em Fá-Maior”; e os dois volumes de *O Romance de Dom Panteiro no Palco dos Pecadores*: airesianas em Sol-Maior e Lá-Maior), não escutamos apenas uma escala musical ascendente – mas a sintonia

que revela o fundamento que tonifica a Obra como resguardo da Musarmorial, potência de energia indicada para fazer o vigor e vitalidade da obra, seu ergon, coloratura e brilho: o andamento e o ritmo necessários para a travessia do Sertão pedregoso em galope assombroso e fascinante. Escutamos as formas de manifestação da Ilumina-ra como um altar de celebração da cultura brasileira na organização compositiva das três airesianas, aqui consideradas romances-sinfonia. A performance da sinfonia polifônico-harmônica ou “amplo-única” é conduzida pelo faraute-maestro-aedo-hermeneuta como poeta-cantador: a indicação dos tons nos ambientam nas airesianas como caminhos que os leitores devem fazer em torno das obras pois que prenunciam a conduta que nos é exigida para uma ausculta, nos apronta para um comportamento diante de uma determinada performance, isto é, estamos sendo advertidos pelo poeta de que a obra deve não apenas ser lida mas também é imprescindível que seja ouvida propriamente. No amplo da polifonia das formações, conformações e informações, uma diversidade cultural manifesta pelas recolhidas de cordéis, contos, causos, temas, canções, cantos, parlendas, quadras, trovas, troças... um túdico reunido no único, a harmonia possível na diferença, no real sempre diferente; eis o amplo-único compreendido como Musarmorial, um conceito literário-musical, poético-memorável, a realização musical como procedimento de composição da obra dramática.

A musicalidade em *Nênia*, de Maria Firmina dos Reis

Denise de Lima Santiago Figueiredo (UFES)

Resumo A voz literária de mulheres foi interdita pelo discurso ideológico da sociedade burguesa no século XIX. Com isso, as produções sofriam empecilhos diversos para serem publicadas, e quando eram, se apresentavam com disfarces. Assim, estudar estas produções por muito tempo alijadas do campo de estudos e do repertório da arte brasileira é um processo de aprofundamento crítico, sobretudo na tentativa de produzir análises que diagnostiquem questões que vão além das já debatidas no campo acadêmico. No caso de Maria Firmina dos Reis, escritora e professora maranhense, há a necessidade de uma investigação em torno de sua produção poética para

vislumbrar contatos com a música, pois a artista deixou rastros de possíveis composições. Então, tomaremos aqui a análise de seu poema *Nênia*, de 1871, e tal como uma escavação, investigaremos o que há de música nessa poesia escrita pela artista, uma mulher negra novecentista. Recorreremos a diferentes formulações conceituais, como conhecimentos da melopoética, a partir de Solange Oliveira (2002), da prosódia, com base nos estudos de Antônio Candido (2006), bem como a captura de outros traços que ajudem na apresentação da musicalidade intrínseca nos versos firminianos, a partir de pesquisadores como Adriana Cavarero (2011), Flávio Barbeitas (2007) e José Miguel Wisnik (2004).

A Paisagem Sonora no romance *A Casa das Sete Mulheres*

Viviane Aparecida Pandolfo Debortolli (UFMS)

Resumo O termo paisagem sonora se relaciona aos sons do ambiente, sejam eles sons naturais ou produzidos pelo homem, e nos enredos literários aparece por meio das construções sônicas que compõem o espaço narrativo, de forma que ela passa a ser também um elemento da narrativa, por vezes com funções específicas, já que está associada às ações dos personagens. Esse termo foi cunhado pelo compositor, pesquisador e musicologista Murray Schafer e aqui é utilizado como base de análise do romance da escritora gaúcha Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, em que são evidenciadas questões como a perspectiva sonora dos Cadernos de Manuela, a perspectiva sonora do narrador, a constituição sonora da Estância, os sons da guerra, a construção da paisagem sonora a partir da descrição de vozes dos personagens, a paisagem musical, os significados dos silêncios, dentre outros elementos sonoros constitutivos da diegese narrativa. A configuração sonora que se arranja no romance é encontrada já no parágrafo de abertura, quando uma das personagens, centrais, que é também uma das narradoras, descreve a cena em que sua família se encontra durante a passagem do ano de 1834 para 1835, ano em que eclodiria a maior guerra do continente, que duraria dez anos, período no qual as mulheres da família do general Bento Gonçalves, chefe farrapo, ficariam reclusas na longa espera que se estenderia pelos anos, dia após dia, estação após estação, num casarão na Estância

da Barra, a casa das sete mulheres. Essa descrição inicial contém aspectos sonoros significativos, representativos do que se pretende evidenciar, haja vista que compõe o ambiente diegético, já que ela não só é percebido pela narradora como é também relatada por ela posteriormente. Além disso, questões como o silêncio e a música também fazem parte da construção do romance e, por isso, significam.

A palavra cantada de Arnaldo Antunes

Jorge Fernando Barbosa do Amaral (CBM – UNICBE)

Resumo Este trabalho propõe uma discussão sobre canção popular, a partir da obra de Arnaldo Antunes, um artista multimídia, que transita por diversos segmentos culturais, mas que tem na palavra o seu principal objeto de realização. Podemos afirmar que, para Arnaldo, a canção é mais uma forma de exploração dos recursos estruturais da palavra. Por isso, em uma performance, o artista pode, por exemplo, tanto declamar uma letra de canção quanto entoar uma melodia para cristalizar melodicamente um poema de livro. Podemos dizer, então, que a obra de Arnaldo Antunes é a própria representação viva dessa crise das especialidades, que teimam em estabelecer fronteiras entre as supostas alta e baixa culturas. Ademais, de um ponto de vista conceitual, Arnaldo encara a canção com algo que vai além da simples entoação de um discurso para ser ela mesma a própria cristalização dos recursos entoativos da voz. Por isso, como arcabouço teórico para o desenvolvimento de nossas reflexões, tomaremos como base tanto o pensamento de Jean-Jacques Rousseau (que defende a ideia de que apenas cantando o ser humano consegue, na sua plenitude, se manifestar emocionalmente), quanto o de Luiz Tatit (que encara a canção como o realce de uma entoação que já é comum à práxis da palavra no momento da fala). Por fim, para mostrar como Arnaldo Antunes põe em xeque essa noção tradicional de especialização e segmentação culturais, analisaremos a canção “O quê”, lançada originalmente no álbum Cabeça Dinossauro, de 1986, da banda Titãs, e que, no mesmo ano, recebeu tratamento poético-visual do próprio Arnaldo no livro Psia.

A popularização da música sacra: os vários discursos teológicos expressos na canção popular *versus* o canto sacro na Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil – resultados parciais de uma pesquisa de mestrado

Gabriel Scatena Guizado (UFMS)

William Teixeira da Silva (UFMS)

Resumo A Música é amplamente discutida, seja ela utilizada como forma de expressão cultural, artística, religiosa, dentre outras. O presente trabalho encontrará na religiosidade, bem como no entendimento da Música enquanto ponto de encontro do humano com o divino, a transcendência, motivações para sua investigação. A Igreja Católica dispõe de uma tradição musical que remonta à idade média, amplamente conhecida como Música Sacra. A autêntica Música Sacra que compõe o rito solene romano obedece à uma estética específica e à regulamentos dispostos em diversos documentos. As mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II na década de 60 permitiram a abertura da Igreja a novas formas de manifestação musical, contribuindo para o estabelecimento da música popular nos diversos âmbitos onde a música se faz necessária. O presente trabalho em fase de desenvolvimento objetiva delimitar um corpus específico de canções utilizadas no rito da missa atual em contraposição ao repertório tradicional da Igreja: o Canto Sacro (Canto Gregoriano). Em sequência, a análise lítero-musical será evocada com vistas à identificação das diversas construções teológicas da doutrina contemporânea em determinado repertório e a forma como são usados para alcançar os fiéis e compor o rito da missa, bem como as ferramentas analíticas-musicais propostas no trabalho de Achille Picchi sobre a Música de Câmara.

A relação entre música, história e literatura na canção “Como 2 e 2” de Caetano Veloso

Rízia Lima Oliveira (UFES)

Resumo O presente trabalho propõe uma análise da canção “Como 2 e 2” composta em 1971 por Caetano Veloso dedicada ao cantor Roberto

Carlos. A composição da canção ocorreu durante o período em que Veloso se encontrava exilado na cidade de Londres pela ditadura militar brasileira. A canção é gravada por Roberto Carlos no mesmo ano da composição, e apresenta uma crítica velada ao regime militar imposto no Brasil em consequência do golpe de 1964. O contexto sócio-histórico da canção revela uma face da censura permitindo relacionar o exílio com a escrita a partir de estudos psicanalíticos, que apontam como o ato de escrever pode atuar como ferramenta para elaboração do trauma. Outro aspecto considerado na análise é o teor testemunhal da canção como registro íntimo e individual, mas de certa forma um registro coletivo de uma catástrofe histórica, conceito construído por Seligmann-Silva. Aspectos como a letra da canção, a performance, a figurativização, tematização, passionalização serão abordados a partir de conceitos teóricos de Luiz Tatit, Ruth Finnegan, José Américo Bezerra Saraiva e outros estudiosos da música partindo do pressuposto de a canção é formada por uma combinação de recursos verbais e não verbais, aproximando música e a poesia, ou seja, entre o núcleo tensional melodia e letra.

As colagens sonoras de Caetano Veloso nas canções “Enquanto seu lobo não vem”, “Tropicália” e “Jenipapo absoluto”

Lucia Aparecida Felisberto Santiago (CEFET-MG)

Resumo A proposta é apresentar um estudo sobre o procedimento artístico utilizado por Caetano Veloso como recurso para a composição das canções “Enquanto seu lobo não vem”, “Tropicália” e “Jenipapo absoluto”. Ao longo do estudo pretende-se apontar o uso dos conceitos de colagem, montagem e citação. As canções “Enquanto seu lobo não vem” e “Tropicália” são composições dos anos de 1960 e estão diretamente vinculadas ao Tropicalismo e ao comportamento crítico dos artistas frente aos procedimentos vigentes na década. A composição “Jenipapo absoluto” é de 1989 e cita trechos de canções de outros compositores. O seu modo de criação pode ser visto como uma reverberação dos procedimentos usados por Caetano Veloso no contexto do Tropicalismo. A ênfase experimental das diversas linguagens artísticas com os modos de produção e de veiculação vigentes foi uma proposta de vanguarda que provocou uma tensão entre os

artistas e a sociedade conservadora nos anos de 1960. A subversão da configuração da obra e dos procedimentos de criação das artes, de um modo geral, durante o Tropicalismo, torna o movimento bastante singular. Ao mesmo tempo “desenha uma situação contraditória, um contexto em desarticulação, presentificando as indefinições do país, em que indiferenciadamente convivem com os traços mais arcaicos e os mais modernos”. A desarticulação da realidade pelos tropicalistas contava com procedimentos artísticos como a “montagem cubista, imagens surrealistas, procedimentos dadaístas e referências ao cinema de Godard” (FAVARETTO, 2007). Pretende-se, pois, indicar as relações entre o procedimento usado pelo artista, para a configuração de suas músicas, com os movimentos de vanguarda do início do século XX. A relevância do estudo se justifica pelos aspectos que envolvem os processos criativos de Caetano Veloso no Tropicalismo e sua utilização em composições posteriores dele próprio.

As sábias dissonâncias de Mallarmé: outras músicas para o verso

Yuri Amaury Pires Molinari (UFPR)

Resumo É sintomático que o único escritor estrangeiro abordado em *Palavra cantada*: ensaios sobre poesia, música e voz (2008) seja Stéphane Mallarmé. Como Pedro Marques deixa claro em seu capítulo na obra, não apenas a música assume papel importante na reflexão do poeta, como também suas ideias musicais inspiraram uma geração de músicos que romperam com o tonalismo. Além disso, é preciso lembrar que o movimento simbolista francês, obcecado pela música, teve em Mallarmé seu padrinho, e que sua poesia foi a base para o *Prélude à l'Après-midi d'un Faune* (obra que Pierre Boulez (1958) considera o início do modernismo musical) e ciclos vocais de Debussy e Ravel. Sua relação com a música é objeto da fortuna crítica mallarmeana desde fins dos anos 1950 (MORRIS, 1977), e já foi alvo do interesse de musicólogos (JAROCINSKI, 1966) e estudiosos das relações interartes (DAYAN, 2011). Poucos estudos apontam, entretanto, o papel disruptivo da reflexão musical de Mallarmé dentro da história da poesia francesa: depois de Baudelaire, ele foi o primeiro a incorporar sistematicamente a música às suas ideias poéticas. Dessa forma, é por meio de suas proposições e de seus poemas

que uma relação entre poesia e música fora dos parâmetros líricos tradicionais se delineia de forma bastante precisa (STIMPSON, 1984). Nesse contexto, e levando em conta a pouco lembrada hipótese de que o pensamento musical de Mallarmé passou por desenvolvimento e modificações ao longo da vida do poeta (AUSTIN, 1959), esta comunicação propõe abordar cronologicamente alguns dos principais textos em que o poeta expõe suas reflexões sobre a música e a relação desta com o verso. No quadro de uma pesquisa de doutorado em andamento, seguiremos o caminho da musicopoética mallarmaica do início ao fim de uma carreira, ressaltando os modos como a música mudou os rumos do verso francês.

Augusto de Campos e Caetano Veloso: a poesia verbivocovisual e o leitor plurifocal

Leonardo Davino de Oliveira (UERJ)

Resumo Com os poetas concretos aprendemos que poesia não é propriamente literatura e que os aspectos físicos da palavra, o papel, a tipografia, a cor e os espaços em branco são tão importantes quanto o conteúdo – são indissociáveis, na verdade. Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari convocaram à liberdade das grades da escrita a qual a palavra poética fora confinada desde que a musa aprendeu a escrever e o grafocentrismo tornou-se hegemônico na concretude poética. De fato, os poetas concretos compreenderam o alerta de Oswald de Andrade: “Só atendemos ao mundo orecular”. Anos mais tarde, a Tropicália agregou à proposta verbivocovisual a politização do cotidiano: a presença do corpo do artista na casa dos brasileiros, através da TV. Esse trabalho observa que a afinidade ético-estética entre Augusto de Campos e Caetano Veloso se verifica, por exemplo, no fato de ambos terem percebido que o iê-iê-iê se transformou no Brasil, e que não era mera cópia estrangeirista. Destaca-se ainda a reconciliação (anti-exótica) de Caetano, via “salto participante” concretista e seu “nacionalismo crítico”, com temas difíceis como “o povo do Nordeste” ou “os pobres do Brasil” presentes em várias canções. Mas o eixo desse trabalho está na compreensão da presença de Augusto na poética caetânica, por isso, o foco estará sobre os poemas de Augusto que Caetano oralizou.

Coisas nossas, coisas de Noel

Enio Bernardes de Andrade (UFU)

Resumo Esta comunicação toma como objeto a canção “São coisas nossas”, de Noel Rosa, gravada pelo autor em 1932, e assumida por Caetano Veloso (1997) como mote temático e estrutural para a composição da faixa “Tropicália” (1967). Se Caetano é conhecido por estabelecer uma relação com a linguagem cinematográfica, a obra-fonte de sua canção manifesto já havia sido concebida numa perspectiva intermidial (RAJEWSKY, 2012), estabelecendo um diálogo entre as nascentes indústrias cinematográfica e fonográfica. O samba de Noel foi composto a partir do filme “Coisas nossas”, de 1931, dirigido por Wallace Downey, um dos primeiros filmes sonoros nacionais. Pretende-se analisar como a construção poético-musical da obra incorpora procedimentos do cinema, por meio da construção de estrofes em quadros aparentemente desconexos, e como o conjunto integrado entre melodia, versos e cenas instaura um retrato crítico do Brasil, não por meio da exaltação (comum em sambas como “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso), mas pela exposição de suas contradições. Nessa paisagem visual, sonora e poética, será considerada, ainda, a própria voz do intérprete Noel Rosa, cuja vocalização malandra, articulada, irônica, sem a impostação dos grandes cantores, posiciona-se como corpo das contradições evocadas. Assim, intentamos estabelecer um olhar sobre a composição noelina em um território de cruzamentos, no qual é composta como recriação a partir de uma obra-fonte (o filme), e tomada como obra-fonte para a composição de uma das canções mais emblemáticas do movimento tropicalista. Observaremos, por fim, como em “Tropicália” o samba de Noel Rosa reverbera não apenas como mote, mas em intertextos de citações diretas (expressões como “bossa” e “palhoça”), na estrutura cinematográfica das estrofes-cenas, na tematização crítica do Brasil.

Crítica e protesto em “Como Nossos Pais”, de Belchior

Andressa dos Santos Vieira (UFES)

Resumo A relação entre música e literatura é capaz de despertar fascínio e admiração naqueles que têm contato com essas magníficas

formas de arte, mas também pode gerar questionamentos e despertar dúvidas acerca do que viria a ser uma canção para aqueles que não estão familiarizados com este conceito, uma vez que ele não costuma ser trabalhado no ambiente escolar. Pensando nisso, este trabalho propõe uma análise da canção Como Nossos Pais, composta por Antônio Carlos Belchior e interpretada por ele no álbum *Alucinação* e pela cantora Elis Regina no álbum *Falso Brilhante*, ambos lançados em 1976, buscando estabelecer uma aproximação entre a música, a literatura e a poesia. A canção será analisada considerando o tom de protesto e a crítica social presentes na letra, levando em consideração a influência dos contextos histórico, político e social referentes à época de seu lançamento, os conflitos entre as gerações e os protestos contra a ditadura militar que marcaram época e serviram de temáticas para a sua composição, bem como o resgate memorialístico proposto pelo compositor a partir das experiências daqueles que encontravam-se, há mais de uma década, sob intensa repressão. O aporte teórico contará com estudos de autores como Luiz Tatit, José Américo Bezerra Saraiva, Ruth Finnegan, Claudia Matos, Fernando Muratori Costa e Luciano Marcos Dias Cavalcanti.

Entre pesquisas e experimentações poéticas e sonoras: diálogos comparativos entre O Som e o Sentido e Tropofonia

Brenda Marques Pena (CEFET-MG)

Resumo A proposta desta comunicação consiste em apresentar de forma analítica e conceitual a obra sonora “O Som e o Sentido”, de José Miguel Wisnik, que originariamente foi encartada em disco, junto com o livro do mesmo título, mas que em 2020 foi disponibilizada em Playlist em plataformas digitais, democratizando o seu acesso. A partir desta obra será abordada as potencialidades poéticas no diálogo entre Poesia Sonora e Música. As relações serão abordadas com ênfase nos conceitos de oralidade, escrita, escritura, ruído, silêncio, sons, ritmos e sentidos. A análise será feita em diálogo com as teorias de Etnopoética, de Jerônimo Rotenberg e de oralidade, desenvolvidas por Paul Zumthor, de forma a evidências na pesquisa e edição em Som e Sentido de José Miguel Wisnik, diante deste diálogo transdisciplinar entre literatura e música. De forma comparativa

será abordada também a experiência do programa radiofônico Tropofonia, que é transmitido desde 2008, pela Rádio UFMG Educativa, em Belo Horizonte, mas que tem núcleos diferentes na Argentina, na Bolívia e Uruguai. Para este Simpósio da ABRALIC será mostrado o compilado em disco feito em 2011 por Wilmar Silva, Francesco Napoli e Cristina Borges. A finalidade de mostrar estas duas obras sonoras *O Som e Sentido* e *Tropofonia* em diálogo comparativo está em mostrar as potencialidades transdisciplinares entre música e literatura, que poetas sonoros se dedicam a realizar como experiência.

Geraldo Pereira: musicando a vida popular urbana

Michel Armand Koopmans (UERJ)

Resumo A presente comunicação desenvolve-se de acordo com os pressupostos da linha de pesquisa de relações (trans)culturais e intersemióticas, estudando as relações entre a linguagem literária e a linguagem provinda de um sistema artístico muito específico: o samba. O objetivo geral do trabalho é apreciar, através de levantamento e análise crítica da produção de um sambista ‘esquecido’, a riqueza singular de uma obra multifacetada, porém, ainda pouco estudada. As letras do compositor e cronista da vida popular urbana Geraldo Pereira (1918-1955), aparentando ser, em primeira instância, pouco sofisticadas, revelam, numa leitura mais crítica, ambiguidades, contradições e hipocrisias da sociedade brasileira, através das desventuras das personagens que representam a visão da vida e do mundo dos que vivem na margem, e nas composições percebe-se que, empregando uma linguagem íntima e despretensiosa, são explicitadas divisões sociais baseadas em origens étnicas, satirizadas as políticas do governo varguista, e questionadas a suposta autenticidade de símbolos de brasilidade, entre outros aspectos temáticos. Compreendendo a obra e o legado musical do compositor, espera-se contribuir ao debate que vincula os estudos de literatura aos estudos da música popular brasileira, assim desafiando limites impostos pelo ‘cânone’. A concepção metodológica e fundamentação teórica baseia-se em grande parte na proposta de um estudo de perspectiva transdisciplinar, em que as contribuições de Paul Zumthor, Luiz Tatit e José Miguel Wisnik, entre outros, atravessam a argumentação que estrutura o trabalho.

Literatura e música: aspectos interdisciplinares na narrativa ficcional de Autran Dourado

Alcides Fernando Campos Gonçalves (UFSM)

Resumo Este trabalho trata da presença de elementos derivados da música na prosa ficcional do escritor mineiro Autran Dourado, seja na caracterização de personagens, seja na ambientação da narrativa. Por meio da análise de algumas obras do autor, como *Uma vida em segredo* (1964), *Ópera dos mortos* (1967) e *Sinos da agonia* (1974), demonstrar-se-á como o recurso a referências musicais possui um papel fundamental no desenvolvimento da ação diegética. Situado no domínio da literatura comparada, este trabalho apoia-se na obra de Solange Ribeiro de Oliveira (2002), que relaciona as principais contribuições crítico-teóricas acerca da interface entre literatura e música e apresenta as linhas de investigação que norteiam esse campo de estudo. A influência de “metáforas musicais na obra literária, aí incluída a figura do músico” (OLIVEIRA, 2002, p. 13), é umas das premissas que orientam o presente trabalho. Ademais, utilizar-se-á o conceito de paisagem sonora, cunhado pelo compositor canadense Raymond Murray Schafer (2011) e introduzido por Gérson Werlang (2009) no âmbito da teoria literária. Tal conceito se refere ao nosso ambiente acústico, isto é, o conjunto de sons que integram o nosso cotidiano. Schafer (2011) afirma que um evento sonoro pode carregar uma simbologia e atuar de modo específico sobre o inconsciente humano. Do mesmo modo, no texto literário, os sons podem acionar os sentidos e as emoções das personagens, desencadeando ações e operando como um leitmotiv que participa da estruturação da narrativa.

Maracanã do Funk: a (re)criação do Baile da Penha no Podcast do Dj Rennan

Artur Vinicius Amaro dos Santos (UFRJ)

Resumo Três anos após o lançamento do seu 8º Podcast, Rennan da Penha retorna com o Podcast 009 do Ritmo da Penha repetindo a mesma sonoridade cartográfica em produções que cantam o Complexo da Penha e exaltam o Baile da Penha como um grande acontecimento.

No entanto, é possível observar uma outra construção textual: um discurso feito por sujeitos que conhecem, frequentam e são da Penha cantando para os que estão de fora como espectadores. Em seus trinta e quatro minutos, a faixa possui diversas produções do DJ que reverberam discursivamente a narrativa da Penha como o lugar da experiência dos corpos. No Podcast é interessante observar como as composições são atravessadas por recursos próprios da escrita, tanto de poesia como de prosa: a repetição de trechos do refrão – que tanto se assemelha aos traços das cantigas medievais que reaparecem em cantigas populares; o esgotamento de sentido em determinadas ações dos sujeitos que frequentam o baile, tornando corriqueiros os atos sexuais praticados por esses atores da cena e desestruturando a ideia pré-concebida – e moralista – acerca do sexo; e a paródia, como estratégia de releitura de outras músicas afim de referenciar uma historiografia musical do Funk. Essa comunicação pretende observar o Podcast 009 do Ritmo da Penha, produzido pelo DJ Rennan da Penha, para observar como as estratégias de produção e composição são capazes de (re)criar a atmosfera do Baile, a partir de uma cartografia musical do território e da narrativa de experiências sendo atravessadas por referências externas a favela, a fim de reverberar o discurso de que o Baile da Penha é de fato um local para a experiência dos corpos, que são atravessados pelo ritmo, pelas composições e pelos próprios desejos.

Meu mundo você é quem faz: música e literatura em Marina Lima

Cinara Antunes Ferreira (UFRGS)
Carlos Walter Alves Soares (UFPEL)

Resumo Partindo de uma perspectiva comparatista e transdisciplinar, propomos analisar as conexões entre música e literatura em canções da cantautora brasileira Marina Lima. Pretendemos examinar os diálogos estabelecidos pela artista com a poesia brasileira, começando por sua parceria com o irmão Antonio Cícero, poeta que contribuiu com sua formação literária e com quem compôs um número expressivo de canções. Para ampliar a leitura e a discussão, analisaremos também a parceria da compositora com o poeta, músico e letrista Arnaldo Antunes, assim como a presença, admitida por

Marina Lima em uma entrevista, da poesia de Cecília Meirelles em suas canções. A partir dessa análise, temos o propósito de discutir como a música de Marina Lima se relaciona com a poesia, inserindo-se de um modo particular na cultura brasileira a partir dos anos 1980, período de abertura política no país. Partiremos do entendimento de que a canção é um gênero híbrido no qual música e literatura estão amalgamados, exigindo um tratamento crítico transdisciplinar dos elementos estruturantes tanto da música quanto da letra/poesia. Metodologicamente, abordaremos aspectos intracancionais e extracancionais, conforme propõe Leandro Maia (2021). Como fundamentação teórico-crítica, utilizaremos estudos de José Miguel Wisnik (2004), Ruth Finnegan (2008), Solange de Oliveira (2002), Affonso Romano de Sant'anna (2004), Leandro Maia (2021), entre outros.

O caso do alemão que chegou a São Leopoldo trazendo uma cítara: carnavalização e música no conto de Luiz Antonio de Assis Brasil

Edemilson Antônio Brambilla (UPF)

Resumo Este estudo possui como objetivo analisar a presença da carnavalização no conto Este é o caso do alemão que chegou a São Leopoldo trazendo uma cítara, do escritor sul-rio-grandense Luiz Antonio de Assis Brasil. Publicado em 1997, na obra *Anais da província-boi*, o conto de Assis Brasil narra a chegada do imigrante alemão Hans-Georg Schmidt à cidade de São Leopoldo/RS, no ano de 1824. Após chegar no Rio Grande do Sul, durante os seus momentos de descanso, o personagem executava diversos temas musicais em sua cítara. Sua música, no entanto, não encontrava boa aceitação dentre seus ouvintes, que constantemente lhe pediam para que parasse de tocar. Essa insatisfação por parte do público ouvinte acompanhou Hans-Georg Schmidt em diversos momentos de sua vida, fazendo com que, sempre que executasse em sua cítara as melodias que conhecia, este fosse obrigado a abandonar tal exercício a pedido de quem lhe ouvia. Desse modo, o conto assisiano vale-se de aproximações com a temática musical para construir uma narrativa que encontra nos aspectos carnavalesco e burlesco – conforme postulado por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013), e *A cultura popular na Idade*

Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais (2013) –, uma forma de criticar a sociedade de seu tempo, e a relação desta com o exercício artístico, em especial com o fazer musical.

O eterno tempo presente da música: uma proposta de abordagem da obra *Quatro Quartetos*, de T. S. Eliot

João Felipe Gremski (UFPR)

Resumo A obra *Quatro Quartetos*, publicada por T. S. Eliot em 1943, tem como principal temática a relação vida e tempo, ou melhor, a vida no tempo, e propõe um estado em que tanto passado e futuro podem ser, na realidade, parte de um tempo presente, este eterno e, portanto, inapreensível dentro de uma escala temporal a que somos acostumados a considerar. Para a presente proposta de comunicação, abordaremos a obra de T. S. Eliot através de duas perspectivas aparentemente diferentes, mas que, esperamos mostrar ao final, se complementam na obra de Eliot: física e música. Física pensada aqui a partir da noção de espaço-tempo de Einstein e eterno tempo presente eliotiano; e música na maneira com que Eliot trabalha a ideia de “música inaudita” nos *Quatro Quartetos*. Se para Einstein tudo é relativo quando falamos do tempo, por que não podemos manipulá-lo no sentido de transcendermos o indivíduo e nos comunicarmos com o universal? Nesse sentido, acreditamos que a música representa, nos *Quatro Quartetos*, um estado a que devemos aspirar dentro dessa busca pelo eterno através da sua capacidade de dizer o indizível e provocar um efeito profundo na nossa natureza mais interior. Assim, aliando o poema às hipóteses sobre o tempo propostas por Einstein, acreditamos ter o embrião de uma discussão interessante que faz com que possamos analisar a obra de T. S. Eliot, bem como outras obras que tratem dessa conexão, sob um ângulo inusitado e diferente.

**O pensamento narrativo sobre
a eternidade – da literatura à música;
conceituação e paralelos soteriológicos: outras justificativas**

Leonardo Tubia Brasil (UFSM)

Resumo Na área da performance, muitas são as analogias que se musicalmente – especificamente com o ato de contar uma história –, ou das inferências cognitivas sobre a música ser uma linguagem. Já no ato de contar uma história, o conceito de eternidade funciona como um fechamento. Esse conceito pode ser inferido como tal, mas nunca narrado, já que a eternidade subintende algo transcendental e, portanto, não conceituável. O objetivo, portanto, é dar continuidade ao trabalho intitulado “Ensaio sobre a natureza transcendental na performance musical: conceituação e paralelos soteriológicos”, apresentado no SIMCAM XV, onde é argumentado que a experiência na performance, por conta dos limites cognitivos do performer, não pode ser transcendental, mas imanente, por conta da incapacidade humana de transcender a conceituação cognitiva que envolve qualquer atividade criativa. Pressupondo que o pensamento narrativo é algo intrinsecamente presente na performance, busco prover mais justificativas, fazendo paralelos com o conceito de eternidade na narração literária, com ênfase na doxografia judaico-cristã e budista, além dos trabalhos de Steve Collins e Jacques le Goff. No imaginário Budista, Nirvana tem um papel de conclusão, inarrável, similar ao conceito de paraíso no cristianismo, apesar das inúmeras tentativas de narração, como em Dante que, curiosamente, falha em descrever sua experiência como no inferno. Tais conceitos são usados geralmente como conclusões estáticas. Em suma, um conceito, logo não transcendental. Isso ocorre pois, das duas formas possíveis de eternidade, intemporal ou repetição infinita, a primeira se torna incapaz de narrar sem o tempo, e a segunda, basicamente uma definição de inferno. Se a música, portanto, tem aspectos linguísticos de narração, não é possível que, além dos limites cognitivos do performer, ele consiga transcender de fato, mas sim, no máximo, atingir uma experiência imanente de contemplação.

O potencial gesto de consolo pela canção “Ainda Há Tempo”, de Criolo (2016)

Wallas Gomes Zoteli (UFES/ IFES)

Resumo Propõe-se uma análise semiótica de base qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, da canção de rap “Ainda Há Tempo”, de Criolo, com produção de Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral, na versão gravada em 2016 como faixa 8 do EP (*extended player*) homônimo. Trata-se da constituição de um inventário de evidências e respectiva discussão amparados na perspectiva metodológico-conceitual da semiótica imanentista de tradição francesa, a fim de verificar quais/ como elementos expressivos funcionam como suporte para o potencial gesto de consolo concretizável na experiência de escuta. Quanto à materialidade do corpus, assume-se como arquivo uma gravação em mídia digital disponível em canal oficial de Criolo em plataforma gratuita (<<https://www.youtube.com/watch?v=3rUqUmJrgl8>>), reproduzível em dispositivos eletrônicos com acesso à rede mundial de computadores, sem necessidade de instalação de aplicativo específico além do navegador. Demarca-se, portanto, a relação entre literatura e música manifestada no material sonoro como referência de consulta e de concepção de análise. No decorrer da apresentação das evidências coletadas e da discussão, mobilizam-se conceitos como percurso gerativo de sentido, objeto-valor, enunciador/enunciatário, narrador/narratário, embreagem/debreagem e ilusão enunciativa (GREIMAS; COURTÈS, 1979), além de figurativização, tematização e passionalização (TATIT, 2012), perpassando pela abordagem da ilusão enunciativa via embreagem do canto (TATIT, 2016). A conclusão aponta que a canção em estudo se reitera como ato de consolo no entrelaçamento de estratégias de aproximação com o ouvinte, dentre as quais a ilusão enunciativa via canto e as conotações do arranjo musical.

Ondas Novas ao Mar: o vigor da presença do texto clássico atualizado pela tradução e música em português

Artur de Freitas Gouvêa (UFRJ)

Resumo Uma das atividades empreendidas pela equipe do Grupo Artístico de Representação Institucional (GARIn) UFRJ In-Versos,

formado por discentes de graduação e pós-graduação, docentes e parceiros de outras instituições, empenha-se por trazer à tona a atualidade de poesia de épocas remotas, transfigurando-as em poemas musicados, em canções. É o caso da tradução de Wallace Pontes do poema 1.14, de Horácio, musicada pelo próprio tradutor com o título “Ondas Novas ao Mar”. A canção chega através da parceria com o projeto de extensão “Poemata”, da Faculdade de Letras da UFRJ, recebe o arranjo do grupo UFRJ In-Versos, que culmina em nova versão da tradução, adaptada ao processo criativo da composição. Pretende-se descrever o processo de tradução engendrado pela experiência processual do arranjo, pontuando elementos críticos e criativos que levaram às mudanças na macroforma e na tradução para o formato final da canção. Busca-se compreender também a tarefa de tradução aliada à criação musical, no intuito de mostrar as possibilidades de articulação entre música e poesia para além de uma perspectiva de reconstituição da poética clássica orientada somente por um viés historicamente informado. A canção composta, arranjada e cantada em português do Brasil nos permite atualizar e revigorar a presença do poema de Horácio, na medida e enquanto houver quem se coloque à escuta da poesia e da música, em diálogo com as potencialidades da realidade histórica desvelada no acontecimento poético erigido por uma espaço-temporalidade própria.

Orfeu brasileiro: tramas, canções, conflitos e mediações culturais

Roniere Silva Menezes (CEFET-MG)

Resumo O presente trabalho almeja estabelecer uma análise da peça *Orfeu da Conceição* (1956), de Vinicius de Moraes, relacionando-a ao filme *Orfeu negro* (1959), de Marcel Camus e ao filme *Orfeu* (1999), de Cacá Diegues. O foco central será a avaliação canções presentes nos três trabalhos. Iremos relacionar as trilhas sonoras da peça e dos filmes aos roteiros e aos contextos socioculturais de produção dos trabalhos. A partir de breve reflexão sobre o mito grego de Orfeu, sobre a ópera *Orfeu e Eurídice*, de Gluck, sobre o ensaio “Orfeu Negro”, de Jean Paul Sartre, de 1948, sobre a peça *Voodoo MacBeth*, montada por Orson Welles, no Harlem, em 1936, e tomando como viés analítico estudos pós-coloniais e investigações sobre a linguagem das

canções, pretendemos contribuir com novas leituras sobre as criações. *Orfeu da Conceição* começou a ser escrita em 1942. Torna-se importante pensar que, nos anos 1940, o governo Vargas propõe o projeto cultural que visa à afirmação da identidade cultural brasileira por meio do resgate e da valorização da cultura popular, do samba. Muitos foram os embates com setores conservadores e racistas da sociedade. Observando a peça de Vinicius, notamos que mesmo avançando em relação a denúncias sociais, oferecendo o primeiro plano aos negros e negras, o texto ressentia-se da cordialidade brasileira, de discrepâncias em relação ao tratamento racial. *Orfeu da Conceição* abre caminhos e parece funcionar como iniciação de Vinicius no campo afro-brasileiro. Em projetos futuros, mesmo conhecendo a diferença de lugares discursivos, Vinicius buscará sanar alguns problemas vislumbrados na peça, por meio da interação cada vez maior com o universo artístico e religioso da cultura negra, por meio da criação de canções – inclusive com parceiros negros – que buscam forte intimidade com o imaginário, os ritmos, os saberes afro-brasileiros.

Os torneios da voz

Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira (UERJ)

Resumo Este estudo busca construir uma reflexão entre o poema “A Carlos Drummond de Andrade”, de João Cabral de Melo Neto, publicado em 1945, no livro *O engenheiro* e a canção “Não há guarda-chuva”, composta por Cátia de França sobre o poema anteriormente referido e incluída no repertório do LP *Estilhaços*, lançado em 1980. Para tanto, será explorado o conceito de canção anotado por Luiz Tatit em *O Cancionista: Composição de Canções no Brasil* (1995), a ideia de negatividade apresentada por Jean-Luc Nancy em *Resistência da Poesia* (2005), e a distinção entre o que possa ser considerado voz por Adriana Cavarero em *Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal* (2011). O trabalho tem por finalidade articular apontamentos acerca de escrita e voz, no âmbito de literatura e canção. Explorando semelhanças e diferenças, identificáveis em cada realização, formulando hipóteses acerca de domínios onde a voz se faça presente e, ainda, apontar as operações onde a voz encontra-se elidida operando numa frequência mais discreta, na leitura, por exemplo. Dentro de uma análise

comparativa, acessar categorias comuns para diferir aspectos que operam de modo distinto entre poema e canção. Abordar e explorar as unidades referidas de modo a materializar algum suporte crítico.

Poe, Stevenson, Wilde:

a paisagem sonora na narrativa gótica novecentista

Gérson Luís Werlang (UFMS)

Resumo O surgimento do romance gótico em meados do século XVIII provocou uma pequena revolução literária, não reconhecida imediatamente pela crítica, mas que traria inumeráveis frutos nos dois séculos e meio seguintes. A publicação do seminal *Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, provocaria e desequilibraria a balança literária do período, mexendo com a imaginação do público e de escritores que seguiriam a tradição do gênero. A maquinaria gótica incluía, a princípio, castelos medievais, torres fantasmagóricas, fantasmas reais ou imaginados, e toda uma figuração que seria seguida e transformada posteriormente. Suas bases foram lançadas por Walpole em 1764, paulatinamente ampliadas nas últimas décadas do século XVIII por autores como Clara Reeve (1729-1807), autora de duas obras determinantes, *The Old English Baron*, publicada em 1777, e *Tales of Other Times*, em 1783, seguida de perto por Vathek, de William Beckford, em 1786. Note-se a proeminência de escritoras depois do primeiro esforço de Walpole e da contribuição quase isolada de Beckford. Com a aderência feminina à narrativa gótica, diversas escritoras se apropriariam do gênero e fariam suas contribuições, notadamente Ann Radcliffe, Mary Shelley e mesmo Jane Austen, com sua paródia gótica, *A abadia de Northanger*. Esses primeiros desenvolvimentos do gênero seriam posteriormente ampliados e modificados no decorrer do século XIX. Este ensaio propõe-se a fazer um voo panorâmico por um aspecto muitas vezes negligenciado na narrativa gótica: o som, analisado aqui a partir de desenvolvimentos ulteriores na obra de três escritores do século XIX, Edgar Allan Poe (1809-1849), Robert Louis Stevenson (1850-1894) e Oscar Wilde (1854-1900). Assim como o aspecto visual incluía elementos peculiares, também os aspectos sonoros possuíam características bem definidas, posteriormente imitadas, modificadas e ampliadas de acordo com a gênese de cada obra.

Quando o chão acaba: uma leitura de *Chico* e *Caravanas*

Pedro Bustamante Teixeira (UFJF)

Resumo Este trabalho se propõe – a partir de uma longa reflexão acerca do debate sobre o Século da Canção (TATIT, 2008), no Novecentos, e do fim da canção, no limiar do terceiro milênio, que coincide com a derrocada de muitos mitos identitários brasileiros e de toda uma narrativa em que se sustentava a música popular nacional – a ler os dois últimos discos de inéditas do compositor Chico Buarque de Holanda, a saber: *Chico* (2011) e *Caravanas* (2017). Em uma famosa entrevista concedida à Folha de São Paulo na década de 90, o compositor reconhecia enfim que a canção “tal qual a conhecíamos” tinha perdido o seu espaço para novas formas musicais. Essa entrevista gerou uma certa comoção e colocou a questão do fim da canção no centro do debate cultural. Acirrada, a discussão perdurou pelo menos até o início da segunda década do terceiro milênio quando uma nova geração recria a MPB e esvazia esse debate. Chico, por sua vez, desde a famosa entrevista, já começava a repensar a pretensão de seus discos. Assim, a contar pelos discos de inéditas, de *Paratodos* vai *As cidades* (1998), de *As Cidades* restringe-se ao *Carioca* (2006), uma terceira pessoa, até que chega ao seu “mínimo eu” *Chico* (2011), que é quando se apresenta, a partir da canção “Diário”, um novo compositor, que volta a responder às questões da contemporaneidade e a se fazer sentir no tempo presente, tornando-se outra vez, ainda que pelo avesso, um artista contemporâneo.

Que ousarás contar da canção?

Celso Garcia de Araújo Ramalho (UFRJ)

Resumo Procuramos o caminho que nos leva ao encontro da canção. A escuta nos mostra que a canção diz o que melodia diz, e a partir do que faz sentido enquanto música, por outro e mesmo lado, a escuta também nos mostra que a canção diz o que palavra diz, com sua força de instauração de memória na vocalidade do canto. Perguntamos desde o lugar em que melodia e palavra se encontram reunidas, entrelaçadas, talvez ainda não pensadas separadamente são: unidade

originária. Contudo, faz-se necessário dialogar com epocais movimentos históricos e estéticos acionados na fragmentação e emancipação da linguagem: será legítimo falar das poéticas da palavra e da música isoladamente? O que é isto que diz melodia e palavra: a canção? Seria possível pensar em uma trajetória histórica ou formal da canção? Seria a língua ou a sonoridade ou ainda outro elemento macro ou micro composicional responsável pela ligadura entre palavra e melodia? Será a canção a junção de letra e música? Duas poéticas autônomas que se juntam para constituir uma outra? O percurso que pensa a canção nos lança em múltiplas questões, além das definições ou conceitos, nos interessamos pelo que a canção evoca de estranhamento, para numa tentativa de vislumbre compreender o lampejo de sua presença tímbrica na realização poética reunidora de palavra e melodia, letra e som, poesia e música; com todas as contradições, contrastes, possibilidades e limitações que as teorias da literatura e da música podem nos oferecer para a canção hoje. Acompanhados de poetas-compositores, músicos-pensadores e suas canções-poemas-pensantes somos ajudados a cuidar da escuta da palavra que canta a teoria da canção como música do pensamento. Faremos esse percurso pelo cancionário brasileiro escutando a canção-poesia de Cecília Meireles e Diego Braga musicadas pelo compositor Antonio Jardim: “E de teres visto luares, que ousarás contar da lua?”

Representações boêmias em “Vida Noturna”: um estudo sobre a obra de Aldir Blanc

Wellington Girardi Rodrigues (UPF)

Resumo O seguinte trabalho investiga as representações sociais da boemia e da malandragem presentes nas canções do disco “Vida Noturna” (2005), de Aldir Blanc. Para o estudo das representações sociais nos apoiaremos, de início, nos estudos propostos por Serge Moscovici, e nos trabalhos de Roberto DaMatta e Howard S. Becker para explicar a questão do sujeito marginalizado/desviante, para que entendamos as características deste frente a sociedade – sua fama de “vagabundo”, suas características desviantes e como essas características de fazem presentes na cultura brasileira. Para a análise da canção em específico nos embasaremos nos estudos de Luiz Tatit, com

o intuito de explicar características referentes a melodia, letra e tematização da canção, bem como sentimentos implícitos nas músicas analisadas. A escolha do disco em específico é justificada devido ao fato deste ser o único disco em que Blanc interpreta todas as canções de sua autoria, em parceria com outros artistas, selecionadas quase que a dedo em um vasto repertório de composições que o compositor produziu em vida. Ao fim dessa pesquisa esperamos entender como ele, em sua obra, caracterizou esse personagem noturno, que vive às margens do que podemos chamar de “vida comum”, e que, até hoje, é uma figura bem controversa na literatura, na música e na sociedade no geral.

Ritmos, vozes, tempos e olhares em trânsito na encenação de *Auto da Catingueira*: uma leitura de muitas leituras

Ana Cristina Moreira Pessoa (UFBA)

Resumo A encenação de *Auto da Catingueira*, de Elomar Figueira Mello, aconteceu no Palácio das Artes de Belo Horizonte em 2011 e foi gravada em media digital. No palco, as linguagens do teatro, da canção, da poesia e da música se entrelaçam num fluxo tenso, intenso, entre diferentes aqvis e agoras, lá e mais adiante, ontem, amanhã. E é em tal mistura de tempos e espaços que podemos começar a imaginar quando é que aconteceu esse tempo em que aconteceu a história do Auto, história da personagem Dassanta. Nesse sentido, a ópera e sua encenação remetem a diferentes sertões que coexistem no espaço da imaginação entre um “sertão oficial”, ligado aos contextos geográficos e políticos, e um “sertão profundo”, espaço transcendente e onírico através do qual o compositor atrela sua estética a uma atemporalidade em que convivem heranças modinholundunheiras, danças estrangeiras e nacionais, o hinário cristão, a herança ibérica nas cadências, escalas e toques, a cantoria nordestina e a música urbana sempre em tensão com o paradigma sinfônico europeu, com a ópera europeia e o canto lírico. Então, estas diversidades trazidas na história de Dassanta em forma de danças, músicas, costumes e dialetos, antes de divididas entre ficção e realidade, dão forma a uma imagem de sertão geográfica e também onírica, intensamente enraizada numa conjuntura político-social e ao mesmo tempo

fantástica e transcendente. Nesse trânsito entre tantos tempos, espaços e linguagens, a ‘forma’ é construída numa complexa e imaginativa costura entre o conteúdo literário e os recursos miméticos. Portanto, a “forma” é trabalhada para que o conteúdo não seja trazido isoladamente, apenas no sentido de representar alguma realidade, mas que se desenhe a partir de recursos éticos e estéticos de diferentes tradições, constituindo assim uma cena musical múltipla que coloca esses tantos sertões de Auto da Catingueira em conversa paradoxal.

**Sob o signo de Oxum:
as relações entre água, corpo e ancestralidade
nas obras de Conceição Evaristo e de Elza Soares e Pitty**

Rafael Eisinger Guimarães (UNISC)

Resumo O protagonismo conquistado pelas mulheres negras nas esferas cultural, social e acadêmica nos últimos anos tem possibilitado que questões cruciais ao feminismo interseccional ganhem o centro do debate, especialmente no Brasil. Enfatizando a sobreposição das violências de gênero e raciais, essas vozes se entrecruzam para, a partir de suas experiências singulares, compor um discurso coletivo no qual a fala de uma ecoa na de muitas outras. Nesse sentido, rasurando os limites que separam literatura e música, é possível pensar em como essas manifestações artísticas, postas em diálogo, sugerem uma leitura mais ampla e complexa, mas não redutora, da experiência das mulheres negras. Tendo isso em mente, e na esteira da discussão proposta no Simpósio Temático “Dissonâncias e consonâncias entre literatura e música: temas, personagens, espaços e linguagens em diálogo transdisciplinar”, ocorrido no Congresso Internacional ABRALIC 2020, o presente trabalho estabelecerá uma relação entre o conto “Olhos d’água”, publicado por Conceição Evaristo no livro homônimo de 2014, e a canção “Na pele”, composta por Pitty e gravada em parceria com Elza Soares em 2017. Postas lado a lado, as duas obras apresentam alguns pontos de convergência, dentre os quais se destacam a relação intergeracional das personagens do conto e das intérpretes da canção, bem como a presença do elemento simbólico da água como tema central da narrativa e da letra da canção. Articulando esses dois aspectos, o objetivo deste estudo

é analisar de que forma os elementos da água, da ancestralidade e do corpo dialogam entre si, a partir de um movimento que toma a figura mitológica de Oxum – que figura de forma explícita no texto de Conceição Evaristo e de forma implícita na canção interpretada por Pitty e Elza – como uma chave que torna possível ler o texto da escritora mineira nas vozes das cancionistas, e vice-versa.

Tia Ciata e Dona Ivone Lara: pioneirismo feminino no universo do samba

Ana Laura Furtado Pacheco (UFJF)

Resumo O presente trabalho é um desdobramento da dissertação de Mestrado intitulada “Elas compõem, elas cantam: uma pesquisa sobre a autoria feminina de samba” defendida e aprovada em 11 de junho de 2021. Este recorte faz uma análise da aproximação entre Tia Ciata e Dona Ivone Lara, duas figuras femininas pioneiras no universo do samba. No início do século XX, as casas das tias, como Tia Ciata e tantas outras, tornaram-se os redutos de guarda do samba, além do local onde as composições começavam a deixar de serem criações coletivas para tornarem-se canções pertencentes a um autor. Dentre os frequentadores da casa de Tia Ciata, a matriz, o útero do samba moderno, foi selecionado o grupo de músicos que gravaria Pelo Telefone, o primeiro samba responsável por apresentar ao mercado o novo gênero musical. Mário de Andrade (2016), em *Macunaíma*, descreve, ficcionalmente, Tia Ciata como uma figura protetora, carregada de ancestralidade e nobreza. As mesmas características são encontradas em Dona Ivone Lara, a sambista de formação erudita e popular – como afirma Burns (2009) – que, devagarinho, foi pisando em um chão majoritariamente masculino, até conquistar seu próprio espaço e tornar-se a dama dourada, a rainha do samba. Esta pesquisa traz a análise de duas canções de autoria de Dona Ivone Lara: “Alguém me avisou” e “Axé de Ianga”, à luz de autores como Wisnik (2004), que descreve a música como elemento sincrético da cultura brasileira; Zumthor (2018), que pontua que a voz é, ao mesmo tempo, a libertação e o limite do corpo; e Tatit (2016), que reforça a presença da oralidade no cancioneiro brasileiro. A religiosidade e a reverência à ancestralidade presentes na obra de Dona Ivone

Lara a aproximam de Tia Ciata e refletem a importância dessas duas figuras femininas guardiãs e geradoras do samba.

Voz, Palavra, Performance: Aldir Blanc por Elis Regina

Enio Gontijo de Lacerda (UFES)

Resumo Este estudo pretende estabelecer uma rede dialética entre voz, palavra e performance a partir de canções de Aldir Blanc e João Bosco gravadas por Elis Regina, em especial a canção Jardins de Infância, uma das faixas de seu álbum Falso Brilhante, um show que marcou profundamente a vida e carreira da intérprete. As enigmáticas e por vezes herméticas letras de Aldir Blanc, permeadas de alegorias e metáforas, sugerem elementos geralmente pouco compreensíveis se não relacionados a um referencial extralinguístico. Tais canções ganham maior dimensão e significação na voz e interpretação de Elis com uma maneira muito particular de cantar, onde se destacam a emissão e separação silábica, alongamento de vogais, a irreverência com que brincava com o ritmo, aguçando a dramatização/teatralização das canções e criando o que Luiz Tatit chama de ilusão enunciativa, que muito se aproxima das ideias de Ruth Finnegan. É preciso mencionar que muitas das letras de Aldir Blanc foram concebidas e gravadas por Elis Regina durante os anos da ditadura militar no Brasil e havia por parte de compositores e intérpretes na época uma preocupação extra: fazer com que as letras e espetáculos não fossem vetados pela censura. Aldir Blanc, em suas letras, é conhecido pelo árduo trabalho no terreno da palavra, especialmente com suas construções metafóricas e é encontrado em *A Metáfora Viva*, do teórico francês Paul Ricoeur um vasto arcabouço teórico de escavações para o estudioso que pretenda se aventurar nesta seara. A fusão de elementos como a construção textual e sua interação com a melodia/arranjos e a ação performática da intérprete aliando palavra e voz são fundamentais para que se compreenda melhor esse jogo de relações que é criado sugerindo novas equações ao ouvinte/interlocutor que passa a agenciá-las no intuito de refletir sobre o que encobrem.

Simpósio 38**Literatura comparada****e os estudos literários da tradução: diálogos em construção**

Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)

Valdeci Batista de Melo Oliveira (UNIOESTE)

Silvia Helena Benchimol Barros (UFPA)

Resumo A Literatura Comparada é uma episteme cujo aparato teórico-crítico possui a importante habilidade de abertura e acolhimento de outras áreas que permitem ao pesquisador, no seu trabalho de hermenêutica, ampliar as condições de leitura do texto literário. Esta “fenda” se acentua quando nos dedicamos à atividade de tradução de um texto literário, pois ainda que não seja um texto literário, sabemos que os sentidos deslizam em todas as matrizes da linguagem. Assim, traduzi-los para outra língua é uma tarefa que requer a habilidade de criador para além do sentido literal, já que nenhuma linguagem é diáfana, como aponta Bosi (1988). O trabalho do intérprete nos estudos literários de tradução pode alcançar maiores resultados se o método for o do diálogo entre as epistemes. Dessa parceria podem nascer uma hermenêutica profícua em (des)obnubilar os refulhos do texto literários em suas lacunas intervalares entre o dizer e o dito. Ao perceber a importância da Literatura Comparada propõe-se neste simpósio a reflexão de pesquisas que demonstrem o encontro de duas emergentes para entender o campo literário: a literatura comparada e os estudos literários da tradução. Carvalhal (1986) apresentou a classificação de “estudos literários comparados” para muitas investigações variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação, demonstrando que os estudos comparados e a tradução se enveredem por caminhos que por vezes se encontram no campo metodológico. Para Eco (2003) e Bloom (2001), é necessário que a leitura literária tenha um significado para o leitor, pois ela permite identificação. Portanto, procura-se abarcar em nossa prática de leitura literária tanto a forma quanto a temática, presentes nos textos, valorizando o prazer do texto, a fruição do texto literário, o seu poder de se relacionar com outros textos literários. Na área da tradução, sabe-se que ainda há muito para ser feito no que diz respeito à aproximação entre os estudos da tradução e a literatura comparada. Neste sentido, as

reflexões desencadeadas sobre o papel da tradução, entendida como comunicação intercultural, no âmbito da Literatura e dos Estudos Culturais têm como objetivo despertar para a compreensão de cenários pós-colonialistas e pós-estruturalistas. A Tradução Cultural sob o prisma histórico-antropológico de Burke (2009) ou sob viés crítico de Bhabha (1998) aproximam a atividade tradutória dos pressupostos antropológicos e ideológicos que se revelam nos textos literários com suas imagens revestidas pela visada estética e que suscitam o prazer no leitor. Tal ótica é convidativa às análises tradutórias que têm como objeto o deslocamento migratório e o transporte [tradução] cultural destes povos e suas simbologias para as novas ambiências por meio dos processos de hibridização, de assimilação e de ressignificação. As relações de poder, resistência e opressão são igualmente contempladas sob as lentes interdisciplinares que intercomunicam de forma vigorosa a Literatura e os Estudos da Tradução. Os Polissistemas propostos na teoria de Even-Zohar (1990) corroboram o alinhamento de diferentes ambiências cultural-literárias que sob a perspectiva tradutória podem revelar tendências significativas considerando-se fatores de temporalidade e de localização. Em concomitância, os Estudos de Recepção vêm agregar reveladores movimentos de convergência e divergência entre povos e entre línguas, que por meio do texto literário nos permitem identificar fenômenos impactantes no contato intercultural, em que o leitor assume posição incólume. A reflexão que o texto literário pode oportunizar nas revisitações de fatos históricos em comparação com outras produções que abordam eventos contemporâneos consolida o exercício de reflexividade da *Histoire Croisée* (WERNER; ZIMMERMANN, 2003), fenômeno de densa capilaridade para os Estudos da Tradução. Não obstante as lacunas aqui pontuadas de forma exordial, se percebe um movimento de abertura para essa aproximação e para a ampliação deste espaço gnosiológico no Brasil. Costa (2015) ao perceber que, nos congressos da ABRALIC, a tradução tem ocupado um espaço cada vez maior, como a ABRALIC/Belém, PA, de 29 de junho a 3 de julho de 2015, em que a tradução esteve presente não apenas nos simpósios, mas fez parte do próprio lema do congresso: “Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias”. Por fim, entende-se que este simpósio dará continuidade a um diálogo crescente entre os estudos de Literatura Comparada e da Tradução e servirá de facilitador de discussões de vários pesquisadores que vêm nessa relação teórica o caminho para a interpretação literária.

A bailarina espanhola: memórias da dança da morte em São Paulo e Belém do Pará

Daniela de Oliveira Silva (UFPA)

Wellerson Bruno Farias dos Reis (UFPA)

Resumo Esta comunicação visa um exame comparatista e memorialístico acerca da passagem da, famigerada, gripe espanhola em duas distintas regiões do Brasil no início do século XX. Neste viés, usaremos das vivências e memórias do paraense Otávio Meira relatadas em sua obra *Memórias do quase ontem* (1976) e traremos ainda a trajetória e peripécias da personagem Bernardo Barreira em *Demerara* (2020), romance do paulista Wagner G. Barreira. O estudo tem como objetivo investigar, primeiramente, como se deu o processo de chegada da “bailarina” nos estados desses dois autores e assim, por meio da literatura comparada, fazermos uma análise comparativista acerca dos efeitos causados por ela nos estados do Pará e São Paulo. Isso se dá tendo em vista as múltiplas possibilidades que tal teoria nos oportuniza, sendo uma delas a viabilidade de mesclarmos distintas áreas do conhecimento por meio da intertextualidade entre elementos, talvez característica basilar da literatura comparada, e para isso usaremos Carvalhal (2006) e Machado e Pageaux (2001). Elementos esses que podem ser elucidados por meio da história, literatura e memória, sendo esta última de grande relevância para esta análise, uma vez que ela se constrói por meio das memórias, tanto de Otávio Meira ao narrar suas vivências em Belém do Pará durante o período da gripe espanhola, quanto de Wagner Barreira ao dar vida a uma personagem que, tal como Meira, perpassa este período. Porém, na cidade de São Paulo. Contudo, ainda que sejam obras distintas – a primeira trata-se de um compêndio das vivências do próprio autor, já a última configura-se como um romance histórico – e vividas em regiões diferentes, ainda assim confabulam-se por muitos aspectos de modo que o principal deles seja a memória, defendida por Halbwachs (1990) e Bosi (1994), sendo essa de um período infeliz para ambos.

A Escrita Insubordinada de Eneida de Moraes: uma página da memória nacional e das lutas feministas

Mirna Lúcia Araújo de Moraes

Resumo A presente pesquisa tem por finalidade apresentar a narrativa literária *Companheiras*, da cronista paraense Eneida de Moraes (1903–1971), cujo estilo aproxima o(a) leitor(a) de fatos históricos da memória nacional ocorridos durante o Estado Novo, no período de 1937 a 1945, a exemplo da primeira prisão política feminina. Utilizou-se um estudo conceitual, bem como documental, a partir das pistas textuais presentes na crônica, testemunhadas e vivenciadas pela autora, juntamente com outras ativistas, militantes do Partido Comunista, em meio ao governo de Getúlio Vargas; tempo esse de violências físicas e psicológicas sobre os indivíduos contrários ao seu governo. Como resultado observou-se o investimento político vivenciado no século passado por feministas e, ainda necessário no século XXI, para manutenção das lutas de mulheres como sujeitos de Direitos; ainda, para assegurar a escuta da voz feminina, antes silenciada, mas nunca ausente. Com sua escrita testemunhal a jornalista Eneida de Moraes denuncia as incivilidades lançadas sobre as presas políticas da Sala 4, dentre elas: a advogada Maria Werneck, a médica psiquiatra Nise da Silveira, a artista Patrícia Galvão, a atriz polonesa Elisa Berger, a bióloga Bertha Lutz, a diretora de teatro brasileiro Eugênia Álvaro Moreyra, a ativista política Olga Benário Prestes e também a própria escritora e jornalista Eneida de Moraes. Todo o movimento feminista tinha como causa não apenas um partido (PCB), mas garantir a visibilidade feminina na sociedade civil, cujo status até então, somente era dado aos homens, ou melhor, ao gênero masculino. A Constituição de 1937, vigente à época das personagens da narrativa *Companheiras* era uma continuidade da Constituição de 1934, definida como avançada por inovar o constitucionalismo brasileiro, mas, para infelicidade do povo, esta Carta Jurídica que traria luz para questões de ordem econômica e social, à família, à educação, à cultura, teve vida curta.

A memória e a tradução da Amazônia pelos poemas de Adalcinda Camarão

Heydejane da Silva e Silva Nogueira (UFPA)

Resumo Este trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre aspectos relacionados às teorias de memória e tradução cultural em dois poemas da autora amazônida, Adalcinda Camarão. Adalcinda nasceu na Ilha do Marajó, estado do Pará e residiu por 44 anos nos Estados Unidos. Em alguns de seus poemas é possível identificar traços de ambas as culturas – americana e brasileira. Este fenômeno, onde diferentes culturas se entrelaçam de alguma forma nos permitindo identificar espaços de mediação, contatos, relocalizações e transposições enquadra-se nas definições de tradução cultural (BURKE, 2007; BHABHA, 1998). Falar sobre tradução cultural é pensar, também, no encontro de duas línguas, pois é justamente ‘a língua’ um dos elementos mais importantes em uma cultura. Bhabha (1998) defende que a cultura é uma construção híbrida e Adalcinda, ao mesclar ambos os idiomas em seus poemas, nos permite que estes materializem verbalmente o hibridismo, ao tempo em que revelam a própria autora como sujeito híbrido. Para auxiliar na compreensão dessa tradução cultural, as discussões sobre memória serão de grande relevância, pois a memória segundo Halbwachs (2006) é um tipo de relação estabelecida entre o presente e o passado. Em um sentido abstrato, a memória é capaz de congelar o tempo por alguns instantes fornecendo, assim, uma imagem que posteriormente fixará em nossas mentes, possibilitando recordar de determinados momentos transcorridos de nossas vidas. Para a realização da pesquisa, a leitura de um grande aparato teórico foi necessária e o caminho metodológico para essa investigação foi para além dos textos dos objetos – os poemas – nos suscitando a necessidade de conhecer a vida da autora. Os principais autores utilizados no embasamento teórico são Burke (2007); Halbwachs (2006); Machado e Pageaux (1989); Bhabha (1998) e Camarão (1995).

**A presença de formas de desumanização
e humanização no contexto da Shoah na obra
O menino do pijama listrado de John Boyne**

Ronaldo Oliveira Borges (UFPA)
Ana Lilia Carvalho Rocha (UFPA)

Resumo A partir de relações interdisciplinares este trabalho constitui uma análise da obra *O menino do pijama listrado* de John Boyne, pesquisa comparativista que tem como objetivo analisar a presença de formas de humanização e desumanização neste Romance, mais especificamente, com foco na observação e identificação no contexto da Shoah, as formas como os nazistas desumanizaram os judeus por meio da infra humanização. Por esse viés, a pesquisa para se efetuar de maneira eficaz, faz uma abordagem qualitativa, utilizando-se de estudos bibliográficos desenvolvidos a partir do método da Literatura Comparada, em que se encontra pautada nos aportes teóricos de Murrow (2015), Bosi (2002), Seligmann-Silva (2003), Adorno (1997), Cañas-Fernández (2010), dentre outros. Portanto, compreende-se que é o pensamento sobre a superioridade de uma etnia sobre outra, e por causa desse pensamento, utilizou-se de tortura e extermínio. Também foram observadas as formas de humanização entre os dois protagonistas, um alemão e um judeu, respectivamente. Por meio de leituras cuidadosas da obra, utilizando os conceitos da literatura de resistência, foram encontrados casos de humanização por meio da amizade dos protagonistas, e diversos casos de desumanização provocados pelos nazistas que, segundo Benjamin Ferencz (1979, *apud* BLOXHAM, 2001), este era devido ao fato de que os judeus eram considerados menos que escravos, eram considerados descartáveis.

A tradução como arquivo, recomposição e memória do trauma

Denes Augusto Clemente (UFF)

Resumo “A temporalidade do evento traumático é complexa e envolve construções recíprocas do passado e do presente” afirma Nestrovski e Seligmann-Silva sobre a questão do trauma. Esse fato é aliçado pela incapacidade do sujeito de processar os estímulos em

seu momento inaugural. Deste modo, o passado retorna de forma incompleta, onde certezas e incertezas se confundem em uma sobreposição de tempos, lembranças e esquecimentos. Não obstante, a tradução em Benjamin também constitui um processo temporal complexo, onde o original é recomposto em outro tempo e contexto histórico, justaposto pela tradução em um passado vivente, onde o original se renova alcançando seu mais vasto e tardio desdobramento sem que possa viver eternamente. Nesse sentido, a noção de arquivo em Derrida permite o diálogo entre as duas ideias, pois a estocagem das marcas do trauma transformam as obras/traduções em arquivos do mal. Evidentemente isso não ocorre de maneira tranquila, pois no caso de grandes catástrofes – Shoah, colonialismo, genocídios... – persiste a incapacidade de digerir os estímulos da violência no momento oportuno. Com isso, os elementos de um passado traumático retornam no presente de uma sociedade cuja noção de atualidade implica a superação do passado que frequentemente é tido como obsoleto. Entretanto, pela tradução, essa ótica torna-se míope, pois a tradução se instaura como a continuação e retorno deste passado latente, onde a representação literária passa a falar em outras vozes que ecoam outros traumas, mas que acolhem e presentificam esses arquivos traumáticos através da tradução projetando-os para o futuro de suas potenciais interpretações. Assim, o presente trabalho busca discutir a tradução como um dos mecanismos pelos quais o trauma retorna, especialmente através da recomposição de sua representação literária, onde a memória se manifesta de forma intermitente, sendo, portanto, relevante discuti-la enquanto arquivos abertos às diferentes dimensões do tempo.

***Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll na tradução de Ana Maria Machado**

Kelly Cristiane Nunes (UNIOESTE)

Resumo A obra *Alice's Adventures in Wonderland* (1862) de Lewis Carroll foi traduzida em diferentes versões, adaptações e traduções em língua portuguesa. Para esta análise foi selecionada a tradução de Ana Maria Machado, de 1999, relativa ao texto integral da obra, intitulada *Alice no País das Maravilhas*. Essa tradução possibilita o

estudo comparativo dos dois textos e reflexão sobre as relações culturais entre as obras. Observamos que foram criadas equivalências entre os jogos de linguagem da versão original e elementos da nossa cultura. Nosso objetivo é, portanto, estabelecer um estudo comparativo entre as obras, analisar e refletir sobre algumas ocorrências de adaptações na tradução de Machado em comparação com a obra original de Carroll. Além disso, evidenciar trechos das duas obras em que as relações culturais são mais evidentes e a tradução teve que realizar adaptações, para que a leitura se aproximasse da obra original de modo a transmitir a intimidade absoluta com os jogos de linguagem que caracterizam Carroll. A proposta de análise literária, aqui presente, parte dos Estudos da Tradução e da Literatura comparada, para tal, nos pautamos nos estudos de Basnnett (2005), Rodrigues (1999), Carvalhal (1993 e 2006), Coutinho (2003) e Santiago (2000), e, quanto às reflexões sobre a obra contamos com Machado (1999). A análise permite novos olhares para a obra, tão representativa para a Literatura Ocidental, em especial por proporcionar o acesso a essa obra clássica de forma a deixar mais democrática a leitura e, ainda, promover reflexões importantes sobre esse distanciamento cultural.

As experiências traumáticas representadas nos contos “O fato completo de Lucas Matesso” e “O leite em pó da bondade humana”

Maria Genailze de Oliveira Ribeiro Chaves (UFPA)
Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)

Resumo A partir de relações interdisciplinares analisadas nos contos “O fato completo de Lucas Matesso” (1997) de Luandino Vieira e “O Leite em Pó da Bondade Humana” (1983) de Haroldo Maranhão, o presente trabalho visa expor as experiências traumáticas a partir do corpo torturado em ambos os textos. Nesse viés o objetivo do trabalho está em refletir as experiências de traumas depositadas ao corpo após o processo de tortura, em concomitância, de maneira específica encontra-se também um diálogo comparativista entre as obras, o qual compreende-se a ditadura militar no Brasil e o salazarismo em Angola, bem como a literatura de teor testemunhal. Nessa lógica, a pesquisa para se efetuar de maneira eficaz, faz uma abordagem

qualitativa, utilizando-se de estudos bibliográficos desenvolvidos a partir do método da Literatura Comparada. Diante disso, o trabalho encontra-se pautado nos aportes teóricos de Laban (1980), Arns (1987), Bosi (2002), Seligmann-Silva (2003), Kehl (2004), Carvalhal (2006), Subirats (2006), Pires (2007), Foucault (2014), dentre outros. Portanto, a manifestação literária representada pelos contos, no contexto contemporâneo da literatura brasileira e angolana, permite perceber as experiências traumáticas, a violência ditatorial e a resistência por parte dos presos políticos, na qual mostra a atrocidade e a brutalidade sofrida por eles, evidenciando a situação que se encontra o corpo após as sequências de tortura, em que cada autor, a partir da ficção testemunhal elucidam uma realidade que é violada pelo estado, torturando e tirando os direitos daqueles que não se adequavam aos seus princípios opressores. Assim, descortina-se um passado violento que dilacerou a dignidade humana, usando-se de crueldades físicas que vão de atos braçais às máquinas ditatoriais, bem como violências psicológicas.

As variações do mito na vizinhança: disputas políticas sobre a fundação da aldeia Mapuera

Simone Cristina Menezes Martins (UFRJ)

Resumo A pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado e toma noção a etnológica da “boa distância” como princípio político para analisar as duas versões correntes sobre a fundação da aldeia Mapuera do povo Wai Wai (Família Karib), cujas histórias ouvi dos indígenas, as quais se diferem por ocorrer em um determinado tempo da história desse povo um processo de inserção da religião protestante, realizado por um grupo de missionários que lá estiveram no início dos anos 90, o que levou o povo a ressignificar sua cultura e é neste sentido que observei, entre outros aspectos, a divergência entre as histórias de fundação da aldeia. A saber, aquela narrada por indígenas evangélicos e aquela de preferência dos mais resistentes. A perspectiva teórica que se tomará como base será a Análise Estrutural do Mito de Lévi-Strauss, que considera a narrativa mitológica sempre em variações que podem ser comparadas, e da Análise do Discurso Francesa, que leva em conta a deriva histórica dos sentidos

e os operadores que sustentam o processo de significação. Se mostrará como a lógica do mito opera para subverter a possível oposição entre a fala tradicional e a fala cristã, evidenciando as estratégias do discurso indígena e o papel do xamã como grande mediador dos conflitos cosmopolíticos, que, no caso dos povos Karib, são, sobretudo, conflitos vividos entre corresidentes.

Aspectos imagológicos e identitários na tradução interlinguística de obra literária: um estudo de *Mad Maria* para o espanhol

Denni Baia de Souza (UFPA)

Silvia Helena Benchimol Barros (UFPA)

Resumo Aspectos imagológicos e identitários na tradução interlinguística de obra literária: um estudo de *Mad Maria* para o espanhol
 Resumo A presente comunicação tem por objetivo trazer à socialização um recorte da pesquisa maior em curso no contexto do programa de pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia [PPLSA]. O trabalho cria produtiva interface entre os campos da Literatura e da Tradução, considerando que toma como objeto a obra *Mad Maria*, de Márcio Souza (1980). Nossa motivação reside em analisar a tradução interlinguística da referida obra, da língua portuguesa para o Espanhol Europeu por Basílio Losada. Como foco da problematização nos debruçaremos sobre o reconhecimento do “outro” estrangeiro – brasileiro e amazônico – na obra traduzida e o espaço que esta passa ocupar no sistema literário espanhol (LAMBERT, 2011). Os objetivos comportam a análise de diferentes personagens que constroem um mix de nacionalidades a partir de um olhar da literatura de migração (BREND, 2011; COUTINHO 2003, 2004; KRISTEVA, 1994; KRZYKAWSKI, 2013), a identificação e reflexão sobre as traduções de imagens amazônicas (RIBEIRO DE SOUZA, 2005) por meio das soluções tradutórias apresentadas. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, precedida por um estudo exploratório de obras de Márcio Souza, que irá viabilizar a extração de exemplos concretos do texto de partida no português brasileiro, que comparativamente serão contrastados com as traduções em espanhol e analisados sob as perspectivas teóricas dos Estudos da Tradução e da Literatura.

Breve espaço, de Cristovão Tezza: um parcial estudo da tradução para língua inglesa baseado em corpus

Jessica Tomimitsu Rodrigues (UNIOESTE)
Valdeci Batista de Melo Oliveira (UNIOESTE)

Resumo *Breve Espaço* (2013), de Cristovão Tezza, apresenta aspectos estilísticos complexos que entrelaçam a dupla narrativa da obra com o aspecto metaficcional do desaparecimento da falsa escultura do pintor italiano Amadeo Modigliani, num espaço estruturalmente aberto do romance (BAHKTIN, 2002). O presente trabalho propõe-se a analisar sua tradução para a língua inglesa, *Brief Space Between Color and Shade* (2014), de modo a verificar o eco dos aspectos estilísticos do romance supracitados, além de ressaltar traços inerentes a linguagem da tradução (BAKER, 1996), a partir do uso da ferramenta WordSmith Tools. Amparado pelos Estudos da Tradução Baseado em Corpus, a estatística apontou para alta chavicidade da palavra cabeça, o que pode ser explicado pelo engendramento de todas as personagens em torno da falsa cabeça de Modigliani. A não correspondência com o seu par tradutório levou a análise das palavras mais recorrentes, em que pode-se verificar uma menor diversidade lexical na tradução com a razão forma/item (11.89% no Texto Original e 8.38% no Texto Traduzido), cálculo estatístico entre a quantidade de palavras corridas e os diferentes vocábulos usados no enredo, apontando para uma simplificação do romance traduzido. Dessa forma, mapear as ocorrências de cabeça mostrou-se um percurso profícuo para revelar o apagamento de trechos que versam ao fluxo de consciência na tradução, tornando a narrativa mais fluída e menos complexa para o leitor estrangeiro.

Diáspora do corpo: uma abordagem comparada das personagens Esther e Hana

Lucideyse de Sousa Abreu (UFPA)

Resumo A presente comunicação oral é um recorte específico do trabalho de dissertação que ora desenvolvo no programa de mestrado Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA/UFPA no qual me

dedico à abordagem comparada de duas personagens, a saber, Esther de o Ciclo das águas (2010) de Moacyr Scliar, e Hana, de Cabelos de fogo (2010) de Marcos Serruya. Os dois romances retratam a história da migração de mulheres judias para o Brasil no início do século XX, em cujo processo estas revelaram-se vítimas do tráfico de mulheres brancas, popularmente conhecidas como “Polacas”. Essas mulheres, emigraram da pauperização no seu país de origem, a Polônia, sem saber das consequências nefastas com desdobramentos sócio-culturais que enfrentariam na América, envolvendo dificuldades e escravidão. Com estas inquietações, propõe-se com esse recorte da pesquisa, apresentar a análise literária das questões relacionadas às personagens, dando enfoque a temática do deslocamento, fluxo migratório, e do hibridismo cultural. Pontua-se a relevância da metodologia que se refere ao estudo da Literatura Comparada por meio do caráter interdisciplinar. A pesquisa trará duas etapas: a primeira diz respeito aos estudos comparados entre as personagens, e, baseia-se em Machado e Pagueaux (1989) e Pageaux (2011). A segunda parte, tem base em estudos referentes ao judaísmo (BENCHIMOL-BARROS, 2017, 2020; GRUMAM, 2016) e sobre hibridismo cultural (BHABHA, 2007) entre outros referenciais que subsidiarão teoricamente nossas reflexões.

Era uma vez o fim: a morte como elos entre os contos “A menina de lá” de Guimarães Rosa e “As flores de novidade” de Mia Couto

Nana Patrícia Lisboa de Andrade (UFPA)

Resumo Este artigo vem propor uma análise de um recorte temático, a saber: o estudo da morte, ponto focal nas narrativas “A menina de lá”, do livro *Primeiras Estórias* (1962), de Guimarães Rosa e “As flores de Novidade” (1994) na obra *Estórias abensonhadas*, de Mia Couto. Obras escritas dentro de marcos temporais de extrema relevância para se compreender o século XX, destacando-se o período da Ditadura Militar no Brasil e o termino dos conflitos pós-guerra civil moçambicana. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a presença da morte na estrutura das narrativas, funcionando como pontos focais nessas duas obras, por serem um dos variados traços presente dentro das literaturas desses dois ficcionistas analisados.

Justificamos o interesse pelo estudo dos autores Guimarães Rosa e Mia Couto pela aproximação de suas produções estéticas e por possuírem traços culturais fortes, como a língua portuguesa e por ambos os países terem sido colônias de Portugal, é perceptível, dessa forma, uma relação entre suas ficções, sendo assim ambos acabam transmitindo similitudes sociais e históricas, nos contextos supracitados. Por isso, a presente análise compõe-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter comparativista, tomando como base os estudos de Baudrillard (1976); Da Matta (1997), entre outros teóricos pertinentes ao campo de estudo pesquisado.

***Gulliver's Travels* na Perspectiva Adaptada de Clarice Lispector: o leitor infantojuvenil em questão**

Thais Fernandes De Amorim (UFPA)

Resumo Este trabalho objetiva investigar o conteúdo moralizante e satírico presentes na obra *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1735), na perspectiva adaptada de Clarice Lispector (1973-2008), apontando o tratamento que a escritora dá a esses elementos e como um público infantojuvenil daria conta desses contextos. Considerando que as narrativas, históricas ou literárias, constroem uma representação acerca da realidade e essa representação materializa-se no texto, procuramos compreender a recepção desses textos a partir do texto adaptado de Lispector, entendendo que este é uma instância intermediária entre o autor, a adaptadora e o leitor. Para tanto, abordaremos algumas questões teóricas que lidam com a interpretação e recepção do texto literário (JAUSS, 1979), participação do leitor na construção do (novo) texto (ISER, 1999), portanto retextualizado pela adaptação, a partir do desvelar das metáforas (LAKOFF & JOHNSON, 2002) e da interpretação de signos, ícones e símbolos (PIERCE, 2005), uma vez que o texto infantil lida com muitas imagens; bem como um fazer tradutório pautado do princípio da equivalência dinâmica (KADE, 1968), pois que a tradutora recria a função que as palavras poderiam ter na situação do texto de partida. Tal incursão é necessária, pois Lispector retextualiza certas passagens de forma metafórica e não usa ilustrações em seu trabalho (recurso recorrente em trabalhos destinados ao público infantojuvenil). Sabendo então que o texto depende

da disponibilidade do leitor em reunir tudo aquilo que lhe é oferecido e contribui para a constituição de significados far-se-á uma investigação nas pesquisas de literatura infantojuvenil para discorrer sobre quem são esses leitores, bem como nos estudos da tradução/adaptação de literatura infantojuvenil (LATHEY, 2006; OITTINEN, 2006; VENUTI, 1995), considerando que é a esse texto traduzido e adaptado que o leitor infantojuvenil terá acesso.

Interdito, desejo, prazer e dor na poesia latinoamericana de Gilka Machado, Delmira Agustini e Rosario Castellanos

Edina Boniatti (UNIOESTE)

Resumo Nesta comunicação, propomos deslindar o modo como os interditos socioculturais impulsionam uma ação poética reveladora de prazeres e dores na expressão dos afetos, das emoções e do desejo de ser dentro do universo feminino de três poetisas latino-americanas. Utilizando-nos do método da literatura comparada, escolhemos as seguintes poesias para a apreciação analítico-crítica: Particularidades de Gilka Machado, publicada em *Estados de alma* (1917); *Ofrendando el libro a Eros* de Delmira Agustini, publicada em *Cálices vacíos* (1913) e *Presencia* de Rosario Castellanos da obra *Poesía no eres tú: obra poética* (1972). Consideramos que a poesia, como destaca Croce (2001), é composta por imagens e por um sentimento que anima essas imagens. Assim, torna-se fundamental que, na exegese, volte-mos para a compreensão dos recursos sonoros, visuais e verbais, afim de interpretar os efeitos de sentido resultantes da escolha poética plasmada. Também são importantes para abarcar a temática abordada os estudos sobre o erotismo de Georges Bataille (1987), os estudos psicanalíticos de Jaques Lacan (2008) e de Maria Inês França (2012) acerca da estética e da ética do desejo. É essencial frisar que a importância desse estudo se dá pela necessidade de – ao recuperar vozes líricas de mulheres que cindiram as barras prisionais ideológicas limitadoras de sua ação no passado – refletir sobre a persistência de estruturas de pensamentos e sentimentos repressoras e buscar romper com uma visão de história única, cujas experiências do tempo, do espaço, da política, da cultura, da intelectualidade, da corporeidade, da sexualidade, entre outros, ainda traga em suas entranhas

a forte marca ideológica do sistema social patriarcal. É necessário, pois, se pensar sobre a relevância do papel que essas mulheres assumiram ousando arrostar o interdito patriarcal e ampliando os espaços para se pensar sobre a categoria sujeito e dar voz à pluralidade e a novas configurações socioideológicas.

Literatura indígena brasileira: a resistência e o protagonismo dos povos originários na poética de Márcia Wayna Kambeba

Rosely Sobral Gimenez Polvani (UNIOESTE)

Franciele Lucia Libardi (UNIOESTE)

Resumo A partir de uma perspectiva recepcional, este trabalho objetiva apresentar uma proposta de leitura da lírica indígena de Márcia Wayna Kambeba como forma de valorizar a cultura desses povos originários e os símbolos de sua resistência ao desaparecimento imposto pelo branco colonizador. A importância da poesia como ferramenta de conhecimento de si e do mundo é reconhecida por diversos estudiosos, principalmente se considerarmos o fato de a escola não dar destaque ao trabalho com a poesia nas atividades de Língua Portuguesa, pendendo para os textos prosódicos que acabam privando os alunos de uma experiência lírica, cuja potência pode ser aqui-latada na afirmação de Benedetto Croce (1997, p. 162), quando o autor afirma que “a poesia é tão importante e útil ao nosso espírito, pois se assemelha ao raio de sol, nos livrando da escuridão”. Desse modo, a pesquisa exploratória ora em tela, de natureza aplicada, que adota como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, ancora-se nas teorias de Risério (1993), Dorrico et al. (2018), Kambeba (2020), Iser (1999), Jauss (2002), Santos (1997) e Croce (1997). Como resultado, apresenta-se a valorização da história e cultura indígena da etnia kambeba ampliação das habilidades de ler poesia dos alunos das séries finais do ensino fundamental.

O fogo na mitologia indígena: um olhar sobre o discurso mítico e sua figuração narrativa

Valdirene Aparecida Cotta (UNIOESTE)

Luciana Aparecida Bravim Macarini (UNIOESTE)

Resumo As mitologias indígenas das etnias guarani e karamari, assim como as demais etnias de povos indígenas, manifestam em suas mitologias as inquietações e questionamentos a respeito das condições de possibilidade da existência humana dentro da cosmovisão indígena. Para esta comunicação, foi escolhido o mito do roubo do fogo, tanto dos povos guaranis quanto do povo karamari. Logo, consideramos apresentar uma análise interpretativa sobre a forma como essas etnias lidam, por meio das linguagens imaginária e simbólica, com as complexidades que são inerentes ao ser humano; entre elas: ambição, inveja, persistência e coragem. Para tanto, buscamos aporte teórico na literatura comparada tendo como base Carvalhal (2006) e Nitrini, (2000); e, para fundamentar as análises e as discussões sobre do estudo proposto, apoiamo-nos nas ideias de Elied (1972), Lévi-Strauss (2010), Clastres (1978), Benjamim (1987), Nimuendaju (1987) e Greimas (1975). As narrativas selecionadas para este estudo nos levam a refletir sobre a ligação direta ou indireta do discurso mítico com a realidade empírica, tendo como destaque o fio temático do “fogo” e as tramas que envolvem a luta pela conquista de tal elemento, bem como as representações simbólicas de uma cultura submersa no imaginário indígena que, mesmo após milhares de anos, mantém-se viva, sendo transmitida pela oralidade de uma geração para outra.

“Samba”: uma análise literária discursiva do conto de Castro Soromenho

Josiane Valcarenghi Ribeiro Nantes (UNIOESTE)

Resumo: O presente artigo discute o conto “Samba” (1958), de Castro Soromenho, em que retrata a mulher negra escravizada que está à disposição de seus donos para ser vendida em feiras a homens interessados em sua condição de trabalhadora na terra e fonte de novos

escravos. Um conto que apresenta a crueldade com que jovens mulheres negras eram expostas como objetos em um mercado e, assim como uma mercadoria que não atendia as expectativas de seu comprador, deveriam ser descartadas, porém, o que mais chama atenção nesta reflexão é que o comportamento social estava posto, aceito e reafirmado pelos sujeitos sociais envolvidos, demonstrando, assim a presença da Ideologia e do Inconsciente na constituição dos Sujeitos da área geográfica retratada. A análise do conto, em especial da personagem Samba, percorrerá os preceitos teóricos da Análise do Discurso, atendo-se as questões de Ideologia, Sujeito e Inconsciente, com a proposição de estabelecer uma relação da teoria conceituada por Louis Althusser (1970 e 1985), com o conto elaborado por Soro-menho (1958), utilizar-se-á do texto de Pascale Gillot (1985) como suporte para entendimento dos estudos de Louis Althusser, dialogando ainda com questões propostas por Frantz Fanon (2020) e Conceição Evaristo (1998). A investigação se dará de forma analítica/comparativa a partir da “vivência” da personagem como ratificação dos conceitos da Análise do Discurso anteriormente citados.

“Shirley paixão” e “Morre desgraçado”: a maternidade como força motriz contra a violência patriarcal

Rafael Francisco Neves de Souza (UNIOESTE)

Resumo A presente comunicação propõe uma análise comparada do papel atribuído à maternidade – considerando a maternidade como um dos poucos mitos favoráveis à mulher dentro da ordem patriarcal – e à condição de mãe figurados nos contos “Shirley Paixão”, presente em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo e “Morre desgraçado”, do livro *Pão e Sangue* (1988), de Dalton Trevisan. Nos dois contos, a figura e a condição da mulher ficam obnubiladas no papel de mães e, mesmo no papel de mães, ambas as personagens vivem acossadas pela violência conjugal, expondo, para além da vida vivida pelas personagens, a violência cotidiana sofrida pela mulher brasileira dentro da própria casa. Em ambos os contos, a força de mãe prevalece como a força motriz de enfrentamento do risco de estupro e de morte, sendo a alternativa de sobrevivência da qual ambas as personagens se valem, na condição de mães, para

enfrentar e se contrapor aos seus algozes. Para fomentar a discussão teórica, utilizamos como aporte teórico os estudos de: Elisabeth Badinter (1980), Mary Del Priori (1993), Cristina Stevens (2005), Erich Neumann (1999). Como resultado de análise, foi possível apontar nos dois contos a violência e a reificação impostas à mulher das classes subalternas, obrigada a se submeter a condições aviltantes dentro da vida social brasileira, estruturada dentro das convenções patriarcais.

Tradução e predação, modos de familiarizar o outro

Fernando Alves da Silva Junior (UFPA)

Resumo O plano de trabalho desta apresentação discorre sobre o ponto que comunica a tradução ao xamanismo, em outras palavras, consiste em pensar a tradução como predação familiarizante. A discussão teórica passa pelo perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro e, principalmente, pelas considerações de Carlos Fausto sobre o aparentar-se nas Terras Baixas da América do Sul. É nesse eixo de argumentação que Fausto cria parâmetros para a sua ideia de a alimentação é um aparelho de produção de corpos familiares. Na perspectiva dos humanos, a predação é a caça que os animais enxergam como guerra, já a predação dos animais é a guerra que os humanos enxergam como doença, por isso que toda doença é transformação somática. O elemento que permite a existência de uma predação familiarizante é o corpo (indígena), um corpo que pode ser construído socialmente por meio da alimentação e das trocas de fluídos corporais. Se na concepção ocidental o corpo pode ser encarado como uma fronteira (Grenze) que separa o Mesmo do Outro, na concepção indígena ele é um limiar (Schwelle). É pelo corpo que o exterior passa ao interior. O modo de vincular o exterior ao interior passa por essa produção de parentesco que expandimos para o processo de tradução tendo como objeto de argumentação o caso do wãwã Ikolen Alamãa presente na obra Couro dos espíritos de Betty Mindlin. O xamã Alamãa se envolveu tão completamente com os espíritos dzerebãï (Outro) que acabou ficando louco nas mesmas condições em que Hölderlin enlouqueceu ao se entregar completamente às traduções de Sófocles (Outro). Diante de duas realidades, aproximar-se intensamente ao outro é um vetor seguro de esquecimento da realidade primeira,

culminando em uma identificação com o estrangeiro, é esse o risco compartilhado pelo xamã e pelo tradutor.

Uma leitura comparada dos cães de Jack London: do épico ao naturalista

Lucas Andre Berno Kolln (UNIOESTE)

Resumo Ao longo de sua vasta obra ficcional, foram várias as ocasiões em que Jack London fez com que cães protagonizassem e narrassem suas histórias. Interessam-me aqui dois romances em que ele lança mão desse recurso: O chamado selvagem (*The call of the wild*, 1902-1903) e Caninos Brancos (*White Fang*, 1905), pois é neles que podem se verificar mudanças filosóficas, políticas e estéticas cruciais na vida e na obra do escritor. Os personagens caninos possibilitam a construção de um prisma oblíquo em relação aos homens, criando um “outro” artificial que London aplica como método de exploração de questões históricas com as quais era confrontado, articulando leitura política e usos estéticos. A despeito dos artifícios narrativos comuns, o sentido com que são manejados é bastante diferente: na primeira tendente à narrativa épica, na última ao romance naturalista. Considerando que as primeiras décadas do século XX foram momento decisivo na história dos Estados Unidos, sobretudo por conta da consolidação do capitalismo monopolista, e dado o envolvimento do escritor com essa mudança na condição de trabalhador e militante socialista, o objetivo aqui é compreender como o escritor se valeu dos cães como recurso literário nessas diferentes ocasiões, pensando-os simultaneamente em termos de função literária e significação histórica (e vice-versa).

Xicoténcatl (1826): o primeiro romance histórico latino-americano

Jorge Antonio Berndt (UNIOESTE)
Leila Shai Del Pozo González (UNIOESTE)

Resumo Nesta comunicação, analisamos a interseção entre o primeiro romance histórico latino-americano e a modalidade clássica do

romance histórico, por intermédio da comparação dos discursos narrativos de *Xicoténcatl* (Anônimo, [1826] 2020) e *Ivanhoe* (Scott, [1819] 1994), com o intuito de identificar, além da função do romance mexicano no interior da tradição do gênero, no século XIX ocidental, o modo pelo qual as suas imagens poderiam se articular ao polissistema da língua portuguesa, em sua primeira tradução brasileira, publicada em 2020, no âmbito do grupo de pesquisa Resignificações do Passado na América. Para cotejar os romances históricos, desde a visada de Lukács (2011), Márquez Rodríguez (1991) e Fleck (2017), utilizamos os preceitos metodológicos da Literatura Comparada, segundo as discussões de Coutinho (2003) sobre o sentido e a função da disciplina, e epistemológicos da Tradução, na visão polissistêmica de Martins (2011). A fim de contemplar as especificidades de ambos os relatos, empregamos, ainda, as concepções expostas por Genette (1972) a respeito do discurso da narrativa, notoriamente as relações temporais entre a história e a diegese, as determinações ou modalidades do conteúdo apresentado e a maneira pela qual as narrativas se encontram implicadas nas narrações. Deste modo, constatamos que a obra de autoria anônima, ademais de romper com os parâmetros escriturais, intencionais, motivacionais e ideológicos elementares da modalidade clássica scottiana do romance histórico, no século XIX, poderia ampliar, mediante a sua transposição ao espaço socio-cultural do Brasil, as possibilidades de resignificação e descolonização do passado na literatura do continente americano.

Simpósio 39**Literatura de autoria e de expressão amazônica:
diálogos com a literatura mundial**

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR)

Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR)

Resumo O debate sobre a Amazônia, nos mais variados campos do saber, se intensificou no último século. Termo cercado de exotismo, equívocos e inexatidões, mesmo do ponto de vista físico-geográfico, a Amazônia é geralmente enunciada como sinônimo da Região Norte do Brasil, mas abrange outras regiões, se fazendo presente em Estados do Centro-oeste e Nordeste brasileiro, para além dos países fronteiriços, que concentram parte considerável de sua área. A porção brasileira da Amazônia chamou a atenção do mundo inicialmente durante a Revolução Industrial, funcionando como a maior fonte de matéria-prima de borracha, que supria as demandas das fábricas inglesas, que então começavam a operar (FILHO, 2015, p. 330). No governo de Getúlio Vargas, a chamada “colonização da floresta” passou a ser vista como estratégica para os interesses nacionais, na chamada “Marcha para o Oeste”. Desde então, em busca de diferentes el dorados, a região passou por vários boons migratórios, com impactos diversos. Entretanto, apesar de todo o tempo transcorrido, a Amazônia ainda é um espaço cujos limites e definição permanecem em constante remanejamento, obnubilando-se no imaginário nacional como o céu da floresta, via de regra encoberto pelas densas nuvens que sacodem os aviões que a sobrevoam, ou envolta na escura fumaça das queimadas. Vítima dos factoides propagados nas redes sociais e do criminoso descaso governamental, a Amazônia brasileira voltou à berlinda e às manchetes dos noticiários do mundo inteiro. Euclides da Cunha (1999) já declarara que a Amazônia esteve por muito tempo à margem da história, ressaltando que os interesses nacionais e internacionais estavam muito mais voltados para as potencialidades naturais da biodiversidade da fauna e flora amazônica, do que para o homem da região e sua cultura. Nesse sentido, estamos de acordo com Ana Pizarro (2006, p. 98-99), quando defende que o espaço amazônico não existe somente como reservatório de diversidade biológica, mas consiste também em receptáculo cultural

e fonte da construção de parte dos modos de seu imaginário. É sobre a literatura aí produzida, em seu discurso construtor/problematizador das imagens formadas acerca do que é a Amazônia (ou Amazonas), de suas relações com o resto do continente, e com o mundo, que optamos por dar destaque a olhares que tratem sobre a Amazônia complexa, abordada por Djalma Batista (2007), na perspectiva do paradigma da complexidade de Morin (2015) e residual conforme as orientações de Pontes (1999, 2020), além de estudos que se estabelecem com o diálogo entre diferentes épocas e espaços acerca da literatura e da cultura híbrida amazônica. Ao pensar em literatura de autoria ou de expressão amazônica, reconhecemos que, na literatura produzida na(s) e sobre a(s) Amazônia(s), se entrecruzam e se entrec chocam duas percepções fundamentais, intensificadas pelos litígios atuais: de um lado, uma Amazônia risonha, que acena com a possibilidade do achamento do El dorado de riquezas infindáveis; de outro, a imagem terrificante do “inferno verde”, da selva que destrói corpos e ânimos de quem tenta dela tirar seu sustento; perspectiva nascida dos relatos dos viajantes, que ganhou corpo na propaganda institucional dos governos militares, sobretudo a partir do programa de interiorização getulista, que afirmava “O destino brasileiro no Amazonas”, plasmando em definitivo o imaginário nacional a ideia de que a apropriação capitalista mais intensiva e predatória da floresta é o passo que falta para alçar o Brasil à condição de nação superdesenvolvida. É a Amazônia de el dorados e muiraquitãs, largamente representada pelas expressões literárias locais e nacionais, em obras clássicas ou contemporâneas, como também na poética oral das inúmeras comunidades indígenas da região. A segunda visada, frequentemente nascida da experiência do migrante, se solidifica nas obras que tratam especificamente da vida na região amazônica e que elaboram a expressão poética mais conhecida do que é a Amazônia e o que significa viver ali, como em *A Selva*, de 1930, de Ferreira de Castro, ou em *Inferno Verde*, de 1908, de Alberto Rangel, como explora Synésio Filho (2001), a título de exemplo. Em um contexto histórico em que são retomadas explicitamente práticas que prescindem de qualquer projeto de desenvolvimento sustentável para a região e em que os flagrantes de desrespeito aos direitos mais fundamentais dos povos indígenas e demais comunidades tradicionais se multiplicam, é urgente a intensificação deste debate. É, pois, diante desse complexo cenário histórico (teórico e crítico) que propomos este Simpósio para

pensar a literatura de autoria e de expressão amazônica, da literatura produzida na(s) e sobre a(s) Amazônia(s), com ênfase às propostas que a focalizem em diálogo com a literatura mundial. Portanto, serão acolhidos trabalhos na seara da literatura comparada, da teoria da literatura, da história da literatura, dos estudos culturais, das relações entre literatura e cinema, da complexidade e da residualidade literária e cultural, do ensino de literatura, do letramento literário, desde que centrados no contexto da Amazônia, nas suas literaturas escritas, orais, poéticas indígenas e ribeirinhas.

A Amazônia em Elizabeth Bishop

Adriana de Souza Jordão Gonçalves (UERJ)

Resumo Elizabeth Bishop, poeta estadunidense que viveu no Brasil por quase duas décadas, realizou sua única viagem à Amazônia em fevereiro de 1960, encontro que afetou profundamente seu imaginário poético e deu frutos em prosa e poesia. Seu fascínio pela região já se mostrara muito antes de embarcar no Lauro Sodré em Manaus e navegar rio abaixo rumo a Belém e permaneceria até sua morte em 1979. Leituras como o livro *Amazon Town*, do antropólogo Charles Wagley, já traziam à poeta a zona de contato entre culturas que instigava sua escrita, aumentando seu desejo por uma experiência empírica que a transformasse de turista em viajante, aprofundasse suas observações desta outra cultura que se misturava à trazida quando desembarcara no Brasil em 1951. Esta comunicação busca explorar o tema do trânsito de um viajante em fluxo, em aprendizado no contato do eu com o outro, o arco de mudança do sujeito e do poeta sempre em movimento, representado em três momentos da obra de Elizabeth Bishop refletindo a Amazônia: “The Riverman”, traduzido para o português como “O Ribeirinho” e escrito antes de sua viagem à região na voz de um homem da Amazônia que deseja se tornar um curandeiro; “Santarém”, iniciado logo após a viagem e concluído em 1978 quase duas décadas após a viagem; e “On the Amazon”, poema inacabado e publicado postumamente, em 2007.

A aventura existencial dos crótons

Márcio Camillo da Silva (UFAM)

Resumo Esta comunicação tem o objetivo de analisar e interpretar o conto “A aventura dos crótons” do livro *Alameda* da escritora amazonense Astrid Cabral e publicado no ano de 1963. Para essa análise, utilizaram-se temas e conceitos da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e de Gerd Bornheim. A comunicação explora a relação entre filosofia e literatura. No plano narrativo, os crótons habitam o alto de um elevado, onde vivem na natureza selvagem. Conseguem perceber que no plano inferior de onde estão há a moradia dos homens, com suas casas e jardins geométricos. De uma maneira inesperada, desejam descer a esse plano por causa dos cheiros que os ventos trazem, mas não conseguem ir por causa de suas raízes, até que um dia a chuva os arranca do chão e os conduz “perambeira” abaixo. No plano filosófico, analisa-se o despertar da consciência dos crótons a partir do momento que compreendem a diferença entre o lugar em que estão e o lugar para onde desejam ir. Essa explicação da consciência é dada à luz dos conceitos sartreanos de ser-em-si e ser-para-si. Junto a esses conceitos, abre-se a discussão da diferença entre o sentido do tempo dos crótons na floresta e o tempo depois que ocorre o desejo. Essa atitude inicial dos crótons é interpretada como um despertar filosófico, já que, para Gerd Bornheim, há três atitudes básicas para todo filosofar: a admiração, a dúvida hiperbólica e a insatisfação moral. Centrando-se na atitude da admiração, chega-se a dois outros conceitos importantes: a distância e a heterogeneidade. Depois do despertar da consciência onde está, os crótons vão ser definidos pelo projeto de saírem dali. No fim, faz-se uma oposição entre a voz do narrador e as vozes dos crótons no sentido de que o narrador não interpreta adequadamente o acontecimento da descida dos crótons.

A construção da rodovia Transamazônica (BR 230) em 1970 e suas representações literárias

José Valtemir Ferreira da Silva (UFPA)

Resumo Em 16 de junho de 1970 o general-presidente Emílio Garrastazu Médici assinava o decreto nº 1.106 que estabelecia o Programa de

Integração Nacional – PIN que, entre outros encaminhamentos, deliberava a construção da rodovia Transamazônica (BR 230). Anunciada pelo governo como uma grande obra de/para integração nacional, pretendia-se trazer milhares de pessoas para Amazônia mediante a implantação da colonização as suas margens. Com o referido anúncio e o concomitante processo de construção e colonização, a rodovia foi destaque no cenário nacional na década de 1970 e além de ser fonte de pesquisa durante e após a sua consecução, assunto principal de jornais, revistas e de trabalhos acadêmicos, foi também inspiração e tema para obras da literatura nacional, como: *Tempo de estrada – 20 poemas da Transamazônica*, coordenado por Walter Duarte de 1972; *Transamazônica* (Brasil, 1970 – Momento histórico) de Consuelo Belloni, publicada em 1973; *A Transa Amazônica* de Odette de Barros Mott, publicada em 1973, *Dois Meninos na Transamazônica* de Margarina Ottoni, publicada em 1973; *Missão Secreta na Transamazônica* de Francisco de Assis Brasil, publicada em 1991; *A Ponte Sobre O Tuerê: Drama na Abertura da Transamazônica* de John Coningham Netto, publicada em 2000; entre outras. Assim sendo, ao catalogar e inquerir essa literatura, observa-se especificidades e características próprias de uma produção literária que não se omitiu de ambientar fatos, visões, otimismo e pessimismos de uma grande obra que atravessou a floresta amazônica nos primeiros anos da década de 1970. Desta forma, propõe-se apresentar esta produção literária que é fonte de análise de minha pesquisa de doutorado e remeter a apontamentos preliminares, as suas especificidades e vinculações com as demandas da construção da rodovia, visto que essa abordagem com foco na literatura manteve-se ausente nas pesquisas acadêmicas que se voltaram a esse empreendimento governamental ao longo dos anos.

A internacionalização da obra de Milton Hatoum: recepção e difusão na França

Tamiris Tinti Volcean (USP)

Resumo Milton Hatoum é um dos escritores da literatura contemporânea brasileira mais traduzidos na França. Até o presente momento, três de seus romances publicados já foram traduzidos e publicados em território francês, sendo eles: *Récit d'un certain Orient*

(1993), *Deux Frères* (2003) e *Orphelins de l'Eldorado* (2010). Diante desta expressão considerável no cenário internacional, este trabalho tem como objetivo estudar a difusão, tradução e recepção da obra deste escritor manauara pelos leitores e pela crítica francesa. Levando-se em consideração os processos de internacionalização da literatura brasileira contemporânea, este trabalho apresenta, ainda, a proposta de expandir a análise para além do objeto de pesquisa, investigando também o sistema receptor, sendo este o campo literário francês (BOURDIEU, 2002), a partir do trânsito da literatura periférica para uma posição central, conceitos estes descritos por Pascale Casanova, em *A república mundial das letras* (1999). Intenciona-se, sobretudo, adotando como caminhos metodológicos a pesquisa documental, a análise do discurso ancorada às hipóteses receptivas descritas por Jauss (1994), identificar e compreender o impacto da tradução dos romances de Hatoum na difusão da cultura brasileira e na construção da identidade do sujeito brasileiro no imaginário francês. Para o desenvolvimento desta análise, especificamente, foram selecionados três artigos de recepção publicados em veículos franceses, sendo eles: *Sur le roman Récit d'un certain Orient* (2000), de Michel Riaudel, *Rêves et ruines sur l'Amazonie* (2010), de Eleonore Sulser e *L'Amazonie pour tout horizon* (2010), de Jean-Pierre Langellier. Dessa forma, a partir deste recorte da crítica francesa, pretende-se compreender e definir os aspectos centrais da internacionalização da literatura brasileira contemporânea, mais especificamente quanto ao processo de recepção das narrativas amazônicas que se afastam da exportação de uma imagem regional e exótica, que é o caso dos enredos dos romances de Milton Hatoum supracitados.

A Lenda Amazônica de Tainakã e *The wife of Bath's tale*: um diálogo comparativo

Márcio Azevedo da Silva (UnB)

Resumo A proposta desta Comunicação é promover um diálogo a partir da Literatura Comparada, entre a Lenda Amazônica do povo Karajá chamada Tainakã e o conto de Geoffrey Chaucer “The wife of Bath's tale”, contido no livro *The Canterbury Tales*. De acordo com a narrativa da lenda, existiam duas irmãs da tribo Karajá. A mais velha

se chamava Imaherô, enquanto a mais nova tinha o nome de Denaquíê. Certo dia, uma linda estrela reluziu nos céus da aldeia, claridade que chamou a atenção das cunhãs, que imediatamente seguiram seu rastro, o que as conduziu até as margens do rio. Ao chegarem ao local, a grande estrela se apresentara como um guerreiro. Imaherô imediatamente aproximou-se com o desejo de desposá-lo, entretanto, ao ver a face do pretendente, percebeu que se tratava de um homem velho, o que gerou uma perda de interesse, porém, Denaquíê ofereceu-lhe o seu amor, o que foi aceito pelo guerreiro. Após um mergulho no rio, Tainakã propiciou o surgimento de várias sementes que viriam a servir de alimento para os índios Karajá. No retorno, seu rosto se tornou jovem, e o velho guerreiro rejeitado por Imaherô, encontrou seu amor na irmã. Por outro lado, no conto “The wife Bath’s tale”, de Geoffrey Chaucer, uma senhora idosa tem a resposta que pode salvar a vida de um cavaleiro condenado à morte, no entanto, a mulher apenas revelaria o segredo mediante a um compromisso firmado de que ao ter sua vida poupada, retornaria para casar-se com ela. O homem fez uma cara de rejeição, por conta da aparência envelhecida de sua pretendente, mas não tinha escolha. Ao retornar e aceitar a proposta, a velha tornou-se uma bela mulher. A aproximação das obras potencializa a ideia de redimensionar a produção amazônica para além do que se concebe por literatura regional.

A questão indígena e a necropolítica em narrativas da Amazônia roraimense

Huarley Mateus do Vale Monteiro (UERR)
Thyelly Castro e Silva

Resumo Este trabalho analisa como as narrativas literárias produzidas em Roraima apontam as questões indígenas e replicam os efeitos a Necropolítica. O corpus a ser observado perpassa por *A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão norte do Amazonas* (1976), *Dadá Gemada-Doçura-Amargura: o romance do fazendeiro de Roraima* (1980), *Exaltação ao Verde: Terra – Água – Pesca* (1984), *Nará-Sué Uarená: o romance dos Xamauteretes do Parima* (2012) de Nemê Macaggi; *A queda do céu* (2015), de Davi Kopenawa e Pantom Pia’ (2019) de Davi Fiorotti. O objetivo é sistematizar uma análise discursiva tendo

por referência a ‘política de morte’, necropolítica, enquanto elemento presente na ficcionalidade, mas que também reverbera vivências contemporâneas dos povos indígenas da Amazônia roraimense. O referencial teórico ganha sustentação em pensadores como: Foucault (1996; 2008), Agamben (2002, 2007), Do-Vale-Monteiro (2018), Sarmiento-Pantoja (2011), Mignolo (2008) entre outro/as. Nesse viés reflexivo, elaboro formulações sobre o entendimento de Biopolítica discutida por Foucault (1988; 1996; 2000) cujas reflexões ganham força nos trabalhos de Mbembe (2016), em que o poder do soberano atua como Necropoder. O alcance desta prática de poder replica no campo artístico e as narrativas literárias produzida em Roraima não ficam fora desse debate. As reflexões conclusivas registram que o entendimento de Necropolítica contribui significativamente para uma discussão sobre como o texto literário replica as diferentes formas de poder e resistência.

A violação dos corpos femininos: a mulher e a floresta na obra de Maria Macaggi

Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR)

Resumo Os romances amazônicos de Maria Macaggi reiteram a precariedade da condição feminina nos espaços altamente permeados pelo machismo, caso das regiões de garimpo da Amazônia dos anos 40 a 80 do século passado, em enredos eivados de misoginia. Se por um lado é exagero sugerir que a escritora se inscreva no rol das autoras feministas de sua época, por outro é inegável sua preocupação com questões de gênero tão relevantes quando dolorosas: em todas as narrativas ocorrem estupros, descritos de forma nauseantemente explícita. Essas situações extremas nas narrativas são muitas vezes exploradas de forma aparentemente superficial, sem repercussões evidentes na psique das personagens, ao mesmo tempo em que quase sempre são determinantes para a construção dos enredos, sendo muitas vezes os gestos de violação dos corpos femininos pontos de ruptura ou de reviravolta nas narrativas. Mas mesmo este silenciamento é revelador de uma condição e de um espaço (a violação da floresta através do garimpo) em que a violência contra a mulher é quase institucionalizada e fortemente naturalizada. Dentro desse contexto,

nosso trabalho visa apresentar um panorama das representações das diversas questões de gênero plasmadas na obra de Macaggi, nos detendo especificamente nas relações atinentes à construção do lugar do feminino dentro dos vários espaços amazônicos: do “útero” por vezes inóspito da floresta, do qual as personagens indígenas femininas são frequentemente “abortadas”; passando pelo silenciamento frequente das mulheres “brancas”, que “desaparecem” através da adesão completa à identidade masculina em função da sobrevivência (a personagem que se traveste de homem para não ser violada), ou que se matam pela impossibilidade de existir plenamente em espaços masculinos e violentos; até as personagens que, violadas, cedem seu protagonismo para as personagens masculinas “menores”, mesmo nos romances que têm seus nomes como título. Nosso corpus teórico englobará autores como Bourdieu e Butler.

Análise do romance *Afonso contínuo, Santo de Altar* de Lindanor Celina segundo o conceito de “entremeagem”

Gleice do Socorro Bittencourt dos Reis (UFPA)

Resumo O conceito de entremeagem ligado à literatura de expressão amazônica diz respeito ao hibridismo entre o “local” e o “universal” e também está intrinsecamente relacionado ao conceito de identidade que, por sua vez, conecta-se com o de alteridade, pois, segundo FERNANDES (2004) quando um dado grupo necessita afirmar sua identidade é por que se sente ameaçado pelo “outro”, pelo “estrangeiro”, pelo “diferente” ou quando se necessita demarcar politicamente o território frente ao “outro”. dentro dessa discussão o mais importante não é identificar se uma dada literatura possui um caráter regional ou não, mas sim o quanto existe de “entremeagem” entre o local e o universal inaugurando um novo discurso, mais dialético, que abre espaço para vozes e alteridades que expressam o local, mas que são capazes de alcançar vozes e alteridades universais. O caráter universal de uma obra literária é garantido quando o leitor, qualquer que seja seu “tópos”, é capaz de se reconhecer, ou seja, quando há temas reconhecíveis e legíveis a qualquer alteridade ao redor do mundo, pois o que garante o caráter universal de uma obra, são os dramas humanos, as questões sociais, os sentimentos, ou seja, aquilo

que é próprio da humanidade, os chamados temas universais, que serão compreendidos por leitores do mundo todo. Nas obras de Lindanor Celina que possuem ambientação em paisagens amazônicas, encontramos interseções muito importantes com o conceito de “entremeagem” proposto por Fernandes, como, por exemplo, no livro *Afonso contínuo, Santo de Altar*. Assim, os dilemas existenciais experimentados pelo personagem principal, impulsiona a reflexão sobre como se dão as relações de poder dentro das sociedades capitalistas, as diferenças sociais, os conflitos de interesses, portanto propõe-se neste trabalho a utilização do conceito de entremeagem como categoria capaz de identificar a ressignificação das ordens morais e éticas envolvidas.

Antes o herói não existia: a contemporaneidade da figura heroica dessana

Jandir Silva dos Santos (UFAM)

Resumo Em “Antes o mundo não existia: Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã” (2019), Tolamã Kenhíri e Umúsin Panlôn Kumu procuram registrar o ciclo mítico de seu povo sob sua própria perspectiva, em aberto desafio contra o olhar colonial. Ao fazê-lo, afirmam o que Dalcastagne (2012) chama de território contestado, retomando o direito sobre suas narrativas originárias, afastando-se das amarras impostas pelas óticas externas, em um projeto cujo objetivo é garantir a sobrevivência de suas tradições. O trabalho de Kenhíri e Kumu é o foco de Krüger (2011), que resgata essas mesmas narrativas a partir do mito de criação dessana e do papel desempenhado por uma personagem indispensável a qualquer ciclo mítico narrativo: o herói civilizador. Tal figura não é única da tradição dessana, encontrando paralelos infinitos em outros personagens mitológicos como o Zeus grego, o celta Lugh e o próprio Jurupari guarani; então, no que consistiria sua contemporaneidade? Mais uma vez, Dalcastagné adentra a discussão, enfatizando a tendência pós-moderna da expressão de vozes então subalternas, na tentativa de socialização de identidades historicamente marginalizadas. Embora uma figura tradicional, o herói civilizador dessana, papel desempenhado por Gain pañan, uma criatura híbrida de homem e periquito, reforça um argumento

contemporâneo de expressão identitária, que encontra na literatura espaço propício para a contestação do imaginário europeu erguido sobre os povos nativos brasileiros.

Da Literatura da Amazônia: o domínio da letra sobre a voz

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja (UFPA)
Luís Heleno Montoril Del Castilo (UFPA)

Resumo A literatura da Amazônia ainda é marcada pelo domínio da letra sobre a voz. Cicatriz que remonta às primeiras incursões colonizadoras. Violada a nação indígena em sua história, seus mitos e suas narrativas, foi pelo olhar estrangeiro que se construiu a visão sobre cultura nativa. A partir do discurso presente nas crônicas de viajantes como André Thevet e Jean Léry, ou ainda dos poemas de José de Anchieta os rituais indígenas foram contados, construindo para o mundo que intitulou-se civilizado ao imaginário do homem selvagem. A poética que atravessava essa cultura foi enquadrada às escrituras desses correspondentes, em narrativas que se fixaram a partir da sonegação de uma voz. A partir dos estudos das obras de Paul Zumthor em *Introdução à poesia oral* (2010), *A letra e a voz: “literatura” medieval* (1993) e Alfredo Bosi com *a Dialética da Colonização* (1992), este trabalho compara as crônicas dos viajantes ao poema *Dos feitos de Mem de Sá* (1070), de José de Anchieta, bem como o ensaio *Dos Canibais* de Michel Montaigne para compreender a ideologia da sacralização da letra e como o seu domínio sobre a voz influenciou a formação da e sobre a Literatura da Amazônia. Traz-se ainda o poema *Falação* (1971) de Oswald de Andrade como um eco dessas vozes.

Dalcídio Jurandir: Marajó não é o centro do mundo

Marlí Tereza Furtado (UFPA)
Regina Barbosa da Costa (ESMAC)

Resumo Ao iniciar a produção e publicação do ciclo romanesco denominado Extremo Norte, com o romance *Chove nos campos de Cachoeira*, em 1941, o marajoara Dalcídio Jurandir (1909/1979) quebrou

a protagonização da selva na literatura que figurava a Amazônia, o que poucos autores haviam realizado até então. Além de se utilizar de técnica inovadora, como a análise mental, o monólogo interior, muitos recuos temporais, Jurandir localiza a saga do menino Alfredo, filho de mãe negra e de pai branco, personagem central do ciclo, entre os anos vinte e trinta do século passado, com retrospectivas a dados e fatos anteriores a essa década. Chama a atenção, nessa primeira obra do ciclo, como nas demais, o número de textos citados, ou referidos, ou amalgamados ao enredo das obras, caso do “rimance de dona Silvana”, associado à trama de uma personagem da obra Marajó, por exemplo. Esse entrecruzar de textos que perpassam o ciclo (composto de dez obras) demonstra o leitor Dalcídio Jurandir, que, antes de escritor, se iniciara jornalista e crítico literário para periódicos. Nosso propósito, neste texto é analisar o entrelaçamento da voz do crítico literário, com a voz do narrador e com a voz de personagens leitores, nos três primeiros romances do ciclo, a saber: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), para demonstrar que a obra de Dalcídio Jurandir, de forte conotação social, apesar de focalizar, nesses primeiros romances o espaço marajoara, amplia a percepção desse espaço ao leitor ao se abrir para a recepção de obras de diferentes gêneros e nacionalidades. Diferentemente de seus antecessores que dialogavam com Euclides da Cunha e viajantes estrangeiros, demonstrando cientificidade, Jurandir cita textos literários e textos da tradição oral para realçar o caráter romanesco de sua saga.

Entre a língua e o texto, o estilo: análise estilísticas de narrativas amazônicas

Hercilaine Virgínia Oliveira Alves (UFAM)
Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)

Resumo A presente pesquisa consiste em uma análise comparativa, quanto aos estilos, de duas narrativas que fazem parte da trilogia “Três estórias da terra”, do livro *O Tocador de charamela*, do contista amazonense Erasmo Linhares. As narrativas analisadas trazem como título “Tio Antunes” e “Zeca-Dama”. A análise toma por base o livro *O demônio da teoria*, de Antoine Compagnon (2014), especialmente

o capítulo intitulado “O estilo”, no qual o autor conceitua estilo, examina a relação do texto com a língua e discorre sobre o estilo e seus humores. A partir das considerações teóricas de Compagnon, é possível indagar: que estratégias estilísticas Linhares utilizou, nas narrativas em análise, para dar conta dos flagrantes decorrentes da escassez (ou ausência) de mulheres nos seringais amazônicos, já que os dois textos se centram nesse tema? Nessa proposta, contribuem para o diálogo teórico os seguintes textos: A estilística e o discurso literário contemporâneo (CARDOSO e IGNEZ, 2013), que apresenta o estilo como formas de expressão em diferentes contextos enunciativos, com especial destaque para a literatura contemporânea; O estilo: um traço possível na estruturação do gênero e identidade no texto literário (BARROCA, 2013), que dialoga com Compagnon para discorrer sobre o estilo como sendo um traço estruturante do texto literário. Sobre a temática do ciclo da borracha e a condição da mulher, são importantes as contribuições de Guedelha (2013), em “O abrasamento sexual nos seringais amazônicos por Alberto Rangel e Ferreira de Castro” e Souza (2010) na obra “A expressão amazonense”. Os autores citados tecem uma leitura crítica das relações sociais estabelecidas nos seringais e permitem ao leitor vislumbrar os sofrimentos alarmantes de homens e mulheres em consequência da estupidez que caracterizava o mundo dos seringais. O estudo procura mostrar como um mesmo autor pode produzir, em textos diferentes, tessituras estilísticas diversas.

Entre-lugar e religião na análise de dois mitos sobre o Areruya

Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR)

Resumo A presente comunicação investiga os espaços de entre-lugar produzidos pela articulação do discurso de dois mitos que explicam a origem do ritual Areruya, praticado hoje pelos Ingarikó, e elementos das narrativas da Bíblia. Os mitos analisados compreendem o registro antropológico feito por Audrey Butt Colson (1960), primeira a transcrevê-lo e o registrado por Maria Virgínia do Amaral (2019), última a transcrevê-lo. O trabalho será realizado por meio da pesquisa bibliográfica e de análise reflexivo-crítica. Intentamos realizar, na condição de possibilidade, um exercício epistemológico de problematização

das formas que as re-elebrações e re-apresentações da expressão religiosa bíblica aparecem no discurso mitológico. O conceito de discurso trabalhado vai ao encontro das ideias de Foucault: um conjunto enunciativo pertencente a uma formação discursiva, ou, mais próximo de nossa dimensão analítica, o conceito de prática discursiva. A pesquisa está centrada na análise dos espaços discursivos de entre-lugar, nos possíveis movimentos de ir-revir articulando social, mítico e religioso para construção do ritual Areruya dentro do contexto da colonização na região denominada Circum-Roraima, com ênfase nos rituais e profetismos do povo Ingarikó. Será utilizada a pesquisa bibliográfica do tipo descritivo e com abordagem qualitativa. A contribuição ocorre no sentido de colocar a possibilidade de as teorias da antropologia da religião e do discurso descreverem ou apresentarem novas perspectivas da cultura ameríndia.

**Exclusividade, atração e pessoa:
um estudo do amor nas lendas amazônicas Tambatajá e Iara**

Cristiane Alves da Silva (UFAM)

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Resumo A temática amorosa e a representações das paixões sempre esteve presente na Literatura, desde o século XII, até os dias atuais. O amor sempre foi tema na poesia, na prosa ou teatro, sendo encontrado até nas formas mais simples como os mitos e as lendas, dos quais a cultura amazônica está repleta de exemplos. Nesse sentido, este estudo tem como temática o amor nas lendas amazônicas. As lendas fazem parte do imaginário regional caboclo e expressam as concepções e modo de viver desse estrato populacional. Com o objetivo de analisar os elementos constitutivos do amor – exclusividade, atração e pessoa –, conforme postulados por Octavio Paz em A dupla chama – Amor e erotismo, as lendas amazônicas utilizadas para esta análise são a Lenda do Tambatajá e a Lenda da Iara. Esta pesquisa possui caráter bibliográfico e tem por base os seguintes referenciais: Paz (1994) para evidenciar a nossa ideia de amor a partir de seus elementos constitutivos; Loureiro (1995) e Marcos Frederico Krüger, para pensar lendas e mitos na Amazônia. Trata-se também de um estudo residual (PONTES, 1999), pois identificamos que o amor

das lendas é o mesmo que pode ser observado em produções literárias de outros tempos e outros espaços, que, mesmo sofrendo modificações, mantém acesa a chama de seus elementos constitutivos.

Max Martins ou “Um nome sem a outra margem”

André Luis Valadares de Aquino (UNICAMP)

Resumo “Max Martins é um grande poeta brasileiro que pouca gente em nossos país sabe quem seja fora de sua terra natal, Belém do Pará” (ARRIGUCCI JR., 2015, p. 13). No ensaio de prefácio ao livro *Caminho de Marahu*, em 2015, da edição de onze volumes da poesia de Max Martins pela Editora da Universidade Federal do Pará, Davi Arrigucci Jr. afirma, sobre o caso de Max, o caráter de carência como estado da arte diante do isolamento de recepção e do deslocamento no sistema literário brasileiro. O descentramento é, dessa maneira, constitutivo da fenomenalidade da obra de Max, previsto no conjunto de temas e de procedimentos criativos e na experiência da história. O descentramento, que pode ser tomado, assim, como um princípio operacional, está implicado na relação da obra de Max com a tradição e com a historiografia e configura uma situação específica da poesia brasileira da segunda metade do século XX. Este trabalho discute a tópica do descentramento na obra de Max Martins, com ênfase nas figurações da Amazônia no livro *Caminho de Marahu*, de 1983, contexto decisivo de mudança de direção no debate sobre poesia no Brasil, de emergência de uma “linhagem” de poetas da disseminação das geografias literárias, de um horizonte de “pluralização das poéticas possíveis”, na expressão de Haroldo de Campos (CAMPOS, 1997, p. 268).

O relato de viagem como campo referencial do romance *Simá*, de Lourenço Amazonas

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez (USP)

Resumo O presente estudo pretende apontar relatos de viagens militares do período pombalino que foram determinantes na constituição

ficcional do romance Simá: romance histórico do Alto Amazonas (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Valendo-se do conceito de “campo referencial” (ISER, 1996), em que uma obra literária retira elementos para sua constituição, o relato de viagem produzido durante o século XVIII, seja talvez a referencialidade mais importante, explicitamente na superfície do romance. Com isso, procura-se entender o quanto o romance é devedor da ficcionalização do relato e o quanto ele ultrapassa como gênero literário, o imaginário constituído em um de seus temas: a Revolta de Lamalonga (1757), verificando suas personagens, ações e “autoindicações” na composição desta obra. As sendas geradoras da ficção do romance da região amazônica do século XIX resultam de um processo ficcional de seleção e combinações literárias tencionadas pelo esforço criativo das narrativas de viagem. Se em parte vale perceber a relação do romance com o relato na vocação da narrativa amazônica daquela século, por exemplo, de exploração geográfica, também importa alcançar na obra literária os momentos desmistificadores da realidade em contraponto da pretensiosa realidade dos relatos. Os caminhos da análise serão colocados dentro da discussão entre o poder ficcional da historiografia e da literatura.

Relato de um certo oriente – espaços, seres, objetos: a vida do romance

Kenedi Santos Azevedo (UFRJ)

Resumo O ato de narrar é do ser humano, seja por meio de desenhos, como faziam nossos ancestrais nas paredes das cavernas; seja por intermédio da fala à maneira dos contadores de histórias, formulando com isso uma tradição oral; seja ainda pela escrita, forma pela qual chegaram até nós os relatórios dos achados pré-históricos e as lendas e mitos dos nossos antepassados: carregados, trabalhados e repassados por várias gerações. Em *A aventura da semiologia*, Roland Barthes escreve que “(...) a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas (...)”. O romance, sendo

um gênero tradicional, tem em seus aspectos estruturantes a força motriz para sua gênese. Entendendo dessa forma é que nesta análise se pretende compreender a vida de uma narrativa – tomando por exemplo *Relato de um certo Oriente* –, não somente como um constructo linguístico ou modalidade literária, mas, acima de tudo, verificando como as instâncias ficcionais (narrador, personagens, espaços, etc.) se fragmentam e se constituem no folhear das páginas do livro de Milton Hatoum.

Simpósio 40**Literatura e alteridade: transitando entre o documento e a ficção**

Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)

Francois Weigel (UFRN)

Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes (UERJ)

Resumo O desenvolvimento dos meios de difusão e, em particular, da imprensa, além da consequente ampliação do público leitor ocorrida no século XIX, parecem ter não só acentuado, mas também alargado o campo dessa manifestação artística a que convencionamos chamar literatura. Considerando a arte literária como um processo, desde o advento da palavra escrita, não podemos esquecer as mudanças que ocorreram e continuam a ocorrer no que tange, por exemplo, aos gêneros do discurso e à relação com outras áreas e suportes textuais. No último encontro da ABRALIC, tivemos a oportunidade de debater o estudo da narrativa em diversos campos, tais como, romances, relatos, contos, fábulas, crônicas, diários. Nesta edição de 2021, intentamos dar continuidade a essas reflexões, sempre abertos para o diálogo com outros textos, de outras disciplinas das ciências sociais, como história, antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, de forma a melhor podermos investigar as imbricações e indagações propiciadas pela narrativa literária em outras áreas do saber e, inversamente, de que maneira os questionamentos suscitados pelos textos dessas outras disciplinas proporcionam debates e/ou embasamento para os textos literários. De fato, se a questão que alicerça nosso simpósio é a que intitula uma das obras-mestras de Sartre (1947) – “Qu’est-ce que la littérature?”, reconhecemos que se trata de uma indagação que se desdobra em uma série quase infinita de outros questionamentos que, por sua vez, se prestam cada vez mais a respostas múltiplas e variadas. Em um mundo em que a tecnologia parece reger não só a circulação de ideias e a troca de influências, mas também a implantação de “verdades absolutas” e a “negação da ciência”, ainda há lugar para a literatura? Em que medida os novos suportes e abordagens da escrita e leitura são elementos enriquecedores para a literatura? Esses novos suportes e as novas abordagens da escrita são elementos suficientes para a constituição de uma nova linhagem de leitores? Quais as fronteiras entre literatura digital e literatura digitalizada? Em que medida obras literárias produzidas na

e para a rede apontam para um novo leitor? Até que ponto podemos estabelecer relações entre os estudos literários e demais artes ou disciplinas das ciências sociais no sentido de sedimentar conhecimentos ampliando o campo da visão? É pertinente falar em relações transdisciplinares? Essa troca de olhares entre o mesmo e o outro direciona o foco de nosso simpósio também para estudos de interfaces com as artes, cênicas e visuais, além de histórias em quadrinho e música, dentre outras possibilidades. Pretendemos dialogar com pesquisas relacionadas aos conceitos de subjetividade, ficcionalidade, gênero e imaginário, abrangendo narrativas da modernidade a partir do século XIX, confrontando textos estrangeiros e brasileiros, na interpretação literal da oposição mesmo/outro, bem como na concepção metafórica de outro, que abrange a questão de gênero, culturas, etnias, sempre a partir do ponto de vista do cruzamento de olhares, entre o mesmo e o outro. Levando em conta as nossas experiências literárias do passado, como fazer face às textualidades contemporâneas, no diálogo com as literaturas e teorias europeias, americanas, latino-americanas, africanas...? É importante assinalar que o recente desaparecimento de Alfredo Bosi nos leva, mais do que nunca, a reflexões sobre a literatura brasileira, desde sua gênese, passando por suas múltiplas manifestações e suportes e apontando para o seu futuro. A questão de base – “Como entendemos a literatura no Brasil, hoje?” – apesar de sua aparente simplicidade, nos parece de grande pertinência, bem como seus desdobramentos. Em um mundo em que, graças à tecnologia, categorias como tempo e distância tomam feições cada vez mais fluidas e em que a circulação de ideias e a troca de influências são cada vez mais instantâneas, cabe ainda falar em literaturas nacionais e, de maneira mais específica, em literatura brasileira? Qual a função do estudo da literatura, hoje, na escola e na universidade? Os jovens de hoje leem? O que leem? Por quê? Novos pressupostos teóricos seriam necessários para podermos estudar as mudanças comportamentais na produção e recepção das obras literárias em meio digital? Caberia pensarmos em um cruzamento de olhares entre as obras produzidas e difundidas pelas mídias digitais e aquelas que, circulando na rede, utilizam a Internet como veículo de difusão? Dentre tantas questões, duas parecem primordiais considerando a retomada das aulas no Brasil pós-pandemia: o e-letramento capacitará realmente os usuários da rede à leitura das obras literárias em meio digital? E como formar novos leitores? Tais questões

nos parecem de vital importância para refletirmos tanto o papel da literatura quanto o da internet na educação atual, além da relevância da troca de olhares no estudo da narrativa. O debate e a reflexão sobre esses temas podem não nos trazer respostas concludentes, mas, com certeza, trarão avanços em direção a uma maior compreensão desta questão que nos instiga: o que é e para que serve a literatura no mundo de hoje.

**“Você me abre seus braços / E a gente faz um país”:
o papel de Marcel Proust na formação das
identidades brasileiras (1920-1947)**

Etienne Sauthier (Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle)

Resumo No início dos anos trinta, na publicação de *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre faz abertamente referência a Marcel Proust ao evocar a redescoberta de uma certa identidade brasileira esquecida com as cidades coloniais de Minas. A invocação de esse autor tão referencialmente parisiense, no momento de pensar a identidade nacional brasileira, não deixa de nos interrogar, em um momento em que modernistas e regionalistas protestam contra uma certa importação cultural do exterior, pelo menos de uma cultura herdeira da cultura tradicional do século XIX. A obra de Proust parece ser reinvestida de novos sentidos e dar aberturas a inéditas leituras brasileiras, capazes de participar a uma nova definição identitária do país, através da crítica, da referência literária ou mesmo do pastiche. Antes de Gilberto Freyre escrever o seu prefácio de *Casa Grande e Senzala*, o autor Jorge de Lima pensou a importação cultural do exterior numa referência ao principal romance de Proust e José Lins do Rego, amigo de Jorge de Lima, narrou uma infância nordestina, em *Menino do Engenho*, com referência implícita aos verões provincianos do narrador da Recherche. Todos esses exemplos mostram o quanto uma importação cultural do exterior pode participar da definição de uma identidade cultural. Afnal, segundo a colocação de Anne-Marie Tiesse: “Não há coisa mais internacional que as identidades culturais nacionais”.

A influência europeia na trajetória da mulher brasileira oitocentista

Andrea Reis da Costa (CEFET-RJ)

Resumo A sociedade brasileira oitocentista viveu um período de radicais transformações, passando de colônia a Reino Unido – com a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro –, conquistando sua independência do domínio lusitano, até ver raiar a república no crepúsculo do século. A revolução industrial, a consolidação do capitalismo, a ascensão da burguesia e as conexões comerciais com países do Velho Mundo impactaram os costumes, trazendo influências da Europa de além dos Pirineus que se contrapunham ao modelo de sociedade ibérico, associado a um legado colonial retrógrado, que se misturava a elementos orientais e africanos. Nessa sociedade escravocrata e patriarcal, onde o papel social da mulher era bem definido, limitando-se às fronteiras do âmbito doméstico, a influência francesa e inglesa se fez notória, sobretudo em meio à classe mais abastada, que passou a enxergar nesses países seu paradigma de civilidade. A europeização da sociedade carioca trazia referências da nova mentalidade burguesa que, de alguma forma, reorganizou as vivências familiares e domésticas. As mudanças decorrentes do aburguesamento dos costumes e da atmosfera de ruptura com o passado luso colonial, foram reiteradamente mencionadas por escritores viajantes, que valorizavam positivamente a ação civilizatória dessa ingerência. O próprio fato de haver, dentre os viajantes, mulheres que legaram suas impressões e avaliações sobre os territórios visitados em seus relatos já revela o surgimento de um novo modelo de ideal feminino, que, indubitavelmente, impactou a sociedade de então. Em tempos de reflexão sobre questões tão prementes para a busca de justiça social, revisitar a trajetória da mulher, em nosso passado tão recente, pode trazer luz para esse caminho ainda em construção.

Acessando o conceito platônico de alteridade: o “ser” do “não-ser”

Ana Márcia Cabral Linhares Mourthé (UFF)

Resumo Alteridade, cuja origem latina deriva de *alteritas*, isto é, qualidade do que é do outro, é assunto de debates em diversas tradições filosóficas, desde o período socrático até a contemporaneidade. Atualmente, sabe-se que a identidade é sempre construída a partir do outro, do que é distinto de si e vários campos do saber voltam-se para a compreensão do conceito e da prática da alteridade. Neste artigo, intentamos examinar o caminho percorrido por Platão para tratar de tal questão, levando em consideração a sua obra “O sofista”, principalmente. Vale assinalar que para o filósofo esse objeto de conhecimento surgiu com base em suas reflexões ontológicas ao ter que lidar com a possibilidade do “não-ser” ser, ou melhor, com a aceitação da coexistência dos opostos, do outro, do diferente. Até então, o assunto era rechaçado por Parmênides, para quem o que unicamente existia e do qual poderia ser dito alguma coisa deveria estar sempre associado às características de unicidade, imutabilidade, perfeição, eternidade, imobilidade e ao que é incriado. Contrariamente à certeza parmenídica, um sofista falava do que quisesse, de ficção ou de inverdades, inclusive. Esse tipo de atitude sofística levou Platão a analisar o conceito de “não-ser” e a propor uma nova forma de compreender o que ele entendia como realidade.

Aventuras europeias no Brasil

Maria Elizabeth Chaves De Mello (UFF)

Resumo Os relatos de viagem se prestam a muitas discussões, em várias disciplinas, tanto para o estudo da formação do romantismo brasileiro, quanto para a construção da identidade nacional, que, ao mesmo tempo, se processava na nação que estava nascendo... O refúgio encontrado na natureza, nesses textos, torna-se um estímulo à autoreflexão liberadora. A possibilidade de uma verdadeira felicidade só passa a ser possível, para os viajantes, num lugar que fosse o avesso da Europa. Verifica-se que a utopia da paisagem relaciona-se,

necessariamente, com a noção do exotismo, vinculada até hoje ao continente americano, pelos europeus. Esta palavra – exotismo – adquire uma nova carga semântica no século XIX. “Além de afastado, estrangeiro, de fora, ela passa a significar esquisito, extravagante, bizarro, ou, como se lê no Webster, aquilo que tem o encanto ou a fascinação do não familiar”. (ROUANET, 1991, p. 72). Faz-se, portanto, necessário resgatar a relevância do papel desempenhado pelos viajantes europeus, especialmente os franceses, que, nas suas vindas à América, contribuíram para “a imagem do paraíso”, que até hoje é um dos elementos identificadores do Brasil, na Europa, principalmente a partir da admiração e fascínio que a natureza e a paisagem tropical exerciam e ainda exercem sobre os que aqui chegam. E que muito contribuiu para a própria noção que os autores românticos brasileiros passaram a ter da ideia de construir uma nação. Um exemplo claro disso seria uma passagem do texto de José de Alencar, Como e porque sou romancista: “O mestre que eu tive foi esta esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso por onde minh’alma penetrou no passado de sua pátria” (ALENCAR, 1893, p. 46).

Crônicas de uma modernidade encenada:

Machado de Assis e o Rio de Janeiro do final do século XIX

Thaís Bartolomeu Barcellos (UFF)

Resumo A presente comunicação é um desdobramento de minha pesquisa de doutorado em andamento intitulada A crônica de Machado de Assis e a modernidade encenada na metrópole carioca do final do século XIX, que tem como objeto central a análise de crônicas de Machado de Assis publicadas entre 1880 e 1900 no jornal Gazeta de Notícias, visando compreender de que maneira certos aspectos característicos da modernidade naquele momento histórico (costumes franceses, bondes elétricos, remodelação da cidade etc.) figuram nelas como uma estratégia do autor para questionar a autenticidade da modernidade que se pensava chegada ao Rio de Janeiro no final do século XIX. O corpus de minha tese é composto por nove crônicas machadianas, que foram selecionadas durante a pesquisa ao

buscar-se por aquelas em que tais elementos se constituíssem como parte essencial da crítica do autor ao que denomino modernidade encenada. Nesta comunicação, apresentarei brevemente duas crônicas machadianas. Em uma delas, a discrepância entre os novos bondes elétricos e aqueles puxados à burro é o tema central; na outra, o cronista discorre sobre a descaracterização que a cidade do Rio começara a sofrer por conta da tentativa de imitação de padrões arquitetônicos europeus. A fim de realizar uma análise crítica dos textos, integrarei questões relacionadas a representatividade do jornal enquanto veículo de divulgação de ideias e de publicação literária no Brasil do século XIX.

Diálogos entre o intelectual e o literato em José de Alencar

Felipe Vignerón Azevedo (UFF/IFF)

Resumo O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em Estudos de Literatura que visa a analisar os escritos não literários de José de Alencar, incluindo suas cartas pessoais, suas polêmicas, seus prefácios e demais documentos que ajudem a compreender, primeiramente, as contribuições do autor para se pensar a literatura brasileira ainda nascente e o fenômeno literário, de modo amplo. O recorte escolhido foram os textos da década de 1850, incluindo também dois textos de sua juventude, publicados ainda na década de 1840. Em paralelo ao trabalho do autor para se pensar a literatura, também buscamos caminhos, de modo secundário, que nos auxiliem a compreender a existência ou não de um projeto literário consciente e elaborado por parte de Alencar, conforme muitos de seus críticos asseveram, mas a respeito do qual ainda não encontramos elementos suficientes para afirmá-lo existente. Por fim, e não menos importante, também nos interessa explorar a autoconsciência artística e crítica de José de Alencar em paralelo com alguns de seus textos literários, pois há, em suas cartas, passagens que apontam para um diálogo entre o exercício intelectual e crítico e o fazer artístico, ou seja, vestígios de que sua atividade literária era precedida por reflexões registradas em seus textos não literários, inclusive em cartas a seus amigos, como se pode entrever em missivas remetidas a Francisco Otaviano, na década de 1850 – escopo de nosso trabalho –, e a

Joaquim Serra, já na década de 1870, especificamente em 1874, poucos anos antes do falecimento do autor, o que mostra que essa prática está posta desde o início de sua carreira no campo intelectual até o fim de sua vida; assim sendo, é possível recuperar parte do pensamento do autor que lhe conduziu à escrita de suas obras, proporcionando uma compreensão ampla de seu trabalho.

***El abrazo de la serpiente* e suas múltiplas viagens**

Elisangela Santos Petrucci Peçanha (UFF)

Resumo Este projeto tem como objetivo propor uma leitura do filme *El Abrazo de La Serpiente* (2015), de Ciro Guerra, observando as metamorfoses, migrância, e principalmente as várias viagens sugeridas pela simbologia latente na obra cinematográfica. A narrativa construída é baseada nos diários de viagem de dois cientistas, o etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e etnobotânico americano Richard Evans Schultes (1915-2001). O filme de Ciro Guerra traz uma proposta contemporânea onde explora de forma bastante inovadora velhas questões como as feridas do colonialismo, o extrativismo, o conhecimento, a natureza, além de espelhar uma abordagem crítica às perspectivas eurocentricas e exploratórias. A cosmovisão indígena presente na obra introduz o real maravilhoso como uma visão de mundo importante para o entendimento dos povos da floresta. A partir desta perspectiva, os cientistas viajantes, Martius (passado) e Evans (futuro) – personagens fundidos no espaço, no tempo e na narrativa – precisarão vivenciar essa experiência da errância, da experiência sensorial de contemplação e imersão, desfazendo-se das bagagens reais e emocionais e se conectando plenamente com a natureza e com o outro. As marcas de inovações presentes no filme dão conta de uma representação da viagem através do olhar diferenciado e ao mesmo tempo conectado. Olharemos para a floresta em preto em branco. Alguns questionamentos surgem quando pensamos nos vários planos tratados na linguagem ficcional cinematográfica, porém o que encerra essa discussão é o que representou a viagem para os cientistas Martius e Evans – em dois planos temporais – e para o índio Karamakate? O filme embasa ainda outras discussões pertinentes no cenário contemporâneo o que alenca à viagem uma categoria

temática de grande importância para entendermos às questões da mobilidade, errância e migrância e a sua relação com a alteridade.

Jean Mermoz, um herói na encruzilhada entre a literatura popular e as histórias em quadrinhos

Francois Weigel (UFRN)

Resumo Nas décadas de 1920 e 1930, em que a aviação juntou os continentes e se estendeu nos quatro cantos do mundo, uma figura como a de Jean Mermoz, piloto que travessou o Atlântico de Saint-Louis do Sênegal até Dakar em 1930, se tornou um herói dos tempos modernos no imaginário popular, na imprensa e logo em textos literários, em particular a partir da biografia escrita por Josph Kessel em 1938, dois anos depois da morte do piloto. Mais tarde, Mermoz ia inclusive se tornar o protagonista de várias histórias em quadrinhos, publicadas nos anos 1950 ou no início do século XXI. Por um lado, observamos a heroização do aviador, fenômeno marcante que envolve o prestígio de Jean Mermoz e que deve muito à produção de relatos e a obras artísticas centradas sobre ele; por outro, o uso de diferentes canais artísticos em torno dessas histórias de aviadores, em obras diferentes ou até na mesma obra, como é o caso, aliás, do famoso *Le Petit Prince*, cujo narrador é um piloto, assim como seu autor Antoine de Saint-Exupéry, e que, de maneira pouco usitada para a época, cria uma espécie de aliança entre texto e desenhos. Tal observação nos levou a querer estudar mais demoradamente a representação de Mermoz na chamada “nona arte” e assim observar o campo tão fértil, artisticamente, da associação entre texto e imagens, considerando o uso dessas sequências de textos e imagens para produzir mitos e fecundar uma dimensão épica moderna. Nossa ambição é analisar as histórias em quadrinhos com a perspectiva crítica dos estudos literários, debruçando-se sobre sua linguagem, as especificidades genéricas, os truques narrativos, a intertextualidade (no caso, o diálogo com a biografia de Mermoz escrita por Kessel é essencial) e, antes de tudo, a construção dos personagens.

**Le libraire, de Gérard Bessette:
"sobre o horrível perigo da leitura" e da censura**

Renato Venancio Henrique de Sousa (UERJ)

Resumo Publicado em 1960, o romance *Le libraire* do escritor, professor e crítico literário, Gérard Bessette, é considerado uma das obras que melhor evocam o período histórico conhecido como “a grande escuridão”, época em que a província do Quebec foi governada pelo primeiro-ministro Maurice Duplessis, de 1944 a 1959. Escrito em forma de diário, o romance aparece, segundo Aurélien Boivin, como “um retrato da sociedade quebequense de antes da Revolução tranquila” (1996). O personagem de Hervé Jodoin, ex-professor que deixa Montreal para trabalhar como livreiro na pequena cidade de Saint-Joachin, registra em seu diário, ao longo de três meses, seu cotidiano entre a Librairie Léon e a taberna Chez Trefflé, onde se embecta todas as noites, exceto aos domingos, e ainda o quarto alugado na casa da senhora Rose Bouthiller, com quem tem uma breve aventura. Indiferente a tudo, tal como o personagem de Meursault do romance *L'étranger* de Camus (1994), Hervé é ainda extremamente cínico e irônico. Vivendo numa sociedade marcada por valores religiosos e políticos conservadores e autoritários, representados pelo partido de extrema-direita Union nationale, de Duplessis, o personagem do livreiro aparece como um indivíduo acima de tudo lúcido e que manifesta uma resignação face ao mundo que o cerca. Opondo “sua palavra à Palavra” (ALLARD, 1970), “a do clero e da classe dominante” (BOIVIN, 1996), o personagem atrai para si toda a fúria dos notáveis da cidade, encarnados no patrão, Léon Chicoine, e no pároco Galarneau, representantes da sociedade bem-pensante. Ressalte-se que a reflexividade do texto de Bessette nos leva a nos confrontarmos com diversas questões atinentes à instituição literária, tais como: “a leitura, a escrita, a língua de comunicação, o sistema de distribuição dos livros, a censura, etc” (SHEK; HAMM, 1982).

Literatura e atualidade: revisitando a novela *Xadrez*, de Stefan Zweig

Carlos Eduardo do Prado (UERJ /CAP-UERJ)

Resumo Em tempos de grande avanço da intolerância e violência mundial, este trabalho propõe uma reflexão sobre a atualidade da obra *Xadrez*, uma novela (Schachnovelle), do autor austríaco Stefan Zweig. Além disso, pretende trazer à discussão os propósitos da literatura e do processo de criação literária diante de um panorama nacional brasileiro tão sombrio. Entre os principais autores escolhidos como suporte teórico para esta discussão, destacam-se: Antonio Candido, Jean-Paul Sartre e Roger Chartier. Publicada no primeiro semestre de 1942, logo após o suicídio de Stefan Zweig e sua esposa, esta novela foi imaginada e escrita na sua integralidade durante a breve estadia do autor na cidade de Petrópolis – RJ. A história, que tem como pano de fundo o jogo de xadrez, é o primeiro confronto com o regime totalitário nazifascista na ficção. Pacifista inveterado, já na década de 1930, Zweig havia começado sua eterna batalha contra o fanatismo e a intolerância, servindo-se de personagens como Erasmo de Roterdã, Calvino e Castelio como seus porta-vozes. Passada mais de uma década, e com a constante escalada mundial do nazismo, o autor, completamente tomado pelo sentimento de impotência e desilusão, não prevê ou faz elocubrações na construção da sua derradeira obra. Nela, ele vai projetar o difícil momento que o afligia. Aqui, o jogo de xadrez é mais que uma alegoria, é o cenário de batalha no qual se desenrola o enredo composto por uma narrativa surpreendente e militante. Neste cenário dramático, tanto personagens como leitores são colocados no tabuleiro do jogo, um verdadeiro campo de batalha, cabendo a cada um decidir se aceita o desafio ou se sucumbe à pressão.

O rinoceronte, a chave e a casa verde

Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes (UERJ)

Resumo O que haveria em comum entre um rinoceronte, uma chave e uma casa verde? Aliás, de que rinoceronte estaríamos falando?

Do africano ou do asiático? Por onde estaria ele passando? Talvez, por uma estrada que não para de subir até chegar a Saint-Maurice, em algum ponto da Auvergne. Ou por uma outra, que, seguindo o mar, no sudeste fluminense, conduz a Itaguaí. O fato é que, em Saint-Maurice, o único hotel da região, o Hôtel de la Clef – chave, em português – transformado em hospital, abrigará todos os doentes da comuna e do cantão. Já em Itaguaí, um asilo com cinquenta janelas será construído, na mais bela de suas ruas, para abrigar os loucos de todas as vilas e arraiais vizinhos: a Casa Verde. Quanto ao rinoceronte... Bramingo e trotando, ele semeia o medo e a incompreensão por onde passa. De onde vem esse rinoceronte? Terá fugido de algum zoológico? De algum circo? Teria o doutor Knock, médico recém-chegado a Saint-Maurice, munido de seu moderno aparato medical, a resposta para tal fenômeno? Classificaria, o doutor Simão Bacamarte, aqueles que viam rinocerontes como enfermos a serem internados por alucinação? De qualquer forma, é imperativo prestar atenção às manadas de rinocerontes que se avolumam e pisoteiam o que está à sua frente...

Revisitando Balzac e Machado: opiniões e deslocamento do protagonismo

Pedro Armando de Almeida Magalhaes (UERJ)

Resumo Em *Le père Goriot* de Balzac e em *Esau e Jacó* de Machado de Assis descortinam-se as relações sociais em períodos de transição política. Os valores da burguesia em ascensão, o oportunismo e a vacuidade de ideais com roupagem de opinião assinalam a primazia do dinheiro. Em Balzac o pai Goriot perde o protagonismo para Rastignac, assim como em Machado os gêmeos Pedro e Paulo com relação ao Conselheiro Aires. Rastignac aprende certas lições no contato com Goriot; Aires faz considerações acompanhando a existência dos gêmeos. Se o jovem nobre francês parece aprender no contato com o velho, Aires não tem qualquer pretensão de adquirir conhecimento com os jovens; seu ceticismo irônico salienta a falsidade e inocuidade das oposições políticas alardeadas pelos irmãos inimigos. As aparências são enganosas; o luxo, as vestimentas e os jogos de cena escondem as torpezas da luta pela sobrevivência e a hipocrisia. Os dois romances se atualizam no contexto político atual, onde visões

de mundo propagadas por opiniões sugestivas e comuns se mantêm apesar das evidências contrárias ou da fragilidade patente dos argumentos. Com base em Karl Popper, especialmente em estudo deste autor sobre os escritos de Parmênides, que discute as bases do fazer científico, busca-se analisar a aferição de valor às opiniões subjetivas nos dois romances e assim discutir a circulação de ideias, muitas vezes aleatórias ou arbitrárias, bem como o questionamento da ciência ou dos fatos no mundo contemporâneo. Os trabalhos de Foucault sobre o saber científico e os estudos de Franco Moretti (Atlas do romance europeu:1800-1900) são outros textos que balizam a perspectiva adotada. Balzac e Machado se inscrevem numa tradição de pensar o fazer científico ao relativizar em seus romances a consistência das opiniões sustentadas, difundidas, compartilhadas.

Um olhar Crítico sobre a Literatura Adulta de Monteiro Lobato

Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)

Resumo Indiscutivelmente, a obra de Monteiro Lobato é uma das mais consagradas da literatura infantil brasileira. O dia 18 de abril, dia do seu aniversário de nascimento, é comemorado o Dia Nacional do Livro Infantil. Lobato criou personagens inesquecíveis que fazem parte do imaginário das crianças de várias gerações. Renomados escritores tais como Ana Maria Machado e Pedro Bandeira já se manifestaram sobre a importância de Monteiro Lobato como um modelo no seu fazer literário. A obra de Lobato é de grande importância, mas, infelizmente, de certa forma, acaba ficando restrita ao universo da literatura infantil com *O sítio do Picapau Amarelo*. Na obra destinada ao público infantil, a fantasia é ingrediente responsável na criação das personagens, já no conto para adultos, como é o caso de *Negrinha*, o autor relata uma série de violências cometidas contra uma criança negra, vistas de uma maneira natural. Se para o leitor infantil, o autor cria um mundo imaginário cheio de criatividade e encantamento para leitores adultos, ele destaca crueldades e injustiças cometidas com uma neutralidade e naturalidade dignas de nota. Devemos ler Lobato reconhecendo que não há harmonia social, não há democracia racial, e que ainda no século XXI, nós, brasileiros, somos racistas. É inegável que o Brasil é um país miscigenado.

A história da nossa formação mostra que nosso sistema social construiu um racismo dos mais perversos e violentos, e, por muito tempo, um racismo silencioso, tão antigo quanto nossa história. O Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão. Sua obra destinada ao público adulto está repleta de temas relevantes tais como: a situação do negro na pós-abolição, a questão do papel social da mulher e das crianças na sociedade e condição da Igreja na perpetuação ou emissão das desigualdades sociais e muitos outros estudos.

Simpósio 41**Literatura e cultura: objetos culturais em análise**

Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

João Batista Martins de Moraes (UFAPE)

Resumo Desde a década de 1950, quando foram publicadas as primeiras obras relacionadas diretamente aos Estudos Culturais, pesquisadores desse campo também incluíram em sua pauta o estudo da literatura como uma prática cultural específica. Passaram ainda a relacionar a literatura com outros discursos, algo que, segundo Culler (1999), é importante para os Estudos Literários. Ademais, entendemos que, ao examinar os papéis culturais em obras literárias diversas, reafirmamos o estudo da literatura como um fenômeno intertextual complexo. Podemos perceber que as pesquisas envolvendo literatura e cultura ampliaram o cânone literário de forma a incluir textos de outros grupos historicamente marginalizados. Essas pesquisas também fomentaram o interesse por obras que representam uma gama de experiências culturais e de formas literárias (CULLER, 1999). Nesse sentido, este simpósio pretende promover o diálogo entre pesquisadores que se interessam pela análise de obras literárias como objetos culturais, considerando ainda uma ampliação do conceito de “literário” e, portanto, de alguns paradigmas estéticos. Logo, à essa proposta, interessam não apenas objetos classificados como gêneros literários mais conhecidos (romances, contos, novelas, poemas e peças), mas também importam outros formatos não tradicionais, tais como filmes, quadrinhos, graphic novels, fan fictions e séries, dentre outros. Isso nos leva a perceber um diálogo entre objetos culturais e a ideia de intermedialidade, conforme conceito de Müller (2012), que considera as materialidades, os formatos ou gêneros e os significados das mídias, além do conteúdo. Sabemos ainda que, no tocante a essa inclusão de textos sobre temas e grupos historicamente marginalizados, alguns trabalhos foram, ao longo das décadas, considerados como reconhecidamente basilares para as discussões que ora propomos. A pesquisa de Bhabha (1998) sobre questões que envolvem identidade e cultura, além da problemática da pós-colonialidade é uma delas. Em trabalho anterior, Bhabha (1991, p. 184) já se debruçava sobre esses temas, especialmente sobre as “formas

de discurso colonial ou suas descrições, escritas a partir do fim do século XIX até o presente”. Nessa mesma reflexão afirmou que o discurso colonial pretende “construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais” (BHABHA, 1991, p. 184). Assim, traz efeitos de classe, gênero, ideologia e formações sociais diferentes. Temos ainda o trabalho de Fanon (2008), que nos permite perceber o quanto a prática de negação da humanidade não apenas se restringiu aos territórios colonialmente ocupados, mas também se configurou como eixo estruturante da própria modernidade, como enfatiza: “Sim! A civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”. (FANON, 2008, p. 88-89). O colonialismo em Fanon é um aspecto da realidade social que se mostra como exterioridade concreta aos sujeitos, não se resumindo, em hipótese alguma, a um regime de verdade ou a uma visão de mundo, mas sim, conformando as condições de possibilidades para as representações (distorcidas, diga-se, e não apenas inventadas) de colonizadores e colonizados. Outra questão relevante é aquela levantada por Davis (2016), quando trata do racismo sofrido por mulheres negras nos Estados Unidos da América e de questões como o estupro e a negação de direitos fundamentais. Davis aprofundou estudos sobre a situação dos negros nos Estados Unidos desde o período da escravidão, até a abolição em 1863 e seus reflexos na sociedade contemporânea. Simultaneamente, nos convida a refletir sobre o machismo, as relações de classe e o caminho percorrido pelas mulheres negras na política, na cultura, na produção de novas análises e questionamentos. Nesse pensamento, o entendimento da universalidade na definição dos conceitos de homem e de mulher fragiliza-se diante da diversidade cultural, sexual e política. De forma mais exata, os fatores raciais/étnicos, socioeconômicos e de gênero que se destacam na obra da autora, não podem ser descuidados, uma vez que são preponderantes para a desconstrução do conceito universalizante de mulher. Em suma, este simpósio pretende promover debates oportunos sobre questões diversas que relacionam literatura e cultura. Desse modo, serão recebidos recortes de pesquisas que envolvam obras literárias (considerando a amplitude do termo “literário”), sejam brasileiras ou estrangeiras, em que figuram temas caros aos Estudos Culturais, tais como o debate sobre identidade e cultura, multiculturalismo, globalização, cibercultura,

agenda cultural, o pós-colonialismo, questões étnicas, questões raciais, a subalternidade, questões de gênero e sexualidade ou ainda sobre a problemática do pós-modernismo, etc. Por isso, o arcabouço teórico dessas pesquisas (a depender do tema abordado na obra literária em questão) deverá estar relacionado aos Estudos Pós-Coloniais, ou aos Estudos de Gênero e Sexualidade (incluindo a Crítica Literária Feminista e os Queer Studies), além dos Estudos Subalternos e Estudos Étnicos e Raciais, dentre outras possibilidades.

A desautomação da leitura de literatura negra em “Os transparentes”, de Ondjaki

Frederico José Matias (UFPE)

Resumo Na historiografia da Negritude, dois acontecimentos foram de grande importância para o desenvolvimento do movimento negro no do mundo: o Renascimento Negro norte-americano e a Revolução da Negritude que aconteceu em Paris, nos anos de 1930. A influência desses dois destacados acontecimentos contribuíram para que leitores, avisados por outras leituras ou desavisados, se expusessem à leitura de uma obra negra esperando encontrar um embate explícito que a caracterizasse como tal, mas para uma leitura proveitosa e possível desse tipo de literatura faz-se necessário passar pelo processo de desautomação do olhar sobre a obra. Neste trabalho, proponho, a partir da análise da obra “Os transparentes” de Ondjaki, problematizar a beleza estética desse romance que carrega em si a (re)afirmação da negritude angolana e, muito mais que isso, a (re)afirmação e (re)significação de aspectos da sociedade luandense. Além disso, analisar como aspectos culturais estão postos no texto a ponto de envolver o leitor na construção da identidade de um povo. A análise está baseada no contra-olhar de leituras automáticas e se apoia em conceitos sobre a literatura negra construídos ao longo dos anos por autores como Zilá Bernd, Eduardo de Assis Duarte, Kabengele Munanga, Maria Nazareth Soares Fonseca, Luíza Lobo, dentre outros. Utilizo esses autores para discutir o fato de alguns conceitos trazerem a proposta de uma literatura que não precisa ser sempre combativa, como é o caso do professor Eduardo Glissant. Utilizo John Storey para a discussão sobre cultura e como aporte para essa mesma discussão utilizo

o professor Roland Walter com os conceitos de multi-trans-intercultural. Diante do processo histórico do negro no mundo, um dos posicionamentos sobre o que é essa literatura se tornou evidente: a literatura negra carrega a luta, o embate pela necessidade urgente de suas causas. Essas causas continuam urgentes, mas podem ser expressas de múltiplas formas.

A hora dos corpos dissidentes em *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire: os subalternos podem falar?

Diego Souza de Andrade (UFPE)

Resumo O presente trabalho busca analisar a obra vencedora do prêmio Jabuti do ano 2006, *Contos Negreiros* (2011), do escritor pernambucano Marcelino Freire, sob o viés dos Estudos Subalternos. A proposta é interligar personagens da obra a grupos sociais marginalizados, a fim de compreender de que modo as comunidades subalternizadas podem falar por meio da literatura. No campo dos Estudos Subalternos, a palavra “subalterno” começou a ser usada nos anos de 1970, na Índia, e referia-se às pessoas colonizadas no continente asiático. Subalterno, segundo Gayatri Spivak (2010), remete-se aos sujeitos que são excluídos sistematicamente dos modos de representação. Subalterno, então, é todo indivíduo que não pode ter sua voz ouvida, todos aqueles que compõem as camadas desfavorecidas da sociedade. Pessoas que não podem estar presentes no grupo dos que dominam as rédeas sociais e determinam o status quo. É pelo fato de tratar destas pessoas que *Contos Negreiros* foi escolhido como corpus desta pesquisa. Suas personagens navegam entre homossexuais e crianças abusadas, passando por índios explorados e pessoas negras que enfrentam o dia a dia de uma nação que tem suas raízes fincadas no racismo e na subalternização de comunidades específicas. Além dessas problemáticas, ainda emergem o turismo sexual e o tráfico de órgãos e pessoas. A obra em questão abre espaço para que os condenados da terra reclamem seu lugar no mundo. Tendo em vista que Spivak aborda os estudos acerca de sujeitos subalternizados, é possível estabelecer um vínculo entre a teoria e a obra literária. Além disso, para que seja possível compreender *Contos Negreiros* e suas camadas, será preciso reunir pesquisas

e reflexões acerca da literatura, da sociologia, da filosofia e dos Estudos Culturais, tendo como exemplo Sartre e Fanon (1968), bem como Silva e Couto (2013), que organizaram uma coletânea de ensaios acerca da escrita de Marcelino Freire.

A região enquanto condicionante trágico em *Liturgia do fim*, de Marília Arnaud

Patricia Valeria Vieira da Costa (UEPB)
Eli Brandão da Silva (UEPB)

Resumo O presente trabalho se propõe a interpretar a região enquanto condicionante trágico para as personagens femininas no romance *Liturgia do fim* (2016), de Marília Arnaud. A obra se configura dentro contexto multifacetário, compreendendo aspectos de uma regionalidade do Nordeste Brasileiro- em que a cultura, o tempo histórico e os espaços narrativos favorecem a reflexão sobre os conflitos representados- e personagens cujas existências são marcadas por “entre-lugares” socioculturais, mimetizados metaforicamente na teia narrativa. Nesse sentido, a discussão é feita a partir da conjectura de que o espaço social ao qual as personagens femininas estão sujeitas impulsionam o trágico de suas existências, já que recria um tempo histórico em que, mesmo em fase de transição- e também por isso- se configura opressor. Dentre as marcas da opressão, evidenciamos o suicídio, a loucura, o silenciamento e resignação como motes para a análise da criação das personagens que ainda habitam a região rural e, também por isso, retroalimentam tradições em decadência. O estudo ressalta ao final que o modo de vida das personagens condiciona seu silenciamento, loucura e reclusão, conflitos intrasubjetivos que desencadeiam as mais diversas consequências. A análise é empreendida com aporte teórico das contribuições dos estudos de Lins (1976), Williams (2002), Eagleton (2013) e Jean-Pierre Sarrazac (2013).

Café Central: Ditadura e Amazônia

Lucas Lima Moura (UFPI)
Nadia Grings Batista (UFPA)

Resumo *Café Central* (2011), do escritor paraense João de Jesus Paes Loureiro, é um romance que se passa no pós golpe civil militar de 1964, ambientado na cidade de Belém do Pará e nas ilhas de Abaetetuba, cidade do interior do estado. A diegese segue os parâmetros apresentados pelo Novo Romance Histórico, latino americano, quando busca apresentar uma versão renovadora sobre fatos, especificamente, ditadura militar na Amazônia brasileira, região periférica, mas que também sofreu as agruras do regime ditatorial. Para tanto, o autor tem como estratégia narrativa a construção de uma autoficção, modelo narrativo muito utilizado para apresentar relatos de períodos traumáticos; contudo, a obra vai além do mero relato histórico e avança numa reflexão sobre o imaginário amazônico e sua influência na vida dos seus moradores. Com efeito, o objetivo desse trabalho é analisar a representação da ditadura civil militar, no contexto amazônico e paraense, considerando que essa região e sua história é comumente relegada à marginalidade, e dentro da literatura contemporânea brasileira, tal situação não é incomum. Como suporte teórico utiliza-se as contribuições de Aínsa (1993), Figueiredo (2020) e Souza e Silva (2016). Ademais, evidencia-se que *Café Central* (2011) é uma obra relevante para a representação da ditadura civil militar brasileira, 1964-1985, na Amazônia paraense; e que o autor se utiliza de estratégias narrativas contemporâneas para apresentar fatos históricos, mas também para refletir sobre o imaginário da vida ribeirinha amazônica.

Corpo, violência e trauma: uma leitura de “Cecília” na série *Contos do Edgar*

Renato da Silva Oliveira (UFPE)

Resumo O objetivo dessa pesquisa foi analisar o episódio “Cecília” da série de TV *Contos do Edgar* (2013), produzida por Fernando Meirelles e adaptada do conto “A Máscara da Morte Vermelha” (2017), do

escritor norte-americano Edgar Allan Poe. A história de Cecília traz uma protagonista vítima de violência sexual e, como consequência, de problemas como depressão e insegurança social. Assim, trabalhamos com os temas do poder e da subalternização da mulher, quando percebemos a continuidade desse controle colonial até os dias atuais. Utilizamos como aporte teórico para esta discussão o trabalho de Anibal Quijano (2005) quando diz que colonialidade não se refere apenas à questão racial, mas às diferentes formas de opressão sexual. Discutimos também, nos apoiando na pesquisa de Francisco Ortega (2011), sobre os traumas da violência. Neste caso, vamos analisar os traumas enfrentados pela personagem Cecília, que enfrenta muitas situações de desgaste emocional, resultantes do alto grau de insegurança vivenciado após a agressão sofrida. Também analisamos o processo de adaptação do conto para o episódio da série, bem como as relações intertextuais entre esses textos, apoiados nos trabalhos de Gérard Genette (1997), Graham Allen (2000) e Linda Hutcheon (2013). Por fim, identificamos uma crise de significados decorrentes desse acontecimento traumático, possibilitando um desencontro entre o presente e o futuro de “Cecília”, o que podemos considerar como uma experiência de tempo descontínua.

Descolonização da infância na peça “A Família Ratoplan” de Luiz Marinho

Amanda Lins Seabra Marques dos Santos (UFPE)

Resumo Este artigo tem como objetivo identificar elementos de resistência cultural e crítica pós-colonial na peça infantil “A Família Ratoplan”, escrita em 1983 pelo dramaturgo timbaubense Luiz Marinho. A comédia, que conta a história de uma excêntrica família de ratos de classe média do Recife, inova na forma de fazer teatro para crianças ao fugir do clássico (e importado) conto de fadas ou das narrativas prioritariamente pedagógicas (VIEIRA, 2019). A obra de Marinho traz uma crítica ousada e ainda atual das inversões de valores, alienação e supervalorização de culturas estrangeiras muito comuns à classe média brasileira (SOUZA, 2019), fruto de uma globalização ocidentalizada que difunde a “superioridade” da cultura e do conhecimento europeu e norte-americano, perpetuando práticas coloniais que atendem

às necessidades do capitalismo (QUIJANO, 2000). A leitura da tradução dos estudos de Ariel Dorfman e Armand Mattelart, “Para Ler o Pato Donald: Comunicação de Massa e Colonialismo” (1978), provocou esta análise por problematizar os produtos colonizados Disney, altamente consumidos nos países da América Latina, o que permitiu a ligação ao texto de Marinho, que faz referências com tom crítico a personagens populares como Mickey Mouse, Tico e Teco e Topo Gigio. O conceito de subalternidade de Spivak (2010) também dialoga tanto com o texto de Marinho, no que se refere às relações entre os personagens, como do ponto de vista do leitor/espectador, a criança, que ocupa um lugar de subalternidade social (MOTTA e FRANGELLAM, 2013). O conceito de cultura transnacional e tradutória trazido por Bhabha (1998) também embasa a análise da peça, ajudando a identificar mensagens subversivas relacionadas às imagens de poder e nobreza criadas na obra infantil. A partir desse olhar pós-colonial é possível perceber um texto repleto de referências críticas aos traços coloniais que permanecem na sociedade brasileira.

Emancipação feminina na adaptação *Adoráveis Mulheres*, de Greta Gerwig

Giovana Lasalvia Teles (UFPE)

Resumo A presente comunicação traz uma análise acerca da personagem Amy March do romance *Mulherzinhas* (1868) de Louisa May Alcott, e de como ela foi adaptada no filme *Adoráveis Mulheres* (2019), dirigido e roteirizado por Greta Gerwig. Nosso foco foi mostrar como o discurso de March, de cunho feminista e progressista, carrega uma preocupação com a emancipação feminina e com a liberdade de expressão das mulheres no século XIX. O corpus de análise e interpretação da pesquisa consiste em trechos selecionados do romance e do filme, observando neste último algumas falas vanguardistas da personagem Amy March a respeito da condição das mulheres na sociedade daquela época. Para fundamentar este trabalho, utilizamos a conceituação de feminino trabalhada por Toril Moi (1989) e suas relações com o feminismo e a mulher, juntamente com o conceito de Crítica Feminista de Lúcia Osana Zolin (2003). Além disso, trabalhamos com a definição de adaptação

desenvolvida por Linda Hutcheon (2010) e de como personagens e romances adaptados podem refletir um cenário ou o pensamento de uma época. Entendemos que a adaptação de um romance de 1868 para um filme em 2019, como é o caso de *Adoráveis Mulheres*, evidencia a necessidade de se elaborar e/ou adaptar personagens que denunciam questões importantes presentes na sociedade como: a misoginia; a opressão feminina; e o machismo. Trata-se, então, de uma tentativa de mostrar a atualidade da personagem Amy March, de Alcott, e de como esta foi adaptada por Gerwig.

Entre espelhos e ruínas: a metaficção em Machado de Assis e Jorge Luis Borges

Karla Vivianne Oliveira Santos (UFPI)
Naira Suzane Soares Almeida (IFPI)

Resumo Na baila das produções literárias do século XIX, vê-se autores preocupados em narrar as tensões ocorridas no âmbito da vida intelectual moderna e, ao mesmo tempo, tradicional das sociedades, envolvendo também os acontecimentos históricos. Acerca disso, entre as literaturas da pós-modernidade, surge “um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma” (BERNARDO, 2010, p. 09): a metaficção. Esse recurso também é definido como uma escrita ficcional sistemática e autoconsciente, que suscita questões do relacionamento entre o fictício e o real (WAUGH, 1984). Por este viés, a metaficção ainda se constitui como historiográfica, pois contém a ressignificação de contextos e personagens históricos presente nas narrativas e que, por conseguinte, problematizam a noção do conhecimento histórico (HUTCHEON, 1991). Diante disso, parece interessante buscar compreender como esse fenômeno estético e autorreferente se apresenta nas narrativas. A metaficção acontece nas entrelinhas, quando os autores conversam com seus leitores e lhes mostram, por meio de outros textos, novas possibilidades e significações para um mesmo tema (seja ele de viés histórico ou não). Além disso, paródia, intertextualidade e discursos históricos são os aspectos abordados pelos teóricos precursores desse fenômeno estético, conhecidos também como estratégias metanarrativas. Isto posto,

este artigo busca investigar como a metaficção se manifesta através desses recursos metanarrativos nos contos “O espelho”, de Machado de Assis, e “As ruínas circulares”, de Jorge Luís Borges. Considera-se que nestes textos há a presença da autorreflexão, característica metaficcional bastante reforçada por diversos teóricos, por meio da abordagem de um texto que fala sobre si mesmo, concatenado a um processo de escrita, visto também como um tempo narrativo cíclico. Os contos apresentados refletem uma escrita autocrítica, tendo em vista que abordam personagens-protagonistas redondos e autorreflexivos, muitas vezes confundidos com o processo de escrita criativa dos escritores.

Literatura e transmídia: o caso da coleção *It's Okay to Not Be Okay*

Maria Gabriela Wanderley Pedrosa (UFPE)

Resumo O objetivo desta pesquisa foi analisar a coleção de livros infanto-juvenis *It's Okay to Not Be Okay* (2021), escrita por Ko Moon-Young, personagem do drama homônimo sul-coreano, a fim de discutir conceitualmente o que é transmídia e cultura de convergência e de como esse tipo de objeto cultural pode ajudar a alavancar o interesse em outros tipos de produções literárias sul-coreanas. No tocante ao referencial teórico utilizado foi imprescindível basear-se nos conceitos de cultura de convergência e transmídia (JENKINS, 2009; MASSAROLO, SANTAELLA; NESTERIUK, 2018; ROJO; MOURA, 2019), compreendendo que devido à globalização e a sua constante mudança sincópica, os meios de comunicações e as artes estão numa perambulação esquizofrênica. Assim sendo, esse movimento escorregadio aprofunda a fissura na conceituação do que é precisamente “literário”, ou quais são os limites do literário. Diante a esse plano de fundo, pontua-se que o lançamento dessa coleção causou uma grande comoção no fandom da série, e o resultado disso foram as 20 mil cópias vendidas em torno de dois meses, algo inusitado para as vendas de livros sul-coreanos no Brasil. Portanto, como aponta Luís Girão (2018), se tomarmos como hipótese de que a maior parte dos consumidores de cultura coreana estão centrados nos produtos de televisão e/ou música pop coreana (K-pop), então algumas das saídas para

o aumento na tradução de livros sul-coreanos no Brasil podem ser: 1) por meio do incentivo de tradução de livros infanto-juvenis, e 2) por meio da concepção de objetos transmidiáticos, como o da coleção aqui estudada, que faz parte de um universo ficcional que tem como ponto de partida o K-drama (séries de televisões, de gêneros diversos, produzidas na Coreia do Sul) *It's Okay to Not Be Okay* (MAZUR, 2018; PARK, 2019).

Mestiçagem e pureza de sangue na Nova Espanha do século XVIII: um diálogo taxonômico entre textos e pintura de castas

Elisabeth Fromentoux Braga (UFPE)

Resumo O objetivo desta pesquisa foi analisar a pintura de castas (ou quadros de mestiçagem) desde uma perspectiva de discurso sociopolítico crioulo para enfatizar o afã hierarquizante e determinista por trás deste gênero produzido quase exclusivamente em Nova Espanha durante o século XVIII. No tocante ao referencial teórico, nos baseamos no conceito de discurso de castas proposto por Campos (2017) para quem a Nova Espanha não constituía uma sociedade de castas (GONZALBO, 2013) mas onde circulava, desde cedo, um discurso socio-racial baseado no fenótipo. Partindo deste argumento, inferimos que os quadros de mestiçagem representam uma materialização de tal discurso. Neste sentido, os trabalhos de Deans-Smith (2005) e Catelli (2012) que entendem a pintura de castas como expressão crioula de uma sociedade idealizada foram igualmente de suma relevância. Nossa pesquisa se articulou em torno de dois eixos: por um lado, uma revisão de textos produzidos durante a época vice-real e, por outro lado, uma análise meticulosa dos quadros de mestiçagem, corpus principal deste trabalho. De acordo com os dados obtidos, verificamos a presença de um discurso de castas na literatura e nos textos oficiais produzidos durante a época vice-real. Além disso, percebemos neste gênero iconográfico a materialização de um discurso racial baseado no princípio de limpeza de sangue, grande preocupação dos crioulos em resposta à lei da degeneração em circulação naquele tempo. Finalmente, constatamos um fenômeno de retroalimentação entre os quadros de mestiçagem e as produções científicas do final do século XVIII.

**Momentâneas miragens do passado:
a metaficção historiográfica em “A mãe da mãe
de sua mãe e suas filhas”, de Maria José Silveira**

Francisco Willton Ribeiro de Carvalho (UESPI)

Resumo O pós-moderno possibilitou que algumas narrativas ficcionais ressignificassem os discursos históricos do mundo, transformando o passado textual em matéria para a construção ficcional. Na trilha dessa apreensão, o presente trabalho busca discutir os fatos históricos narrados, por meio da ficção, que envolvem as personagens femininas na obra de Maria José Silveira, *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas* (2002) (2019), e os questionamentos que surgem quando história e ficção se unem para (re)contar o passado. Como também, verificar os artifícios do “real” usados pela narração para evidenciar a presença da mulher na formação histórica brasileira de maneira a possibilitar um novo diálogo de caráter metaficcional e historiográfico. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, e como referencial teórico é adotado, principalmente, Pesavento (2000) para discutir as fronteiras entre literatura e história, White (2001) com intuito de discutir os primas das construções narrativas históricas e ficcionais compreendendo suas semelhanças como também suas diferenças e autonomias, Hutcheon (1991) (1989) e suas ponderações sobre os tons de paródia, intertextualidade que possuem os textos ficcionais quando procuram reelaborar os textos históricos utilizando-os como recursos para a construção do literário, que proporciona uma reinterpretação do passado que evidencia a participação de quem foi ignorado pelos relatos “oficiais”, entre outros que serão referenciados neste estudo.

**Nos labirintos da memória: traumas, ausências
e perdas em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**

Leidiana Da Silva Lima Freiras (IFPI)

Resumo Hodiernamente, muitos estudos estão voltados para a questão da memória, tendo em vista que presenciamos o seu esfacelamento, uma vez que as sociedades modernas estão pobres de experiência, como já assinala Walter Benjamim. Quando nos referimos

aos povos africanos ou em diáspora, que tiveram suas histórias ocultadas ou apagadas, escrever sobre a memória no intuito de resgatá-las é necessário e urgente. Desse modo, este texto busca analisar a escrita de Conceição Evaristo, lançando um olhar sobre a memória, a fim de evidenciar os traumas e as perdas oriundos da escravidão. Apesar de Ponciá não ter presenciado os horrores da escravidão, ela os vivenciou através dos seus ancestrais, especialmente do seu avô e, por meio dessas memórias, ela estabelece esse diálogo entre passado e presente. Sendo assim, para contemplarmos o nosso objetivo, contaremos com os cabedais teóricos de Nora (1993), Halbwachs (1990), Davis (2016), Kilomba (2019), hooks (2019, 2020), entre outros. No olhar da nossa análise, constatamos que o ele entre o passado e o presente é o fio condutor da narrativa apresentada por Conceição Evaristo. Desse modo, temos ciência de que a história de vida de Ponciá Vicêncio é marcada por traumas, ausências e perdas como a morte do avô e dos sete filhos, fatos que interferem de maneira decisiva na trajetória de vida da protagonista do romance que tem como título o mesmo nome da personagem.

O erotismo em *Me chame pelo seu nome*, de André Aciman

Jose Felipe Soares da Silva (UFPE)

Resumo O presente trabalho teve como objetivo analisar de que maneira a temática do erotismo se manifesta de variadas formas específicas dentro do romance *Me chame pelo seu nome* (2018), escrito pelo autor ítalo-egípcio-americano André Aciman. O *corpus* de análise e interpretação da pesquisa consistiu em trechos selecionados da narrativa que explicitam a questão da temática proposta. Para fundamentar a pesquisa, utilizamos algumas referências acadêmicas acerca da questão do erotismo e também literárias, tais como os conceitos de: Eros em Platão (2011); amor e erotismo na literatura ocidental em Paz (1994); e o de interdito e erotismo em Bataille (2017). A escolha desse referencial teórico deu-se por acreditarmos que esses textos, de alguma maneira, tratam do tema em questão dentro da perspectiva dos Estudos Literários. Os trechos delimitados do romance para a análise e interpretação do erotismo, foram marcados e comentados à luz dos conceitos dos teóricos já citados, bem como de outros

que tratam mais especificamente de uma teoria queer e do erotismo homossexual na literatura: Foucault (2017), Alexandrian (1993), e Pustianaz (2000). Determinadas passagens da narrativa do romance, mostram múltiplas e distintas formas de expressão e representação do erotismo, especificamente na relação entre os dois personagens principais masculinos do enredo.

**O Modernismo e a linguagem popular:
oralidade nos poemas “Tempo das águas”,
“Poema” e “Tostão de chuva” de Mário de Andrade**

Alice Laterza Ceatano (UFMG)

Resumo Uma das grandes marcas do Modernismo brasileiro são os traços de oralidade presentes em todos os gêneros literários desenvolvidos, principalmente, por Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Guiados por um “programa primitivista” (SCHWARZ, 1987, p. 17) de resgate do que seria nativo e autenticamente brasileiro, os modernistas aqui citados encontraram na linguagem popular falada uma forma de incorporar a cultura brasileira em suas obras. O emprego desses elementos na arte modernista era feito não somente com entusiasmo, mas com bastante estudo e pesquisa, de modo a participar da construção de uma consciência estética (MARQUES, 2012, p. 37). No entanto, para além disso, os artistas do Modernismo buscavam refletir criticamente acerca da realidade brasileira e sua identidade cultural em suas obras. “Em outras palavras, o movimento transcende o interesse e exclusivamente estético e persiste na proposta de transformação social.” (GELADO, 2006, p. 151). Objetiva-se problematizar essas questões a partir da análise de três poemas de Mário de Andrade, evidenciando as marcas da linguagem popular e, mais especificamente, da oralidade em “Tempo das águas”, “Poema” e “Tostão de chuva” publicados em *O Clã do Jabuti* (1927). Buscaremos, inicialmente, estabelecer uma ampla visão em relação à importância da linguagem oral para o Modernismo, trazendo também outros poemas de Mário e Oswald de Andrade e suas ideias. Nos auxiliarão neste trabalho os textos de Antonio Candido (200 e 2006), Roberto Schwarz (1987), Ivan Marques (2012 e 2016) e Viviana Gelado (2006).

**O ser feminino e a morte na obra
Água viva (1998), de Clarice Lispector**

Yasmin Maria Macedo Torres Galindo (UFPE)

Resumo Esta pesquisa traz uma investigação acerca do ser feminino – em alusão ao termo “ser-para-morte” de Heidegger (2005) – e sua relação com a morte na obra *Água viva* (1998), de Clarice Lispector. Assim, investigamos como debates caros aos Estudos Culturais (como este que envolve o feminino e sua ligação com a morte) foram construídos na referida obra, evocando uma discussão literário-filosófica sobre a constituição do sujeito feminino. Para compreender a constituição ontológica do ser e de como a subjetividade da mulher merece maior atenção por estar à margem dos debates filosóficos ao longo de séculos, trabalhamos com a filosofia existencialista de Martin Heidegger (2005 e 2018), a filosofia pós-estruturalista de Gilles Deleuze (2011) e o pensamento sobre as noções de “corpo” e de “mal” do filósofo George Bataille (2016 e 2017). Para tratar da escrita de Clarice Lispector, que compactua em sua própria tessitura com a formação do sujeito feminino para a morte, utilizamos para o escopo teórico desta pesquisa os trabalhos de Maria Lúcia Homem (2012), Yudith Rosenbaum (2006) e Marília Librandi (2020). A Teoria Feminista cara a esta discussão está representada pela citação de trabalhos de Margareth Rago (1985) e Silvia Feredici (2017). As primeiras conclusões apontam que a escrita clariceana em *Água viva* (1998) exhibe dois movimentos importantes relacionados ao ser feminino: o primeiro denota que ele é frequentemente crivado pela simbologia da morte, uma vez que a experiência de sua socialização é diferente da dos homens e o grupo feminino experimentou simbólicas perseguições por sua imanente diferença do conluio patriarcal. O segundo movimento versa que, a partir dessa experiência fenomenológica da morte na obra de Clarice Lispector, o ser feminino passa a ressignificar a mulher como pressuposto de liberdade.

Opressão de gênero e violência no romance visual
***Analogue: A Hate Story* (2012), de Christine Love**

Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Pedro de Souza Melo (UFPE)

Resumo Esta pesquisa teve por objetivo discutir a opressão e a violência sofrida por mulheres e narrada na obra *Analogue: A Hate Story* (2012), da escritora e designer canadense Christine Love. *Analogue: A Hate Story* é um *visual novel* (romance visual) de ficção científica situado em um futuro distante, quando viagens espaciais e naves capazes de abrigar cidades são possíveis. Nele, o jogador-leitor precisa descobrir o que aconteceu com a população de uma nave espacial que passou séculos à deriva até todos morrerem misteriosamente. Para isso, ele precisa acessar o banco de dados da nave e ler os registros armazenados com as memórias da população, resultando em uma experiência de leitura hipertextual de cartas e diários dessas personagens. Ao iniciar a leitura desses textos, o leitor-jogador não encontra uma sociedade futurista, mas sim uma com valores arcaicos e com uma estrutura social fortemente patriarcal e de opressão às mulheres. Para compreender como era a vida nesse contexto, especialmente pela perspectiva das mulheres, a autora Christine Love trabalhou com fontes que serviram como ponto de partida para seu processo de criação literária. Assim, temos uma obra de ficção do campo da literatura eletrônica escrita por meio de pesquisas científicas, de obras literárias e também de documentos baseados em vivências reais. Assim, para nos auxiliar a compreender o que as mulheres vivenciaram durante esse período, utilizamos a pesquisa de Mark Peterson (2009), que analisa aspectos sobre sociedade e sexualidade encontrados na Literatura. Também recorremos aos estudos de Valerie Raoul (1989), que relaciona a escrita de diários e cartas às condições sociais femininas. Enfim, estudamos uma série de pequenas narrativas epistolares sobre os últimos anos de vida de um grupo de personagens, com destaque para as mulheres dessa sociedade, seus sonhos e violências sofridas.

Reescrituras pós-coloniais do cânone: em busca de um lugar próprio de enunciação

Cindy Conceição Oliveira Costa (UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo Os autores pós-coloniais se apropriam, revisam, resignificam, atualizam e desconstroem narrativas, modelos e arcabouços ideológicos eurocêntricos. Eles adaptaram, questionaram, criticaram ou desconstruíram modelos ocidentais em seus escritos, ao se voltarem para obras canônicas e interrogarem visões hegemônicas presentes nelas. Com isso, tomaram textos e histórias consolidadas como ponto de partida para criar novas, através de uma intertextualidade, com o intuito de desmistificar essencialismos e promover uma recuperação da cultura, do idioma, da identidade de sujeitos que estão fora do centro da cultura ocidental. Como apontado por Mukherjee (2014), essas respostas pós-coloniais ao cânone geralmente significam um devir histórico, em que a terceira pessoa desse diálogo (a do chamado Terceiro Mundo) se torna a primeira e a segunda pessoa. Nesse sentido, os escritores pós-coloniais apresentam e reescrevem a interação de poder e a degradação que compõem a história colonial. Tendo essas questões em vista, o presente estudo tem como objetivo trazer discussões em torno das chamadas reescrituras ou reescritas pós-coloniais de textos canônicos, as quais podem ser entendidas como um tipo de resposta literária a uma visão eurocêntrica de sujeitos que eram representados e entendidos como o “Outro”. Valemo-nos de uma pesquisa de cunho bibliográfico, utilizando como aporte teórico autores como Bhabha (1998), Spivak (2010), Dolce (2010), Bonnici (1998; 2009), Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2004), entre outros. Os resultados mostram como as reescritas pós-coloniais são uma forma de resistência literária, ao inserirem esses sujeitos marginalizados e excluídos do cânone, construindo um local próprio de enunciação para que eles mesmos possam contar a sua versão da história.

Subvertendo o patriarcado:**a sexualidade feminina em *A casa da paixão*, de Nélida Piñon**

Jéssica Maria Cruz Silva (UESPI)
Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Resumo O objetivo deste trabalho é analisar a visibilidade do corpo feminino em *A Casa da Paixão*, de Nélida Piñon (1997), e como a personagem Marta subverte os papéis sociais conferidos à mulher no sistema patriarcal. Para direcionar esta pesquisa, utilizaram-se os postulados teóricos de Perrot (2007), Saffioti (2015), Bourdieu (2012), a fim de entender como a dominação masculina é legitimada por estruturas como Igreja, Estado, Família, Escola, bem como os fundamentos da crítica feminista abordados por Brandão (2017), Butler (2003), Scott (1992), Showalter (1994), Zinani (2013), Zolin (2005), o que permitiu refletir sobre a normatização da sexualidade feminina, dentro dos limites do casamento, da maternidade e da repressão do prazer sexual. Através de um discurso erótico, sem resvalar para a obscenidade, o romance nelidiano apresenta Marta, uma jovem órfã de mãe desde o nascimento, criada pelo pai e pela ama Antônia, que anseia dominar o próprio corpo, entendido não como templo divino, mas como a casa da paixão, destituído de ideologias religiosas. Ao conhecer Jerônimo, Marta o trata, inicialmente, com hostilidade, por ele ter vindo a pedido de seu pai, na tentativa de domesticá-la. Até que o rapaz começa a abster-se dos preceitos patriarcais que carregava, para aproximar-se da verdadeira essência de sua pretendente: uma mulher de comportamento livre e que impõe suas decisões. Através da trajetória desse casal, Piñon (1997) propõe desconstruir os contornos que regem as forças antagônicas entre o polo masculino, marcado pela força, virilidade, coragem, razão, e o feminino, ao qual se atribui a sensibilidade, a delicadeza, a resignação, dentre outros atributos, contribuindo para que a mulher deixe de ser o Outro, subjugada em relação ao homem, elementos estes que corroboram com a visibilidade do universo feminino, no que tange à sexualidade.

Texaco: o lugar do outro

João Batista Martins de Morais (UFAPE)

Resumo A partir do diálogo do romance *Texaco*, do escritor antilhano Patrick Chamoiseau, com o cânone ocidental, buscamos neste trabalho discutir as representações de alteridade e identidade presentes na obra, tomando como base reflexões elaboradas por Janet M. Paterson (2004) a respeito do conceito de alteridade, acrescidas de percepções sobre os mecanismos de marginalização através da linguagem e da estrutura social, respectivamente nos pensamentos de Homi Bhabha e de Terry Eagleton. Outros aportes teóricos de reflexões de pesquisadores cujo pensamento se insere nos Estudos Culturais farão parte de nossa análise, mas tendo sempre em foco o que a própria obra *Texaco* traz de maior contribuição para essas reflexões enquanto produção literária. O objetivo desta abordagem é identificar as estratégias discursivas de representação da alteridade e da identidade, além de investigar o universo ficcional elaborado em *Texaco*, universo este que vem estabelecer um saber e um olhar particulares sobre a História da Martinica de da literatura ocidental a partir da narrativa de uma moradora negra sobre o povoamento de um espaço, simbolicamente representado na história por um bairro extremamente pobre de Fort-de-France, chamado *Texaco*. A partir desses diálogos sobre o conceito de alteridade e identidade a partir do jogo de poder entre o centro e a margem, tomamos aqui o Outro como aquele que não está no centro, cujos aspectos se afastam daqueles pertencentes, segundo Paterson (2004), ao “grupo de referência” e chegamos à percepção de uma obra que consegue subverter e atualizar paradigmas estéticos eurocêntricos.

Um conto machadiano à luz dos estudos pós-coloniais

David de Mello Junior (UPM)

Resumo Sob a égide das Teorias Literárias (Zilberman, 2012) estão os estudos Pós-coloniais (BONNICI, 1998), que objetiva analisar uma obra considerando os fatores que forjaram a cultura, tanto do autor como do leitor. O contexto em que uma obra é criada, a cosmovisão do autor, e o que deseja despertar, pode descortinar uma impressão herdada socialmente, que manifesta a tensão entre a colônia e o colonizador

(HALL, 2009). Machado de Assis em sua obra “Papéis avulsos”, apresenta com brilhantismo a imensidão íntima do homem, e também a vastidão dos desdobramentos sociais de seu tempo. No conto “O Alienista”, é possível observar como uma estrutura social colonizada recebe um filho da terra recém chegado do Reino. Seria a segregação promovida pelo médico – que estuda a loucura e rotula arbitrariamente os cidadãos de Itaguaí – uma forma de expor uma sociedade prestes a experimentar a transição do governo imperial para o republicano? Os que são formados segundo a mentalidade colonizadora, deixam de segregar quando? Por que a doença é utilizada como elemento de estratificação social? Buscando responder estas questões, este presente trabalho procura refletir o conto machadiano que foi publicado num contexto singular da colônia, cuja dinâmica e narrativa apresentam dispositivos literários e sociais de um povo que ainda não está livre de se ver sem o olhar do mundo colonizador de ontem e de hoje.

Uma história de duas literaturas: como a ideia de autonomia da arte e a indústria cultural conceberam as categorias “alta literatura” e “literatura de massa”

Wlange Keindé (UERJ)

Resumo Existe um incômodo histórico no meio literário quanto à divisão das obras narrativas em dois grupos supostos: o da literatura de massa e o da alta literatura. A oposição sugere mais do que uma diferença no número de vendas ou no valor canônico das obras. Alguns teóricos apresentam esses dois tipos como tendo características temáticas e estruturais diferentes – no Brasil recente, Muniz Sodré e Leyla Perrone-Moisés se destacam nesse sentido. Desse modo, aspectos intrínsecos a esses tipos de literatura fariam com que um merecesse mais prestígio, enquanto o outro fosse mais capaz de conquistar a adesão popular. Visto isso, o presente trabalho busca investigar a gênese de tal fenômeno. Partimos do pressuposto de que a divisão da literatura de ficção nesses dois grupos é um fenômeno moderno, que se originou a partir do século XVIII, com o desenvolvimento dos meios industriais de produção de livros e os questionamentos crescentes em torno da ideia de arte. Assim, por meio de uma revisão de bibliografia apoiada em autores como Bourdieu, Adorno, Todorov, Ludmer, Bürger, entre outros, abordamos o período histórico

que deu início à ideia da arte como atividade autônoma, e dos produtos da cultura de massa como algo diferente da verdadeira arte, passando pelas teorias que surgiram para se tentar entender o valor da arte frente à indústria cultural, a fim de aprofundarmos a definição das categorias “alta literatura” e “literatura de massa”.

Vozes que não se calam: subalternização e ruptura no capítulo O livro dos Mortos de Borba Filho e J. Cláudio no romance Agá

Eronildo Januario da Silva (UFPE)

Resumo Esta comunicação visa refletir a atitude revolucionária de alguns personagens históricos brasileiros, tais como Zumbi dos Palmares, Tiradentes e Padre Roma, que se insurgiram contra o sistema opressor, colonial e/ou imperial, retratados em formato de histórias em quadrinhos, no capítulo O Livro dos mortos, do romance híbrido *Agá* (2019), de Hermilo Borba Filho, ilustrado por José Cláudio. Como referencial teórico buscamos a contribuição de Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e sua conceituação de subalternização, as relações entre Sujeito, poder e representação, destacando a importância da auto representação e autonomia do sujeito. Trazemos à discussão também as ideias de Anibal Quijano (2000) e a colonialidade do poder, refletindo sobre a hegemonia europeia sobre as colônias latino-americanas, desde os tempos das conquistas até o atual período pós/neocolonial. Diante destes estudos, nossa pesquisa aponta esse heróis ou mártires como sujeitos ativos que se rebelaram contra uma opressão sistêmica; assumindo o papel de representantes de classes subalternas, que por séculos aceitaram tal condição, mas encontraram nestas personalidades a atitude deflagradora de um ponto de virada social e político. Vozes que se insurgiram, “gritaram” sua insatisfação e receberam como consequência o silenciamento fatal (através da força, do paredão ou da decapitação), mas, em contrapartida, deixaram um legado que inspirou outras ações libertadoras e também revolucionárias com o passar dos tempos. Entendemos ainda que a difusão destas personagens, sob este crivo reflexivo, através de uma linguagem acessível e popular como as histórias em quadrinhos, pode ampliar o alcance da discussão para um público mais jovem, o que implicará novas reflexões, em uma sociedade que ainda vive diversas formas de colonialismo e subalternização.

Simpósio 42

Literatura e dissonância

André Dias (UFF)

Felipe Gonçalves Figueira (INES)

Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

Resumo A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica, na existencial ou na estética. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio Literatura e Dissonância discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do status quo, manifestado na esfera da política, dos costumes, da economia, da cultura, da tecnologia, etc. Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.” (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática Literatura e Dissonância, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que “o autor-artista pré-encontra a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras

palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises. O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e dos diálogos transdisciplinares. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação. Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação e dos sentidos construídos a partir da literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes. Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações

na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

**“Dr. Arnold A. Hutschnecker in Paradise”:
os fantasmas de Tony Kushner voltam à cena”**

Vanessa Cianconi (UERJ)

Resumo Originalmente encomendada por Joe Dowling, diretor artístico do Teatro Guthrie, Tiny Kushner (2010) compreende cinco peças, dentre elas, “Dr. Arnold A. Hutschnecker in Paradise”. A política radical e a fantasia erudita e sofisticada que compõem estas cinco peças de um só ato não são novas no mundo Kushniano. Como em *Angels in America*, personagens inventados, seres sobrenaturais e figuras da vida real são trazidos para confrontos bizarros. Em “Dr. Arnold”, Metatron, um anjo relator, está realizando uma sessão de supervisão com Hutschnecker em um consultório no céu. Os dois discutem como as dores de Hutschnecker e sua negação da mortalidade poderiam muito possivelmente estar relacionadas com seu próprio paciente, Richard Milhous Nixon, com quem ele se encontra frequentemente na vida após a morte. Condenado a proporcionar terapia através da eternidade, o psiquiatra de Nixon está reduzido a uma pilha de nervos a ponto de confundir o ex-presidente com Hitler. A crítica política à época, um ano após a morte de Hutschnecker (em 2001 o republicano George W. Bush era o presidente dos EUA), reafirma a máxima de Derrida quando esse afirma que “depois do fim da história o espírito volta como uma assombração (revenant em francês significa regressar), figura tanto um homem morto que regressa como um fantasma cujo retorno esperado se repete, continuamente” (1994, p. 11). Para o pensador francês o espectro é uma questão de repetição, pois esse é sempre um revenant, não se pode controlar as suas aparições pois ele começa retornando, logo, os dois fantasmas de Kushner não somente voltam como uma repetição, mas trazem com eles outros dois fantasmas da história que não podem figurar novamente. Esse trabalho pretende, bem despretensiosamente, a estudar a questão da repetição da história no mundo do capital tardio, aonde fantasmas voltam para se divertir e aterrorizar o antropoceno.

“No Brasil nunca houve teatro”: histórias de uma não história

Frederico van Erven Cabala (UFF)

Resumo “Devo repetir coisas já ditas e reditas. No Brasil nunca houve teatro. É um gênero de literatura só compatível com os países que já atingiram maturidade mental. Houve, apenas, entre nós, arte de representar.” A declaração, feita pelo dramaturgo Abadie Faria Rosa em um jornal carioca no ano de 1927, pode soar forte, mas não parece ser um ponto fora da curva no cenário da crítica teatral dos primeiros decênios do século XX, em que muitas análises se afinavam em um coro que caracterizava o teatro nacional de então como um imenso vazio. Nesta comunicação, percorrerei algumas dessas críticas e afirmações, encontradas principalmente em jornais cariocas e paulistas do período, e escritas por sujeitos de diferentes posições, seja um dramaturgo considerado sério, como Renato Vianna, um ator do quilate de Procópio Ferreira, um crítico influente como Mário Nunes e até em jornais ligados ao engajamento político de esquerda, como foi o periódico “O homem do povo”, dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu), por exemplo. Com isso, esperamos traçar um panorama de reprovação da crítica em relação a algumas manifestações teatrais em voga no período, buscaremos entender os critérios de avaliação dos críticos e também lançaremos algumas hipóteses de como essa perspectiva de um “vazio” do teatro brasileiro do início do século passado parece ter permanecido na construção de parte da historiografia do teatro brasileiro. Para constituição dos argumentos, serão utilizadas principalmente as ideias de cultura popular e cultura oficial, conforme Mikhail Bakhtin pensa em “A cultura popular na idade média e no renascimento”.

“O império que não há”: Portugal na poesia de Manuel Alegre

Carina Marques Duarte (UFMS)

Resumo Em Introdução à semanálise, Julia Kristeva, a fim de possibilitar a compreensão da prática literária, retoma a significação do verbo “ler” para os antigos, esclarecendo que “ler” significava também “escolher”, “colher”, “espionar”, “reconhecer os traços”, “tomar”,

“roubar” e que, por conseguinte, denota uma apropriação ativa do outro. É desta ordem a apropriação dos precursores levada a efeito pelo português Manuel Alegre. O autor de *O canto e as armas* edifica o seu discurso literário com os bens dos outros, submetendo-os, contudo, a um processo de transformação. No poema “Fala”, por exemplo, o eu lírico distingue a sua dicção poética da dicção poética de Camões, sugerindo que, enquanto nesta o mar, as velas e o vento – elementos que remetem às viagens e à formação do império marítimo – estavam sempre presentes, naquela, apesar do marulhar constante, será vista a outra margem, ou seja, a disforia, a decadência, “as naus que não mais”, o que se coaduna com a procedência do sujeito poético: “uma Europa de periferia”. Desse modo, Manuel Alegre dialoga com aquele que, como salienta Margarida Calafate Ribeiro, além de ter sido o poeta do império, foi usado e abusado de modo perturbador pelo salazarismo como símbolo da dimensão imperial portuguesa, mas estabelece uma distância crítica. O objetivo desta comunicação é, através da análise de um conjunto de poemas de Manuel Alegre, verificar em que medida Portugal é representado como periferia da Europa, apontando o contributo da intertextualidade com Camões e Fernando Pessoa para tal representação. Além das formulações acerca da intertextualidade, serão fundamentais, para a consecução deste trabalho, os estudos de Eduardo Lourenço, Boaventura de Sousa Santos e Margarida Calafate Ribeiro.

“Os romances são os diálogos socráticos de nossa época”: aproximações entre Schlegel e Bakhtin

Gabriella de Oliveira Silva (UFRJ)

Resumo Cerca de um século após a morte de Friedrich Schlegel, relembrando como o romântico alemão escreveu que os romances eram os diálogos socráticos de sua época (SCHLEGEL, F., 1997, p. 23), Mikhail Bakhtin (2019, p. 88) afirmou que estes seriam precursores do gênero romanesco, no qual cada linguagem só pode ser revelada em sua originalidade quando está correlacionada a outras, pois “uma língua só pode ver a si mesma à luz de outra língua” (2019, p.76), da mesma forma que o homem só toma consciência de si ao se revelar para o outro (2008, p. 322). Esse dialogismo da ironia socrática

foi incorporado pela ironia romântica teorizada por Schlegel, com a diferença de que, no caso desta, há um eu que se assume conscientemente como sujeito de um dizer, que dialoga com um tu: o leitor. Schlegel (2016, p.165) nomeia essa instância criada pelo exercício da ironia romântica como “ π^2 ” (Poesia elevada à segunda potência ou poesia da poesia), isto é, a arte que reflete sobre a sua própria condição, cuja natureza autocrítica é o que permite o eterno estudo de si mesma. Assim, o objetivo desta comunicação é expor os pontos que as teorias de Friedrich Schlegel e Mikhail Bakhtin se alinham, na medida em que enxergam o romance como um gênero em devir, que jamais poderá ser esgotado por nenhuma teoria, que oscila entre o exposto e aquele que expõe, “como numa série infinita de espelhos” (SCHLEGEL, 1997, p.64-5), constituindo um recurso que possibilita uma incessante reflexão, da qual o leitor, em qualquer época, pode participar de forma ativa e completar a obra de arte literária, preenchendo suas lacunas.

“Um jogador”, de Dostoiévski: entre a crítica à burguesia e a apologia do *status quo* imperial

João Marcos Cilli de Araujo (UNICAMP)

Resumo Praticamente todos os grandes literatos russos do século XIX cresceram lendo literatura francesa, quase sempre no original. Assim, é natural que as obras russas do período estivessem em franco diálogo com a literatura feita na França. Fiódor Dostoiévski (1821-1881) incorpora o material francófono como forma de denunciar, do ponto de vista russo, a decadência da França e seus valores. O aburguesamento da sociedade e a progressiva perda da fé cristã que ele acreditava encontrar nos retratos literários do Ocidente são tomados como uma espécie de alerta à Rússia e a sua substituição da cultura idealista, representativa da década de 1840, pela materialista, típica dos anos 1860. *Um jogador* (1867), narrativa que se passa integralmente na porção ocidental da Europa, talvez seja uma das obras dostoiévskianas na qual isso fica mais claro, principalmente por meio dos personagens Des Grieux e Blanche. Assim, o presente estudo pretende uma análise das representações feitas a respeito dos sujeitos franceses ao longo da narrativa, de modo a sublinhar o potencial crítico

das mesmas. O narrador Aleksiei Ivânovitch é alguém periférico e marginalizado em relação aos burgueses ocidentais; tal distanciamento lhe permite ver que liberdade do trabalho, igualdade e até mesmo todo o universalismo apregoado pelo Ocidente “civilizado” não passam de mera ideologia. Embora a crítica aos franceses e ao Ocidente representem uma vituperação, vinda da periferia, contra o centro da Europa, há uma outra nacionalidade em “Um jogador” que não escapa aos julgamentos do narrador; contudo, não se trata de nenhuma grande potência, mas, sim, de um povo que sempre foi marginalizado pelo próprio Império Russo: o polonês. Destarte, o estudo também busca uma análise do Dostoiévski imperialista em “Um jogador”, pretendendo uma discussão das ambiguidades e contradições da obra – crítica radical ao Ocidente e, simultaneamente, apologia do status quo imperial.

A dimensão poética em “Retábulo de São Nunca” (*Estas estórias*)

João Paulo Santos Silva (UFS)

Resumo Em “Retábulo de São Nunca”, conto inacabado publicado postumamente no volume *Estas estórias*, em 1969, Guimarães Rosa (1908-1967) cria uma narrativa, com a qual nos deparamos com a perplexidade de uma comunidade interiorana ante “o absurdo do possível” do casamento de Ricarda Rolandina com Dr. Soande, e não com Reisaugusto, como esperado pelo arraial. Nossa hipótese é que no conto afloram, sempre intercalados a momentos-chave, ditos proverbiais, aforismos, aliterações e assonâncias, bem como arcaísmos e neologismos que, quando vistos sob o amálgama estruturante observado entre a poesia e a prosa, perfazem a dimensão poética, que, por seu turno, revela-nos a poíesis rosiana. Impõe-se, pois, o exame dos principais trechos elucidativos a fim de embasarmos nossa proposta de leitura, tendo em vista a presença de um lirismo que extrapola as convenções literárias e tende a iluminar outras veredas de compreensão dos sentidos postos em dinâmica pelo texto. Para tanto, o embasamento teórico deste trabalho consiste, entre outros, em Staiger (1977), Moisés (2012), Heidegger (2003), Rosenfeld (2015), além dos estudiosos da obra rosiana, tais como Galvão (2000), Leonel (2000), Bosi (2007), Xisto (1991) a fim de se esmiuçar o conto supracitado na

busca da sua dimensão poética, despontando nas mãos do autor mineiro como regionalismo dissonante na moderna literatura brasileira, porque parte do transcendental e devolve à palavra prosaica sua poesia. Assim, o desafio de se propor uma leitura dos contos inacabados de Estas estórias, somado à escassez de estudos dedicados a destrinchar os meandros do volume póstumo, constitui a força motriz deste trabalho, que pretende lançar luz ao conto “Retábulo de São Nunca”, na tentativa de desvelar, ainda que parcialmente, a travessia poética rosiana.

A importância negada da *Clizia* de Maquiavel

Priscila Nogueira Da Rocha (UFRJ)

Resumo Niccolò Machiavelli (Florença, 1469-1527), embora mais conhecido como historiador e político, sendo hoje mais lembrado por *Il Principe*, é importante manter viva sua marcante produção teatral, notadamente por *Mandragola*, sua única obra que lhe rendeu reconhecimento em vida. Talvez pelo brilhantismo e relevância de *Mandragola*, pouco se fala de sua obra seguinte, *Clizia*, considerada por muitos como uma comédia menor por se tratar de uma adaptação de Casina, de Plauto, e é nesta obra que pode ser observada a maturidade de Maquiavel enquanto comediógrafo. Estudos mais recentes demonstram que, apesar da inspiração plautina, *Clizia* apresenta diversas inovações, sendo particularmente notável a composição musical, que viria a se tornar um marco do teatro italiano ao inserir canções que preenchem os entremezes, buscando conectar um ato a outro, dando à apresentação uma consistência e coesão sem paralelo à época. *Mandragola* e *Clizia* são, sem dúvidas, o auge da carreira teatral de Maquiavel, porém ambas representam momentos distintos na vida do autor. Em *Mandragola* a crítica social e política é o ponto alto, *Clizia* já mostra um Maquiavel mais voltado para dentro, onde o pior vilão passa a ser o tempo, a velhice, que naquela época já assombrava o autor. Do mesmo modo, se em *Mandragola*, o astuto e manipulador Ligurio é quem lhe serve de espelho, em *Clizia*, Maquiavel se coloca na pele de Nicomaco, de idade muito mais avançada (e mais compatível com a do próprio autor àquele momento), e expõe duramente aquele que era seu maior interesse na época: a

paixão pela cortesã e atriz Barbara Salutati. Esta comunicação tomará como base e suporte teórico dos estudos de Stoppelli (2018) e Boggione (2016).

A pesquisa esperpêntica dissonante de viés sociológico

Gustavo Rodrigues da Silva (UFSCar)

Resumo Os esperpentos valle-inclanianos são o ápice da criação literária de Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936). Apesar de haver certa divergência entre os pesquisadores de sua poética quanto ao número de obras que podem ser denominadas como esperpentos, consideramos as quatro nominadas pelo próprio autor: *Luces de bohemia* (2005), *Los cuernos de Don Friolera* (1990), *Las galas del difunto* (1990) e *La hija del capitán* (1990). No Brasil, podemos considerar a pesquisa esperpêntica valle-inclaniana como dissonante, porque se trabalham e se discutem pouco as suas obras se levarmos em consideração toda a pesquisa sobre Literatura Espanhola que se faz em solo nacional. Dentro dessa poética esperpêntica valle-inclaniana, separamos a primeira cena de *Las galas del difunto*, publicada em 1926 e, que trabalha intensamente a relação entre a Literatura e a História Espanholas do começo do século XX. No pequeno escopo existente de pesquisas sobre a poética valle-inclaniana feita por brasileiros, um aspecto dissonante é o estudo dessa poética tomando como base a crítica literária de viés sociológico, principalmente nas vozes de Antonio Candido (1918-2017) em *Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária* (1980) e de Luiz Costa Lima (1937-) em *Teoria da literatura em suas fontes* (2002). O objetivo de nossa comunicação é mostrar como é possível analisar a Literatura e a História Espanholas em *Las galas del difunto* de forma conjunta com o arcabouço literário crítico desses dois pesquisadores brasileiros, pois as discussões literárias que promovem têm alcance universal.

A resistência feminina em três contos de Marilene Felinto

Edilva Bandeira Sousa (UFMS)

Resumo Esse trabalho discute e analisa os contos “Ilsa, Vanilsa, Valdaísa”; “Grávida como minha mãe” e “Embalagem para presente”, da obra *Contos Reunidos* de Marilene Felinto (Editora da autora, 2019). Em *A Literatura e a formação do homem* (1972) Antônio Candido, aponta a literatura como manifestação artística que transfigura a realidade para relatar as experiências e investigar a identidade e o destino humano. Nesses três contos, Felinto narra as vivências e resistências de mulheres, que vivem plenamente, ainda que precariamente, possíveis destinos que lhes são reservados pela sociedade patriarcal em que elas estão inseridas. A construção das personagens femininas é marcada por memórias, questionamentos e a busca para entender seus lugares no mundo em meio aos papéis de trabalhadoras, mães e prostitutas que lhes são impostos. No conto “Ilsa, Vanilsa, Valdaísa”; a personagem principal, uma índia Caeté não tem nome próprio, é nomeada apenas como Tia da narradora do conto, que admira a alegria e delicadeza dela em meio a vida sofrida pelo trabalho pesado em fábricas de cimento e tecido que enfrentou durante a vida. Em “Grávida como minha mãe”, narrado em primeira pessoa, o questionamento é sobre o destino de parideira imposto a mulher, a violência e servidão que o peso de carregar um útero impõe. Em “Embalagem para presente”, a narradora personagem é uma prostituta que se vê como presente de aniversário enviado a um cliente. Identificando-se como objeto de uma rifa, de um jogo de azar da vida, ela se questiona e relembra a dor e a solidão que sente em sua condição de prostituta. Os três contos trabalham com o tempo presente, mas também com memórias e recusa a entregar-se a um possível destino reservado às mulheres.

Ampliações da cena em tempos de pandemia: o Grupo Galpão no projeto “Dramaturgias: cinco passagens para agora”

Anna Paula Soares Lemos (UNIGRANRIO)

Resumo Trata-se nesta comunicação de observar o processo de criação do Grupo Galpão de Belo Horizonte no período da pandemia de

Covid 19. Mais especificamente, dá-se a ver aqui o projeto “Dramaturgias: cinco passagens para agora” (2021) que teve como primeira experiência teatral virtual o texto de Newton Moreno “Como os ciganos fazem as malas” no aplicativo Telegram. Com técnica e linguagem híbridas digitais, o monólogo em fluxo do ator Paulo André (Grupo Galpão) estabeleceu uma relação de mensagens escritas, áudios, fotos, vídeos e outros elementos disponíveis na plataforma que, juntos, formavam o palco da peça. Nesta medida, entende-se que essa experiência ilustra o conceito de Cena Expandida que dá conta da linguagem em trânsito, sua forma de produção e de recepção cênica. Por cena, entende-se não apenas o fazer teatral mas a integração deste modo de produção e recepção com a literatura, a performance, as artes visuais e o audiovisual. Ainda que ampliando o campo semântico do teatro, o Grupo Galpão preserva em uma possível medida o fundamental encontro, a presentificação própria do teatro (Hans Ulrich Gumbrecht), já que o ator está de fato do outro lado da tela. Destaca-se que em tempos de pandemia, com a impossibilidade dos encontros físicos, a rede vira palco com um tipo de reescrita cênica feita em processo colaborativo e que se sustenta neste lugar em trânsito. Uma experiência fronteiriça, um bricolage, em que tudo vira texto com suspenções do tempo e com o próprio corpo do ator em trânsito.

Anton Tchekhov e Luiz Vilela: para uma crítica da crueldade

Catia Mendes Pereira (UFMS)

Resumo O objetivo deste artigo é analisar os contos “Bichinho engraçado”, de Luiz Vilela, e “O acontecimento”, de Anton Tchekhov. Os dois escritores apresentam profunda empatia para com os animais, o que é dissonante e até revolucionário na história da humanidade, que se erige pelo domínio e controle da natureza. Pretendemos abordar as semelhanças e as diferenças entre os dois escritores quanto ao tratamento literário dos enredos encenados. Os dois escritores, ao retratar os maus-tratos e a crueldade com os animais, mostram com a denúncia a empatia por todos os seres e enfatizam a falta de compaixão do ser humano para com os animais. No enfrentamento dos problemas encenados e vivenciados, as personagens mergulham em confrontos externos que resultam em mudanças internas

e em crescimento pessoal. Os dois contos desvelam – ao abordar as relações dos seres humanos e os animais marcadas por violência – o que é próprio do humano e o que não é. Os contistas mostram a incoerência e desumanidade de algumas ações em seres que se pretendem como racionais. Os contos trazem em seus enredos personagens animais e humanos em relações corriqueiras, que, embora pareçam despretensiosas, engendram discussões que caminham para uma cosmovisão de denúncia social em postura filosófica e ética de defesa dos animais. Para discutir os contos convocaremos, para este estudo, críticos da obra de Luiz Vilela e de Anton Tchekhov e teóricos que trataram da presença do animal na literatura.

As caravanas da cidade do meu sol: a cidade futurista de Aldo Palazzeschi

Eric da Silva Santiago (UFRJ)

Resumo Afirma Michel Collot que “De fato, a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem” (2013, p.17). Entretanto, o mesmo Collot assevera que a paisagem “se oferece igualmente aos outros sentidos, e tem relação com o sujeito inteiro, corpo e alma. Não apenas se dá a ver, mas também a sentir e ressentir.” (Ibidem, p. 51), ademais, acrescenta ele que “O sentido de uma paisagem não resulta de uma pura projeção do interior para o exterior, mas de uma interação constante entre o dentro e o fora” (Ibidem, p. 57) muita das vezes, essa interação se faz presente de maneira tão intensa a ponto de causar, para usar um termo do próprio Collot, um certo tipo de ubiquidade, isto é: “O sujeito parece sair de si mesmo para se espalhar por todo o espaço circundante [...]” (Ibidem, p. 85). Todavia, seriam esses pensamentos acerca da paisagem suficientes para analisarmos uma cidade construída totalmente na imaginação de um eu-poético? Ou melhor, uma cidade imaginária é capaz de criar tal interação entre o sujeito e o espaço observado? A partir dessas perguntas visio discutir as noções de paisagem em *Le carovane* e *La Città del Sole Mio*, duas poesias presentes na obra *L'incendiario* (1910) de Aldo Palazzeschi (1885–1974), um dos grandes expoentes do Futurismo italiano. Além disso, partindo do pressuposto de que a comicidade é um elemento

fundamental da escrita futurista palazzeschiana, pretendo discutir algumas noções do próprio cômico e, principalmente, o conceito de ponto de vista cômico discutidos por Pereira (2017) e Berger (2017).

As emoções dos Ulisses contemporâneos

Felipe Dartagan Maropo Teixeira De Castro (UFMS)

Resumo A presente comunicação se debruça sobre o romance “El síndrome de Ulises”, do escritor colombiano Santiago Gamboa (2005). Nela a personagem principal, Esteban, um migrante colombiano que cursa um doutorado em Literatura na Sorbonne, luta para sobreviver em meio a dificuldades econômicas. A partir de seu ponto de vista histórias de outros migrantes, de muitas partes do mundo, vão sendo contadas. Na perspectiva deste simpósio “Literatura e Dissonância” é possível inserir a discussão deste romance uma vez que ele apresenta alguns elementos que claramente confrontam noções paradigmáticas, tais como: apresenta em um único romance vários tipos de migrantes; retrata a cidade de Paris não como o lugar-comum da “cidade luz”, da metrópole cosmopolita, no sentido mais positivo, mas sim uma Paris periférica, suburbana, vivida cotidianamente pelos migrantes; e, por último, mas não menos importante, a ênfase que o autor dá aos aspectos emocionais da experiência migrante em contraste com aqueles puramente materiais que comumente se vê em obras que abordam a questão da migração. Vale lembrar ainda que “Síndrome de Ulisses” é um conceito desenvolvido por Achotegui (2020) para retratar justamente as agruras da experiência migratória. Sendo assim esses elementos justificam o título ao evocar a experiência de Ulisses na sua trajetória fora de Ítaca, da obra clássica de Homero.

As utópicas cidades dos folhetos de Antônio Francisco

Felipe Gonçalves Figueira (INES)

Resumo Uma característica recorrente na literatura de Antonio Francisco Teixeira de Melo é a representação poética de espaços. Ora são fruto do empenho criativo do poeta em oposição àqueles da vida

cotidiana, como no folheto “Meu sonho” (FRANCISCO, 2011b, p. 13-24) e em “As seis moedas de ouro” (idem, p. 51-64); ora são as cores e os cantos de seu sertão natal que são trazidos para seus versos a partir de sua perspectiva crítica, como em “Um bairro chamado Lagoa do Mato” (FRANCISCO, 2011a, p. 53 – 60). Em minha leitura, percebo a constituição desses espaços representados como um exercício literário de reflexão filosófica sobre fundamentos éticos e estéticos da própria sociedade no início de século XXI. Para o presente estudo, debruço-me sobre as construções que considero “utópicas” de cidades, pois superiores à vida extraliterária tanto ética como esteticamente. A construção literária de espaços qualitativamente tão elevados são empreendimentos reflexivos do autor e, vistos de outro prisma, denúncias das mazelas do mundo. Servem de corpus para o estudo – especialmente – os poemas encontrados nas antologias Por motivos de versos (FRANCISCO, 2011a), Sete contos de Maria (FRANCISCO, 2011b), Dez cordéis num cordel só (FRANCISCO, 2011c) e Quatro léguas e meia de cordel (FRANCISCO, 2019). Para o desenvolvimento das reflexões sobre as dimensões teóricas da representação do espaço e do tempo na literatura, são relevantes as proposições fundadas na análise do discurso de Mikhail Bakhtin (1993, 2010, 2018).

Barra Funda, de João Antônio: a arquitetura da violência

Maisa Cristina Santos (UFMS)

Resumo As pedras que formam o piso paulista carregam sobre si o peso do mundo. São pessoas, coisas, lixo e sonhos esbarrando-se uns com os outros e, por vezes, formando massas indistintas, distribuídas por toda a cidade. Aos disformes, cabe a invisibilidade social, enquanto o privilégio da singularidade reserva-se aos vencedores, aos grandes expoentes da meritocracia. Barra Funda, excerto do conto Malagueta, Perus e Bacanaço, é uma história que versa sobre sujeitos invisíveis. São personagens que transitam imperceptivelmente em meio a um corpo social com o qual não se identificam, e que faz questão de não lhes dar identidade. A violência simbólica advinda dessa superestrutura impõe um dever de cautela constante, a fim de que as distâncias sejam mantidas. Não por outro motivo, aos periféricos em trânsito cabem os recônditos, locais de observação em que

o outro é a experiencição da possibilidade de uma existência digna. Considerando-se os espaços e seus sujeitos contrastantes, o presente artigo objetiva abordar essas relações antitéticas enquanto paradigmas da desfragmentação do ser. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, cujos materiais que guardavam correlação com a temática foram resumidos e fichados, o que facilitou a consulta e a visão macrossistêmica dos conteúdos detentores de correlação dialógica. Como consequência, o artigo ainda em produção proporcionará uma análise espacial, cujo resultado prático demandará a ressignificação da divisão estamental, da qual somos sujeitos integrantes. O processo que se propõe, conduz o leitor a perpassar pela concepção marxista da identidade de classe e do uso da Literatura enquanto instrumento dissonante apto à humanização do corpo coletivo.

Carne viva do tamanho de um punho

Katria Gabrieli Fagundes Galassi (UFRJ)

Resumo A poesia de Livia Corbellari destaca-se no panorama das obras contemporâneas produzidas no Espírito Santo. Por meio de textos das críticas literárias Constância Lima Duarte e Sylvia Perlingueiro Paixão, que retratam o percurso construído e conquistado pelas escritoras brasileiras desde o século XX, pretende-se traçar um panorama breve que desemboca na poesia de violência, prazer e dor de Corbellari em seu primeiro livro de poesias, *Carne viva*, lançado em 2019. A jornalista escreve com palavras e sentimentos subversivos e despudorados que suscitam no leitor a busca pelos sentimentos escondidos em seu próprio ser. Sabe-se que da escrita feminina nos seus primórdios, no século XIX, esperavam-se assuntos referentes apenas à medíocre condição feminina, ou seja, assuntos que não despertassem espanto, não abrangessem temas acreditados masculinos e não perturbassem a pretensa calma que havia na literatura majoritariamente masculina. A questão já incomodava algumas pensadoras literatas da época, como Cândida Fortes, Ibrantina Cardona, Francisca Júlia, Narcisa Mália, para citar alguns nomes, que não concordavam com as regras e como elas eram pensadas. Em algum momento surgiriam vozes que confrontariam aquele lugar de submissão sempre imposto às mulheres, que, com isso, manifestavam a

força das palavras nos escritos femininos. Não apenas o gênero masculino se mostrava incomodado com o que surgia, mas também algumas mulheres não estavam preparadas para verem subvertidas as ordens e criticavam produções audaciosas de suas colegas de gênero.

Dissonâncias e consonâncias com o status quo na formação do protagonista de “L’Enfance d’un chef” de Sartre

Robert Ponge (UFRGS)

Karol Garcia (UFCeará)

Resumo Esta comunicação se debruça sobre “L’Enfance d’un chef”, última novela de *Le Mur* (1939), coletânea em que a escrita de Jean-Paul Sartre começa a superar a crise de identidade tratada em *La Nausée* (1938) para iniciar o movimento rumo ao engajamento. A narrativa conta a trajetória de Lucien Fleurier, filho de um proprietário de usina numa cidade francesa interiorana, da infância até o início da vida adulta, de aproximadamente 1910 até o final do Entregueras. Propomos apresentar uma análise do protagonista focando em sua caminhada para, conforme indica o título da novela, tornar-se um chefe. Para tanto, começamos com uma apresentação da intriga, da narração, do narrador e estudamos como os genitores de Lucien concebem sua educação e adestramento. Em seguida, aplicamo-nos ao percurso do personagem, examinando seu processo de formação, suas experiências, dúvidas, inquietações e transformações psicológicas. Analisamos igualmente a existência, ao longo deste trajeto, de períodos de dissonância que o afastam do destino traçado por seu pai que, finalmente, são rejeitados e dão lugar à sua integração ao statu quo. No empenho em tornar-se um chefe, Lucien adere à ideologia de sua família e de sua classe bem como segue um grupo político de extrema-direita, monarquista, antissemita, violento e de natureza fascista. Na conclusão, procuramos destacar como, na novela, a narrativa de formação enraíza-se na atualidade, na história da época; por outro lado, buscamos por em evidência o modo como a ironia desnuda e questiona os valores (ou certezas) em que Lucien se refugia e se acomoda. Nossas principais referências teóricas são, entre outras, Genette (1972) e Reuter (2001) para a análise narratológica; Candido et alii (1968), Forster (1974), Hamon (1976), Brait (1985),

Jouve (1992) para o estudo dos personagens; Jeanson (1965), Louette (1993), Maillard (1994) sobre Sartre, sua obra e sobre *Le Mur*.

Ensino de literaturas na formação de professores: reflexões necessárias

Raquel da Silva Ortega (UNISC)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre o ensino das literaturas na educação superior, considerando a dimensão estética do texto literário e os possíveis diálogos entre as literaturas de língua portuguesa e as de língua estrangeira. Os documentos norteadores da educação vigentes antes da BNCC eliminaram do currículo escolar a tríade Língua Portuguesa/Literatura/Redação, o que levou ao desaparecimento da disciplina Literatura e também dos seus conteúdos e da leitura de literatura na escola. Como consequência, temos gerações de alunos com pouco repertório de literatura adquirido na escola e a incidência de ingressantes nos cursos de Letras com poucas leituras de literatura, mas que serão professores encarregados de ensinar literatura na educação básica. A partir destas considerações, percebemos que é necessário formar professores de literatura que sejam leitores e hábeis no ensino de literatura. Para tanto, nesta pesquisa, enfatizamos a necessidade de se pensar criticamente a formação de professores na universidade e também a revisão de metodologias e conteúdos, considerando que a BNCC recomenda a articulação do ensino das literaturas de língua portuguesa e as literaturas hispano-americanas. Acreditamos também ser necessário repensar o corpus de literatura na universidade e renovar a crítica literária, de forma a incorporar repertórios que abarquem questões e discussões atuais e necessárias, como as questões raciais e de gênero, as escritas dissidentes e de re-existência, entre outras, sem prescindir dos clássicos. Como referencial teórico, nos amparamos nas ideias de Barthes (1977), Candido (1995) e Todorov (2012) sobre a importância do ensino de literatura; Clímaco e Ortega (2015) e Zaratín e Faqueri (2018) sobre ensino de literatura e literaturas hispânicas; Costa Lima (1983), Moisés (1973) e Melicchio (2017) sobre literariedade, dimensão estética e artística e linguagem simbólica da literatura; e Mignolo (2007), Walsh (2017) e Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) sobre pensamento decolonial.

Entre parasitas

Iasmim Santos Ferreira (UFS)

Resumo O presente trabalho discute a temática do parasitismo no romance *Ressurreição* (1872), de Machado de Assis. Tal tema se mostra não só na narrativa de estreia como também noutros romances, contos e crônicas. Na série de crônicas “Aquarelas” (1859), o autor dispõe um espécime de manual desse comportamento e analisa cinco tipos mais proeminentes na sociedade brasileira do século XIX. O ironista, assim como Rabelais, Swift, Voltaire, bebe dos escritos de Luciano de Samósata, sírio helenizado que mescla personagens da comédia com a estrutura do diálogo filosófico. No caso do autor brasileiro, há a utilização dos recursos da tradição, sobretudo, o estabelecimento de um diálogo específico com *O Parasita*. Machado retoma o tipo parasitário explorado por Luciano, o parasita alimentar, encarnado no personagem Viana, o qual, segundo o autor, é um “parasita consumado, cujo estômago tinha mais capacidade que preconceitos, menos sensibilidade que disposições” (ASSIS, 2015, p. 235). Mais, “Nasceu parasita como outros nascem anões. Era parasita por direito divino” (ibidem). Pela pena de Machado, somos instados a investigar comparativamente os seus tipos parasitários e os de Luciano, a fim de engendrar os sentidos dessa prática circunscrita em contextos diferentes. Com esse fito, elegemos Viana como personagem central de nossa investigação e fundamentamo-nos, principalmente, em Bakhtin (2002, 2010, 2011), Brandão (2001, 2015), Julia Kristeva (1974), Sá Rego (1989), Nitrini (2015).

Espíritos marginais em Petersburgo: leituras de “A dócil” e “O sonho de um homem ridículo”, de Dostoiévski

Nataly Rafaele Ternero (USP)

Resumo A marginalidade é um tema que perpassa todos os romances de Dostoiévski e que também aparece em suas histórias curtas. Nesses textos, em especial naqueles escritos para o Diário de um escritor, o autor desenvolvia questões acerca de sua sociedade que o preocupavam, tanto na forma ensaísta quanto na ficcional. Exemplos

dessa formulação literária de problemas sociais tratados no Diário são as novelas “A dócil” (1876) e “O sonho de um homem ridículo” (1877). As histórias acompanham personagens às margens de São Petersburgo – cidade em constante modernização – tanto por não conseguirem condições dignas de existência, no caso especial da Dócil, quanto por não se encaixarem em parte alguma, com ênfase no Homem Ridículo. Por meio de uma escrita que transmite a confusão e a exasperação das personagens, o adoecimento mental delas é retratado por Dostoiévski até o ponto máximo de crise, como forma de observar os comportamentos humanos em situações-limite. A racionalização extrema da vida, como mostrado nos textos, aparece como impulsionadora de crises externas e internas, e não como resposta aos impasses da convivência em sociedade. Com o aporte de Pareyson e Bianchi, as leituras propostas dos textos selecionados procuram analisar as complexas representações de não pertencimento (social e emocional) nessas histórias que têm como pano de fundo uma cidade em ebulição de correntes de pensamento.

Evocação de memórias e a duplicidade na temática da peste: a abordagem revolucionária na obra *Violação*, de Rodolfo Teófilo

Paloma Bispo de Angelis (UFMS)

Resumo Este trabalho propõe uma discussão sobre como as recordações pessoais, na obra do escritor cearense Rodolfo Teófilo, constroem uma escrita revolucionária ao abordar, por meio de um discurso crítico, temas ligados a peste e outros problemas relacionados à saúde pública. Para ilustrar essa discussão, fazemos uma análise bibliográfica a partir das teorias do conto e tomamos sua obra intitulada *Violação* (1898), que traz uma verdade dolorosa testemunhada por uma criança na cidade cearense de Maranguape, e apresenta como elemento de maior e aterrorizante impacto, a própria peste. O autor não se apresenta meramente como um espectador dos acontecimentos presenciados e narrados, é justamente a voz enunciativa da experiência vivenciada diante da epidemia de cólera-morbo no Ceará, no século XIX, que despertou o interesse por relacionar sua escrita ao universo social no qual estava inserido. Essas vivências, relatadas por meio de uma narrativa literária que mescla elementos

ficcionais e memorialísticos, demonstram sua capacidade de fazer com que a escrita assumisse as características de crítica e denúncia, em especial, voltadas à sensibilidade social e manifestações da insciência, revelando, após o mergulho total na leitura, uma segunda história baseada nas consequências de uma “peste” ainda mais perigosa, e que assola a sociedade de forma devastadora: a virulência da ignorância. As cenas trágicas ocasionadas pela peste marcaram a história pessoal do escritor, e, ao trazer essa temática em suas obras, Teófilo retrata o aspecto terrífico do cenário real, a partir da sombria desolação, da agonia coletiva e do luto que invadiram, não só a capital, mas também outras cidades cearenses.

Imagens transfiguradas do intelectual na obra de Roberto Bolaño

Talita Jordina Rodrigues (UNICAMP)

Resumo Apesar do declarado antiacademicismo, Roberto Bolaño escolhe as figuras de quatro intelectuais amplamente reconhecidos no meio universitário para abrir seu romance de maior fôlego. Na parte dos críticos, de 2666, o leitor começa a observar tais personagens sob uma perspectiva quase ingênua, à medida que o narrador apresenta uma espécie de gênese breve de seus respectivos trabalhos. No início da narrativa, Pelletier, Espinoza, Morini e Norton são apresentados como estudiosos que muito precocemente souberam reconhecer o valor da obra de Benno von Archimboldi – escritor mítico e de grande prestígio – e que também muito precocemente conquistaram seus espaços no meio acadêmico, cada qual em seu país de origem mas também em outros territórios da Europa, sobretudo entre os germanistas. A história, no entanto, avança e, à medida que os quatro se encontram e se aproximam, tal qual elementos químicos combinados em busca de uma reação, suas imagens vão se transfigurando. Aparece, então, sob a máscara da normalidade e da seriedade exigida pelo ofício, uma série de dramas pessoais que vão do trauma à violência. Em uma das cenas mais marcantes do romance, Pelletier e Espinoza espancam, sob o olhar de Norton, um taxista paquistanês durante um passeio pelas ruas de Londres. Naturalmente, a violência é um elemento sobre o qual tudo está voltado

dentro da obra de Bolaño. E, portanto, ninguém consegue se manter fora dela, ainda que tal sujeito esteja, de certa forma, resguardado por uma torre de marfim qualquer.

Indagações ficcionais em *Olhares de Orfeu*, de António Vieira.

Marcos Rogério Heck Dorneles (UFMS)

Resumo Tanto em suas ditas entranhadas partes quanto nos seus apreçados atributos, a criação literária pode proporcionar um feito questionador por intermédio de diversos procedimentos compositivos como: apreensões metalinguísticas, temáticas e contextuais; variações interpelativas em âmbitos de expressividade e de reflexibilidade; e de disposições variadas nas instâncias da autoria, tais como as da constituição de configuração artística e as da sua arbitragem extralinguística. Essa postura contrastiva pode interatuar com o pendur dissonante de alguns impulsos questionadores advindos da prática inter-relativa entre diferentes disciplinas e ramos do conhecimento. Para tal, dialogamos com elementos reflexivos da teoria crítica de extração benjaminiana (BENJAMIN, 2009; LÖWY, 2005) e tópicos da filosofia cética (NUNES, 2010; KRAUSE, 2004) Nesse horizonte, este texto busca constituir um exame acerca da interação entre peculiaridades literárias e horizontes filosóficos pertinentes à criação constitutiva do escritor contemporâneo português Antonio Vieira, em seu volume de contos *Olhares de Orfeu* (2013). Especificamente, delineia-se nessa confluência interdisciplinar a assunção do caráter dissonante encontrado nas composições ficcionais vieirenses. Pois, nessas narrativas (como, por exemplo, “O festim”, “A passagem, ou O regresso do caçador Gracchus”, “Hapax” e “O grande luto”) se expressam uma disposição opositiva aos corolários advindos tanto das matrizes e práticas consuetudinárias de extração abraâmica, como das experiências e expectativas provenientes de horizontes luminares ou positivistas. Dentre outros objetivos, pretendemos: expor uma dimensão compositiva em que a maneira pela qual a ampliação da tensão conflitiva entre as personagens proporcione uma expansão compreensiva dos anseios e dos abismos do ser humano; enfatizar a acuidade do mergulho ficcional nas camadas sombrias da vida e do pensamento; apontar indagações acerca de limites da emancipação e do

arbítrio do ser. Nesse processo, sinalizamos à prática do princípio dinâmico dissonante a expressão da denegação de idealidades, da inversão dos andamentos consentâneos da narrativa e da releitura dos padrões tutelares míticos.

Irreverência e disciplina: Antônio Abujamra e o grupo carioca Os F... Privilegiados (1991-2000)

Paula Sandroni (UFF)

Resumo Antonio Abujamra (Ourinhos, SP 1932 – São Paulo SP 2015) faz parte da primeira geração de diretores brasileiros, ao lado de Antunes Filho, Flavio Rangel, José Renato, entre outros. Além de diretor, na maturidade ficou conhecido do grande público como ator e entrevistador. Tive a sorte de trabalhar com ele de 1991 até 2007 como sua assistente de direção e também como atriz. Na minha pesquisa de Mestrado, “Primeiras provocações: Antonio Abujamra e o Grupo Decisão”, orientada pela Prof. Dra. Tania Brandão da UNI-Rio, foquei no diretor jovem, recém-chegado da Europa – onde estagiou com Roger Planchon, Jean Vilar e também no Berliner Ensemble – na formação de sua primeira companhia teatral em São Paulo. Na tese de Doutorado escolhi escrever sobre o grupo que Abujamra fundou no Rio de Janeiro e do qual faço parte até hoje, Os Fodidos Privilegiados. O diretor tinha em mente a ideia de reavivar a cena carioca, para isso juntou artistas que conhecia e outros que foram indicados por amigos. Um Abujamra maduro dirigiu o grupo de jovens atores por 10 anos quase ininterruptos, e de 1997 a 2001 dividiu a direção com João Fonseca, que assumiu a companhia após a saída do mestre. O presente trabalho pretende enfrentar as seguintes questões: Qual o impacto do diretor na cena teatral da cidade? Qual a recepção do público e da crítica? E principalmente, qual o legado de Abujamra e de seus anos de trabalho com Os Privilegiados no Teatro Dulcina, e em outros teatros, para os artistas cariocas – e de outros estados – que estiveram tanto no grupo como nas plateias.

Literatura marginal como espaço de luta nos poemas de Ferréz

Eduardo Vasconcelos da Silva (UFMS)

Resumo Este resumo propõe uma leitura crítica referente a Literatura Marginal produzida por Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, com a junção de Virgulino Ferreira (Ferre) e do líder quilombola Zumbi (Z) dos Palmares, poeta e ativista brasileiro, morador de Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo. O escritor representa um grupo de novos escritores que participam de movimentos de resistência, debatendo os problemas sociais ao expor a exclusão da população periférica negra e pobre, como uma forma de protesto e de denúncia. A formação social do povo brasileiro está diretamente ligada às ideologias raciais, ao mito da democracia racial que ainda se constitui como um instrumento de supremacia nas hierarquias sociais. A poética de Ferréz é produzida na periferia, no gueto, na favela, no morro, na baixada, na quebrada, entre outros espaços ocupados para realizar seus escritos como arma de defesa, tendo em vista que é uma literatura que levanta questionamentos vividos pelos excluídos no Brasil contemporâneo. Assim, o poeta contemporâneo é aquele que olha para as injustiças sociais e na ponta do seu lápis é capaz de mergulhar nas trevas e (des)contruir a escuridão ao perceber nesse contexto social uma luz. Desta forma a literatura marginal, nesta teia de relações, ligadas a violência e ao preconceito, constroem a linguagem do poeta da periferia, estabelecendo sentidos, pois a poesia é a expressão de um ato individual, mas com efeito coletivo, marcada pela crítica ao sistema excludente e hegemônico o que impulsiona nossas discussões. Portanto, é preciso promover ações para valorizar os grupos minoritários e sociais que tenham sido discriminados no passado, articulando uma luta pela igualdade de direitos no presente.

Memória e literatura no rastro dos odores: uma leitura do romance *Cloro*, de Vidal Porto

Elizabeth Cardoso (PUCSP)

José Luiz Tavares (PUCSP)

Resumo Este trabalho propõe a análise do romance *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, 2018. Nossa entrada ao texto tem como referência o conceito de memória involuntária de Walter Benjamin e apoio em considerações freudianas sobre a memória. Isso porque o romance é construído nos meandros das reminiscências de Constantino (e das memórias que outras personagens têm dele) apresentadas ao leitor por meio de odores que pontuam sua história de vida rememorada nas páginas do livro. A gramática da memória sustenta a história, visto que o narrador nunca cessa de lembrar. Desde a cena da cicatriz de Ulisses passando pelas lembranças do crime de Raskólnikov até as rememorações de Swann e sua madeleine, que instituíram a memória, rememorar é o modo de articular a trama. Na literatura contemporânea ela se coloca como tema, como forma e discussão do lembrar, do esquecer, do documentar e do recontar. São muitos os romances que buscam a memória do trauma (coletivo ou individual), como bem indica Schollhammer (2011). O romance *Cloro* reafirma a tendência e as dissonâncias aqui se intercalam e interpõem. Destacamos duas. O encontro entre literatura e psicanálise é a mais evidente. O conceito freudiano de memória editável e construída enquanto linguagem aponta para as possibilidades de escrita quando o que está em jogo é a reconstrução de uma vida vivida em conflito pelo confronto do desejo com as interdições da cultura. Outra dissonância está na perspectiva autobiográfica. Vidal é escritor e diplomata e conforme seu relato ao jornal Suplemento Pernambuco, 2018, *Cloro* é seu trabalho mais autobiográfico, lançando paralelismos entre sua memória de conflitos acerca da sexualidade e a de seu personagem, embaralhando ainda mais ficção, vida e memória enquanto ficção.

Mitos gregos revisitados em duas peças de Carlos Henrique Escobar

Bárbara Siqueira Martins (UFF)

Resumo Este trabalho tem como objetivo expor os primeiros passos no processo de análise da recepção dos mitos clássicos presentes nas peças teatrais do dramaturgo Carlos Henrique Escobar para o trabalho de dissertação de mestrado intitulado, por ora, como *Tragédia no subúrbio carioca*, cujo objeto de estudo é a peça *Ana Clitemnestra*, na qual o mito de Clitemnestra e fatos da vida conjugal de Eulclides da Cunha e Anna Ribeiro servem de inspiração para o enredo da obra. Diante da vasta produção teatral de Escobar, a qual possui um considerável número de peças que se valem da temática clássica em seus textos, o corpus da comunicação ficará restrito às duas peças do autor intituladas *Antígone América* (1962) e *Ana Clitemnestra* (1986), ambas convocam mitos em que personagens femininas são protagonistas. Em *Ana Clitemnestra*, Escobar situa seu enredo no período da Guerra de Canudos, já em *Antígone América* o período não está demarcado, no entanto, sabe-se que as ações se passam durante um conflito camponês. Fundando-se em estudos de pesquisadores da recepção clássica em textos da contemporaneidade, com ênfase em textos teatrais, como os trabalhos de Anatol Rosenfield (1982), Patrice Pavis (1990), Carlinda Nuñez (2011, 2015) e Anastasia Bakogianni (2018), refletiremos sobre como se deu a recepção dos mitos gregos nas duas peças brasileiras supracitadas, bem como as semelhanças e dessemelhanças encontradas entre os mitos, a caracterização das heroínas e os textos dramáticos nacionais.

Mulheres que tomaram as rédeas: sociedade e a dissonância da voz feminina em obras de Alcione Ribeiro

Deusemar Cardoso do Nascimento (UFMS)

Resumo O presente trabalho tem como proposta a apresentação de uma análise e estudo crítico do papel da mulher a partir de um olhar da própria mulher, direcionados por conceitos da escritora Alcione Ribeiro (2019) e observados em textos da literatura recorrente,

quase sempre escrita por homens. Nessa vertente, a autora faz diferente diante do estabelecido, confronta o status quo da sociedade e garante a presencificação da literatura no protagonismo feminino. O objetivo é apresentar um olhar diferenciado para a postura da autoria feminina e contribuir para a evolução dos espaços de amadurecimento das relações entre gênero e o status da mulher na sociedade e no mundo literário. Acentuando esse fator à forma com que a escrita literária é vista no campo da libertação de situações opressoras, na maioria das vezes, surge a necessidade de se oferecer para a reflexão de tal abordagem, debates de caráter histórico/crítico que confronte a intervenção do patriarcado na formação do estereótipo feminino, que, por sua vez, viabilize uma sociedade libertadora. Assim, as representações identitárias, em sua maioria, excludentes, favorecem proposições reflexivas sobre os textos da escrita feminina podem vir a inscrever essas personagens/escritoras em novas subjetivações dentro deste espaço/discurso literário (e social), para que o entendimento dos contos e novelas da autora e toda sua esfera discursiva sejam mais concretos e de reflexão. As obras de Alciane evidenciam as mulheres no contrate, ora de superioridade, ora de inferioridade e apontam para uma ruptura das hierarquizações dos espaços sociais na perspectiva da emancipação da mulher na literatura.

Nessa lavoura quem colhe é o leitor

Gabriella Pinheiro Lino (UERJ)

Resumo *Lavoura Arcaica* (1975) é uma novela cujo projeto intelectual e crítico narra a história de uma família que aniquila e delimita à dependência os seus membros, conforme uma ordem social, religiosa, moral, tradicional e patriarcal. Através da narrativa contada pela consciência de André, o filho que foge de casa por ser apaixonado por uma de suas irmãs, notamos a lavoura como pano de fundo para expor o que há de mais sórdido no átrio da família. O enredo da transgressão, em contraste com a trama dos personagens submetidos à tradição, explana a proposta artística sofisticada de Raduan Nassar, que esboça sobre estas figuras mitologias arcaicas e austeras, dispondo para o leitor diligências críticas ao autoritarismo, motes sugestivos à repressão vigente no contexto de publicação da novela. Por isso,

desprendido do que Luís Augusto Fischer (2003) chama de tradição realística nacional, o fazer artístico insólito, o uso especial da linguagem e o tecido narrativo insinuador da escrita de Nassar, nos conduzem, como leitores, à interpretações viscerais e intensas, recusando-se a apreensões totalizantes. Como efeito, um passeio na lavoura precede uma disponibilidade leitora sensível a uma proposta singular e vigorosa. A lavoura dos muitos frutos não só problematiza valores, mas também cultiva um alargamento das lacunas do texto para as percepções leitoras. Em vista disso, o objetivo desta comunicação é pensar a composição das singularidades da narrativa de Lavoura Arcaica como uma cultura de proposta e, para esse fim, nos apoiaremos nas reflexões de José Paulo Paes (1990) e de Umberto Eco (1964).

O pensamento dissonante de Vico nas humanidades

Paulo Sergio Martins (UFMS)

Resumo Giambattista Vico, filósofo do século XVIII, torna-se uma voz dissonante no auge do racionalismo cartesiano, ao denunciar a atenção exacerbada dada para disciplinas como matemática e lógica na educação, deixando de lado as humanidades. Para Vico, o método racional de Descartes, estaria mais voltado para as ciências naturais e não seria suficiente para a elaboração do conhecimento, ao desvalorizar áreas de estudos como literatura, história, direito, política e artes. Com a recusa dessas áreas, Vico adverte sobre o perigo de expor as crianças e os jovens precocemente a modelos de educação baseados somente no método cartesiano. Segundo Vico, ao deixar de lado os conceitos como criatividade, memória e linguagem, o modelo de educação racionalista seria danoso ao sujeito da educação. Uma vez que, haveria uma total ausência de compasso entre o conteúdo da educação, com o desenvolvimento natural das capacidades e predisposições mentais das crianças e dos jovens. Vico reivindica para a imaginação e para a criatividade o status de faculdades indispensáveis na elaboração do conhecimento e defende uma noção menos reducionista da natureza humana. Entendemos que a dissonância de Vico em favor das humanidades, é atual e inspiradora, como um contraponto aos herdeiros do reducionismo cartesiano ainda presentes em diversas áreas do conhecimento.

O perene flamar de uma visada lucidez

Augusto Mancim Imbriani (UFSJ)

Resumo Neste trabalho intenta-se levantar uma proposta de leitura da obra derradeira de Lima Barreto como o legado de um gesto de resistência. Motivado pela percepção da produção final do escritor carioca como um momento de registro de impressões cotidianas do sistema a ele circunscrito, o estudo em questão configura parte do trabalho de dissertação entregue ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. O escritor brasileiro Lima Barreto, sob diagnóstico de loucura oriunda de alcoolismo, foi, por duas vezes, internado no Hospital de Alienados do Rio de Janeiro na segunda década do século XX. Aqui visa-se refletir o conceito de *flâneurie* em Benjamin aplicado às vozes das obras literárias escritas por Lima Barreto durante o período no qual esteve sob internação. Os textos literários trazidos aqui como objeto de estudo são as obras *Diário do Hospício* (2017) e *Cemitério dos vivos* (2017), considerando que ambas configurem um retrato desenhado pelo autor acerca das percepções subjetivas do meio institucionalmente vigilante no qual esteve inserido. Assim, a vigilância intermitente a ele imposta sob preceitos adestradores é por ele também realizada e projetada como névoa que se espalha por entre as fronteiras que os afastam de seus internos semelhantes.

O tédio como perspectiva e desafio em *The Pale King*

Kleber Kurowsky (UFPR)

Resumo O tédio, antes visto como parte inevitável do cotidiano (e mesmo da contemplação artística), passa a ser algo cada vez mais facilmente afastado da vida humana: a tecnologia, plenamente adaptada a satisfazer as necessidades de entretenimento mais básicas, ampliam o acesso a todo tipo de conteúdo; o lado positivo é uma maior disseminação de cultura e arte, o lado negativo, por sua vez, vem dos excessos: as sociedades ocidentais se tornam cada vez menos dispostas a insistir na leitura, por exemplo, de obras longas que causem tédio, a assistir filmes que não resultem em entretenimento constante,

justamente pelo amplo leque de opções: se contamos com muitas opções de entretenimento, se torna mais raro nos dedicarmos ao estudo ou leitura do que nos entedia. Esse afastamento do tédio, todavia, muda o jogo interpretativo: nossa atenção diminui na medida em que não é necessário esforço para compreender algo, e com isso nossas habilidades de lidar com o silêncio e o marasmo vão se perdendo. É esse contexto que eleva as potencialidades da obra *The Pale King* de David Foster Wallace: romance póstumo publicado em 2011, a obra tem como tema central o tédio e as maneiras com as quais as pessoas lidam com ele. Entretanto, a tese central da narrativa gira em torno do tédio como elemento crucial à realidade humana, algo que pode servir como antídoto à realidade contemporânea repleta de ruídos constantes. Mas o desafio da obra surge do fato de que, como se trata de um romance estruturado a partir do tédio, ele parte do princípio de que o leitor está apto a lidar com isso, a entediar-se. Pensando nisso, esta comunicação visa explorar qual o papel que uma obra literária sobre o tédio exerce na contemporaneidade e se, de fato, este é um projeto viável.

Personagens em dissonância em William Faulkner

Yasmim Naif Amin Mahmud Kader (UFSM)

Resumo Leitores desacostumados à William Faulkner dirão que ele inventou o Sul dos Estados Unidos, o que não é necessariamente uma mentira. O autor norte-americano escreveu sobre sua terra como ninguém. Nessa perspectiva, Faulkner transferiu para seus personagens o peso histórico do Sul americano, as tradições e crenças que os formou no curso do tempo. As narrativas dele sempre se entrelaçaram à história manchada pelos flagelos da guerra como grande inspiração. Dentro desse contexto de vozes cacofônicas que se divergem entre si, personagens se encontram em dissonância com o espaço que permeiam, tentando sobreviver em meio à ruína que apenas elas enxergam. Assim, o objetivo deste trabalho, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES), e parte de uma pesquisa de Doutorado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, é salientar essas personagens que estão em dissonância com seu

meio, todas inseridas no condado fictício de Yoknapatawpha. A pesquisa é embasada por autores como Auerbach (2013), Brooks (1991), Bloom (2010) e demais estudiosos que compõem a fortuna crítica do escritor norte-americano, estes voltados para o entrelace entre ficção e história. O espaço criado pelo autor carrega a herança histórica do Velho Sul, o que reflete no sentimento de ruína que corrompe o interior destas personagens que, incapazes de se adequar às tradições, acabam por sucumbir.

Rainha de sabá e os Modos de ver

Ygor de Lima Leite Ribeiro (UFF)

Resumo Este estudo traz presente duas personagens femininas e pretas, a primeira é Mariana da crônica intitulada Rainha de sabá de Nelson Rodrigues, publicada em *A vida como ela é*, e a outra é Chica de Modos de ver, um sainete de Artur Azevedo em *Teatro a vapor*. Através de uma análise comparada entre as obras citadas, traça-se uma reflexão sobre o modo como elas são retratadas nessas literaturas, apresentando aspectos que são dissonantes quanto ao modo como se expressam, se relacionam e como são tratadas. Entretanto, há pontos de semelhança, onde existe inclusive um atravessamento com a atualidade no que se refere ao modo que o racismo reverbera sobre as mulheres. Assim, a diferença no tempo de produção das obras sob o olhar atual constrói uma análise onde o contexto se mostra como parte indispensável do estudo. Ainda que não seja grande o tempo que separa as publicações, essa diferença é visível nos textos. Deste modo, busca-se concluir que sobre as personagens há uma visão objetificada das mulheres que é ligada aos fatores financeiros, bem como há desvalorização de suas qualidades calcificadas apenas na interpretação do negro como inferior. Entretanto, também vê-se ressaltar a inteligência feminina e o uso dessas situações em certa ideia de igualdade racial, igualmente construídas nas falas. Desta forma, é possível afirmar que as obras atingem a sociedade atual de modo ambivalente: como parte constituinte da história social pela abordagem cotidiana da época e como pertinente às reflexões atuais.

Representação das classes sociais em Ariano Suassuna

Daniel Reis Pessanha (UFF)

Resumo Tendo como base as obras *Auto da Compadecida* e *Farsa da Boa Preguiça*, de Ariano Suassuna, o presente trabalho busca estudar a representação das classes abastadas e das classes populares encontradas em suas peças. Tem-se como principal objetivo analisar cada personagem das peças citadas e as suas respectivas realidades, levando em conta para a análise a sua construção dentro do universo dramatúrgico. Além disso, busca-se ainda estudar o modo como essas classes se relacionam, a fim de traçar um paralelo com um determinado estrato social encontrado na sociedade brasileira. Para realizar tal estudo, tem-se como ponto de partida a afirmação de Darcy Ribeiro: “com efeito, no Brasil, as classes ricas e pobres se separam umas das outras por distâncias sociais e culturais quase tão grandes quanto as que medeiam entre povos distintos” (RIBEIRO, 2015, p. 158-159). Além da obra *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, tem-se como base as obras *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, a fim de se estudar as bases das desigualdades sociais que se formaram no Brasil. Dessa forma, o trabalho em questão tem como objetivo analisar as classes sociais representadas nas peças e compará-las com a realidade social brasileira atual, buscando compreender, sob o ponto de vista literário, a extrema desigualdade social brasileira.

Romances-em-cena: uma trilogia de narrativas dissonantes

Raimundo Lopes Cavalcante Jr (UFF)

Resumo Propomos apresentar neste trabalho uma leitura aproximativa dos romances *A mulher carioca aos 22 anos* (1934) do autor mineiro João de Minas, *O púcaro búlgaro* (1964) do também mineiro Walter Campos de Carvalho e ainda do romance *O que diz Molero* (1977), um clássico da Literatura Portuguesa, de autoria do escritor português Dinis Machado. O elo de ligação dessas narrativas é o projeto Romance-em-cena, reconhecido e premiado trabalho do diretor Aderbal Freire-Filho (1941) que, entre o final dos anos 1980 e o início dos

anos 2000, idealizou e dirigiu três espetáculos cuja concepção inicial das montagens era a de que os textos destes três romances fossem encenados integralmente no palco, sem adaptações para o gênero dramático. Tendo por embasamento teórico o pensamento de Mikhail Bakhtin acerca da análise do discurso, buscaremos aproximar as narrativas, ainda que de maneira incipiente, através dos questionamentos sociais e existenciais que estas obras suscitaram, considerando seus discursos que criticavam, por exemplo, o Estado burocratizado, as religiões ou a religiosidade de uma forma geral, a moral e os valores das classes sociais representadas. As análises a serem feitas considerarão as relações dos discursos com o local e tempo histórico nos quais foram produzidos, pretendendo apresentar e refletir sobre algumas das críticas trazidas por estes autores que se destacaram como vozes dissonantes às ideologias vigentes, tanto na sociedade brasileira quanto portuguesa de início e meados do século XX.

Teatro em tempos de pandemia: caminhos possíveis

André Dias (UFF)

Resumo Francis Wollf assim se pronuncia sobre o tempo: “por isso podemos dizer: o presente é real, ele é o que é. Mas o passado é mais do que real, ele é necessário: é impossível que não tenha sido. Quanto ao futuro, ele é somente possível: certos acontecimentos poderão se produzir” (WOLLF, 2013, p. 46). Nesse sentido, a presente reflexão nasce da necessidade de arrancar da vida esperança. Provocado pelos desajustes do presente e pela falta de perspectivas claras de futuro, é preciso escrever para resistir e reelaborar a existência, com o objetivo de melhor compreender os itinerários do teatro no país. O percurso empreendido no trabalho parte do exame da grave situação sanitária e política que atravessa o Brasil, em articulação com parte da história do teatro nacional. O período histórico selecionado para a análise foi o da Belle Époque, que marcou a consolidação e a profissionalização do teatro em solo brasileiro. Dessa maneira, o período em questão funciona como contraponto ao tempo atual e também ilumina iniciativas artísticas contemporâneas, como a desenvolvida pelo Armazém Companhia de Teatro em 2020, cujo mérito consiste em indicar novos caminhos possíveis para as artes cênicas

no país. Os postulados críticos e teóricos de Décio de Almeida Prado, João Roberto Faria, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Francis Wollf, entre outros, sustentam o desenvolvimento das análises propostas.

Torto Arado: peculiaridades do romance de formação e do realismo na literatura brasileira

Victor Hugo Adler Pereira (UERJ)

Resumo A repercussão do romance *Torto Arado* (2018) de Itamar Vieira Junior, junto à crítica e ao público-leitor, suscita algumas questões quanto a suas relações com a produção literária no Brasil que proponho abordar nessa comunicação. Em primeiro lugar, o modo peculiar com que na obra se recria o modelo do ‘romance de formação’, o que a aproxima do *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, caracterizado como uma espécie de romance de formação proletário (Eduardo de Assis Duarte) – ou, como assinalou esse estudioso, foi reconhecido por alguns críticos como “antiromance de formação”. Em segundo lugar, proponho discutir o fato de o romance do século XXI conseguir sucesso de público e crítica, retomando caminhos trilhados por Jorge Amado, em uma etapa inicial de sua trajetória literária, ao realizar a crítica social, com um claro posicionamento diante do engajamento político das personagens e a incorporação da perspectiva mística de matriz africana. Releve-se que Itamar Vieira Junior, ao reconhecer a importância da obra de Jorge Amado para sua formação, situa seu projeto literário na contramão de tendências estéticas que se consagraram a partir de meados do século XX. Consolidaram-se posições avessas tanto à modalidade de realismo adotado por este outro escritor baiano, quanto ao engajamento político que caracterizou suas principais obras. No entanto, o romance *Torto Arado* revela-se afinado com as tendências contemporâneas reconhecidas, em várias modalidades de produção artística, de um “retorno ao real”. Além disso, vincula-se a uma linhagem de obras que, desde o início do século XXI, se destacaram pelo enfoque das classes populares, como os romances de Ferréz e de Conceição Evaristo, escritora que também retomou, por um viés particular, o modelo do romance de formação

Tradição e ruptura em quatro contos de Alcione Ribeiro

Karina Torres Machado (UFMS)

Resumo Neste trabalho fazemos um levantamento bibliográfico da teoria do conto, de Poe a Hemingway, com o objetivo de verificar como a escritora Alcione Ribeiro, no livro *brazil 2020*, produz, a partir das teorias da modernidade literária, uma ruptura composicional em suas narrativas. A leitura dos contos – “Arca de Noé”, “Paralelas”, “Escrava Isaura” e “Emparedada” – ressalta a denúncia do atraso histórico do país, por meio do uso consciente e preciso de vocábulos reveladores de uma poética da imagem, que alude a momentos capitais do Brasil, resgatando fatos do passado como reprodução causal das ações do presente. A alusão aos fatos históricos expostos pelos narradores dos contos descortina o alheamento cultural, as deficiências do país e a barbárie de uma sociedade que evoluiu apenas os seus vícios. Assim como a temática, a composição estrutural dos contos manipula o efeito único para explicitar o tom de inconformismo das narrativas, a partir da criação de uma atmosfera que propicia várias epifanias ao dinamizar o enredo com duas histórias aparentes e uma cifrada, diferenciando-se da estrutura tradicional do conto proposta por Ricardo Piglia, no ensaio “Teses sobre o conto”. Desse modo, Alcione Ribeiro rompe e inova a tradição clássica do conto e demonstra a potência literária de sua obra, valendo-se da predileção engenhosa da concisão, do diálogo, do detalhe linguístico e da atualização discursiva, que explica e denuncia os objetos que cada conto invoca.

Um “aborto de cérebros inativos”: a ascensão do Fascismo do ponto de vista de Lewis Grassic Gibbon

Carolina de Pinho Santoro Lopes (UERJ)

Resumo Lewis Grassic Gibbon é o pseudônimo adotado por James Leslie Mitchell (1901-1935) em parte de suas obras. Por conta de sua grande preocupação com a desigualdade social, o autor estava muito envolvido nas discussões políticas do seu tempo, mesmo que não se encaixasse completamente em nenhum dos partidos políticos da época. Esse envolvimento é expresso tanto nas obras literárias quanto

em textos não-ficcionais de Gibbon, que chegou a afirmar que toda a sua obra seria “propaganda explícita ou implícita” (GIBBON, 2001, p. 739). O autor, escocês residente na Inglaterra durante a sua carreira literária, reage aos acontecimentos políticos não só de seu país, mas também do continente europeu. Embora tenha morrido antes do início da Segunda Guerra Mundial, Gibbon demonstra uma percepção profunda da ascensão do Fascismo durante a década de 1930. Sua preocupação com a disseminação dessa ideologia totalitária se manifesta na trilogia *A Scots Quair* (1932-1934), sua obra de ficção mais conhecida, e em alguns dos ensaios publicados na coletânea *Scottish Scene* (1934). Esses dois livros serão o foco da presente comunicação. Neles, Gibbon relaciona o Fascismo à violência e ao totalitarismo, além de apontar conexões entre essa ideologia e os movimentos nacionalistas que ganhavam força no período. Nos romances que compõem *A Scots Quair*, os personagens simpatizantes do Fascismo pertencem a uma elite econômica ou pretendem ascender à classe média. Assim, a preferência por essa corrente política é associada a uma questão de classe social na obra de Gibbon, se inserindo em um contexto mais geral de conflito entre grupos dominantes e oprimidos.

Uma leitura dissonante do conto “Independência e morte”, de Alciene Ribeiro

Fabiane Lemos de Freitas Garcia (UFMS)
Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

Resumo Este trabalho apresenta uma leitura inovadora do conto “Independência e morte”, de Alciene Ribeiro, a partir dos pressupostos de diversas teorias do conto, tais como as defendidas por Edgar Allan Poe e Anton Pavlovicht Thekhov. Também nos valem das proposições de Ricardo Piglia, Julio Cortázar e Ernest Hemingway. Poe define o que nomeamos como conto de enredo; Tchekhov constitui a vertente do conto de atmosfera; Piglia propõe que um conto sempre conta duas histórias; Cortázar vê o conto como uma esfera de unicidades; e Hemingway trabalha com a concepção de que o texto é somente um oitavo dos significados de uma narrativa, estando a semântica do conto submersa em sete oitavos de um iceberg. No posfácio do livro *Mulher explícita*, de Alciene Ribeiro (2019), o organizador do

volume anota: “em Alciene Ribeiro, o perfeccionismo do texto potencializa a carga expressiva, cuja densidade faz pulsar os plurissignificados do humano que recria e vive em suas páginas” (RODRIGUES, 2019, p. 203). Para nós, Alciene trabalha seus contos elaborando cinco diferentes planos narrativos, forjando com tal estrutura uma polissemia de significados que se enredam, se contrapõem, se justapõem, se complementam, se amplificam. É sobre esse dissonante, inédito e inesperado modo de narrar constituído por Alciene Ribeiro, modo que se apropria e subverte tudo o que as antiquadas teorias do conto do século XIX e XX propunham, que vamos nos debruçar nesta comunicação.

Uma voz feminina dissonante no Maranhão do século XIX: o discurso antiescravagista de Maria Firmina dos Reis

Marcos Antônio Fernandes dos Santos (UFMS)

Resumo Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense do século XIX, foi uma mulher à frente de seu tempo e que rompeu muitos paradigmas, principalmente por ser mulher e se empenhar no exercício da escrita, numa época em que a mulher não tinha esse costume, pois era submissa ao homem. No auge da escravidão no Brasil, escreveu e questionou sobre o sistema escravagista. Assim, sua leitura evidencia a necessidade de ser revolucionário, de ser sensível aos problemas de seu tempo e da importância da empatia. Identifica-se, em sua obra, aquilo que deve ser inerente ao ser humano, a capacidade de sentir e de sermos tocados, o que a melhor literatura é tão hábil em realizar. Em suas narrativas, partilhamos da experiência de vida do outro marginalizado, que por muito tempo foi silenciado e precisou viver em condições desumanas. Este artigo tem como objetivo investigar traços da dissonância através do discurso da escritora, nas obras *Úrsula* e *A escrava*. A metodologia utilizada é de base bibliográfica, caracterizada como análise-crítica, de natureza explicativa. Para a construção teórica, utilizaram-se autores como Antônio Candido, Mikail Bakhtin, Maria Lúcia Mott, entre outros. Uma escritora negra falando sobre a escravidão, sob o viés abolicionista em pleno o século XIX, é a renovação da esperança em dias melhores e a atualização necessária aos moldes literários vigentes na época. É também

o prenuncio da conquista de espaço que muitos tipos humanos não tinham e conquistaram com o passar dos tempos. Portanto, a leitura da obra de Maria Firmina dos Reis é necessária ao homem e à humanidade, porque a partir da perspectiva da mulher negra, de uma voz dissonante, o mal-estar que a escravidão deixou pode se transformar numa semente de esperança plantada em cada um de nós através da literatura.

Vozes dissonantes:

o odor social no conto “Pensar axilas” de Alciene Ribeiro

Amanda Eliane Lamônica Araújo (UFMS)

Dayse Galvão Souza Oliveira (UFMS)

Resumo Esse trabalho analisa o conto “Pensar axilas” da obra *Mulher explicita* de Alciene Ribeiro (2019), uma coletânea de vinte e três contos, na qual as personagens principais são mulheres. Assim, sob o viés de vozes dissonantes, cujo cerne está em apresentar essas vozes por meio de elementos anafóricos, metaforizadas nas fatias discursivas da narrativa em que a lubricidade das ações representa uma espécie de “Turbilhão” como um dos aspectos peculiares do modo de narrar da escritora. Por meio desses tropos evidenciaremos o uso da anáfora como recurso semântico interpretativo e a metaforização dos termos “suor axilar” como representatividade das atuações sociais, assim como a relação do “desejo e do repúdio” da personagem principal com o objeto sudorífero, aflorando em si certa anorexia sexual. Nesse sentido, o artigo se estruturará nas bases teóricas de Gérard Genette em sua obra “O discurso da narrativa” e Massaud Moisés *Dicionário de Termos Literários*; no eixo narrativo; no eixo psicanalítico teremos o olhar com base em Herbert Marcuse em *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*; e Marilena Chauí na sua obra *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*, e pôr fim na análise dialógica traremos os conceitos bakhtinianos da Estética da criação verbal, no que diz respeito ao discurso narrativo.

Simpósio 43**Literatura e ensino da teoria à prática:
desafios do professor-pesquisador na educação básica**

Adaauto Locatelli Taufer (UFRGS)

Cristiane Côrtes (CEFET-MG),

Daniela Favero Netto (UFRGS)

Resumo A necessidade de pensar especificidades do ensino literário nas escolas de educação básica e tecnológica do país – considerando o(a) profissional que assume cargo docente ser, necessariamente, também pesquisador(a) – origina este simpósio. Configura-se a simbiose desejada, mas rara, do(a) professor(a) de educação básica e produtor(a) de conhecimento acadêmico, obtendo-se a concretização do que fora preconizado por Freire (1996, p. 14), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Entretanto, a conjunção dos papéis de professor(a) e pesquisador(a) enfrenta desafios, entretanto. Na academia, a educação básica é vista, geralmente, como menor, o que fica provado, muitas vezes, na exclusão do(a) docente das listas de concessão de bolsas, no ingresso aos Programas de Pós-Graduação das IES ou na identificação do(a) professor(a) da educação básica como pesquisador(a), para solicitação de fomento. Nas escolas técnicas, o(a) professor(a) das disciplinas propedêuticas, como Literatura, invariavelmente, fica relegado(a) ao grupo de conhecimentos menores, por não se dedicar ao “ensinar a fazer”. Ademais, ao(a) professor(a)-pesquisador(a) é latente o anacronismo existente entre currículos de literatura, discussões e pesquisas relacionadas à teoria literária, desencadeando um abismo entre pesquisa acadêmica e prática educacional. A lei 11.892/08 se erige como possibilidade de ponte entre a academia e o “chão da escola”. Em 2008, a lei 11.892/08 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, viabilizando o espaço pedagógico que se configura, hoje, como significativa possibilidade para atrelar resultados de pesquisas acadêmicas à prática de sala de aula. Isso porque Institutos Federais de Educação e Colégios de Aplicação têm em sua gênese a indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa. Não se pode negar, porém, que o ensino técnico brasileiro surgiu de três pilares que vão de encontro às disciplinas subjetivas e reflexivas: treinamento das classes mais pobres ao mundo do trabalho; influências do modelo tecnicista

americano associadas à repressão vivenciada durante o regime militar; visão capitalista que reforça a submissão da classe subalterna à classe dominante (MARTINS, 2000, p. 105). Os pilares identificados por Martins (2000) revelam que “a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra” (CANDIDO, 1995, p. 173). Essa lógica alienante segue na contramão do que Candido aponta como função da literatura em seu caráter humanizador (cf. *Ibidem*, p. 176). Ou seja, o espaço que deveria possibilitar enlace entre teoria, pesquisa e prática de sala de aula, por vezes, não consegue se estabelecer. Ao se considerar o estudo da literatura, atesta-se a necessidade de se educar para o pensar, mas a respeito desse ensino, Cosson (2016, p. 20) afirma que “o lugar da literatura na escola parece enfrentar um de seus momentos mais difíceis”, apontando à “falência do ensino da literatura” (COSSON, 2016, p. 23); já Antunes destaca a tendência dos professores da educação básica a reproduzirem “na sua atuação profissional aquilo que receberam na universidade” (ANTUNES, 2015, p. 16). Essa perspectiva também ecoa nas reflexões de Todorov (2010). Na formação técnica, amplia-se a reflexão sobre capitalismo, globalização e revolução tecnológica, exigindo atenção dos profissionais envolvidos com educação e evidenciando desafios da profissão, já que a “literatura pode incutir em cada um de nós um sentimento de urgência de tais problemas” (CANDIDO, 1995, p. 184). Cresce, então, o interesse pelos debates acerca do ensino de literatura, haja vista a grande procura por simpósios e mesas-redondas em congressos com esse tema. Dessa maneira, este simpósio busca promover reflexões, relatos de experiência, projetos, programas e propostas que, partindo da reflexão acadêmica, atravessem a ponte e rompam fronteiras do espaço acadêmico aportando na prática em sala de aula. Serão bem-vindos trabalhos que discutam: a) práticas de sala de aula fundamentadas em pesquisas acadêmicas e tccs, dissertações, teses sobre práticas de sala de aula; b) pesquisas sobre modificações e/ou questionamentos do currículo de literatura, para incorporar pesquisas acadêmicas; c) desenvolvimento de pesquisas com estudantes da educação básica, no modelo de iniciação científica, por exemplo; d) atividades de extensão promotoras da produção acadêmica e projetos estimuladores da formação do leitor; e) apresentação de projetos, grupos, linhas de pesquisa e programas que se dediquem ao ensino da literatura e à interlocução com outras áreas, como cinema e

teatro, por exemplo, na EBTT e na educação básica em geral; f) projetos que se valham do texto literário como meio para debater gênero e etnia na escola; g) problematização das questões relacionadas à literatura, ao ensino e à formação de professores; h) reflexões/relatos sobre distanciamento entre teorias literárias e ensino de literatura; i) reflexões/relatos sobre seleção e escolha de textos literários ao trabalho educativo no espaço das EBTTs e da educação básica; e j) extensões, pesquisas, programas, reflexões, relatos que contemplem estratégias, a partir da Pandemia da COVID-19, voltadas à mediação de leitura, à formação de leitores e à viabilidade do Ensino de Literatura em modalidade remota.

“A gramática do cotidiano”: o ensino de literaturas e o poetry slam

Patrícia Pereira da Silva (UNIR)

Resumo Este trabalho é um recorte do projeto aplicado no estágio supervisionado: Regência no Ensino Médio, em uma escola pública da cidade de Porto Velho/RO, no segundo semestre do ano de 2019. O objetivo geral foi demonstrar aos alunos de 1º ano dos períodos matutino e vespertino o movimento poetry slam, evidenciando uma abordagem pluricultural do ensino de língua portuguesa e literaturas. Quanto aos objetivos específicos, foi proposto: a) aplicar o gênero multiletral (textual, oral, literário) poetry slam aos alunos de 1º ano enquanto forma de produção textual e valorização pluricultural; b) praticar a oralidade dos alunos pela leitura de poemas e pela produção dos seus poemas (slams), dando ênfase na performance artística; c) desenvolver práticas multiletrais que perpassem o contexto linguístico dos alunos e de pluralidade e diversidade cultural. A metodologia de aplicação foi baseada na aula expositiva dialogada de teoria freiriana e a aplicação do texto na sala de aula de Geraldí. Os teóricos que subsidiaram a base teórica e conceitual, foram: Amaral (2018); Souza e Amaral (2018); Freire (1989;1983); Rojo e Barbosa (2015), Geraldí (2006), etc.; e documentos oficiais, como: Referencial Curricular de Rondônia e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Nos resultados de aplicação do projeto, questões referentes à leitura, produção de texto e produção

de texto literário (poemas/poetry slam) nos proporcionaram maior interação com a turma partindo de uma abordagem pluricultural. Percebemos que, o aluno passa a se comunicar enquanto indivíduo socialmente inserido no mundo, pois, quando consideramos o seu lugar de fala social e quando aproximamos o ensino de línguas e literaturas da sua gramática do cotidiano, o processo de aprendizagem e troca de saberes se dá de forma coletiva e pautada na vivência, visualizada em outras manifestações artísticas que abarcam o contexto periférico-marginal de cada aluno.

A Academia Estudantil de Letras “Raquel Naveira”: um caminho possível para educação literária e o ensino de literatura na Pandemia

Flávia Martins Malaquias (UFMS)
Thaís Maciel Piasentine Barbosa (UFMS)

Resumo Ler é um dos processos mais significativos da atividade humana, considerado elemento fundamental para a inserção e atuação na sociedade letrada em que a linguagem e a realidade estabelecem uma relação dinâmica entre texto e contexto. Trata-se de uma manifestação artística que retrata as experiências humanas, possibilitando ao homem descobrir e compreender a si mesmo e aos outros através de sua linguagem específica, propicia ao leitor a interação com conhecimentos de forma crítica, o relacionando à sociedade. Apesar de sua importância social, a leitura, em especial da Literatura, passa por declínio de apreciação seja no âmbito escolar ou fora dele. Nesse contexto, a escola enfrenta o grande desafio de formar leitores literários. O docente de literatura, em especial, possui o papel fundamental de efetivar situações didáticas que propiciem uma maior aproximação do leitor com o texto e sua interação. Dessa forma, pretende-se apresentar uma proposta de ensino de educação literária e promoção da literatura que se efetivou por meio da implantação e desenvolvimento da Academia Estudantil de Letras “Raquel Naveira”, em uma escola pública de ensino médio em tempo integral no estado de Mato Grosso do Sul, nos anos de 2019 a 2021. Devido ao contexto de ensino remoto, com o uso das tecnologias educacionais e com encontros síncronos on-line, fomentou-se a leitura e

produção do texto literário, bem como a reflexão crítica, a socialização de ideias sobre o lido, a troca de experiências, da diversidade e, entendimento do literário, na perspectiva da função humanizadora da literatura, tendo os jovens como protagonistas das ações. Ainda, a realização de eventos culturais como estratégias de promoção da literatura e a aproximação do leitor, obra e autor.

Biblioteca universitária e mediação literária: da educação básica ao ensino superior

Júlia das Neves Mateus (UNISUL)

Resumo A pesquisa proposta tem por objetivo verificar qual o papel de uma biblioteca universitária enquanto mediadora entre o livro literário e os leitores da educação básica ao ensino superior. O estudo foi desenvolvido em uma universidade do sul de Santa Catarina, onde se localiza a sede da universidade naquele estado, bem como a escola de educação básica que originou a universidade em questão. Mas, como essa instituição pertence a uma das maiores empresas do ramo da educação no Brasil, na atualidade, todos os alunos têm acesso a um sistema de bibliotecas universitárias que juntas contam com um acervo com milhares de títulos. Considerando essa oferta, nos questionamos, que ações são promovidas pela biblioteca para aproximar a leitura literária dos seus usuários? Para chegarmos a uma resposta ao referido questionamento, nos propomos a desenvolver uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório que inclui investigação no Instagram e no site da BU, além de realizarmos uma análise do espaço físico e das condições de conservação e atualização do acervo da biblioteca alvo da pesquisa. Os resultados da pesquisa, até o momento, apontam para a necessidade de mobilizar e engajar bibliotecários e professores, tanto do ensino superior quanto da educação básica, ambos vinculados àquela universidade, para ampliar o acesso dos usuários às obras literárias, desmistificando um pouco a visão que, sobretudo a comunidade acadêmica, tem daquele espaço, uma vez que grande parte dos usuários usam o acervo quase exclusivamente para pesquisas de cunho acadêmico, como acontece em grande parte do nosso país, como observou Canônica (2016) na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Como aporte para teórico para as reflexões

propostas pela pesquisa, nos aproximamos de Candido (2017), Petit (2010) e Compagnon (2009), estudiosos que abordam a importância da leitura literária e do acesso a esta por todos os indivíduos.

Leitura em voz alta, em grupo, em tempos de pandemia: práticas possíveis

Adauto Locatelli Taufer (UFRGS)

Daniela Favero Netto (UFRGS)

Resumo Este trabalho apresenta relato de experiência que parte de ações da extensão “Mediação de Leitura e Escrita” (MESCLE), do Colégio de Aplicação (UFRGS), enfocando sua inter-relação com a pesquisa “Investigação sobre práticas de língua portuguesa e literatura na educação básica”, da seguinte forma: a) estudos teóricos realizados na pesquisa fundamentam práticas realizadas na extensão; b) prática de leitura em voz alta é adotada pelo grupo de pesquisa de que participam os autores deste trabalho e quatro bolsistas – estudantes de Letras – e é utilizada nas ações de extensão, as quais se voltaram à mediação de leitura e formação de leitores literários – estudantes da educação básica – durante a pandemia, em plataforma online. Uma ação, mediada por dois bolsistas, desenvolvida em 2020, propôs leitura em voz alta de “Senhor das Moscas” (William Golding), num total de 15 encontros. A outra propôs a leitura de contos de Conceição Evaristo, em dois encontros, em 2021. Os principais objetivos foram: (a) oportunizar leitura em grupo, em voz alta, para troca de impressões de leitura; e (b) dar vez e voz aos leitores em formação, entendendo que a leitura pode e deve ser vista como experiência individual – podendo ser compartilhada – sem análises atreladas à fortuna crítica. Estudos que destacam o direito à leitura e a importância de trocas de experiências sobre ela, como os de Candido (1995), Bajour (2012), Cosson (2020), Petit (2009-2013) e Rouxel (2013), constituíram a base teórica das ações. Interessou-nos, ainda, o processo de leitura em voz alta dos textos teóricos no grupo de pesquisa, experiência inovadora para os participantes, pois compartilharam e refletiram sobre suas experiências de mediação, seja na condição de mediadores, ao atuarem na extensão, seja na de participantes de um grupo mediado, o que permitiu olhar para o processo em via de mão dupla.

Materiais didáticos do Novo Ensino Médio: desafios frente ao espaço e aos paradigmas do ensino de literaturas no PNLD 2021

Débora Ventura Klayn Nascimento (UFRJ)

Resumo A organização do ensino médio em 4 itinerários formativos vem acompanhada de alterações nos materiais didáticos da etapa de escolaridade. Como docentes da educação básica, encontramos apreensivos quanto às mudanças, pois no lugar de livros destinados a cada componente curricular, teremos obras que aglutinam disciplinas em áreas, diluindo suas fronteiras, o que pode gerar redução de espaço para o estudo aprofundado de cada um dos componentes curriculares. Nesse cenário, através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021, a área de Linguagens e suas tecnologias receberá um material (6 volumes) que agrupa as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Educação Física. No caso de Língua Portuguesa, tal material será acompanhado de um livro específico que, em volume único, deve ser complementar aos volumes da área. Diante dessas mudanças, este trabalho investiga um dos conjuntos de materiais (livro da área + livro específico), buscando entrever o espaço destinado ao ensino da literatura em meio às demais áreas. O recorte se dá na primeira unidade (do livro da área e do livro específico) da coleção *Se liga nas linguagens*, editora Moderna. O olhar para os materiais é guiado por paradigmas do ensino de literaturas (COSSON, 2020), além de ser cotejado com recente pesquisa sobre livros didáticos de português e literaturas do ensino médio (NASCIMENTO, 2021). Os resultados sugerem um espaço reduzido para o estudo da literatura no material destinado à área de Linguagens e mais garantido na obra específica de Língua Portuguesa da coleção. Em contrapartida, o trabalho com a literatura no material da área de Linguagens parece se apoiar em paradigmas menos tradicionais do ensino de literaturas, ao passo que a obra específica reitera edições passadas, atendo-se a paradigmas mais tradicionais. Tais observações apontam para a defesa dos docentes quanto à permanência e reformulação de obras específicas.

O papel da leitura literária na obra *Infância* de Graciliano Ramos e nas narrativas “autobiográficas” de alunos do ensino médio

Solange Salete Toccolini Zorzo (IFBA)

Resumo Este estudo teve por objetivo refletir sobre a leitura literária como experiência de vida tanto na obra *Infância* (1945) de Graciliano Ramos quanto nas narrativas de autobiografia e autoavaliação (escritas) de estudantes de duas turmas do Ensino Médio de Barreiras, elaboradas antes e no início da pandemia, respectivamente. Ao adentrar no mundo ficcional de Graciliano Ramos através da obra *Infância*, percebemos a importância da leitura literária na formação inicial do narrador. Na obra, são salientados dois fatores que contribuíram para esse gosto acentuado pela obra de ficção: o primeiro, o papel da mediação, exercido com qualidade pela prima do narrador e o segundo, destacam-se as influências de diversas naturezas exercidas na vida em sociedade. Para efetivar este trabalho, partimos de algumas vertentes teóricas, primeiramente, a análise literária e suas respectivas mediações, a partir de Candido (1955, 1976), Freire (1967), Cosson (2016) entre outros. Após a leitura da obra de Ramos e com o auxílio dessas teorias, foi feita a análise das memórias dos estudantes em relação à leitura literária. Além disso, devido ao próprio gênero estudado, contamos com as pesquisas de Philippe Lejeune (2008) e seu conceito de “pacto autobiográfico”, entre outros pesquisadores e teorias que foram pertinentes ao alcance de nossos objetivos. Por fim dessas análises, verificamos que a autenticidade é outro fator relevante em se trabalhar em sala de aula com produções que se pautam na “escrita de si”, afinal, mesmo que seja um ser perpassado por vários discursos, cada discente é um ser único.

O pensamento feminista brasileiro e a literatura: proposta para uma pesquisa de BIC Jr.

Cristiane Côrtes (CEFET-MG)

Resumo O trabalho em questão pretende apresentar o projeto de pesquisa “O pensamento feminista brasileiro: e seus desdobramentos na literatura” desenvolvido no ano de 2020 com as discentes do

CEFET-MG, campus IX. As discussões sobre gênero presentes no âmbito acadêmico e social nos motivam a pensar nos seus possíveis desdobramentos. Nos estudos literários, embora haja um volume já considerável de estudos a respeito, o terreno ainda é fértil e digno de exploração. A pesquisa realizada se debruçou a entender a tradição do discurso feminista no Brasil, ou seja, quando e por quem essa questão passou a ser pensada e como esse pensamento influenciou intelectuais, artistas e escritoras em suas produções ao longo da nossa história. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda, em seu livro *Pensamento Feminista brasileiro, formação e contexto* (2019), os estudos de gênero nas universidades e centros de pesquisa brasileiros são marcados fortemente por bibliografias e referências anglo-americanas e eurocêntricas. [...] ainda não é praxe que nossas pesquisas e estudos incluam como eixo teórico o pensamento feminista brasileiro. (HOLLANDA, 2019, p. 9). A proposta da pesquisa pretende configurar a queixa da pesquisadora carioca. Sua observação pontual indica a necessidade de se configurar a trajetória do discurso feminista no Brasil, uma vez que ele existe e em função de uma espécie de colonização teórica, torna-se raro encontrá-lo de forma organizada a ponto de impedir a compreensão de como se deram as discussões sobre o feminismo no país. Dessa forma, esta comunicação propõe tanto a apresentação da pesquisa realizada quanto a reflexão acerca do silenciamento a que os estudos críticos feministas são submetidos ao longo da nossa história.

O que o cinema tem a nos mostrar sobre leitura literária? Contribuições da teoria da adaptação fílmica para o letramento literário no ensino médio

Jivago Oliveira Fonseca (UFC)

Resumo O presente trabalho tem como finalidade destacar a potencial contribuição teórico-analítica, oferecido pela teoria da adaptação fílmica contemporânea, a partir dos trabalhos de Linda Hutcheon (2013) e Fredric Jamenson (1989), para o desenvolvimento de um letramento literário no âmbito escolar do ensino médio tal qual o defendido por Rildo Cosson (2018). Esse objetivo se fundamenta na necessidade pedagógica, corriqueiramente apontada tanto por pesquisadores

do campo literário quanto por documentos oficiais norteadores da educação básica, de se pensar novas formas de desenvolver um ensino menos centrado em aspectos historiográficos e classificatórios do cânone literário, como tradicionalmente ocorre nas aulas de literatura, voltando-se para uma prática fomentadora da interpretação de obras mais presentes no contexto social dos estudantes secundaristas, assim como para a formação de leitores competentes em relação à leitura comparativa, crítica e autônoma de produções artísticas adaptadas e/ou traduzidas para outros formatos e/ou versões, mais especificamente para o cinema. Defendemos, portanto, a partir de um cenário no qual a convergência entre produções artísticas escritas e audiovisuais é uma realidade sistêmica inegável do presente contexto cultural brasileiro, que questões multissemióticas, estéticas e ideológicas desveladas desde a década de 1960 pelos estudos da tradução e adaptação, principalmente em pesquisas desenvolvidas por Even-Zohar, Gideon Toury e André Lefevere, são intrínsecas ao sistema literário multiplataformas em que o público adolescente está inserido na atualidade. Logo, esses aspectos descritivo-analíticos devem fazer parte da prática do professor de literatura que tem como intuito desenvolver um letramento literário mais amplo e dialógico, uma vez que tal ação aproxima uma manifestação artísticas muitas vezes tida pelos jovens como conservadora e elitizada do cenário multimodal e convergente no qual os alunos estão imersos.

O uso de textos literários na aula de francês na perspectiva da leitura literária como vaivém dialético

Daniele Azambuja de Borba Cunha (UFRGS)

Resumo Neste trabalho, busco contribuir para a reflexão sobre o uso de textos literários na aula de francês como língua estrangeira (FLE) apresentando elementos de uma pesquisa realizada no âmbito do FLE em contexto escolar no Colégio de Aplicação da UFRGS. Desde que a língua estrangeira moderna se estabeleceu como uma disciplina escolar na França – e, consequentemente, quando a didática do FLE começou a se desenvolver –, o texto literário foi um instrumento presente em boa parte das metodologias de ensino. No entanto, até os anos 1980, eram raros os estudos que se propunham a

refletir sobre as especificidades do texto literário no ensino de FLE, sendo este mais frequentemente explorado a partir da abordagem textual preconizada pela metodologia vigente para todo tipo de texto. Nas últimas décadas, são cada vez mais numerosas as pesquisas que buscam refletir sobre as formas de uso do texto literário na aula de língua estrangeira a partir de suas características e suas potencialidades. No intuito de contextualizar uso do texto literário no âmbito do FLE até os anos 1980, apresento brevemente sua abordagem em aula e nos manuais didáticos. Os avanços teóricos mais recentes são discutidos a partir do conceito de leitura literária, com foco na perspectiva adotada por Dufays et alii (2015), a leitura literária como vaivém dialético. Nessa concepção, a subjetividade e a sensorialidade têm papel fundamental no processo de leitura e se alternam à leitura analítica. Essas posturas de leitura constituem um movimento de vaivém que permite ao leitor se aproximar do texto literário de diferentes maneiras, ampliando e aprofundando suas aprendizagens. A fim de exemplificar como essa teoria contribui para a didática do FLE, exponho algumas possibilidades de trabalho com literatura em aula de FLE.

Permanências e rupturas: por um ensino de literatura dialógico e responsivo

Mariana Roque Lins da Silva (UFRJ)

Resumo As certezas unas não parecem encontrar eco na realidade globalizada, sendo necessário que desaprendamos essencializadas proposições para inaugurar a reinvenção da vida social (MOITA LOPES, 2006). Urge, pois, que pensemos a sala de aula que temos, visando àquela que queremos, no que se refere ao ensino de literatura e à formação de leitores. Como defende Magda Soares (1999), é possível notar que há um processo de “escolarização inadequada” da literatura que, na verdade, afasta o jovem do seu desenvolvimento como leitor. Percebe-se um excesso de didatismo (WALTY, 1999), muito mais comprometido com o controle e a limitação do ato de ler do que com a formação crítica do leitor literário. Isso muito tem a ver com importantes lacunas na formação inicial de professores de literatura, apontando que os cursos de Letras, com certa frequência, formam

professores para uma abordagem com uma “única forma de ler a obra” (DIAS, 2012). Assim, este trabalho objetiva apresentar o posicionamento de que a práxis escolar deve ser espaço para constante pesquisa, sendo o professor também um pesquisador. Dessa maneira, parece haver, de fato, um fazer docente autoral e libertador de si e dos outros, podendo instaurar (des)aprendizagens e deslocamentos urgentes à instituição escolar (AMORIM; SILVA, 2019). Nessa direção, num processo de pesquisa-ação, será apresentado um relato de experiência que investiga os conceitos bakhtinianos de responsividade e exotopia em aulas de literatura: a responsividade docente na escolha de uma obra literária de (re)existência e a exotopia como caminho para a leitura literária discente – por meio da dimensão dialógica do outrar-se. Tal vivência, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, compromete-se com a reflexão acerca de questões relacionadas ao machismo e ao racismo na sociedade brasileira, a partir da construção ética e estética dos versos da escritora nordestina Jarid Arraes.

Vlogs literários e a Pedagogia dos Multiletramentos

Luzia Cristina Magalhães Medeiros

Resumo Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre a potencialidade dos vlogs literários para integração dos multiletramentos à cultura escolar, através de estudo embasado na Pedagogia dos Multiletramentos, visando contribuir para mudanças qualitativas nas práticas de ensino de literatura na educação básica, assim, propõe uma discussão dos conceitos de letramentos como práticas socioculturais e ênfase nos Novos Letramentos atrelada à ascensão dos vlogs literários na plataforma do You Tube. Nesse intuito, optou-se pela metodologia de tratamento de dados e de construção de categorias analíticas qualitativo-interpretativista. Para a construção de critérios de análise, traçou-se como referencial os elementos-chave da Pedagogia dos Multiletramentos como a noção de Aprendizagem pelo Design (Learning by Design), os quais os autores Cope e Kalantzis (2000) associam a um retrabalho, isto é, à ação de retomar conceitos e sentidos já construídos para serem reconfigurados em uma nova situação, pautando-se nas ações/dimensões de Prática Situada, Instrução Explícita, Enquadramento Crítico e Prática Transformada. Como resultado,

utilizou-se os dados coletados para constatação de que o espaço midiático dos vlogs podem ser utilizados tanto para desenvolver o letramento literário como aprimorar os multiletramentos em prol de uma atividade que forma educandos com competência técnica, analista, crítico, criador de sentidos e transformador.

Simpósio 44**Literatura e ensino:****tal Brasil, qual ensino de literatura/educação literária?**

Wellington Furtado Ramos (UFMS)

Ana Crelia Penha Dias (UFRJ)

Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Resumo Nas últimas décadas, impulsionados substancialmente pela reflexão sobre as literaturas infantil e juvenil, os estudos sobre ensino de literatura se expandiram e se diversificaram, por meio de produções científicas que refletem, sobretudo, sobre o contexto formal de seu ensino na Educação Básica, mas também no Ensino Superior e em contextos extraescolares. Inúmeras têm sido as publicações sobre o tema em periódicos e livros, bem como a organização de pesquisadores em projetos, grupos e linhas de pesquisa que se fazem notar nos eventos da área, por meio de simpósios e correlatos. É neste contexto que se insere a proposta do Simpósio “LITERATURA E ENSINO: Tal Brasil, qual ensino de literatura/educação literária?”, promovido pelo Grupo de Trabalho “Literatura e Ensino” da ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em letras e Linguística), que busca congrega pesquisadores, professores da Educação Básica, professores universitários e acadêmicos de pós-graduação das mais variadas origens, perfis e alinhamentos teóricos a fim de refletir sobre as práticas de leitura literária e sua conversão (ou não) em políticas de leitura literária em diferentes eixos e contextos, escolares ou não. O primeiro eixo visa discutir o binômio “ensino de literatura” e “educação literária”, buscando congrega trabalhos que residam na tensão dialética entre as noções de “educação” e de “ensino” e suas implicações para o campo, tanto do ponto de vista teórico quanto de seu impacto nas práxis. O segundo eixo agrupará trabalhos que se dediquem à revisão (crítica) dos postulados teóricos sobre o ensino de literatura em contexto escolar e suas diversas implicações, tais como: abordagens metodológicas, questões de historiografia e cânone literário, representações de grupos, sujeitos e temas, seleção de textos e autores, tradições vernáculas e estrangeiras e cultura “de massa” e cultura popular. Por fim, o terceiro eixo abrangerá trabalhos que busquem depreender das experiências reflexões aprofundadas sobre o sentido da leitura literária

na contemporaneidade, seu papel no cotidiano, sua inserção no ambiente escolar e não-escolar, bem como o mapeamento de diretrizes e estratégias bem-sucedidas (ou não) para a fixação ou diversidade de modelos de ensino e de educação literária. Desta feita, o Simpósio visa a reunir vozes dissonantes sobre o tema “Literatura e Ensino”, colocando em tensão as proposições mais diversas, não com vistas a um discurso totalizante, mas com o anseio de, na diversidade, reunir uma amostra do pensamento e da produção contemporâneas sobre a questão, objetivando fomentar o debate e subsidiar a atuação pedagógica e política do GT Literatura e Ensino. No Simpósio deste ano, buscaram-se problematizar como questões de fundo para a promoção do debate os seguintes aspectos ao relacioná-los ao ensino de literatura, no escopo de sua escolarização, e à educação literária: i) a “obsessão” do sistema literário nacional institucionalizado em representar uma ideia de nação unificada para o Brasil, noção essa importada do Romantismo europeu e reverberante na história literária nacional; ii) a atualidade/o vigor/a vigência do que foi observado por Flora Süssekind (1984) em sua obra ao qual o título deste Simpósio faz direta analogia, que observou na tradição literária romanesca brasileira até o Séc. XX uma forte tendência realista-naturalista; iii) a manutenção de uma tensão entre uma ideia de identidade nacional brasileira e a emergência de vozes historicamente minorizadas, a das mulheres, a dos negros, a dos povos originários indígenas, a dos homossexuais, lésbicas e pessoas trans, dentre outras. Em outras palavras, o Simpósio visa discutir criticamente os valores diacronicamente dispostos na história literária brasileira que são veiculados, desestabilizados ou atualizados no horizonte do ensino de literatura, em termos da sua escolarização, por um lado, e, de modo mais abrangente, na educação literária, por outro. As discussões perpassarão a hipótese/polêmica sobre a constituição/construção de uma identidade nacional hegemônica que é importada de valores românticos europeus, mas que parece não se sustentar na dinâmica cultural plurivocal brasileira, ocasionando uma constante convulsão de valores na criação artística/literária que impactam diretamente (n)a ideia de literatura que se (visa a) ensina(r)/educar. Assim, cabe ressaltar que os trabalhos submetidos a este Simpósio devem, explicitamente, se alocar em um dos três eixos acima mencionados, mas não precisam necessariamente se voltar para/focar essa discussão proposta como “pano de fundo”, ou com ela concordar; incentiva-se, no

entanto, que, na medida do possível, busquem articular essa polêmica ao debate que promove(re)m.

A abordagem triangular no ensino da literatura ou a originalidade gerada por não originalidades

Eduardo de Almeida Santos (UERJ)

Resumo A presente comunicação se desdobra em um experiência de escrita orientada por duas perguntas: De que forma o autor e obra textual são indissociáveis e o gesto da escrita é fundamentado na figura do escritor original? E de que forma e quais atravessamentos são possíveis na apropriação e reenactamento da escrita, quando esta se articula sobre o método/abordagem da abordagem triangular, de Ana Mãe Barbosa (transportando o conceito de artes para o ensino de Literaturas). Cabe notar que debates recentes a respeito da autoria estão diretamente ligados ao problema da busca do sentido do texto e de sua relação de produção. Ao escrever um texto, até que ponto a perspectiva da originalidade e da não originalidade é de fato um produtor do sentido do objeto estético? De que forma a “mão” ou o “espírito” original da autoria é indissociável da obra e de que forma as criações são forjadas pelo contexto em que se inserem? Como o ensino de literatura pode se apoiar no triângulo de conhecer, fluir e fazer? Nesta comunicação a base será uma pesquisa *ex post facto* e um estudo de caso sobre as produções e resultados do “Apalpe”, da “Agência de Redes para Juventude” e do Projeto “Todo Mundo Pode Escrever”. Os três projetos citados têm como nortes a “produção de subjetividade” embasados na literatura e na literalidade, tornando-se vetores de conteúdo para se manifestar no mundo e nos campos artísticos e culturais – bem como no direito à representação e na disputa do território. Projetos que transitam na fronteira do “eu” para a percepção, pertencimento e “invenção” da cidade.

A dimensão narradora dos sujeitos da escola: reflexões sobre tempo, leitura literária e escritas subjetivas

Maria Coelho Araripe de Paula Gomes (USP)

Resumo Este trabalho é parte da pesquisa em andamento, no âmbito do doutorado, a respeito das potencialidades das escritas subjetivas, em especial os diários de leitura e as autobiografias de leitor, nos processos de formação do leitor literário, compreendendo-as como ferramentas mediadoras importantes que dão a ver as singularidades da relação texto-leitor (ROUXEL, 2012), bem como seus tensionamentos contextuais e intersubjetivos. A dimensão narradora dos sujeitos é entendida aqui como fundamento epistemológico, princípio de um agir educativo (FREIRE, 1996) mais amplo, capaz, principalmente, de contribuir para a expansão da capacidade de simbolização, legitimando a narrativa como forma privilegiada na construção de conhecimentos e sentidos sobre os textos, sobre a vida, numa perspectiva emancipatória. Por meio dos movimentos de leitura-escuta-fala-escrita, os sujeitos se implicam com vistas a elaborar e fortalecer o pertencimento a uma comunidade de leitores (COLOMER, 2007), compreendendo a experiência estética com a literatura na escola enquanto potência de compromisso dos sujeitos com sua existência. Por sua vez, para que se realize na prática o redimensionamento dos objetivos da literatura e seu ensino em direção à centralidade dos sujeitos-leitores e seus modos de apropriação, é preciso forjar outras “espatiotemporalidades”, redimensionando o tempo da escola para o tempo da narrativa. Neste sentido, este trabalho também pretende apresentar alguns aspectos das experiências já realizadas com os diários e autobiografias, discutindo como estas práticas nos ajudam a pensar estratégias que expandem e dilatam o tempo da experiência com a leitura literária, favorecendo o “tempo improdutivo” ou “território da negatividade” (CECHINEL, 2018). Tal Brasil, um ensino de literatura capaz de criar possibilidades concretas de acesso ao texto literário e à palavra narrada, que constrói pontes e rompe muralhas.

A leitura de literatura: um direito com ou sem pandemia

Geuvana Vieira de Oliveira Maia (Unimontes)

Resumo A leitura literária é prática que requer interesse e disposição das instituições de ensino para que verdadeiramente se efetive. Nos anos de 2020 e até primeiro semestre de 2021, as atividades escolares em escolas públicas do estado de Minas Gerais praticamente foram realizadas através de ensino não presencial por causa do vírus COVID 19. A leitura é uma atividade muito importante para o desenvolvimento humano e a leitura literária precisa ser considerada primordial também em momentos como o atual. Pretende-se discutir a necessidade da literatura na sala de aula em aulas de leitura de literatura com o propósito de desenvolver atividades de leitura, compreensão e inferências e, também estudo da estética composicional desse texto. A pesquisa tem como suporte textos teóricos sobre a leitura do texto literário como por exemplo: Candido (2004), Cosson (2014; 2018), Solé (1998) Zilberman (2003). Segundo Antonio Candido, a literatura é um direito como outros, porque é um bem indispensável ao ser humano como outras necessidades básicas tipo instrução, saúde, moradia, amparo da justiça pública, à resistência, à opressão, como direito à crença, a religião e ao lazer. A partir de estudos teóricos e experiência na atividade docente, percebe-se a necessidade de contribuir para a ampliação da leitura de literatura em todos os momentos sejam com ou sem pandemia, com uso de metodologias e recursos tecnológicos para o trabalho com a leitura para que o direito a literatura seja garantido aos alunos e o desenvolvimento de habilidades e competências do letramento literário se efetivem.

A leitura literária no livro didático: uma análise da abordagem de poemas em *Português: Linguagens* (9º ano do Ensino Fundamental)

Gabriel Castilho Maia (UNESP)

Resumo A proposta desta comunicação é fazer uma análise da abordagem de poemas no livro didático *Português: Linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, 2015), do 9º ano do Ensino Fundamental. Para isso,

realizamos inicialmente uma contextualização sobre a presença e o uso do livro didático (LD) nas salas de aula e, posteriormente, um levantamento dos poemas apresentados ao longo do livro. Observamos, nesse levantamento, a existência de um capítulo dedicado exclusivamente ao estudo do poema. Desse modo, decidimos concentrar a análise nessa parte do material, uma vez que trata, especificamente, do “ensino de poesia”, objeto deste trabalho. Assim, analisamos, nesse capítulo do LD, as propostas de leitura de poemas, a abordagem dessas leituras e as atividades sugeridas. Recorremos, dentro da abordagem qualitativa, à análise documental, a fim de extrair descrições e realizar posteriores reflexões a partir dos fenômenos observados no material didático (CHIZZOTTI, 2003). Foi possível observar o predomínio de uma abordagem centrada em aspectos formais do poema, deixando de lado a leitura literária e a potencial construção de sentidos a partir da riqueza dos textos. Nesse capítulo dedicado ao estudo do poema, não houve, portanto, o respeito ao estudante como sujeito leitor, situado histórica e culturalmente, o que parece não favorecer o estímulo à leitura literária. Ao longo da investigação, adotamos a perspectiva da leitura subjetiva, procurando respeitar uma concepção de literatura na escola segundo a qual o leitor representa uma instância da literatura (ROUXEL et al, 2013). Também nos apoiamos, nas discussões acerca da leitura literária, em autores como Dalvi (2013), Rezende (2013) e Pinheiro (2018).

A literatura no âmbito da Política de Ensino, Pesquisa e Extensão para a Área de Línguas do Instituto Federal de Santa Catarina

Estela Ramos de Souza de Oliveira (IFSC)

Resumo Em outubro de 2018, o Conselho Superior do Instituto Federal de Santa Catarina aprovou a Política de Ensino, Pesquisa e Extensão para a Área de Línguas do IFSC. O documento foi elaborado de modo colaborativo por meio de Grupos de Trabalho constituídos no II Fórum de Línguas do IFSC, realizado em junho de 2016, e em processos subsequentes de autoformação, pesquisas bibliográficas, levantamentos e escrita coletiva. Dada a natureza do texto final, que estabelece princípios e diretrizes para a implantação de ações institucionais na área de línguas, e o movimento coletivo de sua criação,

este trabalho foi proposto como uma pesquisa documental com o objetivo de identificar quais pressupostos teórico-metodológicos orientam o trabalho com a literatura no IFSC. Como resultado da pesquisa, foi possível observar que a estrutura do documento apresenta um capítulo destinado especificamente ao ensino de literatura, intitulado “o trabalho com a literatura no âmbito dos cursos e unidades curriculares de línguas”, ao mesmo tempo em que, de modo transversal, ao longo de todo o texto, vincula o texto literário à formação do leitor crítico, do sujeito humanizado, com direito de sentir, interagir, dialogar e produzir literatura. Nesse sentido, a Política respalda, especialmente, atividades de ensino, pesquisa e extensão que visem à formação do leitor literário na/pela instituição e confirma a importância atribuída à literatura nos processos formativos promovidos pelo IFSC.

A literatura nos vestibulares da UFMS: entre o conceito, o cânone e o ensino

Isabela Boaventura Pimenta Gomide (UFMS)

Wellington Furtado Ramos (UFMS)

Resumo As listas de bibliografia obrigatória e as questões de vestibulares tendem a direcionar o ensino de literatura, afetando a construção simbólica seu conceito, à medida que, por se materializarem em um horizonte de expectativas mediado por uma avaliação de larga escala, tendem a ser inversamente refletidos na formação dos estudantes que se submeterão a tais avaliações. Conforme tais pressupostos, o presente trabalho objetiva questionar e analisar a seleção dos títulos, componentes da lista bibliográfica, e as questões dos vestibulares para ingresso em 2018, 2019 e 2020 da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no componente Literatura. Para tanto, seguir-se-á uma metodologia de análise-crítica, aportada nas proposições de Jonathan Culler (1999), Antonio Candido (2011) e Roberto Reis (1992) quanto à importância, uso, conceito e ensino de literatura. Tendo em vista que “o lugar da literatura é a cultura” (REIS, 1992), as proposições sociais de Pierre Bourdieu (1989) e de Bronislaw Baczko (1999) possibilitarão um diálogo profícuo com os teóricos e críticos literários mencionados, ao entrever como se constitui um Imaginário

Social e a significação simbólica dessa fase pré-vestibular. Cientes de que essa é uma proposição já feita, voltada a outras universidades, é preciso valer-se ainda de uma revisão bibliográfica a qual levará em conta as teses de doutorado de William Roberto Cereja (2005) e a de Ana Cláudia Silva Fidélis (2008), dentre outras produções. Lançando um olhar à forma como o foco nas competências interpretativas e de compreensão de texto afetam o ensino, pode-se perceber que educar os sujeitos somente para cumprir e satisfazer uma prova de seleção é uma prática instrumentalizadora e alienante posto que a literatura como expressão – urgência embrionária dos sujeitos – ao ser tratada como disciplina e ferramenta é tolhida de uma qualidade fundamental: seu caráter artístico e autotético.

A noção de “consciência” na BNCC: implicações para o ensino-aprendizagem de língua e literatura

Maria Amélia Dalvi (UFES)

Resumo Entre as dez “Competências gerais da educação básica”, listadas à Introdução da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), duas delas incluem a palavra “consciência” – ambas as ocorrências adjetivadas: uma como “consciência crítica”, outra como “consciência socioambiental”. Há, ainda, 41 outras ocorrências da palavra “consciência” nas 600 páginas do documento, incluindo partes que tratam especificamente do ensino de língua e literatura. Todavia, em nenhum momento o documento oficial se dedica a desenvolver sistematicamente o conceito de consciência que está sendo ali utilizado, cabendo aos profissionais da educação realizar, por conta própria, um processo de aproximação dessa noção assumidamente estruturante da política de formação humana promulgada pelo Estado brasileiro. O que se depreende, a partir de um estudo das diferentes ocorrências no documento, é que a noção de “consciência” na BNCC tem uma face cognitiva e uma face ético-política. O que se entende, afinal, por “consciência”? Para responder a essa pergunta, por meio de um estudo teórico-bibliográfico, sistematiza-se a noção de “consciência” em dois autores que têm se dedicado, no Brasil, a pensar o processo de formação humana nas esferas não-escolar e escolar, articuladamente ao desvelamento da realidade sócio-histórica, a saber, Mauro

Luis Iasi, em *Ensaio sobre consciência e emancipação* e em *O dilema de Hamlet: o ser e o não-ser da consciência*, e Dermeval Saviani, em *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Em seguida, coteja-se essa síntese com os usos de “consciência” na BNCC, tendo em vista realizar as aproximações que são requeridas dos profissionais da educação em face do projeto de formação humana assumido pelo Estado brasileiro no presente, objetivando: a) compreensão aprofundada da ideia de “consciência” em estudiosos da questão e na BNCC; e b) prospecção dos diferentes agenciamentos da “consciência” para o processo de educação escolar, particularmente na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura.

A pedagogia de Paulo Freire e o ensino de literatura

José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

Resumo A Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, publicada em 1970 (concluído em 1968), é resultado de um percurso de envolvimento do autor sobretudo com a educação popular. O ponto de partida é a constatação de que a violência e a opressão a que são submetidas grandes parcelas da população, demanda um “anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE: 1988, p. 30). Sua proposta de uma Pedagogia do oprimido necessita ser “forjada com ele e não para ele” e essa opção implica diferentes posturas do educador face ao desafio de construir uma educação “como prática de liberdade”. Embora esta proposta pedagógica não tenha sido pensada para ou a partir do ensino formal tradicional, ela nos coloca questões da maior importância quando se pensa tanto a função do ensino de literatura no nível básico quanto aos procedimentos metodológicos a serem acionados. Algumas perguntas nos colocamos: que questionamentos a Pedagogia do oprimido pode suscitar aos professores visando uma educação que busque superar a prática bancária que ainda predomina no cotidiano escolar? Que categorias forjadas pelo autor podem contribuir para um ensino de literatura em que a relação texto e leitor favoreça um conhecimento mais efetivo da realidade social, psicológica, humana? Destacamos nesta comunicação uma categoria amplamente retomadas por Paulo Freire, tanto na sua Pedagogia do oprimido,

quanto nas obras posteriores: o diálogo (ou a dilogicidade) como elemento determinante de uma “educação como prática de liberdade” e, decorrente desta questão, pensar as possibilidades de valorização da experiência do outro (o leitor em formação) no ato da leitura literária. Por fim, destacaremos as exigências decorrentes desta perspectiva freiriana, que vai de encontro a posturas autoritárias presentes no nosso cotidiano escolar, mesmo quando o discurso de professores se apresente como avançado, libertário.

Criação, circulação, crítica e ensino de literatura: a ocupação de diferentes espaços por mulheres na América Latina

Ana Crelia Penha Dias (UFRJ)

Resumo Entre a produção literária, sua circulação, o movimento da crítica e as seleções para as atividades de ensino há trajetos e deslocamentos que passam pela recepção dos leitores, no nível amplo e especializado, mas também dependem de projetos que promovam encontros entre as diferentes representações da educação literária. A pesquisa Mulheres na formação de leitores: retratos conhecidos, iniciada em ocasião de estágio pós-doutoral realizado na Universidade de São Paulo, tem mostrado um panorama diversificado de atuação profissional das entrevistadas, além da composição de uma rede bilateral de colaboração no diálogo entre seus países de origem e outros, especialmente da América do Sul, constituindo um trabalho efetivo de circulação de literatura e de militância em um projeto de formação de leitores. Este trabalho tem como objetivo investigar os caminhos de produção de parte das envolvidas e as relações que estabelecem entre si, numa tentativa de mapear pessoas/instituições responsáveis por esses processos. Serão analisadas obras de Ana Maria Machado, Graciela Montes e Maria Teresa Andruetto, para refletir sobre os caminhos de tradução de suas obras e pensar o conceito de internacionalização da literatura em contextos não-eurocêntricos. Nesse sentido, serão buscadas autoras que compõem o rol das pesquisadas, como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Silvia Castrillón, além das já mencionadas autoras de textos literários, que serão postas em diálogo com outras que trazem propostas de encaminhamento de novas epistemologias, como Lélia Gonzales e Grada Kilomba, a

fim de tensionar as relações entre processo criativo, circulação, crítica e ensino de literatura em contextos acadêmicos.

Didática da literatura no Brasil a partir de práticas docentes

Vera Lúcia Cardoso Medeiros (Unipampa)

Resumo Esta comunicação pretende apontar possíveis respostas à pergunta que dá título ao simpósio 44 por meio da análise de práticas de ensino de literatura e de promoção de leitura literária que integram pesquisas concebidas e implementadas por docentes da Educação Básica vinculados ao Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa. Esses profissionais atuam em escolas situadas em cidades de pequeno e médio porte do interior do Rio Grande do Sul em turmas de ensino fundamental e médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. O estudo das propostas de ensino sustentará discussões articuladas tanto ao segundo eixo de reflexão previsto para o simpósio, especialmente no que toca à revisão crítica dos postulados teóricos sobre ensino de literatura em contexto escolar, quanto ao terceiro eixo, sobretudo no que concerne ao mapeamento de estratégias de ensino de literatura. Desse mapeamento pretende-se ampliar a reflexão em direção à possibilidade de situar os achados dos estudos sobre literatura e ensino no Brasil em um campo de prática pedagógica e de investigação específico, o da didática da literatura. Pretende-se também considerar a pertinência de promover a reflexão desde um campo disciplinar tão específico, levando-se em conta o contexto educacional brasileiro. Ao traçar a didática da literatura proposta pelos docentes pesquisadores, as questões de fundo que orientam os debates previstos para o Simpósio serão evidenciadas, já que a tensão entre o sistema literário institucionalizado e suas constantes revisões e revitalizações fazem parte do cotidiano de quem se dedica a ensinar literatura e a promover a leitura literária na educação básica. As análises estão amparadas teoricamente por Rouxel, Munita, Rezende. Bosi (2020); Brillant Rannou, Le Goff, Fourtanier e Massol (2020); Daunay (2007, 2008); Munita (2019); Perrone-Moisés (2016); Rezende (2020).

Educação literária em perspectiva antirracista

Vima Lia de Rossi Martin (USP)

Resumo Um dos desafios para a elaboração de propostas para o ensino de literatura, seja na educação básica ou no ensino superior, consiste no cumprimento da Lei 11.645/08, que atualiza a Lei 10.639/03 e torna obrigatório o estudo da história da África e dos africanos, da luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, da cultura negra e indígena brasileira e da participação do negro e do índio na formação da sociedade brasileira. Especialmente nas áreas de educação artística, de literatura e de história, torna-se necessária a priorização das histórias e das culturas dos povos africanos e indígenas, consideradas, agora, a partir de uma perspectiva que tensiona e desestabiliza os paradigmas eurocentrados que historicamente orientaram o ensino brasileiro. Nesse sentido, promover a educação literária, do ponto de vista da educação das relações étnico-raciais, requer um reposicionamento epistemológico por parte de educadoras e educadores. Significa, de um lado, o reconhecimento da matriz colonial que tem referenciado o estabelecimento dos currículos e, de outro, o comprometimento com uma proposta de educação literária alternativa, capaz de se abrir para outras vozes e dicções que problematizam, inclusive, seu próprio lugar marginal em relação ao cânone. Assim, não se trata simplesmente de agregar novos conteúdos aos currículos tradicionais, mas de contemplar outras possibilidades de organização da historiografia e de valorização ética e estética, compreendendo os sentidos que sustentam as ausências e apagamentos presentes no repertório literário dominante.

Ensino de literatura: experiências na Residência Pedagógica

Danglei de Castro Pereira (UnB)

Resumo A Educação Básica e, por vezes, a Universidade torna-se um lugar fundamental para propiciar o acesso e a interação de jovens leitores e futuros professores com diversidade de textos literários. Acreditamos que o professor de Português/Literatura deve ser um bom leitor literário, o que proporcionará aos alunos/leitores um

convívio prazeroso com a leitura, possibilitando, pela leitura da palavra, a ampliação da leitura de mundo, concordando com Mariza Lajolo (1993). Nesta proposta, apresentamos experiências desenvolvidas no Programa de residência Pedagógica (RP) entre 2018 e 2020. A ação foi realizada na Escola Dra. Zilda Arns, Q 378, AE02, Itapoã/DF e pensou a língua e a literatura como instrumentos de comunicação e interação social, conforme Chartier (1998). Pensamos a metodologia e as estratégias de ensino permeadas pelo contato direto de alunos da educação Básica e futuros professores com a leitura literária e a produção de textos em um processo contínuo de reflexão sobre a língua e a literatura em ambientes de ensino na Escola Campo. É preciso lembrar que as ações foram voltadas para os alunos do 6º ao 9ª anos e EJA do Ensino Fundamental e, quando possível, do Ensino Médio na escola campo. Nossa preocupação central foi pensar a formação de leitores e futuros professores de Português preocupados com o incentivo à leitura literária de forma a indicar caminhos para a valorização da arte literária no cotidiano escolar. O principal objetivo da proposta foi, portanto, contribuir para formar futuros professores que fomentem a leitura literária em ambiente escolar, aspecto central da proposta.

Entrelaçando olhares: escrita literária, consciência histórica e decolonialidade no Ensino Fundamental

Nathalia Cardoso Seabra Rocha (UERJ)
Cristiano Ferreira Campos

Resumo No exercício de repensar as bases epistemológicas que ancoram grande parte das práticas de leitura literária nos centros de ensino do Brasil, é essencial criar condições de possibilidades para uma relação ética e estética com os textos. Ética no sentido de que se construa, a partir da literatura, uma morada, um lugar onde habitar, e estética no de realizar uma constituição plástica e consciente de si como obra de arte: uma estética da existência como queria Nietzsche. Nesse sentido, este trabalho, desdobramento de dissertação de mestrado no âmbito do PROFLETRAS, parte dos conceitos de leitura subjetiva (Annie Rouxel) e Escrita de si (Michel Foucault), os quais embasaram uma experiência interdisciplinar de leitura, em

turmas de 8 ano do Ensino Fundamental, numa escola da rede federal do Rio de Janeiro. Os fragmentos roubados, de Michèle Petit, e a conversa literária, trazida por Cecília Bajour, também foram fundamentais para compor esse campo de experimentação. No arcabouço teórico de História, compareceram as categorias de espaço de experiência e horizontes de expectativa (Reinhart Koselleck), as reflexões sobre a hermenêutica da consciência histórica (Paul Ricoeur) e os conceitos de modernidade/colonialidade (estudos decoloniais). Tais referenciais possibilitaram pensar a relação e a ação dos estudantes frente ao passado que se insere no seu presente, tendo em vista suas perspectivas de futuro que se realizam no hoje, cujo objetivo é romper com as lógicas de opressão da colonialidade. A culminância desse percurso foi a releitura de dois contos do universo perraultiano, “Barba Azul” e “Cinderela”, recriados sob forma de uma peça de teatro. O roteiro foi escrito pelos estudantes, a partir de recortes de fragmentos do livro do trimestre, “No seu pescoço”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, e dos debates em sala.

Era pouco e (quase) se acabou: esvaziamento do currículo de literatura para o ensino médio dos PCN à BNCC (1999–2018)

Daniele Gualtieri Rodrigues (UFRGS)

Resumo A disciplina escolar Língua Portuguesa (e Literatura) passou por transformações importantes desde o final da década de 1970, tanto em seus objetivos, quanto em seus conteúdos. Tais alterações ocorreram, em parte, pela divulgação e circulação, entre profissionais da educação básica e público não especializado, de pesquisas acadêmicas na área de Letras; mas também pelo processo de democratização do ensino que propiciou o ingresso, nas escolas, de uma camada da população que até então não tinha acesso ou não permanecia nelas, não tendo familiaridade com os saberes restritos a uma camada culta que via sua variedade padrão – de prestígio social – naturalizada no currículo escolar. No que se refere especificamente à literatura, passam a configurar o currículo escolar não só as obras canônicas, mas também produções culturais que, até então, estavam à margem da escola. Este trabalho recupera a configuração da disciplina Língua Portuguesa do final da década de 1970 e da década de

1980, em especial no que concerne à literatura na etapa final da educação básica – hoje o ensino médio – para centrar-se no debate curricular e na publicação, desde o fim da década de 1990, dos documentos nacionais que norteiam seu currículo. Propõe-se uma breve análise dos sumários de quatro desses documentos (Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (1999/2000), Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN+ Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2002), Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias (2006) e a Base Nacional Comum Curricular (2018) nos quais torna-se flagrante que, embora tenha-se ampliado a abrangência do que se considera “literário”, o espaço dedicado à literatura no currículo do ensino médio tornou-se cada vez mais exíguo.

Fissuras em família: sobre o ensino de literatura em três contos de Bernardo Kucinski

Cecília Guedes Borges de Araujo (UFMS)

Resumo Este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da literatura de testemunho, a fim de contribuir para a educação literária contemporânea, a partir da leitura crítica de três contos de Bernardo Kucinski: “Terapia de família”, “O velório” e “Pais e filhos”, da coletânea *Você vai voltar para mim e outros contos* (2014). A análise leva em conta as formas de representação de narrativas de trauma e de violência no contexto da ditadura militar no Brasil, bem como a reflexão sobre as teorias do ensino de literatura e suas atuações no contexto teórico-prático escolar, como a proposição de uma educação literária baseada na leitura de contos contemporâneos de modo a colaborar com o conhecimento crítico e analítico dos alunos sobre diferentes temáticas sociais. Tomando como base as teorias da memória e do trauma na literatura, os contos selecionados tematizam histórias de famílias vítimas da opressão do período ditatorial, que foram torturadas, física, emocional e psicologicamente, e cujos testemunhos, subsidiados pelas memórias, foram utilizados para a tentativa de compreender os acontecimentos e trazê-los para debate público, sobretudo, escolar. Assim, estuda-se aqui a maneira como

a análise das narrativas de testemunho colabora para o ensino de literatura na escola a partir do contexto da ditadura militar, ao passo que o discurso narrado por personagens marginalizadas possibilita uma nova leitura e interpretação desse período, muitas vezes, esquecido ou contado por vozes hegemônicas. Por fim, este trabalho con-substancia-se em reflexões de Freud (1986), Freud (1917), Ginzburg (2013), Marco (2004), Pollak (1989), Regina e Zilberman (2011), Renata Souza e Rildo Cosson (2011), Seligmann-Silva (2000), Seligmann-Silva (2008), Zilberman (1991) e outros.

Frestas para o alubrimento: por onde incide a experiência com o poético no cotidiano da sala de aula?

André Luís Mourão de Uzêda (UFRJ)

Resumo Debruçamo-nos sobre a formação do leitor literário tendo como recorte de investigação o trabalho com poesia desenvolvido na Educação Básica. Situamos nossa proposta de comunicação em diálogo com o primeiro dos três eixos de debate elencados pelo simpósio, de modo que a problematização em torno do binômio “ensino de literatura” x “educação literária”, quando pensada no âmbito da leitura de poesia em contexto formal de educação, nos suscita questionar de que “poesia” tratamos quando a lemos em sala. A já elencada pergunta “É possível se ensinar poesia?” é mote para nossa discussão, que se debruça sobre o paradoxal lugar ocupado pelo gênero nas aulas de Literatura: ao mesmo tempo que reconhecida como um gênero canônico e prestigioso desde a tripartição dos gêneros literários postulada pela Poética aristotélica (e apresentada como tal em nosso currículo), observa-se um certo lugar de desprestígio ocupado pela leitura e adoção de poesia nas aulas de Português e Literatura (cf. PINHEIRO, 2018). O mesmo tratamento percebemos lhe ser dado em documentos oficiais, a exemplo da BNCC, que em todo o documento menciona-a uma única vez, distinguindo sua potencialidade para a formação do leitor por explorar diferentes “efeitos de sentido” (BRASIL, 2017). Em outra via, nossa abordagem de discussão propõe investigar modos de leitura da poesia em sala de aula que promovam uma experiência efetivamente estética com o poético (cf. PAZ, 2006). Para tanto, recorreremos às dimensões de “experiência”,

“saber de experiência” (cf. LARROSA, 2011) e de “alumbramento”, termo tão caro à poesia de Manuel Bandeira, sobre cuja obra poética Arriguucci Jr. (1987; 2003) se debruça para compreender a manifestação de uma poesia que se encontra no mais “humilde cotidiano” (cf. ARRIGUCCI JR., 1987; 2003). Ao cabo, resta-nos o questionamento: por que frestas incide a experiência com o poético no humilde cotidiano da sala de aula?

Juventude e o ensino de literatura no Amazonas

Silvana Rossélia Monteiro dos Santos (UnB)

Resumo Este artigo pretende, com base no conceito de juventude enquanto categoria social de Mannheim, por meio da análise documental e bibliográfica, analisar o conceito de juventude que embasa a Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino, 2012, em Manaus – AM e o Plano de Ensino de Língua Portuguesa, da Coordenadoria Regional de Educação de Manacapuru – AM/SEDUC-2019, buscando entender que conceito de juventude está presente nesses documentos que normatizam o ensino da área de Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio, em especial, no ensino/estudo de Literatura, buscando, dentro desse conceito de juventude, compreender a que público efetivamente essa proposta se destina. A escolha desses dois documentos se deu em virtude de serem os documentos oficiais tidos como base para os professores dessa área na capital, Manaus, e no interior, como exemplo Manacapuru, formularem sua matriz curricular e práticas pedagógicas para a etapa final da Educação Básica. A leitura preliminar aponta que a visão de juventude presente nos referidos documentos é a positivista, que pensa o jovem estudante do ponto de biológico e psíquico, apesar de um discurso com ênfase na valorização da sua história de vida e projetos futuros, com ênfase num ensino/estudo de Literatura categorizado em fases.

Letramento literário no ensino fundamental em Capistrano-CE: o programa MAIS PAIC e a formação do leitor no ensino remoto

Elizabete Nascimento Aguiar (UFRN)

Resumo O ensino de literatura, a formação do leitor e o trabalho com foco no letramento literário nas escolas públicas cearenses no ensino fundamental é feito por meio do MAIS PAIC – Programa de Aprendizagem na Idade Certa. O programa defende a sistematização da leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa com o plano estruturante e um dos seus eixos é Literatura e formação do leitor. No entanto, vivendo o ensino remoto no período pandêmico, percebemos a necessidade de investigar de que forma o programa está sendo trabalhado e qual plano estruturante está sendo usado. Acreditando na complexidade do assunto e por conhecer a dinâmica do MAIS PAIC, centraremos a pesquisa no campo do letramento literário e da formação do leitor. O objetivo geral é investigar a repercussão do MAIS PAIC para o letramento literário nos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública municipal de Capistrano, refletindo sobre a formação do leitor literário no ensino remoto. Nossos objetivos específicos são: identificar os desafios enfrentados pelos alunos, leitores literários em formação, no ensino remoto em relação à realização da leitura literária; analisar a aplicação da metodologia das atividades propostas pelo MAIS PAIC no eixo Literatura e Formação do Leitor; e propor sequências didáticas para o trabalho com a leitura literária que foquem na formação do leitor literário, promovendo o letramento literário, ainda que no ensino remoto. Para obter os resultados, os procedimentos adotados serão divididos em três etapas: aplicação de questionário semiestruturado, observação de aulas com foco no eixo Literatura e formação do leitor e pesquisa-ação com aplicação de sequências didáticas baseadas nas sequências básicas de Cosson (2014). Assim, espera-se refletir sobre a formação do leitor no ensino remoto e contribuir com uma sequência didática apropriada para o ensino remoto no MAIS PAIC – o plano estruturante.

Literatura e escola: ensino para não esquecer

Josineia Sousa da Silva (UFES)

Resumo Dedicada à memória escolar inscrita em textos literários brasileiros, esta pesquisa exploratória noticia uma tese em desenvolvimento que toma contos, romances, poemas e crônicas como uma “fonte fecunda” – na concepção de Ferreira (2011), em diálogo com a história das ideias pedagógicas no Brasil. Para tanto, retomamos um estudo preliminar já realizado a partir de uma coletânea intitulada Tempos de escola, organizada pela Boa Companhia (2015), composta de diferentes contos, crônicas e memórias que se inscrevem em diferentes tempos e estilos situados em diversas regiões do país. Teórico-metodologicamente, trabalhamos com as noções conceituais de “cronotopo e exotopia”, de “esfera e campo” e de “estilo”, no Círculo de Bakhtin, tendo como pano de fundo sua reconsideração sobre a relação entre o “ético” e o “estético”; do mesmo modo em que levamos em conta a dialética entre singular-particular-universal, no pensamento de Lukács. No que diz respeito aos resultados iniciais já obtidos, esta pesquisa, de modo mais ensaístico levando em conta as considerações de Amorim (2002; 2004), amplia a discussão tomando como referência outras produções literárias, a saber: *O Ateniense* (Raul Pompéia), *Conto da Escola* (Machado de Assis) e *Infância* (Graciliano Ramos) na tentativa de, ao mesmo tempo, dá a ver e reconhecer nessas obras, a dialética entre singularidade e universalidade das experiências de escolarização, relacionadas dialeticamente pela particularidade de cada situação sócio histórica de diferentes escolas e realidades educacionais brasileiras.

Literatura: o quê e para quem ensinar?

Benedito Antunes (UNESP)

Resumo Um dos problemas do ensino de literatura na sociedade contemporânea é a caracterização do público-alvo. Ainda que se valorize o papel leitor no processo de recepção, não é possível ignorar a origem social dos alunos nas propostas de leitura. No modelo clássico de educação, a questão assumia outra configuração. Para a Paidéia

grega, por exemplo, a educação considerava o homem de acordo com a verdadeira forma humana, com o seu autêntico ser. Assim, os educadores gregos aspiravam ao Homem como ideia para desenvolver o processo educativo. Esse ideal de homem, segundo o qual se deveria formar o indivíduo, não era, porém, um esquema vazio, independente do espaço e do tempo, mas um ser histórico. Essas considerações conduzem a uma reflexão sobre a educação em geral e a educação literária em particular no mundo contemporâneo: para quê educar? Ou mais precisamente, com base em que princípios se pode educar atualmente? Se o humanismo ainda representa um norte aceitável, é preciso conceituar esse humanismo, situá-lo no tempo histórico e no contexto social. A partir desses pressupostos, a comunicação procura discutir a finalidade do ensino de literatura à luz de seu público-alvo. Para isso, será considerada a diversidade de alunos, em particular a condição sociocultural dos alunos da Educação Básica e seu possível interesse pelo conhecimento e pela literatura. Pretende-se, assim, discutir a pertinência de objetivos educacionais constituídos sobre valores sociais, políticos e ideológicos nem sempre compartilhados pelos alunos. Admite-se a hipótese de que a leitura literária poderá estimular o confronto criativo de valores e ideias, em que prevaleçam a recepção estética, a reflexão e o respeito pelo outro.

O ensino da “realidade”

Leonardo Ferreira Aguiar (USP)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo conjecturar sobre como a literatura italiana, na figura e na obra de Luigi Pirandello (1867-1936), pode abrir caminho para um ensino de literatura que vá além dos manuais escolares previstos na Educação Básica brasileira. Tal tarefa parte da concepção de que, mesmo que a Modernidade não tenha atingido a todos de igual modo, vivemos todos em um contexto no qual somos partícipes dela, o que nos permite a inserção de Pirandello no currículo de Literatura, assim como outros escritores que se inserem no debate sobre a instabilidade do que seja e como se percebe o real. Por isso, o questionamento pirandelliano sobre a realidade tal qual a concebemos e aceitamos em convenções e mascaramentos é algo que pode ser desenvolvido em sala de aula

no contexto brasileiro, já que, além da reflexão crítica, atende à intertextualidade e à apreciação de variadas produções artísticas e culturais, conforme dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vigente. Partindo do princípio de que tal exercício só é possível com uma formação do aluno enquanto leitor, algo que é contínuo e deve ser exercitado e estimulado, propõe-se a análise da novela “A Senhora Frola e o Senhor Ponza, seu genro”, traduzida para o português brasileiro, que coloca o embate entre realidade/ficção, verdade/mentira de modo claro.

O ensino da leitura literária e a ficcionalização da vida na Educação do Campo

Sílvia Gomes de Santana Velloso (UFBA)

Resumo Discute-se como o ensino da leitura literária na Educação do Campo – modalidade de ensino que surge a partir da luta dos trabalhadores do campo pelo direito à educação, na interface com suas territorialidades, conforme defendido por (CALDART, 2002) –, em especial, pode promover um diálogo com as identidades dos sujeitos do campo (trabalhadores, filhos de trabalhadores do campo, quilombolas, indígenas, povos das águas, dentre tantos outros), suas culturas, modos de vida, resistências e reexistências, ensejando a ficcionalização da vida, numa reflexão crítica, inventiva e interventiva sobre o cotidiano experienciado. Para tanto, serão apresentados alguns resultados de um trabalho de leitura das obras “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo (2016), e “Angu de sangue”, de Marcelino Freire (2005), desenvolvido na turma do 9º ano de uma escola do campo – localizada num município baiano –, que culminara em produções literárias autorais dos estudantes. O estudo em voga é, também, resultante de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que investiga o ensino da leitura literária na Educação do Campo, na perspectiva dos letramentos, concebendo o texto literário como espaço de participação social e política e como elemento de (re)construção e fortalecimento identitário. Espera-se contribuir na análise sobre a importância da proposição de políticas de ensino da leitura literária que considerem os múltiplos sujeitos constitutivos da escola, em especial nos contextos de minorias sociais/ representativas.

O ensino de literatura negra na escola: representatividade e resignificação identitária

Lígia Chaves Ramos dos Santos (UFMS)

Resumo O presente trabalho se propõe a realizar uma análise crítica das obras *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2017), da cordelista cearense Jarid Arraes, e *O perigo de uma história única* (2019), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, com a intenção de refletir sobre o ensino canônico de literatura no ambiente escolar, marcado pela reprodução do discurso de uma identidade nacional hegemônica sexista e branca, e pela segregação de narrativas negras advindas das margens. Adotamos como objetivos específicos: identificar e estabelecer uma crítica literária debruçada no entrelaçamento dos projetos intelectuais das escritoras negras Jarid Arraes e Chimamanda Adichie, que emergem de diferentes contextos sociais/culturais, focando, sobretudo, na urgência em se promover novas práticas de ensino de literatura com ênfase nos conceitos de resignificação identitária, memória e representação. Buscamos destacar a escassez de materiais didáticos que desmontem a cultura do silenciamento de vozes historicamente minorizadas, a fim de suscitar a representatividade das alunas por meio da literatura negra. Assentados nas concepções de ensino de literatura de Maria Amélia Dalvi e o letramento literário de Renata Souza e Rildo Cosson, demonstramos possíveis práticas metodológicas que contemplem a visibilidade de produções negras e o fomento da resignificação de pautas identitárias de meninas pretas na escola. Tomamos como pressupostos teóricos, as percepções de Djamilia Ribeiro (2017), Gayatri Spivak (2014), Grada Kilomba (2019), Márcia Tiburi (2018), Maria Dalvi (2013), Renata Souza e Rildo Cosson (2011).

O ensino de literatura no IFRN: discussão teórica sobre a concepção de literatura no ensino médio integrado à formação profissional

Marília Maia Saraiva (UFRN)

Resumo O ensino de literatura no ensino médio integrado à prática profissional deve ser capaz de instigar a reflexão acerca do modo

de viver e de estar no mundo, mas a construção de um sujeito leitor para a literatura nesse contexto, encontra alguns obstáculos: a literatura, como disciplina, no ensino profissionalizante, luta pela sua sobrevivência, pois os alunos estão envolvidos em um espaço extremamente objetivo, que exige dinamicidade, proatividade, um contexto útil de aplicabilidade imediata, dominado pelos números, em cursos como Mecânica e Eletrotécnica, ou ainda pela linguagem de programação nos cursos de Informática. Além de o público-alvo estar inserido em um contexto pragmático, ainda há a problemática da carga horária, pois, se a média em outras escolas varia entre 4 e 6 aulas semanais, no IFRN a carga horária da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, que é anual, corresponde a três aulas semanais. Dessa forma, para que se possa desfrutar da função heterogênea e híbrida dos conteúdos literários, faz-se necessário, a princípio, analisar, discutir e compreender os questionamentos sobre a concepção de literatura apontada nos documentos oficiais dessa instituição, que, consequentemente, norteiam o docente, pois é fundamental que o docente tenha clareza sobre a concepção de texto literário e de ensino de literatura em sua prática pedagógica para desenvolver uma metodologia que possibilite a aproximação entre aluno e texto literário. Para fundamentar a discussão, são adotados autores como Compagnon (2009), Todorov (2009), Jouve (2012), Colomer (2003) principalmente, para abordar a concepção de literatura; na discussão específica de ensino de literatura no contexto profissionalizante, Ciavatta (2005), Rouxel (2013) e Cosson (2007), além dos documentos oficiais como PCNEM (1999), OCEM (2006), BNNC (2017) e o PPP – Projeto Político Pedagógico do IFRN (2012).

O que ensinar nas aulas de literatura? – Uma experiência de leitura literária

Humbelina Santos da Silva (UFBA)

Resumo Esta comunicação é um recorte do Memorial de Formação apresentado ao Mestrado Profissional em Letras, no Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, intitulado Rotas literárias: o que ensinar nas aulas de literatura no ensino fundamental?, no qual proponho a análise acerca da abordagem do ensino da literatura nos

anos finais desse segmento, a partir de intervenção pedagógica em uma escola da rede municipal na capital soteropolitana com duas turmas do nono ano. O objetivo desse trabalho foi refletir sobre o espaço dedicado ao letramento literário nessa etapa da Educação Básica; construir com os alunos uma experiência de leitura de textos ficcionais em sala de aula, produzindo coletivamente sentidos, através do compartilhamento de ideias e discussões em rodas de conversa; estimular o registro de impressões de leitura em diários. A orientação metodológica desta pesquisa ancora-se nos conceitos de leitura crítica, Freire (2011, 2018, 1987), letramento, Kleiman (1995), Soares (2014), letramento literário e ensino de leitura literária, Cosson (2011, 2016, 2018), Colomer (2007), Dalvi et al. (2013), Fritzen (2017), Jouve (2012), Paulino (2004, 2008, 2009); Rouxel (2013); Zilberman (2009) e Zappone (2008); literatura em campo expandido, Garramuño (2014); oralidade em sala de aula, Carvalho e Ferrarezi (2018) e diários de leitura, Machado (1998). Os resultados alcançados com cinquenta e dois sujeitos-leitores, participantes desta pesquisa qualitativa de caráter autoetnográfico, assinalam que a leitura de textos literários diversos em sala de aula, seguida de discussões em rodas de conversa, é uma alternativa para a formação do leitor literário no espaço escolar, promovendo também a valorização da voz do estudante, a construção da autonomia, a interação e a criatividade, favorecendo uma leitura crítica do texto, de si, do outro e do mundo que nos rodeia.

Pelo direito a literaturas

Patricia Trindade Nakagome (UnB)

Resumo O simpósio “Literatura e ensino: tal Brasil, qual ensino de literatura / educação literária” faz referência ao famoso livro de Flora Süssekind de 1984. Em linha semelhante, propomos uma modificação no famosíssimo ensaio de Antonio Candido de 1988. Esse tipo de diálogo é sempre uma forma de homenagem, em que se reconhece a vitalidade de um texto e, a partir daí, abre-se a possíveis mudanças e permanências surgidas desde a publicação até o momento atual da recepção de uma obra, o que implica em mais de três décadas nos dois casos citados. Em nossa comunicação, faremos uma leitura de “O direito à literatura”, discutindo o conceito de literatura ali

delineado, o qual, como se sabe, é apresentado “da maneira mais ampla possível”. Apesar da enunciação de tal abertura, consideramos a necessidade de tratá-la de modo ainda mais abrangente, evidenciado pelo plural de nosso título. Em diálogo com a questão de fundo do simpósio, identificamos a valorização de obras literárias de matriz realista, as quais, por consequência, ocupam um lugar destacado no ensino. Refletiremos sobre a importância de obras que estabeleçam outro tipo de relação com o real, na sua negação ou extrapolação. Tais obras são relevantes na experiência literária de jovens, as quais podem instigar uma postura diante do mundo diferente daquela prevista pelo adjetivo “crítico”, tão presente em nossas reflexões sobre ensino de literatura.

Poesia além do papel

Sirley da Silva Rojas Oliveira (IFMS/UFMS)

Resumo O presente trabalho tem a intenção de mostrar como a literatura, em especial a poesia, quando aliada a outras artes chega mais rápido ao público e aos estudantes. “Poesia além do Papel” foi um projeto de iniciação científica que teve como principal motivador uma pesquisa que o antecedeu feita no Instituto Federal do Mato Grosso do sul intitulada “Interdisciplinaridade: a presença e a contribuição da música para o ensino na cidade de Jardim”, a qual teve como base as teorias de Solange Ribeiro de Oliveira, José Miguel Wisnik e Luiz Tatit. A partir dos dados obtidos neste primeiro projeto, os quais apontaram que os professores de Língua Portuguesa e Literatura utilizam pouco ou quase nada a música nas salas de aula, enquanto os de Língua Inglesa já a usam com mais frequência, “Poesia além do papel” foi elaborado com o intuito de motivar o uso da canção para enriquecer o ensino nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura e teve como base teórica as obras de Solange Ribeiro de Oliveira, José Miguel Wisnik, Luiz Tatit e Ingedore Koch. Cada estudante analisou cinco canções de gêneros diferentes divididos da seguinte maneira: Bianca Tarifa Peixoto, MPB; Giovana Reck Rocha, Pop Rock; Julia Ocampos Cavalcante, Rap. Levando a importância do uso da relação entre literatura e música na formação da canção e a relevância desta para o ensino, os dois projetos foram premiados

nas duas feiras em que foram apresentados: Fecioeste, feira de ciências do IFMS campus Jardim e Fetec MS, feira de ciências da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Por que ler e ensinar literatura indígena?

Delma Pacheco Sicsú (UEA)

Resumo Apesar de um número significativo de obras publicadas em editoras de outros Estados, a Literatura Infanto-juvenil Indígena Amazonense ainda não se faz tão conhecida pelo público leitor local. Esta falta de conhecimento sobre a literatura indígena, por sinal, é perceptível nos encontros de professores da Educação Básica e até mesmo entre os acadêmicos de Letras que pouco conhecem acerca desta literatura no Amazonas. A Lei 11.645/2008 que trata sobre a obrigatoriedade da cultura indígena no currículo escolar é desconhecida por grande parte dos professores de Língua Portuguesa e isso talvez se deva pela ausência de uma disciplina no currículo do curso de Letras que trate especificamente sobre a cultura indígena. Esses professores passaram pela formação docente no curso de Letras, porém como a lei supracitada é relativamente nova, muitos não tiveram a oportunidade ter no currículo do curso disciplinas que abordam especificamente sobre a cultura indígena. Ler e ensinar a literatura indígena amazonense é ter a oportunidade de conhecer acerca da história, memória, ancestralidade, modos de ver e de pensar dos povos originários escrita agora pelo próprio indígena como sujeito de sua própria história. Ler e ensinar a literatura indígena é poder, por meio desses textos, desconstruir estereótipos e equívocos por séculos contados sobre os povos indígenas. O presente trabalho objetiva fazer uma reflexão acerca da importância da literatura indígena na formação do acadêmico de Letras para que, no futuro, ao atuar como professor de Língua Portuguesa possa colocar em prática a lei e fomentar em sala de aula a leitura da literatura indígena numa perspectiva crítica e reflexiva. Como base teórica para esta discussão, toma-se os estudos de Thiel (2012), Almeida (2004), Jouve (2012), Dorrico (2018), entre outros que poderão contribuir para a discussão da temática em questão.

Antonio Andrade (UFRJ)

Resumo Este trabalho nasce da aproximação entre os estudos de translinguismo, glotopolítica e educação literária. Parto da hipótese de que escritores, intelectuais e catedráticos que colaboraram na formação de cânones e currículos de ensino de literaturas no Brasil estabeleceram uma “difícil relação” com discursos que forjaram a identidade nacional, embora a esfera literária tenha sido uma das mais “empenhadas” (CANDIDO, 1975) no processo de construção da noção unificadora de nação, assentada numa ideologia monolíngue/monocultural. Nesse sentido, cabe observar, em diálogo com Süsskind (1990), que o legado deixado por viajantes estrangeiros, como Alexander von Humboldt, Debret, Alcide d’Orbigny, Maximilian zu Wied-Neuwied, Rugendas, Maria Graham etc., serviu a diferentes modos de apropriação. Boa parcela da elite brasileira oitocentista, por um lado, leu relatos estrangeiros de viagem ao Brasil de modo a selecionar deles dados e observações sobre a natureza, tribos e ritos autóctones que servissem ao projeto romântico de afirmação do exotismo. Por outro lado, numa linhagem literária mais sagital – e menos visibilizada nas tradições escolares e acadêmicas – escritores como Sousândrade, no século XIX, e Haroldo de Campos, no século XX, mobilizaram, por meio de práticas translíngues/transculturais, um processo de distanciamento com relação aos modelos letrados nacionais e de ressignificação crítica do cosmopolitismo. O caminho aberto por tais dicções transfronteiriças vêm estimulando, na interface da crítica brasileira com a hispano-americana, por exemplo, leituras que focalizam as poéticas do portunhol, cujo investimento analítico hoje indicia porosidades entre português, espanhol e guarani no campo literário sul-americano. A partir dessa rediscussão crítico-historiográfico, trago à baila a necessidade de se repensar a orientação curricular contemporânea do ensino de literaturas no Brasil, com vistas a colaborar com a desconstrução de políticas linguístico-literárias calcadas no monolinguismo e com o adensamento de reflexões em torno das epistemologias do Sul (Sousa Santos, 2018) no âmbito da formação de professores.

Relações de poder e representações sociais que permeiam o discurso acadêmico em documentos para o ensino de literatura

Augusto Moretti de Barros (UNESP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo discutir de que maneira se engendra o discurso acadêmico presente em documentos oficiais para o ensino de literaturas em língua espanhola em nível superior, como o Projeto Político Pedagógico e os programas de ensino de disciplinas do curso de graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. Uma vez que essas disciplinas estão submetidas a uma estrutura curricular, que visa à formação de professores, partimos da definição de currículo elaborada por Silva (2010), que indica que este, em sua materialidade, reflete operações de poder. Acreditamos que o manejo linguístico empregado nesses documentos pode ser o melhor caminho para reconhecer essas relações de poder, já que ele deixa rastros que podem revelar essas movimentações. Para isso, recorremos às noções de Barthes (2012) de discursos encrático e acrático, definidos, em suma e, respectivamente, como aquele que está de acordo com as lógicas de poder e aquele que busca estar fora dele, mesmo que não seja contra ele. Ademais, buscamos relacionar esses conceitos ao de representação social, de Chartier (1991), pois não podemos deixar de reconhecer que os discursos são permeados pelas crenças e posicionamentos dos sujeitos que o enunciam e, nesse contexto, são responsáveis pelo processo de estruturação do ensino. Esse conjunto de representações podem revelar, sobretudo, os conceitos de literatura e do seu ensino que se tinha naquele período histórico-social. Assim, embasados em noções barthesianas e chartianas, discutimos como esses documentos podem revelar as relações de poder e as representações desses agentes sociais, a fim de reconhecer, pelos rastros discursivos, os mecanismos que formam as estruturas do ensino de literatura neste contexto de pesquisa.

Tal legislação, qual literatura?

Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Resumo Em 31 de janeiro de 2017, foi publicada no Diário Oficial de Mato Grosso do Sul a Resolução/SED nº 3.196, de 30 de janeiro de 2017, dispondo sobre a organização curricular e o regime escolar dos ensinos fundamental e médio na rede sul-mato-grossense de ensino. Na reestruturação curricular do ensino médio, houve uma alteração que causou impacto e polêmica entre os docentes da área de Letras: no Parágrafo único do Art. 35, se lê: “Na reestruturação da área de Linguagens, a oferta da Língua Portuguesa objetiva integrar conhecimentos e saberes dessa disciplina com a Literatura, reorganizando seus conteúdos e eixos estruturantes”. Portanto, a Literatura não mais integra o currículo daquele nível de ensino, estando “embutida” em Língua Portuguesa, sendo tratada genericamente como “linguagem”. Para nós, várias questões se imiscuem nessa decisão: a possibilidade de diminuição do quadro docente, uma vez que os professores lotados na disciplina de Literatura foram realocados em Língua Portuguesa; o prestígio advindo de uma certa aproximação entre o letramento literário e a linguística aplicada; e a desconexão dos administradores escolares e das universidades com a prática da leitura literária. Interessa-nos aqui pensar sobre essa desconexão: por que ela existe? Uma das hipóteses se relaciona ao conceito de Literatura que os cursos de licenciatura em Letras oferecem (ou não) aos futuros professores: se a legislação de Mato Grosso do Sul trata, vulgarmente, a Literatura como “linguagem”, como se trata a Literatura no ensino superior? De modo geral, ela é vista como a arte da palavra. Mas o que significa arte nesse contexto? E palavra? E onde fica a leitura literária, muitas vezes desprezada nas aulas de ligadas ao objeto literário?

Simpósio 45**Literatura e outras linguagens
em diálogos transdisciplinares: afrodescendências,
africanidades, oralidades, trânsitos e engajamentos**

Epaminondas de Matos Magalhães (IFMT)

Marinei Almeida (UNEMAT)

Renata Beatriz B. Rolon (UEA)

Resumo O simpósio Literatura e outras linguagens em diálogos transdisciplinares: Afrodescendências, Africanidades, Oralidades, Trânsitos e Engajamentos tem por objetivo colocar em debate questões crítico-literárias em torno da produção dos países africanos, com destaque para Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Interessa-nos, também, abrigar estudos que discutam temas da literatura afrodescendente brasileira, evidenciando a sua diversidade. Serão aceitos trabalhos que se debruçam sobre o papel da memória na construção da identidade negra, aqui e no além-mar, considerando a importância dessa memória que “transcende o presente, resgata o passado, desvenda as relações entre Colônia, o Império e a República, lança raízes na África, busca o quilombo e Zumbi, manifesta-se no protesto e na revolta” (IANI, 1988, p.98. Seja nas articulações entre a memória, a história e/ou as experiências individuais e coletivas, na literatura e outras áreas de conhecimentos, leva-se em consideração que o mergulho nesse universo elucida questões que ajudam a fortalecer as lutas contemporâneas dos movimentos sociais de negritude porque descortinam trajetórias de indivíduos e comunidades, servem, portanto, para iluminar reflexões sobre problemas que foram “sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete” (SAID, 2005, p. 25,26) histórico. Pretende-se, portanto, que o Simpósio abrigue diálogos que envolvam o comparatismo entre as literaturas produzidas em outros espaços africanos, em outras línguas e com a afro-brasileira. Também, serão bem-vindos trabalhos voltados para o comparatismo entre literaturas africanas e afro-brasileiras em diálogo com outras artes como o cinema, o teatro, a dança, a pintura, bem como aqueles que incidam o seu olhar na interdisciplinaridade. Desde os primeiros movimentos na direção da independência política, a literatura produzida no continente africano conquista uma posição de inegável importância

para a constituição da ideia de nação, não só pela veemente contestação à empresa colonial (ASHCROFT, GRIFFITHS e TIFFIN, 1989) como também pelos projetos identitários que formulava (MATUSSE, 1993). As décadas que se seguiram à fundação dos estados nacionais, entretanto, foram marcadas por um certo desencanto perante as realidades em curso, seja pela ineficácia das classes dirigentes locais (MBEMBE, 2001), seja pelas pressões da conjuntura internacional, do que resultou o surgimento de imagens distópicas da nação. Em meio a um cenário povoado por rupturas e continuidades de natureza variada, a vinculação entre literatura e a criação da nação, a nível temático e institucional, continua a estar na ordem do dia nas produções do continente. Em se tratando de literaturas desiguais, radicadas em territórios diferenciados entre si a nível histórico e demográfico, cultural e linguístico, social e político, os repertórios afirmam-se pela pluralidade de vozes (escritas e orais) e de itinerários, não só a nível continental como também dentro das próprias fronteiras nacionais. Rupturas, subjetividades, diálogos, sob o foco de diferentes áreas de conhecimento, são motes de numerosas construções literárias e artísticas. Assim, as imagens da nação inscritas por ditas produções ao longo das últimas décadas, bem como, em sentido inverso, a ideia que a literatura ganha no seio de cada uma das nações e, em específico, junto de suas elites políticas, são também marcadas pela heterogeneidade, podendo mesmo tocar opostos, tais como o apoio ou a desconfiança incondicionais. Ao mesmo tempo, estas produções visam diferenciados públicos, consoante a língua em que são escritas (e/ou as orais), coincidindo apenas no fato de que o horizonte de recepção se encontra normalmente distante dos territórios tematizados. O espaço da nação, sob múltiplo olhar, enquanto categoria abstrata, apta a contínuas revisões e mediações, ocupa um lugar complexo e central neste debate. A proposta visa, também, abordar o “questionamento sobre a identidade e a função da literatura nacional pelo filtro da articulação entre sistema textual específico em que se configura e os elementos de recepção que a sustentam e legitimam, de onde não se podem ausentar conceitos como valor, comunidade, instituições culturais e história” (MENDONÇA, 2008). É importante, também, ao refletirmos sobre o momento tão movediço, agressivo e particular que ora não só nos envolve (nos referimos não somente à esfera política nacional, como à essa indescritível calamidade mundial ocasionada pela Pandemia do Covid-19 que atravessa e desestrutura o mundo),

como nos move ou deve nos mover, este Simpósio considera a importância do diálogo entre esses diferentes modos de pensamentos, fazeres e subjetividades, como um instrumento fundamental de enfrentamento e de (re)organização do ser frente a esse “ mundo que se despedaça”, para lembrarmos o mote do romance do escritor nigeriano Chinua Achebe (2009). Assim, o Simpósio objetiva promover, portanto, através do comparatismo, as conexões artísticas que possibilitem o acesso ao mundo que se abre à política, à sociologia, à história, à linguística, à antropologia, e às artes em geral, etc. Em face disso, é importante realinharmos textos que captem a realidade particular, transmitam a percepção deste particular a outras esferas e mantenham a excelência na sua realização formal.

A memória como objeto de denúncia na poesia de Noémia de Sousa

Jaqueline da Silva Oliveira (UNEMAT)

Resumo O estudo da memória é um elemento primordial se quisermos compreender a história de uma sociedade. Pois, o retorno ao passado, o resgate de acontecimentos que vivenciamos em uma determinada época, nos leva a compreender e modificar o presente. É como diz a estudiosa Marinei Almeida “ em certos casos o elemento memória , via de regra, funciona como um tapete de Penélope, no sentido de fazer e refazer, ou melhor, tecer e destecer o “vivido” num constantere desses “passados presentes”” (ALMEIDA, 2014, p. 225). Dessa maneira, a constatação do presente de faz a partir do refazer o passado, quando revisitamos nossas lembranças, aquilo que em algum momento pareceu-nos obscuro, torna-se compreensível. Na literatura, a memória é indispensável, e no que se refere as literaturas dos países africanos de língua portuguesa ela se revela como uma das suas matrizes de significado. Portanto , este trabalho tem como objetivo apresentar o texto “Poema da Infância Distante”, da escritora moçambicana Noémia de Sousa, buscaremos por meio da análise do texto, demonstrar como a poeta usou o objeto da memória para pensar os aparelhos ideológicos operados durante os anos de colonização em Moçambique, denunciando as atrocidades sofridas por Portugal e revelando o desejo inflamado no coração de moçambicanos

e moçambicanas, viver em uma nação onde o sol brilhasse como uma nova infância.

A metáfora do mar na poética de Diogo Virgílio de Lemos

Syjara Cristina Ferreira Santos (UNEMAT)

Resumo Este estudo se reveste da importância de conhecer um dos poetas das literaturas africanas de língua portuguesa, Virgílio de Lemos, que por meio da sua poética inovadora lutou pela independência moçambicana. Sua poesia constitui-se como manifestação literária e denunciativa, revolucionária e que buscava recuperar a identidade de seu país. Buscaremos demonstrar a importância do oceano Índico no intuito que a poesia do mar se constitui numa metáfora da configuração identitária, cultural e literária de Moçambique, onde o sujeito poético se direciona na história e pela afetividade dos sonhos da qual o eu lírico se apropria, numa crítica ao colonialismo e a opressão. Virgílio de Lemos, em sua poética busca elementos da literatura oral, questões híbridas, pelo jazz, sua voz poética se constitui por vários heterônimos, além dos movimentos da negritude, modernismo brasileiro, e pelas vanguardas europeias. O caráter relevante deste infortúnio dá-se por uma seleção de poemas, que retratam os problemas e mazelas sociais como, (preconceito, discriminação, autoritarismo, diáspora, entre outras problemáticas, resultantes e um sistema colonial que se constituiu em Moçambique por décadas. Para isso buscaremos fundamentação teórica para dar ênfase no que será apresentado, como: Couto (2010), Fanon (2005), Secco (1999) Fonseca (1997) White (1993) Angius (1999) entre outros.

A poesia de autoria feminina e o campo literário em Angola: Paula Tavares e Amélia Dalomba em diálogo

Renata Beatriz B. Rolon (UEA)

Resumo Nosso estudo enfoca a produção lírica feminina, em Angola, na contemporaneidade, salientando a construção histórica, o silenciamento e/ou marginalização impostos a autoras dentro do

campo literário local. O modesto número de textos de autoria feminina nesse país instiga à investigação e a discussão dos motivos da chegada tardia das mulheres à literatura. A partir da produção lírica de Paula Tavares e Amélia Dalomba, interessa-nos destacar a presença das vozes, individuais ou coletivas, nos processos ligados ao corpo feminino. Nas veredas dessas escritas em Angola, as poetisas selecionadas movimentam corpos, representados mediante funções sociais diversas: mãe, dona de casa, moeda de troca ou, simplesmente, mulher. Elas adotam uma abordagem dinâmica e politizada, motivada pela realidade social do seu país. Abordam questões relacionadas aos problemas do local mesclando-os à dor, ao amor e à saudade, tudo isso referendado em seus cantos rítmicos e metapoéticos. A produção literária de autoria feminina de fins dos anos 80 anuncia, ainda que utilizando os mesmos materiais das poéticas inaugurais angolanas, outros recursos de linguagem, outras relações internas de poder, outras simbologias do elemento feminino, tudo isso somado a novos procedimentos estéticos. Na análise dos poemas, Tavares e Dalomba irrompem uma nova cartografia feminina: “E apesar de tudo,/ainda sou a mesma!/Livre e esguia,/filha eterna de quanta rebeldia/me sagrou./Mãe-África!”[...], revela o eu poético em Tavares. Em Dalomba o eu anuncia: “[...]Lírios em mãos de carrascos/Pombal à porta de ladrões/Filho de mulher à boca do lixo/Peridas gangrenadas sobre pontes quebradas/Assim construímos África nos cursos de herança e morte”[...].

A Resistência continua:

traduzir poesia como ato anticolonialista.

A Itália e o apoio aos movimentos de libertação africanos

Vincenzo Russo (UNIMI)

Resumo A língua portuguesa como língua do anticolonialismo, a poesia como arma de combate e ocasião de internacionalizar o problema das “colônias portuguesas” em luta contra o colonialismo: estão aqui alguns dos traços que marcam a constelação de intelectuais italianos que solidarizam com os movimentos de libertação africanos e que divulgam as obras de Agostinho Neto, José Craveirinha e Amílcar Cabral em Itália. A minha comunicação estará dividida em

duas partes que correspondem às duas linhas teóricas que tentarei esboçar: a) o esforço enorme de elaboração teórica da crítica terceiro-mundista italiana, focando a atenção no trabalho do Centro de Documentação Frantz Fanon fundado pelo ex-partigiano Giovanni Pirelli (amigo pessoal de Amílcar Cabral) e outros intelectuais italianos; b) a tradução e divulgação das obras de Agostinho Neto e José Craveirinha em Itália por obra da intelectual antifascista Joyce Lussu que na década de 60 contribuiu para desenhar o mapa do anticolonialismo europeu. É importante salientar que a primeira intervenção pública do Centro de Documentação Frantz Fanon em Milão está ligada à primeira viagem italiana de Agostinho Neto em fevereiro de 1963 para apresentar a antologia de poemas *Con occhi asciutti, Il Saggiatore*, Milano, 1963 organizada e traduzida pela Joyce Lussu, que no ano anterior tinha estado em Lisboa para tentar visitar na prisão da Pide o líder angolano e para preparar o material para a edição italiana com a Maria Eugénia Neto, a mulher do líder do MPLA. As vicissitudes ligadas ao trabalho de tradução e as peripécias que a Joyce Lussu enfrentou em Portugal serão também objeto da nossa comunicação.

Afrodiáspora musical: uma análise sobre a formação do gosto musical

Monique Ivelise Pires de Carvalho (UFJF)

Resumo A escravidão negra produziu e ainda produz profundas marcas na América Latina; o chão de todo o continente está manchado com a violência que se deu esse processo. De fato, o racismo se tornou um elemento que estruturou as relações sociais, econômicas, políticas e culturais nas diversos países latino-americanos. A fim de refletir essa importante questão, esse texto pretende discutir como é possível reverter essa situação descolonizando o conhecimento, tal como foi e ainda é posto contemporaneamente, através novas leituras intempestivas do mundo, agora pautadas em uma prática afrocentralizada. Esse exercício textual será realizado por meio de questionamentos em relação a permanência racista, que também se faz juz na formação do gosto musical contemporâneo. Portanto, estamos falando de uma investigação que se baseia em movimentos pautados e fundamentados na diferença, ou talvez na subalternidade, como

uma grande força discursiva. Esse texto pretende discutir a estética da música de periferia negra na América, em conjunção a uma longa tradição africana; claro que restrito a poucos países, Brasil e Colômbia, a partir dos polêmicos lugares do Funk Nacional e o Reggaeton Colombiano. Trata-se, então, de pensar o lugar de interseção entre uma África “inicial”, como uma espécie de espírito fundador da musicalidade ocidental e o lugar diaspórico da produção musical periférica atual na América pós-colonial, representados pelos países em questão e suas musicalidades. Para isso, pensar e realizar uma prática afrocentralizada depende de uma leitura da sociedade contemporânea como intempestiva, que nesse caso é a representação da cultura negra através do seu lugar criativo e inventivo, inclusive nos espaços educacionais. É mais que focar apenas em seus aspectos negativos, marcados historicamente. Se refere, na verdade, a uma vontade, também coletiva de criar uma leitura sobre a construção do gosto musical que aflora nas periferias latino-americanas, através de suas produções de origem negra.

Analisando o álbum *Dolores Dala Guardiã do Alívio* de Rico Dalasam: uma perspectiva de transculturação

Lucas Dias Dionísio (UFU)

Resumo O presente resumo busca discutir alguns aspectos referentes à pesquisa de mestrado que busca investigar os reflexos identitários e culturais presentes no álbum *Dolores Dala Guardiã do Alívio* (2021) do rapper Rico Dalasam, que busca resgatar, por meio do ritmo e da poesia do rap, a memória do negro na América Latina, que sofreu e ainda sofre constantes e cruéis projetos de apagamento histórico-cultural, social e identitário, uma política de morte bem arquitetada e enraizada no cerne social, abordando os resquícios deixados pelos colonizadores e os resultados catastróficos e alarmantes para os povos negros. Sendo o segundo álbum lançado pelo artista, que despontou no cenário do rap (herança das literaturas orais africanas, de caráter híbrido: crônica, poesia, narrativa, etc.) no Brasil e da música independente como um dos pioneiros do Queer rap em território nacional, que desponta de forma emergente e urgente na contemporaneidade, acrescentando, em suas composições recortes

além de raça, classe, identidade e violência (como já é tradicionalmente abordado pelo gênero), introduzindo, em forma de fervor e protesto, questões acerca de gênero e sexualidade e que se interseccionam e resultam no álbum em questão, que apresenta um romance gay interracial. Assim sendo, buscaremos analisar duas faixas do álbum – DDGA e Braille e seus respectivos videocliques – nos valendo, de caráter transdisciplinar, dialogar às faixas citadas anteriormente, ao conceito de Transculturação proposto pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz (1940) e Transculturação Narrativa, posteriormente proposto pelo crítico literário Ángel Rama (1982), transpondo o conceito antropológico/cultural para a literatura e crítica literária, que buscam investigar as constituições das identidades na América Latina.

**As marcas históricas do colonizador
na formação identitária e cultural guineense:
uma análise da obra *As orações de mansata* de Abdulai Sila**

Maciel da Paixão Borges (UNEMAT)

Resumo: Esta pesquisa propõe-se a analisar e refletir as marcas deixadas pelo colonizador na formação identitária e cultural em Guiné-Bissau, pequeno país africano de língua oficial portuguesa, marcado por um inúmeros conflitos na busca pela liberdade e nas propostas de transições política, no período colonial e pós-colonial. Com isso, nossas discussões serão pautadas pelas lutas pelo poder e a formação cultural do povo guineense, a partir da obra *As Orações de Mansata*, do escritor Guineense Abdulai Sila. No tocante ao desenvolvimento do trabalho, proporemos reflexões literárias pautas nos estudos de Homi K. Bhabha (2003), Stuart Hall (2006) e Fanon (2008). Assim, buscaremos refletir sobre as marcas do período de transição política vivida por Guiné – Bissau, país que ainda vê em seu cotidiano as marcas do colonizador, marcados por desastrosas transições políticas. Com isso, proporemos reflexões sobre como as atividades literárias e de que maneira elas descrevem esse viés político na literatura. Portanto, discutiremos em nossa pesquisa a formação da identidade, pautada nos personagens principais de Sila, verificaremos a relação de alteridade, a intersecção de tempo e espaço e a relação histórica com a formação da identidade. Por fim, relacionar a narrativa

com a construção cultural Africana, em especial em Guiné-Bissau e as interferências históricas do ocidente.

As vozes e os silêncios dos excluídos em narrativas de Mía Couto e José Eduardo Agualusa

Ana Paula Rodrigues da Silva (USP)

Resumo Nas obras dos escritores Mía Couto e José Eduardo Agualusa é possível observar o uso recorrente da inserção de cartas, diários, cadernos, poemas, fragmentos de jornal e outros recursos de escrita como elementos importantes na estruturação de seus romances. Partindo dessa observação, buscamos investigar como esses recursos de escrita encenam as vozes dos excluídos nos processos de criação de Moçambique e Angola como nações independentes a partir da segunda metade do século XX. Em nosso recorte, selecionamos dois romances, *Antes de nascer o mundo*, de Mía Couto (2009) e *Teoria Geral do esquecimento*, de Agualusa (2012), nos quais encontramos personagens que habitam espaços de exclusão, personagens ora errantes, ora imobilizadas, mas em constante processo de busca por seus passados e pela construção de suas identidades. Nesses processos, a escrita e a leitura terão papel importante não apenas no desenvolvimento da intriga, mas, principalmente, no desenvolvimento da humanidade das personagens. Propomos, então, a análise das estratégias metodológicas que compõem essas duas narrativas, objetivando compreender de que modo e com qual objetivo as vozes dos excluídos (dos mortos, da memória, do passado, da tradição, da oralidade, do outro, do futuro) são inseridas na narrativa da nação e ressignificadas literariamente. Para tanto, buscamos evidenciar os processos de construção que incorporam cartas, bilhetes e outros escritos como possibilidades de enunciação das alteridades, encenando uma multiplicidade de vozes e narradores que lutam contra os diferentes tipos de silenciamento.

**Carolina Maria de Jesus:
um diálogo com *Os supridores*, de José Falero**

Roseli Gimenes (UNIP/PUCSP)

Resumo Nos anos 60, Audálio Dantas encontrou na favela do Canindé o diário elaborado por Carolina Maria de Jesus. Não só aquela catadora de papel ficou conhecida, mas o cotidiano das favelas se revelou à literatura. Passados anos, autores contemporâneos como Jefferson Tenório, Paulo Scott, Itamar Vieira Júnior e José Falero mostram narrativas em que o sujeito delas é a questão afrodescendente. Mais ainda, sem entrarem diretamente na questão racial, as obras deixam claro o cotidiano difícil desses personagens que poderiam ser aqueles retratados nas páginas do noticiário. O objetivo deste trabalho é a análise comparativa das questões sociais entre *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e *Os supridores* (2020), de José Falero, levando em consideração as narrativas de vida no sentido de apontar o valor autobiográfico e aquele que, ainda que não um relato pessoal, também se revela como um retrato hostil de muitos jovens na contemporaneidade. Ambas as obras mostram que é necessária a denúncia social. A metodologia será exatamente a comparação entre as duas obras a fim de apontar como se dá a narrativa; em forma de diário em *Quarto de Despejo*, e na multiplicidade de falas em *Os supridores*. Em função da comparação de linguagem e da ligação temporal entre ambas serão feitas considerações acerca de narrativas de vida e de questões raciais de acordo com Brandino, 2021: *A Racialidade na Literatura Brasileira*; Carneiro, 2003: *a questão da origem do racismo no Brasil*; Gilroy, 2001; Hathaway, 2013; Schwarcz, 2010: *Movimentos negros no Brasil*. É possível relacionar as obras para observação das poucas mudanças sociais ocorridas nesses 60 anos que separam as duas narrativas. A denúncia de Carolina Maria de Jesus parece-nos uma aceitação daquele único modo de viver, mas com olhares voltados à arte como salvação. Já José Falero vai direto ao ponto das vicissitudes sociais.

**Circulação dos mundos, circulação dos signos:
configurações afrotransatlânticas na poesia de
Edmilson de Almeida Pereira e nas Artes visuais**

Michel Mingote Ferreira de Ázara (USP)

Resumo O intuito da presente comunicação é o de propor um diálogo entre a poesia de Edmilson de Almeida Pereira, autor de livros como *Homeless* (2010), *Caderno de retorno* (2017) e *Signo cimarrón* (2005), e as artes visuais. Neste sentido, almejamos analisar as diversas intersecções e interlocuções entre a literatura e as artes visuais, considerando o contexto afrodiaspórico. Os trabalhos artísticos de Jaime Lauriano e Paulo Nazareth, entre outros, servirão de escopo básico para a nossa proposta que, no âmbito da literatura comparada, buscará compreender como o imaginário afrodiaspórico do Atlântico negro molda a estética do poeta juiz-forano e também dos artistas visuais. Dessa forma, autores como Achille Mbembe, Paul Gilroy, Lélia Gonzalez, Muniz Sodré, Édouard Glissant, Gilles Deleuze, entre outros, auxiliarão nossa leitura. Partiremos do pressuposto de que as circulações de mundos, de signos e de pessoas encetadas pela diáspora negra moldaram grande parte do imaginário estético advindo de tal contexto, configurando uma espécie de “poética do desabrigo”, que será por nós estudada. Assim sendo, noções como desterritorialização, desenraizamento, desabrigo, deslocamento, fluxo, linha de fuga, rizoma, rede, trânsito, circulação, entre outras, serão evocadas em nossa leitura. Por fim, procuraremos destacar também, neste diálogo proposto entre poesia e artes visuais, as múltiplas reverberações na estética afrodiaspórica de alguns momentos fundamentais da “Razão negra”, assim nomeada por Achille Mbembe, como o movimento da Negritude, o panafricanismo e o afropolitanismo.

Diálogos possíveis:

Esmeralda Ribeiro e Rosana Paulino: poesia e arte afro-brasileira

Daniela Rebeca Campos Atienzo (UEL)

Resumo As artes permitem compor uma memória coletiva, pelo fato de jogar com os fragmentos, experimentar com a linguagem,

com as técnicas artísticas e juntar elementos que parecem dissimiles, paradoxos e complexos, porém formam parte de uma identidade em devir, sempre em reconstrução e complexas, como são as identidades negras. Nesta intervenção analisarei os rastros de uma história afro-diaspórica desde uma visão negra desses corpos que sobreviveram ao navio negreiro e que procuram no fundo do mar restos de memórias para compor sua identidade (HALL, 2005). Para esta análise selecionarei o poema “Olhar negro” (2008) de Esmeralda Ribeiro (São Paulo, 1958) e a obra *Atlântico vermelho* (2017) da artista visual Rosana Paulino (São Paulo, 1967). Veremos como suas propostas estão atreladas às histórias fragmentadas que configuram o corpo das mulheres negras no Brasil. O poema de Ribeiro e a obra de Paulino dialogam no intuito de fazer uma arte decolonial, onde predomina o corpo da mulher negra e trazem uma memória da diáspora, onde o mar e o oceano são fundamentais para aproximar-se, adentrar-se e mergulhar no passado, nos deslocamentos, a separação histórica, de perda e isolamento (KILOMBA, 2019, loc. 2711) que faz uma fragmentação do sujeito, por consequência, como resposta dessa separação, surge a unidade, uma “potência coletiva” (EVARISTO, 2020, p. 39), como se verá nas obras. Tudo isto responde à reflexão que fez Conceição Evaristo (2017) de procurar a história dos afro-brasileiros no fundo do mar.

Diáspora africana e identidade do sujeito negro, em *Esse Cabelo* de Djaimillia Pereira de Almeida

Rute Lages Gonçalves (UEMA)

Resumo O presente trabalho intitulado “Diáspora africana: impactos na consciência identitária do sujeito negro, em *Esse cabelo* de Djaimillia Pereira de Almeida, objetiva identificar através da narrativa os impactos do efeito da diáspora africana na formação de identidade da personagem Milla no romance *Esse Cabelo*, que migra ainda na infância de Angola para Portugal e de que forma se dá essa influência na tomada de consciência da personagem como mulher negra. O corpo deste trabalho foi tecido por meio de pesquisa bibliográfica partindo da leitura analítica e crítica do romance para a pesquisa de teóricos que versam sobre literatura, memória, identidade e

negritude, diáspora africana e feminismo negro, realizando um traçado entre literatura, sociologia e geografia, observando assim o caráter interdisciplinar da primeira, foram utilizadas das teorias de Collins (2019), Hall (2000), Munanga (2018), Halbwachs (2010) e Bhabha (1998) que Trata as questões referentes a cultura e discorre sobre a significação de entrelugar. Os resultados que foram constatado nas análises dessa pesquisa foram que a diáspora enfrentada pela personagem impactou significativamente na sua percepção como mulher negra desde seus traços fenóticos, costumes e relações com sua ancestralidade, gerando conflitos e inquietações para a busca de ressignificar sua consciência racial em um território indiferente aos valores, costumes da sua pátria de origem.

Entre o abuso e a resistência: a criação de um mundo imaginário em Duzu-Querença de Conceição Evaristo

Eliane da Silva Deniz (UFMT)

Marcos Aparecido Pereira (UNEMAT)

Resumo Ganhador do prêmio Jabuti de 2015, a coletânea de contos *Olhos d'água* tece em suas histórias o cotidiano de personagens que, na contemporaneidade, sofrem as consequências de um longo período de colonização portuguesa no Brasil. Em sua maioria, as protagonistas, mulheres negras, vivenciam em seus cotidianos uma dupla discriminação em virtude do racismo e em decorrência do próprio corpo feminino em uma sociedade racista, sexista e patriarcal. Dentre elas, temos Duzu, protagonista do conto Duzu-Querença, que resolvemos analisar no presente trabalho, sob a perspectiva de autores como Candido (1982, 2000), Fanon (2010) e Hall (2003). Na construção da personagem, nos deparamos com uma menina entregue à uma senhora pelos pais, em consequência da miséria em que a família vivia. Sendo criada em um prostíbulo, ela sofre todos os tipos de abuso e cresce em um ambiente de violência, tornando-se uma mulher adulta, com muitos filhos e que, posteriormente, passa a ser moradora de rua. Para conviver com o peso da indiferença social, refugia-se em seu imaginário construindo, assim, um universo próprio para suportar a dor que carrega dentro de si. Nesse contexto, vemos na prosa Evaristiana, a possibilidade de um diálogo com questões ainda

muito caras à sociedade. Dessa forma, nas linhas do texto, a autora constrói uma narrativa que contribui para reavivar a memória social sobre os reflexos deixados por feridas ainda não cicatrizadas do período colonial, ao passo em que constrói uma escrita de denúncia.

**Ficção e história no romance moçambicano:
O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane**

Larissa da Silva Lisboa Souza (UFRJ)

Resumo A comunicação tem como objetivo a reflexão sobre a construção da contemporânea historiografia literária moçambicana a partir da análise do romance de Paulina Chiziane *O Sétimo Juramento* (2000). Com o auxílio de um arcabouço teórico das teorias pós-coloniais e de gênero, pretende-se compreender como a história ficcionalizada pela artista tece críticas ao projeto da Frente de Libertação Nacional (FRELIMO). O lugar de Paulina Chiziane, na constituição da literatura moçambicana, assim será discutido enquanto espaço de conflito entre a ideia de Unidade Nacional e as realidades conflituosas no território africano. Ainda que a escritora seja conhecida quanto às críticas colocadas a esse projeto, o seu romance é pouco discutido nos estudos africanos. Por isso, o texto será apresentado em diálogo com outras obras mais conhecidas da artista para refletir como o projeto político se liga às discussões de gênero, baseando-se na perspectiva da autora através da construção das personagens femininas. Certamente, a constituição do ideal de masculinidade também será discutido, principalmente pelo diálogo com a perspectiva do “homem novo” de Samora Machel, no contexto independente. Portanto, a comunicação pretende, por meio da discussão da obra, levantar algumas questões sobre a importância da ficcionalização da história para a constituição das narrativas (oficiais ou não) em Moçambique.

José Craveirinha e Vera Duarte:
poesia e resistência no espaço literário nacional

Vanessa Pincerato Fernandes (UFMT)

Resumo Este trabalho apresenta um estudo sobre dois poetas Africanos de Língua Portuguesa, José Craveirinha e Vera Duarte. Veremos, por meio da leitura poética, que o contexto das lutas pela independência é pano de fundo para o processo de formação dessa literatura. Nesse sentido nosso intuito é construir um diálogo com o poema “Quero ser tambor” do poeta moçambicano José Craveirinha (1974) e “Tempos de angústia” da poetisa Cabo-verdiana, Vera Duarte (2005), sobre as condições, a luta e a resistência do povo moçambicano e crioulo em meio ao processo de colonização e após a independência desses países. Vera, canta poesia aos excluídos, sua poesia engloba o homem, a mulher e a terra, com a bandeira estada a favor de justiça e liberdade. Na poética de Craveirinha, temos uma tensão enunciativa que traz vozes silenciadas de um país colonizado, sofrido, sobretudo injustiçado. A condição assumida pelos poetas é da consciência do pós-colonial, pois independe do tempo cronológico “o tempo histórico ou o conjunto de atribuições teóricas, dão possibilidade de interpretação considerando a sua relação com o contexto” (MATA, 1993), como resultado, têm-se os conflitos histórico-culturais, e as poesias como arma de intervenção, de denúncia e protesto, mostrando a condição humana. Para tais discussões lançamos mão de alguns estudiosos como Chaves (2005), Macedo (2006), Fanon (1968), Gomes (2008), entre outros.

Luta e resistência em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Adelia Maria de Souza Lima (UNEMAT)
 Epaminondas de Matos Magalhães (UNEMAT)

Resumo Nesta comunicação, pretendemos abordar sobre as circunstâncias diversas para a formação/afirmação de uma identidade à personagem Ponciá Vicêncio, do romance homônimo de Conceição Evaristo, para tanto, nossas discussões buscam compreender a constituição estética do romance, bem como o processo narrativo e

em que medida essa obra traz à tona uma discussão acerca da condição social e história do sujeito negro no Brasil pós-abolição da escravidão. A partir desse romance, analisaremos a representação da sociedade brasileira pós-abolição, assim como a condição social da mulher negra e das famílias, ali representadas, levando em consideração, como nos assevera Llosa (2015) em *La verdade de las mentiras*, que a literatura é uma mentira ficcional que revela uma verdade sobre nós e sobre o mundo em que estamos inseridos. Então, após essa “liberdade” ter sido confirmada pela abolição da escravidão, muitos negros se viram obrigados a ficar nas terras de seus senhores, pois não tinha profissão, moradia ou instrução para, de fato, se libertarem, a libertação dos escravos não significou, de fato, uma vida digna aos mesmos. Assim, a obra em questão representa a condição desses sujeitos frente as adversidades e a busca de constituírem ou afirmarem sua identidade. Nesse sentido delinearemos a partir da luta da família de Ponciá, que representa, na obra em questão, uma parcela significativa de brasileiros negros que mesmo após a liberdade posta, que não figurou em uma liberdade concreta e efetiva, precisam resistir as condições que são apresentadas a essa família, e a tantas outras pelo país. Assim, por meio do romance, percebemos o ir e vir desta personagem, na intenção de encontrar seu espaço no meio social, o anseio por um lugar para se estabelecer e os entraves que dificultavam reconstituir o cerne familiar e a conquista pelos seus direitos.

Manuel Bandeira na esteira produtiva da literatura nacional de Moçambique

Andréia Maria da Silva (UFMT)

Laís Maíra Ferreira (UFMT)

Resumo O presente artigo traz uma leitura comparada entre os poemas “Balõesinhos” de Manuel Bandeira e “Fábula” de José Craveirinha, no intuito de refletir sobre fatores que apontam para semelhanças e diferenças culturais, literárias, estéticas e temáticas entre os poemas, bem como mostrar a importância do Modernismo Brasileiro e de autores a exemplo de Manuel Bandeira na contribuição da produção literária de cunho nacional de Moçambique. As análises desenvolvidas neste trabalho se dão a partir do modelo comparatista

do crítico Benjamim Abdala Junior – para quem todo e qualquer produto cultural é resultado de processos híbridos. Assim sendo, a intenção também é mostrar que a literatura com características específicas da cultura moçambicana é um produto resultante de materialidades que se constituíram por meio de mesclas culturais diversas. São literaturas que foram produzidas por autores engajados e integrantes de diversos grupos sociais que se agruparam em torno da imprensa e mostraram para o mundo a cultura e a tradição local. Manuel Bandeira e José Craveirinha são vozes de autoridades de muita importância no projeto de modernização da literatura, em seus respectivos países. Suas criações poéticas nos permitem comprovar afinidades diversas e diálogos entre o projeto do movimento modernista brasileiro e a literatura nacional moçambicana.

Narrativas sobre a colonização portuguesa em Moçambique: confrontos entre José Craveirinha e Gilberto Freyre

Luana Soares de Souza (UNEMAT)

Marinei Almeida (UNEMAT)

Resumo Craveirinha é um poeta que elenca, no cenário de sua poesia, questões políticas do seu tempo misturando-as ao trabalho artístico. Freyre está ligado à uma mentalidade literária quando produz sua sociologia, interpretando a realidade brasileira e, posteriormente, as realidades das colônias portuguesas. Na presente comunicação confrontamos essas duas figuras paradigmáticas do mundo de língua portuguesa: o poeta moçambicano José Craveirinha, que cria imagens poéticas da colonização e do negro, as quais refutam a narrativa oficial ao humanizar as personagens negras que sofreram historicamente com o colonialismo, e Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro que busca interpretar as relações entre negros e brancos no espaço colonial a partir de uma análise da colonização portuguesa, propondo um complexo do colonizador e uma imagem do colonizado, buscando assim legitimar a colonização e ocultar as tensões do espaço colonial. Logo, buscamos confrontar e aproximar as imagens criadas por esses autores, através de convergências e divergências entre o discurso poético e sociológico, analisando como essas imagens subvertem ou propagam a colonização portuguesa. Para tanto,

utilizamos as obras *Aventura e rotina* (2001) e *O luso e o trópico* (2010), de Gilberto Freyre, e *Cela 1* (1980), *Xigubo* (1980), *Karingana ua Karingana* (2008) e *O folclore moçambicano e suas tendências* (2009), de José Craveirinha. Quanto ao arcabouço teórico, recorreremos às formulações de Mbembe (2014), Memmi (1977), Fanon (1968-2008), dentre outras referências críticas e teóricas para discutir o colonizado, o colonizador e o espaço colonial.

O entre-lugar e as identidades múltiplas em *O Senhor das Ilhas*, de Maria Isabel Barreno

Josiane Lopes da Silva Ferreira (UNEMAT)

Resumo O presente estudo propõe examinar as identidades múltiplas de personagens que representam o colono expatriado, no contexto do romance português de revisitação africana, tendo como cenário o país de Cabo Verde. A análise dar-se-á na obra *O Senhor das Ilhas* (1994), de autoria de Maria Isabel Barreno, escritora portuguesa que discute, ficcionalmente, a experiência colonial, recuperando, sobretudo, elementos da história oficial de Cabo Verde, espaço onde transcorre a narrativa. A obra constitui um romance histórico-ficcional, tendo em vista que apresenta informações do período colonial, pós-imperial e da migração europeia para a África. Com isso, torna-se fundamental investigar como se inserem as diversas formas de pertencimento (ou não pertencimento) nesse contexto, norteados pelas questões da expatriação, desterritorialização, contradição cultural/ religiosa e o lugar do discurso. É interessante também trazer ao debate a contraditória situação do colono, que exerce posição de superioridade perante o colonizado; no entanto, sua relação com metrópole é de subalternidade. O colono, no contexto do romance, mesmo estando em um exílio voluntário, adquire certa visão de inferioridade que provém da metrópole, o que causa uma fissura identitária, intensificando um possível não pertencimento. A análise terá como aporte teórico os seguintes autores: Hommi Bhabha, Edward Said, Silviano Santiago, Frantz Fanon e Albert Memmi.

**Orfeu da Conceição (Vinicius de Moraes) e Orfeu (Cacá Diegues):
mediações interartísticas para o ensino da história
e cultura afro-brasileira**

Sidnei Boz

Claudiomar Pedro da Silva

Resumo Esta pesquisa comparatista coloca em confronto a peça teatral *Orfeu da Conceição* (1954), de Vinicius de Moraes e o filme *Orfeu* (1999), de Cacá Diegues, no intuito de debater suas aproximações e distanciamentos. Literatura, teatro e cinema serão articulados no estudo, criando a perspectiva interartes na análise, tomando como cerne o drama de Orfeu e Eurídice, em uma instigante releitura da mitologia grega que, no contexto da produção cultural brasileira, eleger a figura do negro para uma discussão empenhada sobre a posição do sujeito-afro-brasileiro na sociedade contemporânea. O negro é contextualizado no morro carioca e, ligando-o ao mito de Orfeu (o músico, o apaixonado, que enlouquece com a morte de sua amada Eurídice), o dramaturgo demarca o cenário de sua trama, cujo filme possibilita atualizar o drama da sociedade afro-brasileira em um distanciamento temporal de aproximadamente quatro décadas, entre a escrita do texto cênico e o lançamento do filme. A cultura africana, que atravessou o atlântico e integrou-se à brasileira em uma diáspora forçada é potencializada na figura da personagem central, Orfeu, que traz consigo as características do trágico, na tentativa de despertar no leitor/ espectador uma reavaliação da história e cultura afro-brasileira. Desse modo, as obras permitem um trabalho interartístico, articulando literatura (texto), teatro (cena) cinema (filme) e música (canções), que, bem trabalhado pelo professor, poderá, sem dúvida, contribuir para o ensino da história e cultura afro-brasileira em consonância ao que estabelece a Lei Federal 11.645/2008, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Reflexões sobre o processo de maturação do projeto literário de Conceição Evaristo: pensando o ontem e o hoje

Celiomar Porfirio Ramos (UNEMAT)

Resumo A autora Conceição Evaristo tem se destacado no cenário literário nacional. Além disso, tem ganhado visibilidade internacional (Cf. DUARTE, 2018; COSER, 2018). Com uma escrita para incomodar a casa grande, Conceição Evaristo elabora sua produção literária a partir de uma perspectiva interseccional, discutindo aspectos relacionados a opressão de gênero, raça e classe. O projeto literário de Conceição Evaristo está fundado na literatura afro-brasileira, que tem como proposta a dignificação do negro, de desestruturar a narrativa de inferiorização desse grupo social, que é histórica e existe há mais de trezentos anos no ocidente. Sendo assim, podemos compreender que a estrutura de toda produção literária de Conceição Evaristo está subsidiada pela identificação com a humanidade do negro, sobretudo da mulher negra, bem como, a exaltação dessa humanidade. Esse projeto caminha na contramão da literatura dita canônica/hegemônica brasileira, posto que essa se dedicou, em muitos casos, a animalização do negro (Cf. DUARTE, 2017). Dado o exposto, propomos discutir sobre o processo de maturação do projeto literário de Conceição Evaristo, visto que no início de sua produção a mulher negra ocupa o protagonismo de sua escrita de forma natural e, posteriormente, num processo de elaboração de seu projeto literário-estético-político a autora continua dando centralidade às mulheres negras, porém ampliando a concepção de mulheres e rompendo o lugar histórico-social de submissão, portanto, colocando-as insubmissas diante das opressões que elas são, muitas vezes, vítimas.

Traços de uma matriz africana: preservação cultural e resistência em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Lethicia Ramos Bernardino (UEA)

Resumo A experiência colonial no Brasil fez uso da tecnologia de dominação, não só sobre territórios e corpos, mas também sobre subjetividades. A injustiça social oriunda desse processo reflete-se,

portanto, também na cultura. No entanto, há vozes resistentes que emergem na literatura brasileira contemporânea e que contestam uma hegemonia eurocêntrica ao evocar, em novas narrativas, matrizes de identidades que foram marginalizadas. Uma dessas vozes é a de Conceição Evaristo. Tendo isto como pressuposto, propõe-se evidenciar as marcas de africanidade nos contos que abrem e encerram a obra *Olhos d'água* (2014), a fim de demonstrar um projeto estético preocupado em marcar uma experiência atravessada pela africanidade, como forma de ressignificação de identidade, a partir de outro imaginário. Para isso, consideramos como elemento dessas construções narrativas a religiosidade e a tradição oral, recursos de preservação cultural de comunidades afrodescendentes plasmados nos contos da citada obra. Nossas reflexões serão mediadas pelas noções críticas de representação e representatividade, em consonância com as noções de “papel da voz autoral” e “representatividade de grupo”, na literatura brasileira contemporânea elucidadas por Regina Dalcastagnè. Também com a compreensão de que os fatores sociais externos tornam-se internos à obra literária, quando a consideramos em sua integridade e em uma perspectiva dialética, conforme Antonio Candido.

Simpósio 46

Literatura e religiosidade

João Cesário Leonel Ferreira (UPM)

Alex Villas Boas (UCP)

Marcos Lopes (UNICAMP)

Resumo No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que constantemente suscita debates acalorados por sua expansão e diversidade nas principais esferas da vida social. Sensíveis ao impacto moral, político e, mais precisamente, às formas de produção das subjetividades modernas e das identidades pessoais e coletivas, as áreas de humanidades (a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, as artes em suas múltiplas linguagens, além da própria ciência da religião) fazem da religiosidade um dos seus focos de pesquisa, construindo no ambiente acadêmico certa acumulação crítica, que se traduz na constância de alguns núcleos temáticos e na estabilidade de um aparato conceitual para a análise do fenômeno (NOGUEIRA, 2015). No século 20, com a suposta autonomia de um campo específico dos estudos literários, alguns críticos e intelectuais se dedicaram à compreensão do fenômeno religioso na sua interface com os diversos gêneros literários (KUSCHEL, 1999; JASPER, 2009; VILLAS BOAS, 2016). Mas, em geral, a regra tem sido um silêncio obsequioso ou, paradoxalmente, uma tolerância à diferença sem a pesquisa vigorosa do que é irreduzível e comum aos dois “objetos”. No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante, tanto na literatura mundial (FRYE, 2004, p. 9-10), quanto nas literaturas de língua portuguesa (GUIMARÃES; LEONEL, 2018). As raízes da própria ideia de literatura, tal como a conhecemos hoje, se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas, se não considerarmos suas relações com o imaginário religioso em seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Gôngora; o teatro de Shakespeare; a épica tardia de Camões, em *Os Lusíadas*; a prosa extraordinária de James Joyce; o universo mítico africano recriado por Mía Couto ou os contos sedutores de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa

relação instigante. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos o diálogo fecundo entre poesia, representação ficcional e religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, nas práticas letradas de José de Anchieta e de Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, o romantismo (CANDIDO, 2009, p. 227-229) e o realismo, com especial destaque, neste último, para a obra de Machado de Assis (QUEIROZ, 2008). Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados. Considerando, pois, o desafio teórico e crítico para a constituição de um campo interdisciplinar nas relações entre literatura e religião, ou entre literatura e espiritualidade, este Simpósio discutirá as seguintes questões: (1) de que modo se manifesta e como é representada a experiência religiosa nas obras literárias; (2) como se estabelecem as relações intertextuais entre poesia, romance, conto, drama e textos religiosos; (3) como se estabelecem as relações intertextuais entre textos literários de diferentes tradições; (4) em que medida as manifestações poéticas do sagrado são uma reserva semântica para a crítica à modernidade; (5) as políticas de identidade, que discutem raça e gênero, estabelecem que pactos hermenêuticos com a religião e a literatura, (6) que questões teóricas devem ser repensadas para abarcar o estudo desses objetos; (7) como elementos advindos do campo literário, externos às obras, modificam ou condicionam a publicação dessas obras e, por fim, (8) qual o estatuto da memória em textos religiosos e literários. A abordagem proposta não se inscreve diretamente nas áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege o tema da religiosidade e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo. Todavia, o alcance crítico e especulativo desse campo se amplia e se consolida no diálogo vigoroso com as humanidades. O simpósio Literatura e Religiosidade, que esteve presente nos três últimos congressos da ABRALIC, tem participado efetivamente da identificação e aplicação de referenciais teóricos relevantes para os estudos vinculados a seu campo de pesquisa em contexto nacional. A apresentação de comunicações e o contato entre pesquisadores e pós-graduandos se constituem em fórum estimulante para o desenvolvimento da área.

A Bíblia e a imaginação visual: uma análise de Gênesis 32

Lucas Alamino Iglesias Martins (UNASP)

Resumo Nos últimos anos, encorajados pelos estudos literários, leitores tem se tornado cada vez mais aptos a discernir sutilezas e nuances das narrativas bíblicas. Contudo, mesmo que do início ao fim a Bíblia apresente descrições vívidas de paisagens, pessoas, objetos e eventos que apelam à imaginação visual do leitor, pouca atenção tem sido dada ao conteúdo visual encontrado no texto bíblico. A visibilidade, valor literário fundamental proposto por Italo Calvino em Seis propostas para o próximo milênio, tem sido negligenciada em grande parte das análises de narrativas bíblicas. Poucos estudos abordam a maneira com que a linguagem bíblica é projetada para atrair a imaginação visual do leitor. Se esquecem que diferentes tons de cor, níveis de luz, reflexos e descrições de formas são fundamentais para se estabelecer a atmosfera das narrativas. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo explorar a maneira como descrições relacionadas à visibilidade são sutilmente matizadas pela narrativa bíblica. Para isso, foi escolhido investigar de que modo as dinâmicas de luz e escuridão se configuram na narrativa da luta de Jacó em Gênesis 32. Através de uma análise narrativa observar-se-á que esse jogo, associado à aparição ou não da face do outro, é o que torna o episódio misterioso e o adversário de Jacó tão enigmático.

A construção da moralidade nos três primeiros romances de Lygia Fagundes Telles

Dankar Bertinato Guardiano de Souza (UFPR)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo analisar a construção da moralidade nos três primeiros romances de Lygia Fagundes Telles. Partindo de um modelo proposto por Pedro Dolabela Chagas e Miriany Litka Guimarães (2021), articula-se as considerações de Lubomír Doležal (1998) sobre a composição de mundos ficcionais e a teoria das fundações morais do psicólogo social Jonathan Haidt (2012) a fim de sistematizar a construção da moralidade nesses romances. Descreve-se primeiro como seus mundos ficcionais são divididos

em dois sistemas de valores diferentes, com os quais as protagonistas se frustram em igual medida, até que desenvolvam um sistema intermediário. Passa-se então a uma descrição pormenorizada desses valores. Na análise de *Ciranda de pedra* (1954) e de *Verão no aquário* (1964) salienta-se a frustração das protagonistas tanto com o dogmatismo moral do cristianismo quanto com o hedonismo de outras personagens. *As meninas* (1973), por sua vez, é analisado à parte, por conta de suas especificidades: a religião cede lugar à militância política, e o hedonismo passa a ser visto não pelos prejuízos que trazem aos outros, mas ao próprio indivíduo. Permanece, contudo, a divisão em tríptico da moralidade e as fundações morais que as sustentam, unindo os três romances. Nos termos de Haidt, as protagonistas de Telles encontram uma alternativa ao dogmatismo (pautado na fundação de “autoridade”, seja em prol de um discurso religioso ou político) e ao hedonismo (pautado na fundação de “liberdade”) pela combinação das fundações de “liberdade”, “santidade” (no sentido de preservação da própria dignidade) e “cuidado”. Assim, conclui-se que é possível ver uma coerência interna na obra de Lygia Fagundes Telles no que se refere à sua concepção de moralidade individual, em que valores cristãos, desde que livres de dogmatismo, são postos como exemplares tanto no Brasil democrático dos anos 50 quanto no contexto ditatorial dos anos 70.

A dessacralização do sagrado no conto “melhor do que arder” de Clarice Lispector

Teresinha Vânia Zimbrão da Silva (UFJF)
Rosina Bezerra de Mello Santos Rocha (UFJF)

Resumo A dessacralização do sagrado no conto “melhor do que arder” de Clarice Lispector O conto “Melhor do que arder”, do livro *A via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector, traz o conflito de uma mulher, Madre Clara entre a vida e a obrigação do convento e seu desejo carnal: queria realizar-se sexualmente. A proposta desta comunicação é discutir a noção de sagrado e o conceito de dessacralização, representados simbolicamente, pelo abandono da vida religiosa no convento e sua inserção na chamada vida profana. A vida de Madre Clara tornara-se um suplício, ela não aguentava mais viver apenas

entre mulheres. Em sua confissão ao amigo Padre, responsável pelo convento, ela revela seus pensamentos, desejos e imaginações considerados pecados pelas normas do convento e sociais. O principal conflito do conto está na consciência plena do desejo e a obrigação de reprimi-lo. Começou a mortificar o corpo como penitência. O desejo era crescente. Seu corpo ardia. Nem o corpo nu do Cristo na cruz ela podia ver. A solução encontrada e apoiada pelo Padre foi pedir uma licença. Ela não abandonou a fé, pois continuava rezando para encontrar um bom marido. A aceitação do seu desejo sexual, carnal, não a impediu de rezar e não pareceu conflitante com sua fé, ao contrário. Assim, trataremos a sexualidade e o corpo físico como o caminho mais “sagrado” de continuidade da vida e de ligação plena com o sagrado, ainda que, aparentemente, a vida secular (não religiosa) seja considerada profana. Questionaremos também os conceitos de sagrado, transgressão e de dessacralização.

A heteronímia pessoana enquanto espaço psicológico: um contraponto ao Fausto de Goethe

Debora Domke Ribeiro Lima (ULisboa)

Resumo O contraponto que se estabelece entre as duas obras encontra-se na diferença de perspectiva em relação ao papel desempenhado pelo espaço no Fausto de Fernando Pessoa e no Fausto I, de Goethe. O autor português não apresenta um ambiente físico concreto para seu poema dramático, o que aprofunda ainda mais a introspecção de sua obra, enquanto o Fausto I, de Goethe, utiliza-se do espaço de forma integrada ao poema, podendo ser considerado como mais um personagem, já que é parte integrante do poema dramático e peça importante para o desdobramento emocional dos personagens. A heteronímia pessoana proporciona ao protagonista um mergulho profundo em sua introspecção, transmitindo ao leitor as inquietações e dúvidas que o afligem. As questões relacionadas ao amor, religião, existência e poder são colocadas em um universo psicológico peculiar de Pessoa, que se utiliza da heteronímia como um lugar de criação artística. O estudo, portanto, irá percorrer a obra de Pessoa, mostrando os principais traços de introspecção que se relacionam com seu caráter psicológico multifacetado, e também mostrando a

importância do cenário exterior na obra de Goethe, que compõe de forma orgânica sua obra. A forma como Fausto I está estruturado em diversas cenas, com a descrição de cada lugar em que a cena se desenvolverá, situando o leitor e preparando-o para o que irá acontecer.

A poética cristã como anti-tragédia em Giorgio Agamben

Alex Villas Boas (UCP)

Resumo A presente proposta visa refletir sobre a unidade entre a poética e a política no pensamento antigo, como propõe Giorgio Agamben, e a sua ausência como um dos sintomas da crise do pensamento contemporâneo. Tal unidade pode ser lida como desdobramento da relação entre poética e retórica desde Aristóteles, recuperando a ideia de poíesis como pensamento apropriado à pólis, assim como tal relação é constitutiva de uma visão antitrágica da poética cristã, que é ao mesmo tempo constitutiva e tributária da noção de esperança na teologia e na poética cristã. Agamben identifica tal traço anti-trágico na Divina Comédia do autor italiano Dante Alighieri, mas tal traço pode ser identificado ao longo da história da literatura que faz uso de esquemas literários cristãos. Como exemplo deste traço característico da poíesis cristã propõe-se aqui uma análise do imaginário teológico narrativo em um exercício de literatura comparada entre o itinerário do eu-poético de Dante Alighieri e o itinerário de Makar do autor ucraniano Vladimir Korolento, no conto O Sonho de Makar, em um exercício de transposição dessa característica para as inquietações do indivíduo contemporâneo na primeira metade do século XX, exercício esse que tem repercussões ainda muito significativas por tocar no centro de problemas estruturais e ideológicos que permanecem vivos na cultura.

A rua como um Exu

Paulo Rodrigo Verçosa Barros (UERJ)

Resumo A partir do conceito de “povo de rua” (RUFINO, 2018) e pela descrição e estudo feito sobre o Orixá Exu (SILVA, 2019), pretende-se

analisar o olhar da rua dado pelos escritores João do Rio (1881-1921) e Orestes Barbosa (1893-1966), nas obras *A alma encantadora das ruas* (1908) e *Bambambã* (1923), respectivamente. A partir da caracterização de Exu como Orixá transgressor e do aspecto “exusíaco” (RUFINO e SIMAS, 2018) dessas obras, analisaremos o comportamento da rua, no que se refere à reinvenção e provocação frente ao controle do imaginário, exercido a partir da construção da rua como um espaço urbano de perigos e mistérios. As figuras dos tipos populares e as manifestações do povo, assim como a delimitação entre a casa e a rua estabelecida por Roberto DaMatta (2000), quebram-se a partir da ideia da rua como a casa de Exu e morada de seu povo. Analisaremos as visões sobre a cidade e seus diversos olhares pensados por Renato Gomes (2008), como palimpsesto passando sempre por transformações através dos processos de urbanização e remodelação constantes aos quais as ruas são submetidas; assim como todo o encontro e misturas por elas ocasionadas como descrito por Mônica Velloso (2015), como o intelectual que sai dos gabinetes e passa a viver a realidade das encruzilhadas, possibilitando trocas ao estilo do flaneur idealizado por Charles Baudelaire na Paris do século XIX.

A unidade da narrativa do rei Roboão no livro de Crônicas

Ricardo Cesar Toniolo (UPM)

Resumo Tendo em vista que as leituras da Bíblia costumam ser fragmentadas e raramente respeitam o conjunto textual, toma-se como objeto de pesquisa a narrativa do rei Roboão no livro de Crônicas, a fim de identificar como é construída a sua unidade a partir dos vários episódios. Para tanto, é necessário identificar quantos e quais são os episódios da narrativa do rei Roboão, descrever como os episódios estão organizados e demonstrar como a interação dos episódios formam a macronarrativa. Tomando como referencial teórico os conceitos de enredo episódico e enredo unificante de Marguerat e Bourquin, realiza-se uma análise literária dos enredos episódicos que compõe a narrativa e a identifica-se relação entre eles para formar o enredo unificante. Diante disso, verifica-se que a narrativa está estruturada em duas partes, sendo que a primeira é composta de três narrativas a respeito da divisão do reino e a segunda de uma,

referente ao abandono da piedade pelo rei; que as duas partes estão separadas e relacionadas por meio de cinco relatórios sobre a prosperidade de Roboão; e que há uma conclusão para o enredo unificante, o que propõe como chave de interpretação de todos os episódios a busca por Deus. Tais resultados impõem a constatação de que a unidade da narrativa do rei Roboão é construída no livro de Crônicas a partir de quatro episódios, cada um com sua tensão e resolução, e que no conjunto inteiro possui um discurso teológico em favor da busca por Deus.

Arte kenótica: a miséria da teologia e a mística na poesia de José Tolentino Mendonça

Marcio Cappelli Aló Lopes (UMESP)

Resumo O objetivo do trabalho é mostrar como a articulação entre teologia, poesia e mística constitui uma chave fundamental para a leitura da obra de José Tolentino Mendonça. Buscaremos, portanto, depreender de alguns poemas selecionados a seguinte hipótese: na tarefa de dizer algo sobre o real, a poesia, em luta com os limites impostos pela própria linguagem – de forma semelhante à mística – e consciente de sua contingência, seria uma alternativa ao esgotamento do discurso teológico. Com isso, não queremos dizer que os poemas são decalques de ideias já sedimentadas no cristianismo, ou outro modo de dizê-las. Tampouco gostaríamos de sugerir que os poemas correspondem à expressão mística; ainda que místicos tenham sido poetas, nem todo poeta é um místico. Ou seja, para nós, é importante pensar a poesia a partir de sua autonomia, mesmo que essa autonomia se mostre “porosa” e solicite o diálogo com o universo religioso. Deste modo, procuraremos esclarecer como os poemas de Tolentino Mendonça, de um lado, se desenvolvem no caudal do que ele mesmo, com auxílio de Michel de Certeau, chama de miséria da teologia; e, por isso mesmo, se aproximam da mística no que ela tem de crítica em relação à institucionalização do sagrado e no que diz respeito à noção de excesso de sentido frente à exiguidade da linguagem. Afinal, como o próprio autor escreve: “Deus não aparece no poema/apenas escutamos a sua voz de cinza/ e assistimos sem compreender/ a escuras perícias”. No entanto, também procuraremos

sublinhar que, de outro lado, o desejo metafísico que permanece na mística – não mais articulado no plano da racionalidade, mas no da experiência – já não sobrevive na poesia. Ela surge apenas como “homagem (pobre, desolada)/ àquilo que cada rosto foi”, como um arranjo linguístico limitado para dizer o que não pode ser dito.

As personagens judias de Clarice Lispector

Thiago Cavalcante Jeronimo (UPM)

Resumo Partindo de depoimentos de Clarice Lispector (1920-1977), no tocante à cultura e à religião judaica, tendo como suporte teórico, dentre outras, as contribuições de Amós Óz e Faina Oz-Salzberger, Berta Waldman, Nádia Battella Gotlib, Regina Igel, Shlomo Sand, a proposta desta comunicação é investigar de que forma a ficcionista brasileira registra questões associadas ao judaísmo e à tradição judaica em sua obra. Constatase que Clarice, ainda que descendente de pais judeus, não hasteou a bandeira judaica, quer seja em sua vida, quer seja em sua produção ficcional; ao contrário, silenciou – quase que em totalidade – essa questão. Contudo, há duas personagens nomeadamente judias em sua produção contística, o judeu Jesus, pertencente ao conto “Onde estivestes de noite” (1974), e a bela judia italiana, Claudia Morinelli Martins, materializada no conto “A mosca no mel (ou a inveja de si)” (1975), corpus das análises propostas; implicitamente, marca-se ainda o radical judaico atrelado a Macabéa, protagonista de *A hora da estrela* (1977). Entende-se que a sinalização que Lispector faz da religião judaica ou de imagens pertencentes à Bíblia hebraica, longe de se filiar ao campo sagrado comum aos seus ancestrais, critica os mecanismos estruturadores da crença e dos mitos bíblicos frente à condição precária e finita do homem: as personagens referenciadas, o judeu Jesus e a judia Claudia são exemplos da refração que a autora registrou nesse direcionamento. Sublinhe-se, ainda, a frase a seguir, que sintetiza o posicionamento refratário e crítico que Clarice, “a judia ao revés”, registrou acerca do livro sagrado ao qual sua família, não ela, prestou culto: “Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida” (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 85, grifo nosso).

As tecelagens de Rainer Maria Rilke e Dora Ferreira da Silva

Ana Maria Ferreira Côrtes (UNICAMP)

Resumo Desde que foi redescoberta, a série de tapeçarias conhecida como A dama e o unicórnio desperta o fascínio dos escritores. Entre os motivos que levam ao interesse por essas obras está a interface entre a representação do amor cortês e os símbolos místicos medievais. Rainer Maria Rilke foi um dos autores que se deixou seduzir pelas tapeçarias, tendo dedicado a elas uma célebre passagem em seus Cadernos de Malte Laurids Brigge (1910) e em poemas posteriores, como “La Dame a la Licorne”. Dora Ferreira da Silva, poeta brasileira, elabora, em seu livro de estreia, Andanças (1970), a série “Tapeçarias”, inspirada em Rilke e em A dama e o unicórnio. Em ambos os casos, estamos diante de reapropriações do motivo das tapeçarias, que possui um lugar de destaque nas obras dos dois escritores. Nesse sentido, o objetivo de nossa comunicação é realizar uma análise comparativa dos modos como esse motivo aparece em Rilke e em Silva, e discutir o entrelaçamento entre os signos verbais e visuais nas obras dos autores e como a imagética das tapeçarias, em particular seu sentido religioso, influencia a escrita de ambos. Nossa leitura é que eles criam, a partir do motivo das tapeçarias e da releitura que realizam do conjunto A dama e o unicórnio, o que Weigert (2008) refere como uma *chambre d’amour*, não em seu sentido original, de espaço físico organizado em torno de conjuntos de tapeçarias, no qual o ideal de amor cortês era evocado, mas em um sentido literário. Entendemos que, em Silva e em Rilke, esse motivo serve à construção de um espaço poético de encontro entre duas épocas e de escrita sobre o amor, que adquire, nesses escritores, um sentido místico, passando pelos cinco sentidos alegorizados nas tapeçarias originais.

Crítica e aceitação da religiosidade rural na ficção de Coelho Neto

Gustavo Krieger Vazquez (UFPR)

Resumo Os preceitos cristãos foram parte fundamental das obras do autor maranhense Coelho Neto, desde alguns contos religiosos,

certos romances e até mesmo crônicas. Singular é a forma como o autor enxergava a religiosidade rural, sincretismo que compreendia o cristianismo de forma incompleta, insatisfatória e pecaminosa em contradição ao seu cânone. A questão é explorada de forma paradigmática no conto “Acédia” (1905), em que um jovem padre arrepende-se por ter feito seus votos, visto ter sido enviado a uma paróquia interiorana – a ignorância do povo do interior o exaspera. Outras críticas estão presentes em “A bruxa” (1896), “Mau sangue” e “No rancho” (1913), em que homens e mulheres rurais, supersticiosos, segregam da sociedade certas pessoas, falhando na caridade cristã. Porém, há visões menos críticas, com as tentações do mundo rural sendo exploradas de forma lúdica. Em “A cruz” (1896), um missionário é seduzido pela nudez das indígenas. A religião como freio aos desejos carnavais é tema de “A sorte” (1904) e “Escrúpulo” (1913), embora evite apenas parcialmente as relações pecaminosas engenhosamente realizadas por jovens sertanejos. Posição diversa ocorre em “Mandinga” (1909), em que há compaixão por um personagem negro punido por seguir a religiosidade de seus antepassados. Os dilemas da religião rural são, acreditamos, resolvidos em “Boi de piranha” (1922), em que peões são capazes de compreender questões bíblicas a partir de suas experiências de vida – no caso, a passagem do “cordeiro conduzido ao matadouro” (Isaías 53:7) através de um boi que é sacrificado durante a travessia de um rio. Lendo trechos desses contos, e de certas passagens bíblicas relacionadas, levantaremos questões sobre a posição dos narradores coelhonetianos em relação à identidade religiosa de homens e mulheres sertanejos, defendendo a leitura de que houve mudanças ao longo do tempo em direção a uma aceitação das diferenças.

Espiritualidade tolstoiana em *A sonata a Kreutzer*

José Antônio da Silva Costa (UPM)

Resumo Liev Tolstói (1828-1910), passado um século de sua morte, segue ícone da literatura russa e da prosa mundial. Isso já revelaria notabilidade, mas a biografia do Conde vai além daquela sua prosa, de dimensões épicas. O escritor, lembremos, brilhou ao lado de luminarres contemporâneos como Gógol, Dostoiévski, Turguêniev, Tchékhov

e Górkí, justamente quando fora da Rússia viviam também renomados escritores, como Flaubert, Dickens. Tolstói ganhou notoriedade ao publicar *Guerra e paz*, *Anna Kariênina*; porém, outras obras dele merecem atenção, caso as novelas, entre elas *A sonata a Kreutzer*, que na ocasião despertou grande interesse, em meio a forte repressão, dentro e fora da Rússia. Convém notar que Tolstói empreendeu bastante esforço a questões religiosas, cujas considerações registrou em obras exclusivas, dedicadas ao assunto, *Uma Confissão*, por exemplo. Aspectos dessa espiritualidade aparecem também em interface com sua literatura, como observa-se em *A sonata a Kreutzer*. A partir de reflexões teóricas e de análises textuais, propomos identificar aspectos religiosos, presentes na referida novela de Tolstói, incluindo sua epígrafe. Objetiva-se ainda considerar as relações dialógicas no discurso religioso inscrito no corpus e efeitos de sentido que dele resultam. Como corpus, elegemos *A sonata a Kreutzer* (Editora 34, Lev Tolstói) escrita em língua russa e publicada em 1891. Esta tradução direta do russo, feita por Boris Schnaiderman. Para tal análise nos basearemos nos pressupostos de paratexto e discurso da narrativa de Gérard Genette, e ainda nos conceitos de discurso e de relações dialógicas, segundo as concepções do Círculo de Bakhtin. A hipótese de leitura é de que a novela em foco reflete opiniões religiosas do próprio Tolstói, como parte de sua proposta em suscitar uma problematização da mulher.

Lázaro: uma análise literária de João 11:1-55

Cristhiano Motta Aguiar (UPM)

Resumo Nos últimos anos, um novo campo de pesquisas tem se consolidado no Brasil: a Teopoética. Entre as possibilidades de pesquisa nesta área, identificamos a análise dos textos bíblicos como literatura. Sem prejuízo do conteúdo propriamente sacro, religioso e exegético do trabalho com a Bíblia, acreditamos que o instrumental analítico oriundo dos cursos de Letras pode contribuir para ampliar e aprofundar o debate bíblico. Crítica literária, Teoria da Literatura e Linguística, entre outras perspectivas, vêm se somar à Teologia, à Historiografia, à Filosofia e às Ciências Sociais, por exemplo, no manejo do corpus bíblico. Neste sentido, nossa comunicação se propõe

a fazer uma análise literária de um importante episódio do Evangelho de João: o da ressurreição de Lázaro, narrado exclusivamente no evangelho citado no capítulo 11, versículos de 1-55. Nossa leitura procurará se ater a alguns elementos: a) cenas-padrão e paralelismos; b) a construção de momentos de suspense e tensão narrativos; c) a caracterização das personagens, com ênfase na construção da figura de Jesus no episódio; d) figuras de linguagem, tempo, espaço e mecanismos de construção de verossimilhança. Nossa análise tomará por base as traduções do evangelho de João feitas por Lourenço (2017) e Cavallari (2020). Como fundamentação teórica, nossa pesquisa se ampara em *A arte da narrativa bíblica* (ALTER, 2007) *Código dos códigos* (FRYE, 2004), *Jesus e Javé* (BLOOM, 2006), *New testament history and literature* (MARTIN, 2012), *The bible* (ARMSTRONG, 2007), *Bíblia, literatura e linguagem* (ZABATIERO e LEONEL, 2011) e *O rumor da língua* (BARTHES, 2004).

Literatura e Religião:

José Saramago (re)leitor e (re)escritor da Bíblia

Odete Jubilado (UE)

Resumo Ateu “Para mim sempre foi muito claro: Deus não existe” (Reis, 1998:145) e céptico em relação a qualquer instituição religiosa, o tema de Deus surge, no entanto, como um “tema fundamental” (Reis, 1998:141) na obra romanesca (e não só) de um José Saramago que é, antes de mais, um leitor da Bíblia. A nossa comunicação tem como objectivo analisar a (re)leitura e a (re)escrita irónica da Bíblia em José Saramago, privilegiando como corpus dois dos seus romances: *O Evangelho segundo Jesus-Cristo* e *Caim* que mais evidenciam este diálogo entre Literatura e Religião. É precisamente em resposta a interrogações e dúvidas que povoam a mente do homem que José Saramago (re)lê e (re)escreve as histórias da Bíblia, desconstruindo a verdade oficial instituída. Saramago propõe, assim, ao leitor uma nova leitura de alguns episódios bíblicos, subvertendo a sua significação unívoca pela ambiguidade do discurso literário. Na verdade, ao estabelecer um diálogo intertextual entre a Literatura e a Bíblia, Saramago muda a perspectiva de uma verdade oficial fixada pelos cânone da Igreja, problematizando as tradições e os dogmas religiosos.

À verdade divina monológica contrapõe-se uma verdade dialógica, declinando-se perante o leitor várias leituras possíveis e alternativas dos episódios bíblicos. Estes últimos são (re)lidos e (re)escritos irônica e parodicamente, sendo a sua sacralidade relativizada ao estabelecer um diálogo frutuoso com o intertexto principal de ambos os romances: a Bíblia.

**Nomear é chamar à existência:
a nomeação de Deus e do Diabo em Hilda Hilst e Guimarães Rosa**

Vitor Hugo Luís Geraldo (UFU)

Resumo Em 1987 o escritor e crítico literário Oscar D'Ambrosio publica no então jornal Estado de São Paulo uma matéria intitulada: “Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst.” Partindo desta identificação literária e ancorando-se em entrevistas concedidas pela autora, onde reconhecia não só a proximidade poética de suas obras, como o apreço e a influência sofrida pelo escritor, este trabalho se dedicará a investigar um traço comum a estes autores, o obsessivo processo de nomeação de Deus e do Diabo. Fazendo de Deus uma de suas investigações não só literárias, como também filosóficas e cotidiana, Hilda Hilst colocou em prosa, e poesia, sua excruciante dúvida quanto à existência divina. Na outra margem, encontramos Guimarães Rosa que, em *Grande Sertão: Veredas*, tece uma personagem questionante, impassível diante dúvida quanto à existência do Diabo. Riobaldo, em seu périplo, concebe uma vasta cartografia onomástica e pictórica do daquele que tanto diz evitar. Traço comum nos autores, investigaremos a premente necessidade de nomeação, investigando o sentido latente deste processo quase adâmico.

**O encontro de Jesus
com a mulher pecadora: uma análise narrativa**

Lucas Viana de Oliveira Júnior (UPM)

Resumo O presente trabalho propõe uma análise narrativa da passagem descrita no evangelho de Lucas capítulo 7 dos versículos 36 a

50. O texto a ser analisado apresenta o encontro de Jesus com um fariseu chamado Simão, que o convida para jantar em sua casa. O encontro recebe novos contornos com a presença inesperada de uma mulher, reconhecidamente pecadora, que unge os pés de Jesus. Tal registro é exclusivo do evangelho de Lucas, e sua forma de apresentação dos eventos narrados justifica o interesse de analisá-lo a partir da sua composição literária. Para tal análise será considerada a importância do texto bíblico como elemento literário conforme desenvolvido por Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, José Tolentino Mendonça, João Leonel e Robert Alter. O objetivo desse trabalho não é realizar uma análise bíblica tradicional, a partir de aspectos históricos, sociais e antropológicos. Essas análises têm valor na interpretação dos textos bíblicos, mas analisaremos a narrativa lucana sob a perspectiva do texto como composição literária. Pretende-se analisar o desenvolvimento da identidade da personagem Jesus na relação com as demais personagens e a dinâmica dos eventos descritos na narrativa. Para isso serão utilizadas as categorias narrativas: narrador, tempo, cenário, personagens, enredo. A versão bíblica utilizada como referência e suporte para este trabalho foi a Bíblia Revisita e Atualizada (1999), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

O Nascimento de Nossa Casa – Um outro mundo – Livro e projeto

Alceu João Gregory (UNESP)

Resumo Autor de livros, contos, ensaios de experiência religiosa própria, fundador da “Nossa Casa, um outro mundo” vou falar da minha própria experiência. Acredito no poder da literatura, de modo específico nos textos sagrados, em sua capacidade de fazer sonhar, de mover o ser humano por meio da imaginação para outras instâncias que ultrapassem a vida de um cotidiano muitas vezes amargo e mecânico, no qual grande parte da população, principalmente a parte mais pobre, não tem sequer ao final das contas a sua própria história para contar. A pesquisa pretende mostrar um outro mundo possível, que nasce a partir das projeções literárias, assim como nasceu o avião a partir da fantasia de voar. O projeto enfatiza a importância da literatura e da religião nesse processo, na medida em que através da nobre arte da imaginação apontam para um espaço de convivência

harmoniosa entre seres humanos. Proponho, a partir da análise de textos sagrados que projetam espaços maravilhosos, uma reflexão crítica sobre a possibilidade da construção desses espaços na sociedade em que vivemos, já que a boa literatura se caracteriza pelo vero simil, pelo que se parece com a realidade e que portanto poderia ser real. Nossa Casa, proclamada como país livre, é um modelo concreto, um microcosmo do Reino de Deus, que desafia a sociedade para um sonho possível, o qual começa dentro de nós, na Nossa Casa, no bairro, na cidade onde vivemos.

O que a polarização não explica: religião e literatura na crítica literária modernista

Elisa Domingues Coelho (UNESP)

Resumo A atmosfera de polarização política e a constituição de uma literatura empenhada, que marcaram a prosa modernista no decênio de 30, legaram aos estudos contemporâneos o desafio de construir uma perspectiva crítica que problematize os esquematismos e simplificações que se consolidaram em nossa Historiografia Literária. A maneira como se tem operacionalizado esse movimento é a discussão de como, assim como não é possível agrupar toda a literatura regionalista ou proletária sob um projeto político-literário revolucionário, não se pode falar que toda a literatura católica compartilhava do projeto político-literário d'A Ordem, encampada por Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde. A grande questão que se faz diante da percepção da problemática em simplificar o campo literário de 1930 em duas vertentes homogêneas é entender qual o lugar da religião na crítica literária. O resgate dos periódicos e acontecimentos do interior da década demonstra que, além da tensão ideológica, havia também uma complicada relação entre literatura e religião, razão pela qual, por vezes, não eram eles os católicos; para o outro grupo de escritores, eles eram os “carolas”. Tal vocativo deixa o rastro de que, para além de toda a discussão que se faz acerca da relação entre o catolicismo e o integralismo, é necessário se atentar a uma lacuna que persiste: compreender em termos literários o que a categoria “católico” significou e qual perspectiva crítica ela trazia para a literatura. Desse modo, o intuito desse trabalho é apresentar

introdutoriamente como o estudo da atuação de Tristão de Ataíde e Murilo Mendes na crítica literária elucida ao menos duas perspectivas religiosas distintas no interior do que se convencionou chamar de “os intelectuais católicos”, o que, por sua vez, pode ser o início para compreender complexidades e lacunas análogas do que se conhece por “romance católico”.

O realismo animista como educação antirracista em “O feiticeiro”, de Xavier Marques

Fabio Rodrigo Penna (IFF)

Resumo No final do século XIX, o escritor e jornalista Xavier Marques publica o romance *Boto & Cia* (1897), o qual foi reescrito e republicado em 1922, sob um novo título “O feiticeiro”. Descrevendo a vida cotidiana de negros e mestiços, escravos ou libertos, “brancos”, pobres, classe média e a elite, a obra chama atenção para representações do contexto de negação da herança africana no processo de formação do povo brasileiro. Ocorrendo dez anos antes da abolição da escravatura (1878), a narrativa apresenta um testemunho do imaginário degradante das elites acerca das histórias da cultura afro-brasileira. O narrador, onisciente e intruso, libera sua visão racista e intolerante, apresentando como as peculiaridades das religiosidades da cultura africana poderiam “denegrir” e atrasar a família de “bem” da “boa” sociedade baiana. O candomblé é apresentado como uma crença sem base racional que reforça o medo presente na imaginação popular e colonial do povo a respeito das histórias contadas sobre os africanos e seus descendentes. Narrando as dificuldades da relação amorosa entre Eulália, uma “moça de família” de classe média, e Amâncio Neri, um jovem bacharel em direito de classe média alta, os obstáculos ao casamento dos amantes “brancos” são depositados sobre a responsabilidade de Tio Elesbão, um sacerdote de candomblé em Salvador (Bahia). Nessa obra centenária, podemos encontrar os velhos preconceitos culturais e hegemônicos que permanecem na subjetividade da sociedade brasileira, embasando o embranquecimento. Contudo, o trabalho pretende destacar como o realismo animista deixa rastros a serem seguidos para compreensão do imaginário da memória longa afro-brasileira e suas representações positivas.

O romance “O feiticeiro”, de Xavier Marques, serve à educação antirracista contra discursos de ódio e “pânicos satanistas” ainda fortemente expressos na sociedade brasileira.

O Romantismo francês e o Cristianismo: afinidades e rupturas

Cristovam Bruno Gomes Cavalcante (UNESP)

Resumo Gradativamente, com a apoteose da razão no século XVIII, a antes incontestável fé cristã perdeu espaço para a investigação filosófica, para a ciência e para outros elementos seculares. A uma ótica racionalista dos eventos, nenhuma instituição e suas antigas práticas passariam inocules. Se o poder absoluto dos reis se viu ameaçado por toda a Europa, o das igrejas e suas concepções religiosas também, o que, ao lado invenções tecnológicas, culminou em grandes transformações em todas as esferas. Partindo da natureza “reformista” contida na ideia de progresso, a substituição de um antigo modelo sócio-político-econômico por outro mais contemporâneo e abrangente em relação ao bem-estar do indivíduo dava provas de que o liberalismo, a Ilustração e as ideias utilitárias eram pedras de toque para a avaliação e para a adoção de qualquer medida. Assim, o poder régio e aristocrático em algumas regiões da Europa sucumbia ao lado do poder eclesiástico, dando lugar a uma nova ordem. Se a doutrina cristã católica, desde o período reformista, frequentemente fora alvo de ataques, no momento revolucionário francês, era toda Fé que estava sendo subjugada pelos princípios da razão, bem como também eram as construções e os monumentos religiosos, entendidos como símbolos “ideológicos”. Assim, o propósito deste trabalho é debater como o Romantismo, especialmente na França do século XIX, em suas contradições revolucionárias e reacionárias, estabeleceu afinidades com a religião cristã. Apoiados principalmente nas discussões contidas em *Revolta e Melancolia* (2015), de Michael Löwy e Robert Sayre (2015), e na obra *Os Filhos do Barro*, de Octávio Paz (2013), discorreremos sobre alguns autores românticos que, valendo-se da recuperação das ideias e de motivos do cristianismo, realizaram suas críticas à modernidade.

O sagrado e o profano em *The Spire*, de William Golding

Luiz Eduardo Ferreira Dockhorn (UFMS)

Resumo: Este trabalho investiga um romance menos conhecido de William Golding, intitulado “The Spire”, ou “A Torre” em tradução livre. Nele descrevemos e debatemos os principais temas, simbolismos e, principalmente, o desenvolvimento de seu protagonista. O romance gira em torno da construção de uma nova torre em uma catedral localizada numa cidade não nomeada na Inglaterra medieval, na qual Jocelin, o personagem principal, é o reitor. Iremos analisar como as forças opositoras do sagrado e do profano são representadas através da torre em si e através do personagem principal. No decorrer do romance essas forças se tornam emaranhadas e complementares. Para fornecer suporte a análise e discussão nos baseamos principalmente na obra de Mircea Eliade, “O Sagrado e o Profano”, especialmente em relação a como esses aspectos aparece dentro do romance sob a perspectiva dos personagens. Como bibliografia complementar, nos apropriamos do livro “Linguagem e Mito” de Ernst Cassirer e do livro “O Tabu do Corpo” por José Carlos Rodrigues, além de outras obras específicas sobre William Golding. A narração do romance é feita através da perspectiva de Jocelin, o que torna sua decadência mental ainda mais relevante por ele se tornar um narrador cada vez menos confiável; isso, adicionado aos seus delírios febris causados por uma tuberculose espinhal, tornam o romance numa obra rica, densa e imagética que retrata uma jornada em direção a iluminação e esclarecimento sobre as complexidades da existência humana.

O sagrado e o profano em: *Os Caminhantes de Santa Luzia* de Ricardo Ramos e *Graça* de Luiz Vilela

Elcione Ferreira Silva (UFMS)

Resumo A proposta desta comunicação é discutir na novela, *Os caminhantes de Santa Luzia* (1959), de Ricardo Ramos e no Romance *Graça* (1989), de Luiz Vilela, questões que permeiam o sagrado e o profano. Na novela, visualizamos essas questões pelo o olhar que é atribuído a Luzia, personagem Protagonista. Já no Romance de Luiz Vilela,

essa temática é destacada a partir do relacionamento de Epifânio e Graça. Em ambas as obras o sagrado e o profano é estabelecido pelo jogo entre o religioso e o erótico. O ponto em comum destas narrativas é que as vozes tendem a dessacralizar o sagrado e sacralizar o profano. A novela é composta de quinze capítulos. O drama vivido por Luzia é ambientado no Nordeste brasileiro, mais precisamente na cidade de Santa Luzia, na Alagoas. Luzia mostra suas chagas, ao pagar penitência, passando em procissão em vários espaços. Luzia é uma mulher extremamente religiosa, essa característica e sua beleza escultural vão dialogar na perspectiva do sagrado e do profano. O romance Graça tem como enredo a história de um casal: Epifânio é Graça. Epifânio é o narrador do romance, narra a partir do seu encontro com Graça, que acontece em um ônibus. Ele fica encantado com o dedão do pé da moça. Tomamos com fundamentação os estudos de Mircea Eliade (1992) em torno do Sagrado e do Profano. Ainda como suporte nos foi possível dialogar com o texto sobre o espaço de Osman Lins (1976), a questão do ponto de vista de Norman Friedman (2002), os estudos de Tacca (1983) acerca das vozes do romance e Questões de literatura e de Estética de Bakhtin (2010).

Pães, peixes, multiplicação: estratégias narrativas no evangelho de Mateus 14.13-21

João Cesário Leonel Ferreira (UPM)

Resumo A Bíblia tem sido lida a partir de variados ângulos no decorrer de milênios. No contexto religioso, em perspectiva devocional, mística, mágica, de produção teológica e apologética e até mesmo em busca de uma visão cristã do mundo que oriente os estudos das ciências em geral. Outras abordagens surgem, situando a Bíblia no contexto dos estudos acadêmicos, como a Filosofia, as Ciências Sociais, a História e as Letras. Este último campo do conhecimento, aplicado ao estudo da Bíblia, tem recebido impulso nas últimas décadas do século passado e nas primeiras deste século por meio de pesquisas linguísticas, semióticas e literárias. Tais aproximações são conhecidas pela expressão “Bíblia como literatura”. A comunicação que se propõe situa-se na última categoria, via teoria e crítica literárias, e estuda o texto do evangelho de Mateus – 14.13-21 –, que narra

o milagre da multiplicação de pães e peixes por Jesus Cristo. Para a análise, serão considerados os elementos constitutivos da narrativa, como narrador, cenário, tempo, personagens e, a partir deles, a construção do enredo. O objetivo é demonstrar que o estudo literário conduz à percepção das articulações que estruturam o texto e propõem diálogo com o leitor. Como referenciais teóricos serão utilizadas as obras: *Como ler literatura* (EAGLETON), *Poética* (ARISTÓTELES), *A poetics of composition* (USPENSKY), *Discurso da narrativa* (GENETTE), *Bíblia, literatura e linguagem* (ZABATIERO; LEONEL) e *Matthew through The Centuries* (BOXALL).

Paganismo e cristianismo em Adélia Maria Woellner e Maria Teresa Horta

Clarice Braatz Schmidt Neukirchen (Unioeste)

Resumo Este trabalho pretende investigar a presença de manifestações religiosas na produção poética da autora brasileira Adélia Maria Woellner e na escrita lírica da poeta portuguesa Maria Teresa Horta, observando a presença de imagens características da religião cristã, como é o caso do angelismo e da Mariolatria, por exemplo, bem como a recorrência a imagens e descrições que remetem a rituais pagãos, em que há a valorização da sacralidade feminina, das manifestações cíclicas da natureza, como o ciclo da lua, por exemplo, dentre outros. O corpus da investigação compõem-se de poemas das autoras mencionadas, tendo como aparato teórico as obras de estudiosos como Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Chevalier & Gheerbrandt, Mircea Eliade e Carl Jung, dentre outros. Parte-se do pressuposto de que, mesmo na contemporaneidade, a produção artística humana, como a poesia, toca nos temas filosóficos que envolvem questões de natureza incerta, como os temas da vida e da morte, sendo que a recorrência à religiosidade demonstra a potencialidade do homo imaginis que ainda persiste no inconsciente e nas vivências dos seres humanos, por mais “evoluídos” e “racionais” que se considerem, em um ambiente em que o cientificismo busca revelar a verdade de todas as coisas, porém nem sempre dá conta de explicar temas que instigam a humanidade desde tempos imemoriais.

Para além da fé: o olhar scliariano no Novo Testamento

Isabel Arco Verde Santos (UERJ)

Resumo Moacyr Scliar foi um escritor judeu contemporâneo brasileiro que soube conjugar em suas obras temas diversos, sem perder de vista o olhar social e sua preocupação com os excluídos. Essa sina marcou sua vida. Médico por profissão, Scliar foi sanitarista, o que lhe permitiu solidarizar com a camada social mais simples da sociedade. Como judeu, trazia uma história de perseguição que lhe ultrapassava. De sua educação judaica, a religiosidade se fez presente construindo sua visão de mundo e sendo reconstruída em sua caminhada. Os Vendilhões do templo segue a linha de leituras que Scliar desenvolveu ao tomar narrativas bíblicas e recontá-las apresentando sempre um outro lado, até então encoberto pela religiosidade, detentora das interpretações e visões hermenêuticas ditas corretas. Várias histórias do Antigo Testamento são por ele recontadas, expondo dramas e conflitos de figurantes, que, embora essenciais para que a cena se pense real, são ignorados. Estas leituras, longe de tirarem o valor do texto, acabam por lhe promover um maior alcance, mostrando a universalidade do texto bíblico, conforme Auerbach, Frye e outros estudiosos destacaram. Claramente, Os Vendilhões do Templo não trata de alguma história contida no Antigo Testamento, própria ao cânon judaico. A obra, visita uma história que compõe os relatos dos evangelhos sinóticos e extrapola os textos de origem hebraica. A narrativa aqui recontada toma por referência uma cena do Novo Testamento que tem como personagem principal Jesus, figura central da religiosidade cristã, mas no conto de Scliar assume uma posição secundária. Caminhar nessa vereda pode significar não só uma releitura, como até então se propunha nas histórias hebraicas, mas uma apologética judaica, pois Jesus é visto pelo olhar de outros personagens que lhe julgam e desafiam o leitor a um novo olhar.

Realidade e imaginação: a ficcionalização da religiosidade em *Morte e vida severina*

Tiago Miguel Stieven (UPF)

Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Resumo A temática proposta para o presente trabalho é a análise da representação ficcional da religiosidade em *Morte e vida severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto (1920-1999). As teses de Wolfgang Iser, contidas em *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária* (2013), serão tomadas como base teórica para o estudo a ser realizado. A partir da teoria desenvolvida por Iser, intentar-se-á examinar as relações que se estabelecem entre a obra literária e a realidade, refletindo sobre as operações realizadas pela primeira – a seleção e a combinação – que proporcionam um vínculo com a segunda. Almeja-se investigar a construção do universo religioso, evidenciando a recorrência às imagens e aos símbolos religiosos como matéria poética para constituição e estruturação do texto. O imaginário religioso que perpassa *Morte e vida severina* considera seu contexto de produção, ou seja, não se trata de um texto absorto na religião, esquivando-se do retrato austero da realidade. A religiosidade se presentifica no texto como atributo da cultura nordestina, mas a poesia reclama seu quinhão de participação no que se refere à temática social. No processo investigativo deste trabalho, ao verificar como ocorre a presença da religiosidade na obra literária e como se dá sua representação, importante também verificar a presença do social na estrutura do poema. Para tanto, adotaremos os estudos de Antônio Candido que, em sua obra *Literatura e Sociedade* (1965), declara que há sempre uma relação entre a vida social e a obra de arte. Para esse crítico literário, *Literatura e vida social*, “fatores internos” e “fatores externos” não caminham de forma paralela sem nunca se encontrarem, mas se combinam de forma dialética. Por fim, procurar-se-á demonstrar como o elemento externo internaliza-se à obra literária, ganhando uma nova configuração, ou seja, sendo estetizado.

Ressignificações da imagem dos anjos na literatura moderna e contemporânea

Wandersson Hidayck Silva (UFPE)

Resumo A presença do anjo mensageiro, que revela uma informação decisiva a um escolhido de deus, é frequente no texto bíblico. E tais relatos são compostos por elementos visuais que remetem à pureza e à incandescência do numinoso, como luz excessiva, fogo, brilho e transparência. Vladimir Nabokov, no conto *A palavra*, notadamente próximo da tradição literária extática, elabora uma visão onírica delirante. Um anjo profere algo decisivo ao narrador: a palavra que nomeia o conto e que se tornou impronunciável após a revelação. Na novela *Estar sendo, ter sido*, de Hilda Hilst, o protagonista, Vittorio, vislumbra o Criador, na forma de um anjo, em uma paisagem ambigualmente infernal e divina. O tom é sombrio; as criaturas são selvagens; e os gestos, agressivos. O anjo-demônio se aproxima de Vittorio para reafirmar seu amor em uma sucinta expressão verbal. Kafka, por sua vez, abala a tradição do anjo mensageiro quando, em seus *Diários*, narra a visão de um anjo que, na verdade, não passava de uma impressão visual e nenhuma mensagem deixou. Essa resignificação kafkiana é observada por Robert Alter, que enfatiza a frustração do homem moderno diante da impossibilidade profética, no seu estudo *Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Nesta pesquisa, estabeleço, por um viés comparativo temático, um diálogo entre os três textos literários citados: *A palavra*; *Estar sendo, ter sido*; e o trecho dos *Diários*. O objetivo é lançar luz sobre modificações, permanências e recuperações de aspectos do texto-base judeu/cristão na tradição da literatura ocidental, por meio da análise das imagens de criaturas angélicas.

Teopoética: uma análise sobre a produção literária dos simpósios Literatura e Religiosidade dos congressos ABRALIC 2018 a 2020

Gabriel Aquino da Cruz (UPM)

Resumo Esta comunicação visa uma reflexão epistemológica sobre o corpus dos artigos publicados nos Congressos da ABRALIC 2018 a

2020 – Simpósio Literatura e Religiosidade, acerca dos temas que envolvem a literatura, religiosidade e a Bíblia enquanto Literatura. Uma rápida pesquisa sobre o tema “Teopoética” na Internet, apresentou aproximadamente 10.600 verbets sobre o assunto. Percebe-se que os estudos e pesquisas feitos sobre a relação entre Literatura e Religiosidade, tem aumentado nos últimos dez anos. A pesquisa feita por Cantarela (2018), mostrou claramente este crescimento principalmente no campo da Bíblia enquanto Literatura. Crescem os eventos acadêmicos que abordam os temas Religiosidade, Literatura e Espiritualidade, Literatura e Religiosidade, Bíblia como Literatura, entre outros temas na mesma linha de pesquisa. A metodologia utilizada foi a análise dos resumos publicados nos anais do simpósio no campo de Literatura e Religiosidade. Procurará compreender quem são os pesquisadores, instituições, formação acadêmica e referenciais teóricos mais utilizados. Foram analisados os textos produzidos para os simpósios (2018 a 2020), bem como sua relação com a Literatura, Religião e Bíblia. Identificamos os modelos de leituras mais utilizados pelos pesquisadores, do ponto de vista da Teopoética com maior identificação dos temas abordados. Para tanto, utilizaremos os dados levantados no artigo “A produção acadêmica em Teopoética no Brasil: pesquisadores e modelos de leitura” por Antonio Geraldo Cantarela (2018). Além destas fontes, foram utilizados artigos e anotações de aula para o desenvolvimento e conclusão deste ensaio. Procurou-se também através da Plataforma Lattes, o levantamento das instituições e programas de Pós-graduação que tratam sobre o tema, produção literária, linha de pesquisa, formação dos participantes.

Simpósio 47**Literatura e seus trânsitos****transdisciplinares com outras linguagens artísticas**

Cassia Dolores Costa Lopes (UFBA)

Lisa Carvalho Vasconcellos (CEFET-MG)

Sandro Santos Ornellas (UFBA)

Resumo Esse simpósio abarca discussões sobre a literatura brasileira e as estrangeiras, tendo em vista os seus encontros com outras manifestações artísticas, seja a fotografia (BRIZUELA, 2014), o cinema (VASCONCELOS, 2015), a música (OLIVEIRA, 2002), a pintura (GIL, 2015), as artes plásticas (CASA NOVA, 2008), a dança (GIL, 2005) e o teatro (SARRAZAC, 2013). Nesse encontro múltiplo de saberes e de olhares, consoante as diferentes tessituras das linguagens em seus processos de experimentação e composição textual e discursiva, a escrita literária transita pelo suporte do livro, bem como por campos expandidos, exteriorizando-se e adquirindo variados contornos e configurações (SANTOS, REZENDE, 2011), conforme uma época marcada por intenso desenvolvimento tecnológico, com intensificação de redes informacionais, com o uso constante da Internet, dos computadores, dos celulares, dos tablets, no visível apelo para emergência de outros suportes artísticos, atentos a esse contexto de acelerado incremento técnico e de produção de informação (SANTAELLA, 2002, 2005, 2016). No caso específico da dramaturgia, por exemplo, abre-se espaço de reflexão sobre procedimentos de interseção entre as diversas funções e meios que hoje configuram o campo das práticas dramatúrgicas. Além de sua tradicional associação com as artes cênicas, tais práticas vêm sendo enriquecidas por novas relações entre criadores e receptores, graças à crescente demanda lançada por outros meios audiovisuais, que abrem possibilidades antes insuspeitadas para a experimentação de novos formatos para comunicação das obras dramatúrgicas. Ao mesmo tempo, a complexidade e a rapidez de difusão dessa praxis interpela decisivamente, em inúmeras questões, o conhecimento construído pela tradição teórico-crítica do drama, da literatura e de outras formas de arte (CÍCERO, 2012). Assim, esse simpósio abre-se para pesquisas cujos olhares investigam desde os diversos processos de composição dramática na contemporaneidade – como adaptações de textos, escrita e tradução

de peças e roteiros para o palco, TV, vídeo, rádio e cinema – até estudos de teoria, história e crítica do drama e do cinema, no diálogo com artistas pensadores e teóricos das artes na contemporaneidade, considerando a diversidade de interlocuções de vozes sobre o encontro das linguagens artísticas. O quadro das articulações teórico-críticas, debruçadas sobre as composições artísticas contemporâneas, não pode ficar indiferente aos apelos dessa nova pauta de escritores e artistas, com suas invenções e reinvenções de processos criativos, exigindo de seus leitores e interlocutores diferentes aparatos interpretativos, que pedem um olhar sensível ao papel da imagem no seu aspecto multiforme, com a dinâmica do visual, no jogo com diferentes geografias teóricas, atentas às diferentes temporalidades históricas e processos de subjetivação que acabam por fazer do exercício de leitura textual um operador crítico de demandas políticas de nosso tempo, voltadas para diversos sujeitos e vozes que compõem o espaço social. (DIDI-HUBERMAN, 2010, 2013) A prática de leitura dos textos, sejam eles que formato tiverem, exige também uma crítica de valores estéticos, pautados na pesquisa de uma geografia de saberes e de poderes, que coloca o horizonte do artista também inserido numa agenda de reflexão política sobre a sociedade e suas práticas de socialização de seus produtos artísticos. Daí que o simpósio pensa em encontros, por exemplo, como os da literatura de testemunho ou da poesia com a fotografia (SELIGMANN-SILVA, 2014; NAVAS, 2017), da poesia escrita com a imagem cinematográfica (MARTELO, 2012; ROWLAND, BÉRTOLO, 2015) ou com o livro de artista (CADÔR, 2012), da encenação teatral com a escrita performática (ZUMTHOR, 2007), da polifonia literária com a polifonia musical (GARCIA JUNIOR, 2018), da instalação com a literatura (SANTOS, 2015), dentre outros possíveis trânsitos transdisciplinares. Para tanto, ambiciona-se um olhar comparatista que atribua aproximações e distanciamentos, experimentações e fluxos, indeterminações e zonas cinzentas, arquivos e especulações entre textos, linguagens, gêneros, formas, materialidades, discursos, numa geopolítica dos valores das leituras em face de contextos sociais específicos que reveem paradigmas interpretativos numa abordagem inter e/ou transcultural (JOBIM, 2019). Pretende-se construir, portanto, diálogos artísticos que conjuguem o ético, o poético e o estético, a partir de um mapeamento de questões do pensamento filosófico, político e teórico-crítico. Tal pensamento se assenta em um olhar lançado às realidades

contemporâneas como modo de entender as artes em contextos de acelerada circulação de informações, agressivas tramas de sentidos político-culturais e exaustão dos tradicionais lugares de resistência, tudo sob o signo de um capitalismo de crise (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, 2017). Pelas experiências teórico-críticas dessas pesquisas sobre o encontro da literatura com outras artes, ambiciona-se não pensar as linguagens artísticas como modulações disciplinares, mas espaços para usos comuns (AGAMBEN, 2007) da literatura, entendida como um campo transversal de instabilidades e potencialidades da arte, da linguagem e do pensamento (DERRIDA, 2014).

É noite, sinto que é noite: figuras da noite no cinema brasileiro contemporâneo

Pedro Rena Todeschi (UFMG)

Resumo A poesia de Carlos Drummond de Andrade é analisada por diversos autores como uma literatura pensante, como Roberto Said a caracteriza na sua “capacidade de despertar o pensamento, de se afirmar como poesia-pensante, uma quase-filosofia”. Desta literatura, extraímos imagens-conceituais com as quais podemos pensar e interpelar o nosso presente, como faz José Miguel Wisnik no livro “Maquinação do mundo”. Em diversos poemas, Drummond escreve sobre o ato do olhar, em uma tensão paradoxal entre o “ver” e o “não ver”, o abaixar dos olhos, a recusa do olhar. Neste trabalho, partiremos de uma reflexão de Drummond sobre a “noite” (como figurada recorrentemente em poemas como “Elegia 1938”, “A máquina do mundo”, “Anoitecer”, “Dissolução”, “A noite dissolve os homens”), para analisar três filmes brasileiros contemporâneos que tematizam a noite nas imagens e em seus próprios títulos: *Nunca é noite no mapa* (dir. Ernesto Carvalho, 2016), *Noite através* (dir. Gustavo Jardim, 2020) e *Noite que não finda* (dir. Pedro Asphan, 2021). Parafraseando Giorgio Agamben, são cineastas que filmam com suas câmeras mergulhadas nas trevas do contemporâneo. Se pensamos a noite como índice de um tempo sombrio, relacionada à escalada da extrema-direita no país e às catástrofes de nosso tempo, “desta hora que temos medo” (como no filme de Asphan), pensamos também o lampejo noturno das “povoações que surgem do vácuo” (como no povo

indígena Guajajara que aparece no filme de Jardim), ou na resistência ao dispositivo da máquina capitalista da Google Maps, com seus holofotes ferozes, com seu desejo de tudo ver, que bane a noite e o sono (cf. CRARY), cegando, assim, nossas “pupilas gastas” e “retinas tão fatigadas”, em que a luz ofuscante do dia prova a existência da “Grande Máquina” (como no filme de Carvalho). Observamos nesses filmes a resistência dos sujeitos diante das trevas de nosso presente.

A construção da palavra e da imagem em *Quando meu pai se encontrou com o ET fazia um dia quente*, de Lourenço Mutarelli

Graziela Ramos Paes (UFJF)

Resumo Nas entrevistas, ao ser interpelado sobre o início de sua carreira como quadrinista nos anos 1980, Mutarelli relata ter sentido dificuldade em encontrar um espaço nesse gênero, por suas histórias serem consideradas “estranhas”. Foi anos depois, com a escrita de seu primeiro romance (*O cheiro do ralo*, de 2002), que o autor constatou que o processo da criação de uma HQ e o processo da criação de um romance diferia bastante, e isso foi fundamental para a continuação de seu trabalho dali em diante. Investindo nos romances a partir de então, mas sem nunca abandonar seu trabalho com a parte gráfica, Mutarelli tensiona ao longo de sua carreira as relações entre palavra e imagem. No álbum *Quando meu pai se encontrou com o et fazia um dia quente* (2011), o narrador conta a história do pai falecido, um aposentado colecionador de máquinas quebradas e de fotografias familiares e de desconhecidos, que um dia tem um encontro com um et durante uma pescaria. É nesta obra – a qual o autor chama de “conto ilustrado” (há uma articulação entre texto e pinturas em tinta acrílica) em que me apoio para refletir sobre palavra e imagem em Mutarelli, sobretudo a partir da fotografia como objeto central para a construção de imagens endógenas e exógenas (BELTING, 2014), e da prática da fotopintura (CHIODETTO, 2016).

A imagem da mão e suas interfaces reflexivas: o diálogo entre a literatura e outras artes

Cassia Dolores Costa Lopes (UFBA)

Resumo Esta comunicação pauta-se no diálogo entre a literatura e outras linguagens artísticas a partir de uma reflexão sobre a imagem da mão e seus processos de significação poética, simbólica e sócio-histórica, tendo em vista os procedimentos criativos em seus sentidos representacionais e performativos em poemas, em pinturas e fotografias devidamente selecionados de acordo com a temática escolhida. Para tanto, será realizada uma investigação sobre o corpo na perspectiva do gesto, de acordo com aportes teóricos e filosóficos no tocante ao tema da imagem da mão, das investigações sobre o corpo nas manifestações artísticas e a problematização do traçado gestual, no recorte dado à imagem da mão e seus potenciais movimentos, partindo tanto de textos poéticos de autores modernos e contemporâneos, selecionados a propósito do tema recortado, bem como consoante teóricos contemporâneos, como David Lapoujade, Didi-Huberman, Gonçalo Tavares, Lucia Santaella, que darão lastro argumentativo à análise pretendida, que fará suas incursões também pela pintura, como também pela fotografia, numa perspectiva inter-semiótica, mediante abordagem interdisciplinar. Pretendem-se criar zonas de encontro e de entrecruzamentos de diferentes aportes óticos sobre a mão, em face do sujeito, do objeto criado e das bases da criação que envolvem o processo artístico mediante o amálgama do olhar. Considera-se que a arte cria aberturas de construção de pensamento sobre o modo de ver e de se deixar ver, no jogo de presença e ausência do objeto dado ao olhar na luta contra processos de miopia sociocultural construída por processos sociais e históricos.

A poética pós-digital dos Livros de Artista de Isabel de Sá

Sandro Santos Ornellas (UFBA)

Resumo A poeta e artista plástica portuguesa Isabel de Sá (1951-) passou, a partir de ano de 2013, a enveredar pela aparente convergência de sua então já extensa produção literária e plástica, criando

Livros de Artista nos quais literatura e visualidade plástica dividiam espaço e se contaminavam mutuamente. Dos Livros de Artista por ela criados, uma dezena foram fotografados digitalmente, transformados em slides e disponibilizados no Youtube para acesso e leitura geral. Minha questão é como entender esses arquivos digitais reprodutíveis no atual contexto digital do capitalismo? Minha hipótese de pesquisa é que a noção de pós-digital (cf. SANTAELLA, 2016) fornece alguns caminhos possíveis para pensarmos essa e outras formas de inespecificidade estética, nas quais o gênero literário do Livro de Poesia e o gênero plástico-visual do Livro de Artista, dentre outros, são digitalizados, subidos para a internet, entram em um modo hipercontemporâneo de circulação em fluxo de obras imateriais, mas também, por isso, parecem fácil e rapidamente incorporados à lógica de um capitalismo financeiro-cognitivo de grandes plataformas comerciais. Daí se pergunta até que ponto os modos e os circuitos do literário, em particular (cf. MORICONI, 2020), mas também do artístico, em geral, são capazes de se dar como resistências a um realismo capitalista (cf. FISHER, 2020) que parece não possuir exterioridade a si.

Aprendizagem política em *400 contra 1* e *Quase dois irmãos*

Lícia Soares de Souza (UNEB)

Resumo No âmbito da tradução intersemiótica entre literatura e cinema, abordo duas obras – um livro com seu filme homônimo (*400 contra um: uma história do Comando vermelho*) e outro filme (*Quase dois irmãos*) – que retomam a temática iniciada por Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*, a do encontro de presos políticos com presos comuns, e o que isso resultou na reconfiguração do plano político brasileiro. Quer-se lembrar o quanto é importante observar as formas em que muitos saberes foram intercambiados, nesses encontros prisionais, configurando a nova estrutura do lumpensinato. Novos sujeitos políticos foram se organizando e eles alteraram os jogos de poder no cenário político brasileiro. Enquanto *Quatrocentos contra um* aborda a formação do Comando Vermelho, numa forma positiva e solidária, como organização suscetível de melhorar as condições dos presos nas cadeias, *Quase dois irmãos* já mostra as consequências nefastas do agrupamento, abrigando bandidos perigosos e bem organizados.

Ta is obras formaram memórias indiciais, de natureza singular, que nascem sem a menor garantia de serem compartilhadas. Representam relações de si para si mesmo, um trabalho de si sobre si mesmo, um conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge como memória singular, como devem existir inúmeros em numero infinito, esquecidos pela sociedade.

Deslocamentos geográficos e transdisciplinares em *Não escrever*, de Paloma Vidal

Katerina Blasques Kaspar (USP)

Resumo Ao longo dos anos 1970, Leyla Perrone-Moisés e Roland Barthes se correspondiam. No início dessa década, por reiteradas vezes, Perrone-Moisés recebeu cartas de Barthes, em que se desculpa-va por novamente não poder realizar sua viagem ao Brasil, embora apreciasse e agradecesse muito o convite da crítica brasileira. Essas cartas foram publicadas por Perrone-Moisés, na coletânea Com Roland Barthes (2012). Entre 2015 e 2018, Paloma Vidal emprestará algumas dessas cartas em seu projeto literário *Não escrever*: um conjunto de manifestações diversas, como anotações de aula, performances, viagens, um diário, um livro cartonero. Observamos no projeto de Vidal a ocorrência de uma série de deslocamentos geográficos. Esses deslocamentos parecem ecoar em um trânsito por diferentes modos de expressão em que se dá o projeto da escritora. No livro cartonero, em especial, Barthes aparece como referencial crítico e como personagem da trama. São mencionadas viagens realizadas por ele e é ficcionalizada como teria sido sua visita ao Brasil. Há também dois outros narradores: uma pesquisadora que vai a França acompanhada por seu filho estudar *Vita nova*, projeto de romance de Barthes, não escrito. Entrelaçando as duas narrativas de viagens, uma à Paris, outra à São Paulo, o livro cartonero apresenta em si mesmo uma variedade de gêneros e materiais: fotografias; um link para uma música; colagens manuais de papel; versos; prosa. Pretendemos nesta exposição percorrer a presença de Barthes nesse projeto por vias variadas, algo que parece ser importante para compreender esse duplo trânsito, geográfico e transdisciplinar, constituinte de *Não escrever*.

Literatura e música em *The Book of Sand* de Michel Van der Aa

Cláudia Grijó Vilarouca (UFPA)

Resumo *The Book of Sand*, do compositor holandês Michel Van der Aa, é definida como pertencente a um novo gênero “interactive song cycle”. Inspirada nos contos “A casa de Astérion”, “O zahir”, “O Aleph”, “A biblioteca de Babel” e, sobretudo, no conto “Livro de Areia”, de Jorge Luis Borges, essa obra, criada no meio digital para o meio digital, apresenta uma relação íntima entre a palavra, música e vídeo, o que nos faz questionar acerca das fronteiras entre as artes e entre seus gêneros, tema que já vem sendo discutido amplamente no âmbito das artes visuais. No entanto, o que nos interessa aqui é como música e literatura interagem, criando tempos e espaços a serem experimentados, considerando o processo interativo que é intrínseco a essa obra, convidando o espectador-ouvinte a experimentar o infinito dentro de um acontecimento (obra) limitado. Michel Van der Aa dá ao conteúdo dos contos de Borges uma materialidade que pode ser experienciada pelo sujeito que se engaja na referida obra. Além disso, trataremos de certos aspectos que consideramos ser da ordem de processos de adaptação do literário para a música/dança e que, justamente, vinculam-se aos efeitos de infinito produzidos por Van der Aa. Tal proposta de trabalho será apresentada pelo viés teórico de Maurice Merleau-Ponty, Roberto Simanowski, Linda Hutcheon e M. C. Escher.

O palco nas ondas do rádio.

Sobre as experimentações transmidiáticas de Bertolt Brecht

Thereza de Jesus Santos Junqueira (UFBA)

Resumo Brecht começou a publicar seus textos há cem anos. Naquele tempo, a moda pedia mais rodeios e rendas; as imagens e os movimentos aprendiam a se reproduzir, em preto e branco, de modo analógico, enquanto os sons exploravam a radiotransmissão. A atitude experimental estava em desvendar as então possibilidades combinatórias, veio aberto pela tecnologia, como nos teatros de variedades, que congregavam diferentes manifestações artísticas. É nesse contexto que o dramaturgo trabalha, em parceria com o compositor Kurt

Weill, com as peças radiofônicas. Sabe-se que a dramaturgia é um gênero que prima pela visualidade, tendo em vista a realização cênica que objetiva e caminha ao lado das imagens criadas pelas metáforas poéticas. No teatro, o desafio está em expressar visual e sonoramente as construções dramatúrgicas. Na peça radiofônica, ante a limitação cênica que impõe, o desafio é maior, pois a visualidade presente no texto deve ser comunicada apenas através do sons, o que corrobora a afirmativa contraditória do dramaturgo, em “Teoria do Rádio” que equipara o “triunfo colossal da técnica” ao que seria um “aparelho incrivelmente velho”. Fato é que essa nova técnica implica um novo modo de lidar com a própria dramaturgia, como explica Brecht ao falar da Technifizierung, pelo que até mesmo um escritor de romances, quem menos utiliza os instrumentos, passa a fazer ou querer fazer o que os instrumentos podem. Com essa orientação, pretende-se estabelecer um paralelo entre o trabalho de Brecht e reflexões teóricas sobre a dramaturgia e as artes cênicas de nosso tempo e sobre como elas são e serão doravante influenciadas pela expressividade digital. Brecht não compartilha conosco as plateias de teatro, nem as mesas de bar – hoje nem mesmo nós, os vivos, o podemos – mas é um defunto conviva, sem mais rodeios, e compõe com as demandas de nosso tempo.

**O sonho – uma potência do delírio:
garotos que escrevem, dramaturgias e teatralidades
em *Tudo sobre minha mãe e Dor e Glória* de Pedro Almodóvar**

Eduardo Reis Silva (UFBA)

Resumo Proponho para a presente comunicação um estudo sobre o sonho, pensado aqui, como potência do delírio nos filmes *Tudo sobre minha mãe e Dor e Glória* de Pedro Almodóvar. Parto do texto teatral *O sonho*, de August Strindberg para problematizar esses territórios moveiços e polimorfos na contemporaneidade. O cineasta espanhol ao criar personagens de garotos que escrevem, que sonham em contar histórias, cria metaficções das forças da própria criação artística, que compreendo como potência de delirar. Strindberg, em *O Sonho*, captura a força-concha, espaço em que o poeta é convocado a produzir delírio para ver e ouvir o mundo. Proponho, desse modo, ler com Strindberg como Almodóvar testemunha e dá forma a uma política

que borra conceitos como delírio, criação e lei, ao instaurar o lugar da produção artística como vontade de potência. Refiro-me aqui à filosofia nietzschiana como disparadora do pensamento para devanear sobre o sonho desperto, sobre o que nos move e o que move essa ânsia não da figuração, mas da teatralização e instauração em perspectivas não excludentes entre vida e arte. A vida como obra de arte e o desejo como fogo que faz mover as formas. Almodóvar parece, portanto, cavar espaços dentro da linguagem, encenando assim, uma transmutação epistemológica ao capturar forças ativas e instaurá-las em seus personagens. É, nesse sentido, que compreendo e proponho pensar a produção artística, dramática e política de Pedro Almodóvar, como um gesto de instauração de uma imagem tempo no cerne mesmo de uma teleologia, produzindo para a vida rotas de fuga e para o pensamento em desencanto a transmutação de uma epistemologia que assola o mundo neste presente tardio. Assim, recorro a Gilles Deleuze e Félix Guattari, Nietzsche, Didi-Huberman e Barbara Glowczewski e todos os outros filósofos, dramaturgos e pessoas de todo tipo que tiveram a ousadia de delirar.

**Olhar o mundo, ver o tempo:
atmosfera e ambiência em Sophia de Mello Breyner Andresen
e no longa-metragem “Me chame pelo seu nome”**

Rodrigo Corrêa da Fonseca (UFF)

Resumo O objetivo deste artigo é refletir acerca de um ponto de contato entre a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, e do longa-metragem “Me chame pelo seu nome”: a criação de uma atmosfera específica – uma quase sempre presente sensação do tempo que passa. Nossa proposta está em consonância com os pensamentos de Hans Ulrich Gumbrecht sobre produção de presença e *Stimmung* – uma sensação interior e uma “coisa objetiva que está em volta das pessoas e sobre elas exerce alguma influência.” (GUMBRECHT, 2014, p. 12). Buscaremos apontar a centralidade do olhar e do silêncio enquanto elementos centrais na construção da atmosfera apontada aqui. A poesia de Sophia de Mello apresenta-se como um irrecusável convite ao olhar: sua poesia substantiva é o espaço para onde a poeta transfere as coisas do mundo. Vê-las é experienciar um contanto com o Real.

Em sua poesia, uma incessante busca pelo silêncio, não apenas enquanto ausência de sons, mas, também, de gestos, numa tentativa de não permitir que o instante do encontro chegue ao fim. Diante de tal impossibilidade, enquanto vê o mundo, a poeta acaba por ver também o tempo que passa: inescapável. “Me chame pelo seu nome” é um filme sobre dois jovens e um amor de verão que constrói-se inteiramente em torno do olhar de seu protagonista. Também o silêncio é elemento central: como ausência relativa de sons, mas também de gestos e ação. Com uma narrativa rarefeita que parece privilegiar as sensações sinestésicas ao invés de uma grande construção narrativa, encaixa-se no que chamamos cinema de fluxo. Elio, o protagonista, está sempre a olhar Oliver, o forasteiro que ficará em sua casa por anunciadas seis semanas, e que torna-se seu objeto de desejo. Enquanto o observa, acaba por ver, como Sophia, o tempo que passa.

Papéis da prisão: o livro de artista de Luandino Vieira

Lisa Carvalho Vasconcellos (CEFET-MG)

Resumo Entre 1962 e 1971, o escritor e militante angolano Luandino Vieira manteve uma série de diários que buscavam documentar e registrar sua experiência nas então prisões coloniais portuguesas. Segundo nos conta a História, depois de ser capturado pela PIDE em 1961, em Lisboa, e ser transferido entre uma e outra prisão de Angola, ele finalmente chega ao Campo de Trabalho do Chão Bom, em Tarrafal, no Cabo Verde, onde fica internado por quase uma década. Seu crime havia sido o de atentar “contra a segurança externa do Estado” e “intentar, por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português”. O material produzido durante essa trajetória saiu publicado em 2015 em Portugal sob o título de Papéis da prisão, apontamentos, diário, correspondência (1962-1971). Mas o livro, que registra essa longa experiência prisional não se identifica só com o diário ou com o documento escrito. Trazendo para o papel objetos múltiplos na forma de desenhos, grafites, colagens e mapas, Luandino compõe, nas palavras de Margarida Calafate Ribeiro, uma obra de patchwork. No presente trabalho, gostaríamos de abordar esse volume como um “livro de artista” no qual o conceito de arte, ao mesmo tempo que provém

da experiência prisional, se contrapõe diretamente a ela. Através dessa abordagem, buscaremos entender como Luandino se situa dentro de um contexto cárcere-literário maior e como vem contribuir para ele com especificidades próprias, ainda hoje pouco reconhecidas.

Ritornelos: uma estética do movimento nômade, uma ética da ressonância fantasmagórica no teatro e no cinema

Midian Angélica Monteiro Garcia (UFBA)

Resumo Essa pesquisa objetiva um percurso cartográfico das fantasmagorias no teatro e no cinema. Tomo como fio de passagem a leitura da obra “Seis personagens à procura de um autor” de Luigi Pirandello. Pretendo, portanto, analisar fantasmagorias de um teatro que se realiza na afecção instaurada no corpo mesmo do drama, expandindo demarcações normatizadas. Refiro-me ao fato de que, embora mantenha certa linearidade no discurso, e os seus personagens operem por códigos da tradição dramática, uma vez que Pirandello não abdica totalmente do drama enquanto forma, os desvios operados realizam-se nos tracejamentos de um jogo. Pirandello anuncia certo apagamento da subjetividade do personagem produzindo uma fantasmagoria. É, nesse sentido, que é possível afirmar que os personagens Pirandellianos, ao se tornarem nômades, em espaços antes fixados pela quarta parede, ao transitarem por funções tão imóveis como a autoria, produzem apagamentos na própria fixidez do drama. A radicalização desses procedimentos em Beckett, nos dá a ver outros espectros, nos silêncios, nos restos de palavras, de imagens. É o que ocorre no cinema de Fellini, todos operam por uma lógica fantasmagórica. Kleber Mendonça e Juliano Dornelles também repetem códigos temáticos e da cena cinematográfica, mas agramatizam nas bordas, retomando uma tradição da modernidade já inscrita no drama, no romance, no próprio cinema moderno. Não há em Bacurau uma psicologização de personagens, fato que fez a crítica divergir quanto à qualidade do filme. Mas não seria essa forma de compor os personagens um modo mesmo de abalar as estruturas do cinema? Proponho capturar essas movências já inscritas em outros teatros e outros cinemas, inclusive produzidos no cenário pandêmico, especificamente o espetáculo “Um concerto para um guarda-roupa”

dirigido por Moacyr Gramacho, para pensar uma estética do movimento nômade, uma ética da ressonância fantasmagórica, em diálogo com Gilles Deleuze e Félix Guattari, quanto ao conceito de ritornelo.

Rosa, Drummond e Rosa: poéticas magmáticas

Leonardo Augusto Bora (UFRJ)

Resumo A partir da leitura transdisciplinar de “Pedra”, narrativa elaborada pela artista plástica e carnavalesca Rosa Magalhães para o desfile de 2020 da escola de samba carioca Estácio de Sá, o trabalho propõe aproximações entre o poema “A montanha pulverizada”, de Carlos Drummond de Andrade, e o conto “O recado do morro”, de João Guimarães Rosa. Poema e conto expressam a “potência telúrica” (TEIXEIRA, 2017) das rochas mineiras e direcionam os olhares dos leitores para o espectro da geologia. Ambos foram escavados pela narradora e inseridos na “sinopse” (modo como se chama um texto explicativo de enredo carnavalesco) apresentada aos compositores – responsáveis pela transposição do universo evocado por Drummond e Guimarães Rosa para o corpo de um samba de enredo (a música que conduz o espetáculo audiovisual). Diante dessa teia de imbricações, objetiva-se, num primeiro momento, desnudar as estratégias narrativas de Rosa Magalhães, artista que já dialogou com Thomas More, Emma Lazarus, Ariano Suassuna, Alexandre Dumas etc. Depois, esmiuçada a leitura das obras elencadas, serão observados os processos de tradução visual (a transformação do “trem-monstro” poetizado por Drummond, por exemplo, em um carro alegórico) e musical (as lascas literárias na letra da composição escolhida). Se entendermos que um desfile sambista pode ser lido à luz do wagneriano conceito de “obra de arte total” (“gesamtkunstwerk”, aspecto debatido por Dahora (2019) e Herkenhoff (2012)), sedimenta-se a ideia, ao final, de que “Pedra”, proposta mal avaliada pelo júri, é um caso rico (magma incandescente) para que sejam pensadas as fronteiras e os contornos artísticos dos processos de composições dramáticas da contemporaneidade, mais especificamente, nos espaços híbridos e prenhes de disputas e tensões ocupados pelas escolas de samba, associações e manifestações festivas negro-populares que anualmente desenham mapas “a partir de várias camadas” (SCHWARCZ e VAREJÃO, 2014) no asfalto da Marquês de Sapucaí.

Simpósio 48**Literatura e tecnologia: futuros (im)possíveis**

Vinícius Carvalho Pereira (UFMT)

Andréa Catrópa da Silva (UAM)

Rejane Cristina Rocha (UFSCar)

Resumo Debates sobre literatura e tecnologia têm crescido em todo o mundo, ainda que mais lentamente no Brasil do que no Hemisfério Norte ou em outros países latino-americanos. A longa história da aproximação entre esses dois campos do saber já foi retrçada em publicações acadêmicas sobre o tema, as quais retomam a ambiguidade do termo *tékhne* no pensamento aristotélico, que designa o artificial ou técnico em oposição à *physis*. É comum que os primeiros gêneros elencados como significativos dessa ambiguidade sejam as narrativas utópicas ou distópicas sobre a relação homem-máquina, produzidas desde o Renascimento. Posteriormente a ficção científica passa a se destacar nesse âmbito, especialmente nos sistemas literários inglês e estadunidense a partir do século XIX. A discussão das imbricações entre literatura e tecnologia pode – entre tantos outros percursos distintos – partir dessa literatura sobre a máquina para uma análise da literatura como máquina, no que ganham destaque os movimentos de vanguarda e neovanguarda do século XX, como a escrita automática surrealista, os jogos tipográficos concretistas, ou a linguagem como potência algorítmica do grupo Oulipo. Sob a superfície variada desses experimentalismos, observa-se um vetor comum que aproxima a arte verbal de uma certa engenharia da palavra, em associação ou não com a imagem, favorecendo projetos artísticos de rigor formalista ou algebrismos insuspeitos. As relações entre a literatura e a tecnologia podem, ainda, ser mapeadas a partir dos suportes em que os signos são produzidos, circulados ou consumidos. Nesse âmbito, observa-se a evolução das materialidades da literatura – com destaque para a invenção do livro – para os processos de escritura com ou para os aparatos eletro-eletrônicos, nos séculos XX e XXI, sejam as máquinas de escrever elétricas, os softwares editores de texto, ou os dispositivos digitais de leitura (e-readers), entre tantos outros que vêm se multiplicando nos últimos anos. Ainda nesse contexto, cumpre destacar o espaço crescente da “literatura eletrônica”, “literatura cibernética/ciberliteratura” ou “literatura digital”. Muito embora se

reconheça que cada um desses adjetivos atrelados ao substantivo “literatura” denota a especificidade do campo por uma associação particular (respectivamente, ao eletrônico, em oposição ao elétrico; ao cibernético, por referência à comunicação entre máquinas; e ao digital, em oposição ao analógico), o conjunto de obras recobertas pelos três termos é praticamente o mesmo, o que justifica seu uso intercambiável neste contexto. Para fins de clareza, pode-se utilizar, porém, a definição de literatura eletrônica postulada pela Electronic Literature Organization (maior grupo mundial de estudos sobre o tema): textos que contêm “um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (HAYLES, 2009, p. 21). Ou, ainda, recorrer à definição proposta por Carolina Gainza (2021), que compreende a literatura digital como aquela que experimenta com o código ou com a mídia digitais, referindo-se não apenas a obras construídas pela programação de softwares e linguagens de programação, mas também àquelas produzidas pelo aproveitamento criativo de redes sociais e plataformas de comunicação, em um movimento descrito por Arlindo Machado (2007) como “desprogramação da técnica”. Há que se destacar, por fim, que nenhum dos eventos que pontuam a história das associações entre literatura e tecnologia pode ser compreendido de forma dissociada dos fenômenos sociais, políticos e econômicos da modernidade e da contemporaneidade. Devem, pois, ser entendidos como parte de um processo maior de mudança social, e não como produto de um determinismo tecnológico ou estético, o qual alienaria o código de sua função precípua: a expressão humana. É o que postulam estudos e desenvolvidos por estudiosos oriundos de países periféricos no que tange ao desenvolvimento tecnológico, como é o caso de Kozak (2013, 2019) e Gainza (2018), por exemplo. Nesse contexto, propomos o presente simpósio, já em sua segunda edição, com vistas a congrega estudos sobre as relações que podem ser estabelecidas entre os campos da literatura e da tecnologia, atentando para os pontos mencionados ao longo deste resumo, ou para outros que possam se mostrar pertinentes à temática. Nosso objetivo é fomentar e ampliar as discussões sobre o campo, relevante não só pelo rendimento estético dos produtos literários que o integram, mas também pelas provocações que coloca, sobretudo no que diz respeito às definições de escrita, texto, autoria, leitura – isto é, alguns dos pilares sobre os quais se assenta o entendimento do fenômeno literário.

A criação poética e digital de Álvaro Andrade Garcia

Carmélia Daniel dos Santos (PUC Minas)

Resumo Álvaro Andrade Garcia é mineiro, de Belo Horizonte, e está entre os precursores da poesia e criação digital tanto em Minas Gerais quanto no Brasil. Entre suas ocupações, está a de diretor de audiovisual e multimídia, romancista e poeta, com 15 livros em diversos meios e suportes. Além disso, o autor trabalha, desde a década de 1980, na escrita e publicação de poesias nos mais variados suportes, como rádio, tv, jornal, instalações públicas, projeções, internet e aplicativos para dispositivos móveis. Sabe-se, então, que sua escrita está sempre em busca de novos espaços para circulação da poesia. Este texto faz parte dos estudos de doutorado sobre a poesia digital de Álvaro Andrade Garcia; nele pretende-se apresentar o percurso da criação poética experimental de textos com o uso de computadores, a transição para o digital e o seu estabelecimento, de modo a discutir a maneira como o autor se atualiza e escreve nesse ambiente tão cheio de transformações, abordando os diversos meios de expansão da poesia a partir da sua interlocução com outras artes. A pesquisa está ancorada nos estudos sobre a poesia digital, seus novos suportes, a poesia e o computador, a questão da interatividade e da hipermedialidade presentes nas obras do Garcia. Será apresentada também a ideia do autor sobre “descategorizar a poesia para recategorizá-la”, bem como algumas considerações sobre os textos em ambiente digital, pensando que a criação de um texto é resultado da combinação proporcionada entre o que já é conhecido e o saber proveniente de outras áreas, o que possibilita ampliar o panorama sobre os estudos de poesia com a inovação tecnológica – não apenas unir poesia e tecnologia, mas explorar formas novas e originais.

A escrita roteirizada de Marçal Aquino em “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios”

Marília Corrêa Parecis de Oliveira (UNESP)

Resumo Desde a invenção do cinematográfico no final do século XIX – e possivelmente até mesmo antes dela – o diálogo entre literatura

e cinema se relevou profícuo. Com o desenvolvimento da arte cinematográfica, cuja estética estava em perfeita sintonia com o advento da modernidade, entendida aqui, sobretudo, enquanto modernização técnica e industrial, estabeleceu-se, por parte dos outros campos artísticos, uma espécie de elogio estético ao cinema, dada a sua afinidade com as transformações efervescentes da vida moderna, que poderiam ser sintetizadas pelo dinamismo de sua imagem. Com isso, no contexto brasileiro, os escritores vanguardistas do início do século XX aproximaram-se do cinema, de modo entusiasmado, como possibilidade e inovação estética e renovação para o campo literário. No entanto, quando nos deslocamos para a contemporaneidade, percebe-se que diálogo com o cinema no romance brasileiro difere do que almejou a vanguarda modernista, já que se passa, simultaneamente, a problematizar a ideia do cinema na forma do texto e as dificuldades de representação em um universo inundado pelo audiovisual, bem como a incorporar experimentalismos estéticos como possibilidade de diálogo com o mercado. Tendo em vista essas discussões, propõe-se nesta comunicação uma análise do romance *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino, com o intuito de observar que efeitos estéticos e de sentido decorrem da “escrita roteirizada” utilizada pelo autor para a construção da narrativa literária. O termo “escrita roteirizada” é utilizado por Schøllhammer (2009) para designar a produção literária brasileira que tem início a partir da década de 1990, quando surgem “narrativas análogas aos meios audiovisuais e digitais” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 38). Logo, a perspectiva aqui adotada não diz respeito a comparar duas linguagens diversas, mas a permanecer no domínio da escrita e investigar como ela corrobora traços de uma linguagem ligada à tecnologia icônica.

As escritas sígnicas de Wilton de Azevedo: poesia, visualidade, música e tecnologia

Rogério Barbosa da Silva (CEFET-MG)

Resumo Podemos dizer que a produção artística de Wilton Azevedo é um híbrido que se desdobra de suas próprias habilidades de poeta, artista visual, designer e músico, além do seu interesse sobre aquilo

que intitula como “escritura expandida”. Desde os anos 1980, em seu laboratório/ateliê o poeta vinha produzindo novas formas de escrita, como o “Poesia alegórica” (1987), passando pelo CD-ROM “Interpoesia” (1997-98), com o também poeta e crítico Philadelpho de Menezes, uma espécie de jogo ideográfico com estrutura interativa. Posteriormente, passa a produzir trabalhos com intervenções sonoras sobre as imagens, como em *Take it* (2012), às vezes com a participação performática de Rita Varlesi, como em *Ata-me – Angústia do precário* (2006), entre outros. Sua poética desperta interesse tanto pelo imbricamento de linguagens quanto pela apropriação do tecnológico no gesto criativo e o trabalho colaborativo multi-autoral. Sobre as linguagens, pode-se dizer que elas se tornam indissociáveis no objeto poético, mesmo quando eventualmente uma passa a, ou parece, conduzir o processo criativo. Por outro, a partir da produção colaborativa, seja performática na participação de Rita Varlesi em voz e corpo, na voz de outros poetas, no texto do outro que se desdobra noutras linguagens (caso do *Cosmonauta*, de Alckmar dos Santos, que se torna uma espécie de “teatro aberto”, num momento, e depois é levado para o ambiente interativo. Observa-se também que a interatividade do texto num dispositivo nem é requerida nas produções de Azevedo, mas a imersão do espectador/leitor na obra se torna central desde os primeiros trabalhos. Este é, portanto, o objetivo desta comunicação: investigar nos trabalhos referidos os modos de interação das linguagens em interface com o tecnológico como forma de produção de uma arte que se expande para além das fronteiras das áreas e dos gêneros.

**Entre a liberdade e a coesão narrativa:
a agência em *OWNED – um novo jogador*, de Simone Campos**

Flávio Vilela Komatsu (UFSCar)

Resumo Há uma diferença material entre o meio digital e o meio impresso. A exploração poética dessa diferença traz à tona a literatura digital, uma literatura com características expressivas que dão novas formas à matéria verbal. Uma dessas formas é o hipertexto narrativo, cuja oferta de hiperlinks implica em percursos de leitura distintos que permitem ao interator participar ativamente da narrativa.

Potencializado pela interface digital, o hipertexto traz especificidades que necessitam de novos parâmetros teóricos para se apreciar sua poética. Um parâmetro essencial para isso é o conceito de agência: um prazer estético ligado ao poder de intervir no resultado de algo. Mas para que isso funcione narrativamente, é preciso um universo ficcional estruturado como um sistema em que as “histórias que sejam suficientemente impulsionadas por objetivos para guiar a navegação, mas também mantenha o final aberto o bastante para permitir livre exploração, exibindo uma estrutura dramática satisfatória” (MURRAY, 2003, p.134). *OWNED – um novo jogador*, de Simone Campos, é uma narrativa hipertextual digital em que o interator assume o papel do protagonista da história. Fragmentada em episódios narrativos que se conectam por meio de hiperlinks, cada hiperlink é uma opção de percurso que acaba por determinar o rumo do personagem. A partir da intersecção entre os objetivos, a liberdade de ação, e a coerência dramática da narrativa, este trabalho se propõe a uma análise da qualidade da agência dessa obra digital.

Entre a sequência e a obsolescência: arquivo e preservação digital em plataformas de autopublicação de fanfictions

Ingrid Lara de Araújo Utzig (IFAP/UNESP/UNIFAP)

Resumo Falar sobre o acervo de obras digitais é tratar de questões como a descontinuidade, com a premissa de que tudo que é criado já é, obrigatoriamente, inclinado à obsolescência programada. A atualização da técnica deixa dispositivos e softwares anteriores descartáveis e isso também produz efeitos na literatura e em sua permanência. Nesse sentido, utilizando autores como Beiguelman (2003), Derrida (2001), Debray (1993), Recuero (2009), Gillespie (2010) e outros, este trabalho buscou problematizar a migração da plataforma de autopublicação de fanfictions Nyah! para sua substituta, intitulada +Fiction, no intuito de observar as características das interfaces e como o retrato da relação construída no fandom deixou de ser transposto para o +Fiction, o que gerou a perda de dois elementos relevantes: o contexto de criação e o de circulação das fics. Diferentemente de outras redes sociais que foram extintas (como o Orkut), o Nyah! não foi excluído (ainda): o webmaster elaborou um sucessor. No entanto, essas

plataformas possuem características específicas do mídiu, indicadores próprios de legitimação na comunidade, como “favoritos”, fanarts, comentários, notas e processos de consagração relevantes para compreensão do funcionamento desse polissistema literário (EVEN-ZOHAR, 2017) em particular. Assim como outra materialidade = outra obra, essa tentativa de “sequência” motivada pela obsolescência dos recursos oferecidos pela plataforma anterior também é intermitência (ao transferir apenas os textos, excluem-se todos os outros elementos que configuram a existência e o happening dessas fics).

Librare: uma análise do processo de remediação do livro impresso para o digital

Andréia Shirley Taciana de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo As obras criativas híbridas que mesclam imagens, áudios, animação e programação têm possibilitado uma discussão acerca da expansão da literatura para além do formato impresso, bem como de publicações eletrônicas que materializam a chamada “literatura digital”. Nesta comunicação, discutiremos o que Bolter e Grusin (2000) designam como “remediação”, refletindo a transposição do livro *Librare* (1986) de Álvaro Andrade Garcia, do impresso para o digital, criação homônima de 2002. Poeta, artista digital, escritor, diretor de produções audiovisuais e multimídia e autor de diversos livros, Álvaro Andrade Garcia possui uma trajetória multifacetada e tem cada vez mais se dedicado à releitura de suas obras como criações digitais. *Librare* digital é resultante da seleção de poemas do livro que foi constituído como livro de artista e guarda um pouco do entusiasmo do poeta mineiro pela obra de Henry David Thoreau, poeta e naturalista estadunidense. Como se trata de uma transposição de mídia, na análise queremos discutir o que se mantém de uma obra para outra e como a obra digital remediada pode expandir as possibilidades signícas contidas na obra anterior, mantendo um certo jogo de fricção entre as duas realizações. Nesse sentido, a título de exemplificação, vale observar até que ponto a interatividade inerente às produções digitais amplificam a imaginação do leitor/interator? No impresso, a dimensão lúdica continha a potencialidade virtual dos elementos convertidos em interatividade digital? São esses alguns dos elementos que essa análise pretende esboçar.

Literatura brasileira: uma leitura distante

Emanoel Cesar Pires de Assis (UEMA)

Resumo A partir da análise de um corpus de literatura brasileira, o Obras (<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>), composto, atualmente, por 270 obras de autores e autoras brasileiras e contabilizando 7.3 milhões de palavras, pretendemos demonstrar características da nossa produção literária que são mais perceptíveis por meio daquilo que Franco Moretti (2008) tem denominado de Leitura Distante (*distant reading*). Para tanto, utilizamos a interface do projeto AC/DC (acesso a corpos, disponibilização de corpos), que, a partir do emprego do Palavras (BICK, 2000) – uma ferramenta de anotação morfossintática automática que utiliza regras de desambiguação contextual – atribui informação a um texto ou conjunto de textos. Após realizar marcações de natureza semântica e criar um conjunto de regras que ajudam no processo de reconhecimento de informações que queremos destacar, o trabalho, além de contribuir para o campo das Humanidades Digitais e da relação entre literatura e tecnologia, pretende demonstrar particularidades da literatura brasileira que a leitura atenta (*close reading*), por focalizar numa dimensão muito reduzida, não consegue perceber. Entre tais particularidades, destacamos: a quantidade e a forma como os personagens negros, os femininos e os masculinos são retratados nesse conjunto de obras literárias brasileiras e como tais representações modificam-se ao não ao longo do tempo. Os resultados iniciais nos permitem afirmar que tanto o corpo feminino quanto suas emoções recebem qualificações que se encontram em campos semânticos diferentes daquelas dos corpos e emoções masculinas, e, quando não estamos falando de personagens brancas(os), tais qualificações ganham contextos ainda mais negativos.

Literatura Digital Brasileira: olhar para a produção crítica

Rejane Cristina Rocha (UFSCar)

Resumo Esta comunicação pretende discutir, a partir de uma perspectiva metodológica identificada como “leitura distante”, por Franco

Moretti (2008), os contornos e especificidades da produção crítica brasileira sobre a literatura digital. Para isso, parte de um banco de dados de teses e dissertações, defendidas em programas de pós-graduação no interior da grande área Literatura e Linguística, disponíveis online e que apresentam, nas palavras-chave, um ou mais entre os seguintes termos: literatura digital, literatura eletrônica, ciberliteratura, poesia digital, literatura e internet. A partir desse mapeamento, é possível identificar os contornos da crítica literária sobre a literatura digital em trabalhos acadêmicos no Brasil: seu teor (analítico ou teórico); sua abordagem metodológica; a rede teórico-conceitual que lhe dá suporte; as obras que lhe servem de corpus. Além disso, os dados levantados permitem identificar se há, no interior dessa produção crítica, um repertório (EVEN-ZOHAR, 2017) de obras digitais já consolidado e o lugar ocupado pela literatura digital no interior do polissistema literário (EVEN-ZOHAR, 2017) brasileiro. Os dados a partir dos quais se constrói esta reflexão são resultantes de projetos de pesquisa vinculados ao Observatório da Literatura Digital Brasileira e consonantes com as reflexões e metodologias empregadas pelo Projeto (CNPq 405609/2018-3) “Repositório da Literatura Digital Brasileira”.

Literatura e tecnologia: dos algoritmos ao *streaming*

Fellip Agner Trindade Andrade (UFJF)

Resumo As influências das tecnologias de comunicação em nossas vidas têm atingido não apenas questões práticas de nosso dia a dia, mas também questões mais subjetivas, como a forma que construímos laços sentimentais nas redes sociais, a forma como consumimos arte e cultura e, até mesmo, a forma como pensamos (HAYLES, 2007). A literatura, obviamente, não se encontra fora do alcance dessas influências. Vistas por muitos como algo nocivo à arte e à cultura, especialmente à literatura, as atuais tecnologias de comunicação, sobretudo as mídias, têm se mostrado, ao contrário, promissoras à recepção literária de certa forma: algoritmos que impulsionam livros e autores, leitores que compartilham suas leituras e suas impressões nas redes sociais (como no recente exemplo de *Torto Arado*, 2020), além do cinema e dos serviços de streaming que têm cada vez mais

levado às telas obras literárias que se tornam grandes sucessos de público após suas traduções intersemióticas (como no exitoso exemplo de *The Handmaid's Tale*, 1985). Pode-se dizer, então, que ao contrário do que muitos tendem a pensar à primeira vista, as “novas” tecnologias (assim como a prensa um dia o fora) podem, na verdade, trabalhar em prol da literatura, e da cultura de forma mais ampla. Tomando como suporte teórico o auxílio de autores como Canclini (2008), Hayles (2007), Jenkins (2009), Ong (1998), Flusser (2010), entre outros, este trabalho pretende apresentar as formas pelas quais a tecnologia, por meio das mídias, pode agir em favor da produção e da recepção literárias.

Literatura Estrangeira no ensino médio: incentivo à leitura, multiletramentos e criatividade em ação

Bárbara Cotta Padula (CEFET-MG)

Resumo A Literatura é uma das formas mais enriquecedoras de levar pautas importantes a serem discutidas em sala de aula, principalmente quando falamos de adolescentes. É nosso papel como docentes instigar a curiosidade de nossos alunos tanto sobre temas relevantes quanto sobre a Literatura. Nesse viés, ao decidir levar a Literatura Inglesa para a aula virtual de Inglês do segundo e terceiro ano dos cursos técnicos integrados em Edificações e Meio Ambiente do CEFET-MG – Campus Curvelo, tivemos os seguintes objetivos: (a) de despertar o interesse dos aprendizes pela leitura e pela Literatura Estrangeira, assim como pelo idioma em questão; (b) tratar de assuntos relevantes que eram discutidos nas obras escolhidas e (c) trabalhar os multiletramentos (ROJO, 2012). As obras utilizadas foram “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen para o segundo ano e “Romeo e Julieta” de William Shakespeare para o terceiro. O primeiro passo foi discutir a importância da leitura em geral bem como de fontes estrangeiras. Em seguida, nosso foco foi apresentar as principais características das obras e os temas abordados pelos autores dando espaço para que os estudantes pudessem expor suas opiniões a respeito de tais assuntos. Por fim, os alunos tiveram que produzir uma releitura de uma cena, por meio de outro gênero (podcast, tirinha, entrevista com os personagens, perfis de redes sociais, poemas, conversa de

whatsapp) já conhecido por eles, com o objetivo de levar a obra para o senso comum. Tendo tudo isso em vista, neste trabalho, pretendemos compartilhar como se deu o processo de aplicação da proposta do projeto em questão, a repercussão do mesmo em entre os aprendizes e mostrar como a Literatura está mais presente na vida dos adolescentes do que podemos imaginar.

Literatura no Século XXI:

Encantamentos das Leituras a partir das Perspectivas Digitais

Eliane Dolens Almeida Garcia (UFMT)

Resumo Este artigo tem por objetivo refletir os desafios de utilizar a tecnologia no contexto da sala de aula na era digital. Nossa reflexão se inicia nos anos de 1960 início das grandes transformações culturais que constituíram impacto decisivo em nossa maneira de perceber o mundo e de viver, com ênfase no início dos anos 90, com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Atualmente a familiaridade dos adolescentes com a tecnologia, que faz deles nativos digitais, não os torna automaticamente habilitados para compreender, distinguir e usar de modo eficiente o conhecimento disponível na internet. Nunca fomos tão desafiados, mas também nunca tivemos tanto acesso a tantas informações, portanto, a escola também precisa contemplar o acesso aos canais de publicação que atualmente passam a ser fontes inesgotáveis de informações. De acordo com dados apresentados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE – os estudantes são, em grande parte, incapazes de compreender nuances ou ambiguidades em textos online, localizar materiais confiáveis em sites de busca na internet ou em conteúdo de e-mails e redes sociais, avaliar a credibilidade das fontes de informação ou mesmo distinguir fatos de opiniões. Como afirma a enquanto estudiosa desta temática a Prof.^a Lucia Santaella, assevera que o aluno precisa se encantar pela tecnologia, conhecer as possibilidades para depois se encantar pela literatura. Assim, surge uma indagação, por onde começar no uso das tecnologias? É importante utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica e ética. Para melhor compreender as transformações pelas quais a escrita e a leitura passaram até chegar à era digital e como inserir a escola

nesse contexto, tomaremos por base teórica, dentre outros, o francês Roger Chartier (1999), que nos convida a pensar a postura do leitor em face a leitura e a escrita em diversificados suportes: Oral, Manuscrito, Impresso e Digital.

Modos de ler e os espaços virtuais para a produção de leitura

Andréa Catrópa da Silva (UAM)

Resumo O título desta comunicação faz referência a uma palestra de Johanna Drucker, apresentada em 2003, na qual a autora volta-se para pensar em como os livros impressos produziram relações dinâmicas por meio de suas estruturas formais de modo a criar não só um espaço físico, como também um espaço virtual. Em diversos de seus trabalhos, a autora dedicou-se a aprofundar sua compreensão dos modos visuais de produção de conhecimento e a buscar formas de convenção gráfica que preservem a ambiguidade necessária para o campo das humanidades (DRUCKER, 2014), em um movimento que privilegia a graphesis (cuja premissa é a irredutibilidade do material ao código, pressupondo que há perda e ganho em qualquer transformação que ocorra como parte do processamento de informação) em lugar da mathesis (como mito da tecno-superioridade das premissas matemáticas). Em outra abordagem da análise de elementos culturais do presente, Lev Manovich (2017) propõe que, se as Humanidades Digitais podem se debruçar sobre objetos que se reduzem a números que vão, desde poucas, até alguns milhares de manifestações, há setores que geram um número quase infinito e dinâmico de produtos, como ocorre nas redes sociais. Para esse tipo de objeto, seria necessário um tipo de abordagem que Manovich chama de Cultural Analytics, voltada a padrões que podem ser derivados da análise de grandes conjuntos de dados culturais, mas cuja análise idealmente levaria também a casos individuais. Nesta comunicação, objetivamos verificar se essas reflexões contribuem para pensar em novas formas críticas, e, também, em como aproveitar conceitos como o design de informação, conhecimento gráfico e a representação do conhecimento para aprimorar a legibilidade das obras de e-lit.

Narrativas eletrônicas versus narrativas impressas – analisando o caso de “Refúgio”, de Cátia Ana

Maiara Alvim de Almeida (IFRJ)

Resumo Com o advento das tecnologias digitais, ao longo do século XX, novas possibilidades desvelam-se para a criação, veiculação e leitura de narrativas. O suporte eletrônico, como pontua Landow (1997), apresenta-se como um espaço para experimentações, quebras de linearidade e exploração das possibilidades do hipertexto eletrônico. Assim, temos narrativas que combinam diferentes mídias em sua composição, o que lhes confere caráter híbrido e as coloca nas difusas fronteiras entre gêneros narrativos e formas de arte. A literatura mescla-se a outras linguagens artísticas, criando obras únicas e singulares, cuja composição e leitura dinâmica, interativa e participativa desenrolam-se graças ao suporte digital. No entanto, apesar das possibilidades múltiplas que o meio eletrônico propicia, observa-se que ainda há uma procura de alguns autores em se publicar no formato impresso, tendo esse ainda uma aura e um prestígio atrelado a ele. Tal procura intensifica-se no caso dos autores independentes, os quais procuram no digital uma alternativa de baixo custo e alto alcance para publicação de suas obras, a possibilidade de se lançar uma obra impressa liga-se também à procura de compensação econômica, algo que nem sempre se faz possível somente no eletrônico. A transposição de uma obra concebida no e para o suporte digital para o impresso, no entanto, vem acompanhada de algumas alterações e adaptações que precisam ser feitas, tendo-se em vista as características, possibilidades e limitações de cada suporte. Assim, neste trabalho, analisaremos o caso do capítulo “Refúgio” da obra em quadrinhos eletrônica O diário de Virgínia (2010 – 2016), da autoria da autora brasileira Cátia Ana. O capítulo, publicado inicialmente em formato eletrônico, foi transposto para o formato impresso. Analisaremos as adaptações necessárias para tal mudança de mídia, bem como os impactos que cada formato traz para o enredo do capítulo.

Notas sobre a poética diagramática de Jim Rosenberg em *Diagrams Series 6: 6.4 and 6.10*

Vinícius Carvalho Pereira (UFMT)

Resumo Desde 1968, o artista digital norte-americano Jim Rosenberg vem desenvolvendo experimentos estéticos na interface entre poesia e mídia digital. Do vasto conjunto de sua obra, interessamos analisar o que Rosenberg chamou de *Diagram Poems*, isto é, composições poéticas estruturadas como esquemas lógicos a serem visualizados interativamente em interfaces computacionais. Produzidos ao longo de mais de três décadas, seus diagramas poéticos compõem-se de palavras que se articulam pela sintaxe da língua inglesa para formar pequenos blocos verbais, os quais são conectados entre si por uma gramática visual de formas geométricas, vetores, superposições e justaposições. Tais recursos semióticos são ainda transformados conforme o leitor navega pela obra e clica em seus signos, desencadeando a ocultação/revelação de novas porções textuais, as quais beiram o ilegível devido à hipertrofia de elementos gráficos. No âmbito dos *Diagram Poems* do artista, destacamos para este trabalho a *Diagrams Series 6: 6.4 and 6.10*, originalmente publicada em 2005 e incluída no volume 1 da *Antologia da Electronic Literature Organization*, de 2006. Em nossa leitura, questionamos os modos como a linguagem esquemática de diagramas, cara à modelagem de processos e de arquiteturas no universo das tecnologias digitais, torna-se material poético na obra de Rosenberg e nos convida a tentar ler, de maneira hiperconectada, as lexias verbais da série, não obstante a profusão informacional da interface. Para tanto, adotaremos como lentes analíticas proposições teóricas sobre o sublime tecnológico e a inefabilidade acarretada pelas neotecnologias (COSTA, 1995), o estatuto semiótico indicial dos diagramas (PIGNATARI, 2004) e as epistemologias referentes às técnicas de visualização de informações (DRUCKER, 2014).

Poéticas Digitais no Brasil: cartografias de uma rede de poetas, artistas e pesquisadores

Amanda Rafaela Gomes Martins (CEFET-MG)

Resumo Este estudo visa refletir sobre como uma rede colaborativa de criações de poesia e arte experimentais pode contribuir para a constituição de um conceito de Poéticas Digitais. A análise contempla experiências, produções científicas e artísticas dos grupos: 1maginario, Ciclope, Tecnopoéticas, Nupill e Labfront, os quais constituem laboratórios teóricos e práticos de poéticas digitais. Pela prática criativa e crítica, formam uma rede, conversam entre si e, especialmente, compõem um movimento no Brasil na direção de um conhecimento técnico e científico sobre poesia e artes digitais. Para compreender como se articula a rede, adere-se à noção de “comunidades experimentais” proposta por Jaboby (2011). Levanta-se a hipótese de que esses grupos funcionam como agenciamentos coletivos de enunciação que operacionalizam a criação poética e a ciência enquanto agenciamento maquínico, em um processo de produção de subjetividades (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A aproximação entre campos de estudos, das artes e da literatura, em processos criativos e críticos, permite a observação de um movimento que busca uma experiência estética e narrativa através da linguagem digital e que extrapola o que se entende por “literatura”, promovendo assim uma abertura do campo de conhecimento. As experiências das práticas poéticas e a produção científica e crítica das redes permitem discutir o conceito de Poéticas Digitais através das relações entre linguagem, poesia e máquina.

Revista *Texto Digital*: Percursos possíveis

Nair Renata Amâncio (UFSCar)

Resumo É crescente o interesse pela literatura digital, majoritariamente pela produção artística, todavia acompanhar uma literatura em sua complexidade significa atentar para os diversos mecanismos que engendram seus processos de produção, circulação, recepção e possível institucionalização. Assim, dedicamo-nos a compreender uma etapa significativa da valoração de qualquer literatura: a crítica

literária institucionalizada. Por meio da análise da *Texto Digital*, único periódico brasileiro institucional que se dedica às discussões relativas à literatura e tecnologia desde a sua criação, publicando além de artigos e ensaios de cunho teórico-crítico Criações digitais, descrevemos e analisamos a produção crítica institucionalizada publicada pelo periódico entre os anos de 2004 e 2018. Por meio das análises objetivamos compreender o modo como a produção crítica sobre literatura digital vem se configurando na sua relação com a técnica (SANTOS, 2006). Enquadramos o estudo na perspectiva teórica de Itamar Even-Zohar (2017), que possibilita o entendimento do literário como uma atividade complexa, englobante de diferentes fatores. A análise possibilitou o desnudamento do papel exercido pela *Texto Digital* ao publicar, veicular, divulgar e armazenar tanto produtos artísticos quanto produção crítica sobre a literatura digital. Para tanto, mobilizamos as discussões propostas por Gainza (2016, 2018, 2020), Rocha (2014, 2016, 2018, 2019), Kozak (2014, 2018) e Flores (2016, 2019, 2021) sobre as especificidades da literatura digital no contexto latino-americano. Ressaltamos que essas reflexões são desenvolvidas no cerne do grupo de pesquisa Observatório da literatura digital brasileira e, ainda, se inserem no contexto das discussões fomentadas pelo projeto Repositório da Literatura Digital Brasileira, (CNPq – 405609/2018-3).

Simpósio 49**Literatura e testemunho: teorias, limites, exemplos**

Marcelo Ferraz De Paula (UFG)

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)

Marcelo Paiva De Souza (UFPR)

Resumo Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalámov, entre outros. Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos voltados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet aos Racionais MC’s. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; vínculo estreito com a história; etc. A ideia é, portanto, “manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que “testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a existência da “literatura de testemunho”, na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo “subalternizado” depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que “o estudo do

testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, 2012, p. 52). O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito primordialmente ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem ou provoquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011, em Curitiba, este Simpósio teve a sua primeira edição. Desde então mantém sua regularidade nos congressos da Abralic: teve a sua segunda edição em 2013, em Campina Grande; a terceira em 2015, em Belém; a quarta em 2017, no Rio de Janeiro; a quinta em Uberlândia, em 2018; a sexta em Brasília, em 2019; e a sétima na versão online de 2020. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Bernardo Élis, Bernardo Kucinski, Boris Schnaiderman, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Eduardo Galeano, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lucinda, Ferréz, Franz Kafka, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Antônio, Kaka Werá Jecupé, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Manuel Alegre, Mario Benedetti, Miron Białoszewski, Noemi Jaffe, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Tierra, Primo Levi, Racionais MC's, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksiévitch, Ungulani Ba Ka, Wladyslaw Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

**“Diário do Hospício”:
onde o testemunho e a literatura se encontram**

Thais da Silva César (UERJ)

Resumo Enquanto as ruas do Rio de Janeiro do início do século XX respiravam os ares da modernidade, o hospício encobria pobres, pretos, mulheres, imigrantes, bêbados, doentes ou quem ousasse perturbar a ordem social. Levados até ele pelas mãos da polícia e com o respaldo da ciência; ali jaziam os excluídos do projeto de nação. Foi pelas mesmas mãos da polícia que Lima Barreto chegou ao Hospital Nacional dos Alienados em 25 de dezembro de 1919 e lá ficou internado por delírios alcoólicos até 02 de fevereiro de 1920. Bêbado, mulato e pobre, numa época em que essas características eram sinais de degenerescência; vêm de alguém tido como louco as anotações carregadas de lucidez que deram origem a “Diário do Hospício”, obra que desvela o caráter de exclusão e arbitrariedade das internações da época e põe em xeque as certezas da ciência quanto ao conhecimento e tratamento da loucura. O trabalho propõe a investigação de “Diário do Hospício” sob a perspectiva do testemunho, tendo como base estudos sobre: (i) diários, como os de Lejeune e Blanchot; (ii) testemunhos, como os de Seligmann-Silva, Benjamin e Salgueiro e (iii) disciplina e controle, como os de Foucault. No hospício que dociliza os corpos e fragmenta a subjetividade, é pela voz de autor que Lima encontra uma possibilidade de testemunho; no hospício que dociliza o tempo, o narrador se aferra ao fluxo temporal do diário como tentativa de resistência e; se o hospício examina, é o olhar do interno que dá o diagnóstico na obra. E, ao conjugar esse olhar às estratégias narrativas e literárias de escritor, “Diário do Hospício” supera qualquer tensão que possa existir entre testemunho e literatura para se consagrar como obra onde o testemunho e a literatura se encontram.

**“Esta é a realidade da minha vida”: primeiras considerações
sobre a literatura testemunhal de Vera Tereza de Jesus**

Luciana Iost Vinhas (FURG)

Resumo Nas primeiras décadas do século XXI, pudemos observar a emergência da escrita do/no cárcere como um lugar possível de

produção autoral no sistema literário brasileiro. Acontece, especialmente nesse período, a publicação de obras escritas por pessoas que estão enclausuradas no sistema penitenciário brasileiro (ou que por ele passaram), e, aliado a isso, o interesse pela recepção desse tipo de literatura. No entanto, as vozes autorais femininas ainda são poucas (CORONEL, 2018), e, quando as mulheres em situação de privação de liberdade são “escutadas”, passam a ser objeto do ponto de vista de um autor desinteressado pela denúncia/revolta que gostariam de presentificar. A discussão que procuramos empreender com este trabalho tenta resgatar, por um gesto entendido como próprio de uma historiografia literária da subalternidade brasileira, uma obra fundamental para compreendermos a relação entre três elementos, que serão por nós trabalhados: a literatura testemunhal de cárcere, a escrita feminina e a memória subalterna. Assim, provocaremos uma discussão sobre a obra *Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você* (1964), de Vera Tereza de Jesus, uma das primeiras brasileiras a expor o testemunho de mulher oprimida e explorada na formação social capitalista brasileira de meados do século XX. Para isso, retomaremos alguns conceitos fundamentais relacionados à literatura testemunhal, atentando para a análise de recortes do texto de Vera Tereza de Jesus. O trabalho constitui parte de pesquisa em fase inicial em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande.

A pós-memória nas *graphic novels* testemunhais *Maus* de Spiegelman e *Chleb WOLNOŚCIOWY* de Piechnik

Karina Moraes Kurtz (UFMS)

Resumo Esta pesquisa propõe analisar as duas *graphic novels* citadas no título sob a visão das narrativas de testemunhos dos horrores vividos na Segunda Guerra Mundial. O objetivo geral do trabalho é mostrar como o conceito da pós-memória, desenvolvido por Marianne Hirsch (2012) está plenamente visível nas *graphic novels* selecionadas e como o autor alcança, de fato, a sobrevivência de seus antepassados através da memória. Os autores, Spiegelman e Piechnik, fazem uso de outras formas artísticas afim de conseguir relatar o horror sofrido por seus pais nos campos de guerra e na shoah. O

ser humano é capaz de gravar não apenas as memórias vividas por si mas também de terceiros, quando relatadas ou vistas, assim, Spiegelman herdou as memórias de seus pais, prisioneiros nos campos de concentração nazistas. Piechnik revive memórias e traz dados pessoais de pessoas que perderam suas vidas nos campos, a partir de diários nazistas. São memórias dolorosas que, somadas às imagens das graphic novels, torna a experiência da leitura mais vívida. A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico/exploratório, pois serão analisadas as três obras e seu conteúdo: o discurso empregado na tentativa de manter a memória viva, para que a humanidade jamais esqueça e repita tais atos atrozes. O referencial teórico é constituído por autores como Seligmann-Silva (2017); Will Eisner (2010); Waldomiro Vergueiro (2014), entre outras referências literárias. Acredita-se que tais obras cumprem com o propósito de rememoração de pessoas que, infelizmente, perderam suas vidas antes do final da segunda guerra, tais (pós)memórias são patrimônios históricos culturais que são eternizados através da arte.

As figuras do testemunho latino- americano

Christian Marie Victor Simon Dutilleux (UFRRJ)

Resumo No seu ensaio “Las narraciones guerrilleras: configuración de un sujeto épico de nuevo tipo” (publicado no livro *Narraciones de testimonio en América Latina – cinco estudios*, Editora Universidade de Puerto Rico, Puerto Rico, 1992), o crítico porto-riquenho Juan Duchesne observa que a narrativa guerrilheira registra e configura textualmente a sorte histórica de uma empreitada planejada desde o seu começo até o momento de sua vitória ou do seu fracasso. O seu cronotopo é o da trajetória desta empreitada. Diferente de outras narrativas que podem se conformar com o ser e o acontecer do mundo, a narrativa guerrilheira se propôs abarcar o desenvolvimento de um projeto de modificação deste ser e acontecer. Centenas de obras de testemunho dos guerrilheiros inspirados no modelo de Che Guevara Pasaje de uma guerra revolucionária foram publicadas na América latina dos anos 60 aos anos 90 do século passado, reproduzindo o modelo descrito por Duchesne. De certa forma, o seu ensaio propõe a definição de uma categoria de testemunho (no

caso o testemunho de guerrilheiro) a partir da convergência entre a configuração do narrador protagonista e um determinado cronotopo. Cabe perguntar se esse procedimento não pode ser repetido para definir outras categorias de testemunho na América latina, como o testemunho de um sujeito subalterno ou o testemunho de sobrevivente por exemplo.

Confissão e Testemunho em *Memórias do cárcere*

Angélica Fernanda Mondêgo Ramos (UFMA)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo refletir e analisar a obra *Memórias do cárcere*, relacionando a Memória e Literatura de testemunho na construção narrativa da obra. No livro temos o relato de um episódio da vida do escritor pela óptica da memória individual, que busca esclarecer um acontecimento histórico a partir de um ponto de vista subjetivo abrangendo a memória coletiva, atrelada a um determinado contexto social e político. Nas *Memórias do cárcere* observamos também que a narrativa é atravessada por um forte viés testemunhal, tendo em vista que foi concebida a partir de uma experiência traumática, resultado do período em que Graciliano Ramos ficou preso, detido arbitrariamente entre março de 1936 e janeiro de 1937, o escritor coloca no papel as suas memórias daquele período angustiante e turbulento, configurando-se de como um testemunho visceral das condições do cárcere brasileiro que desumaniza e sonega direitos e necessidades básicas, além de atestar toda a crueldade e opressão política da era Vargas. Para realizar tal análise, adotamos como aporte teórico nos estudos de Memória, os postulados de Hallbwachs e Pollack, para tratar de memória individual, coletiva e silenciamento, no que concerne a Literatura e testemunho os estudos de Seligman Silva, Salgueiro, Gagnebin e Paul Ricoeur, para atestar o caráter marcadamente testemunhal da obra supracitada. O presente estudo visa trazer mais reflexões para a obra graciliânica, contribuindo para novas discursões em torno da literatura de testemunho nas narrativas modernas.

Convertendo nós em tranças: o testemunho como ficção especulativa

Raquel Tamaio De Souza (PUC-Rio)

Resumo Historicamente o testemunho é situado no século XX como narração do trauma; sendo o século XX a era marcada por diversas catástrofes, atribuiu-se ao testemunho uma importância de memória e construção histórica. Há ainda, pelo menos, duas funções importantes do testemunho: a função exemplarizante, como a do mártir, cujo testemunho de seu sofrimento e de sua fé são exemplares; e a função denunciatória do testemunho, que compartilha experiências silenciadas de pessoas subalternizadas e marginalizadas. Entretanto, além dessas atribuições e funções do testemunho, haveriam outras? Proponho nesta comunicação pensar a possibilidade o testemunho como ficção especulativa, ou seja, o testemunho como narrativa que, independentemente de dados “verídicos”, “históricos” ou “factuais”, dê conta de narrar as experiências vividas. Tomo como ponto de partida, para verificar tal possibilidade, algumas narrativas do artista plástico Tunga, que chamo de testemunhos especulativos, publicadas no livro “Barroco de lírios”. Tunga joga com a duvidade entre o que de fato ocorreu e como se relata o ocorrido; quer dizer: ele realiza o gesto especulativo de narrar aquilo que ocorreu, mas que ocorreu exatamente do modo que ele relata – não do modo como ocorreu. Dito de outro modo ainda: ele instaura uma espécie de terceira via do ocorrido, entre o vivido, o imaginado e o narrado. Interessa com esta discussão pensar os limites e negociações entre realidade e ficção: quais os limites que a ficção instaura entre o que é verdadeiro e falso, entre o documental e a fantasia, entre o real e o imaginado? Para embasar tal discussão, recorro a Juan José Saer e Alexandre Nodari, em seus argumentos sobre o conceito de ficção e de antropologia especulativa. Por fim, na esteira de Donna Haraway e suas práticas “SF”, tento pensar o testemunho como ficção especulativa na perspectiva de configurações de mundos e multiplicação de possíveis.

**Das sombras ao sol: uma análise comparativa
de *Formas de volver a casa* (2017) de Alejandro Zambra
e *Hija de Revolucionarios* (2018) de Laurence Debray**

Diego Cardoso Perez (UFRJ)

Resumo Os mais aterradores eventos históricos do século XX parecem ter aproximado, de algum modo, a produção literária da Europa e do Cone Sul. Nesse sentido contextual, ambas as produções parecem apresentar narrativas que, apesar das suas devidas idiossincrasias históricas, com as ditaduras militares latino-americanas e o fenômeno de regimes fascistas e os embates bélicos entre países europeus, produziram filhos de pais silenciosos ou silenciados dispostos a completarem as lacunas de suas memórias familiares ou mesmo de recuperar uma História factual e alternativa em oposição a narrativas ficcionais oficiais perpetradas pelo Estado. Neste trabalho comparativo, nos dispomos, assim, a analisar duas obras sobre a ótica dessa “narrativa de filiação”, segundo a terminologia de Dominique Viart (2009): *Formas de volver a casa* (2017) do chileno Alejandro Zambra e *Hija de revolucionarios* (2018) da francesa Laurence Debray que, não obstante se colocam em situação semelhante, também parecem se posicionar em pontas opostas do espectro que esse tipo de narrativa pode produzir. Dessa forma, enquanto a obra do chileno pode ter atingido seu pico modelar dessa expressão narrativa, o livro da francesa parece se apropriar dessa linguagem feita a dar voz aos silenciados para tentar reestabelecer o velho status quo das “Grandes Narrativas”, como apresentadas por François Lyotard.

Depois da memória: Zambra e Vidal entre ficção e testemunho

Tatiane de Souza França Rangel (UFRJ)

Resumo Em “*Essayer voir*”, Georges Didi-Huberman defende o testemunho como um lugar movente, que se constrói incessantemente no espaço do “relato contra relato, lacuna contra lacuna”. Quando pensamos nos anos ditatoriais da América Latina e no apressado ponto final que as nações tentaram dar aos seus respectivos capítulos, sabemos o valor dos relatos na tarefa de, como dizia Benjamin, tecer a

história desse período a contrapelo, permitindo a abertura dos arquivos enterrados, das dores e lutos negados. Parto daqui para elencar a seguinte problemática: como pode a literatura ficcional tecer, junto aos relatos, os fios da história? Considero para a discussão os romances “Formas de voltar para casa”, de Alejandro Zambra, e “Mar azul”, de Paloma Vidal, ficções que se aproximam ao revolverem o debate sobre os anos de ditadura no Cone Sul. Ambos relatos dão de alguma forma espaço às dores dos herdeiros daqueles anos: em Zambra, a memória enevoadada de uma criança dos anos de Pinochet, em Vidal, o duplo rasgo causado pelo pai em exílio e pela amiga sequestrada, Elizabeth Jelin se refere à memória como “obstinada”, sublinhando seu caráter em “não se resigna[r] em ficar no passado, insistir em sua presença.” As narrativas aqui propostas constroem um presente no qual tal obstinação da memória lateja como uma ferida aberta. Entre Chile, Argentina e Brasil, as personagens retornam aos anos de opressão buscando reconstruir, reconectar, reencontrar rastros, rostos e porquês. Assim, se pensarmos com Didi-Huberman que o testemunho é aquilo que não deixa de se [re]construir no encontro entre as lacunas dos relatos, de que maneira essas ficções são capazes de dar testemunho, de representar a herança desses anos que insistem, obstinadamente, em entremear o chamado “presente”? Que lugar esses romances ocupam na construção de um imaginário sobre os anos sufocados das ditaduras na América Latina?

Diário de Prisão, poemas de Ho Chi Minh

Yasmeen Pereira da Cunha (UFG)

Resumo O estudo de literaturas de testemunho, de maneira geral, privilegia a análise de textos literários de sobreviventes de eventos históricos catastróficos do século XX, principalmente em relação à Segunda Guerra Mundial – no caso da Shoah – e às ditaduras latino-americanas. Partindo do alargamento dessa perspectiva, propõe-se o estudo do livro de poemas *Diário da prisão*, do revolucionário vietnamita Ho Chi Minh. O livro mencionado representa esteticamente a perspectiva pessoal de Ho Chi Minh, o qual foi encarcerado durante quatorze meses, em 1942, pelo Kuomintang – Partido Nacionalista Chinês. Os poemas são recortes de cenas vividas pelo próprio

revolucionário, mas também do dia a dia violento dos que com ele estavam presos. A importância desse breve estudo é apresentar as catástrofes do século XX como continuidades históricas, as quais afetaram não só a Europa, como também tiveram início muito antes das guerras mundiais com os processos de colonização em África e em Ásia. Por esse motivo, o testemunho de Ho Chi Minh em *Diário da prisão* proporciona alargamento histórico e geográfico para aqueles que foram privados de contar sua própria história. Sendo assim, esta comunicação também apresenta a importância da literatura de testemunho alcançar testemunhos de atos bárbaros fora do contexto europeu e latino-americano.

Escritas insubmissas e testemunhos possíveis em Esperança Garcia e Maria Firmina dos Reis

Antonieile de Cássia Luciano (UFPR)

Resumo Apesar da abolição ter ocorrido há mais de 130 anos, ainda há um fosso cultural envolvendo a divulgação de narrativas de escravizados no Brasil. O número de registros produzidos por esses sujeitos, em torno de 170, também é limitado se comparado à produção de outro país que recebeu parte dos 12 milhões de africanos deslocados forçadamente entre 1525 e 1866. Nos Estados Unidos, se tem conhecimento de pelo menos 6 mil registros que se enquadram nas chamadas *slave narratives* (KRUEGER, 2002). Mesmo que em quantidade modesta no Brasil, esses textos fornecem um retrato que subverte a história oficial sobre a convivência harmoniosa entre negros e brancos (FREYRE, 2003). Hoje, essas narrativas se somam a outros textos que emergem do apagamento da crítica literária para corroborar a existência de negros insubmissos, conscientes de sua condição humana e esperançosos por justiça, caso dos escritos da maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Tendo esse cenário em vista, este trabalho propõe apresentar, pelo viés da literatura do testemunho, como elementos da Carta (1770) de Esperança Garcia (1751-?), escrava considerada a primeira advogada do Piauí, se aproximam do eixo narrativo de Úrsula (1859) no que diz respeito à Preta Susana, personagem que inaugura na literatura brasileira a voz do sujeito negro. Para análise de marcos como narração em primeira pessoa, diálogo

com o tempo presente e táticas de persuasão, parte-se de uma pesquisa histórica e bibliográfica, articulando as noções de testemunho propostas por Ginzburg (2017), de memória, de Halbwachs (1990), e de gênero e raça, de González (1984). Os resultados, embora preliminares, apontam a possibilidade de trazer para o momento atual perspectivas outras em relação à identidade da mulher negra e o testemunho acerca da escravidão.

**“Eu vi a fumaça da pólvora, eu vi a corneta bradar”:
testemunho e resistência cultural no cancioneiro
popular sobre a guerra de Canudos**

Tarcisio Fernandes Cordeiro (UFRB)

Resumo A guerra de Canudos (1896-1897) foi um conflito bélico de grande magnitude nos sertões baianos. O grande contingente de tropas militares, o elevado número de vítimas e a ampla cobertura midiática chamaram atenção da opinião pública sobre aqueles eventos que a escrita erudita de Euclides da Cunha transformou em cânone com a publicação de *Os sertões: campanha de Canudos* (1902). O testemunho euclidiano, notadamente por sua performance, adquiriu pressupostos de relato primordial, inspirando produções ficcionais tributárias dessa narrativa mestra. Esse cenário passa a se modificar com o desenvolvimento das pesquisas orais, em meados do século passado, numa ocasião em que as versões dissintâneas, apresentadas por sertanejos sobreviventes da guerra ou seus descendentes, passam a ser coligidas. Outrossim, tais testemunhos corroboram imagens já presentes no cancioneiro popular que se espraíram pelos sertões. Exemplo desse fenômeno de resistência cultural são verificados em versos de um reisado coligido, nos anos 1930, pela expedição organizada por Mário de Andrade. Por seu teor testemunhal divergente, tais manifestações constituem uma forma de resistência cultural. Assim, nesta comunicação, serão apreciados versos populares na perspectiva da etnomusicologia enquanto estratégia de guarda e divulgação das versões da resistência popular através de composições sertanejas. Essas canções, entoadas em ocasiões sacras, laborais ou domésticas, constituíram-se em expressões do domínio público que legaram uma historiografia não oficial e que foram eficazes, especialmente

em contextos de opressão política, ao preservar traços da cultura e da identidade sertaneja durante longo período histórico.

Formação e tradução de Antonio de Erauso: o testemunho da viagem de espaço e gênero do alferes que foi freira

Leticia Pilger da Silva (UFPR)

Suéliton de Oliveira Silva Filho (UFPR)

Resumo Este trabalho tem como objetivo descortinar as dimensões testemunhais (SELIGMANN-SILVA, 2003; JOUHAUD, 2019) que foram ignoradas do viajante basco Antonio de Erauso, nascido Catalina, que viveu no século XVII e ficou conhecido como “la monja alférez” (a freira alferes), e analisar seus três deslocamentos: o espacial e o de gênero, assim como o nosso processo de tradução para o português no século XXI. Por transgredir o sistema e conquistar liberdade pessoal em um contexto bastante repressor, Erauso, a partir de sua autobiografia *Historia de la monja alférez*, do século XVII, na qual relata sua viagem para a América Latina e sua participação na guerra de Arauco, se tornou uma lenda na sua própria época e passou de anomalia a ícone (MERRIM, 1999). Hoje, é figura importante na pesquisa histórica de gênero e corporalidade enquanto testemunha, no século de ouro espanhol, do que ficaria conhecido como “transexualidade”. Na leitura, pode-se dizer que as viagens de espaço e gênero estão sobrepostas porque o deslocamento geográfico pressupõe, depende dele e possibilita o de identidade de gênero (SERRANO, 2014): Erauso vai de ela a ele, de noviça a soldado, de mulher a homem, da Europa à América, de metrópole à colônia, da posição de observada à de observador – questões que devem ser ressignificadas por meio do pensamento decolonial. A autobiografia, nesse sentido, é o testemunho da construção da masculinidade de Antonio de Erauso, posta em curso desde o momento em que decide abandonar o convento e se lançar à própria sorte. A partir da nossa leitura, ancorada nas discussões de gênero (PRECIADO, 2002; BUTLER, 2002; BENTO, 2006; SUTHERLAND, 2014; PEREIRA, 2015), a tradução proposta é uma atualização crítica que repensa a forma como Erauso foi apresentado na crítica literária e na história, para, textualmente, lê-lo no nosso tempo.

Fuga a duas vozes: poéticas de escuta em Primo Levi e Roberto Bolaño

Leandro Donner (PUC-Rio)

Resumo Esta comunicação debate e coteja obras de Primo Levi e Roberto Bolaño a partir de leituras sonoras de seus escritos. Entende-se por leituras sonoras uma atenção ampliada à musicalidade e a outros aspectos auditivos expressos no conteúdo e na forma literária dessas obras. Nessa perspectiva, busca-se apontar sintonias e contrastes entre os expedientes criativos dos autores em questão. Algo que os vincula de antemão é o fato de suas escritas serem atravessadas por experiências em regimes totalitários: Levi é sobrevivente da Shoá, enquanto Bolaño lidou com o autoritarismo das ditaduras latino-americanas. O presente trabalho não procura colocar em confronto as estratégias de testemunho e ficção – procedimentos de escrita que emergem dessas vivências –, mas assumir que, nos escritores analisados, tais registros de certa forma se imiscuem, formando um tecido sonoro-textual de efeito estético singular que permite diversas análises. Para realizá-las, o pesquisador procura estabelecer e enunciar certas poéticas de escuta, particularmente aquelas de maior acento político, partindo de elementos sonoros como intensidade e ritmo e percorrendo questões como tempo, memória, excesso, imprecisão, morte e arte. Comentaremos trechos de *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, de Levi; dos romances *2666*, *Estrela distante*, *O Terceiro Reich* e *Amuleto* e do conto “Carnê de baile”, de Bolaño. A conexão entre as obras é dinamizada pelo conceito físico-sonoro de ressonância, em diálogo com Tato Taborda, e conta com a interlocução de pesquisadores como Giuliano Obici, Michael J. Shapiro, Marília Librandi-Rocha e Arthur Nestrovski.

Graciliano Ramos e a escrita encarcerada

Susana Souto Silva (UFAL)

Resumo Este texto analisa Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos, concentrando-se em especial nos trechos em que o autor resgata memórias da escrita do seu terceiro romance, *Angústia*, lançado em

1936, durante o período do seu encarceramento pelo governo Vargas. Esses trechos trazem à cena a angústia de um romancista impedido de acompanhar a edição do seu livro, bem como a recepção crítica do mesmo. Nesses trechos, Graciliano analisa duramente a própria obra e narra diálogos com outros presos políticos sobre a leitura de *Angústia*, talvez o seu livro mais complexo. *Memórias do cárcere* desdobra-se, assim, em uma narrativa de testemunho dos horrores da prisão política, nos anos 30 no Brasil, e também de testemunho do ofício de escrever, e publicar, nesse contexto. Esta análise, portanto, pretende abrir espaços de reflexão sobre o ato de escrever e publicar em condições de privação de liberdade política, a partir de *Memórias do cárcere*, livro no qual Graciliano questiona o estatuto do romance memorialístico e investiga a complexa relação existente entre memória e narrativa, entre história e ficção. Como polos de diálogo dessa análise, temos a fortuna crítica de Graciliano, textos de história do Brasil, e textos teóricos de Walter Benjamin (1986;2011), Jeanne Marie Gangnebin (2001; 2006), Seligman-Silva (1999; 2000; 2010), e Paul Ricoeur (2000).

Literatura, memória e resistência: perturbações da e à memória

Gislene Teixeira Coelho (IF SUDESTE-MG)

Resumo A literatura vem operando como espaço de memória, de modo a comportar a voz de um testemunho crítico e de resistência de seu tempo. Dessa aliança literatura-memória, emergem sinais de vida mesmo em tempos de uma memória sob medida e vigiada, forjando desvios significativos dentro de uma política maior de desmemória. Para aquecer a discussão, o livro *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, uma obra da década de 70 que faz movimentar os acanhados arquivos da ditadura brasileira de 1964, imprime em suas páginas sintomas de resistência em tempos adversos, na contramão de um contexto político-social de controle e esvaziamento da memória coletiva. Se, por um lado, registram-se sinais de diversificação e sofisticação dos mecanismos de controle e normalização, por outro, os protagonistas da resistência também investiram em formas sofisticadas e criativas de subverter a lei do silêncio, de modo a valer-se do próprio código do silêncio para imprimir por dentro inscrições

do indizível. Nesse sentido, a novela de Nassar tem seu lugar entre os registros mnemônicos de tempos opressores como a década de 70, de onde pode extrair-se um quadro não de lembranças prontas, mas de impressões de lembranças, de testemunhos em potencial, o que torna a obra emblemática para discutir as perturbações da memória nos anos 70 e, sobretudo, para ratificar a literatura como espaço de memória.

Machismo e feminicídio: leitura de “Mulher do fim do mundo”, de Tatiana Pequeno

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)

Resumo O impactante poema “Mulher do fim do mundo”, de Tatiana Pequeno, foi publicado em 2019 no livro *Onde estão as bombas*. Não à toa o livro de Tatiana se desenvolve e “explode” a partir das ambivalentes jornadas de 2013, do golpe jurídico-midiático de 2016 contra Dilma, da prisão orquestrada de Lula em 2017, do assassinato covarde de Marielle em 2018, da eleição do ultradireitista Bolsonaro em 2019. Algo se quebrou no suposto “processo civilizatório” que o Brasil vinha experienciando, e o politicamente correto e as bandeiras de justiça social foram e vêm sendo derrotados. No poema, há – a partir de uma voz masculina – uma longa lista de mulheres transformadas em alvo de ofensa, assédio, estupro, tortura: ora é a louca, ou a gorda, a velha oferecida, as negras, a lésbica assumida, as oportunistas interesseiras (“as que se casam com homens que têm / dinheiro”), as legalistas espertas (“as que exigem pensa?o”), a puta, a vagabunda, a piranha, a intelectual (“a que discute, critica e estuda”), a dona de casa (“a que se dedica aos / afazeres domésticos”). Todas elas neutralizadas, coisificadas, objetificadas desde o primeiro verso como um mero “pedaço de carne” – do qual o macho glutão pode se servir. Verso a verso, os horrores se acumulam. Para ler esse poema, vamos nos amparar na ideia de “catástrofe cotidiana”, cujo sentido se dissemina em textos de Theodor Adorno, e na noção de “espanto”, tal como a desenvolve Alberto Pucheu em *Espantografias: entre poesia, filosofia e política* (2021).

Memória familiar e trauma coletivo em “Bialystok, a jornada”, de Bernardo Kucinski

Weverson Dadalto (IFES/UFES)

Resumo No conto “Bialystok, a jornada”, de Bernardo Kucinski (2021), o narrador encontra uma carta de seu avô a seu pai, que chegara pouco antes ao Brasil. A mensagem afixa é de 1939; pouco tempo depois, os nazistas invadiram a Polônia e assassinaram os avós do narrador e toda a população judaica de Bialystok. Após várias décadas, o personagem investiga antigos rastros e busca uma reconstituição da memória, que culmina numa viagem ao lugar da catástrofe. Nesta comunicação, pretende-se oferecer uma breve leitura desse conto, considerando especialmente a possibilidade de rememoração da história traumática por várias gerações familiares e a necessidade de elaboração do passado. Além disso, busca-se evidenciar a íntima relação entre esse texto de Bernardo Kucinski e a produção literária de seu pai, o também escritor Meir Kucinski; dentre os contos deste último, traduzidos do iídiche e publicados na coletânea *Imigrantes, mascates & doutores* (2002), merecem destaque, neste estudo, os que compõem a seção “Ecos do Holocausto”. Por fim, será brevemente apontado como esse pai escritor foi recriado literariamente em outras obras de Bernardo Kucinski que tratam do Holocausto e da vida dos judeus refugiados no Brasil após a Segunda Guerra Mundial: especialmente o romance *K*. (2011), o infanto-juvenil *Imigrantes e mascates* (2016) e outros contos da parte “Judaica” de *A cicatriz e outras histórias* (2021). Algumas considerações crítico-teóricas de Adorno (2019), Ginzburg (2017) e Seligmann-Silva (2003) fundamentam a discussão de um importante aspecto do conjunto da obra de Bernardo Kucinski: a memória familiar e coletiva do Holocausto. Nesse sentido, no conto selecionado, a narrativa da viagem do narrador em busca dos vestígios do passado e dos túmulos dos avós, cuja história o pai jamais conseguiu contar, expressa não apenas uma angustiante herança pessoal, mas também uma necessidade de impedir que a tragédia coletiva seja relegada ao esquecimento.

Memórias do esquecimento e o encontro com o real no cárcere

Fátima Almeida da Silva (UERJ)

Resumo Com este trabalho, almejamos investigar a representação da violência nas *Memórias do Esquecimento* de Flávio Tavares: o modo como a experiência da ditadura militar impactou de maneira esquizofrênica a vida do personagem dessas memórias. Sendo torturado das formas mais cruéis no Brasil e tendo visto seus amigos serem torturados, o personagem das *Memórias do Esquecimento* luta para esquecer o passado sombrio, mas como tal luta é para sempre perdida, pois a memória nos traz o passado e nos trai, o narrador nos conta seu horror que, nas palavras de Flávio Tavares, assim como a dor, é algo único e intransferível. O personagem é o sexto preso de um grupo de quinze presos a ir para o exílio em troca da liberação do embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick que fora sequestrado. No exílio, Tavares visita Portugal e alguns países da América Latina, em especial o Uruguai, lugar onde também vivenciou a tortura. Podemos dizer que o personagem que narra suas memórias se defronta com o real, com aquilo acerca do qual é difícil encontrar palavras em decorrência do trauma que esse real provoca em quem testemunhou a dor. Nosso aporte teórico será norteado pelos escritos de Jaime Ginzburg e de Seligmann-Silva acerca do testemunho da violência e da dor na literatura. Para Seligmann-Silva, a memória, como a linguagem, com seus atos falhos e silêncios, não existe sem a sua resistência, ela só existe ao lado do esquecimento, um complementando e alimentando o outro. Nas palavras do pesquisador: “Um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve”. Para o sobrevivente, a narração é uma combinação de memória e de esquecimento. Desse modo, Flávio Tavares reelabora seu passado: querendo esquecê-lo, mas sendo vencido pela memória que não silencia.

Memórias em conflito em *Essa Dama Bate Bué!*, de Yara Monteiro

Rosangela Sarteschi (USP)

Resumo V.Y. Mudimbe (2013) afirma que o espaço colonial é um espaço de jogo: o gesto colonial implicava necessariamente na

metamorfose de uma memória, uma força de domínio; a reconstrução anticolonial, por seu turno, vai experimentar a mesma violência. Se a independência enquanto mito reorganiza a narrativa colonial, consolidada a nação independente, os discursos erigidos expõem novas articulações ideológicas que problematizam aspectos da nova face nacional. Este trabalho pretende analisar essas questões no romance da escritora afro-lusitana, Yara Monteiro, *Essa dama bate bué!*, que aborda a trajetória de Vitória, uma angolana neta de um assimilado e uma portuguesa que vive em Lisboa com os avós maternos retornados, na sua busca pela mãe, uma combatente envolvida nas lutas de independência de Angola. Além do resgate da figura materna, o retorno ao país constitui-se em uma jornada de conhecimento e apropriação da sua própria história, implicando na recuperação das memórias e experiências não vividas num jogo de iniciação, formação e transformação. Na jornada, Vitória confronta-se com um ambiente que é, ao mesmo tempo, familiar (ressoa sua própria experiência na vida em família e nas conversas que testemunha recorrentemente) e desconhecido: Em entrevista ao Público de 21 de março de 2019, Monteiro declara: “Sou trineta da escravatura, bisneta da mestiçagem, neta da independência e filha da diáspora”. Consciente de seu lugar em Portugal, entende que, juntamente com outros escritores afro-diaspóricos, constitui um grupo que elabora literariamente aspectos importantes das tensas relações sociais, econômicas e raciais em Portugal ainda às voltas com os desdobramentos de seu passado colonial e os impasses dessa condição quando afirma: “Somos afro-descendentes que tocamos nos mesmos pontos da identidade, da violência em Portugal, dos desafios de um africano”

MPB e testemunho: um estudo de três canções de Gonzaguinha

Daniella Bertocchi Moreira

Resumo Gonzaguinha é um dos compositores que mais fez sucesso do final da década de 1960 até a década de 1990 quando faleceu aos 45 anos em um acidente de carro. Suas composições, inicialmente tidas como amarguradas e até herméticas, conquistaram os jovens da época dos festivais e, posteriormente, o público das novelas da TV Globo. A importância do cantor / compositor para a MPB,

em especial nos anos da ditadura, se dá porque Gonzaguinha agiu como porta-voz de uma geração oprimida por um regime ditatorial e silenciada pela censura imposta por esse regime. Embora sua temática tenha sido bastante variada, o foco dessa análise será voltado para canções que tenham um teor testemunhal. Essa escolha se deu a partir da ideia de que a literatura possui um teor testemunhal e que, segundo Seligmann-Silva, essa abordagem permite que se estude uma literatura “saturada de contato com um cotidiano e uma estrutura social violentos e com prática de exclusão – social e étnica [...]” (SILVA, 2006,p.43). A proposta, portanto, é verificar o teor testemunhal em três canções de Gonzaguinha encontradas no LP Gonzagão e Gonzaguinha: a vida do viajante (1981). As três canções, “Amanhã ou depois”, “Achados e perdidos”, “Pequena memória para um tempo sem memória”, que aparecem em ordem também no LP, compõem um panorama de crítica ao regime militar e homenagem aos que lutaram contra a ditadura. O recorte foi selecionado tendo em vista o momento histórico em que as canções foram produzidas – ditadura militar – e por ter sido nesse período que as marcas do testemunho são vistas com mais clareza nas canções de Gonzaguinha.

O “atravessar” da Literatura que testemunha e modifica

Alice Rodrigues Crivano da Silva (UERJ)

Resumo O presente trabalho propõe, tendo como alicerce o texto *Passageiro em Trânsito* de María Teresa Andruetto (2012), investigar e exemplificar a potencialidade da literatura de atravessar a vida do leitor, de suscitar mudanças e reflexões enquanto registra o testemunho, as experiências de outrem e seus atravessamentos vividos. Há o movimento de ser modificado ao escrever e o de modificar quem porventura ler o que foi escrito. O questionamento sobre o que faz um homem ser um homem e o relato ficcional da Morte sobre o que estava por trás da necessidade de uma menina de roubar livros, em plena Segunda Guerra Mundial, mesmo quando mal sabia ler, demonstram uma escrita, uma construção literária de testemunho e de ficção, respectivamente, que emerge como uma metáfora da vida, uma história que pode curar e dialogar de modo atemporal (ANDRUETTO: 2012, p.18-24). Importantes considerações a respeito

da literatura de testemunho estarão pautadas nos teóricos Márcio Seligmann-Silva e Zygmunt Bauman. O contato com a literatura como divisor de águas identitário será explorado neste trabalho a partir de reflexões dos teóricos Bruno Bettelheim, Umberto Eco, Antonio Candido, Tzvetan Todorov e Gustavo Bernardo Krause. Sendo o fio condutor deste percurso argumentativo o referido texto de María Teresa Andruetto e figurando como exemplos que ratificam a proposta investigada trechos das obras *É isto um homem?*, de Primo Levi, e *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak.

O nó de Gullar: lírica e testemunho em *Dentro da Noite Veloz*

Guilherme Bruno Giani (UFG)

Regina Barbosa Tristão (UFG)

Resumo O estudo tem como objetivo geral compreender como a problemática “lírica e testemunho” se manifesta na obra de Ferreira Gullar, a partir da análise de alguns poemas do autor, presentes em seu livro *Dentro da Noite Veloz*, de 1975. Para isso, problematizaremos inicialmente as discussões acerca do teor testemunhal na poesia lírica contemporânea, definindo os conceitos de lírica e de testemunho, bem como apresentando as complicações e relações entre essas categorias. Após isso, contextualizamos brevemente a obra de Ferreira Gullar, de acordo com suas características temáticas e estilísticas mais marcantes, demarcando os traços testemunhais e engajados que a configuram. A partir daí, rastreamos essas marcas e tendências nos poemas selecionados, articulando as noções de testemunho, engajamento, trauma e exílio com a expressão da subjetividade lírica, entendida como a constituição de uma identidade de si no mundo por meio da experiência poética. Esse percurso nos leva a compreender como se dá a construção da voz subjetiva nesses poemas de Gullar, que, de um lado, mantém o interesse nas questões sociais, propondo uma intervenção no mundo que se dê através da comunicação poética, e, de outro, recusa o tom retórico e panfletário para dar lugar à estetização da linguagem. Como aporte teórico e crítico utilizado, trazemos reflexões de Theodor Adorno, João Luiz Lafetá, Eleonora Camenietzki, dentre outros.

O que resta do resto?

Notas sobre o conceito de sobrevida em Agamben e Derrida

Juliana Maria Silva de Sá (UFF)

Resumo Nesta oportunidade, recorremos aos conceitos de sobrevivência e sobrevida a partir das obras de Giorgio Agamben e Jacques Derrida para revisar o paradigma da presença-ausência do autor em textos de escrita (auto)biográfica. De acordo com Agamben, “a ambição suprema do biopoder consiste em produzir em um corpo humano a separação absoluta entre o ser vivo e o ser que fala (...), o não-homem e o homem: a sobrevivência” (AGAMBEN, 2008, p. 156). Diferente da ideia comum de sub-existência, na acepção agambeniana, sobreviver consiste no ponto para o qual convergem as duas faces da estrutura do poder: uma invisível e outra oculta. Sobrevive aquilo (em matéria de potência) ou aquele (em termos de sujeito) que conserva sua possibilidade de testemunho, embora invisível, não enunciado e/ou destituído de uma identidade aparente. Derrida, por sua vez, interpreta que sobrevida concilia a ideia de continuação da vida – vida do autor, vida da obra – mas também implica em viver depois da morte. Neste sentido, podemos dizer que a literatura de viés biográfico representa o meio através do qual o autor permanece vivo mesmo após enfrentar a morte, e a obra opera como herança desta autoria espectral. O testemunho performa uma presença mediante a qual o autor se manifesta como um gesto ilegível “que possibilita a expressão na mesma medida em que nela instala um vazio central” (AGAMBEN, 2007, p. 53). Na literatura de testemunho, as vozes silenciadas por genocídios, como a Shoah, continuam a sobreviver mesmo depois de mortas, constituindo-se, assim, num arquivo de “múmias de carne fresca”, restos de memórias dos muçulmanos, os “nem vivos nem mortos” que retornam à cena do testemunho. Nesta ocasião, propomos investigar as concepções de sobrevida e sobrevivência à luz das interpretações de Derrida e Agamben sobre a escrita testemunhal, localizando intersecções e divergências neste percurso associativo.

**O retrato da vida periférica em contos e letras de rap.
Um olhar sobre a narrativa voraz, de Ferréz a Racionais MC's**

Rhegysmere Myrian Rondon Alves (UFMT)

Resumo No Brasil, para a discussão da literatura produzida na contemporaneidade, entram em disputa de território e legitimação, a escrita produzida nas periferias seja na letra de rap ou nas obras literárias, marcadamente apresentando-se como manifestações dissonantes dentro da cultura brasileira. Essas manifestações artísticas possibilitam compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos. Vozes capazes de propor uma verdadeira renovação cultural e linguística, empenhadas em recuperar a fala do povo da favela, marcadamente assentada na presença da oralidade e na poesia que vem do rap (MOTA, 2020). A reflexão sobre uma escrita mais próxima da realidade narrada, tem apontado para a possibilidade de discutir a figura do escritor e o papel da escrita pensados a partir de um olhar sobre a poética presente na literatura marginal, caracterizando-a como uma literatura de resistência. Escrever sob e sobre a periferia, nesses termos, além de representar uma dissonância dos modos de vida, configura o mundo distópico que cerca o artista e a arte produzida na e para a periferia (MOTA, 2020). Deste modo é que propomos refletir sobre esse produto cultural que tem sido a literatura e as letras de rap produzidos nas periferias do Brasil como composto identitário dessas populações. Nos servirão de base de leitura e apontamentos, os conceitos de literatura de testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2008) e a forma de escrita em que a cidade se torna espaço privilegiado para a construção da narrativa (DALCASTÁGNE, 2003). Nesse processo de construção de uma ideia sobre a narrativa brasileira contemporânea produzida por autores de periferia, discutiremos o processo de escrita do autor paulistano Ferréz (1975-), em especial seu romance mais conhecido *Capão Pecado* (2000), buscando encontrar ressonâncias com a produção mais conhecida dos Racionais MC's *Sobrevivendo no Inferno* (1997).

O sonho de vida nova versus o terror do leprosário

Maria Isolina de Castro Soares (IFES)

Resumo *Carminda, a garota que derrotou a lepra*, de Adilson Vilaça (Chiado Editora, Portugal, 2016), traça a saga de uma família desde o sonho de embarcar “rumo à terra da promessa”, saindo da Galícia, na Espanha, até a Zona do Contestado, entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, na região que denominava-se Joeirana, cujo distrito, Ecoporanga, foi elevado à categoria de município em 12 de janeiro de 1955. Antes, a família instalara-se no Vale do Rio Doce, também na divisa entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. A matriarca do grupo, dona Maruxa Miragaya, era portadora de uma forma mais branda de lepra, na época chamada de melindrosa. Orientada por um médico de postura científica contrária à internação das pessoas portadoras de hanseníase, dona Maruxa e o grupo familiar afastam-se cada vez mais dos núcleos populacionais para fugir à busca sistemática que o governo fazia para colocar os doentes em leprosários, dos quais quem entrava não saía. Ser fichado em uma colônia de leprosos significava dar adeus para a vida fora daquele mundo e permitir que os médicos o transformassem em objeto de experiência para as medicações que estavam sendo testadas para combate a esse tipo de infecção. Em um misto de ficção, biografia, autoficção e memória, a obra é um importante testemunho, pela voz de uma personagem, Carminda, do drama vivido pelos portadores de hanseníase no Brasil. Esses doentes temiam as ações governamentais de combate à lepra, desencadeadas, principalmente, no primeiro governo de Getúlio Dorneles Vargas (1930-1945). No Espírito Santo, essas ações culminaram com a construção da Colônia de Itanhenga, entre 1934 e 1937, no município de Cariacica, onde a personagem narradora viveu o inferno de um leprosário.

O testemunho da presa política Preta Ferreira em “Minha carne: diário de uma prisão”

Guilherme Henrique Ferreira Pimentel (UFPE)

Resumo “O livro de Preta Ferreira é sobre o Brasil”. É assim que, ao escrever o prefácio, Juliana Borges classifica a narrativa “Minha

carne: diário de uma prisão”. Este livro foi escrito pela artista e liderança do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), Janice Ferreira da Silva, conhecida por Preta Ferreira. Presa injustamente por 109 dias na Penitenciária Feminina de Santana (SP), Preta Ferreira revela, por meio da memória e da força política, um testemunho duro e cortante, de alguém que não está disposto a se acomodar na dor, mas sim de usar esta resistência como instrumento de combate. A existência de uma narrativa como a de Preta Ferreira problematiza diversos aspectos da sociedade brasileira, como o encarceramento em massa feminino, o racismo estrutural, a violência policial e a tentativa de invisibilização dos movimentos sociais por meio da força policial, com todo seu aparato jurídico e político. Minha proposta de comunicação reside em analisar como “Minha carne: diário de uma prisão” apresenta estes aspectos da sociedade brasileira. Levo em conta que o “valor” ou relevância da escrita de Preta Ferreira não está no campo de autonomia artístico, ele abrange uma gama de discussão sobre direitos civis, fazendo da escrita uma arma de combate presente em uma sociedade marcada por conflitos. Nesse sentido, é importante observar que para sustentar a presente discussão, o estudo lança mão de contribuições teóricas sobre a literatura de testemunho e de cárcere, e de como esta literatura engloba a realidade social de quem sofre o desamparo do Estado, reproduzidor das mazelas e violências do mundo social.

O testemunho e a violência em *Cachorro Velho*, de Teresa Cárdenas

Mônia Franciele de Souza Dourado (UFG)

Mateus Soares Dias (UFG)

Resumo Nesta comunicação propomos uma interpretação do romance juvenil *Cachorro Velho*, da escritora cubana Teresa Cárdenas de (2010), a partir dos conceitos de violência proposto por Jaime Ginzburg (2012) e de teor testemunhal proposto por Seligmann-Silva (2003) e Valéria de Marco (2004). A narrativa acompanha a vida de um ancião escravizado alcunhado de Cachorro Velho, e alterna-se entre acontecimentos presentes e reminiscências do protagonista, além de tratar da questão de violência e de afirmação de identidade,

através de cenas de traumas e atos violentos. Nesse sentido, observamos as estratégias formais empreendidas pela autora, como a retomada histórica e a mescla a partir da ficcionalidade, elementos que se articulam com os temas, e produzem efeitos éticos e estéticos que estão também relacionados ao gosto e aceitação do público juvenil. Ademais, buscamos investigar como a transposição desses elementos na obra contribuem para a representação da construção da pessoa do negro escravo. Também, destacamos que neste romance o testemunho e a violência estão fortemente ligados às dimensões da memória, da história e da ancestralidade africana. Fato que o levou à aproximação com a obra da proposta histórica de Walter Benjamin (1987), em que as reminiscências do protagonista possibilitam uma compreensão de tempos históricos em uma perspectiva enriquecedora e contrária à história oficial homogeneizante, totalizadora e autoritária. Assim, ao representar sujeitos inseridos num passado traumático, investigando dinâmicas da repressão social e as lutas de resistência e pela liberdade, a autora amplia a visão sobre a história da escravidão cubana, porém reverberada em toda América Latina, através de um passado marcado por feridas ainda abertas na sociedade; além de conceder um lugar de fala aos discursos antes considerados subalternos, e que não tiveram suas histórias validadas, mas que no presente evidenciam um processo de ressignificação.

O testemunho em *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto

Cinthia Mara Cecato da Silva
Elizabete Gerlândia Caron Sandrini (IFES)

Resumo A proposta da comunicação articula-se com os estudos contemporâneos sobre a literatura de teor testemunhal que, de acordo com Jaime Ginzburg (2008, p. 19), “[...] têm ganhado maior espaço, nos últimos anos, em estudos literários no Brasil”. Os enredos das obras de Lima Barreto que tiveram como palco o chão do manicomio – *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* – instigam reflexões aproximando a produção literária do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) à temática. A impossibilidade de tradução do que no

hospício foi vivido por toda uma comunidade de segregados encontra, na literatura barretiana, uma possibilidade de expressão. Dessa forma, problematiza-se: O que a representação da “catástrofe” no tratamento da loucura quer significar quando em pauta o testemunho? Quais hipóteses indicam que a leitura das obras em destaque pode dialogar com as concepções acerca do testemunho? Sob qual perspectiva pode-se analisar os protagonistas do hospício barretiano: testis ou superstes – nos termos de Seligmann-Silva? Para balizar as discussões, elegeu-se como aporte teórico os estudos de Márcio Seligmann-Silva, Beatriz Resende, Antonio Arnoni Prado, Clovis Gruner, Jaime Ginzburg, dentre outros. Objetiva-se considerar a existência de uma poética dos restos na literatura do autor carioca que dá “[...] visibilidade a um espaço de repressão ou trauma” (GINZBURG, 2012, p. 204), terra fértil para os estudos acerca do testemunho e seus desdobramentos.

O testemunho no texto ficcional do romance português contemporâneo

Cinthia da Silva Belonia (UFF)

Resumo Após a revolução de 25 de Abril de 1974, a ficção portuguesa dedica-se a uma revisão da história recente do país, abordando o passado para expor os absurdos de um regime político já bastante antiquado. A dimensão imaginada de um império, fortalecida desde as Navegações até o salazarismo, foi sobreposta de forma tão sintomática que “a nação se converteu no problema literário mais urgente de seus escritores, ora como reforço desse mito fundacional, ora como tentativa de reajuste das incongruências entre o imaginário coletivo e o real imediato” (KANO, 2016, p. 76). A necessidade de dizer aparece, muitas vezes, diante de uma experiência limite, como a guerra colonial em território africano de domínio português (1961-1974), distante para muitos de nós, mas que impõe o silenciamento para aqueles que a viveram. Buscando dar voz a esse período de violência, autores como António Lobo Antunes, Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso criam personagens testemunhas da guerra colonial para apresentar a nós, leitores, um período da história de Portugal que se passa fora do país e capaz de originar muitos traumas

para aqueles que o vivenciaram. Para a análise deste trabalho, pretende-se recorrer aos romances *Os cus de Judas* (1979), *Caderno de memórias coloniais* (2009) e *O retorno* (2012), dos respectivos autores. Pretende-se estender o debate acerca da literatura e testemunho a partir das discussões de autores como Jeanne Marie Gagnebin, Paul Ricoeur, Margarida Calafate Ribeiro e outros.

O testemunho poético no limiar da lírica moderna

Marcelo Ferraz De Paula (UFG)

Resumo A discussão propõe refletir sobre o lugar (ou não lugar) de certa “poesia de testemunho” dentro das formulações teóricas mais consagradas a respeito da lírica moderna. Por um lado, observamos que parte significativa da produção testemunhal passa ao largo das categorias negativas (como dissolução, despersonalização, autorreferência e hermetismo) consagradas, especialmente, pelo seminal estudo de Hugo Friedrich (1956), *Estrutura da lírica moderna*. Defendemos que tais aspectos não estão invariavelmente ausentes na poesia lírica de marcas testemunhais, mas passam por uma inflexão importante que demanda novas estratégias de compreensão, para além da perspectiva estetizante de Friedrich, marcada por uma evidente parcialidade geográfica, linguística, cultural e estética. Assim, identificamos duas tradições distintas dentro da “poesia de testemunho”: uma delas é flagrantemente marginal em relação aos grandes sistemas explicativos da modernidade poética; outra é afim ao cânone poético moderno, mas radicaliza e tensiona, muitas vezes até a exaustão, os traços supostamente definidores dessa lírica. Na argumentação serão retomadas também as contribuições de Michael Hamburger, em *A verdade da poesia* (1969), Alfonso Berardinelli, em *Da poesia à prosa* (2007) e Czesław Miłosz, em *O testemunho da poesia* (2012) articuladas a uma breve leitura de poemas de Paul Celan, Murilo Mendes, Thiago de Mello e Alex Polari.

O trauma em cena:

memória e resistência na poesia de Alex Polari

Suzeli Santos Santana (UESC)

Resumo Em “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”, Ginzburg (2008, p. 62) destaca a articulação dos valores estéticos e éticos no estudo do testemunho. Nesse sentido, torna-se pertinente discutir o aspecto da memória, relacionando-o com as questões do trauma, pois “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.67, grifo do autor). Assim, objetiva-se discutir questões referentes à memória, sobretudo a traumática, a partir do poema “Final de espetáculo” (1980), de Alex Polari, militante e preso político na ditadura civil-militar brasileira. O referido poema se encontra no segundo livro do escritor, Camarim de prisioneiro, publicado em 1980. Tal obra literária chama a atenção pela combinação de outros gêneros literários/textuais e diferentes linguagens, o que acentua o seu teor testemunhal, constituindo uma estratégia de resistência ao apagamento da memória. Para tanto, este texto, eminentemente bibliográfico, recorrerá a estudiosos de diversas áreas do conhecimento, dentre eles Bosi (1977; 1996), Le Goff (1990), Ricouer (2007) e Seligmann-Silva (2006; 2008). Por fim, espera-se que esse trabalho possa contribuir para os estudos de literatura de testemunho, em especial a brasileira, com destaque para a poesia de resistência, expandindo seu alcance de divulgação e debate.

Poesia de resistência, poesia engajada, poesia de testemunho

Cristiano Augusto Da Silva (UESC)

Resumo A presente comunicação discute brevemente os conceitos de poesia de resistência, poesia engajada e poesia de testemunho, muito utilizados quando discutimos a produção poética de oposição crítica à ditadura civil-militar (1964-1985). Trata-se uma produção em íntima conexão com o impacto das ações de violência institucionalizada do Estado brasileiro, cuja circulação se dá durante e ou após o citado regime repressivo. Os poemas de resistência assumem atitudes

críticas diversas em relação a seu contexto repressivo tais como contrapor-se, denunciar, escapar da censura, testemunhar, até mesmo engajar o público nos planos reflexivo e utópico. Dentro da poesia de resistência, realizamos uma divisão que se mostrou necessária para melhor compreendermos o fenômeno em questão: de um lado, a poesia de testemunho, escrita por militantes que lutaram contra a ditadura, dentro ou fora do país; e a poesia engajada, escrita por autores e autoras, quase sempre poetas “de ofício”, que se posicionaram em seus textos política e eticamente contra a repressão, testemunhas indiretas do processo de violência citado. Todo poema engajado, em luta contra um contexto repressivo, possui teor testemunhal; o mesmo podemos dizer de poemas de testemunho que, a seu modo, também são considerados engajados. Muitas vezes poemas de ambos os conjuntos se assemelham em termos de construção, temática, recursos linguísticos. Porém, é importante destacar algumas diferenças entre a poesia engajada, atualmente em alta no país, e a poesia de testemunho, ainda por ser melhor divulgada entre o grande público. Daremos destaque em nossa comunicação a elementos externos (motivos, produção, circulação e recepção), uma vez que, devido a estas diferenças, após a redemocratização, cada conjunto ocupou lugares bem distintos na chamada literatura brasileira contemporânea. A poesia engajada passará a ser mais conhecida do público e da crítica; a poesia de testemunho permanecerá no esquecimento.

***Proyecto 1980-2000, el tiempo que heredé:*
testemunho e comunitarismo na construção
da história peruana contemporânea**

Rafa da Silveira Falcão (UFPR)

Resumo Este trabalho tentou compreender a partir da obra peruana *Proyecto 1980-2000, el tiempo que heredé* (2012) como o testemunho articula uma perspectiva histórica e literária sobre os processos de (re)memoração. Os jovens participantes da peça de teatro são familiares de agentes políticos diretamente envolvidos num dos piores momentos da história recente do país, o conflito armado interno (1980-2000). Nesta obra, que pode ser lida desde a confluência das perspectivas teóricas do documental (Marcelo Soler, 2010) e do biodrama (Lola

Arias, 2009), traz sujeitos que “encenam” a si mesmos, interpelados pela memória e pelo tempo histórico que lhes coube viver. Segundo Seligmann-Silva (2003), o testemunho na América-latina até 1980, restringia-se aos gêneros clássicos da representação: a biografia, a hagiografia, o jornalismo, etc. Consequentemente, não faria parte da sua tradição questionar os limites e possibilidades da representação. Então, uma análise do testemunho na dramaturgia latino-americana evidenciaria o mesmo processo? Que alcances a zona cinza entre a ficção e a realidade possui no estudo dos enunciados testemunhais, memorialísticos, comunitários e identitários destes sujeitos? Esta proposta de comunicação pretende analisar o caráter testemunhal da peça, a tensão que estabelece entre realidade, ficção, história, memória, identidade e literatura desde as perspectivas teóricas de Agamben (2008), Pilar Calveiro (2006), Seligman-Silva (2003) e Trazeznies (1996). Observamos que os testemunhos na peça constroem uma perspectiva enunciativa que é comunitária (Espósito, 2012) e se configura de maneira heterogênea, pautada na coexistência de seus participantes. Além disso, o Testemunho e a Comunidade agenciam distintos processos de identificação e (des)identificação (Bauman, 2005) e (Derrida, 1993).

Quarentena Poética:

Slam das Minas RJ subindo testemunhos nas redes sociais

Guilherme dos Santos Ferreira da Silva (UFRJ)

Resumo O coletivo poético Slam das Minas RJ, conhecido por sua atuação nas praças públicas do Rio de Janeiro, iniciou o projeto Quarentena Poética durante a pandemia da COVID-19. Na rede social Instagram, o coletivo publicou ao longo de três meses 88 vídeos de diferentes poetas marginais ao redor do Brasil recitando seus sentimentos, conquistas, incertezas e um desejo ardente por revolução. Portanto, a comunicação globalizada por meio das mídias sociais possibilitou que os coletivos artísticos seguissem atuando no ciberespaço durante o período de epidemia. Desse modo, eles trabalharam com a noção de “cooperação assíncrona” debatido por Marcella Fuentes no livro *Activismos Tecnopolíticos* (2020). Na Quarentena Poética, o Slam das Minas RJ trouxe à baila assuntos recentes e

urgentes, como a morte de crianças nas favelas cariocas e a falta de ações efetivas do governo para o enfrentamento do coronavírus. Tais temas, nutridos do engajamento gerado pelas mídias digitais, estimulam a mobilização necessária à produção de pressão social nas esferas políticas. Nesse sentido, abrindo espaço para que o público das redes se manifeste por meio dos comentários nas postagens. A presente comunicação busca expor como o Slam das Minas RJ torna a rede social a sua nova rua ao transformar o perfil no Instagram em uma plataforma importante e extremamente eficaz para amplificar seu território e a arte política. Como exemplo, no uso das publicações de poesias nos canais digitais para denunciar os projetos políticos de extermínio instaurados contra o corpo subalterno brasileiro em tempos pandêmicos.

Retratos da arbitrariedade do uso da força e violência em *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos

Edson Sousa Soares (UFU)

Resumo Este artigo se propõe a realizar uma análise comparativa entre as obras *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*, ambas de Graciliano Ramos, a fim de verificar o modo como o uso da força e o da violência são retratados ao longo das narrativas. Especificamente, abordaremos aspectos como a opressão, o aprisionamento injustificado, as exposições a situações-limite a alienação dos representantes do Estado, o abuso de poder, o excesso do uso da força, torturas físicas e psicológicas, bem como as más condições ambientais do cárcere na era Vargas. Além disso, pretendemos verificar manifestações de resistência a esse poder. Um estudo sistemático da fortuna crítica sobre o corpus demonstrou uma ausência de comparação referente à temática proposta, o que, a nosso ver, justifica o desenvolvimento deste artigo. Como metodologia, inicialmente, selecionamos passagens da obra *Memórias do Cárcere* e de *Vidas Secas* relacionadas às práticas violentas do governo. Posteriormente, esses excertos foram analisados com o intuito de verificar quais são os tipos de violência e como elas são representadas. Em seguida, foram realizadas leituras da fortuna crítica para fundamentar nossas análises e nos possibilitar, neste trabalho, colocar a violência em primeiro plano. A análise nos mostra que

o emprego excessivo da força por parte dos representantes do Estado está presente nas duas narrativas e apresenta um caráter arbitrário e sistêmico. Arbitrário, pois as práticas dos agentes do governo ultrapassam as regras constitucionais, ou seja, não são respaldadas por fundamentos legais e dependem da vontade ou arbítrio daquele que age. Foi possível verificar, igualmente, que essa arbitrariedade não se restringe a algumas categorias de poder, ela perpassa toda a lógica do Estado, uma vez que são praticadas por diferentes representantes, independente de cargo ou posição hierárquica, o que nos leva a compreender que o emprego excessivo da força é, também, sistêmico.

**Revista Casa de Las Americas:
o testemunho como construção identitária latino-americana**

Sueli Funari (UNICAMP)

Resumo A presente comunicação propõe uma reflexão sobre o artigo “El testimonio en la revista Casa de Las Américas”, do crítico literário uruguaio Alfredo Alzugarat, publicado pela Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação de Montevideo, em 1992. O autor, por meio de análise do acervo desta revista, que condensou até o momento desta publicação, mais de três décadas de produção literária, elucidou o decisivo papel de Cuba para a consolidação e a estetização do testemunho latino-americano. A experiência histórica da América Latina, fortemente marcada pelo conturbado contexto das ditaduras, teceu um forte vínculo com a construção de subjetividades coletivas e de representações político-literárias, cujas aporias foram decisivas para a modalidade “testimonio”, que transitou entre as duas instâncias do testemunho, o testis e superstes, e perpassou a conflituosa relação entre Memória e História. Durante este processo, foram se costurando estreitos vínculos com o horizonte utópico de fidelidade documental. Destarte, o autor percorreu a extensa trajetória do testemunho latino-americano, entre as décadas de 1960 e 1980, por meio da recepção de críticos literários, que se depararam com um desafio genológico: como distinguir com precisão o discurso testemunhal das demais formas discursivas? Utilizamos como aporte teórico para essa discussão, História, Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes, de Marcio Seligmann-Silva.

Romance contemporâneo afro-brasileiro

Água de Barrela (2016) de Eliana Alves Cruz:

o testemunho dos mecanismos femininos de resistência

Andreia Livia de Jesus Leão (USC/Espanha)

Resumo A autora afrodescendente, Eliana Cruz, passou cerca de cinco anos escrevendo o romance “Água de Barrela” sobre a história dos seus antepassados, de uma família de mulheres negras em contexto diaspórico no Brasil que iniciou a trajetória em 1849 e percorreu pouco mais de um século e meio de história até o ano de finalização da escrita da obra literária em 2015. O romance foi contemplado em primeiro lugar no Prêmio Oliveira Silveira, concurso promovido pela Fundação Cultural Palmares, que o publicou no ano de 2016. A autoria de Cruz apresenta a interação entre a escritura e a experiência de vida da autora que tomou consciência da sua origem ao ter acesso ao conhecimento negado e ocultado da vida dos seus antepassados escravizados, e se tornou a voz e a consciência da sua família e das experiências da coletividade escravizada durante três século e meio no Brasil. O ponto de vista afroidentificado de Eliana Cruz perpassa todo o romance com diversos gestos revolucionários, antirracistas e emancipatórios, pois a autora como afrodescendente em contexto brasileiro vivenciou e vivencia juntamente com os seus familiares situações de discriminação, racismo e humilhações recorrentes. Isso é resultante do racismo estrutural e institucional, do patriarcado, do sexismo e da acentuada desigualdade social gestados no período do colonialismo histórico e escravista que permanecem ainda vigentes na vida da maior parte da população negra brasileira empobrecida, os novos escravizados, alocada na periferia das grandes cidades e em contexto rural, abandonada pelo Estado e população mais abastada brasileira.

Sobre como individualizar covas coletivas: os conflitos agrários na poesia brasileira

Eliziane Fernanda Navarro (UFG)

Resumo Os conflitos fundiários é um dos capítulos mais violentos da história do Brasil, uma história escrita sob a premissa de um

terror institucionalizado tão potente que não se limita ao enterro de homens, mas busca, principalmente, o apagamento de memórias de forma que impossibilite a visualização do nexos causal entre as opressões do passado e do presente. O que me interessa nessa pesquisa é, a partir da composição de uma antologia com os poemas que tratam dos conflitos agrários no Brasil, com fins de memória cultural, identificar quem são os agentes e quais motivações subjazem a luta pela terra absolvida pela poesia e assim contribuir com esse rol de leituras críticas acrescentando poetas cujas obras são permeadas dos resquícios desse momento opressor e que se configuram como instrumento de quebra da tradição de silêncio ao contrapor a história oficial. Portanto, neste primeiro momento, o material selecionado são os poemas que se aglutinam em torno da imagem da vida, ou seja, buscarei responder qual ideia de campo, quais pessoas e quais as espécies de vínculos as interligam com a terra. Esse estudo nos possibilitará entender as motivações por trás da resistência nos conflitos, a partir do teor testemunhal contido em cada poesia selecionada.

Testemunho literário e memória cultural da escravidão nas traduções de *Jazz*, de Toni Morrison

Prila Leliza Calado (UFPR)

Resumo Publicadas desde 1703 nos Estados Unidos e em outros países, os testemunhos de ex-escravizados – *slave narratives* – constituem um gênero literário imensamente importante. Esses textos (aparentemente) simples, porém poderosos, geralmente seguem um roteiro: a fuga da fazenda, a descrição da luta pela sobrevivência e a busca pelo reconhecimento durante a jornada para a liberdade. Entre 1960 e 1980 surgiram narrativas contemporâneas da escravidão – as neo-slave narratives – que reconfiguram os padrões dos relatos escritos anteriormente à Guerra da Secessão, com ênfase na descrição da formação de sujeitos do período pós-escravidão. Toni Morrison, renomada autora norte-americana, declarou inúmeras vezes (MORRISON, 1993, p. 103; MORRISON, 1995, p. 85) que lia *slave narratives* para tentar apreender como era a realidade dos escravizados, a fim de escrever suas obras. Bella Brodzki (2007, p. 67) destaca que o legado das *slave narratives* é tão notável que todos os escritos

afro-americanos subsequentes trazem em si algo das narrativas originais e afirma que *Beloved* (1987) é um exemplo de obra ficcional moderna que, em alguma medida, segue o modelo de *slave narrative* (BRODZKI, 2007, p. 219). Este trabalho pretende pensar e discutir as traduções brasileiras de *Jazz* – romance que dá sequência à trilogia iniciada por *Beloved* – em termos de testemunho literário e memória cultural da escravidão. Referimo-nos, particularmente, à jornada de Joe e Violet Trace partindo do Sul rumo ao Norte do país, enfrentando diversas etapas até alcançar certa melhora da qualidade de vida e a vários aspectos da memória cultural do trauma causado pela escravidão nos Estados Unidos contidos no testemunho do protagonista Joe Trace ao longo de uma das partes do romance. Assim, acreditamos ser possível, por meio da tradução literária, atualizar o entendimento sobre escravidão e suas consequências, que nunca estiveram tão escancaradas tanto na sociedade norte-americana quanto na brasileira.

Testemunho na poesia afro-feminina: reflexões em uma análise do poema “O grito”, de Jenyffer Nascimento

Fabiana da Silva Soares (FURG)

Resumo Também espaço de memórias, experiências e resistências, a literatura, como afirma Todorov, “não nasce do vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” (2009, p. 22), que atravessam e constituem as construções sócio-históricas e culturais, as múltiplas percepções de mundo. Assim, a literatura manifesta na insurgência de vozes silenciadas e subalternizadas vem construindo-se por meio de uma perspectiva ética de afirmação e constituição de discursos contra-hegemônicos e de resistência, que perpassam vivências oriundas de processos de opressão, exclusão e violências, e que contribui para a formação de constructos que convergem para o alinhamento de aspectos relacionados às dimensões da ética e da estética. Diante de tal fenômeno, a literatura vinculada à noção de testemunho tem ocupado cada vez mais espaço no âmbito da teoria e crítica literárias, e uma gama de relações tornam-se possíveis de serem estabelecidas entre diferentes nichos literários. Dessa maneira, considerando a diversidade dos aspectos conceituais que

se relacionam à autoria afro-feminina e à escrita de testemunho, o presente trabalho tem por objeto a investigação do texto poético intitulado “O grito”, parte integrante da obra *Terra Fértil* (2014), de Jencyffer Nascimento – uma das autoras da mais recente geração de escritoras negras brasileiras –, buscando identificar no mencionado poema traços de teor testemunhal (conforme o conceito desenvolvido por Seligmann-Silva), bem como refletir acerca das relações que podem existir entre a “literatura de testemunho” e a “literatura afro-feminina”.

Testimonialidades lagunares. Puño y letra de Diamela Eltit

Maria Jose Sabo (UNC)

Resumo La ponencia aborda la obra de la escritora chilena Diamela Eltit titulada *puño y letra* (2005), focalizando centralmente los procesos de recopilación escrita que realiza la autora de los testimonios emergidos en el marco del juicio por lesa humanidad llevado a cabo en la ciudad de Buenos Aires, contra Enrique Arancibia Clavel, en el año 2005, en el caso por el asesinato del general Prats y su familia en el año 1974. Se analizan las estrategias de registro y montaje que la obra pone en marcha frente a la palabra del otro, las potencialidades y, asimismo, los límites que impone el trabajo con las lagunas y vacíos del archivo. Si bien la ponencia se focaliza en esta obra, procura ponerla en la perspectiva de la producción literaria mayor de Eltit en la cual se registra una preocupación sostenida en el tiempo por pensar modos de construcción de una testimonialidad alternativa a los modos narrativos establecidos por la izquierda chilena: sus lenguajes, las modalidades de construcción de verdad, la figuración de la víctima y su palabra, la reconstrucción del pasado. En este sentido, remontando la serie literaria Eltitiana hasta *Lumpérica* (1983), interesa vincular su propuesta de testimonialidad con la puesta en escena del cuerpo y los restos de lenguaje.

Titularidade e precariedade do narrar: a literatura transgeracional e as ditaduras latino americanas

Lua Gill da Cruz (UNICAMP)

Resumo A literatura, entre outras artes, tem acolhido diferentes formas de narração do testemunho da experiência traumática dos regimes militares latino americanos. Agora, ainda mais deslocados temporalmente, a literatura do século XXI, principalmente, tem se dedicado à narração a partir de um novo tempo de enunciação, a escrita transgeracional: são herdeiros do trauma dos outros(s), ou seja, fazem parte das gerações que não tiveram uma experiência direta com o período das ditaduras e reconstroem, literariamente, o período da ditadura militar. Agora, de formas distintas, essas gerações tomam de assalto a palavra sobre o passado brasileiro, seja familiar ou não e diante do peso dessa herança transmitida, tentam lidar com esse peso: elaborar, descrever, contar. Isso não se dá, entretanto, de forma pacificada, mas se constitui e se organiza em tensão. É uma literatura, portanto, que se organiza a partir do questionamento ético do contar dado que consciente do fracasso em encontrar uma pretensa “verdade” relacionada ao traumático, especialmente quando narra algo que não viveu e não experimentou. Se essa herança da violência e do trauma é transmitida, das mais diversas formas e independente da vontade daquele que transmite e que teve transmitido, como lidar agora com esse peso? É possível contar esse trauma? Testemunhá-lo ou transmiti-lo a outros? Devem fazê-lo? De que forma? Pretende-se discutir, portanto, de que forma esses textos recuperam, descobrem, expressam e representam esse período histórico, em que narrativas, memórias ou discursos se baseiam, como tem transmitido este trauma, seja através do corpo, de objetos ou de memórias familiares, mas sobretudo, como lidam e questionam titularidade do testemunho daquilo que agora conta, ou seja, como essa precariedade narrativa, ética e temporal se traduz, então, na forma como narram e/ou testemunham.

**Traduzir a culpa e a (des)memória:
notas para um projeto de tradução da peça
Burmistrz (O prefeito), de Malgorzata Sikorska-Miszcuk**

Marcelo Paiva De Souza (UFPR)

Resumo *Burmistrz* (O prefeito), obra da dramaturgia contemporânea Małgorzata Sikorska-Miszcuk (nascida em 1964), possui um lugar de destaque no teatro polonês dos últimos anos. Composta por duas partes, publicadas, respectivamente, em 2009 e 2011, a peça inclui-se na numerosa e diversificada leva de textos e espetáculos recentes que fustigaram a (des)memória coletiva do pogrom de Jedwabne, em 1941, bem como, mais amplamente, o trauma histórico da Shoah e todo “o complexo das culpas polonesas perante os judeus” – nos termos da estudiosa e historiadora do teatro polonês Joanna Krakowska. À luz da recepção crítica da obra, em especial das reflexões de Krakowska sobre a ressonância de *Burmistrz* como teatro público, um teatro com vocação assumida e notável potência de intervenção nos debates e conflitos da vida pública, proponho na presente comunicação uma breve apresentação, análise e discussão da peça de Sikorska-Miszcuk, com vista à sua tradução para o português do Brasil. Com vista à empreitada tradutória, também trago à baila e discuto brevemente, por fim, alguns conceitos e pesquisas dos estudos da memória (entre outros, as noções de “travelling memory”, segundo Astrid Erll, e de memória multidirecional e sujeito implicado, segundo Michael Rothberg), assim como alguns referenciais teóricos dos estudos da tradução (entre outros, Sofia Totzeva e Stanisław Barańczak).

**Viagens ao passado ou diários do presente?
Uma aproximação a três romances da
venezuelana Ana Teresa Torres**

Jesus Oneiver Arellano Perez (UFMG)

Resumo Na América-latina o gênero romance tem um antigo vínculo com a História, iniciado no século XIX e se mantém até agora, passando por momentos tão importantes como o boom latino-americano. Em todo esse período, podemos encontrar diversos autores

que olham para a História para textualizar, narrar e ficcionalizar o passado. Entre essas relações destacam aqueles romances que surgem do compromisso de testemunhar os processos ditatoriais do século XX. Esse cânone foi, eminentemente masculino e destaca por incorporar à narrativa os abusos de poder por parte desses processos ditatoriais, gerando uma narrativa de violência, de denúncia; deixando em evidência a crise social, econômica e política. Neste trabalho vou apresentar esta problemática, mas no contexto específico da Venezuela, com a narradora Ana Teresa Torres. Seus romances, *La escribana del viento* (2013), *Diario en ruinas* (2018) e *Viaje al pos comunismo* (2020) vão me permitir refletir sobre a conexão entre história, violência e literatura, e os modos de textualização autoficcional e autobiográficos que expandem as fronteiras da ficção, criam “espaços biográficos” (ARFUCH, 2002) e tensionam o discurso histórico, conectando o passado com o presente. Para isso, vou apelar à obra de Walter Benjamin que vai “iluminar” alguns “passagens” de minha leitura para depois me levar a compreender os textos como Espaços de recordação (ASSMAN, 2011).

Simpósio 50**Literatura infantil e juvenil brasileira
na contemporaneidade: diálogos transdisciplinares**

Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira (UNESP)

Diana Navas (PUCSP)

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)

Resumo A produção literária brasileira para crianças e jovens, na atualidade, apresenta um volume de lançamentos muito representativo no mercado editorial, o que representa a força dessa literatura no âmbito do campo literário, na perspectiva de Pierre Bourdieu (cf. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli et al. Introdução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992; cf. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; cf. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998), bem como a constituição de um habitus que a conforma como um subcampo, o da literatura infantil e juvenil. A partir desse locus, tal produção está cercada de diferentes agentes sociais e culturais, tais como a família, a escola, a editora, a livraria, a biblioteca, que a legitimam, a colocam em circulação, e propiciam o diálogo entre autor, obra e leitor, configurando um sistema literário, na acepção de Antonio Candido (cf. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v.2), que teve como origem o projeto editorial de Monteiro Lobato, na década de 1920, com a publicação da obra “Reinações de Narizinho”, direcionada inicialmente para o público escolar. Seus sucessores, como Ruth Rocha, Marina Colasanti, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Roger Mello, entre outros, ajudaram a consolidar esse sistema. Entre esses escritores, muitos romperam fronteiras com sua produção literária e foram reconhecidos com o Prêmio Hans Cristhian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil e juvenil. Nesse circuito literário ocorre uma efervescência de vozes que resulta numa polifonia, consoante aos estudos de Mikhail Bakhtin (cf. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981), que conferem sustentação a uma multiplicidade de experiências literárias a partir dos diferentes aspectos em torno da criação e da recepção literárias. Isso implica em experimentações artísticas cada vez mais sofisticadas,

que desafiam tanto o autor no seu fazer literário, quanto o leitor no ato da leitura. Por conseguinte, essa produção apresenta textualidades que rompem barreiras linguísticas, estilísticas, e temáticas em que: a) o continuum oralidade e escrita propicia o transito entre tais modalidades da língua, b) as experimentações linguísticas revelam diferentes estilos de composição poética e narrativa, c) não há mais assunto que não possa ser abordado, desde os mais corriqueiros aos mais polêmicos, pois tudo pode ser dialogado com o leitor infantil e juvenil, d) a materialidade da obra significa. Muitas dessas obras inovadoras quanto ao projeto gráfico-editorial também exploram a diversidade de linguagens (verbal, visual, sonora) em suportes impressos e virtuais, que exigem do leitor um domínio de tais linguagens, visto que ocorre uma simultaneidade dessas modalidades de linguagem que desafiam a uma produção coerente de efeitos de sentidos por parte do receptor. Diante desse contexto, o presente simpósio pretende colocar em pauta uma discussão que envolve tanto o processo de criação quanto de recepção, haja vista que as experiências literárias envolvem especificidades e particularidades engendradas pelo autor no seu fazer literário, que parece ser para os menos avisados um processo solitário, quando, na verdade, giram em torno dele um conjunto de atores como editores, revisores, tradutores e ilustradores que, igualmente, interferem no produto final, o livro. No que tange à questão da autoria, tem-se uma situação em que esta não é definida apenas pelo trabalho do autor do texto verbal, mas também do autor do texto imagético e do tradutor, que nem sempre é a mesma pessoa, muito embora tenhamos exemplos de sujeitos que assumem a dupla autoria, como Roger Mello e André Neves. Essa múltipla autoria é, conforme Roger Chartier (cf. *As revoluções da leitura no ocidente*. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999), percebida na produção literária eletrônica, já que exige uma vasta infraestrutura tecnológica e humana para materializar o literário numa perspectiva virtual, logo a textualidade que essa literatura digital propicia é marcada pela hipertextualidade e pela hipermídia, a exemplo das criações digitais de Angela Lago e Sérgio Capparelli. Além disso, acarreta mudanças no processo de recepção, que, inicialmente, segue um percurso linear, para, posteriormente, seguir um percurso não linear, quebrando, assim, a lógica tradicional da leitura do texto literário. É um repensar do papel do leitor diante dessas novas textualidades, que exigem

dele novas competências e habilidades para navegar por espaços móveis e virtuais, assumindo a posição de leitor imersivo, de acordo com Lúcia Santaella (cf. Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo, Paulos, 2004).

**“Viver é feito à mão / viver é risco em vermelho”:
a contemporaneidade de Nilma Lacerda**

Cecilia Barchi Domingues (UNESP)

Eliane Aparecida Galvao Ribeiro Ferreira (UNESP)

Resumo O primeiro contato dos críticos literários com a obra de Nilma Lacerda foi através de seu romance *Manual de Tapeçaria* (1986). Todavia, a maior parte da produção da escritora, inclusive reconhecida no campo literário por meio de premiações, destina-se a público diverso, no caso, o infantil e juvenil. Em 2020, sua obra *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho* é incorporada ao acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD-Lite-rário). Participar de acervos de programas de fomento à leitura não é novidade para a escritora, uma vez que possui mais de um livro integrado ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Chama a atenção, entretanto, o ano de publicação, 1989, dessa obra escolhida para compor os acervos do PNLD. Dessa forma, o intuito deste trabalho é refletir, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), sobre as potencialidades dessa obra (LACERDA, 2014) na formação do jovem leitor contemporâneo e se possui vitalidade para cativá-lo à leitura, promovendo o rompimento e a consequente ampliação de seu horizonte de expectativa. Acredita-se que sua leitura pode romper com conceitos prévios desse leitor sobre relações de poder que se estabelecem em sociedade e seus pares antitéticos; barbárie e civilização, liberdade e escravidão, destino e livre arbítrio.

A literatura infantil em exposição: sobre museus, infância e nostalgia

Ana Luiza Rocha do Valle

Resumo Proponho, nesta comunicação, uma reflexão inicial a respeito dos cruzamentos possíveis entre estudos de literatura infantil e museus sobre obras literárias ligadas à infância. Pretendo investigar de que modos a nostalgia (NEL, 2017) é problematizada ou reforçada por instituições que homenageiam autores reconhecidos em seus países como referências na literatura infantil. Nel aborda a dificuldade que muitos adultos têm de identificar racismo em produções culturais de que gostavam na infância, em função da relação de afeto com as memórias ligadas a elas. Os casos a analisar são o Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, em Taubaté (Brasil) e o Museu Astrid Lindgren, em Vimmerby (Suécia). Monteiro Lobato, a despeito de quaisquer controvérsias, ainda é considerado uma das principais referências da literatura infantil brasileira. O dia nacional do livro infantil foi oficialmente instituído em 2002 por lei como sendo o dia 18 de abril, em referência explícita à data de nascimento do escritor. No mesmo ano, o governo sueco criou o Prêmio Memorial Astrid Lindgren em homenagem à escritora. Serão consideradas as discussões em torno do racismo na obra de Monteiro Lobato e nos posicionamentos políticos do escritor, e aquelas a respeito do colonialismo em ao menos um dos livros de Lindgren – Pippi nos Mares do Sul. Buscarei compreender em que medida essas discussões e reflexões estão presentes nos museus supracitados e como a noção de nostalgia se relaciona às escolhas museológicas.

A literatura na BNCC: um estudo das habilidades dos anos finais do ensino fundamental

Mariana da Silva Santos (UEM)

Resumo A Base Nacional Comum Curricular homologada em 2018, cuja proposta principal é o estabelecimento de um currículo mínimo para todos os anos escolares da Educação Básica brasileira, está, ainda, em processo de integração às instituições educacionais. A

importância deste texto, em propor um ensino baseado na exploração de habilidades para o desenvolvimento de competências no corpo estudantil, e sua recém homologação, tornando-se um documento pouco conhecido no contexto da educação básica, justifica sua pesquisa e exploração neste trabalho. Em especial, dentro do campo Literário, para o qual não há uma homogeneidade em relação aos conteúdos a serem abordados no ensino básico, sobretudo para os anos fundamentais. Tendo em mente esses fatores e as necessidades de mudanças na educação diante das novas tecnologias da informação, propomos à investigação dos conteúdos de literatura escolhidos pela BNCC para o Ensino Fundamental II, pela análise das habilidades designadas a serem estimuladas nessas séries, à luz dos estudos sobre Letramento para compreender quais os conteúdos apresentados para o ensino de literatura nas séries selecionadas. E, para o enriquecimento dessa discussão, os conceitos de literatura, leitura e leitor apresentados pelos documentos do governo (BRASIL, 1998; BRASIL, 2013; BRASIL, 2018) foram problematizados – tendo como parâmetro teórico as proposições de Street (2014); Kleiman (1995); Soares, (2005); Tfouni (1994); Rojo (2009); Eagleton, (1985); Culler (1999); Iser (1996, 1999); Jauss (1994); Hansen (2005); Aguiar (2000); Candido (1981). Em síntese, a pesquisa demonstrou confluência entre o modelo de leitor literário objetivado pela BNCC (2018) – capaz de interagir com textos clássicos, assim como, com textos ficcionais contemporâneos, incluindo os de suporte digital – e as habilidades propostas pelo documento, relacionadas ao ensino literário.

A materialidade como linguagem narrativa: leituras do livro-objeto

Diana Navas (PUCSP)

Resumo Elementos gráficos, tipologia, cores, formato, gramatura e tipo de papel empregado, acabamento, recorte, texturas tornaram-se, na produção contemporânea preferencialmente endereçada a crianças e jovens, elementos que assumem claro potencial narrativo. Ao lado do texto verbal e das ilustrações, o projeto gráfico integra o processo de significação verbo-visual-sensorial no livro, espaço em que linguagens e meios confluem, construindo um todo em que diferentes

linguagens se unem para formar uma sintaxe integrada. Construído, assim, a partir de, pelo menos, três linguagens – texto verbal, ilustração e projeto gráfico – o livro-objeto, em razão de sua composição multimodal, implica uma leitura sinérgica, na qual as linguagens, assumindo a mesma hierarquia, precisam ser lidas em conjunto. Longe de se constituir como adorno, como aspecto que meramente torna o livro mais bonito e atrativo, o projeto gráfico assume-se como uma terceira narrativa, que estimula e expande os sentidos suscitados pelo texto literário e pelas ilustrações, desafiando o leitor e incitando-o a uma participação mais ativa no processo de leitura. Centrada nas reflexões de Ilgim Alaca (2015, 2019), Margareth Mackey (2008) e Bettina Kümmerling-Meibauer (2019) em torno da materialidade do livro, a presente comunicação almeja propor a leitura de três obras da Casa Babayaga – Azul (2020), de Debora Barbieri; ... e o que veio antes, de Carolina Moreyra e Marcia Misawa (2017); e Maia e Mia (2019), de Debora Barbieri e Vanessa Prezoto, evidenciando o papel narrativo assumido pelo projeto gráfico em sua composição. Intenta-se, por meio desta leitura, destacar a função desempenhada pelo projeto gráfico nos livros-objeto e o papel ativo assumido pelo leitor no processo de leitura.

A materialidade e a construção da memória na narrativa juvenil “Clarice” (2018), de Roger Mello e Felipe Cavalcante

Camila Pereira de Sousa (UFPI)
Cleanne Nayara Galiza Colaço (UFPI)

Resumo Nas obras destinadas a crianças e jovens na contemporaneidade, a análise dos elementos estéticos e materiais que envolvem as obras também são essenciais para a formação da crítica literária da literatura infantil e juvenil. Esse conjunto de elementos desafia o leitor, atual por meio de diferentes linguagens, a participar ativamente de uma ressignificação textual e ativar percepções e sensibilidades. A partir dessa configuração, a presente comunicação objetiva analisar o projeto gráfico da narrativa juvenil “Clarice” (2018), escrita por Roger Mello e ilustrada por Felipe Cavalcante, e apresentar um breve panorama da narrativa infantil e juvenil brasileira que tematiza a Ditadura civil-militar. O estudo se fundamenta

nos pressupostos teóricos de Colomer (2017), Martha (2009) Lajolo e Zilberman (2007), Ramos (2013), Nikolajeva e Scott (2011), Oliveira (2008), Ceccantini e Pereira (2008), Debus (2020), dentre outros. A narrativa possui como protagonista a menina Clarice e ficcionaliza o período ditatorial brasileiro, bem como propõe o questionamento às diferentes formas de autoritarismo, à censura e às opressões verificadas nesse contexto, sob a ótica da narradora infantil. Consideramos que a carga expressiva de Clarice, através da interação entre palavra e imagem, pode provocar mais adesão à leitura e promover ao leitor a construção da memória desse contexto político e social brasileiro. Além disso, também se objetiva com a análise da obra, espera-se suscitar discussões no âmbito social e referências ao processo de produção e caracterização do texto híbrido e a materialidade da obra, em que a partir desse conjunto, contribuem para a construção de experiência estética e para a ampliação do horizonte de expectativa do leitor a que se direciona.

A poesia contemporânea no livro ilustrado infantil: análise da obra *Que lambança!*, de Ana Maria Machado

Fabricia Jeanini Cirino Pinto (UNESP)

Resumo Este trabalho tem por objetivo apresentar uma possibilidade de análise, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), do livro *Que lambança!* (2004(a)), escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Denise Fraifeld. Essa obra poética destinada ao público infantil pertence à coleção “Gato escondido”, cujo título na tradição do gênero dialoga com a cultura popular, as cantigas de roda e parlendas do folclore popular, em especial, com trava-línguas homônimo: “Gato escondido com rabo de fora tá mais escondido/que rabo escondido com gato de fora” (CIRANDA DO BRASIL, 2021). Essa dialogia revela o projeto estético da escritora que entende como papel da literatura a constituição de uma memória social, pelo resgate de um patrimônio cultural que, ao ser apropriado, atualiza-se constantemente. Desse modo, a obra se apresenta como um jogo que desafia um leitor perspicaz a descobrir o que se “esconde” e se “mostra” em suas entrelinhas e, em especial, na relação que se estabelece entre seus textos verbal e imagético. Justifica-se,

assim, a escolha pelo aporte teórico da Estética da Recepção, pois a obra de Machado (2004(a)), pelo recurso à dialogia com um imaginário popular e infantil, e pela comunicabilidade com o leitor implícito, que se instaura sob a forma de um jogo, manifestando-se tanto no texto verbal quanto imagético, evidencia que almeja cativar a criança à leitura.

Apontamentos sobre literatura de cultura de massa, best-sellers e leitores: por uma relação conciliatória

Luzimar Silva de Lima (UFPI)

Resumo A literatura apresenta, na contemporaneidade, uma pluralidade de leituras que oferecem aos leitores um amplo panorama de escolhas. Tem-se percebido um público que se diversifica em face da força crescente da literatura de cultura de massa e da forte investida do mercado editorial nas obras de categoria best-sellers que se apresentam com grande frequência nas escolas, hoje. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as configurações que envolvem os temas (literatura de cultura de massa e best-seller) a partir de suas relações com os leitores, bem como da necessidade do desenvolvimento de um trabalho que funcione como elemento mediador entre a literatura de cultura de massa e literatura erudita. No que concerne a presença dessa literatura em ambiente escolar, a crítica tem revelado um discurso cujos aspectos negativos se sobrepõem aos positivos quanto sua qualidade, validade e consumo. Para tanto, foram basilares os estudos de: Morin (1997), Bhabha (2005), Paz (2004), Sodré (1988), Reimão (1996), Petit (2008). Esperamos trazer contribui  es para que se reflita a pluralidade da leitura literária na escola, bem como do reconhecimento da literatura de cultura de massa na forma  o de leitores. Partimos do pressuposto de que é plenamente possível conciliar estas duas literaturas sem que haja rivalidade entre elas, de modo que um leitor de best-sellers pode se tornar leitor da literatura erudita como processo de eleva  o sensível e que esta lhe seja um direito inalienável.

As linguagens metaficcionais do livro ilustrado contemporâneo

Luara Teixeira de Almeida (PUCSP)

Resumo O presente trabalho busca refletir sobre a metaficção nos livros ilustrados contemporâneos, procedimento este que evidencia o processo de criação das obras, estimulando o leitor a vasculhar o objeto livro e suas – possíveis – formas de produção, rompendo fronteiras entre ficção e realidade na própria experiência literária. A partir da leitura de “Este não é um livro de princesas”, de Blandina Franco e José Carlos Lollo e “O personagem encalhado”, de Angela Lago, ambos de autoria nacional, discutiremos como as três linguagens de um livro ilustrado – verbal, imagética e gráfica – se combinam na construção de sentidos metaficcionais, por meio da mostraçã (showing) e não apenas da narração (telling). Essas obras trazem em suas narrativas uma intenção de diálogo com o leitor, que o desafia e o convoca para uma leitura mais profunda e sensorial. O projeto pretende investigar as diferentes maneiras que a metaficção pode ser apresentada como um limiar e um espaço do brincar, no próprio fazer literário e recepção de leitura, expondo assim, por meio de experimentações visuais, a consciência de si do próprio livro e, por consequência, do leitor. O objeto livro metaficcional denuncia, pela mimese de seu processo de criação e por meio da exploração de suas linguagens, seus bastidores e fazedura, se tornando, assim, um convite ao leitor, no momento da experiência leitora, a descobrir junto dele suas múltiplas possibilidades de sentido.

Entrecruzamento entre História e Literatura como reminiscência de um perigo iminente pelas tessituras verbais e visuais na quadrilogia de Ruth Rocha

Ana Claudia dos Santos

Resumo Este estudo apresenta análise da quadrilogia *O reizinho mandão* (2013), *O rei que não sabia de nada* (2012), *O que os olhos não veem* (2012) e *Sapo vira rei vira sapo ou A volta do reizinho mandão* (2012), de Ruth Rocha. As obras foram escritas em tempo simultâneo ao Regime Civil-Militar no Brasil e aborda temáticas como opressão e repressão,

perda de direitos, união do povo, luta para a derrubada do tirano, representatividade de alguns governos militares entre outros. As obras infantojuvenil, em especial esta quadrilogia analisada, são abarcadas de escritas alegorias capaz de camuflar ou expor seu real significado tanto pelo viés verbal quanto pelo viés das ilustrações formadas por linhas, posições, cores, preenchimentos, ambos com sua singularidade e simbologia, aliar-se à literatura histórica. Nossa intenção é refletir e apresentar o enlace entre História e Literatura como reminiscência de um perigo próximo. Para tanto, o trabalho contou com suporte teórico-histórico de Fausto (2004), Duarte-Plon (2016), Stephanou (2001), Zilberman (2005), Sussekind (1985), Lajolo e Zilberman (2007), Gregorin Filho (2015), Arquidiocese de São Paulo, projeto Brasil: nunca mais, tomo V, volume I e III (1985), elementos alegóricos, e elementos da narrativa ‘tempo’ e ‘espaço’ de Reis e Lopes (1988), e Dimas (1985), e um estudo analítico das imagens ilustradas nesses livros com suporte de Aumont (1993), Camargo (2016) e Dondi (2003) com a pretensão de aludir o contexto sociopolítico no Brasil através do entrelaçamento entre História vs. Literatura e discurso verbal vs. visual e mostrar, pelo viés ficcional, a relevância do registro histórico camuflado na quadrilogia infantil.

Gênero e diversidade sexual na literatura brasileira para crianças e jovens

Erivan da Silva Dantas Filho (UERJ)

Resumo Por ter uma ligação muito estreita com o pedagógico e em consequência, com a organização política vigente, a literatura para crianças e jovens no Brasil estabeleceu-se, durante muitos anos, como um espaço apartado de temáticas relacionados a grupos minoritários. Nota-se um avanço na discussão de temáticas consideradas “polêmicas” na literatura infantojuvenil na contemporaneidade, mesmo em um momento decisivo em que podem ser destacadas diversas tentativas de censura, muitas vezes bem sucedidas, ao debate dessas temáticas na literatura para crianças e jovens. A comunicação aqui proposta tem como objetivo principal discutir a abordagem da diversidade sexual e de gênero na literatura brasileira contemporânea para crianças e jovens. Para tal, pretende-se abordar de forma

breve o percurso histórico dessa temática da Literatura Infantojuvenil no Brasil, em uma tentativa de entender as representações “tradicionais” dessa temática, afirmando que sempre estiveram presentes na literatura infantojuvenil brasileira. Obras como “É proibido miar” de Pedro Bandeira e “Flicts” de Ziraldo serão discutidas como corpus “tradicional” e obras como “trans Eudora trans” de Tati Rivoli e “existo” de Vinicius Cardoso como exemplo de abordagem do gênero e da diversidade sexual na literatura infantojuvenil brasileira contemporânea. Essa análise de obras da tradição tem como objetivo pensar em como a temática era abordada historicamente e propor diálogos com a mesma temática e seu aparecimento em obras da literatura brasileira contemporânea para crianças e jovens.

Infância e Poesia no conto “A menina de Lá”, em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa

Valéria Ribeiro de Oliveira Magalhães (UESPI)

Resumo A poética que o autor mineiro João Guimarães Rosa empreende busca o novo, o êxtase inaugural sobre as coisas do mundo. Daí a preferência pelas crianças, loucos, “ensimesmados”, os excluídos ou intocados do mundo dito “civilizado”, uma vez que o olhar destes pode ser ilógico dentro da lógica do mundo. Assim, o estudo “Infância e Poesia no conto “A menina de lá”, em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa tem como objetivo analisar a personagem infantil no referido conto da obra *Primeiras Estórias* (1962), buscando perceber como a relação entre infância e poesia, instaurada pelo jogo de linguagem empreendido pelo autor, pode evidenciar a sua concepção de arte. Para fazer esse diálogo, contou-se com as contribuições teóricas de Antonio Candido (1972), com os estudos sobre a personagem, Johan Huizinga (2012), no livro *Homo Ludens*, que traz o entendimento de jogo. Friedrich Nietzsche (2012), com *A gaia ciência*, Tatiana Levy (2011), com o estudo “A experiência do fora”, entre outros. Nesse ínterim, observou-se que, *Nhininha*, “a menina de lá”, seria entendida como a própria personificação da poesia, na qual não pode ser associada à vida prática, porque vive no âmbito dos possíveis, do imaginário. Como personificação do poético, o lúdico lhe é inerente, pois joga com as palavras e com os sentidos.

Juvenil ou jovem adulto? A adolescência contemporânea em “Enfim, capivaras”, de Luisa Geisler, e “Conectadas”, de Clara Alves

Severino Rodrigues da Silva (IFPE)

Daniela Maria Segabinazi (UFPB)

Resumo Recentemente, novos prêmios voltados à apreciação e à análise da “literatura preferencialmente destinada aos jovens” (NAVAS & RAMOS, 2019, n. p.) têm apresentado perfis diferenciados, se comparados aos certames mais tradicionais. É o caso do Selo Cátedra 10, outorgado pela Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio, a partir de 2016. Nessa premiação, a diversidade de obras chama a atenção, principalmente pela presença de títulos que extrapolam o específico “juvenil”, sendo designadas pelos próprios autores, pelas editoras ou pelos leitores, como “Young Adult” ou Jovem Adulto. São títulos que, muitas vezes, por alguns usos da linguagem ou pela presença de temas fraturantes, não encontram lugar na escola, chegando a ser censurados, como ocorreu com o livro “Enfim, capivaras”, da escritora gaúcha Luisa Geisler em 2019. No entanto, “não se pode duvidar, dessa forma, que obras premiadas, após o crivo da crítica especializada, sejam de qualidade” (DUARTE, SEGABINAZI & SANTOS, 2018, p. 40). Diante desse cenário, o presente trabalho objetiva analisar as representações da adolescência e investigar as características, temáticas e linguagens exploradas em duas obras premiadas pelo Selo Cátedra 10: o já citado “Enfim, capivaras”, de Luisa Geisler, e “Conectadas”, de Clara Alves. Para subsidiar as discussões acerca do conceito de adolescência, partimos de Le Breton (2017), Becker (2017) e Calligaris (2009); e sobre a literatura para a juventude atual, nos trabalhos recentes de Carneiro & Farias (2020), Ramos & Navas (2019), Duarte, Segabinazi & Santos (2018), Lajolo & Zilberman (2017), Colomer (2017), Turchi (2016) e Ceccantini (2010).

Livro ilustrado, acervos e escola: a leitura de imagens como um direito do (pequeno) leitor

Andreia Aparecida Suli da Costa (UNESP)
Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho (UNESP)

Resumo Na atualidade, imagens perpassam os cotidianos desde a mais tenra infância. Ao alcance dos olhos, nas ruas, ou nas pontas dos dedos, muitos são os estímulos visuais a que estão sujeitos aqueles que circulam na sociedade letrada contemporânea. Na literatura para a infância, não poderia ser diferente; nos anos recentes, assistimos a uma profusão de obras literárias nas quais textos e imagens se entrelaçam na construção das narrativas, por vezes plurissignificativas e polissêmicas, que dialogam com outros textos e/ou diferentes mídias. Graças aos programas do livro, tais como o Programa Nacional do Livro Didático/Pacto Nacional pela Alfabetização na idade Certa (PNLD/PNAIC) e Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD literário), para citar apenas os mais recentes, livros ilustrados de qualidade têm chegado às mãos das crianças das escolas públicas do país. Todavia, oportunizar o acesso às obras é suficiente para garantir às crianças uma leitura que adentre as diferentes camadas e intertextos ou a relação complementar entre palavra e imagem? Assim, neste trabalho, a partir da obra *Direitos do pequeno leitor*, de Patrícia Auerbach e Odilon Moraes (2018), disponível nos acervos Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD literário) de 2018, apresentamos um recorte das reflexões teóricas que vimos tecendo na pesquisa em desenvolvimento no âmbito do programa de doutoramento, buscando qualificar as mediações de leitura do livro ilustrado no espaço escolar em que se pesem a materialidade, o projeto gráfico-editorial, ilustrações e texto verbal de maneira complementar e integrada, como um direito do (pequeno) leitor.

Maia e Mia e a Sapa Tonia da materialidade de suas caixas para o digital

Mariana Amargós Vieira (UPM)

Resumo O livro-objeto, possui um apelo à materialidade: tipografia, diagramação, cores, texturas, recortes, formatos, acabamentos,

elementos paratextuais, dispositivos móveis, entre outros. Um artefato lúdico, que desafia nossa maneira de pensar, de sentir e de ler a obra literária, em especial aquelas endereçadas para as infâncias. Essas publicações proporcionam ao leitor diversas experiências de leitura, mas o que acontece quando um artefato poético com essas configurações, que convida o leitor para a interação e experimentação, se transpõe para uma plataforma de leitura digital? Esta comunicação pretende analisar à luz de Carrión (1975), Chartier (1998), Debus, Spengler e Gonçalves (2020), Dewey (2010), Lajolo e Zilberman (2017), Melot (2012), Paiva (2010), Santaella (2004), os livros *A Sapa Tonia* (2018), de Tati Rivoire, publicado pela editora Dagoia Livros e *Maia e Mia* (2018), de Débora Barbieri e Vanessa Prezoto, publicado pela editora BabaYaga, e suas transposições para o digital, propõe-se explorar as diferenças da materialidade, de cada título, observando como o aplicativo apresenta de maneira delicada as obras ao leitor em uma diagramação estabelecida pelas próprias autoras e como esse formato impacta a experiência de leitura. Atualmente os dois títulos estão disponíveis no aplicativo Bamboleio, um serviço de streaming para Android e iOS, tanto para smartphones quanto para tablets.

Narrativa verbovisual de André Neves: provocações ao leitor contemporâneo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI)

Resumo A produção literária para crianças e jovens caracteriza-se, em especial, na contemporaneidade, não somente com a presença do elemento verbal para constituir o seu valor estético, uma vez que a imagem compõe igualmente essa produção, conforme Turchi (2002). A presença do não verbal na literatura infantil e juvenil, a partir dessas funções, tem o papel de promover a ampliação dos significados do verbal com sua perspectiva artística, conforme os pressupostos de Nikolajeva & Scott (2011), Oliveira (2008), Ramos (2011) e Santaella (2012), contribuindo, assim, para a polissemia do texto, que é uma característica importante para garantir a literariedade da obra. Outrossim, o diálogo entre o verbal e o não verbal implica a condição do livro como suporte híbrido, como propõe Mastrober ti (2007), tendo em vista a possibilidade do livro, enquanto suporte,

proporcionar ao leitor o encontro com diversas linguagens, inclusive as oriundas da cultura das mídias, conforme Mastroberti (2012). Diante desse contexto de pesquisa, objetiva-se neste trabalho investigar a trama de linguagens nas narrativas verbovisuais para crianças do escritor e ilustrador pernambucano André Neves, sendo o autor o responsável concomitantemente pelo texto e ilustração, e suas implicações para o desenvolvimento da sensibilidade estética do leitor literário iniciante, que vive num contexto social pautado pela presença ostensiva de textos multimodais.

O conto contemporâneo na sala de aula: estratégias e práticas de leitura no ensino médio

George de Santana Mori (UFMS)
Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS)

Resumo Este nosso estudo tem como objetivo evidenciar a dimensão do trabalho com os contos infantojuvenis no ensino fundamental, considerando inspirar a leitura e capacitar os estudantes a tornarem-se leitores críticos reflexivos, habilitados a constatar pormenores e possíveis encadeamentos. Atualmente, devido à pandemia do Covid-19 e à implementação do ensino remoto, foi preciso um esforço desmesurado para promover na educação habilidades e competências, principalmente no que tange à formação de leitores. Sendo assim, mudanças de paradigmas foram imprescindíveis não apenas aos estudantes, mas também aos professores no trato com os textos literários. Assim, julgamos ser exequível apresentar diversos contos durante as aulas de literatura no ensino fundamental, explanando obras cuja linguagem e temas se aproximem de experiências subjetivas dos jovens estudantes. Fundamentados na definição de Letramento Literário, analisamos, por meio do ensino remoto e junto aos estudantes do 3º Ano do Ensino Médio de uma Escola Técnica Estadual no município de Tupã/SP, durante o segundo bimestre de 2021, os contos “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles e “O Monstro”, de Luiz Vilela. Os textos apresentam temáticas que se aproximam das experiências subjetivas dos estudantes como, por exemplo, amor, violência, morte, entre outras. Nessa perspectiva de estudo e compreensão, buscamos pontuar algumas possibilidades de leitura de contos

infanto-juvenis com a finalidade de lançar argumentações que oportunizem aos estudantes direcionar novos olhares para literatura.

O Espaço “Sítio do Picapau Amarelo”, em *O Saci*: uma topoanálise das terras de Dona Benta

Daniel Fernandes da Silva (UNIFESSPA)

Resumo O sítio de Dona Benta mostra-se como um campo mágico de fantasia dentro da narrativa de Monteiro Lobato. A materialidade desse espaço ficcional constitui-se importante para a convergência dos espaços imaginários e encantados das aventuras de seus moradores. Em 1920, Lobato publicou seu primeiro livro para crianças, *A menina do narizinho arrebitado*, o primeiro de muitos outros que viriam a compor a Saga do Sítio do Picapau Amarelo. Em 1921, Lobato fez a primeira publicação de *O Saci*, recriando a personagem do Saci Pererê, agora para o universo infantil, e ligando-a ao Sítio de Dona Benta. Neste livro marca-se a chegada de Pedrinho ao sítio da avó, seu encontro com o saci e as aventuras vividas na floresta. Essas aventuras expandem a espacialidade do sítio para além dos cronotopos da varanda, do pomar e do ribeirão das aventuras de Narizinho, já que Pedrinho e o saci percorrem a floresta e os pastos do entorno até chegar à casa de Tio Barnabé. O texto a ser apresentado é o início de nossa pesquisa sobre o espaço “sítio” na obra infantil de Monteiro Lobato. Em *O Saci* (1921), onde o espaço do sítio aparece pela primeira vez bastante caracterizado, temos por objetivo conduzir investigações a respeito desse espaço que, em sua materialidade ficcional, apontamos como a “terra base”, de onde as personagens partem para suas aventuras nos espaços da fantasia. Para tal feito, usamos o método de averiguação bibliográfica adotada na tipologia de Gil (1991) e Vergara (2000) para classificar a pesquisa, especificando suas características quanto aos fins e aos meios. Portanto, a pesquisa pode ser denominada de exploratória, possuindo características do tipo descritiva, pois se destina prioritariamente a delinear as percepções de espaço nas concepções teóricas propostas por Bakhtin (2003), Bachelard (1993), Filho (2008), Santos (2006), Munari (1997) e Rodari (1982).

O livro interativo para a infância e a reconfiguração do papel do leitor

Mayla Luiza de Almeida (UNIFESSPA)

Resumo A relação estabelecida entre leitor e o livro ilustrado com recursos interativos é desencadeada por diferentes elementos do verbal, do visual e da composição do projeto gráfico que contribuem para a construção de sentidos e propiciam ludicidade ao leitor. Entendemos que o livro com tais recursos contém a intenção de promover a participação ativa do leitor permitindo que ele também participe da criação da história, e escolha qual continuação quer dar a ela. Essa participação pode ser por meio da materialidade do livro ou da própria sequência narrativa com recursos de hipertextualidade. Desse modo, essa comunicação pretende analisar as estratégias de interatividade sob a perspectiva do leitor como sujeito ativo que confere sentido ao texto e também à sua materialidade presentes nos livros *Branca de Neve e as sete versões*, de José Roberto Toreiro e Marcus Aurelius Pimenta e *Este livro comeu o meu cão!* Escrito por Richard Byrne. Para tanto, a partir das contribuições teóricas de Hunt (2010), Chartier (1998), Lajolo e Zilberman (2017), Ramos (2018) e (2011), Linden (2011), Góes (2003), Wandelli (2004) e Medeiros (2011). Concluimos que o livro com recursos interativos voltados para as infâncias direciona não somente o olhar do leitor e sua experiência de leitura, mas também sua postura diante do objeto livro. Um elo pode ser estabelecido entre leitor e obra devido ao aspecto lúdico presente nas tramas linguísticas e até labirínticas que convida o leitor para protagonizar os rumos da narrativa. Sendo assim, o leitor deixa de ser apenas o receptor de uma mensagem e passa a ser colaborador que participa da criação da história, quase um coautor, envolvendo-se interativamente com os significados das múltiplas possibilidades de leituras presentes no verbal e no não verbal.

O lugar menor da linguagem: o valor do detalhe no limiar dos livros ilustrados

Lion Santiago Tosta (UPM)

Resumo Considerando a produção editorial dos livros ilustrados, livros-imagem e livros-objeto, ou como Lawewnce R. Sipe e Sylvia Pantaleo definem como postmodern pictureboks (SIPE e PANTALEO, 2008), é notável como os fatores tecnológicos ligado a produção gráfica foram determinantes para um salto de linguagem no que diz respeito a essas produções. Todavia, é importante considerar que mesmo com esses avanços a produção literária pelo meio (mídia) do livro, está passível de um jogo de equilíbrios e desequilíbrios que viabilizam ou não a concretude de um projeto literário. Neste sentido, vale notar que não só os fatores econômicos, mas os conceituais também podem imprimir seu poder se censura sobre a linguagem a ser publicada. Portanto, esta comunicação tem como pressuposto, analisar como os impactos editoriais em seus múltiplos desdobramentos afetam e transformam a experiência literária nos postmodern picturebooks. Para abordar essa comunicação serão abordados dois corpus de pesquisa como base da comunicação, sendo eles o livro *The Red Tree* (2001), de Shaun Tan, publicado no Brasil sob o título *A árvore Vermelha* (2009), e o livro *El alma perdida* (2017), de autoria de Olga Tokarczuk e Joanna Concejo, publicado no Brasil sob o título *A alma perdida* (2020). Para entrelaçar os corpus de pesquisa, será proposto uma discussão sobre os lugares menores no livro, considerando os gestos de linguagem que aparentemente podem ser considerados ínfimos ou irrelevantes, mas que são imprescindíveis para a construção de efeitos de linguagem na narrativa literária. Logo, para efetuar essa análise, esta comunicação toma como base teóricos como Genette (2009), Cadôr (2016), Linden (2011) e Carrión (2011), para abordar a discussão sobre aspectos da anatomia de linguagem do livro, e Benjamin (2007, 2012, 2011), Behrens (2010) e Didi-Huberman (2010), abordando o conceito do limiar, como possibilidade de compreensão e valorização dos lugares menores imprescindíveis para a literatura.

**O romance de formação na literatura juvenil premiada:
um estudo de *Fragosas brenhas do mataréu* (2014),
de Ricardo Azevedo**

Danilo Fernandes Sampaio de Souza (UFES)

Resumo Autor de mais de 100 livros para crianças e jovens, o escritor, ilustrador e pesquisador Ricardo Azevedo possui carreira literária já consolidada e muitos prêmios recebidos. No Prêmio Jabuti são três premiações na categoria juvenil com *Maria Gomes* (1991), *A Outra Enciclopédia Canina* (1999) e *Fragosas brenhas do mataréu* (2014). Foi também laureado com prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Associação Paulista de Críticos de Arte. O romance *Fragosas brenhas do mataréu* (2014), de Ricardo Azevedo, em meio a tantas obras destinadas ao público juvenil lançadas na contemporaneidade, destaca-se pelo precioso trabalho com a linguagem e por tratar de questões relacionadas às experiências e ao amadurecimento do protagonista no decorrer da narrativa. De acordo com Ceccantini (2000), na literatura juvenil brasileira não é rara a presença desses temas, característicos do romance de formação ou Bildungsroman. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar como se dá a manifestação das características do romance de formação- ou Bildungsroman- na obra juvenil em questão. Como metodologia de análise, privilegiamos a pesquisa bibliográfica, destacando a leitura de textos teóricos sobre o gênero romance de formação, leituras de textos voltados para o específico juvenil, além de estudos e pesquisas sobre a estrutura da narrativa. Dessa forma, observaremos nessa obra as temáticas predominantes, o projeto gráfico-editorial, bem como a configuração do narrador, das personagens, do enredo e da estrutura linguística. Para tanto, subsidiam nossas análises os estudos de Maas (2000), Cruvinel (2009) Ceccantini (2000), dentre outros autores.

**O universo transmídia e multimodal de *Once upon a time*:
apropriações, paratextos e extensões ficcionais**

Renata Andreolla (UPF)

Resumo A pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, situada na linha de pesquisa

de Leitura e Formação do Leitor, tem como tema o universo multimodal e transmidiático do seriado *Once Upon a Time* e suas apropriações de contos de fadas, paratextos e extensões ficcionais, além da utilização da Semiótica Social, principalmente no que se refere à multimodalidade, nas narrativas transmídias. Delimita-se esse estudo sobre a ligação entre as narrativas, os contos de fadas e o universo fictício da primeira temporada do seriado citado, especificamente a adaptação do conto de fadas Branca de Neve, comprovando como esse universo ficcional configura-se em uma narrativa transmídia além da importância da Semiótica Social, tanto na literatura como nas adaptações, em que compreende o uso de cada modo semiótico, e multimodal, determinado pelo contexto, produzindo, assim, significados socialmente e culturalmente situados. Com base nesses objetivos, defende-se a tese de que a construção da narrativa transmídia através da multimodalidade dos contos de fadas e suas apropriações, contribui para a formação leitora dos adolescentes através do seriado televisivo *Once Upon a Time*. Assim, a pesquisa tem como aporte teórico os estudos de Henry Jenkins (2009) no que se refere à cultura da convergência e narrativa transmídia, onde cada mídia torna-se importante para a compreensão de uma narrativa maior; Guther Kress (2000, 2006, 2010, 2014), Van Leeuwen (2006) e Michael Halliday (1978) sobre semiótica social e multimodalidade, em que os significados e os sistemas semióticos são moldados pelas relações de poder e que, à medida que o poder se desloca na sociedade, nossas línguas e outros sistemas de significados socialmente aceitos podem e devem mudar; e quanto à experiência de leitura, as contribuições de Jorge Larossa (2003, 2014) e Judith Langer (2005).

**Olhares negros e representação:
uma abordagem dialógica da literatura negra
infanto-juvenil nos contos “Um olhar” e “Olhos d’água”**

Mariana Costa do Carmo (UFRN)
Benício Mackson Duarte Araújo (UFRN)

Resumo O conceito de literatura negro-brasileira, de acordo com Cuti (2010), refere-se às produções literárias feitas por negros no Brasil e destaca-se por colocar na cena ficcional temas como

representatividade negra, afetividade e as diferentes formas de ser no mundo, questões também presentes nas vivências de pretos brasileiros que nos possibilitam repensar as formas em que o negro é representado na literatura, deslocando nossos olhares para as construções de subjetividade, com o objetivo de desmontar e questionar uma já instituída objetificação desses corpos. Nessa perspectiva, tomando como base a Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin (2002, 2003, 2015), considerando as leituras de Brait (2010) e as discussões propostas por Silva (2000) e Duarte (2009), pretende-se desenvolver uma análise comparativa dos contos “O olhar”, de Júlio Emílio Braz (2017), e “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2017), com o objetivo de investigar de quais maneiras as palavras “olhos” e “olhar” refletem as concepções acerca das subjetividades negras e do conhecimento que emana das encruzilhadas da vida cotidiana refratadas no discurso literário. Desse modo, a discussão proposta nos mostra como a produção literária brasileira para crianças e jovens contribui para a representatividade negra no Brasil ao ser pensada a partir da diversidade de vozes presentes em sua composição, as quais favorecem uma alternativa à tradição literária voltada para o público infanto-juvenil.

Pelas margens do livro ilustrado contemporâneo: uma análise comparativa entre “Rosa” e a “A terceira margem do rio”

Mell Sauter Brites Guimarães (UNESP)

Resumo Em “Rosa”, escrito e ilustrado por Odilon Moraes, o autor transpõe para o espaço tridimensional do livro ilustrado a narrativa breve “Terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, fazendo uma homenagem a um dos mais celebrados autores de língua portuguesa. Ao contrário da obra rosiana, aqui a narrativa verbal se constrói em terceira pessoa e, em poucas sentenças, traça um largo arco de acontecimentos focados na figura do filho, de nome Rosa, que vai desde o seu nascimento até chegar ao conhecido episódio do abandono de seu pai. Quanto às ilustrações, em aquarela e grafite, cores terrosas e traços pouco definidos, focalizam a perspectiva do filho em outro tempo: ele é visto no futuro, já crescido, saindo de um ambiente urbano para o rural, experimentando um percurso pelo seu passado.

Tal alargamento de leitura em relação ao conto original só se faz possível aqui pela inter-relação entre texto verbal, visual e materialidade do objeto, e pela predominância da ilustração como agente construtor de sentido. O objetivo deste artigo, assim, é traçar um olhar comparativo entre as duas formas narrativas – a exclusivamente verbal, de Guimarães Rosa, e a verbal, pictórica e material, de Moraes –, para então compreender, com o apoio de estudiosos do livro ilustrado, como Perry Nodelman e Sophie Van der Linden, e de teóricos que problematizam a relação texto-imagem (como Roland Barthes e Alison Gibbons), de que maneira o autor de “Rosa” lança mão dos variados e originais recursos que o formato híbrido oferece para, nesta abordagem intertextual, trazer sua contribuição à obra-prima de Guimarães Rosa e assim abrir caminhos de compreensão que só o contraste entre palavra escrita e traço desenhado pode ser capaz de desvelar.

Posso ficar com ele?:

O livro-objeto como um convite à exploração dos sentidos

Maria Laura Pozzobon Spengler (UDESC)

Juliana Pádua Silva Medeiros (UPM)

Resumo A produção literária brasileira do século XXI vem impondo grandes desafios aos pesquisadores no que se refere às materialidades do livro, especialmente, aquele endereçado às infâncias. Acredita-se que isso ocorra devido ao fato de que, cada vez mais, os projetos gráfico-editoriais exploram o acabamento, a tipografia, o formato, a montagem, a dobra, a textura, entre outros elementos constituintes do livro, ampliando as possibilidades de construção dos sentidos e, consequentemente, reconfigurando as noções de leitor e de leitura. À luz de Carrión (2011), Debus, Spengler & Gonçalves (2020), Linden (2011), Navas & Junqueira (2019), Pereira (2020), Pinheiro & Tolentino (2019), Ramos (2017), Santaella (2004), Zumthor (2018), analisaremos o livro-objeto *Posso ficar com ele?*, de Keila Knobel e Liliana Pardini (2019), observando como essa obra literária convida o leitor a explorar os sentidos, tanto os apreendidos pela leitura do artefato poético quanto os despertados no corpo humano durante a performance leitora. No livro-objeto em questão, a partir de dobras que se articulam e oferecem diversas formas de continuidade da narrativa, bem

como de ilustrações de animais criadas por meio de manchas coloridas em aquarela, o leitor adentra em um universo lúdico em que design, imagem e palavra dão forma aos argumentos de uma criança que tenta convencer o leitor/ouvinte/interator a deixá-la ficar com o animalzinho. A escolha pelo objeto de análise se dá pela singularidade do livro que, além de demarcar a produção editorial independente brasileira como um rico espaço de experimentação, também oferta experiências leitoras interativas que mobilizam inferências lógicas sintonizadas com processos perceptivos complexos, ou seja habilidades cognitivas e perceptivas-sensórios-corporais. Nesse tipo de produção literária, como será apresentado, o leitor é construtor interativo dos sentidos, o que lhe possibilita vivências artísticas e plásticas diversas, ampliando sobremaneira o desenvolvimento da sensibilidade estética, o olhar astuto e o gesto de descoberta.

Um amigo feito de trapos: o espantalho como representação da impermanência nas histórias infantis

Valter Henrique de Castro Fritsch (FURG)

Resumo A figura do espantalho é bastante recorrente nas narrativas de fantasia, seja pelo seu caráter frugal e lúdico ou mesmo pela memória que é evocada pela infância dos autores, o fato é que o boneco feito de trapos aparece com frequência nos livros destinados às crianças. A função inicial do espantalho não é lúdica, tampouco ele é construído para ser um brinquedo, mas acaba por assumir, muitas vezes, o papel de companheiro e amigo nas jornadas de protagonistas de histórias infantis, tais como o Super Espantalho, que ajuda Julinha a derrotar o Dr. Corvo na peça teatral de Ivo Bender, ou o Espantalho que auxilia a menina Dorothy em sua jornada para encontrar o Mágico de Oz. O presente trabalho analisa a presença do espantalho em cinco histórias distintas, destinadas às crianças e aos jovens leitores: As aventuras do Super Espantalho contra o Dr. Corvo, de Ivo Bender; Fiapo de Trapo, de Ana Maria Machado; O Mágico de Oz, de Frank L. Baum; O Espantalho e seu Criado, de Philip Pullman, e Maligna, de Gregory Maguire. A análise percorre as narrativas com o intuito de demonstrar que a figura do espantalho pode ser interpretada como um símbolo da impermanência, dado a fragilidade de sua

constituição e o destino praticamente idêntico do boneco de trapos nas histórias citadas. Através deste trabalho, busco estabelecer um diálogo entre o conceito de impermanência, conforme apresentado pela filosofia Zen, e os paradoxos do imaginário, para discutir questões como a morte e a finitude e suas representações na literatura infantil. Para realizar esta análise, utilizarei os conceitos pertinentes à Hermenêutica do Imaginário, aqui representada pelos autores Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Castor Bartolomé Ruiz, o conceito de individuação, tal como defendido por Carl Gustav Jung e o conceito de impermanência descrito por Zen Seung Sahn.

Simpósio 51**Literatura infantil/juvenil, visadas teóricas em pesquisa e ensino**

Regina Silva Michelli Perim (UERJ)

Beatriz dos Santos Feres (UFF)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

Resumo A Literatura potencialmente destinada a crianças e jovens ocupa um espaço de investigação que permite ações multidisciplinares. A área é privilegiada por reflexões críticas que emergem de diferentes aspectos do conhecimento humano, abrangendo os estudos literários e linguísticos, a psicologia, a história, a antropologia, as artes visuais, etc. De certa forma, o objeto de estudo também se apresenta múltiplo em sua configuração, acionando diferentes linguagens imagéticas, verbais e não verbais, que permeiam a literária e seus recursos poéticos, linguísticos, semióticos. Destinadas a crianças e jovens, sem se limitarem a esse público, há produções que abrangem gêneros literários e artísticos diversos, como a poesia, a narrativa, o teatro, o livro de imagens, as ilustrações e o design, a história em quadrinhos, a animação, os filmes cinematográficos ou em séries televisas, os livros digitais, estabelecendo diálogos com as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, as multimídias. As interlocuções estabelecidas com os diferentes campos do saber no estudo da Literatura Infantil/Juvenil, bem como a perspectiva de observar as linguagens que circulam nos textos dessa literatura não só enriquecem as discussões, como atestam a abertura do gênero a variadas possibilidades de estudo. A literatura Infantil/Juvenil abrange ainda questões referentes a seus processos de produção, circulação, recepção, envolvendo vários agentes sociais e culturais, numa trama de conexões importantes em que atuam família, escola, biblioteca, editoria (com editores, revisores, tradutores, artistas plásticos, designers, ilustradores), mercado editorial, livraria. Se por vezes esses agentes legitimam e promovem a circulação das obras, outras vezes observam-se a restrição e a imposição de padrões ideológicos tentando balizar a Literatura Infantil/Juvenil, ameaçada por leituras unívocas que tentam afastá-la da multifacetada experiência literária, capaz de ensinar diferentes vozes e pontos de vista no ato da leitura crítica, lembrando a polifonia sustentada por Bakhtin (1981). Destacam-se ainda, nestas questões, a mediação na formação do leitor literário, as releituras e as

adaptações aos textos, a focalização de temas sensíveis, “fraturantes” (RAMOS, 2010), as imposições do mercado, os projetos de entidades governamentais, a reação nas mídias sociais. O homem se compreende por meio da narrativa. A ação de contar e ouvir histórias, além do prazer que pode proporcionar a contadores e ouvintes, cumpre a função de permitir que o ser humano organize seu mundo interno e compreenda o contexto que o cerca. Não existe povo que não tenha gosto por histórias, seja criando ou se apropriando de uma para acrescentar-lhe detalhes, retirar alguns, trocar por outros. Os contos maravilhosos ou de fadas metamorfosearam em novas histórias, recontadas por diferentes escritores ao longo dos tempos, atestando a vitalidade do gênero. Ao fazerem isso, não apenas criam contos instigantes, que exigem conhecimentos prévios de seus leitores ao estabelecer diálogos intertextuais, como renovam os anteriores, de forma que Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Rapunzel, o Pequeno Polegar, lobos, porquinhos e tantas outras personagens continuam transitando pelo nosso universo cultural. Todo texto literário é atravessado, de forma clara ou velada, por outros textos que o precederam ou lhe são contemporâneos: tem-se a noção de que cada texto constitui uma tessitura urdida por um conjunto de vozes e notas diversas, uma multivocidade, caracterizando o discurso literário como essencialmente dialógico e polifônico constituindo uma textualidade própria formada por essa rede de textos que não reclamam originalidade, hierarquia ou um espaço próprio, mas um olhar atento de análise e crítica. Avulta, por vezes, a apropriação de narrativas literárias da tradição e o processo de adaptação/recriação que as envolve nesse diálogo intertextual, gerador de novas obras, impressas ou publicadas em outras linguagens e mídias, geralmente reelaborando estereótipos e representações sociais. O olhar a esse corpus ficcional para crianças e jovens não se restringe especificamente ao diálogo com a tradição e releituras contemporâneas, alargando-se a novas produções. A pesquisadora Teresa Colomer, em *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*, atenta para a diversidade de tendências literárias e artísticas que delineiam a literatura infantil/juvenil contemporânea, como a narrativa psicológica, a renovação do folclore e a “fantasia moderna”, as formas audiovisuais da narrativa, a utilização de recursos narrativos pós-modernos, além da ampliação do destinatário a novas idades, a criação de novos tipos de livros e novas formas de ficção. Emergem estratégias discursivas e hipermediáticas

que exigem novas habilidades e competências de leitura. Assim, o objetivo do simpósio é agregar pesquisadores em torno da literatura infantil e juvenil, perspectivando aspectos pertinentes a esse campo, visitado por diferentes teorias multidisciplinares e propiciador de variada produção, de um ponto de vista teórico, voltado a abordagens que incluem reflexões teóricas, leituras críticas e práticas docentes.

A Barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: leitura de prazer para reflexão de saber

Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)

Resumo A Barca de Gleyre reúne as cartas de Monteiro Lobato ao amigo Godofredo Rangel, escritas de 1903 a 1948, pouco antes de sua morte. São setecentas e cinquenta e duas páginas que tratam de vários temas caros ao escritor: leitura, literatura, arte e estética, estilo, dentre outros. Aborda também fatos da sua vida pessoal. Expõe um roteiro intelectual e afetivo, um verdadeiro retrato vivo. É na Barca que Lobato expõe o desejo de escrever para crianças. Lá nasce Reinções de Narizinho, a gênese da sua literatura infantil. Deixa entrever o seu “estar no mundo” nas cartas, o que se constitui motivo suficiente para uma leitura que faz pensar, que enriquece, que emociona, que sensibiliza. A transferência dos processos da oralidade para a linguagem escrita revelou-se um dos sucessos da prosa lobatiana, que ganha viveza e naturalidade, envolvendo o leitor e aproximando-o do autor. As Cartas refletem tal tendência. É a linguagem de Lobato, nos neologismos, nas alianças desusadas, nas imagens instigantes do cotidiano, nas sintaxes peculiares, no léxico variado, a serviço de uma linguagem brasileira. Para o professor, essa leitura, sem dúvida, provoca uma reflexão que pode ter saudáveis e consistentes repercussões no seu fazer pedagógico frente à leitura, considerando a riqueza intelectual de um homem que a repercutiu em livros para crianças que influenciaram tantas gerações

A figuração de mulheres sábias e seus feitiços nos contos de Hans Christian Andersen

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (UNIP/USP)

Resumo Em diferentes representações do feminino, bruxas, feiticeiras, magas ou fadas são uma constante no universo da fantasia, sendo inclusive esperadas em narrativas denominadas genericamente como contos de fadas. Nem sempre nomeadas como bruxas ou fadas, mulheres sábias de toda sorte, ora deusas, ora humanas, herdeiras das parcas e moiras, estão presentes em muitos contos de Hans Christian Andersen, como algozes ou condutoras dos caminhos dos protagonistas, marcando seu destino, nem sempre com um final feliz. Em meio a simbologias que remetem tanto a preceitos cristãos quanto elementos da cultura popular nórdica, Andersen nos apresenta um amálgama cultural híbrido do qual vários perfis femininos podem ser compreendidos. Essas personagens femininas, capazes de realizar toda sorte de feitiços, para o bem ou para o mal, são denominadas de diferentes formas, conforme o contexto em que surgem, mas nos remetem inevitavelmente à mitologia e às antigas deidades, responsáveis tanto pela vida e como a morte. As o partir da perspectiva dos estudos comparados, de forma crítica e analítica, esta comunicação objetiva refletir sobre a figuração de mulheres hábeis em feitiços, com diferentes denominações, sejam bruxas, fadas ou deusas, nos contos de Hans Christian Andersen, como “A Pequena Sereia”, “O isqueiro”, “O Jardim do Éden” e “A Rainha da Neve”, entre outros, estabelecendo diálogos com a mitologia nórdica, o maravilhoso pagão e o imaginário cristão. Como referencial teórico, elencamos principalmente Carlos Reis, Nelly Novaes Coelho e Karin Volobuef.

“A gazela encantada” e “A velha esfolada”: reminiscências do contar e da condição humana

Diogo da Silva Nascimento (USP)

Resumo A Literatura Popular é um universo de narrativas e referências capaz de promover o desenvolvimento da imaginação infantil e estimular a compreensão adulta acerca da condição da vida humana

por meio dos conteúdos simbólicos. Nos contos maravilhosos e de fadas, particularmente, os impulsos e comportamentos humanos (COELHO, 2012) se manifestam por meio de suas personagens (reis, rainhas, fadas, bruxas, heróis, dragões, duendes...) e de elementos mágicos (feitiços, poderes, animais/objetos encantados...) que, no limite, são expressões de forças próprias dos seres humanos. Assim, serão apresentadas reflexões e análises de algumas das representações dessas forças nos contos “A gazela encantada” e “A velha esfola-da”, de Giambattista Basile (2018), tais como: instinto materno e paterno, amor, ciúme, luxúria, vaidade, ambição e inveja. Além disso, a figura do contador de histórias está intrinsecamente ligada à essência dos contos de origem popular e da conservação da memória dessas narrativas (AGAMBEN, 2018; BENJAMIN, 1987), outra linha importante a ser traçada no trabalho. Expressões da condição humana e o contar são, pois, reminiscências manifestadas na Literatura Popular. Perceber essas tonalidades próprias dos seres humanos nos contos de Basile é poder verificar que as construções das personagens de suas histórias passam pela camada, denominada por Jung (2000), de inconsciente coletivo. São manifestações individuais – mas de natureza universal – que, ao se materializarem, dão forma aos impulsos e comportamentos dessas personagens que pertencem ao mundo mágico e, ao mesmo tempo, projetam as próprias condições humanas.

A sororidade nos contos de fadas da Disney

Bruna Vieira Dorneles (UFRGS)

Resumo Este trabalho é uma análise da presença da sororidade – conceito do movimento feminista que estimula o amor e o apoio entre mulheres – em obras dos estúdios Disney: na série Princesinha Sofia (4 temporadas, de 2012 a 2018), na franquia de filmes da personagem Tinker Bell (6 longas-metragens de animação, lançados entre 2008 e 2014) e no longa-metragem Raya e o último dragão, da franquia Princesas Disney (lançado em 2021). Desse modo, com o objetivo de analisar enredos cuja resolução do conflito ocorre somente após o apoio entre mulheres amigas, foi realizado o seguinte recorte no corpus cinematográfico: o episódio Clube de Aventuras para Princesas (2015, 3ª temporada da série Princesinha Sofia) e os filmes Tinker Bell e o

Monstro da Terra do Nunca (2014) e Raya e o último dragão (2021). A partir desses três objetos, foi estudada a forma como as personagens oferecem amor e apoio umas para as outras, o que corrobora na resolução do conflito dos contos de fadas. Para tanto, a pesquisa baseou-se teoricamente nas teorias feministas – a fim de compreender a valorização das redes de apoio femininas no mundo contemporâneo – e na psicanálise – para a compreensão dos atravessamentos propostos pela arte em determinado período de tempo. Além disso, foi considerada a estrutura patriarcal da sociedade, a qual pressupõe que mulheres sejam inimigas e competidoras entre si, para demonstrar de que modos as obras supracitadas rompem com a rivalidade feminina incentivada pelo machismo. Por fim, foram traçados comparativos entre as personagens femininas dos contos de fadas da literatura e a sua passagem para o cinema.

Adaptação de linguagens, identidade e marcas discursivas no livro “Prezado Ronaldo”

Tatiana Nunes de Lima Camara (UERJ)

Resumo Em uma escola particular do Rio de Janeiro, foi proposta uma atividade, pelo componente curricular Língua Portuguesa, para turmas de alunos do 7º ano do EF II. O trabalho consistia em os alunos se reunirem em pequenos grupos (3 a 4 integrantes), escolhidos por eles para, após a leitura do livro “Prezado Ronaldo”, do escritor e professor Flávio Carneiro, construir uma narrativa, com base na obra original, em formato de quadrinhos, respeitando às características do gênero em foco. Além disso, ficou acordado que eles teriam um limite de 18 a 24 quadrinhos para expressar a história do livro original. A fim de realizarem a atividade, era necessário que, anteriormente, o grupo construísse um roteiro para ser uma espécie de “guia”, no que diz respeito à definição de cada cena sugerida e determinada pelo grupo. Dessa forma, a história foi recontada de diversas maneiras, entretanto, mantendo-se sempre fiel à narrativa original do autor. No trabalho, não foram avaliados os traços de desenhos dos alunos, uma vez que não havia tal objetivo. O foco era perceber se o estudante do 7º ano do EF II seria capaz de fazer adaptação de linguagens, sem comprometer a identidade textual original,

bem como adequar as marcas discursivas ao gênero de texto proposto. O trabalho poderia ser entregue em cores ou em preto e branco, de acordo com o desejo do grupo. Assim, o objetivo era também o de identificar as marcas autorais de cada grupo para mostrar aos estudantes a possibilidade de se adaptar um livro de maneiras distintas, sem ferir a obra original. Sem dúvida, a atividade propiciou aos alunos uma percepção consistente, no que tange aos diferentes tipos de linguagem; às características constitutivas de cada uma delas e, também, à importância da autoria no ato de se comunicar, independentemente, do código utilizado.

As fraturas expostas no livro *Intramuros*

Andréia de Oliveira Alencar Iguma (UNIGRAN)

Resumo A presente comunicação tem como objetivo analisar o último livro publicado pela autora Lygia Bojunga: *Intramuros* (2016). A obra foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ na categoria melhor para jovens. Compreendida como meta-narrativa, pois traz em sua construção nuances de uma Lygia-escritora e uma Lygia-personagem, ao passo que em diferentes momentos a autora estabelece um diálogo com o leitor, que em suas outras produções era limitada ao quadro “para você que me lê”, ao término do livro. A autora, com uma trajetória consolidada, é considerada pela crítica como uma das mais importantes escritoras de literatura juvenil brasileira; sua escrita, quase sempre oralizada, aproxima leitor e obra, característica da sua produção estética. Ademais, Bojunga aborda em seus livros os temas fraturantes, que ainda hoje é alvo de censura, pois para muitos a literatura direcionada ao público juvenil deve se isentar de abordar o que é considerado como temas tabus. Para fundamentar a análise, consideramos a noção de temas fraturantes desenvolvido por Ana Margarida Ramos. A autora argumenta que “[a] lista de temas fraturantes é praticamente infundável e percorre todos os tabus: sexo; morte; violência; sofrimento; terrorismo; guerra; genocídio; doença, incluindo todas as suas variáveis e combinações”. (RAMOS, 2015, p. 289). A aqui, nos interessa olhar exatamente para o que é negado, mas, infelizmente, vivenciado por tantos no campo prosaico dentro do livro *Intramuros*.

As mil e uma noites adaptadas para o público infantil e juvenil

Dayse Oliveira Barbosa (USP)

Resumo Este trabalho consiste no estudo de três diferentes adaptações de contos do livro *As mil e uma noites* (anônimo, tradução original do árabe para língua portuguesa realizada por Mamede Mustafa Jarouche, publicada em 2012) direcionados ao público infantil e juvenil. São elas: *As mil e uma noites* (Julieta de Godoy Ladeira, ilustrações de Agostinho Gizé, 1996), *Mil e uma noites à luz do dia* (Katia Canton, ilustrações de Beatriz Milhares, 2010), *Scherazade: histórias de As mil e uma noites* (Jordi Sierra i Fabri, ilustrações de Francesc Rovira, traduzido para o português por José Arrabal, 2016). Sabe-se que *As mil e uma noites* é uma obra que gera grande interesse tanto no público infantil e juvenil quanto no público adulto por apresentar ao Ocidente um extenso repertório de narrativas ambientadas no Oriente Médio, contadas por uma narradora astuta e sagaz, Sherazade, que por meio de suas histórias alcança concomitantemente o ideal de salvar a própria vida e salvar todas as mulheres do reino de Sharyiar. Em razão da variedade de histórias que integra *As mil e uma noites*, das especificidades do contexto de produção e da diversidade de traduções da obra, é sempre um desafio singular para escritor e ilustrador adaptar essas narrativas para o público infantil e juvenil. Assim, refletir sobre algumas dessas adaptações é uma forma de compreender os mecanismos utilizados por escritores e ilustradores da contemporaneidade para apresentar às crianças e jovens narrativas que integram *As mil e uma noites* apropriadas ao repertório linguístico e cultural delas. Neste trabalho serão consideradas as seguintes contribuições teóricas: Vincent Jouve (2010), Graça Ramos (2011), Terry Eagleton (2013), Carolina Chamizo Henrique Babo (2016).

Da África ao Brasil: literatura e história

Tania Maria Nunes De Lima Camara (UERJ)

Resumo Conhecer, entre outras acepções, é apre(en)der, reconhecer, experimentar, apreciar. A vida em sociedade coloca o indivíduo em permanente processo de interação, através do qual ele interfere

no comportamento do outro e desse outro sofre influência. A alternância constante dos papéis de falante/ouvinte, autor/leitor ocorre numa frequência desmedida no tempo de vinte e quatro horas e em diferentes espaços, próximos ou distantes. É fato que, nessa troca constante de experiência, o indivíduo amplia seu conhecimento, mostrando-se capaz de informar-se, reconhecer, vivenciar, avaliar. A leitura é, sem dúvida, um caminho profícuo no desenvolvimento de tais competências. Na Educação Básica, especialmente no Ensino Fundamental II, o aluno começa a ter contato com professores de diversas disciplinas, cujos conteúdos não dialogam, e, por esse motivo, tal modelo de ensino compartimentado dificulta a construção plena do saber, na medida em que as diferentes aulas (partes) não constituem um todo significativo para ele. No presente estudo, nosso objetivo é apresentar uma proposta de trabalho que rompe com essa prática escolar, inter-relacionando Literatura e História. Tomamos como ponto de partida a leitura da obra Kiese: história de um africano no Brasil, de Ricardo Dreguer, com ilustrações de Bruna Assis Brasil. Entendemos que a linguagem poética da narrativa verbal, ao lado da singeleza imagética muito podem contribuir para o estabelecimento do diálogo entre o discurso literário e o referencial, característico dos livros escolares de História do Brasil, levando o aluno a analisar, discernir, apreciar seu passado, seu presente, na construção de um futuro plenamente inclusivo.

Do lixo para as mãos do leitor: O livro do acaso, de Nelson Cruz

Telma Borges da Silva (UFMG)

Resumo Neste trabalho, proponho uma análise de O livro do acaso, de Nelson Cruz, levando em conta seu processo criativo e o projeto gráfico que deram existência a essa obra, tomando como referência teórica o conceito de multimodalidade. A composição do livro partiu da leitura aleatória de textos literários e das artes visuais. Ao perceber que havia frases fortes em diferentes gêneros literários, o autor tornou-se um colecionador delas e, ao insistir nessa coleção, investiu no projeto de criar algo novo. O suporte inicial para as imagens e para o texto foi um madeirite encontrado no lixo. A peça tinha marcas originais relevantes para o resultado obtido. Compostas

inicialmente no compasso e no esquadro, as páginas duplas de madeira passaram pelo processo de editoria gráfica, quando foram pensadas as transformações daquele livro de artista, exemplar único, em livro de artista de edição, para garantir as características técnicas do original: cores, texturas, formato etc. A digitalização e o tratamento das imagens, exigiu a busca de soluções gráficas: tipo de papel, fontes, cores, distribuição no espaço da página, a função das margens. A decisão de deixar a imagem como elaborada no original, mostrando onde termina a ilustração – no refile do Madeirite –, solicita do leitor uma compreensão do que seja a metalinguagem, pois o livro denuncia algo do seu processo de criação, possível somente quando se transformou em livro de papel. A margem branca funciona, portanto, como moldura e como recurso que denuncia ao leitor que há uma complexidade criativa envolvendo várias técnicas, inúmeras estratégias e diversos profissionais. Em circulação, o livro demanda um leitor responsivo, capaz de compreender as escolhas do autor e da editoria gráfica, atuando para perceber as variadas mídias empregadas para a produção dos efeitos de sentidos.

Do lobo mau ao mau lobo: memória e resistência na (re)construção dos imaginários e nas metamorfoses

Beatriz dos Santos Feres (UFF)
Regina Silva Michelli Perim (UERJ)

Resumo Este trabalho propõe uma reflexão acerca da construção e reconstrução dos imaginários que circundam a Literatura destinada prioritariamente às crianças e, para isso, problematiza a figura recorrente do lobo, que se apresenta, na contemporaneidade, com características e simbologias renovadas, com a potencialidade de representação do desigual, daquele que amedronta pela diferença identitária. Parte-se da ideia de que o famigerado lobo mau, que (ainda) habita o imaginário das sociedades contemporâneas como símbolo do perigo, tem sido reconfigurado como um mau lobo, desprovido de sua original ferocidade, reivindicando um caráter e um lugar social diferentes daquele guardado na memória, em função, principalmente, de sua disseminação por meio das histórias destinadas à infância. Como hipótese de trabalho, pressupõe-se que os imaginários

acompanham mudanças nos sistemas de pensamento e, portanto, a reconfiguração de simbologias e de estereótipos tem sido frequente, como parece se confirmar em muitas das histórias que envolvem lobos, gerando, igualmente, metamorfoses na narrativa. A produção e a leitura de contos para a infância reverberariam uma variação simultaneamente referencial e axiológica acerca da imagem do lobo, agora crítica em relação àquele que se fixara como símbolo do mal, mas que, atualmente, pode ser avaliado a partir de sua subjetividade, e não apenas daquilo que caricaturiza sua existência. Para a análise dos imaginários, serão focalizados os lobos que protagonizam as narrativas *O mau lobo*, de Valter Hugo Mãe (Biblioteca Azul, 2018), *Este é o lobo*, de Alexandre Rampazo (DCL, 2016) e *A outra história de Chapeuzinho Vermelho*, de Jean-Claude Alphen (Editora Salamandra, 2016), à luz da Teoria da Literatura (HUNT, 2011; COLOMER, 2017), da Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008) e da Sociologia (SANTOS, 2020).

Ecos da natureza nos contos de fada e histórias de Andersen

Euclides Lins de Oliveira Neto (USP)

Resumo Hans Christian Andersen narra com um certo “realismo” romântico, no sentido que constrói sua efabulação com situações do cotidiano, imprimindo um tom próximo ao leitor, ou criando e recriando motivos narrativos nas configurações de temas exigentes ou elevados. Um elemento da natureza de um conto advindo do povo ou da mitologia, tende a popularizar-se de novo, a entrar no agrado de adultos, jovens e crianças que se encantam com o simbolismo do imaginário, de onde se podem haurir expressão e conhecimento, transpondo cores e brilhos, animação e imaginação com técnicas que transformam elementos simbólicos ancestrais ou mitológicos em uma narrativa figurativa, por imagens (Cf. BOSI, 2006, p. 32). O simbolismo proposto por Gilbert Durand (DURAND, 2012) nos oferece a possibilidade de articular uma justificação para as imagens constituintes de contos literários de Andersen, – contos de fada ou histórias – oriundos de uma narrativa mítica, como por exemplo em “A Driade” (ANDERSEN, 2005), ou de motivos de suas vivências, razão por que destacaremos alguns desses símbolos ou imagens-símbolos concernentes a elementos da natureza – que nos parece – configurados em

imagens. Dado que para Durand: “[...] o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo – imaginação criadora –, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor” (DURAND, 2012, p. 432), verificamos que isso é atuado também por meio das histórias, das narrativas com o seu simbolismo imagético da natureza em “O Patinho Feio”, “A Sereiazinha” etc... A análise do conto está a nos afirmar que as imagens-símbolos da história mítica podem reviver na literatura, que são construtoras dessa dimensão antropológica expressa em simbolismo imaginário, que coloca os seres (humanos e da natureza) em relação.

Leitura literária:

presença poética no maravilhoso de Liao e Sendak

Juliana Gonçalves Mutafti (PUC)

Resumo Compreendendo que há, na literatura para a infância, a potência poética a ser explorada, este projeto visa a deslocar o olhar trivial da leitura cotidiana da sala de aula para a expansão e a relação entre diferentes livros e suas conexões, em um movimento de exercitar o olhar para a camada indizível. A intenção dessa pesquisa não é tornar explicativo ou permeá-lo de atividades acerca da leitura, mas, a partir destas duas estruturas narrativas, de Liao e Sendak, possibilitar a reflexão acerca das ferramentas neles impressas, por meio de uma mediação literária e intertextual. Os documentos norteadores da Educação Básica – Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Currículo da Cidade de São Paulo – inserem, neste contexto, a leitura no âmbito da fruição literária e chamam a atenção ao que Sendak propõe: uma nova concepção para a imagem, que passa a representar o inconsciente infantil. Do ponto de vista poético, ao pensar os monstros, lugar da transformação e da imaginação, é também o lugar do maravilhoso junto com a criatividade e a invenção. Podemos partir deste ponto para pensar o que nos cerca ou chegar ao mínimo detalhe do que possa nos chamar a atenção. O que permite nas personagens esse explorar da imaginação ou aflora ao ponto que as narrativas se jogam do seu interior para o exterior narrativo apresentando pelas imagens?

Lendas brasileiras e Cidade Invisível: releitura contemporânea no audiovisual

Sandra Trabucco Valenzuela (FAM)

Resumo Esta comunicação visa refletir sobre a adaptação de lendas brasileiras para a série de TV intitulada *Cidade Invisível*, criada por Carlos Saldanha e roteirizada por Raphael Draccon e Carolina Munhóz, produzida pela Netflix (2021). Figuras do folclore e da cultura brasileira recebem, nesta série, uma releitura contemporânea, adaptada ao espaço urbano do Rio de Janeiro. Trata-se de um thriller policial e, ao mesmo tempo, com elementos constituintes da narrativa popular, a qual reúne personagens mitológicos do Brasil numa única histórica, cujo pano de fundo é a questão ecológica. Para este trabalho, será abordada a Iara ou Mãe-d'água, figura presente em narrativas míticas em tempos e localizações diversas. O Folclore brasileiro e suas fontes serão estudados com base em Câmara Cascudo; o narrador será observado a partir de Walter Benjamin; a origem e significado na cultura brasileira será resgatado em Edelweiss. Segundo Nelly Novaes Coelho (1985), advindas de tempos remotos, as lendas consistem em relatos breves cujo argumento é proveniente da Tradição e que congrega o maravilhoso e o imaginário de modo a superar o histórico e o verdadeiro. Para o estudo dos mitos, recorreremos Campbell; para a análise do folclore como narrativa literária, trabalharemos com Nelly Novaes Coelho. Quanto à adaptação da obra, Hutcheon e Valenzuela oferecerão o referencial teórico. A primeira temporada da série *Cidade Invisível* propõe a releitura dos mitos, recordando mecanismos já utilizados na série como *Once Upon a Time* (2011-2018), na qual os personagens dos contos de fadas são condenados, por uma maldição, a viver no mundo real.

Literatura, história e sensibilidade: a abordagem da violência sobre a personagem Russo de Má Pelo, em *Portugal Pequeno*

Raiza Marques Sampaio (UERJ)

Resumo *Portugal Pequeno* (1970) é uma obra de autoria do escritor português Raul Brandão e de sua esposa Maria Angelina, na qual

se descrevem ficcionalizadas as terras de Portugal e os costumes do povo, maiormente do fim do século XIX e início do século XX. Apesar de se diferenciar das outras obras do autor e possuir cunho otimista ao fim na narração, a obra, em diversos momentos, contém teor de horror e violência entre as personagens, tema central de estudo do presente trabalho. Tais passagens com temas sensíveis, são relativizadas com estudos realizados por alguns teóricos, como o embasamento do termo de biopolítica, de Foucault. Nas reflexões, o autor mostra a relação violenta entre os homens, principalmente entre o explorador e o povo explorado, além da própria relação com o espaço, destacando a forma como o opressor lida com a terra que está sendo descoberta, visando apenas sua inteira exploração e não se importando com o povo da região nem na degradação desse território. O autor, em algumas passagens da obra, utiliza-se do contraste entre a vida e a morte, entre a existência e o perecimento. A personagem principal, que é o filho do amo, pode ser compreendida como uma criança má, bem como seu apelido pode indicar: Russo de Má Pelo. O Russo é apresentado como um menino perverso que faz maldades com diversos animais indefesos, tendo como diversão passar as tardes em busca dos pobres bichinhos para maltratá-los, em que não só realiza eventos de violência física, mas também de violência simbólica, conceito elaborado pelo estudioso Pierre Bourdieu.

Literaturas de língua oficial portuguesa e seu ensino

Maria Auxiliadora Fontana Baseio (UNISA)

Resumo Conforme sabemos, o século XX, referenciando os processos de especialização fechada e de fragmentação, sedimentou mecanismos de disjunção. Essa concepção disjuntiva, parcelada, compartimentada e reducionista fortalecida no século XX permanece alicerçando perspectivas pedagógicas, ainda nesta Era planetária deste século XXI. Uma Era que reclama a compreensão da complexidade que nos engendra e que, seguramente, demanda um pensamento que visualize o contexto, o global, o multidimensional. No dizer de Edgar Morin, urge o desenvolvimento do pensamento complexo – capaz de compreender o sentido de união de diversos elementos do todo na construção de um tecido interdependente e interativo.

Na perspectiva de Benjamin Abdala Junior (2003), esse campo do conhecimento permite estudos que ultrapassam as fronteiras nacionais, o tempo, as línguas, os gêneros, e estabelece diálogos entre literaturas, entre culturas, artes e outras áreas do saber. Nesse sentido, o comparatismo da solidariedade, tal como propõe o estudioso, constitui-se como um espaço reflexivo para compreensão crítica do fenômeno literário que contribui significativamente para uma circulação de repertórios culturais em que se reconhece e se valoriza a diversidade e a reciprocidade. Esta apresentação propõe discutir a possibilidade de ensino de Literaturas de Língua Oficial Portuguesa a partir dos Estudos Comparados. Para tanto, perfaz-se um a análise de duas obras pertencentes ao macrossistema literário de língua portuguesa, colocando sob mira os projetos estéticos de Manoel de Barros e Mia Couto.

O dito e o não dito em Harry Potter: a associação entre os nomes das Casas de Hogwarts, suas características descritas pelo Chapéu Seletor e o emblema hogwartiano

Karina Seferian Ventura (UERJ)

Resumo Ao abordar a literatura infantil, Nelly Novaes Coelho resalta como as obras consideradas clássicas voltadas para crianças pertencem “(...) à área do maravilhoso, das fábulas, dos mitos ou das lendas, cuja linguagem metafórica se comunica facilmente com o pensamento mágico” (COELHO, 2000, p. 44). Essa ideia se liga à saga infantojuvenil britânica Harry Potter (1997-2007), de J.K. Rowling, em diversos momentos; um deles diz respeito às Casas de Hogwarts, cujos significados se compõem desde sua formação morfológica até sua manifestação não verbal, perpassando, naturalmente, pelas canções do Chapéu Seletor. O símbolo de Hogwarts é constituído pelos quatro emblemas que representam as Casas: Gryffindor, Ravenclaw, Hufflepuff e Slytherin, e aparece, ilustrado, no início de cada livro da série. A relação entre a descrição realizada nas músicas sobre as Casas, seus componentes morfológicos e suas imagens no emblema escolar é, então, fundamental para compreender o sentido mais profundo de cada uma delas. Na tradução da obra para a língua portuguesa, buscou-se resguardar, na medida do possível, o significado dos

verbetes originais relacionados às Casas (Grifinória, Corvinal, Lufa-Lufa e Sonserina), bem como o sentido de suas características. Assim, o trabalho objetiva identificar, na versão brasileira, o léxico no nome e na descrição das Casas e a simbologia dos seus emblemas, retornando, quando necessário, à etimologia original inglesa, e analisar a correlação entre linguagem verbal e não verbal presente na associação entre as características das Casas e a sua ilustração na construção de sentido. Para tanto, o referencial teórico utilizado envolverá estudos morfológicos prévios sobre o tema, como a dissertação de Tiago Rodrigues, “Uma análise das criações lexicais mais frequentes na tradução da série Harry Potter para o português brasileiro” (2018), e materiais relacionados à simbologia, como o “Dicionário de símbolos” (2019), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

O duelo literário entre Ana Maria Machado e artistas populares

Flávia Maria Reis de Macedo (USP)

Resumo Em um trabalho pouco conhecido nos circuitos da Literatura para Crianças e Jovens no Brasil, a autora Ana Maria Machado enfrentou o desafio de produzir um texto literário que dialoga com barros cozidos, policromados, papel marchê, latas e talhas de madeira, que dão forma à arte popular do país. Projeto idealizado pela Berlendis & Vertechia Editora, integrando a coleção de Arte para Crianças e Jovens, o livro *A Peleja* (1986), contém o texto verbal criado a partir de reproduções escultóricas feitas por artistas como Mestre Vitalino, Zé Caboclo, Antônia Leão, Mané Galdino, entre outros, compondo as ilustrações do livro. Assim, traçaremos algumas reflexões sobre o processo dinâmico da produção literária, bem como o universo do imaginário e cultura que se fundem no mesmo suporte – o livro de arte para crianças e jovens, respaldados pela competência de estudos teóricos realizados por Gilbert Durand, Alfredo Bosi e Maria Tereza Andruetto. As absorções, analogias e intertextualidade existentes na criação verbal, matéria-prima de nossa Literatura Comparada, acabam por influenciar a formação de um leitor convocado a ativar novas habilidades, permitindo que o mesmo transite entre as fronteiras do verbal e do visual. A obra literária é uma rede de imagens carregadas de sentidos e liga-se à imaginação, de forma que a

imagem é consciência de ordem transcendente, algo que reveste a imaginação de espontaneidade (DURAND, 2002, p.22). Ana Maria Machado elabora um universo mítico próprio, na rota das antigas lutas medievais, figuras folclóricas, santos e outros seres sagrados e profanos, que integram as ilustrações do livro, tornando o projeto editorial uma experiência multifacetada e rica à pesquisa e ao ensino.

O feminino entre palavra e imagem em “A Bela Adormecida”

Regina Célia Ruiz (USP)

Resumo Os Contos de Fadas, ao estabelecerem conexões entre a vida, a arte e a literatura, revelam-se como um caminho possível para compreendermos a trajetória humana. Das contações ao redor da fogueira, livros, ilustrações, histórias em quadrinhos, animações, filmes, percebemos fios dessas narrativas em várias manifestações artísticas, fazendo parte da formação do imaginário humano. Essas representações nos envolvem em palavras, cores e formas, sob traços e estilos diversos, e nos inserem em outros universos de leitura, ampliando as possibilidades de olhar, relacionar, interpretar. Os Contos de Fadas tratam de questões existenciais e evidenciam sentimentos que embasam a formação da nossa personalidade, crenças e valores, bem como engendram-se em esferas da vida social, dialogando, de forma contínua, com a nossa jornada, deixando sua marca em terrenos que compõem as várias culturas e povos. Para este trabalho, traremos algumas versões de “A Bela Adormecida”, com o intento de verificar as formas como as linguagens verbais e não-verbais retratam essa jovem que, após 100 anos, acorda de um sono profundo e precisa retomar a vida em um contexto desconhecido. Nesse sentido, tentaremos destacar as conquistas do papel social feminino ao longo da história, e como esse fato se oferece para novas possibilidades de leituras da figura da mulher. O apoio teórico contará com as pesquisas de estudiosos como Aby Warburg, Giorgio Agamben, Georges Didi-Huberman, entre outros, trazendo luz às leituras que entrelaçam palavra e imagem, arte e história, oferecendo-nos um mergulho no vórtice que embasa e nos revela o conto.

**O fenômeno Anne de Green Gables
e a formação do leitor estético: análise da obra
Anne de Green Gables (1908), de Lucy Maud Montgomery**

Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos (UNESP)

Resumo Este trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), apresentar reflexões sobre a importância da formação do leitor estético, por meio da leitura de obras dotadas de valor estético, em especial, o romance *Anne de Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery. Como na contemporaneidade, a experiência de leitura em âmbito escolar, enquanto processo que assegura a formação do leitor crítico ou estético, tem-se revelado um desafio (FAILLA, 2020), pretende-se analisar se a narrativa *Anne de Green Gables* tem potencialidades para formar o jovem leitor. Acredita-se que a obra *Anne de Green Gables* (1908) possui função social, conforme acepção de Hans Robert Jauss (1994), pois permite ao leitor, muitas vezes habituado a uma produção cultural em massa, que visa ao escapismo, ampliar seus horizontes de expectativa (ISER, 1999), inclusive, sobre a produção literária juvenil. Justifica-se a eleição da obra *Anne de Green Gables* (1908), pois compõe os acervos do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), possui valor estético e explora um rico imaginário em sua narrativa. Além disso, justifica-se sua eleição devido ao fenômeno de consumo causado pelo seriado *Anne with an e*, disponibilizado pelo serviço de streaming Netflix, que fez com que os livros voltassem ao mercado editorial brasileiro e dessem início a debates sobre a vitalidade e as potencialidades de sentidos do cânone canadense.

**O reendereço de clássicos: uma análise sobre
a versão em quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis**

Gabriela Ribeiro Nunes (UERJ)

Resumo A leitura de romances pertencentes ao cânone literário brasileiro nas turmas de Ensino Médio continua rendendo muitas discussões entre educadores, pesquisadores e alunos de todo o Brasil.

Essas produções, por se encontrarem distanciadas da realidade de grande parte dos discentes, tendo sido concebidas, originalmente, para um público adulto, têm encontrado resistência entre os jovens que não se identificam nem com a linguagem nem com o contexto abordado por essas obras que se situam cronologicamente afastadas de suas vivências. A política educacional do país, portanto, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e, recentemente, da Base Nacional Comum Curricular (2018), preconiza o uso de outras mídias baseadas em obras literárias para serem usadas em sala de aula, como HQs, filmes, animações etc. Essa possibilidade fez com que o número de adaptações de grandes clássicos da Literatura Brasileira subisse no mercado nacional, principalmente na versão em quadrinhos – gênero mais apelativo ao público jovem. Tendo isso em vista, a presente comunicação tem por intuito discutir o processo de reendereçoamento do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em sua versão em HQ realizada pela editora Principis, pensando como o uso da imagem e a seleção dos conteúdos pelo desenhista e roteirista concebem uma concepção de leitor jovem. Além disso, pretende-se examinar a dificuldade de se reendereçoar obra tão ambígua.

Pela porta dos fundos: um estudo sobre a ambivalência na obra infantil de J.M.G. Le Clézio e Jacques Prévert

Lia Araujo Miranda de Lima (UFMG)

Resumo Esta comunicação propõe o estudo da obra de escritores consagrados pela crítica literária, pelo mercado editorial e pela academia, a partir de sua produção direcionada a crianças, tendo como objeto de análise os autores de expressão francesa Jacques Prévert (1900-1977), poeta, cancionista e roteirista, e Jean-Marie Gustave Le Clézio (1940 –), contista, romancista e ensaísta. De maneira mais específica, comentam-se os livros ilustrados *L'Opéra de la lune* [A ópera da lua] (1953), de Prévert, e *Voyage au pays des arbres* [Viagem ao país das árvores] (1978), de Le Clézio, ambas inseridas na produção literária mais ampla dos autores. Levanta-se a questão referente à escassez de estudos dedicados a essas obras literárias, que não podem ser consideradas obras menores, mas que, ao contrário, sintetizam de

forma importante a poética de cada um desses escritores. Ademais, oferecem às crianças um primeiro contato com o cânone, aproximando-as de autores que lerão na idade adulta, desmitificando um suposto hermetismo inerente ao valor literário e contribuindo para as possibilidades emancipatórias que a literatura proporciona. Mobiliza-se a noção de ambivalência, conforme apresentada por Zohar Shavit (1986), para tratar das zonas de contato entre a literatura infantil e a não infantil. Sustenta-se, com Lajolo e Zilberman (1984), a importância de considerar a literatura infantil, em geral tida como periférica, para a compreensão da poética de cada escritor e da formação do sistema literário como um todo.

Princesas no divã? Imaginários sociodiscursivos na (des)construção do universo feminino

Gisele Arruda Eckhardt (UFF)

Roberta Viegas Noronha (UFF)

Resumo O feminismo provocou, em certa medida, a libertação parcial da cultura androcêntrica na forma de representar as mulheres, permitindo o empoderamento, a resistência às representações misóginas, a reconstrução da própria identidade e a atualização de sentidos nos discursos sobre o ser mulher. Dessa forma, este trabalho objetiva refletir sobre o papel feminino em alguns contos de fadas considerados clássicos, a partir de charges das personagens Ariel, Cinderela e a Bela Adormecida confrontadas no divã. Ancoradas na perspectiva literária (COELHO, 2000; GRIMM, 2018; PERRAULT, 2015; WARNER, 1999) e também semiolinguística (CHARAUDEAU, 2016), pretende-se investigar os imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2018) subjacentes ao comportamento das personagens, em diálogo com a abordagem feminista (LOURO, 1999; HOOKS, 2000) e com os estudos sociológicos propostos por Bourdieu (2019). Tal estudo justifica-se pela relevância dessas princesas na educação formal, sobretudo na literatura infantil; e a sua permanência nos contos, recontos e inclusive em outros gêneros, conforme é observado aqui. Verifica-se que as princesas no divã propõem o questionamento da conduta dessas protagonistas, muitas vezes de submissão, e permite que se discorra sobre a figura feminina sob múltiplos olhares na literatura,

com o intuito de desconstruir certos paradigmas, estereótipos sociais e lugares-comuns. Sendo assim, nos tempos atuais, mais do que nunca, urge discutir acerca da representação da mulher.

Representações da consciência ficcional nos textos infantis de Virginia Woolf

Guilherme Magri da Rocha (UNESP)

Resumo Talvez a faceta menos conhecida de Adeline Virginia Woolf (Inglaterra, 1882 – Inglaterra, 1941) seja a de escritora de literatura infantil. Considerada uma das mais importantes escritoras modernistas, ela é dona de uma produção prolífica não apenas literária, como também ensaística: seus textos foram centrais, por exemplo, para o movimento de crítica feminista dos anos 1970. Essa produção inclui dois contos infantis, que foram, postumamente, publicados como livros ilustrados de literatura infantil (picturebooks): *Nurse Lugton's Curtain* e *The Widow and the Parrot* (“A cortina da babá Lugton” e “A viúva e o papagaio”, conforme traduzidos por Leonardo Froés). O primeiro texto foi encontrado no manuscrito do romance *Mrs. Dalloway* e foi, provavelmente, escrito no outono de 1924 para a sobrinha da autora, Ann Stephen. Nele, acompanhamos a mente inconsciente de uma mulher que está tecendo uma cortina azul e, enquanto ela está dormindo, a maravilhosa cidade de Millamarchmantopolis, seus animais e habitantes, ganham vida. O segundo foi publicado pela primeira vez na *The Charleston Bulletin*, publicação comandada por seus sobrinhos, Quentin e Julian Bell, na década de 1920. Nele, acompanhamos a Sra. Gage, que recebe a notícia de que seu irmão morreu e deixou uma herança para ela. Ambas as histórias têm como personagens principais senhoras solitárias, cujas vidas são permeadas pelo fantástico. Dito isso, esta contribuição tem como objetivo analisar os livros de literatura infantil ilustrados de Virginia Woolf para crianças, considerando a estética da indiferença modernista (conforme Alis Moody) e levando em consideração a representação da consciência ficcional nos personagens desses textos. Para a consecução desse objetivo, esta comunicação tem como suporte teórico a abordagem cognitiva (ToM) de livros infantis ilustrados (conforme Maria Nikolajeva, Bettina Kümmerling-Meibauer, Jörg Meibauer e María

Cecilia Silva Diaz) e considera o papel da literatura no desenvolvimento cognitivo e emocional dos leitores.

Temas fraturantes na literatura infantil, da tradição à contemporaneidade: reflexões necessárias

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Maria Zilda da Cunha (USP)

Resumo Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?* (2009), interroga: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Qual lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida?” Jonathan Culler, em *Teoria literária: uma introdução* (1999), ao examinar a natureza e a função da literatura, indaga sobre o que estaria “envolvido em tratar as coisas como literatura em nossa cultura” e, também, afirma que a pergunta “O que é literatura?” requeria não uma definição, mas uma análise, pois, haveria algum traço essencial, distintivo, que as obras literárias partilhariam? A partir dessas questões, pretende-se, numa perspectiva comparativista, refletir sobre as narrativas “D. Sylvana” – conto que integra a coletânea *Contribuição do folk-lore brasileiro para a bibliotheca infantil* (1907), da escritora Alexina de Magalhães Pinto – e sua versão contemporânea em verso, o poema “A triste história de Eredegalda” – do livro *Enquanto o sono não vem* (2003), de José Mauro Brant. Ocupará o centro desta reflexão a abordagem que os textos apresentam sobre a temática do incesto, inclusive por sua evidente intertextualidade com o conto de Charles Perrault “Pele de asno”, antologizado na coletânea intitulada *Contos de Mamãe Gansa* (1697). Debater sobre a revisitação e a interconexão que produções contemporâneas realizam de e com contos populares tradicionais é de fulcral importância, especialmente se pensarmos que “[...] há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar”, como afirma Italo Calvino (*Seis propostas para o próximo milênio*, 1994).

Ver, pensar e falar: a recepção estética dos livros de narrativa por imagens na educação infantil

Sayonara Fernandes da Silva, Marly Amarilha (UFRN)

Resumo O trabalho de natureza qualitativa estuda a recepção das narrativas por imagens pelas crianças de uma turma de Nível IV da Educação Infantil na Cidade do Natal, RN. Acreditamos que a leitura de imagens antecede a leitura de palavras, por isso, ainda que não alfabetizados, os sujeitos desta pesquisa possuem bagagem cultural que ampara sua competência leitora e a recepção estética das narrativas por imagens do livro *Rapunzel*, da autora e ilustradora Thais Linhares, (2012). A proposta metodológica desta investigação é uma experiência de ensino e aprendizagem com narratividade protagonizada pelos estudantes. O referencial teórico adotado foi Amarilha (1991; 2012); Santaella (2012), Scott e Nikolajeva; Scott (2011), Jauss (1979) e Graves; Graves (1995). É consenso entre os estudiosos da literatura infantil que não se pode pensar em livro para a infância sem pensar no seu leitor: a criança. Do mesmo modo que é impossível pensar no livro para a infância sem nos remeter aos contos de fadas. O livro em estudo é uma narrativa visual adaptada do clássico dos Irmãos Grimm que apresenta imagens distintas das ilustrações pré-fabricadas com as quais as crianças normalmente já estão acostumadas. Pelos resultados observamos que o encontro entre o texto e os leitores causou estranhamento do enredo pelos estudantes; os leitores mirins possuem saberes prévios e compreenderam que o novo texto é um desdobramento de fios de outras histórias que fazem parte de um repertório partilhado por uma comunidade que fala, pensa e reflete e produz intertextualidade e, por fim, pela situação de ensino e aprendizagem concluímos que para se ler imagem na escola é necessário que professor mediador tenha conhecimento dos elementos teóricos que fundamentam as narrativas nos livros de imagem para que possa fazer as intervenções adequadas na prática da sala de aula.

Simpósio 52**Literatura portuguesa:****perspectivas estético-culturais contemporâneas**

Gabriela Silva (UFLA)

Ilse Maria da Rosa Vivian (UFMS)

Tainara Quintana da Cunha (FURG)

Resumo O simpósio Literatura portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas contempla a literatura portuguesa a partir da diversidade de vozes que emergem no Portugal contemporâneo, considerando, conforme afirma Eduardo Lourenço (2001, p.16), que “a contemporaneidade de Portugal, em particular na sua expressão cultural, a sua atualidade ou as raízes dela começaram precisamente com a Revolução de Abril”. Com a alteração do antigo contexto, que dilacerava-se em opções ideológicas conflitivas mas interligadas pelo primado ideológico, a paisagem cultural portuguesa modificou-se. Após um movimento de expressiva produção literária que, rejeitando o passado, ambicionou as representações afastadas de qualquer temporalidade, “uma geração nem obcecada, nem afetada, mesmo a título de melancolia, pelo sentido da história e que vai refazer, por sua conta, como quem joga, todo o passado como se fosse presente” (LOURENÇO, 2001, p.18), o cenário literário português caracteriza-se por estabelecer outros modos de relações com a história. A nova cultura portuguesa, multiforme, desierarquizada, que toma sua configuração nos anos 80, constitui-se, no plano literário, pelas construções que, com proximidade ou distanciamento, questionam a representação dos temas históricos e as questões identitárias, trazendo à pauta a concepção do sujeito português. Nasce uma literatura que busca a revisitação de seus temas, deslocamento que se expressa, para além da permanente reavaliação histórica, a partir das novas vozes erigidas como contraponto e sustentação das representações do passado e seu diálogo com o presente. No pós-colonialismo, considerando que “a perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis” (SANTOS, 2010, p.26), pensar a literatura portuguesa contemporânea demanda perceber a construção literária como constitutiva, atuante de forma ativa e/ou passiva, dos processos culturais ocorridos desde o último quartel do século XX,

cujas geopolíticas engendram a flexibilização das fronteiras epistemológicas e, conseqüentemente, uma nova consciência, a qual desloca-se e reavalia-se em relação a si mesma e a sua própria cultura. A observação e análise das transformações identitárias torna-se relevante na medida em que se pode, pelo desvelamento de suas figurativizações, discutir e repensar as especificidades de enunciações que confrontam os espaços discursivos de colonizadores e de colonizados, pois, assim como afirma Boaventura de Sousa Santos (2010, p.41), “nas lutas anticoloniais houve solidariedades e cumplicidades importantes entre os que lutavam nas colônias e os que lutavam na ‘metrópole’ e também essas solidariedades e suas evoluções estão por avaliar.” Nesse recorte temporal, as representações têm sido demarcadas e estudadas sob diversos enfoques, evidenciando, ao mesmo tempo, a diversidade, a singularidade e a pluralidade como componentes da construção poética da literatura portuguesa. A literatura atual, por um lado, tem potencializado o real, transgredindo a temporalidade e permitindo analogias, intertextualidades e outras maneiras de integração entre momentos históricos e condições do sujeito nas suas relações com os diferentes contextos contemporâneos; por outro, embora tenha desaparecido o antigo reflexo ressentido da literatura com o seu passado, há uma vasta produção que manifesta, pelas indiferenças com a história e seu diálogo com os problemas culturais do presente, a revitalização de um imaginário de dimensão coletiva. É justamente a dinâmica dessas representações, seus enquadramentos e perspectivas que se objetiva iluminar nos espaços do presente Simpósio, bem como as variadas formas de contato e diálogos entre as obras. É primordial, portanto, a discussão e a apresentação dessa literatura, considerando as condições multifacetadas de um cenário em que convivem a consciência da utopia cultural em relação às novas ordens mundiais e as necessidades de fixação das especificidades que motivam novos estatutos culturais. A literatura portuguesa contemporânea, sem dúvida, cresce, com os diversos pontos de vista, cujos olhares põem em questão a cristalização de ideários, discutindo a gestão e a vivência cultural que fomentou determinadas hegemonias e que, ainda hoje, incidem sobre a constituição das identidades. Das perspectivas da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo, esse simpósio recebe propostas de comunicação que visem à discussão e à atualização de temas na literatura produzida em Portugal da segunda

metade do século XX ao século XXI. No âmbito de pesquisas concernentes ao universo da ficção contemporânea que compreende deslocamentos de estruturas, memórias, paródias e/ou revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, bem como trabalhos que incidam sobre as relações estabelecidas entre a obra literária e outros objetos culturais artísticos, como o teatro e o cinema e/ou outras manifestações artísticas que integram e dialogam com a literatura e que compõem o seu campo de conhecimento.

“Da estátua à pedra”, de José Saramago e as possíveis reverberações da literatura portuguesa contemporânea

Bianca Rosina Mattia (UFSC)

Resumo A metáfora da estátua e da pedra com a qual José Saramago apresentou uma reflexão sobre a sua produção literária tornou-se amplamente aceita no repertório de estudos acerca da literatura do escritor. Proposta durante uma conferência em 1998, a metáfora integrou a composição do título a indicar um movimento que parte de um estado e chega a outro: “Da estátua à pedra”, o que se convencionou utilizar para estabelecer as chamadas duas “fases” da obra de Saramago, cada qual com características que sugerem haver uma distinção temática e estilística no percurso de sua construção literária. A análise lançada por Saramago com a referida metáfora, sobretudo ao delinear algumas tendências na denominada fase da pedra, como a concisão dos romances, a estrutura menos barroca, a ausência de localização espacial, alcança também características da literatura portuguesa contemporânea. Por vezes, contudo, a metáfora parece não dar conta da leitura da obra do escritor, especialmente ao considerá-la marco de uma ruptura definitiva. Com isso, abre-se uma possibilidade de releitura da metáfora apresentada por Saramago a partir do e no contexto dos estudos sobre a literatura portuguesa contemporânea, de modo a complexificar questões como a da internacionalização e universalidade e do distanciamento e/ou diluição da História no romance português contemporâneo, o que sugere, também,

senão um questionamento, algumas reflexões sobre a leitura da obra de Saramago a partir das chamadas fase da estátua e fase da pedra.

“Eu estive lá”:

Dulce Maria Cardoso em cinco contos autoficcionais

Larissa Fonseca e Silva (UFSJ)

Resumo A escritora portuguesa contemporânea Dulce Maria Cardoso, na coletânea Tudo são histórias de amor, insere índices autobiográficos seus em cinco dos contos que escreve, a saber: “Em busca d’eu desconhecidos”, “Tudo são histórias de amor”, “Coisas que acarinho e me morrem entre os dedos”, “O coração do meu mundo, ou o papagaio que gostava de bolos de arroz” e “Autobiografia, ou a história de um crime premeditado”. Desse modo, se por um lado podemos considerar esses contos como autoficcionais, por outro podemos lê-los, também, como testemunhos do sentimento de não lugar / não estar (TOLENTINO, 2017) de uma autora retornada, isto é, uma autora que viveu o processo de descolonização das ex-colônias portuguesas em África tendo que sair de Angola e retornar a Portugal, nos anos 70, enquanto refugiada da guerra civil angolana. A partir dos diversos recursos literários que são usados nesses contos, este trabalho pretende ler o sujeito autor-narrador-personagem deles enquanto fragmentado, deslocado e descentralizado (HUTCHEON, 1991; SAID, 2004; HALL, 2006). Esse sujeito relata (em maior ou menor escala em cada conto) o trauma do retorno/deslocamento e, ao mesmo tempo, questiona os discursos históricos oficiais que por muito tempo sustentaram a sociedade portuguesa. Questiona, também, a própria memória coletiva de que faz parte.

A lição de poética de Adília Lopes

Gabriela Silva (UFLA)

Resumo Paul Valéry em suas lições sobre poética fala-nos da história da literatura e da abordagem por vezes biográfica e temática de uma obra. Aponta-nos, portanto, um caminho a seguir como possibilidade

de análise e estudo de determinada criação literária. Contudo, não é raro que muitos poetas e ficcionistas constituam uma “poética” em seus versos e textos. O termo designa, para além do sentido aristotélico, também a série ou conjunto de características intrínsecas de um autor e sua produção, que determinam e configuram escrita e estilo. Sophia de Mello Breyner Andresen escreveu de modo específico sobre a poesia nas artes poéticas, Fernando Pessoa distribuiu em poemas e textos críticos sua ideia de concepção e construção do poema. Esse conjunto de características e modos de percepção do fazer poético é o nosso objeto nesta proposta de análise da obra de Adília Lopes. Em “Arte Poética”, poema de *Um jogo bastante perigoso* (1985), a poeta apresenta sua particular visão a respeito do fazer poético, perspectiva essa que irá se distribuir e multiplicar em diversos poemas de seus livros. A substância lírica, a habilidade do poeta com as metáforas, alegorias, a linguagem e o cotidiano representado são enunciadas em seus versos, formando uma “poética adiliana”. A partir das ideias de Paul Valéry, Manuel Gusmão, Rosa Maria Martelo e Silvina Rodrigues Lopes entre outros teóricos e críticos do gênero lírico, “A lição de poética de Adília Lopes”, é uma leitura do conceito de poesia e do fazer poético e suas descrições e assimilações na obra da poeta.

Adília Lopes aparece na TV em 1971 (ou 1972)

Ana Luiza Rigueto da Silva (UFRJ)

Resumo “Em 1971 ou 1972, recebi um prêmio literário. Foi uma bicicleta.” (2014, p. 671) Aqui, Adília Lopes se refere a u sua primeira aparição na TV, que também é aludida em outro poema nomeado “Prêmio e comentários”: “Em 72 recebi/ o prêmio literário/ dos pensos rápidos Band-Aid/ o prêmio foi uma bicicleta” e em outro trecho: “A Maria disse/ parabéns por quê? é uma porcaria!/ quanto a comentários/ a poesia e a menarca/ são parecidas”. (2014, p. 303) Em O show do eu, Paula Sibilia fala do fenômenos dos meios de comunicação de massa surgidos no século XX, fundados na transmissão de um conteúdo para muitos receptores, como rádio e televisão. Depois, o século XXI vê surgir o fenômeno das redes digitais, que abrigam os blogs pessoais, uma versão no espaço virtual para os diários íntimos. Adília Lopes está fora das redes sociais e nunca teve um blog. Mas a época do

boom dos blogs foi também a do boom de Adília Lopes, com sua escrita muitas vezes tomada por autoficcional e de relato pessoal. Nesse período em torno dos anos 2000 encontramos mais registros da poeta na televisão, período em que também lança sua primeira obra completa, *Obra* (2000). Em resumo, investigo como a circulação midiática e os poemas colocam Adília Lopes diante do público. “É esse o jogo em que se lança a poesia de Adília Lopes, autora de uma obra que explora ainda o diálogo com o kitsch, misturando premeditadamente a tradição erudita com a paraliteratura, numa constante contaminação entre o poético e toda uma gama de tipologias discursivas massificadas.” (MARTELO, 2007, p. 50) E esse posicionar-se diante do público será tomado aqui como um jogo de distância e proximidade diante do outro, para investigar a cena e observar como se configuram esses jogos.

Adília Lopes cronista

Roberto Bezerra de Menezes (UFMG)

Resumo Autora de quase trinta livros de poesia, Adília Lopes tem já alinhavado seu espaço no rol de poetisas portuguesas surgidas no último quarto do século XX. Dessa intensa produção resultou uma não menos intensa recepção crítica, sendo sua poética motivo de artigos, dissertações e teses para além de Portugal, com o Brasil a ocupar lugar de destaque. Entretanto, o breve período em que Lopes se dedicou ao ofício de cronista é raro referenciado e pesquisado, quando muito serve de argumento acessório à leitura de seus poemas. Isto posto, interessa-nos, portanto, inverter a lógica desse olhar para vislumbrar nessas crônicas também uma poética, isto é, um pensamento que alicerce seu projeto. Para tanto, faremos uma breve introdução ao gênero, passando, em seguida, para a contextualização das crônicas de Lopes com o intento de mostrar seu percurso de produção. Na sequência, deter-nos-emos em algumas crônicas e tópicos que julgamos centrais para o entendimento desse conjunto de escritos veiculado no jornal Público. Da tensão entre tempo presente e passado, nisso incluso o entretempo fundado pela leitura literária, percebe-se, nestas crônicas, o recurso ao efeito de recordação que, entre o outrora e o agora, cataloga momentos e objetos, enumera

experiências e observações que servem para delinear a visão particular de Adília Lopes.

Afonso Cruz e o romance romântico: sobre a estética arabesca

Drisana de Moraes Oliveira Santos (UFRJ)

Resumo O escritor português contemporâneo Afonso Cruz, que é também músico, ilustrador de livros infantis e produtor de animações, apesar de inserido na cena literária há pouco mais de dez anos, já conta com uma vasta produção editorial. Suas obras, bem como as de outros autores de sua geração, se caracterizam por uma linguagem que explora os limiares das fronteiras, formando um amálgama de diferentes gêneros, espaços e temporalidades. Suas obras tocam em aspectos e discussões caras não só à literatura de maneira geral, como também à crítica, à teoria literária e à filosofia. Pretende-se, assim, no presente trabalho, verificar em que medida a proposta de Cruz em *Jalan Jalan: uma leitura de mundo* se aproxima do que formularam os primeiros românticos como romance romântico, bem como identificar quais os principais aspectos que promovem seu distanciamento desta concepção. Para tal, nos valeremos das elaborações em torno das (i) formas de conhecimento, da (ii) reflexão e da (iii) contradição, feitas tanto por Cruz, quanto por Schlegel, em sua *Conversa sobre Poesia*. Nos debruçaremos, ainda, sobre o conceito de arabesco, este que é denominado como um princípio estético não só pelo referido teórico do primeiro romantismo alemão, quanto pelo intérprete da estética árabe-islâmica Esad Durakovic, em *The Poetics of Ancient and Classical Arabic Literature*.

Alumbramentos:

“a voz e a letra” em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto

Tainara Quintana da Cunha (FURG)

Resumo A presente investigação propõe uma leitura do romance *Terra sonâmbula* (1992), do escritor moçambicano Mia Couto. Na obra, observamos a estética narrativa do escritor, a que denominamos de

alumbramentos, por se tratar de um quase encantamento promovido pelas aglutações vocabulares e figuras de linguagem já consolidadas em suas obras e próprias do estilo do autor. Afora o jogo vocabular, durante as leituras temos em atenção duas propostas de investigação que se imbricam, dando margem a outras interpretações possíveis. A primeira delas diz respeito à figuração das personagens Tuahir, Muindinga, Vinticinco e Kindzu, que interpretamos à luz da figuração das personagens de ficção, de acordo com o estudo proposto pelo crítico literário Carlos Reis (2018). A segunda é que tais personagens parecem elucidar o processo de descolonização da terra africana no romance, se observarmos que operam entre o resgate da cultura oral, ancestral (voz) e a palavra escrita (letra) contemporânea, não num sentido dual, mas sim, transitivo e hipertrófico, de acordo com Laura Cavalcante Padilha (2002, 2007). Além desses aspectos, a investigação conduz à reflexão sobre o lugar que o romance de Mía Couto ocupa e o que representa para as literaturas afro-luso-brasileiras, conforme Inocência Mata (1998).

As Naus de António Lobo Antunes: entre fantasmas e anti-heróis

Francilene Monteiro da Silva (UNIFESP)

Resumo Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar os fantasmas anti-heróis lusos no romance *As Naus*, de António Lobo Antunes, sétimo romance escrito pelo autor e publicado no final da década de 1980. Em *As Naus*, António Lobo Antunes, traz de volta ao século XX, personagens ilustres que fizeram parte das grandes navegações marítimas portuguesas: Pedro Álvares Cabral, Luís (Camões), Diogo Cão, Francisco Xavier, dentre outros. Esses personagens, por sua vez, regressam do século XVI para o século XX na cidade de Lisboa, em um mundo totalmente industrializado e, ao retornarem, eles não são mais considerados os heróis que desbravaram os mares e fizeram grandes descobertas, pois no século XX, período pós-colonial, eles tornam-se pessoas comuns e voltam sem a honra e a glória de seus antepassados. Dessa forma, pretende-se analisar por que esses personagens fantasmas são vistos como anti-heróis? e qual o significado deles numa época pós-moderna? Para tanto, essa análise será realizada de acordo com os pressupostos teóricos de Didi-Huberman:

História da arte e do tempo dos fantasmas, segundo Aby Warburg; Margarida Calafate Ribeiro, Ana Paula Ferreira: *Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*; Eduardo Lourenço: *O Labirinto da saudade*; Ana Kalewska: *As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea*. Assim, com este trabalho, busca-se compreender o retorno desses personagens numa época pós-modernista, e como eles são reinterpretados.

Cinco Voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso: a narrativa “transgênero” de Alexandra Lucas Coelho

Mariana Letícia Ribeiro (UFSCar)

Resumo A obra *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso* (2019), da escritora portuguesa contemporânea Alexandra Lucas Coelho, é definida como uma narrativa de viagem. A viagem, por sua vez, remete diretamente – na escrita de Coelho a respeito do Brasil e mais especificamente na obra em questão – às viagens de exploração do século XV, de modo que a figura do colonizador é invocada constantemente e contraposta à figura do viajante português contemporâneo. Isso não só traz à tona questões referentes à construção do espaço no texto literário, mas também à história em relação ao passado colonial entre Portugal e Brasil. Desse modo, cabe questionar que Brasil é esse representado na obra da autora e como e o que este espaço diz sobre a própria identidade de Coelho enquanto portuguesa que deve enfrentar seu passado e sua posição de ex-colonizador que fala ao Brasil e sobretudo à Portugal. Ademais, ao utilizar-se de um gênero textual que se encontra já na origem da história entre os dois países para se referir ao presente de maneira crítica, a autora questiona e revisa a própria estrutura básica deste gênero. Esse questionamento envolve a intertextualidade, interdiscursividade e a paródia – aqui compreendida de acordo com Linda Hutcheon (1985) –, o que aponta para o caráter pós-modernista de *Cinco Voltas*. Contudo, como o presente trabalho buscará demonstrar, a obra em questão não só rompe com limites genológicos, mas aponta para a existência de um tipo de narrativa que desafia qualquer classificação: a narrativa “transgênero”, termo utilizado por Lucas Coelho ao definir seu romance *Deus-dará* (2016) e adotado por Catarina Martins (2021)

ao refletir sobre a obra da autora. O trabalho procura, portanto, explorar o uso do termo assim como o entende Coelho e Martins e, com isso, apresentar algumas características dessa narrativa.

Contemporâneo, Lisboa: afropolitanismo e melancolia pós-colonial

Luca Fazzini (USP)

Resumo Em seu texto “O que é o contemporâneo?” (2007) o filósofo italiano Giorgio Agamben debruça-se sobre o que significa ser “atual”, sobre as tensões que se estabelecem entre o agora inapreensível e os seus outros tempos – o(s) passado(s). Para ele, ser contemporâneo é, antes que mais nada, estabelecer uma relação paradoxal, intempestiva, com o próprio tempo: aderir a ele sem, porém, se conformar; saber ler, entre as tantas luzes da experiência contemporânea, a sua “íntima escuridão”. Citando o filósofo, “o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos [...]” (AGAMBEN, 2007, 73). A partir dessas reflexões, a comunicação “Contemporâneo, Lisboa: afropolitanismo e melancolia pós-colonial” pretende interrogar as visões Outras da cidade de Lisboa reunidas no quarto número da antologia *La Rampa: Art, Life & Beyond* (2020), um “atlas palimpséstico” que articula, através da voz de artistas, escritores e acadêmicos, histórias e imagens afrodescendentes na antiga capital do império colonial. Tendo como plano de fundo as ruas e os bairros da cidade de Lisboa, a antologia costura diálogos entre múltiplas experiências artísticas e literárias – desde os resíduos da escravidão mencionados por José Saramago em *Viagem à Portugal* (1981), até as vivências “afropeas” de escritores quais Djaimilia Pereira de Almeida, Grada Kilomba, Kalaf Epalanga e Gisela Casemiro, entre outros – permitindo uma reflexão mais ampla sobre o contemporâneo lisboeta, em tensão constante entre um passado colonial que volta em forma de melancolia, na acepção dada por Paul Gilroy (2004), e aquilo que Achille Mbembe (2007) chamou de “afropolitanismo”.

Estuário: a literatura lusitana contemporânea e a escrita da nação

Clenir Da Conceição Ribeiro (UFSJ)

Resumo A literatura já foi considerada espelho da nação devido ao importante papel que teve na constituição das culturas e identidades nacionais. Em Portugal, pode-se considerar que a história foi construída pela ficção, desde, por exemplo, o mito de que o herói Ulisses teria fundado Lisboa, passando pelo Sebastianismo e pelo enaltecimento da colonização, entre outros. No entanto, com o fim do colonialismo a literatura assumiu um papel reflexivo e de revisitação da memória nacional. Assim, neste trabalho propomos estudar o romance *Estuário* (2018), de Lúcia Jorge, objetivando observar como o projeto de escrita de um livro, do protagonista Edmundo Galeano, possibilita um exame do fazer literário português na contemporaneidade e seu diálogo com a escrita da história da nação. No enredo, Edmundo regressa a Portugal depois de ser voluntário pela CARE em Dadaab, onde em um acidente tem parte da mão direita decepada. Este fato desperta no personagem o desejo de escrever um livro para deixar uma lição para a humanidade acerca dos perigos que paira sobre ela. Quando retorna a casa de sua família, que se encontrava em uma crise financeira, ele realiza cópias de textos clássicos a fim de treinar a mão decepada e inspirar-se para a sua escrita, uma vez que tinha um projeto grandioso, mas este não se concretiza. Desse modo, pretendemos discutir a possibilidade e/ou impossibilidade de se (re) escrever a nação lusitana no contexto contemporâneo e dialogar com o papel da literatura de fronteira. Para tanto, recorreremos a formulações sobre a cultura e identidade portuguesa com Boaventura de Sousa Santos e Eduardo Lourenço. Além disso, a fim de problematizar a escrita buscaremos um diálogo com Antoine Compagnon, Deleuze e Jorge Luís Borges. Ademais, discutiremos nação a partir de Ernest Renan, Benedict Anderson e Homi Bhabha. E pretendemos situar o contemporâneo com Giorgio Agamben

Figurações de escritor e evidências de uma poética romanesca nas crônicas de António Lobo Antunes

Thais Moreira de Oliveira (UNIFESP)

Resumo O propósito da comunicação é compartilhar e refletir os resultados parciais da pesquisa de mestrado em Letras realizada na Universidade Federal de São Paulo. Esta tem como objetivo central analisar de que modo António Lobo Antunes ao se representar como escritor na tessitura de suas crônicas enuncia princípios que podem delinear uma poética romanesca. Consideramos como hipótese, a possibilidade de as crônicas não apenas configurarem para o autor uma espécie de laboratório de escrita para os seus romances, mas também um espaço de reflexão, construção e espelhamento daquilo que ele considera ser a poética do romance. O corpus de análise compreende as crônicas publicadas nos cinco livros do gênero do autor: *Livro de crônicas* (1998); *Segundo livro de crônicas* (2002); *Terceiro livro de crônicas* (2006); *Quarto livro de crônicas* (2011) e *Quinto livro de crônicas* (2013). O percurso metodológico inclui um levantamento das especificidades do gênero; principais características de escritura cronística de Antunes; revisão dos pressupostos teóricos concernentes à questão da autoria e sua representação; análise e descrição do corpus. Evidencia-se, nas crônicas, uma recorrente aparição da figura do escritor como personagem e um movimento por parte desta em enunciar juízos e expressar opiniões tanto da escrita literária em geral, quanto do romance em específico.

Luanda, Lisboa, Paraíso: a estética negra, pós-colonial e subjetiva na escrita de Djaimilia Pereira de Almeida

Tarik Mateus Adão da Costa de Almeida (UEM)

Resumo Djaimilia Pereira de Almeida é, sem dúvida, um dos grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea. Vencedora de uma série de prêmios, desde a publicação de sua primeira obra, *Esse Cabelo* (2015), a autora perspectiva uma escrita bastante intimista em sua construção literária. Esta comunicação aborda um recorte de uma pesquisa, ainda em andamento, sobre a obra *Luanda, Lisboa, Paraíso*

(2019). Propomos pensar de que forma a autora constrói, neste romance, uma estética negra, pós-colonial e subjetiva. Compreendemos que, como escritora negra e portuguesa, sua escrita é pautada por um local enunciativo interseccional, que dá corpo, voz, subjetividade e representação aos personagens negros, vítimas do processo colonial em Angola. Pós-colonial pela maneira com que potencializa a necessidade de debater o pós-colonialismo português e a recepção de imigrantes angolanos, movimento potencializado após a Revolução dos Cravos em abril de 1974 e nos processos de independência dos países africanos de língua oficial portuguesa, entre os de 1973 a 1975. E, por fim, subjetiva pela maneira com que as personagens (des)configuram suas subjetividades negras no processo da diáspora, a partir das interações e hibridações entre sujeito e mundo, personagem e deslocamento. Para nossa fundamentação analítica, utilizamos como aporte teórico autores como: Hall (1996, 2003), Figueiredo (2013), Veiga (2019), Férrer (1972), entre outros escritores bastante importantes para nossa proposta de análise.

Narração e fragmentação em *Passo para Sul* de Judite Canha Fernandes

Rejane Queiroz Gonçalves (Pontificia Universidad Comillas)

Resumo O objetivo da comunicação é a análise / leitura do romance *Um Passo para Sul* de Judite Canha Fernandes a partir da fragmentação da voz narradora e das temáticas abordadas. A autora revisita um tema caro à literatura portuguesa contemporânea – o pós-colonialismo – recorrente na produção literária portuguesa do final do século XX. No entanto, imprime um novo olhar no seu tratamento, dotando-lhe de frescor e ares de cosmopolitismo. Observam-se elementos e referências da cultura pop (“léxico urbano”); “espaço romanesco intercontinental” entre África (Cabo-Verde, São Tomé), Madeira, Açores e Lisboa como apontado por Miguel Real em *O Romance Português Contemporâneo – 1950-2010*; denúncia social com ponto de mira na barbárie do regime salazarista em território português e nas colônias; questões relacionadas à sexualidade; ao feminismo; à linguagem e à “subversão das categorias clássicas do espaço e do tempo” (Ibidem), características da produção romanesca contemporânea.

Breve Biografia: Rejane Queiroz inicia seu percurso no curso de Letras Português – Espanhol na Universidade Federal Fluminense e licencia-se em Filologia Hispânica pela Universidad Antónoma de Madrid. É mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares: Língua, Literatura e História pela Universidade Aberta de Lisboa e doutoranda em Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidad de Salamanca. É professora associada no Departamento de Línguas Modernas na Saint Louis University – Madrid Campus. Leciona no Departamento de Tradução e Interpretação e Comunicação Multilíngua na Pontifícia Universidad Comillas e na IE University, no Departamento de Línguas Estrangeiras. Suas linhas de pesquisas são as Literaturas em Língua Portuguesa, a Relação entre Literatura e Cinema e o Ensino de Português como Língua Estrangeira.

**O amor é um banquete no qual me alimento:
aberturas possíveis para a prosa portuguesa
contemporânea em *A gorda*, de Isabela Figueiredo**

André Carneiro Ramos (UNIMONTES)

Resumo Esta comunicação tratará do romance *A gorda* (2016), de Isabela Figueiredo, investigando o seu modo de inserção no hipercontemporâneo (ARNAUT, 2016), em sua procura por novas epistemologias que não apenas problematizem o “modo de ser” português hoje, mas possa conferir uma real visibilidade à noção iconoclasta de resistência por vezes propagada pela literatura. A rasura, nesse sentido, dá-se a partir da vigência secular de um povo que, ao sair pelo mundo consagrando uma “dispersa” presença (LOURENÇO, 1999), estabeleceu, como uma de suas principais e existenciais características, a estagnação. A partir desse contrassenso, o fato é que ainda hoje em Portugal, no escopo deste mundo, reajustado sob o viés de crises das mais diversas, adensar-se-ia uma espécie de continuidade dessas problematizações, como por exemplo, a relativização (ou não) do neocolonialismo, a renitente questão dos retornados, a religiosidade excessivamente castradora, a sexualidade sempre obliterada (vozes femininas silenciadas), etc. Tudo isso, na verdade, influenciaria por demais numa imprescindível alteração do público leitor, gerada a partir do modo como os chamados “novíssimos escritores”

revisariam esse viés autocentrado de seu país, posicionando-se avidamente pela escrita, num desejo de se lançarem para além de tais mazelas, e esgarçando o próprio umbigo eurocêntrico, propensos que estão ao encontro com uma bagagem cultural desvinculada de qualquer herança isolacionista (de dentro ou de fora) redutora e paralisante (SANTOS, 2019). Nesse âmbito, resolvemos destacar mesmo a autora de *Cadernos de memórias coloniais* (2009), que em sintonia com os seus pares sinaliza os indicativos até aqui mencionados; no seu caso particular, um “interior de si”, resvalado de modo franco, emularia as inferências de inúmeros leitores, almejando a desmistificação de problemas cotidianos, banais aos olhos de muitos, porém, sistematizadores de uma espécie de “acerto de contas”, ao vivificarem, em solo luso, uma desejada experiência-mundo advinda do lado de lá de seculares fronteiras.

O fazer poético de Manuel António Pina em ‘Farewell happy fields’

Cláudia Mentz Martins (FURG)

Resumo Durante parte de sua carreira, Manuel António Pina (1943-2012) foi considerado fundamentalmente um cronista e sua produção poética era inconstante. Todavia, ao contrário do que esses dados possam sugerir, seus poemas estão longe de serem simplórios ou de fácil apreensão. Com frequência, o poeta mescla questões temporais e realiza intertextualidades que nos fazem desvendar seus versos vagorosamente. Há um processo de constante ampliação interpretativa a revelar possíveis significados, os quais não se dirigem ao ‘lugar comum’. Entre alguns dos temas constantes, em sua produção, temos um ‘eu’ que se pensa e que divaga sobre sua poesia, e que, por consequência, aborda a vida, a morte, o presente, o passado; mas sem o teor melancólico que essas elucubrações poderiam suscitar num poeta que tivesse menor fôlego. Com o intuito de melhor discorrer sobre as questões que se referem ao fazer poético de Pina, selecionamos a obra “Farewell happy fields”, publicada em 1993. Para auxiliar nossa análise, utilizaremos alguns teóricos que tratam do ato de poetizar e de aspectos que o envolvem como, por exemplo, Octavio Paz com seu “O arco e a lira”; Jorge Luis Borges e o livro “Esse ofício do

verso”, e Michael Hamburger com “A verdade da poesia”, além de textos críticos da poesia portuguesa dos dias de hoje.

O indesejável e amargo regresso em *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso

Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa (UNIPLAC/UFRGS)

Resumo O indesejável e amargo regresso em *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso. As mudanças ocorridas em Portugal, após a Guerra dos Cravos em 1974, trouxeram sérias consequências à população desse país. Portugal, que já não possuía uma economia próspera comparada aos demais países europeus, com a queda do salazarismo e a perda das colônias africanas, desestabilizou-se politicamente e empobreceu. Havia a tensão entre o país agrário e conservador, que a ditadura salazarista procurava manter inalterado, e a necessidade de modernização sentida pelos portugueses, motivados pelo cenário político, econômico e cultural europeu que acompanhavam à distância. Esta se dava nos extratos político, social e econômico, marcando decisivamente a cultura portuguesa, segundo Schmidt (2000). A narrativa de Dulce Maria Cardoso, *O Retorno* (2011) proporciona ao leitor um retrato de Portugal, cuja independência de seus territórios ultramarinos o obrigam a receber de volta a grande leva de migrantes que outrora haviam deixado o continente em busca de uma vida melhor. O narrador é o adolescente Rui, recém chegado de Angola com a mãe e a irmã, que na sua visão ainda infantil conta a situação difícil dos retornados de África. Assim, este trabalho tem por objetivo ressaltar os dissabores sofridos pelos portugueses recém chegados das colônias devido ao contraste cultural marcado pelo desprezo dos portugueses metropolitanos. . Essas observações se dão sob a ótica das teorias de Boaventura de Sousa Santos, Simone Schmidt, Edward Said, Stuart Hall e Ana Mafalda Leite.

O itinerário de Bloom em *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares: intertextualidade em uma viagem burguesa no século XXI

Taciane Aparecida Couto (UFJF)

Resumo Nas páginas da ficção do escritor português contemporâneo, Gonçalo M. Tavares, a epopeia de um homem do século XXI, se constrói em diálogo com a tradição literária. Bloom, o personagem, que empreende uma viagem rumo à Índia, é um indivíduo melancólico que procura na viagem até à Índia uma forma de livrar-se dos sentimentos que assolam sua vida. Bloom é, pois, o primeiro indício do projeto literário do escritor Tavares, remetendo-nos ao personagem de James Joyce, Leopold Bloom. A temática da viagem perpassa, desse modo, pelos ecos de mil textos-objetos do nosso imaginário de leitores como aponta Eduardo Lourenço no prefácio da edição de 2010, de *Uma Viagem à Índia*. Dentre esses textos-objetos, destaca-se, *Os Lusíadas*, pois é a partir do livro de Camões, que as peripécias de Bloom se confluem com os episódios da epopeia camonianiana. Nessa ótica, a literatura de Tavares se apresenta pela poética intertextual e pela constante alusão à tradição literária. A escrita se constrói pela citação, pelos gestos de recortar e colocar como aponta Antonie Compagnon, em *O trabalho da citação* (2006). Objetiva-se, abordar a escrita de Tavares a partir da intertextualidade recorrendo a Compagnon (2006) e Tiphaine Samoyault (2008), dentre outros. Pretende-se, também, apontar a recorrência da temática da viagem na literatura portuguesa e a perspectiva que esse tema adquire em *Uma Viagem à Índia*.

O jogo do absurdo: uma leitura de *Dias úteis*, de Patrícia Portela

Carlos Roberto dos Santos Menezes (UFRJ)

Resumo A partir das reflexões teóricas de *Os jogos e os homens: máscara e vertigem*, de Roger Caillois; *Performance, recepção, leitura*, de Paul Zuhmthor; *O teatro do absurdo*, de M. Esslin, dentre outros, a presente comunicação visa aceitar o jogo proposto por Patrícia Portela em seu livro *Dias úteis* (2017). Busca-se decifrar não só o que tange

à forma composicional do livro, dividido em sete narrativas dedicadas cada uma delas a um dia da semana e acrescidas de um prefácio fora de jogo e de uma didascália, como, também, o processo de transfiguração do leitor em personagem destas narrativas, no intuito de deslocar o olhar da utilidade dos dias e refletir sobre o sentido da vida (sentido este que não se tem resposta). O “texto-performance” constitui o caminho pelo qual o leitor é convidado a se debruçar sobre o cotidiano, de modo a experienciar – em um primeiro momento – as dores, angústias, cansaços, medos, amores e desvarios da(s) personagem(ns) que habita(m) o universo ficcional-performativo da autora. Diante das cenas que nos são narradas, o olhar mecanizado do cotidiano se transforma numa percepção de que estamos inseridos numa sociedade do absurdo e nos leva a refletir sobre a condição humana da modernidade. Ao aceitar as regras do jogo, o leitor, imperceptivelmente, vai ocupando o lugar da personagem e passa a vivenciar os sentimentos e as situações narradas. Como o processo de identificação é estabelecido pelo meio da performance textual, ensaiada no processo de leitura, aquele que se aventura no jogo há de se questionar: o que são dias úteis? Úteis para quem? Qual a condição humana na modernidade ou pós-modernidade? Eis um questionamento a que esta comunicação pretende responder.

**O olhar que (re)cria:
diálogos entre o pintor Paul Cézanne e a personagem
Paulo Vaz, de *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão**

Orivaldo Rocha da Silva (CEUCLAR)

Resumo Em *A Cidade de Ulisses*, romance de 2011 da escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão, atesta-se, por meio de revelação da própria autora em Nota Inicial, que a obra empreende um diálogo proposital com as artes plásticas. A autora justifica-se dando conta do seu próprio interesse pela área, bem como por frequentes contatos mantidos há tempos com amigos artistas plásticos. Gersão, inclusive, explicita a espécie de livre releitura aplicada a obras e exposições que aparecem nas páginas do romance, chegando a identificar claramente em que ponto da trama isso se dá. A partir de tal mote, o objetivo desse trabalho é o de propor diálogos possíveis entre

o pintor francês pós-impressionista Paul Cézanne (1839-1906) e o personagem-narrador Paulo Vaz – um artista plástico – de *A Cidade de Ulisses* no que diz respeito, dentre outros, aos aspectos associados à visão e às verdades em referência às artes em geral e ao ofício de artista, em particular, bem como à situação de diálogo interartes, passando por considerações expressas pela voz narrativa de Teolinda a dar conta da possibilidade de existência de alguma hierarquia entre as formas de expressão artística. Nos termos do pintor francês, sua missão era a de devolver à pintura elementos que dela haviam sido subtraídos pelos impressionistas, tais como peso, estrutura e concretude da matéria. No entanto, nessa sua concepção, a pintura não era apenas uma cópia. E nos termos da voz narrativa no romance de Gersão, a concepção do artista estaria associada àquele elemento que detém o completo domínio daquilo que cria. Em ambos, pintor e personagem, a centralidade do olhar do artista como o que estaria em condições favoráveis para criar ou recriar o espetáculo do mundo, do qual o homem comum participaria dele sem perceber.

O ser português em jogo em *Caderno de Memórias Coloniais* de Isabela Figueiredo

Fernando Januário Pimenta (USP)

Resumo O fenômeno do colonialismo – isto é, do sistema colonial – descrito no romance autobiográfico *Caderno de memórias coloniais* (2009), da escritora moçambicana Isabela Figueiredo (1963–), incluindo seus efeitos sobre Moçambique, sobre os colonos e os colonizados desse país, em meio à crescente luta pela libertação, atinge a essência do ser português. Viceja a violência local das relações travadas ao fim do decadente Império português, seja ela verbal – termos racistas –, física – englobando a sexual, o suicídio, os assassinatos, espancamentos –, financeira – a total dependência dos negros em relação aos brancos, determinada pelo próprio sistema colonial, produtor de desigualdades e assimetrias, que José Luís de Oliveira Cabaço conceituou “dualismo insolúvel” (CABAÇO, 2007). Um sistema socioeconômico que não enxerga os seres humanos que dele participam como iguais ou passíveis de viver em igualdade produz e reproduz violências fora do controle de seus indivíduos, culminando em instabilidade, caos

e total deterioração da malha social. A autora, branca, filha de colonos, no convívio diário com sujeitos negros, reposicionou-se criticamente para não reproduzir a discriminação racial dos pais, esforçando-se, porém, para reconstruir vivências fragmentadas, fraturadas e dispersas, envolvendo a destruição de saberes ancestrais – o epistemicídio definido por Boaventura de Sousa Santos (1940) – dos africanos, e especificamente, neste caso, dos moçambicanos, cujas línguas sequer são referidas no romance, ou conhecidas pelos colonos que os empregam e não os reconhecem como iguais em nenhum momento dessa coexistência colonial forçada, conflituosa e insustentável. Segundo Stuart Hall (2013, pp. xvii-xx), membros de uma mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem ter aproximadamente os mesmos modos de pensar, sentir e interpretar o mundo, dividindo os mesmos “códigos culturais”. Essencialmente, abordamos de que formas ocorrem rupturas nos códigos culturais do ser português dilacerado na narrativa de Isabela Figueiredo.

**O texto *Catarina* (2020) ou o livro que não há:
as vias possíveis no texto de Maria Gabriela Llansol**

Winnie Wouters Fernandes Monteiro (UNEMAT)

Resumo Parmênides, em seu poema *Da natureza*, mostra a Deusa levando o poeta aos céus para contar a este alguns segredos divinos, entre eles as duas vias possíveis, a da verdade, daquilo que é, e a outra, a do que não é. Em *Inquérito às quatro confidências* (2011), um dos diários da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008), vemos uma releitura dessa história, em que a escrevente, assumindo o lugar da deusa, conta à figura de um menino quais são as vias possíveis nesse espaço – trata-se, aqui, do “texto”: uma é a do que “há” (sim, Llansol transforma o verbo nessa releitura), outra a do não há, e ainda mais uma, a do há com aura. A partir da ideia das vias possíveis apresentadas no diário, este trabalho propõe uma leitura da publicação da obra *O texto Catarina* (2020), projeto nunca publicado pela autora em vida, mas que chegou às livrarias recentemente em Portugal. Esse “dossiê”, como o chamava Llansol, foi reescrito pela autora, dando origem a *Ardente texto* Joshua (1998), o que nos leva

a considerar este, e não o livro mais recente, como uma via possível. Para buscar comprovar tal hipótese, percorreremos dois caminhos: um buscando conhecer o que seria essa via do não há, e outro cotejando parte das mudanças entre O texto Catarina e *Ardente texto Joshua*, no intuito de observar o que faria do segundo uma via possível, enquanto o primeiro, não.

O Tibete de África e o romance histórico: uma perspectiva de leitura

Carlos Henrique Fonseca

Resumo O romance de Margarida Paredes, *O Tibete de África*, publicado pela primeira vez em 2006, traz acontecimentos históricos de grande importância, como o fim da guerra colonial, o retorno de famílias de colonos de África e o grande conflito entre as etnias Hutus e Tutsis, em Ruanda, por ocasião do atentado ao então presidente Juvénal Habyarimana, em abril de 1994. A forma como a escrita ficcional se apropria de tais acontecimentos abre um horizonte de análise que permite considerar a obra a partir da perspectiva do romance histórico. Partindo de alguns aspectos selecionados do rico trabalho de Georg Lukács sobre o tema e com base em uma sociologia do romance, de Michel Zéaffa, o presente trabalho propõe uma reflexão acerca das características específicas de *O Tibete de África* e seus personagens contemporâneos, entendendo-os enquanto uma atualização do romance histórico. Uma vez que, na pós-modernidade, segundo Stuart Hall, a noção de sujeito é alterada devido a seu descentramento, como podemos situá-los diante da relação entre indivíduo e sociedade? Quais cicatrizes não só marcam, mas participam da ação, da inação e da mundividência de cada uma das personagens? Essas são algumas das questões desenvolvidas na reflexão sobre Ana, Amândio e Justino, que representam identidades, lugares e gerações diferentes, marcados por traumas, frustrações e desilusões, em um romance no qual os acontecimentos históricos possuem tamanha relevância.

O vento assobiando nas gruas: a identidade portuguesa após o 25 de abril

Thais Marley Ferreira da Silveira (UFSJ)

Resumo O simpósio Literatura portuguesa: perspectivas estético-culturais contemporâneas contempla a literatura portuguesa a partir da diversidade de vozes que emergem no Portugal contemporâneo, considerando, conforme afirma Eduardo Lourenço (2001, p.16), que “a contemporaneidade de Portugal, em particular na sua expressão cultural, a sua atualidade ou as raízes dela começaram precisamente com a Revolução de Abril”. Desse modo, o presente trabalho pretende investigar um romance que contesta a sociedade portuguesa contemporânea ao abordar como a identidade portuguesa se constitui na contemporaneidade. Para tanto, estudaremos a obra *O vento assobiando nas gruas* e como ela recria criticamente um período significativo de Portugal, qual seja, como o país se adaptou à chegada dos imigrantes africanos e os regressados portugueses, que vieram depois do golpe de 1974. A chegada desses dois grupos sociais causou um choque cultural no país que teve que integrar os novos habitantes tanto econômica quanto culturalmente. Assim, Lídia Jorge, uma autora sempre preocupada com o contexto social do país, escreve *O vento assobiando nas gruas*, em 2002, um livro que traz como temática o imigrante africano e sua interação ou não interação com a cultura portuguesa. Para tanto, a autora dá voz a diversos grupos sociais que retratam a mistura de cultura que Portugal começava a descobrir. E para discutir essa novas configuração cultural, social e econômica, bem como para tratar de como cada um desses grupos é retratado na obra, recorreremos aos pressupostos teóricos sobre identidade de Stuart Hall (1997), Zygmunt Bauman (1997), Isabel Ferin Cunha (1997) e Tomaz Tadeu da Silva (2000).

Os caminhos da memória traumática em *Filho da Mãe*, de Hugo Gonçalves

Lívia Vilaça Santos (UFRJ)

Resumo Partindo das considerações teóricas de Márcio Seligmann-Silva em “Apresentação da questão: a literatura do trauma” (2001) esta

comunicação busca se debruçar sobre o romance *Filho da Mãe* (2019), de Hugo Gonçalves, em que o personagem-narrador se depara com um tempo paradigmático, no qual irá iniciar uma viagem pela (re) construção do passado, precisamente a partir da morte da sua mãe. A ausência da figura materna constitui uma imagem fantasmática em que o narrador obcecado por resposta tentará preencher as lacunas da memória na tentativa de corporificar um passado dilacerado marcado pelo desamparo, pelo luto e pelo silenciamento dessa figura pelo pai. Ao adentrar em suas memórias, o «trauma» surge como uma questão posta, que no viés de Freud, não pode ser totalmente assimilado no instante em que ocorre, neste sentido, é necessário um afastamento dos fatos e uma outra linguagem que seja capaz de traduzir o evento traumático experienciado pelo sujeito. Neste sentido, a memória do narrador-personagem evidencia um choque violento que promove um desencontro com o real capaz de expor todas as feridas ainda pungentes, haja vista a advertência que abre o texto de Hugo Gonçalves: “este é um relato verdadeiro, ainda que, na tentativa de fazer sentido, a nossa memória seja tantas vezes imaginação” (2019, p. 11). A personagem, por meio de discursos de terceiros, tentará recompor a figura da própria mãe por meio de um caminho tortuoso no exercício de enfrentar a memória traumática de sua infância. Sendo assim, a presente comunicação pretende responder as seguintes questões: quais as estratégias utilizadas pelo narrador-personagem para o enfrentamento do trauma, a ultrapassagem do luto e a tentativa de reconstrução do passado? A escrita consiste em uma forma de despossessão da imagem fantasmática?

Que(m) vê o texto: “corpos unidos a ler”

Onde vais, drama-poesia?, de Maria Gabriela Llansol

Suelen Cristina Gomes da Silva (UFF)

Resumo Em “Onde vais, drama-poesia?” (2000), da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008), há uma cena de abertura que, a seu modo, prevê e encena uma situação inerente à experiência do contato literário: “nossos corpos unidos a ler”. No contexto desse encontro, o presente trabalho tem o propósito de analisar alguns sentidos possíveis a partir da união dos corpos e, mais especificamente,

dos rostos do leitor e do texto em um livro híbrido, que tem suas fricções com a poesia, como o de Llansol. Ampliando os sentidos daquilo que vemos e que nos vê (DIDI-HUBERMAN, 2005), podemos cogitar – em movimento semelhante ao que faz a voz do texto – que esta abertura, além de ser uma das diversas janelas do livro, também reflete de maneira concisa a futura jornada ao seu interior como um todo. Na “cena fulgor” (categoria elaborada pela autora) que performa um face a face diante da linguagem, é possível perceber o olhar como uma das formas de “conhecimento, percepção” e, ademais, na forma de uma conjunção em “que o ser se renove e se recupere” (LEVINAS, 2007). Somando-se aos autores citados, dentre outros, contribuem a esta análise os filósofos Jean-Paul Sartre, com suas reflexões a respeito da literatura e da potência do rosto, e Adriana Cavarero (2011), para tratar de uma multiplicidade vocal existente no texto llansoliano. Diante da resgatada “imagem da água”, em confluência de rios, a voz que afirma que “o mundo está prometido ao Drama-Poesia”, ao fim desse primeiro momento-seção, parece assumir a narração para uma fusão que caracterizaria a ideia de “legência” proposta pela autora, em reelaboração da ideia de leitura: fundir-se em silêncio, na palavra escrita que passa a pertencer a ambos – livro e leitor. Ou: a não pertencer.

**Quebra-cabeça de uma biblioteca deformada:
a revisitação do cânone e suas conexões em *Senhor Eliot*
e as *Conferências*, de Gonçalo M. Tavares**

Maria Catarina Rabelo Bozio (USP)

Resumo A estratégia de revisitar autores consagrados e, a partir de versos de seus poemas, realizar explicações é o mote da obra *Senhor Eliot* e as *Conferências*, parte da coleção O Bairro, de Gonçalo M. Tavares. Nesse livro, assim como em toda a série bairresca, para além da imediata associação entre autores epônimos e personagens presentes das obras – neste caso com George Eliot e Thomas Sterns Eliot –, Tavares também mobiliza conexões menos óbvias na revisitação de autores consagrados, criando associações que suscitam possibilidades de análises verticais e transversais. As escolhas realizadas parecem organizar, de maneira similar a um jogo de quebra-cabeça,

obras e escritores que apresentam relações diretas e indiretas, como se pudessem constar, física e mentalmente, em um mesmo acervo. A cada nova peça alocada em seu lugar, uma complexa teia interpretativa é ampliada. Esse fenômeno, que está presente também na obra *Biblioteca* (2004), parte da coleção de nome *Arquivos*, do mesmo autor, tem nessa obra um comportamento bastante similar: apresenta a leitura como base das associações. É nesse exercício de conexão entre autores, com ligações nem sempre imediatas, que Tavares se apropria de uma ideia, de uma palavra, de um enredo específico das obras desses autores e, a partir desse recorte, cria, propõe, reinterpreta a sua maneira, criando ligações que funcionam como peças de um quebra-cabeça dessa biblioteca deformada. De forma a exemplificar esse movimento, trabalharemos em específico com a 4ª Conferência do Senhor Eliot: uma explicação do verso “Tenho tantas coisas na cabeça, não pode ser para mim”, de Marin Sorescu. Por meio dessa análise, será possível evidenciar o diálogo entre autores contemporâneos e as relações oriundas dessas aproximações, além de refletir sobre a inter-relação dessa curadoria com a obra *Biblioteca*, já que a maior parte dos autores epônimos também está presente nesse título tavariano.

***Regresso a casa* de José Luís Peixoto: da construção poética à viagem do sujeito contemporâneo**

Eliana da Conceição Tolentino (UFSJ)

Resumo O tema da viagem foi desde sempre presente na literatura portuguesa. Porém, o escritor José Luís Peixoto propõe-nos em *Regresso a casa* (2020) um outro tipo de viagem, não o sair, mas o chegar, o voltar-se para a casa, para si. A pandemia do COVID-19 que ainda assola o mundo obrigou-nos todos a nos recolher a casa. Nesse livro de poemas, há um Ulisses que retorna e, numa viagem interior, se depara com as memórias, com a casa, com os filhos, com os pais, com os livros, com os gatos, com os objetos, enfim, consigo mesmo. Sob a perspectiva dos estudos sobre a escrita de si e da memória, essa “como um vidro entre o agora e outro tempo.” (PEIXOTO, 2020), pretende ler *Regresso a casa* como um compósito de biografemas (BARTHES, 2005) que possibilita também outras viagens

a partir de um local fixo- a casa. O livro, composto por partes como: “Odisseia”, “Quarentena”, “Diário”, “Galveias” e espaços outros pelos quais o poeta viajou antes de se isolar como “Coreia do Norte”, “Oeiras”, “Tailândia”, “China”, “Tradutores”, “bibliografia” conduz-nos, junto a esse Ulisses, a permanente viagem e permanente regresso. Nesse sentido, o sujeito contemporâneo, ao se deparar com a hostilidade do momento histórico e do real, encena na literatura, suspensões temporal e espacial, permitindo-se assim transitar por tempos e espaços possíveis na construção poética.

Saramago e a singularidade do ser contemporâneo

Pamera Ferreira Santos (UERJ)

Resumo Este trabalho tem como foco discutir a questão do duplo na obra *O Homem Duplicado* de José Saramago, cujo personagem principal, Tertuliano Máximo Afonso, nos permite mergulhar em uma série de questões que envolvem o tema. A questão do duplo sempre rendeu muito na literatura e no cinema. Há muito tempo o desdobramento do eu, a cisão entre aquilo que somos na sociedade e os impulsos que cá por dentro nos agitam, é um assunto que conquistou seu espaço na arte como todo. Para tal questão, trabalharemos dando destaque a dois conceitos e discussões de Freud e Lacan: o estranhamento frente a algo familiar, o pequeno e o grande outro, perceptíveis com intensidade nesse romance. Pois, ao Tertuliano descobrir que há um menecma dele morando na mesma cidade, ele passa a desenvolver todo um questionamento sobre si mesmo e o outro. Saramago, já na epígrafe de seu livro, traz a noção de perda da singularidade, a percepção de que alguém nos enganou quanto à sensação de sermos únicos. Pois, ao citar uma frase de Laurence Sterne “Acredito sinceramente ter interceptado muitos pensamentos que os céus destinavam a outro homem”, deixa claro esse embate entre o “eu” e o “outro” com a necessidade de mostrar, no caso da frase, a quem pertence o pensamento original. É frente a esse embate e estranhamento entre o “eu” e o “outro” que desenvolveremos a discussão do duplo na obra o homem duplicado.

Tempo e memória como elementos condutores do discurso intimista feminino em *Nas tuas mãos*, de Inês Pedrosa

Keuryn Stéfane Barbosa de Araújo (UERJ)

Resumo Este trabalho tem a intenção de analisar o romance *Nas tuas mãos* (1997), da escritora portuguesa Inês Pedrosa, no que diz respeito à ação da memória e do tempo como elementos condutores da narrativa, procurando destacar a natureza das relações humanas, a presença da saudade e os questionamentos acerca dos sentimentos, através dos relatos das três personagens femininas que compõem a tessitura narrativa – em contraponto aos acontecimentos e a um cenário histórico português de um século (xx) marcado por mudanças. O romance é dividido em três partes, elaboradas de forma a conter cada qual um gênero textual específico, a saber: diário, relatos baseados em fotografias, e cartas, todos com o objetivo de retratar a subjetividade e a identidade feminina ao longo de três gerações de mulheres da mesma família, que se veem construindo e reconstruindo suas histórias através da memória e análise de seus passados. Por meio das escolhas, dos encontros, desencontros e reflexões dessas personagens compreenderemos o papel do tempo na construção da memória e ambos como recursos poéticos dessas narrativas híbridas que se confundem, se completam e se afastam. Num fio entremeado de vozes femininas, em um mundo em transformação constante, vislumbra-se um cenário histórico marcado por um novo lugar do feminino no ocidente. Para elaborar tal estudo, utilizaremos como aporte teórico os autores canônicos que tratam dos temas relacionados à memória, ao tempo, à subjetividade, à saudade e à identidade, como Eduardo Lourenço (1988), Jeanne Marie Gagnebin (2006), Paul Ricoeur (2007), Philippe Lejeune (2008) e outros.

Um Conto em Três Tempos: “Viagem à Ilha de Satanás”, de José Cardoso Pires

Marcelo Pacheco Soares (IFRJ)

Resumo Aqui, o objeto de análise é o conto “Viagem à Ilha de Satanás”, narrativa pouco estudada pela crítica que José Cardoso Pires

publicou em 1997 por ocasião das comemorações do quinto centenário da descoberta portuguesa do caminho marítimo às Índias. Nessa produção cardosiana, verifica-se a confluência de três tempos: o período das grandes navegações dos séculos XV e XVI, o ano de 1969 em que efetivamente se desenvolve o seu enredo (nos momentos finais do Estado Novo, portanto) e a contemporaneidade de sua escrita à Expo'98, evento cuja organização aliás fomenta a publicação do texto na coleção 98 Mares. Ora, a Exposição de Lisboa de 1998 objetivou, não sem escapar de acusações de ambiguidade e de alguma escamoteação em suas leituras das práticas coloniais, estabelecer contato com essa memória das grandes navegações, não há dúvidas de que a glorificando, mas sem que se abdicasse de uma visão em certo limite revisionista que, em concomitância, a problematizasse à luz do pensamento ocidental do fim do século XX, de modo que tal abordagem se opusesse de forma significativa, nesse ainda relativamente novo momento democrático do país, às propostas de análise verificáveis em tempos anteriores. Eis que, nessa sua narrativa escrita exclusivamente para o selo do evento, Cardoso Pires, através dos dois personagens principais da trama (o monge beneditino Gonçalo Soares Pontével e a antiquária Maria de Aires Garcia Valdez), promove um caminho de reflexão para que o Portugal contemporâneo pense não apenas o que significa no tempo hodierno as suas navegações quinhentistas, mas de que maneira a ditadura salazarista também olhou para esse momento histórico e, em especial, no que se distinguem (e quais consequências guardam tais diferenças) as leituras que acerca dele fazem essa mais recente democracia e o estado de exceção que lhe precedeu.

Simpósio 53**Literatura traduzida na e sobre a Amazônia**

Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento (UFPA)

Marie Helene Catherine Torres (UFSC)

Joaquim Martins Cancela Júnior (UFPA)

Resumo Apresentada e representada em vários tempos e espaços, a gigantesca Hileia, como foi chamada a floresta amazônica pelo naturalista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859), sempre foi tema de muitas obras literárias (escrita por estrangeiros e nativos), difundidas em vários gêneros da poética literária (HARDMAN, 2009). Desde as mais remotas crônicas dos viajantes europeus do século XVI às atuais produções, a Amazônia é, na maioria das vezes, a descrição do fascínio pela exuberância da fauna e da flora, da intensa irradiação solar, das chuvas torrenciais e dos colossais rios que, no geral, marcam a presença desse espaço e a construção do seu discurso (PIZARRO, 2012). Considerando a riqueza de diversidade das identidades amazônicas que marcam as obras literárias, o interesse principal desse simpósio é oferecer visibilidade às essas obras literárias traduzidas para várias línguas, sejam de qualquer origem, para fazê-las circular não só no Brasil, mas também em outros países, uma forma de compreender um pouco mais sobre a cultura Pan-amazônica, na medida em que amplia o horizonte de perspectiva sobre a região afora dos limites nacionais e/ou culturais, já que além das muitas línguas indígenas, também as línguas espanhola, portuguesa, inglesa, francesa e neerlandesa são faladas na grande região. E as traduções dessas poéticas amazônicas muitas vezes só se interessam (e reforçam) os estereótipos já cristalizados sobre a referida região, principalmente a partir da visão de estrangeiros. Há dois grandes movimentos neste processo sobre o estudo em particular das traduções em várias línguas das obras literárias amazônicas: uma é de produzir massa crítica e informativa sobre aspectos novos da grande região e o outro é de se aproximar de um movimento mais geral de tradução unida à tradução ética ou d'a letra (BERMAN, 2013) a partir de traduções inéditas ou retraduições de obras esquecidas no tempo. Por exemplo, a literatura amazônica é cada vez mais traduzida na França. De fato, a representação da Amazônia na literatura, seja no imaginário não somente francês, seja em outras culturas, sempre seduziu

os leitores, conforme relatos de viagens de estrangeiros na Amazônia através dos tempos, alguns recentemente publicados em tradução no Brasil na revista “Cadernos de Tradução: Traduzindo a Amazônia” em 2021. Os autores mais traduzidos em francês são o belenense Edyr Augusto e os manauenses Márcio Souza e Milton Hatoum, e no mundo hispanófono é a obra *La Vorágine* (1924), de José Eustasio Rivera, que foi traduzida para vários idiomas: inglês em 1928, francês em 1930, russo em 1925, português em 1935, além de alemão, italiano, japonês e polonês. Ainda Daniel Munduruku que recebeu prestigiosos prêmios como o Jabuti ou o Prêmio Tolerância da UNESCO para suas obras infanto-juvenis, e não demorará a ser traduzido para o francês, pois já tem traduções para o inglês e alemão. Além do projeto LETRADUSO/UFGA em parceria com a Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, em traduzir o livro *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) para o inglês e espanhol em 2022. A literatura na e sobre a Amazônia é apreendida aqui a partir da teoria da ecotradução, termo criado em português a partir do inglês *ecotranslation* e do francês *éco-traduction* por Torres (2021), fazendo referência a todas as formas de pensamento e prática de tradução que se envolvem conscientemente nos desafios da mudança do meio ambiente induzida pelo homem (CRONIN, 2017). Ainda à luz da ecoliteratura, a ecotradução concerne aos textos literários que traz de uma forma ou de outra a natureza como tema, personagem, reflexão e que apreende a tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos contextos culturais e examina em que medida a ficção e/ou a poesia deram um lugar essencial à natureza e às relações antrópicas com o meio ambiente. Portanto, visando ampliar estudos sobre a tradução na e sobre a Amazônia, são bem-vindas comunicações sobre: literatura de autores amazônicos traduzidas em qualquer língua-cultura; tradução comentada de textos literários sobre a Amazônia em outra língua-cultura como relato de viagem; depoimento de autores amazônicos ou de tradutores de obras na ou sobre a Amazônia; tradução e poder da Amazônia na circulação da literatura brasileira; recepção de um autor amazônico específico em tradução em outra cultura; impacto das traduções de autores amazônicos na formação do cânone literário nacional e na formação da identidade nacional; além de re- tradução de literatura amazônica.

A Amazônia holandesa traduzida no Brasil

Julio Cesar Neves Monteiro (UnB)

Resumo Desde a expedição comandada pelo espanhol Vicente Yáñez Pinzón, em 1500, a Amazônia povoa o imaginário europeu e mundial por suas riquezas naturais, seus povos e seus mistérios. As expedições amazônicas organizadas por portugueses, espanhóis, franceses e ingleses, futuros colonizadores da região, são amplamente conhecidas entre nós. Representados pela Companhia das Índias Ocidentais, os holandeses que colonizaram o atual Suriname também descreveram em detalhe as gentes e as riquezas dessa parte do mundo. As incursões holandesas, porém, ainda encontram pouco eco no Brasil, apesar da abundância de fontes documentais disponíveis. Tal lacuna pode ser explicada, entre outros motivos, pelo fato de esses documentos terem sido escritos em neerlandês, o que dificulta o acesso a seu conteúdo por parte de pesquisadores brasileiros e pelo público em geral. Objeto deste trabalho, a tradução de documentos (diários, cartas, crônicas, entre outros) para a língua portuguesa permite juntar mais essa peça ao mosaico de leituras da Amazônia que nos legaram os primeiros europeus que chegaram a essa que, provavelmente, é a mais fascinante região do Novo Mundo. Nesta comunicação, tratarei mais especificamente da tradução para o português do Brasil do texto “Journaal van de reijs door den vaandrigh Fredrik Hoeus, gedaen naer de Acouries, 13 juni – 22 augustus 171”.

As ecoteorias da tradução no mundo e no Brasil: Estado da Arte

Marie Helene Catherine Torres (UFSC)

Resumo O final do século XX e início do século XXI despert(ar)am para novas ameaças, para um “novo” normal: os desastres ecológicos como por exemplo o esgotamento de recursos naturais, a proliferação de tecnologias exploradoras, a conquista de espaço preliminar para utilizá-lo como lixão, a poluição, a extinção de espécies e as doenças infecciosas pandêmicas como a AIDS (desde 1981) e a COVID-19 (desde 2020). Este contexto tem afetado o pensamento sobre o meio ambiente e, a literatura não ficou fora desses questionamentos

e movimentos mundiais. Literatura e natureza sempre estiveram ligadas, mostrando que o ser humano e a natureza fazem parte do mesmo sistema, ou melhor, do mesmo ecossistema. Após o aparecimento da Ecocrítica nos Estados Unidos no início dos anos 1970 e da ecopoética na França em meados dos anos 2000, novas teorias e abordagens literárias surgiram, as ecoteorias. Pretendo fazer, em primeiro lugar, um panorama teórico das principais manifestações e publicações do que chamo de ecoteorias nos Estudos da Tradução oriundas de países “periféricos” como a China (Hu Gengshen), o Quebec (Blanc), a Romênia (Constantinescu), a Irlanda (Cronin) ou ainda a Finlândia (Vihelmaa). E, em segundo lugar, mostrarei como o Brasil (Bora, GEco, Purvin) se encontra numa virada eco, particularmente neste início de terceiro milênio do propondo uma abordagem teórica específica, a ecotradução.

Jan Jacob Hartsinck e as Guianas ocupadas por europeus

Walter Carlos Costa (UFC/UFSC)

Resumo Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, compara a colonização portuguesa da América do Sul com a colonização espanhola, ressaltando a maleabilidade portuguesa (HOLANDA 2016: 159). O holandês Jan Jacob Hartsinck (1716-1779), em seu relato de viagem *Beschryving van Guiana, of de wilde kust in Zuid-America* [Descrição da Guiana, ou Costa Selvagem na América do Sul] faz um exercício parecido, comparando as maneiras espanhola, inglesa, francesa, portuguesa e holandesa de colonização das Guianas. O livro, publicado em 1770, em Amsterdã, conta 1031 páginas e 25 capítulos. Depois de um capítulo introdutório, os capítulos 2-5 tratam dos indígenas, 8-9 da flora, 10-13 da fauna, 15 da ocupação inglesa, 16 da partição das Guianas, 17 da ocupação espanhola, 18 da ocupação francesa, 19 do rio Amazonas, 20 da ocupação portuguesa, 21 da ocupação holandesa, 22 da partição da Guiana Holandesa, 23 da Colônia de Berbice, 24 do Suriname, 25 dos africanos escravizados. Nesta comunicação, examino os capítulos 15, 17, 18, 20 e 21, em que Hartsinck descreve e analisa como espanhóis, ingleses, franceses, portugueses e holandeses colonizaram essa parte da Amazônia ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. A comunicação inclui a tradução, do neerlandês para

o português brasileiro, de trechos desse singular exemplo de literatura de viagem.

Notas críticas acerca da tradução russa de *Linha do parque*, de Dalcídio Jurandir

Raphael Bessa Ferreira (UEPA)

Resumo O presente trabalho tem o objetivo de analisar, à luz dos pressupostos da crítica tradutológica, as perdas e equivalências léxico-semânticas, bem como estilísticas, da tradução russa do romance *Linha do Parque*, do escritor paraense Dalcídio Jurandir, realizada por Yuri Kalugin, no intuito de discutir alguns pontos essenciais à compreensão de como a tradução de um texto literário é criação, recriação, transcrição e manipulação do texto de partida (a obra em sua língua original). Deste modo, salienta-se que o texto de chegada (a tradução em si) é nada menos que um texto complementar e suplementar à obra original, e que traz à baila elementos culturais, ideológicos e estéticos oriundos do universo linguístico daquele tradutor/intérprete. No caso aqui específico, o universo romanesco dalcidianiano tem como mote ao seu enredo a ideologia política do pensamento progressista soviético, bem como é alicerçado nas discussões sobre as lutas de classe, a revolução bolchevique e o embate entre o proletariado e a burguesia. Romance publicado no ano de 1952, no Brasil, após encomenda do PCB ao escritor paraense, e que chega em solo soviético no ano de 1963, ainda que não totalmente baseado nos caracteres do realismo socialista, conforme apregoava Trotsky (2007), *Linha de Parque* foge às tendências e estilo já vistos no conjunto de obras do ciclo do extremo-norte dalcidianiano. Para dar conta de tal empreitada, serão utilizados como aportes teóricos da pesquisa alguns dos postulados de autores da crítica tradutológica, tais como Aslanov (2015), Schnaiderman (2015) e Meschonnic (2010).

Os desafios da tradução na escrita de fôlego de Emilie Snethlage: sobre as etnias Xipaia e Curuaia do Médio Xingu

Cilene Trindade Rohr (UFPA)

Rosanne Cordeiro de Castelo Branco (UFPA)

Resumo Nosso objetivo é apresentar os desafios da tradução do artigo “Die Indianerstämme am mittleren Xingú. Im besonderen die Chipaya und Curuaya” (1921) (As etnias do médio Xingu. Em especial a Xipaia e a Curuaia) da ornitóloga e escritora naturalista alemã Emilie Snethlage (1868-1929) que se deslocou para o Norte do Brasil para pesquisar sobre a flora e a fauna na Amazônia. Antes disso, foi assistente de zoologia no Museu de História Natural em Berlim e, no Brasil, exerceu a função de Diretora do Museu Natural Emílio Goeldi. Nosso olhar se concentra nos aspectos culturais das descrições minuciosas que a autora faz sobre os rituais, as pinturas, os objetos, paisagens e modos de viver das etnias Xipaia e Curuaia do Médio Xingu. Destacamos tais aspectos a partir das construções frasais e orações de longos parágrafos e com muitos adjetivos consecutivos. Observamos que se trata de uma marca do estilo de escrita de Snethlage. Evitamos, assim, desmembrar o mínimo possível os extensos parágrafos, principalmente os que descrevem adereços, cerâmicas, pinturas, entre outros elementos da rica e interessante cultura dos povos do Médio Xingu. O olhar perspicaz da autora conduz o leitor a um retrato realista do panorama, das pessoas e das coisas. Outrossim, revela um conhecimento profundo da cultura dos povos Xipaia e Curuaia muito bem evidenciados por essa notável etnóloga de fôlego e coragem, cujo trabalho se constitui como um paradigma para os estudos dos povos étnicos da Amazônia, inclusive são tomados como documentos em processos judiciais que visam reaver a posse das terras ancestrais dos descendentes dos Xipaia e dos Curuaia.

Para além dos Campos de Cachoeira

Joaquim Martins Cancela Júnior (UFPA)

Resumo Nesta comunicação serão analisados os resultados parciais do processo de tradução para a língua inglesa do livro *Chove nos*

Campos de Cachoeira, do autor marajoara Dalcídio Jurandir, com ênfase nos trechos relacionados a elementos regionais. Para isto será utilizado Campos (1967) e seu conceito de transcrição, que de maneira geral considera a importância da manutenção da informação estética na tradução, evitando centrá-la no plano semântico. Também será discutida a relevância do papel da tradução na dispersão cultural. Para o estudo deste aspecto servirão de base Preesler (2020), que trata da universalidade na obra de Dalcídio Jurandir e de sua relevante posição no modernismo, também um artigo de jornal de Kahlmeyer-Mertens sobre o crescente interesse na obra do autor marajoara e ainda uma correspondência entre Harriet de Onís e Guimarães Rosa, sobre a relação entre tradução e disseminação literária. A partir da análise dos trechos mais significativos da tradução em andamento será explicitada a metodologia utilizada no projeto, que consiste basicamente na aplicação da proposta que Campos denomina Laboratório de Textos, um esforço conjunto de profissionais de diversas áreas de Letras e Artes ao redor de uma tradução como maneira de alcançar um resultado mais satisfatório a partir de exercícios de revisão laboratorial.

***Reise in Brasilien, de Martius e Spix (1928):
uma tradução comentada do olhar iluminista sobre a Amazônia***

Alessandra Ramos de Oliveira Harden (UnB)

Resumo Nesta comunicação, o objetivo é apresentar considerações acerca de tradução comentada de trecho do terceiro volume da obra *Reise in Brasilien*, de Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius. Composta por quatro volumes (três volumes de texto e um atlas), a obra é uma descrição da viagem dos dois exploradores pelo Brasil entre 1817 e 1820, feita no contexto de cooperação entre dois impérios, o de Portugal e o da Áustria, o qual dominava à época a área da Bavária, onde nasceram Spix e Martius. O excerto que foi objeto da tradução aqui discutida é um relato do que observaram na região amazônica e comporta comentários sobre a natureza hostil e fascinante, e sobre algumas das populações originárias, com quem tiveram contato. Para além da riqueza da narrativa, o texto dos dois bávaros suscita reflexões acerca de aspectos importantes como o

papel do ideário iluminista na colonização do Brasil, a formação de um imaginário europeu acerca do Brasil e suas populações originárias, e a concepção dos gêneros textuais relato de viagem e descrição científica. Para os tradutores, Hans Theo Harden e Alessandra Ramos de Oliveira Harden, um alemão e uma brasileira, a experiência com o texto gerou novos conhecimentos acerca de suas respectivas culturas e a conclusão da relevância da tradução como meio de compreensão de processos históricos e sociais.

Tradução comentada do conto amazônico “La fuente cuyana”, de J. Herrera, para o português brasileiro

Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento (UFPA)

Resumo: O conto escolhido para esta comunicação é “La fuente cuyana”, extraído do livro *Leyendas y Tradiciones de Loreto*, publicado em 1918, em Lima, por Jenaro Ernesto Herrera (1861-1939). O destacado conto não se esgota no regionalismo ao apresentar os grandes centros urbanos da Pan-Amazônia como Belém, Manaus e Iquitos e seus cantares locais, vai além, ao atingir as dimensões (estética e histórico-sociológica) próprias da experiência literária, respeitando o grau ético concomitante ao poético. Além de apresentar a tradução no par linguístico espanhol peruano / português brasileiro, também expõe os comentários da tradução com base teórico-crítica de Antoine Berman quando afirma que “o tradutor obriga o leitor a sair de si mesmo, a fazer um esforço de descentramento para perceber o autor estrangeiro em seu ser de estrangeiro” (BERMAN 2002: 263-264). Nessa mesma perspectiva já havia pensado Schleiermacher, em 1813, “o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro” (2010: 57). A tradução das imagens poéticas e saberes amazônicos peruanos nem sempre compartilham de mesma identidade e cultura da Amazônia brasileira; e no processo tradutório, o caráter ético do traduzir é o fundamento do supracitado conto de Herrera para o PO/BR, ampliando o horizonte a nível cultural, estético e histórico-sociológico, oferecendo soluções para os problemas tradutórios que sempre aparecem, respeitando o caráter estrangeiro da obra. Ler e traduzir os textos literários da Amazônia ocidental hispanófona é uma oportunidade e um desafio, que exige reunir

os saberes sobre a Amazônia, além de aprender mais sobre o ato de traduzir e comentar as escolhas tradutórias de identidade amazônica.

Tradução de “A Viagem do Descobrimento”: incidentes e conflitos entre índios e expedicionários

Andréa Cesco (UFSC)

Resumo A presente comunicação trata da tradução, do espanhol ao português, do capítulo “A Viagem do Descobrimento” da introdução histórico-geográfica realizada por José Toribio Medina (1852-1930) na obra *Descubrimiento del Río de las Amazonas*, publicada em 1894, na Espanha – obra escrita pelo cronista espanhol frei Gaspar de Carvajal (1504-1584) e que trata da conquista das Américas. O capítulo traduzido relata o cotidiano dos expedicionários, das descobertas, das dificuldades sofridas e das diversas aventuras vivenciadas ao longo do curso do rio Amazonas, inclusive, confrontando, questionando e esclarecendo informações relatadas por Carvajal. É necessário lembrar que existe toda uma perspectiva histórica envolvida (século XVI) e que a tradução é dirigida a uma sociedade multicultural do século XXI. Burke (2009) comenta que “quando um texto é traduzido, ele é extraído da cultura que o criou e posto em um lugar novo”. Dessa forma, busca-se comentar algumas decisões tradutórias, referentes a alguns incidentes e conflitos, narrados por Carvajal, entre índios e expedicionários, levando-se em conta elementos culturais que, ao serem traduzidos, estão inseridos em um contexto pluricultural, porque nos mostram os procedimentos do colonizador, da posse da terra ? comentando os costumes e o contato com os povos indígenas desde uma perspectiva eurocentrista ? e da imposição de sua própria cultura aos indígenas. O texto traduzido resgata fatos históricos apresentados por Toribio Medina, a partir dos escritos de Carvajal, que longe de qualquer idealismo, momentos sombrios ou vagueza, escreveu para informar reis e leitores atemporais, como também evidencia e traz ao conhecimento a presença espanhola na formação da identidade social e cultural dos habitantes da região amazônica, no século XVI.

Uma viagem de reconhecimento através das terras da região amazônica

Katia Aily Franco de Camargo (UFRN)

Resumo Em viagem oficial ao Brasil, o francês Paul Walle visitou, no início do século XX, cada uma das regiões brasileiras, dentre elas, a amazônica. Em sua obra, *Au Pays de l'Or Noir*, Para, Amazonas, Mato Grosso, publicado originalmente em 1909, na França, o viajante procurou descrever e narrar tudo o que viu em seu trajeto. Seu objetivo primordial era apontar oportunidades, principalmente comerciais, ao governo francês. Em 2019, realizamos a tradução anotada desta obra, que foi publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e disponibilizada ao público leitor, gratuitamente, em formato digital. Como desdobramento de tal tradução, procuramos estudar os métodos utilizados por Walle para traduzir a “realidade” da região amazônica. Para tanto, dedicamo-nos ao estudo dos marcadores culturais e das estratégias de tradução adotadas *Au Pays de l'Or Noir*, Para, Amazonas, Mato Grosso. O estudo foi desenvolvido a partir de uma amostragem lexical da obra, levando em consideração o estudo das palavras em língua portuguesa (marcadores culturais) ligadas ao campo da Social Culture (Newmark, 1988), na obra francesa, e a estratégia de tradução adotada pelo autor-viajante. Tivemos como base teórico-metodológica para a descrição dos marcadores culturais os textos de Javier Franco (1996) e Ferreira (2014). Ao término da análise, observamos que, das estratégias apresentadas por Newmark (1988), apenas três foram consideradas recorrentes: “descriptive equivalent”, “transference” e “through-translation”.

Simpósio 54**Literatura, artes plásticas e artes cênicas:****o percurso transdisciplinar por meio da tradução intersemiótica**

Samuel Anderson de Oliveira Lima (UFRN)

Leila Maria de Araújo Tabosa (UFRN)

Yuri Brunello (UFC)

Resumo Por seu caráter de transmutação-transfiguração-transcrição de signo em signo, todo e qualquer pensamento pode ser compreendido ou conceituado como tradução. Ao pensarmos, estamos traduzindo-criando aquilo que temos de acervo, seja no espaço consciente ou no inconsciente, seja nos espaços de elaboração criadora. Por isso e por entender que a literatura pode ser vista como espaço privilegiado de base criativa que se pode multireescrever em outras formas e em outros signos, sejam eles verbais ou não verbais, este Simpósio Temático se propõe dialogar com as diversas formas de criação e transcrição que podem trans-ir da literatura para as artes cênicas e/ou para as artes plásticas. O estudo da literatura e seus desdobramentos podem fomentar ideias de recriação, transcrição, segundo apregoa o crítico-poeta-ensaísta-artesão-tradutor Haroldo de Campos (2010) a partir de suas obras originais para um influxo transdisciplinar por meio da tradução intersemiótica (PLAZA, 2008). Utilizamos como base-guia, nesta proposta, o trabalho do já citado Haroldo de Campos, intitulado “Da tradução como criação e como crítica”, que compõe o livro *Metalinguagem & outras Metas: ensaios de teoria e crítica literária*, e o de Julio Plaza, intitulado *Tradução intersemiótica*, dentre outras referências, que tratem de processos tradutores criativos. Para Haroldo de Campos, todo texto é traduzível, recriado e, mais ainda, o texto literário, “mais inçado de dificuldades”, pois “tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (CAMPOS, 2010, p. 35), o que representa, neste Simpósio, a recriação da Literatura signo verbal para, por exemplo, a pintura signo não verbal. Julio Plaza (2008), por sua vez, apresenta, como teoria, a tradução intersemiótica a qual encontra como caminho tradutor de linguagens a transmutação que “consiste na interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais ou de um signo para o outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema,

ou a pintura” (PLAZA, 2008, p. 12), o que configura, neste espaço de discussão temática, a passagem do texto literário escrito transcrito para as multifacetadas áreas do teatro e das artes plásticas. Assim, este Simpósio intenciona, dentro das questões que baseiam o tema geral deste congresso da ABRALIC, discutir os espaços da transdisciplinaridade que podem ocupar a cena da Literatura em harmonia de transcrição com o teatro e com as artes plásticas, ampliando o horizonte de leitura da criação livresca, onde a noção de linguagem é vista como espaço de experimentação multidisciplinar, como forma de leitura artística dramática-imagética-literária em debate com a cultura, percebido de maneira contemporânea, podendo possibilitar o reconhecimento do contexto humano que aponta para a compreensão das questões de relação da literatura com a sociedade e suas representações culturais de signos verbais e não verbais como questão de Literatura Comparada. Isso porque pode proporcionar formas de despertar no cidadão e na cidadã o senso crítico e o despertar artístico a partir da leitura literária e suas formas de fluxos transdisciplinares, elaboradas pelos artistas da linguagem literária para o trânsito como artes plásticas e cênicas, uma vez que se colocam em “um espaço estratégico para promover práticas integradas entre as várias áreas do conhecimento” (CASTRO, 2004, p. 14). Para a construção desta proposta temática, além das reflexões proporcionadas pelos críticos referidos, também tomamos como prerrogativa aquilo que está apontado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quando orienta: “Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (BRASIL, 2016, p. 87). Portanto, representa a possibilidade da criação de um diálogo com a tríade literatura, cultura e artes, proporcionado pela leitura do texto literário como base, mas, além disso, preconiza também a extrapolação das barreiras que, porventura, sejam criadas pelo texto verbal, já que, segundo nossa proposta, pensamos essa ciência como uma porta aberta – de via dupla – para as outras artes, pela qual transitam e transitam-se essas muitas vozes, formando, plenamente, um constructo coeso e acessível a todos, ou seja, do signo verbal para o não-verbal e vice-versa. Por essa razão, entramos em consonância com o aspecto social do fazer

humano, tendo em vista que as artes precisam alcançar o objetivo de atingir plenamente seus espectadores.

Aspectos da Pop Art em *A Hora da Estrela*

Ricardo Iannace (USP)

Paulo Felipe Costa e Silva (USP)

Resumo *A Hora da Estrela* (1977) apresenta uma linguagem sui generis. Sua estruturação metaficcional, que reverbera inconformismo e raiva em face da condição socioeconômica da protagonista Macabéa, encerra dispositivos inerentes à Pop Art. Considere-se que um diálogo com tal manifestação estética, em destaque nos anos 1950 e 1960, suscita pensar o discurso da novela de Clarice Lispector com vistas à crítica ao advento do consumismo e à comunicação de massa. O texto que admite treze títulos e parodia o folhetinesco, potencializando, no caso, uma sintaxe de performance rascunhosa, tomada por cortes, interrupções e expressão de colagem, vem estampar com singularidade estes ícones do cinema e estas referências também de alcance propagandístico e mercadológico: Marilyn Monroe, Greta Garbo, Coca-Cola, cachorro-quente, esmalte de unha, sabão Aristolino e um gringo de olhos provavelmente claros (Hanz), motorizado de um Mercedes-Benz. Lembre-se de que a personagem datilógrafa – alagoana de 19 anos que divide um dormitório no subúrbio carioca com quatro moças balconistas das Lojas Americanas (Macabéa costuma recortar fotos de revistas, ouve um programa de rádio com notícias desenfreadas e chora ao ouvir a música “Una Furtiva Lacrima”, e quando ao lado do namorado metalúrgico, Olímpico de Jesus, “pouca sombra faziam no chão”) – sequer “se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável”. Não seria demais salientar que a leitura da ficção de Lispector em paralelo a outras artes opera e traduz reflexões fundamentais no terreno do comparativismo.

Da literariedade ao intertexto: o caráter interartístico no romance *O arroz de palma*, de Francisco Azevedo

Marli Lobo Silva (UNB)

Resumo O presente trabalho tem por objetivo estudar na construção romanesca de *O Arroz de Palma* (2019), do escritor carioca Francisco Azevedo, as referências alusivas a outras formas artísticas figuradas no romance e sua estreita relação com a literatura. Relação esta, que ao se aproximar do campo literário amplia sobremaneira o universo da arte. Esta é uma obra profícua que exemplifica seu caráter interartístico. Concebida a partir do processo de hibridação, é relevante para se estudar o diálogo intertextual que Azevedo desenvolve no fazer criativo de sua narrativa. Este estudo também pretende esclarecer como esse diálogo contribui para a modernidade da obra à luz dos conceitos de literatura, cultura e literariedade. Nesse tocante, pensar a relação desses conceitos é experienciar como as referências com outras linguagens se desdobram em saberes a outras formas artísticas e como essas referências dialogam no texto azevediano. Assim, para dá sustentação teórica aos conceitos abordados neste estudo concentrar-nos-emos à luz das discussões de Haroldo de Campos [*Metalinguagem e outras metas* (1992)], Samira Chalhoub [*A Meta-Linguagem* (1997)], e Walter Benjamin [*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1987)], este por creditar à literatura num entrecruzamento com a cultura a busca de uma nova “objetividade” narrativa; aqueles por teorizar o fenômeno da metalinguagem e como esta se desdobra no processo criativo do autor.

Grande sertão: o romance de Guimarães Rosa (1956) e o filme de Geraldo Santos Pereira e Renato Santos Pereira (1965)

Maria Cláudia Bachion Ceribeli (UFES)

Resumo As adaptações de obras literárias para o cinema são encontradas com frequência, mas o processo da transposição de um sistema de signos para outro implica em algumas mudanças. O artigo analisa as alterações no romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956), ao ser adaptado para cinema em 1965. As reduções,

adições, deslocamentos e simplificações podem ter sido necessárias, mas, no caso do romance, seriam apenas resultado da leitura, da recepção dos irmãos Geraldo e Renato Santos Pereira? Serão apontadas relações entre o contexto do período, 1965, e o filme Grande sertão (1965), para que se possa encontrar elementos que embasem essa resposta. O que se observa é a influência do pensamento vigente, do contexto social, cultural, econômico e político e dos detentores do poder instituído refletido na versão cinematográfica de um dos clássicos da literatura brasileira. As obras também revelam que as problemáticas abordadas no enredo permanecem na sociedade do século XXI. A tradução intersemiótica de Grande sertão: veredas para o cinema contribui para a permanência da obra literária de Guimarães Rosa, além de reforçar a atualidade do romance. A análise entre os aspectos literários e como passaram pela transposição criativa para as telas do cinema revela a independência entre as obras, a influência do contexto e das subjetividades dos autores em ambas e a importância de se considerar a relação dialógica entre autor/obra/contexto/público.

Intermedialidade em Manoel de Barros: entre a poesia e a dança

Maria Helena Santana Moreira (UEMS)
Neurivaldo Campos Pedroso Junior (UEMS)

Resumo Este artigo pretende elaborar considerações, de natureza comparatista, acerca das relações intermediárias existentes entre a poética de Manoel de Barros e o espetáculo de dança contemporânea Dialeto Manoelês. Os objetos de análise apresentados neste trabalho igualmente se justificam diante da necessidade de abordarmos obras artísticas originárias do contexto regional do estado do Mato Grosso do Sul, assim como discutir o cruzamento das fronteiras existentes entre aquelas duas mídias, aproximando-as em suas semelhanças e verificando as potencialidades de suas diferenças. O estudo comparatista entre literatura e dança aqui apresentado buscará apresentar tanto reflexões sobre as possibilidades intermediárias existentes entre as duas obras quanto às discussões referentes à escassa produção de referenciais teóricos no campo dos estudos intermediários abrangendo a dança e a literatura. Claus Clüver (2011)

redefiniu as questões referentes às relações posteriormente nomeadas interartísticas, ao apresentar o termo intermidialidade, ou estudos intermídia, esclarecendo que independente da mídia por meio da qual se apresenta a composição de uma obra, invariavelmente haverá neste processo de composição a participação subjetiva de mais de uma mídia. Na linguagem poética de Manoel de Barros é possível identificar semelhantes subjetividades, expressas pela palavra, que transportam o leitor para um lugar de distanciamento da interpretação literal, concreta. As imagens criadas pelo poeta por meio do uso de neologismos evocam realidades e irrealidades, em um tempo/espaço onde tudo e nada são feitos da mesma matéria. Nas palavras do próprio autor: “Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades” (BARROS, 2010, p. 7).

Murilo Mendes e Guignard: relação entre poesia e pintura através da obra *Retrato de Murilo Mendes*, 1930, por Guignard

Gabriele Oliveira Teodoro (UFJF)

Resumo Um fenômeno característico do Modernismo brasileiro é o retrato pictórico de escritores por pintores, seus contemporâneos. Nesse período temporal específico a tradução intersemiótica da poesia para pintura, ou ainda da pintura para o texto ocorreu com grande frequência. Nesse processo, um dos mais importantes casos observados é o *Retrato de Murilo Mendes*, 1930, por Alberto da Veiga Guignard. Na presente abordagem, consideramos a referida obra como um exemplo de interação entre modernismo literário e pictórico; em outras palavras: o retrato não é apenas uma interação entre Murilo Mendes e Alberto da Veiga Guignard, mas entre seus projetos estéticos. Em uma perspectiva intersemiótica, argumentamos que a literatura (signo verbal) e a pintura (signo não verbal) interagiram de forma complexa para construir o Modernismo brasileiro em um processo de criação coletiva. E para ilustrar esse processo elegemos a obra *Retrato de Murilo Mendes*, 1930, da qual apresentamos uma análise formal. O objeto representado neste retrato é construído tanto pela pintura de Guignard, quanto pela literatura de Murilo Mendes. A obra de Guignard feita para Murilo Mendes articula pontos de

interação, concordância e mútuo suporte entre pintura e literatura. Para fundamentar essas hipóteses, recorreremos ao levantamento bibliográfico e examinamos artigos, livros, teses, poemas e cartas relacionadas a ambos.

O diálogo entre Carpentier e Goya em *El siglo de las luces*

Maria Stella Galvão Santos (UFRN)

Resumo Em “El siglo de las luces”, do escritor cubano Alejo Carpentier, são evidentes as descrições da natureza e do cenário histórico, ambos impregnados de metáforas e temas alegóricos. Publicado em 1962, o romance nos apresenta um mundo panorâmico que, por meio das idéias do Iluminismo, teve um impacto tremendo no século XVIII. Portanto, o título da obra é uma ilusão às ideias da época, compreendendo um transcurso histórico entre a última década do século XVIII e a primeira do século seguinte. O período empresta mais veracidade aos dramáticos acontecimentos da Revolução Francesa e suas repercussões no Caribe. Carpentier recorre a um impactante registro pictórico, também verbalizado nas epígrafes que principiam 13 capítulos do romance, que correspondem aos títulos de 13 das 82 gravuras feitas por Francisco Goya (1746-1828) na série “Los desastres de la guerra”. O autor interpreta o século marcado pelo culto da razão como um dos mais sangrentos e convulsos da história da humanidade. Produz, também, uma leitura intertextual entre arte e literatura, como apontado por Carreter (1994, p. 34), ao situar um método de dupla composição envolvendo simultaneamente o romancista e o pintor. “Componer es colocar las partes de un todo en un orden tal que puedan constituir ese todo.”

O Fantasma da Ópera além dos Palcos: a construção do Personagem do Fantasma e a intermedialidade no teatro

Mariana Seminati Pacheco (PUCSP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo estudar a construção do personagem *Fantasma da ópera*, tanto na obra original de Gaston

Leroux, de acordo com a linguagem literária, quando sua apresentação performática no musical, e a presença da intermedialidade para a esta adaptação, que nos permite a comparação dos meios literário e teatral. Considerado um dos musicais de sucesso dos teatros da Broadway, o espetáculo musical “O Fantasma da Ópera”, originalmente idealizado por Andrew Lloyd Webber em 1984, completou 30 anos (sua estréia se deu em 1986) em cartaz em 2016, e continua cativando o público dos 35 países em que já foi apresentado em 15 idiomas diferentes. No Brasil, o musical, em sua edição 3 (inspirada na edição comemorativa de 25 anos, apresentada no teatro Royal Albert, em Londres), retornou no 2º semestre de 2018 e fez apresentações até abril de 2019. Entretanto, o sucesso da produção teatral ofuscou o romance francês homônimo escrito por Gaston Leroux, e publicado entre 1909 e 1910, sendo uma obra que utiliza, em partes, de fatos históricos que ocorreram na Ópera Garnier (Ópera de Paris) para contar a história do personagem fantasmagórico que ronda o camarote N°5 e sua relação com a soprano novata do teatro. A obra de Gaston Leroux vai além da história de amor do musical, e traz um Fantasma complexo e com nome próprio.

O Serafim cubista, uma tradução intersemiótica

Vitor Furtado (UFJF)

Resumo Este trabalho analisa a tradução intersemiótica de padrões de comportamento estéticos do cubismo sintético visual para a prosa literária de Oswald de Andrade, em *Serafim Ponte Grande* (1933). O *Serafim Ponte Grande* é uma das principais obras de Oswald de Andrade, um dos escritores mais importantes da primeira geração modernista brasileira. Abordamos a tradução intersemiótica (TI) do cubismo, em Serafim, a partir de uma relação icônica entre o signo fonte (cubismo analítico e o sintético) e o signo alvo da tradução (Serafim). Braque e Picasso realizaram duas grandes revoluções nas artes visuais, os cubismos analítico e sintético. Este último inicia-se a partir da introdução da colagem no modelo papier collé de texturas e recortes de jornais a pintura. Serafim, um dos casos mais paradigmáticos da literatura modernista brasileira, pode ser analisado como uma tradução de procedimentos estéticos cubistas. Argumentamos que o

cubismo oswaldiano opera através da collage à cubista de seções independentes entre si, sem uma ordem cronológica clara, isto é, juxtapondo elementos de diferentes naturezas numa mesma obra a serem manipulados pelo autor. No caso de Serafim, estes elementos correspondem a diferentes estilos literários, associados a cada capítulo: notícia político-jornalística, diário pessoal, entre outros. Vemos um Oswald sintético cubista ao compor um livro a partir de resíduos de livros, da paródia aos estilos literários, ao não utilizar conjuntos estruturados, prontos. A tradução de escolhas estéticas do cubismo visual para a literatura constitui um caso exemplar em que a tradução intersemiótica pode ser analisada através de uma relação semiótica, icônica, entre fonte e alvo.

Pirandello e o mundo moderno: a crise do drama

Nayara Carla da Fonseca (UNESP)

Resumo No final do século XIX, os homens já mal se relacionavam entre si porque as condições impostas pelo implacável mundo do trabalho engendrado pelo sistema capitalista de produção não lhes permitiam. Nessas condições, era preciso buscar novas formas artísticas de expressão da realidade, pois o tempo era outro, a atividade humana havia se modificado e necessitava-se dizer coisas novas a partir de novas revelações e experimentações. No teatro, os elementos do drama clássico foram se perdendo, como a ação, os diálogos, o tempo e o espaço bem definidos, e as interrelações entre os personagens, o que se caracterizou como uma “crise do drama”, segundo Peter Szondi. Diante disso, surge o drama moderno, que será marcado pelo “homem que fala sozinho”, uma vez que o diálogo se torna rarefeito num mundo de relações mecanizadas. Alguns autores propõem soluções para superar essa crise do drama, ou novos modelos de representação dramática, como é o caso do escritor italiano Luigi Pirandello. Com a peça “Seis personagens à procura de um autor”, ele moderniza o teatro, sugerindo que a plateia deve aceitar que o drama clássico estava sofrendo transformações, antes mesmo de Bertolt Brecht propor a quebra da quarta parede. A “crise existencial” do homem moderno, refletiu-se em “a crise do drama”, e Pirandello não só percebeu que a forma dramática clássica já não respondia

as necessidades de um espectador emergido num contexto de transformação, como também estabeleceu um olhar crítico em sua peça revolucionando o teatro.

Policarpo Quaresma em 2021: tradução intersemiótica do amor e desespero de um brasileiro sempre atropelado pela pátria

Daniele Lessa Soares (UnB)

Resumo Na ficha catalográfica de sua edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a Editora Antofágica, conhecida pelas edições de arte de clássicos da literatura, escolheu registrar: “1º edição, finalizada em meio à pandemia, em 2021”, sinalização que o livro clássico de Lima Barreto seria (re)apresentado após mergulho profundo e inevitável no presente. A capa do livro exhibe, em verde e amarelo, o rosto estilizado de um homem enlaçando a cabeça com as mãos, em desespero. Os aros dos óculos, único detalhe em azul da imagem, fecha a paleta de cores da bandeira brasileira. Essa pesquisa deseja investigar como o projeto gráfico dessa edição, especialmente com as ilustrações do artista João Montanaro, estabeleceu o “trânsito criativo de linguagens” como ressalta Julio Plaza (2003), onde a tradução intersemiótica realizada “cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos, ou seja, entre passado-presente-futuro, lugar-tempo onde se processa o movimento de transformação de estruturas e eventos”. Lançado por Lima Barreto em folhetins de imprensa, em 1911, considerado como a principal obra do pré-modernismo no Brasil, o personagem Policarpo se desdobra como patriota romântico e um tanto desvairado, sempre esbarrando em desilusões a arranhar seu amor pelo Brasil. Por fim, na tentativa de levar a ocorrência de injustiças ao conhecimento do militar e presidente Floriano Peixoto, Policarpo Quaresma é condenado à morte pela própria pátria, acusado de traição. As ilustrações da edição em estudo, todas em verde, amarelo, azul e branco, registram do entusiasmo à melancolia de um brasileiro, sentimentos enovelados pelo autor há mais de um século e que perduram, hoje, expressos nas relações entre texto e imagem mostrados no livro e vivenciados pelo país.

Transcriar Nuno Ramos: uma dupla tradução intersemiótica

Irma Caputo (PUCRJ)

Resumo O objetivo desta comunicação é apresentar reflexões de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, intitulada “Da escrita para a *phoné*: estudo comparado da produção plástica e literária de Nuno Ramos”, que através de um trabalho de tradução stricto sensu – a versão da obra do artista para o italiano – possibilita pensar também a tradução lato sensu, a partir do diálogo interartes, já que o artista, como definiria Bourriaud (2009), é um semionauta, ou seja, um criador de percursos dentro de uma paisagem de signos. O multiartista, ao escrever, além de aplicar ao texto literário procedimentos próprios das artes plásticas e performáticas (justaposição com apagamento de fronteiras, criação de esculturas verbais sonoras, recriação de situações de audição performativa etc.), também torna plásticos os assuntos da escrita. Os sonhos de um cachorro, uma tarde de infância e recordações íntimas de uma cama compartilhada com a própria amante são relatados pela lente da plasticidade e da sensorialização. Essa plasticização e sensorialização do material verbal são possíveis através do uso de alguns procedimentos estéticos, que serão apresentados nessa comunicação. Traduzir a literatura de Ramos de uma língua para outra, operação que a rigor não é considerada como uma tradução entre materialidades ou linguagens expressivas diferentes, propicia, ao contrário do que é esperado, uma necessidade de pensar a linguagem em forma de materialidades e sensações, pois a poética do artista é inclinada para a redução do descompasso entre as palavras e as coisas. A fim de superar esse descompasso, cria-se então uma escrita que afeta o leitor a partir de uma vivência do corpo. A reprodução desses efeitos, imprescindível na tradução, impõe assim à tradutora vivenciar sensorialmente e pensar plasticamente o texto em português antes de vertê-lo para a língua de chegada, compreendendo assim uma dupla tradução intersemiótica.

Simpósio 55**Literatura, lugar de memória: a arte como um direito**

Sabrina Vier (UNISINOS)

Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA)

Márcia Lopes Duarte (UNISINOS)

Resumo Em diálogo com Antonio Candido (2011, p. 177), compreendemos a literatura como “fator indispensável para humanização”, porque, “em sentido profundo, ela nos faz viver” (p. 178). Nesse sentido, em um país em que há um alto índice de desigualdade social, a assertiva “pobre não lê livros”, que serve como argumento para uma possível taxaço de impostos sobre os livros, leva-nos a um abismo ainda maior. Havia, em um passado recente, uma prioridade que se voltava à extinção da fome, da miséria, do analfabetismo funcional. A literatura como um direito básico é o ponto de partida para propor, neste Simpósio, reflexões sobre a importância da arte em tempos de estado de exceção, de casos-limites. Uma teoria do estado de exceção é “condição preliminar para se definir a relação que liga e, ao mesmo tempo, abandona o vivente ao direito” (AGAMBEN, 2004, p. 12). Já apontava Walter Benjamin, em seu célebre artigo sobre a reprodutibilidade técnica da arte, que, “Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisariam mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura” (BENJAMIN, 1993, p. 165). Ou seja, é mais lenta a disseminação de bens simbólicos, que seriam, também, essenciais à manutenção do ser humano, principalmente no que se refere a suas manifestações culturais. Assim, a disseminação da arte, dialeticamente, se, por um lado, aproxima o olhar das grandes obras culturais, por outro, podem, também, ser apreendidas pelos regimes fascistas, com o intuito de, exatamente, impor limites à propagação das artes. Neste sentido, o pensador alemão implode o conceito de aura, “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja (BENJAMIN, 1993, p. 170). O poeta que melhor simboliza a perda desta aura, segundo Benjamin, é Charles Baudelaire, justamente porque ele dessacraliza os elementos da poesia e os aproxima da realidade mundana. Deste modo, sem a aura elitizante, a arte deveria aproximar-se das pessoas e garantir

a elas o legado cultural de seus antepassados, a fim de que elas possam, também, deixar seu legado para o futuro. Nesse escopo, a literatura, como lugar de memória, é “um instrumento e um objeto de poder”, posto que “a memória”, como a compreende Jacques Le Goff, “procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, no sentido de contrapor-se a um discurso cada vez mais monológico e privatizado por determinados grupos que se pautam por interesses estritamente subjetivos (LE GOFF, 2013, pp. 435-437). Assim, neste Simpósio, propostas de análises comparativas de discursos críticos de vertentes diversas, confrontados com os contextos de produção e de circulação de obras da literatura contemporânea, sobretudo a latino-americana, podem contribuir para reflexões sobre o efeito estético suscitadas a cada ato de leitura, na medida em que “o texto só tem significado através de seus leitores; altera-se com eles” (CHARTIER, 1997, p. 12). Agregam-se, pois, nesse escopo, pesquisas que se identifiquem tanto com os fenômenos estritamente literários, como pesquisas sobre temas literários em sentido mais amplo e estudos comparatistas que visem demonstrar o potencial subversivo e reflexivo da arte em relação a outras áreas de conhecimento. O Simpósio pretende reunir pesquisadores e interessados na literatura como um direito e como possibilidade de um vir a ser – na experiência literária como “uma abertura para o desconhecido, para o que não é possível antecipar e pre-ver” (LARROSA, 2007, p. 148). Assim, este Simpósio objetiva reunir dispositivos e estudos que buscam, por meio do texto literário, refletir e problematizar sobre cada nova leitura realizada, que projeta leituras já ecoadas e que trazem novos sentidos a cada enunciação. Dispositivos e estudos, conforme aponta Agamben (2016), em diálogo com Foucault, como relações tecidas entre elementos de um conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico, que engloba diferentes discursos, cujos elementos são o dito e o não dito. Este Simpósio busca, enfim, com base em teóricos como Antonio Candido, Giorgio Agamben, Jacques Le Goff, Roger Chartier, Jorge Larrosa, Walter Benjamin, entre outros, pensar o texto literário “como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questionamento com aquilo que somos” (LARROSA, 2003, p. 25-26).

**“Os lugares de memória” pelo flâneur
de Milton Hatoum: literatura como direito
à humanização e contestação a ideais totalitários**

David Costa de Souza (UEA)

Resumo A crônica literária de Milton Hatoum possui, como uma de suas características, um tom poético e reflexivo, e proporciona “um teor de verdade íntima, humana e histórica”, como aludiu Arrigucci Jr. (1987, p. 53) a respeito do gênero crônica. Nesse processo, a perspectiva do narrador flâneur proposto nas crônicas “A parasita azul e um professor cassado” e “Um jovem, o Velho e um livro” contribuem para um diálogo com as reflexões de Antonio Candido acerca do “direito à literatura”. A crônica como produto estético-literário estetiza valorações “semântico-axiológicas” de vozes sociais mediadas pelo “autor-criador” (BAKHTIN, 2015), o que nos permite inferir que na e pela criação literária Milton Hatoum sugere ao leitor “a se organizar [...] [e] a organizar o mundo” (CANDIDO, 2017, p. 179). Contribuindo, assim, para a humanização do sujeito/leitor/homem e para sua percepção da realidade que o circunda, por isso a literatura pode ser dialogizada como discurso estético de contestação ao status quo, e a ideias totalitárias como as existentes no Brasil contemporâneo. Assim, esta comunicação, a partir do pressuposto defendido por Candido (2017) acerca do “direito à literatura”, pretende evidenciar, nas duas crônicas de Milton Hatoum acima mencionadas, os “lugares de memória” (NORA, 1993) cuja matéria literária surge como trabalho estético de um flâneur que se apodera do cotidiano “como de algo experienciado e vivido” (BENJAMIN, 2006, p. 462) e, por meio do discurso estético-literário, almeja “nos tornar mais compreensivos, e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2017, p. 182).

A presença de Alice em *O corpo interminável*, de Claudia Lage

Luciana Paiva Coronel (FURG)
Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)

Resumo Na literatura brasileira contemporânea, inúmeras narrativas abordam a condição estranha do desaparecido político,

oferecendo formas de resistência ao apagamento das arbitrariedades cometidas durante o período ditatorial (1964/1985). *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage aponta desde o título para um corpo ausente que precisa ser presentificado no corpo da escrita, sob pena de desaparecer em definitivo. Apresentando um mosaico de histórias fragmentadas, o romance põe em cena um foco narrativo desdobrado em diferentes vozes, muitas vezes embaralhadas, em que pese a predominância da enunciação de Daniel, filho que busca vestígios da história da mãe, jovem militante que não mais retornou à casa em que foi deixado, ainda bebê, aos cuidados do avô por desconhecidos. Pretende-se centrar a discussão no papel desempenhado pela imaginação na figuração narrativa deste trauma, abordando a presença de Alice no interior do romance, Único bem material deixado pela mãe, o volume antigo com suas anotações oferece ao filho não apenas o caminho de leitura daquela, sua presença gráfica nas páginas, como ainda, através das estranhas situações contidas no enredo de Lewis Carroll, que vão sendo disseminadas no enredo, interessante diálogo intertextual que permite à autora brasileira narrar a irrealidade do real através da chave da fantasia, entendida esta como caminho não apenas pertinente, como ainda privilegiado, de acesso ao passado recalcado, dada a força inerente às representações simbólicas para acessar as “dobras” (FINAZZI-AGRÔ, 2014) obscurecidas desse passado.

Avaliação e poesia: do abstrato ao concreto

Márcia Lopes Duarte (UNISINOS)

Resumo A presente comunicação tem o intuito de explicitar um estudo de caso, a partir da experiência com uma atividade avaliativa em uma disciplina sobre poesia num curso de formação de professores. O ponto de partida dessa experiência é a concepção de Jorge Larrosa segundo a qual, “a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição” (2011). Desse modo, com o intuito de ultrapassar a barreira das avaliações formatadas e limitadoras, optou-se por integrar à proposta de finalização das atividades avaliativas a criação de um objeto que representasse as interpretações realizadas a partir de uma lista especificada de poemas.

Esta perspectiva se enquadra na temática do presente simpósio, visto que, ao se apropriar de um texto poético, ressignificando-o, o aluno do curso de Letras exerce plenamente seu direito à literatura. O fato de ele ter que provocar o texto, a fim de que o resultado concreto, o objeto, se materializasse, fez com que, simbolicamente, ele se apossasse do texto, a fim de, por meio da representação concreta, vir a ser, ele mesmo, um co-autor. Em um texto sobre a obra de Kafka (<http://flusserbrasil.com/art18.html>), Vilém Flusser afirma que a Literatura pode ser vista como uma resposta ou como uma pergunta. Segundo ele, “o campo da segunda tentativa é a especulação. Nesse campo a obra será experimentada (erlebt) como mensagem enviada pelo intelecto dentro do qual a obra surgiu, mensagem essa enviada em nossa direção”. Por este ponto de vista, a experiência de leitura dos alunos, que garantiu a eles o direito à poesia, se transformou em uma leitura concreta, possibilitando, ainda, que a avaliação se desse a partir destes entrecruzamentos, bem mais significativos que a simples explanação de juízos de valor sobre a obra ou, pior, a verificação da leitura.

Catch 22: o humor retratando o horror

Wladimir D'Ávila Uszacki (UFSM)

Resumo Esta pesquisa serve como primeiro passo para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa mais abrangente sobre o uso do humor nos romances de guerra. Publicado em 1961, o romance de Joseph Heller trouxe uma perspectiva inusitada sobre a Segunda Guerra Mundial. Como uma comédia satírica, a narrativa mostra os absurdos da guerra: a ansiedade do humano sensato frente ao interminável combate, a insensatez burocrática dos oficiais, o patriotismo cego, a busca pelo conforto e os abusos do poder. Absurdos esses dotados de um estilo também caótico e absurdo no estilo do texto, que constantemente pulula entre passado e presente e entre as vozes dos personagens. O autor, veterano da guerra, traz no humor uma forma de pincelar o horror que os soldados experimentaram nos anos do conflito. Sua forma humorística enfatiza o sofrimento dos personagens, as piadas e as cenas do absurdo revelam um sentido profundo do sofrimento humano ante as forças maiores que coordenam a

guerra e comandam os homens. Ao mesmo tempo, expõe a mesquinha do alto comando, mais preocupado com a boa imagem na imprensa que com os danos que suas ordens causam, tanto aos subalternos quanto aos inimigos e civis. Ao mesmo tempo desmistifica a imagem da “vitória da democracia sobre o fascismo”, Heller apresenta a incompatibilidade do humano com a inexorável máquina hierárquica e burocrática das forças armadas.

Culpa em *Cabo de Guerra*: Entre dois lados de um regime

Andressa Estrela Lima (UnB)

Resumo Este artigo reflete acerca do narrador personagem da obra *Cabo de Guerra* (2016), de Ivone Benedetti, no que diz respeito ao impacto da memória da violência ocasionado pela ditadura militar do Brasil, bem como as consequências internas desse período no sujeito ficcional. O sentimento mais trabalhado na narrativa é a culpa, que só se manifesta tardiamente. Nesse sentido, o questionamento central é: De que forma a culpa silenciosa se articula na escrita de si do narrador personagem? A partir de tal pergunta, percebe-se que o protagonista transita entre dois lados, tanto entre o passado e o presente, como na guerrilha da esquerda e militares, sendo tratado como instrumento. A personagem não suporta a dor de ser um traidor e ver que, por sua causa, pessoas são mortas, torturadas e traumatizadas para sempre. Em consequência disso, ele também se torna um ser envolto em trauma, por não saber lidar com o que fez. A memória evocada na obra visa desarticular, a partir da subjetividade dos envolvidos no âmbito ficcional, o negacionismo dos danos humanos que a ditadura causou. Com base em teóricos que discutem a memória e o impacto da violência, busco neste artigo problematizar as consequências do arrependimento, que é possível a partir do outro.

Memória e enunciação em *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, de Milton Hatoum

Juciane dos Santos Cavalheiro (UEA)

Resumo A realidade, de certo modo, sempre nos escapa, mas a literatura consegue se entrelaçar tanto com “o cotidiano do não dito” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 130) quanto com o “reelaborar o vivido no modo ficcional” (FIGUEIREDO, 2017, p. 87). Em *A noite da espera* (2017), a personagem Martin reconstrói no exílio parisiense – entre os anos de 1977 e 1979 – suas memórias da juventude, vividas na década de 1960, durante a ditadura militar, na cidade de Brasília. O segundo volume, *Pontos de fuga* (2019), começa onde termina o primeiro volume, em dezembro de 1972, mas agora em São Paulo. Martin procura reconstruir sua história, mas também a de outras personagens que não puderam ser ouvidas durante os anos de censura e perseguição. Tiveram, em muitos casos, uma experiência de alteridade silenciada e violentada: “o passado não deve ser esquecido. Ele renasce na literatura e em outras linguagens, mas sempre em sintonia com o nosso tempo” (HATOUM, 2019). A literatura produzida após este tempo decantado é, de certo modo, capaz de articular, em conjunto, os fragmentos do passado e do presente. O narrador de Hatoum, ao se apropriar do arquivo de outras personagens, reconstrói a sua memória e a memória de uma geração. Reconhece, assim, o passado no presente da enunciação.

Memória e esquecimento, visibilização e apagamento em *Stella do Patrocínio*

Anna Carolina Vicentini Zacharias (UNICAMP)

Resumo Stella do Patrocínio foi nomeada poeta brasileira passados nove anos desde a sua morte, em 1992. Esta nomeação foi efetivada com a publicação do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, que contém transcrições e reelaborações de suas enunciações orais, em 2001, fruto do trabalho da filósofa, poeta e pesquisadora Viviane Mosé. *Reino dos bichos* é um livro que apresenta uma paciente psiquiátrica, institucionalizada durante a maior parte de sua vida,

e propõe que, ao fato de Stella ser esquizofrênica, se some também que seja poeta. A loucura lhe conferiu o sequestro, o aprisionamento, os maus tratos, o desligamento de seus vínculos sociais e afetivos, a impossibilidade de escuta dos seus discursos, dentre outros. Já a literatura comumente permite a manutenção da memória, do prestígio intelectual, da visibilização. Mas a maneira como Stella é apresentada no livro e discutida por sua recepção crítica muitas vezes (senão a maioria) diverge fortemente com o que ela afirmou e frisou ainda em vida, fazendo com que o seu nome seja conhecido, mas fortalecendo o imaginário de uma personagem que não corresponde com ela. Este trabalho pretende analisar os discursos produzidos sobre Stella do Patrocínio, a mulher que vemos, mas não ouvimos, como afirma a curadora decolonial Diane Lima. Assim, ver e não ouvir nos mobiliza a pensar que memória e esquecimento, visibilização e apagamento são resultados das narrativas construídas a respeito e à revelia da autora, fazendo-nos pensar que Stella habita uma região de fronteira no nosso imaginário. Para isso, refletiremos de que modo a literatura precisa se desmanicomializar para receber a produção de Stella (uma vez que ela jamais admitiu ser louca, mas afirmou veementemente que havia adoecido durante a internação de caráter involuntário) e também quais são os caminhos possíveis para que essa escuta realmente se estabeleça.

**Memória, solidão e exílio: notas sobre
“A noite da espera” (2017), “Pontos de fuga” (2019)
e “Cinzas do Norte” (2005), de Milton Hatoum**

Ester Cordeiro da Fonseca (UEA)

Resumo Este estudo tem como objetivo analisar como a temática da solidão se desenvolve nas personagens de “A noite da espera” (2017) e “Pontos de fuga” (2019), de Milton Hatoum, a partir da relação estabelecida com contextos de opressão ditatorial, marcados pela violência, pelo luto, trauma e, ainda, pelo exílio. Além disso, busca-se estabelecer um diálogo com “Cinzas do Norte” (2005), obra que também se desenvolve em um cenário de esfacelamento das relações sociais e atinge continuamente o desenvolvimento das manifestações culturais. Nos dois primeiros romances citados, busca-se investigar

como se configuram as diferentes formas de solidão e exílio na construção da alteridade das personagens, com foco em Martim, narrador-protagonista, e Dinah, personagens que, juntamente com os demais amigos e integrantes da Tribo, são afetados diretamente pela ditadura militar e iniciam uma trajetória de fuga tanto geográfica quanto sentimental, cuja busca pela sobrevivência será também a busca por espaços de exteriorização da existência, seja pela arte da atuação, da escrita, da música, ou pela política. A solidão e o exílio, nesse caso, ligam-se ao recolhimento em um movimento entre luto e melancolia, próprios da incapacidade de se superar plenamente os traumas e as perdas vividas nesse processo. Nesse sentido, essa pesquisa está fundamentada, sobretudo, nos estudos de Benjamin (1994), Blanchot (1987), Gagnebin (2009) e Ricœur (2007), os quais dão suporte ao trabalho feito a partir da linguagem e da escrita, identificadas como elementos que ganham textura e consistência através do exercício mnemônico, exercício este que se faz evidente já na estrutura do texto e que também garante a liberdade de narrar acontecimentos que, face às derrotas da violência e da tortura, não poderiam ser ditos caso não houvesse a literatura.

Narrar e resistir: ecos da ditadura na literatura brasileira contemporânea

Raimunda Thamires Moura Maquiné (UEA)

Resumo Objetivamos analisar como o período da ditadura militar brasileira é apresentado em narrativas brasileiras contemporâneas. Para tanto, selecionamos, para esta comunicação, duas obras, a saber: *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, e *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Pautamo-nos em leituras teórico-críticas acerca do período da ditadura civil-militar, a exemplo de Idelber Avelar (2003), Eurídice Figueiredo (2017), Rejane Pivetta de Oliveira e Paulo Thomaz (2020). Em *A noite da espera* (2017), primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, Martim reconstrói no exílio parisiense – entre os anos de 1977 e 1979 – suas memórias da juventude, vividas na década de 1960, em pleno período ditatorial brasileiro. Já em *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, através de um relato em terceira pessoa conhecemos a história de Maria

Helena, que apresenta não só a sua vida pós-exílio, como também acontecimentos que marcaram esse período ditatorial, como a passeata dos cem mil e as primeiras manifestações estudantis. As duas obras apresentam como pano de fundo a ditadura militar brasileira e possuem como característica a reconstrução através da memória desse período ditatorial. Pretende-se, assim, através da literatura, compreender o presente com este recuso ao passado, de modo a contribuir com “a preservação da memória e a consolidação da democracia” (OLIVEIRA E THOMAZ, 2020).

Narrativas invisibilizadas em cifras: memórias de corpos tecidos de contas

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

Resumo O objetivo que norteia esta comunicação está assentado na proposição de que o livro de conta-corrente é uma literatura primeira na Amazônia acreana. Uma literatura feita de cifras numéricas, fabricante de um mundo-outro de sombras (MOSÉ, 2011), um mundo de ilusões, uma ficção na forma de dívida, encarcerando homens e mulheres no interior dos seringais, transformando seres humanos em condenados da “empresa de sísifo”, com seu trabalho inútil, imprestável, uma faina “repetitiva e monótona” (CUNHA, 1967). Uma ficção modeladora da subjetividade seringueira, escrita para imobilizar o corpo, para criar a dependência, para dominar pelo estômago, pela dependência do barracão, pela relação de servilidade ao patrão [patriarca, padrinho, pai], dominante da margem. Uma literatura de números e cifras, de mercadorias de papel e produtos do mundo industrial. Uma narrativa para fazer o trabalhador acreditar que era um pária se não trabalhasse para saldar uma dívida moralmente constituída; para não faltar com sua palavra; para não deixar de ser “homem”, para não fugir, não abandonar o patrão, não enganá-lo; para aceitar a condição como algo natural; uma ficção dos sentidos e da fixação sedentária do homem (GLISSANT, 2005) à sua colocação [lugar onde ele era colocado por seu senhor, seu patrão], um lugar que não era seu, mas que devia zelar e trabalhar para ser merecedor da condição de colocado. Em síntese, o que fundamenta esta comunicação é uma proposição metodológica que

parte do discurso como produtor de seu objeto (FOUCAULT, 2011) e problematiza o livro de conta-corrente como uma ficção em todos os sentidos, inclusive, porque não é um livro, embora contenha inúmeras e indecifráveis narrativas, corpos, relações sociais, trânsitos de palavras e mercadorias, trânsitos entre o local amazônico e o global atlântico.

Os processos de uma catástrofe humana: discussões sobre a obra *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi a partir da teoria de Walter Benjamin

Carolina Izabela Dutra de Miranda (UFMG)

Resumo Ao comentar a famosa e impactante frase de Theodor Adorno “escrever poesia depois de Auschwitz é um sinal de barbárie” (ADORNO, 1995, p.119), Geoffrey Hartman propõe que a arte pode criar um efeito de irrealidade que não é alienador ou dessensibilizador. A arte poderia oferecer um lugar para afetividade e para sofrimento das vítimas dessa barbárie. Assim, em seu texto “Holocausto, testemunho, arte e trauma” (2000), o estudioso reafirma a necessidade da importância de falar e de escrever sobre a catástrofe do holocausto, não apenas pelos os sobreviventes, mas por todos, para que a história não se repita. Essa catástrofe será o tema das obras de Primo Levi, formado em química, que foi levado ao campo de Auschwitz ainda jovem, por volta dos 25 anos, e publicou seu primeiro livro de memórias sobre o holocausto em 1947, *Isto é um homem?*. Na obra *Os Afogados e os sobreviventes* (2016), o italiano fascina por sua escrita bem-acabada, reflexiva e detalhada que indica a existência um senso comum presente na mentalidade social no contexto do Nazismo. Partindo de tal contexto como objeto de estudo, Walter Benjamin propõe a ideia de que a história a receber o crédito ao longo das civilizações é sempre a história dos vencidos, dos dominadores. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é inter-relacionar as perspectivas de história e catástrofe de Walter Benjamin, presentes no texto “Teses sobre o conceito de história” (1940), à obra *Afogados e sobreviventes* (1986), de Primo Levi. A partir de tal discussão serão analisados aspectos como a catástrofe humana, a coisificação e a proximidade com a “animalização” tratadas por Primo Levi em sua obra. Também

serão correlacionadas as proposições de Márcio Seligmann acerca dos aspectos trabalhados por Walter Benjamin, como a literatura de testemunho e a catástrofe.

**Uma viagem pela memória,
em *Quase memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony**

Camila Marcelina Pasqual (UFMG)

Resumo Este artigo procura compreender as principais descrições memorialistas que remetem ao passado, bem como observar como se configura o conceito de reminiscências presentes na obra *Quase Memória, quase romance*, de Carlos Heitor Cony que descortinam acontecimentos, reminiscências dos anos 1940 e 1950 de um Rio de Janeiro nostálgico e supostamente real até o final dos anos 90 do século XX. O corpus consiste em uma análise da obra pela remissão das questões relativas à construção de um enredo em que vai intercalando as memórias familiares e as crônicas públicas entre realidade e ficção. Uma narrativa delineada pelas lembranças, ora divertidas e ora nostálgicas, do narrador-personagem com o propósito de estabelecer a relação do romancista com o tempo, com as memórias, que se constroem e se fragmentam, e principalmente com a palavra escrita. O foco principal da narrativa em pauta é analisar os conceitos da experiência vivida e de memória involuntária presentes na narrativa Cony, um estudo específico das reminiscências do passado sob a luz do presente. Em um primeiro momento, pretendo analisar as duas formas de memória quais sejam: a de experiência vivida (*Erbnis*) e de memória involuntária (*Erfahrung*) a partir das contribuições de autores como Benjamin (1985), Bergson (1999), Gagnebin (1982), e Freud (1976). Em um segundo momento, a pesquisa busca realizar uma análise da experiência vivida e memória involuntária com destaque para a experiência dos choques.

Zélia Gattai: memória e história

Luciana Terra Targino (PUCRJ)

Resumo De família Anarquista, filha de imigrantes, Comunista, tendo vivenciado exílio na Tchecoslováquia durante a Ditadura Vargas, dentre muitas outras experiências como protagonista de fatos históricos, sociais e culturais, a escritora Zélia Gattai deixou um legado documental em suas obras de memórias que, a princípio, não parecem ter uma intenção de denúncia, mas que trazem, por uma fala feminina, feminista, como corpo feminino em situação de resistência – conceito de Chimamanda Ngozi – Zélia nos apresenta um mundo seu povoado de todos nós e de muitos de nós que se foram, fruto de regimes autoritários e injustiças sociais. Sua militância a colocou ao lado de um dos grandes escritores e militantes de esquerda do país, fazendo com que, ao lado de Jorge Amado, Zélia vivenciasse os acontecimentos mais importantes de nossa história recente como protagonista, passando por dificuldades, humilhações e, claro, logrando êxitos que nos fazem percorrer, como bem descreveu Silviano Santiago, o político de “dentro de casa” que se torna público. Este trabalho visa percorrer as memórias de Zélia Gattai pelo olhar contemporâneo proposto por Giorgio Agambem, atualizando o passado a partir do agora, bem como, situando a autora com a importância de sua fala para além de suas memórias, mas para a história.

Simpósio 56**Literaturas de língua inglesa da/na/sobre África:
ampliando diálogos, travessias, desafios**

Janice Ines Nodari (UFPR)

Mônica Stefani (UFMS)

João Pedro Wizniewsky Amaral (UFCG)

Resumo Dentre as inúmeras formas de domínio instauradas nas colônias europeias na África, a imposição de uma língua estrangeira, que deveria ser usada em diferentes espaços, tais como comércio, educação e mesmo religião, permitiu uma série de injunções e perdas. Ainda que seja comum encontrarmos produções de escritores e escritoras provenientes de ex-colônias britânicas na África nessas línguas estranhas, impostas, percebe-se na produção desses artistas o movimento de deixar tais imposições marcadas, seja pelo caminho inverso, de escrita e publicação em línguas africanas (THIONG'O, 2012), seja na escolha por usar termos em suaíle, zulu, igbo, iorubá, entre outras línguas, em suas composições. É o caso de produções de Binyavanga Wainaina, Buchi Emecheta, Chimamanda Adichie, Chinua Achebe, Grace Ogot, J. M. Coetzee, Ngugi wa Thiong'o, Wole Soyinka, para citar apenas alguns expoentes. O objetivo deste simpósio é acolher propostas de trabalhos que oportunizem a troca de leituras, de análises e informações com contornos teóricos e críticos de produções literárias africanas especialmente em língua inglesa, bem como colocar essas produções em cotejo com artefatos literários em outras línguas, notadamente a língua portuguesa. Tomamos como ponto de partida o fato de que as Nações Unidas reconheceram a necessidade de promoção e proteção dos direitos humanos de afrodescendentes espalhados pelo mundo, estejam eles em exílio ou diáspora (HALL, 2013), ao declarar o período compreendido entre 2015 e 2024 como sendo a Década Internacional dos Afrodescendentes. Ilustres artistas dentre esses afrodescendentes espalhados pelo mundo dão a conhecer algumas tradições africanas, e experiências de colonialismo (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 2013; CÉSAIRE, 2000; SAID, 1993) e pós-colonialismo (GIKANDI, 2009) especialmente em sua escrita, objetivando enaltecer a identidade multifacetada dos indivíduos africanos num claro processo de descolonização, conforme proposto por Frantz Fanon (1952, 1961) e revisitado por Ngũgĩ

wa Thiong'o (1986, 2012). De acordo com Frantz Fanon (1952), a descolonização requer reelaboração contínua, não é um processo com data de término marcada, e perpassa a experiência do sujeito em diversos âmbitos de sua existência e atuação. Já de acordo com Ngũĩ wa Thiong'o (1986), a descolonização deve primeiramente acontecer na mente do indivíduo antes que possa ter alguma repercussão prática e viável em seu entorno. Reflexos possíveis da descolonização podem ser concretizados tanto na oratura (THIONG'O, 2012) quanto na literatura, uma vez que, segundo o autor, "foi a ficção que primeiro nos deu a teoria da situação colonial." (2012), ou seja, tanto a manutenção quanto o questionamento se dão nas expressões orais e escritas. Ambas as perspectivas defendidas por esses escritores questionam tanto o cânone literário pré-estabelecido quando a hegemonia do discurso acadêmico e apontam para práticas de autotradução (BANDÍN, 2003; GENTZLER, 1993), autobiografia (EAKIN, 2014; LEJEUNE, 1989; SMITH & WATSON, 2010), outobiografia ou escrita de si (ATTRIDGE, 2004; COETZEE & KURTZ, 2015), que se manifestam tanto na poesia quanto na prosa, em romances, novelas, contos, ensaios, peças de teatro, poemas e mesmo em trabalhos acadêmicos. Essas produções questionam a própria existência de um cânone literário eurocentrado e anglófono ao inserir muito mais do que alguns temperos africanos e uma aparente obediência em suas manifestações escritas em língua inglesa. A escrita de si e do coletivo é entendida não apenas como um movimento estético, mas como um resgate da memória, podendo essa ser tanto a memória individual quanto a coletiva, que encontra no registro oral e no registro escrito possibilidades de revisitação, de compreensão, de preservação da identidade de afrodescendentes. É, portanto, um movimento marcadamente político que encontra ecos e semelhantes no sul geográfico, o qual, segundo J. M. Coetzee, é único (HALFORD, 2016). Para o leitor atento, é possível estabelecer paralelos nas produções literárias da África e da América Latina também pelo viés da abordagem decolonial (MIGNOLO, 2012; MIGNOLO & WALSH, 2018), e tal premissa autoriza uma outra maneira de entender a história tanto de povos quanto de indivíduos. Ainda, esses ecos e semelhanças fazem com que, como acadêmicos brasileiros, nos debrucemos sobre as literaturas africanas de língua inglesa com o intuito de revigorar os nossos pensamentos enquanto intelectuais que vivem (n)o sul geográfico (e, aparentemente, periférico), não apenas para darmos voz às produções

africanas em língua inglesa, mas para encontrarmos nossa própria voz ao ampliarmos diálogos, travessias e desafios para além da academia, objetivando (re)encontrarmos nosso passado, (re)desenharmos nosso presente e (re)imaginarmos nosso futuro.

**“What do i care for this body that has betrayed me?”:
figurações do corpo em *Age of Iron*, de J. M. Coetzee**

Ernani Silverio Hermes (UFSM)

Resumo *Age of Iron* é um romance do escritor sul-africano J. M. Coetzee publicado em 1990. A trama é desenvolvida a partir de Mrs. Curren, uma paciente com câncer em estado avançado que escreve uma carta a sua filha relatando suas experiências na África do Sul em meio ao contexto do apartheid. Por esse ângulo, a narrativa apresenta, de diferentes modos, as várias formas de violência características do regime segregacionista que se estabeleceu no país dentre 1948 e 1994. Esse período da História sul-africana é entendido por Robert E. Gorelick (1986) como uma extensão do colonialismo, uma vez que, na compreensão de Edward Said (2011), este constitui-se para além da aquisição de território, mas como uma ideologia, um discurso, que se fundamenta no controle e na dominação de grupos sociais. Por esse viés, o romance captura esse momento histórico a partir da imagística corporal, pois, sendo o corpo “um signo dentro de uma determinada estrutura ou contexto” (SILVA, 2007, p. 16), os sentidos que erigidos a partir da figuração dos corpos remetem ao apartheid e à violência. Diante disso, observa-se que o corpo de Mrs. Curren constitui-se como uma metáfora do regime: o câncer, assim como o apartheid, é uma doença que destrói por dentro e conduz a um processo de desfamiliarização (SHKLOVSKY, 2019) tanto do corpo físico, quanto do país enquanto um corpo político. Ademais, o corpo morto de Bheki, e dos outros meninos negros, é colocado como um símbolo que testemunha toda a violência contra a comunidade negra e rompe com a alienação de Mrs. Curren. Diante disso, os corpos representam experiências singulares: o corpo de uma mulher branca e a sua forma de percepção do regime e o corpo de um menino negro destruído pela violência racial.

A colonização africana e a posição da mulher nigeriana no conto “a historiadora obstinada”, de Chimamanda Ngozi

Ladjane de Barros Santos (UEPB)

Resumo A literatura africana escrita por mulheres negras é, acima de tudo hoje, uma grande vitória quando falamos sobre estigmas sociais e antropológicas que foram consolidadas no decorrer dos séculos e que acabaram sendo instituídas como verdades absolutas, muitas delas baseadas em preconceitos raciais e de gênero. A maioria dos cânones literários africanos nos traz como pano de fundo a realidade da mulher africana que ali se apresenta. São obras que, no início da leitura, já trazem consigo todo um repertório que nos provoca inquietude. São escritos que obrigam a quem os lê estender o seu olhar até onde o entendimento permite alcançar e passar além da própria dor para compreender as verdades que ali residem. Assim acontece no conto “A historiadora obstinada”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi (2017) que tem como protagonista Nwamgba, uma mulher negra africana, gerada pela sociedade machista e patriarcal. O conto nos revela uma Nigéria colonial, um período em que o mundo sofria por conta das consequências das duas Guerras Mundiais. Nele veremos a mulher negra sendo marcada pelo colonialismo, pela violência, pela poligamia, pelas diferenças religiosas e principalmente pelo choque cultural. O nosso objetivo é discutir sobre a verdadeira posição da mulher na cultura nigeriana. Para respaldar este artigo de caráter bibliográfico, trabalharemos com alguns autores teóricos como Silvério (2013) e Santos (2017), no que se refere a colonização africana e a condição da mulher nigeriana; e no que se refere a posição da mulher no conto da Chimamanda Ngozi, trabalharemos com Badinter (1985) e Stevens (2005).

As vozes do discurso indireto livre e a tradução: observando *Disgrace* e *Desonra*

Cecília Fischer Dias (UFRGS)

Resumo Este trabalho tem como base duas propostas teóricas: a de Moretti (2000), de que o romance na periferia da literatura mundial

seria a conciliação entre enredo estrangeiro, personagens locais e voz narrativa local, e a de Wood (2012), de que o uso de explicações no discurso indireto livre desfaz momentaneamente a tensão entre a voz do personagem e a do narrador, trazendo à tona apenas a voz do narrador. Considerando que a voz narrativa local pode estar no estilo indireto livre e que o narrador faz a mediação entre o contexto do romance e o leitor (o que pode instigar o uso de explicações), buscamos entender o que essa suspensão da tensão entre as vozes representa para a proposta da conciliação. Para além do uso de explicações já no texto de partida, temos como foco da análise esse recurso como estratégia de tradução. Para observar esses aspectos em uso, analisamos *Disgrace*, de J. M. Coetzee, e sua tradução para o português brasileiro, *Desonra*, de José Rubens Siqueira. Mais especificamente, observamos a tradução de termos e trechos que não em inglês (idioma principal do romance), por serem relevantes no posicionamento do personagem principal, David Lurie, na narrativa. Entendemos, aqui, esses termos e trechos como itens culturalmente marcados, conforme proposto por Aixelá (1996), considerando que as línguas apresentadas impõem um desafio para a tradução por terem relações diferentes com os contextos de partida e de chegada. Na análise, vimos que a leitura de Wood (2012) torna mais complexo o aspecto da voz narrativa local de Moretti (2000), e que, na tradução, há ainda um ponto a mais a ser considerado, o narrador da tradução, especialmente em cotejo.

Britânico e cristão de encontro com mouros e negros: Mungo Park e seu diário pela África

Mariana Hetti Gomes (USP)

Resumo Mungo Park é o primeiro europeu a registrar o rio Níger. Escocês, fazia parte da Linnean Society of London e sua expedição é financiada pela Association for the Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa, com base também em Londres. Em seu caminho a Tombuctu, aonde por fim não chega, Park compõe seu diário que dá origem ao seu livro *Travels in the interior districts of Africa* (1799). Acompanhamos seu percorrido permeado de descrições, nas quais divide a população dessa região da África em dois grandes

grupos: moors e negros. Àquele, é subjugado, sendo mantido preso por vários meses. Classifica-os genericamente como traiçoeiros e mesquinhos, ao mesmo tempo que lhes atribui características políticas, religiosas e de escrita relacionadas com o que se pensava como civilização. Ao segundo grande grupo, os negros, categoriza como dóceis. Associa-os sempre com a falta de escrita e à superstição. A partir do enfoque em alguns de seus capítulos descritivos, primeiro pretendo analisar como Park elabora esse lugar do Outro em sua narrativa, utilizando para tal o conceito de fetichismo e esteriótipo de Homi Bhabha em seu texto “A outra questão”. Também considero o contexto político britânico e concepções do Iluminismo escocês. Segundo, já considerando seu caminho de retorno às cidades africanas britânicas, observo a recuperação de sua cultura por Park e a transformação por ele mostrada de Karfa, negro que lhe guia nessa volta. Essa abordagem do texto pode agregar a discussões sobre a colonização britânica da África, pensar o imaginário europeu sobre o interior do continente, sua relação com raça e religião; enfim, qual o retrato do primeiro britânico que adentra tais regiões.

Buchi Emecheta: (re)considerações sociais e culturais por meio da memória em *As Alegrias da Maternidade*

Mônica Stefani (UFSM)

Resumo Buchi Emecheta (1944-2017), assim como inúmeras outras escritoras advindas do continente africano, teve uma vida um tanto sofrida, começando pela superação da limitação ao acesso ao ensino por sua condição de “ser mulher” e passando por um casamento abusivo em tenra idade e uma mudança de continente (partiu da África para a Europa). De fato, esses eventos inspiraram Emecheta a registrar no papel suas histórias e, principalmente, suas impressões acerca de sua própria cultura e realidade, questionando-as. Em *The Joys of Motherhood* (1979), em sua tradução ao português brasileiro *As Alegrias da Maternidade*, publicada em 2017, Emecheta emprega o foco narrativo para delinear ao leitor as funções de cada gênero na sociedade nigeriana dos anos 1930 e 1940, que, como colônia, sofria com os respingos das crises na metrópole, em especial os impactos da Segunda Guerra Mundial (o episódio envolvendo a partida de

Nnaife com um navio inglês para Fernando Pó, ou Bioko, na Guiné Equatorial, ilustra esse contexto). Por ter sido escrito quando a autora já residia na Inglaterra, poderia ser considerado um romance de diáspora, ou mesmo feminista (como sugerido por alguns críticos) pelos temas abordados. No entanto, o romance transcende rotulações, e este trabalho justamente busca demonstrar como Emecheta apresenta e (re)considera, por meio das memórias das próprias personagens, o papel de cada uma delas, como seres humanos, independentemente de gênero, classe social, tribo ou idade, na sociedade nigeriana em transformação naquele período, enfocando não apenas suas mazelas (como a presença dos colonizadores e as consequências de sua ausência), mas também suas epifanias, tendo como aporte teórico os estudos da memória, na e da literatura, realizados por Umbach (2008), Erll (2008), Neumann (2008) e Candau (2011).

Descolonizando mentes com a defesa pela Oratura: breves considerações sobre as produções de Ngũgĩ wa Thiong'o e Micere Githae Mugo

Janice Ines Nodari (UFPR)

Resumo A produção literária do queniano Ngũgĩ wa Thiong'o tem sido objeto de muitas pesquisas e constantes críticas (vide GIKANDI, 2009, KUNENE, 1992, por exemplo) por estar disponibilizada principalmente em língua inglesa, o que alguns consideram como uma traição a seus conterrâneos que se insurgiram contra o regime colonial britânico (ELKINS, 2014). A escritora, professora de literatura e queniana, Micere Githae Mugo, sofreu reprovações semelhantes. Ambos têm chamado a atenção atualmente por sua maneira inteligente de usar a língua do antigo opressor como uma ferramenta para a descolonização de mentes (THIONG'O, 1986). Além disso, ambos fazem uma defesa consistente da oratura como traço legitimamente africano (BÂ, 2010) e grande legado das culturas africanas para o mundo. A presente comunicação tem por objetivos: a) apresentar Thiong'o e Mugo em breves palavras; b) esclarecer o conceito de oratura (THIONG'O, 2012), defendido por ambos; e c) localizar as práticas de escrita de si e autotradução (BANDÍN, 2003; TYMOCZKO, 2010), presentes nas obras dos referidos autores quenianos, como

claramente des-coloniais. A prática da escrita tanto em inglês quanto em línguas africanas permite que a memória coletiva e individual do passado colonial seja continuamente revisitada e atualizada (CAN-DAU, 2011). Considerando que, no contexto da literatura universal, a influência e a importância de Thiong'o para os estudos africanos é inegável, colocamos sua presença lado a lado com a de Mugo e procuramos suporte em leituras interdisciplinares de forma a ressaltar que o conhecimento se constrói para além do acadêmico.

Notas sobre o luto: escrita de si e projeto literário

Juliana Borges Oliveira de Moraes (UFSJ)

Resumo Pretendo abordar, neste trabalho, reflexões acerca da obra *Notas sobre o Luto*, de Chimamanda Adichie, publicado em 2021. Nessa recente produção literária, Chimamanda Adichie nos apresenta um relato, em tom confessional, que versa sobre o luto vivido em consequência da morte do pai. Notas sobre o luto atesta, desde o início, o seu caráter autobiográfico, mas se apresenta também com uma estetização poética, suscitando uma problematização a respeito de fronteiras e transversalidades no saber literário. Há, nessa escrita de si, marcas de um projeto literário, por meio de posicionamentos presentes também em outras obras de Adichie, como a inserção, sem exotização, de elementos culturais igbo, e de valores aprendidos em terras nigerianas, que costumam ser levados pelas personagens em seus percursos diaspóricos. Esse projeto literário, político, em *Notas sobre o luto*, pode ser visto tanto no conteúdo que é relatado quanto na forma de escolha desse relato. No que se refere ao conteúdo, valores do pai falecido, um importante símbolo de herança, são ressaltados. Já no que se refere à forma, além da presença dos termos em igbo em meio a um relato em língua inglesa, é possível perceber também um movimento que suscita uma problematização da própria categorização à qual costuma ser submetida a literatura, embebida de saberes eurocêntricos, visto que há uma abordagem que tangencia um pacto autobiográfico, à luz de Le Jeune, mas que ao mesmo tempo traz uma estética muito própria da autora: uma prosa poética singular que permeia suas obras. Penso que a escrita de si em questão convida a debates importantes no que diz respeito à literatura,

categorizações, resistência, fronteiras e transversalidades no contexto diaspórico, especialmente no momento contemporâneo.

Reflexões de J.M. Coetzee em torno da língua-mãe

Talita Mochiute Cruz (USP)

Resumo “Cada um de nós tem uma língua-mãe? Eu tenho uma língua-mãe? Até recentemente eu aceitava sem questionar que, uma vez que o inglês é a língua que domino melhor, o inglês devia ser considerado minha língua-mãe. Mas talvez não seja assim. Talvez – será possível? – eu não tenha uma língua-mãe. (COETZEE, 2008, p.207) Partindo dessas especulações na voz do senhor C em *Diário de um ano ruim*, de J.M. Coetzee, esta comunicação se propõe a investigar a relação conflituosa desse escritor sul-africano, naturalizado australiano, com a língua inglesa. Essa postura interrogativa em relação ao inglês remete à formação cultural e às origens familiares do escritor. Seus pais eram anglófilos que falavam africânder, algo incommon na África do Sul do nacionalismo pós-1948. Na época, ser africânder significava aceitar não só a língua, como também a posição política de apoio ao apartheid. A recusa à identidade africânder é um dos temas da trilogia autobiográfica *Cenas da vida na província*. Assim, nos anos de aprendizagem, o inglês exerceria o papel de língua materna. Contudo, com o passar do tempo, Coetzee passa a refletir sobre os impactos do uso desta língua, seja na perspectiva individual ou coletiva. Essas inquietações estão, por exemplo, em carta trocada com Paul Auster e em textos ficcionais da maturidade que discutiremos na comunicação, com apoio dos estudos de David Attwell sobre Coetzee e do ensaio “O Monolinguismo do outro”, de Derrida. Outro propósito da comunicação é mostrar como essa postura interrogativa em torno do inglês reverbera em intervenções acadêmicas e editoriais propostas pelo escritor, caso da cátedra que coordenou na Argentina com foco nas literaturas do Sul e da publicação, primeiro em espanhol do que em qualquer outra língua, do último romance *A morte de Jesus* (2019).

Simpósio 57**Literaturas em abismo:****a perspectiva intersemiótica em debate**

Fernando de Mendonça (UFS)

Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

Mariângela Alonso (USP)

Resumo Retomando discussões iniciadas em edições anteriores da ABRALIC, este simpósio se organiza como um espaço para o debate de reflexões críticas voltadas à relação da literatura com as outras artes (cinema, fotografia, música, pintura, teatro etc.), baseando-se numa perspectiva de análise intersemiótica (PLAZA, 2013) e tendo como propósito ampliar e aprofundar os estudos advindos deste ramo da literatura comparada. Adotar a Intersemiose como postura de observação, continua sendo uma oportunidade para discutir as experiências literárias nas textualidades contemporâneas, notadamente marcadas pelo diálogo de linguagens e a hibridez de formas e mídias. Com o objetivo de melhor delimitar este complexo âmbito de pesquisa, multifacetado por natureza, propomos a aplicação do conceito de mise en abyme como uma âncora teórica, um denominador e ponto de interseção para as leituras que aqui possam emergir. Advinda de uma técnica romanesca explorada por André Gide, a partir dos últimos anos do séc. XIX, a expressão deriva de um termo que, na heráldica, vem se referir ao ponto em que diversas figuras e formas se relacionam, dentro de escudos e medalhões, compondo em abismo o fundo de uma imagem sem, necessariamente, se tocarem. Posteriormente teorizada por Lucien Dällenbach (1977; 1979), que aprofundou o caráter especular e destacou a presença desta ideia de composição narrativa como uma constante passível de identificação, da Antiguidade aos tempos modernos, esta consciência nos surge como um método de investigação para melhor uniformizar o heterogêneo cenário aberto pela relação das artes. Assim, importa não somente verificar a maneira como variadas obras podem se relacionar, mais do que isso, torna-se relevante perceber a influência destas relações no gesto criativo, em si mesmo. Uma obra que se constrói em abismo, segundo Dällenbach, vem também se desdobrar numa ‘autotextualidade’, em outras palavras, numa ‘intertextualidade autárquica’, passando a depender intrinsecamente do diálogo com outros

textos e linguagens para subsistir como forma autônoma e original. Para Jean Verrier, o procedimento narrativo da mise en abyme reflete os problemas da gênese do romance, trazendo ao leitor um caminho sempre aberto e convidativo à leitura, rompendo com os meios e com o totalitarismo das narrativas tradicionais, uma vez que “l’oeuvre est une création où la lucidité joue un rôle majeur” (VERRIER, 1972, p. 60). Resultam dessa lucidez autoconsciente do escritor as reflexões em torno do processo de criação e da própria ficção. Nesse sentido, o processo de escrita instaura a investigação sobre o próprio ato criador que envolve a literatura. Espécie de construto artístico e crítico, a narrativa torna-se um caleidoscópio, que, por meio do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos, apresenta, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeitos visuais ou sentidos. Essa sobreposição de camadas de significação logo se percebe como um *modus operandi* muito expressivo e recorrente na literatura contemporânea, seja em obras que ultrapassem o verbo escrito para alcançar novos domínios de visualidade e, até mesmo, sonoridade; ou literaturas que vêm encontrar nas tecnologias eletrônicas, na cibernética e na rede virtual, novos horizontes de possibilidades textuais. O conceito de mise en abyme, desde os romances e apontamentos ensaísticos de André Gide, presta-se como instrumento de análise comparatista, pois instaura numa obra a reflexividade direta por outra(s) obra(s), seja através de semelhança ou de contraste. Jogo de reflexos a ser resgatado por Dällenbach, ao definir uma narrativa em abismo como obrigatoriamente estruturada por meio de um ‘relato espelhado’, assim como determina Umberto Eco (1989) em sua teoria de espelhamentos, ampliando o caráter vertiginoso das artes que se alimentam ininterruptamente. Diante disso, o simpósio propõe uma ampla discussão de obras que recorram a caminhos em composição especular, seja no direcionamento de textos que apontem para outros textos (obras dentro de obras), mas especialmente, no caso de linguagens que se voltem para outras linguagens, desafiando a percepção e inovando as estéticas contemporâneas. Acompanhando uma tendência dos estudos mundiais em literatura comparada, como se pode constatar pela organização de um periódico internacional da Università degli Studi di Verona (2014), integralmente voltado para pesquisas que contemplem a mise en abyme como escopo principal de análise crítica, espera-se contribuir aqui para a discussão e divulgação do tema. Diante da alta procura por esta proposta

em edições anteriores da ABRALIC, a renovação do simpósio visa oportunizar um maior contato entre pesquisadores brasileiros que já se dediquem ao assunto.

“A alma vagueante” de Mário Cláudio: o escritor entre os seus

Mariana Caser da Costa (UFF)

Resumo A obra do escritor português Mário Cláudio é conhecida, entre outros aspectos, pelo destaque conferido ao diálogo da literatura com outras artes. Não raro, a ficção marioclaudiana recorre a figuras e fatos históricos para, em exercícios intersemióticos, subvertendo o real, criar profícuas possibilidades interpretativas. Em 2017, vem a público o livro de crônicas “A alma vagueante: 25 autores que conheci”, que lembra o leitor dessa faceta não tão usual do romancista e cujo prefaciador afirma conter “crônicas com gente dentro”. Portanto, neste livro que narra, de maneira leve e, por vezes, cômica, suas experiências pessoais com artistas já falecidos, Mário Cláudio afasta-se do que mais comumente se observa em seu trabalho como escritor, “ma non troppo”. Se, por exemplo, na “Trilogia da mão”, ele ficcionaliza a biografia de artistas portugueses de modo que, nas obras constitutivas do tríptico, podemos ler imagens e outras referências a Amadeo de Souza-Cardoso, Guilhermina Suggia, Rosa Ramalha e, ao fim e ao cabo, ao trabalho artístico do próprio escritor, em “A alma Vagueante”, ao textualizar suas memórias com figuras já desaparecidas da cultura portuguesa, Mário Cláudio acaba por se olhar no espelho da própria formação artística e intelectual. Aos moldes do Alberto Manguel de “Lendo imagens”, ele se coloca entre os seus de modo a refletir sobre a função da sua arte, mantendo, assim, a coerência de seu trabalho, apesar da variação do gênero. Logo, é procurando pensar nesses encontros artísticos como partes de um processo de formação (*bildung*) e como tela (*bild*) para que o artista se retrate como tal que comentarei algumas das crônicas contidas em “A alma vagueante”, de modo a demonstrar a consistência da característica especular que marca a obra de Mário Cláudio.

“La ventana imanta todas las ojeadas inquietas”: o signo do cinema no poema “Insomnio”, de Jorge Luis Borges

Palmireno Couto Moreira Neto (UNICAMP)

Resumo “La ventana sintetiza el gesto solitario del farol. / Apergaminado y plausible film cinemático. / La ventana imanta todas las ojeadas inquietas.” Os versos fazem parte do poema “Insomnio” (1920), de Jorge Luis Borges. Pertencente à “prehistoria ultraísta de Borges”, de acordo com a expressão criada por Guillermo de Torre (1964) para caracterizar a produção do escritor argentino realizada durante a sua participação no ultraísmo, o poema foi publicado na revista espanhola *Grecia* alguns meses antes do retorno de Borges a Buenos Aires. A partir de uma análise de “Insomnio”, no qual consta a primeira referência direta ao cinema realizada pelo escritor argentino (pelo menos, a primeira referência considerando o corpus da obra borgiana definido até o momento), a apresentação abordará a “temporada europeia” de Borges durante os anos 1910 e início dos anos 1920, o seu envolvimento com a vanguarda artística espanhola e o modo como, tanto em Borges quanto em outros escritores próximos ao movimento ultraísta, o cinema foi incorporado como signo da modernidade. Nesse debate, a hipótese central considerada é que a “nova arte”, oferecendo um novo modelo de representação da realidade, inaugurava, segundo a proposição de Paul Virilio (1993, original publicado em 1984), “um ciclo da luz independente e ainda desconhecido”.

A identidade negociada de William Blake em *Dead Man*, de Jim Jarmusch

Igor Gonçalves Miranda (UFS)

Resumo O filme *Dead Man* (EUA, 1996), de Jim Jarmusch, exhibe-nos uma complexa relação intersemiótica entre literatura e cinema. Parte dessa complexidade é baseada na desconstrução do gênero narrativo do faroeste, que representa o desafio da negação (ou visualização) da lamentável história dos povos tradicionais em detrimento do capitalismo industrial. Entretanto, Jarmusch disse claramente que o

faroeste é apenas um “ponto de partida”, o que nos leva a refletir além dos evidentes aspectos históricos e destacar como a cinemática apresenta uma mise en abyme que envolve questões de recepção cinematográfica e literária. Busca-se verificar a “estranheza” que *Dead Man* causa nos espectadores como um espelhamento ou desdobramento da singularidade do protagonista, que se apresenta como Blake e posteriormente tem sua identidade negociada com o poeta e gravurista britânico William Blake (1757-1827), ao cambalear entre a vida e a morte, entre o real e o ficcional. A partir da enigmática homonímia estabelecida, serão cotejados em relação ao filme alguns poemas do referido escritor (2011a; 2011b), com o intuito de iluminar as possibilidades de conexão aqui evidenciadas entre a literatura e o cinema. Esta reflexão apontará para essas questões tendo como norte teórico a tradução intersemiótica de Plaza (2013), a mise en abyme de Dällenbach (1977; 1979), e parte da crítica em torno de *Dead Man* como Smith (2007), Thomas (2011) e Welty (2014).

Armas ofensivas: imagem, palavra e especularidade em *Machado*, de Silviano Santiago

Luís Matheus Brito Meneses (UFS)

Resumo Este trabalho investiga as relações entre imagem, palavra e especularidade em *Machado: romance* (2016), de Silviano Santiago. Nele, temos contato com uma operação híbrida desde o início da leitura: a tela Transfiguração, de Rafael, é a primeira epígrafe; um título que se torna nevrálgico para o romance. Os jogos de espelhamento são contínuos nessa triangulação. O narrador constrói um relato que aponta para os gestos de criação a cada página e, ao mesmo tempo, combina abismos por meio de uma biografia dos últimos anos de vida de Machado de Assis. A partir daí, Santiago transita entre a crítica e a ficção. Nessa obra, as palavras resistem à écfrase, e as imagens ilustram boa parte dos textos enquanto formam uma paisagem do Rio de Janeiro do início do século XX. Para as imagens, há origens e gêneros diversos, por exemplo: a ilustração, a fotografia, o recorte de jornal ou de documento. Para captar esse tráfico, recorreremos aos estudos de Umberto Eco em *Sobre os espelhos* e outros ensaios (publicado originalmente em 1985), assim como aos

estudos de Michel Foucault em *As palavras e as coisas* (publicado originalmente em 1966). Neste trabalho, tomando de empréstimo o título de uma ilustração de Jean-Baptiste Debret (*Armes offensives*, de 1835), falamos das armas santiaguinas como instrumentos para arquitetar um bloco de texto híbrido, cuja etiqueta, neste caso, é o romance. Juntas – imagem, palavra e especularidade –, inscrevem uma contaminação, bem como apontam para fracassos da língua, da linguagem, da experiência.

As grotescas paródias musicais e pictóricas e outros intertextos, em um *Sopro de vida (pulsações)*, de Clarice Lispector

Joel Rosa de Almeida (USP)

Resumo Lispector, em sua obra póstuma, *Um sopro de vida (pulsações)*, dialoga com vários compositores clássicos: Debussy, Chopin, Schoenberg, Beethoven, Bach, Wagner, e de modo mais complexo com os compositores franceses Milheau e Auric, entre outros. Uma de suas protagonistas mais contundentes, Ângela Pralini, é metaforizada como “nota musical aguda” e “cheia do badalar dos sinos” e seu parceiro criador, personagem Autor, “nota musical grave”, em um jogo grotesco de profusão hiperbólica de metáforas e paródias providas também da música clássica, da dança, da pintura e de outras artes. Esse diálogo intertextual (KRISTEVA, 1974) entre as artes é, além de “abismal”, profícuo, na obra de Lispector, que foi também pintora e flertava e dialogava com várias artes e vanguardas. Considerando que Plaza conceitua esses “descaminhos” como “tradução intersemiótica” e Bakhtin evidenciava como a paródia em dessacralização grotesca instaurada no diálogo com os cânones rebaixados, nosso objetivo é investigar e pesquisar como esses diálogos entre as artes e os diversos textos artísticos se realizam e ocorrem e como se evidencia, na obra da autora, a profusão dialógica de vozes entre esses “textos artísticos”, conceito proposto por Lótman (1976), em especial as paródias musicais e pictóricas ocorrentes em miscelânea, com vistas a aprofundar reflexões entre as fronteiras das artes e seus efeitos literários híbridos, bem como levando-se em conta que a autora constrói-os, de modo tenso e denso e altamente elaborado e com recursos de citações, intertextos e alusões, entre outros

efeitos. No âmbito da estética grotesca, o conceito de paródia, estudado por Bakhtin, em seus três volumes de *Teoria do romance* (2015, 2018, 2019) e por Hutcheon, em *Uma teoria da paródia* (1985), são ferramentas robustas a permitirem compreender essa miscelânea e colcha de “retratos” musicais e pictóricos, bastante difusa, na obra da ficcionista.

Da Frantumaglia à desmarginação: o abismo na obra de Elena Ferrante

Tatianne Santos Dantas (UFS)

Resumo Este trabalho tem como objetivo explorar a construção *mise-en-abyme* a partir de duas palavras-conceito que aparecem na obra de Elena Ferrante: a *frantumaglia* e a *desmarginação*. A primeira, uma herança do léxico familiar da escritora, aparece em uma coletânea de papéis, tésseiras e cartas, intitulada “*Frantumaglia: os caminhos de uma escritora*” (2017). A *frantumaglia* encontra reflexo na *desmarginação*, palavra inventada por uma das personagens da tetralogia napolitana, obra mais conhecida de Ferrante, para falar sobre uma sensação de perder as margens do seu corpo e dissolução do Eu nas pessoas e objetos ao redor. O jogo reflexivo das palavras encontra reverberação e ecoa em outros espaços, como o da autoria literária: a narradora da tetralogia se chama Elena Greco, reflexo de Elena Ferrante que, por sua vez, é o pseudônimo de uma voz que diz ter escolhido a ausência como lugar para a criação poética. Partindo do aporte teórico sobre *mise-en-abyme* desenvolvido por Dällenbach (1977), Eco (1989) e Alonso (2017), pretendo pensar as figuras em abismo para Elena Ferrante em *Frantumaglia* e na tetralogia napolitana como marcadores para a construção de um texto que também é corpo de uma autoria sem margens. Para isso, também utilizarei o aporte teórico da Psicanálise, principalmente no que Lacan (1949/1998) traz sobre o estádio do espelho, e Felman (2020) sobre a outra volta na leitura.

Em Busca da Intimidade Perdida: um sorriso épico de Pedro Costa ao cinema de Straub & Huillet

Fernando de Mendonça (UFS)

Resumo Com o intuito de aliar as reflexões desenvolvidas ao longo dos últimos anos neste simpósio, junto aos trabalhos do GT em “Cinema Épico” que agora organizamos no Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), propomos uma reflexão em torno das atualizações do epos no cinema de Straub & Huillet, mais especificamente a partir de seu filme “Sicilia!” (1999) e do processo de adaptação investido para com o romance de Elio Vittorini, “Conversazione in Sicilia” (1941). Indo além das motivações localizadas nessa origem literária e dos naturais desdobramentos intersemióticos daí decorrentes, nortearmos esta abordagem a partir da obra de outro realizador: o documentário “Onde Jaz o Teu Sorriso?” (2001), em que Pedro Costa oferta um olhar ensaístico sobre os bastidores e o processo criativo do casal de cineastas que lhe é tão caro e a quem é devedor de toda uma postura estética. A sobreposição metafílmica de enquadramentos que faz do título luso um apurado cinema sobre o cinema dentro de uma clara estrutura em mise en abyme, interessa-nos pela vertiginosa apropriação épica que instaura, pois, como afirmado por Costa (2012), em entrevista, a possibilidade de grandeza nos gestos íntimos e movimentos mínimos sugere uma das hipóteses para atualização da matéria épica na contemporaneidade. Nesse sentido, retomaremos reflexões já divulgadas através do CIMEEP (MENDONÇA, 2020a; 2020b), avançando nas leituras teóricas propostas em torno de uma pedagogia strauberiana (AUMONT, 2004; DANEY, 2007; DELEUZE, 2007; RANCIÈRE, 2012), com o objetivo de ampliar as possibilidades da matriz épica em releituras cinematográficas.

Entre a cinescrita e a literatura: os modos de subjetivação no cine-ensaio de Varda e escrita de Clarice Lispector

Ana Karla Batista Farias (UNICAMP)

Resumo A pesquisa reflete os modos de subjetivação em devir, à luz do pensamento deleuziano, da cinescritora belgo-francesa Agnès

Varda e da escritora brasileira Clarice Lispector que, através da inscrição subjetiva e da liberdade de experimentação e criação artísticas, contaram narrativas no cine-ensaio e na literatura, que escapam da acepção formal tradicional do cinema e da literatura. Objetiva-se analisar os recursos do processo de subjetivação da cinescrita de Varda e na literatura de Lispector, bem como investigar o diálogo entre o filme ensaio de Varda, *As Praias* de Agnès em consonância com a obra claricieana, sem classificação de gênero ou chamada de antilivro, Água Viva. Para tanto, a metodologia aplicada foi a análise fílmica da cinematografia de Varda, bem como um estudo comparativo das marcas de subjetividade presentes nas narrativas e estilísticas da cineasta e da escritora, com fulcro nos conceitos de subjetividade de Teixeira (2015) e Yakhni (2014), devir de Deleuze e Guatarri (2017), epifania de Sant’Anna (2013) e Mello (2008), estranhamento de Chklovski (1999) e abordagem feminista de Kaplan (1995) e Holanda (2019). Os principais resultados serão mostrar o quão as narrativas dessas duas artistas múltiplas e inventivas, que mesmo atuando em trincheiras diferentes, podem se emaranhar. As experiências e motivações pessoais ancoram as narrativas de ambas, sem contudo, centrar-se e fechar-se no si, dada a abertura para a alteridade e têm como semelhanças: a ruptura de formatos clássicos, o modo de subjetivação e a construção de personagens que escapam dos papéis sociais normativos e estão entregues a um perene devir.

***Hic et nunc* como uma ode à impermanência no romance gráfico *Aqui*, de Richard McGuire**

Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

Resumo Das 296 páginas do seu primeiro romance gráfico *Aqui*, Richard McGuire elege um único lugar, o canto da sala da casa de seus pais, para tecer uma vertiginosa reflexão sobre a efemeridade da vida em nosso planeta. Entre um “aqui” e um “agora” que nunca deixam de fluir, o passado e o futuro irão se sobrepor como em um palimpsesto e ao longo das sequências das páginas, em um arco temporal que abrange a história do planeta entre 30 00500000 AC e 22.175 DC, embora a maior parte da ação ocorra no século XX e primeiras décadas do século XXI. Quando o leitor segura o romance aberto em

mãos, percebe como o próprio formato do livro se alinha como um elemento narrativo da história: a parte interna da lombada corresponde ao canto posterior da sala, ladeado por uma lareira e uma janela, cujo cenário com seu mobiliário e seus personagens irá se modificar, de modo a indicar a passagem do tempo. A engenhosidade deste fato introduz a terceira dimensão na página plana, pois coloca o leitor dentro deste espaço tridimensional e em detrimento da centralização de um mesmo lugar para o desenrolar da narrativa, é na realidade a consciência do leitor que constitui o epicentro do romance. Se a *mise en abyme* lida com a ideia de colocação em abismo, onde, evocando a heráldica, a ideia de centralidade é essencial, temos neste romance um exemplo que evoca esta dimensão em múltiplas facetas às quais pretendemos explorar.

Mise en abyme, visualidade e escultura em A paixão segundo G.H.

Mariana Silva Bijotti (USP)

Resumo O escultor Auguste Rodin certa vez afirmou que, nos versos do poeta Baudelaire, “havia pontos que destacavam-se da escrita, que não pareciam escritos, mas moldados: eram palavras e grupos de palavras que se fundiam nas mãos quentes do poeta, linhas que eram sentidas como relevos e sonetos, que como coluna com capitéis confusos, traziam a carga de um impacto do pensamento” (RILKE, 1995, p. 34). Rodin demonstra, assim, assemelhar a poesia baudelaireana à sua própria arte, a escultura. Na literatura brasileira, uma obra pode ser pensada com certa similaridade a esse depoimento de Rodin apreendido por Rilke: *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, no qual há uma protagonista escultora que, pela força de sua horrível vivência, deve agora escrever para tentar superar o acontecido. A forma desse romance também é incomum: a repetição que rege cada início de capítulo desperta a atenção do leitor e dos estudiosos, sendo vislumbrada pela pesquisadora Mariângela Alonso como um exemplo da técnica *mise en abyme* (ALONSO, 2017), que dá motivo a este simpósio. Assim, o objetivo desta comunicação é propor uma leitura desse romance: como a escultura estaria presente no relato de G.H. e de que maneira o *mise en abyme* pode reforçar essa presença. Se Rodin nota em Baudelaire uma escrita de relevo, moldada

pelas mãos do poeta, e de certa forma visual (comparando-a com capitéis confusos), algo semelhante parece acontecer com a personagem clariciana, que afirma que “nossas mãos são grossas e cheias de palavras” (LISPECTOR, 2009, p. 158) – mãos, essas, ferramentas essenciais do escultor, das quais agora saem o relato (literário) de G.H. A técnica do espelhamento, ao dispor também de certa visualidade da organização dessa narrativa, talvez possa ser uma chave para se compreender a influência da primeira arte de G.H. (escultura) para sua arte pós-experiência, a escrita.

O cruzamento de narrativas e memórias: a mise en abyme em *Terra Sonâmbula*

Luara Carvalho Fontes Menezes (UFS)

Resumo Este trabalho objetiva analisar a obra *Terra Sonâmbula* (2007), do escritor moçambicano Mia Couto, sob as lentes da mise en abyme, conceito deveras frutífero nos estudos literários. Busca-se uma reflexão sobre as narrativas inseridas em outras, visto a obra ser intercalada em ‘capítulos’ e ‘cadernos’ do personagem Kindzu. Os espaços – físicos e mentais –, as memórias e os sonhos são caminhos que o autor toma para que o processo de escrita recaia sobre o próprio ato de escrever, o que, assim como em um espelho, faz com que os capítulos do livro e os cadernos encontrados mirem-se, comparem-se e deem frutos vertiginosos. As análises sugeridas versam sobre a forma com que as contribuições de Claudia Pino (2004) e Nara Antunes (1982), ao trazerem as análises de Dällenbach, são importantes para a compreensão da mise en abyme na obra. Outros autores pertinentes ao tema proposto são trazidos a este estudo: Paz (1993, 1976), em sua contribuição no que diz respeito à linguagem poética e à relação que esta estabelece com o homem; Blanchot (2005), trazendo uma abordagem da linguagem literária como fundadora da própria realidade e Benjamin (1994), ao trazer a figura do narrador. As escritas, em *Terra Sonâmbula*, são colocadas em abismo quando apontam pra outras criações e constroem um passado que se confunde em toda a narrativa com o tempo presente.

O ensaísmo visual de Arlindo Daibert a partir do recurso da *mise en abîme*

Wanessa Rayzza Loy da Fonseca Marinho Vanderlei (UFPE)

Resumo Este trabalho propõe discutir a relação intersemiótica contida nas obras de Arlindo Daibert, em especial as ligadas ao romance Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, publicadas postumamente em Imagens do Grande Sertão (DAIBERT, 1998). Nas suas construções, o artista juiz-forano não almejou criar uma ilustração do texto literário, mas sim quis fazer uma “investigação conceitual” (PONTUAL, 1987) do contexto cultural do universo rosiano, visto que para ele o desenho era uma forma de raciocínio (GUIMARÃES, 1998). Nestes projetos, Daibert produz seu ensaísmo visual a partir de variados recursos técnicos e estilísticos (o desenho a bico de pena e a grafite, a xilogravura, a pintura, a colagem, a aquarela etc.), tendo uma constância de utilização da *mise en abîme* (espelhamentos e sobreposições de planos, por exemplo). Esse recurso pode ser encontrado na própria obra de Rosa ao se atentar para os inúmeros desdobramentos de histórias (DRUMOND, 2018). A partir da utilização desses “causos” como mote, o artista plástico elabora um complexo jogo de espelhos (DÄLLENBACH, 1977 e ECO, 1989), o qual foi ricamente comentado em seu Caderno de escritos (DAIBERT, 1995), tematizando tanto os personagens centrais de GS:V quanto os secundários e as influências culturais e filosóficas rosianas nas suas composições pictóricas (NOGUEIRA, 2006).

O vórtice abissal na ficção de Marques Rebelo

Mariângela Alonso (USP)

Resumo Em um de seus últimos estudos, Lucien Dallenbach (2001) discorre sobre o significado histórico da estrutura do mosaico em nossos sistemas modernos de pensamento, baseando-se na percepção dos fenômenos sociais. O estudioso procura formular uma história estética, lexical e simbólica da forma-chave do espelho, mostrando que a *mise en abyme*, muito mais do que uma simples estrutura, é um motivo sócio histórico que permite dar sentido ao mundo. Nesse

viés, a metáfora do espelho surge em momentos em que a sociedade se vê em instabilidade e em processos de ruptura. Partindo dessas premissas, a presente pesquisa visa a discussão do procedimento narrativo da mise en abyme na trilogia *O espelho partido*, de Marques Rebelo. O enredo se constrói a partir do diário de Eduardo, um escritor carioca, que procura revisitar episódios de sua vida, através de redes de referências evocadas subjetivamente. Trata-se da ficção de uma ficção, escrita com materiais autobiográficos e sociais. A narrativa revela-se como uma espécie de vórtice da obra de Marques Rebelo, ao captar os vários aspectos da vida brasileira, sem negligenciar o que ocorre mundialmente. Escrita na forma de diário, a obra abrange o período do Estado Novo, no plano nacional, e a ascensão do nazi-fascismo, no plano internacional. Nesse grande mosaico, sobressai o reaproveitamento de temas e personagens da ficção anterior do autor, reforçando a ideia de obra monumental e única. Portanto, nosso objetivo é discutir e analisar a trilogia *O espelho partido* a partir do procedimento da mise en abyme. Mais do que um mero motivo estrutural, a composição em mosaico é fundamental para compreender a construção da obra rebeliana, bem como o contexto histórico e social de sua época. Para tanto, revisitamos os estudos de Lucien Dallenbach (2001), bem como de outros teóricos que se debruçaram sobre o tema.

Poesia e fotografia em 3×4, de Armando Freitas Filho

César de Oliveira Santos (UFS)

Resumo O livro *3×4* (1985), do poeta carioca Armando Freitas Filho, é marcado por uma recorrência de metáforas ligadas à visão. Olhos vendados, lagos, espelhos e paisagens que olham são alguns exemplos da obsessão do eu-poético pelo ver(-se), pelos princípios de uma consciência metalinguística que tematiza o processo criativo da escritura. Nesta comunicação, propomos debater particularmente as metáforas ligadas à fotografia, cuja relevância se dá a ver já no título da obra e traça uma radicalização no processo de experiência e confrontação do eu-poético com uma exterioridade que também o habita. Em termos barthesianos, se de um lado temos o contexto, o estúdio (*studium*), das dimensões metafóricas, de outro, temos o particular,

o pontual (punctum), o “pixel” elementar do que se revela – elementar no sentido de elemento e de essencial. Para a defesa desse ponto de vista, além de Barthes (1984), lançamos mão das concepções de imagem poética de Bosi (2000) e de Paz (1982; 1984), de metáfora em Ricoeur (2000), de percepção em Merleau-Ponty (1994; 2013) e Didi-Huberman (2010) e de fotografia de Sontag (2004), no esforço analítico de demonstrar que, ao tocar no fenômeno da visualidade, 3x4 elimina as fronteiras do clássico esquema sujeito-objeto – ainda vigente nas tentativas de compreensão da relação do homem com o mundo – e potencializa o papel humanizador e subjetivo da literatura.

**Um álbum de viagens das memórias pessoais:
uma breve apresentação de *América Latina:
Traição e outras viagens*, de Banana Yoshimoto**

Joy Nascimento Afonso (UNESP)

Resumo A coletânea de contos *América Latina: Traição e outras viagens* (*Furin to nambei – sekai no tabi 3* – 2000), da autora contemporânea japonesa Banana Yoshimoto tem como foco principal sete contos narrados por sete mulheres japonesas, acompanhadas ou não, em viagem à América Latina: Argentina, Paraguai e Brasil. A obra, que no Japão é definida como um romance devido à extensão e temática da obra é analisada em nossa tese de doutorado como uma coletânea de contos, embasando-nos na teoria de Cortázar (2006) em que os contos funcionam como fotografias em movimento dos espaços narrados. As fotografias e ilustrações que acompanham as narrativas da coletânea são do fotógrafo Masahiro Yamaguchi e do ilustrador Masumi Hara respectivamente, possibilitam a leitura da obra como um álbum de fotografia, no qual as narradoras, na escrita viajam para dentro de si em espaço estrangeiro e os leitores, junto das narradoras, tem acesso ao lugar que as rodeia, revelados nas fotos e ilustrações que acompanham a obra. A escrita e a imagem se contra-põem ou se completam de acordo com narrativa apresentada. Esse trabalho tem como objetivo apresentar a obra, junto com as fotografias e ilustrações contidas nesta, em que se reforça a sobreposições de significados e culturas.

Simpósio 58**Literaturas hispânicas em diálogo:****memórias, histórias e narrativas nos séculos XX-XXI**

Luciana Ferrari Montemezzo (UFMS)

Phelipe de Lima Cerdeira (UERJ)

Rosane Maria Cardoso (FURG)

Resumo O presente simpósio tem por objetivo discutir e refletir sobre as literaturas de língua espanhola produzidas nos séculos XX e XXI, partindo da análise de seus contextos de produção e de recepção, tendo em vista as relações que elas estabelecem com o Brasil. A proposição de friccionar os múltiplos espaços de enunciação do universo hispânico, a partir dos horizontes de recepção e de crítica estabelecidos em universidades e grupos de pesquisa, amplia a busca pela fissura de determinado campo de poder (BOURDIEU, 1990, 2002). Esse processo reverbera conjuntos de epistemologias outras (MIGNOLO, 2003), capazes de escapar de hipertrofias e ideias de literaturas nacionais sistematizantes, que pouco parecem dialogar com as expectativas e exigências trabalhadas via Literatura Comparada, há muito, libertas do estigma do texto devedor (COUTINHO, 2004). Ao resgatar postulados como os estabelecidos por Claudio Guillén (1985), fomentamos o quanto parece ser, sobretudo na América Latina, cada vez mais produtora o exercício que prevê o pensar literário, a partir de uma dialética entre o local e o pretenso universal, entendendo que a única constante verdadeiramente possível é a da pluralidade. Da década de 30 – entendida como um ponto de inflexão para pensar as literaturas hispânicas para além das múltiplas contribuições das estéticas vanguardistas –, passando pelo boom – movimento-chave para que a literatura se transforme em personagem de si – e pelo pós-boom, são diferentes as experiências que nos permitem pensar a literatura a partir de suas mutações (PERRONE-MOISÉS, 2016). Por outro lado, é preciso considerar as situações de pouco prestígio que o português e o espanhol ocupam no que Pascale Casanova (2002) denominou “República Mundial das Letras”: um espaço de origem eurocêntrica que se espalha de forma irregular e desigual pelo planeta. Sob tal ponto de vista, as desigualdades tornam-se mais evidentes nos países colonizados. Entendemos que as literaturas estrangeiras surgem em um novo sistema literário devido à demanda

de novos leitores. Esses leitores procuram, a partir de textos estrangeiros, preencher uma lacuna deixada pelo seu próprio sistema literário. Em busca da diversidade de vozes e de multiculturalidade, o leitor de um texto em língua estrangeira almeja aquilo que não é dito – ou é dito de modo diverso – na sua língua. Seja por meio de divulgação editorial, viagens, publicidade, críticas literárias, correspondências, prefácios, traduções (anotadas e comentadas ou não), entrevistas ou por informações divulgadas em rede, os leitores ampliam seus horizontes para além de sua língua materna e passam a desejar ler autores estrangeiros. De acordo com Carvalho (2003), esses elementos, somados aos “fenômenos editoriais, as revistas e jornais literários”, são fundamentais para a divulgação do conhecimento. Nesse espaço, os novos textos são recebidos pelo novo público. Além disso, tais fontes podem trazer à tona aspectos relevantes, insólitos, obscuros sobre a biografia ou a obra de um determinado autor ou período literário. Compreender que aspectos chamaram a atenção do público brasileiro para um autor que não faz parte da sua cultura e que não escreve na sua língua potencializa o diálogo e estabelece vínculos que fortalecem a memória cultural entre diferentes povos e culturas. Para Steiner (2005), “cada língua mapeia um mundo diferente”. Nesse sentido, interessa mapear os espaços percorridos para que os textos produzidos em língua espanhola cheguem ao público brasileiro. Portanto, este simpósio, cujo eixo parte da premissa de estabelecer diálogos entre as literaturas hispânicas, receberá propostas de trabalhos inseridos nas seguintes temáticas: a) o desenvolvimento das literaturas escritas na Península Ibérica e na América em contraste, fortalecendo a quebra de hierarquias entre as partes; b) a retroalimentação cultural e literária entre escritores e escritoras desde o século XX; c) estudos tradutórios de obras publicadas a partir do século XX; d) estudos e pesquisas que expandam as lacunas e silenciamentos sistematicamente perpetrados pelas historiografias literárias, valorizando as autorias feminina, indígena e afro-hispânica; e) problematizações acerca de vozes periféricas apagadas por processos ditatoriais e/ou hegemônicos, dando vazão para experiências de migrações, exílio e insílio; f) leituras de poéticas que discutam os múltiplos encontros e desencontros dos discursos ficcional e histórico; g) problematizações sobre os conceitos de autoficção e escritas do eu; h) trocas culturais e memória histórico-literária; i) fontes primárias: o papel de entrevistas e de epistolários na fortuna crítica de

um autor; j) interpretação e divulgação de autores contemporâneos: temas e metodologias de pesquisa comparatista.

O livro dos abraços: tradução anotada de dois relatos; escrita por Eduardo Galeano (1940–2015)

Gelen Adriana Alvez Astigarraga Freitas (UFSM)

Resumo Os estudos de literatura comparada visam, desde estudos de recepção, de intermediação cultural, até estudos comparativos críticos que envolvam obras literárias brasileiras e de outras literaturas, passando por estudos que contemplam a relação da literatura com outras artes. O propósito nesta comunicação é a tradução anotada e comentada *O livro dos abraços*, escrita pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano que é composto por 191 relatos breves. Os relatos que compõem o livro carecem de unidade temática, não possuem um fio condutor que os relacionem. No entanto, são produto de uma mesma atividade: a memória. Cada texto evoca diferenças da vivência do autor, recuperando, tanto para si mesmo, como para o leitor, uma vasta quantidade de experiências. Esta foi a maneira que o autor encontrou de criar o presente, lembrando o passado, em uma coleção de textos breves que dão voz de um modo íntimo, muito humano, a pessoas não ouvidas de pequenas tribos ou de grandes centros: índios, crianças, presos, torturados, heróis de bairros, exilados, abalados amantes ou poetas. Dezenas de histórias que passaram despercebidas sem o exercício da memória que significa este livro. Contudo, é possível ressaltar uma particular tendência para as descrições e as lutas de quem vive no mundo sem poder, os “zês-ninguém: os filhos de ninguém, de nada” (Los nadies – p. 52). “Onde se recebe o rendimento per capita? Há mais de um morto de fome” (Los numeritos de la gente – p. 57).

A câmera atenta: o espetáculo da morte e da violência em duas narrativas hispano-americanas do século XXI

Eulálio Marques Borges (UFMG)

Resumo O imaginário em certa medida folclórico e romantizado da América Latina, recorrente em obras da segunda metade do século XX, como *Cien años de soledad* (1967), há muito perdeu o grande

espaço que tinha na literatura da região. Nomes como os do boliviano Edmundo Paz Soldán e do argentino César Aira, para citar apenas dois exemplos, nos mostram, ao contrário, narrativas contemporâneas que desvelam cidades hispano-americanas estratificadas, violentas e apenas pretensiosamente modernas. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é trazer à baila, a partir das obras *Sueños Digitales* (2000), de Paz Soldán, e *La villa* (2001), de Aira, uma característica comum a algumas obras de escritores hispânicos do século atual: a espetacularização da morte e da violência a partir das tecnologias. A ideia de sociedade do espetáculo surgiu, inicialmente, com Guy Debord (1967) e sua crítica à sociedade capitalista e ao consumo excessivo. Porém, outros estudiosos, a partir de diferentes perspectivas, também aportam para as discussões acerca dessa temática. Susan Sontag (2004), por exemplo, se atenta à naturalização e à difusão de fotografias chocantes, enquanto Christian Ferrer (1996), Beatriz Sarlo (2013) e Boris Groys (2014) nos ajudam a refletir sobre as complexas relações entre ser humano, tecnologias, meios de comunicação e exposição excessiva de/a imagens. Destarte, esse trabalho se justifica por propor, a partir dos enredos de dois romances contemporâneos em língua espanhola, reflexões atinentes à atualidade e referentes às formas, muitas vezes pouco éticas e responsáveis, com as quais lidamos com os bens tecnológicos ao usá-los como meios pelos quais cenas e/ou situações trágicas se tornam espetaculosas.

A reconstrução de uma personagem histórica do século XIX ao século XX: Mariana Pineda, de Federico García Lorca

Bárbara Loureiro Andreta (UFSM)

Resumo O presente trabalho objetiva comparar a figura histórica do século XIX, Mariana Pineda, e a personagem dramática Mariana Pineda, criada por Federico García Lorca no século XX, em obra publicada em 1925 (GARCÍA LORCA, 1955). A personagem histórica, assim como a personagem dramática, defendeu a causa liberal no período absolutista de Fernando VII. Tendo sido condenada por tal feito, Mariana Pineda foi uma das vítimas do retorno de Fernando VII ao absolutismo, após a intervenção da Santa Aliança, colocando fim ao triênio liberal 1820-1823. Inicia-se, então, um período de extrema

repressão, sem que maiores obstáculos sejam colocados a Fernando VII. Cabe ressaltar que, segundo Martín (2013), na Espanha daquele período, liberalismo era a oposição ao despotismo, representava uma reivindicação à implantação de uma Constituição que garantisse as liberdades individuais e públicas assentadas sobre os dois pilares do sistema político liberal: a soberania nacional e a divisão de poderes. Entretanto, além das semelhanças, a personagem histórica e a personagem dramática apresentam diferenças significativas, uma delas é a ênfase aos motivos amorosos e afetivos dados por García Lorca no drama. Pretende-se, assim, compreender, à luz da literatura comparada, as diferenças entre essas personagens e as possíveis relações que tais desconformidades tem com o contexto histórico em que a obra foi produzida.

As memórias de Vargas Llosa na literatura do Boom hispano-americano

Rocio Del Carmen Celis Lozano (UnB)

Resumo Nesta comunicação elucidamos sobre as memórias do escritor peruano Mario Vargas Llosa e na sua narrativa no Boom hispano-americano. O romance *La ciudad y los perros* mostra em seus personagens uma gama de aspectos pessoais do próprio escritor, assim as memórias de infância e adolescência fazem parte da ficção. A novela narra as vivências dos adolescentes internos no colégio militar, sendo este espaço narrativo onde acontecem uma série de violências, abusos e maus tratos entre os alunos do colégio. O enredo da novela acontece desde que é delatado o aluno que roubou o gabarito da prova de química da turma, o aluno que delatou morreu durante o treino militar da turma. Esta morte “acidental” e os detalhes das violências e fatos que ocorrem com os alunos são o que demonstra grande informação cultural não só com o idioma espanhol senão também com a história cultural peruana. Apresentaremos também, de maneira sucinta, a vida escolar, a trajetória acadêmica e literária do autor, contextualizando-o bem como seus romances na América do Sul e na literatura mundial. O romance *La ciudad y los Perros*, o primeiro de uma série de tantos romances, representa magistralmente tudo o que um bom escritor pode representar nas letras castelhanas,

a ousadia, o bom uso do idioma e sem dúvida digno representante do tão celebre Boom hispano-americano. A pior lembrança de sua infância é relacionada com a época em que estudou no Colégio Militar Leoncio Prado conforme o desejo do seu pai. O escritor entrou no colégio e logo se refugiou na leitura de obras clássicas, evitando atritos com os colegas.

Mare, no entenc els salmons: el exilio republicano español em um conto de Montserrat Roig

Katia Aparecida da Silva Oliveira (UNIFAL-MG)

Resumo O exílio republicano espanhol é um tema que surge em diferentes obras da escritora catalã Montserrat Roig (1946-1991). No conto “Mare, no entenc els salmons” (traduzido para o espanhol como “Madre, no entendo a los salmones”), publicado originalmente na revista *Els Marges* (1979) e incluído no livro de relatos *El cant de la joventut* (1989), Roig recupera sua experiência como jornalista ao entrevistar e estabelecer laços de amizade com diversos exilados. No conto, o exílio, entendido como uma fratura incurável entre o exilado e seu lugar de origem (SAID, 2001), é retratado por meio da voz do narrador que apresenta duas situações: a primeira, um diálogo entre a personagem Norma e seu filho sobre os salmões e seu retorno ao lugar de nascimento para se reproduzir; e a segunda, o encontro de Norma com um grupo de exilados para visitar um cemitério de republicanos espanhóis na França. As duas situações surgem em paralelo e os salmões são tomados como uma metáfora do exilado. A memória dos salmões e a dos exilados é entendida como parte essencial de sua natureza, mas, ao mesmo tempo, nota-se tanto a dificuldade de comunicá-la como a inabilidade, por parte de quem ouve, de compreendê-la. Nesse sentido, o que proponho é uma leitura do conto de Montserrat Roig que discuta a forma como o exilado é representado e que reconheça como a escritora foi capaz de reconstruir a experiência do exílio, suscitando a reflexão e um olhar crítico acerca dela.

O gaúcho além dos pampas: a nueva narrativa argentina anticipatoria

Priscila Maria de Souza Dantas (UFRJ)

Resumo Discussões acerca de civilização e barbárie no contexto literário argentino necessariamente abordam a idealização de seu espaço urbano e moderno, tema largamente abordado a partir do célebre *Facundo* (1845), de Domingo Faustino Sarmiento. Nesta pesquisa, consideram-se as transformações das imagens da cidade literária de Buenos Aires em obras canônicas do século XX e como ela se apresenta no romance *Cadáver exquisito* (2017), de Agustina Bazterrica (1974-). Seu enredo apresenta uma cidade bem desenvolvida e organizada em algum tempo futuro, após recuperar-se de uma grave crise sanitária com o advento do canibalismo. Como proposta metodológica, foram utilizadas as contribuições de Beatriz Sarlo a respeito das transformações dessa cidade literária e de Eduardo Becerra (2016) para melhor compreensão das novas distopias. Além desses autores, Fernando Reati (2000), Díez-Cobo (2019), Pérez Gras (2020), e Lucía S. Vazquez (2020) dialogam acerca dos fatores que influenciaram as mudanças nesse imaginário, para o que seriam as nuevas narrativas argentinas anticipatorias, cujas imagens atualizam antigos símbolos nacionais trabalhados na sua literatura fundacional, para projetá-los no futuro pós-apocalíptico, mas conservam como referencial o passado idealizado em Sarmiento, presentes na nova vida urbana. Em vista dessas considerações, propõe-se apresentar aspectos contemporâneos na identidade da ficção científica argentina, especificamente nas distopias, para uma reflexão acerca da representação da cidade pós-apocalíptica e sua dinâmica no cotidiano do protagonista do romance em análise, Marcos Tejo, aquele que assume características de um gaúcho do futuro. Nesse panorama, destaca-se a crescente produção do gênero a partir do século XXI e sua preocupação a partir da organização e do controle do espaço urbano que se configura a nova barbárie, contrariando as expectativas de um futuro civilizado.

O olhar andaluz em *Impresiones y paisajes*: tradução comentada e anotada de “Albaicín” de Federico García Lorca

Ariane Fagundes Braga (UFMS)

Resumo Este trabalho tem como finalidade a realização de uma tradução comentada e anotada do subcapítulo “Albaicín” presente no capítulo “Granada” do livro *Impresiones y paisajes* (1918) de Federico García Lorca (1898-1936). A obra literária representa a produção de um Lorca ainda adolescente que retrata o seu olhar sobre a Espanha, em especial sobre a Andaluzia natal. Em “Granada” é possível observarmos as ricas descrições que nos conduzem ao imaginário da paisagem andaluza. No caso específico de “Albaicín”, o texto faz referência ao tradicional bairro árabe medieval de Granada, descrevendo a arquitetura, a paisagem e o ambiente do lugar. O olhar jovial do autor, nítido em *Impresiones y paisajes*, é pouco conhecido no Brasil, pois as suas obras mais populares são a trilogia *Bodas de sangre* (1933), *Yerma* (1934) e *La casa de Bernarda Alba* (1936), representativas do teatro lorquiano. Além disso, Lorca é reconhecido como poeta, com obras como *Canciones* (1927), *Romancero gitano* (1928), entre outras. Por meio de uma tradução comentada e anotada, buscamos trazer à luz, ao leitor brasileiro, as referências necessárias para o entendimento dos aspectos socioculturais e geográficos da Andaluzia que estão presentes no texto, fornecendo elementos que contribuam no enriquecimento da experiência de leitura. A tradução é entendida como um procedimento comunicativo e como uma mediadora entre culturas, na perspectiva de Carvalhal (2003). Logo, para além das questões linguísticas do processo tradutório, é necessário que o tradutor atue na mediação entre culturas. Aplica-se, neste trabalho, o método de apresentação de quadros comparativos que serão utilizados para a realização do processo tradutório.

Procedimentos de escrita e estratégias narrativas no romance

Antonio Gerson Bezerra de Medeiros (UFRJ)

Resumo Passados trinta anos da morte do escritor argentino Manuel Puig (1932-1990), sua obra permanece instigante e relevante no

cenário da literatura latino-americana. Esta comunicação terá como foco de estudo os procedimentos e estratégias narrativas nos romances “Sangue de amor correspondido”. Alan Pauls, ao pensar o modo de escrita puiguiana, elaborou a imagem dele como um escritor vampiro. O vampirismo apontado, pode ser analisado como um procedimento que Puig experimentava para que mobilizasse a sua escrita. Um exemplo dessa prática resultou na escrita do romance em questão, no qual Puig entrevistou um pedreiro que trabalhava em seu apartamento no Rio de Janeiro e gravou as conversas que teve com ele. Puig é também um referencial poderoso para se pensar a relação entre literatura e visibilidade. Os romances de Puig ainda se mantêm relevantes, porque privilegiam outras identidades sociais, dando protagonismo às personagens femininas, às personagens da classe trabalhadora e aos homossexuais. Dentre os romances de Puig, a escolha de “Sangue” para essa comunicação se deve pela possibilidade que essa obra permite de se analisar as relações de um escritor argentino com a realidade brasileira, pelo registro das vozes periféricas, e por ter sido escrito em Português e, posteriormente, traduzido pelo próprio autor para o Espanhol. É por meio de um relato, das lembranças do pedreiro, que o romance é engendrado, revelando o papel da memória como o local, tal como na escrita ficcional, onde se mesclam realidade e fantasia. Puig reconstrói esse relato por meio de um trabalho de reelaboração estética de um discurso oral. Trata-se de uma narrativa que é constantemente ambígua e que se assemelha ao papel da reconstrução da memória, por trabalhar com os resquícios, com a fisura, com as lacunas existentes, que a recordação/ ficcionalização tentam preencher e que demandam uma participação ativa e uma leitura atenta.

Tecer e destecer: a memória como prática metaliterária em três romances de María Teresa Andruetto

Phelipe de Lima Cerdeira (UERJ)

Resumo Se considerarmos as múltiplas fricções e os choques causados pelo solapamento entre os discursos histórico e ficcional na Argentina, passa a ser verossímil entender como um país tem limitado diferentes espaços de enunciação por conta de um porto-cidade,

mediante um movimento de concentração centrípeta responsável por criar a metáfora da “cabeza de Goliat” (MARTÍNEZ ESTRADA, 2011). Segundo essas hipóteses e oferecendo uma maneira outra para se pensar nas produções de ficção histórica, construiu-se o tropo literário *Argentum Córdoba*, uma epistemologia de leitura apresentada para responder os estudos de ficção histórica no País do Prata de acordo com a observação de diferentes escritores que enunciam a partir do campo intelectual cordobês (BOURDIEU, 2002). Partindo desse tensionamento, esta comunicação tem como objetivo propor uma leitura conjunta dos romances *Tama* (1997), *Lengua Madre* (2010) e *Los manchados* (2015), de María Teresa Andruetto, valorizando as relações entre as três diegeses a partir do tecer e destecer da memória. Na poética andruetteana, a memória – ou melhor, as memórias – se transforma(m) em insumos fundamentais do tecido narrativo. Como fundamentação teórica desta leitura, destaca-se a incursão não apenas ao que se refere à lógica da hipertrofia crítica argentina desenvolvida desde a geração de 1837, valorizando discussões a respeito do rumo da ficção histórica (WEINHARDT, 2010; 2011) (ESTEVES, 2018) (FLECK, 2018), além do impacto causado pelo (re)posicionamento do que se costuma entender como histórico (BURKE, 1993), tendo como eixo de reflexão a memória individual enquanto arquitetura narrativa possível da construção de um dado coletivo.

Tensividades do discurso fascista em *Soldados de Salamina* de Javier Cercas

Alexandre Silveira Campos (UNESP)

Resumo O objetivo deste trabalho é perscrutar, a partir da análise do romance *Soldados de Salamina* (2001) do escritor espanhol Javier Cercas, como foram constituídos os procedimentos estéticos que começaram, no caso ibérico, no início da década de 1980 a partir de seus entrelaçamentos com os processos históricos desse período: o fim da ditadura franquista, a retomada da democracia e mais recentemente, os movimentos separatistas e protecionistas. Identificando, assim, quais são as relações tensivas, no sentido da teoria semiótica de Claude Zilberberg (2010), dos valores fascistas e democráticos postos em cena e que criam, a partir de 1978, com a morte do ditador

Francisco Franco, um caráter múltiplo da construção da identidade literária e social espanhola. O romance conta a história de um jornalista que se sente um escritor fracassado e que vai atrás de investigar a história do escritor e um dos idealizadores do fascismo espanhol, Rafael Sanchez Massa, personagem real, e de como este, ao ser capturado pelas tropas esquerdistas, escapou de um fuzilamento e, ao cair em uma vala, teve sua vida poupada por um dos soldados comunistas. Portanto, o trabalho pretende abordar como o final do século XX e o início deste século XXI tem marcado no ocidente, e de modo geral em todo o mundo, um período de grandes mudanças e enfrentamentos políticos, sociais, estéticos e filosóficos. No caso específico espanhol, o país está atualmente mergulhado em uma série de conflitos das mais diversas ordens: sociais, políticas e partidárias que envolvem questões fundamentais, como o separatismo, a xenofobia, o racismo, o protecionismo econômico e a ascensão – ou retorno – de novas formas de ideologias ultraliberais e fascistas. Ao lado disso tudo, a produção literária, estética, artística e intelectual se vê forçada a agir, interagir e reagir.

**Tradução da escrita feminina contemporânea na Espanha:
“Operación cancelada”, de Rosario Pérez Blanco**

Luciana Ferrari Montemezzo (UFSM)

Resumo Considerando o papel determinante do tradutor como introdutor de uma nova literatura nos sistemas literários nacionais (CARVALHAL 2003), este trabalho visa a apresentar a tradução do relato “Operación cancelada”, de autoria da madrilenha Rosario Pérez Blanco (1958), ainda inédito no Brasil. O processo tradutório contou com a participação da autora, que esclareceu questões específicas, sobretudo em relação aos aspectos culturais que o relato encerra. Para tanto, contextualizou-se a obra de Pérez Blanco, a partir de sua própria produção literária e das atividades do grupo autodenominado “El laurel de la azotea”, do qual ela participa ativamente: um grupo formado por mulheres que procuram, por meio da palavra, encontrar um espaço de enunciação de vozes individuais. Vozes estas que, reunidas, tornam-se coletivas. Nesta busca por espaço, que Wollf (1929) chamou de “um quarto só seu”, o grupo de Granada vem

encontrando também seu espaço, seja ele físico (a “azotea”) ou editorial. “Operación cancelada” integra o livro de contos “Espacios sin cobertura” (Editorial Istories, 2019), obra que discorre sobre relações de toda ordem, nas quais a incomunicação – paradoxo do nosso tempo – dá a tônica. A autora mora em Granada desde 2005, onde trabalhou como orientadora educacional e também começou a desenvolver mais intensamente sua carreira literária. Antes de “Espacios sin cobertura”, publicou dois livros de poemas: “Travesía Peligrosa” (1999) e “Naufragios Transparentes” (2007). Além deles, publicou em antologias de relatos. A tradução que ora se apresenta tem o intuito não apenas de dar a conhecer a escritora e sua obra para um novo público, mas também de refletir sobre o processo tradutório como interlocução, demarcado histórica e culturalmente.

Simpósio 59**Literaturas latino-americanas de expressão francesa**

Danielle Grace de Almeida (UFRN)

Dennys Silva-Reis (UFAC)

Rosária Cristina Costa Ribeiro (UFAL)

Resumo Ao propor um simpósio dedicado às literaturas latino-americanas de expressão francesa, sabe-se da complexidade que o tema envolve (SILVA-REIS, GYSSELS, 2020). A começar pelos impasses suscitados pela tentativa de definição de uma produção literária que, distante do hexágono, possa fundamentar suas próprias raízes identitárias. Enquanto, para o leitor comum, a França conserva a imagem de país da literatura, desde o século XX, com as reflexões trazidas pelos escritores da Negritude, tornou-se incontornável teoricamente considerar a literatura em língua francesa uma produção que não se restringe às fronteiras desse país. A política expansionista francesa percorreu séculos difundindo a língua pelos cinco continentes. No que concerne à América Latina, esses espaços geográficos, hoje ex-colônias, como a República do Haiti, ou territórios franceses, ditos *outre-mer*, como algumas ilhas do Caribe e a Guiana Francesa, são palcos de uma literatura que continua a dramatizar os conflitos advindos da violência colonial. A língua é, portanto, um terreno tão arenoso quanto mágico, fundado, por vezes, pela sintaxe das línguas crioulas, ou pelo desejo de reconhecimento através de um língua de tradição literária, submetendo aqui e ali a língua dos clássicos franceses à descrição rústica da paisagem tropical. Ou ainda, narrativizando *diegeses* propriamente identitárias da América Latina em língua francesa. Trata-se de uma literatura constitutiva de um trânsito, permitindo a circulação de identidades através de um procedimento dialético que Édouard Glissant (1990) definiu como “poética da relação”. Nesse contexto, as narrativas de expressão francesa na América Latina participam principalmente de correntes que se complementam e se completam em um mosaico multicultural, marcado pela resistência de René Ménil, e pela (re)existência de Price-Mars, Maryse Condé ou Vincent Placoly. Seja pertencente a uma tradição oral (oralitura), seja a uma tradição escrita, ou de ambas, seja na literatura infanto-juvenil, contos, narrativas orais, romances, novelas, compõem um quadro tão diverso quanto suas produções, marcadas

pela, heteroglossia, pela polifonia (SATYRE, 2004) e pelas ressonâncias (GLISSANT, 1990). Assim, no que diz respeito às propostas de trabalho ligadas à narrativa, um dos objetivos do simpósio é celebrar a multiplicidade de vozes e culturas, contemplando as expressões em língua francesa publicadas nesse território tão violentado como a América Latina. Inclui-se aqui as produções que tenham como corpus publicações narrativo-argumentativas, como os ensaios de Christiane Taubira. Dessa forma, esperamos contribuir para a legitimação dessas produções e ampliação da divulgação de seus crescentes estudos, em toda sua heterogeneidade, em busca de seus próprios cânones. No que diz respeito à poesia, pretendemos reunir trabalhos que mostrem o adensamento das relações de diversidade na construção de um projeto, que, mesmo sendo poético, não deixa de acenar para o político, nos termos de Jacques Rancière (1995; 2009). Em relação a esse aspecto, vale pontuar o papel fundador da poesia nas literaturas latino-americanas de expressão francesa. Desde o encontro entre Aimé Césaire (Martinica), Léon Gontran-Damas (Guiana Francesa) e Jacques Roumain (Haiti) nos anos 1930 e 1940, a poesia tem se estabelecido como uma arte que apresenta o pensamento anticolonialista através de uma sofisticada operação estética. Na contemporaneidade, a produção poética parece confluir dois aspectos essenciais: o diálogo com a tradição, inaugurada por esses e outros conterrâneos, e as questões socioculturais que se avultam no presente. Nesse sentido, destacam-se poetas como Frankétienne e Elie Stephenson, além de importantes vozes femininas, como as de Evelyne Trouillot, Assunta Renau Ferrer e Suzanne Dracius. Apesar da escassez de estudos teóricos no Brasil e de traduções para o português, que limita a circulação de tais obras, podemos notar um aumento considerável de estudos nos últimos anos. Portanto, esperamos acolher trabalhos que discutam relações literárias comparativas com a produção brasileira, implicações tradutórias e mecanismos estéticos que envolvam a poesia desses países. Por fim, porém não menos importante, o texto teatral latino-americano de expressão francesa, enquanto objeto dos Estudos Literários Francófonos, parece ser o mais pobre no baú da fortuna crítica literária brasileira. Isso ocorre por dois motivos principais: a efemeridade deste texto que muitas vezes é encenado, mas não publicado; e, pela dificuldade de acesso às obras em si como publicação literária (BÉRARD, 2009). Os estudos do texto e até mesmo da cena teatral de expressão francesa no Caribe e na América do Sul

podem trazer grandes contribuições aos estudos literários e linguísticos descortinando aspectos étnicos, sociais e linguageiros dessas diferentes comunidades que compartilham a língua francesa escrita e oral neste espaço pluriétnico. Até mesmo autores muito conhecidos pela prosa são ainda desconhecidos no aspecto teatral – tais como Maryse Condé, Édouard Glissant, Jean Métellus, dentre outros. Interessante notar que muitos dramaturgos latino-americanos de expressão francesa são igualmente autores, diretores de teatro e críticos literários teatrais, como por exemplo, Odile Pedro Leal (1995, 2001), Gerty Dambury (2015, et ali 2018) e Pierre Chambert (2015). Logo, tentacionamos com este simpósio impulsionar estes estudos, ainda incipientes no Brasil.

Cartas a uma negra e Quarto de despejo: as experiências do BUMIDOM para as antilhanas e as da favela para os favelados

Samanta Siqueira (UFRGS)

Resumo A partir dos livros *Lettres à une noire* (1978), da escritora martinicana Françoise Ega (1920-1976), e *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (1960), da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) proponho uma análise dos processos históricos e sociais apresentados nessas obras à luz da categoria de Amefricanidade, de Lélia Gonzalez (1988). A publicação de *Quarto de despejo* revolucionou sua época: a obra narra de maneira objetiva a realidade vivida pela população marginalizada nas então recentes favelas de São Paulo. A partir de um resumo do livro, traduzido para o francês, Françoise Ega, uma martinicana que emigrou para a França, não somente se identifica nas palavras da brasileira, como enxerga também o dia a dia de muitas de suas companheiras imigrantes antilhanas. A martinicana logo transforma a brasileira em sua correspondente e lhe conta, através de cartas nunca enviadas, a realidade das “irmãs” ultramarinas recém chegadas à cidade de Marseilha por meio do Bureau pour le développement des migrations dans les départements d’outre-mer. As cartas de Françoise para Carolina tomam forma de um romance epistolar que acaba de ser publicado no Brasil: *Cartas a uma negra* (2021). Como defende Maryse Condé em “La parole des femmes” (1993), as romancistas antilhanas foram

bastante apagadas da História literária. Entretanto, Ega é uma das provas de que “La parole des romancières est peut-être de nature à éclairer et à faire comprendre le complexe univers antillais”. Da mesma maneira que De Jesus traz a discussão social sobre a periferia, Ega é a primeira autora a trazer à tona um contexto histórico bastante importante para a população antilhana na França: o BUMIDOM. Entendendo que as duas escritoras partem do espaço etno-geográfico Améfrica (GONZALEZ, 1988), debate como suas escritas podem ser compreendidas dentro de uma historiografia literária latino-americana – ou amefricana.

Do Caribe à totalidade-mundo: usos possíveis da noção de prefácio em Édouard Glissant

Ella Ferreira Bispo (UFPI)
Alcione Correa Alves (UFPI)

Resumo O objetivo da presente comunicação é discutir as condições a uma apropriação da premissa do Caribe como prefácio às Américas, investindo na formulação proposta por Édouard Glissant em *Introduction à une poétique du Divers* (1996), em diálogo com outras perspectivas articuladas desde o pensamento caribenho contemporâneo (MOREJÓN, 1996; BENÍTEZ-ROJO, 1989). Enquanto desdobramento da discussão proposta, apresentamos a apropriação da mencionada premissa glissantiana como base a uma ferramenta metodológica aos estudos de literaturas amefricanas e, particularmente, no que tange a este Simpósio, de literaturas negras caribenhas tomadas como parte de um conjunto mais amplo das literaturas negras americanas (ALVES, 2013; 2018; 2020). As possibilidades e limites da premissa do Caribe como prefácio às Américas têm subsidiado estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa e Extensão Te-seu, o labirinto e seu nome, assim como de sua atuação no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, mediante a hipótese de que as referidas apropriações colaboram ao alargamento dos contornos disciplinares do campo da Literatura Comparada: sob os termos enunciados, a noção de prefácio habilita novos problemas e soluções modelares (KUHN, 1998) à comunidade científica dedicada aos estudos das literaturas americanas.

No quadro das atividades realizadas pelo referido Projeto de Pesquisa e Extensão, busca-se deduzir, a médio prazo, a potencialidade da noção de prefácio ao estabelecimento de redes intelectuais americanas (DEVÉS-VALDÉS, 2007; 2012; GONZÁLEZ, 2018), no estímulo à circulação de pensamento tributário ao lugar amefricano, assim como a uma construção de conhecimento rizomática, solidária e arquipélica.

Narrativas históricas guianenses e a construção do espaço romanesco: o caso de *Le nègre du gouverneur*

Rosária Cristina Costa Ribeiro (UFAL)

Resumo Desde o final do século XVIII os romances históricos acompanham a busca pela identidade e pela representação literária de um povo. Ao explorarmos narrativas históricas, o cronotopo (BAKHTIN, 2014) é quase sempre o ponto de partida para discussões que em geral nos conduzem a questões relativas à construção da identidade coletiva (HALL, 2006). Quando essa narrativa traz à tona o passado colonial e escravista das Américas, ele nos faz questionar qual é de fato nossa identidade e como ela foi construída, se é que o foi. Dessa forma, partindo do conceito de cronotopo bakhtiniano e dos conceitos de topofilia e topofobia de Yi-Fu Tuan (2012), esta comunicação tem por objetivo analisar a construção do espaço no romance *Le nègre du gouverneur: chronique coloniale* de Serge Patient, publicado em 1978. As análises fundamentadas sobre a espacialidade, por meio da revisitação histórica, levam ao questionamento de uma realidade identitária ainda muito vinculada ao período da colonização, ao qual a Guiana Francesa ainda hoje faz parte, em pleno século XXI. Por outro lado, essas mesmas revisitações históricas também permitem a circulação de identidades através de um procedimento dialético que Édouard Glissant (1990) definiu como “poética da relação” e nos levam ao encontro da alteridade, da pluralidade que nos caracteriza enquanto América Latina.

Notas sobre Realismo Maravilhoso na poética do Caribe

Dieumettre Jean (UNESP)

Resumo “Gênero romanesco ou categoria editorial, palavra de ordem mobilizadora ou olhar particular sobre o mundo” (XAVIER, 1987, p.7), noção de crítica literária ou da crítica de arte, o Realismo maravilhoso revela-se uma importante noção para os estudos literários e artísticos nas Américas em geral e do caribe francófono em particular. Inspirada nas paisagens e na História sociocultural das Américas, a noção de Realismo maravilhoso foi proposta pelo haitiano Jacques-Stephen Alexis, em 1956, a qual se configura como “a possibilidade de integração dinâmica do maravilhoso que a arte e a literatura de vários povos negros das Américas integram no seu realismo” (ALEXIS, 1957, p.264). Partindo dessas considerações iniciais, esta comunicação tem como principal objetivo discutir o locus do Realismo Maravilhoso na Poética do Caribe em geral e do Caribe francófono em particular, apresentando a genealogia dessa noção, suas linhas de forças e sua manifestação em algumas narrativas caribenhas. A partir de uma leitura-analítica da comunicação intitulada *Du réalisme merveilleux des Haïtiens* apresentada por Alexis, em 1956, no Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros em Paris, com apoio de Jean-Pierre Durix (1998), Mirielle Rosello (1998), Maria Eugénia Tavares Pereira (2005), Jean-Claude Fignolé (2010), o presente trabalho salienta que Realismo maravilhoso refere ao real das invenções das Américas em geral e do Caribe em particular, que é fortemente matizado pelo maravilhoso – tal maravilhoso expressa, a um tempo, um sincretismo cultural e paradoxos: planície versus morro, opulência versus miséria. Assim, o Realismo maravilhoso revelou-se adequado a reconciliar produções artístico-literárias e formação identitária do descendente de escravidão, de povos ex-cêntricos, uma categoria estética que abraça diversas experiências, diversas contribuições na sua formação.

O tam-tam do discurso poético nas Américas: dois poemas de *Les Armes miraculeuses*, de Aimé Césaire

Érika Pinto de Azevedo (UNIFAP)

Resumo Esta comunicação é parte das investigações de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Amapá e intitulada “Relações entre o real e o imaginário na poesia de língua francesa das Américas: Aimé Césaire e Léon-Gontran Damas”. Ela pretende examinar “Tam-tam I” e “Batouque” (Batuque), dois poemas da coletânea *Les Armes miraculeuses* (*As armas miraculosas*), do escritor martinicano Aimé Césaire. A escritura dos poemas dessa coletânea cruza aquela do tão conhecido *Cahier d'un retour au pays natal*/Diário de um retorno ao país natal (1939, 1956, 1989) e acompanha a mudança de espaço geográfico e cultural empreendida por Aimé Césaire no fim dos anos 30. De retorno à Martinica em 1939 e acompanhado de Suzanne (Suzanne Roussi então Suzanne Césaire), Césaire publica alguns poemas em revistas diversas e particularmente em *Tropiques* (TRÓPICOS, 1941-1945), revista cultural lançada na Martinica por ele próprio, Suzanne e amigos intelectuais e escritores da ilha. Em 1946, bastante modificados, esses poemas são publicados pela primeira vez em livro sob esse título que alia revolta e encantamento, *Les Armes miraculeuses*. A revista (*Tropiques*) e a coletânea participam de um projeto comum de elaboração de discursos culturais autônomos sobre a Martinica, naquele momento submetida à dominação colonial e vichysta (FONKOUA, 2008). “Tam-tam I” e “Batouque”, poemas da coletânea, são mostras desses discursos que, redigidos em francês, associam os registros culto e trivial da língua para lançar salvas de imagens díspares mas comunicantes que, liberadas da trajetória sintática, fazem alusão direta ao tam-tam (VILLAR, 2008) e são capazes de exprimir esse eu-negro-crioulo-martinicano-caribenho (CÉSAIRE, 1978) que parece definir tão bem Césaire.

O texto teatral de expressão francesa na América Latina

Dennys Silva-Reis (UFAC)

Resumo Do pouco que se conhece das literaturas de expressão francesa na América Latina (Haiti, Guadalupe, Martinica e Guiana

Francesa), parece que o gênero teatral ainda é um campo inexplorado. Isso se deve a vários fatores desde a falta de circulação dos textos até mesmo ao estereótipo da esterilidade textual. Portanto, neste trabalho visa-se trazer um pequeno panorama desses textos e assinalar pontos férteis de estudo na área. Neste intuito, busca-se (1) compreender do porquê o texto teatral ainda é pouco estudado ou difundido entre os estudos francófonos brasileiros; (2) traçar um pequeno perfil dos autores e das autoras – das origens do teatro latino-americano de expressão francesa até os principais autores/autoras da contemporaneidade nesta mesma região; e (3) justificar os possíveis benefícios de seu estudo para o ensino de literatura francófona e a crítica literária brasileira. Tal investigação tem como método o revisionismo bibliográfico nacional e estrangeiro sobre o tema, bem como os mecanismos da Crítica e da História Literária. Estima-se amplificar o ângulo de visão sobre os textos teatrais latino-americanos de expressão francesa; enfatizar autores, textos e correntes críticas da literatura teatral; além de motivar o debate e as pesquisas em solo nacional sobre temas, obras e escritores ainda desconhecidos, contribuindo, assim, para uma maior integração e internacionalização do teatro latino-americano em língua francesa.

Poesia e política na escrita de Évelyne Trouillot

Danielle Grace de Almeida (UFRN)

Resumo Em alguns territórios latino-americanos de expressão francesa, em que o passado colonial ainda persiste na composição de modos de uma subjetivação coletiva, a literatura, na sua interface com o político, se ergue como forma de estruturação de uma outra sensibilidade. Na esteira das poéticas que performam as feridas das diásporas, percebe-se uma operação dialética em que a própria língua de escrita, que é majoritariamente o francês, funcionaria como evidência da diversidade identitária que emerge de suas contradições. É nesse sentido que com a poeta haitiana Évelyne Trouillot (2014), em *Par la fissure de mes mots* [*Pela fissura de minhas palavras*], o procedimento com a língua expõe um paradoxo constitutivo das identidades de escritoras contemporâneas dessa região. É ao se apropriar da língua do opressor, assumi-la como idioma de escrita, que sua insuficiência

expressiva se evidencia. Este trabalho pretende examinar os recursos que a escrita poética de Evélyne Trouillot opera para intervir na construção das identidades dos povos ditos pós-coloniais da América Latina francófona. Procura-se entender ainda os procedimentos literários de que a autora lança mão para redefinir a relação com suas origens históricas, ao mesmo tempo em que acena para a poesia como construção de uma identidade que considere o passado cultural e político de seu país.

Zonzon Tête Carrée e a obra-espetáculo de Ina Césaire

Jéssica de Souza Pozzi (UFRGS)

Resumo A literatura antilo-guianense tem recebido grande notoriedade nas últimas décadas, principalmente por seu autêntico fazer literário que contribui para uma identidade singular dos povos colonizados pela França na América Latina. Alguns autores, entretanto, principalmente as mulheres, continuam esquecidos pela crítica apesar de sua grandiosa contribuição para a constituição de uma literatura que se quer identitária. Parece-nos o caso, por exemplo, de Ina Césaire, autora martinicana cuja obra se apresenta neste trabalho analítico. Etnóloga, antropóloga, historiadora, romancista, dramaturga, dançarina e compositora, Césaire, griotte à sa façon (CORDOVA, 2019, p. 12), atrela vida e obra ao compromisso de registro do patrimônio memorialístico de sua ilha natal. *Zonzon Tête Carrée*, publicado originalmente em 1994, seu primeiro romance, demonstra desde o princípio a riqueza da composição da obra de Césaire que, influenciada por diversos gêneros orais, busca pintar o retrato da sociedade martinicana através das vozes, principalmente, daquelas que até então não tinham voz (precursora, portanto, da tradição inaugurada por seu pai em *Cahier d'un retour au pays natal*, de 1947): as mulheres antilhanas. Assim, as particularidades da obra de Ina Césaire atraem a atenção de alguns críticos como Cordova e Sol (2019) que, percebendo a influência da música e da dança na construção do romance, denominam *Zonzon Tête Carrée* como romance-baile, apresentando-nos uma importante relação desse romance com as quadrilles antilhanas. A partir disso, percebe-se uma significativa vinculação da obra da autora com as artes do espetáculo,

sendo ela também dramaturga e autora de uma vasta obra teatral que, para Edwards (2014), é o gênero que melhor se adequa à continuidade da tradição oral, atrelando oralidade e performance, conservando ainda as questões de classe herdadas do contexto das plantações e a figura do conteur crioulo através de estratégias das quais se utiliza também Césaire na construção de sua obra escrita, de sua obra-espetáculo.

Simpósio 60
Literaturas, africanidades
e descolonização: teorias (d)e peles negras

Paulo Dutra (UNM)

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UFRR)

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui leitmotif de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de ascendência africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA et al., 2020). O fenômeno, já descrito como genocídio negro, expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos das pessoas negras em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram

seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial recriam a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura. Nesta edição, priorizaremos trabalhos que convoquem teorias desenvolvidas por autores e autoras da África e da Diáspora Africana e/ou com elas dialoguem. Com isso, focalizaremos princípios e conceitos teóricos nos quais se fundamenta o trabalho da crítica literária do corpus negro. Em sua prática teórica, esses/as pensadores/as têm desafiado sistematicamente noções pré-estabelecidas de literatura com novos conceitos de escrita, leitura e interpretação que imbricam as contingências da verossimilhança e das sociedades nas quais os sujeitos teóricos operam. Ao vigor de concepções inovadoras para perscrutar a fenomenologia da obra literária e à ascensão de paradigmas alternativos de produção criativa e crítica junta-se o emprego de teorias transdisciplinares aos interesses dos estudos da literatura per se. Por conseguinte, o escopo das teorias dedicadas ao “devir-negro do mundo” (MBEMBE, 2017, 18) atravessa as mais diversas áreas do conhecimento, intersectando a existência das pessoas negras com preocupações que vão desde o fenômeno literário à complexidade das questões relacionadas à raça, a gênero e à classe social. Reafirmamos, dessa maneira, a potencialidade das subjetividades negras para a articulação de modos de pensamento cujos impactos são sentidos na literatura, como exemplifica a declaração “Eu sou o meu próprio fundamento”, de Frantz Fanon (2020, 241). A essa inscrição ontológica correspondem gestos de autorrepresentação e autodeterminação verificados nos discursos literários que, na perspectiva fanoniana, falam para “assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2020, 31). Além de Fanon, os mais influentes nomes a adentrarem essa arena epistemológica são: Aimé Césaire, Léopold Senghor, Frantz Fanon, Henry Louis Gates Jr., Stuart Hall, bell hooks, James Baldwin, Toni Morrison, Édouard Glissant, Paul Gilroy, Cornel West, Chinua Achebe, Ng?g? wa Thiong’o, Francis Abiola Irele, Chimamanda Adichie, Audre Lorde, Elizabeth Alexander, Manuel Zapata Olivella, Nancy Morejón, Lélia Gonzalez, Nei Lopes, Conceição Evaristo, Cuti, Miriam Alves, Abdias do Nascimento, Muniz Sodré, Domício Proença Filho, Beatriz Nascimento, Leda Martins, Sueli Carneiro, Edmilson de Almeida Pereira, Grada Kilomba, Lívia Natália, Djamila Ribeiro, entre outros.

“A ansiedade e a dorida revolta que o queimam, sabe ele escondê-las dentro de si”: o imigrante nacional no conto “Aconteceu em Saua-Saua”, da escritora moçambicana Lília Momplé

Nilza Gomes de Oliveira Laice (UnB)

Resumo O presente artigo se propõe a analisar o impacto da elite colonial e moçambicana na construção da figura do imigrante nacional, aquele ou aquela que se sente desterrado em seu próprio território. Para tal, servimo-nos do conto “Aconteceu em Saua-Saua”, da moçambicana Lília Momplé. Trata-se de uma narrativa que desnuda o vil sistema de opressão colonial português e demonstra como a morte foi e é janela de escape, objeto de resistência para muitos africanos. Daí que, olhando para a formação de um núcleo econômico, político explorador e europeizado, que se afasta a passos largos da vida popular, deixando patente a divisão desigual das riquezas, o fraco sistema de saúde pública e transportes e o pouco investimento no setor da educação. Desta forma, conclui-se que o espoliamento, o qual é assistido em Saua-Saua, ocorre ainda hoje em solos moçambicanos. Diante disto, muitos sentem que esse esse lugar em que habitam, não mais os pertence, visto que não tem domínio sobre ele e são tratados como estrangeiros na sua própria terra, alheios de todo o tipo de direitos. Para tanto, temos como base teórica e crítica, a formação das minorias dominadoras nacionais africanas com ênfase nos estudos teóricos de Severino Ngoenha (2016), Julia Kristeva (1994), Frantz Fanon (2005) e Kwame Nkrumah(2018).

“Já nasci cativa”: as personagens de *Torto Arado* como ralé rural, uma classe de subcidadania

Bruma Soriano Ilarraz (CEFET-MG)

Resumo Este trabalho propõe uma análise da obra *Torto Arado* (2019), do escritor contemporâneo Itamar Vieira Júnior, fundamentada nos conceitos de Ralé e Classes Sociais de Subcidadania, presentes, respectivamente, nas obras dos autores Jessé Souza (2012; 2019) e Florestan Fernandes (1978). Estes conceitos conferem uma rica fundamentação para compreender a narrativa na medida em que não

apenas sinalizam para o caráter antropológico da obra, pois mobiliza seus discursos, como também evidencia referências políticas e revela como os personagens expressam o domínio do mundo em que vivem. A obra desnuda as raízes mais profundas sobre os elementos que conformam as estruturas de poder do país centrado no cultivo da terra a partir do braço escravo dos povos originários. Acreditamos, que Itamar Vieira Junior quis chamar a atenção, em *Torto Arado*, para dois aspectos essenciais: a) o cotidiano de indivíduos assolados pela naturalização do abuso social em todos os níveis; e b) a resultante subcidadania motivada pelos abusos. Amparam estes dois aspectos os dilemas raciais. Sua narrativa parte do ponto de vista dos povos de pele preta, silenciados e desqualificados pelo sistema. A leitura de *Torto Arado* permite explorar temários urgentes como a questão fundiária, a necessidade de uma revisão histórica pelo viés do oprimido, o percurso do racismo estrutural no Brasil e violências diversas, como a exploração da mão de obra análoga à escravidão e a violência de gênero. Nossa pesquisa, de caráter interdisciplinar, será bibliográfica e exploratória, considerando o *corpus* e as fontes teóricas. Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. V.1. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978. Souza, Jessé. *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Ufmg, 2009. Vieira Júnior, Itamar. *Torto Arado*. Todavia, 2019.

A Fabulação Pretofágica de Yhuri Cruz

Clara Cavour Ponte (PUCRJ)

Resumo A comunicação se debruça sobre a fabulação como ferramenta decolonial na obra do artista carioca Yhuri Cruz (1991), cujo trabalho envolve ensaios, dramaturgias, cenas, esculturas e desenhos. Cruz propõe o conceito Pretofagia, que dá título a uma cena e exposição, mas é, sobretudo, uma estratégia de vida para o corpo negro. Toda a obra de Cruz é pretofágica. A comunicação investiga, então, os processos (pretofágicos) de fabulação que o levam à elaboração de seus trabalhos, num diálogo com os conceitos Afro-fabulação, de Tavia Nyong'o, Fabulação Crítica, de Saidiya Hartman e Fabulação Especulativa, de Donna Haraway. A comunicação investe também numa temporalidade preta, movida por fantasmagorias,

assombrações, espiritualidade e ancestralidade, numa abordagem que dialoga com as perspectivas queer e afro referentes do tempo, ao analisar as “Assombrações Construtivas”, ensaio de 2020 do artista, e sua série de “Esculturas Espirituais” (desde 2018). As poéticas de relação que permeiam a escrita artística de Cruz aparecem também numa interlocução com Édouard Glissant, Marimba Ani e Achille Mbembe. E, por fim, esta comunicação olha para o trabalho mais recentes de Cruz, “Revenguê” (2021), uma ficção científica em processo de escrita (no entanto já parcialmente publicada, em três episódios iniciais, no formato de podcast), destacando os processos de cura e recusa na obra do artista.

A juventude negra eleva sua voz: Racionais MC's e o negro drama da periferia brasileira

Hernany Luiz Tafuri Ferreira Júnior (UFJF)

Resumo Minha pesquisa tem por objeto o grupo de rap brasileiro Racionais MC's, e tenta, através da análise de suas canções, identificar a construção da subjetividade do sujeito negro, afro-brasileiro, pobre, habitante de periferia, de seus conflitos internos e externos frente ao preconceito sócio-racial de que é vítima. Entretanto, a posição de vítima passiva e indefesa não cabe em suas canções, ao contrário, percebemos o desejo transformado em engajamento pela tomada de posição desse sujeito, da elevação de seu moral, da denúncia das injustiças e discriminações historicamente praticadas contra ele. O quarteto reabre o baú da “memória identitária” para construir a ideia de um indivíduo negro e sua descendência afro-brasileira como sujeitos histórico-sociais atuantes. Como arcabouço teórico, busco em textos de intelectuais negros como Luiz Cuti, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Edmilson de Almeida Pereira, dentre outros, identificar nos raps do quarteto a vontade de mudança que ele propaga entre a juventude urbana que tanto sofre pelas mazelas do distanciamento do Centro assistido pelo Estado. Historicamente, desde seu surgimento nos Estados Unidos em meados da década de 1970 a partir da necessidade de os jovens negros e latinos manifestarem-se, o Movimento Hip-Hop traduz-se como possibilitador da elevação das vozes dos negros, jovens e pobres de periferia, e

o rap como lugar de reavivamento da memória coletiva de uma população estrategicamente deixada de lado pelo Estado (brasileiro), percebendo as canções dos Racionais mc's como manifestações e instrumentos para um mergulho interior, o qual possibilita tanto ao rapper quanto ao ouvinte buscar em si rastros da história brasileira, traços que identificam o sujeito diaspórico, num processo de recuperação de seus matizes culturais. O rapper canta para que o estado de coisas em que está inserido e a posição de seus pares possam ser alterados; seu passado, revisitado; sua(s) voz(es), propagada(s).

A poesia do mar na obra

O canto dos escravizados de Paulina Chiziane

Márcia Neide dos Santos Costa (UEFS)

Resumo O trabalho busca analisar a presença do mar na obra *O canto dos escravizados* (2018, edição publicada no Brasil), livro de poesia da escritora moçambicana Paulina Chiziane (1955). Para esse trabalho foram escolhidos quatro poemas da obra. Veremos como a escritora traz, através das formas/estrutura e os sentidos poéticos, as imagens do mar. O mar é um cenário de mistérios, segredos, conexão espiritual, mas também um cenário de horrores, dores e mortes. Esse mesmo cenário, na poesia pós-colonial de Chiziane, pode ser um ambiente de retorno à África, de reencontro com os ancestrais, de encontro com a liberdade. Nos versos de Chiziane, o mar aparece como testemunha da travessia entre África, passando pelo Atlântico, até a América, retornando para a África. O primeiro poema a ser analisado chama-se “Estrada sem rasto”, o segundo, “Estrada de dor”, o terceiro “Cantiga de dor” e o último, “Sereia Negra”. Sobre Paulina Chiziane, ela é reconhecida como a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique com a obra “Baladas de amor ao vento”, em 1990. Chiziane também é autora de outros livros tais como: Ventos do apocalipse (1993), O sétimo juramento (2000), Niketche: uma história de poligamia (2002), O alegre canto da perdiz (2008), As andorinhas (2009), Na mão de Deus, (2013) entre outras produções.

Africanidades e (des)colonização na literatura de Mia Couto

Ana Claudia Servilha Martins (UNEMAT)

Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo Nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, mais especificamente nas obras do escritor moçambicano Mia Couto, encontram-se reflexões voltadas à luz do presente. Insere-se, inquietamente, o viés histórico da ancestralidade dos corpos negros e mestiços que, abominavelmente, foram violados de maneira secular pela ideologia eurocentrista. O arquétipo cultural moçambicano, na literatura miacoutiana, ganha contornos cada vez mais concisos na perspectiva pós-colonial e de decolonialidade, eixos teóricos que se referem ao processo de transcendência, de subversão do padrão colonial demarcado em África. Pelo processo da escrita, da literatura, da estética voltada aos caracteres da contemporaneidade, Mia Couto personifica identidades em trânsito, pluralidades que compõem o tecido da sua ficção. Integra tessituras pluri-universais, transmodernas e decoloniais necessárias e urgentes ao mosaico dos africanos e dos afro-americanos, sobretudo. No ínterim, o que se propõe, aqui, é a abertura para diálogos críticos com o propósito de construir novas pontes, novas travessias sobre o âmbito da literatura e dos estudos culturais. A pesquisa relaciona-se aos conceitos de Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2008), Ana Mafalda Leite em *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2003), *Oralidade e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas* (2012), Benjamin Abdala Jr. em *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004), Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1995) e demais autores pertinentes aos diálogos propostos.

Afrofuturismo: o presente, o passado e o futuro de pessoas negras na ficção científica

Raissa Lauana Antunes da Silva (PUCRS)

Resumo A imaginação é inerente ao ser humano. Será por meio dela que iremos determinar quem somos e quem seremos. O gênero literário que mais dialoga com essa prospecção e com a constate

evolução do ser humano é a ficção científica que, a partir das tecnologias de sua época, busca pensar o futuro. Ao cogitar futuros, a ficção científica será uma possibilidade de prospectar os desenvolvimentos tecnológicos, ambientais, sociais e culturais. Para além disso, imaginar novos amanhã nos faz perceber de forma mais latente o nosso presente através de narrativas do “e se”, que, ao viajarem ao futuro, encontram-se com o nosso presente. No entanto, quando analisamos a história da ficção científica, vemos um silenciamento de narrativas negras que prospectam amanhã. Essa ao menos é impressão quando vemos as listas de mais vendidos ou quando lemos os manuais dessa literatura de gênero. Pensando nessa questão, o presente trabalho parte de uma inquietação sobre a ficção científica e a presença de escritores negros nesse tipo de fazer literário. Com isso, chega-se à estética afrofuturista que vem se desenvolvendo, segundo a pesquisadora Lisa Yaszek (2012) desde 1850, mas que apenas ganha seu devido espaço em 1960. Essa estética, que se inicia nos Estados Unidos, aos poucos chega ao Brasil inserindo escritores negros de literatura especulativa no nosso horizonte de leitura. Por isso, é imprescindível avaliar como a ficção científica é formada a partir de uma exclusão de escritores negros e como essa estética vem para modificar e pluralizar a escrita de FC na literatura internacional e no Brasil. Para construir esse diálogo, serão abordados teóricos como Adam Roberts (2018), Ytasha Womack (2013), Lisa Yaszek (2012), Kodwo Eshun (2003), entre outras obras afrofuturistas, a fim de que crie um debate sobre exclusão, epistemicídio e reconstrução da ficção científica.

As histórias importam: reflexões acerca de

O perigo de uma história única, de Chimamanda Ngozi Adichie

Maiara Cristina Segato (UNIOESTE)

Resumo O colonialismo na África, especificamente o britânico, deixou um legado de estereótipos que atravessou oceanos e moldou o nosso modo de ver o outro, simplesmente pelo fato de se opor à cultura do império. Os colonializadores foram alçados à condição de heróis, libertadores dos “povos oprimidos” e os povos colonizados eram tidos como selvagens e degenerados. Mesmo diante do fim da

colonização, a assimilação dos costumes europeus ainda é uma forte realidade. Podemos dizer que houve uma negação dos valores e dos elementos culturais africanos e uma constante valorização da cultura do colonizador. Dessa forma, o fim do colonialismo não representou o fim das relações de poder discriminatórias. Nesse contexto, quando consideramos a realidade da formação das nações, a visão romântica da história cai por terra, já que as relações de poder foram forjadas mediante o discurso daqueles que tinham os meios necessários para controlar o que deveria ser dito, ou seja, a história única. Assim, indo na contramão, várias vozes têm se levantado na tentativa de desconstruir essa tendência, a partir de textos de caráter pós-colonial, nos quais giram em torno da dominação ideológica que, durante longo período, criou os paradigmas da inferioridade africana, assumindo a tarefa de corrigir as distorções históricas e culturais acerca da África. Para este trabalho, utilizaremos como aporte teórico o livro *O Perigo de uma História Única* (2019), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, bem como outras reflexões realizadas por Edward Said (2007), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Homi Bhabha (2014), Stuart Hall (2003), Thomas Bonnici (2007, 2009) e Gloria Anzaldúa (1999, 2000).

As peles negras e máscaras brancas da obra “O alegre canto da perdiz” de Paulina Chiziane: uma análise a partir feminismo negro

Gustavo Queiroz Rodrigues (UNEMAT)

Resumo O presente artigo analisará a obra “O Alegre Canto da Perdiz”, de Paulina Chiziane, escritora moçambicana que buscou retratar a complexidade das mulheres negras africanas que sofreram com o processo de colonização Portuguesa por gerações, carregando todas as influências históricas, sociais e ideológicas desse processo traumático. A partir de alguns trechos selecionados da obra, principalmente envolvendo as personagens Serafina, Delfina, Maria das Dores e José dos Montes serão realizadas duas abordagens: a primeira com a identificação de características do colonialismo, tais como dominação, inferiorização, substituição, opressão, dominação e demais relações entre o colonizador e o colonizado, retratar os processos de

colonização, luta pela independência e libertação do jugo colonial, principalmente sob o prisma das teorias e conceitos presentes principalmente nas obras “Pele Negra e Máscaras Brancas” e “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon; e o segundo viés de análise se propõe a identificar nestes mesmo trechos da obra as formas de violência e opressão que alguns dos personagens homens impunham às personagens mulheres e o processo de quebra da alienação patriarcal até a sua autodeterminação como mulheres negras a partir dos conceitos do feminismo negro de expoentes do movimento como Angela Davis, Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Chimamanda Ngozi Adichie, Hell Hooks e Djamila Ribeiro.

Autoria negra, vida literária e literatura como direito à vida

Vagner da Rosa Amaro (PUCRJ)

Resumo Analisa a vida literária de escritore(a)s negros brasileiros no período entre 1978 e 2020. No Brasil, em 1978, foi criada a série literária *Cadernos negros*, ao mesmo tempo em que se criava o Movimento Negro Unificado e, em 2020, ocorreu um aumento de publicações de autoria negra por editoras brasileiras, ao mesmo tempo em que houve uma intensificação do movimento Black lives matter (vidas negras importam). Por entender que literatura e vida, obra e ambiente, são indissociáveis, o objetivo desta comunicação é analisar o discurso literário de escritore(a)s negros para verificar a constituição de um ethos discursivo coletivo, com recorrências sobre a vulnerabilidade à morte e o direito à vida da população negra. Especula-se que as estratégias de produção e divulgação literária realizadas por escritores e escritoras negros no período analisado, constituiriam uma vida literária que efetivou a ampliação da participação da autoria negra na literatura brasileira, o que reivindica aos estudos literários novos modelos de análise para a literatura que estes autores produziram e produzem, assim como, se coloca como expressão estética de denúncia sobre as vulnerabilidades da população negra brasileira à morte, causadas pelo racismo. Esta produção estética analisada, fruto da vida literária de escritore(a)s negros, gera vidas negras no âmbito ficcional, que em suas subjetividades, se contrapõem ao discurso colonial desumanizador e trazem diversidade

para as ideias e afetos sobre a população negra no imaginário social brasileiro. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: ABL, 2005. CARNEIRO. Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. Editora Contexto: São Paulo, 2009. MBEMBE, Achille. *Ne-cropolítica*. São Paulo: N-1, 2018. MORICONI, Ítalo. *Literatura, meu fê-tiche*. Recife: Cepe, 2020.

Autorrepresentações e identidades na autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua

Isabela Cristina Silva Mesquita (CEFET-MG)

Resumo O presente estudo almeja apresentar reflexões iniciais sobre as representações identitárias presentes na autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua tomando como pressuposto teórico os conceitos de identidade narrativa de Ricoeur (1994), que se constitui quando o autor se coloca como personagem narrando a si mesmo, e a concepção de identidade segundo Hall (2006), no qual diferentes identidades são assumidas pelo indivíduo em diferentes contextos ao longo de sua vida. A obra analisada se enquadra no gênero Narrativas de Escravos (Slave Narratives), pois se trata de um texto autobiográfico do ex-escravo Mahommah Gardo Baquaqua, que foi trazido da África e viveu como escravo em terras brasileiras. Tal gênero surgiu a partir do uso das autobiografias como instrumento político, no qual ex-escravos passaram a narrar suas memórias sobre a escravidão, com a ajuda de pessoas e instituições abolicionistas, visando causar impacto e a conscientizar parte da população sobre os horrores e condições desumanas aos quais eram submetidos. Gilroy (2012) afirma que os escravizados passavam a ter noção de sua condição de sujeitos negros escravizados ao cruzarem o Atlântico nos navios negreiros, pois era quando se viam em lados opostos a uma alteridade constituída por homens brancos e livres. Ao fazerem a travessia transatlântica, os escravizados ganhavam nomes ocidentais e deixavam para trás todas as suas antigas referências de vida. Hall (2003) aponta que a situação diaspórica também é um elemento que possibilita

a reorganização subjetiva, sendo, pois, capaz de afetar a identidade do sujeito. Tomando como base as mudanças identitárias que o indivíduo passa ao longo de sua vida, este trabalho visa analisar as autorrepresentações de Mahommah Gardo Baquaqua narradas em sua autobiografia. Trata-se de uma proposta inicial de pesquisa, cujas reflexões ainda estão em desenvolvimento.

**Herdades de uma literatura periférica:
a formação de uma identidade social e literária
na literatura luso-africana e brasileira**

Elizabete Farias de Castro (FURG)

Resumo Resumo: O presente trabalho pretende refletir sobre as poesias luso-africanas de Costa Alegre, Cordeiro da Matta e Francisco José Tenreiro, e sobre a literatura afro brasileira de Luís Gama, Solano Trindade e Jamu MInka. A partir de questões como temática, autoria, linguagem e ponto de vista, buscarei perceber como as poesias dos poetas luso africanos podem ser consideradas como uma literatura negra e como essa literatura se constitui no Brasil. Além disso, busco sugerir quais as relações entre o canto das poesias luso africanas, a poesia “Sou negro”, de Solano Trindade, “Raça & classe”, de Jamu Minka, e o poema 34 da antologia de Luiz da Gama. A formação de uma literatura por muito tempo não considerou a alteridade e a heterogeneidade existentes em todas as sociedades. Contudo, surgem, nas periferias de uma dada esfera cultural, vozes que buscam romper com os silenciamentos de uma cultura dominante e excludente. A partir dos conceitos “tradução” e “semiosfera”, criados por Yuri Lotman, busco compreender como autorias negras foram ascendendo em diferentes esferas culturais e as relações que elas foram estabelecendo entre si. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é observar como o canto de alguns poetas luso-africanos e brasileiros podem ser identificados como herdades, disseminadas de gerações em gerações, da diáspora africana, e de uma poesia marcada pela dualidade da exaltação da beleza negra e pela denúncia das injustiças sofridas em sociedades racializadas e racistas. Palavras – chave: Diáspora e literatura; herdades; poesia luso-africana e brasileira.

História e narrativa em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior

Harion Márcio Costa Custódio (UFMG)

Resumo *Torto arado*, livro escrito por Itamar Vieira Junior e publicado em 2019, é um romance cuja história se passa nas profundezas do sertão baiano. Nele acompanhamos a história de vida de Bibiana, sua irmã Belonísia e sua família que lutam pela subsistência no espaço rural em meio a condições adversas de exploração e de servidão. Nesse ambiente interiorano da fazenda, as condições de vida e os costumes das personagens apontam para a coexistência de múltiplas camadas históricas e temporais: em primeiro lugar, a situação de semiescravidão vivida pela família, que é obrigada a entregar os frutos do próprio trabalho ao dono da fazenda, lembra em diversos níveis a realidade dos latifúndios no Brasil Imperial. Por outro lado, há também a sobrevivência de uma cultura africana ancestral simbolizada pelos cultos religiosos dos moradores da região, assim como o conhecimento sobre o reino vegetal e animal do pai de Belonísia e Bibiana se aproxima de uma forma não colonial de relação do homem com o mundo. Nesse sentido, *Torto Arado* desestabiliza as noções tradicionais de sucessão do tempo e progresso histórico ao criar uma narrativa que se passa nos tempos atuais, mas que estabelece jogos com o nosso passado escravista, evidenciando a permanência de seu *modus operandi* e da sua violência intrínseca. Nosso objetivo, com o presente trabalho, será analisar as formas e intensidades de sedimentação da história da escravidão no referido romance. Consideramos a narrativa como um meio privilegiado de investigação, na medida em que, de acordo com Ricœur (2010), ela é um meio por excelência de transmissão da experiência humana. Sendo assim, procuraremos evidenciar o teor testemunhal (SELLIGMAN-SILVA, 2003) de *Torto arado* na medida em que a violência da escravidão e do tráfico transatlântico se configuram como uma catástrofe, cujos efeitos permanecem de maneira transgeracional até os dias atuais.

Intelectuais negras/os em perspectivas dialógicas: considerações sobre a literatura de Nafissa Thompson-Spires

Luciana de Mesquita Silva (CEFET/RJ)

Resumo Nesta comunicação, utilizarei como arcabouço teórico os trabalhos de intelectuais negras/os como Neusa Santos Souza (1983), Patricia Hill Collins (2016; 2019), Toni Morrison (2019), bell hooks (2019) e Stuart Hall (2004). Além disso, trarei um diálogo com os pensamentos crítico-literários de Carole Boyce Davies (1994), segundo a qual as mulheres negras e suas escritas se configuram como “subjetividades migratórias”, atuando em movimentos discursivos contra-hegemônicos, e Mae Gwendolyn Henderson (2000), para quem as literaturas de autoras negras são caracterizadas por uma multiplicidade de vozes, que dialogam com as/os Outras/os interna e externamente, e por uma pluralidade de discursos. Tais teorias servirão de base para uma discussão sobre a literatura da autora afro-americana Nafissa Thompson-Spires, com foco em sua obra *Heads of the Colored People* (2018). Nessa coletânea de contos, estão presentes algumas representações de vivências específicas de pessoas negras nos Estados Unidos na atualidade, por meio de uma variada gama de personagens e de enredos que permeiam interseções de raça, gênero e classe. Nesse sentido, serão abordados, mais especificamente, dois contos em que a personagem Fatima é a protagonista: “Fatima, the Biloquist: A Transformation Story” e “The Body’s Defenses Against Itself”, a partir dos quais serão realizadas reflexões sobre a construção de subjetividades femininas negras.

Minha casa é onde estou: os sentidos da migrância na obra de Igiaba Scego

Lívia Verena Cunha do Rosário (UFF)

Resumo “Eu sou uma encruzilhada”, afirma Igiaba Scego em sua autoficção *Minha casa é onde estou* (2018). A interseção de identidades, países e nacionalidades marcam a trajetória da autora – personagem; filha de refugiados somalis e nascida na Itália, Igiaba questiona e é sempre questionada sobre sua origem: africana ou italiana? A própria literatura produzida pela autora é desafiada pela Crítica, que

varia entre definições: literatura pós-colonial italiana, literatura migrante, literatura diaspórica, literatura decolonial, literatura feminina. Fato é que a obra de Igiaba Scego, particularmente o romance objeto deste estudo, provoca muitas reflexões sobre o tema que autores como Chamoiseau (2017) e Brodsky (2016) afirmam ser central para compreender o século XXI: o desenraizamento. Assim, o objetivo principal da comunicação é discutir os sentidos da migrância a partir do romance *Minha casa é onde estou*, já que na obra, Scego parte da tentativa de remapear a trajetória de sua família na diáspora somali, ao mesmo tempo em que reflete sobre o sujeito-migrante-negro-africano na Europa, mais especificamente na Itália, país que ainda nega seu passado colonial. Cidadã italiana, mas muitas vezes tratada como estrangeira, Igiaba representa os conflitos daqueles que nascem ou vivem no exílio, condição amplamente retratada por Hall (2003), Said (1999) e Sayad (2000), no entanto, a autora o faz associando ainda gênero e raça às questões das mobilidades contemporâneas, sobretudo em um país central para pensar a crise humanitária dos refugiados. Entre Roma e Mogadíscio, entre a língua italiana e a língua somali, entre novas e antigas formas de controle da circulação de pessoas, pretende-se então discutir os sentidos da migrância através de três pontos da obra: memória e espacialidade; políticas de hostilidade; fronteiras e pertencimento.

O Desenvolvimento da Memória Escravocrata nos Romances de Escritoras Afro-brasileiras do Século XXI

Glauciane Aparecida dos Santos (UFMG)

Resumo O presente texto tem como objeto de estudo a dimensão literário-comparativa da memória escravocrata nas narrativas de algumas escritoras afro-brasileiras do século XXI. Diante disso, este trabalho buscará analisar as obras *Água de Barrela* (2015), *O Crime no Cais do Valongo* (2018) ambos de Eliana Alves Cruz, *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo e *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves. A proposta é ressignificar estas autoras enquanto protagonizadoras de escritas que fazem ecoar vozes silenciadas e apagadas pela história e pela memória coletiva brasileira, discursos impedidos de serem rememorados dos muitos lugares que poderiam adentrar. Em todas

as narrativas escritas pelas autoras já referidas, o sistema escravocrata brasileiro opera e operou, quer seja por meio do período histórico do colonialismo no Brasil, quer seja pela herança memorialística, marcada pela ancestralidade negra dos personagens ficcionalizados. É preciso salientar que a história a respeito da memória escravocrata nunca foi encorajada, sempre fora esquecida, soterrada, sufocada e silenciada pelas autoridades brasileiras ao longo dos séculos. Ela relaciona-se intrinsecamente com o período colonial brasileiro e também o contemporâneo, o Brasil foi o país que mais recebeu pessoas escravizadas no mundo e foi o último a abolir a escravidão. Os indivíduos escravizados, ao virem para o país, vinham em embarcações insalubres, com condições desumanas. As travessias para o Atlântico ocasionaram uma mortalidade altíssima, devido à brutalidade, à violência e às doenças infectocontagiosas nos navios. A ideia de relembrar literariamente este percurso é uma tentativa de retomada desta lembrança disforme; recordando das reminiscências do Holocausto, é elementar “lembrar para não esquecer” e curar-nos da ferida da escravidão que segue aberta.

O discurso literário negro como transbordamento da linguagem: princípios teóricos e estratégias criativas

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (FTESM)

Resumo Esta comunicação realça a relevância da obra poética e teórica de Livia Natália, cujas estratégias intelectuais confrontam e enfrentam as práticas discriminatórias que (re)produzem no Brasil versões da “necropolítica” (MBEMBE, 2014). Serão explorados os princípios estéticos e as implicações epistemológicas de sua poética, com destaque para suas releituras críticas e criativas do conceito de “escrivência”, concebido como um projeto literário inovador por Conceição Evaristo (2020), com quem Natália nutre interlocução desde o início de sua carreira como escritora. Da evocação de simbolismos afro-identificados à autorrepresentação e autointerpretação de trajetórias de vida e reconstrução de identidades, Natália articula uma linguagem antirracista nos âmbitos artístico e acadêmico à procura de sentidos para as dores e a cura em meio às ruínas traumáticas dos legados da escravidão. Dessa perspectiva de transformação das realidades opressoras

com engajamento, criatividade e reflexão, eclode um discursivo teórico articulado com as práticas literárias de escritoras negras, cujas vivências se imbricam para demandar uma ética de reparação dos danos provocados pela histórica persistência do racismo. Assim, a produção de literatura se inscreve como uma confluência de experiências e reminiscências de corpos que recriam sua existência; em outras palavras, “escrever é o transbordar da linguagem” (NATÁLIA, 2020, 209).

O espaço na construção da resistência: uma leitura comparativa entre *A vida verdadeira de Domingos Xavier* e *Capão Pecado*

Daniela Cristina Magalhães de Jesus (USP)

Resumo O presente trabalho busca refletir como o espaço contribui para a construção da resistência nas obras *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* do escritor angolano Luandino Viera e *Capão Pecado* do brasileiro Ferréz. Embora trate-se de obras de continentes diferentes e momentos diferentes da história, aproximamos-nos, Brasil e África, por diversos fatores, tais como a formação cultural e situação política periférica. Ambos os países têm o português como língua oficial e foram colonizados por Portugal, fator esse que desencadeou o processo de formação das favelas no Brasil e dos musseques em Angola- objetos de nosso estudo. Ambas as obras apresentam uma estratégia de resistência à história antes narrada sempre pela voz do colonizador. Mostram o legado do colonialismo, e a dissensão trazida pelo sistema colonial. A pesquisadora Angela Maria Dias (2006) analisa textos engajados, nos quais a literatura marginal é tida como movimento comprometido com a afirmação identitária das comunidades periféricas, para ela “a literatura da periferia também pode ser vista como um empreendimento de “sobrevivência a uma situação instável, imprevisível e amplamente imprevisível” (DIAS, 2006, p. 190). A literatura angolana, por sua vez, desde o seu surgimento esteve atrelada a um projeto político, segundo Trigo “as literaturas africanas identificam-se desde o seu começo como reivindicação sócio-político que, silenciosamente, germinavam os anseios de independência que não era possível adiar por mais tempo (TRIGO, s/d p. 62). Embasaremos nossa pesquisa na definição de espaço de Milton Santos (1979), nas análises de resistência do pesquisador Amílcar Cabral. A

violência policial retratada nas obras, afeta os bairros marginalizados a qual decide quem vive e quem morre (FANON, 1979). A exclusão gera a violência que culmina na resistência.

Oleba Edições: a realidade editorial em Moçambique

Roberta De Bon Silva Mesquita (CEFET-MG)

Resumo O presente trabalho, ainda em desenvolvimento, pretende refletir sobre a realidade editorial moçambicana a partir da Oleba Editores, criada por Alex Dau. A Oleba Editores foi idealizada em um contexto em que as editoras pagavam valores insuficientes de direitos autorais e em que as gráficas de Moçambique cobravam quantias muito altas, gerando a necessidade de buscar outras alternativas. A partir da perspectiva de um passado colonial ainda recente que subjuguou Moçambique e de uma guerra civil que trouxe a liberdade política ao mesmo tempo em que influenciou a produção editorial moçambicana, a pesquisa se foca em como o país tem lidado com o pós-colonialismo a partir de uma perspectiva editorial, tomando como base o caso da editora Oleba. Busca-se aqui ponderar quanto aos reflexos que esse passado gera até os dias de hoje e possíveis caminhos para que o mercado livreiro possa se tornar uma realidade mais acessível para a população como um todo. Para consolidar este trabalho, serão utilizados como arcabouço teórico os conceitos de colonialidade de poder, desenvolvido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, a pós-colonialidade, a qual possui uma matriz teórica plural, e a decolonialidade que surgiu como crítica aos Estudos Subalternos, bem como o conceito de capital cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu (1992). É importante destacar que essas são reflexões de uma pesquisa que ainda se encontra em desenvolvimento.

Poética/política da sobrevivência: uma proposta de leitura do livro *Abliterações*, de Paulo Dutra

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo Esta comunicação propõe realizar uma leitura do livro *Abliterações*, de Paulo Dutra, publicado em 2019 pela editora Malê, a

partir do que chamamos de “poética/política da sobrevivência”. Pretendemos demonstrar que a sobrevivência, em sentido amplo, é um dos principais sustentáculos da produção em versos do autor. Ao mesmo tempo, o conceito parece sustentar outras ações de Dutra, para além da escrita literária, como o canal poetapaulodutra coM-vida. Seja como estratégia de construção estética, seja como estratégia de agenciamento político, a poética/política da sobrevivência e seus desdobramentos encontram-se presentes em diversos episódios que nutrem os poemas, tais como: na violência que assola comunidades cariocas, a exemplo da Maré; na luta pelo sustento diário; na resistência à necropolítica; na disputa simbólica no universo cultural; na manutenção da própria vida do poeta, de seus personagens e de seus leitores. Paulo Dutra nasceu em Vilar dos Teles-RJ, em 1976. É professor, crítico de literatura e escritor. Licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Concluiu Doutorado em Literatura Latino-Americana pela Purdue University (EUA). A estreia literária de Dutra ocorreu com o livro *Aversão oficial: resumiada*, publicado em 2018, também pela editora Malê. Na obra de estreia na cena literária, estão presentes vinte contos marcados pela concisão e por um profundo mergulho nas condições de vida/morte da periferia do Rio de Janeiro. O mergulho aqui referido ganha contornos ampliados no livro *Abliterações*, o qual, inclusive, foi semifinalista do Prêmio Oceanos 2020. Nossa pesquisa é bibliográfica e de caráter exploratório levando em conta o corpus literário e o referencial teórico. Este, por sua vez, é composto por Édouard Glissant (*Introdução a uma poética da diversidade*) e Achille Mbembe (*Crítica da razão negra e Necropolítica*).

Rastreando o silêncio: Trouillot e a Revolução do Haiti

Letícia de Paula Sampaio (UFU)

Resumo O objetivo desse trabalho é compreender a visão de Michel – Rolph Trouillot sobre como os processos de formação narrativa histórica estão atrelados em uma relação de poder e de silenciamento na narrativa negra, em que as histórias são permeadas com a relação de poder do colonizador e com o processo de se utilizar de diversos mecanismos de silenciamento em que o colonizado tem muitas vezes o

seu passado, presente e futuro apagados ou dilacerados. A obra do autor haitiano, “Silenciando o passado: Poder e a Produção da história” (1995) apresenta ao leitor o caminho que a narrativa histórica da Revolução do Haiti percorre desde o início da Insurreição Negra até a influência política, econômica e histórica no Haiti atual, deixando marcas no destino do país. Para Aimé Césaire (1978) e C.R.L. James (1938), a Revolução Haitiana foi o primeiro marco da Negritude no mundo e forçou os limites sobre o que seria e quem faria revoluções, já que apresentou uma história impensável e impossível para a sociedade da época demonstrando a importância de buscar outro olhar sobre esse marco histórico. Portanto, o presente estudo pretende seguir o olhar do historiador Trouillot sobre as narrativas históricas que são silenciadas e subjugadas em estudos e pesquisas pelo mundo e uma população que ainda sofre as consequências de uma historicidade unilateral.

Representações de poder e afeto

em *Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz

Maria Inês Freitas de Amorim (UERJ)

Resumo O romance *Nada digo de ti, que em ti não veja*, da escritora afro-brasileira Eliana Alves Cruz, publicado em 2020 pela Pallas Editora, ficcionaliza o passado colonial brasileiro a partir de vozes que a narrativa hegemônica da história silencia. Em uma narrativa repleta de segredos, intrigas e denúncias sobre a violência e a hipocrisia que permeavam as relações sociais, a viagem ao passado construída por Eliana Alves Cruz apresenta perspectivas diversas sobre a vida no século XVIII, mas que ainda permanecem nas relações sociais contemporâneas brasileiras, como o machismo, o racismo, a homofobia, a transfobia e a intolerância religiosa. O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações de poder representadas no romance e em como a autora defende o afeto como uma expressão de luta. Para Kilomba (2019, p.224) “escrever é uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente”, por isso, revisitar o passado pelo caminho ficcional não-hegemônico proposto pela autora permite que passemos a limpo as várias reparações que precisam ser efetivadas no presente. As análises propostas

estão embasadas pela categoria político-cultural de América Latina, desenvolvida por Lélia Gonzalez (2018 [1988]), pelo conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2005), em textos teóricos de críticas literárias, como Tony Morrison (1995), Jenny Sharpe (2003) e Maria Aparecida Salgueiro (2004) e de pensadoras que analisam a relação entre gênero e raça, como bell hooks (2015; 2020), Angela Davis (2016) e Grada Kilomba (2019).

Ritos memorialísticos da Congada no poema “Maio”, de Edmilson de Almeida Pereira

Manoela Fernanda Silva de Matos (UFMS)

Resumo O poema “Maio” foi publicado em 1988 na obra *Árvore dos Arturos e Outros Poemas* e republicado na coletânea *Obra Poética 3: Casa da Palavra em 2003*. “Maio” pode ser considerado um poema narrativo, pois “caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade” (SALES, 2011, p.123). O poema é dividido em cinco partes, que se inicia com a busca por uma ancestralidade africana e que se enraíza com os preceitos ritualísticos da Congada, fonte de energia vital para a Comunidade Negra dos Arturos, que se estrutura em três pilares fundamentais o social, o étnico e o religioso. Essa tríade é alimento para o corpo e alma dos Arturos, já que a Congada “se apresenta, portanto, como um espaço social, político e pedagógico propício para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem” (PEREIRA, 2010, p. 87). Portanto, pretende-se compreender que os rituais da Congada, transitam entre o sagrado e o profano, confirmando a tese de Mircea Eliade (2010) de que o homem é um ser por natureza religioso. Os ritos da festividade são memorialísticos, pois são frutos da memória de um povo, produção coletiva, passada de geração em geração, na qual gera significações, representações e identidade entre um grupo social (STUART HALL, 2012). Assim, os preceitos da Congada são a base da estruturação da Comunidade Negra dos Arturos, que guardam sua ancestralidade e reafirmam sua identidade através da memória coletiva.

Saraus periféricos de Belo Horizonte e as construções poéticas coletivas de mulheres negras

Fabiane Cristine Rodrigues (CEFET-MG)

Resumo Durante as pesquisas anteriores, a fim de ponderar sobre os modos de articulação da Literatura Negra/Afro-Brasileira no interior da Literatura Brasileira, foi realizado, através do portal Literafro, o levantamento de dados de publicações individuais de poesia negra/afro-brasileira materializadas entre 1859 – ano que marca o surgimento de uma poesia negra/afro-brasileira, até o ano de 2019 – quando foram concluído os levantamentos. O levantamento indicou a publicação de 286 obras individuais de poesia que, organizadas pelo gênero dos autores, explicita a discrepância no número de autoras negras, menos de 30% do total de autores inventariados, que publicaram aproximadamente 17,48% do total de títulos inventariado, em detrimento da quantidade de autores negros. Além das disparidades de gênero, as pesquisas anteriores revelam o crescimento quantitativo das publicações na última década: 23 das publicações individuais de poesia de autoria negra feminina inventariadas foram publicadas entre o ano de 2010 e 2019, bem como a importância do gênero literário poesia para a manutenção de uma vertente literária negra/afro-brasileira visto se tratar de um gênero literário que permite publicações em antologias e performances em slams e saraus urbanos, o que contribui para a formação de um público leitor. Os cenários apontados originaram este trabalho, composto pelo levantamento inicial, a partir de redes sociais, divulgações em eventos e programação de eventos culturais, dos saraus atualmente existentes em Belo Horizonte, compostos unicamente ou majoritariamente por mulheres negras e voltados para a criação e manutenção da Literatura Negra/Afro-Brasileira. Deste modo, discutiremos a importância de iniciativas coletivas para a manutenção e existência da diversidade discursiva nos meios culturais, e, junto às considerações traçadas, ao mesmo tempo em que serão procedidas as análises referentes ao impacto dessas iniciativas para a formação de autoras e público leitor negros, além do seu impacto para construção e reafirmação das identidades assumidas pelos sujeitos.

Visões Apocalípticas do Presente: Jovens Negros e a Necropolítica do Estado

Eliseo Jacob (HU)

Resumo Literatura e filmes apocalípticos tem um foco no colapso iminente da sociedade, mas sempre de uma perspectiva mais ampla. Em contraste, literatura e arte contemporânea produzida por escritores e artistas de comunidades historicamente marginalizadas como a periferia e as favelas da cidades grandes do Brasil oferecem uma visão apocalíptica de uma destruição que não é porvir, mas que já é presente para uma demografia específica: os jovens negros de áreas urbanas. O conto “O.M.N.I.” (Objeto Matador Não Identificado) do escritor paulistano Ferréz e a curta-metragem “Chico” dos cineastas cariocas os Irmãos Carvalho servirão como o foco de análise para entender como escritores e artistas das periferias e favelas oferecem uma mensagem urgente da crise da violência do estado contra jovens negros oriundos de comunidades economicamente e socialmente marginalizadas através de tramas apocalípticos e distópicos. Estas obras artísticas serão abordadas usando as teorias da necropolítica de Achille Mbembe e Jaime Alves para entender como a situação distópica atual representado por Ferréz e os Irmãos Carvalho reflete como o estado adota uma política de deslocamento e exterminação para uma população vista como uma ameaça e assim, experimenta uma dupla negação do ser: primeiro como cidadão e segundo como ser humano. Assim obras de ficção científica produzidas por artistas Afro-descendentes das periféricas tem o poder social de oferecer uma crítica na esfera pública sobre políticas atuais que impactam suas comunidades.

Simpósio 61**Manifestações do insólito ficcional**

Flavio García (UERJ)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Resumo Mundo afora, há tempos, muito se reflete sobre a ficção fantástica, mas ainda é impossível delimitar, com rigor, o universo que esse termo-conceito recobre. Então, pesquisadores, teóricos e críticos vêm adotando o termo insólito para recobrir esse espectro de manifestações ficcionais. Tzvetan Todorov, em *Introdução à literatura fantástica* (1970), reuniu as ideias de teóricos, críticos e literatos que, antes dele, debruçaram-se sobre o fantástico, com o fito de esquadriñar uma definição para essa literatura. Por intermédio de uma posição marcadamente estruturalista, o teórico búlgaro ofereceu ao público da época um estudo que ainda hoje é seguido por grande parte de estudiosos dessa vertente ficcional e que a considera sob a perspectiva genológica. Sob a ótica todoroviana, o gênero fantástico se define pela hesitação de personagens, comunicada ao leitor, mantendo-se para além do desfecho da narrativa, e tem por vizinhos o gênero maravilhoso, no qual a hesitação inexistente, e o gênero estranho, em que a hesitação, instaurada no início da narrativa, é desfeita por alguma evidência que tenha como base a razão. Insatisfeitos com a delimitação do fantástico entre aqueles dois gêneros, a partir de semelhanças e diferenças, e percebendo que algumas narrativas não se encaixam rigorosamente nos universos contingenciados por eles, alguns estudiosos buscaram novas perspectivas teóricas na tentativa de definir o fantástico. Entre as alternativas apresentadas, podem-se destacar duas: o fantástico como modo ou como categoria. O pesquisador português Filipe Furtado, acompanhando, especialmente, os argumentos de Rosemary Jackson (1981), denuncia, no verbete “Fantástico: modo” (2009), o quanto a perspectiva genológica deixa à parte uma série de narrativas que poderiam ser consideradas e lidas como fantásticas. Nessa linha de entendimento, Furtado admite que o conceito de sobrenatural não seria englobante a ponto de conjugar diferenças e similitudes e, por isso, defende que o modo fantástico se caracterizaria por uma fenomenologia metaempírica. Furtado defende que o metaempírico (2021 [s/d]) englobaria, para além de acontecimentos da ordem do sobrenatural, outros que, assustadores

ou não, percebam-se insólitos, inexplicáveis quando da produção do texto, seja por incapacidade de percepção, seja por falta de conhecimento de suas leis, seja, enfim, por não possuírem existência efetiva naquela realidade quotidiana. A definição do fantástico pelo mirante de categoria foi eleita para explicar o diálogo do fantástico com gêneros diversos, bem como com outras artes. Vale lembrar que as visões genológica e modal – especialmente essa última – permitem refletir sobre uma infinidade de expressões da arte. A pesquisadora portuguesa Maria João Simões (2007), com base nos estudos de Roger Bozetto, Arnaud Huftier, Étienne Souriau e Robert Blanché, esclarece que a categoria se define por intermédio de um ethos específico e estabelecido ilustrativamente através de um diagrama em rosácea. O fantástico seria um dos núcleos da rosácea, composta por tantas outras unidades nucleares, como o grotesco, o gótico, o sublime, o cômico, o trágico etc. Todas essas variadas experiências de compreensão do fantástico foram e continuam sendo realizadas em função de haver um imenso conjunto de produções artísticas que fazem emergir elementos e/ou acontecimentos da ordem do inexplicável e que parecem esquivar-se a toda tentativa de definição, mas que se podem reunir sob a denominação abrangente de insólito ficcional. Há, contudo, no vasto e heterogêneo conjunto de produções abrangíveis sob esse termo-conceito, um traço distintivo que lhe daria certa unidade teórica, metodológica, crítica e conceitual: o caráter insólito na composição de qualquer de suas categorias narrativas, isoladas ou solidariamente entre si, afastando o texto do universo semionarrativo realista. Para o pesquisador boliviano Renato Prada Oropeza (2006), essa impressão se produziria a partir do recurso a diferentes estratégias de construção narrativa – ranhuras, fissuras, fraturas, rupturas, resultantes da instauração de incoerências ou incongruências face aos referentes extratextuais, geralmente demarcados pela verossimilhança realista – que põem em xeque as expectativas da lógica racional e aristotélica. Percorrendo por essas manifestações do insólito ficcional, espera-se que as apresentações e discussões acolhidas neste simpósio problematizem e reflitam sobre gêneros, modos, categorias do discurso que fogem da mimesis realista.

A fúria das espirais:**ficção, contrários e desconforto nos contos de Silvina Ocampo**

Júlia de Mello Silva Oliveira (UNIFAL)

Nayara Meneguetti-Pires (UFSCar)

Resumo A fúria é um livro de contos publicado em 1959 por Silvina Ocampo, escritora argentina. Obra que, de maneira geral, se constrói ficcionalmente evidenciando o insólito do/no cotidiano e pode vir a ser, à primeira vista, vinculada à tradição do fantástico, mágico ou maravilhoso. Em muitos desses contos, o efeito do insólito se constrói colocando-se em relação termos opostos – tais quais vida e morte, eu e outro, saúde e doença, juventude e velhice, passado e presente, presente e futuro, mas, principalmente, real e ficcional – que, num primeiro momento, parecem dotar o texto de uma leitura cíclica ao se transformarem, no decorrer da narrativa, uns nos outros. No entanto, o jogo que Silvina estabelece entre esses opostos é mais complexo que a simples transformação de um no outro. Nossa hipótese é a de que em sua constística tais opostos se sobrepõem, sugerindo, antes, uma leitura da estrutura de suas narrativas como espiraladas e que denuncia um relacionamento particular com a ficção. É com base nessa constatação e afim de entender tal relacionamento que o presente trabalho tem como objetivo problematizar e colocar em xeque os gêneros que categorizam a abordagem insólita – o fantástico (TODOROV, 1975; CAMPRA, 2008; ROAS, 2011), o mágico (SPINDLER, 1993), o maravilhoso (CARPENTIER, 1987), – por meio da Teoria da Ficção, epistemologicamente fundamentada em Eco (1994), Calvino (1990), Stierle (2006), Iser (2013), Lima (2006). Para tal, lançaremos mão de contos da autora que mobilizem tais recursos de interpolação de opostos a fim de lê-los à luz da teoria por nós proposta, a qual consideramos ser capaz de trazer importantes avanços para a compreensão de como a obra ocampiana constrói sua ficção a partir da fúria das espirais, que rasuram as fronteiras entre os contrários, confundindo-os e gerando o desconforto do insólito.

A hipotipose do horror em *O cirurgião do mar*, de Gabriele D'Annunzio

Julia Ferreira Lobão Diniz (UFRJ)

Resumo Gabriele D'Annunzio (1863-1938) é considerado o representante máximo do decadentismo na Itália, porém, antes de vincular-se ao movimento decadente, o escritor atuou na produção de contos inspirados na estética do verismo italiano e do naturalismo francês. Tais inspirações, principalmente aquelas ligadas à produção de Guy de Maupassant (1850-1893) fizeram com que D'Annunzio desenvolvesse o que chamaremos de pré-decadentismo: narrativas acerca de uma parcela da população vilipendiada e esquecida pela sociedade. Buscando dar veracidade às histórias de um estrato social composto por pescadores e camponeses de sua terra natal, o escritor adotou, além da técnica de observação direta desenvolvida por Émile Zola (1840-1902), uma estética muito particular que esbarra na definição de horror, posto que temas como o grotesco, o mortuário e o doentio são abordados frequentemente para ilustrar o sofrimento de seus personagens. O conto *O cirurgião do mar*, presente pela primeira vez na coletânea *São Pantaleão* (1886) mescla crítica social com a paisagem marítima de Pescara através de uma linguagem que utiliza o recurso da hipotipose – descrições picturais sem alusão a um quadro específico – para descrever um horror de cores e texturas tão intensas a ponto de evoluir para o pitoresco. Dito isso, a presente comunicação objetiva analisar a estética do horror (LOVE-CRAFT, 1987; TODOROV, 1975) sob um viés pictural (LOUVEL, 2012) na obra *O cirurgião do mar*.

A insólita santa de Ourém

Léa Evangelista Persicano (UFU)

Resumo O romance histórico brasileiro *Os diabos de Ourém* (2020) é de autoria da escritora e historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro. Ao longo da narrativa – que se desenvolve sobretudo na vila de Ourém, Província de Belém do Pará, na década de 1860 – o diabo é um personagem protagonista multifacetado, multiforme e recebe várias

nominações, dentre elas a do espírito maligno da finada Maria do Nascimento, que parece se manifestar por meio da sua escrava Martinha. É um romance rico em fios narrativos entrelaçados, no qual se percebe fatos insólitos e fantásticos, a exemplo de manifestações dos(as) diabos(as) em espetáculos dentro e fora da Igreja, da defunta que se comunica com os vivos querendo redenção de seu maior pecado (em vida, essa mulher teve um caso extra-conjugal e não teve tempo de organizar a sua morte, pedindo perdão a Deus) e cujo corpo permanece intacto por meses no túmulo. Essa narrativa, também, apresenta elementos de contrariedade de dogmas religiosos de que uma alma que foi para o inferno não alcança o céu, estabilidade que se desfaz com a transformação da pecadora em “santa”, através da profilaxia espiritual do exorcismo. Com base em noções teóricas como: insólito (COVIZZI, 1978), sobrenatural (FURTADO, 1980, 2021), fantástico enquanto modo discursivo (CESERANI, 2006; FURTADO, 2009; GAMA-KHALIL, 2013, 2019), pretende-se descrever, analisar e entender alguns desses fatos insólitos e fantásticos tecidos na trama de *Ourém*.

A literatura assombrada pelos humanos:

Veronica Stigger e o separatismo meridional no conto

Luana Della-Flora (UPM)

Resumo Neste trabalho, partimos da fortuna crítica existente acerca da prosa ficcional da escritora e crítica de arte porto-alegrense Veronica Stigger para construir uma análise do conto “2035”, que integra sua premiada obra *Sul*, publicada no Brasil em 2016. Revisitamos diferentes conceituações e nomenclaturas utilizadas por diferentes pesquisadores na tentativa de definir a obra de Stigger – como o absurdo, identificado por Maria Aragão (2012); o *unheimlich*, apontado por Bruna Ferraz (2020); o estranhamento e o grotesco, apresentados por Ana Carolina Roberto (2018), entre outros – para compreender como se dá a presença do insólito nessa narrativa curta. A partir da análise de quatro elementos que se destacam em “2035” (os números, as cores, os cenários e as insígnias), é possível compreender como a escritora utiliza as ferramentas do insólito para apresentar uma visão crítica sobre a Revolução Farroupilha – a revolta armada do estado do Rio Grande do Sul contra o governo imperial do Brasil, ocorrida entre 1835 e 1845,

que ganhou forte caráter separatista. Como resultado, observa-se que não há, no texto de Stigger, uma separação entre o cruel absurdo e o cotidiano comum; e que o espanto causado por seus contos está diretamente ligado a banalidade com que ela escancara que todo absurdo é possível. Assim, concluímos que, diante de tamanha diversidade, é interessante estabelecer um efeito-comum de sua escrita, a saber, o desanestesiamento dos sentidos, o desentorpecimento dos corpos e mentes pela revelação do humano como maior assombro do mundo.

Eden Bower, a monstruosidade feminina em Borges e Dante Gabriel Rosseti: manifestações do insólito na mitologia do imaginário Lilit

Graciane Cristina Manguiera Celestino (UNIPLAN)
Cíntia Carla Moreira Schwantes (UnB)

Resumo Em “O Livro dos Seres Imaginários”, Borges; Guerrero (1981) constroem uma estética narrativa permeada por uma episteme própria de leitura. Nessa episteme, se apresenta uma categoria do discurso que conta com a presença de um narrador alusivo – termo elaborado com a finalidade de indicar que esse tipo de narrador aprimora mitos e narrativas da tradição literária, todas representativas das manifestações do insólito ficcional estabelecidas a partir da presença de seres fantásticos ou imaginários, constituindo uma representação das culturas e sociedades em que foram concebidos. A importância desses conceitos – mitologias do imaginário, narrador alusivo e episteme da leitura borgiana –, está na capacidade de nortear as análises literárias relacionadas às manifestações do fantástico nas narrativas que se apresentam no livro. De tal modo, o objetivo da presente proposta de comunicação é mapear as citações, alusões, traduções e a participação de narrativas insólitas – especificamente relacionadas ao objeto de análise, Lilit – na memória coletiva de culturas distintas, tendo como ponto focal a rede de intertextualidade. O objetivo deste trabalho é investigar como a mitologia do imaginário Lilit, uma das 116 narrativas insólitas de “O Livro dos Seres Imaginários”, se configura em uma narrativa permeada por rupturas, fragmentações e fissuras que orientam a uma análise das tessituras e aprimoramentos da narrativa. O recorte contempla a temática da representação do feminino

e morte, tema que perpassa as manifestações do insólito em textos diferenciados. O aporte teórico foi provido por Tânia Franco Carvalhal, David Roas, Rosalba Campa, Emir R. Monegal e Filipe Furtado.

Fantásticos brasileiros: um relance sobre a gênese do fantástico no Brasil

Abílio Aparecido Francisco Junior (UNESP)

Resumo A presença de contos fantásticos de origem brasileira na história literária é controversa e perpassa um cânone realista, o qual proporcionou o apagamento dessas obras tanto para o público quanto para a academia. Apesar disso, existiu uma literatura fantástica no Brasil, a qual acompanhou o Romantismo no país e, diferente do que muitos acreditam, vai além das histórias presentes em *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo. Nesta esteira, cabe ressaltar a importância de se buscar uma gênese para a literatura fantástica brasileira, possivelmente presente nas décadas de 1830 e 1840, a fim de trazer à luz da crítica obras que compuseram os periódicos desse período e se aproximem do que teóricos como Tzvetan Todorov, Remo Ceserani, Irène Bessière e David Roas, propuseram em seus estudos acerca do fantástico. Assim, por meio de contos como “Um sonho”, de Justiniano José da Rocha (1838), “Luísa”, de Antônio Joaquim Pereira da Silva (1838), “Uma maldição”, de João José de Sousa e Silva Rio (1839) e “Visão”, de Aureliano Lessa (1849). Busca-se, a partir da exposição dessas obras, verificar sua inserção na miríade de textos românticos, mais especificamente como pertencentes ao início do fantástico brasileiro, supostamente perdido em publicações as quais ficaram esquecidas devido a um cânone elitista e monotemático.

Manifestações do insólito ficcional em *mundo grave*, de Pedro Pereira Lopes

Flavio García (UERJ)

Resumo Pedro Pereira Lopes é um escritor moçambicano que transita pela poesia e pela prosa, incursionando pela narrativa curta e de

média e longa extensão, com parte de sua obra direcionada, assumidamente, ao público infantil e juvenil. Sua narrativa *Kanova e o segredo da caveira*, publicada pela Escola Portuguesa de Moçambique, em 2013, na coleção “Contos e histórias de Moçambique”, e pela Editora Kapulana, no Brasil, em 2017, na série “Contos Moçambicanos”, integra, originalmente, um projeto de formação de leitores que visa a atender ao desejo de Nelson Mandela de que a voz do narrador de contos nunca morra e de que as crianças nunca percam a capacidade de ampliar seus horizontes do mundo com a magia dos relatos. Conforme anuncia Lopes, ao resgatar e reescrever um conto anônimo que circulava pela África, com distintas versões, para a composição de sua narrativa, ele o tornou uma fábula, inverteu o seu final e realçou o maravilhoso, cujos valores possíveis de serem sobrelevados pareciam, desde então, seduzi-lo como escritor. Seu romance *mundo grave*, publicado em Portugal, em 2018, pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, foi obra vencedora da 1ª edição do Prémio Instituto Nacional Casa da Moeda/ Eugénio Lisboa em 2017 (Lisboa) e do Prémio Bunkyo de Literatura para ficção policial em 2019 (São Paulo). A crítica aponta aspectos que inscrevem o romance no universo da narrativa de investigação, mistério e policial, destacando, ainda, sua proximidade com o fantástico. Contudo, sua leitura traz à baila estratégias narrativas e temas que a permitem inscrever na seara do realismo animista. Pretende-se realizar um breve e, em certa medida, superficial percurso por mundo grave, destacando, em sua composição narrativa, momentos em que se verifiquem procedimentos discursivo-textuais próprios a diferentes categorias, modos subgêneros e gêneros que se possam inscrever no vasto e amplo universo do insólito ficcional.

Miradas fantasmagóricas:

o roupeiro de Frida Kahlo e suas narrativas insólitas

Tamira Fernandes Pimenta (UFU)

Resumo A construção de uma roupa parte da importância de um discurso imagético, no qual o resultado é uma linguagem visual que se compõe de significantes (movimento, forma, cor) e dos significados (os conceitos expressos por meio da indumentária). As roupas

carregam história, resistem à deterioração e ao apagamento do corpo; elas habitam materialidades corporais e ficam impregnadas das particularidades da vida de quem as usa: seu mundo, hábitos e a frágil mortalidade do tempo. Nossa proposta analítica advém do pressuposto de que ao contemplar as roupas e os objetos de Frida Kahlo após a sua morte o observador é conduzido para uma atmosfera que causa um estranhamento fantástico. Desse modo, o corpus analisado contemplará alguns vestidos e acessórios da pintora mexicana que parecem em permanente espera devido ao vazio deixado pela ausência do corpo e funcionam como um portal entre o mundo empírico e o metaempírico. Essa presença imortalizada pelo vestuário evidencia como o corpo permanece gravado na roupa o que possibilita uma interpretação mais abrangente dos sentidos recriados pela presença fantasmagórica de Frida Kahlo, intermediada pelos vestidos expostos que nos estarrecem, assombram e nos consolam. Para explorar tais conexões, escolhemos uma base teórica para esse estudo que proporciona o suporte necessário: Roland Barthes (2005, 2009 e 2015), que vê no vestuário um sistema de comunicação que possibilita analisar a formação de um discurso estético, biografemático e identitário; os estudos relacionados ao insólito ficcional possuindo como pressupostos os estudos de Marisa Martins Gama-Khalil (2018) e Flávio Garcia (2009) e, por fim, Michel Foucault (2013), e Jean-Luc Nancy (2015), autores fundamentais para apresentar o corpo como território impregnado de subjetividade. Assim, pretendemos com nossa análise apresentar os espaços insólitos e fantasmagóricos bem como a pluralização dos vários “eus” existentes no roupeiro de Frida Kahlo.

Mito e tragédia em *Os Filhos de Húrin*, de J. R. R. Tolkien

Samuel Renato Siqueira Sant’Ana (UNESP)

Resumo O presente estudo visa analisar como em uma tentativa de criar uma mitologia para a Inglaterra, o filólogo J. R. R. Tolkien faz um resgate de diversas tradições literárias, que contribuem para a criação de sua personagem mais trágica: Túrin Turambar, em *Os Filhos de Húrin* (*The Children of Húrin*, 2007). Para a análise dessa personagem, através da Literatura Comparada, foi utilizada a figura de Édipo da tragédia de Sófocles como representante da tragédia clássica

e para tanto, recorreu-se a estudos que se voltem para o gênero trágico, como *A tragédia grega*, de Albin Lesky. Como aparato teórico-crítico, foi realizado um levantamento bibliográfico mais aprofundado sobre a tragédia e o trágico, bem como textos da crítica literária, como *Anatomia da Crítica* (1973), de Northrop Frye. Tendo em vista que a tragédia em sua tradição clássica surge a partir de releituras de narrativas mitológicas, a compreensão da formação e tradição de mitos é essencial para atingir a proposta de Tolkien ao criar seu *legendarium*. O mito de Kullervo, presente nos cantos 31 a 36 do Kalevala, epopeia nacional da Finlândia, representa um herói trágico que, ao lado de Édipo, constitui uma das principais influências para a construção de Turambar. Portanto, o objetivo final é construir uma ponte que conecte os elementos narrativos clássicos com o surgimento da fantasia moderna.

Mundos conectados pelo insólito: reflexões sobre a obra de Diana Wyne Jones

Angelica Maria Santana Batista (UERJ)

Resumo Dos mundos possíveis ficcionais apresentados. A configuração de uma narrativa oferece diferentes modos de representação realista ou insólita, a depender do maior ou menor grau de compromisso com o mundo objetivo. Isto é, para se definir a armação de um dado mundo ficcional, deve-se levar em consideração as representações e figurações capazes de confirmar ou questionar um sentido da realidade tida como verdadeira em dado espaço e em dado tempo. O insólito ficcional seria então uma representação ficcional especial que questionaria os limites da realidade referencial em várias instâncias intratextuais. Mais do que elencar o sobrenatural e o extraordinário, o insólito ficcional está em um tipo específico de ficção que se estruturar como o desvelamento da realidade e como a ameaça perene à verdade e à segurança. Diana Wyne Jones (1934-2011), escritora inglesa, é conhecida por seus livros infanto-juvenis que demonstram mundos conectados e/ou misturados, com direito a personagens que transitam em tempos e espaços paralelos por meio da magia, o que gera infinitas versões dos acontecimentos. Os elementos insólitos, aliados à paródia literária, demonstram forte crítica a

respeito do papel dos indivíduos nas mudanças da sociedade. As séries *Mundos de Crestomanci* e *O castelo animado* revelam mundos possíveis ficcionais em que se desvelam as engrenagens mágicas que instituem uma lógica própria, ou seja, quanto mais ou menos mágico for o mundo apresentado, mais insólitas são as relações entre personagens, tempos e espaços.

O discurso e a diegese do fantástico: o plus ultra da singularização

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Resumo No estudo aqui proposto parto da constatação de que a palavra em seu uso singularizado, que instiga o estranhamento, é um recurso constitutivo do procedimento literário, e proponho a hipótese de que a literatura fantástica possui um discurso que confere à singularização um plus ultra, como um discurso singularizado em dobra, geminado. Defendo que esse plus ultra da singularização ocorre em função de o procedimento da singularização, no âmbito da literatura fantástica, construir-se por duas vias: pelo discurso, ou seja, por meio de uma linguagem conotativa e, por isso, plurissignificativa; e pela diegese, uma vez que aquilo é da ordem do conotativo, do metafórico, ganha dimensões concretas no enredo, o que confere à narrativa seu grau de metaempirismo. Demonstro como o plus ultra da singularização é arquitetado na diegese por meio da elaboração ficcional dos elementos narrativos, como personagem, narrador, tempo e espaço. Para dar corpo à investigação proposta, seleciono como objeto de estudo principal o conto “Teleco, o coelhinho”, de Murilo Rubião, que figura ao lado de outras narrativas fantásticas, como Memórias póstumas de Brás Cubas, Alice no País das Maravilhas, Rip Van Winkle, dentre outras. A base teórica responsável pela ancoragem argumentativa central do trabalho são as noções de singularização e estranhamento desenvolvidas por Victor Chklovski no ensaio “A arte como procedimento”. Compõem também o corpo teórico a releitura que Carlo Ginzburg realiza da noção de estranhamento, a noção de insólito de Lenira Covizzi e a de metaempírico de Filipe Furtado.

O fim do mundo é um lugar

Andrezza Tartarotti Postay (PUCRS)

Resumo O presente trabalho é um projeto de tese de doutorado em Escrita Criativa. Tem como objetivo a produção de um romance e uma série de ensaios teóricos envolvendo temas relacionados ao processo de criação. O romance, intitulado “O fim do mundo é um lugar”, narra a história de uma mulher que vê o mundo acabar a poucos metros de sua janela. O fim do mundo acontece pela primeira vez às 21 horas e 42 minutos do dia 17 de agosto e dura exatos 27 minutos. Uma luz arredondada aparece no céu e tudo o que é orgânico dentro de um perímetro de 5km entra em combustão espontânea. O evento passa a se repetir diariamente, sempre no mesmo horário, e as pessoas se relacionam com o fim do mundo de diferentes formas. A narrativa não busca explicar o fim do mundo, mas sim trabalhar as formas como o acontecimento afeta (ou não) as personagens, neste sentido, pretende se apresentar como um romance insólito com intersecções que dialogam com a literatura de horror. Deste modo, a parte teórica da tese se propõe a analisar o processo criativo do romance, pontuando as escolhas e estratégias narrativas que causam, no texto ficcional, a ruptura com a lógica racional.

O insólito e o duplo em “Retratos” de Caio Fernando Abreu

Livia Maria Rosa Soares Oliveira (IFMA/UERN)

Resumo Esta comunicação objetiva analisar as confluências entre a manifestação do insólito e do duplo no conto “Retratos” de Caio Fernando Abreu. O referido conto compõe a coletânea *O ovo apunhalado*, publicada em 1975 e ressalta uma tendência bastante percebida nas narrativas fantásticas contemporâneas de representar o esfacelamento e a fragmentação do eu através de vivências aparentemente banais e embutidas no cotidiano. A partir dessas alegorias, o autor abre espaço para novas formas de subjetivação e análise de contextos políticos e sociais que movimentam a coletividade. A uma vez que a personagem, que nunca havia reparado na própria aparência, permite que um morador de rua, localizado na praça em frente a seu prédio,

reproduza seu retrato diariamente, somente assim ele percebe sua aparência pálida e sem vida. Ao final, a presença do caráter sobrenatural é percebida pela hesitação sobre a real existência do mendigo. Tal alegoria é reveladora do esvaziamento das identidades que se mostram conflitivas e em busca de uma essência verdadeira. A análise do tema do duplo permite observar as apropriações metafóricas que se manifestam no a partir do jogo especular do reflexo, da cisão ou da fusão, da matéria da hibridização, da antítese, da oposição e dos contrários corpóreos, etc. Desse modo, considerando a ambiguidade e a ambivalência inerentes ao estatuto do duplo, questão fincada na grande tradição filosófica, o efeito de ilusão sobre a existência ou não do mendigo ressalta a natureza paradoxal, desencadeando o elemento irreal. Como aporte teórico apresentaremos as considerações de Roas (2014), Ceserani (2006), Sartre (2005), Campra (2011), Bargalló (1994), Lamas (2002), entre outros.

O insólito na ficção de Ignácio de Loyola Brandão

Mykaelle de Sousa Ferreira (UFF)

Resumo No tocante ao panorama da literatura brasileira observa-se que o naturalismo e o realismo são as tendências canônicas predominantes. Como pontua Flora Süssekind (1984), qualquer texto ou autor que não reforce as características previamente estabelecidas pela árvore genealógica da literatura nacional corre o risco de tornar-se certa espécie de bastardo ou parricida, contribuindo para a construção de inquietantes rupturas e descontinuidades. Nesse sentido, o conjunto da obra produzida pelo escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão constitui um passo significativo na representação do gênero fantástico e distópico em nossa literatura, ressaltando o traço insólito ou de ruptura na esfera literária nacional. Desse modo, a presente comunicação objetiva promover uma reflexão acerca do insólito ficcional, em uma perspectiva nacional, utilizando como corpus de análise o romance *Não verás país nenhum* (1981). A presente pesquisa defende, nesse sentido, a articulação de componentes associados ao gênero fantástico na obra citada, a saber: a hesitação no discurso narrativo, assim como a presença de elementos grotescos e fantasmagóricos na caracterização das personagens em cena e dos

espaços narrativos percorridos – *o locus horribilis*. Como resultado, verifica-se que a reflexão acerca de tal gênero literário permite ampliar o leque de possibilidades analíticas para estudiosos na área de Letras e Literatura a partir da abordagem de gêneros que ainda não possuem a devida atenção acadêmica, embora mantenha um amplo alcance de público-leitor. Assim, utilizamos como bibliografia de apoio os estudos postulados por Giroldo (2018), Causo (2003), Ginway (2020), Cohen (1996), Bauman (1998), Clayes (2017), Lovecraft (2008), Todorov (2004), Vax (1972), entre outros.

O insólito revolucionário na Literatura e na fotografia de Lewis Carroll

Ana Carla Vieira Bellon (UERJ)

Resumo Esta pesquisa intermediática se propõe a construir um diálogo entre a obra literária e a obra fotográfica de Lewis Carroll por meio da configuração do elemento insólito, seja *stricto* ou *lato sensu*. Para isso, se fez necessário recuperar a tradição da teoria em torno do insólito literário e enfrentá-la para encontrar as linhas de fuga necessárias para a construção de uma metodologia de análise que potencializasse a abordagem intermediática, imanente ao estudo. As obras em diálogo são: as narrativas literárias *Alice in Wonderland* (1865) e *Alice through the looking glass* (1871) e as fotografias *The Dream* (1863), *Annie Rogers e Mary Jackson* (1863), *The Elopement* (1862), *Reginald Southey e esqueletos* (1857), *Fair Rosamund* (1863), *Saint Georges and the Dragon* (1875) e *Henrietta and Margaret Lutwidge* (1859). Para a reflexão e reconstrução da abordagem em torno do insólito, ancorou-se principalmente nas noções de Gilles Deleuze e Félix Guattari em sua obra *Mil Platôs*. Confrontam-se pensamentos e estratégias que constroem e desconstroem a tradição teórica para construir um outro insólito, *lato sensu*, próprio de toda ficção, seja realista, seja insólita *stricto sensu*. Este último se apresenta, na obra de Carroll, como combuível responsável pela proliferação de sentidos, sendo potencializado pelo insólito *lato sensu*, seu mecanismo “revolucionário”.

O jardim como espacialidade insólita em “que se chama solidão”, de Lygia Fagundes Telles

Amanda Letícia Falcão Tonetto (UFU)

Resumo “Que se chama solidão”, conto do livro *Invenção e Memória*, de Lygia Fagundes Telles, narra as memórias de infância de uma menina que vive cercada pela família e suas pajens. Após a fuga de uma das pajens, somos apresentados à Leocádia, a nova criada da família por quem a menina-narradora se afeiçoa, dado o tempo que as duas passavam juntas. É então que todos ficam surpresos ao descobrir que, numa tentativa de aborto, a nova pajem acaba perdendo a vida. O insólito irrompe ao final do conto, quando a menina vê o fantasma de Leocádia em meio ao jasmineiro no quintal. O jardim, espacialidade onde a narradora se vê frente a um fantasma, é uma imagem prenhe que aparece frequentemente nos contos de Telles. O conceito da imagem prenhe é cunhado por Walnice Nogueira Galvão no posfácio do livro *Os contos*, de Lygia Fagundes Telles, para descrever as imagens da obra da autora que são responsáveis pelo desenrolar de suas narrativas. Desse modo, nosso trabalho objetiva investigar a construção do insólito no conto “Que se chama solidão” a partir da espacialidade do jardim presente na narrativa. Para esta análise, recorreremos à definição de metaempírico delineada por Filipe Furtado, além da proposição do insólito da estudiosa Lenira Marques Covizzi e dos procedimentos formais e temáticas propostas por Remo Ceserani para tratar do fantástico como modo. Utilizaremos ainda a noção de heterotopia proposta por Michel Foucault para tratar da espacialidade do jardim.

O mundo de nós todos e invisível entre nós

Francisco de Assis Ferreira Melo (UFCAT)
Alexander Meireles da Silva (UFCAT)

Resumo Neste estudo pretendemos analisar o conto que também dá nome à coletânea *O mundo invisível entre nós* (2020), de Caitlín R. Kiernan, autora norte-americana de fantasia dark e ficção científica. Esta narrativa, situada em um futuro pós-apocalíptico e cujo espaço

é responsável por deflagrar o insólito, mostra um mundo que viu seu modo de vida desaparecer quando uma praga mortal, um vírus, assolou todo o planeta. É nesse contexto que acompanhamos um dia na vida de Twila, a jovem protagonista, quando ela acorda depois de um sono estranho, tendo que enfrentar a dúvida se está contaminada ou não. À medida que se lembra dos eventos que a conduziram até este dia específico, Twila, seu irmão Dougie e o amigo Blondie também precisam encarar a realidade da dissolução familiar. Esse mundo caótico se relaciona com a descrição dada por Roas (2018) de catástrofes e vírus que alteram a realidade e pode ser, segundo Gama-Khalil (2018), um espaço onde o insólito acontece numa relação em que a morte e o medo estão presentes. Esse quadro, conforme França (2018), caracteriza o rompimento da barreira da razão instaurando o medo e, diante de algo complexo como as contaminações por agentes nocivos, de acordo com Douglas (2010), é preciso mantermo-nos puros para sobreviver e longe das impurezas, como o vírus que assolou o mundo da jovem. A realidade de Twila dá a ela uma visão transgressora, violando categorizações que envolvem essa percepção de cultura perdida ou viver o medo em toda a sua extensão, como prevê Lovecraft (1987). A partir destes teóricos, Roas, Gama-Khalil, França, Douglas, Lovecraft, podemos acompanhar o processo de desagregação física, psicológica, social e cultural de Twila em um espaço insólito destruído por um vírus.

O plus ultra da solidão em *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez

George Lima dos Santos (UFU)

Resumo Na presente comunicação, temos como corpus analítico-literário o romance *Cem anos de solidão*, escrito pelo colombiano Gabriel García Márquez. Assim, objetivamos analisar as consequências resultadas do episódio da peste da insônia que assola o povoado de Macondo, mais necessariamente a solidão dada a ver por essa enfermidade. O episódio da peste da insônia ocupa poucas páginas do romance, mas é significativo para entendermos a proposta poética voltada para a solidão que é realizada por García Márquez (2018) em *Cem Anos de Solidão*. A hipótese que fundamenta essa nossa proposta

é de que, no processo de materialização solidão durante o episódio da peste da insônia, são evocadas referências insólitas que conferem um plus ultra, isto é, uma dobra a mais para o processo de singularização da solidão no/pelo romance. Em função dessa perspectiva, observamos que as ocorrências insólitas que giram em torno da peste da insônia, assim como a própria condição epidêmica, não só mostram como demonstram a gravidade da solidão que assola Macondo. Por solidão aqui podemos compreender a impossibilidade de linguagem, uma vez que a peste da insônia não só impede os moradores de Macondo de dormirem, mas, também, causa esquecimento neles. Para realizarmos essa nossa leitura utilizaremos três teorias: sobre a solidão, por Maurice Blanchot (2011); sobre a singularização dos objetos na arte, por Victor Chklovski (1978); e sobre a dobra no processo de singularização pelo discurso da literatura fantástica por Marisa M. Gama-Khalil (2019).

O realismo maravilhoso em *La ciudad de las Bestias*

Wellingson Valente dos Reis (IFPA)

Resumo O presente estudo busca verificar o processo de construção do realismo maravilhoso na obra “La ciudad de las Bestias”, obra que inicia a trilogia chamada de “Las memorias del Águila y el Jaguar” feita por Isabel Allende para o público Infante-Juvenil. A escolha deste público é muito emblemática, pois, na obra, a autora debate diversos temas da nossa sociedade, de forma leve, misturando contos de fadas, realidade e imaginário, criando uma obra que é um excelente exemplo do realismo maravilhoso, forma de produção muito importante na América Latina e nas obras da própria escritora. O foco principal deste trabalho é perceber como a autora desenvolve o realismo maravilhoso dentro da obra, sabendo que o seu público são adolescentes, jovens leitores, normalmente, em fase de formação da sua personalidade, e que estão em transição entre a infância e a idade adulta. A narrativa é repleta de acontecimentos do maravilhoso como os animais totêmicos e os índios “invisíveis”; a narrativa vai além, e também debate questões sociais que assolam a Amazônia, como o desmatamento, as queimadas, a exploração da natureza e a devastação dos povos indígena, mostrando uma junção entre natural

e sobrenatural muito comum na região amazônica, tanto que Paes Loureiro (2015) diz que na região amazônica, a presença do surreal, do insólito é muito grande, fazendo com que a realidade se torne uma espécie de “Sfumato”, ou seja, uma realidade transformada pelas fronteiras do insólito e do real em uma área não demarcada. Neste sentido, esse estudo busca apoio teórico em Paes Loureiro (2015), Chiampì (2015), Carpentier (1987) entre outros.

O surgimento do folhetim nos periódicos brasileiros do século XIX e o gênero fantástico

Sabrina Baltor de Oliveira (UERJ)

Resumo Em 1836, ano em que o romance-folhetim faz sua primeira aparição nos jornais franceses *La Presse* e *Le Siècle*, é lançado no Brasil o jornal *O Cronista* do célebre jornalista José Justiniano da Rocha. Este periódico terá um papel decisivo não apenas na introdução do espaço folhetim tradicional, ou seja, aquele reservado na parte inferior da primeira página dos jornais para a publicação de textos literários, críticas de artes, ensaios, textos de divulgação científica e etc., como também na divulgação de narrativas pertencentes ao gênero fantástico, sejam estas traduções ou adaptações de clássicos europeus, sejam produções originais de autores brasileiros. Hélio Lopes, em seu artigo *Literatura Fantástica no Brasil*, de 1997, já destacava a década de 30 do século XIX como marco inicial da narrativa insólita em terras brasileiras e sublinhou igualmente o papel pioneiro de José Justiniano da Rocha e de seu jornal. Neste estudo, possível graças aos números digitalizados e disponíveis do periódico na Hemeroteca Digital Brasileira, levantaremos e analisaremos não só os textos fantásticos, como qualquer escrito que faça referência ao gênero, publicados em *O Cronista* durante seus dois anos de existência, de 1836 a 1838. Desta forma, esperamos contribuir para fazer uma radiografia dos primeiros passos da narrativa insólita no Brasil.

Os olhos na literatura fantástica brasileira: Machado, Campos e Figueiredo

Karla Menezes Lopes Niels (IFRJ)

Resumo Os olhos, desde a tragédia grega, passando pelos contos maravilhosos, são carregados de simbologia. Ora janela da alma, ora símbolo do duplo; aparecem através da cegueira de Tirésias, arrancados da própria face pelo Rei Édipo ou devorados por pombas em uma das versões do conto de fadas Branca de Neve. Os olhos são mote para a literatura. Na literatura de cunho fantástico um expediente ainda mais explorado. Desde “Der Sandman” (1817), de E. T. A Hoffmann, os olhos são um expediente bastante explorado pela narrativa fantástica, seja na forma abordada pelo alemão através das simbologias das lentes e óculos, seja na ênfase que se dá ao olhar como, por exemplo, ocorre em *La morte Amoureuse* (1836), de Théophile Gautier. Da mesma maneira, a literatura de cunho fantástica brasileira também tem utilizado os olhos como motivo para a deflagração do fantástico na narrativa. A fim de considerar tal temática, a presente comunicação pretende analisar comparativamente contos de Machado de Assis, Humberto de Campos e Rubens de Figueiredo nos quais os olhos, lentes e olhares cumprem papel crucial para a construção do fantástico na narrativa. Para tanto, lançamos mão dos estudos seminais do fantástico e do *Dicionário de Símbolos* (2020), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

Um lugar sem lugar: o insólito em *Às avessas* de Huysmans

Marta Dantas (UEL)

Resumo *Às avessas* (2011), de J.-K. Huysmans, romance publicado pela primeira vez em 1884 e que recebeu, por parte da crítica, rótulos variados: bíblia do decadentismo, manual da vida moderna, expressão da devassidão e da luxúria, entre outros, estabelece um profícuo diálogo com as artes. Seu protagonista, Des Esseintes, é um dandy baudelairiano, colecionador de tesouros artísticos e literários; solitário, anseia um outro mundo diante de um mundo que ele julga não ter valor. Insatisfeito com a sociedade em que vive deixa Paris

e funda, em Fontenay-aux-Roses, uma nova morada, um mundo às avessas. Nele, o bibliógrafo supera o leitor, o artificial supera o natural, o ornamento supera a função; a viagem ocorre na imobilização e o profano é sacralizado. Sua casa é uma pintura que comporta outras pinturas, um livro que comporta outros livros, uma embarcação porque é fechada em si mesma. O que se pretende é mostrar que ao realizar sua utopia – uma “fortaleza onírica”, um lugar sem lugar – Des Esseintes cria uma heterotopia, pois justapõe em um só lugar vários espaços onde os valores da sociedade que ele repugna se apresentam invertidos e subvertidos por meio da desrealização e transformação do sórito em insólito prenunciando o surrealismo.

Simpósio 62**Mobilidades culturais e figurações identitárias
na literatura latino-americana**

Tatiana da Silva Capaverde (UFRR)

Juliana Bevilacqua Maioli (UNIR)

Resumo Segundo James Clifford (1997, p. 14) as mobilidades e os encontros humanos são complexos e de longa data. Em relação às Américas, podemos afirmar que os deslocamentos fazem parte de sua composição cultural desde os tempos do ‘descobrimento’ e que os fluxos migratórios internos dos povos nômades fazem parte de uma realidade ainda mais pregressa. O convívio entre europeus, africanos e as populações aborígenes nos períodos da conquista e da colonização converteram o continente americano em um espaço de hibridações culturais que se desdobram até nossos dias. O século XXI assiste a um processo de mundialização que, sendo impulsionado pelo avanço das tecnologias de comunicação, internet e transporte, tem favorecido a intensificação dos deslocamentos culturais e a, consequente, aproximação entre distintos povos. Aínsa (2010) considera ainda que, em decorrência das dinâmicas da globalização e seus consequentes efeitos no setor político-econômico, indivíduos de diferentes culturas e lugares podem conviver em permanente contato com alteridades, ensejando, assim, a conformação de identidades alternativas, para as quais não há uma base territorial e linguística única. Nesse mundo interconectado, os sujeitos têm a possibilidade de se converterem em nômades culturais, uma vez que podem se deslocar com facilidade por diferentes territórios e, inclusive, habitar os interstícios de diferentes Estados-nações. Frente a esse contexto, um grande número de intelectuais e artistas passam a explorar a diversidade material, cultural e identitária de um mundo conectado. Dessa forma, os valores simbólicos das fronteiras tendem a ser revisitados e redimensionados em pró da incorporação de outras coletividades que introduzem novos intercâmbios de ideias e experiências estéticas. Destarte, a reflexão teórico-crítica acerca dos processos de des-territorialização/reterritorialização (HAESBAERT, 2011) ressignificaram da ideia de fronteira, a qual passa a ser concebida como lugar privilegiado de encontros e conflitos onde se operam novas negociações de sentidos de identidade e pertencimento, não mais adscritos

a uma referência espacial estritamente nacional. As variadas formas de interação entre o local e global materializadas nas narrativas latino-americanas mediante a ressignificação da experiência de trânsito, evidenciam os mecanismos de construção de identidades forjadas a partir de relações dialógicas com o Outro, que, embora nem sempre dialéticas (CORNJEU POLAR, 2000), apontam para a emergência de sujeitos portadores de uma índole identitária fronteiriça, híbrida e fluída, articulada desde a diferença. A relevância e complexidade desse assunto, reflete-se, por exemplo, no Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos (2010), estudo de referência organizado por Zilá Bernd, em cujo prólogo, a autora ensaia uma tipologia com a qual procura sistematizar os possíveis modos de mobilidade presentes nos discursos literários contemporâneos, dentre os quais destaca: 1-) as mobilidades migratórias transculturais; 2-) as mobilidades memoriais e intersubjetivas; 3-) as mobilidades transnacionais; 4-) as mobilidades espaciais (do imaginário das metrópoles); e, 5-) as mobilidades desviantes (BERND, 2010, p. 18-23). Tal classificação demonstra que as representações do deslocamento na literatura e as figurações identitárias delas resultantes, merecem um exame pormenorizado, que leve em conta as particularidades do processo de criação literária, pois como assevera Palermo (2012, p. 134) “os movimentos de diáspora e migração [...] respondem a modelos histórico-culturais específicos”, devendo, portanto, “ser lidos de forma relacional, nas continuidades e contradições, nas dinâmicas de trauma e assimilação” (PALERMO, 2012, p. 134). Considerando que se trata de um tema atual e relevante no século XXI a partir da compreensão do “surgimento de novos padrões de movimento transareais, translinguais e transculturais, que ultrapassam a distinção entre literatura nacional e mundial” (ETTE, 2018, p. 17), o presente Simpósio Temático pretende reunir pesquisadores da área dos estudos literários que se dediquem à análise de narrativas que tenham como tema estrutural ou temático o eixo da mobilidade. O encontro busca discutir os conceitos de movência, hibridez, e impureza, que, desde as últimas décadas do século XX, desestabilizaram os conceitos de nação e identidade. Nesse sentido, parte-se do princípio de que a mobilidade instiga a revisão de dicotomias como local/global, centro/periferia, o próprio/alheio, fomentando o surgimento de outras percepções espaço-temporais, que instauram, na literatura, novas zonas de contatos transculturais, nas quais se redesenham territorialidades

alternativas e outras geografias do pertencimento. Além dos diálogos com Aínsa (2010), Bernd (2010) e Palermo (2012), sobre as estéticas do deslocamento; a base referencial teórica deste simpósio, orienta-se pelas ideias de identidades, cultura e espaços de autores como Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2001), Cornejo Polar (2000), García Canclini (2001), Zygmunt Bauman (2001), Augé (2010), Nicolas Bourriaud (2009), entre outros. Desta forma, ao explorar a representação das mobilidades culturais no contexto das narrativas latino-americanas, espera-se promover discussões e reflexões sobre as problemáticas que giram em torno dos conceitos identidade e pertencimento, numa época em que o trânsito não constitui apenas um assunto da moda, mas que, ao contrário, revela-se como signo de uma evolução profunda que afeta tanto representações do mundo e a nossa maneira de como vivemos nele, quanto os próprios paradigmas do relacionamento humano.

Índios, caboclos e guardiães da fronteira: a degradação do outro a partir da chegada do europeu na Amazônia brasileira

Sonia Maria Gomes Sampaio (UNIR)
Mara Genecy Centeno Nogueira (UNIR)

Resumo O objetivo principal desta pesquisa é o de analisar os termos empregados por portugueses e espanhóis, a partir do processo de invenção da Amazônia, para designar/degradar o Outro, ou seja, o sujeito vivente da Amazônia ou mais precisamente do território que hoje denominamos de estado de Rondônia. Na condição de índio, observamos o termo sendo utilizado equivocadamente devido ao erro de Colombo como diz Dussel (1993) que achou ter chegado as Índias e, portanto, denominou todos os habitantes do chamado Novo Mundo de “Índios”; o segundo termo “Caboclo” serviu para designar os indígenas na condição de pagão e em contraposição ao homem branco e europeu considerado cristão (MARTINS, 2009) e por último temos os sujeitos viventes da Amazônia do período de colonização, na condição de guardiães dos territórios estratégicos para as coroas portuguesa ou espanhola, como foi o caso da formação da fronteira do Guaporé (MEIRELES, 1989). Analisar os termos utilizados pelos portugueses e espanhóis nessas paragens amazônicas, ajuda-nos a

refletir o processo de degradação do Outro e/ou dos sujeitos viventes da referida região, uma vez que ao serem classificados tiveram suas culturas encobertas em um quadro que definia muito bem a posicionalidade geodeológico-cultural dos colonizadores em tempo pretérito, mas que insistem em se fazer presentes nos discursos contemporâneos em decorrência, como nos diz Achugar (2006), das agendas que garantem a legitimidade dos discursos acadêmicos.

A importância da identidade diaspórica no papel do herói Manuel: uma reflexão sobre a criação da narrativa de Jacques Roumain

Taíse Staudt (UNILA)

Resumo Na presente pesquisa pretende-se compreender a relevância da obra *Senhores do Orvalho* escrita por Jacques Roumain e publicada em 1944, para haitianos no Brasil. Nesse sentido, torna-se fundamental dar atenção à elaboração narrativa do autor e às estratégias de representação da mobilidade presentes na obra. Neste trabalho, pretendo então me atentar mais especificamente à obra, adotando como referência sua tradução mais recente para o português (2020), e investigar como o processo de mobilidade, realizado pelo personagem principal do romance, Manuel, tem importância para a trama e para a criação da figura de herói do personagem. Para realizar estas observações, utilizo autoras e autores que refletem sobre a diáspora no contexto caribenho, além das questões identitárias, econômicas e políticas que cercam estes movimentos. Também utilizo intelectuais para pensar na importância da construção narrativa de Roumain, tentando interpretar alguns possíveis caminhos e influências na escrita do texto no século XX. Os resultados da pesquisa, ainda em construção, revelam a ligação entre a mobilidade e a formação política e intelectual para jovens caribenhos. Revelam também que a identidade do herói Manuel está diretamente vinculada a sua condição diaspórica e sua formação e experiência política possibilitadas pela mobilidade. Por fim, postulo que a presença de determinados elementos na obra e no personagem ainda tem grande relevância para haitianos atualmente em mobilidade, pelas questões sociais e culturais apresentadas no enredo e pela identificação com esse personagem.

As Ilhas Canarias como espaço intervalar na literatura do venezuelano Juan Carlos Méndez Guédez

Tatiana da Silva Capaverde (UFRR)

Resumo A relação entre as Ilhas Canarias e a Venezuela foi construída ao longo dos anos estando sempre mediada pelo Oceano Atlântico e marcada pelos trânsitos de migrantes e viajantes ora no sentido Espanha-Venezuela, ora Venezuela-Espanha. Considerando o contexto histórico econômico pós Segunda Guerra Mundial em que Espanha enfrentou um longo período de ditadura Franquista e Venezuela viveu o apogeu da economia petrolífera, não é de estranhar que nesse período o país hispano-americano tenha se transformado no ponto de fuga para a comunidade espanhola que buscava trabalho e liberdade. Nessa rota que muitos percorreram está as Ilhas Canarias, que desempenhou o papel do espaço de acesso e conexão entre os dois países. A temática dos trânsitos migratórios tem aparecido na literatura de muitos escritores venezuelanos e o espaço das Ilhas Canarias figura como aquele lugar que muitas vezes funciona como um não lugar (AUGÉ, 2010) ou transárea (ETTE, 2018), marcado pelo movimento e transitoriedade. A análise proposta pretende demonstrar a presença da representação das Ilhas Canarias enquanto espaço intervalar na obra *Arena Negra* (2013) de Juan Carlos Méndez Guédez, já que retrata, em um percurso também temporal que abarca os trânsitos desde a década de 60, a realidade de muitos homens canários que atravessavam os mares para conquistar fortuna. O relato, em uma narrativa entrecortada e descontinua, aborda, do ponto de vista daquelas mulheres que ficaram, as ausências e solidões que acompanharam as percepções da protagonista de sua infância até a vida adulta, onde quer que ela esteja.

Edgardo Rodríguez Juliá: literatura e identidad

Cristina Gutierrez Leal (UFU/UF RJ)

Resumo En Latinoamérica, si bien algunos países ya formados como soberanos vivieron su proceso de construcción identitaria en correspondencia con la conquista de su independencia, el movimiento

que hace la literatura puertorriqueña tal vez sea el opuesto: fundar una nación que no existe en lo real, pues fue doblemente colonizada, desde la literatura. En este caso de Puerto Rico, ¿cuáles serían las “características específicas”? Esta pregunta ha obsesionado a los escritores boricuas, sobre todo los de la generación de los 70. Para este trabajo, me interesa analizar principalmente las implicaciones del periodo colonial -aún vigente- en Puerto Rico y su vinculación con la identidad a través de la obra de Edgardo Rodríguez Juliá (Río Piedras, 1946), en la cual confluyen los principales rasgos de la escritura moderna de Puerto Rico: búsqueda de la identidad y producción de novela histórica. Si bien tiene una extensa obra novelística su mayor fecundidad ha estado en el género de la crónica. Dos de sus crónicas serán motivo de estudio en este trabajo: *El entierro de cortijo* (1983) y *Puertorriqueños. Álbum de la sagrada familia puertorriqueña* desde 1989. Juan Duschetsne-Winter, Jacques Derrida e Pierre Bourdieu acompañarán la reflexión con algunas de sus premisas teóricas, siempre articuladas con la idea de identidad.

Literatura voltada para a infância latino-americana e as temáticas de migração em *Eloísa e os bichos* de Jairo Buitrago

Claudia Juliana Kroehne (UFRR)

Resumo A representação da figura do imigrante na literatura já recebeu a atenção de diversos escritores e escritoras no mundo que discutem questões de deslocamento e interculturalidade também na América Latina, nos fazendo perceber que a literatura latino-americana esteja permeada por questões concernentes à imigração e seus reflexos em diferentes conjunturas. Contudo, o imigrante, o estrangeiro, apesar de deter um lugar representativo na literatura e em pesquisas científicas literárias, representa figura controversa, visto que suscita discussões em torno da concepção de identidade, pertencimento, intolerância e acerca do seu lugar de fala. Jairo Buitrago em sua obra *Eloísa e os bichos* (2013), apresenta vivências migrantes, experienciadas por uma criança como sua protagonista, trazendo a temática de migração e deslocamento de maneira subjetiva, lançando mão dos elementos imagéticos para valorizar suas possibilidades de interpretação e reflexão. Este estudo tem por objetivo discutir como

as temáticas que envolvem migração são abordadas na referida obra, justificando-se pela relevância sociocultural que tais tópicos representam na atualidade, bem como por se entender que um dos aspectos apresentados pela literatura voltada para a infância seja a abordagem de conteúdos reflexivos trabalhados por meio do lúdico e da exploração dos elementos imagéticos. Para tanto, adotou-se o aporte teórico de Hunt (2010), Ceccantini (2011), Lajolo e Zilberman (2012), Pizarro (2016), entre outros autores, para se contextualizar a literatura voltada para a infância no contexto latino-americano contemporâneo, ao analisar na referida obra a representação dos conceitos simbólicos de migração sob a perspectiva de personagens protagonistas infantis.

Migração, identidade e narração em três romances brasileiros contemporâneos

Naiara Speretta Ghessi (UNESP)

Resumo Este trabalho tem como intuito a elaboração de uma análise comparativa dos romances *Azul Corvo*, publicado em 2010 por Adriana Lisboa, *Mar Azul*, publicado em 2012 por Paloma Vidal e *A Noite da Espera*, publicado em 2017 por Milton Hatoum, de modo a relacionar as escritas íntimas empreendidas por seus narradores com a mobilidade que delineia as suas trajetórias. Ao refletir sobre o romance brasileiro contemporâneo não se pode perder de vista o contexto no qual essas narrativas estão sendo produzidas. Ou seja, situações como a intensificação da mobilidade – de pessoas e de capital, fluidez, estreitamento de fronteiras e descentralização são alguns dos desdobramentos da globalização e que estão intimamente relacionados à insurgência de personagens migrantes, deslocados e estrangeiros na narrativa brasileira das últimas décadas. O ponto de partida deste trabalho fundamenta-se nas questões de memória, trânsito e identidade presentes nos três romances, haja vista que seus principais personagens são migrantes e, via escritura, objetivam (re)construir as suas identificações e raízes. A reflexão aqui proposta faz-se importante uma vez que se multiplicam, na narrativa contemporânea brasileira, personagens à procura de si mesmos e de um sentido para suas existências. O que se coloca em questão, nesse caso, é

o significado de seus deslocamentos e a dimensão relacional que se cria, de um lado, entre o modo como a representação do sujeito se dá a partir da construção do espaço e, de outro, entre a representação do espaço e a dimensão subjetiva que o constitui. Assim, a hipótese defendida por este trabalho é a de que o exercício de escrita realizado por esses personagens, bem como o seu deslocamento para outro(s) espaço(s), contribui para um mergulho em si mesmos na tentativa de (re)construir – e/ou buscar compreender – suas origens e identidade.

O coronelismo como referência identitária: um estudo sobre as narrativas de Wilson Lins

André Luis Machado Galvão (UFRB)

Resumo O coronelismo se revela um elemento importante na formação da identidade brasileira, mesmo que isso sugira um aspecto negativo da nossa formação. Não é um fenômeno específico do Nordeste, mas de muitas partes do Brasil, amparado na concentração fundiária e na formação do latifúndio, que desde o início da colonização marcaram a estrutura social deste país. E a ficção, como nesta pesquisa, ajuda a pensá-lo, a trazê-lo à discussão, a buscar as razões pelas quais ainda se manifesta mesmo após tantas mudanças políticas no país. Permite ainda analisar como esse ideário coronelista se reflete na sociedade atual, através de atitudes de corrupção, truculência e conchavos políticos e de que maneira o coronelismo se relaciona com essas atitudes que já fazem parte do imaginário da sociedade nacional. O escritor e político baiano Wilson Lins publicou em 1964 o romance *Os Cabras do Coronel*, com o qual iniciou a trilogia ficcional sobre o coronelismo, completada pelas obras *O Reduto* (1965) e *Remanso da Valentia* (1967), objetos de estudo deste trabalho. As narrativas de Wilson Lins aqui estudadas estão repletas não apenas de retratos do coronelismo no sertão da Bahia. Exibem fartas imagens da política, da cultura e da organização social das cidades do sertão, além de mitos, crenças, e modo de vida das pessoas que permeiam as histórias, ajudando, portanto, a discutir o coronelismo como uma das referências identitárias do Brasil.

Viagem, memória e identidade: figurações do deslocamento no conto “A natureza ri da cultura”, de Milton Hatoum

Juliana Bevilacqua Maioli (UNIR)

Resumo O trabalho propõe a leitura do conto *A natureza ri da cultura* (2009), de Milton Hatoum, com a finalidade de observar como se dão os múltiplos deslocamentos discursivos que, operados no plano da enunciação, desestabilizam as noções unívocas de cultura, identidade e pertencimento. O relato, ambientado na cidade de Manaus, evoca as memórias de uma narradora que retorna a sua terra natal após dez anos de sua partida. O estranhamento frente a uma realidade que outrora lhe era familiar, conduz a narradora a uma viagem no tempo, por meio da qual rememora passagens de sua infância e juventude, revisitando flashes da convivência com sua avó Emile e seu amigo, professor de francês, Delatour. Orientada pela perspectiva excêntrica de uma personagem migrante, a narrativa lança reflexões sobre processos identitários, modos de representação do Outro e, também, acerca dos sentidos atribuídos espaços de pertença. Observar como o conto de Hatoum expressa ficcionalmente a porosidade e o dinamismo das fronteiras culturais é o objetivo desta comunicação. A análise está fundamentada teoricamente pela ideia de viagem, de Michel Onfray (2016); pelas reflexões sobre a mobilidade cultural formuladas por James Clifford (1997) e Zilá Bernd (2010); e, pelos conceitos de identidade postulados por Stuart Hall (2001) e Homi Bhabha (1998).

Simpósio 63

Naturalismo/naturalismos

Leonardo Mendes (UERJ)

Haroldo Ceravolo Sereza (UFSCAR)

Resumo O propósito desse Simpósio é discutir os princípios da estética naturalista e debater suas principais manifestações literárias, de qualquer nacionalidade, tanto no século XIX, quanto nos séculos XX e XXI. As propostas introduzidas por este movimento estético democrático, que ousava nos temas e apresentava procedimentos discursivos específicos, garantiu sua difusão pelo mundo (BECKER & DUFIEF, 2018), atraindo escritores de diversos países que adotavam o naturalismo como uma forma de se alinhar à modernidade numa geografia específica que não cabia nas fronteiras das literaturas nacionais. Tal força de representação ultrapassou igualmente seu período histórico e sobrevive até hoje, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas dos campos literários (CASANOVA, 1999). O princípio naturalista fundamental é retratar “a vida como ela é”, estudando personagens de diversas classes sociais em seus cotidianos, mesmo quando desprezíveis ou abjetos. Este método de observação e de criação deu origem a uma infinidade de críticas tanto à brutalidade e à imoralidade do naturalismo quanto à pretensão ingênua de representar fielmente a realidade. Entretanto, ingênua era a acusação de que os escritores naturalistas eram ingênuos, pois em vários textos-chave da estética, como o prefácio da segunda edição de Thérèse Raquin (1868) e o ensaio O romance experimental (1880), Émile Zola esclarece que o objetivo era criar uma “ilusão” da realidade, pois se o romance naturalista adotava procedimentos científicos para reagir contra um romantismo gasto então muito em voga, cabia a cada artista em seu “temperamento” individual o ato da criação. Daí que não se deva falar de “escola” e em “discípulos”, pois cada escritor tomou os princípios da estética e os moldou à sua maneira – o que nos permite hoje falar de “naturalismos” (BECKER & DUFIEF, 2017). Destacamos esse mal-entendido como um entre vários reducionismos impingidos ao naturalismo, retratado pela historiografia tradicional como uma estética menor, falsa e ingenuamente científica, muitas vezes reduzida a um clichê. Estudos recentes em vários países vêm desvendando um quadro mais sofisticado e complexo, capaz de acomodar uma

gama de vertentes naturalistas no século XIX e XX, em suas relações com o gótico, o decadentismo, a literatura licenciosa, elegendo ora a representação trágica da existência, ora uma exploração dos enredos repetitivos e da desilusão (BAGULEY, 1995). Na literatura brasileira oitocentista esses desdobramentos parecem capazes de abarcar uma gama bem maior de autores e textos do que a historiografia tradicional conseguiu identificar. A onda naturalista do século XIX deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram retomadas por escritores ao longo dos séculos XX e XXI. A forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra servirá a pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela, que nela verão um modo legítimo de se falar sobre o mundo e as sociedades. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro do século XX, refere-se às vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970. Também aponta, nos temas tratados na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, nos anos 2000, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo. O desejo de expressar dimensões pouco atraentes da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da diversidade sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos vistos como subalternos constituem elementos do pacto naturalista de leitura que se renova e se reproduz na contemporaneidade. O leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações quotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica ou jornalística. Rancière (2010) aponta que, ao abolir hierarquias e criar obras que não respeitavam a organização até então vigente, o naturalismo do século XIX criou, por meio do “efeito de realidade”, o “efeito de igualdade”, que está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens. Rancière dirá ainda que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o “aristocrático emprego da ação” seja “bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens”. Com a perspectiva renovada de um naturalismo democrático, múltiplo e desordenado, reconhecível nos séculos XIX, XX e XXI, convidamos pesquisadores a enviar propostas de trabalho que incorporem novas questões de pesquisa e estudos de caso ao debate sobre o naturalismo.

“Grande mestre do naturalismo moderno” e “defensor de Dreyfus”: Zola na imprensa do Sul do Brasil

Eduarda Araújo da Silva Martins (UFRJ)

Resumo Em 1897, um dos maiores expoentes do naturalismo francês, Émile Zola (1840-1902), iniciava uma campanha na imprensa em busca da revisão do processo que condenara injustamente o capitão do exército francês, Alfred Dreyfus (1859-1935), à prisão perpétua. Zola lançava mão do aparato da matriz midiática (THÉRENTY, 2007), publicando artigos e cartas abertas para expor os erros do julgamento, realizado em 1894. Esses textos publicados na imprensa podem ser vistos como um prolongamento de sua obra naturalista (AYNIÉ in GUÈRMES, 2018) que tem como marca a busca pela verdade e pela justiça. Eles causaram forte impacto na sociedade francesa, criando uma frente revisionista, formada por intelectuais e também por parte da população (os dreyfusistas). As iniciativas de Zola resultaram em um novo julgamento para Dreyfus (1899), na graça presidencial (1899), e, finalmente, em 1906, no reconhecimento de sua inocência pelo governo francês. Esse famoso Caso ganhou repercussão mundial graças ao engajamento de Zola que, sendo um escritor reconhecido nacional e internacionalmente, conseguiu atrair visibilidade ao processo. Propomos nesta comunicação apresentar um estudo de caso analisando a circulação da obra de Zola na região Sul do Brasil, à época do Caso Dreyfus, ou seja, entre 1897, ano em que Zola inicia sua campanha revisionista, e 1908, ano em que Dreyfus sofre um atentado durante a cerimônia de transladação dos restos mortais de Zola ao Panteão de Paris. Pretendemos observar as obras que foram publicadas nos periódicos, incluindo os artigos de combate, aquelas que estavam disponíveis para venda nas livrarias, como também os comentários de jornalistas e críticos sobre a obra, com destaque para o capital literário (CASANOVA, 1999) do escritor, a fim de comprovar que os valores atribuídos à sua obra seriam fatores de legitimação para sua intervenção no processo Dreyfus.

A “mulher viril” e a “donzela-guerreira”: marcas antipatriarcais em romances naturalistas

Marina Pozes Pereira Santos (UERJ)

Resumo Esta apresentação tem como objetivo destacar e analisar configurações antipatriarcais presentes em romances naturalistas brasileiros do final do século XIX. Tais configurações compreendem as ações, os pensamentos e as atitudes das personagens femininas que se resistem às convenções da rígida sociedade patriarcal, como submissão aos pais e aos maridos, proibição do sexo à mulher sem marido e realização plena na maternidade. Devido a esse comportamento transgressivo, as personagens eram chamadas de “mulheres viris” ou “donzelas guerreiras” – como propõe Flora Süssekind para descrever personagens femininas naturalistas que se opõem ao modelo tradicional da “mulher histérica” e que fugiam à regra dos estudos de caso – uma face oposta às personagens “histéricas” do modelo tradicional. As novas protagonistas dos romances naturalistas, ao contrário do estereótipo da mulher franzina, descorada, pálida e sem ânimo dos enredos tradicionais, apresentam músculos de aço, força, vigor e trabalho, fugindo da fragilidade doentia típica das histéricas. Tais mulheres aparecem nos romances naturalistas *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890), e *Dona Guidinha do Poço* (1950), de Manuel Oliveira Paiva (1861-1892). Nestes romances, por meio das personagens Lenita e Dona Guidinha do Poço, colocam-se em protagonismo personagens femininas que desafiam as expectativas que se tinham das mulheres no século XIX.

***Casa de Pensão (1883-1884)* de Aluísio Azevedo: estratégias de promoção e divulgação**

Cleyciara dos Santos Garcia Camello (UFRJ)

Resumo Este trabalho busca contribuir para a compreensão da trajetória literária de Aluísio Azevedo (1857-1913), os passos percorridos até a sua consagração como mais importante escritor naturalista da tradição literária brasileira, assim como colaborar para o entendimento sobre como se operavam as disputas de poder e domínio no

campo literário da época (BOURDIEU, 1996). Nesta comunicação refletimos sobre as estratégias de divulgação (os reclames) utilizadas na imprensa pelo escritor e pelo grupo de intelectuais ligados a ele para promover *Casa de Pensão* (1883-1884) como a primeiríssima obra brasileira verdadeiramente naturalista, escrita integralmente sob os preceitos da estética, e verificar em que medida tais estratégias impactaram na recepção do romance. Cumpre ressaltar que Aluísio Azevedo foi um dos primeiros escritores do seu tempo, no Brasil, a compreender a necessidade dos reclames para a propagação do objeto livro. O autor tinha a percepção de que era fundamental promover, divulgar, difundir e vender suas obras (DARNTON, 2008; 2010). Observa-se, a partir de fontes primárias consultadas, que houve grande empenho por parte do grupo de Aluísio Azevedo para dissociar *Casa de Pensão* (estudo naturalista sério) dos folhetins do autor (leituras de entretenimento): *Memórias de um condenado* (1882) e *Mistérios da Tijuca* (1883-1884), dado que os três romances trazem em comum histórias de crimes e o fato de terem sido publicados em folhetins praticamente no mesmo período. A ideia que persiste em muitas resenhas críticas de *Casa de Pensão* é a de que o romance se diferenciava em aspectos literários dos dois outros citados. *Casa de Pensão* foi publicado em folhetins, no *Folha Nova*, até o seu capítulo XII, em 1883. O restante da história apareceu em fascículos avulsos. Em 1884 surgiram três edições em livro, indicando sucesso comercial, bem como o reconhecimento da obra como uma grande produção literária naturalista, nacional, conforme passaria para a história.

Centros e periferias culturais : l'affaire Dreyfus

Célia Sousa Vieira (ISMAI)

Resumo Nesta comunicação, pretendo analisar um corpus de cartas, disponível na plataforma Eman (<https://eman-archives.org/EMAN/items/show/10>), enviado da região Ibero-Americana para Zola no final do século XIX. Este corpus não constitui um objeto uniforme de análise, dada a diversidade de correspondentes que tomam a liberdade de escrever a Zola durante este período em que o romancista e a sua obra já são bem conhecidos e tinham sido alvo de numerosas polémicas sobre arte e literatura na década que precedeu a redação

destes textos. De um ponto de vista teórico, colocamo-nos na perspectiva de estudos relativos à história e à cultura das celebridades, bem como de estudos relativos à literatura comparada e à geocrítica. Nesta abordagem, procuraremos estudar este corpus como expressão de um público que reflete a imagem de Zola como figura pública e, ao mesmo tempo, como documentação de uma autorreflexão literária e cultural. Com efeito, estes documentos registam uma imagem do Outro, a França, um centro de irradiação cultural cujo prestígio é questionado na sequência do caso Dreyfus, ao mesmo tempo que definem uma imagem de um sujeito enunciador que se assume como representante de uma periferia cultural fiel aos ideais de justiça, liberdade e progresso. As metodologias utilizadas serão a análise qualitativa e quantitativa aplicada ao conteúdo das cartas.

Cocotes e conselheiros (1887), de Rabelais: Alfredo Gallis, naturalismo e literatura licenciosa no fim do século XIX

Aline Cristina Moreira de Almeida (UER – UCSB)

Resumo Nascidas da mesma matriz moderna e científica, a literatura licenciosa e a ficção naturalista faziam parte do mesmo universo de leitura na cena literária luso-brasileira do final do século XIX. A representação materialista dos corpos e o distanciamento narrativo são exemplos de características compartilhadas pelas duas estéticas. Não importava que os escritores naturalistas articulassem um discurso moralizador. Para livreiros e críticos, o naturalismo era imoral, logo, era pornográfico. Mas não eram apenas os romances naturalistas que buscavam na tradição licenciosa panos de fundo para seus “estudos” sociais. No sentido inverso, a partir da década de 1870, com a expansão do mercado livreiro, começaram a surgir escritores dedicados a uma literatura licenciosa que encontrava no naturalismo novas dimensões temáticas e estilísticas. Um desses escritores foi o português Alfredo Gallis (1859-1910) que, com o pseudônimo de Rabelais, publicou volumes de contos licenciosos de grande fama. Seu primeiro livro data de 1886, quando Gallis ainda era pouco conhecido, com o título de Volúpias: 14 contos galantes, que marcou a carreira do escritor como um de seus best-sellers. Cocotes e conselheiros apareceu no ano seguinte, em 1887, e foi

anunciado como uma continuação de Volúpias, prometendo ao leitor um “grande romance”. Os doze contos narram o envolvimento sexual de homens públicos, em geral velhos e impotentes, com mulheres mais jovens. Tratando esses homens de maneira jocosa, com emprego de vocabulário médico para ridicularizar a impotência masculina, Rabelais produz uma literatura arrojada e atual, zombando dos contemporâneos que diziam não escrever pornografia. Nesta comunicação, vamos explorar os contos que compõem esse livro, dialogando com outras obras conhecidas de Gallis, suas influências e principais eixos temáticos a fim de compreender de que maneira o escritor português se apropriou das literaturas licenciosa e naturalista para se tornar o pornógrafo mais importante do circuito luso-brasileiro no século XIX.

Domício da Gama (1862-1925): escritor naturalista?

Riane Avelino Dias (UERJ)

Resumo Um dos fundadores esquecidos (ou pouco estudados) da Academia Brasileira de Letras foi o escritor Domício da Gama (1862-1925), celebrado pelos contemporâneos como uma das promessas da literatura brasileira do fim do século XIX, articulista de crônicas, colunas, contos e resenhas dispersos pelas páginas dos periódicos, correspondente da influente Gazeta de Notícias no exterior e autor dois livros de contos: Contos a meia-tinta (1891) e Histórias curtas (1901). Estudos recentes associaram Domício da Gama ao “impressionismo literário” (SANDANELLO, 2017). Sem discordar da validade dessa interpretação, trazemos um dado incontornável da trajetória do escritor: ele foi chamado de “autor naturalista” por articulistas de jornais e homens de letras influentes do período, como Silvio Romero (1851-1914), embora nunca tenha assumido publicamente (salvo engano) tal posicionamento. Nessa comunicação vamos apresentar dados da nossa pesquisa em desenvolvimento que permitem associar Domício da Gama ao naturalismo literário. Para nos ajudar na empreitada, nos apoiamos na teoria do crítico canadense David Baguley (1990), que propõe a existência de uma vertente pouco conhecida de naturalismo, com corpus e temas específicos, que ele chama de “naturalismo da desilusão”. Como exercício de leitura da ficção de Gama, trazemos

o conto “Maria sem tempo”, de Histórias curtas, que propomos classificar como uma narrativa naturalista desiludida.

Hóspede (1887), de Pardal Mallet, e o naturalismo da desilusão

Gabriela Krugel dos Santos Nunes

Resumo Hóspede foi o primeiro romance do escritor brasileiro João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894), publicado no Recife em 1887, enquanto o autor cursava Direito na Faculdade da cidade. A narrativa se passa no Rio de Janeiro dos anos finais do Império e tem a ação comprimida em menos de um mês. Conta a história de dois amigos que se reencontram, após muitos anos afastados. Pedro, casado, pai de um filho e burocrata, reside com a família no Rio de Janeiro, insiste que o amigo Marcondes se hospede em sua casa. Este reluta a princípio, mas aceita o convite e passa a fantasiar encontros com Nenê, a atraente esposa de Pedro, que se sente igualmente atraída pelo “hóspede”. A obra, contudo, rompe com o enredo tradicional linear e com a idealização romântica, pois termina com um plano frustrado de aventuras de traição conjugal. Esse “não-acontecimento” impacta a obra e rompe com o lugar-comum do adultério e consequente punição da “mulher decaída”, recorrente em romances da época. A partir da concepção de “naturalismo da desilusão” do crítico David Baguley (1990), propomos uma análise que destaca a banalidade da vida pequeno burguesa retratada no romance, através do “enredo circular” e de aventuras abortadas, que devolvem os personagens à situação inicial, expondo a futilidade de suas ações e esforços.

Jorge Amado, o naturalismo, a civilização e a barbárie

Evandro Jose dos Santos Neto (USP)

Resumo Em 1934, em um artigo para o “Jornal do Brasil”, Mucio Leão assim se referiu a “Suor”, de Jorge Amado: “‘Suor’, em essência, é a repetição de um tema de Aluísio Azevedo. Aluísio estudou a vida em um cortiço carioca e como suas observações, que eram minuciosas, compôs um romance frio, em que a verdade não procurava véus

para se esconder. A pobreza, a miséria de uma população comida de mazelas morais e físicas – de uma população mesclada nas cores, dúbia nos sentimentos, pervertida, às vezes na alma – ele as fixou”. As características presentes no romance de Aluísio Azevedo podem ser vistas, em maior ou menor grau, em toda a produção literária amadiana da década de 1930. Nas primeiras obras de Jorge Amado, com o surgimento de novas relações de trabalho, as contradições sociais alcançaram um novo patamar, o que justificou, nas palavras de Antonio Candido, “os novos termos” com os quais o escritor burguês teve que se deparar em seu processo de produção literária. Se, por um lado, a narrativa de “Cacau”, “Suor”, “Jubiabá” e “Capitães da Areia” denuncia a exploração e a subalternização do trabalhador, do negro e do pobre, por outro, a opção pelo método naturalista para dar conta da ética dessa classe revela o distanciamento cultural que há entre o escritor pequeno burguês que se dedica aos problemas sociais e econômicos de uma classe social à qual não pertence e a psicologia dos integrantes dessa classe que, construídos à luz de tipos e estereótipos, não são vistos em suas características individuais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como a perspectiva naturalista adotada por Amado e a sua concepção de civilização e barbárie podem, em alguma medida, aprofundar os problemas por ele denunciados em seu projeto ideológico de produção de uma literatura social.

Modernismo e democracia em “Mes haines” e “Mon salon”, de Émile Zola

Matheus Arruda (UFMG)

Resumo Escrito em 1866, o prefácio da coletânea de artigos críticos publicados por Émile Zola, “Mes Haines”, revela a forma virulenta com que o autor tratará da arte e da crítica francesa do período em seus textos. Declarando seu ódio à crítica contemporânea e à recepção das obras de arte pelo público, Zola clama pela liberdade artísticas e por artistas que, atentos às mudanças pelas quais passou a sociedade francesa no século de “ciência e de indústria”, estejam dispostos a romper com as regras da arte do período que pregavam, segundo o autor, a imitação de modelos e condenavam aqueles que se

aventurassem pelos caminhos da criação. Tal aversão aos modelos propostos pelas escolas artísticas é reiterada em outra coletânea de textos publicada no mesmo ano e intitulada “Mon salon”, onde o autor faz diversas críticas ao corporativismo artístico do salão de 1866, aos critérios de escolha das obras nele expostas e faz um elogio a alguns dos artistas excluídos do evento pelos juízes. Nesses textos, Zola tece sua crítica de maneira bastante conscienciosa, expondo em cada um deles os princípios que orientaram seu julgamento. O objetivo deste trabalho é propor o estudo desses princípios revelando uma tensão interna advinda de seu caráter moderno e democrático.

Mulheres espalhadas: manifestações do desejo feminino em contos de Délia

Claudia Barbieri (UFRRJ)

Resumo Maria Benedita da Câmara Bormann nasceu em Porto Alegre (RS) em 25 de novembro de 1853, mudando-se com a família para a corte em 1862. A partir de 1879, adota o pseudônimo de Délia nos seus escritos para a imprensa. Até o seu falecimento, ocorrido em 23 de julho de 1895, a escritora será colaboradora recorrente em diversos periódicos como *Sorriso*, *Cruzeiro*, *Brasil*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *A Família*, *O Tempo*, *A Notícia*, entre outros. Em letra redonda irá publicar ao menos sete romances, a maioria em folhetins, sendo alguns reunidos em volume posteriormente, além de contos breves e crônicas esparsas. Da sua produção contística, já foram localizados mais de sessenta textos que ainda carecem de fortuna crítica e de uma edição apropriada. Não apenas nos romances, mas também nos contos, Délia privilegia as personagens femininas. São mulheres de diferentes faixas etárias, provindas de classes sociais diversas, com estados civis distintos. As personagens possuem concepções variadas acerca do amor, do casamento, da sexualidade, da maternidade, do papel feminino na sociedade, do desejo. Para esta comunicação, privilegiamos três contos publicados no jornal *O País*, entre fevereiro e maio de 1892: “As Rivaes”, “Os primos” e “Madame de Z.”. Pretendemos discutir como as personagens almejam não apenas a liberdade individual, mas coletiva, e como buscam pela realização dos seus desejos e fantasias em uma sociedade bastante repressora aos corpos femininos.

Naturalismo e picturalidade nos poemas em prosa de *Le Drageoir aux épices*, de J.-K. Huysmans

Rubens Vinícius Marinho Pedrosa (UFRJ)

Resumo O poema em prosa, de considerável desenvolvimento no final do século XIX, manteve um status incerto no que concerne aos gêneros literários, podendo se confundir com outras formas curtas, como o conto e a crônica. Este gênero busca ainda legitimar-se por meio de uma aproximação com outras artes, como a música e a pintura, o que se evidencia nos títulos e subtítulos muitas vezes atribuídos aos poemas em prosa e coletâneas que os reúnem, como croquis, fantasias, impressões (SANDRAS in ILLOUZ; NEEFS, 2002, p. 91; VADÉ, 1996, p. 27). Ele foi praticado por escritores vinculados às estéticas romântica, simbolista e naturalista. Com relação à esta última, destacamos aqueles de Joris-Karl Huysmans contidos em seu primeiro livro, *Le Drageoir aux épices* (1874), que já integrariam seu projeto de literatura naturalista e nos quais o diálogo com as artes plásticas constitui um elemento essencial. O naturalismo reconhece afinidades com a pintura de cenas prosaicas e o materialismo do movimento impressionista ou com as representações cruas e o efeito de representação fiel do mundo sensível presentes na tradição pictórica flamenga e holandesa. O recurso a fontes oriundas das artes plásticas pelo naturalismo conduz seus autores a efetuarem procedimentos de descrição pictural (LOUVEL, 2002, p. 15), atestando sua sensibilidade artística. Eles tratam com igual apuro temas banais, elevados ou grotescos (BAGULEY, 1995, p. 156). Pretendemos explorar a relação de alguns poemas em prosa de Huysmans com o pictórico, visando discutir como eles assinalam seu pertencimento ao naturalismo, sobretudo no que diz respeito ao tratamento de determinados temas e técnicas caros a este movimento literário.

O contramestre e o mineiro: uma análise comparada dos protagonistas de *Amanhã* (1901) e *Germinal* (1885)

Moisés Baldissera da Silva (UNESP)

Resumo Nesta comunicação abordar-se-ão pontos de contato e distanciamento entre o romance *Germinal* (1885), do escritor francês

Émile Zola, e *Amanhã* (1901), do escritor português Abel Botelho. Em ambas as obras o enredo é construído a partir da descoberta de teorias políticas, sendo elas o comunismo, o anarquismo e o socialismo, por um personagem operário. No romance francês, Étienne, o mineiro, toma consciência de sua ignorância sobre o tema ao contestar o status quo burguês. Com pouca, ou nenhuma escolaridade, e já na fase adulta de sua vida, busca arduamente se intelectualizar no intuito de se desvencilhar da vergonha pela falta de conhecimento. Assim, também se torna transmissor daquilo que aprende para os que estão a sua volta. Por outro lado, no romance português, Mateus, o contramestre, tem seu percurso formativo descrito com detalhes. Considerado brilhante desde a sua infância, consciente disso, em certos momentos do romance a erudição é utilizada para oprimir os operários da fábrica em que é contramestre. Acima, apresento brevemente um possível diálogo na construção do personagem operário que se modifica conforme o local em que está inserido. Interessa-nos, portanto, uma análise comparativa, onde será possível identificar em que medida o romance português se apropria e recria o tema do romance francês. Para isso, utilizarei a obra de Carvalhal (2006) e Santiago (2000) ao comparar as obras. Ao tratar do naturalismo, recorro a Santana (2007), Oliveira (2008), Mitterand (1980) e Mitterand (1987). Quanto às questões históricas e políticas, são indispensáveis as obras de Borges (2018), Bérout & Régim (2002) e Hobsbawn (2016).

O nacional na Internacional Naturalista

Haroldo Ceravolo Sereza (UFSCar)

Resumo Partindo do princípio de que o naturalismo é um movimento estético internacional que tem como referência a produção de Émile Zola e os debates em torno de sua obra, pretendemos nesta comunicação avaliar duas tentativas de internacionalização de literaturas nacionais no século XIX. Assim procuraremos fazer uma análise comparativa dos livros *Le naturalisme*, de Émilia Pardo Bazan (1879), e *A literatura brasileira* (1870-1895), de Valentim Magalhães (1895). Ainda que sejam obras com objetivos específicos diferentes (uma discussão de fundo sobre a estética naturalista no primeiro caso, uma obra de divulgação da literatura brasileira e de seus autores no segundo),

as duas se inserem nessa tentativa de fazer a literatura transcender as fronteiras nacionais e se afirmar no cenário internacional. Essas tentativas são importantes para entendermos as expectativas de literatura de “países periféricos” em relação a centros com maior tradição no momento – no caso, Portugal e França –, capazes de ampliar a legitimação das obras e saídas estéticas apresentadas. É importante notar que são espaços que cumprem papéis diferentes: se a França e a cidade de Paris em particular (alvos de Bazan) podem ser entendidos como um espaço capital na República Mundial das Letras (conforme defendeu Pascale Casanova), Lisboa seria algo mais próximo de uma “capital regional”, que nesse momento disputava com o Rio de Janeiro a posição de centro de legitimação – o que não a impedia se ser considerada importante pelos escritores brasileiros.

O Naturalismo de Aluísio Azevedo: das páginas dos jornais ao romance *O Mulato*

Luciana Uhren Meira Silva (FALS)

Resumo Em 1881, Aluísio Azevedo publica o que ficou conhecido como seu primeiro romance de caráter naturalista – *O Mulato*. Concebida anos antes da abolição no Brasil, a obra retrata as consequências desta que se tornou uma marca profunda na sociedade brasileira – a escravidão. Em 1889, porém, a obra ganha nova roupagem, mas ainda assim explora os problemas sociais ligados à escravidão e à religiosidade que marcavam a sociedade brasileira, em especial a maranhense, do final do século XIX. No entanto, Azevedo produz antes, durante e depois da publicação do romance, escritos jornalísticos que contêm elementos decisivos para sua argumentação sobre as questões pertinentes ao naturalismo. Além disso, esses escritos apresentam-se como meio de propaganda do romance e de estreita relação do autor com seu público leitor. Diante dessas circunstâncias, pode-se notar que o autor utiliza mais do que as páginas do romance para, como esclarece Zola, criar uma “ilusão de realidade”, mas as páginas dos jornais se tornam poderosas aliadas na divulgação da obra, além de ser um meio pelo qual o autor divulga seu ponto de vista a respeito dos assuntos tratados no romance: a sociedade maranhense e sua visão social ultrapassada, a influência da Igreja na

vida cotidiana e as questões raciais. Senso do real e expressão pessoal tornam-se, então, as duas faces da produção de Azevedo quando se engaja na crítica à realidade social – tanto nos escritos jornalísticos quanto no romance – e com o discurso de estatuto literário que aposta na força poética das descrições. A fim de embasar teoricamente as reflexões aqui apresentadas, são utilizados os princípios do romance experimental de Zola e os estudos de Mikhail Bakhtin e Wayne Booth sobre a construção do discurso romanesco dentre outros pesquisadores.

O Neonaturalismo no romance de 30: um olhar para *Os Corumbas* de Amando Fontes

Maristela Sanches Bizarro (USP)

Resumo A presente comunicação apresenta uma abordagem crítica acerca dos aspectos estéticos e históricos presentes no romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes, publicado em 1933. Trata-se de uma reflexão sobre os procedimentos que figuram no escopo da estética neonaturalista, considerando que os temas representados na obra (em especial a industrialização e o trabalho livre) relacionam-se com a modernização da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. O romance *Os Corumbas* é uma obra que denuncia a desagregação das classes pobres no Brasil, que, desenraizadas, transitam por espaços distintos: o sertão, o engenho e a cidade grande, mais particularmente, o espaço fabril. Nessa narrativa, os corpos nômades dos retirantes não adaptados na lógica da cidade trazem em sua caracterização e no modo como agem, traços de uma estética naturalista que, pautada no advento dos estudos biológicos e de pesquisas experimentais no campo da genética, implicou novos modos de explicar a realidade. A premissa para pensar traços do Naturalismo na literatura do decênio de trinta reside na constatação de que a influência do movimento naturalista (cujo valor de escândalo diminuiu no início do século XX, em detrimento de sua formulação experimental), não desaparece de todo, antes se dilui, ampliando sua influência, tendo seus elementos de composição assumido novas formas em décadas posteriores. Cabe refletir sobre uma possível continuidade do caráter de denúncia das obras de Émile Zola, em especial *Germinal*,

na obra de Amando Fontes, cujo teor pedagógico se evidencia na proposição de narrativas de cunho realista.

O prefácio de *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt: de manifesto do romance realista a fiador de *Flor de sangue*, de Valentim Magalhães

Zadig Mariano Figueira Gama (UFRJ)

Resumo Em 1865, com uma escrita orientada pela observação, os irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt publicam *Germinie Lacerteux*, quinto romance de suas carreiras. As críticas feitas na França à época de seu lançamento o leem como uma obra realista e seu prefácio como um manifesto dessa estética. Ao longo da segunda metade do século XIX, esse romance passa a ser considerado precursor de valores naturalistas em literatura e seu prefácio, um documento fundador do movimento. No século XX, essa leitura é retomada por Auerbach (1946), Genette (1987), Bourdieu (1992), Baguley (1995) e Becker (1998). O problema de investigação que ora se impõe consiste em interrogar os modos de circulação e de recepção do prefácio de Germinie Lacerteux no Brasil. Em pesquisa realizada no acervo bibliográfico da Fundação Biblioteca Nacional, assim como em sua Hemeroteca Digital, foi possível observar que a circulação do romance se restringiu à importação de edições francesas e à tradução de parte do capítulo 37 e de todo o capítulo 38, no jornal maranhense Pacotilha, em 1887. Seu prefácio, contudo, foi lido pela crítica brasileira como uma profissão de fé literária dos irmãos Goncourt e como a descrição de um novo paradigma de escrita para a prosa, baseado no investimento no gênero romance, na observação e na documentação. O prefácio de *Germinie Lacerteux* é, finalmente, citado por Marques de Carvalho no prefácio do romance *O pagé* (1887), e por Valentim Magalhães no prefácio do romance *Flor de sangue* (1897), fazendo as vezes de fiador para a produção da obra desses dois escritores.

Pardal Mallet, naturalismo e o antirromance

Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo Um aspecto mal apreciado do naturalismo oitocentista foi o abandono do preceito clássico da “obra bem-feita”, com princípio, meio e fim, personagens relevantes, cenários sólidos e resolução de conflitos. Muitos críticos contemporâneos entenderam as narrativas naturalistas circulares e desconexas produzidas a partir de 1880, com personagens baixos, muita repetição e pouca peripécia, cenários escassos e irresolução de conflitos, como provas de falta de talento dos autores, como se lhes faltasse o domínio da arte romanesca. Essa foi a sina, no Brasil, do escritor João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894). Os dois romances naturalistas que publicou – *Hóspede* (1887) e *Lar* (1888) – foram recebidos com frieza pelos homens de letras e acusados de serem obras malfeitas ou inacabadas, povoadas por personagens desinteressantes que protagonizam enredos banais e vulgares, quando não obscenos. Tais romances brasileiros esquecidos pertencem a uma vertente naturalista pouco conhecida, que o crítico David Baguley (1990) chama de “naturalismo da desilusão”. Ao invés do mais canônico “naturalismo trágico”, que finca suas raízes no épico e na tragédia, e cuja manifestação mais conhecida no Brasil foi *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo – o “naturalismo da desilusão” mina as origens do romance nas aventuras da epopeia homérica, assumindo o caráter moderno de antirromance em que nada acontece. Nessa comunicação veremos como Pardal Mallet alcança o efeito da anti-epopeia nos romances que escreveu, e como isso era novo, frustrante e desconcertante para a inteligência da época.

Sem aristocracia e sem classes?

Os grupos sociais no romance *A Afilhada*, de Oliveira Paiva

Gabriela Ramos Souza (UFC)

Resumo O presente trabalho pretende analisar como as classes sociais no romance *A Afilhada* ([1889] 1993), do escritor naturalista Oliveira Paiva, determinam os desfechos das protagonistas. A narrativa tem como cenário a capital da província do Ceará do final do século

XIX e se inicia com a afirmação de que a cidade não tinha aristocracia e nem classes, mas era um organismo em formação como uma semente. Desse modo, ao trazer um visconde de “pele trigueira” e ao apresentar uma pequena burguesia entre seus agregados, trabalhadores e escravizados, o romance nos evidencia os contrastes sociais, tendo como foco também as classes subalternas, como o próprio título do romance expõe. Revela, assim, um enredo um pouco mais democrático, como ressalta Jacques Rancière em “O efeito de realidade e a política de ficção” ao tratar do fim do paradigma aristocrático/representacional. Ao conhecermos a história de Maria das Dores, moça de família abastada, e de Antônia, filha de um mendigo que vive de favor na casa dos padrinhos, somos apresentados a jovens em condições sociais totalmente diversas. A primeira é educada para o ambiente doméstico e para a religiosidade, com o intuito de alcançar o casamento ideal. Já para a afilhada não há grandes perspectivas, sobretudo a partir do momento em que se envolve com o visconde e engravida, perdendo sua honra. Para refletir sobre o papel da mulher no ambiente doméstico, trazemos as reflexões da historiadora Maria Ângela D’Incao em “Mulher e família burguesa” ([1997] 2018). Para tratar do impacto da perda da virgindade para as mulheres no período retratado pela narrativa, apresentamos as discussões de Sueann Caulfield ([1999] 2005), no livro *Em defesa da honra*. A partir disso, poderemos compreender as configurações das classes das personagens do romance e as denúncias sociais evidenciadas na narrativa.

Zola, romancista da classe operária?

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina (UFRJ)

Resumo No prefácio de *L'Assommoir* (1877), 7º volume dos *Rougon-Macquart*, Émile Zola se defende ao afirmar que se tratava do “primeiro romance sobre o povo, que não minta e que tenha cheiro de povo”. Com *Germinal* (1885), 13º volume e segundo “romance operário” – obra que trouxe mudança de opinião da crítica (PAGÈS, 1989) e é hoje a mais lida do conjunto –, o escritor recria o universo operário da mina de carvão, a exploração capitalista e o embate de classes, o que leva Aderbal de Carvalho a caracterizá-lo como “a bíblia do socialismo contemporâneo, a epopeia do trabalho” (Pacotilha,

14/09/1893). O mundo do comércio, com suas relações de forças e a análise das condições de vida dos empregados, também surge no 11º volume, *Au bonheur des dames* (1883). São sobretudo esses romances que tratam das classes desfavorecidas e trabalhadoras que moldaram a imagem atual de Zola e seu naturalismo. Porém, há o outro lado da moeda dessa história natural e social, frequentemente esquecido: o que explora as altas esferas, social e política, movidas pelo dinheiro, a especulação, o sexo e a ambição – valores alçados ao primeiro plano pelo Segundo Império de Napoleão III. Nesse mundo, no qual circulam personagens como os irmãos Aristide e Eugène Rougon, os trabalhadores não constituem o centro da trama e não há embate direto entre as classes, como ocorre em *Germinal*. É o caso de *La Curée* (1872), *Son Excellence Eugène Rougon* (1876) e *L'Argent* (1891). Propomos aqui discutir o rótulo de Zola como “o romancista da classe operária”. No panorama dos 20 romances que compõem os Rougon-Macquart, a pintura das classes abastadas e emergentes do regime imperial nos fornece igualmente elementos para compreendermos o motor da corrupção da sociedade francesa e a decadência de uma época, na visão naturalista de Zola.

Simpósio 64**O comum nas poéticas****latino-americanas do presente: literatura e crítica**

Débora Cota (UNILA)

Maria Candida Ferreira de Almeida (UNIANDES)

Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

Resumo Uma das questões contemporâneas que tem se imposta ao campo literário é o pensamento em torno do comum, ou seja, como tem se constituído o comum a partir das relações entre o que é próprio e/ou impróprio. Este simpósio quer trazer este problema para pensar as poéticas do presente. Na crítica e na produção artístico-literária das últimas décadas na América Latina, a ideia de comum e comunidade que segue a perspectiva de intelectuais europeus, especialmente italianos e franceses, costuma girar em torno da construção de um novo conceito de “comunidade”, com o qual procura-se desconstruir os termos de identidade, cultura e Estado da tradição do pensamento ocidental. Tais considerações apontam para a des-subjetivação da noção de comunidade, que pode ser vista na crítica de Florencia Garramuño (2014), ao propor uma expansão do campo para renovar as forças dos estudos sobre a literatura latino-americana, em especial, a disciplina de literatura comparada. Por aqui, a reflexão sobre estes aspectos tem incluído também pensar a animalidade (GIORGI, 2014), o direito das coisas (SAFATLE, 2019), o feminismo (TIBURI, 2018), o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), os ódios políticos (KIFFER; GIORGI, 2019), confiscações (VILLELA; VIEIRA, 2020), encerramento em massa (BORGES, 2020), enfim, todos os ruídos que esgarçam o comum. Com tantos conflitos, a comunidade não pode seguir sendo pensada como uma apropriação inerente de sujeitos sociais que compartilham certas características que os homologam. Propomos pensar uma relação dialética que configura uma alteridade de sujeitos com outres, implicando apagar um fundamento último da existência compartilhada como sua base ontológica, apoiando-nos na proposta de Paul Preciado (2002), para quem o que se busca nessa outra noção de “Comunidade” é, em princípio, possibilitar que uma cidadania baseada no compartilhamento de fluxos, linguagens, técnicas, novos códigos se aproxime de sua realidade. Dentro desta perspectiva, a literatura, ainda mais, a literatura comparada, pode

ser entendida como, mais que um produto social e cultural privilegiado, um campo no qual se estabelecem relações estreitas entre os indivíduos em torno da ideia de comunidade, que também a questiona e a transforma. A literatura comparada é um campo privilegiado porque desde sua origem questiona os fundamentos do comum, atuando contra uma busca pela origem, pela primazia de certos experimentos literários sobre outros, de um fundamento de origem, calcado na herança platônica, que finalmente impedia a compreensão ou aceitação da ideia de patrimônio comum da humanidade. Ela estaria, tomando de empréstimo as palavras de Haroldo de Campos (1983, p.2-3), na “encruzilhada, diálogo necessário e não xenofobia monológica, paralelograma de forças em atrito dialético e não equação de um desconhecido mimético-pavloviano”. Centrado nestas preocupações, este simpósio aceita propostas de estudos em torno da produção artístico-literária e crítica da e/ou sobre a América Latina e que se encontrem voltadas a contribuir nas discussões que se desmembram a partir de um pensamento do comum nas poéticas latino-americanas do presente: a inespecificidade ou o descentramento do literário que considere seus contatos e contágios em suas abordagens; as perspectivas transnacionais e pós-nacionais de produções contemporâneas que negligenciam as fronteiras demarcatórias das nações; a consideração das alteridades que impedem a essencialização e a homogeneização; e/ou o contrário, o imunitarismo que se fecha diante das possibilidades de abertura a Outre

“Obra em pleno movimento de reprodutibilidade técnica”: o transbordamento na poética de Assionara Souza

Brunna Pszdzimirski (UNICENTRO)

Resumo A poesia contemporânea alia-se ao uso de novas tecnologias, novas formas de publicação e divulgação que levam a uma expansão dos seus horizontes. Desloca-se para outras formas e forças: o poema passa a ter diferentes fluxos em sua constituição. Assim, as definições e características do que entendemos por poema deixam de estar dentro do que seria considerado específico ao campo literário. A inespecificidade e o não pertencimento são questões discutidas por Florencia Garramuño (2014), ao analisar a literatura latino-americana

produzida nas últimas décadas. Alinhando-se a estas discussões, buscamos com essa proposta de comunicação, analisar a poética da paranaense Assionara Souza, que teve grande participação no cenário da poesia produzida por mulheres no Paraná, publicando poemas e contos em suas redes sociais, que colocam evidência problemas sociais e de gênero. Selecionamos como objeto de análise, o poema “Sonha Hito Steyerl com ovelhas eletrônicas? ou Isto não é um poema”, publicado em 2016 no blog pessoal da poeta, inspirado na história real de Sheila, uma catadora de lixo que teve seu filho assassinado por uma bala “perdida”, no RJ. Assionara Souza deleita-se com uma escrita livre, produzindo o poema a partir do cruzamento entre a literatura, o cinema documentário, a pintura e o jornalismo. Assim, especificamente, interessa-nos verificar como a junção destes campos irão se intercambiar-se para construção do poema. Além das reflexões de Garramuño (2014), serão tomados como referenciais teóricos os estudos de Ana Kiffer (2014) e Josefina Ludmer (2010).

“Viúvas de Ana C.”: Enjambement, Mulher e Tradição na poesia brasileira contemporânea

Emanuelle de Queiroz Oliveira (UNICENTRO)

Resumo Reflexões como “qual é o lugar da poesia, hoje?”, ou “qual o lugar que a poesia constrói hoje como próprio?”, levantadas por Florencia Garramuño (2016), expandem nossas possibilidades de leitura, e nos levam a questionar se ainda é possível pensar em algo próprio para a poesia, principalmente para a poesia produzida nas últimas décadas no território latino-americano. Desta forma, o presente trabalho inscreve-se em “entre-lugares” (termo discutido por Silviano Santiago (1978)). Ao analisarmos poesias de Alice Sant’Anna (*Aula de Natação*, 2018), Angélica Freitas (*Canções de atormentar*, 2020) e Marília Garcia (*Um teste de resistores*, 2014), buscamos verificar o acontecimento de três componentes poéticos: o enjambement, a mulher e a tradição. Numa relação de afeto e alteridade tomamos estas três poetisas como “viúvas” de Ana Cristina César, fazendo com que nossa análise se desenrole entre aproximações e deslocamentos. Pois, como buscaremos demonstrar, o ponto de ligação entre as três é a poesia de Ana C. Os componentes realizam-se nestes (e como estes) “entre-lugares”

na literatura contemporânea brasileira. Os entre-lugares da/na poesia de Sant'Anna, Freitas e Garcia são lugares de transbordamento, de trânsito. Os versos evocam seus sentidos na ambiguidade entre limites e expansões, entre ligação e ruptura, entre tradição e transgressão. Nosso interesse é observar como a poética dessas três jovens no cenário brasileiro se inscreve nesses “entres”. Embora distanciemos da “mera” intertextualidade, consideramos que o modo como Alice, Angélica e Marília leem e são afetadas pela poesia de Ana C., as colocam em diálogo e confronto com a tradição. Ao retomarmos a mulher, o enjambement e a tradição, no entre-lugar de afinidades e desafinidades com Ana C., colocamos a poesia das três “viúvas” numa relação singular, e até mesmo inespecífica, entre a linguagem e a voz.

A comunidade ausente: a construção narrativa de Carola Saavedra

Nilcéia Valdati (UNICENTRO)

Resumo Em *Inventário das coisas ausentes* (2014), Carola Saavedra incursiona nas memórias da ditadura militar latino-americana, construindo uma narrativa que coloca em jogo diferentes tempos, personagens e tipologias textuais, diluindo-os em uma linguagem que extrapola os limites do literário. O paradoxo aparente que o título coloca, inventariar a ausência, talvez se dissolva, por um lado, se substituirmos o verbo inventariar por inventar. Como sugere Max Frisch (2014), todo mundo, em algum momento da vida, inventa uma história que acredita ser a sua. É nesse dilema de versões de verdades que o enredo (ou os enredos) do livro de Carola Saavedra se deparam sempre com o mesmo problema, algo que persiste em acontecer, como um fio que perpassa toda a narrativa, qual seja, a “ausência”. Este é o ponto que nos interessa observar no autointitulado romance, como a ausência pode ser o elemento constitutivo de uma comunidade: a qual poderíamos chamar de “a comunidade ausente”, ou mesmo “a comunidade dos ausentes”. Assim, resta-nos perguntar: o que é constitutivo da ausência; quem são esses ausentes; como a ausência pode ser pensada enquanto conceito para leitura da narrativa produzida no espaço latino-americano; Para movimentar esse trabalho analítico relembremos as ideias de alguns pensadores europeus, como

Giorgio Agamben em *A comunidade que vem* (1990) e Jean-Luc Nancy em *A comunidade inoperante* (1983), bem como, buscaremos um diálogo com pensadores da América Latina, por exemplo Gabriel Giorgi em *Formas comuns* (2014).

As poéticas interseccionais como um espaço do comum

Maria Candida Ferreira de Almeida (UNIANDES)

Resumo A esquerda que agora se autodenomina com o infeliz nome de “progressista” tem combatido as chamadas políticas “identitárias”, esquecendo seu histórico descaso com as pautas de gênero, étnica e estética. Como alerta Lemebel: “Peor que la dictadura / Porque la dictadura pasa / Y viene la democracia/ Y detrasito el socialismo/ ¿Y entonces? / ¿Qué harán con nosotros compañero?/ ¿Nos amarrarán de las trenzas en fardos/ con destino a un sidario cubano?” Esta comunicação propõe demonstrar como o campo das artes plásticas e literárias estão configurando um espaço interseccional e político comum capaz de criar uma utopia para um país tão deprimente, para um mundo tão assustado, para um futuro em suspenso. Artistas multilinguagem como Grada Kilomba, Pedro Lemebel, Juliana Borrero, Efégodoy, Sunaura Taylor, Nicolás Sandoval, Lírio Barbosa atravessam, as formas artísticas e suas produções estéticas, com seus corpos, conformando um espaço comum e político capaz de criar um gesto utópico, um alento. Como sintetiza teoricamente Sandoval: “Nací portador de la condición (...), que ha determinado mi cuerpo, mi mente, mi hacer artístico y mi lugar en la sociedad.” Corpo, pensamento, arte e lugar se fusionam em um lugar comum e amorfo, prometedora, por existir, mas que já está aqui disponível para ser revelado.

Estratégias para pensar a literatura contemporânea na América Latina, redes literárias e escritas nômades

Isabel Cristina Jasinski (UFPR)

Resumo A necessidade de se repensar sobre a “comunidade” e a “literatura latino-americanas” se tornou patente desde os anos 1990

para alguns pensadores como Hugo Achúgar (1996) e Ana Pizarro (2004), entre outros. Demandava uma revisão de conceitos tradicionais, incluindo novas dinâmicas espaciais e comunicacionais. Com esse intuito, esta reflexão aborda práticas literárias atuais enquanto redes que se articulam em decorrência de processos individuais, conectando obras de ficção às experiências pessoais na literatura do século XXI, segundo Jorge Fornet (2006). Os escritores selecionados experimentaram a mobilidade num mundo transnacional e conectado, que contribuiu para sua projeção fora do sistema literário, pois sua produção apareceu na internet ou em editoras independentes, como expressão de suas “redes criativas singulares”, que participam de redes intelectuais e sociais. A metáfora da rede ganhou força no século XX para abordar as relações entre sujeitos, favorecidas pela comunicação e pelo deslocamento. O conceito se desenvolveu como abordagem da história do pensamento e da literatura no continente latino-americano, para Raquel Recuero (2009). Porém, na atualidade, as redes literárias se constituem sem filiação ou comunhão, somente como exposição e partilha, buscando modos de articulação em mobilidade para a expressão da singularidade. O espaço nas expressões literárias atuais ganha relevo como “lugar praticado”, conforme Michel de Certeau (1998), onde as ações narrativas estabelecem percursos, se relacionando com a exterioridade por meio da linguagem. O lugar praticado das redes criativas singulares é o corpo e a palavra, que envolve múltiplos suportes, o papel, o áudio, o vídeo, resultante do gesto performático e da escrita como gesto. Essa mobilidade das redes criativas singulares se manifesta na relação que a ficção estabelece com o fora da literatura, redefinindo a “partilha do sensível” (Rancière, 2005) por meio de “comunidades de existência” potenciais e dinâmicas (NANCY, 2016) na literatura contemporânea da América Latina.

Memórias literárias de mães: experiências da maternidade em Jane Lazarre e Rachel Cusk

Gabriela Dal Bosco Sitta (UNICENTRO)

Resumo O trabalho propõe uma análise de dois livros de memórias escritos por mães, *The mother knot*, da norte-americana Jane Lazarre

(1976), e *A life's work: on becoming a mother*, da canadense radicada na Inglaterra Rachel Cusk (2001). Nessa análise, indicamos como as autoras rompem com o mito do amor materno ao expressar a ambivalência dos sentimentos que nutrem por seus filhos (BADINTER, 1980). Além disso, traçamos relações entre as narrativas maternas estudadas e alguns conceitos-chave do pensamento benjaminiano, como os de narrador, experiência e rememoração (BENJAMIN, 1994, 2012; GAGNEBIN, 1994, 2009). A partir da definição de “mãe narradora”, defendemos que, quando Cusk e Lazarre narram sua experiência, está em jogo tanto uma esfera pessoal quanto uma coletiva. No âmbito pessoal, essas autoras transformam-se de mulheres em (também) mães; já no domínio coletivo, ao incorporar suas experiências à corrente de narrativas relacionadas à maternidade, Cusk e Lazarre contribuem para a modificação dos discursos circulantes sobre as relações entre mães e filhos. Se o que elas lembram e passam adiante contraria o mito do amor materno, é essa perspectiva que será herdada pelas gerações seguintes de mães. Assim, essas autoras deixam sua marca nas narrativas sobre a maternidade qual “a mão do oleiro [se imprime] na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

O comum e o translinguismo em Damián Cabrera

Débora Cota (UNILA)

Resumo As relações entre Brasil e Paraguai têm sido marcadas, ao longo da história, por tensões e trocas frutíferas. O trabalho procura analisar o comum (ESPOSITO, 2012; GIORGI, 2016) na produção crítica e literária de Damián Cabrera, autor cujas obras encontram-se pautadas nas relações Brasil-Paraguai. Nelas estão colocadas em evidência a crise de uma concepção essencialista de comunidade, dada e/ou determinada previamente e o distanciamento do “paradigma moderno imunitário” (ESPOSITO, 2012) que se impõe contra qualquer convivência ou contágio que afete a pretensa pureza da comunidade. Sendo a língua um elemento inerente ao pensamento comunitário, parte-se, sobretudo, de certa perspectiva “translingue” (MELLO & ANDRADE, 2019) utilizada pelo autor que se manifesta a partir da situação de diglossia experimentada dentro de seu próprio país, o Paraguai. Entre outros elementos, o translinguismo em Damián Cabrera

organiza as interferências das línguas utilizadas (espanhol, português e guarani) via um jogo fantasmático (MOLLOY, 2018) de suas ausências e presenças. Mas, por outro lado, possibilita o trânsito entre o comum e o singular, os jogos entre o eu e o Outro que, neste caso, configuram também as impropriedades do comum. As obras do autor a serem abordadas são, entre outras produções críticas e literárias, o livro *Xirú* de 2012 e o conto *Abaporu* de 2020.

**O próprio e o impróprio da comunidade emigrante
Latino-Americana a partir do trabalho estético
realizado por Wilson Bueno**

Ana Gabriella Melo Ribeiro Aires (UNILA)

Resumo Ao realizar a leitura das obras de Wilson Bueno pode-se notar a construção de um arquivo de uma região transfronteiriça a partir dos espaços que as personagens habitam e carregam consigo em memórias. Sendo essas personagens, as que este trabalho quer focalizar, migrantes, há que se notar a intenção de um registro a partir de tal perspectiva: tem-se, enfim, um novo ‘chão’, a língua (Ludmer, 2010). A (trans)língua, já tão frisada quando se fala nas obras do autor, é parte dessa potência constitutiva de sua poética, é sabido (são diversos os trabalhos que discutem tal ponto), mas quer-se aqui ir além: refletir sobre a construção das personagens como registro de algo que é tão subjetivo que só poderia ser capturado pela Literatura: o sentimento do emigrado. A pesquisa se debruçará por entre as obras de Bueno, em especial, *Mar Paraguay* (1992). Objetiva-se, assim, analisar o trabalho poético, estético-formal, irmanado ao trabalho de construção de um arquivo de uma subjetividade da comunidade migrante latino-americana. Isso posto, a fundamentação teórica emerge tendo em vista categorias literárias como ‘imagem’, ‘ritmo’, ‘linguagem’ (Octavio Paz, 2012) e outras mais transdisciplinares, que articular-se-ão às primeiras, como ‘comunidade’ e o que dela é ‘próprio’ e ‘impróprio’ (Indiccionario do contemporâneo, 2018).

Poéticas afro-brasileiras do presente: lugares de passagem

Douglas Rosa da Silva (UFRGS)

Resumo O exercício de partir do comum com o intuito de desestabilizar uma unidade preconcebida do pensamento ou, ainda, de desarticular uma ideia homogeneizante que paira sobre a produção e as vivências negras brasileiras é uma das particularidades das poéticas afro-brasileiras de autoria de poetisas contemporâneas. Os diferentes lugares de passagens erigidos nas obras dessas autoras demonstram que a noção de comunidade está atrelada, entre outras coisas, aos diferentes lugares enunciativos – e pontos de partida – que formam essas produções. A produção poética dessas autoras sobrepõe a concepção de que estar em comunidade é, sobretudo, estar em/na diferença. Portanto, e tendo a dessemelhança poética como fio condutor de análise, essa comunicação tem como objetivo destacar de que forma a abordagem do comum possibilita uma desconstrução e um redimensionamento do previsto; isto é, a frustração de leituras hierarquizantes e determinadas dos espaços territoriais abordados nessas obras. Além disso, o presente trabalho intenta destacar os diálogos que, de forma direta ou indireta, alguns desses textos estabelecem com o circuito cultural e literário latino-americano, em um gesto de revisão dos arquivos históricos, literários e culturais da América Latina. Integram o corpus de análise dessa comunicação os poemas de autoria de Eliane Marques, Lubi Prates e Nina Rizzi, mas não está excluída a presença de outras autoras contemporâneas que, pela via dos estudos comparados, também se mostram presentes e atravessam as reflexões apresentadas.

Poéticas do presente e pintura: o pincel de Frida Kahlo nas palavras de Bárbara Lia

Andriele Aparecida Heupa (UNICENTRO)

Felipe Bini (UNICENTRO)

Resumo Nas poéticas do presente, notamos um constante esgarçamento das fronteiras com outras artes, resultando na ampliação do campo literário. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a relação

entre a literatura e a pintura. Com o intuito de dar mais visibilidade para a literatura de autoria feminina paranaense no cenário latino-americano, buscamos analisar alguns dos poemas que Bárbara Lia escreveu inspirada pela vida e obra da pintora mexicana Frida Kahlo, considerando o descentramento do literário e o diálogo que a escritora paranaense estabelece com a obra de Frida. Para tanto, são analisados os poemas reunidos pela escritora no livro *L'amour me ravage* (2019) em uma seção intitulada "FRIDA". Para esta análise, empregamos alguns estudos voltados para as produções contemporâneas, pensando sobre as literaturas pós-autônomas (LUDMER, 2010), o desbordamento dos limites na literatura, as práticas da impertinência (GARRAMUÑO, 2014) e as práticas inespecíficas, a crescente instabilidade nas produções estéticas latino-americanas (PEDROSA *et al.*, 2018). Além disso, pretendemos identificar os ruídos do(s) feminismo(s) presentes nessa interlocução que a poeta paranaense estabelece com a pintora mexicana, pensando na maneira como Bárbara Lia reflete criticamente sobre o ser mulher. Para pensar sobre o feminismo utilizamos a reflexão de Tiburi (2018) e a coleção "Pensamento feminista hoje" organizado por Hollanda (2019).

Sentidos de comum nas poéticas transfronteiriças de Wilson Bueno e Cecilia Vicuña

Eleonora Frenkel Barretto (UFSC)

Resumo A comunicação propõe pensar sentidos de comum e comunidade nas poéticas transfronteiriças de Wilson Bueno e Cecilia Vicuña, marcadas pela mútua penetração entre línguas diversas (como o espanhol, o português, o guarani, o inglês e/ou o quíchua) que, desfeitas de sua normatividade, surgem como contraespaços (ou heterotopias) que enfrentam a centralização das línguas definidas como hegemônicas nos territórios nacionais. Como o contágio de línguas dominantes, em seus respectivos contextos, por línguas menores, como o guarani e o quíchua, ameaça aquilo que o poder colonialista define como prerrogativa para instituir uma comunidade excludente, que irá banir sistematicamente os repertórios culturais de povos originários latino-americanos? Como essas poéticas que fazem consistir línguas heterogêneas provocam a repensar os sentidos de

comunidade estabelecidos pelas fronteiras dos Estados-Nação, transgredindo-as, e instam a questionar o poder soberano que se atribui a autoridade de definir as vidas que devem ser sacrificadas em benefício de uma fantasia de imunização de sua comunidade? Para pensar esses contraespaços poéticos, interessa-nos, entre outros, o conceito de *confin*, de Máximo Cacciari, como um espaço que se configura conforme os corpos (neste caso, corpos-linguagem) que nele se tocam; o *confin* não é um lugar previamente definido por linhas divisórias (o Estado-nação, a língua nacional, a literatura brasileira ou latino-americana); é um *topos* movente, onde o que distingue é, ao mesmo tempo, o que torna comum; onde quicá as heterogeneidades se percebam como tal e se ponham em relação, como num passeio permissivo entre as diferenças.

Severo e Diaz: inespecificidade literária e oralidade em recitais

Vinícius Eustáquio Magalhães (UNILA)

Resumo Por muito tempo os estudos comparados se focaram na investigação de semelhanças, diferenças e influências entre obras e autores. Porém uma das discussões atuais nos estudos comparados é o de análise de obras literárias a partir do conceito de ‘literatura em campo expansivo’. Garrumunio (2009) vai utilizar o termo para pensar obras que, ao incorporarem elementos e/ou formas de outros campos, transpassam os limites do que tradicionalmente se pensa como literário, tornando-se assim ‘inespecíficas’. Os artiguenses Fabián Severo e Ernesto Díaz com suas obras literárias e musicais colocam em discussão essa especificidade ao proporem uma parceria de recitais que une os dois campos. Ambos nascidos na fronteira entre Brasil e Uruguai, seus trabalhos são influenciados pela mistura de língua e ritmos dos dois países, criando assim, forma, estética e identidade ainda mais questionadoras. A junção das obras do escritor e do artista em formato de recital (2010; 2016) serão os objetos de análise da pesquisa, tendo em vista também as reflexões da tradição gauchesca de Ludmer (1988) no que diz respeito à escrita, à oralidade e suas hierarquias. Severo e Díaz que nasceram na fronteira e que estão em um espaço social discidente desafiam essas forças através da ‘voz escrita’, tal como o gaúcho uruguaio.

Situações da poesia frente à necropolítica: o luto pelos/as mortos/as e a defesa dos/as matáveis

Felippe Nildo Oliveira de Lima (UFPB)

Resumo A poesia brasileira dos últimos dez anos tem confrontado recorrentemente a morte instaurada e generalizada no país, nos moldes do que Achille Mbembe denomina de “necropolítica”. Fruto da mira armada dos braços estatais de violência e repressão, e também refletida em crimes civis que reproduzem lógicas estruturais de ódio e perseguição contra minorias políticas, a morte se alastra por sobre uma multidão anônima e sem fim de corpos. As vítimas confirmam a predileção dos algozes por carnes de mulheres, negros/as, indígenas, quilombolas, LGBTQIA+, militantes dos direitos humanos, dentre outros grupos sociais alocados em posição inimiga contrária aos interesses hegemônicos do (necro)poder. Diariamente, as estatísticas só aumentam, avolumando ao mesmo tempo o grosso caldo de sangue que persiste por detrás desses números. Na contramão do falatório por vezes sensacionalista dos veículos midiáticos, e ocupando o lugar de contramola que resiste ao esquecimento e à indiferença de parte massiva da opinião pública, os/as poetas revisitam frequentemente esses entulhos humanos. Com as palavras, dão nome a cada corpo: cada número, um dia, foi uma pessoa. Pranteiam, lamentam e, por meio do poema, fazem o processo do luto, como que querendo firmar a empatia e a presença da alteridade tão ausentes entre nós. Cientes de que é preciso fazer algo além de poesia, e tendo em vista a insuficiência das palavras quando a força bruta a tudo cala e mata, se movimentam ética, política e poeticamente para que esse genocídio desde a colonialidade acabe. Neste tempo, em que o impossível e o inacreditável se fazem normas e normais, pretendo buscar os sentidos de algumas movimentações recentes da poesia brasileira em torno da potência/precariedade poética quando a nossa volta tudo é morte. Para tanto, dialogo com os poemas “matáveis”, de Danielle Magalhães, “Presente”, de Diego Vinhas, e “Necropolítica”, de Bianca Gonçalves.

Simpósio 65**O conto contemporâneo na literatura brasileira**

Gislei Martins De Souza Oliveira (IFMT)

Claudia Vanessa Bergamini (UFAC)

Vanderluce Moreira Machado Oliveira (IFMT)

Resumo O simpósio agregará comunicações que proponham uma interpretação do conto na literatura contemporânea brasileira, levando em consideração as mais diversas projeções e estratégias que revelam o aperfeiçoamento da escrita do gênero. Desde os primeiros estudos sobre a terminologia do conto, conforme orienta Nádía Battella Gotlib (1990), observa-se a tendência de diferenciá-lo do romance, o qual teria uma forma mais longa e tradicional, sendo que apenas no século XIX surge a acepção *short story*, a fim de designar uma narrativa curta com características específicas e independentes. A diversidade e dinâmica de procedimentos estéticos utilizados na construção do conto têm relações estreitas quanto ao funcionamento da estrutura romanesca e, assim, torna-se salutar o estudo dos efeitos produzidos por cada gênero em suas singularidades. A autora ainda faz um percurso diacrônico que esboça o debate acerca da teoria do conto, seguindo uma linhagem variada de autores, a saber: Edgar Allan Poe, Júlio Cortázar, Horacio Quiroga, passando também por Charles Perrault, André Jolles, Boris Eikhenbaum, Olivier Henry, bem como Mário de Andrade, Machado de Assis, dentre outros. Sendo assim, é possível observar os vários empreendimentos teóricos e literários os quais permitiram que essa forma breve alçasse um patamar privilegiado no rol da literatura ocidental. Ricardo Piglia (1990), por exemplo, traz luz a autores como Franz Kafka e Jorge Luis Borges, seguindo o argumento de que o conto moderno constitui uma narrativa composta por duas histórias, uma superficial e outra secreta, que encaminham o desfecho para uma revelação. Paradoxalmente, configura-se uma tensão entre as duas histórias, fazendo que dessa lógica narrativa antagônica aflore correlações surpreendentes: “Há algo no final que estava na origem, e a arte de narrar consiste em postergá-lo, mantê-lo em segredo, até revelá-lo quando ninguém o espera.” (PIGLIA, 1990, p.106). Percebe-se que o conto deixa de ser algo engessado a um paradigma conceitual quando é apreendido em seus diversos efeitos de sentido que sugerem, como afirma Piglia, sua natureza fragmentária

e elíptica. Interessa ainda ressaltar a denúncia feita por Júlio Cortázar (2006, p. 149) quanto à primazia do romance: “De qualquer modo, enquanto os críticos continuam acumulando teorias e mantendo exasperadas polêmicas acerca do romance, quase ninguém se interessa pela problemática do conto.” Outro elemento entra em cena quanto à abordagem do conto e corresponde ao tempo da leitura em relação à demanda de cada gênero. O romance, devido a sua extensão, é lido com interrupções e pausas que estão em conformidade com o ritmo imposto pela sua composição, enquanto o conto, em decorrência de sua brevidade, pode ser apreciado em uma só “assentada”, como diria Poe (apud GOTLIB, 1990). De modo analógico, o intelectual argentino relaciona o romance com o cinema na tentativa de mostrar que ambos têm uma “ordem aberta” e, ainda, o conto com a fotografia, tendo em vista o foco limitado à perspectiva estética do fotógrafo, ou melhor, a um fragmento da realidade. Ao capturar a “fugacidade na permanência”, cabe ao conto apresentar um enredo capaz de prender a atenção do leitor e de convencê-lo a persistir com a leitura. Quanto à projeção do conto contemporâneo na literatura brasileira, Karl Erik Schøllhammer (2004) destaca a fragmentação e a procura por novas formas de experiência narrativa como recursos estéticos que transgridem ao mesmo tempo que dialogam com a escrita tradicional do gênero. Desse modo, o conto adquire novas roupagens quando introduz uma maior dinâmica no processo de criação literária. O autor delinea que a literatura contemporânea apenas representa o mundo atual por meio de uma inadequação e/ou “[...] uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica.” (2011, p. 10). Escritores, como Luiz Ruffato e Marcelino Freire, exemplificam a nova vertente para se refletir sobre a produção de narrativas curtas no Brasil, pois, segundo Schøllhammer, retratam a realidade pelo ponto de vista dos que estão às margens do sistema social. Além disso, outros traços como a metaficção e a escrita de si demonstram que a realidade trazida pela literatura atual não se trata de um realismo tradicional e ingênuo. Nesse cenário múltiplo pelo qual o conto contemporâneo circula, a própria definição do que é contemporâneo é – quase – impalpável, remete ao que há de mais vanguardista, àquilo que suscita o sabor da atualidade e, portanto, permite o diálogo imediato entre o tempo presente e a narrativa de linguagem híbrida, aberta, simbólica, cujos traços carecem de debates e estudos que busquem, no mínimo, a compreendê-los.

**A reescrita e seus rastros em Alberto Mussa:
uma investigação de dois contos transformados em um**

Henrique Balbi (USP)

Resumo Teoricamente, o carioca Alberto Mussa publicou apenas um livro de contos, sua estreia “Elegbara” (1997). Foi este talvez o maior alvo de reescritas, caras a Mussa: na segunda edição (2005), o autor modificou superficialmente os textos e, em 2016, seu “Os Contos Completos” absorveu totalmente a estreia, com mudanças profundas em certas histórias. Interessam-nos duas delas: “Os sábios de Tombuctu” e “Alcácer-Quibir”, esta absorvida por aquela. Nessa transformação, intuímos algo do processo criativo geral do autor, tanto pelo que se manteve quanto, sobretudo, pelo que se apagou. Em “Os sábios de Tombuctu”, um forasteiro chega à cidade no Mali, desestabilizando a ordem local: troça dos dois sábios que a regem e dispara um enigma insolúvel, com implicações filosóficas. Já em “Alcácer-Quibir”, o fio narrativo percorre um triângulo África-Europa-América do Sul, unindo reis, cientistas, populares num mistério: uma pane na gravidade, suspensa momentaneamente, que, quando contemplada, embaça os olhos das testemunhas. Na última versão dos textos, apaga-se “Alcácer-Quibir”, salvo pelo mistério da gravidade, agora transformado no enigma que o forasteiro anuncia: quantas vezes algo precisa cair para que deduzamos uma lei? Observa-se que as modificações seguem preceitos clássicos da teoria do conto, como a “unidade de efeito” de Poe (entre outros): mínimo de elementos para máximo de impacto. Se essa adequação ao modelo revela um ganho na economia narrativa, ao mesmo tempo ela apaga referências caras ao autor, antes posicionadas estrategicamente no fecho do livro de estreia. Esta comunicação pretende investigá-las, a fim de compreender se, no trajeto de uma escrita para outra reescrita, elas foram assimiladas, rejeitadas e/ou transformadas, bem como quais as implicações delas para o conjunto da obra de Mussa, que, apesar de ter restringido sua ficção a romances de 1999 em diante, não raro os construiu como híbridos: romances com contos interpolados, enganchados, engastados.

Animismo e escriturabilidade na literatura brasileira contemporânea: análise do conto “Não me deixe dormir o profundo do sono”, de Conceição Evaristo

Caio Vitor Marques Miranda (UPM)

Resumo A literatura de autoria feminina contemporânea tem evidenciado em seu discurso transgressora das imagens do patriarcado e capaz de reivindicar um olhar renovado para o espaço e o tempo que legitimam a presença da mulher nas artes e nas ações sociais. Essa produção sedimenta o seu espaço motivada por diferentes fatores, cabendo destacar que na segunda metade do século XX, com a presença cada vez mais relevante de uma reflexão feminista em conjunto com a chegada da redemocratização, a produção de escritoras remodela as faces da literatura contemporânea brasileira. Em 1980, após o primeiro GT mulher e Literatura da Anpoll, a academia começa a debruçar-se, aos poucos, sobre o intimismo, o ser mulher, a religião, o amor e as relações sociais à luz da escrita feminina que, desde o século XIX já circulava, mas era invisibilizada. Entretanto, essa não é a realidade da produção literária de mulheres negras, que sofrem a opressão pela raça e pelo gênero. Conceição Evaristo é um exemplo desse retrato, já que seu reconhecimento é extremamente tardio. Nesse contexto, objetiva-se analisar o conto “Não me deixe dormir o profundo do sono” – cujo tema da pandemia se faz como pano de fundo do enredo – publicado em agosto de 2020, pela revista Piauí, evidenciando o caráter duplo do conto proposto por Ricardo Piglia (2004), ou seja, primeira e segunda história, trazendo à tona, com esta última, as características do projeto literário de Evaristo, intitulado *Escriturabilidades*, pelo viés do realismo animista. Para isso, pautamo-nos em Paradiso (2014), Piglia (2004), Evaristo (2012), autores renomados nessa área.

As faces do urbano: o lugar da violência em Rubem Fonseca

Claudia Vanessa Bergamini (UFAC)

Resumo Publicado em 1975, para ser logo censurado durante a ditadura militar, *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, somente foi

relançado em 1989, momento de redemocratização do país. Em que pesem mais de 40 anos da publicação dessa coletânea de contos, os enredos seguem atuais e, a leitura, inovadora, uma vez que, pela linguagem, Rubem Fonseca potencializou a violência e a desigualdade social. O urbano é cenário em que ocorrem as ações, e as personagens são os tipos que por esse cenário urbano percorrem, e agem, e vivem. Tecidas essas considerações, vale dizer que se objetiva analisar dois contos, a saber: ‘Feliz Ano Novo’ e ‘Botando pra quebrar’. Busca-se enfatizar a realidade urbana e o modo como nela a violência se insere, não somente a violência física, mas também a simbólica, que se revela em uma sociedade contraditória e conflitante. Além desses aspectos, destacam-se a linguagem com suas marcas de oralidade, os diálogos vivos, cerceados por palavras que corroboram a imagem brutal das narrativas. Por serem vastos os estudos sobre a produção do autor, neles se buscará amparo para a realização da análise ora proposta; no entanto, o foco recairá sobre a análise da linguagem e do enredo dos contos em si, de modo a enfatizar os aspectos aqui elencados.

Da lâmina à estrutura semicircular do nada: representações da violência em contos de Amanda Prado

Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva (UFPE)

Resumo Este trabalho, situado no âmbito dos Estudos Literários, apresenta como objetivo analisar as representações da violência em três contos da escritora alagoana Amanda Prado: “Suspeito de estupro, estudante de direito é esfaqueado por vítima”, “Lâmina” e “A estrutura semicircular do nada”, presentes na coletânea “Inferno tropical” (2018), em que autores/as alagoanos/as escrevem ficções com a cidade de Maceió como tema. Como ponto de partida, utilizo como base a Teoria do Trauma, que diz respeito às produções acerca do trauma da violência (SELIGMANN-SILVA, 2002). Um dos pontos destacados por Seligmann-Silva (2002) relaciona-se com o período histórico em que vivemos – a pós-modernidade. Assim, vivenciar o período pós-catástrofe, ou seja, o período após grandes guerras ou casos de violência, significa que todos nós somos parte de uma encenação da catástrofe, pois são mostrados novos desastres na televisão, no jornal e na

internet no cotidiano. Logo, a violência apenas se torna real quando é representada: não é possível imaginar uma guerra sem ter lido ou assistido sua representação por meio da arte. Nesse sentido, a análise aqui proposta busca evidenciar tais traços nos contos citados. A fundamentação teórica contempla estudos voltados às representações da violência e à Teoria do Trauma, como Dalcastagnè (2007), Schøllhammer (2007), Seligmann-Silva (2002; 2005), Ginzburg (2013); e à Teoria da Literatura, como Moisés (2012), Bosi (2005), Candido (2007), Gotlib (2004), além de outros/as. Dessa forma, ao analisar as representações da violência em contos de Amanda Prado, também busco contribuir com sua fortuna crítica e, conseqüentemente, fortalecer o cenário da literatura alagoana contemporânea.

Enigma e representação em “A santa de Schoneberg”, de Rubem Fonseca

Gislei Martins De Souza Oliveira (IFMT)

Resumo Apresenta-se uma leitura do conto “A Santa de Schoneberg”, de Rubem Fonseca, publicado no livro *Romance Negro e outras histórias* (1992), com o propósito de revelar as estratégias narrativas que configuram a perda da aura na obra de arte. Observa-se a construção de uma trama imprevisível iluminada pela relação obsessiva que se desdobra entre as personagens Úrsula, Roberto e Marie. Ainda, o enigma narrativo vai se estender à atração que a personagem Roberto tem quanto ao pintor austríaco Egon Schiele e a uma carta encontrada numa feira de Viena que trata do artista. A procura pelo remetente da missiva culmina no assassinato misterioso e trágico de Roberto que, por sua vez, morre sem saber o conteúdo exato que entrelaça a vida de Schiele com o seu próprio destino. Críticos como Figueiredo (1996) e Pellegrini (2004) debruçam-se sobre a escrita fonsequiana na tentativa de mostrar a violência racionalizada na vida urbana. Enquanto isso, Lafetá (1993) analisa a produção do escritor carioca para além do caráter citadino quando evidencia a presença marcante de um lirismo paradoxal à perspectiva sobre a violência. Dessa forma, busca-se compreender de que maneira o conto “A Santa de Schoneberg” trabalha com um aparato ficcional bastante vasto que tematiza a crise da representação literária pela mescla do gênero policial com o intimista.

Exílio e melancolia no conto “Bárbara no inverno”, de Milton Hatoum

Alexandre Luiz Ribeiro da Fonseca Junior (UFMG)

Resumo A presente comunicação tem por objetivo principal analisar criticamente o conto “Bárbara no Inverno”, presente no livro “A cidade ilhada”(2009), do escritor brasileiro contemporâneo Milton Hatoum. A partir das principais teorizações sobre o conto moderno, ancoradas nas discussões de Edgar Allan Poe, Julio Cortázar e Ricardo Piglia, entende-se o conto como uma narrativa breve e condensada, a qual procura atingir um efeito de surpresa. Nesse sentido, no conto analisado, prevê-se, em seus índices, uma história de desastre, revelada no final do texto. Esta situação de abismo e de queda é reforçada pela experiência desoladora e desterritorializante do exílio, pela qual atravessam as personagens. Com efeito, traçar a trajetória do desastre, sucumbir à queda, abismar-se. Perder a luz do astro, atirar-se à densa, fria e escura noite. Remar na solidão e ao som de uma vingança prometida. Exilar-se fora da terra natal e dentro de si. Poder-se-ia, com essas enumerações de fundo poético, apresentar o drama central do conto “Bárbara no Inverno”, vinculado à inquietante experiência do exílio. Como forma de explicar essa face da do conto, nessa perspectiva, busca-se, pelas formulações teóricas de Edward Said e de Julia Kristeva, compreender o fenômeno do exílio como catalisador do esvaziamento do sujeito e do profundo sentimento de melancolia. Associa-se, ainda, a tais formulações o pensamento de Maurice Blanchot sobre “A escritura do desastre” (2016). Conclui-se, afinal, que a personagem feminina do conto é assolada ao mesmo tempo pelos males do exílio e pelo abandono, fato culminante de seu desastre subjetivo.

Formas incomuns de um autor irremediável: o cenário narrativo em *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu

Deyse Filgueiras Batista Marques (UEMA)

Resumo Ao longo de sua produção, a obra literária de Caio Fernando Abreu assumiu formas ousadas e peculiares, mas também bastante

simbólicas, pois conversam diretamente com o conteúdo dos seus textos. Tratam-se de disposições narrativas que, mais do que entregar uma história ou a perspectiva do autor ao leitor, expõem e enfatizam os aspectos emocionais de seus escritos. Os contos de *Morangos Mofados* (1982), obra de maior sucesso de Caio F., são construídos a partir de uma estrutura narrativa que revela muito mais do que é dito em palavras. O livro, dividido em três partes, é a representação do apogeu literário do autor, mérito conferido à obra especialmente em razão da profundidade dos personagens e das temáticas abordadas. O conteúdo dos contos, todavia, revela muito mais que o dizível em superfície; em verdade, o livro é um exemplar primoroso de como o formato dos textos do autor se comunica com o seu teor humano. *Morangos mofados* revela uma postura de Caio F. que beira à oscilação, fazendo-o vacilar entre a esperança e o pessimismo, a perspectiva da morte e o desejo de viver. É uma obra que fala do ser humano diante do mundo, das outras pessoas e da própria vida, com todos os riscos e desejos oriundos desses confrontos. Este estudo de *Morangos Mofados*, portanto, volta-se à investigação das formas particulares das narrativas que regem a obra, perpassando por alguns dos contos que mais demonstram que a fragmentação é elemento essencial à busca de uma interpretação além da mera aparência superficial. Ao se estabelecer uma relação estreita entre a forma literária e o conteúdo emocional dos escritos do autor, busca-se revelar o Caio Fernando Abreu que se permitiu ser mais ele mesmo enquanto autor de seus textos que em qualquer outro papel lhe foi conferido.

Geovani Martins: a voz do realismo urbano e a sobrevivência numa cidade partida no conto “Travessia”

Ilka Vanessa Meireles Santos (IFMA)

Resumo Com uma linguagem recheada de gírias, violência e tensão, alternada com o registro formal da língua, a literatura de Geovani Martins, por meio de seu livro de contos *O sol na cabeça*, apresenta o contraste social, a violência, as nuances da crueldade humana e, ao mesmo tempo, a exaltação e a crítica à cidade do Rio de Janeiro, local onde são ambientados todos os contos da obra *O sol na cabeça*. Nessa perspectiva, este artigo pretende analisar o último conto

do livro, “Travessia”, no qual a voz do personagem expõe as dificuldades de sobreviver no mundo do crime num ambiente adverso, além proporcionar o deslocamento, ou seja, conduz o olhar do leitor ao ambiente da periferia, expondo as leis do crime, com suas regras de convivência e hierarquia. A produção literária de Geovani Martins se diferencia por apresentar uma narrativa realista e oralidade vivaz dos personagens e, também, por reiterar a distância que há entre as pessoas que habitam os morros cariocas e as que vivem no asfalto, retrato de uma cidade partida em pleno século XXI. As temáticas abordadas na obra são bem variadas, narrando casos de discriminação racial e de violência, tanto da polícia (em Rolézim e Sextou) como dos traficantes (em Travessia e Estação de Padre Miguel).

**Há algo de mágico no ar:
crítica social e encantamento em narrativas contísticas
de Conceição Evaristo e Augusta Faro enviesadas pelo insólito**

Claudia Cristina Ferreira (UEL)

Resumo A literatura nos suscita emoções as mais variadas. Tanto nos comove, envolve, como nos provoca e acarreta (re)ações. Por meio da literatura, podemos conhecer outras culturas, outros mundos, outras realidades, despertando compaixão, solidariedade, euforia, curiosidade, medo. Neste trabalho, o recorte é dado com vistas a evidenciar o Realismo Mágico e a denúncia social em duas narrativas contemporâneas, ou seja, Rosa Maria Rosa (2017), cuja autoria é de Conceição Evaristo e *As flores* (2001), de Augusta Faro. O diálogo entre ambos os contos é possível, visto que as protagonistas compartilham muito em comum, como o fato de exalarem uma inebriante fragrância de flor que desperta a atenção e o interesse de todos. O mistério causa surpresa a priori, entretanto se naturaliza e é aceito com o desenrolar-se das narrativas. Para a análise das obras, utilizamos o arcabouço teórico apregoado por Chiampi (1980); Esteves; Figueiredo (2012); Ferreira (2002); Fernández (1991); García e Batalha (2012); Oliveira (2015); Sánchez Ferrer (1990); Todorov (2010); Volobuef; Herrera Alvarez; Wimmer (2011); Volobuef; Wimmer; Herrera Alvarez (2012). Como considerações finais, elucidamos as convergências entre os dois contos, visto que são perpassados pelo Realismo

Mágico como pano de fundo para apresentar uma crítica aos padrões sociais patriarcais impostos ao papel da mulher, sendo a ela determinado os afazeres domésticos, o casamento, a maternidade e o cuidado com os filhos. As protagonistas das duas narrativas são transgressoras e não cumprem a sua sina. Elas reagem paciente e serenamente, encantando a todos com a suavidade de suas (re)ações.

**Nem tudo o que é breve desaparece:
uma leitura do conto “Duas Margens”, de Rinaldo de Fernandes**

Paloma do Nascimento Oliveira (SEECT-PB)

Resumo Em “Instinto de nacionalidade” Machado de Assis (1973) demonstrava certa preocupação com a aparente facilidade do conto e afirmava ser um gênero difícil por suas formas breves. Julio Cortázar (1974) também atesta sua complexidade, alegando ser esquivo em seus múltiplos e antagônicos aspectos, voltado para si mesmo e tão próximo da poesia que poderia ser seu irmão em outra dimensão do tempo literário. Angélica Soares (2007) adiciona que esse gênero tem em seu escopo a arte da sugestão: concentrado, resulta de um trabalho de seleção rigoroso e da harmonização de elementos selecionados, que enfatiza o essencial. O que todos esses estudiosos trazem é a problematização da dificuldade em conceituar e caracterizar o gênero e apontam, em seus estudos, a necessidade de se concentrar em torno de contos que legitimem a qualidade daquilo que está escrito. Desse modo, pensando no que Cortázar também afirma – que o conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases – elegemos o texto “Duas Margens”, do maranhense Rinaldo de Fernandes, como objeto de análise. Partindo do conceito estrutural de Massaud Moisés (1979) de que o contista age tal qual um fotógrafo, que usa sua câmera para focar num ponto central e captar os arredores que compõem toda a imagem fotográfica, este artigo objetiva analisar o conto em suas nuances e elementos que se harmonizam para causar a tensão unitária e o efeito preciso e inesperado em seu desfecho. Além dos teóricos citados, utilizamos no embasamento do trabalho Piglia (2004), Gotlib (1988) e Bosi (2015).

**O absurdo do real na escrita de Veronica Stigger:
o instantâneo da percepção na forma narrativa do conto**

Almir Gomes de Jesus (UNICAMP/IFMT)

Resumo *Gran cabaret demenzial* (2007), segundo livro publicado pela escritora gaúcha Veronica Stigger, apresenta um conjunto de dezenove contos. Com narrativas concisas e pungentes, a obra erige-se nos limites do inapreensível. Nesse sentido, sua economicidade e jogo cômico com cenas absurdas desafiam uma perspectiva totalizante da compreensão, colocando o leitor diante de um universo nonsense reduzido ao transitório. Por isso, seu caráter instantâneo e humorístico impõe a reeducação do olhar ao deslocar os padrões narrativos de produção de sentido. Nela, não é adotado um ponto de vista uniforme que conduza a interpretações globais, mas esgarçam-se “mônadas” que, concentricamente, giram em torno de uma realidade percebida assimetricamente. Não há, portanto, uma verdade que se revele ao fim. No entanto, os vários átomos de seus não-enredos criam fortes impressões que, reunidas, conduzem a um esclarecimento – lampejos de luz – sobre o real. Assim, ao mesmo tempo em que a brevidade e concisão de suas narrativas respondem à perda de uma perspectiva totalizante, criam-se microcosmos sensório-imagéticos que repõem o leitor em contato com uma verdade crua do real. Portanto, a experiência do vivido torna-se o único caminho a ser seguido, mesmo que em pequenas porções delirantes. Sob esse dispositivo, o absurdo e o kitsch não são utilizados para acirrar o descolamento da realidade, mas são tratados como sintomas da própria vida. Tais técnicas de criação nos levam a perceber, por fim, que a escrita de Stigger, assim como a de outros(as) autores(as) contemporâneos(as), redimensiona as possibilidades narrativas do conto ao torná-lo veículo de compreensão da realidade por vias cada vez mais reduzidas, como se fosse possível apenas perceber resquícios de um todo que não mais se dá a ver ou que não mais pode ser apreendido de modo totalizante.

O conto brasileiro no “museu da memória” do escritor contemporâneo

Fátima Cristina Dias Rocha (UERJ)

Resumo Neste trabalho, dedico-me ao escritor Sérgio Sant’Anna, especialmente aos seus dois últimos livros: *O conto zero e outras histórias* (2016) e *O anjo noturno* (2017). Tendo estreado em 1969 com o livro de contos *O sobrevivente*, Sant’Anna, ao longo de sua trajetória como contista e romancista, caracterizou-se pela constante experimentação estética, sendo definido como um escritor metamórfico. Nos contos publicados em 2016 e 2017, o escritor aventurou-se em uma vertente a que conseguira resistir até então: a escrita de caráter autobiográfico. Ao exercitá-la, Sérgio Sant’Anna renovou o autobiografismo com variadas estratégias narrativas que colocam em destaque a indissociabilidade confissão/ficção: a multiplicidade e mistura de planos temporais e de focos narrativos, como no texto “O conto zero” (2016); a notação fragmentária, capaz, entretanto, de compor um painel muito rico de uma geração literária, como no conto “Vibrações” (2016); os jogos de identificação entre o narrador e o próprio autor, o qual, no mesmo texto, desvela e encobre a experiência vivida empiricamente (que pode ser conferida em paratextos diversos, como as entrevistas do autor) e a mais ousada elaboração ficcional, como no conto “A bruxa”, também do livro *O conto zero e outras histórias*. O veio autobiográfico, tão habilmente entretecido na trama ficcional no livro de 2016, ganha maior visibilidade em alguns contos de *O anjo noturno*, os quais, apresentando-se como desdobramentos dos “fios” entrevistados no livro anterior, evidenciam seu caráter confessional nos próprios títulos: “A mãe”, “A rua e a casa”, “Amigos”. Vale destacar que, também no livro *O anjo noturno*, o hibridismo autobiográfico/ficcional ganha novas inflexões, revitalizando o panorama do conto brasileiro contemporâneo.

**Semelhanças e diferenças da epifania
em três contos de três contistas brasileiros
em seus jardins e flores em uma análise comparativista**

Mario Marques (USP)

Resumo À presente comunicação tem como objetivo discorrer sobre a análise comparativista do trecho do jardim no conto “Amor” do livro *Laços de Família* de Clarice Lispector, sobre o conto “Utopia do jardim-de-inverno” do livro *Por trás dos vidros* de Modesto Carone e sobre o conto “Petunia” do livro *Obra Completa* de Murilo Rubião. Verifica-se pela leitura dos três contos que o tema da natureza, com suas flores, frutos, insetos, animais e também o ritmo de crescimento e de morte de seus integrantes, em um processo contínuo de renovação, guarda estreita relação de harmonia e de desarmonia com o ser humano, que a tudo observa e intervém. Em seus momentos de trabalho e de contemplação no jardim, busca o homem criar ordem no caos, ou pelo contrário, atuar em um ambiente em que a ordem é um elemento inerente, em flagrante contraste a seu mundo humano tão caótico. Essa busca por harmonia e ordem pode causar momentos de epifania, nos quais homem e natureza se completam, quase se tornando uno, em uma busca às vezes por redenção da vida, em um mundo em que não se tem controle e se é sufocado pelas mazelas diárias da vida. O conceito de epifania, segundo David Lodge em seu livro “A arte da ficção” de 2020, tem variado com o passar do tempo. A princípio significava uma aparição, composta de uma beleza perene, que impressiona e causa grande comoção, conforme utilizado na literatura cristã ancestral. Na literatura atual, o termo é utilizado para descrever uma aparente experiência da realidade exterior, que tenha feições de um fato transcendental ou como clímax ou situação final de uma história, episódio de um capítulo de um conto ou romance ou como conclusão.

**Sexualidade, religiosidade, simbologia,
intolerância e morte em “Terça-feira gorda” de Caio F.**

Vanderluce Moreira Machado Oliveira (IFMT)

Resumo O conto “Terça-feira gorda” inserido no livro *Morangos Mofados* (1982) do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, apresenta em

sua camada aparente, o tema da homoafetividade. Entretanto, infiro que este autor, ao invés de discutir sobre esta temática, discorre sobre a intolerância em seus aspectos diversos. Se nos atentarmos para as declarações do narrador personagem e a personagem, notaremos que ambos não são nominados, fato que corrobora o caráter universal da narrativa de Caio F. Veremos que o encontro entre eles, dá-se ao acaso na última noite de Carnaval, nominada de terça-feira gorda, na qual excessos são praticados, pois antecede a quarta-feira de cinza, período em que se inicia a quaresma, um período de contenção, jejum e purificação para os cristãos na tentativa de assemelhar-se a Jesus Cristo. A presença da religiosidade é marcante no conto, também pelo emprego do figo, elemento simbólico, cuja simbologia religiosa significa paz, fartura e bonança, e seu primeiro registro bíblico está no livro de Gênesis porque fora com as folhas de figueira que Adão e Eva cobrira sua nudez depois de terem comido do fruto proibido no jardim do Éden. Portanto, se o figo representa algo que denota paz para uma cultura, quando ele cai e se esboroa no chão, como o ocorrido na imaginação do narrador personagem de “Terça-feira gorda”, isto significa a chegada de um novo tempo, o da guerra, no caso do conto de Caio F, é o tempo da intolerância. Aludo sobre a presença da religiosidade na obra de criação literária em questão, e não da religião, porque há nela também, a presença de deidades da religião de matriz africana, a quais têm um papel relevante para a construção psicológica das personagens.

Simpósio 66**O conto de autoria feminina**

Eliane Terezinha do Amaral Campello (FURG)

Elizete Albina Ferreira (PUC-GO)

Marta Francisco de Oliveira (UFMS)

Resumo O conto é um dos gêneros literários mais cultivados pelas escritoras de todas as épocas, de inúmeros países e de línguas distintas. O objetivo do Simpósio é a análise de contos de autoria feminina, de qualquer tempo e publicados em qualquer língua. A abordagem crítica, a partir de considerações dos questionamentos das protagonistas, terá por base concepções teórico-metodológicas da Crítica Literária Feminista, com vistas a demonstrar a tendência libertária e emancipatória desta *écriture*. Colocar o conto, desde seus processos de construção e autoria, bem como as próprias autoras em perspectiva neste simpósio implica buscar tecer redes de percepções e compreensões, de vozes em e de diferentes latitudes e propiciar a visibilidade, o debate, a leitura, a descoberta ou redescoberta do potencial literário e estético da escrita de mulheres, desestabilizando convicções que porventura ainda insistam em deixar a autoria feminina à margem de listas e publicações dedicadas à seleção dos melhores contos nacionais ou do universo de uma determinada língua. Observar e valorizar como tantas escritoras vêm se destacando no cenário literário chama a atenção para os modos de escrita e as variações de inscrição dessas autoras na composição dos textos, quer narrando experiências próprias, quer outras não exatamente pessoais, vividas na própria pele, como uma poética de “pequenos detalhes, algumas inflexões, que emocionam” e revelam facetas do universo feminino, emprestando aqui as considerações de Figueiredo (2013, p. 21). Por outro lado, não se desconsidera a expansão da criação literária feminina para os olhares outros acerca dos mundos interior e exterior, vivenciados e construídos em conjunto, mas por elas narrados em sua singularidade no trato com a linguagem estética. Segundo o que inferimos de Venegas e Casamayor (2020), o esforço de memória coletiva e discussão que aqui propomos traz à luz textos e autoras de modo a interpelar o próprio diálogo, orientando-o na direção que culmina em questionamentos mais profícuos e em ‘iluminações’. Podemos, portanto, ter em foco não apenas escritoras

que são situadas na periferia de uma tradição por serem mulheres, mas também por serem contistas, talvez como parte menos visível de sua produção e projeto intelectual. Partimos do entendimento de que ainda se faz necessário resgatar e fazer jus à autoria de mulheres em variados momentos e espaços locais, nacionais e internacionais, no sentido de ampliar o cânone e outras esferas legitimadoras da escrita, difundindo as criações de autoria feminina entre leitoras e leitores, discentes de literatura e interessadas/os na leitura tanto no ensino fundamental e médio como no ensino superior e pós-graduações, expandindo a visibilidade destas autoras na academia e na sociedade. Propomos a escrita e as leituras de contos de autoria feminina como um território (re)conquistado, um lugar simbólico sendo constituído de modo mais acessível e aberto no qual autoras de diferentes idades e estilos encontram um teto todo seu, ampliado para as possibilidades contemporâneas de difusão, interlocução e reflexão. A abertura deste Simpósio à análise de contos de mulheres de tempos e de países variados pode vir a constituir um conjunto de contos com características comuns entre si e/ou a uma diversidade inusitada de particularidades na arte contística, na medida em que as protagonistas ocupem espaços em vários segmentos sociais. Neste viés, acolheremos trabalhos com suporte na interseccionalidade, enquanto a seleção de autoras e seus contos apontem para a convergência de temas com fundamento em raça, gênero, sexualidade, classe e etnia. Os contos podem também distinguir pressupostos teóricos inovadores, no combate aos estereótipos femininos, o sexismo e o racismo subjacentes à crítica literária tradicional sem, no entanto, desconsiderar o campo mais vasto da Crítica Literária Feminista. Por fim, estendemos estas possibilidades de diálogo, a partir de uma questão de ordem também revisionista, o traçado de um percurso de crítica e de escrita que recupere a autoria feminina por meio de nomes a serem (re)inseridos no horizonte de leituras contemporâneas, ou por retomarem uma genealogia, a modo de precursoras, ou por demarcarem seu lugar entre suportes e públicos que promovam relações diferenciadas entre texto/leitura com os novos perfis de leitoras e leitores. Entretanto, um dos aspectos mais relevantes recai na proposta de focar o caráter investigativo dos contos analisados, valorizando a presença da mulher na história literária e a criatividade feminina. Nesta perspectiva, podem ser consultadas obras tais quais: Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista, de Rita

Schmidt, Crítica literária feminista: uma trajetória, de Susana Funck, Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas, organizada por Izabel Brandão et al., entre outras.

A autoria feminina de “A Bela e A Fera”: da França do século XVIII a Clarice Lispector

Karen Cristina Schuler da Silva (UERJ)

Resumo No conto “A Bela e A Fera ou a ferida grande demais”, Clarice Lispector escolhe o icônico e mundialmente famoso Hotel Copacabana Palace, localizado em um dos bairros mais emblemáticos da cidade do Rio de Janeiro, para destacar a coexistência de duas diferentes e desiguais realidades no mesmo espaço urbano. A protagonista sofre uma metamorfose, ainda que não física, quando sai do hotel e se depara com um mendigo a lhe pedir esmola. O encontro com o homem, a suposta Fera, que possui uma ferida grande na perna, provoca reflexões na narradora a respeito de suas próprias feridas, sejam elas expostas ou não. Como lhe é peculiar, Lispector consegue abordar o que há de mais íntimo no ser humano partindo de uma situação do dia a dia. No conto em questão, ela reflete ainda sobre a condição e o papel da mulher na sociedade em que está inserida. Vale lembrar que o título da narrativa a ser analisada remete a um enredo que está no imaginário coletivo. Trata-se de um conto de fadas que possui duas versões, ambas escritas por mulheres na França do século XVIII, o que merece destaque, já que é um gênero marcado por autoria masculina. O trabalho procurará ressaltar como uma narrativa escrita por mulheres no contexto francês do século XVIII ressoa na autoria feminina de Lispector no século XX acerca da desigualdade brasileira e em que medida as vozes dessas mulheres se aproximam e se distanciam ao ecoarem a realidade que as cerca. Para tanto, buscar-se-á o amparo teórico de Marina Warner (2000), Marie-Louise Von Franz (2001), Susana Funck (2016), Rita Schmidt (2017) e Pierre Bourdieu (2019).

A identidade desnítida no conto *Zeus ou a menina e os óculos*

Ana Karolina Damas da Costa (FURG)

Resumo O propósito deste estudo reside em uma tentativa de apontar a maneira pela qual a prosa poética lograda por Maria Lúcia Medeiros desnuda um corpo de reflexões entrelaçadas à construção da identidade feminina. Sob a luz da Crítica Literária Feminista, vislumbram-se as rasuras provocadas pelo apagamento histórico que acometeu as mulheres a permanecerem em uma posição periférica. Desta fratura, diversos escritos de autoria feminina, apesar da expressiva produção, de modo recorrente têm sido defrontados com amplas dificuldades para que circulem nos espaços de formação de leitores, em vista disso, inscreve-se a necessidade de perscrutar as lacunas deixadas pelo legado que suprimia a presença feminina no cenário da cultura, educação e literatura. Embalados por esta premissa, procuraremos esmiuçar a escritura de Medeiros, autora que numa delicada interposição entre memória e ficção, consegue traçar um paralelo entre vida e obra literária. Da confluência entre o ato criativo e as experiências do vivido, buscar-se-á despir os questionamentos que circundam o conto *Zeus ou a menina e os óculos* (1994), contido na coletânea de textos de mesmo nome, será empreendida uma análise acerca da maneira com a qual a escritora por intermédio da palavra escrita desnuda o universo da personagem central, balizado por episódios da infância. Com a finalidade de traçar o perfil literário da contista, tentaremos buscar a partir do estudo bibliográfico os caminhos por ela trilhados, para assim, tentarmos identificar as influências que de alguma forma inspiraram sua criação ficcional. Nesse sentido, debruçar-nos-emos sobre a maneira como a identidade da “menina míope” é constituída, e perceberemos o modo como as relações humanas são construídas a partir da visão pouco nítida da protagonista, é com base nesse desenlace de eventos que buscar-se-á investigar os movimentos de identidade desvelados na narrativa.

A representação da mulher negra em “Quantos filhos Natalina teve?”, de Conceição Evaristo

Andreza Pereira Dias Ramos (UEL)

Resumo Considerando a necessidade de se promover a visibilidade de uma literatura produzida por mulheres, este trabalho tem por objetivo realizar uma leitura do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente no livro *Olhos d’água* (2014) da escritora mineira Conceição Evaristo. Abordando temas como maternidade, aborto e violência sexual, o conto ilustra a condição da mulher em uma sociedade que se esforça em controlar seus corpos, e a subversão da personagem ao buscar sua liberdade em um contexto de falta de oportunidades e de violência. Apoiando-se em pesquisadoras e pesquisadores de gênero e raça, busca-se pensar sobre a representação da mulher no conto, sobretudo a mulher negra, destacando o lugar de inferioridade imposto aos seus corpos. Leva-se em consideração, ainda, o conceito de “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo, com o intuito de destacar a importância da presença de vozes e memórias de mulheres na literatura, a fim de ampliar os debates sobre sujeitos subalternizados e incluir nas pesquisas e discussões literárias temas recorrentes nas vivências cotidianas de mulheres negras. Ao transformarem o silêncio em linguagem e ação, como proposto por Audre Lorde (2019), Conceição, Natalina e tantas outras vozes femininas rompem com as normas estabelecidas pela sociedade patriarcal, dando novos sentidos e novas palavras para a existência e resistência de mulheres.

A representação feminina no conto “Senhor Diretor”, de Lygia Fagundes Telles

Keynesiana Macêdo Souza (UFRN)

Resumo O presente trabalho propõe-se a analisar o conto “Senhor Diretor” pertencente ao livro *Seminário dos ratos* ([1977]; 2009), da escritora Lygia Fagundes Telles, na tentativa de contribuir com o debate sobre a literatura de autoria feminina e a representação feminina a partir da narrativa contista lygiana. Para tanto, buscar-se-á refletir

sobre alguns momentos e aspectos do feminismo no Brasil com o intuito de verificar a luta das mulheres por seus direitos, por um espaço dentro do contexto literário enquanto escritoras e por liberdade no tocante à temática da sexualidade. A narrativa contista lygiana, em “Senhor Diretor”, põe em evidência a repressão do desejo sexual da mulher a partir do perfil conservador, moralista e preconceituoso da personagem Maria Emília, em oposição às mudanças socioculturais a sua volta, articulando-a dialeticamente à dimensão estético-formal e ao seu contexto histórico-social, princípios da “crítica integradora” (CANDIDO, 2010), em diálogo com a crítica feminista de Constância Duarte (2003) e das historiadoras Michelle Perrot (2016) e Gerda Lerner (2019). Constatou-se que as discussões levantadas nesse conto denotam uma reflexão sobre a temática da repressão sexual feminina e a condição social da mulher à medida que o texto literário plasma os fatores históricos, sociais e culturais de sua época, passando a fazer parte dos elementos estéticos e estruturais que compõem a narrativa contista de Lygia Fagundes Telles.

Carmen da Silva, contista

Nubia Tourrucôo Jacques Hanciau (FURG)

Resumo Agora é a vez de os leitores conhecerem a face contista de Carmen da Silva, precursora do feminismo brasileiro, que desempenha papel importante na conscientização e mudança do pensamento da mulher brasileira, por ter sido ela uma das primeiras a ousar falar, sem temor, no problema da opressão feminina em sua escrita ficcional e em seus artigos publicados em jornais e revistas de ampla circulação. Mais tarde reunidos em livros, neles Carmen da Silva defende ideais de libertação. Assim é em “Dalva na rua Mar”, seu único conto/novela publicado até o presente no Brasil, no qual acompanha a trajetória de Dalva, personagem afro-brasileira que vem do interior para o primeiro contato com a metrópole misteriosa e borbulhante de vida. À luz de reflexões a respeito do estereótipo e do preconceito, a narrativa se passa no Rio de Janeiro. Além da protagonista, é coadjuvante sua irmã Nair, que, como Dalva, sofre preconceito em razão de sua etnia. Encontramos a sensibilidade da autora voltada para a temática dos problemas sociais decorrentes da vida

atribulada na cidade do Rio de Janeiro, década de 1960 – período que se demarca pelo início da luta pelos direitos da mulher –, e igualmente voltada para o estranhamento de quem vem do interior ao olhar e sentir a cidade grande.

Clarice (se) explica:

Eliane Terezinha do Amaral Campello (FURG)

Resumo Em *A via crucis do corpo* (1974; utilizo aqui a Edição Digital de 2015, da Rocco), Clarice Lispector pretende explicar as razões de escrever, por encomenda, uma obra de contos eróticos. Dos treze contos (que poderiam “ser quatorze”, diz ela), entretanto, é possível verificar que o texto intitulado “Explicação” (o décimo-quarto) e outros três contos – “O homem que apareceu”, “Por enquanto” e “Dia após dia” – escapam ao formato temático dado aos demais. Neles, busco flashes textuais da presença de um eu, que apontam para a materialização da própria autora, ao conceber uma mulher situada historicamente. Relevantes a essa dinâmica interpretativa são conceitos relativos à concepção de sexualidade, atitudes, sensações e emoções, da mulher escritora e personagem; da escritora-narradora? Minha interpretação de que Clarice assume este lugar dubio e múltiplo, simultaneamente, o que justifica o ponto de interrogação em ‘escritora-narradora?’ está vinculada à tentativa de obedecer seu editor, o qual lhe solicita histórias que “realmente aconteceram”. Uma das minhas hipóteses encontra acolhida justamente no fato de os demais contos apresentarem o fator erótico (e, até pornográfico, no entendimento de algumas críticas) explicitado, ou sugerido enfaticamente (conforme minha compreensão). Para realizar tal caminho de leitura recorro, entre outras pesquisadoras, a posicionamentos teóricos de Luciana Borges (2013), que os nomeia de “narração da escrita” (p. 151); de Aimée Bolaños (2016), ao sustentar a chamada “escritura autoficcional” (p. 209 e seguintes) e de Cristiane Palma dos Santos Bourguignon, em sua tese de doutoramento intitulada “A via crucis do desejo feminino: um estudo sobre a escrita de Clarice Lispector” (2016), para quem a obra [A via crucis do corpo] é “polêmica” e “sugere traços de feminismo e de autobiografia” (p. 8).

Clarice e o “tédio da repetição”: uma leitura de “A quinta história”

Carlos Eduardo Brefore Pinheiro (USP)

Resumo Clarice Lispector escreve em seu romance “Um sopro de vida”: “O cotidiano contém em si o abuso do cotidiano: o cotidiano tem a tragédia do tédio da repetição”. Esse tema, o da repetição que condiciona a vida do ser humano, será um dos pilares que alicerçará a obra de Lispector e uma marca constante na trajetória de muitos de seus personagens (sobretudo das figuras femininas). Assim, pensar numa abordagem em que se focalize o mecanismo de “repetição”, presente nos textos dessa autora, unindo a teoria literária à teoria psicanalítica, é uma forma de dar ao público uma nova possibilidade de leitura de sua obra. Analisar os procedimentos de “repetição” no texto literário, retomando as teorias freudianas presentes em estudos como “Recordar, repetir, elaborar”, “O estranho” e “Além do princípio de prazer”, bem como a leitura do conceito de “repetição” que fazem os comentadores de Freud, é uma forma de retirar das obras de Clarice possíveis significados com base naquilo que a própria autora declarou como sendo a “tragédia do tédio da repetição” no cotidiano. Este trabalho tem como base, então, perceber a maneira pela qual tal procedimento interfere na construção do discurso narrativo e da trama do conto “A quinta história”, constante no volume “A legião estrangeira”. Feitas estas considerações, desenvolvida a análise, comprovadas as hipóteses, poderemos chegar a um patamar interpretativo a respeito dos fundamentos que nortearam a autora na elaboração da obra elencada para este estudo, no que diz respeito às tendências estéticas que trilhou, sem perder de vista o diálogo aberto pela artista, avivando relações entre cultura, arte e sociedade.

Elas amam: narrativas lésbicas possíveis

Lisiane Andriolli Danieli (FURG)

Resumo Este trabalho aborda a obra *Elas contam* (2006), coletânea de contos composta por 15 textos de autoria e temática lésbica. Na apresentação, Lúcia Facco, uma das organizadoras, descreve a dificuldade

que sente, enquanto pesquisadora da literatura lésbica, de conhecer obras e autoras, talvez pela falta dessa autodenominação das mulheres. Para suprir tal carência de referências, organiza o livro com Helena Fontana, Glória Azevedo, Hanna K e Lara Lunna. Segundo Facco (2006), os textos escolhidos não são meras imitações de histórias heterossexuais, pois buscam “subverter o pensamento, provocando reflexões profundas” (p. 6). Considerando a multiplicidade de histórias lésbicas, analiso três contos que apresentam experiências amorosas, na medida em que as protagonistas ocupam espaços sociais diferentes. Em “Há exatos cinco anos”, da paraibana Glória Azevedo, é abordada uma relação escondida entre duas mulheres, evidenciando o que Adrienne Rich (2019) conceitua como vida dupla. No conto “Estrela-do-mar”, da paulistana Laura Bacellar, é mostrado o conflito de um casal que se apresenta publicamente. A narrativa “São Tomé das Letras”, da carioca Lúcia Facco, também focaliza um amor, ainda que distante da realidade terrestre, de uma personagem que vive sua lesbianidade de maneira livre. As três protagonistas têm suas histórias em primeira pessoa e refletem sobre as dificuldades e prazeres da existência lésbica.

Identidades femininas no conto “A friagem”, de Augusta Faro

Amanda Cristine Oliveira Nascimento (UNIMONTES)

Resumo Muitos dos escritores brasileiros, ao longo de suas vidas literárias, buscaram variadas formas de se expressar acerca dos mais diversos temas que se manifestavam. O conto literário, por exemplo, é um gênero que conquistou a simpatia de muitas mulheres escritoras na literatura brasileira que construíram um legado de produções literárias importantes para a crítica literária feminista. Os contos, em situações imaginárias ou reais, desencadeiam um conflito que visa ser vivido e enfrentado pela mulher personagem e/ou narradora, em um tempo e espaço não definidos. Nesse gênero, a narrativa mescla assuntos ficcionais com o mundo real, muitos contos da literatura brasileira possuem narradores que conhecem os aspectos íntimos do ser humano. Conforme Alfredo Bosi (2006), em Um conto brasileiro contemporâneo, “o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros

não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção” (BOSI, 2006, p. 9). Por essa razão, a produção literária feminina possui uma intimidade com o gênero conto. As narrativas de autoria feminina, pelo insólito ou não, apresentam uma escrita transgressora, de intervenção e que também expressa os desejos, inspirações, confissões, descobertas, questionamentos, anseios políticos; uma literatura de mulher que se explica, como ocorre nas narrativas de Augusta Faro. Pensando na exclusão dessas escritoras e de suas publicações em confronto com os pensamentos patriarcais e androcêntricos, este trabalho tem como objetivo analisar a poética da desconstrução de uma teoria que criaram sobre as mulheres, que dessencializou o sujeito feminino, a partir do conto “A friagem”, que compõe o livro de ficção intitulado com o mesmo nome, *A friagem*, da escritora Augusta Faro Fleury de Melo, publicado em 1998.

Literatura em perigo:

a transgressão da lei moral em *A via crucis do corpo* de Clarice

Patrícia Bersch Barbosa (FURG)

Resumo *A via crucis do corpo* é um livro escrito sob encomenda como adverte a autora de Clarice Lispector no texto inicial, intitulado Explicação, no qual o leitor é comunicado sobre a atmosfera de perigo em que as narrativas se inserem. Nessa perspectiva, a partir da análise de elementos como a transgressão da lei moral, a representação do corpo, a sexualidade e o erotismo presentes nos enredos que compõem a obra mencionada, essa pesquisa aborda os contos de *A via crucis do corpo* como corpus relevante para a discussão do conto de autoria feminina transversalmente às teorias da Crítica Literária Feminista e à observação das performances simbólicas clariceanas e de como as mesmas recusam o rótulo de uma literatura piegas, contrariando estereótipos femininos e apresentando personagens que transitam por camadas ambivalentes como submissão e libertinagem, sagrado e profano, conferindo o caráter dubio em que as figuras ficcionais de Lispector são construídas e a áurea de paixão e morte de *A via crucis do corpo*. Para isso propõe-se observar como a experiência da sexualidade ultrapassa o limite da razão, bem como

examinar as constantes alusões às zonas secretas das situações humanas traduzidas nos textos e evidenciar como o erótico permite a subversão de valores atribuídos até certo ponto da história da literatura a sujeitos escritores masculino e de como os contos analisados perpassam pelas três formas de erotismo fundamentadas por Bataille (2020): a dos corpos, a dos corações e a do sagrado.

**O casamento e a maternidade subvertidos
em dois contos de Kate Chopin (1850-1904),
“A Pair of Silk Stockings” e “The Story of An Hour”**

Laura Ribeiro da Silveira (UFES)

Carolina Francisco Fernandes dos Santos (UFES)

Resumo O Projeto de Extensão Reading Club UFES (sob coordenação da professora Laura Silveira) está em atividade desde agosto de 2017 e dedica-se exclusivamente à leitura e análise de contos de autoria feminina escritos originalmente em língua inglesa, em diferentes partes do mundo, em qualquer época, disponíveis em mídia virtual. Nossos encontros quinzenais, antes presenciais, agora online via zoom (desde março de 2020), recebem alunos, professores, escritores e leitores especializados ou não, para discutirmos, em português, os textos selecionados a cada quinzena. Nosso enfoque é a temática, pois privilegiamos contos que tratam de questões ligadas às minorias, aos excluídos, à margem, como luta de classes, papéis de gênero, identidade, raça e cultura, dentre outros. Nesse Simpósio, nossa proposta é apresentar a análise feita no Reading Club de dois contos da autora norte americana Kate Chopin, sob uma perspectiva feminista, a partir da teoria crítica de Lois Tyson, para quem as categorias de gênero são construídas pela sociedade (patriarcal) e a posição de inferioridade ocupada pela mulher não é uma questão biológica, mas cultural. Assim, Kate Chopin nos apresenta em ambos os contos, protagonistas que desafiam o patriarcalismo das sociedades em que estão inseridas, ainda que de forma provisória e limitada pelo casamento (“The Story of An Hour”) ou pela maternidade (“A Pair of Silk Stockings”). Embora a autora tenha vivido no século XIX, a temática de seus contos continua atual e necessária, mesmo após o movimento feminista do século XX e tantas conquistas sociais que

nos separam dessas narrativas. Concluímos que as vozes femininas e minoritárias do passado ecoam em nossas vidas e leituras atuais de forma constante e contundente, reforçando a importância do feminismo como instrumento de combate à cultura de papéis de gênero da sociedade patriarcal em que vivemos.

O Conto de uma mulher pantaneira

Quezia Stefani Fagundes Sena (UFMS)

Resumo Nesta proposta buscamos, através de reflexões teóricas com base na relação entre literatura e sociedade (CANDIDO, 2006), memória, cultura e identidade (ACHUGAR, 2006; BHABHA, 1998) e narrativas orais (PORTELLI, 2010) pensar os modos como a literatura contemporânea tem sido conduzida por percursos múltiplos e atuais, enveredando por memórias e experiências que se desenvolvem a partir da noção do território literal e metafórico das vivências e das subjetividades, agregando saberes e sensibilidades como vias de acesso à arte, à linguagem, à escrita e aos conhecimentos, mesmo nos espaços considerados periféricos. Através da obra da escritora sul-mato-grossense Aglay Trindade Nantes, iniciamos uma leitura sobre a cultura local e os modos de construção/criação/constituição da memória poética de uma região, a Serra da Bodoquena, MS, em sua relação com a literatura, a história e seus modos de narração artística, ampliando o literário e seus modos de produção e leitura. Almejamos uma revisitação ao passado como aporte para a busca daquelas histórias orais recônditas, almejando representá-las e propiciar a oportunidade de serem contadas e registradas. Para tanto, tomamos por base o estudo das práticas locais e da poética presente na representação literária da autora Aglay Trindade Nantes em sua obra *Morro Azul* (2010), que trata da saga de formação do estado de Mato Grosso do Sul, retratando desde a Guerra do Paraguai até meados da década de 1990. Em virtude do conflito, moradores do estado (ainda Mato Grosso) se viram forçados a sair de suas terras, migrando para o Morro Azul, localizado as margens do rio Aquidauana. A permanência nesse local oportunizou vários contatos culturais, que influenciaram, posteriormente, a vida desses moradores e, por conseguinte, as múltiplas identidades culturais dos mesmos.

O conto latino-americano de autoria feminina: uma leitura em três latitudes

Marta Francisco de Oliveira (UFMS)

Resumo Nosso trabalho visa estabelecer uma leitura de aproximação, pelo viés do uso da linguagem e da riqueza das construções literárias, ademais de temas, quando pertinente, acerca da obra de Susy Delgado, escritora paraguaia, Silda Cordoliani, venezuelana, e Clarice Lispector, escritora essencial das letras brasileiras. Como autoras, tanto suas biografias como seus processos de construção textual e autoria entram em nossa perspectiva, para tecer redes de percepções e compreensões de suas estéticas e projetos intelectuais. Por um lado, não buscamos estabelecer comparações, mas pensar na escrita como arte multivocal e espelho de reflexões múltiplas em que, das latitudes de sua produção, é traçado um percurso de escuta e de ampliação das vozes femininas nas quais as variações de inscrição pessoal (autoral) surgem nos textos e nas personagens. As três escritoras demonstram em seus contos a expansão da criação literária feminina, abarcando rincões e gretas que aprofundam a percepção acerca dos mundos interior e exterior do universo feminino, construídos e vivenciados quer pessoal e metaforicamente, quer em conjunto, mas por elas narrados na singularidade do trato com a linguagem artística, estética, assumindo os riscos da escrita e convidando para que também assumamos os riscos da leitura e do(s) diálogo(s) e compreensões. Traçando as latitudes orientadas pelos lugares literais e simbólicos de produção literária das escritoras, expandimos o espaço da leitura e a posicionamos dentro e fora dos limites esperados, interpelando os diálogos possíveis com a teoria e a crítica feminista.

O corpo feminino amazônico: uma leitura decolonial de Flor de Gume, de Monique Malcher

Cíntia Acosta Kütter (UFRA)

Resumo Ao pensarmos sobre a literatura produzida na Amazônia, em especial, as produções de José Henrique Wilkens, Inglês de Sousa e Dalcídio Jurandir, as imagens que alcançam o leitor, conforme

aponta o prof. Paulo Nunes para “um tripé temático que, se não é totalizante, não se pode ignorar de todo: rios, floresta e cidade” (2020, p.2). Apontamos aqui para um outro viés desse tripé, um outro norte, onde a escrita produzida por mulheres tem sido silenciada. Nomes como Sultana Levy Rosenblatt (1910-2007), Olga Savary (1933-2020), Eneida de Moraes (1904-1971), Maria Lúcia Medeiros (1942-2005) e Adalcinda Camarão (1914-2005), mulheres que compõem o cânone literário feminino da literatura paraense não são contempladas, algumas sequer conhecidas, na mesma medida que os escritores. Podemos nos perguntar o porquê deste silenciamento? Ou o porquê dessas escritoras não serem contempladas pelos pesquisadores na academia? Questões para as quais ainda não encontramos respostas, apenas a certeza de que essas escritoras serviram como fonte de inspiração e abriram os verdes caminhos amazônicos para uma nova e fecunda geração de escritoras paraenses, dentre as quais destacamos o nome de Monique Malcher. A escritora paraense iniciou sua escrita literária ainda na juventude produzindo suas primeiras zines e livros artesanais na cidade de Belém. Atualmente, radicada em São Paulo, a autora que também é artista gráfico-plástica, lançou seu primeiro livro intitulado *Flor de gume*, lançado em 2020. Ao refletirmos sobre esse título, que remete ao leitor a metáfora da violência contra mulher. Violência esta evidenciada de forma majoritária nos contos que compõem o livro. Pensar como a literatura escrita por mulheres na região Norte do país pode ser lido como um ato de transgressão sob o viés do pensamento sobre o feminismo decolonial de Françoise Vergès (2020), de Susan Sontag (2003) e Gayatri Spivak (2010) que atravessam nossa reflexão.

O corpo feminino no conto

“Darling, ou do amor em Copacabana” da escritora Sônia Coutinho

Lorena Luana Dias da Silva (FURG)

Resumo Esse trabalho propõe analisar o conto “DARLING, ou Do Amor em Copacabana” da autora baiana Sônia Coutinho, publicado em 1975 pela editora Globo na coletânea de contos intitulada “Os melhores contos brasileiros de 1974”, na qual apenas três escritoras estão presentes. O conto situa o corpo da mulher mais velha na década de

70, no Rio de Janeiro. Temos como objetivo analisar a partir da crítica feminista como o corpo feminino é submetido a cultura do corpo perfeito, na narrativa evidenciamos a busca desse corpo específico, “(...) exibí com orgulho o biquíni novo da mesma cor e minha cintura perfeita, fazendo inveja a qualquer menininha (...)” (COUTINHO, 1974 p.168) A protagonista enquanto vendedora de produtos de beleza também é um produto, sua imagem precisa ser impecável. Em “Darling, ou do amor em Copacabana”, o corpo da mulher mais velha necessita representar um padrão de beleza para espelhar uma auto imagem satisfatória com o discurso midiático aceito pela sociedade. A autora possibilita repensar a opressão e os estereótipos que as mulheres mais velhas são submetidas para manterem a sua beleza e juventude. A idade, para as normas sociais, simboliza não apenas o desfecho da vida, mas a saída sexual/procriação de cena para a mulher, na concepção patriarcal. Para além dessa discussão, temos o breve relacionamento que a protagonista estabelece com um jovem estudante de direito. Os temas presentes no conto reconfiguram a imagem feminina, é possível analisar a condição da mulher mais velha através da leitura do corpo, enquanto elemento material que nos singulariza e nos individualiza.

O suplício do corpo caluniado nos contos de Lygia Fagundes Telles

Carlos Magno Gomes (UFS)

Resumo A primorosa tessitura do suspense de Lygia Fagundes Telles, intercalando intertextos literários e jornalísticos, pode ser identificada nos contos em que a personagem feminina sofre violência sexual e física. Levando em conta essa temática, pretendemos mapear as estratégias estéticas que explicitam o quanto estupro e feminicídios fazem parte de códigos misóginos. Para esta comunicação, vamos analisar a enigmática vingança imposta por Ricardo à Raquel em *Venha ver o pôr do sol*, da coletânea “Antes do baile verde” (1970), e o pavoroso caso de estupro da atriz americana Virginia Rappe, retomado em *Dolly*, da coletânea “A noite mais escura e eu” (1995). Como resultado, pretendemos constatar que a técnica narrativa do suspense, retomando casos verídicos de feminicídios, pode ser considerada

precursora do ativismo feminista presente em “Mulheres empilhadas” (2019), de Patrícia Melo, que opta por nomear os feminicídios como crimes machistas. Metodologicamente, exploramos abordagens antropológicas acerca do conceito de “corpo violado”, segundo Rita Laura Segato e Lia Zanotta Machado, e retomamos o debate em torno dos conceitos de “corpo caluniado”, de Elódia Xavier, e “corpo suplicado”, de Michel Foucault, visto que, nos casos de violência sexual, quando a mulher é caluniada e considerada culpada, temos o suplício da vítima, que passa a ser aniquilada por seu passado.

Peculiaridades da contística da escritora Amparo Dávila

Daisy da Silva César (IFRS)

Resumo Amparo Dávila (1928 – 2020) foi uma escritora mexicana que iniciou sua carreira como poeta, destacando-se posteriormente pela escrita de contos. Devido a especificidades de seus contos, envolvendo aspectos que podem ser aproximados do gênero fantástico, de forma ímpar, recebeu premiações e homenagens, como a criação do concurso literário intitulado ‘Premio Nacional de Cuento Fantástico Amparo Dávila’, em 2015, com o objetivo de dar visibilidade à obra da autora e de descobrir novos jovens talentos mexicanos. Além disso, um dos prêmios mais importantes do país, o ‘Premio Nacional de Cuento San Luis Potosí’, criado na década de 70, passou a ser chamado, a partir de 2018, de ‘Premio Bellas Artes de Cuento Amparo Dávila’, visto que a autora iniciou sua trajetória com escritora quando vivia em San Luis Potosí. Entretanto, apesar desse reconhecimento, parte da crítica ainda costuma limitar sua análise ao apontamento de uma suposta influência de escritores como Cortázar, Kafka ou Poe na escrita de Dávila, sem destacar as peculiaridades de sua obra, embora o conceito de influência seja obsoleto nos estudos atuais de Literatura Comparada. Desta forma, o objetivo deste trabalho consiste em discutir as peculiaridades da contística de Amparo Dávila, destacando elementos fantásticos, góticos e insólitos que revelam o horror feminino e suas nuances, por meio de uma leitura que realiza uma crítica à sociedade patriarcal, que aprisiona, oprime e violenta as mulheres. Este estudo parte de um referencial teórico envolvendo principalmente as teóricas Flora Botton-Burlá, Gilda Neves Bittencourt e Rita Schmidt.

Reflexões sobre a condição da mulher negra a partir das personagens de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Mariana Marujo Velloso (UENF)

Resumo Esta comunicação traz os resultados de pesquisa da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, quanto às repercussões de gênero que marcam a experiência das personagens dos contos que compõem o livro. A categoria de análise utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a teoria de gênero, assumido aqui como elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 2019) e, ainda, como produto de uma construção social que não pode prescindir do indivíduo, cuja agência se dá em certo arranjo de sanções e prescrições coletivamente compartilhadas e produzidas (BUTLER, 2019). Em atenção ao fato de que a categoria de gênero não pode ser assumida como categoria máxima e isolada das demais opressões que atravessam as experiências sociais dos indivíduos, sob pena de ter esvaziada a sua capacidade de servir à análise científica, a análise levou em conta também as implicações de raça, classe, colonialidade e sexualidade. Raça e classe, particularmente, assume a centralidade da análise, ao lado de gênero, considerando que as mulheres personagens dos contos são negras e, em maioria, moradoras de áreas marginalizadas nas cidades. Por abranger questões amplas – desde a mais íntima subjetividade da personagem que não lembra a cor dos olhos de sua mãe, até brutas violências sociais, como o assassinato da menina Zaíta – o livro permite reflexões sobre questões que instigam os estudos interseccionais de gênero e literatura. Evaristo cunhou o termo “escrevivência” para falar do modo como parte de si, de sua vivência, para a construção das obras literárias. A pesquisa aponta que, transformando a narrativa de si em personagens como as dos contos pesquisados, a autora materializa conceitos caros aos estudos de gênero, raça e classe.

Sujeição e sororidade no conto “O corpo”, de Clarice Lispector

Cristiane Carvalho de Paula (FURG)

Resumo O conto “O corpo”, de Clarice Lispector, publicado na obra *A via crucis do corpo* (1998, p. 21-28), apresenta duas personagens

femininas com características antagônicas, Carmen e Beatriz. Ambas possuem uma vida em comum: vivem um casamento bígamo. As características físicas e psicológicas das duas personagens femininas são apresentadas com detalhes que reforçam suas diferenças. Por outro lado, a afinidade e proximidade de ambas é extremamente marcante, pois não há ciúmes ou rivalidade entre elas, ao contrário: respeitam-se. A submissão ao personagem Xavier é evidenciada, na medida em que se sujeitam aos seus desejos e necessidades. O conto apresenta uma provocação, devido à presença das duas mulheres que são empoderadas uma pela força da outra. O caráter ousado de Clarice, leva-a a desenvolver literariamente o conceito de sororidade mesmo antes desse ser utilizado amplamente na sociedade. Apesar de envolta em um sistema patriarcal, de forma muito sutil, a sororidade está presente, por meio da união entre as duas mulheres, enquanto sentimentos de empatia e companheirismo são explorados no texto. Na obra, há uma ruptura dos estereótipos advindos da rivalidade entre as mulheres. A empatia existente entre as personagens vai de encontro à competição e atritos geralmente estimulados pela sociedade, pois a relação unificadora entre elas é capaz de romper com a sujeição patriarcal imposta por Xavier. Ao demonstrarem sua insatisfação quando ele a trai, ocorre o possível rompimento da vida pacífica que elas levam.

Três perfis femininos nos contos de Helena Parente Cunha

Marcia Gomes de Lima (UFMS)

Resumo A produção literária de Helena Parente Cunha é marcada pela presença dos corpos femininos, pela problematização desse universo, pelas denúncias acerca das violências advindas da estrutura patriarcal dominante e por questionamentos aos padrões hegemônicos determinados à mulher. Suas personagens vivenciam as mais diversas situações e, segundo a escolha de três contos presentes em *Os provisórios*, obra de 1980, buscamos fazer uma leitura tanto dos aspectos quanto à autoria feminina e sua inserção na produção da linguagem e sensibilidade artístico-literária como dos aspectos do próprio texto em um percurso cujas chaves de leitura se encontram nas construções e imposições aos corpos femininos no âmbito

da instituição familiar. Assim propomos a leitura dos contos “O pai”, “Festa de casamento” e “A mãe”, nos quais serão apresentados certos estereótipos desgastados acerca da mulher e sua submissão e subserviência quanto a seu lugar na família frente a uma figura masculina, ou diante das imposições de um sistema que determina o valor e as expectativas que recaem sobre os corpos femininos. Por um lado, são percebidos os modos de construção linguística, cultural e social que pesam sobre os ombros, as consciências e sensibilidades das mulheres, e por outro estão as questões que se colocam como urgentes para o debate em torno ao tratamento dado sobre posturas de resiliência e conformação aos papéis determinados culturalmente para as mulheres e também a transgressão das normas e valores colocados pelo sistema patriarcal.

Vozes da violência contra a mulher: diálogo e manifesto nos contos de autoria feminina quebequense e brasileira

Kelley Duarte (FURG)

Resumo A proposta desta comunicação traz uma leitura crítica que aproxima dois contos: “Corriveau” (2011), da quebequense Claude-Emmanuelle Yance e “Quantos filhos Natalina teve?” (2016) da feminista negra Conceição Evaristo. O eixo que conduz a interlocução comparatista dos contos é o tema da violência contra a mulher. Essa abordagem também permite refletir sobre as estratégias de escrita adotadas por essas autoras que, mesmo contemporâneas, estão situadas em contextos que expressam diferenças socioculturais. Partindo da violência como elemento comum, apresento, nesta comunicação, o perfil das personagens Corriveau e Natalina para elucidar os estereótipos que tipificam a violência contra a mulher nesses distintos espaços geoculturais. No contraste das vozes protagonistas, temos a voz feminina de Corriveau e a voz feminina racializada de Natalina, ambas como expressão da condição comum vivida por mulheres herdeiras de uma existência condicionada à opressão, à insubmissão e ao julgamento. Por essa perspectiva, os contos em análise são representativos de uma tomada de consciência da violência contra a mulher na medida em que denunciam a(s) agressão(ões) – físicas e/ou psicológicas – e seus reflexos na vida das protagonistas. A leitura

crítica apoia-se em teorias contemporâneas, tais como o recente estudo crítico de Françoise Vergès (2021) sobre feminismo decolonial, sem desconsiderar os estudos tradicionais que abordam, na teoria feminista, as relações sexistas de gênero.

Simpósio 67

**O crítico e pensador Benedito Nunes
entre o clássico, o romântico e o moderno:
estudos de textos líricos, narrativos, dramáticos e ensaísticos**

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Marcela Ferreira (IFG)

Resumo Hoje, após o surgir do comparatismo ainda nos Oitocentos, o cartesianismo está defasado diante da unidade epistemológica e da transdisciplinaridade, que transita “entre”, “através” e “além” das diversas áreas do saber. De tal enfoque são ilustrativas as relações multinterpretativas entre arte da palavra, humanidades, cultura e tecnologia, numa variedade de suportes textuais, particularmente sob as interfaces inclusivas dos “estudos culturais” com o “comparatismo literário”. Esse, para Carvalhal (1997), contribui para a alteridade em meio à individualidade. Aqui situamos um crítico estético (música, pintura, teatro e cinema) e literário, além de pensador brasileiro: o hermenêuta Benedito Nunes, para quem: “Combinando a liberdade de imaginação e a ordem dos conceitos, esse arrojo hermenêutico solicita a utilização convergente, inter(-trans)disciplinar, das ciências dispersas na forma individuada, estética, de um discurso favorável à hipótese fecunda e arriscada, à discussão de questões emergentes, não confinadas a uma única disciplina e às soluções problemáticas (NUNES, 2010, p. 299). Tal intelectual se torna bacharel em Direito pelo fato de o curso lhe propiciar a epistemologia, sobretudo, pela Teoria do conhecimento (1921), de Nicolai Hartmann. Depois no exterior, leciona e dirige seminários em universidades. Em seu país, dedica-se ao magistério superior do Pará. Ministra aulas de História da Filosofia e Ética, na Graduação em Ciências Sociais, Pedagogia e História, bem como Teoria Literária na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. No Suplemento Literário da “Folha do Norte” em Belém (PA), inicia sua produção regular de ensaísta, cujo ponto alto é então “Cotidiano e a morte em Ivan Ilitch”, que prenuncia a criativa estrutura dialógico-transacional da crítica nuniana. Em seu discurso teórico confrontativo e transdisciplinar, outras vozes aparecem, como a de Nietzsche (Filosofia Geral), Werner Jaeger (Filologia), Freud (Neurologia, Psiquiatria e Psicanálise), Benveniste

(Linguística), Heidegger (Hermenêutica), Goldmann (Sociologia), Bergson (Ciência da Intuição), Sartre (Existencialismo), Foucault (História das Ideias), Northrop Frye (Antropologia Literária), Husserl (Fenomenologia), Gadamer e Ricoeur (Hermenêutica e Fenomenologia). O traço distintivo da articulação modelarmente verificamos em “A clave do poético” (2009), de Benedito Nunes, que, em estudos de literatos paraenses, julga digno de elaboração um paralelo entre eles e autores regionais, brasileiros e estrangeiros: Dalcídio Jurandir, Êrico Veríssimo e Proust; Haroldo Maranhão, Mário de Andrade e Rabalais; Benedicto Monteiro e Inglês de Sousa; Bruno de Menezes, Jorge de Lima e Mallarmé; Paulo Plínio Abreu, Augusto Frederico Schmidt e Rilke; Ruy Barata, Baudelaire e Homero; Mário Faustino, Cecília Meireles, Eliot e Ezra Pound; Max Martins, Drummond e Dylan Thomas; Paes Loureiro, Bruno de Menezes e Maiakovski; Vicente Cecim e Nietzsche; Age de Carvalho, Max Martins e Rimbaud; Antonio Moura, João Cabral e Laforgue; Alonso Rocha e Castro Alves; Paulo Vieira e Mário Faustino. Por sugestão desse último, Benedito Nunes colabora para o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, no qual ele “estreia com o artigo ‘O homem e sua hora’, referente à obra homônima de Mário Faustino. Nesse ponto, o intelectual belenense mantém coluna sobre Filosofia, encerra suas atividades naquele Suplemento, após também contribuir para “A Província do Pará”, e passa a colaborar em “O Estado de São Paulo”, a convite de Décio Almeida Prado; no “Estado de Minas Gerais” e na “Folha de São Paulo”, sem prejuízo de revistas como a lusa “Colóquio Letras”. Do ensaísmo jornalístico, Benedito Nunes incorpora a “compreensão totalizante da cultura” (EULÁLIO, 1992, p. 19) e seu primeiro livro de crítica literária, “O mundo de Clarice Lispector” (1966), “constitui-se de cinco ensaios estampados em “O Estado de São Paulo”. Neles analisa três romances claricianos: “Perto do coração selvagem” (1943), “A maçã no escuro” (1961) e “A paixão segundo G.H.” (1964), bem como o conto “Amor”, de “Laços de família” (1960). Para tanto, dialoga com Kierkegaard, Sartre e Heidegger, mormente no poder ontológico e gnosiológico da linguagem verbal, vinculada à fenomenologia da existência. Igualmente, enquanto clariciano, ele publica “O dorso do tigre” (1969), em cuja segunda parte aborda Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Fernando Pessoa. Por sua vez, o criador do “Manifesto Antropófago” (1928), recebe o nuniano “Oswald Canibal” (1979). Benedito Nunes continua a estudar a literata ucraniano-brasileira

também em “Leitura de Clarice Lispector” (1973) e “O drama da linguagem” (1989). Ademais, coordena a edição crítica de “A paixão segundo G.H.” (1988). Entre os livros póstumos de nosso autor, ressaltamos “Do Marajó ao arquivo” (2012), voltado para representantes da literatura paraense e nacional. Então, com o presente simpósio, objetivamos acolher diferentes trabalhos acerca de Benedito Nunes no ano de uma década sem esse grande intelectual.

A visão romântica: primazia alemã num ensaio de Benedito Nunes

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Resumo Rüdiger Safranski, autor de “Romantismo: uma questão alemã” (2006), entre outros estudiosos, declara que o referido movimento estilístico, inclusive enquanto mediação entre nações, línguas e culturas, tem por primeiro berço a Alemanha. E nosso germanista Constantino Medeiros observa que, no Primeiro Romantismo Alemão, as obras “Sobre o estudo da poesia grega” (1795) e “Doutrina da arte” (1801), respectivamente de August e Friedrich Schlegel, são importantes para a reconfiguração do discurso da teoria, da crítica e da história literária, porque firmam uma antinomia ou diferenciação entre a cultura clássica do “Ancien Régime” e a cultura moderna dos românticos, sobretudo os germânicos. Esses rompem com o aludido regime, também, pela apreensão do “Volksgeist” e por uma técnica estético-literária alemã: a ironia romântica, já preconizada por Friedrich e August Schlegel, principalmente nos aforismos e nos “Fragmentos” (1798) do primeiro. Tais escritos surgem num dos periódicos fundadores do Romantismo Germânico: a revista “Athenäum”, que F. Schlegel dirige de 1798 a 1800. Por sinal, àquela época, sistematizados por teóricos e pensadores românticos, como Johann Herder e os irmãos Schlegel, circulam vários conceitos e noções, a exemplo de: “inspiração”, “originalidade”, “gênio criativo”, “espírito do tempo”, “espírito da natureza”, “espírito do povo”, “espírito da língua”, “folclore”, “cultura ou sabedoria popular”, “poesia ingênua”, “origens das nações” e “historicismo”. A partir de publicações como “Da Alemanha” (1810), de Madame de Stäel, discípula de Herder e germanista francesa que interpreta a alma alemã para o mundo; bem assim a partir

de viagens dessa germanista com outro teórico do Romantismo, August Schlegel, o qual ministra conferências pertinentes, os mencionados conceitos e noções são propagados e chegam a países caudatários dos grandes polos ocidentais. Então, no trabalho ora proposto, objetivamos abordar o reconhecimento da primazia alemã no ensaio “A visão romântica”, de nosso crítico e pensador Benedito Nunes.

Ascetismo em *A paixão segundo G.H.*: um estudo de Benedito Nunes

Luã Leal Gouveia (UFPA)

Resumo *A paixão segundo G.H.*, romance publicado em 1964, desperta inúmeras leituras, entre elas, uma cuidadosa, feita por Benedito Nunes, acerca da travessia mística da protagonista do romance de Clarice Lispector. No capítulo “O itinerário místico de G.H.” inserido no livro: *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (1995) discute essa delicada experiência divina na qual a protagonista viveu, cheia de antagonismos e perdas, o autor descreve a busca pelo núcleo como uma via sacrificial de sua existência, isto é, uma verdadeira ascese (NUNES, 1995, p. 63). Benedito Nunes explora o conceito de ascetismo, propondo uma análise de que o itinerário místico vivido pela protagonista é uma real prática ascética, da qual a personagem em contato com a barata se despersonaliza, atravessa para o oposto da vida, para o inumano, visto como um inferno. Desta maneira, o autor explica o ascetismo como um método que busca o sacrifício do eu, destruindo toda sensação de posse humana acerca de si mesmo, ilustra com fragmentos do referido romance de Clarice Lispector. G. H. apesar de ter voltado para organização e retomado seu lugar social, não é a mesma, a experiência vivida de saída e entrada e de corte e regresso no mundo causou uma transformação interior, assim como os ascéticos. Assim sendo, este trabalho busca discutir, a prática ascética, pontuando questões suscitadas por Benedito Nunes de elementos divinatórios e sacrificiais, na discussão acerca do sagrado na obra *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector.

**Benedito Nunes: apresentação para
*Poesia do Grão-Pará – Antologia poética de Olga Savary***

Melissa da Costa Alencar (UFPA)

Resumo Benedito Nunes é considerado um dos nomes mais expressivos na crítica literária nacional. Escreveu sobre diversos autores da poesia e da prosa brasileira e, especialmente, acerca de seus conterrâneos paraenses, a exemplo das obras de: Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Max Martins, Age de Carvalho, Vicente Franz Cecim, Maria Lúcia Medeiros, entre outros. Prefaciou e apresentou muitos livros, como o da obra *Poesia do Grão-Pará: antologias poéticas* (2001), de Olga Savary, texto importante a respeito da antologia da escritora que um dia foi sua aluna no Colégio Moderno de Belém do Pará, conforme comenta na orelha do referido livro. A antologia foi organizada em três partes: a primeira intitulada de “Prata da casa – poetas nascidos no Pará”; a segunda chamada de “Outras Pratas – Paraenses Honorários” e a terceira nomeada de “Prata da Casa – Ficção-Poesia”. Nesta obra consta também uma apresentação assinada pelo prefeito da época, Edmilson Rodrigues e, um texto da autora sob o título “Diário de Bordo” contando como foi o processo de construção da obra que apresentou uma visão panorâmica da poesia feita no Pará, com a manifestação crítica do pensador e crítico literário Benedito Nunes, cujo destaque comenta o grau de dificuldade para organizar e selecionar um livro como esse elaborado por Olga Savary, conforme suas palavras “Uma Antologia é algo ao mesmo tempo fácil e difícil de organizar. Estamos lidando com uma metáfora: antologia significa coleção de flores. E flores existem antes de (e para) serem colhidas – flores poéticas nesse caso, já crescidas em campo previamente cultivado” (NUNES, 2001, orelha). Essa mesma apresentação foi republicada na obra *Do Marajó ao arquivo – breve panorama da cultura no Pará* (2012, p. 343).

Feias, quase cabeludas: a seleção de Benedito Nunes acerca da contística de Haroldo Maranhão

Flávio Jorge de Sousa Leal (UFPA)

Resumo o objetivo deste trabalho é evidenciar o crítico literário Bendito Nunes como um dos importantes leitores e críticos do escritor paraense Haroldo Maranhão em razão de ter sido leitor do amigo desde a adolescência, quando escreviam no mesmo Suplemento Literário que circulou em Belém de 1946 a 1951, bem como por ser o responsável pela seleção de 21 narrativas extraídas de oito livros de contos e crônicas, do contista do Pará, para compor a antologia intitulada *Feias, quase cabeludas*, de 2005. As obras das quais ele extraiu as referidas narrativas são as seguintes: *A estranha xícara* (1968), *Chapéu de três bicos* (1975), *Voo de Galinha* (1978), *A morte de Haroldo Maranhão* (1981), *Flauta de bambu* (1982), *As peles frias* (1983), *Jogos infantis* (1986) e *O Nariz Curvo* (2001). A referida antologia tem uma importância peculiar porque é um projeto pensado em função de que os livros do escritor paraense, nesse momento de sua publicação, estavam esgotados e não há até hoje publicações de novas edições de seus livros de contos. Assim, configura-se como uma amostra representativa dos oito livros que compõem a contística de Haroldo Maranhão, produzidas ao longo da vida do contista, que em 2005 já era falecido. Além de livros de contos e crônicas, Maranhão escreveu romances e livros de literatura infantil, de forma que foi um autor premiado nacionalmente durante os anos de sua produção ficcional, as quais compreendem o período de 1968 a 2001. No que diz respeito ao fato de Benedito Nunes ter sido o selecionador da referida antologia, isso garante maior legitimidade a esse projeto em função de o crítico literário brasileiro ter sido considerado um respeitado estudioso da obra de Haroldo Maranhão. Nesse sentido, Nunes seleciona textos diversos, com variados temas, de modo a revelar as diversas facetas do contista Haroldo Maranhão.

Inglês de Sousa: reflexões e leituras a partir de Benedito Nunes

Marcela Ferreira (IFG)

Resumo Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a obra literária de Inglês de Sousa (1853-1918), em especial *O missionário* (1891), a partir da leitura de *A chave do poético* (2009), de Benedito Nunes (1929-2011). O paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa publica seus primeiros romances em 1876, a saber, *O cacaulista* e *História de um pescador*; no ano seguinte a Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras estampa em suas folhas os primeiros capítulos de *O coronel Sangrado*, que só seria publicado na íntegra no ano de 1882, pela tipografia do *Diário da Manhã*. No entanto, pode-se afirmar que as obras que realmente consagraram Inglês de Sousa como escritor no século XIX são *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1893), ambas publicadas pela tradicional e bem-conceituada na época edições Laemmert. Durante essa trajetória, percebe-se um Inglês de Sousa maleável, que transitava por diversas áreas, sendo jornalista, político, advogado, professor e homem público. Pretende-se observar o texto de Sousa a partir dos estudos de Nunes, trazendo novas perspectivas e possíveis leituras. *O missionário* é um romance classificado como naturalista e considerado uma obra madura, além de ser o preferido do autor, dentre os seus livros de literatura, conforme entrevista dada a João do Rio em, 1907.

João Cabral de Melo Neto (1971): um estudo crítico de Benedito Nunes

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Resumo Benedito Nunes começou a leitura da obra de João Cabral de Melo Neto (1920–1999) no “Suplemento Arte Literatura” do jornal “Folha do Norte” em Belém do Pará. Sob o breve título de “Poema”, o autor pernambucano publicou uma única composição em versos no referido encarte literário, em 1º de maio de 1949. Em 1946, início da circulação do “Suplemento Arte Literatura”, o vate recifense já havia publicado três obras poéticas, a saber: “Pedra do sono” (1942), “Os três mal amados” (1943) e “O engenheiro” (1945). Benedito Nunes se empenhou em estudar a obra de João Cabral de Melo Neto desde a

década de 1950, iniciando pela obra *Morte e Vida Severina*, publicado em 1955. Em 1958, essa peça foi encenada pelo grupo “Norte Teatro Escola do Pará” e dirigida por Maria Sylvia Nunes, esposa de Benedito Nunes. Semelhante grupo teatral, que tem o casal Nunes entre os criadores, surgiu em 1957 em Belém. E a aludida montagem do mencionado Auto de Natal ganhou o prêmio de melhor ator, música e peça no I Festival Nacional de Teatro Amador, no Recife (PE). Benedito Nunes participou da produção e da encenação de tal peça, dando a João Cabral de Melo Neto o “Prêmio de Melhor Autor Teatral do Ano”. Posteriormente, a obra *Morte e Vida Severina* foi levada ao palco em 11 de setembro de 1965 pelo Teatro da Universidade Católica (TUCA) de São Paulo, conforme explicação do crítico literário brasileiro em “Nota Biográfica” para o seu livro “João Cabral de Melo Neto”, da Coleção “Poetas Modernos do Brasil, v.1”, de 1971, coordenado e orientado por Affonso Ávila. Assim sendo, com a presente comunicação, pretendemos discutir parte do citado livro de Benedito Nunes, um dos primeiros a respeito da produção do grande poeta brasileiro.

Reflexões sobre O tempo na narrativa

Stélio Rafael Azevedo de Jesus (UFPA)

Resumo O presente trabalho investiga a obra *O tempo na narrativa* (1995), de Benedito Nunes, sob um olhar fenomenológico sobre tempo e narrativa. A obra do pensador e filósofo garante uma profunda sondagem sobre os aspectos da temporalidade humana e sua concepção no percurso dos estudos sobre tempo, em seu caráter histórico, ordinário e ontológico. Ao mobilizar filósofos que demandam grande carga teórica, como Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Husserl, Heidegger e Paul Ricoeur, Benedito Nunes extrai concepções fundamentais que esclarecem a ação da narrativa em face das aporias temporais surgidas durante as investigações e encontram na literatura saídas poéticas. É nesse sentido que se propõem também interseccionar *O tempo na narrativa* com a obra *Tempo e Narrativa* (1984), de Paul Ricoeur, a fim de aproximar visões significativas para a teoria literária. Além disso, a relação entre tempo real e imaginário fundamenta uma das potências da criação literária, que é o trabalho com o tempo e as múltiplas possibilidades de narrá-lo. O percurso pela semântica da ação e a fenomenologia do tempo garantem acesso ao

interior da temporalidade e suas ramificações originadas de uma poética da narrativa, que Paul Ricoeur abstrai da Poética, de Aristóteles, e Benedito Nunes também utiliza, com maestria, como alicerce de uma vasta teoria de significação preponderante que resulta no encaixe perfeito do tempo na narrativa.

Roteiro literário de “Pará, capital Belém”, de Benedito Nunes: viajantes, relatos e memória viva

Bruno José Diniz de Souza (UNIFESSPA)

Resumo A seguinte comunicação apresenta um roteiro turístico e literário para a cidade de Belém, baseado na obra “Pará, capital Belém”, de Benedito Nunes proveniente do livro “Crônicas de duas cidades, Belém e Manaus” (2006), que o autor divide com Milton Hatoum o seu ponto de vista sobre a Amazônia e a transformação no decorrer dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX da cidade de Belém, por meio dos relatos dos viajantes: Padre Antônio Vieira, Giuseppe Landi e La Condamine, sujeitos estes, considerados viajantes, que estiveram na capital paraense em períodos distintos e deixaram viva suas memórias na importância histórica da capital paraense. Os tipos de viajantes e suas motivações, o contexto histórico do turismo e suas derivações como o roteiro, o turista e a literatura do Turismo também elevam este estudo que busca inserir nas práticas turísticas e literárias, elementos modernos como os QR Codes (Códigos de resposta rápida) que servirá como auxílio para o público que escolher fazer parte do roteiro desta capital. O embasamento teórico tem como elemento de análise, o estudioso Fernando Cristóvão (2002) e sua teoria referente aos tipos de viagens e suas narrativas, os conceitos fundamentais elaborados por Quinteiro e Baleiro (2017) direcionados aos estudos dos viajantes, a literatura e o Turismo. Outro autor relevante nesta comunicação é John Urry (2001) e a sua percepção quanto ao olhar do turista e as formas não-turísticas de experiências, que contribuirá na formação teórica de um roteiro literário que também conta com elementos tecnológicos como os QR Codes (código de resposta rápida) no auxílio das informações de cada ponto dentro do roteiro que vincula os relatos impressos na obra de Benedito Nunes (2006) e o local visitado dentro do roteiro denominado de Cidade Híbrida.

Simpósio 68**Obras de Machado de Assis: do contexto da produção a manifestações sobre sua recepção**

Juracy Ignez Assmann Saraiva (FEEVALE)

Paul Dixon (Purdue University)

Resumo O texto literário é um cronótopo que sintetiza o momento de sua produção e que, por suas virtualidades semânticas, se expande em leituras múltiplas nos variados momentos de sua recepção. Nele cruzam-se tempos e espaços, desenha-se a vida social, reconstituem-se eventos, inscrevem-se múltiplos outros textos, mesclam-se interpretações para constituir uma totalidade, na qual se revela a função da literatura. Agente responsável pela ativação dos sentidos do texto, o leitor instala a ruptura dessa totalidade, mas também a recompõe por meio de sua atividade hermenêutica, com a qual busca conferir respostas às reflexões e indagações que o diálogo, instaurado pelo texto, promove. Machado de Assis, observador perspicaz, analisou a sociedade fluminense e a recriou em seus textos ficcionais, poéticos, dramáticos e ensaísticos, neles infiltrando sua crítica sobre comportamentos humanos e neles expressando suas convicções éticas e estéticas. Analisados e interpretados, hábitos e costumes da vida cotidiana, grupos sociais e tipos humanos, formas de lazer e de integração coletiva, espaços públicos e privados, manifestações artísticas e populares, acontecimentos históricos remetem ao contexto do Segundo Império, que ganha contornos de realidade. Consequentemente, as obras de Machado redesenham o contexto de sua produção, ao mesmo tempo em que compõem um jogo de espelhos, no qual o objeto representado e sua representação compelem o leitor a assumir um posicionamento crítico-interpretativo. Paralelamente à transposição do contexto cultural e a ele interligado, Machado de Assis instala, em seus textos, um espaço de reflexão sobre a arte em geral e sobre a literatura em particular, que também concorre para dar forma a posicionamentos críticos do escritor sobre o fenômeno artístico, os quais incidem sobre o ato de criação do texto e sobre o de sua recepção. A análise de ambas as dimensões, a da sociedade e a do sistema artístico, integra, assim, o momento da recepção do texto ao de sua produção e contribui para a apreensão de sentidos, inscritos na textualidade, e para a elucidação de aspectos da poética machadiana. O

presente simpósio visa a discutir o posicionamento crítico que Machado de Assis expressa em suas obras tanto em relação à sociedade brasileira quanto em relação ao fazer artístico. Orientado pela interdisciplinaridade, o simpósio acolhe comunicações que refletem sobre a obra machadiana enquanto processo de representação que se posiciona criticamente sobre o contexto social, histórico e cultural e sobre o próprio sistema artístico, em especial, o literário. O simpósio abre-se, portanto, para estudos de base sociocultural, filosófica, comparatista, poética e narratológica, entre outras, valorizando, também, pesquisas que tratem dos processos de recepção da obra do escritor brasileiro. A pluralidade de enfoques enseja que sejam elucidados, nos corpora selecionados para análise, reflexões que Machado de Assis realiza sobre circunstâncias humanas e sobre o fazer artístico da cultura de que faz parte. A partir desse eixo central, as comunicações podem optar, como corpus de análise, pelo romance, pelo conto, pelo teatro, pela poesia, pela crônica, pela crítica, pela ensaística e pela correspondência machadianas. Dessa forma, entre outros aspectos, elas podem tratar da produção metafórica e alegórica que, frequentemente, tematiza aspectos históricos, na obra do escritor; podem restabelecer diálogos de textos machadianos com outros textos literários e com elementos do teatro lírico e dramático, da música e da dança, das artes visuais, da arquitetura e da geografia, de todas as artes e ofícios que o escritor incorpora às suas criações; podem deter-se nas manifestações do cotidiano e em elementos da cultura popular que o olhar do escritor privilegia; podem enfocar as crônicas como espaço de denúncia social ou de avaliação de eventos culturais. A crítica que se inscreve nos textos, a partir da qual Machado compõe a ficcionalização de uma teoria do fazer poético, também tem lugar no âmbito do simpósio, que abrange, igualmente, os vínculos entre Machado e o público leitor do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e da primeira década do século XX. Além disso, devido à relevância que a obra machadiana deve ocupar na formação dos brasileiros, acolhem-se, igualmente, comunicações que tematizem sua leitura em ambientes formais e não formais de ensino e aprendizagem. Em síntese, o simpósio objetiva contribuir para a divulgação de estudos que explorem a obra de Machado de Assis em sua relação com o contexto de sua produção e de sua recepção e que, por extensão, ressaltam sua importância e a necessidade de sua atualização no âmbito acadêmico e no sistema educacional brasileiro.

**“O espelho” e a Independência:
conto publicado em setembro de 1882, na *Gazeta de Notícias***

Christini Roman de Lima (UFRGS)

Resumo O trabalho parte da data de publicação do conto “O espelho”, no jornal *Gazeta de Notícias*, em oito de setembro de 1882, para analisar a crítica de Machado em ralação à Independência do Brasil. Os planos do enredo e da temática de “O espelho” têm dois níveis interpretativos: em uma face do espelho há a história aparente que trata das questões internas da personagem – do “Esboço de uma nova teoria da alma humana” – e em seu outro lado – o reflexo do espelho –, tem-se a história velada, a qual discute a vida externa, o chão social em que se encontra a personagem Jacobina – questão que pode levar à interpretação alegórica do conto, e é a este segundo aspecto que o exame aqui proposto se pautará. No dia em que o conto “O espelho” foi publicado na *Gazeta de Notícias* falava-se das comemorações dos 60 anos da Independência do Brasil. Tendo por base a data de publicação de “O espelho”, propõe-se que esse conto machadiano abarca em sua intriga interna e não aparente – ou melhor, dentro do reflexo do espelho – a estrutura social brasileira com o mote na emancipação do país. As análises empreendidas no trabalho contarão com o amparo teóricos de John Gledson (2006), Felipe de Alencastro (1997), entre outros.

“Pai contra Mãe”: Raça na recepção da obra de Machado de Assis

Paulo Dutra (UNM)

Resumo A ambígua identidade racial de seu protagonista confere centralidade a “Pai contra Mãe” na atual urgência de reconsiderar a obra de Machado de Assis como afrodescendente. Alguns leitores e estudiosos afirmam que Neves é um personagem branco. Outros, por outro lado, afirmam que ele é afrodescendente. Ambas as reivindicações são fundamentadas em axiomas e suposições, no mínimo, discutíveis – desenvolvidas no contexto da ascensão (e debates em torno) do mito da democracia racial – em relação aos lugares de afrodescendentes e brancos no Brasil do século XIX. Tal disparidade

de abordagens não só representa a perplexa recepção das obras de Machado de Assis em geral, mas também desvela mais uma vez a reconhecida riqueza de sua obra e as perspectivas que a leitura do elemento racial como tema vital oferece. Embora contribuam inegavelmente para os estudos machadianos, leituras que atribuem uma raça específica a Neves a priori não têm base em evidências textuais definitivas e, portanto, negligenciam pontos cruciais no texto. Por meio de uma leitura de Neves que explora e promove sua ambígua identificação racial em vez de atribuir-lhe uma raça específica, nesta comunicação examino como Machado lidou com a raça e como a crítica literária abordou sua obra.

“Relógio parado”, “Maria Cora” e A Estação

Bruna da Silva Nunes (UFRGS)

Resumo Entre 1879 e 1904, publicou-se no Brasil o periódico *A Estação*: jornal ilustrado para a família. Composta por um caderno de modas e um suplemento literário, a revista tinha nas mulheres o seu público-alvo, o que, supostamente, delimitava os assuntos que poderiam ser abordados na folha. Ao longo dos anos, editores e colaboradores afirmam que *A Estação*, sendo destinada às senhoras, não trataria de política, uma vez que o tema não seria de interesse do “belo sexo”. Tal premissa foi adotada por parte da crítica, que caracteriza *A Estação* como um periódico de moda e literatura amena. Entretanto, ao fazermos uma leitura atenta das páginas da revista, descobrimos diversos artigos, crônicas e textos ficcionais que contradizem esse pressuposto, e um exemplo que se destaca é o conto “Relógio parado”, escrito por Machado de Assis e veiculado entre janeiro e março de 1898. A trama de “Relógio parado” se desenvolve em meio à Revolução Federalista (1893-1895), tendo, portanto, uma questão política como um de seus pilares. Ademais, o conto apresenta personagens femininas que, além de demonstrarem conhecimento sobre o conflito armado que ocorria no Brasil, se posicionam entre os chamados “legalistas” e “revolucionários”, incentivando, inclusive, os homens com os quais conviviam a participar da guerra. A partir desses pontos, investigo, neste trabalho, o conto “Relógio parado” em relação ao seu suporte primário de publicação, a revista *A Estação*, salientando

as convergências e tensões entre a linha editorial do periódico e a narrativa de Machado de Assis. Proponho, também, uma análise das modificações encontradas na republicação do conto, que integra, em 1906, o livro *Relíquias da casa velha* sob o título “Maria Cora”.

A (des)construção do matrimônio em dois contos de Machado de Assis

Marcos Antonio Rodrigues (UNESP)
Raquel Cristina Ribeiro Pedroso (UNESP)

Resumo Considerando a obra de Machado de Assis (1839-1908) como um local no qual representações humanas e questões sociais da segunda metade do século XIX estão postas como em uma vitrine, objetiva-se descrever, de modo analítico, a presença de ideais românticos em dois contos publicados no *Jornal das Famílias*. Trata-se dos contos “Casada e Viúva” (1864) e “Confissões de uma Viúva Moça” (1865), nos quais é possível perceber um exercício narrativo de superação do que estava no terreno do romantismo alencariano, inclinando-se ao que na década de 1880 vem a ser a obra madura de Machado de Assis. Nota-se que embora uma parte de sua produção inicial remeta às temáticas e aos elementos formais do romantismo brasileiro, ainda assim, o modo escolhido para retratar as situações de seu tempo problematizou questões caras ao entorno social patriarcal e conservador. Os contos aqui apresentados trazem no enredo o casamento como a instituição social de maior valor e de onde se originaria o aprendizado das aparências. Sendo assim, o cotejo entre os dois contos chega-nos como um caminho possível para a desconstrução de tais paradigmas. O ambiente familiar é retratado com ares de denúncia, pois a construção narrativa evidencia – de modo típico a Machado – os problemas decorrentes da idealização do casamento como um recurso de obtenção de suprema felicidade. Portanto, pretende-se explorar o modo pelo qual o narrador machadiano coloca em xeque a idealização do matrimônio, dado que torna-se relevante para o entendimento das investidas irônicas presentes nos “matrimônios” posteriores ao tom de realismo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Assim, desde os primeiros contos no *Jornal das Famílias*, percebe-se que a recorrência narrativa em torno da desconstrução do ambiente doméstico

idealizado, em meio à hipocrisia e conveniência dos relacionamentos, está posto sob as lentes do humor, ironia e construção narrativa.

A escravidão no Brasil e sua lógica da cultura do favor nos personagens agregados machadianos e hatoumianos

Cláudia de Socorro Simas Ramos (UERJ)

Resumo Durante quatro séculos a história do Brasil foi marcada pela escravidão e, por nunca termos acertado as contas com nosso passado, é que nos mais longínquos locais do nosso país as classes médias e burguesas sempre se beneficiaram com os resquícios dos privilégios de uma estrutura escravista. Aqui os ideais liberais e a independência não representaram a superação do modo de ordenar a sociedade, permitindo uma continuidade da lógica da cultura do favor, e são essas as características chave para compreensão da estrutura do nosso país, que são desvelados tanto em Machado de Assis como em Milton Hatoum. É através da literatura que esses autores potencializam a problemática moral desse tipo de relação. Assim, comparamos suas engrenagens de um lado a outro, tanto no Rio de Janeiro do século XIX, como na cidade de Manaus do século XX, perpassando os enredos, personagens e conflitos; utilizando de suas narrativas para descortinar o presente e o passado, como num espelho que reflete os efeitos e consequências do nosso passado colonizador. Dessa forma, nossa reflexão incide nas comparações de quatro personagens, examinando as condições desses personagens ditos livres, José Dias, em *Dom Casmurro*, Estela em *Iaiá Garcia*, Nael e Domingas em *Dois Irmãos*, mas agregados de um clã familiar dependente economicamente.

A Recepção de *Papéis Avulsos* e a Cristalização de Lugares-comuns da Crítica Machadiana

Luiza Helena Damiani Aguilar (USP)

Resumo Tomando por base o artigo de mesmo título publicado na revista Machado de Assis em Linha em coautoria com Thiago Mio

Salla, a comunicação pretende recuperar e analisar textos críticos publicados quando do lançamento da primeira edição de *Papéis Avulsos*, considerado o primeiro livro de contos da chamada “segunda maneira” de Machado de Assis. Procura-se examinar como a recepção ao livro em questão, depois do desconcerto causado na crítica com a edição das Memórias Póstumas de Brás Cubas, corrobora a proeminente posição que já vinha sendo ocupada pelo autor, bem como desdobra e cristaliza alguns lugares-comuns que, posteriormente, irão se consolidar ao longo da tradição de leitura de sua obra. Sendo assim, a comunicação voltará o olhar para as resenhas publicadas no calor da hora, ou seja, no final ainda no ano de 1882, com o objetivo de compreender a recepção de *Papéis Avulsos* no contexto da crítica machadiana contemporânea ao autor, tendo em vista ainda o prestígio que Machado adquiria paulatinamente com público e crítica. A partir da comunicação, será possível traçar hipóteses sobre o impacto da crítica à coletânea nos trabalhos posteriores do autor, levando-se em consideração que os resenhistas parecem tomar *Papéis Avulsos* como obra ao mesmo tempo consolidatória de um novo estilo de escrita apresentado inicialmente em *Memórias Póstumas* e inaugural desta nova maneira no âmbito da contística do autor.

Americanas: uma obra do seu tempo e do seu país

Antonio Marcos Vieira Sanseverino (UFRGS)

Resumo Em *Americanas* (1875), Machado de Assis dialoga com a tradição indianista, em especial com a poesia de Gonçalves Dias. A partir de uma crítica feita a Faleenas (1870), é cobrada presença maior de marcas nacionais. Em 1870, “no Jornal do Comércio, Machado publica “Potira”, poema narrativo que conta a história de índia cristianizada, raptada pelos Tamoios. Ela prefere morrer a trair seu marido e os preceitos cristãos. A partir daí, Machado de Assis dá nome à personagem (anônima na crônica) e inventa uma narrativa biográfica. Na primeira edição do livro, o poema traz duas epígrafes, uma com o argumento histórico e outra com um trecho de Orlando Furioso. O poema traz a tensão entre tradição local e ocidental. Essa tensão está posta em Notícia sobre o atual estado da literatura brasileira: instinto de nacionalidade, escrita em fins de 1872 a pedido de Salvador

França e publicada em 1873 na revista *Novo Mundo*, em Nova Iorque. Americanas, em referência esse debate, trata da matéria brasileira, mas o faz em o diálogo com a tradição ocidental. Desse modo, interessa apontar as novidades no tratamento dado à matéria americana, os desvios em relação à poesia indianista de Gonçalves Dias. São analisados, então, outros alguns poemas: *Visão de Jaciúca*, *Sabina*, *Potira*, *A última jornada* e Gonçalves Dias. *Americanas* é expressão de intenso debate sobre a natureza da literatura brasileira, em formação. Machado de Assis mostra o quanto a matéria local se articula à tradição ocidental. Ao mesmo tempo, enfatiza uma novidade o encontro de duas culturas como conflito. Em *Potira*, a cristianização implica em ruptura com a cultura de seu povo. Em *Sabina*, o amor é vedado à mestiça pela condição escrava. Essa temática traz uma matéria local, americana, para a atualidade de Machado de Assis, após a *Lei do Ventre Livre* (1871).

Capitu, Marta, Melanie: mulheres em perspectiva comparada

Giuseppa Giangrande (Università Orientale di Napoli)

Resumo Capitu, Marta, Melanie: mulheres em perspectiva comparada Nos últimos anos, a literatura tem sido investigada através do olhar feminino para que se possa ter uma crítica e uma teorização da literatura a partir do feminismo. Neste sentido, investiga-se o papel desempenhado pelas escritoras, personagens nas obras literárias e suas representações. Muitas vezes, as personagens femininas condenadas a marginalidade, dado pela sociedade em que elas vivem. É o caso também de figuras femininas presentes em grandes obras da literatura como Capitu, Marta e Melanie nos romances *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *L'esclusa* de Luigi Pirandello e *L'adultera* de Theodor Fontane. Em nosso estudo, as personagens serão analisadas comparativamente para que possamos ponderar como elas rompem com os atributos dados pela sociedade patriarcal e da sociedade em geral, que impõem suas próprias visões de mundo. O feminino representado nas obras citadas, os atos e pensamentos destas mulheres mostram a hipocrisia e a falsidade do casamento burguês no fim do século XIX e início do século XX e como que Capitu, Marta e Melanie, sendo subjugadas, burlam a sociedade e a instituição do

casamento de maneiras diferentes em suas respectivas sociedades. No final, porém, prevalece a norma social, talvez sejam entre as três Capitu e Marta as verdadeiras vítimas de um sistema social que relega a mulher ao rol de mãe e dona da casa. Com base em teóricos como Beauvoir, Maurer, Fazzolari, Bonghi, Savini, entre outros, analisar-se-á em cada obra a personagem feminina central e algumas secundárias para observar as analogias entre elas, através de suas atitudes.

D. Benedita: um retrato de inconstância, feminismo e moralismo

Maria Luíza Brandão da Silva (UPM)

Juliana Narciso (UPM)

Resumo Propomos a análise do conto “D. Benedita: um retrato”, publicado primeiramente na revista de moda e literatura, *A Estação*, e posteriormente na coletânea de contos *Papéis Avulsos* (1882), sob os aspectos literários da Estética da Recepção, Narrativa e da Crítica de Gênero. A análise sob a perspectiva Autor, obra e público deve-se ao fato de o autor ser um jornalista influente e ter exercido um papel de peso na transformação da condição feminina do século XIX, com críticas inseridas em contos voltados, muitas vezes, ao público feminino. Ao criar em suas obras personagens femininas mais próximas à realidade de suas leitoras, como é o caso de D. Benedita – apresentada como uma senhora da sociedade, que sofre com a suposta traição do marido e possível sentimento homoafetivo por D. Maria dos Anjos – Machado (1882) permitiu que, no íntimo, suas leitoras se identificassem com elas. Portanto, o autor se vale de artifícios para que as leitoras se conscientizassem e atuassem para modificar a sociedade que tanto as oprimia, mostrando-os, de maneira velada ou não, os dois lados da moeda. A escolha da Crítica de gênero fundamentou-se primeiramente na educação pouco significativa que a sociedade patriarcal impunha à mulher. Em um dos momentos do conto, Machado (1882) parece desaprovar o tipo de leitura escolhido por D. Benedita, porém, tal crítica vai além da desqualificação da obra eleita por ela: ao investir nos interesses fúteis da personagem, ele parece criticar a educação restritiva imposta pela sociedade. Outrossim, um traço importante do autor na perspectiva da Narrativa dá-se pelos diálogos que o narrador heterodiegético estabelece com os leitores,

criando intimidade: ora fazendo convites, ora usando verbos na primeira pessoa do plural, ora invocando o imperativo. Logo, o objetivo é mostrar a indubitável presença de Machado nos dias de hoje, com assuntos extremamente relevantes e necessários.

Duas visitas de Alcibíades e duas leituras possíveis: melancolia e impunidade

Ana Claudia Jacinto de Mauro (UPM)

Resumo É inegável o prestígio de Machado de Assis como escritor tanto nacional quanto internacionalmente. Mesmo quase dois séculos após a publicação de suas obras, elas ainda despertam interesse de leitores e críticos, que continuam a encontrar elementos ocultos que permitem o surgimento de novas perspectivas de leitura, críticas, interpretações. Este artigo propõe-se a analisar o conto “Uma visita de Alcibíades”, publicado na coletânea *Papéis avulsos* (1882), e apresentar duas possibilidades de leitura. Buscando relacionar o contexto de produção do conto com a sociedade carioca da época e com o momento da vida do escritor, a análise que aqui desenvolvemos busca mostrar de que maneira Machado considerava o público em sua escrita (e, de certa maneira, os incluía em suas obras). São apresentadas duas versões do mesmo conto, uma voltada ao público feminino da época e a outra ao público masculino – a primeira versão foi publicada no *Jornal das Famílias*, em 1876, um periódico mensal voltado principalmente para as mulheres do século XIX, e a segunda, no *Gazeta de Notícias*, em 1882, um jornal mais voltado para os homens, apresentando anúncios mais apelativos a esse público. São observadas as alterações feitas na segunda versão do conto, as quais são relacionadas à sociedade carioca da época. Buscamos, com a análise, demonstrar não somente que Machado de Assis considerava o público para o qual escrevia, mas também que as denúncias sociais já conhecidas em seus trabalhos mais prestigiados podem ser vistas em trabalhos menos conhecidos pelo público.

Entre leitores e navegadores: diálogos machadianos na cultura participativa das narrativas de fãs

Marina Leite Gonçalves (CEFET-MG)

Resumo Recorte de uma pesquisa de doutorado (2017) que investigou a reinvenção do clássico machadiano no ciberespaço, o presente trabalho tem como proposta um estudo acerca da recepção das narrativas clássicas de Machado de Assis no atual cenário da convergência midiática, a partir da análise de narrativas de fãs (fanfics) em diálogos com a literatura do escritor do século XIX. Ainda que o fandon digital represente a cultura jovem atual atraída pelo seguimento dos Best-Sellers da literatura internacional, a força do clássico nacional continua atuante e também goza do prazer da leitura dessa cultura participativa de fãs internautas. Nos sites de fanfics, essa vanguarda em termos de apropriação textual retroalimenta a literatura do bruxo do Cosme Velho com múltiplas interpretações. Cada vez mais, fãs navegadores se dão licença para brincar de leitor e escritor no universo ficcional machadiano. Henry Jenkins explica que sua experiência como fã o fez perceber que esses textos “são muito significativos e que evocam o passado para as pessoas” (JENKINS, 2011, s/p) e que os sentidos dessas produções só podem ser entendidos se pensarmos a atividade de seu público. A usualmente democrática cultura da mídia alternativa levou leitores de Machado de Assis a entrar “na terra de promessa” da fantasia de suas histórias e produzir novas práticas textuais em diálogo com sua ficção, dissolvendo ainda mais as fronteiras entre a arte literária e a cultura de massa. Dessa forma, a análise das releituras do texto machadiano, que se constroem na Web 2.0, aponta para uma comunidade participativa de fãs/leitores/navegadores que contribui para a atualização e continuidade do clássico nacional nos suportes digitais, além de representar os direitos de uma cultura informal de ler e escrever sobre nossos mitos literários essenciais antes só pertencentes à cultura formal e convencional escolar ou acadêmica.

Fernão Mentos? Minto:

“O segredo do bonzo” e a questão do narrador sem fundamento

Paul Dixon (Purdue University)

Resumo Machado de Assis tinha uma fascinação com as vozes problemáticas. O conto “O segredo do bonzo”, paródia de um famoso cronista dos descobrimentos portugueses cujos relatos são de questionável veracidade, demonstra bem esse interesse. Na terra de Bungo, ao pôr em prática a doutrina do ilustre bonzo Pomada, de que persuadir em vez de dizer a verdade é o que conta, os três personagens principais (dois viajantes portugueses e um conhecido local) são óbvios mentirosos. Mas um desses personagens também é o narrador do relato. Ao final do conto, sem dizê-lo abertamente, esse narrador dá um claro sinal de que a narração inteira foi uma história falsa. O narrador que nos informa da invalidez de seu relato coloca-nos, como leitores, numa posição impraticável. Só podemos desconfiar de suas asseverações se damos confiança nas mesmas. Estamos no terreno do famoso “paradoxo do mentiroso” (“Estou mentindo.”). Este dilema epistemológico burla das maneiras convencionais de classificar os narradores. O narrador não é confiável, porque mente. Mas também não é inconfiável, porque declara sua desonestidade abertamente. Proponho como uma nova categoria crítica o “narrador sem fundamento” que não nos dá uma clara opção de saber sua validade. “O segredo do bonzo” exemplifica esta categoria de narrador.

Figurações do livro na prosa machadiana:

reflexões sobre o ofício de tipógrafo e o diálogo com a tradição

Antonia Claudia de Andrade Cordeiro (UC)

Resumo O presente artigo reflete sobre algumas metáforas construídas em torno do universo do livro na prosa de Machado de Assis, levando em consideração a tecnologia da tipografia que fazia parte do cotidiano do autor, seu envolvimento com a produção tipográfica e seus diálogos com autores da tradição literária. As hipóteses que norteiam este trabalho partem, então, dos seguintes pressupostos: Machado de Assis fora aprendiz de tipógrafo e, portanto, o seu

domínio das artes gráficas aparece metaforizado ou citado diretamente em textos da sua prosa; o assíduo leitor de autores estrangeiros em que ele se tornou, permitiu-lhe sofrer a influência de outros escritores, destacando-se Laurence Sterne e Almeida Garrett, no que se refere à construção de textos metalinguísticos; e, por último, a forma como o livro está representado na prosa de Machado de Assis indicaria que ele desenvolveu não somente uma consciência narrativa, mas também uma “consciência tipográfica” (CHARTIER, 1999). Este estudo propõe, portanto, que as figurações do livro presentes na prosa machadiana seja não apenas derivadas dos trabalhos de Machado de Assis com a cadeia de produção do livro, mas também de sua experiência leitora. Pode-se dizer que o interesse de Machado de Assis pelo tema do livro permite revelar o seu empenho pela solidificação de uma literatura nacional, que, em sua época, encontra no livro a forma de mídia mais prestigiosa.

Helena e Dom Casmurro: uma leitura da performance do feminino nos romances de Machado de Assis

Juliana dos Santos Gelmini (UERJ)

Resumo Os romances machadianos *Helena* (1876) e *Dom Casmurro* (1899) são um bom ponto de partida para refletirmos sobre as persistências e subversões da performance do feminino, desde a segunda metade do século XIX. E abrem espaço para o debate, ainda atual, sobre as questões de gênero, problematizando o valor e o lugar da mulher, principalmente no que diz respeito à sociedade patriarcal oitocentista brasileira. Em outras palavras, os romances referidos refletem os “atos discursivos” construídos para o que se compreende como a performance do feminino. Este artigo busca analisar de que maneira as personagens femininas das tramas referidas, principalmente Helena e Capitu, reinterpretam os papéis teatrais e sociais dos “atos” ensaiados para a performance do feminino. Palco literário que, como sabemos, dialoga com contextos não teatrais, refletindo nossas convenções sociais regulatórias e punitivas. Nessas tramas machadianas, busca-se refletir sobre certos atos postulados à performance do feminino da época, subordinada às situações que envolvam dependência, como casamento e herança, por exemplo. Para tanto, tomaremos por

base, principalmente, os pensares teóricos de Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas* e *Duas meninas*; Sidney Chalhoub, em *Machado de Assis, historiador*; e Judith Butler, em “Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”, em *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*.

Lamento por um império: elegia e política

Maria da Glória Bordini (UFRGS)

Resumo Na prosa de Machado, a dupla inscrição do real e do alegórico lhe facultou revelar o avesso da sociedade brasileira. Esse mesmo traço também está presente em suas produções dramáticas, ainda que essas não tenham, no cômputo geral da obra, a mesma relevância que é dada à ficção. Nas suas experiências poéticas, a duplicidade do verossímil e do alegórico tem sido pouco explorada. A lírica em geral não abriga razões e teses. Todavia, um de seus pilares é a ambiguidade do sentido. John Gledson já apontou a alegoria como recurso de Machado para fins de crítica social e figuração de seu contexto histórico. Nessa perspectiva, o poema “Guitarra Fim de Século”, publicado no periódico *A Semana*, em 29 de novembro de 1896, pode ser interpretado como espelho das tensões internacionais entre a Turquia, ainda enquanto Império Otomano, e a Europa. A partir de um processo intertextual com o poema “Guitare”, de Victor Hugo, sob forma de oitava lírica, o sultão Abdul-Hamid canta. Todavia, não se trata da perda da bela Sabina, como lamenta Gastibelza, “o homem da carabina”, mas o declínio antevisto de um império. A análise textual busca evidências alegóricas pertinentes ao esgotamento do império brasileiro, as quais explicam as sutilezas do processo criativo de Machado que se resguarda nos desvios da linguagem para manifestar seus posicionamentos.

Machado de Assis e a consagração pelos jornais brasileiros

Valdiney Valente Lobato de Castro (UNIFAP)

Resumo Incontestavelmente Machado de Assis é o autor que mais está presente nos jornais cariocas da segunda metade do século XIX.

No entanto, esse alcance do jornal ia muito além dos leitores da Cidade da Corte, graças às estradas de ferro e aos navios a vapor, atingia outras províncias e até mesmo outros países. Diante disso, é preciso investigar as notícias sobre Machado de Assis que repercutiam nos periódicos oitocentistas brasileiros além do eixo Rio-São Paulo, a fim de descortinar: que tipo de notícias saíam nesses jornais? Essas notas eram inéditas ou eram apenas copiadas dos jornais cariocas? Houve publicações de obras do autor nesses periódicos? Se houve, que obras foram lançadas? Foram publicações integrais? Houve alterações? Que distância temporal há entre a publicação primeira dessas obras e a publicação nessas outras folhas? Há notas criticando a produção do autor? Se existem notas críticas, elas têm como base as mesmas críticas saídas nos jornais cariocas? A partir de que ano as notas sobre o autor começam a se tornar mais frequentes? As respostas a esses questionamentos permite compreender, entre vários aspectos, se a consagração de Machado de Assis, que ocorre no eixo Rio-São Paulo muito antes da publicação de seu primeiro romance, em 1872, também se dá nas outras províncias, o que se revela como principal objetivo dessa investigação. Além disso, possibilita analisar as publicações de Machado que circularam a nível nacional, a fim de perceber como, no Oitocentos brasileiro, as produções do autor se eternizam. E, ainda, com base no interstício temporal entre os primeiros lançamentos de obras e de notícias e as publicações saídas nos jornais das demais províncias, é possível ampliar a compreensão sobre o processo de circulação literária na segunda metade do século XIX.

Machado de Assis no contexto musical do Rio de Janeiro

Débora Bender (Instituto Ivoit)

Resumo Em um contexto de amplas atividades artísticas, Machado de Assis, contrariando o que afirmam alguns de seus biógrafos, revelou-se um homem atento aos eventos culturais de seu tempo, deles participando ativamente como espectador, comentarista e crítico. Essas experiências influenciaram sua escrita e nela se refletem como uma espécie de exercício reflexivo, em que avaliações se manifestam. Machado de Assis começou a ter um contato mais intenso com as manifestações culturais do Rio de Janeiro aos 15 anos, quando

passou a se deslocar do Engenho Novo até o centro para o trabalho (MASSA, 1971). Já na década de 1860, era leitor assíduo de folhetins teatrais e operísticos, além de assistir a espetáculos e concertos, que influenciavam seu posicionamento a respeito da arte (FARIA, 2004). Igualmente importante para a formação de Machado de Assis como apreciador e crítico de arte foi a convivência com jornalistas, músicos e artistas. Entre os músicos, podem ser destacados o pianista Arthur Napoleão, o flautista Reichert e o violinista Moniz Barreto (MAGALHÃES JR., 1957), os quais introduziram o jovem escritor no contexto musical, fato que contribuiu para o aprimoramento de seus conhecimentos em relação à música. Também é relevante mencionar sua cooperação com o Clube Beethoven, fundado em 1882. Considerando a ativa participação de Machado de Assis nos espaços vinculados aos espetáculos musicais, este trabalho objetiva alterar a imagem do escritor como um homem sério e reservado, presente em algumas biografias e, ainda, frequentemente arraigada no imaginário popular. Para tanto, serão apresentados aspectos de sua trajetória biográfica e cultural, os quais serão vinculados às crônicas em que ele tece comentários sobre espetáculos e artistas. Pretende-se demonstrar, dessa forma, que ele vivenciou e participou ativamente do contexto cultural carioca durante o Segundo Império, fato não pode ser ignorado na análise de suas narrativas e em sua apreciação estética.

Machado de Assis no espelho

Marisa Philbert Lajolo (UPM)

Resumo Tendo em vista a presença do conto “O espelho” (Machado de Assis- Papeis avulsos, 1882 em exames vestibulares de diferentes universidades brasileiras, a editora da Unicamp publicou, em 2019, versão impressa e digital da história de Jacobina com sua teoria das duas almas. Na publicação, a versão impressa constitui “portal” para o acesso à versão digital. Se a presença do conto em exames vestibulares representa, digamos, uma razão prática para a publicação do conto com a grife de uma grande universidade pública, sua longa permanência na melhor crítica machadiana também foi outra razão para o desenvolvimento do projeto .Participei – em várias posições- da realização dele. A apresentação do trabalho enfatizará a estratégia

machadiana de “publicação” antecipada dos textos que constituem o livro em diferentes mídias (no caso de “O Espelho”, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*), e a diversidade de estilos que se espalha pelos contos, ora formatados, por exemplo, como “diálogo”, ora como “conferência”. Ao lado destas considerações, a apresentação discutirá o processo de elaboração de ambas as versões da edição Unicamp/2019, com ênfase na sua busca de estratégias que facilitem o envolvimento dos leitores / navegadores. Inserindo-se no projeto unicampense de favorecer a inclusão em seus cursos de segmentos sociais portadores de deficiências, o conto bem como todos os seus paratextos, são disponibilizados em áudio, em LIBRAS e incluem dispositivos que permitem sua transcrição em Braille.

Metáforas do olhar em *Dom Casmurro* e em suas transposições para textos audiovisuais

Márcia Rohr Welter (FEEVALE)

Resumo Na ficção de Machado de Assis, os perfis de personagens femininas, frequentemente, estão associados a descrições de seus olhos (BOSI, 2007). Em *Dom Casmurro*, Capitu tem seu olhar referido por metáforas, provavelmente, as mais difundidas da ficção machadiana: olhos “de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2014, p. 42) e “olhos de ressaca” (ASSIS, 2014, p. 53). A quantidade de referências aos olhos de personagens, as metáforas relativas ao olhar e os efeitos provados pelos apelos à visualização são recursos recorrentes e profícuos para a construção de sentidos nas narrativas machadianas. Esses procedimentos, dada sua relevância, também são recriados e ressignificados nas transposições dos textos ficcionais para o meio audiovisual, a qual renova e atualiza a obra do escritor carioca. A partir do exposto, na presente comunicação, analisam-se metáforas relacionadas ao olhar das personagens Capitu e Escobar, presentes em *Dom Casmurro* e recriadas no filme *Capitu* e na minissérie *Capitu*. Para a análise, inicialmente, foi feito um levantamento dos trabalhos precedentes que investigam as metáforas na obra de Machado de Assis, dos quais destacam-se os de Saraiva (2000), Bosi (2007), Riedel (1979) e Berrini (s/d). Foram utilizados, igualmente, os pressupostos teóricos de Salvatore D’Onofrio (1983) e Edward Lopes

(1986) sobre a metáfora, e o método indutivo. No desenvolvimento desse percurso, percebeu-se que há convergências entre os sentidos das metáforas relacionadas aos olhos de Capitu e de Escobar, e que, nas transposições do texto verbal para os audiovisuais, esse recurso de linguagem é mais explorado na minissérie *Capitu* do que no filme com o mesmo título.

Moda e literatura: convergência entre ilustrações do periódico *A Estação* e o romance machadiano *Quincas Borba*

Catia Silene Kupssinskü (FEEVALE)

Resumo Esta comunicação objetiva expor relações estabelecidas entre ilustrações de moda de *A Estação*, veiculadas entre os anos de 1886 e 1891, e o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, que foi publicado originalmente em seções, no mesmo periódico e no mesmo recorte temporário selecionado para a análise. A análise busca, por meio de levantamento bibliográfico, a semiosfera em que as ilustrações e a obra literária foram publicadas. Assim, ela se vale de preceitos da Semiótica para proceder a interpretação das imagens, as quais revelam – por meio de seus signos – a moda como expressão de cultura, manifestando-se, pois, nas esferas da vida cotidiana. Nesse sentido, as publicações imagéticas de *A Estação* evidenciam padrões europeus, assimilados pela burguesia brasileira oitocentista, de que são exemplo a valorização da instituição familiar patriarcal; a distinção entre papéis masculinos e femininos frente à sociedade; a valorização do vestir como forma de representação identitária. As ilustrações de moda, ao serem confrontadas com o enredo da trama ficcional, parecem relatar, em seus signos, trechos do romance. Essa articulação evidencia que moda e literatura são manifestações complementares entre si, visto que a interação entre ambas amplia o significado do texto literário ao propiciar ao leitor, por meio da apreensão dos signos da moda, o reconhecimento de práticas sociais do período da diegese e de características identitárias das personagens. Esse processo, por sua vez, sugere a transposição da ficção para o contexto do século XIX, espaço em que Machado de Assis se situa e sobre o qual reflete.

Felipe Ferreira Neves (UPM)

Resumo O presente trabalho propõe uma análise semiótica do texto *O Alienista* de Machado de Assis. Utilizaremos a semiótica francesa também conhecida como semiótica discursiva no seu modelo mais standard (padrão). A denominação de “texto” para *O Alienista*, deu-se pela dificuldade de defini-lo em gênero, como conto ou novela, assim como a proximidade do conceito de texto para semiótica. Na primeira etapa da análise, no nível fundamental ou estruturas sêmio-narrativas, surge a significação como uma oposição semântica mínima presente no texto: vida e morte ou natureza e cultura, por exemplo. Esta estrutura elementar da significação pode ser representada visualmente no Quadrado Semiótico. Em *O Alienista*, podemos identificar a oposição entre a loucura e a razão. É importante que os termos sejam de uma mesma categoria semântica. Para isso, precisamos identificar nas posições do quadrado as diferentes relações de contrariedade e de contradição. As posições no quadrado representam valores positivados ou negativados, os termos considerados positivos são considerados eufóricos e os negativos disfóricos. Em *O Alienista*, verificamos razão como um termo eufórico (positivado) enquanto loucura aparece como disfórico (negativado). A razão sendo “o perfeito”, valor positivo, a loucura aparece como valor negativo na forma de “insânia”. Na 2ª etapa da análise, no nível narrativo, identificamos os papéis actanciais. Esses papéis podem tanto serem estáticos, como estarem em movimentos, dentro do que se chamam programas narrativos, em que ocorrem as transformações dos sujeitos. Vejamos esta transformação com o Simão Bacamarte em *O Alienista*: Programa Narrativo 1: Simão Bacamarte ao regressar ao Brasil, meteu-se em Itaguaí, para entregar-se ao estudo da ciência e ao casamento com D. Evarista. Os programas narrativos podem ser de diferentes tipos e prever diferentes funções como, programa de aquisição, privação, complexidade, valor investido no objeto, relações entre os actantes narrativos e os atores que os manifestam.

O conto “O Espelho” em ambientes informais e virtuais de ensino

Marina Bonatto Malka (UFRGS)

Resumo O projeto “Letras na Rede”, orientado pela Prof.^a Dr.^a. Regina Zilberman, conta com quinze estudantes de Letras da UFRGS, a maioria do programa de pós-graduação, que decidiram, durante a pandemia do novo coronavírus, auxiliar estudantes que se preparam para o vestibular, sobretudo o da UFRGS (prova de literatura em língua portuguesa) ou para o ENEM (prova de linguagens), via vídeos do YouTube e podcasts no Spotify. Na primeira série de vídeos, foram analisados os contos do livro *Papéis Avulsos* (1882) de Machado de Assis, uma das leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS. No conto “O Espelho”, esboço de uma nova teoria da alma humana, o espelho é o objeto que vai revelar para o personagem principal a duplicidade da alma (“[...] uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro”). O conto filosófico, em chave de ironia e crítica social, alterna o narrador em primeira e em terceira pessoa e conta a história de Jacobina que, quando jovem e alferes, passa um tempo na casa de sua tia D. Marcolina e cria uma teoria da existência da alma exterior que, em seu caso, estava materializada em uma farda de alferes. Durante a estadia, ele é bajulado pela sua tia e pelos demais habitantes do sítio, fazendo que essa alma exterior eliminasse a interior. A narrativa possui intertextualidades implícitas (como mito de Narciso e a Bíblia) e explícitas (como “O Barba Azul”, de Charles Perrault) e dialoga bastante com a atualidade, devido à manutenção de uma sociedade movida pelas aparências e pelo prestígio social, o “ser versus parecer”. Logo, em um ambiente informal de ensino como canal do YouTube do “Letras na Rede”, é possível incitar a reflexão sobre as nuances da narrativa de Machado de Assis.

Política, economia e alegoria no “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis

Filipe de Freitas Gonçalves (UFMG)

Resumo *Esaú e Jacó* (1904) ocupa na obra de Machado de Assis uma posição especial: trata-se talvez do romance com mais referências

diretas à história nacional, mas, apesar disso, a matéria propriamente histórica parece sempre ficar na superfície. Os personagens todos aparentam não possuir profundidade e o narrador trata o conteúdo com uma displicência irônica típica dos narradores machadianos. O que este trabalho propõe é ler o elemento histórico do romance pela chave da alegoria (entendida nas formulações de Lukács (1967) e Benjamin (2015; 2016)), procurando articular como Machado constrói um texto propositalmente vazio, com personagens alegóricos, mas, ao mesmo tempo, por meio dos recursos metalinguísticos de que dispõe na construção de seu romance, ironiza o próprio procedimento alegórico que está empregando. Para isso, analisaremos de perto a cena inicial, que instaura no romance sua feição alegórica, e os capítulos “Robespierre e Luís XVI” (XXIV) e “D. Miguel” (XXV), em que o entrecho econômico desmonta a alegoria que sustenta o romance. A hipótese que esperamos demonstrar é que a vida política e os acontecimentos históricos mais destacados representam-se alegoricamente, enquanto os acontecimentos econômicos mais rasos (como os dos capítulos referidos) desmontam a representação alegórica. Esse processo, que sustenta a metalinguagem característica de todo o romance, desvela um processo de modernização periférica em que não há integração entre a vida econômica popular (os pequenos comerciantes que abundam no texto) e os processos políticos oficiais (Abolição, República e Encilhamento). Nossa hipótese de leitura, além de tentar avançar num aspecto do texto (seu caráter alegórico) que parte da crítica (cf. GLEDSON, 2003; SANT’ANNA, 2012) já apontou mas não desenvolveu, procura também reformular a maneira como Machado modula a relação entre as formas tradicionais do romance europeu e a matéria brasileira, como trabalhado por Roberto Schwarz (2012a; 2012b) em outros romances do mesmo autor.

Recursos da arte dramática em narrativas de Machado de Assis

Juracy Ignez Assmann Saraiva (FEEVALE)

Resumo A constância do diálogo de Machado de Assis com a dramaturgia, a cosmovisão expressa por personagens e o papel de atores que elas, frequentemente, assumem, permitem inferir que o escritor confere à sua ficção a concepção filosófica do *Theatrum Mundi*. Em

consonância com essa, expõem-se, também, procedimentos narrativos que aproximam a ficção da arte dramática, como a centralidade em conflitos, não somente individuais, mas também sociais; a forma de exposição de episódios; os diálogos que colocam personagens em confronto; os apelos sensoriais, que, ao criarem imagens mentais, instituem a visualização das personagens e sua gestualidade; a instalação de cenários construídos pela introdução de efeitos visuais e sonoros; a constituição de subjetividades narradoras cujas palavras ganham a dimensão de gestos e o papel de contrarregra assumido pelo narrador. A partir desse ponto de vista, a comunicação centra-se na análise de procedimentos narrativos do capítulo XLVI, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, intitulado “A herança”, em que o narrador procede ao registro da disputa do patrimônio familiar entre personagens, e do capítulo L, de *Quincas Borba*, em que Sofia relata ao marido que ouvira uma declaração amorosa de Rubião. Em ambos os episódios, as personagens simulam comportamentos mediante os quais inibem a verdade, enquanto são colocadas na boca do palco, como se fossem visualizadas de frente e em primeiro plano, enquanto o narrador ocupa uma posição secundária. Portanto, a comunicação proposta visa identificar a articulação da concepção da teatralidade do mundo com procedimentos discursivos, a qual estabelece uma relação icônica entre a significação e sua representação, visto que, ao introduzir encenações no tecido da encenação das narrativas, Machado compele o leitor a transitar da teatralidade da ficção para a da vida.

Ressurreição, de Machado de Assis: a publicação da obra e o ganho capital simbólico do autor

Lucia Granja (UNICAMP)

Resumo Por meio da análise de documentos relativos à publicação de *Ressurreição* (1872), de Machado de Assis, somada aos dados de materialidade da primeira edição do romance, esta comunicação, baseando-se em conceitos propostos por Pierre Bourdieu e por Roger Chartier, pretende discutir o ganho de capital simbólico do autor no início dos anos 1870. Estando, nessa época, vinculado ao editor Baptiste-Louis Garnier – como mostra a análise de documentos e da materialidade anteriormente elaborada em relação a coletânea

de contos recolhidos das publicações periódicas, as *Histórias da Meia-Noite* (1873) – o escritor ganhava autonomia e capital simbólico, o que se verifica por meio da seleção e organização das histórias que o eternizariam como contista. No caso do romance *Ressurreição*, a hipótese é que uma perspectiva de internacionalização provocou a guinada psicológica e o aprofundamento da sondagem interior das personagens no assunto do romance, como apontou reiteradamente a crítica especializada. Para esta breve história da publicação do romance em sua relação com a afirmação do escritor, serão considerados as tensões entre editores e escritores e o horizonte possível da internacionalização da ficção machadiana para se atingir o objetivo maior de reconstruir, por meio da pesquisa em fontes primárias, dados desconhecidos relativos à trajetórias de consagração e de aquisição de capital simbólico, na conceituação de Pierre Bourdieu.

Sobre alfaiates e canjicas: revoltas oitocentistas e sátira política em “O Alienista”

Denise de Quintana Estacio (UFRGS)

Resumo Este trabalho tem como objetivo discutir o modo como Machado de Assis articula as revoltas coloniais brasileiras, em especial a Revolta dos Alfaiates, ocorrida na Bahia em 1798, e a Revolta dos Canjicas, de “O alienista”, de modo a construir uma sátira do ambiente político do Império. Organizada por pessoas de estratos sociais intermediários, como militares e comerciantes, e também por escravizados e ex-escravizados de origem africana, a revolta baiana estava em franca interlocução com os discursos revolucionários franceses e defendia uma república de base popular. Surgidos de camadas intermediárias, assim como os conjurados baianos, os “Canjicas” de Machado apontam para uma inspiração nos ideais revolucionários franceses, ao marchar para derrubar o “despotismo científico” de Simão Bacamarte e sua “Bastilha da razão humana”. No entanto, com o desenrolar dos acontecimentos e a manutenção do poder do médico sobre a cidade de Itaguai, pode-se perceber que Machado desenha um paralelo entre o Brasil colonial, retratado na obra, e a corte imperial, contemporânea do autor. Assim, a novela pode ser lida como uma sátira da indiferenciação política das elites do Império brasileiro, representada pela manutenção do poder científico diante das trocas de governo

que ocorrem entre os revoltosos ao longo da trama. Afinal, no quadro de Itaguaí, o tema que gera polêmica – o poder de Simão Bacamarte sobre a população – acaba nunca sendo realmente enfrentado.

Teoria do medalhão e sua atualidade

Isaque Gomes Correa (FEEVALE)

Resumo Este trabalho aproxima a representação do tipo social brasileiro presente em “Teoria do medalhão” à construção de uma identidade nacional esboçada por alguns pensadores e que culmina na ideia de um país formado por cidadãos cordiais e gentis. Sendo de natureza exploratória em seu objetivo, o texto justifica-se na medida em que ajuda não só a refletir sobre as marcas distintivas do Brasil atual como também contribui para uma apropriação de ideias clássicas concernentes a tipos sociais nacionais que ultrapassam gerações e que se mantêm presentes e atuantes. Em termos metodológicos, o estudo lança mão de leituras de obras da história, antropologia e sociologia sob uma visão crítico-interpretativa do Brasil desde o período monárquico. Para isso, consulta de autores como Alfredo Bosi, Guilherme Mota, Sérgio Buarque de Holanda e outros. Ao destacar que o conto “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, retrata um pai que fala ao filho em uma relação patriarcal de poder, o artigo conclui que que houve esforços para uma dissimulação das contradições sociais no passado e que, hoje, há um continuum de negação e de zombaria dessas contradições. Sob esses aspectos, o Brasil contemporâneo parece condensado no citado conto machadiano, em seu tipo social representado, e na cordialidade do homem médio, que confluem para a dissimulação dos problemas da nação.

Uma experiência com ensino remoto:

Papéis avulsos, de Machado de Assis, no canal @Letras na Rede

Regina Zilberman (UFRGS)

Resumo Em 2020, a disseminação da COVID 19 obrigou o fechamento das escolas e instituições de ensino superior no Brasil. A educação

à distância, por meio digital, tornou-se uma prática rotineira, ainda que nem sempre com similar eficiência em todos os lugares, classes ou níveis econômicos. Estudantes de escolas públicas foram os mais prejudicados, agudizando as desigualdades sociais e comprometendo suas possibilidades de progresso econômico, cultural e profissional. O projeto Letras na Rede, construído com a cooperação de graduandos/as, pós-graduandos/as e recém-doutoras do Programa de Pós-Graduação em Letras, teve como objetivo diminuir, por meio de vídeos sobre as obras indicadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul como leituras obrigatórias, a distância entre estudantes do Ensino Médio, alunos e alunas de escolas públicas e candidatos/as ao vestibular daquela IES. *Papéis avulsos*, de Machado de Assis foi matéria de um conjunto de vídeos, interpretados em Libras, que comentavam de modo acessível e dialógico os doze contos da obra. A exposição procurará relatar a experiência e avaliar seus resultados, contando com a colaboração dos criadores dos diferentes vídeos, a saber: Bruna da Silva Nunes; Christini Roman de Lima; Daniele Gualtieri; Denise de Quintana Estácio; Elen Karla Sousa da Silva; Icaro Carvalho, Jéssica Fraga, Julia de Campos Lucena, Lucas Antônio de Carvalho Cyrino; Marina Malka. Monica Chagas da Costa; Rodrigo César Dias, Sofia Reck dos Santos

Xavier e o Medalhão: uma análise comparativa dos contos “O anel de Polícrates” e “Teoria do Medalhão”

Júlia de Campos Lucena (UFRGS)
Icaro Carvalho (UNIVERSITY OF CALIFORNIA)

Resumo “O anel de Polícrates” e “Teoria do Medalhão” são dois contos da coletânea *Papéis Avulsos* (1882), de Machado de Assis, cujas formas narrativas são estruturadas a partir de diálogos. No primeiro, os personagens, intitulados A e Z, são dois amigos que trocam impressões sobre Xavier, um conhecido que eles descobrem terem em comum. Já no segundo, os personagens são um pai e um filho que conversam sobre as características do ofício de medalhão e sobre as qualidades de quem o assume. O objetivo deste trabalho é analisar estes contos colocando-os em paralelo a partir da forma dialógica e da relação – também dialógica – entre os dois arquétipos que

mobilizam cada uma das narrativas: Xavier e o Medalhão. Trata-se figuras opostas que se complementam: Xavier, o “originalão”, é um infeliz autor de ideias, frases e projetos originais que apenas esgotam até o íntimo seu criador sem nunca retornar a ele, seja na forma de lucro ou reconhecimento, e, o que é ainda pior, tornando-o motivo de chacota; já o Medalhão é o dissimulador profissional, um figurão, importante por motivo algum, que segue um modelo de conduta que tem como princípio o abandono de todo aspecto original ou particular da personalidade de quem o assume. O que ambos esses arquétipos possuem em comum é o desejo por notoriedade e reconhecimento pessoal.

Simpósio 69**Os escritores-tradutores e a formação dos cânones**

Sheila Maria dos Santos (UFSC)

Marlova Gonsales Aseff (UnB)

Resumo Ao longo da história da literatura ocidental, poetas e prosadores estiveram envolvidos, em maior ou menor grau, com a tarefa da tradução. E há várias evidências que comprovam como a atividade tradutória não só contribuiu para promover renovações no interior das literaturas nacionais, como também esteve em suas gêneses. É bem difundido, por exemplo, o impacto que teve a tradução dos escritos de Edgar Allan Poe por Charles Baudelaire, cuja obra, mais tarde, repercutiria no movimento simbolista e, em seguida, no modernismo hispano-americano. No caso da literatura brasileira, desde seus primórdios, os escritores estiveram a cargo das traduções. Ainda no período colonial, Gregório de Matos fez paráfrases e imitações de poemas dos espanhóis Francisco de Quevedo e Luis de Góngora. Já no fim do século XVIII, poetas do Arcadismo, como Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama, foram buscar na Itália as normas estéticas e os modelos para a vida literária. (PAES, 1990, p. 12). Sabemos também que durante o Romantismo, Machado de Assis, Gonçalves Dias e Castro Alves se dedicaram à tradução literária, principalmente de gêneros como o romance-folhetim, o drama e a poesia. Antonio Candido demonstrou a influência das traduções de Baudelaire por poetas brasileiros no decênio de 1870, na passagem do Romantismo para o Simbolismo. Tais traduções, segundo o crítico, “definiram os rumos da produção poética, traçando a isonomia de uma fase [da literatura brasileira]” (CANDIDO, 2006, p. 28). Candido chama a atenção para o fato de que esses poetas eram, em sua maioria, “secundários”, jovens rebeldes que usaram Baudelaire como “um instrumento libertador”. Na década de 1930, época na qual o mercado editorial brasileiro começava a se organizar, a Livraria do Globo foi pioneira na tradução de romances policiais norte-americanos. Os anos entre 1942 e 1947 constituíram a época de ouro da tradução para essa editora de Porto Alegre, quando importantes poetas brasileiros, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana, atuaram como tradutores para a casa editorial. Wyler destaca que nesse período os tradutores não eram mais, como nos séculos anteriores, poetas

políglotas e diletantes. Eram escritores consagrados em ascensão, ou seja, os responsáveis em qualquer cultura pela criação e reprodução dos padrões linguísticos do idioma (WYLER, 2003, p. 117). Logo em seguida, ao reconhecer a lucratividade do mercado de literatura traduzida, a editora José Olympio também decidiu apostar em literatura traduzida. Para isso, recrutou um time de escritores para atuar como tradutores, entre eles Lúcio Cardoso, Vinícius de Moraes, Guilherme de Almeida, Raquel de Queirós e José Lins do Rego, que traduziram para essa editora nos anos de 1940 (HALLEWELL, 2005, p. 459-460). Também os poetas pertencentes à chamada Geração de 45 engajaram-se com entusiasmo na tradução de poesia. Podemos citar Péricles Eugênio da Silva Ramos, Geir Campos, Idelma Ribeiro de Faria, Dora Ferreira da Silva, Darcy Damasceno, Paulo Mendes Campos, Dante Milano, Stella Leonardos, Lêdo Ivo, Jamil Almansur Hadad e Foed Castro Chama. Nesse sentido, é possível citar ainda o trabalho dos irmãos Campos e sua teoria da Transcrição, a qual toma o texto traduzido como uma recriação, ou ainda, “criação paralela, autônoma, porém recíproca” (CAMPOS, 2013, p. 5). Com efeito, as observações de Haroldo de Campos evidenciam o aspecto transformador e criador do ato tradutório, o que implica uma mudança na visão que se faz do tradutor e de sua função. Portanto, a atuação dos escritores como tradutores, além de servir como um eficaz instrumento de divulgação e de legitimação dos textos no mercado editorial, suscita uma série de questionamentos pertinentes à História da Tradução Literária, bem como aos Estudos da Tradução e à Literatura Comparada. Um deles diz respeito à voz do escritor presente no texto traduzido, uma vez que a crítica tradicional avilta a visibilidade do tradutor no texto traduzido, como denuncia Lawrence Venuti (1995). Honig (1985, p. 8) também acredita que entre as questões inquietantes neste domínio está a de se pensar em que medida um poeta descobre a sua “voz” no poeta traduzido ou o quanto da “voz” do outro poeta ele toma para si. Assim, dada a riqueza temática identificada na discussão sobre a atuação de escritores-tradutores e a formação dos cânones literários, este simpósio receberá trabalhos que versem sobre os seguintes temas: • Análise de tradução de escritores-tradutores e a relação entre tradução e criação, sob um viés interdisciplinar; • Apreciação de projetos de reescrita poética nos quais existam dificuldades de se estabelecer uma fronteira clara entre o que seria tradução adaptação ou imitação; • Análise de pastiches, enquanto

gênero literário híbrido pautado em questões tradutórias; • A literatura traduzida e a formação dos cânones.

A criação de uma genealogia de mulheres escritoras: a tradução das poetisas russas por Maria-Mercè Marçal e Monika Zgustova

Meritxell Hernando Marsal (UFSC)

Beatriz Regina Guimarães Barboza (UFSC)

Resumo O objetivo desta comunicação é apresentar o trabalho de tradução das poetisas russas Anna Akhmátova e Marina Tsvetaeva, realizado pela poetisa catalã Maria-Mercè Marçal (1952-1998) junto de Monika Zgustova, e como ele repercutiu na poesia catalã contemporânea e na própria obra da autora. O processo de tradução caracterizou-se como uma parceria entre Monika, tradutora de origem tcheca, chegada em Barcelona nos anos oitenta, e Maria-Mercè Marçal, poetisa e tradutora que não conhecia o russo, mas que mergulhou nas obras dessas escritoras a partir do estudo e da pesquisa. O projeto de Maria-Mercè Marçal, junto com outras escritoras e tradutoras, como Montserrat Abelló, era a criação não de um cânone, mas de uma genealogia de mulheres escritoras para a literatura catalã, na qual as leitoras pudessem se reconhecer e se apoiar intelectualmente. Os livros *Rèquiem i altres poemes*, de Akhmátova, e *Poema de la fi*, de Tsvetaeva, não traduzidos na Catalunha até aquele momento, cumpriram esse papel e foram alicerce de novas criações. Para mostrar essa repercussão, será analisado o poema “La dona de Lot”, da própria Marçal, que dialoga diretamente com a obra de Tsvetaeva. O referencial teórico, além da fortuna crítica da poetisa catalã, baseia-se nos estudos feministas da tradução, com autoras como Olga Castro, Sherry Simon, Pilar Godayol e Rosvitha Frisen Blume.

A tradução como ato de liberdade em Ana Cristina Cesar

Marlova Gonsales Aseff (UnB)

Resumo Nesta comunicação, o objetivo principal é o de explorar algumas concepções de tradução e, igualmente, sobre o tradutor

manifestadas pela poeta brasileira Ana Cristina Cesar (1952-1983). Partiremos do texto “Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir”, de 1980, ensaio no qual Ana Cristina Cesar explora o que chama de “dois movimentos possíveis no ato de traduzir”. Um deles seria do tipo “missionário-didático-fiel”, em alusão ao projeto tradutório dos poetas concretos, e outro “não empenhado”, no qual se insere claramente a poeta. Ana Cristina Cesar também celebra nesse texto uma suposta “aliança” feita entre os poetas concretos e a geração de poetas “marginais”(anos 1970) e, sobretudo, com Caetano Veloso. Todos esses fatores, para ela, teriam colocado a tradução numa outra esfera da produção cultural, na qual a poeta vislumbrou possibilidades de abordagens mais livres. Sobretudo nos interessa partir dessas concepções expressadas de forma sucinta pela poeta-tradutora para perceber como ela fez um uso muito próprio da tradução como reescrita e liberdade criadora. Igualmente abordaremos a análise de Faleiros (2019) da poética tradutória de Ana Cristina Cesar. Para ele, trata-se de uma poética “multiposicional” e também “dissonante no cenário brasileiro, dominado por uma prática de natureza mais formal”. Durante a exposição, daremos também alguns exemplos de traduções realizadas pela poeta.

A tradução de obras no período Meiji: seu impacto na sociedade e literatura japonesa

Nathália da Silveira Martins (UFRGS)

Resumo Em 1868, por pressão externa, o Japão finalmente reabre seus portos ao ocidente. Depois de dois séculos e meio de isolamento, em uma política chamada de sakoku, o país funcionava de forma muito díspar ao restante do mundo, especificamente, à Europa, que passara pela revolução industrial e já discutia questões políticas e de direitos humanos totalmente ausentes no país do sol nascente. O Japão vivia até então em um regime de bakufu, análogo ao sistema feudal europeu, e sob comando de um xogum, uma figura militar. Com a reabertura, o fluxo de literatura estrangeira no país atingiu níveis jamais antes vistos, e inúmeras das obras traduzidas tinham como função educar e informar o público japonês sobre esse mundo desconhecido que era a Europa. Durante o período Meiji, que se inicia

em 1868, terminando no ano de 1912, percebe-se a grande repercussão dessas obras tanto em discussões políticas, quanto na escrita de obras da época. Diversos autores do início do século XX, como Natsume Sôseki e Mori Ôgai, nasceram e viveram nesse momento turbulento de mudanças intensas, e demonstram em sua obra as interferências adquiridas por suas vivências, tanto no Japão quanto na Europa. O objetivo deste trabalho é mostrar como se deu esse movimento tradutório, trazendo obras que foram traduzidas e discutir o que era tradução para o país naquela época. O reencontro do Japão com o ocidente se deu de forma também muito distinta ao primeiro encontro durante as grandes navegações, e possibilitou desdobramentos sociais, políticos e históricos que seriam improváveis dentro do *sakoku*. Assim, se torna possível entender melhor o movimento de modernização no Japão, o quanto a sua literatura se modificou e o papel dos escritores no panorama geral da sociedade, que passava por mudanças de uma ordem diferente a de qualquer outro momento de sua história.

As (trans)criações de Sergio Faraco

Andrea Cristiane Kahmann (UFPEL)

Resumo Sergio Faraco (1940) é um dos mais renomados contistas brasileiros, e é possível afirmar-se que o interesse da pesquisa literária por sua produção vem desde a década de 1970, quando de seus primeiros livros. Contudo, para além de escritor, Sergio Faraco é, juntamente com Eric Nepomuceno, um dos mais profícuos tradutores da língua espanhola para o português brasileiro. Embora estudos recentes se tenham detido em analisar o trabalho tradutório de Faraco a partir de algum autor por ele traduzido (SOTO & SANTOS, 2006; KAHMANN & CZEKSTER, 2013; ROCCA, 2017; KAHMANN & ALÓS, 2019 são exemplos), poucas são as pesquisas que se propõem a estabelecer relações entre sua produção como escritor e suas transcrições de tradutor (KAHMANN, 2019 o faz muito brevemente). Assim, e buscando suprir essa lacuna, propõe-se o seguinte trabalho comparatista com o objetivo de abordar as percepções e as relações entre tradução e criação em Sergio Faraco, sob um viés interdisciplinar, como um mosaico a ser composto a partir de fragmentos de obras

críticas e literárias, originais e traduzidas, entrevistas e informações concedidas pelo autor, textos sobre ele ou por ele escritos ou traduzidos para serem publicados em jornais, bem como pesquisas anteriores, disponíveis em livros ou periódicos científicos. Nesse ínterim, discutem-se o seu papel como tradutor-garimpeiro (KAHMANN, 2019) e sua atuação para a (des)estabilização de um cânone de literatura em tradução.

As escritoras-tradutoras na Livraria do Globo

Sheila Maria dos Santos (UFSC)

Resumo A história da atuação das mulheres no campo das Letras, de modo geral, apresenta uma trajetória de silenciamento e exclusão, conforme corrobora Christine Planté, em seu texto “La place des femmes dans l’histoire littéraire: anexe, ou point de départ d’une relecture critique?” (2003), ao afirmar que « le lecteur – et peut-être d’avantage la lectrice – qui consulte aujourd’hui une histoire littéraire de ce même siècle est au contraire frappé-e par la rareté des noms de femmes qui s’y rencontrent » (p. 655). Assim, motivada por estudos que problematizam a baixa representatividade das mulheres na Literatura, tais como as obras de Christine Planté, Martine Reid, entre outras, pretendo, nesta comunicação, apresentar uma análise quantitativa acerca da atuação das mulheres no campo da literatura traduzida no Brasil, mais especificamente na Livraria do Globo, uma das mais importantes do país na primeira metade do século XX, através do levantamento do número de tradutoras e escritoras-tradutoras das coleções Amarela e Nobel, as mais prestigiosas da editora e dedicadas à literatura estrangeira. Para tanto, serão utilizadas obras de cunho historiográfico no campo da editoração e da memória editorial, tais como *O livro no Brasil: sua história* (1985), de Laurence Hallewell, *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela editora Globo (1930-1950)* (2000), de Sonia Maria de Amorim, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40* (1999), de Elisabeth Rochadel Torresini, entre outros.

Cathay, de Ezra Pound, e a “invenção da poesia chinesa” no século XX

Guilherme de Oliveira Delgado Filho (UFPR)

Resumo Ao longo do século XX, o estadunidense Ezra Pound (1885-1972) se provou uma figura decisiva para o advento de uma poesia moderna de língua inglesa por meio de sua ampla atuação como poeta, tradutor e crítico. Como tradutor, foi responsável por desenvolver uma prática tradutória baseada no lema confuciano do “make it new”, ou seja, renovar “para dar nova vida ao passado literário via tradução” (CAMPOS, A., 1993 [1982], p. 19). Com efeito, Pound estabeleceu uma nova modalidade de crítica, que nos interessa sobremaneira nesta comunicação: “a chamada crítica via tradução” (CAMPOS, A., 1993 [1982], p. 19). Isso porque o desenvolvimento do pensamento crítico de Pound e, por consequência, de sua prática tradutória, encontra-se indissociável de sua própria poesia, a ponto de T. S. Eliot afirmar que “[d]e nenhum outro poeta poderá ser mais importante afirmar que sua crítica e sua poesia, sua precepção e sua prática, compõe uma única oeuvre” (CAMPOS, A., 1993 [1982], p. 21). Nesse mesmo sentido, o professor Ming Xie observa que “muitas vezes é difícil distinguir o que é tradução ou adaptação e o que é composição original” na obra de Pound – uma vez que “parece não haver distinção fundamental entre esses dois polos” (XIE, 2005 [1999], p. 204). Partindo dessas considerações, iremos nos deter sobre *Cathay* (1915), livro de poemas chineses traduzidos por Ezra Pound, concentrando-nos nas inevitáveis tensões entre tradução e criação que, em um primeiro momento, valeram-lhe o título de “inventor da poesia chinesa para a nossa época”, nas palavras de T. S. Eliot (ELIOT, 1928, p. xvi), mas que, em um segundo momento, renderam-lhe críticas quanto aos estereótipos ocidentais identificados em sua tradução, que, por consequência, teriam contribuído para a invenção de uma China de paisagens invariavelmente exóticas.

Damião de Góis, tradutor do Eclesiastes

Luís André Nepomuceno (UFV)

Resumo Damião de Góis (1502-1574), humanista português conhecido por suas crônicas historiográficas de D. João II e D. Manuel, dedicou-se ao trabalho de tradutor de duas obras latinas, o “De senectute”, de Cícero, e o Eclesiastes, do Antigo Testamento, ambos publicados em Veneza em 1538. Esta comunicação busca compreender os critérios de tradução do Eclesiastes adotados por Góis e as adequações feitas por ele para imprimir certas características ao autor, à época ainda tido como Salomão. Tendo convivido com humanistas dos Países Baixos e da Itália, Góis publicou sua tradução apenas quatro anos depois do estabelecimento da Inquisição em Portugal, numa época em que a Europa vivia uma crise político-religiosa motivada pela Reforma. Traduções bíblicas seriam proibidas em boa parte da Europa, especialmente depois do Index romano de 1559, que desautorizou a leitura de Bíblias em vernáculo. A tradução de Góis, denominada “Ecclesiastes de Salamam, com algúas anotações necessárias”, permaneceu desconhecida em Portugal por séculos, e não foi mencionada em seu processo inquisitorial de 1571. Góis baseou-se na Vulgata, mas consultou especialistas judeus medievais e hebraístas de seu tempo. Seu livro, para além da tradução em si, apresenta um prólogo e comentários pessoais para cada capítulo, conforme possível influência de Lutero, que fizera o mesmo com vários livros bíblicos. O Eclesiastes de Góis busca edificar um Salomão mais moralizante do que o original, ao mesmo tempo em que procura soluções para as contradições éticas do livro, sugerindo, por exemplo, que determinadas afirmações eram “expressões do vulgo” e outras, as verdades postas pelo autor. Góis evita expor um Salomão cético e amargo, que rememora a vida de sábio, mas também de libertino, projetando nele o homem cujos princípios podem adequar-se aos valores dos demais livros sapienciais canônicos cuja autoria também é atribuída ao famoso rei de Israel.

Paula Brito, escritor e tradutor de folhetins

Lucas de Castro Marques (UNESP)

Resumo Esta comunicação procura compreender a criação e a tradução literárias de Paula Brito no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) durante 1839 e 1840, no início da publicação de folhetins no Brasil. Como colaborador desse jornal carioca, Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi responsável, juntamente com Justiniano José da Rocha (1812-1862) e Julio Cezar Muzzi (1804-1858), pela tradução dos primeiros folhetins, num momento em que muitos romances estrangeiros – franceses, em sua maioria – eram importados e inseridos no rodapé do JC e de outros jornais, no espaço do folhetim. Por exemplo, com as iniciais “P. B.”, Brito assinou as narrativas traduzidas “Othon, o arqueiro – crônica das margens do Reno” (1839) e “Mestre Adam, o calabrês” (1839), ambas de autoria do folhetinista francês Alexandre Dumas (1802-1870). Em meio a essas traduções, foram impressas, também no rodapé, três narrativas de ficção curtas de Paula Brito: “Revelação póstuma” (1839), “A mãe-irmã” (1839) e “O enjeitado” (1839), além do romance “O Pontífice e os carbonários” (1839), que ele assume explicitamente ser uma mescla entre tradução e criação literárias. Enquanto traduzia os folhetins para alimentar a nova moda da publicação de histórias em fatias nos números dos jornais, Paula Brito também divulgava sua produção narrativa no mesmo espaço destinado ao folhetim, valendo-se do crescente prestígio desse gênero importado da França para evidenciar as histórias de sua autoria. Utilizaremos, para embasar nosso trabalho, os estudos de Gondim (1965), Heineberg (2004), Godoi (2016), Porto (2017), Granja e Porto (2017), pesquisadores que já abordaram a vida e/ou a obra de Paula Brito.

Tradução colaborativa & poesia russa traduzida por Nicanor Parra

Mary Anne Warken Sobottka (UFSC)

Resumo Em 1963 Nicanor Parra (1914-2018) viajou à Rússia. Durante essa visita, que foi sua segunda ao país e que durou seis meses,

trabalhou em uma antologia de poesia russa contemporânea. O livro recebeu o título em castelhano de *Poesía soviética rusa* (1964), com prólogo assinado pelo crítico literário Vladimir Ognev (1923-2017). Anos mais tarde, para uma melhor circulação deste trabalho de tradução na América Latina, foi publicada em 1972, uma segunda edição desta antologia sob o título *Poesía rusa contemporânea*. Esse trabalho de tradução assinado por Nicanor Parra foi incentivado e realizado de forma colaborativa com ajuda da poetisa e tradutora Margarita Iosifovna Aliger (1915-1992). Ademais, Parra, como tradutor, contou com o auxílio de traduções já realizadas para o castelhano e ajuda de dois assessores em linguística. Considerando a importância desta obra na trajetória de Parra, e a relevância do projeto de tradução e edição de poesia russa para o castelhano em uma dinâmica colaborativa, esta comunicação propõe apresentar uma revisão histórica. Para ampliar este estudo e para a discussão, estabeleço diálogo com referências dos Estudos da Tradução, entre as que destaco o livro *Las vasijas quebradas* (2012) de Andrés Claro. Me amparo também nas considerações de Sharon O'Brien sobre tradução colaborativa.

Simpósio 70

Outros modernismos

Giovanna Ferreira Dealtry (UERJ)
Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Resumo Em julho de 1922, Lima Barreto publica a crônica “O futurismo”, na Revista *Careta*, após ter recebido de Sérgio Buarque de Hollanda um exemplar da Revista *Klaxon*. A tentativa de garantir o elogio do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, um dos poucos admirados pelos jovens modernistas paulistas, não poderia dar mais errado. “Disse cá comigo: esses moços tão estimáveis pensam mesmo que não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do “il Marinetti”. O texto de Lima Barreto desnuda algumas concepções consagradas pelo cânone modernista brasileiro. Dentre elas a ideia de que os modernistas paulistas seriam os primeiros responsáveis pela ponte com as vanguardas europeias ou que os artistas das primeiras décadas do século XX dividiam-se em grupos homogêneos contra ou a favor da tradição beletrista. Outro episódio envolvendo os amigos Ribeiro Couto e Manuel Bandeira revela as imbricações do período. Apesar de reconhecer a dívida para com os modernistas paulistas, Bandeira, em *Itinerário de Pasárgada*, explica os motivos pelos quais nem ele ou Ribeiro Couto participaram da Semana de Arte Moderna: “Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificados e rimados”. Mais recentemente, mesmo em versão menos acadêmica, Ruy Castro dá notícia da efervescência moderna que ocorria na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX em *Metrópole à beira-mar*. Os episódios brevemente relatados revelam a complexidade da vida literária no período, como também apontam para uma diversidade da compreensão da modernidade e de modernismos, nem sempre atendendo à conceituação formal, europeizante, de movimento. Ou seja, para além de uma pretensa hierarquização entre poetas, ficcionistas, ensaístas, artistas no sentido amplo, cabe pensar, a partir da contemporaneidade, como esses sujeitos e obras colocados à margem durante décadas são imprescindíveis para a constituição de uma nova

compreensão estética, temática e ética da modernidade brasileira. A partir desse cenário, a proposta central do GT Outros modernismos é provocar o debate teórico e crítico acerca da conceituação dos termos “modernismo” e “modernidade” na literatura e nas demais artes brasileiras, tendo como arco temporal o final do século XIX até a década de 1930. Partimos do princípio de que a construção canônica do movimento modernista ofuscou as inovações e rupturas estéticas e temáticas de escritores e escritoras, compositores e compositoras, fora da década de 20 e da cidade de São Paulo. Sob rubricas generalizantes, como “pré-modernismo”, por exemplo, opera-se o esvaziamento inovador de obras diversas, como as de Gilka Machado, Lima Barreto, Joaquim Inojosa, Julia Lopes de Almeida, João do Rio, Patrícia Galvão, entre outras. Ao mesmo tempo, sob duvidoso recorte geracional, integram-se obras e escritores que reservam notáveis tensões em relação ao modernismo paulista, como Bandeira, Drummond, Jorge Amado, Graciliano Ramos etc., mas que tem suas diferenças apagadas em relação ao grupo dos cinco ou ao amplo conceito de “modernismo”. Assim, muitas vezes, os elos em comum parecem se sobrepor reforçando uma “identidade moderna” nascida em São Paula e espraiada para o resto do país. Em paralelo, também é possível observar como o ensaísmo de Gilberto Freyre e Manuel Bonfim, ilustrativamente, oferecem novas perspectivas sobre o modernismo fora do eixo Rio-São Paulo. Nesse sentido, serão bem-vindas comunicações: a) que abordem temas identificados com a modernidade desse período, em geral, ligados à metrópole, como a importância de novas tecnologias, a imprensa ágil, a multidão, a flânerie, o cinema, os cafés, os grupos de trabalhadores ou minoritários (negros, indígenas, homossexuais, mulheres, imigrantes); b) Que sejam (e/ou se postulem como) vanguarda, isto é, que apresentem uma posição de rompimento, diferenciação em relação a algum movimento estético ou instituição (real-naturalismo, parnasianismo, academicismo etc.), ou uma movimentação pela novidade, pelo “ir adiante” em termos estéticos e/ou de representação; c) Que recuperem a importância de outros núcleos modernos, como Cataguazes, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte etc.; d) Que releiam a partir da ótica crítica da contemporaneidade o modernismo paulista; e) Que apresentem análises sobre a vida literária e cultural do período e novas sociabilidades e subjetividades modernizantes. Nesse cenário, Monica Pimenta Velloso (1996), Renato Cordeiro Gomes (2008) e Carmem Lucia

Negreiros de Figueiredo (2016), entre diversos trabalhos e estudos, demonstram como as relações entre metrópole, novas tecnologias, camadas marginalizadas, vida cultural e criação estética entrecruzam-se no início do século XX.

A Modernidade dos Pobres

Fernando Cerisara Gil (UFPR)

Resumo A comunicação tem como objetivo mostrar como o ingresso dos pobres no radar mental dos nossos escritores, ali nos inícios do século XX, sugere sinalizar um novo patamar de apreensão da realidade social brasileira. Séculos de escravidão no Brasil não trouxeram consigo necessariamente as noções de pobre e de pobreza. Essas estão associadas à formação do mercado de trabalho capitalista e da força de mão de obra livre, o que implica, ao mesmo tempo, ou o estado sistemático de precarização da vida dos sujeitos, ou ainda, e pior, a impossibilidade de muitos, por razões de ordens variadas, de ingressar nesse mercado de trabalho já precarizado. Pobre e pobreza se tornam, assim, assunto do debate público, no que poderia ser considerada como a “esfera pública” brasileira, marcadamente a imprensa da época. Mais do que isso, a noção de pobreza acompanha o pensamento que emerge tanto sobre o espaço urbano quanto o rural. Nesse sentido, a nossa ideia é explorar os textos de reflexão sobre as visões e as formas de compreensão do pobre e da pobreza elaborados por escritores da época, todos eles reconhecidamente literatos, ou seja, escritores que refletiam sobre o seu momento e também produziam literatura. Escritores como Coelho Neto, Lima Barreto, Alcides Maya, Hugo de Carvalho Ramos, entre outros, se fazem presentes no campo de discussão proposta.

A veranista, romance epistolar

Milena Ribeiro Martins (UFPR)

Resumo Este trabalho é resultado parcial de um projeto de pesquisa cujo objeto é a ficção brasileira dos anos 1920, analisada por

meio do cruzamento de interesses da História do Livro e da História da Literatura, buscando compreender o sistema literário dentro do qual as obras foram publicadas. Os principais objetivos deste texto são (I) apresentar informações biobibliográficas a respeito da escritora Iracema Guimarães Vilela, que assinava com o pseudônimo de Abel Juruá; (II) analisar seu romance epistolar *A Veranista* (1921), considerando aspectos textuais e editoriais. O romance faz parte da Coleção Biblioteca da Rainha Mab, da editora Monteiro Lobato & Cia., cujo aspectos gráficos merecem atenção, por serem significativamente distintos de outros livros do período. O romance *A Veranista* é um dos poucos exemplares de romance epistolar na tradição literária brasileira: na correspondência entre a protagonista e uma amiga delinea-se o conflito entre as personagens urbanas e os habitantes de uma pequena cidade interiorana, cujos hábitos lhes parecem atrasados e risíveis. O julgamento dos modos de vida e a representação da linguagem das personagens permite perceber o embate entre hábitos modernos (urbanos) e tradicionais (sertanejos). Outro importante conflito de percepções de mundo se dá entre a protagonista e seu irmão, engenheiro bem-adaptado ao ritmo da vida interiorana. A apresentação de suas ideias antecipa o tom de exaltação de valores tradicionais presentes no romance *Cabocla* (1931), de Ribeiro Couto. Novos tempos suscitam novas leituras: o movimento de revisão da história da literatura e de releitura de obras esquecidas sob a poeira do tempo tende a suscitar reavaliações das obras propriamente ditas, como também de importantes agentes desse sistema literário, dentre os quais editores e críticos.

As posturas assumidas por Cyro dos Anjos no cenário intelectual brasileiro dos anos 1930: diferenciações estéticas e discursivas

Raul Gomes da Silva (UFMS)

Resumo O trabalho busca analisar a maneira com que o escritor Cyro dos Anjos (1906-1994) se inseriu na esfera intelectual de Belo Horizonte na década de 1930, bem como na vida literária e cultural do país. Além disso, almeja-se refletir acerca da função que a imprensa exerceu nesse período, sua importância na difusão de ideias e projetos elaborados pela intelectualidade formada, em sua maioria, por

bacharéis em Direito, Filosofia, os “homens de letras”, autodidatas que difundiam seu conhecimento por meio dos jornais em colunas exclusivas ou nos rodapés dos periódicos, prática que ficou conhecida como “crítica de rodapé ou impressionista”, cujos estudos eram baseados mais na intuição que na pesquisa, consoante Süsskind (1993), Brandileone (2010) e Candido (1958). As revistas e os cadernos culturais permitiam que críticos e escritores desfrutassem de grande prestígio entre os pares e asseguravam o vínculo com o grande público, segundo Rocha (2011). Ainda, se investigará o papel dos órgãos governamentais como um dos elementos relevantes no processo de construção de uma assinatura no campo intelectual brasileiro. Nesse sentido, indicam-se as posições adotadas por Cyro dos Anjos, a fim de promover uma diferenciação estética e discursiva que rompesse, a seu modo, com formas tradicionais de literatura e, ao mesmo tempo, reivindicar um modernismo para além da semana de 1922 e do eixo Rio-São Paulo, inserindo-se no que Souza (2011) denominou de “modernidades alternativas ou tardias”. A obra do escritor mineiro se justificaria pelo fato de não se circunscrever ao modelo modernista hegemônico e se desvincular da proposta nacionalista que caracterizou a maior parte da literatura dos anos 1930 e 1940. Portanto, a articulação entre obra literária e compromisso político desvela o estabelecimento de liames entre poder e arte, escrita privada e texto público, em que a figura do intelectual estaria atrelada à participação social, conforme Miranda (2011).

Axiologia da mestiçagem na Literatura Brasileira

Adryele Maria Gomes de Oliveira Duarte (UFRJ)

Resumo Mácula, doença, causa do atraso, efeito do atraso, prova da violência sexual, atestado de uma erotização tropical, solução, riqueza, roupagem do racismo estrutural, marca de nacionalidade, etnia peculiar são algumas leituras que a literatura brasileira, literária, acadêmica ou política, vem fazendo do fenômeno da miscigenação. Há um desfile de valores que perpassam esse conceito e através dos quais ele é interpretado. Gilberto Freyre, um dos grandes nomes no que diz respeito aos estudos da formação brasileira, em seu *Casa-grande e senzala* (1933) encara a mistura de raças de forma positiva e

conveniente, em que a miscigenação auxiliou na construção de uma democracia racial. Por outro lado, 5 anos antes da publicação do livro de Freyre, há uma percepção pessimista sobre tal assunto: o mentor da Semana de Arte Moderna de 1922, Paulo Prado, em *Retrato do Brasil* (1928), encara o convívio sexual entre as três raças como um exemplo de lascívia desordenada, no qual era o escravo quem corrompia o branco. O fruto desse cruzamento resulta, para o autor, num problema biológico, em que “fraqueza física, organismos tão indefesos contra a doença e os vícios” são exemplos de complicações no miscigenado. Esta comunicação pretende discutir as percepções destes dois nomes do modernismo brasileiro que compõem parte de uma vasta discussão acerca do lugar da mestiçagem na formação Brasil, bem como comentar acerca de obras que utilizaram destas ideias para compor um tipo brasileiro.

Brinquedos nacionalistas: experimentações poéticas de Carlos Drummond de Andrade nos anos 1920

Sara Meynard Begname (UFMG)

Resumo Nos últimos anos, importantes estudos têm feito uma releitura crítica de *Alguma poesia* (1930), primeiro livro publicado por Carlos Drummond de Andrade. Os recentes trabalhos de Villaça (2006), Marques (2011) e Wisnik (2018) ressaltaram a visada crítica da obra em relação a ideias e tópicos poéticos relacionados ao modernismo paulista de 1924. Nota-se, em poemas importantes do livro – por exemplo “Explicação”, “Europa, França e Bahia”, “Eu também já fui brasileiro” –, como a questão nacional é subvertida a partir de um sujeito poético que demonstra consciência do caráter problemático da identificação com a nação. O presente trabalho propõe-se a analisar como a particularidade da figuração das imagens de “nação” e “país” se articula a uma mirada crítica sobre o próprio processo de modernização no Brasil, ao passo em que também elabora um viés mais cosmopolita sobre ele. Embora isso seja evidente em *Alguma poesia* (1930), o corpus de análise desta comunicação se volta a textos anteriores à sua publicação, com intenção de pôr em perspectiva um intenso trabalho de pesquisa e de experimentalismo realizado por Drummond já na década de 1920. Nesses poemas, a experiência

de modernização se relaciona a uma herança colonial e escravista, que forma uma história desprovida de “firmeza”. Muitos poemas são atravessados por referências à moleza, à acídia do sujeito poético e das outras personagens que habitam uma paisagem também preguiçosa, capaz de levar ao entorpecimento. O disforme, o instável e o problemático são formas de figurar não apenas a nação (ou sua ausência), mas também paisagens mineiras e interioranas, postas em tensão com cenários mais urbanizados. Nesse sentido, a análise desses textos pode contribuir não só para uma ampliação da leitura de *Alguma poesia*, como para uma perspectiva expansiva do que se compreende como modernidade literária no Brasil.

Considerações sobre o Modernismo no Ceará

Kedma Janaina Freitas Damasceno (UFC)

Resumo A historiografia da literatura cearense é marcada pela presença de agremiações literárias que muito contribuíram para o desenvolvimento da arte poética e ficcional no estado. Além dos “Oiteiros” (1813), considerados os iniciadores da história literária do Ceará, é possível destacar outras agremiações como o “Clube Literário” (1886), a “Padaria Espiritual” (1892) e o “Centro Literário” (1894). Embora, no início do século XX, o Ceará fosse um estado mais voltado para as atividades agrícolas e considerado economicamente periférico, os escritores locais sempre procuravam manter-se atualizados com o que acontecia no Sudeste do país e também no exterior. Neste trabalho, o objetivo é apresentar o advento das ideias modernistas às terras alencarinhas, enfatizando alguns momentos importantes e observando suas principais peculiaridades. A visita do “semanista” Guilherme de Almeida a Fortaleza, em 1925, quando proferiu sua palestra “A revelação do Brasil pela poesia moderna”, por exemplo, constituiu-se como um dos acontecimentos importantes para a propagação do Modernismo no estado. No entanto, alguns dos renomados escritores locais não se mostraram receptivos às novas ideias. Foi o caso do poeta Antônio Sales que, sob o pseudônimo de “Artúrio Vales”, publicou no Correio do Ceará dezoito “Estâncias Futuristas”, poemas que ironizavam o movimento. Em 1927, foi lançado O Canto Novo da Raça, primeiro livro modernista do Ceará, composto

por poemas de Jäder de Carvalho, Sidney Netto, Franklin Nascimento e Mozart Firmeza. Maracajá (1929) e Cipó de Fogo (1931) foram periódicos que também abordaram as ideias modernistas na literatura local, colaborando significativamente para a propagação de tais ideias, apesar dos poucos números lançados. Em síntese, por meio destas e de outras considerações, pretende-se enfatizar a participação e a contribuição da literatura cearense no âmbito do Modernismo literário nacional.

Gastão Cruls e o modernismo no Rio de Janeiro

Andressa Marzani (UFPR)

Resumo A literatura produzida entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX está localizada pela crítica, de maneira geral, dentro do “Pré-modernismo”. Seria uma produção marcada pela estagnação em termos temáticos e estéticos, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos (CANDIDO, 2006; BOSI, 1989). Contudo, para Sergio Miceli (2001) o termo “pré-modernista”, consolidado em nossa historiografia literária, e intimamente relacionado a uma visão específica de “modernismo”, constituiu um “recurso político” sob o qual se uniformizou diversas tendências e uma produção variada. Criou-se então um paradigma, fomentado em parte pelo posicionamento dos próprios modernistas paulistas (GOMES, 1999) e retomado e consolidado ao longo das décadas de 1940 a 1960 por diversos intelectuais. Desta forma, cristalizou-se uma imagem de um período de estagnação literária, de escritores deslocados de grandes causas políticas. Na contramão dessa imagem, Miceli recupera sua importância para o desenvolvimento da profissionalização do trabalho e de expansão da atividade intelectual no país, ajudando na construção do campo tal como o conhecemos hoje. Assim sendo, e retomando as reflexões trazidas por autores como Hardman (1992), Gomes (1999), Velloso (2003) e Silva (2009), este trabalho abordará um pouco da trajetória e produção literária do médico e escritor carioca Gastão Cruls (1888-1959). Nesse sentido, pretende-se repensar a produção de Cruls como parte desses outros modernismos, tendo em vista as temáticas – relacionadas tanto às suas experiências como médico sanitário como ao interesse na região amazônica –, em sua relação com

diferentes autores e círculos literários e com a efervescência cultural da metrópole, bem como em sua atuação enquanto sócio da Editora Ariel e produtor do Boletim de Ariel, importante mensário cultural da década de 1930.

Memória e Recepção na Literatura Amadiana

José Otávio Monteiro Badaró Santos (UESB)

Resumo A proposta é resgatar a recepção crítica dos romances de Jorge Amado do chamado primeiro ciclo, compreendido entre “Cacau” (1933) e São Jorge dos Ilhéus (1944), para analisar os muitos efeitos de sentido atribuídos a estas obras ao longo do século XX e as variadas leituras que estes textos suscitaram para demonstrar a historicidade dos romances e dos ajuizamentos da própria crítica, a exemplo da categoria “regionalista”. Conforme Jauss, sabemos que a vida histórica de uma obra literária é inconcebível sem a participação ativa de seu destinatário e que a experiência estética não tem início pela compreensão e interpretação do significado oculto da obra, muito menos pela reconstrução das intencionalidades do autor, mas pela análise do processo de recepção da mesma. À vista disso, tencionamos operar uma ideia de “memória” a partir do conceito de cadeia de recepções de Jauss com o intuito de identificar nessa recensão a operação da crítica literária a partir de diferentes interesses, sejam eles políticos, econômicos, sociais, culturais e filosóficos. Assim, podemos afirmar que não há um sentido único nas obras, preexistente à leitura, e oculto por trás dos textos, uma vez que eles são, na verdade, a construção de um conjunto de leitores, ou mesmo de “comunidades interpretativas”, conforme Stanley Fish. Por meio do resgate da “memória da recepção crítica” demonstraremos que houve nestas obras uma significação predominante, qual seja, a crítica de chave marxista e sociológica, que não é natural, porque é construção de uma comunidade de críticos. Aqui, portanto, iremos optar pela ideia de uma estabilidade da significação que se dá por meio de um compartilhamento de disposições e princípios de leitura e que, portanto, pode ocorrer em dada época e em dado contexto social e histórico.

Modernas, sim; feministas, não: imagens de mulheres na prosa de João do Rio

Giovanna Ferreira Dealtry (UERJ)

Resumo A presente comunicação analisa aspectos das crônicas de João do Rio tendo como principal foco a presença da mulher na modernidade carioca. Temas como o trabalho; as novas formas de relações amorosas, incluindo o flirt e a traição; o direito ao voto e o feminismo revelam o incômodo diante da nova mulher surgida no início do século XX. Mais do que crer no testemunho de João do Rio, interessa observar como ele elabora modelos ideais ou negativos do feminino por meio de comparações e ironias, em um jogo que oscila entre o elogio da mulher moderna e a condenação aberta de certas reivindicações e comportamentos. Para isso, são discutidas crônicas dos volumes *A vida vertiginosa*, como “Feminismo ativo”, e *d’A Alma encantadora das ruas*, além de matéria jornalística sobre feminismo até então inédita em livro. A tentativa de modelar a imagem da mulher moderna ideal não pode ser compreendida de maneira simples. A hipótese aqui levantada defende que o escritor se preocupa com a manutenção de um sentido essencial do feminino, ainda que advogue pelo trabalho fora de casa e perceba as diferenças de classe econômica como parte dos problemas enfrentados pelas mulheres. Nesse sentido, João do Rio está longe de ser um conservador. Por outro lado, estamos diante de um escritor que, de maneira não muito diferente do que vemos hoje, tentará, à semelhança de seus contemporâneos, isolar o feminismo dos movimentos de autonomia da mulher.

Modernidade e modernismo nas revistas *Souza Cruz* e *Revista do Brasil* entre 1916 e 1922

Tâmara Maria Costa e Silva Nogueira de Abreu (UFRN)

Resumo Lançadas no mesmo ano de 1916 no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente, a revista *Souza Cruz* e a *Revista do Brasil* foram marcos importantes para a literatura brasileira produzida na Primeira República (1889-1930). Considerando que a circulação desses textos se deu mais intensamente em suportes editoriais efêmeros,

como jornais e revistas, do que em livros – em função principalmente de uma indústria editorial ainda incipiente no país –, essas revistas não apenas atuaram na difusão da literatura do período, mas ganharam o respeito dos seus leitores e colaboradores de modo a se tornarem instâncias alternativas de consagração literária para autores antiacadêmicos como Lima Barreto e Monteiro Lobato. Convertendo-se em polos aglutinadores de dezenas de intelectuais, artistas e escritores ocupando posições distintas no campo literário, suas páginas abrigavam tanto autores estreantes quanto autores consagrados, sejam acadêmicos ou não. Esta pesquisa propõe-se a investigar as noções de modernidade e de modernismo nos textos de literatura e de crítica presentes na revista *Souza Cruz* e na *Revista do Brasil* de 1916 a 1922. O recorte temporal interessa-nos particularmente devido ao momento de reorientação nas discussões sobre arte e literatura, quando a crítica e as obras se voltam de modo mais intenso para as questões nacionais, mobilizando autores em direção a rupturas estéticas que já vinham sendo gestadas antes de 1922, mas que só ganhariam reconhecimento sob a chancela do modernismo.

Monstruosamente grosseiro: modernidade, interrupção e trabalho reprodutivo em São Bernardo, de Graciliano Ramos

Ismael Freitas (UFRGS)

Resumo O presente trabalho objetiva investigar de que forma Graciliano Ramos faz uso das técnicas literárias (cf. BENJAMIN, 2012) em São Bernardo (2003 [1934]) a fim de engendrar uma reflexão acerca das possibilidades políticas da experiência da modernidade e das potencialidades de narrá-las. Para tanto, faz-se necessário analisar, via pesquisa em fontes primárias no *Boletim de Ariel* (RJ), quais são as estratégias de Ramos para articular a experiência brasileira no período da expansão industrial em relação às formas literárias dispostas na tradição da literatura brasileira à época. Também, importa questionar como o romance engendra as relações entre raça, gênero e classe na dimensão do desenvolvimento do capitalismo industrial. Ana Paula Pacheco (2010), por exemplo, demonstra que o reconhecimento do lobisomem ao final do livro revela na fatura do romance a deflagração do limite do esclarecimento do narrador

(como síntese da experiência brasileira à periferia do capital). A regressão ao mito, portanto, permite descobrir fraturas na lógica formal e discursiva do narrador, que põem em evidência o enfrentamento de Paulo Honório com o que lhe é refratário. A hipótese é a de que essas cenas de ruptura se apresentam como interrupção e captação de gestos cujos códigos são desconhecidos pelo narrador, ainda que repetidos, sobretudo no que se refere à dimensão do trabalho reprodutivo e à acumulação primitiva no país. Dessa forma, procuro questionar de que modo se inscrevem no corpo das personagens de São Bernardo a dinâmica da modernidade em relação à reprodução da mão de obra interna (cf. ALENCASTRO, 1987; RIBEIRO, 1995; OLIVEIRA, 2013), tendo em vista o aniquilamento do que não seja estruturalmente relevante à essa produção. Assim, talvez até mesmo a licantria seja sintoma do alinhamento do capital com imagens diabólicas (TAUSSIG, 2010), cuja origem remonta à dimensão limiar das sociedades capitalistas.

“Noturno”, de Oswald de Andrade

Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Resumo Com a leitura do poema curto “Noturno”, de Oswald de Andrade, presente em *Pau-Brasil*, à luz também dos comentários de Roberto Schwarz, Carlos Berriel, Haroldo de Campos, entre outros, a comunicação busca expor certa ambivalência estrutural do poema que, em alguma medida, pode também ser estendida à poética oswaldiana (poemas, manifestos e romance) dos anos 1920. Essa ambivalência se localiza no aspecto crítico do poema, que na mesma medida em que combate o academicismo, patente ideologia constituinte da sociedade dos grandes centros urbanos brasileiros de então, adere a características prementes de orientação mercadológica, como a intensidade, a versatilidade, a brevidade, a eficiência. O caráter sintético do poema, oscilando entre símbolo e alegoria, no sentido benjaminiano – termos que oscilam na leitura schwarziana –, abrigaria, na forma, essa tensão quanto à criticidade dos versos. Estaria expressa, por fim, nessa tensão uma das contradições do gesto modernizador do modernismo paulista, já apontada por outros críticos desde aqueles anos, que consistiria num esforço de substituição das estruturas

arcaizantes de dominação pelo estabelecimento de novas estruturas de dominação. Vale dizer, contradição que não diminui os esforços da Semana de Arte Moderna, mas a coloca em perspectiva, seja em relação ao chão histórico do período, seja em relação a outros modernismos, organizados em outros pontos do país.

O clamor dos homens gloriosos: o nacionalismo beligerante nas crônicas de Cecília Meireles

Paola Resende Braga Garcia de Araújo (UFMG)

Resumo Este trabalho pretende analisar as crônicas de Cecília Meireles publicadas ao longo da década de 1930 e apresentar uma inflexão menos abordada da obra da escritora que contribui para articular novos e “outros modernismos”. Para essa finalidade, o recorte focalizará textos que abordem a guerra (e seus recursos técnicos, no sentido da derrocada iluminista) e o nacionalismo, ambos refutados e interpretados como problemas concernentes à educação. Grande parte da fortuna crítica da obra de Cecília Meireles assinalou (e ainda assinala) seu descompasso em relação a sua contemporaneidade. Nesse sentido, as crônicas demonstram uma dedicação constante a “este mundo”, fator que desestabiliza a comum definição de uma obra “aérea”. Assim, os reiterados rótulos de “atraso” ou “passadismo”, integrados a uma visão teleológica e única da história, descolam a escritora da produção de sua época. Essas análises, que quase sempre utilizam o modernismo paulista como paradigma, são, é claro, redutoras de uma obra complexa e que, dificilmente, se encaixa apenas nessa circunscrição de alheamento e de distância de sua época. Desse modo, o confronto entre a conhecida produção poética e a produção de crônicas permite vislumbrar uma obra bifronte que, amalgamada, ressignifica ambos os gêneros e a própria posição da escritora em seu cenário. Junto da constante publicação de crônicas em jornais (central nas décadas de 1930 e 1940), a figura da educadora e o vínculo com as produções do modernismo carioca desestruturam a leitura de distância em relação a seu tempo e demonstram, além de uma atenção e de uma atuação consideráveis, a importância dessa obra e dessa figura na construção de outras narrativas do, restritamente, denominado “modernismo”. Assim, a obra de Cecília

Meireles desponta como uma questão importante para a compreensão de um horizonte múltiplo do contexto.

O realismo elástico nas fotografias de Chichico Alkmim

Karla Batista Almeida Japôr Souza (UFRJ)

Resumo O fotógrafo mineiro Francisco Augusto Alkmim (1886-1978), mais conhecido como Chichico Alkmim, abriu seu primeiro ateliê em 1912 em Diamantina (MG). Autodidata, o artista registrou, até meados de 1950, as transformações da cidade e de seus habitantes que flutuavam entre a modernização e a tradição. Atualmente, parte do acervo particular de 10.045 imagens, que fora preservado pelo próprio Chichico no porão de sua casa até seu falecimento, encontra-se disponível em regime de comodato no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Nas 5.544 fotografias de casamentos, batizados, funerais, festas populares e religiosas, paisagens e cenas de rua – grande parte em negativos de vidro –, desdobram-se outras tantas imagens. Em primeiro plano estão os sujeitos e suas identidades (ou não). Em segundo, na penumbra, vislumbramos um conteúdo invisível que institui um jogo com o tempo e, simultaneamente, vemos a história, mas também a impossibilidade de pensar a fotografia somente como atestado de uma realidade histórica. Considerando estes pressupostos como ponto de partida, este ensaio busca delinear uma reflexão sobre a fotografia que parte da superfície, mas concomitantemente não impede a percepção de uma representação existencial, da condição humana. De início, apoiamo-nos em Waizbort (2013) ao afirmar que Erich Auerbach, como historiador da arte, poderia estabelecer outras vias de acesso ao “realismo” analisando a pintura e assim por diante. Abrangendo essa possibilidade, recorreremos à análise de uma foto tirada por Chichico, na década de 1910, para transpor e expandir a teoria aqui citada, com o objetivo de estabelecer uma ponte entre literatura e fotografia e evidenciar as imagens do artista como um rastro do real.

Pagu: uma outra antropofagia, feminista e revolucionária

Rejane Pivetta de Oliveira (UFRGS)

Resumo Inicialmente identificada ao contexto das vanguardas e sendo uma das forças vivas do modernismo brasileiro, a antropofagia aparece referida quase que exclusivamente ao nome de Oswald de Andrade. Contrariando essa tese, basta lembrar o papel decisivo de Tarsila do Amaral, criadora do *Abaporu*, figura que batizou o movimento e estruturou a visualidade antropófaga: um ser primitivo, pintado em traços sinuosos e cores primárias, numa paisagem árida e luminosa, alegoria de uma identidade atávica e bárbara. Não menos importante é a participação de Patrícia Galvão, Pagu, na segunda denteição da “Revista de Antropofagia”, fase de maior radicalidade na concepção estética e teórica do conceito. Autora de desenhos, poemas e artigos publicados na revista, a contribuição artística e intelectual de Pagu foi praticamente ignorada nos meios modernistas, prevalecendo a imagem da musa sedutora. No entanto, Pagu não só partilha das ideias renovadoras do movimento, como tem atuação decisiva na conversão social da antropofagia, no momento posterior à dissolução do grupo, em agosto de 1929. Na esteira de sua militância no Partido Comunista, em 1931 Pagu funda, com Oswald de Andrade, o jornal *O Homem do Povo*, considerado por Augusto de Campos a versão engajada da *Revista de Antropofagia*. Nos artigos que assinava na seção “A Mulher do Povo”, Pagu aliava posições feministas à perspectiva de classe, da mesma forma como, em seu primeiro romance, *Parque industrial*, de 1933, temos pela primeira vez na literatura brasileira a representação das condições de vida da mulher proletária. Assim, esta comunicação pretende examinar o legado de Pagu à antropofagia, situando em perspectiva de gênero o projeto de “devoração” da civilização capitalista patriarcal e a utopia do matriarcado.

Repensando o Romance de 30 a partir dos debates ideológicos do romance proletário

Alfredo Victor Souza de Almeida (UEFS)

Alana de Oliveira Freitas El Fahl (UEFS)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção romanesca da década de 1930, considerando as discussões políticas e ideológicas presentes na construção dessa produção ficcional. A leitura é feita a partir do pressuposto de que os escritores de 1930 não se viam como seguidores dos escritores que participaram da Semana de Artes Moderna, de 1922. Uma ideia que vai contra a leitura feita por Luiz Lafetá em 1930, *A Crítica e o Modernismo* (1974), na qual os modernistas e os escritores de 1930 estariam preocupados com as mesmas questões, havendo, entre eles, uma alternância de foco. Segundo este pensamento, os modernistas de 22 tiveram o foco no projeto estético e os escritores de 30 focaram no projeto ideológico. No entanto, conforme defende Luís Bueno em *Uma história do romance de 30* (2006), o pensamento de Lafetá tem como prerrogativa que ambos os projetos, o estético e o ideológico, são os mesmos para os dois grupos de escritores. Uma leitura reforçada por várias histórias da literatura, que, comumente, põem todos os escritores do romance da década de 30 como seguidores, uma segunda geração, dos modernistas de 22. Nossa leitura se utiliza de algumas historiografias literárias para demonstrar como a produção de ficção é retratada à margem do movimento de 1922, acarretando em uma leitura que diminui e desqualifica as questões políticas internas à produção romanesca de 30. Buscamos, então, compreender quais as implicações da leitura da prosa de ficção em continuidade com o movimento modernista, bem como, a partir da leitura do romance proletário, as discussões ideológicas afastam os dois grupos de escritores. Percebe-se um outro modernismo, diferente daquele preferencialmente retratado na tradição historiográfica literária. Referendam nossa análise os estudos de Luís Bueno (2006), Antonio Candido (1987), Alfredo Bosi (2017), José Aderaldo Castello (1999), Afrânio Coutinho (1986), entre outros.

Romance proletário: aquele que foi sem nunca ter sido

Roberto Amado (USP)

Resumo Nos primeiros anos da década de 1930, surge uma voz literária identificada como “romance proletário” nas obras de alguns jovens escritores promissores. Mas o que é essa voz? Não é feita por proletários e nem para proletários. Tampouco reproduz personagens e ambientes do proletariado. E, no entanto, é logo identificada como uma manifestação literária de caráter social e ideológico pela crítica, não só da época, mas também a de décadas posteriores. Algumas obras foram marcadas por esse rótulo e tidas como proselitismo político, ignorando-se as contribuições de ordem estética que fizeram à literatura. No entanto, o “romance proletário” presente na literatura nacional em sintonia com autores e obras de outros idiomas – notadamente americanos, europeus, russos e latino-americanos – oferecem muito mais do que preposições de ordem ideológica. O “romance proletário” nunca foi, de fato, “proletário”, mas representou uma manifestação transformadora da literatura em diferentes aspectos – personagens, narrativas, linguagem, abordagem e ambientes – e foi praticada por uma geração que se consolidou por sua importância canônica. No Brasil, essa literatura foi apresentada por autores principalmente do chamado “norte”, como Jorge Amado, Amando Fontes, Rachel Queiroz e Graciliano Ramos. A proposta desta comunicação é abordar as principais características desta literatura, evocando autores nacionais e internacionais, a partir de artigos e críticas publicadas durante os primeiros cinco anos da década de 1930 em revistas e suplementos literários.

Simpósio 71**Percursos transfronteiriços, textualidades rizomáticas:
cartografias de epistemologias, comparatismos
e humanidades das/nas Américas, Amazônias e Áfricas**

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC/CAP)

Ezilda Maciel da Silva (UFPA)

Simone de Souza Lima (UFAC)

Resumo O simpósio propõe-se a estabelecer diálogos sobre as epistemologias, os comparatismos e as humanidades das/nas Américas, Amazônias e Áfricas, mapeando, ademais, as textualidades rizomáticas da literatura, vida e sociedade. Os aportes teóricos, metodológicos e críticos são oriundos da Teoria Literária, Literatura Comparada, Estudos Culturais e Pós-coloniais, Decoloniais e Geografia Cultural, principalmente os de Jonathan Culler (2016), Eneida Maria de Souza (2012), Ivete Walty (2012), Homi Bhabha (1998), Edward Said (2005), Stuart Hall (2013), Benjamim Abdala Junior (2012), Tania Carvalhal (2003), Zilá Bernd (2013), Eurídice Figueiredo (2013), Angel Rama (2001), Cornejo Polar (2000), Hugo Achugar (2006), Aníbal Quijano (2000) e Roberto Lobato Corrêa (2011). O simpósio acolherá trabalhos que enfoquem as interlocuções da literatura com outros saberes, tais como História, Antropologia, Sociologia, Geografia Cultural, Filosofia, Artes Plásticas, Jornalismo, Cinema, Educação, Ensino, Relações Internacionais, Direito e Tecnologias. Estudar, pesquisar e discutir as humanidades é aprofundar, expandir a visão do “fim do império cognitivo”, dimensionar as “epistemologias do Sul” (SANTOS, 2019) e desenvolver hipóteses sobre “Comparar? Aproximar? Dialogar? Friccionar” (CASA NOVA, 2008). O simpósio coloca-se, assim, como parte de um processo, sempre aberto, como é da natureza dos percursos transfronteiriços e, sobretudo, das textualidades rizomáticas das Américas, Amazônias e Áfricas. Não à toa, procura elaborar reflexões sobre “raízes e labirinto” (SANTIAGO, 2006), “vestígios memoriais” (BERND, 2014), “Paralelas e tangentes” (SANTILLI, 2003), uma “geocrítica do eurocentrismo” (MATA, 2012), “Amazônia babel” (LIMA, 2014), as formulações pós-coloniais (LEITE, 2013) e “os paradigmas críticos e representações em contraponto” (BRUGIONI, 2019). A diligência crítica proposta aqui quer pensar as obras literárias, em diálogo com outras esferas do conhecimento. Parte, para tanto, das

seguintes questões: como os narradores africanos, latino-americanos e brasileiros configuram o diálogo entre culturas, literaturas, linguagens e humanidades nos séculos XX e XXI? Que papel exercem as estéticas do deslocamento nas trocas e transferências culturais, linguísticas, éticas? Como os conhecimentos da teoria, crítica e comparatismo podem ser articulados às correntes teóricas como os estudos culturais, pós-coloniais, decoloniais e geoculturais? Como interpretar textualidades que têm representado alteridades desviantes e suscitado novas formas de compreensão da literatura, sociedade e cultura? Como abordar romances, contos, crônicas, produções cinematográficas, artes plásticas que, em certa medida, vão na contramão da busca da identidade nacional, bem como interpretar textualidades rizomáticas marcadas por nomadismo, errância, diáspora? Ou, ainda, quem são os novos ficcionistas africanos, latino-americanos e brasileiros que estariam promovendo novas leituras dos contatos coloniais e pós-coloniais? Que espaços as textualidades rizomáticas têm ocupado na cena crítico-teórico-comparatista? Que visões do espaço urbano e rural têm sido apresentadas nestas produções artísticas? Como tais ficcionistas, intelectuais e tradutores têm vivido e representado a tensão entre o local e o global e que ocupam a era da globalização? Que posicionamentos a crítica pode adotar diante destes textos que elegem a montagem, o recorte, as imagens e as citação como formas discursivas tão díspares? Silviano Santiago (2002) desenvolve também a linha de raciocínio sobre a relação entre viagem, sociedade e literatura. Para o crítico, “os europeus viajam por que são insensíveis aos seus, porque não tem o alto senso de justiça” (p. 225). A interface entre cultura, sociedade e imaginário está ali, porém não é vista, reconhecida e vivida, sendo negada para dar lugar a construção do espelho da Europa no Novo Mundo, a propagar a fé do Império como instrumento de negação dos valores do outro, indígena, negro, feminino, sequestrar o código linguístico deste último e instituir uma prática etnocêntrica para falar pelo outro e em nome dele. Erik Karl (2016) aponta que “o brasileiro facilmente se sente estrangeiro diante de seus compatriotas, apesar dos laços de língua e reconhecimento mútuo que os unem. Ainda existem barreiras culturais, dificilmente superáveis que desafiam as noções ideológicas de identidade e semelhança” (SCHOLLHAMMER, p.155). A afirmação poderia ser ampliada à relação, humanidades, linguagens e identidades, que também tem como variante o instável do encontro, abarcando

a direção e dimensão múltipla de que tudo na subjetividade olhada transforma a relação entre quem olha e aquilo que é olhado. Nesse sentido, pretende-se, neste simpósio, dialogar com a “Literatura brasileira contemporânea: um território contestado” (DALCASTAGNÈ, 2012), estudar “A literatura afro-brasileira: abordagens em sala de aula” (DUARTE, 2019), investigar as “Poéticas indígenas: lugar, identidade e memória”, ampliar a leitura da “Literatura como arquivo da ditadura brasileira” (FIGUEIREDO, 2017) e ampliar as lições de “Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações” (JOBIM, 2020). Eis alguns dos horizontes de interesse que orientam, portanto, a concepção, proposição e concreção deste simpósio, para o qual convidamos pesquisadores e estudantes de pós-graduação a refletir sobre os percursos transfronteiriços e as textualidades rizomáticas das/nas Américas, Amazônia e Áfricas.

A construção da paisagem e questão da identidade latino-americana em *Descobrimento do rio das Amazonas* (1542) de Gaspar de Carvajal e *Terra Nostra* (1975) de Carlos Fuentes

Keury Naiane Silva de Almeida (UFPA)

Resumo Esta pesquisa objetiva refletir sobre a construção da paisagem do Novo Mundo nas obras *Descobrimento do rio das Amazonas* (1542) de Gaspar de Carvajal e *Terra Nostra* (1975) de Carlos Fuentes. Para Guillén (1989) a paisagem não é apenas um marco físico, é também um espaço profundo e essencial, ela denota a omissão do homem e ao mesmo tempo seu esforço para descobrir, naquela imensa zona de alteridade que é a natureza, significações e valores que justifiquem seu pertencimento no mundo. Semelhante, para Michel Collot (2013) a paisagem é um espaço percebido “(...) ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região [de um país] que se oferece ao olhar de um observador.” (Ibidem, p.17). Por isso, envolve três componentes: um local, um olhar e uma imagem, pois, “É o olhar que transforma o local em paisagem” (Ibidem, p.18). Então, é nessa perspectiva da paisagem, o simbólico, que refletiremos sobre a construção do Novo Mundo, nas obras supracitadas. O Novo Mundo, descrito na crônica europeia e no romance histórico latino-americano, suas respectivas construções e seus desdobramentos na questão da identidade

latino-americana. Para esta pesquisa, de cunho bibliográfico, utilizaremos, principalmente, o seguinte referencial teórico: Mignolo (1982), O'Gorman (1982), Guillén (1989), Menton (1993) e Collot (2013).

Diálogos transversales: articulaciones y derivas de la modernidad y el colonialismo en la cultura brasileña contemporánea

Gabriela Cornet (UNC)

Resumo El artículo propone indagar sobre el diálogo crítico que establecen ciertas prácticas literarias y audiovisuales de comienzos del siglo XXI con algunas de las representaciones sociales, interraciales y sexuales que han marcado la modernidad brasileña y que han favorecido el legado de colonización y de extractivismo que encontramos en el mundo contemporáneo. En este sentido, a partir de un diálogo comparativo entre la novela *Desesterro* (Sheyla Smaniotto) la obra audiovisual *O peixe* (Jonathas de Andrade), se observarán las dinámicas dominantes y devoradoras de lo otro que se ponen en escena y en discusión desde formas estéticas que corroen las formas hegemónicas y que promueven desestabilizaciones de las relaciones dicotómicas propias de las lógicas de dominio de la modernidad: naturaleza/cultura, yo/otro, humano/animal, mente/cuerpo, masculino/femenino, entre otros. En efecto, es posible observar que en el mundo contemporáneo estas oposiciones aún actualizan disciplinamientos, clasificaciones y jerarquizaciones, y así no solo reproducen lógicas de dominio sobre lo viviente sino que establecen demarcaciones capaces de regular las disposiciones afectivas y éticas de los sujetos, a la vez que perpetúan la mirada colonizadora y extractivista sobre cuerpos, territorios, saberes y experiencias. Nos preguntamos entonces por las potencialidades que emergen cuando se trasvasan las distinciones y fronteras, y se tejen prácticas sensibles que proponen y visibilizan otras territorialidades y otras epistemologías a las diferenciaciones que marcaron los ordenamientos funcionales al capitalismo colonial/moderno (QUIJANO 2000) y a la subjetivación del hombre blanco de los sectores medios. Estas problematizaciones sobre las dinámicas de dominación y de opresión derivan, proponemos, en operaciones estéticas que no solo indagan en la incorporación de

otras imágenes, voces y trayectos, sino que desde recursos como la ambigüedad, el artificio y la provocación procuran promover cierta afección, una interpelación desde textualidades que abran el horizonte hacia otros modos de vida posibles.

Do ignorado ao visível: uma análise dialógica-dialética de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus

Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira (UFAC)

Angela B. Cavenagh Themudo Lessa (PUCSP)

Resumo A literatura feminina pode ser considerada como um ato revolucionário ao considerarmos o sistema colonial, preconceituoso e opressor existente no Brasil. Ao considerarmos a literatura de autoras negras os discursos revelam o instrumento de poder como possibilidade de sair das margens, das vulnerabilidades para reconstruir e ressignificar seu papel na/para a sociedade. Com essa perspectiva, este texto tem por objetivo estabelecer, pela lente teórica do decolonialismo, uma reflexão crítico-colaborativa, dialógica-dialética da linguagem em torno da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, vista como uma das primeiras escritoras negras do Brasil. Ao considerarmos a linguagem como prática social, construída e reconstruída em (inter)ação, como ato responsável, por meio de enunciados concretos (BAKHTIN, [1954] 2016; BAKHTIN, [1920-1924] 2017) realizados em contextos específicos, a autora evidencia como catadora de papel nas ruas paulistanas, um retrato vívido e cruel da vida dos que vivem em favelas, na extrema pobreza, os ignorados do Estado. Essa literatura de Carolina apresenta lugar de fala (RIBEIRO, 2017) decorrente de sua raiz social, histórica (TELLES, 1997) e cultural, revelando a condição social em que estava inserida. O papel da mulher na literatura brasileira, por longo tempo, foi invisível e ocupou posição subalterna. Ainda é necessário romper com as estruturas coloniais e sair desse lugar silenciado e abafado para fazer do prefixo re- (rever, ressignificar, reconstruir, repensar) o lugar de existência, resistência e expansão com vistas para a transformação social.

Fricções literárias e geográficas: topografias

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC/CAP)

Rogério Nogueira de Mesquista (UNIR)

Resumo O objetivo central deste trabalho é expor as linhas de reflexão articuladas para examinar textos literários e geográficos das Amazônias através da interlocução entre a Teoria da Literatura, a Literatura Comparada e Geografia Cultural no âmbito dos cursos de Letras Universidade Federal do Acre. A investigação dos novos mapas geo-literários, geo-históricos, geo-antropológicos e geo-culturais contempla o deslizamento pelo magma das figurações das alteridades transmigrantes das Amazônias, dimensionando o encontro de saberes. É com o fito de estreitar os laços de compreensão das culturas amazônicas em escala global que se organiza um itinerário comparatista radicado no território acreano, concebido em sua compleição espiralada para acoplar o uno e o diverso do rizoma literário amazônico. Por tal caminho crítico, espera-se fortalecer, estreitando, os pactos analíticos em torno da mobilidade de leituras comparatistas fundamentadas no diálogo entre a teoria, a crítica e a epistemologia das errâncias interdisciplinares com acento nas Amazônias. Mirando o alvo da troca dentro e fora do lócus da literatura e geografia, espera-se conjugar o espírito nômade e irrequieto de que “teorizar é metaforizar” (SOUZA, 2016, p. 218). Nessa perspectiva, teorizar, comparar e transitar é mover-se em direção à topografia da singularidade plural do ato de ler o texto alheio, redescobrando a força do estatuto paradoxal das redes dialógicas e friccionais do sintagma Amazônias.

Nascer do sol no Ocidente: integração social e cultural do imigrante japonês no Brasil na obra *Nihonjin*

Michelle Conterato Buss (UFRGS)

Resumo O presente trabalho está inserido no contexto dos estudos que abrangem o tema estrangeiro, mais especificamente, neste caso, sobre a temática Nikkei no Brasil. A proposta deste estudo é discutir a problemática da integração social e cultural do imigrante japonês e seus descendentes no contexto da imigração japonesa no Brasil na

obra premiada, Nihonjin (2012), do escritor paranaense, Oscar Nakasato. Além disso, pretende-se investigar os efeitos da desterritorialização do imigrante japonês no desafio da construção de uma segunda casa em terras brasileiras; e examinar as disparidades entre a condição dos homens imigrantes em comparação a das mulheres imigrantes. A metodologia utilizada inclui pesquisa bibliográfica e análise e mapeamento de trechos de Nihonjin que dialoguem com os objetivos propostos. Esse trabalho é pautado nos estudos desenvolvidos Masao Daigo (2008), Arlinda Rocha Nogueira (1984), Edward Said (2008), Deleuze e Guattari (1992), Andrei Cunha (2013), Vitor Uehara Kanashiro (2015), Shirley Carreira (2014), Alice Martha (2015) e Michele de Sá (2017). Ao reconstruir a história da imigração japonesa no Brasil, buscando manter coesão com os fatos históricos da época, Nihonjin problematiza a condição de ser colono e asiático no Brasil, denunciando os preconceitos, o conflito cultural dos imigrantes e os desafios eclodidos do impacto entre o sentimento de pertencimento e o desejo de retornar à terra natal. Além disso, a obra evoca a questão “japonês brasileiro, brasileiro japonês” proveniente do choque identitário enfrentado pelos descendentes.

O paradoxo entre prisão e liberdade no tempo das revoluções

Carla Tais dos Santos (UFRJ)

Resumo Os romances moçambicanos *Campo de Trânsito*, de João Paulo Borges Coelho (2007), e *Entre as memórias silenciadas*, de Ungulani Ba Ka Khosa (2013), apresentam a narrativa de protagonistas – J. Mungau e Gil, respectivamente – forçados a transitar da cidade para o campo. De homens livres eles se tornam, subitamente, prisioneiros que, sem direito à defesa ou julgamento e por ordem do Estado, são mantidos em cativeiro em áreas remotas e inóspitas. A liberdade de uma cela a céu aberto, ausente de grades, contrasta com os perigos, inerentes à natureza selvagem do espaço e do sistema, que ameacem a vida dos prisioneiros. Nesta travessia, marcada de violências e hiatos, o deslocamento físico se projeta sobre as identidades das personagens. Para sobreviver, ambos são impelidos a se transformarem em alguém em quem não se reconhecem. No caso de Khosa, a narrativa se mistura à história da revolução pela Independência de

Portugal e os primeiros anos do governo da Frente Nacional de Libertação de Moçambique (Frelimo). Os paradoxos que se instauram sobre a gênese de Gil se misturam às contradições que se estabelecem no país após a Independência. Ao evocar as memórias de uma época, Khosa ilumina, como destaca Hugo Achugar (2006), um lugar de negociação de diferentes contendidas entre diversos atores sociais, para, conseqüentemente, pensar o lugar dos sujeitos e das vozes que foram esquecidas pela narrativa oficial única. Já no caso de Coelho, as ambiguidades que estruturam a narrativa e o dilema existencial de Mungau não apontam para uma disputa sobre a história, mas sim sobre como os indivíduos se portam diante de suas próprias encruzilhadas. Pelo prisma de Nazir Can (2011), compreende-se que o romance de Coelho pode até tratar de questões locais, mas sempre em uma perspectiva global, considerando o conceito de global de Homi Bhabha (1998).

Pontes esquisitas para uma teorização latino-americana feminista e decolonial

Thayse Madella (UFSC)

Resumo A pesquisadora argentina Brenny Mendoza afirma que as “chicanas não podem substituir a teoria feminista latino-americana” (2017, p. 773). Não poder substituir não significa impossibilidade de dialogar. Meu objetivo é articular uma crítica literária de margem que aproxime grupos distintos, mas com relações a opressões que se tangenciam de forma a permitir conversas potentes e transformadoras, sem ignorar os contextos históricos e culturais que os diferenciam. Para isso, este trabalho busca esquisitar pontes entre os feminismos contra-hegemônicos da América Latina, mais especificamente do Brasil, e os pensamentos produzidos pelas chicanas, na fronteira entre os EUA e o México. Enquanto a conceituação do esquisito vem da pesquisadora brasileira Eliana Ávila (2015), a construção de pontes entre distintos grupos marginalizados emerge do pensamento fronteiriço de Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga (1981). Os trabalhos de Lélia Gonzalez (1984, 1988) e Larissa Pelúcio (2012) também se entrelaçam aos de autoras chicanas para questionar relações de poder e apagamentos culturais históricos. Além disso, minha experiência como

professora de letras-inglês em diferentes instituições de ensino superior e o uso em sala de aula das autoras aqui mencionadas também balizam minha própria teorização frente a epistemologias que viajam nas Américas e na existência de alunas e professoras em diálogo. O feminismo esquisito que discuto aqui é necessariamente decolonial e defende a produção de epistemologias que rompam com estruturas hegemônicas de conhecimento. Ao esquisitar pontes, desenvolve-se articulações a partir de uma visão conscientemente parcial capazes de encontrar as potencialidades políticas para construções epistemológicas que levam em consideração os saberes localizados.

**Vozes latino-americanas: resistências,
travessias e tessituras nos contos *Dos Palabras*,
de Isabel Allende, e *la Tejedora de palabras de rima*, de Valbona**

Ezilda Maciel da Silva (UFPA)

Resumo A comunicação visa refletir sobre a representação da mulher e os modos através dos quais a literatura escrita por mulheres possibilita identificar e tecer lugares possíveis de subversão do poder patriarcal. Assim, poetizarem múltiplas formas a construção dos sentidos, as obras literárias trazidas podem nos ajudar a acessar as formas como as identidades femininas têm sido reconstituídas no território latino americano, permitindo assim, uma reflexão crítica sobre como a trajetória de personagens femininas, inscritas em dois territórios diferentes da América Latina, pode nos dar acesso à história das mulheres representativas das vivências no continente latino-americano. O trabalho toma por objeto de análise os contos *Dos palabras*, da escritora chilena Isabel Allende, (2001) e *La tejedora de Palabras*, da costarricense Rima de Vallbona, (1992), afinando-se às interlocuções entre a Teoria Literária dos Estudos Culturais, Pós-coloniais e da Literatura Comparada, especialmente na perspectiva de Thomas Bonnici (2000) Eurídice Figueiredo (2020), Eduardo Coutinho (2009), Heloísa Buarque de Holanada (1994) Lúcia Osana Zolin (2017), entre outros. Por tal caminho, o texto propõe-se a refletir os modos através dos quais as subjetividades das personagens femininas latino-americanas se reconfiguram e se revestem de novas formas de lutar contra as opressões, que ainda permeiam na sociedade patriarcal.

Simpósio 72**Poder e violência em literaturas “marginais”**

Nícia Petreceli Zucolo (UFAM)

Marlise Vaz Bridi (USP)

Resumo A literatura como manifestação cultural elabora representações sobre o posicionamento de um grupo social, uma época, pela voz paradoxalmente singular e coletiva da autoria, e quanto mais central for essa voz, mais aceita como autêntica pelo cânone ela será. As práticas de sujeitos envolvidos em situação de opressão e violência, representadas em diversas manifestações culturais, inscrevem-se na construção simbólica dos corpos e da arte como uma materialidade, um corpo, uma subjetividade. Se essa subjetividade partir de uma ótica descentrada, seja pela elaboração estética, seja pelo ponto de origem, percebe-se que as engrenagens de opressão começam a movimentar-se, exigindo uma aprovação do cânone, tradicionalmente hetero-normativo, branco, masculino. Mulheres, homossexuais, transexuais, negrxs, indígenas, quilombolas, precisam ter seu fazer artístico validado pelo centro hegemônico de prestígio e disseminação cultural de seu país. A tradição, no que tem de negativo e prejudicial às manifestações culturais, insidiosamente oprime a inovação, tanto da perspectiva de autoria, quanto de forma, conteúdo e personagens. Nesse sentido, manifestações culturais, dentre elas a literatura, com obras que problematizam questões de gênero, sexualidade, poder, violência e identidade de modo amplo, são fundamentais como alerta (na falta de outra palavra) para essa situação. Pensar em Stela Manhattan, de Silviano Santiago, Lory Lamb, de Hilda Hilst, Delfina e Maria das Dores, de Paulina Chiziane, Constança H, de Maria Teresa Horta, Fernando Seixas, de José de Alencar, Bento Santiago, de Machado de Assis, a narradora inominada de *A manta do soldado*, Myra, de Maria Velho da Costa, Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, é perceber como o controle é sutil, normatizando comportamentos e criando espaços de exclusão e de violência institucionalizada. Aqui, podem ser acrescidos elementos como o geográfico: as escritoras do norte do país têm o mesmo trânsito que as escritoras do sudeste? As escritoras do sudeste têm o mesmo trânsito que os escritores do nordeste? As escritoras do séc. XIX tinham sequer sua existência reconhecida? Michel Foucault, em seu primeiro volume da *História da*

sexualidade, afirma que [a] sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2005, p. 100). Tome-se a fala de Foucault como fundamental para entender que a sexualidade transcende questões de gênero e desejo. Entenda-se a sexualidade como um mecanismo de controle, uma maneira de educar os corpos, singularizá-los de modo a “desencorpar” o indivíduo, tentando revesti-los de uma igualdade normalizadora, que – ao mesmo tempo em que diz reconhecê-lo individualmente – apaga sua identidade, transferindo-a para o grupo, onde é mais fácil o controle (SCOTT, 2005). O modo como os papéis sociais precisam ser definidos conforme o que é normatizado desvela a necessidade de se buscar a resistência pela literatura ou por outras manifestações culturais, como cinema e música, por exemplo. O domínio do cânone pelo discurso hegemônico masculino ainda é uma realidade, entretanto a abertura para discussão em espaços tradicionalmente masculinos, como a academia e a produção literária, possibilita olhares de diferentes ângulos sobre a construção de papéis sociais de homens e mulheres e seus exercícios de sexualidade e identidade. A literatura e a produção de obras artísticas que abordem a performance de corpos considerados abjetos, de identidades desviantes, são cruciais para o enfrentamento de um cânone literário que espelha uma sociedade misógina, racista, homofóbica e xenofoba. As diversas transformações nos papéis sociais de gênero e sexualidade historicamente vivenciados pela sociedade são uma realidade, e como tal ecoam na literatura e nas produções artísticas, levantando algumas questões como: será que a representação da mulher e do homem assume aspectos distintos a partir da autoria feminina? Será que a sororidade (entendida como resistência ao patriarcado, tida como relação de união, colaboração, apoio e empoderamento entre mulheres) se faz presente no discurso ficcional de autoria feminina? Será que os escritores pensam as personagens femininas a partir de estereótipos, permitindo às masculinas uma maior mobilidade? A relação corpo-desejo-identidade é problematizada tanto por homens quanto por mulheres, sejam trans ou cisgênero? Como e por quem é representada a abjeção e a violência? O poder e a violência

são representados igualmente por autores e autoras? O grupo de pesquisa Relações de gênero, poder e violência em literaturas de língua portuguesa espera para este simpósio trabalhos que problematizem questões de gênero (do feminino, do homossexual, do queer, das novas masculinidades, do corpo, do abjeto), trabalhos que investiguem as relações de poder e violência, a cisão – ou não – do poder patriarcal na contemporaneidade, tomando como base o texto literário, erudito ou popular, consagrado ou não canônico, ou outras produções culturais, como as advindas do cinema e/ou da música.

A casa, primeira habitação: lugar de memória, infância e de mulher

Vania Maria da Silva (USP)

Resumo Tendo em vista a relevância do espaço ficcional para o efeito de sentidos no texto literário, o artigo tem como proposta demonstrar como a representação do espaço-casa no romance *A Cidade de Ulisses*, da autora portuguesa Teolinda Gersão, revela tensões e conflitos das personagens. Nesse sentido, o artigo baseia-se em conceitos e análises de Antônio Candido, Osman Lins, Ida Alves, Joana Marques de Almeida sobre tal elemento literário e centraliza reflexões sobre as relações do sujeito feminino Luísa, silenciada e apresentada pelas memórias do filho Paulo Vaz, com o espaço da casa, destinado às mulheres nas sociedades patriarcais. Na memória do narrador, a casa-opressão do menino é também a casa-prisão para Luísa Vaz. Devemos pontuar que a sociedade patriarcal destinou às mulheres o espaço da casa, o espaço privado, e para os homens, o da rua, o público. Na história das conquistas marítimas dos portugueses, as viagens foram álibis para que os homens se lançassem ao mar, e conforme o narrador de Teolinda Gersão, recuperassem “sua liberdade por inteiro”. Foi assim que “Ulisses encontra na guerra de Tróia um álibi perfeito para abandonar Penélope” (idem). Também os portugueses deixaram mulheres e filhos em busca de novos mundos. O objetivo desta comunicação é pontuar como o espaço-casa no romance funciona como um espaço opressor e violento ao sujeito feminino. Além de estar invisível aos olhos do mundo e enclausurada, Luísa Vaz é um corpo invisível também na sala da casa. Ao relembrar a figura materna, o narrador a expõe a mãe objetificada, coisificada,

figurada como mais um objeto decorativo que deveria estar devidamente organizado e limpo quando o Major Sidônio Ramos chegasse.

A corporalidade textual e a corporalidade infantil em “Meninas” de Maria Teresa Horta

Marlise Vaz Bridi (USP)

Resumo Maria Teresa Horta, enquanto poetisa, é, inequivocamente, marcada pela temática forte do corpo como ponto de partida para refletir acerca de seu lugar no mundo social e poético, em que o elemento erótico perpassa sua escrita em imagens de afirmação da liberdade da mulher. Sua poesia, elaborada desde os anos 60 do século XX, a imagem do corpo em plenitude é a afirmação do feminino como palco de luta, que denuncia a transformação da perspectiva acerca da mulher e de seu estar no mundo. Nesse sentido, as muitas relações entre a poesia e a prosa de ficção da escritora, desenha-se, desde logo, a partir do título de seu primeiro romance – “Ambas as mãos sobre o corpo” – nesta mesma direção, que entretanto se radicalizará com a publicação dos emblemáticos livros “Minha senhora de mim”, seguido das “Novas Cartas Portuguesas”, este último publicação conjunta com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, marco das lutas que antecederam a Revolução dos Cravos. Toda a obra da autora, só fez aprofundar as raízes dessa ordem de reflexões, quer em poesia, quer em prosa. Nessa oportunidade, tratar-se-á, a partir de teorias da corporalidade textual e da corporalidade infantil, de examinar o livro de contos “Meninas” (2014), em que a violência e o poder são flagrados como exercidos sobre crianças, particularmente no caso, sobre crianças no feminino.

A representação da mulher indígena na obra *Canumã: a travessia*, de Ytanajé Coelho Cardoso

Luciane Maria Legeman Salorte (FURG)

Resumo Concordamos que o texto literário constitui um lugar de mediação e, nesse sentido, é compreendido como uma prática discursiva,

representando e produzindo a realidade. Tal entendimento encontra-se sob a égide de que a literatura é um constructo cultural. Sendo assim, o presente trabalho busca estudar, em linhas gerais, a representação da mulher indígena por meio da leitura e análise da obra *Canumã: a travessia* (2019), do escritor indígena Munduruku Ytanajé Coelho Cardoso. Verifica-se na obra a presença das vozes da ancestralidade guardada na voz da mulher indígena, e o olhar dessa mulher engendra o processo composicional da escrita. A obra segue as características do gênero narrativo romance (abordagem canônica) e encontra-se circunscrita ao que se denomina literatura indígena contemporânea. Sobre isso, Daniel Munduruku (2011) defende que a literatura que os escritores indígenas estão criando carrega em si suas próprias sociedades e culturas. É uma literatura genuinamente brasileira, no que diz respeito ao pertencimento ao lugar onde se vive e no qual seus mortos são enterrados. Ou seja, uma escrita atravessada por memória, história e resistência. Para fomentar o exercício intelectual, escolheram-se textos teóricos de escritores indígenas e não indígenas: Daniel Munduruku (2011), Graça Graúna (2013), Ailton Krenak (2018), Eliane Potiguara (2018), Julie Dorrico (2020), Lynn Mario T. Menezes (2011), dentre outros.

A transgressão da tradição: o romance de formação feminino, em *Myra* (2008), de Maria Velho da Costa

Jéssika Aparecida Santachiara Nascimento Santos (USP)

Resumo *Myra* (2008) é o último romance publicado em vida de Maria Velho da Costa, autora portuguesa contemporânea. O que se consta nessa narrativa é o percurso existencial de Myra, uma jovem russa, moradora de Portugal, que ao lado de seu cão Rambô foge de casa para garantir sua existência. A história revela o processo de formação da personagem por meio de suas experiências como mulher, irmã, amiga e amante. A partir disso, a presente pesquisa investiga os conceitos de romance de formação, de arquétipo da mulher selvagem e de construção do discurso feminino na obra *Myra*, além disso busca-se avaliar como tais questões impactam na literatura portuguesa contemporânea de autoria feminina. No que se refere ao romance de formação, investiga-se as relações entre o corpus selecionado e a

tradição do Bildungsroman, em especial o papel da mulher enquanto protagonista desse gênero. Ainda sobre as questões do feminino, a pesquisa não só verifica a figuração do arquétipo da mulher selvagem a partir da relação de identificação entre o cão e a protagonista, mas também os processos de legitimação do discurso feminino. Para tanto, parte-se de um aporte teórico, embasado nas proposições de Mikhail Bakhtin (1993), George Luckács (2009) Franco Moretti (2020), Marcus Vinicius Mazzari (2018), Cristiana Ferreira Pinto (1990), Simone Beauvoir (2016), Clarissa Pinkola Estés (2018) e Cleide Antonia Rapucci (2011). Os resultados obtidos demonstram que o romance de formação ao adotar uma personagem feminina enquanto protagonista rompe com a tradição e permite novas interpretações.

Antagonismo e fragmentação: a representação da violência no conto “Espiral”, de Geovani Martins

Keury Caroline Pereira da Silva (UEMA)

Resumo Neste artigo buscamos analisar a representação da violência no conto Espiral, do livro *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, por meio da figura do “narrador descentrado”, que caracteriza grande parte dos narradores ficcionais na contemporaneidade (GINZBURG, 2012c). Por este ângulo, investigamos a narrativa sob a ótica de um antagonismo que permeia o âmago do texto, caracterizado pela oposição entre o estranhamento e a naturalidade com que os personagens protagonistas lidam e reagem à violência descrita no conto. Essa construção de estilos que envolvem a temática da violência explorada no conto cria um refinamento em torno do tema, que se distancia da mera exposição do brutal e constrói uma crítica pautada na denúncia simbólica da desigualdade social. Para isso, propomos uma leitura do conto apoiada nas ideias de autores como: Jaime Ginzburg (1999; 2010; 2012a, b, c), Adorno (1983), Benjamin (1994), João Rocha (2006), e outros. Desse modo, é possível identificar no conto uma representação da violência difundida tanto no polo da temática como na estruturação do conto, sendo experimentada ao longo da composição de uma fragmentação dos sentimentos do narrador personagem, que não compreende suas atitudes e age com estranhamento diante de si mesmo e do outro, ao compor uma estética da violência

na literatura brasileira contemporânea que não se detém em uma banal exibição do “cruel”.

Carolina à luz do gênero e da raça

Naiva Batista Ferreira

Resumo Este texto revisita o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, a partir das perspectivas de gênero e raça. Para isso, parte-se da definição de gênero de Kay Deaux (1985), em que as características psicológicas, sociais e culturais estão fortemente associadas às características biológicas de homem e mulher; da visão de Joan Scott (1995) ao enfatizar que o gênero é todo um sistema de relações que, embora possa incluir o sexo, não é por ele determinado, nem determina diretamente a sexualidade; de Sartori (2004) para quem o gênero é uma construção social, onde permeiam as relações de poder entre homens e mulheres e que variam conforme as diferentes sociedades e culturas, até mesmo dentro de uma mesma sociedade. Sob à luz do estudo do gênero, é prudente, pois, afirmar que a construção da identidade da mulher e autora Carolina perpassa por todos esses espaços e instâncias que atravessam o ser. A literatura negra de Carolina vem ressignificá-la, construí-la enquanto mulher, negra, mãe e autora. A voz caroliniana não é solitária, ecoa em vozes plurais. Funde o eu e o nós, conforme Conceição Evaristo (2010), tudo possui um valor coletivo. Os relatos de vida de Carolina apresentam todo um comprometimento com a vivência da mulher negra e pobre, no qual se percebe a presença de um espaço demarcado por uma ideologia de resistência e luta, através de uma fala afirmativa que rompe com os discursos institucionalizados e alheios à condição negra e feminina.

Como vencer gigantes, uma leitura de *Teu segredo: os nomes*, de Maria Lúcia Medeiros

Nícia Petreceli Zucolo (UFAM)

Resumo A presente comunicação tratará do conto de Maria Lúcia Medeiros, intitulado *Teu segredo: os nomes*. A escrita da autora paraense

se faz a partir da Amazônia, afastando-se da ideia reducionista que condena a literatura produzida na região a meramente representar uma natureza selvagem ou um território urbano hostil. Isso precisa ser mencionado, já que o cânone é duplamente desafiado: pela autoria de uma mulher e pelo local de onde essa mulher escreve e publica. Ao acrescentar a esse duplo desafio a temática do conto, referente à violência doméstica e à impossibilidade de superá-la pelos meios institucionalizados, tradicionalmente a serviço do patriarcado, torna-se impossível não questionar o porquê de sua existência ser ignorada pelo centro hegemônico de difusão de cultura, notadamente o sudeste e o sul do país. A leitura aqui proposta reveste-se de um caráter feminista, entendendo o estudo fundamentado no gênero, como categoria de pesquisa. Em seu estudo, intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (2019), Joan Scott fornece uma visão ampliada acerca das definições de gênero e sobre como esse conceito, ao se opor ao pressuposto biológico que se costumava relacionar com os papéis dos sexos em sociedade, poderia ajudar a construir as bases de um novo olhar para a história, que engloba não apenas as lutas femininas como também as relações entre homens e mulheres como fator ativo nas relações de poder. Quando desfia o tecido que compõe as relações de poder, a mulher desmistifica o discurso patriarcal, seja pela subversão da ordem, seja pelo discurso literário, seja pela ação narrada.

Corpos marginalizados em *O abajur lilás*, de Plínio Marcos

Sergio Manoel Rodrigues (USP)

Resumo A dramaturgia de Plínio Marcos é um universo habitado por seres pertencentes ao submundo, os quais são focalizados a partir de uma realidade que revela as mazelas humanas, tais como homofobia, violências e miséria. Nas peças do referido dramaturgo, há uma forte crítica à sociedade excludente, seja em decorrência do contexto marginal em que se encontram suas personagens, seja devido ao comportamento assumido por estas. Desse modo, tendo como base a pesquisa bibliográfica e o método indutivo, o objetivo desta comunicação é analisar na obra pliniana *O abajur lilás* (1969), cuja temática central é a prostituição do corpo feminino – ora agredido, ora agressor

–, os embates entre os seres ficcionais da trama. Assim, considerando o meretrício e a violência como práticas que se concretizam por meio da subordinação de corpos, como e o que essas problemáticas emergem no teatro de Plínio Marcos? Na peça em questão, Dilma, Célia e Leninha são mulheres que dispõem seus corpos não apenas a tal ofício, mas também a outras violências advindas dos contatos que estabelecem com demais corpos marginalizados, o que acarreta uma tensa relação pautada na execução de poder e na realização ou privação das vontades dessas personagens. Incluem-se neste trabalho, dentre as principais fundamentações teóricas, os estudos de Sábato Magaldi, em *Panorama do teatro brasileiro* (2004), Jaime Ginzburg, em *Literatura, violência e melancolia* (2013) e Michel Foucault, em *Microfísica do poder* (2017).

Crítica literária de autoria feminina em recorte: contribuições de Maria Alzira Seixo para uma leitura equânime da produção literária portuguesa de autoria feminina

Priscila Fernandes Balsini

Resumo Em 2021, a revista *Colóquio/Letras*, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, completa cinquenta anos (1971-2021), tendo contado com a colaboração amiúde da crítica literária portuguesa Maria Alzira Seixo. Essa proposta assume um recorte temporal de análise dos textos críticos seixianos (ensaios, resenhas e homenagens, entre outros), publicados entre os anos de 1974 e 1985, período de grande acento da produção literária de autoria feminina portuguesa, a fim de promover uma reflexão acerca da contribuição da crítica literária à leitura de tais obras. Tendo em vista o fato de tratar-se de um expoente feminino em um campo de atuação marcadamente masculino, buscamos, a partir da observação do texto seixiano e de seu contexto histórico, compreender questões como: de que maneira a atuação de Seixo na *Colóquio/Letras* pode ter contribuído para a visibilidade e o fomento à leitura de obras de autoria feminina em Portugal? Qual o grau de autonomia reflexiva da crítica literária de autoria feminina em relação ao androcentrismo vigente na área? A propósito, o tratamento dado pela crítica aos textos de autoria feminina distingue-se do perpetrado por seus pares? Podemos

concluir que a crítica, que, reconhecidamente, colaborou para uma visão sobre as transformações e o desenvolvimento da literatura portuguesa contemporânea, também influenciou sobre um olhar equânime em relação à produção literária de autoria feminina em Portugal? A partir dessas indagações propulsoras, pretendemos examinar o contexto de atuação de Seixo no período delineado; aventar as possíveis forças, tensões, relações de poder em imbricamento; além de observar os recursos formais utilizados pela crítica em suas análises. Entre os referenciais acercados destacam-se Arnaut, Barthes, Bosi, Magalhães, Rector, Reis, Showalter e Woolf.

De uma estética da violência: poder e experiência urbana em Patrícia Melo

Sergio Schargel Maia de Menezes (USP, UERJ, UFF, UNIRIO)

Resumo Thomas de Quincey, em seu clássico livro de 1827, *Do assassinato como uma das belas artes*, sugere que, com a revolução burguesa, a violência se tornou estética. De fato, a profusão de romances policiais nas décadas seguintes, bem como a disseminação do jornalismo e, mais especificamente, do jornalismo sensacionalista com suas fronteiras borradas entre o real e a ficção, eleva a violência a entretenimento e prazer. A escritora paulista Patrícia Melo pode ser pensada como uma herdeira do pensamento de Quincey. Seus mais de 10 romances publicados, embora heterogêneos entre si, possuem um aspecto em comum: a estética da violência. De *O matador*, seu segundo romance e talvez o mais famoso, a *Mulheres empilhadas*, o último, a relação entre violência, experiência urbana e poder – particularmente poder como dominação sobre outros indivíduos, em perspectiva foucaultiana – é o elo em comum de toda sua obra. A proposta deste trabalho é, a partir de um diálogo qualitativo entre dois dos livros de Melo, *O matador* e *Gog Magog*, uma base teórica sobre poder, do qual não se escapa de Michel Foucault, e obras sobre estética da violência, contando como autores como o próprio Quincey, Vera Lúcia Follain e Ernest Mandel, perceber a reconstrução dos argumentos de Quincey no escopo da literatura brasileira contemporânea. Ante a hipótese de que a ficção de Melo apreende a transformação de violência em arte, será possível contribuir para o estado

da arte ao adicionar uma nova ótica, deslocada em tempo e espaço, sobre o texto de Quincey.

Desejo e poder na obra

***Nada digo de ti, que em ti não veja*, de Eliana Alves Cruz**

Wanessa Reis Filgueiras (UFAM)

Resumo Nesta pesquisa, propomos fazer um estudo acerca do desejo que um corpo tido como abjeto, o corpo de uma mulher transgênero, desperta, bem como as relações de poder que temos intrínsecas socialmente, firmadas por meio do patriarcado e das classes sociais dominantes, presentes no romance *Em Nada digo de ti, que em ti não veja*, no qual a personagem Vitória, uma mulher negra, transgênero, ex-escravizada, será analisada. A história se passa no século XVIII, e temos vários temas abordados na obra que são atuais e trazem reflexões e questionamentos, como a dificuldade das pessoas aceitarem a identidade de gênero e o corpo transgênero. Utilizaremos a teoria de Judith Butler nos auxiliará sobre o não binarismo (homem/mulher, feminino/masculino), e como esta pode ser analisada e exemplificada por meio da obra de Eliana Alves Cruz. As ideias de Sueli Carneiro trarão à tona a temática do racismo, do sexismo e da desigualdade no Brasil, sobretudo em relação às estruturas das relações sociais e políticas no Brasil. Carla Akotirene, por sua vez, falará sobre as interccionalidades, que também nos guiarão para compreender que Vitória não é apenas uma mulher trans em busca de espaço na sociedade, mas também uma mulher negra e ex-escravizada com lutas em diversas esferas e espaços dentro da sociedade brasileira do século XVII.

Do porão à superfície: reflexões acerca do Homoerotismo e do Cânone Literário a partir das obras de Luís Capucho

Sandro Aragão Rocha (UFRJ)

Resumo Em nossa pesquisa trabalhamos com duas obras literárias do escritor Luís Capucho: *Cinema Orly* (1999) e *Rato* (2007). Esses dois

romances contam a história de um personagem que vive as possibilidades de desejo e afeto homoerótico em diferentes espaços: em um cinema pornô, na “cabeça de porco”, em terrenos baldios, banheiros públicos, entre outros lugares. Além de nos levar a refletir, juntamente com o personagem, sobre o cotidiano, as identidades e os espaços na qual se tece as relações narradas pelo escritor. As obras de Luís Capucho trazem em seu bojo um aprofundamento da representação das relações homoeróticas, articulando experiência vivida com ficção. O escritor, para nós, merece atenção especial por trazer para o universo da literatura uma estética que contempla personagens que se mantinham, até então, no que socialmente se tratava como “sub-mundo gay”. Nesse sentido, através do trabalho com as palavras, Capucho traz à superfície narrativas que até então se mantinham ocultas. Por conta desse motivo nos interessamos em pesquisar sobre a literatura desse autor: sabendo que seus romances, tendo em vista a forma adotada por sua escrita, tal qual o tema abordado, não se enquadram no que é contemplado pelo cânone literário, o que faz suas obras serem pouco estudadas no âmbito acadêmico, assim como a sua temática – o homoerotismo –. Dessa forma, a partir das análises feitas dos romances de Capucho, buscamos deixar à mostra como o cânone literário brasileiro tem como base uma falsa democracia, adotando como critério para as suas escolhas obras que reafirmem o seu discurso, deixando de lado qualquer escritor ou narrativa que se oponha às suas crenças. Os dois romances de Luís Capucho, nesse sentido, emergem como um ponto de inflexão às engrenagens canônicas, deixando exposto o seu discurso falacioso a partir de um trabalho que demonstra originalidade e subversão.

Figurações da violência em dois contos chamados “Branca de Neve”

Ana Luiza Gerfi Bertozzi (USP)

Resumo Este trabalho tem como objetivo entender a relação dialógica (BAKHTIN, 1997, 1988) entre um conto contemporâneo português, de Lúcia Jorge, e um conto de fadas popular, fixado pelos Irmãos Grimm, ambos chamados “Branca de Neve”, por meio da comparação das figurações da violência (BENJAMIN, 2011; FOUCAULT, 1998,

2000) evidenciadas pela relação estabelecida entre sujeitos – as protagonistas femininas – e os espaços pelos quais transitam tais sujeitos. A análise se dá a partir das premissas de que a literatura é resultado de um discurso estético e, como tal, é histórica, dialógica, social e ideológica (BAKHTIN, 1997, 1988; BENVENISTE, 1976; KRISTEVA, 2005); e a de que o texto literário é aquele em que se figuram as categorias de mundo: pessoa, tempo e espaço (BENVENISTE, 1976; KRISTEVA, 2005) e, desse modo, como forma histórica (PONTIERI, 2012), se propõe a constantes atualizações de seus recursos e de seus sentidos, seja como continuidade, seja como ruptura. É o que se pode verificar no conto contemporâneo “Branca de Neve”, de Lídia Jorge, em que se atualiza a relação sujeito-espaço do conto fixado pelos irmãos Grimm, ressignificando as figurações da violência. Neste conto, a violência familiar e restrita, em grande parte, ao ambiente privado das residências, torna-se presente tanto no ambiente público da rua, quanto no ambiente privado do trabalho, e passa a ser baseada tanto nas relações de trabalho, quanto nas relações sociais.

Günderrode, Robinson e Alorna: poetas do 18, poetas do agora

Elisangela Aneli Ramos de Freitas (USP)

Resumo O que há de comum entre Karoline von Günderrode, Mary Robinson e Marquesa de Alorna? Talvez, como falantes de língua portuguesa, saibamos que Marquesa de Alorna foi uma poetisa lisboeta, nobre, nascida no século XVIII e membro da Arcádia Lusitana, frequentadora dos outeiros do convento de Chelas, onde ficou enclausurada por 17 anos em decorrência do Processo dos Távoras. Mas provavelmente desconhecamos Günderrode, igualmente poeta nascida no século XVIII na Alemanha, morta aos 26 anos de idade, vítima pelo suicídio. Por sua vez, Mary Robinson, inglesa, a última eleita para compor aqui uma tríade de poetisas da virada do XVIII para o XIX, cujo fato notório de sua biografia foi ter sido também atriz e amante do rei inglês. O nosso conhecimento sobre estas autoras se encerram nestas poucas informações, uma vez que apenas estes mirrados fatos de suas biografias chegaram aos tempos atuais, deixando em segundo plano a publicação, a análise e a apreciação de sua obra. Mas, o motor para que, talvez, nunca tenhamos ouvido falar destas

autoras é, sem dúvida, o fato de elas serem mulheres. No livro “The trouble with women”, a cartunista inglesa Jacky Fleming diz, em tom de deboche, que provavelmente não existiram mulheres no passado, já que quase não há, em nossa cultura, registros de feitos ou descobertas realizados por elas. Neste tom irônico da cartunista deflagramos o silenciamento imposto às mulheres ao longo dos tempos, denunciado no decorrer das vagas feministas que lutam pelos direitos da igualdade sexual e chegando aos dias atuais. Desta forma, propomos discutir a problemática aqui apresentada, na apresentação das poetisas do 18, para que elas se façam presentes, aqui e agora.

Maibi: mulher, mimo, mercadoria – a construção metafórica da figura feminina como mercadoria de troca em relações de poder e violência nos seringais da Amazônia

Alcione Alves de Oliveira de Araújo (UFAM)

Resumo Os seringais da Amazônia foram campo de muitas mazelas humanas. Entre elas a violência. Nesse espaço, ela se materializou com muitas faces: escravidão, miséria, poder, morte, exploração sexual e financeira, prostituição... Este artigo objetiva discutir duas dessas faces: a violência de gênero e as relações de poder, metaforizadas na figura feminina como moeda de troca nos seringais. Para tanto, o conto Maibi, um dos contos/capítulos de Inferno de Verde, de Alberto Rangel, será o objeto de análise. Partindo dos conceitos propostos pela metáfora conceitual, Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) com base em Lakoff e Johnson (1980/2002), construir-se-á as relações de poder e violência postulados em Bourdieu (2007; 2002; 1980) de modo a expor a situação da mulher naquele ambiente insólito e degradante da condição humana. Assim, discutir aspectos dessas relações em que o patriarcalismo subjugava a mulher aos senhores dos seringais, bem como a materialização da violência de gênero nos espaços dos seringais pela metaforização na figura feminina ao ser usada como moeda de troca. Por fim, a concepção de Maibi com um valor monetário no seringal revela que, em uma sociedade patriarcal, a mulher é mercadoria passível de escambo por seus “proprietários” para lhes saciar os desejos carnis e oníricos.

Memórias de um sobrevivente: representação da violência e seus efeitos

Patrini Viero Ferreira (UFSM)

Resumo *Memórias de um sobrevivente* (2001) é um livro de Luiz Alberto Mendes que inicia uma trilogia acerca da vida do autor no sistema prisional. Nesse primeiro volume, Mendes narra sua trajetória de infância e elenca os fatores determinantes para suas diversas prisões e inserção no mundo da criminalidade. A partir de sua própria experiência, o narrador aborda os abusos, as repressões e o autoritarismo presentes no universo carcerário. Nessa linha de pensamento, o objetivo deste trabalho é identificar a representação da violência dentro de *Memórias de um sobrevivente*, associando essa prática ao contexto político que o país atravessava no momento da escrita do livro. Para tanto, lança-se mão de teóricos como Bordieu, Chauí, Scarry, Ginzburg e Michaud. Por meio da análise de fragmentos selecionados da obra, pode-se concluir que a violência aparece como uma ferramenta de dominação e controle sobre uma parcela da população encarada como ameaça e indesejada socialmente. Nesse sentido, *Memórias de um sobrevivente* se configura como um testemunho dos diversos níveis de violência a que estão submetidos esses sujeitos. A narrativa também encerra um caráter crítico, à medida que denuncia não apenas o sistema prisional falido, mas o estigma de criminoso que todo presidiário carrega, o julgamento que ele traz consigo e as consequências brutais desse rótulo.

Metamorfoses de Luiza Neto Jorge: infinitas invenções poéticas

Carolina Alves Ferreira de Abreu

Resumo Nesta pesquisa proponho-me discorrer acerca do corpo da mulher e da representação deste na escrita, ou melhor especificando, no corpo da escrita, trazendo à tona as nuances da crítica feminista em relação ao estudo da poesia da poetisa portuguesa Luiza Neto Jorge, sobretudo no que diz respeito às questões relacionais de gênero presentes em uma literatura de autoria feminina. Elódia Xavier (2001), em “Para além do cânone”, questiona-nos se seria válida a

permanência do cânone mediante um poder regulador e excludente diante de tamanhas pluralidades vivenciadas no mundo. Adentrando as peculiaridades da poética de Luiza, atesto a importância de pensar e repensar tantas realidades femininas, vividas em diversas perspectivas, que as tornam para além do cânone literário. Proponho-me, ainda, abordar um ponto central: a análise de tais construções presentes, por exemplo, nos poemas “Metamorfose”, “Minibiografia”, “Deita-se como um objecto” e “Objecto propagado ao mar”, dentro dos parâmetros propostos de ruptura com tal pensamento hegemônico, sobretudo no que se refere à perspectiva literária: a hora e a vez de uma mulher escrever tanto a sua quanto a história experienciada por tantas outras mulheres. Para desenvolver as ideias deste trabalho, serão utilizadas algumas teorias, tais como as de Donna Wilshire (1997), de Michele Perrot (2003), de Elizabeth Grosz (2000) e de Anna Klobucka (2009), como também outras teóricas ou teóricos para complementar a pesquisa.

Paixão em Constança H.: arrebatamento, dor e morte

Maria Luiza Germano de Souza (UnB)

Resumo A personagem Constança H., do livro *A paixão segundo Constança H.* (2010), de Maria Teresa Horta, põe em choque ancestralidades femininas interditas, sobretudo as que dizem respeito ao erotismo das mulheres. A paixão desmedida da protagonista pelo marido a faz experimentar várias situações trágicas: o aniquilamento dos filhos, o suicídio do cônjuge, a morte de Adele e, de certa forma, a dela mesma, que se vê presa na própria loucura. Por não aceitar e/ou poder conviver com a traição de Henrique H., algo caro às mulheres no “Reinado do pai”/“Reinado do patriarcado”, é aberta uma ferida que a faz precipitar-se num abismo do qual não consegue sair, como se, por amar sem medida e por ser inscrita em “excessos”, conforme ela mesma repete em algumas partes do livro “talvez eu morra do próprio excesso”, não pudesse experimentar, sem punição social ou psicológica, a fantasia do erótico, da *La petite mort*, como teoriza Georges Bataille (1987). A ideia de erotismo do corpo, erotismo dos corações e do erotismo sagrado desemboca no que o crítico chama de desejo de continuidade do ser. As vias para que isso (continuidade) ocorra se

dão pelo erotismo, pela morte, pela reprodução e pela violência. Vis- to desse modo, o homem e a sociedade têm sido “os sacrificadores” da libido e da erótica da mulher, limitando a sua inserção no mundo das *La petite mort*. Porém, a narrativa de Maria Teresa Horta infringe essa “norma”, fazendo com que Constança H. deseje, pela união do seu corpo ao do marido, a experimentação da morte/vida plena. Assim, para esta atividade, serão feitas considerações sobre essa mimetização da morte e da paixão na personagem Constança H. O arcabouço teórico básico serão *A história da sexualidade I*, Michel Foucault (1977) e *O erotismo*, Georges Bataille (1987).

Preconceito e dor: os contornos sociais da escrita autobiográfica de Édouard Louis no mundo contemporâneo

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior (UERJ)

Resumo A presente comunicação se insere no campo de investigações das escritas de si, em que o autor-narrador-personagem escreve sobre a própria vida. Desse modo, tendo como foco a obra de Édouard Louis (1992), escritor já bastante reconhecido na França, apesar de jovem, mas ainda pouco estudado no Brasil, este trabalho trará à baila questões importantes no que diz respeito à literatura LGBTQIA+. Além disso, propõe-se pensar a autobiografia – episódica e visceral – de Édouard Louis, *O fim de Eddy*, a partir da obra de Philippe Lejeune, *O Pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*, analisando se as escritas do “eu” do autor-narrador correspondem às categorias estudadas por Philippe Lejeune. Dentro dessa modalidade de escrita, serão evocados, na obra do autor, aspectos de preconceito e dor que adquirem contorno social no mundo contemporâneo. Nesse contexto, apresentar-se-ão importantes questões de escritores como Judith Butler e Gilles Deleuze para a quebra de paradigmas obsoletos – incapazes de responder às atuais demandas coletivas – a fim de pensar em possíveis transformações iminentes na sociedade, de maneira que sejam engendrados novos caminhos para os movimentos sociais instituírem as suas ações afirmativas. Em paralelo, entre conflitos das conjunturas sociopolíticas do passado e do presente, evidenciará que as escritas édouardianas não são compostas somente por relatos de seu passado, mas também por denúncias de

uma vida segregada pela homofobia, que faz eclodir, de sua dolorosa narração, o aspecto catártico, mas também engajado. Portanto, a partir da narrativa autobiográfica de Édouard Louis, será possível observar um pequeno espelho vitral, reconstituído por dolorosas escritas, capaz de refletir uma sociedade, com novas subjetividades, em ruptura com os mecanismos de preservação de valores não só arcaicos, mas também opressores.

Relações de poder e hierarquias discursivas em Amara Moira e Geovani Martins: considerações finais de pesquisa

Leandro Souza Borges Silva (UFBA)

Resumo Essa proposta tem como objetivo estabelecer discussão de cunho literário-crítico a respeito das relações de poder e hierarquias discursivas presentes na obra de dois autores contemporâneos: Amara Moira e Geovani Martins. O relato autobiográfico escrito por Amara Moira, em ‘E se eu fosse puta’, juntamente com a coletânea de contos intitulada *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, se estabelecem produções literárias cuja expressão permite averiguar contundentes representações do espaço urbano, suas contradições e antagonismos. Nesse sentido, amparando-se em abordagem metodológica de cunho bibliográfico, essa proposta tem como aporte teórico as premissas de ‘espaço urbano’ (GOMES, 1999; PESAVENTO, 2002), ‘expressão sexualmente transviada’ (BENTO, 2017) e de ‘literatura marginal’ (NASCIMENTO, 2006; PATROCÍNIO, 2016). Dessa forma, acredita-se que a articulação desses conceitos possibilita apreender a construção literária desses autores a partir de uma ótica descentrada, engendrando abordagens a contrapelo que protagonizam performances periféricas insurgentes. Como resultado, nota-se que ‘E se eu fosse puta’, juntamente com narrativas seletas de ‘O sol na cabeça’, se estabelecem enquanto produções literárias que agenciam marcadores discursivos sociais, históricos e políticos para desvelar estruturas coloniais modernas institucionalmente legitimadas. Abordar e problematizar essas obras sob essa ótica, portanto, possibilita repensar acerca da divisão dos espaços, das relações desiguais que permeiam a cidade e das possíveis estratégias de resistência e subversão que atuam em favor pela democratização dos espaços.

**Rompendo amarras:
a resistência das mulheres velhas
em dois contos de Cíntia Moscovich**

Cristiane da Silva Alves (UFRGS)

Resumo Depois de cumprir os papéis tradicionalmente previstos, de esposa e mãe, a sociedade não hesita em relegar a mulher a um espaço marginal, invisibilizando-a e sufocando os seus desejos. Resta-lhe, quando muito, a condição de avó. As mulheres velhas que ousam reivindicar liberdade para, ainda, realizarem-se pessoal, afetiva e/ou sexualmente, geralmente causam escândalo. Delas, não se espera mais do que sujeição e silêncio. Assim tem sido ao longo dos anos, inclusive nas representações artísticas, que não costumam acolher com naturalidade os possíveis “desvios”. As mulheres que, inconformadas, pleiteiam posições que escapam aos padrões previamente estabelecidos, não raro, são tratadas como débeis, excêntricas, rechaçadas e condenadas à solidão e/ou ao aprisionamento. Na contemporaneidade, entretanto, sobretudo na literatura de autoria feminina, verifica-se que vêm crescendo o número de narrativas que se insurgem contra os papéis femininos histórica e socialmente impostos e apresentam outras possibilidades. Nesse sentido, tomando como corpus os contos “Gatos adoram peixe, mas odeiam molhar as patas” e “Aos sessenta e quatro”, de Cíntia Moscovich (2012), a comunicação buscará demonstrar como a autora, de maneira irônica e até mesmo bem-humorada, captura e exhibe para o leitor momentos de ruptura vivenciados por suas personagens que, apesar das pressões e dos tabus, rompem com o enclausuramento imposto pelos laços e deveres familiares e se (re)descobrem como mulheres e como protagonistas de sua história, movendo-se em direção à própria satisfação. Para dar suporte às análises, recorrer-se-á às contribuições de Simone de Beauvoir (1990/2016), Ecléa Bosi (2009), Guita Grin Debert (2012), Mirian Goldenberg (2012), Alda Britto da Motta (2011), Eurídice Figueiredo (2020) e Elódia Xavier (2021), entre outras.

Situações de representação da opressão na literatura de autoria feminina

Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano (USP)

Resumo A arte e a cultura, em especial, a literatura problematizam questões de gênero, sexualidade, poder e violência, tal como vem sendo desenvolvido nas narrativas, curtas e longas, das autoras Paulina Chiziane (moçambicana), Lúcia Jorge (portuguesa) e Conceição Evaristo (brasileira). Textos dessas três mulheres, apenas para citar alguns exemplos de escritoras, em língua portuguesa, de continentes diferentes, serão objeto de estudo nesse trabalho. As estratégias de poder e de saber foram usadas para oprimir e controlar as diversas identidades, subjugadas pelo homem branco heterossexual. Entrar em contato com essa literatura de autoria feminina nos permite abordar e analisar a perversidade da sociedade patriarcal e buscar caminhos para uma resistência possível. A investigação passa pela análise da linguagem e do contexto sócio político das narrativas para poder encontrar as semelhanças, além da autoria feminina, e diferenças das abordagens feitas por diferentes perspectivas, além das geográficas. As narrativas serão lidas em seu dialogismo, com suas complexidades estéticas e representações dos dilemas culturais, sociais, históricos e políticos vivenciados pela mulher africana, latino americana e, também, pela europeia. Uma das análises será verificar se a opressão patriarcal funciona de forma diversa, do ponto de vista simbólico, e como as personagens reagem ou resistem. Se for possível, pretendendo mapear a especificidade do feminino, a partir do olhar dessas três escritoras contemporâneas que escrevem na língua portuguesa.

Vista chinesa: olhares para a violência de gênero no Brasil

Aline Teixeira da Silva Lima (UnB)

Resumo A violência contra a mulher é um fenômeno antigo, que foi silenciado ao longo da história. Entretanto, já há algum tempo, o tema é objeto atual de debates, na medida em que se constitui uma fonte de preocupação para a sociedade como um todo, visto que, por exemplo, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública,

divulgados em 2015, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil. Contudo, independentemente da sua roupagem, a violência de gênero expõe o desequilíbrio social da nossa sociedade, demonstrando a relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher, já que a ideologia patriarcal ainda situa a mulher em um lugar de minoria, ou seja, de subalternidade em relação ao homem. Heleieth Saffioti (2004) ratifica tal proposição, ao afirmar que a violência de gênero é uma forma específica de violência que atua no propósito da preservação da organização social de gênero que se fundamenta na hierarquia, nas desigualdades sociais e sexuais. Sabe-se que a literatura, enquanto representação da ordem objetiva pode contribuir para manter os estereótipos femininos, ditados pelo sistema patriarcal, ou, ao contrário, desconstruí-los, como ocorre no romance que será analisado no presente estudo, *Vista chinesa* (2021), da escritora luso-brasileira Tatiana Salem Levy. Nesta obra, a autora coloca o estupro em foco, transportando o leitor para a mente de uma vítima, a qual tem que lidar com o trauma, com a memória e com as marcas daquela violência sexual, tanto em seu corpo como em sua mente. Assim, a fim de refletirmos sobre as questões supracitadas, analisar-se-á a representação dessa personagem violada na narrativa de Levy, bem como observar-se-á como a autora instiga questionamentos e ponderações sobre as estruturas de dominação masculina, as quais ainda vigoram em nossa sociedade, e que, geralmente, legitimam uma naturalização da violência de gênero.

Simpósio 73

Poesia e transgressão

André Cechinel (UNESC)
Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer. O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de Paulicéia tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir. Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse simpósio colocar em

questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas. Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o status quo da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura. Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordoado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica... Enfim, o que entrelaça esses poetas todos na mesma carne, ou campo, é o fato de não terem deixado estabilizar algo (estético ou ideológico). Isso também o faz quem se exprime em outras linguagens (Miró lido por João Cabral). Por isso queremos com esse simpósio não apenas homenagear os que já o fizeram, mas também ver posto em movimento obras e leituras que nos permitam

debater novamente com quais dialéticas queremos nos comprometer em cenários tão ideologicamente estanques.

**“Las carnicerías fronterizas parecen museos de arte do futuro”:
a metapoesia de fronteiras em Douglas Diegues**

Rafaela Nogueira Barbosa (UFRJ)

Resumo Este trabalho tem como objetivo investigar os processos criativos do poeta Douglas Diegues. A partir da leitura do poema “las carnicerías fronterizas” do livro *Uma flor na solapa da miséria* (2006), nos debruçaremos sobre as criações vindas da tríplice fronteira – lugar em que o poeta realiza seu tráfego supersônico entre Brasil, Argentina e Paraguai – utilizando-se, como ele mesmo defende, de uma linguagem nada usual: seu portunhol selvagem. O poeta, como um rizomado das fronteiras e de seus impactos político-econômicos, publica seus livros através de edições artesanais, como as autênticas editoras cartoneras, que utilizam papel reciclado para suas produções de exemplares trabalhados à mão pelos próprios catadores de papel, com o intuito de editarem objetos únicos, mas, principalmente, de lutarem contra a desigualdade social que assola a América Latina. E, esse mesmo poeta antropofágico de outrora, que dialogava com o seu tempo fronteiriço, é também o poeta de agora, fundador da Editora de Los Bugres, uma espécie de editora de todas as editoras, que trafega seus textos e de outros autores das cartoneras até mesmo em boleias de caminhão para o mundo. Mas, como Diegues mesmo se define um oswaldreandadiensis, o poeta que come hoje da carne crua do artista deverá saber que amanhã ele é quem será devorado; o que deixa para você, jovem poeta, esta responsabilidade que muitas vezes não é recíproca. Assim, é importante nos colocarmos também nessa fronteira, diante de tal linguagem poética, com o propósito de traçarmos uma leitura intertextual e interdisciplinar que nos faça refletir sobre as fronteiras e os limites entre a arte, a existência e a política.

**“Vamos caçar cotia”: o “Rito do irmão pequeno”
e trecho suprimido de *Amar, verbo intransitivo***

Cristiane Rodrigues de Souza (UFMS)

Resumo Questões sobre a criação artística estavam na primeira edição de *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, em partes que foram depois suprimidas pelo autor. De acordo com Marlene Gomes Mendes, o idílio, cuja primeira escrita se deu durante os anos de 1923 a 1926, com publicação em 1927, apresenta duas fases de reescrita, sendo a primeira na década de 1930 e a segunda entre os anos de 1942 e 1943, momento em que o modernista organizava a sua obra completa para a Livraria Martins Editora. O exemplar que guarda as marcas do trabalho de Mário de Andrade, preservado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, apresenta indicações para exclusão de trecho em que o modernista faz considerações acerca do trabalho artístico, coberto por marcações em forma de “x”, deixando de fazer parte do idílio a partir da edição de 1944. No trecho cortado, o narrador de Mário aproxima a brincadeira desinteressada das crianças à produção artística ligada ao prazer – “nem sequer ‘arte pela arte’ [...], porém o goso puro, maravilhado, sem alegrias nem sofreres terrestres [...], sensação livre, unicamente artística [...] além das ânsias práticas... [...]”. A ideia de arte como transgressão lúdica dá forma aos versos de Mário de Andrade, como se pode ver por meio de versos de “Rito do irmão pequeno” (1931), grupo de poemas de *O livro azul* (1941), momento em que são colocados em tensão o modo primário da natureza e a civilização. O estudo dos versos de 1931, aproximados às considerações feitas em *Amar*, dão base a este trabalho.

Armado de versos até os dedos luminosos: a luta dos surrealistas portugueses com a crítica do seu tempo – um debate cultural

Clelio Toffoli Júnior (PUCRJ)

Resumo Pretende o presente trabalho traçar um panorama da atuação dos surrealistas portugueses em contraponto à incompreensão da crítica a respeito do valor de sua obra, quando surgida. O ensaio privilegiará (sem se ater exclusivamente a ele) a posição do ensaísta

Jorge de Sena no debate sobre o surrealismo português, nascido oficialmente em 1947 com o Grupo Surrealista de Lisboa e tendo à proa as figuras de António Pedro, José-Augusto França, Alexandre O'Neill e Mário Cesariny. Partindo de um distanciamento crítico excessivo, bem como munido de uma grande ferocidade, Sena apontou aporias e dificuldades de se reconhecer um movimento surrealista tão tardio em relação à matriz francesa e, mais, surgido no pós-guerra, onde, em linhas gerais dizia ele, não haveria lugar naquele mundo inexcepcionalmente real da época para deleites automáticos, jogos de humor e experiências lúdicas na poesia. Atracava sua crítica num vasto conhecimento do surrealismo francês, experiência esta que estertorava quando do surgimento do movimento em Portugal. Justamente em razão de se centrar colonizadamente à matriz, não percebeu que o surrealismo em Portugal não era francês e não era tardio. Mesmo adotando essa postura a princípio contundente, é importante frisar que Sena quase nunca negou o talento poético dos principais nomes do surrealismo português, chegando a dedicar-lhes algumas antologias, mas sempre se mantendo dúbio. Diante dessa realidade, a reação dos surrealistas, Cesariny à frente, foi sempre dura e gerou um debate público que, hoje já distante no tempo, pode-se dizer que foi de extrema valia para o amadurecimento daquela vanguarda no meio das letras portuguesas.

Experimentar o experimental em *Navilouca*

Isis Diana Rost (UESPI)

Resumo Organizada por Torquato Neto e Waly Salomão, *Navilouca* foi planejada em 1972, mas seria lançada somente entre dezembro de 1974 (para patrocinadores) e meados de 1975. Propositamente em número único, apresenta verdadeiro painel da arte experimental e do cenário alternativo artístico brasileiro, abarcando literaturas, artes plásticas, design gráfico e cinema. Observamos a *Navilouca* na transversal através de experimentar o experimental, texto-chave de Hélio Oiticica. Nele, a relação entre a poesia concreta, o movimento construtivo nas artes plásticas e a produção emergente alternativa ou contratual é evidente, porém não com um sentido definidor, mas sim experimental, valorizando a invenção e a transgressão. A ênfase

de Oiticica está em não categorizar o “fazer experimental” enquanto ARTE, pois desta forma iria impossibilitar a criação de limites. A crítica de Hélio gira em torno daquela arte voltada principalmente para o consumismo e o espetáculo. Tal ‘abertura’ tornaria possíveis outros modos de atuação, como os espaços urbanos, através de performances, fotografias, vídeos, estabelecendo-se como um novo espaço de ação. Para alcançar este trabalho de Oiticica, faremos uma breve apresentação da Navilouca, observando sua relevância tanto no instante da publicação quanto posteriormente. Em seguida, a abordagem focará experimentar o experimental, levando em consideração as preocupações estéticas e políticas do artista, envolvido num projeto geral para introduzir a arte experimental não apenas nas artes plásticas, como na literatura, no cinema e na música. Os autores utilizados para dar apoio às nossas reflexões são, além de Pignatari (1972) e Favaretto (2015), Brito (1999) e Coelho (2010).

Marilyn Monroe no esquadro de *Galáxias*, de Haroldo de Campos

Monalisa Medrado Bomfim (UFSCar)

Resumo *Galáxias* é um longo poema, no qual Haroldo de Campos joga com uma linguagem experimental que habita o limbo entre prosa e poesia, mais que isso, uma linguagem com alta carga erótica, que permite a transgressão de limites. Como se sabe, *Galáxias* pretende uma leitura independente das páginas, assim, sugere-se a aproximação dos fragmentos 29 (“poeta sem lira”) e 32 (“na coroa de arestas”), pois em ambos a figura de Marilyn Monroe aparece tingida com tons eróticos. Os fragmentos foram produzidos, respectivamente, em 1967 e 1968, período de engajamento político para as produções artísticas, comportamento que se estendeu numa revolução sexual que trouxe grandes avanços para as mulheres. A linguagem erótica, presente em *Galáxias*, parece coincidir com algo desse potencial transgressor da década, sobretudo, se for pensada por meio do livro *O erotismo*, de Georges Bataille, e pelo texto “Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo”, de Eliane Moraes. Aqui, a leitura considerou a formação tríplica das Marilyn dos dois fragmentos e propôs um olhar múltiplo ao poema, capaz de captar os nuances que cintilam eroticamente nos fonemas e

nas formações semânticas para, por meio delas, chegar nos aspectos transgressores dos fragmentos. Explorando a transgressão, a figura de Marilyn Monroe pode ser contemplada por sua beleza e tragédia, num intuito de dignificação da sua morte, que parece reverberar os desígnios do próprio poeta.

O corpo intangível de Ana Cristina César

Yasmin Franca Merelim Magalhães (UERJ)

Resumo Apesar da já deflagrada *crise de vers*, que ao menos desde Mallarmé insere, por outros critérios críticos, a estrutura poética na moderna e já profunda transgressão à forma, a lírica moderna ainda versificada transige à leitura, deslocando o sentido que a cada verso e a cada cesura é lançado outra vez para longe ou se resguarda, ao fim, dormente em seu centro gravitacional: o corte. E de percorrer essa discussão sobre a forma, sobre a impropriedade substancial da poesia e sua movência, a leitura dos poemas de Ana Cristina César, em meio ao regime ditatorial, não pode prescindir; o mesmo se diz ainda das leituras das suas traduções de poemas de Walt Whitman, cujos desvios, plenamente conscientes, realizam poemas já outros, já deslocados dos sentidos dos poemas de base, encenando essa discussão estética; desvios mobilizados possivelmente pela preocupação e anseio de manter a poesia em movimento e à revelia ou avessa à captura. Ou, para usar as metáforas caras à poeta, ao toque, ao encontro. Trata-se de uma poesia que, embora flutue fácil às vistas do leitor, é destoante da produção de sua época e exigente de uma fruição necessariamente crítica, não descompromissada com o exercício efetivo do pensar, sobretudo por expor o conflito sempre irresoluto da linguagem, por sediar um lugar discursivo importante no seu tempo-histórico fazendo-se performativa; e transgredir do seu próprio escopo tradutório o sentido – incessantemente colocado em disputa. Na breve apresentação, nosso esforço será de rever a corporeidade e a fratura de Ana Cristina César, evidenciando, no poema Contagem regressiva, seu mecanismo conflitivo ou de paradoxo; e estará amparado pela noção, aqui destacada, de Jean Luc-Nancy, que norteia nosso olhar, adotando como interlocuções principais os textos críticos de Viviana Bosi e Marcos Siscar.

O Dante da Era Industrial: Mallarmé a partir de Walter Benjamin

Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa (UNICAMP)

Resumo A eleição de Stéphane Mallarmé como um nome tutelar da poesia concreta foi justificada por ser “o primeiro salto qualitativo” em direção aos “recursos tipográficos como elementos substantivos da composição” e privilegiava o poema *Un Coup de Dés* (1897). De fato, os poetas do grupo Noigandres integram o movimento de valorização desse poema, que, a essa altura, ainda não tinha conquistado a centralidade na obra mallarmaica que hoje conhecemos. Essa leitura era informada, por exemplo, pelas exegeses, realizadas já na década de 50, empreendidas pelos não-franceses Robert Greer Cohn (1951) e Gardner Davies (1953). Em outro momento, os concretos enxergam nos trechos de Walter Benjamin a propósito de Mallarmé uma “profecia”. Das passagens de Rua de Mão Única, revela-se um Mallarmé que, para Benjamin, operou uma espécie de transgressão: de uma escrita “tradicionalista” para a escrita de alguém que concebe a “imagem verdadeira do que vinha”, de uma “teologia negativa” para as “tensões gráficas do reclame”. Nesse sentido, gostaria de sugerir que o uso de Benjamin pelos concretos não é uma mera ilustração daquilo que eles próprios vislumbravam no poeta francês. O que está em jogo é a construção de um Mallarmé de vanguarda, de um Mallarmé para o século XX. Se as interpretações mais historicizadas da obra de Mallarmé (Bertrand Marchal e Jacques Rancière) percebem nele a elaboração de uma religião humanista, a leitura de Benjamin permite uma profanação da profanação e dialoga, ainda que de modo problemático, com o embate de Mallarmé com o jornalismo, com a “reportagem universal”. Do paradigma da música, modelar para a composição de *Un Coup de Dés*, chegamos às mídias emergentes da modernidade. Dessa forma, a investigação se detém sobre o que Thierry Roger chamou de “une perspective proprement médiologique” como forma de discutir essa existência complexa de um Mallarmé da vanguarda.

Os versos do verso livre: três momentos de transgressão

João Pedro Moura Alves Fernandes (UERJ)

Resumo A consolidação do verso livre como forma poética default na contemporaneidade – em contraste, por exemplo, com o período em que o soneto se destacava como a forma predominante de fazer poesia – exige uma atenção mais detida para as práticas prosódicas que o conceito de “verso livre” abrange. Faz-se necessário compreender a historicidade e as características específicas dos distintos versos livres modernos para que, assim, seja possível identificar o que há de inovador ou não na produção contemporânea, o que há de transgressor ou não nos usos do verso livre entre nós – afinal, o surgimento do verso livre não representou o fim do verso ou dos seus aparatos de descrição, e sim o início de uma nova tradição de formas poéticas. Essas formas, por também terem como base o discurso, são analisáveis e passíveis de descrição segundo o mesmo instrumental de versificação que vem sendo utilizado há milênios, embora esse instrumental tenha sido expandido para incorporar as experiências formais transgressoras dos séculos mais recentes. Com o amparo de exemplos textuais e análises demonstrativas, o que se pretende, neste trabalho, é configurar uma abordagem de três momentos de transgressão em que os distintos versos do verso livre surgiram e se impuseram: 1. o momento de publicação e disseminação das *Leaves of Grass*, de Walt Whitman, quando foi sistematizado o Verso Livre Tradicional (ou Clássico); 2. o momento da morte de Victor Hugo, da tradução de Whitman para o francês e da publicação de “*Crise de Vers*”, de Stéphane Mallarmé, aquele em que se consolidaram o Verso Livre Polimétrico e o Verso Liberto; 3. o momento de surgimento do Imagismo, vanguarda poética estadunidense, momento em que foram sistematizados o Verso Curto e o Verso Livre Novo.

Re-lampare: o ideograma como estética em Litaipoema: uma transa chin de Haroldo de Campos e Lámpara de Juan José Tablada

Samuel Delgado Pinheiro (USP)

Resumo A partir da poesia moderna, o Oriente, especialmente as poéticas japonesas e chinesas, foi matéria para alguns poetas modernistas que, procurando um novo pensamento estético para a poesia ocidental, utilizam recursos dos idiomas orientais para a criação novas formas poéticas. Neste sentido, Haroldo de Campos (1929 – 2003) e José Juan Tablada (1871 – 1945) são dois poetas que, embora sejam de tempos e localidades diferentes, possuem algo em comum: a exploração da poética oriental como forma de renovação poética. O presente trabalho visa a comparação das técnicas utilizadas por ambos para que possamos caracterizar as diferentes abordagens do uso do ideograma em seus poemas. Para contextualizar estas abordagens, é necessário explorar possíveis diálogos entre o modernismo mexicano e a poesia pós-utópica de Haroldo de Campos, não como influência, mas como um diálogo em que se possa delinear uma trajetória das abordagens da influência da estética oriental na América Latina. Para melhor elucidar os aspectos teóricos das questões imagéticas e gráficas dos presentes poemas e sua relação com os experimentos através das poéticas orientais, partiremos de uma análise estético-semiótica. Assim sendo, serão utilizados os apontamentos de Charles Sanders Pierce (1839 – 1914), Michael F. Marra (1956 – 2011), Octávio Paz (1914 – 1998), Décio Pignatari (1927 – 2012), Marjorie Perloff (1931), Marcus Siscar (1964), Peter Burger (1952) e Haruo Shirane (1951), Koji Kawamoto e Earl Miner (1927 – 2004) cujos trabalhos são importantes para iluminar os diversos aspectos nos poemas de nossa análise.

Tradição em T. S. Eliot: contornos do conceito

André Cechinel (UNESC)

Resumo Pretendo sustentar o argumento de que o traço característico do conceito de tradição de T. S. Eliot não é a positividade de uma série de nomes ou itens situados ao longo de uma história

consolidada, mas sim o signo da falta, da incompletude, da apropriação que desvia e corrompe, mas, ao mesmo tempo, preserva, recria e confere novo movimento. A fim de defender essa proposta de leitura, a exposição confronta a obra crítico-poética do autor contra o pano de fundo dos seus escritos filosóficos iniciais, de todo desconhecidos no Brasil e apenas publicados em sua integralidade, no contexto anglófono, em 2014. Nesses ensaios, tradição vincula-se a um gesto fundamentalmente corruptivo: só se pode vislumbrá-la a partir de um novo campo conceitual, de uma apropriação dessacralizadora. Desse modo, tradição não é o ponto de partida fixo, mas o resultado de um processo crítico-interpretativo, algo cuja imagem se nos apresenta sempre a posteriori; menos que “herdada”, como diz o poeta, ela deve ser, construída, “conquistada”, elaborada, fabricada. Em vez de um espaço de culto para a literatura, a tradição deve ser submetida a uma violência desfiguradora, e só assim pode-se chegar a qualquer coisa como “exaltá-la”. Uma vez des- ou transfigurado, o passado converte-se em um corpo instável que deve ser sempre reconquistado, redescoberto, reavivado, jamais como dado em si mesmo, mas como “outro” apenas parcialmente disponível ao escrutínio.

Uma contra-musa na poética de João Cabral de Melo Neto

Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo O presente estudo parte do conhecido Congresso de Poesia de São Paulo (1954) em que João Cabral de Melo Neto proferiu a fala intitulada “Da Função Moderna da Poesia”. Para o poeta pernambucano, algo que se deveria buscar na poesia de seu tempo era a retomada da comunicação, dado que, ainda segundo ele, seus contemporâneos eram exímios compositores de versos e não necessariamente compositores de poemas que comunicassem algo em sua totalidade (unidade), ou mesmo escritores de livros de poesia que tivessem um mais pronunciado compromisso comunicativo com o leitor moderno. Debruçamo-nos então sobre quatro livros de Cabral – *Cão Sem Plumas*, *Serial*, *Quaderna* e *A Educação Pela Pedra* – para demonstrar como o poeta se aplica na recolocação de uma lira. Muito se fala sobre seu antilirismo. No entanto, assumimos outra perspectiva, a de que sua poesia trata antes de reconfigurar rítmica e plasticamente a

musa por meio de versos complexos que exercitam o leitor em outras formas de compreender linguagem poética. É como se o poeta escrevesse contra o leitor habituado a um certo tipo de lirismo para, então, dar vazão a novas possibilidades líricas (lição que Cabral aprende com Miró). A função moderna na escrita do poeta é a de, por meio da renovação estética, revigorar a própria noção do que venha a ser comunicação.

Vasos Comunicantes: origem do homem e origem da poesia em Octavio Paz [1914-1998]

Maycon Tannis (PUCRJ)

Resumo O presente trabalho visa tratar do processo de criação de Octavio Paz [1914-1998] e como este toma elementos da tradição mexicana em choque constante com a filosofia ocidental para estabelecer um método crítico que possa dar conta da História mexicana em todos os seus tensionamentos, ocasionados, segundo o próprio autor entre civilização e barbárie, a saber, entre o passado asteca e as invasões espanholas. Esse terreno é fértil de tensões que tornam a poesia mexicana um elemento difícil de retratar. Para enfrentar esse problema Paz, como produtor de poesia opta pela transgressão dos manuais e toma para si a tarefa de historiador e analista da historicidade poemática, mas trazendo para a centralidade de seu método, a poesia e não os métodos clássicos da pesquisa histórica. Isto incorre em uma profunda transferência de forças, pois a poesia não tende à conceitualidade, conforme já demonstrou Hans Blumenberg em seu projeto da metaforologia, esse entrechoque produz um alargado efeito dentro da possibilidade de questionamento da natureza do poema. Esse efeito é tomado por Paz como base de sua escrita e com isso consegue manter as tensões ativas, sem que se resolvam em uma dialética simples. A Poesia torna-se então método e objeto. Neste trabalho pretendo analisar como se dá a comunicação entre a analítica e a produção poética de Paz, bem como isto se constitui como seu método, pensamento e rompimento com a sua geração em termos de pensamento e produção poemática, permitindo pensar a poesia além do simples conceito, dando assim o tom de lugar de encontro como definiu o próprio Paz.

Simpósio 74**Políticas do texto: autoria e autoridade**

Maria Tereza Amodeo (PUCRS)

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (UFRJ)

Ivete Lara Camargos Walty (PUCMG)

Resumo O presente simpósio centra-se na discussão da relação entre política e literatura, definindo-a em um sentido expandido que inclui outras manifestações artísticas. Tendo como objetivo central a análise das formas de (auto)representação dos sujeitos subalternos que passaram a ocupar a produção cultural brasileira contemporânea a partir de fins dos anos 1990, problematiza-se a fronteira entre o real e a ficção, a história e a biografia, o eu e o outro, ampliando a compreensão da relação entre arte e vida, já que o ser humano necessariamente produz sentido para viver. Nessa perspectiva, busca-se construir um quadro teórico que permita ler as insurreições dos sujeitos silenciados enquanto mecanismos que expressem as idiosincrasias, as especificidades e as diferenças das identidades “ex-cêntricas” (HUTCHEON, 1998). Identidades que foram, ao longo da história, relegadas à margem, circulando em torno daquilo que simbolicamente é dado como o ideal do grupo social dominante – processo a que Erick Landowski (2002) cunhou como o “Senhor Todo Mundo”. Esse modelo a ser seguido provoca a exclusão, promove o estereótipo, que, conforme Bhabha (1998), atua como “esquema epidérmico”, um conhecimento aparentemente espontâneo, incorporado como algo natural. A discriminação promovida pelas modalidades estereotípicas atua de forma limitadora, reduzindo a realidade a proposições binárias, excludentes, estratificando posições, isolando indivíduos e grupos. É a repetibilidade que garante o efeito de verdade, de probabilidade, de predictabilidade, pelo excesso, sem provas (BHABHA, 1998). Desse modo, propõe-se refletir sobre questões, tais como: a política de construção identitária e formas de subjetivação e diferenciação no texto literário e em outras manifestações e produtos culturais; a posição/lugar do intelectual diante da alteridade construída pelas vozes subalternas na contemporaneidade; os processos de legitimação e autorização dos novos sujeitos da enunciação na cultura brasileira; formas de engajamento e intervenção política na cena cultural contemporânea. Para essa reflexão, há que

se recorrer a Jacques Rancière, quando propõe que o que se conhece usualmente como política é justamente a atividade de estabelecer o status-quo, o que, na verdade, constitui-se num ato policial. Para ele a política é a arte do litígio, em que os corpos e as vozes, em ato de insubmissão, expõem suas diferenças e rivalidades, reivindicando visibilidades. Demonstrando essa diferença entre polícia e política, afirma que a escrita se faz política “porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma redivisão entre a ordem do discurso e a das suas condições” (RANCIÈRE, 1995, p.8.). O autor evidencia, pois, a atividade política como um lugar de dissociação, que faz o ruído se tornar discurso, na medida em que desloca “um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar”; “faz ver o que não cabia ser visto [...], faz ouvir como discurso o que só era ouvido como ruído.” (RANCIÈRE, 2018, p. 43) O horizonte teórico produzido por Rancière nos permite examinar a produção literária contemporânea como um espaço de disputa protagonizado por novos sujeitos da enunciação que cobram para si uma identidade baseada na afirmação de uma diferença incontornável, intransferível e irreduzível. A presença dessas vozes emergentes evidencia “a escrita de uma nova literatura democrática que aposta na instituição de um sistema literário partilhado, que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura” (RESENDE, 2014, p. 14). A constituição de um sistema literário/cultural compartilhado resulta na necessária reconfiguração do papel e lugar do intelectual. Afinal, outrora o intelectual atuava como porta-voz desses grupos, falando em nome dos sujeitos, silenciando-os. Na contemporaneidade, não haveria mais espaço para tal tipo de atuação; esses atores passam a “falar” e não desejam mais que o intelectual “fale” em nome deles. Se o debate aqui proposto surge em decorrência do protagonismo desses sujeitos contemporâneos, o pensamento crítico ocidental há muito produz interrogações acerca da questão, a exemplo da conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze, ainda em 1972, intitulada “Os intelectuais e o poder”. No diálogo, Foucault já anunciava a necessidade de aparecimento de uma nova forma de engajamento do intelectual, não mais como aquele que dizia a verdade aos que ainda não a viam e em nome dos que não podiam dizê-la. A partir de uma abordagem multidisciplinar, o simpósio busca refletir acerca dos limites

do literário/artístico frente às vozes subalternas e propor o debate sobre novos modelos teóricos que possam abarcar as especificidades dos discursos em pauta, tendo como referência leituras que, descartando critérios de valor e hierarquia, conjuguem o entendimento entre literatura e política.

"A ordem natural das coisas":

poder, submissão e contestação nas narrativas

de Giovana Madalosso, Dulce Maria Cardoso e Valter Hugo Mãe

Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUCRS)

Resumo Este trabalho pretende recortar três personagens e suas vozes contra o silenciamento: Maju, da brasileira Giovana Madalosso (*Suíte Tóquio*); Maria da Guia, da portuguesa Dulce Maria Cardoso (*Os meus sentimentos*), e Maria da Graça, do português Valter Hugo Mãe (*O apocalipse dos trabalhadores*). As três são trabalhadoras domésticas, exploradas pelo jogo do poder, subalternizadas, vítimas de abuso psicológico e sexual, e convivem com a arrogância e o preconceito de seus patrões. Em Vigiar e punir, Michel Foucault (1999, p. 29) afirma que o corpo está mergulhado em um campo político: "as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem sinais". Esse é um condicionamento pelo qual todas as personagens a serem estudadas passam, porque se sabem vigiadas, porque o corpo carrega as relações de poder e de dominação e é usado como força de produção. E a sua constituição como força de trabalho "só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado)" (*Ibid.*, p. 29). É neste mundo repleto de privações, de promessas e de violências que as três procuram sobreviver, sabendo-se presas a esse sistema de sujeição. Este estudo, portanto, pretende recuperar essas vozes em entrecruzamento, mostrando o papel dessas mulheres nas narrativas e suas lutas contra o poder estabelecido. Como referencial teórico, autores como Michel Foucault, Linda Hutcheon, Byung-Chul Han, Regina Dalcastagnè entre outros.

A autorrepresentação de sujeitos ex-centralizados nas poesias do Slam das Minas – RJ

Ana Paula Almeida Moreira (UFRJ)

Resumo Este trabalho tem como foco o estudo sobre autorrepresentação nas poesias das mulheres do movimento do “Slam das Minas” do Rio de Janeiro. A representação delas na cena da poesia feminina marginal periférica do poetry slam surgiu e alavancou no contexto brasileiro nos últimos anos e, é válido frisar que antes, o cenário era praticamente feito pelo gênero masculino, logo, desde a gênese do coletivo começaram a ter vozes femininas nessas batalhas do movimento. Essa ressignificação feita por elas, remontam que as minas não apenas ocupam, destacam-se, mas também revigoraram o cenário brasileiro. Por esse viés, é fundamental pensarmos a questão de autoria e, ainda, a noção de sujeitos ex-cêntricos como mencionado por Linda Hutcheon em Poéticas do pós-moderno, “aqueles que são marginalizados por uma ideologia dominante” (p. 58). Desta forma, o objetivo é analisar o papel de “escrita de si” dessas poetisas que são caracterizadas pelos novos contornos de produção e recepção. Desse modo, como menciona Livia Reis “com o objetivo de mostrar como, em um gênero de margem, já se pode perceber a construção de uma tradição.” (REIS, 2002, p. 246). Por fim, a análise a partir dos fatores descritos, ligando a escrevivência ao gênero testemunho como lupa para a reflexão.

A literatura e a política na obra de Roberto Bolaño

João Gabriel Kalili Marcelino (UFRJ)

Resumo Em consonância com os objetivos do Simpósio Temático, minha proposta de comunicação busca traçar discutir a relação entre literatura e política a partir do pensamento crítico do filósofo francês Jacques Rancière. Tal proposta de trabalho surge enquanto um exercício crítico que oferecerá os contornos de uma discussão sobre as características, propostas e temas que compreendam a ficção de Roberto Bolaño. Dessa forma, parto da compreensão de que a relação entre o campo das artes e o maquinário fascista é uma temática

recorrente em Roberto Bolaño. Em *La literatura nazi en América*, livro que simula uma espécie de almanaque literário, cujos personagens possuem aspirações diretas ao fazer artístico, principalmente à poesia e a narrativa, ao mesmo tempo em que essa inclinação também se dá em relação aos regimes totalitários do terceiro Reich e de Pinochet, em Chile. Além disso, a escrita de Roberto Bolaño constrói uma cartografia metaficcional, com a presença de personagens que interagem com personas factuais. E essa interação se dá atravessada, na maioria das vezes, por elementos literários e/ou constituídas pela violência. É possível localizar na literatura de Roberto Bolaño particularidades temáticas como o caso da profunda relação entre arte e a violência, uma violência específica: a atuação violenta, organizada e sistemática na América-Hispânica na segunda metade do século XX, como também uma espécie de espectro, à espreita, do neo-nazismo operado por indivíduos ligados ao fazer literário. Sua literatura recria a figura do poeta, do escritor, ou do artista de modo geral, o que nos permite também pensar o lugar do fazer literário durante e depois das ditaduras. Como aparece o discurso político na literatura de Roberto Bolaño? Pois é possível localizar uma inserção de seus personagens neste cenário, seja para confrontar o discurso já estabelecido ou para reafirmá-lo.

A recepção como performance: um Trauma de longa duração, numa performance poética de um Poetry Slam

Rogério Meira Coelho (UFMG)

Resumo O trabalho busca ativar conexões entre o conceito de Trauma como performance de longa duração (Taylor, 2011) com a performance da recepção, no campo do Poetry Slam, uma competição de poesia falada, do mineiro Pieta Poeta (nome social assumido pelo poeta que se identifica como homem transsexual), em ocasião (2018) que venceu o campeonato Brasileiro de Poesia Falada – O Slam BR. Em específico, o texto *Em estado Bruto* (2019) de Denise Ferreira da Silva, contribui com a análise, tratando de performances de mulheres negras como “poéticas do corpo. Como aporte teórico suplementar, o texto recorre à obra *Performance, recepção e leitura* (ZUMTHOR, 2007) além de abrir discussão sobre o poema e seus encontros cruciais

com a Necropolítica de Achile Mbembe (2018). O objeto audiovisual utilizado para a análise nos permite inferir sobre a recepção da performance de Pieta, valendo-se de seus contextos, que trazem a reincidência da violência contra jovens negros e negras na sociedade brasileira. A análise da recepção, recai sobre o público presente, espectadoras/es da performance, que retoma memórias de ausências, praticadas pela violência do racismo institucional. Mais precisamente, o objeto nos deixa inferir sobre a recepção da performance, como “performance das/os espectadoras/es”; suas reações e ativações ao longo do texto apresentado por Pieta. Assim, as memórias compartilhadas, sugerem uma convergência das memórias individuais e coletivas. Num campo em que se é possível identificar testemunho, alteridades, autorrepresentações, oralidades, gesto e memória de um público espectador/protagonista, que participa e modifica a performance/leitura de poema. O híbrido que se lê, a partir do elemento audiovisual, referência metodológica da análise, abre-se para um vasto campo de cruzamentos em que a Performance e Literatura que se abrigam e colidem das mais diversas formas.

Autoria e autoridade: notas sobre o conceito de literatura surda

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (UFRJ)

Resumo A presente comunicação localiza na noção de diferença, em especial na apreciação ofertada por Stuart Hall, a ferramenta crítica necessária para a produção de uma abordagem crítica do conceito literatura surda. Os primeiros trabalhos publicados sobre o conceito oferecem um multifacetado espectro de visões, ora apontando para a experiência fenomenológica do sujeito autoral e ora demarcando o ineditismo do uso de uma língua gesto visual enquanto suporte para a produção de uma experiência literária que se quer nomear como surda. Além disso, outro aspecto a ser examinado repousa na própria realização do gesto autoral. Ou seja, no ato de assinatura das obras, na reivindicação da autoria, na atribuição de uma espécie de identidade ao discurso, os autores surdos realizam aquilo que Michel Foucault nomeou como função-autor, o estabelecimento de um ato de poder discursivo, a outorga da reivindicação de um perfil que outrora não era permitido a esse grupo social. A função-autor,

conforme examina Foucault, figura enquanto processo de subjetivação mediante o qual é constituída a identidade autoral, “a função-autor caracteriza o modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2009, p. 267). A emergência do conceito literatura surda dialoga com as novas epistemologias que solicitam uma redefinição teórica sobre o sujeito e igualmente promovem um exercício de redefinição sobre a ideia de literatura. Compreender a noção de literatura surda é igualmente analisar a produção dos conceitos de identidade e cultura surdas; noções produzidas dentro de uma revisão epistemológica dos discursos sobre a surdez que buscam romper com modelos clínicos e médicos ao instaurar um modelo socioantropológico para pensar a diferença surda.

Autoria em *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*

Marilia Gabriela Barros de Moraes (UNEMAT)

Resumo Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami* (2015) de Davi Kopenawa e Bruce Albert partindo do diálogo entre os conceitos de subalternidade, autoria indígena e coletividade, para problematizar a posição que assume o narrador indígena. O embasamento teórico deste estudo se dá a partir das teorias desenvolvidas pela indiana Gayatri Chakravorty Spivak, pela indígena Julie Dorrico e pela brasileira Eni Orlandi. A obra autobiográfica de Davi Kopenawa foi publicada com a intervenção do antropólogo francês Bruce Albert, que desempenhou a função de escreva e translitero das palavras narradas pelo xamã Yanomami. Neste sentido, Orlandi (2008) conceitua que quando o nativo desta terra assume a autoria impressa de suas narrativas, a partir da década de 1990, ele encontra uma imagem de sua existência, nomeada e construída por estereótipos criados por esboço linear epistemológico estabelecido em um projeto colonizador que lhe negava falar de si próprio ou o ignorava e desloca-se da posição de subalterno para a de autor. A emergente obra *A queda do céu* (2015) responde ao quadro histórico-cultural exposto por Orlandi (2008) e propõe uma revisitação à questão elaborada por Spivak (2010) acerca de “pode o subalterno falar?” quando requisita e utiliza a favor de suas causas pessoais e

políticas a participação do etnólogo em uma união que inicia um processo que se aproxima à transliteração do que foi narrado. A voz de Dorrico (2018) confirma que a autoria indígena vem despontar como o “cerne” da manifestação de resistência cultural, da preservação de seus territórios imateriais e da promoção do diálogo contra estereótipos coloniais sobre cada um desses povos.

Contradições e temporalidades da nação em “República”, de Grace Passô

Lucas Bandeira de Melo Carvalho (UFRJ)

Resumo No curta-metragem “República”, de Grace Passô (2020), filmado e publicado on-line durante a pandemia da Covid-19, uma mulher recebe uma ligação que avisa que o Brasil foi um sonho, que ele não existe e nunca existiu. Em vez de causar tristeza, essa novidade é motivo de alívio para a personagem. No entanto, a protagonista é obrigada a se confrontar com um outro personagem, duplo dela mesma, que acusa: “O teu Brasil acabou e o meu nunca existiu.” A partir dessa imagem da nação inexistente e de como essa inexistência tem significados diferentes para sujeitos diversos, este trabalho pretende investigar como a ficção contemporânea em teatro, cinema e literatura – com foco no curta de Passô, mas em diálogo com outra peça de sua autoria, *Vaga carne* (2016), e com *Corpos secos*, romance coletivo de Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado (2020) – dá forma estética a contradições entre diferentes experiências da nação e suas temporalidades. Para isso, dialogo com a ideia de “articulação” ou “sobreposição de contradições” (HALL, 2013; Althusser, 2015), além da ideia gramsciana de crise como “terreno favorável” para que as contradições de longa e curta duração se articulem em novos modos de pensar, de pôr e resolver questões (GRAMSCI, 2017). A hipótese é que as crises políticas, econômicas e sanitárias contemporâneas intensificaram contradições preexistentes de classe, raça, gênero, nacionalidade etc., e que a ficção tem entre seus efeitos políticos a reformulação dessas contradições e a reafirmação de subjetividades ambíguas e contra-hegemônicas.

Correlações entre história, gênero e memória: uma análise das produções biográficas de Ana Arruda Callado

Jussimara Lopes de Jesus Simões (UFBA)

Resumo O presente trabalho trata da análise da presença feminina na produção de biografias no Brasil, no século XX, a partir da apresentação das biografias de Ana Arruda Callado, escritora, jornalista e acadêmica, que publicou sete biografias de mulheres brasileiras entre os anos de 1995 e 2016. Suas principais abordagens sobre essas produções se concentram, basicamente, em destacar a inter-relação entre escrita, história, memória e poder de representação do feminino e como esses aspectos estão entrelaçados ao multifacetado e efervescente Brasil do século XX, contexto de vivência das suas biografadas. O propósito desse trabalho é apresentar como são articulados os conceitos história, discurso e intersubjetividade na biografias de Ana Arruda Callado, tomando como amostra a última que produziu, em 2016, Berta Ribeiro: *as índios, com amor*. Viso também desenvolver uma análise dessa obra como produto de uma investigação mais ampla sobre a relevância, as configurações e as diretrizes das biografias dessa escritora, com base nos aspectos teórico-metodológicos da crítica biográfica desenvolvidos por Leonor Arfuch, Eneida Maria de Souza, Pierre Bourdieu e Francois Dosse. Em associação com tais aspectos, também darei enfoque aos estudos que relacionam a crítica biográfica aos estudos de gênero e à História das Mulheres produzidos por Rachel Soihet, Eleni Varikas, Margareth Rago e Michelle Perrot.

Dos riscos da rua: comunidade e imunidade

Ivete Lara Camargos Walty (PUCMG)

Resumo No estudo da constituição de territórios “como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo (RAFFESTIN, apud. CANDIOTTO; SANTOS, 2008, p.321), investigamos o lugar dos autores na criação e ocupação de territórios urbanos dados como comunidades. Para isso, recorremos a Roberto Esposito (2010), quando, retomando Foucault, discorre

sobre a passagem do poder soberano para a biopolítica na modernidade, mostrando que essa passagem dá-se de comunitas, a associação de mútua pertença – partilha do múnus: dom, para o paradigma da imunidade – ao Imunitas – que caracteriza o grupo social sem a dádiva gratuita a ser partilhada, estabelecida por uma relação contratual com a privação e exclusão do munitas, da gratuidade. (Cf. SÁ, In: ESPOSITO, 2010, P. IX). Tomando a arte como um ponto de transcendência possível, perguntamo-nos se as intervenções poéticas dos grupos periféricos, ações políticas que são, ao exibir o dissenso (cf. Rancière, 2018), lidam com o múnus, instaurando comunidades interativas, que, agindo como vírus, podem minar a imunidade vacinal dos territórios societários que excluem aquilo ou aqueles com potencial de contaminação. Dessa forma, o mesmo elemento usado como imunizante seria, também, aquele que pode ser usado como contraimunizante!

Educação das Relações Étnico-Raciais na escola

Priscila de Souza Oliveira

Resumo Essa comunicação se propõe a refletir sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais na escola, especificamente no ensino de Língua Espanhola, para estudantes dos anos iniciais da educação básica do Colégio de Aplicação através de manifestações culturais para contribuir com a implementação da Lei 11.645 de 2008 com o propósito de forjar o olhar humanizado para a multiplicidade de ser e existir dos seres humanos e suas culturas. Propõe-se as manifestações culturais “La niña sin nombre”, obra literária de García Sánchez (1978) e sua versão em vídeo disponibilizada no YouTube, e também da obra de Ruiller, “Hombre de color” e contação do livro – reunindo características linguísticas [fato linguístico concreto e unidades de fala (BAKHTIN, 1992)] necessárias e significativas para proporcionar aos estudantes experimentar a língua estrangeira de forma lúdico-pedagógica, oferecendo um espaço a que Gomes (2012, p. 105) chama de “ato de falar sobre”, tão importante para a superação dos preconceitos, contra o silenciamento do sistema de discriminação racial. Assim, proporcionar a experiência dessas manifestações culturais nas aulas de língua estrangeira se mostra como um recurso para explorar

a construção de sentidos, expondo preconceitos ao mesmo tempo que se dá a oportunidade de refletir, sentir e produzir acerca das relações humanas, além das habilidades de linguagem.

Escrita como condição de vida em *Desabrigo*, de Antonio Fraga

Analia Bicalho Vencioneck (UFRJ)

Resumo A presente comunicação apresenta os primeiros resultados de minha pesquisa de mestrado sobre a novela *Desabrigo* (1945), de Antonio Fraga, na qual analiso a questão do registro ou testemunho de um cenário em vias de extinção, a posição de Fraga como intelectual marginal e a vulnerabilidade urbana como motivação literária. Em *Desabrigo* a questão da habitação ocupa o próprio nome enquanto substantivo: “Falta de abrigo ou morada; estado de exposição ao tempo e aos perigos; abandono”. Na novela, as personagens estão lançadas à própria sorte, sujeitadas a habitar as ruínas anunciadas de um espaço em flagrante desmoronamento; esse espaço, o Mangue, foi alvo das reformas urbanas no centro do Rio de Janeiro, como forma de “higienização” da região. *Desabrigo* também é o nome de uma das três personagens “e meia” que circulam pelo mangue – cobrinha, evêmero e *desabrigo*, verbo –, personagens que são indício de um eterno retorno narrativo. Em minha leitura, parto da premissa de que na narrativa é ofertada uma espécie de condição de cárcere, mas também de existência ficcional; a própria noção de eterno retorno, de destino nietzschiano, mencionada na obra, é colocada em dúvida, pois não há encerramento que caiba ao texto, nem à realidade. A proposta aqui é ler no tecido do texto uma dialética entre texto ficcional e correlato real, enunciação e autoria, insólito e cotidiano, bem como da dialética inerente à noção de humorismo. Tensionando tais questões referentes à obra e autor, propicia-se uma ampliação em torno da discussão sobre a emergência de novos sujeitos da enunciação, o papel dos intelectuais, e da literatura como condição de vida.

Literatura de autoria indígena

Luzia Aparecida Oliva (UNEMAT)

Resumo Objetiva-se, neste espaço de debate, apresentar algumas reflexões da “vigorosa carnadura” (MOTTA, 2006) emersa da produção literária de autoria indígena que, a partir da década de 90 do Séc. XX, une o princípio da oralidade coletiva à criação individual e escrita, constituindo um corpo de vozes próprias que se conjugam para exprimir o homem originário por meio de imagens, sentimentos, emoções, lutas e aventuras. Esses fios reflexivos são parte das leituras do projeto de pesquisa: O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação, que tem proporcionado encontros e debates acerca da literatura de autoria indígena. A via de acesso ao entendimento da construção das obras estabelece um diálogo com a expressão histórica, política e social do homem em relação com a natureza, com seus círculos étnicos e com a sociedade não indígena, uma vez que se deve considerar a existência dessas narrativas (ou formas poéticas) na oralidade, em harmonia do humano com o divino, extraídas da experiência da imaginação e comungadas com a vida, a arte, a crença e a verdade histórica: “a despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, hábitat natural da linguagem, para comunicar seus significados” (ONG, 1998, p.16). Plasmadas entre a cultura oral e a escrita, obras de autoria indígena têm alcançado os meios editoriais e convergem para o resgate de um olhar interno, e não da alteridade, como se observa no sistema literário brasileiro em que o indígena é impresso pelo olhar externo do invasor. Fazem parte do conjunto de autores indígenas pesquisados Kaká Werá Jecupé, Márcia Wayna Kambéba, Olívio Jekupé, Auritha Tabajara, Itanajé Coelho Cardoso, Davi Kopenawa (Bruce Albert), Julie Dorrico, entre outros.

Memória e resistência na literatura de autoria indígena

Leila Silvia Sampaio

Resumo Este trabalho objetiva apresentar a obra *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2019), de Edson Kayapó, a partir

da memória e resistência indígena como força motriz da cultura autóctone, amparando-se no estudo de Le Goff (1190) e considerações de Munduruku (2017) e Kambeba (2018). Narrado em primeira pessoa, a obra de caráter autobiográfico conta o processo de uma quase mudança identitária sofrida pelo narrador, mas que movido pela força ancestral e pelo espírito de resistência, não se rende ao etnocentrismo sofrido pelos povos indígenas desde o período colonial. Configurada também um instrumento de resistência, a literatura de autoria indígena vem ocupando espaços no campo literário e em instituições de pesquisa, fazendo compreender sua escrita uma continuidade da literatura oral milenar dos povos indígenas. Tendo suas vozes silenciadas, agora ocupam seu lugar de fala para (re) contarem suas histórias como forma de fortalecimento de uma identidade que foi ignorada, subjulgada pelas ações etnocêntricas e retratada de forma estereotipada na literatura brasileira. Nas palavras de Edson Kayapó (2013), a literatura indígena “é um instrumento de defesa e de justiça junto aos nossos povos, é também uma produção que colabora de forma efetiva para o fortalecimento e valorização do nosso jeito de ser”.

O conceito de engajamento no meio literário em um diálogo entre W. Benjamin e Sartre

Rodrigo Rocha Rezende de Oliveira (UNIMONTES)

Resumo Segundo Denis Benoit (2000) a noção de literatura engajada está marcada por três fatores específicos, a saber, “o aparecimento, desde 1850, de um campo literário autônomo”; “a aparição, na passagem do século XIX para o século XX, de um novo papel social que se situa às margens da literatura e da Universidade, o do intelectual” e, finalmente, a “Revolução de Outubro de 1917”. Neste sentido, Benoit segue por uma linha de interpretação sobre o engajamento na literatura que se sustenta desde o plano colocado por Jean Paul Sartre, que, no texto de 1947, “O que é literatura?”, interpõe diretrizes gerais para o conceito de engajamento a partir de uma fenomenologia da criação literária e da recepção das obras de arte. Sartre (2004) designa ao tema algumas questões como, por exemplo, “Por que se escreve?” e, “Para quem se escreve?”, com o intuito de interligar o conceito de engajamento a constituição de um quadro que abrange o apelo

que o autor faz, com sua escrita, ao leitor, e à mensagem que seu texto produz. Contudo, acontece que, da forma como Sartre pensa o problema sobre o conceito de engajamento, o contexto social, mais propriamente dito, parece-nos negaceado e a relação entre a política e a literatura permanece restrita a duplicidade do binômio autor e leitor, tendo sido dispensado o corpo maior da sociedade. Justamente, para tecermos nossa problematização acerca do conceito de engajamento político no meio literário buscamos a referência de Walter Benjamin que, nos anos de 1920 a 1940, desenvolveu ampla atividade crítica, com repercussões sociais que, a nosso ver, responde boa parte das questões levantadas por Sartre, porém, seguindo outro modelo. De certo modo, Benjamin, não somente rebate determinadas coordenadas encontradas na perspectiva sartriana, como vai preencher lacunas importantes deixadas em aberto pela discussão como foi levantada por Sartre.

**O slam e o ensino do gênero poesia nas escolas públicas:
o slam interescolar pode ser considerado uma ferramenta
motivadora para a fruição da leitura de outros tipos de poesia,
além da marginal, para alunos da escola pública?**

Tamires Prestes de Matos Tuchtenhagem (PUCRS)

Resumo O presente projeto pretende analisar se o Slam Interescolar pode atuar como ferramenta motivadora para a fruição da leitura de outros tipos de poesia, além da marginal, visando a responder a seguinte pergunta: O Poetry Slam pode atuar como ferramenta catalisadora para a fruição da leitura de outros tipos de poesia? Considerando, portanto, a experiência pessoal da autora-pesquisadora, a hipótese traçada é de que se os estudos de poesia, nas escolas públicas, são iniciados por meio da poesia marginal é maior a probabilidade de o aluno, que não gosta de poesia, se interessar com mais facilidade pelo gênero. Muito se tem discutido sobre a relevância da leitura de poesia, dessa forma, é sabido que esse gênero é de extrema pertinência para a formação do leitor no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Ler poesia é desenvolver o léxico, o pensamento político acerca da atualidade e de outras épocas, viver a fantasia, trabalhar a interpretação textual pela multiplicidade

interpretativa possibilitada pela poesia, permite o contato com esse gênero textual que faz parte da vida cotidiana da sociedade. Acerca da influência do Slam na prática de leitura, especificamente no Brasil, ainda há lacunas na pesquisa, saber sobre a contribuição do Slam Interescolar para a fruição da leitura de poesias seria de grande valia para as metodologias de ensino literário nas escolas públicas; e, além disso, para a disseminação do movimento de Slam, que é pouco conhecido no Brasil.

Os “Ex-cêntricos” de Porto Alegre em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende

Maria Tereza Amodeo (PUCRS)

Resumo A partir da noção de política como a arte do litígio, de acordo com Rancière (1995), propõe-se refletir sobre corpos e vozes em ato legítimo de insubmissão no romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, focalizando diferenças e rivalidades, impondo visibilidades. Transcendendo a “materialidade do traçado do texto” (RANCIÈRE, 2017, p.109), analisa-se como o romance permite fazer ouvir um discurso concebido no plano policial do real somente como ruído (RANCIÈRE, 2018). Alice, a narradora em primeira pessoa do romance empreende uma jornada por áreas periféricas/marginalizadas da cidade de Porto Alegre, com o objetivo de localizar Cícero Araújo, o filho desaparecido de uma conterrânea da Paraíba. Solidariedade poderia explicar o fato de ter assumido essa tarefa, não fosse Alice uma professora aposentada de francês, praticamente arrancada de João Pessoa, como uma imposição da filha, que criou toda uma estratégia de convencimento para a mudança e, depois, deixa a mãe sozinha na cidade sulina. Desterrada, sem rumo, a mulher segue uma trilha que acaba por “mostrar as rachaduras e os buracos por onde o coelho da Alice” passa, levando-a “para outro país”, conforme afirma a própria autora (REZENDE, 2016), evidenciado a relação do romance com a narrativa de Lewis Carroll. A personagem, movida por uma força/necessidade interior, que a mobiliza em direção contrária à do apartamento asséptico, impessoal, moderno e bem localizado, que a filha preparara para ela, descortina uma Porto Alegre escondida. Mesmo que a cidade possa ser associada a qualquer outro centro urbano do

país, já que revela “toda uma população invisível” (REZENDE, 2016), as personagens “ex-cêntricas” de Rezende, na acepção de Hutcheon (1998), particulariza aspectos da história, da sociedade e da cultura da cidade, que, para aqueles que incorporam o ideal dominante socialmente, o “Senhor Todo Mundo” (LANDOWSKI, 2002), em geral, realiza-se tão e somente como ruído.

Pós-verdade, performance e a potencialização do real na autoficção de Ricardo Lísias

Antonio Carlos Macedo Munró Filho (PUCRS)

Resumo O estudo busca observar e analisar como a pós-verdade aliada à performance potencializam o efeito de real nas obras autoficcionais *Delegado Tobias* e *Inquérito Policial – Família Tobias*, de Ricardo Lísias, e como essa combinação de uso de conceitos tão intrínsecos à atualidade se manifesta na Literatura Brasileira Contemporânea. Sob esse olhar, o estudo estabelece uma análise crítica de como o manejo desses elementos impactam a percepção de leitores inseridos num contexto em que estão cada vez mais expostos ao bombardeio informativo do qual, muitas vezes, é difícil distinguir o fato da ficção. Dessa forma, o estudo aprofunda os conceitos propostos e tenta evidenciar como eles, misturados em diferentes graus, geram dúvidas no leitor contemporâneo, em “tese” o melhor informado ao longo de toda a história visto a quantidade de fontes de informação à disposição de todos, mas que, ao mesmo tempo, se deixa levar por ondas de notícias falsas com uma passividade que beira a ingenuidade. O estudo também propõe uma reflexão sobre os efeitos da pós-verdade em nossos dias e como esse conceito é apresentado e trabalhado na produção da Literatura Brasileira Contemporânea. O estudo tenta oferecer uma série de reflexões críticas acerca desse tema sob o olhar dos estudos literários.

Reminiscência e resistência: um passado em construção para um curumim na Amazônia

Viviane de Cássia Maia Trindade (PUCMG)

Resumo As especificidades do(s) discurso(s) indígena(s) vêm ganhando espaço nos debates sobre literatura, na contemporaneidade. A despeito das críticas resistentes que tentam desautorizar os escritores indígenas a assumirem um lugar na cena literária brasileira, e até mesmo mobilizados por esta negação, eles nunca escreveram tanto como nas últimas duas décadas. Nesta trilha, pesquisadores e intelectuais seguem percursos diversos na tentativa de atribuir valor aos escritos indígenas. Tomando como referência as ideias de Rancière, em *Políticas da escrita* (2017) e *A partilha do sensível* (2014), Landowski, em *Presenças do outro* (2012), Foucault e Deleuze, em *Microfísica do poder* (p.69-78, 1996), busca-se compreender a obra *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2019), de Edson Kaypó. Nesta pequena autobiografia de 48 páginas, o autor/narrador indígena rememora seu percurso de formação conduzido por evangélicos norte-americanos, longe dos pais e em um imponente internato, no meio da floresta amazônica. Busca-se compreender na autobiografia em questão os sentidos possíveis para uma narrativa cujo tom é, suposta e estranhamente, de leveza e graça ao se referir a acontecimentos de violência simbólica, quando os internos se reaproximavam da cultura familiar. Porém, os relatos das subversões que eram planejadas pelas crianças e jovens estabelecem uma tensão entre o discurso cordial do narrador e as revelações que ele faz sobre o seu comportamento e o dos colegas. De maneira despretensiosa, Edson Kaypó dá a conhecer aspectos de sua cultura, a presença simbolicamente violenta e dissimulada dos evangélicos estrangeiros, e a presença fracassada do Estado na Amazônia profunda metaforizada pela inconclusão da Rodovia Transamazônica. Costurando a sua história de vida à da floresta amazônica, ele se inscreve na comunidade da escrita numa tentativa de se reterritorializar por meio da própria palavra, conforme Graça Graúna reivindica em *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013).

Representações do feminino em *Um crime delicado*, de Sérgio Sant'Anna

Marianna de Souza Esteves (UERJ)

Resumo Em *Um crime delicado*, Sérgio Sant'Anna apresenta o narrador em primeira pessoa Antônio Martins, crítico teatral de meia-idade, solitário, que reconstitui a trama de seu envolvimento com Inês Brancatti, uma jovem modelo manca. Martins constrói, passo a passo, uma imagem idealizada de Inês como uma moça discreta, delicada e frágil, sobretudo por sua deficiência física. Neste sentido, a voz feminina é praticamente silenciada; tudo que se sabe sobre Inês é fruto de um olhar único, portanto parcial, e, mais importante, masculino. Até que ele se depara com o quadro A modelo, no qual Inês é retratada seminua, em um cenário bastante sensual, o que lhe causa um conflito interior. Por outro lado, as outras mulheres com que se relaciona, com menos destaque na narrativa, não lhe instigam a mesma paixão. Representadas como fortes e independentes por meio da mesma perspectiva masculina, que, por vezes, demonstra uma visão estereotipada e machista das mulheres, fica claro que o fetiche do crítico é despertado justamente pela ideia de dependência física, emocional e afetiva de Inês. Assim, o objetivo do presente trabalho é identificar os mecanismos envolvidos na construção das personagens femininas do romance como imagens de Antônio Martins. Para tal, adotar-se-á o método de estudo imagológico proposto por Daniel-Henri Pageaux no ensaio “Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema”, dividido em três níveis: léxico, determinando-se o campo lexical, os processos de comparação e a adjetivação utilizados pelo narrador-protagonista; relação hierarquizada, neste caso, entre masculino e feminino; e cenário, que, neste estudo, será analisado pela perspectiva do imaginário sobre a mulher, engendrado pela sociedade patriarcal e definitivamente estabelecido ao longo dos séculos, que impôs à mulher um papel inferior ao homem, no qual deve ser submissa, prendada, boa dona de casa e mãe, expectativa que o crítico parece criar em relação a Inês.

Subúrbio sem pudor: a construção coletiva do subúrbio na página “Suburbano da depressão”

Rossi Alves Gonçalves (UFF)

Resumo A ideia de “gênio artístico”, que sempre atuou como um poderoso silenciador para segmentos subalternizados, perde seu lugar, diante de vozes potentes e anti-canônicas, que encontram na página do Facebook Suburbano da Depressão um espaço de escuta, fala, colaboração – de politização da experiência suburbana. Com temas relacionados à vida suburbana carioca, e propondo uma narrativa que combate a ideia de subúrbio como espaço da violência, da anomia e da falta, os seguidores da página criam uma potente forma de reinvenção do carioca suburbano e exibem uma outra cidade, orgulhosa de suas experiências, cujos padrões de civilidade, beleza, carioquice, diversão não são balizados pelas narrativas institucionais. A página em tela elabora uma representação do carioca suburbano a partir do compartilhamento de experiências, da crítica irreverente, da inesgotável tecitura de si. Tendo uma audiência marcadamente suburbana, no espaço da página os autores-seguidores se complementam, se apoiam, debocham, se reinventam, tensionam a ideia de autoria, ficção, auto-ficção, produzindo uma das mais interessantes e potentes fabulações sobre a cidade pela voz dos que historicamente estiveram fora dos espaços de fala e, quase sempre, sendo agenciados por pessoas distantes da vida vertiginosa dos bairros não-nobres. Este trabalho propõe reflexões acerca de: suburbanidade, autoria coletiva, criatividade e escrevivência, amparando-se em teóricos como: Conceição Evaristo, Beatriz Resende, Homi Bhabha, Gloria Anzaldua entre outros.

Um “pretovelho” no espaço periférico do beco em Cora Coralina

Claudia Miranda da Silva Moura Franco (UNEMAT)

Henrique Roriz Aarestrup Alves (UNEMAT)

Resumo A história, sempre que possível, revela a formação das sociedades a partir de um mecanismo de divisão. Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1985), o beco é o espaço eleito como alegoria

da exclusão social, como um local de passagem. Assim, a marginalidade pode ser compreendida por dois pressupostos basilares: os valores socioculturais e as relações socioeconômicas, a sociedade irá codificar a passagem da condição de marginal à de excluído. Como na noção de margem na análise dos “ritos de passagem” que apresentam as etapas de separação, de margem, e de agregação (SCHMITT, 1993, p. 264), o beco representa metaforicamente o espaço de exclusão. Como manifestação social, o filósofo Homi K. Bhabha (1998), afiança que os marginalizados conhecem de perto a pobreza advinda da falta de oportunidades de trabalho e todo esse processo de mobilização humana, que fazem deles habitantes das margens. (BHABHA, 1998, p. 23-24). Na poesia coralineana esse espaço é espelhado no beco e na exploração do trabalho, como aspectos intrínsecos que ligam personagens e espaço pelo viés da memória. Compreende-se a construção estereotípica do sujeito que se fundamenta na subjetificação do indivíduo, considerado um sub-humano, marcado pela diferença, e essa diferença é a inferioridade excludora, aquilo que o coloca na qualidade de marginalização (BHABHA, 2007, p. 127). Essas excludentes reconhecem a diferença de raça, cultura e história como sendo elaboradas por saberes estereotípicos, tais elementos podem ser observados no poema Caminhos do Morro (1985, p. 121). Considerando a estereotipia que se desdobra até a contemporaneidade estuda-se aqui elementos da transição na sociedade escravagista e a movimentação dos corpos marginalizados à procura de sobrevivência em um espaço reservado aos sujeitos silenciados.

Simpósio 75**Poéticas da contenção: entre imagens, palavras e silêncios**

Deborah Walter de Moura Castro (UNIFAL)

Paulo Henrique Caetano (UFSJ)

Maria Rita Drumond Viana (UFSC)

Resumo No poema “Silêncio”, da poeta americana Marianne Moore (1887-1972), há dois versos que dizem “O sentimento mais profundo sempre se mostra no silêncio;/ não em silêncio, mas contenção” (trad. José Antônio Arantes). Nesse trecho, entendemos que os significados mais obscuros, e talvez mais complexos, são expostos não em uma escrita hemorrágica, mas quando guardam-se as palavras. Segundo George Steiner, em *Linguagem e Silêncio*, “o mais elevado e puro grau do ato contemplativo é aquele em que se aprendeu a abandonar a linguagem” (1988, p. 30). Steiner diz que o Apóstolo nos contou que o começo era o verbo e que aceitamos essa realidade sem discussão: “[é] a raiz e o córtex de nossa experiência e não podemos transportar facilmente nossa imaginação para fora dele. Vivemos no interior do ato do discurso” (1988, p. 30). Mas o autor admite que “existem atividades do espírito enraizadas no silêncio”, conjurando na nossa consciência uma lacuna existente “entre a nova compreensão de realidade psicológica e as antigas modalidades de manifestação retórica e poética” (1988, p. 30). A verdade é que o silêncio reveza com as palavras a árdua tarefa de comunicar. Ele está presente mesmo quando está também a palavra, e por isso ele é uma entidade que coexiste com a linguagem verbal, faz parte dela (ORLANDI, 2007). Mesmo quando o sujeito não estabelece um laço evidente com o silêncio, “quanto mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem ainda a dizer” (ORLANDI, 2007, p. 69), como o princípio da polissemia, ou como um ponto que a palavra não atinge. Consideramos então que o silêncio não é ausência e nem implica a falta de sentido. O ‘vazio’ sempre adquire a proporção de alguma coisa – ou de qualquer coisa. Ou seja, o silêncio pode estar inclusive mais perto de uma possibilidade irrestrita de significados do que de significado nenhum. É como se ao nos aproximarmos de uma escrita silenciosa, admitimos a insuficiência das palavras em querer dizer. Manoel de Barros já dizia, em “O apanhador de sonhos”, que “as palavras são usadas para compor silêncios”. Uma poética da contenção

pode se aproximar de um desafio criativo, como o desafio dos dadaístas em criar uma linguagem que transcendesse a razão; ou “Nudism”, o livro de páginas em branco do poeta Cégeste, no filme “Orfeu” (Orphée, 1950), de Jean Cocteau. Pode ser também, segundo Susan Sontag, no ensaio “A estética do silêncio”, uma forma de transformação da arte, uma relutância em se comunicar dentro dos padrões: “[o] mais comum é que continue a falar, mas de uma maneira que o público não pode ouvir” (SONTAG, 1987, p. 15). A artista e poeta sueca Cia Rinne (1973 –) escreve em um de seus versos para Notes for soloists: “cut out from books/ important words/ destroy the book./ (diagonal reading)/ And then someone will notice.” Rinne afirma que sua preocupação é reduzir as palavras ao mínimo possível para permitir a visualização de um pensamento ou uma ideia. Segundo ela, a simplicidade ou o minimalismo, tanto na literatura quanto nas artes visuais, é também um movimento contra o excesso de informação e desperdício de materiais no mundo contemporâneo. Pensando então nas diversas formas como o silêncio pode ser tangenciado, seja como um desafio criativo, pela obliteração de palavras, rasura, minimalismo, ou em página em branco, o interesse deste simpósio é reunir trabalhos que tragam possibilidades poéticas que margiem o silêncio de forma a chegar perto da ilegibilidade. O objetivo é colocar em debate também as possibilidades de leitura de textos literários e artísticos que acomodem uma poética silenciosa e sua projeção para além do texto. O silêncio, devido à impossibilidade de ser atingido em sua plenitude, deve apresentar características que sustentem a leitura dos poemas/obras nos limites do que é perceptível uma vez que são muitos os caminhos, as entradas e os desvios. Craig Dworkin, em seu livro *Reading the illegible*, diz que qualquer trabalho pode ser conceitualizado e lido ativamente, mesmo quando aparentemente não apresente nada a ser lido. Segundo Dworkin, sempre haverá a presença de um algo passível de leitura, ou o que ele chama de substrato. A questão não está entre presença ou ausência, mas o que de qualquer maneira significa. Quase como um postulado filosófico, uma leitura que tem como objetivo o silêncio já antecipa que seu fim é apenas o começo.

**“Deste calar alastrante se espalhando sem fronteiras”:
Representações do silêncio na poética e no exílio de Paula Ludwig**

Mariana Chirico Machado Holms (USP)

Resumo Paula Ludwig (1900-1974) é uma poeta austríaca do Expressionismo, que viveu 13 anos no Brasil em uma condição de vida silenciadora: o exílio de seu país e da língua alemã. Como muitas poetisas e escritoras nessa condição, Ludwig não encontrou mais espaço para publicar sua obra. Após seu retorno à Europa em 1953, a autora teve alguns de seus textos do exílio lançados em coletâneas de poemas e relatos de sonhos; há ainda manuscritos inéditos que integram o corpus desta pesquisa de doutorado em desenvolvimento. Essas composições são marcadas por elipses e sinais de pontuação que impõem cesuras no seu discurso poético. Esses silêncios, sejam as pausas estruturais em seus textos ou o intervalo entre suas publicações, foram diagnosticados pela crítica como uma espécie de “perda de voz poética”. Na contramão desta leitura, proponho-me a observar a tessitura desse material poético, considerando os aspectos históricos e biográficos de sua escrita, para ler tais pausas e lacunas como elementos produtores de sentido no discurso de Ludwig, dessa voz que não necessariamente se perdeu, mas pode ter deixado de ser ouvida. Porque, em seus textos, inclusive naqueles anteriores ao nazismo, a perda da voz é um motivo emergente, que assume diferentes papéis; como no sonho chamado “Gras”, em que, com bons ouvidos, escuta-se a grama infértil crescer e, assim, se tornar fértil. Nossa questão aqui se concentra não na perda da voz, mas na voz silenciada, não ouvida, e constituída a partir desses silêncios constitutivos dessa voz. Para essas análises, serão mobilizadas as reflexões de duas escritoras exiladas contemporâneas de Ludwig, Hilde Domin e Ruth Klüger, os estudos teóricos de Ligia Gonçalves Diniz, “Imaginação como presença” (2020), e Isabel Fernandes com a proposta de uma “inclusive reading” (2019), de Alfredo Bosi e George Steiner.

“O silêncio como verbo da experiência”: representações do silêncio na poética de Daniel Faria

Isabella Cristina Goda De Martino (UNIFESP)

Resumo Daniel Faria (1971 – 1999) é um poeta português dos anos 90 muito mais próximo de poetas de uma tradição ontológica, como Rilke, Ruy Belo e Herberto Helder. Na obra de Daniel Faria, o silêncio está em toda parte: na rocha, no deserto, na noite. Falando sem som, Faria escreve do e dentro do silêncio, que ele conceitua como um espaço e um lugar, para perceber a realidade com uma nova clareza. Nossa proposta é apresentar como o silêncio, para ele, é uma questão de linguagem, no sentido em que o silêncio não é pensado como falta, mas a linguagem é que é pensada como excesso. Demonstraremos com base em alguns de seus poemas, como a palavra aparece como movimento em torno do silêncio. Ao dizer algo, outros sentidos possíveis são apagados, isso mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis. Em sua poesia o sujeito lírico é simultaneamente um ser de palavras e de silêncio, e é por meio dessa junção que se torna possível a nomeação do inominável que estará ligado a uma busca por uma meditação, um encontro interior consigo mesmo, onde o aspecto espacial do silêncio junta-se com o espiritual. O silêncio na espiritualidade é muitas vezes uma metáfora da quietude interior que não significa uma ausência de som, e sim um contato com o sagrado, o divino.

“Tu estás em mim”: o ausente-presente em Mário Cesariny

Amanda Massante Peixoto Tracera (UFRJ)

Resumo O surrealismo português teve como um de seus nomes centrais o poeta, pintor e crítico Mário Cesariny (1923-2006). Tanto em seus poemas quanto em vários de seus quadros, o artista elabora uma poética pautada pela transformação e pela busca por uma linguagem múltipla, que visa unir o verbal e o visual. O encontro desses “modos de dizer” proposto parece caminhar na mesma direção daquele de que falam Blanchot (*A parte do fogo*, 2011) e Breton (“Manifesto Surrealista”, 1924), de modo que é possível observar, na sua obra, uma

preocupação formal que se constitui a partir do pensar crítico sobre o processo de criação. Dessa maneira, esta comunicação tem como objetivo central, a partir da leitura de um poema e de um quadro, investigar um dos elementos centrais de sua poética: a presença de um ausente-presente. Visa-se, com isso, compreender de que maneira o poeta-pintor trabalha as imagens do silêncio e da ausência para construir, a partir delas, o seu oposto. Para isso, contaremos sobretudo com a leitura benjaminiana da ironia romântica, com as reflexões de Alberto Manguel sobre a construção da imagem moderna e com os escritos de Didi-Huberman acerca da imagem crítica. Diante dessa análise, acreditamos ser possível contribuir com a fortuna crítica do autor – ainda bastante reduzida –, além de propor reflexões sobre uma poética do silêncio que é, em seu cerne, profundamente crítica. Objetivamos, dessa maneira, propor uma discussão não apenas acerca da obra cesarinyana, mas também do contexto moderno português, fortemente influenciado por outros movimentos artísticos globais, além do surrealismo francês.

24 hour Psycho: uma narrativa arrastada em contenção

Deborah Walter de Moura Castro (UNIFAL)

Resumo A instalação *24 hour Psycho* (1993), do artista escocês Douglas Gordon (1966-), consiste em uma exibição do filme *Psicose* (1960), de Hitchcock, em duas telas de proporção 4:3, cuja projeção é visível de ambos os lados das telas – tanto de frente quanto de trás. Na instalação de Gordon, o filme tem sua duração estendida para 24 horas – 1440 minutos, ao invés dos 109 minutos originais –, reduzindo para 2 o número de quadros por segundo. Além disso, e talvez por essa razão, a projeção é reproduzida completamente sem som, portanto ausente de falas ou trilha sonora. O resultado dessas escolhas é o que nos interessa discutir nesse trabalho, em particular pensando em como a poética de *24 hour Psycho* reside em uma proposta que une um novo arranjo temporal a um abandono da linguagem verbal ou som, culminando talvez no mais alto grau do ato contemplativo. No poema “Silêncio”, da americana Marianne Moore (1887-1972), há dois versos que dizem “O sentimento mais profundo sempre se mostra no silêncio;/ não em silêncio, mas contenção” (trad. José Antônio

Arantes). Nesse trecho, entendemos que os significados mais obscuros, e talvez mais complexos, são expostos não em uma escrita hemorrágica, mas quando guardam-se as palavras. Traçando um paralelo com *24 hour Psycho*, podemos dizer que o tratamento de Gordon expõe, em uma narrativa arrastada em contenção, questões antes escondidas, ou ao menos imperceptíveis. Este trabalho visa um estudo das questões evidenciadas na instalação de Gordon a partir das relações que traçam com o tempo e o silêncio.

A língua seca, as palavras falham: Virginia Woolf e os limites da linguagem

Maria Rita Drumond Viana (UFSC)

Resumo Em seu ensaio “On being ill”, Woolf discorre sobre como a língua inglesa não se desenvolveu tão bem para expressar a doença como o amor ou a guerra. Para a autora, não só a comunicação entre paciente e médico/a mas também entre doentes e suas visitas sofre da falta de um vocabulário e uma sintaxe prontos, sendo necessária uma operação meio alquímica, meio culinária, meio de extração para conseguir produzir a expressão da doença a partir da dor e um “naco de som”. Se por um lado, na doença, faltam palavras, em outros aspectos da língua inglesa sobram significados e as palavras resistem sua contenção, já que “não vivem nos dicionários mas na mente”, como nos traz o ensaio “Craftsmanship”. Esta comunicação, num primeiro momento, analisa esses dois ensaios para elucidar como Woolf desenvolve metáforas para a resistência da língua inglesa ao seu uso. Num segundo momento, considero também o que uma perspectiva transnacional e a inclusão de outras línguas pode trazer em relação aos problemas que Woolf levanta, tanto em termos de sua tradução para o português do Brasil quanto para a expressão humana de forma mais ampla. Podem as fontes de outras línguas fazer afluir o riacho da língua?

Contenção e silêncio na poética de Orides Fontela

Pedro Henrique Viana de Moraes (UFMA)

Resumo Este trabalho tem o intuito de analisar poemas da escritora paulista Orides Fontela (1940-1998), sob o ponto de vista de uma poética que preza pela depuração, pela atenção, pela “parcimoniosa opulência”. Tentaremos relacionar este matiz de concisão da obra orideana com o tratamento que ela dispõe aos símbolos, com maior atenção ao silêncio. Como nos diz Alcides Villaça (1996): “o silêncio de Orides requalifica alguns símbolos essenciais numa economia estoica, quase desumana, de quem se determinou um tão lacônico quanto fundo testemunho”. Entendemos aqui o silêncio como um “fenômeno original” (PICARD, 1964), portanto como algo que escapa ao nosso entendimento total, por este motivo apreendê-lo em palavras torna-se impossível, tal fenômeno originário se dá no texto poético apenas por via indireta (KOVADLOFF, 2010) e como signo literário (BOBES NAVES, 1992). É partindo desses pressupostos que analisaremos os meandros do silêncio de Orides em sua economia simbólica e contenção. Ademais, refletiremos sobre a relação entre o real e o inefável na obra da autora e o que isso implica para a construção da imagem do silêncio. Além dos autores já citados, outros teóricos serão trazidos à tona para enriquecer a discussão sobre os temas tratados, tais como: PERRONE-MOISÉS (1998), ANDRADE (2003), SAMMER (2019), PUCHEU (2019) e outros.

Entre a expressão e o inexprimível: silêncios grafados na poesia de Rosalía de Castro

Thiago Oliveira Carvalho

Resumo O fenômeno estético-filosófico do “recolhimento”, formulado pelo escritor britânico William Wordsworth (*apud* VIZZOLI, 2008, p. 143-144), ecoa como uma espécie de paradigma metapoético – portanto, de linguagem – por parte substancial do projeto literário romântico na primeira metade do século XIX. Em que pesem as diferentes abordagens, pode-se elucubrar que um de seus desdobramentos textuais constituiria um dançante movimento dialético

de imersão subjetiva – sistólica – forjada pelo eu anímico justamente para possibilitar a emersão objetiva – diastólica – do material poético – imerso – em sua configuração final. Assim, ao menos em alguma medida, exprime-se – torna-se objetivo – aquilo que, no limite, tangenciaria o inexprimível – a própria subjetividade –, considerando, especialmente, que a ideia da expressão subjetiva romântica, em sua interface poética, se pretende – como performance – irredutivelmente originária e absoluta: ensimesmada. A partir de tal breve contextualização, é possível identificar certas tensões afetivo-discursivas nas entrelinhas da produção lírica da poeta galega – associada ao Romantismo – Rosalía de Castro. Perpassa, nesse sentido, por parte do corpus literário de uma de suas principais obras, *FOLLAS NOVAS* (1880), uma textualidade que referencia – ou mesmo reverencia – sua própria condição estética de obstrução quase inefável: um delicado exercício em elaborar textualmente não apenas O QUE internamente não se elabora, mas também elaborar textualmente QUE internamente não se elabora: “As imaxes de multiples formas/D’estradas feitas, de cores incertos,/Agora asombran,/Agora acrarán,/O fondo sin fondo d’o meu pensamento” (p. 4). Num jogo em claro-escuro de declarações de preterição poética, expressar-se-ia justamente o que – e que – não se expressa: uma escritura inscrita – escrita por dentro – em silêncios.

***Finnegans Wake* e o postulado milenar da determinação do sentido**

Mateus Toledo Gonçalves (UFPR)

Resumo A ideia dessa comunicação vai ser colocar em paralelo (i) a narração de alguns episódios da história da filosofia e (ii) uma breve reflexão sobre o trocadilho wakeano. A expectativa é que esse emparelhamento possa talvez ajudar a entender duas reações frequentes que se têm diante do livro: a primeira, que considera que o *Finnegans Wake* seria tão radical na sua indeterminação que estaria muito próximo da falta de sentido, de negar a natureza da linguagem; a segunda, que curiosamente partindo dessa mesma indeterminação de sentido wakeana, vai dizer que o *Finnegans Wake* teria algo de fundamental a dizer sobre a linguagem. E o ponto de partida desse

percurso vai ser a referência a um achado, proposto nas primícias da filosofia, da existência de uma surpreendente afinidade entre a tagarelíce e o silêncio. Em sua acepção mais comum, o silêncio é tomado como o estado de quem se cala ou se abstém de falar. Ele também pode ser entendido, em um plano maior de abstração, como uma circunstância em que há privação de som. Em ambos os casos, o silêncio é marcado por uma ausência (de som, de fala). Há, no entanto, na tradição da filosofia, um argumento que vai tentar mostrar que o silêncio também pode se dar pelo excesso. A ideia inicialmente estranha de que haveria uma proximidade entre um discurso excessivo e o silêncio, entre falar demais e deixar de falar. Esse argumento aparece pela primeira vez no capítulo 4 do livro *Gama da Metafísica* de Aristóteles e vai atravessar os séculos basicamente incólume sob a forma do postulado da determinação do sentido. Esse trabalho vai se propor a pensar esse postulado (*unum nomen unum nominatum*) em face do Wake, talvez a grande experiência literária da indeterminação no século XX.

Formas do silêncio em *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba

Dayane Campos da Cunha Moura (UFJF)

Resumo Entre a memória e o esquecimento, na constituição da narrativa que busca dar sentido à dispersão do vivido ou apenas desvelar a vivência em estado de dispersão, o silêncio, esse algo a partir do qual segundo Orlandi o dizer é possível, parece nos aproximar do imponderável que pode ressignificar a linguagem, já que é no silêncio que “estão os outros sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 177). Nesta apresentação, objetivamos tratar da relação entre a escrita do livro *La casa de los conejos*, publicado originalmente em francês como *Màneges. Petite histoire argentine*, em 2007, da escritora argentina Laura Alcoba e as formas do silêncio, considerando tanto seu caráter fundante (o silêncio não é, como defende Orlandi, o sem significado, resto da linguagem, mas seu próprio fundamento), como o aspecto político, silenciamento. Propomos pensar certa paisagem fundada em distintos movimentos e espaços na produção literária da autora, cuja trajetória pessoal foi, desde a infância, assinalada por diferentes maneiras, muitas delas obrigadas, de lidar com as formas do silêncio, de

tentar rompê-lo ou nele buscar abrigo, reconhecer o peso do silenciamento e também o de falar. O primeiro romance do que se passou a considerar uma trilogia é, em certa medida, uma resposta ao que a própria autora define como “educação para o silêncio”. Durante os anos da ditadura cívico-militar argentina, “ficar em silêncio” poderia salvar vidas e poderia, de igual maneira, provocar mortes e desaparecimentos. Foi preciso mais de trinta anos para que Alcoba conseguisse escrever sobre os anos de medo, violência e perdas que marcaram toda a sua história. Foi preciso voltar às ruínas do que foi a “casa dos coelhos” e, mais que isso, foi preciso que a filha nascesse para que a narrativa soterrada, mas sempre ali, à espera, irrompesse. Em outro idioma.

O uso do silêncio e falas curtas nos Contos *Minimalistas Americanos*

John Barroso (Point Park University)

Resumo Uma expansão da poesia, o conto, segundo Ezra Pound é um poema longo, pois passa por elaborações similares às da poesia na sua elaboração. Assim, muitas características da poesia, entre elas a presença persistente de silêncios, os contos Minimalistas fazem uso intenso o silêncio e de diálogos breves, altamente elaborados do ponto de vista da sua produção. O Minimalismo Literário Americano, como nenhum outro “movimento” fez uso intenso do silêncio e de palavras, artesanalmente lapidadas, para produzirem um efeito epifânico, um choque e, ao mesmo tempo, elucidar profundas reflexões por parte do leitor. Este artigo pretende demonstrar e elaborar tais questões usando passagens de contos Minimalistas Americanos (trechos traduzidos para o Português pelo autor) com foco no silêncio e nos diálogos de poucas palavras, um processo de poética típica do Minimalismo. Entre os vinte e sete fundadores originais do Minimalismo Literário Americano, Raymond Carver destaca-se por utilizar tais poéticas. A mesma técnica aparece também em Ann Beattie, Tobias Wolff, Bret Easton Ellis e K. J. Stevens. Outros minimalistas fizeram também uso de tais técnicas, embora sem necessariamente utilizarem-se de teorias ou aprendizado de escrita. Como o Minimalismo Literário Americano não foi, em si, um movimento, ele pode

ser chamado de “Convergência Literária” espontânea que usou certas poéticas em comum mas com raízes em Chekhov, passando por um vasto número de influenciadores até o florescimento do Minimalismo sólido com Raymond Carver.

Ruído e apelo ao silêncio: a elegante complexidade de *Graça Infinita*, de David Foster Wallace

Kelvin Matheus da Silva Rosa (UFSJ)

Resumo Entre as máximas de Susan Sontag em seu *A Estética do Silêncio*, temos: “[...] a atividade do artista é amaldiçoada com a mediação” (SONTAG, 1987, p. 13), de vastas implicações ao contemporâneo hipermediado, predominando as interfaces digitais e a comunicação à distância. Outra consideração da autora: “A arte de nosso tempo é ruidosa, com apelos ao silêncio.” (SONTAG, 1987, p. 19) Partindo do ensaio, se pensa uma estética guiada por dois polos – silêncio e ruído – para compreender um dos romances de língua inglesa mais desafiadores e impactantes da virada do milênio – o *Graça Infinita*, de David Foster Wallace (2014), traduzido por Caetano W. Galindo. Stephen Burn analisa o romance: “[...] deliberadamente sobrecarrega convenções genéricas, ostentando exhibições estilísticas e demonstrando um alcance enciclopédico de conhecimento que atravessa esporte, identidade nacional, vício, teoria de mídia, linguística, e matemática. Contudo, apesar de toda a plenitude intelectual e humor exuberante do livro, trata-se também de uma anatomia da melancolia, e enquanto o ser millennial cataloga seu estado cada vez mais vazio, o livro torna-se uma colheita de almas, registrando diferentes formas de sofrer”. (BURN, 2013, p. 59, tradução nossa) Dois eixos guiam a análise. A ruidosa mediação do enredo, infestado de representações de outras mídias, digressões, interrupções e fragmentações; e o silêncio, igualmente importante, presente em elipses, mistérios, e cortes. Diversos capítulos do romance, em sua microestrutura, sugerem uma macroestrutura, onde mesmo após mais de mil páginas, nunca se pode saber tudo. A forma fragmentária de *Graça Infinita* é tão marcada por excesso quanto contenção, por sobrecargas ruidosas de informação que são interrompidas na tensão máxima, deixando implicações reverberarem após a última página.

Silêncio e memória em Fernando Arrabal

Cláudia Malheiros Munhoz (UCM)

Resumo O silêncio marca a vida e a obra do escritor espanhol Fernando Arrabal desde seu princípio: seu pai – figura que influencia amplamente sua produção literária – é preso no início da Guerra Civil e apagado das memórias familiares através da figura materna, que mente aos filhos declarando o marido morto. Ademais, o autor tem sua obra completa censurada na Espanha franquista, vendo-se, então, obrigado não apenas a exilar-se em Paris, como também a publicar sua obra em idioma francês, sem o direito de ver suas palavras escritas em sua própria língua. Impõe-se, assim, um silêncio externo à sua obra. A partir do que se propõe aqui como seu ciclo autobiográfico (Baal Babilonia, Carta al General Franco, Ceremonia por un teniente abandonado e Carta de amor – como un suplicio chino), se pretende analisar como os silêncios em Arrabal explicitam a violência que permeia tanto os espaços públicos como os íntimos de sua obra. Nas relações familiares, por exemplo, calam-se os abusos sexuais sofridos pelas mãos da personagem de tia Clara, símbolo para o narrador da fé católica e, portanto, do franquismo, indissociáveis para o autor. A ausência paterna é diretamente associada à violência da ditadura e sua política de dogmatismo, repressão, apagamento e censura, já que o autor estabelece uma relação de igualdade entre o macrocosmo nacional e o microcosmo familiar. O silêncio está presente também nas perguntas não respondidas ao narrador no colégio, nos gritos dos presos que, de tão cotidianos, se convertem em ruído de fundo da cidade, e, finalmente, na impossibilidade de comunicação com a personagem materna, grande motor de sua escrita autobiográfica. Paradoxalmente, Arrabal teve suas peças amplamente postas em cena no Brasil durante a ditadura militar aqui imposta, escapando à censura brasileira e dando voz, assim, a outros silenciados.

**Todo quadro é um corte:
cesura, silêncio e histórias em quadrinhos**

Luísa Loureiro Monteiro de Castro Teixeira (UFRJ)

Resumo Se para Giorgio Agamben, a a cesura do verso é “o elemento que faz parar o lance métrico da voz” (2016, p.34), a ideia de cesura possui relação com o corte, com aquilo que interrompe a continuidade rítmica. Assim, essa forma de arritmia instaurada pelo corte, pelo *enjambement*, é também uma forma de suspensão sonora, que pode ser traduzida como silêncio. Se a definição de verso, segundo Agamben, é traduzida pela “possibilidade do enjambement” (2016, p.29), é porque é próprio do poema apresentar uma distinção na cesura e na possibilidade acolher o silêncio em sua forma. É pela ideia de corte e de suspensão que quero me aproximar da linguagem das histórias em quadrinhos. Se, por um lado, os quadrinhos como linguagem são popularmente caracterizados a partir de elementos que aludem à sua capacidade de representação sonora, tais como o balão de fala e as onomatopeias, não é a partir desses elementos que eles se articulam e se distinguem como linguagem. O teórico Scott McCloud define a sarjeta como “o espaço entre os quadros” (2005, p.66) nas narrativas em quadrinhos. Para ele, é na sarjeta “que a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia” (2005, p.66). É na sarjeta, no momento de suspensão entre as imagens, entre as palavras, que se insere a multiplicidade de possibilidades de leituras. É nesse espaço vazio entre cada cena, que mora o ritmo. É um espaço silencioso, ausente por definição, posto que, nele, o que há é, precisamente, o corte. O poeta Moacyr Cirne diz que “Sem cortes, não teríamos quadrinhos simplesmente” (2000, p.137). Ele vai ainda mais longe, ao dizer que “os quadrinhos serão a arte dos cortes (entre as imagens que os constituem)” (2000, p.137). Nesse sentido, busco investigar as aproximações entre a cesura e a sarjeta.

Um silêncio sepulcral: Fanny Price, da introspecção à escravidão

Maria Clara Pivato Biajoli (UNIFAL)

Resumo Fanny Price é a heroína do romance *Mansfield Park* (1814) de Jane Austen. Tímida, assustada, coadjuvante em sua própria vida, é também a heroína menos popular entre os milhares de fãs atuais da escritora inglesa. A grandeza de Fanny, de fato, não vem do que fala, mas do que observa. Colocada em um local inferior na estrutura familiar a que foi adotada, sua voz não é ouvida por aqueles que a rodeiam, mas seus pensamentos são ouvidos pelo leitor, que percebe que o seu silêncio é tanto resultado de opressão quanto uma armadura ou uma máscara assumida. Ironicamente, quando tenta falar, quando faz uma pergunta na mesa de jantar a respeito da escravidão, com a qual aquela família aristocrata tem relações embaraçosamente próximas, é recebida com um silêncio sepulcral, a “dead silence”. Esta comunicação propõe analisar a personagem de Fanny a partir de dois caminhos: o primeiro, pela oposição entre fala e silêncio na nossa concepção de protagonismo, bem como a forma como Jane Austen associa a estupidez à fala e a sabedora à observação muda; o segundo, pela comparação proposta por Edward Said entre a opressão de Fanny Price na esfera doméstico e a opressão sofrida por os negros escravizados nas propriedades coloniais inglesas na esfera política imperial.

Vendo silêncio: hermetismo tipográfico e as ruínas da cidade letrada na poesia visual de Preto Matheus

Miguel de Ávila Duarte (UFMG)

Resumo Partindo da hipótese mais ampla de que a cidade letrada, tal como descrita por Angel Rama, se encontraria nesse momento em ruínas, procuramos analisar a forma como o artista visual, designer, grafiteiro e poeta Preto Matheus se apropria da tradição da poesia visual brasileira sob uma perspectiva própria. Comparando seu trabalho com as produções fundamentais do gênero, em especial as obras de Augusto de Campos das décadas de 1960 e 1970, encontram-se tanto afinidades formais quanto sintomas de uma inserção

inteiramente diversa no panorama cultural contemporâneo. Panorama que compreendemos como o de um (relativo) ruir das muralhas da cidade letrada, ocasionado pelas transformações midiáticas e pelo contínuo avanço da indústria cultural por sobre o que costumava ser denominado autonomia (ainda que relativa) da arte, mas também pela relativa democratização educacional das últimas décadas, que tem produzido no Brasil apropriações interessantes do que costumava ser um jogo seletivo com a arte e a escrita. Ainda como membro fundador do coletivo 4e25, Matheus retoma inicialmente a investigação do limite entre a palavra e a imagem na poesia visual, partindo, porém, da escrita urbana e suja do cultura do pixo, expandido contextualmente a questão da legibilidade e da antiarte para o contexto contemporâneo por meio do tipograpixo com o qual o coletivo irmanava muros, páginas e meios digitais. No seu trabalho recente, incluindo a série Criptotipia e também Necrocifra, Preto Matheus leva adiante a pesquisa sobre os limites da legibilidade na imagem, levando ao que denominamos hermetismo tipográfico. O processo de decodificação dos poemas, compostos de apenas uma palavra, se torna aí uma atividade lúdica, um jogo de re-alfabetização que remete ao estranhamento infantil diante do mistério da escrita. Exploramos, por fim, o contraste das formas duplamente silenciosas de Matheus com a tendência principal de uma marcada oralidade nas formas poéticas urbanas atuais.

[]: o silêncio na poesia de Marília Garcia

Maria Williane da Rocha Souto (PUCRS)

Resumo No corpo de um texto escrito há, pelo menos, palavra e silêncio. Situado na área de Escrita Criativa, proponho este trabalho a partir do olhar sobre o silêncio que atravessa a linguagem para gerar sentidos, na tentativa de compreendê-lo como uma noção positiva, que já não se marca por mera ausência ou subtração de imagem/som, mas como terreno fértil de significados. Se elejo observar o silêncio e o paradoxo alcance de sua plurivocidade dentro da Escrita Criativa, é por acreditar na literatura como um dos mais íntimos diálogos humanos possíveis em nossa condição social, cultural e cognitiva, ela é o caminho de autorreflexão que nunca nos ensinaram, mas

que, ainda assim, se aprende – ou apreende. A partir de uma análise do poema Parque das Ruínas (GARCIA, 2018), texto homônimo ao livro mais recente da poeta Marília Garcia, com o suporte dos estudos sobre silêncio da linguista Eni Orlandi (2007), utilizados aqui de maneira heurística, tendo em vista que não se pretende uma análise do discurso, tampouco a ótica conceitual desse campo de estudos, mas a busca por sentidos do silêncio, e as próprias incursões teóricas da escritora. É a partir de um diálogo ensaístico com o texto poético e os silêncios atravessados na matéria em verso e prosa, formas hibridizadas na escrita de Marília Garcia, que este trabalho é construído. Aqui, olho o silêncio – e esse verbo faz ainda mais sentido na mancha de ausência inscrita em espaços no texto poético – e o encaro como sítio de reverberação, terreno de significados que surgem a partir de um movimento em si.

Simpósio 76**Poéticas fronteiriças nas Amazôniaas**

Gilson Penalva (UNIFESSPA)

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS)

Márcio Araújo de Melo (UFT)

Resumo Muito tem se falado sobre a Amazônia, principalmente na contemporaneidade, em que virou modismo discutir questões ecológicas e ambientais. Todo o mundo hoje se volta para essa região do planeta com a mesma insistência em vê-la como reserva florestal capaz de salvar o planeta já poluído e contaminado. O olhar exótico que sempre norteou a relação do resto do mundo com essa região tem feito com que se observe a floresta, o rio, os animais, os peixes e insetos sem, no entanto, observar respeitosamente as pessoas e as culturas, em especial negros e indígenas. Conscientes dessa problemática, interessa-nos pôr em relação trabalhos que contribuam para o debate sobre as formas de alteridade racial/cultural/histórica demarcadas no texto literário amazônico, com o intuito de problematizar a nossa formação cultural, pensada pelo modelo hegemônico, que sempre esteve ligado a uma perspectiva de negação do Outro, estabelecendo hierarquias culturais. Com o intuito de desestabilizar essas hierarquias, esse simpósio pretende fazer ouvir vozes e versões que foram silenciadas historicamente, propondo rediscutir epistemologias, discursos e ideias preconceituosas que mantêm estruturas de exclusão e impedem a manifestação da diferença. Nesse sentido, o simpósio assume propositadamente um caráter de pesquisa implicada, por problematizar a pseudo-neutralidade do discurso ocidental que se propõe discutir a natureza do literário apenas pelo viés estético, negligenciando o político e o ideológico. A intenção é propor uma análise prioritariamente do objeto literário per se, sem reduzi-lo ao beletrismo despolitizado e ornamental, mas compreendendo a literatura como campo também fértil para a expressão de discursos ideológicos, políticos e sociais e para modalidades textuais compostas. Nessa perspectiva, a criação verbal deixa de ser compreendida apenas como a grande obra, detentora de um saber hegemônico, representativa de uma cultura de elite, expressa numa língua padrão, assumindo, de forma desafiadora, um caráter mais heterogêneo, plural e problematizador. Desenvolver espaços fronteiriços de diálogos

que contemplem o espaço amazônico, com ênfase em aspectos identitários e culturais na contemporaneidade é uma atividade relevante e necessária. Em primeiro lugar, porque é uma forma de conhecer a diversidade de grupos indígenas, de negros, migrantes internos e imigrantes que possuem formas de vida e trabalho, fracassos e expectativas que de certo modo se articulam. Segundo, porque é uma maneira de re-conhecer que essa região não é apenas “patrimônio ecológico estratégico”, mas também abrigo de uma série de vozes que, mesmo em grande parte silenciadas, contribuíram e ainda contribuem para a formação de uma consciência nacional. Em outras palavras, para nós, essa região apresenta-se não apenas como centro de importância ecológica, uma vez que é também centro de elaboração constante de culturas e imaginários. Estudá-la, nesse sentido, é como afirma Ana Pizarro “uma forma de apropriá-la para o continente que a olhou sem vê-la” (2004, p.34). A reflexão que ora propomos está afinada com as discussões de Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Jacques Derrida, Franz Fanon, Rita Olivieri Godet, Edward Said, Ana Pizarro, Julia Kristeva, Eduardo de Assis Duarte, Zilá Bernd, Arturo Escobar, Silvia Cusicanqui, Glória Anzaldúa, entre outros que têm ajudado a pensar povos, culturas e saberes não como uma essência fixa e homogênea, que se mantém imutável, mas como um processo que se encontra em constante diálogo e transformação. Temos interesse ainda em reflexões em torno do conceito decolonial, desenvolvido por Aníbal Quijano e Walter D.Mignolo, por apresentarem uma reflexão sobre resistência epistêmica ao projeto colonialista, centralizador e imperial, que historicamente subjugou povos e culturas consideradas marginais. É a partir dessas reflexões que estamos propondo desestabilizar o pensamento, deslocando o olhar para a margem, para os de fora, para os que não constaram nos manuais ou constaram de forma negativada. No contexto amazônico, estamos falando de negros, indígenas, quilombolas, caboclos, peixeiros, prostitutas. Com este simpósio, espera-se contribuir para a elaboração de novas subjetividades e formas alternativas de conhecimento, que coloquem em evidência não só os sujeitos que foram e ainda são silenciados e problematicamente representados, mas, também, num campo de observação mais amplo, ajudem a pensar no próprio espaço amazônico, que também é historicamente marcado por essa condição de exclusão. Portanto, trata-se da tentativa de rever estereótipos em torno do espaço amazônico que passam, inevitavelmente, por relações de poder e saber que

produziram (e ainda produzem) imagens e enunciados clichês, que falseiam esse espaço e as pessoas que vivem nele.

A corpo-escritura como contra-rasura da imagem colonial do negro na Amazônia: Bruno de Menezes e Naiara Jinkns

Thiago Alberto dos Santos Batista (UFPA)

Resumo Esta comunicação abordará sobre uma certa corpo-escritura afro-amazônica produzida pelas fotografias (2018-2019) de Naiara Jinkns e pelo poeta Bruno de Menezes, no poema “Alma e ritmo da raça”, que compõe a obra “Batuque” (1984). Corpo-escritura que, como será demonstrada, configura-se como contra-rasura do cultivo de um imaginário monocultural da Amazônia e seus habitantes, engendrado pela mitologia branca, sobre a qual fala Jacques Derrida (1991) em “Margens da Filosofia”; o indo-europeu tomando como universal o seu “logos”, o “mythos” de seu próprio idioma, passa a narrar e escrever a história de outros povos. Essa corpo-escritura realizada pelos artistas Nayara e Bruno dá-se como escritura ativa e, por isso, contra-rasura da escritura (rasura) civilizatória colonial, restaurando e reativando histórias, memórias e culturas, posto que representa algumas das marcas da condição humana do negro no contexto amazônico pós-colonial, resultando num certo grau de compreensão do espaço-tempo dessa região na modernidade. Far-se-á esse percurso pondo em perspectiva as teorias que fundamentam as linguagens em questão, em que a correspondência entre literatura e fotografia se mostra como potência de uma intermediação simbólica sobre a Amazônia, para tanto recorreremos à imagem na fronteira entre os dois sistemas semióticos, dialogando com pensadores como Stuart Hall (2003), Franz Fanon (2020), Homi K. Bhabha (2020), Octávio Paz (2012) e Roland Barthes (2011).

A identidade amazônica: um olhar a partir da obra Seringal

Ariceneide Oliveira da Silva (UFRGS)

Resumo Resumo: O presente trabalho tem como discussão central a identidade amazônica e denúncias sociais na obra literária Seringal

de Miguel Jeronymo de Ferrante. O principal objetivo do estudo desse romance é compreender como se constituem as denúncias feitas pelo autor na década de 70, do século XX, um debate no qual que se misturam a arte e a realidade. Outro objetivo que norteia esse estudo é identificar como as dificuldades de sobrevivência dos tipos humanos são representadas na literatura em meio às adversidades, tantos dos fenômenos naturais, simbolizados pela floresta quanto às adversidades colocadas pelas condições sociais e humanas configuradas nas opressões de seus patrões, donos de seringais – coronéis da região Norte, questões essas, que se repetem em pleno século XXI na região da Floresta Amazônica. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico e análise da obra em estudo. Os teóricos que embasaram a discussão foram: Bhabha (2013), Hall (2006), Silva (2003), Coutinho (2002), Figueiredo (2002), Godim (1994), Ferrante (1972), dentre outros. Como resultado dessa análise, são evidenciados de um lado o silenciamento de pessoas em situação de escravidão, e, de outro lado, o poder de uma cultura ocidental que sufocou e sufoca a tão exuberante floresta, pois essa, desde as décadas de 70 e 80, período da colonização da região amazônica, está perdendo seu fôlego para as injustiças sociais e políticas. Com esse acontecimento, ou seja, a colonização da Amazônia, povos e floresta passam a agonizar suas dores e está se perdendo o caráter de “pulmão do mundo”. A floresta que guarda a maior riqueza do planeta, está agonizando pela ação criminosa e tão devastadora do poder humano.

A viagem poética dos antepassados Marubo em busca dos Incas

Marcos Lampert Varnieri (UFRGS)

Resumo O canto marubo “Inka Ro Yōká” recitado por Armando Mariano Marubo e traduzido para o português por Pedro de Niemeyer Cesarino como “Pedindo machado ao Inca” versa sobre a relação entre duas culturas indígenas sul-americanas. A pesquisa antropológica mostra que havia contatos entre as diversas civilizações do continente americano anteriormente à chegada de europeus, bem como explicita a transformação dessas relações em período posterior. O povo indígena amazônico Marubo detém em seu repertório poético traços do contato com a civilização inca, cujas tecnologias de manejo

de pedras contrastavam com a habilidade dos nativos da floresta no uso de objetos de madeira. A figura do Inca está associada à do estrangeiro, o qual incorpora parte dos saberes xamânicos tão necessários à sociedade marubo. O canto ora em estudo discorre sobre a viagem feita pelos antepassados Marubo em busca de contato com o Inca, o que indica a relevância de pensar a espacialidade nas trocas culturais desse grupo amazônico. Cabe ainda ressaltar semelhanças entre as cosmovisões dessas culturas, que, mesmo habitando regiões tão distintas como os Andes e a Amazônia, apresentam uma noção de comunidade que envolve seres humanos e não humanos. Como referências teóricas estão Cesarino (2011, 2013), Harvey (2015), Calavia Sáez (2000) e Werlang (2001).

**Da nascente à foz: itinerário crítico
para *Um rio sem fim* (1998), de Verenilde Santos Pereira**

Luana Aguiar Moreira (UEA)

Allison Marcos Leão da Silva (UEA)

Resumo Por muito tempo, na literatura, a representação indígena reforçou a visão etnocêntrica e ocidental do colonizador europeu, marcada pela polaridade do bom/mau, civilizado/bárbaro. Atualmente, a representação de grupos marginalizados, como as de etnias indígenas, assim como o acesso à voz e ao poder de representar a si mesmo, têm sido cada vez mais debatidas pela crítica literária, ampliando o que se compreende por representação e representatividade nas artes; buscando-se, ainda, novas vozes e perspectivas de se compreender o mundo. Nesse sentido, a partir das discussões sobre alteridade, em *A conquista da América*, de Todorov (2019); representações literárias do outro, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de Dalcastagnè (2012), e *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas*, de Olivieri-Godet (2013); pensamento abissal e ecologias dos saberes, em *Para além do pensamento abissal*, de Santos (2007), propomos, nesta comunicação, analisar o romance *Um rio sem fim* (1998), da jornalista, indigenista e escritora afro-indígena Verenilde Santos Pereira (1956-). Daremos destaque ao processo de criação da obra e as representações das personagens indígenas – sobretudo as personagens femininas, protagonistas da

narrativa. Originalmente, a obra fora parte da dissertação de mestrado da autora, onde já se percebe um paradoxo entre a linguagem literária e acadêmica, pois a linguagem poética foi o recurso escolhido, ao invés do discurso científico, para dissertar a respeito dos povos indígenas do Alto Rio Negro. Além disso, as representações das personagens subalternizadas, suas singularidades, linguagens e culturas, e as múltiplas violências por eles sofridas questionam e reformulam os discursos excludentes e eurocêntricos sobre o outro indígena. Observaremos, enfim, como as concepções particulares à alteridade e à linguagem influenciam na construção de uma representação não “mais fiel” dos sujeitos indígenas, mas mais plural e sensibilizada a partir do olhar de uma escritora que também carrega a Amazônia em sua origem.

Diversidade epistemológica em “Vocês brancos não têm alma”: realidade e imaginação nas fronteiras da América profunda

Daniela Severo de Souza Scheifler (UFRGS)

Resumo Krenak (2019) diz que chamar o Rio Doce de avô causa estranheza entre os brancos. Isso porque a civilização branca e eurocentrada vê a natureza como recurso a ser explorado e não como uma entidade viva com a qual é possível se relacionar – resumo da triste perspectiva cognitiva dos europeus (QUIJANO, 2009). O livro de histórias de fronteira *Vocês brancos não têm alma*, de Jorge Pozzobon, filósofo e antropólogo brasileiro, nascido na também fronteira cidade de Santana do Livramento, narra a vivência do escritor em meio à floresta amazônica juntamente com os índios Makus. O escritor inicia sua pesquisa na década de 80, em pleno regime militar, e segue até 2001, ano de sua morte. Durante esses 20 anos de pesquisa *in loco*, ele conta essas histórias de fronteira em que realidade, sonho, imaginação e relação com o sagrado se entrelaçam. O escritor branco experiencia, através do contato com os personagens autóctones do livro, uma horizontalidade na relação entre os seres. Uma ecologia de saberes para citar Santos (2009), na qual o homem não está acima da natureza. O contrário do Antropoceno. Essa comunhão que vem sendo rompida sistematicamente pela colonização branca e europeia e por seu pensamento abissal (SANTOS, 2009) tem

causado profundos danos físicos e psicológicos à nossa civilização que, não por acaso, está à beira de uma mudança climática. A partir dessas reflexões, esse trabalho visa mostrar a relação do escritor com os Makus sobre os quais escreveu sua tese de doutorado. No livro, vemos a desconstrução que Pozzobon vive ao se deixar fagocitar pela natureza e pelo modo de vida dos Makus. Assistimos ao choque e também ao encantamento do pesquisador, além do incômodo que Kush (2007) descreveria como o fedor da América – a natureza sem a assepsia do homem branco ocidental.

Identidade cultural na Amazônia brasileira: uma leitura do conto “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza

Jeanete dos Santos e Santos (UNIFESSPA)

Resumo Este artigo procura discutir questões que envolvem a cultura e a identidade na Amazônia brasileira. A partir dos Estudos Culturais estamos propondo analisar um conto da Literatura Brasileira, “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza, para que a partir dele possamos problematizar discursos constituidores da identidade cultural nesse espaço geográfico, com o objetivo de compreender internamente o funcionamento desses discursos que historicamente tem servido para excluir diferenças culturais importantes. Além do texto literário que compõe o corpus dessa pesquisa, e procurando dar unidade ao nosso trabalho que se apresenta na perspectiva dos Estudos Culturais, lemos autores que abordam teorias que discutem a diversidade e a diferença cultural, o hibridismo, subalternidade e interseccionalidade, para que pudéssemos discutir os discursos que produzem a identidade cultural na Amazônia brasileira. Contextualizando tais teorias autores como, Márcio Souza, Bertha Becker, Neide Gondim, Amarílis Tupiassú, que tratam da Amazônia em seu processo histórico, geográfico e político, literário e cultural; Stuart Hall, Paul Zumthor, Silviano Santiago, Homi K. Bhabha, Gayatri Chakravorty Spivak, Carla Akotirene, Gloria Anzaldúa entre outros que fazem abordagens acerca da cultura e identidade de sujeitos sociais. O interesse pela pesquisa surgiu da necessidade de demonstrar discursos constituidores da identidade cultural da mulher na Amazônia brasileira, a fim de propor uma leitura dessa construção que se

fará a partir de recortes do conto acima citado, nos quais discutimos os processos de identificação cultural da mulher na Amazônia brasileira, com o intuito de se fazer perceber as concepções de cultura e identidade desse sujeito nesse espaço.

Irrisão na zona:

leitura da peça “Tem piranha no pirarucu”, de Márcio Souza

Antônio Coutinho Soares Filho (UEMASUL)

Wallace Rodrigues (UFT)

Resumo Com uma vasta e vigorosa produção, Márcio Souza é um dos principais representantes amazonenses na literatura brasileira. Rejeitando, tacitamente, o estigma exótico ou folclórico, atitude não rara quando a Amazônia está em pauta, o escritor, nascido em Manaus, olha a região sob múltiplas perspectivas, inserindo-a num debate mais amplo, para além do reducionismo geográfico. Em sintonia com a realidade plural da Amazônia, a obra souziana constrói-se como uma teia reflexiva mediante a qual fica patente o compromisso com sua gente, o que resulta numa arte ideologicamente combativa, preocupada em desvelar a falácia dos discursos oficiais. Ao mesmo tempo que critica as contradições do país e os mecanismos de manutenção do poder, que relegam ao obscurantismo social e humano as minorias, o escritor manauara não abre mão do caráter estético de sua criação, primando por uma linguagem precisa e contundente, a que não faltam doses altas de ironia, riso, deboche, situações insólitas, severas denúncias, bem como se fazem presentes o lirismo, o maravilhoso, o mítico e a experimentação artística. Considerando as nuances criativas de Souza, a pesquisa tem como foco sua escrita teatral, a qual se conduz por uma marcante consciência política, social, histórica e cultural, constituindo-se como um grito de protesto, mesmo quando o riso está em pauta como na peça *Tem piranha no pirarucu* (1978), corpus deste estudo. Desse modo, o objetivo principal é compreender a crítica aos geradores institucionais de injustiça, miséria e marginalização no país, sobretudo, na Amazônia. Com ênfase no teor satírico, fundamento teórico do trabalho, são analisados os aspectos estruturais e temáticos da peça. Vê-se, pois, que Souza, com humor ácido, critica a política econômica nacional

cujas consequências são danosas para a região, como também para o povo que nela habita. Infelizmente, uma situação não exclusiva de períodos anteriores, mas uma realidade ainda persistente.

Literatura e Arte Contemporânea: vozes e gestos contra a necropolítica nas Amazôniaas

Tatiana Cavalcante Fabem (UNIFESSPA)

Resumo A necropolítica é um conceito construído por Achille Mbembe, a partir da soberania pensada por Michel Foucault, mas com adaptações para as realidades de países periféricos em situação de neo ou pós-colonialismo, em que muitas vezes a violência do Estado se junta à de grupos hegemônicos, para a eliminação física de grupos minoritários. Nesse sentido, este trabalho tenta aproximar o romance contemporâneo *Cinzas do Norte* (2006), de Milton Hatoum, da obra de arte contemporânea *Monumento em Memória ao Massacre de Eldorado dos Carajás* (2013), feito por Dom Baron e Manoela Souza juntamente com os sobreviventes do Massacre de Eldorado dos Carajás, mais jovens do acampamento pedagógico da juventude do MST. A aproximação do romance com a obra de arte contemporânea se dá porque naquela, o protagonista, assim como no monumento às margens da curva do S, monta uma instalação, o Campo de Cruzes, também em trabalho coletivo com a comunidade minoritária, mais exatamente ribeirinhos que haviam sido retirados à força da beira do rio e jogados em um bairro sem nenhuma infraestrutura e distante do rio, de onde os mesmos tiravam o seu sustento. A instalação seria logo destruída e seu idealizador, Mundo, perseguido pela ditadura militar. Apesar de se tratar de uma obra de ficção, o “crime urbano” perpetrado contra a comunidade ribeirinha manaua pela ditadura foi um fato histórico, assim como o massacre de Eldorado de Carajás, em que, em 1996, 19 trabalhadores rurais foram chacinados e outros muitos, feridos e mutilados. Portanto, tanto a obra de arte quanto a obra literária denunciam tal necropolítica na Amazônia. O objetivo deste trabalho é perceber como tanto no referido romance quanto na obra de arte as vozes minoritárias ameaçadas se fazem ouvir nas realidades Amazônicas.

Narrativas de fronteiras nas escritas de Jorge Pozzobon e Ruy Duarte de Carvalho

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS)

Resumo As escritas do brasileiro Jorge Pozzobon em *Vocês, brancos, não têm alma* (2013) e do angolano naturalizado Ruy Duarte de Carvalho no conto “As águas do Capembáua” (2008) possuem muitas confluências. Sendo ambos antropólogos, em sua textualidade narrativa articulam experiências de estar em campo com exercícios de alteridade: o primeiro esteve junto dos Maku, etnia nativa amazônica na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Venezuela, durante e após suas pesquisas de pós-graduação; o segundo passou anos de sua vida na companhia dos pastores Kuvale ao sul de Angola. Para além de investigar “os outros”, a descrição científica neles cede espaço para gêneros e formatos compósitos e para a auto-etnografia (PRATT, 2005). No caso do brasileiro, conto, crônica e roteiro de cinema fazem deslizar os limites do que é etnográfico, na tentativa de dar conta da relação com o ancião Nyaam Hi, uma travessia por limites e fronteiras a partir do encontro (LAPLANTINE, 2003). Já o angolano emprega na sua “meia ficção” (CARVALHO, 2005) recursos como a multiplicidade de vozes e a metalinguagem, colocando em perspectiva temporalidades e cosmovisões tradicionais, que o colonialismo buscou apagar. As passagens entre mundos simultaneamente contestam os valores dualistas da modernidade e afirmam a ontologia relacional (ESCOBAR, 2014) ao dispor complexas formas de intersubjetividades que compartilham territórios e a pluriversidade. Essa modalidade de mundos ou ontologias de entidades biofísicas, humanas e sobre-humanas com vínculos de continuidade e comunidade entre si opõe-se à separação entre natureza e cultura sustentada pelos valores ocidentais de indivíduo, racionalidade, propriedade privada e mercado.

O Andaluz, deslocamentos e travessias

Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)

Resumo Em comemoração à terceira edição do romance *O Andaluz*, do escritor amazonense Wilson Nogueira, este trabalho quer analisar

os procedimentos e estratégias narrativas que se organizem a partir da imaginação histórica e se construam por uma espacialização crítica. O Andaluz é uma narrativa inspirada nas contradições entre realidade e não realidade ou realidade e ficção. Logo, as personagens caminham sobre esse fio tênue que, como muitos acreditam, separa essa visão de mundo. Portanto, o discurso dos vários narradores na obra são o ponto de partida para esta análise. Essa cena teórica vai ao encontro da literatura contemporânea periférica, considerando suas margens, e desafiando conceitos e problematizações vigentes. Assim, nos dedicaremos em dar visibilidade a essa literatura, suas formas e sua expressão, seus deslocamentos e travessias. Os principais deslocamentos a serem explorados constituem paradigmas históricos e literários, como os processos dialógicos e intertextuais que Wilson Nogueira tece entre a história e a literatura, como também a proposta de descentralização para uma construção de perspectiva múltipla e excêntrica de narrativização. Poderíamos somar a isso a questão que a literatura é a arte de narrar uma história que, por sua vez, é o registro das possibilidades da existência. Mas não há vida sem espaço, sem território, sem lugar. Diante disso, o que se impõe é a concepção de um modo de ler o espaço pela existência, valendo-se de uma premissa geográfica: o território somente tem sentido porque os seres humanos, em relações sociais e existenciais, ocupam-no, usam-no, outorgam-lhe valor, distinção, limites.

O ethos amazônico e a poética de resistência/existência em poemas Francis Mary, Astrid Cabral e Marta Cortezão

Maria da Glória de Castro Azevedo (UFT)

Resumo Nesta comunicação, pretendo refletir sobre a poética de autoria feminina e o ethos amazônico em poemas de três escritoras da região Norte: Francis Mary (Acre), Astrid Cabral (Amazonas) e Marta Cortezão (amazonas). Veremos como o lugar estabelece na escrita dessas autoras um espaço imagético de pertencimento e identidade cultural, político e de resistência de gênero. Os poemas serão estudados através da ecocrítica, uma vez que os diversos sentidos dos aspectos de lugar como: raízes/ enraizamentos, lar/ lugar/ semlugaralidades são importantes conceitos para a discussão da representação

social, cultural e emocional nesses poemas, além de representarem o microcosmo, ou seja, o lugar como cada uma dessas escritoras constitui a criação poética, a memória e a vivência. A literatura de resgate da identidade e reivindicação de gênero, classe, território e raça identificam-se com esses liames de ordenamento territorial, biodiversidade, ecologia e estratégias de conservação da natureza, constituindo o que se chama bioregionalismo. Para Judith Plant (1993) o bioregionalismo, é a capacidade de aprender a se fazer nativo em um lugar, vivendo de acordo com os limites e elementos que a natureza proporciona, criando-se, a partir daí, uma forma de vida que pode ser transmitida a gerações futuras. Karen Warren em *Ecofeminist Philosophy* (2000) defende a ideia de que “uma ética ecofeminista deve ser antissexista, antirracista, anticlassista, antinaturalista e oposta a qualquer “ismo” que pressuponha ou avance uma lógica de dominação” (2000 p. 99). Portanto, objetivo, nesse estudo, observar como as águas, rios, floresta, mitos, lendas, marcam as suas vivências literárias, políticas, de deslocamento, de pertencimento regional e identidade de si. O suporte teórico para a pesquisa é amplo e abrange diversificadas áreas do pensamento teórico sobre feminismo, crítica literária, ecofeminismo, estudos de gênero, história social, espaço e lugar geográfico, ecologia, filosofia, dentre outros.

O eu nos cantos da mitologia marubo: um diálogo com a lírica moderna

Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin (UFRGS)

Resumo Com este trabalho, tenho o objetivo de abordar a noção de “eu” presente nos cantos mitológicos dos Marubo radicados no Vale do Javiri, no Amazonas, traduzidos e reunidos pelo antropólogo Pedro Cesarino, em “Quando a Terra deixou de falar” (2013). Para a cosmovisão Marubo, o “eu” não é um ente unívoco, ou cingido entre alma e espírito, mas uma maloca, casa onde habitam diversos seres, os duplos, para além do “vidente” – aquele que, modernamente, identificamos como a pessoa. Estas carcaças/malocas, por sua vez, não estão sozinhas, formando a cosmografia desta cultura xamânica, baseada em um complexo sistema de parentesco (CESARINO 2006; 2008a; 2008b 2013a; 2013b). Assim, em um primeiro momento, apresentarei esta concepção de “eu”, explicitando a diferença radical em

relação à cultura ocidental (DERRIDA, 2002; VIVEIROS DE CASTRO, 2007; 2013). Esta descontinuidade entre ontologias, por conseguinte, desdobra-se em uma discussão central para os Estudos literários: o “eu” nas artes verbais – e, em específico, na poesia. Sobre este ponto, retomarei o debate em torno do eu lírico, centrado na subjetivação da voz que emerge do poema (COLLOT, 2018; COMBE, 2009-2010; DERRIDA, 2012). Logo, através do comparatismo, acredito ser possível refletir sobre como estas concepções de sujeito se relacionam com visões igualmente distintas acerca do “eu” nas duas poéticas – a Marubo e a ocidental. Por fim, entendo que a reflexão some esforços para a compreensão das produções poéticas contemporâneas como um espaço no qual convivem, se avizinham e se chocam múltiplas cosmovisões, entre fronteiras e abismos.

O pobre, o favor e a exclusão social na Amazônia em “Três Casas e um Rio” de Dalcídio Jurandir

José Elias Pereira Hage (UFRA)

Resumo O presente trabalho tem como propósito demonstrar o resultado parcial da pesquisa para Doutorado sobre as figurações do pobre no ciclo Extremo Norte de Dalcídio Jurandir. A carência financeira, e a exclusão social que ela gera, reverberam na obra do autor, explicitando em seus personagens a consequência da prática do favor, que é movida na maioria das vezes por um jogo de aparências e são essas as relações que esse trabalho pretende estudar. Entre 1941 e 1978, o escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909–1979) construiu o ciclo Extremo Norte, no qual intentou revelar o viver Amazônico do ponto de vista de personagens fortes e de heroica humanidade. Em “Três Casas e um Rio”, terceira obra do ciclo, o autor continua a trajetória do menino Alfredo, personagem nascido no interior do estado do Pará, que em busca por melhores condições de vida, idealiza uma realidade diferente na capital, onde visa a ascensão por meio dos estudos. No decorrer do romance, o protagonista se envolve com traços característicos da mecânica do favor, prática que possibilita a mobilidade social entre favorecidos e desfavorecidos, inseridos na realidade amazônica, e observou-se que essa mecânica está presente em todas as relações estabelecidas entre as personagens, possibilitando que haja a satisfação de vários objetivos pretendidos. Quando

esse mecanismo se configura entre indivíduos de mesma classe social, ele é positivo, entretanto quando se dá entre classes diferentes, nos deparamos com situações que colocam o desfavorecido numa relação de dependência e continua exclusão.

O que faz do lugar o mais sombrio?

Análise de romances de Milton Hatoum

Márcio Araújo de Melo (UFNT)

Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT)

Resumo Este trabalho analisa romances da trilogia de Milton Hatoum intitulada *O lugar mais sombrio*. São eles *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019). Dentre as possíveis isotopias de leitura, privilegiamos a perspectiva do espaço, dado o protagonismo concedido aos lugares nos quais vive o narrador Martim e as próprias reflexões que ganham destaque a partir da fala dos personagens, envolvidos com arquitetura e projetos urbanos. A história se inicia com o narrador personagem afastando-se de sua mãe e seguindo com o pai para Brasília. Adolescente, vivencia ali os anos de recrudescimento da ditadura civil-militar, com prisões, desaparecimentos, tortura, o que vai determinar sua fuga e a de alguns amigos para São Paulo. De lá, palco também de tensões entre forças de repressão e estudantes comprometidos com a resistência, seguirá para o exílio em Paris, finalizando a narrativa com lacunas que devem ser preenchidas no terceiro volume. O leitor compartilha com o narrador a conjunção com um não saber, estando este cada vez mais fragilizado como sujeito para reagir à ordem dos acontecimentos. Do ponto de vista da dimensão passional, Martim se deixa afetar mais pelo desaparecimento da mãe do que pela política, constituindo-se como sujeito da privação e da busca, caminhando para um definhamento que o torna frágil até para narrar. É quando então a narrativa se torna mais polifônica, preenchida por sucessão de cartas e diários dos amigos. Como autor manauara, Hatoum não se detém sobre a ditadura no Norte. A referência à região se faz pela figura do personagem Nortista. Mobilizando estudos da semiótica do espaço e literatura comparada, nossas reflexões se centram na perspectiva ao mesmo tempo determinista, com o lugar concorrendo para uma espécie de programação dos sujeitos

(LANDOWSKI, 2015) e a contraditória deriva identitária de uma literatura/sujeito sem morada fixa (ETTE, 2018).

O rio que corre em mim é um rio de saberes: o saber ancestral como prática epistêmica na poesia de Márcia Wayna Kambeba

Cássia Josiele da Silva (UFRGS)

Resumo O território da atual América Latina foi formado por meio de um grande sistema de violência e de exploração. Observa-se, porém, um reconhecimento com o europeu, presente na estrutura de conhecimento compartilhada nas instituições de ensino do país. Frantz Fanon (2008) diz que falar é, sobretudo, assumir uma cultura, isto é, suportar o peso de uma civilização. Isso posto, a colonização, conforme Boaventura de Sousa Santos (2009), foi também uma dominação epistemológica que impôs uma relação extremamente desigual entre saberes, a qual conduziu à supressão de muitas formas de saberes próprios dos povos e das nações colonizados, relegando muitos outros para um espaço de subalternidade. Nisso consistiu o epistemicídio, pelo qual, sob o pretexto da “missão colonizadora”, o projeto de colonização procurou homogeneizar o mundo. O presente trabalho surge nesse contexto, no qual pensadoras/es têm proposto diálogos nos quais sejam postas em evidência questões que levem em consideração outras perspectivas, saberes ditos subalternizados, frutos da supressão epistêmica. Ao encontro disso, situa-se *O lugar do saber ancestral* (2021), livro de poemas de Márcia Wayna Kambeba, no qual há ideias acerca dos saberes e das poéticas do corpo território, que são essenciais em relação a sua ancestralidade e às cosmologias de seu povo. Assim, por meio da valorização do saber ancestral, é possível observar o rompimento com modelos teóricos ocidentais e são possíveis de validação teórica, sobretudo a partir da ancestralidade enquanto prática epistêmica. Isto posto, tal trabalho tem como objetivo pensar acerca dos saberes presentes nos poemas, além de o lugar destes em relação às agendas de conhecimento, sendo um trabalho pautado em pesquisa bibliográfica. Desse modo, será possível analisar, sob a ótica do apagamento dos saberes considerados subalternizados, e depreender qual a relevância, neste cenário, da poética da autora nascida no Alto do Solimões.

Oralidade Amazônica: as narrativas de Oxum

Monise Campos Saldanha (UFRGS)

Resumo Este estudo apresenta algumas ideias e reflexões de autores sobre o rigor literário oral de matriz africana ligada às narrativas dos Orixás perpassadas há gerações em espaços afro-religiosos. Narrativas a compor o bojo das oralidades em poéticas de terreiro trazidas à Belém pelo tráfico de seres humanos escravizados. Parte da monografia de especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária, defendida na Universidade do Estado do Pará – UEPA, o objetivo desta investigação é analisar as narrativas orais d'Oxum nas poéticas de terreiro pelo viés das Poéticas Oraís na área metropolitana da cidade de Belém – Pará. A metodologia de investigação aplicada foi a da História Oral, em estudo quantitativo e qualitativo. Assim, a princípio fez-se o levantamento bibliográfico com autores que desvelam o tema, atrelada à pesquisa de campo de cunho analítico descritiva. Verifica-se que o fenômeno aqui estudado tem diversas causas imbricadas em fatores sociais e culturais, concernentes à desvalorização de produções culturais na contracorrente dos cânones literários. Pelo estudo, Conclui-se que há correlação entre os fazeres literários tradicionais e os expressos pelas narrativas dos orixás, cuja relevância cultural encontra respaldo no arcabouço teórico das Poéticas oraís; então, se faz necessário compreendê-la, para, se perceber que a “informalidade” dos contos oraís de terreiro não os exime do rigor científico que possuem.

Poética do ocre ou sob o Império de Wei: uma outra palavra e uma palavra outra para literatura

Sonyellen Fonseca Ferreira (UFF)

Resumo Nossa reflexão parte do que Santos (2018) denomina de canto de dança em particular de um pertencente ao gênero parixara. Parixara é o termo aportuguesado para pariisara cujo radical pari- pode relacionar-se ao capim (SILVA & FIOROTTI, 2018, p. 25) ou palha com que, depois de secos ao sol, se confeccionam vestimentas e adornos para as festividades em que se executa a dança homônima ao canto

em conjunto com o canto de dança denominado tukui. A palha também é utilizada para a confecção de peças de artesanato, dos telhados das casas indígenas, comumente chamadas de malocas e sob os rigores do clima equatorial, o tom de palha é predominante na vegetação da região denominada circum-Roraima (COLSON, 1985), da tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República Cooperativista da Guyana, região de savana ou lavrado, e que concentra majoritariamente tanto a vegetação quanto a maior parte dos habitantes do povo Makuxi. De tal forma que mesmo à noite, quando se estendiam as longas festividades indígenas, o tom de ocre, a cor do sol, espalhava-se pelas vestimentas dos participantes, objetos artesanais, efeito das chamas das fogueiras. Através dessa aliança entre diversos seres existentes sob o cosmos emerge um sem fim de potencialidades para o humano e para o próprio mundo, o que leva o considerado modo de pensar e fazer ocidental, inclusive a literatura, a realizar uma atualização conceitual. Em especial quando os quadros de sistemas simbólicos e de referenciais históricos não operam da mesma maneira na forma que com outros povos, em particular os indígenas, não se relacionam com a linguagem e com o que consideram o real. Assim buscamos discutir como ainda estabelecer sentidos para a literatura quando estes quadros e referenciais, mesmo para a ocidentalidade, demonstram estar exaurindo-se em si mesmos.

Poética fronteira e territorialidades amazônicas inscritas em processos de construção de autoria

Nilsa Brito Ribeiro (UNIFESSPA)

Eliane Pereira Machado Soares (UNIFESSPA)

Resumo Este trabalho tem a proposta de se deter a poemas e prosas que compõem a antologia “100 poemas e prosas por Marabá”, organizada por Soares e Souza (2016), por ocasião do centenário da cidade de Marabá-Pará, situada na Amazônia oriental brasileira. Sob o tema mais amplo da poética fronteira, o trabalho se inscreve na interface dos estudos literários com os estudos discursivos, o que nos leva a considerar a dupla mobilização do conceito de fronteira: i) por sua presença na relação (inter) disciplinar entre campos do conhecimento e ii) pelo efeito da clivagem produzido por relações tradicionais de

poder, em que novas territorialidades com valores emancipatórios vão se constituindo através de relações com a territorialidade intersticial, observando que as fronteiras disciplinares não deixam de ser, também, efeitos da história sobre condições de possibilidade de relações entre campos do conhecimento, onde, também, se dão as batalhas teóricas, culturais e políticas. É, portanto, nessa relação interdiscursiva que tomamos como materialidade de análises poemas que compõem a referida antologia, situando-os no domínio de uma literatura menor, tanto no sentido de não corresponderem àquilo que se estabelece como cânone, como, pelo fato de os autores não serem reconhecidos pela categoria de “grandes escritores”, mas, sobretudo, por ocuparem uma posição discursiva e um lugar enunciativo que inscrevem a sua poética em (des) territorialidades marcadas pelo embate entre discursividade hegemônicas e processos de re-existência, na Amazônia. Na poética analisada comparecem, portanto, representações das lutas que se travam nessas territorialidades, enquanto efeitos de um jogo de forças cujas margens se delineiam, se definem, se ofuscam e se reconfiguram, justamente porque seus limites são dados pela historicidade, pelo exterior, na relação com a densidade da linguagem. O movimento da poética fronteiriça se revela nos processos de autoria marcados por injunções históricas, por trajetos sociais e condições de produção.

Poéticas afro-indígenas nas literaturas das Amazônias

Gilson Penalva (UNIFESSPA)

Resumo Este trabalho visa discutir poéticas afro-indígenas nas literaturas das Amazônias, com o intuito de problematizar formas de pensar e produzir conhecimentos forjados dentro de parâmetros da cultura hegemônica, que tem ditado preceitos pelos quais a “periferia” deveria orientar-se. A ideia é contrapor a uma formação cultural pensada pelo modelo hegemônico, que sempre se pautou por uma perspectiva de negação do Outro, o que tem contribuído para a formação de hierarquias culturais. Com o objetivo de desestabilizar essas hierarquias, essa pesquisa pretende fazer ouvir vozes e versões que foram silenciadas historicamente, propondo rediscutir epistemologias, discursos e ideias preconceituosas, que mantêm estruturas de

exclusão e impedem a manifestação da diferença. A proposta consiste no debate sobre poéticas afro-indígenas, produzidas nas Amazônias, ampliando uma possível cartografia lítero-cultural dessa região, buscando entender melhor formas de ser e de viver de negros e indígenas, suas culturas, literaturas e imaginações. Além de discutir o conceito de poéticas afro-indígenas, pretende-se averiguar figuras de negros e indígenas em textos de Milton Hatoum, Márcio Souza e Dalcídio Jurandir. A base teórica da pesquisa apóia-se em teorias culturalistas da América Latina (Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo) e outros autores sintonizados com os estudos culturais e pós-coloniais (Homi K. Bhabha, Stuart Hall), entre outros.

Visagem elegíaca: ethos testemunhal na poética de Ademir Braz

Abilio Pachêco de Souza (UNIFESSPA)

Resumo A região sul e sudeste do Pará apresenta muitas características e vivencia os mais variados problemas que são próprios da Amazônia brasileira; características e problemas ora acentuados ora peculiares. A representação simbólica da região tanto tinta as belezas naturais, quanto põe em relevo os debates identitários, bem como sulca temáticas políticas e sociais: grilagem, pistolagem, trabalho escravo, impunidade corrente e violência onipresente. No caso da região de Marabá, é importante destacar que a região é caracterizada por ciclos econômicos (POMPEU, 2013) que colocaram em relevo e provocaram em maior ou menor grau pautas de interesse político e econômico derivados ou não desses ciclos. Neste contexto, a produção artístico-literária não esteve alheia aos rios e às ruas. Artistas visuais e artistas da palavra forjam suas obras imbuídos de um ethos testemunhal. É possível ler nestes artistas temas e pautas comprometidas com a terra e o povo – *telus* e *humus*. É este ethos poético de teor testemunhal (SELIGMANN-SILVA, 2013) relacionado à realidade da social da região que nos interessa neste trabalho; mais especificamente sua presença em três poemas de Ademir Braz, nos quais são perceptíveis a força de um dos ciclos econômicos, a luta pela terra e o registro da violência institucional publicados em *Rebanhos de Pedras* (2003).

Simpósio 77**Produções literárias de pessoas gênero-dissidentes
na literatura brasileira contemporânea**

Leocádia Chaves (UnB)

Luiz Gonzaga Morando Queiroz (UFMG)

Resumo Conforme demonstra Regina Dalcastagnè (2012), o sistema literário brasileiro, como dispositivo de poder, também é produtor e reproduzidor do status quo. Ou seja, confirma e reafirma pelo modo artístico-discursivo um ordenamento social mantido por múltiplos supremacismos. Isso se revela por exemplo quando, diante do universo recenseado, constata-se que mais de 72,7% dos romances publicados por essas editoras foram escritos por homens; sendo que 93,9% são brancos; 78,8% com escolaridade superior; 60% moradores do eixo Rio-São Paulo, um grupo que em grande medida já está presente em outros espaços privilegiados de produção de discurso, de poder e que de forma não coincidente encena, em sua maioria, narradores e personagens relevantes como fortalecedores da matriz colonial: à imagem e semelhança de si mesmos. Salienta-se que embora o “censo” não tenha se voltado para a questão da identidade de gênero – cisgeneridade e transgeneridade –, como demonstra a pesquisadora, essa produção se efetiva sob um mapa de violências de grupos subalternizados, seja pela sua ausência – como autores e autoras –, seja em representações estigmatizadoras – não homem, não branco, não heterossexual, não rico, não urbano, não qualificado – como ocorre, por exemplo, com a representação de personagens negras e dissidentes sexuais (homossexual, bissexual e assexuado). Essa “radiografia” também se confirma para a produção romanesca do intervalo subsequente, de 2005-2014, pesquisado por Dalcastagnè, conforme descreve Graziele Frederico (2017). Em “acréscimo” a este, Luiz Henrique Moreira Soares e Rosiney Aparecida Lopes (2017) verticalizam a indagação para a representação de travestis em romances entre os anos de 2000-2016. Dentre as constatações, confirmam que a maioria desses romances foi escrita por homens – provavelmente cis –, que por sua vez monopolizam – por meio de seus narradores – os lugares de fala no interior das narrativas. Do total de trinta e nove romances, e de cinquenta personagens travestis, apenas dezoito são representadas como protagonistas; as demais ocupam espaços de

exclusão social com representações que orbitam entre corpos mortos, assassinas perigosas, seres angustiados, suicidas ou sujeitos não nomeáveis. Em contraparte, o sistema literário brasileiro ainda tem dificuldade também para se posicionar frente a outras variáveis que confrontam sua face hegemônica, como aquela que provém de autoras e autores gênero-dissidentes que buscam expressar modos, processos e experiências de subjetivação e representação coerentes e alusivas a suas identidades. Esses abalos começam a se fazer visíveis, ainda que de forma tímida, já no final dos anos 1970 e ao longo dos 80 com produções literárias de caráter autobiográfico e/ou memorialístico, seja na poesia de Ruddy Pinho, seja na prosa de João W. Nery e Anderson Herzer (CHAVES, 2021). Um aumento em escala geométrica dessa produção a partir dos anos 90 expôs autores/as, leitores/as, críticos e historiadores em contato mais direto com noções como performatividade de gênero, abjeção, deslocamento de discursos binários, ordem heterocentrada, modelo heteronormativo, abordagens queer (SOARES, 2020). Dentro desse contexto, pelo menos dois grandes afluentes se estabeleceram: os de autores/autoras gênero-dissidentes com um olhar autobiográfico, em que o exercício de memória traz à cena literária os mecanismos de constituição da persona narradora; os de autores/autoras gênero-dissidentes que constroem a reflexão sobre o gênero e o estar no mundo por meio especialmente de narrativas que encenam personagens outros e seus dramas cotidianos no espaço onde convivem. Seja com o olhar voltado eminentemente para dentro si, seja para fora de si, para o outro e seu contexto, essa literatura trará para o espaço ficcional os conflitos e as disputas característicos de pessoas gênero-dissidentes, fazendo irromper novas subjetividades e ameaçando estilhaçar a ordem hegemônica. Desse modo, como confirmam Michel Foucault (1988), Judith Butler (2018) e as “guinadas” no nosso próprio sistema literário: onde há poder, há resistência. Diante dessa certeza histórica é que indagamos: a quantas anda a produção literária de pessoas gênero-dissidentes na contemporaneidade? Como a crítica literária tem se comportado diante desta produção? Em que medida suas produções têm colocado em xeque o status quo? Essa produção se confirmaria como uma outra face da literatura brasileira contemporânea? Salientamos que, ao qualificar e delimitar a instância da autoria como gênero-dissidente (BUTLER, 2017), ou seja, de pessoas que por múltiplas formas irrompem contra a compulsoriedade identitária

cisheteronormativa, não desprezamos a existência de outros marcadores sociais que relacionados àquele vêm reforçando extermínios em nossa sociedade (CRENSHAW, 1991), não sendo, então, negligenciável nas propostas de comunicação a serem apresentadas. Assim, a proposição deste simpósio temático vem da compreensão da necessidade de se garantir a ocupação deste importante espaço de poder de nosso sistema literário para que essa produção e a sua crítica irrompam de forma fraturadora do status quo, portanto, resistindo, rebelando, revoltando contra as produções e modelagens hegemônicas de existir (es) e saber (es).

**“Bixa travesti”: metamorfoses do corpo
como práticas decoloniais na literatura
de autoria trans* latino-americana contemporânea**

Manuela Rodrigues Santos (UnB)

Resumo O corpo é não só a referência que ancora a identidade, mas também um constructo cultural cujos atos, gestos e práticas retratam valores, conceitos e formas de organização da vida em sociedade; ao mesmo tempo em que é modelado pela matriz colonial de poder que, através do domínio do gênero e da sexualidade, opera na construção de práticas que produzem os corpos que governam. A partir disso, constroem-se tanto os modos de organização da vida; quanto à estruturação de novas formas de guerra, marcadas pelo não reconhecimento das existências e legitimadoras de pedagogias da crueldade que atingem as corporalidades que ousam escapar de seus enquadramentos. Por isso, as corporalidades trans* têm suas experiências atravessadas pela dor, pela despossessão, pela vulnerabilidade e pela violência de uma lógica estatal necrobiopolítica que define as vidas que verdadeiramente importam para a heteronormação neoliberal. Sendo assim, considerando que os corpos são concebidos no interior da heteronormação, seriam as corporalidades trans* novas estruturas capazes de construir epistemologias outras frente a colonialidade de gênero? De que forma a performatividade do gênero expande-se para uma política do performativo, potencializando formas de aparição em prol de uma política da existência? Partindo dessas inquietações, pretende-se analisar como o corpo travesti presente em *E se eu*

fosse puta (2016), da brasileira Amara Moira; *Las malas* (2019), da argentina Camila Sosa Villada e *Las biuty queens* (2019), da chilena Iván Monalisa Ojeda tanto emerge como ferramenta para rasurar, borrar, desmontar e desconstruir os esquemas e categorias fortemente estabelecidas no sistema de gênero moderno-colonial; quanto revela modos outros de existência ao resistir às várias violências a que é exposto quotidianamente. Para tanto, tem-se como aporte teórico as reflexões propostas por Judith Butler, Maria Lugones, Ochy Curiel, Rita Laura Segato, Jota Mombaça, Linn da Quebrada, Lohana Berkins, Jaqueline Gomes de Jesus e Berenice Bento.

**“Sou um homem, sim, mas não quero ser igual a vocês”:
a homossexualidade como um gesto de diferenciação
no romance *Pai, Pai* (2017), de João Silvério Trevisan**

Arthur Antunes Araujo (UNICAMP)

Resumo Este trabalho parte do “romance autobiográfico” (segundo a ficha catalográfica) *Pai, Pai* (2017), de João Silvério Trevisan, um romance onde o autor-personagem rememora a sua vida e escreve sobre ela, ao mesmo tempo em que rememora a vida do pai José e a relação entre ambos, para refletir sobre sua homossexualidade e a diferenciação que personagem-autor nomeia de o “processo de ser outro, um homem” (p. 55), “sou um homem, sim, mas não quero ser igual a vocês” (idem), encadeado a partir de uma cena de violência homofóbica na infância. O gesto de diferenciação de si como um homossexual, de inscrição e demanda por uma masculinidade outra do que aquela heterossexual masculinista figurada pelos tios e primos paternos da família Trevisan na cena de infância, será lido como um gesto de recusa a conformar-se ao sistema normativo de escritura sexo-gênero (BUTLER, 1993, *apud* PRECIADO, 2000 [2014], p. 26), uma falha na norma cisheterossexual que possibilita a resistência a essa norma, a possibilidade de desobedecer (GROS, 2017 [2018], p. 56) ao sistema de inscrição de sexo/gênero e de fracassar a essa imposição normativa de gênero (HALBERSTAM, 2011 [2020], p. 21). Todo o romance *Pai, Pai* poderia ser lido na chave da cena mencionada: a representação da possibilidade de uma outra forma de si através da criação literária. O autor (cujo nome na capa coincide com o

narrador), ao escrever seu “romance autobiográfico”, rememora sua vida, escreve suas memórias, transcreve seus diários, apresenta textos inéditos autobiográficos (e de autoficção), criando assim uma narrativa de si que, ao mesmo tempo em que coincide o nome do protagonista com o nome do autor na capa, também cria um personagem de si para protagonizar seu “romance autobiográfico”.

“Deus me Livre” e o tensionamento de estereótipos: a fé inabalável e a vivência lésbica em Natalia Polessa

Larissa Dias Barbosa (UFRN)

Resumo *A priori*, a fé cristã e as dissidências sexuais e de gênero podem partilhar um lugar distante e inversamente proporcional na estrutura social. Diante de um crescente discurso de aversão aos corpos desviantes, por parte de iniciativas cristãs ultraconservadoras e neofascistas brasileiras, a imagem de que o cristianismo e a população LGBTQIA+ são manifestações antagônicas paira sobre as relações sociais. No entanto, uma vez que as religiosidades que estruturam uma sociedade moldam as subjetividades dos sujeitos que nela vivem, é imprescindível olhar para as dissidências sexuais e de gênero e para o cristianismo com complexidade e cuidado. Sabendo que a literatura engendra antagonismos presentes na realidade como antagonismos formais, nossa proposta é discutir as relações entre copos dissidentes e cristianismo, a partir do conto “Deus me livre” da escritora gaúcha Nathália Borges Polessa. Na narrativa, nos deparamos com o testemunho de fé de Vera diante da igreja. Ex-usuária de drogas, ela narra o seu milagre: Leia, seu anjo e, agora, sua companheira. Utilizando-se de uma espécie de *plot twist*, a autora coloca em xeque o imaginário estereotipado de dois possíveis grupos de leitores: os dissidentes sexuais e de gênero e pessoas cristãs não desviantes, isso porque ela inscreve a lesbianidade no discurso religioso da profissão de fé. O testemunho de Vera, ainda que inserido dentro de estruturas hegemônicas masculinas e ortodoxas, se mostra potencialmente feminino. Assim, compreendemos que ao aproximar, através do texto ficcional, relações de poderes fundamentadas tidas por antagônicas socialmente, a narrativa ganha uma força política potente e subversiva para os corpos e sexualidades dissidentes, além de delinear tom esperançoso

Noll: o corpo, o cu e o queer

Luiz Lopes (CEFET-MG)

Resumo O presente trabalho pretende efetuar uma leitura do romance *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, tendo como fio condutor a relação entre literatura, gênero e pensamento queer. Para tanto, parto de uma leitura do referido romance do escritor brasileiro mostrando como o texto de Noll questiona o ideal da identidade fixa que em consonância com os estudos queer é antes de tudo uma ilusão. Além disso, pretendo mostrar como o corpo ocupa um lugar central nesse romance e como o escritor escreve sobre corpos que são abjetos e que fracassam. Por fim, ainda discuto como o romance coloca a questão de um pensamento político a partir do que alguns teóricos vão chamar de políticas anais, ou seja, a partir de uma forma de ver o corpo também como cu. Quando falamos corpo nem sempre falamos cu. Em *Acenos e afagos* aproximar-se do corpo é, muitas vezes, aproximar-se do cu, do cu como lugar de resistência, de arte e de desejo. Essa leitura do romance de Noll ocorre a partir de um diálogo mais estreito com algumas contribuições de autoras e autores dos estudos queer tais como Judith Butler (2019), Jack Halberstam (2020), Paco Vidarte (2019) e Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016).

Uma escrita encruzilhada: poética e episteme na obra *escuirendo ontografias poéticas* de Abigail Campos Leal

Leocádia Chaves (UnB)

Resumo Abigail Campos Leal ao publicar a obra *escuirendo ontografias poéticas* (2019) confirma a sofisticação de uma produção literária de autoria gênero-dissidente que também maneja o poético como ferramenta de combate às opressões branco cisheteronormativadoras em nossa sociedade. Uma obra, como demonstrarei, que irrompe em coro a um movimento incontornável na contemporaneidade, o do acuírlombamento literário, que vem se fortalecendo tanto pelo adensamento da produção poética, quanto pela produção de uma episteme em suas produções artísticas: encruzilhada de saberes. Na obra de Leal, o próprio título dá mostras do processo de (re) criação do eu

lírigo na linguagem, que já pela forma do “e /u”, insurge potentemente fraturado e agente, uma das perspectivas de sua produção poética; uma episteme do existir dissidente, que espelha o da autoria; ambos revelados por uma “ciência poética do ser”: a “ontografia”. Uma escrita que de forma ambivalente revela o “ser” em (des) construção e transição bem como faz das intersecções sociais desse eu lírico espelhamento da autoria – negra, gorda e cuíer – meios para escuiercer uma sociedade racista, gordofóbica e cuírfóbica. Uma criação literária que por tudo isso se constitui encruzilhada, pois abre passagens, permite encontros e desencontros, irrompe como possibilidade de múltiplos outros caminhos.

Vagas notícias de Melinha Marchiotti, experimentação e dissidência de gênero em João Silvério Trevisan

Luiz Gonzaga Morando Queiroz (UFMG)

Resumo A criação ficcional de João Silvério Trevisan se entrelaça simultaneamente à sua produção ensaística a partir de 1976 ao longo da cultura contemporânea brasileira. Desde sua primeira publicação, o livro de contos Testamento de Jônatas deixado a David, a marca central da escritura de Trevisan se manifesta explícita: a representação de personagens gênero-dissidentes e os conflitos inerentes à sua condição. Essa representação é feita por meio de processos criativos experimentais que dialogam, por um lado, com a tradição literária brasileira ao buscar na primeira geração modernista, especialmente nos recursos propostos por Oswald de Andrade e sua defesa de uma atitude antropofágica com relação ao outro, na contracultura e no desbunde formas de inovar e implodir a escrita e o gênero literário. Por outro lado, Trevisan introduz em seu processo de elaboração literária algumas reflexões que aprofundam o debate que atravessa o lugar ocupado pelo público gênero-dissidente: a percepção de exílio, os conflitos gerados pela exposição pública da identidade dissidente, o esgotamento de conceitos para enquadrar as novas identidades de gênero. Nesse sentido, esta proposta de comunicação elege o romance *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*, publicado em 1984, para, ao mesmo tempo em que o resgata do esquecimento, analisar como o experimentalismo ficcional colabora para colocar em cena uma reflexão sobre a dissidência de gênero e o estar no mundo.

Simpósio 78**Psicanálise, literatura e outras artes**

Gabriela Bruschini Grecca (UNEMAT)

José Lucas Zaffani dos Santos (UNESP)

Marisa Corrêa Silva (UEM)

Resumo Reconhecer na psicanálise uma chave de leitura de processos culturais é um dos passos fundamentais para desmistificar a ideia de “psicologizar a sociedade”, permitindo que novas experiências intelectuais venham à tona. Para Vladimir Safatle (2020, p. 9-10), é importante negar a psicanálise como prática solidária a formas de “psicologização do campo político, de redução de sua gramática e dinâmica à dimensão psicológica”, que tentem encaixar rigidamente conceitos fechados em dinâmicas cotidianas e/ou confrontos diretos. Em outra chave, se a psicanálise precisa afirmar que não está na consciência a centralidade das decisões do sujeito, uma vez que, dentro deste, existe outra dimensão, subversiva e que não se pode mensurar – o inconsciente – então, entender o sujeito (que, além de indivíduo, é também ator da práxis política) é buscar os sentidos de suas movimentações sociais, comunicativas e/ou estéticas, públicas e privadas. Assim, as relações entre literatura, arte e psicanálise são formas de acessar experiências de espraçamento e dissolução do sujeito, seja ele individual ou coletivo, bem como de suas angústias e mediações relacionais. Sobre a exploração do texto literário pela busca de um sentido hermenêutico, podemos nos amparar com a ideia de linguagem do próprio Jacques Lacan (1998, p. 86), para quem “a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém (...) ela se exprime, mas sem ser compreendida pelo sujeito, naquilo que o discurso relata do vivido, na medida em que o sujeito assume o anonimato moral da expressão: é a forma do simbolismo”. Logo, nota-se a inclinação natural da prática psicanalítica pelos usos e manifestações da linguagem, fato que permite a pesquisadores contemporâneos estreitar os caminhos por meio dos quais seria possível utilizar os fundamentos metodológicos desta área do conhecimento para aprofundar as veredas estéticas que determinados autores elegem, bem como o efeito causado nos receptores. Adalberto de Oliveira Souza (2009, p. 244) parece compactuar com tal posicionamento, reforçando que “a literatura e sua prática sempre foram um exercício da

linguagem, tanto oral como escrita, criando um espaço marginal às formas habituais da comunicação e tendo como fundamento a expressão de uma subjetividade” e, por intermédio da psicanálise, seria possível a busca “do sentido reprimido que se espera recuperar”. Todavia, a incorporação da psicanálise como abordagem interpretativa do texto literário não se restringe necessariamente à reprodução fenomenológica da relação paciente (texto) e analista (crítico), tal como sugere Souza (2009, p. 244). Cabe também confrontar os conceitos pensados para a clínica (angústia, identificação, transferência) e operacionalizá-los como modos de leitura, isto é, “ler os textos de outros com Lacan” ou outros autores (ŽIŽEK, 2010, p. 12, grifo do autor). Ainda sobre o caso específico da psicanálise lacaniana, Marisa Corrêa Silva (2009, p. 212) explica que “Lacan, com sua recusa de definições, sua perpétua abertura para o jogo de novos significados e sua proposta de que o Inconsciente se estrutura como linguagem (...) se aproxima de autores como Derrida e Deleuze, no sentido de recusar as formas de pensamento fechadas, calcadas na lógica de origem grega, que acabavam resultando em formas autoritárias de pensamento, uma vez que caíam facilmente no dualismo e no maniqueísmo”, revelando, assim, relações criativas entre objetos de cultura e possibilidades de (re)significação. Ainda nessa perspectiva, a constituição dos sujeitos numa relação de dependência do Outro, que, apesar disso, é inexistente ou inconsistente (SILVA, 2017, p. 117-118), cria aberturas para a discussão dos processos ideológicos decorrentes da construção do sujeito em torno de uma falta, de uma ausência fundamental. Se a obra de arte e/ou a obra literária coloca(m) o sujeito em xeque, para que tal se dê de maneira consistente e autêntica, é preciso que ela aceite o estatuto de vaso comunicante, de membrana porosa, cuja função não é a de pacificar o sujeito em relação às demandas do Outro, mas, ao contrário, a de denunciar a existência problemática e sempre-já ideológica dos constructos de “eu” e do Outro. À luz do exposto, este simpósio busca trabalhos que abordem as circulações e os diálogos entre a literatura, as manifestações artísticas e a psicanálise – em suas diferentes vertentes (junguiana, lacaniana, freudiana etc.) e diferentes apropriações (materialismo lacaniano, estudos culturais), de modo que a abordagem comparatística possa se efetuar entre textos distintos ou no entrecruzamento de visadas teóricas que desafiem as fronteiras mais tradicionalmente estabelecidas entre literatura, psicanálise e outras artes.

**“O que quero eu?” “O que os outros querem de mim?”:
o desejo cor-de-rosa de bolinhas rosa
(ou rosa de bolinhas cor-de-rosa)**

Fernanda Garcia Cassiano (UEM)

Renata Kelen da Rocha (UEM)

Resumo Propomos uma leitura sobre as disparidades compostas na narrativa de “A menina da calça rosa de bolinhas cor-de-rosa (Ou a menina da calça cor-de-rosa de bolinhas rosa?)”, de Helena Parente Cunha, publicada em 2012, na coletânea de minicontos Falas e Falares. No texto literário, uma sobrinha quer uma calça rosa de bolinhas-cor-de-rosa, mas a tia não encontrou o presente. No decorrer das fases da menina, a mulher presenteia-lhe com outros objetos, como sapato de salto alto, um esquadro eletrônico, bolo de casamento etc., que podem ser indicativos daquilo que compõe as fases da vida de uma mulher (amadurece, forma-se, casa-se, reproduz-se...). Após o nascimento de uma sobrinha-neta, a tia encontrou a calça rosa de bolinhas-cor-de-rosa que a sobrinha, antigamente, quisera, só que a nova criança deseja uma calça cor-de-rosa de bolinhas rosa. Perguntamo-nos, então, de que maneira o desejo das personagens pode ser compreendido neste discurso narrativo? Com o objetivo de propor uma interpretação para esse texto de Cunha (2012), consideramos, na esteira de Žižek (2010), a existência de uma ambivalência na leitura do desejo. Segundo o filósofo esloveno, para além do que o sujeito deseja, existe aquilo que o Grande Outro predetermina, num espaço Simbólico, e aquilo que o Outro (como alteridade) deseja e interpela o sujeito. Com isso em mente, ao olharmos a materialidade linguística do conto, como Silva (2019) orienta, percebemos a composição de uma ordem Simbólica, regida por um Grande Outro que determinaria aquilo que pode ser desejado pelas personagens (inclusive, pela negação ou erro da calça cor-de-rosa ou rosa), além da busca da tia em suprir as vontades de suas sobrinhas, deixadas pela ausência do primeiro presente não encontrado.

A desorganização do simbólico em *A paixão segundo G.H.*: uma leitura a partir do kitsch

Ana Paula Parisotto (UFSC)

Resumo O objetivo geral deste trabalho é investigar a transformação, ou desorganização, pela qual passa a personagem central de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, interpretando-a à luz do conceito kitsch e traçando paralelos com as três categorias conceituais que, segundo Lacan (1972), constituem o sujeito: o real, o simbólico e o imaginário. Nesta pesquisa, entende-se o kitsch como uma construção subjetiva arbitrária e ideológica, carregada de falsos valores e de representações preconceituosas acerca do mundo (FRANCO JUNIOR, 2000). Argumenta-se que a personagem G.H. pode ser vista como reflexo de uma classe social alinhada ao kitsch, cujo conceito possui dimensões estéticas, culturais e sociopolíticas. Através da articulação dessas dimensões, o kitsch se manifesta em discursos e produtos culturais, ou seja, na linguagem do simbólico e do imaginário, e transmite ideologias que influenciam na criação de valores culturais da sociedade. Para Antelo (2014), Lispector tenta escrever o inexistente e, ao mesmo tempo, reconhece que a inscrição do inexistente é impossível. Para Waldman (1998), que explora a questão do silêncio, a personagem G.H. se submete a uma desaprendizagem das coisas humanas. Partindo-se desses autores, e também de Nunes (1988), segundo o qual esta narrativa traça uma fronteira entre o real e o imaginário, argumenta-se que a desorganização que atravessa G.H. pode ser vista como um primeiro contato com o real lacaniano, o que a leva a uma conscientização da presença do kitsch, construto ligado ao simbólico e ao imaginário, em sua vida.

A Literatura como um delírio necessário à formação do sujeito-outro

Jacqueline de Faria Barros (UFF, FL-RJ e FME)

Resumo O enlaçamento com a realidade necessita de reconhecimento sobre a alteridade pela perspectiva do outro. O outro é caminho fundamental à constituição do restabelecimento do eu para o

mundo por meio das interações sociais e pelos modos de expressão intermediados pela linguagem. O investimento do ser na formação do imaginário se dá, assim como na neurose, no narcisismo ou no luto, por uma busca pela felicidade. A Literatura, como delírio, é uma ânsia pelo sentido da vida, pois inclui o eu, no mundo, pela interpretação do sujeito cujo repertório lhe é singular. O repertório individual é uma construção conjunta, com o outro, mas que só existe no simbólico e é colocado em prática pela solidão, no delírio, no momento da sua “concepção” estrutural de mundo. A Literatura, pela perspectiva de Bruno Bettelheim, poderia traduzir o sujeito comunitário como um sujeito delirante, ou seja, um sujeito que ao ser constituído por sua própria interpretação da dor e das suas limitações, produz, para si, um significado maior à existência. Cada produção literária, hipoteticamente tecida sob um discurso delirante do narrador/emissor, invade e transpassa o outro/receptor/leitor pela via de um saber único cuja subjetividade leitora não retira o outro deste tempo, mas o atente na necessidade de um significado, pelo discurso, que o força como sujeito. Assim, a Literatura, como obra ficcional, “trata” o indivíduo pelo delírio na dimensão do verossímil e que, sobreposta à realidade factual dos sujeitos que compartilham signos semelhantes da “realia”(como considera Irene Bessière), concebe e aceita perspectivas distintas. Assim como quando a criança apresenta o mundo pelo simbólico por uma visão própria, o ato literário é a experimentação da presença de uma ordenação significativa de representação humana singular, com múltiplas proposições, cujos sintomas podem produzir conflitos ou promover curas.

A questão essencial da personagem Rosa na narrativa fílmica “Como nossos pais”, de Laís Bodansky

Sandra Araujo de Lima da Silva (CEUB)

Resumo Esta pesquisa promove uma aproximação da escrita de ficção literária e o roteiro de cinema, tomando como referência a teoria de que a personagem é a responsável pela existência da história, conforme abordado por Luiz Antônio de Assis Brasil, em sua obra *Escrever ficção – Um manual de criação literária* (2019). O autor baseia-se em Lacan, no “Mito individual do neurótico”, e em Charles Mouron, com

o conceito de “mito pessoal”, para desenvolver a ideia de que a personagem de ficção é dotada de uma questão essencial. Esta é o elemento responsável por dar coerência e consistência à personagem, uma unidade de ações e comportamentos que é passada ao leitor. Para Assis Brasil (2019, p.93) “A questão essencial é algo de originário e, muitas vezes, intransitivo. É questão por ser matéria a ser resolvida – um problema, portanto – e é essencial porque ínsita ao ser humano.” Assim, a questão essencial é motivo para intenso sofrimento da personagem. Quanto mais universal for a questão essencial, maior será a chance de envolvimento com o leitor, pois ela é algo inerente ao ser humano. A partir dela, os demais elementos da narrativa vão existir. Nessa perspectiva, a personagem pode mudar a sua visão sobre o conflito a partir do desenvolvimento de sua questão essencial. Em face do exposto, este artigo pretende analisar a questão essencial da personagem Rosa, do filme “Como nossos pais” (2017), de Laís Bodansky, estabelecendo um diálogo entre as três áreas: a literatura, a psicanálise e o cinema.

Afinal, o que quer uma mulher?: O enigma da insatisfação feminina em “A falecida”, de Nelson Rodrigues

Fernanda Hamann de Oliveira (USP)

Resumo Apesar das opiniões conservadoras e polêmicas sobre as mulheres e o feminismo, admitidas em entrevistas e crônicas, Nelson Rodrigues, paradoxalmente, produziu uma obra dramaturgica que gira em torno do desejo feminino. Não por acaso, doze de suas dezessete peças são protagonizadas por personagens femininas. No Brasil de meados do século XX, contexto que impunha fortes restrições à liberdade e ao papel social das mulheres, a dramaturgia rodrigueana, repetidamente, levou aos palcos a célebre pergunta freudiana: afinal, o que quer uma mulher? Esposas que sonham com a devassidão, devassas que sonham com o casamento, as personagens rodrigueanas apontam para a dimensão metonímica do desejo, que escapa ao controle consciente e se desloca para outra coisa. Nesta dinâmica, que deixa clara a relação entre o desejo e a falta, a satisfação é a morte do desejo. Seria a insatisfação feminina, então, uma solução para manter vivo o desejo? Apelidada de Bovary carioca pelo crítico

Sábato Magaldi, a personagem Zulmira, protagonista de “A falecida” (1953), leva o enigma da insatisfação feminina às últimas consequências: insatisfeita com todos os aspectos de sua vida, ela anseia por uma satisfação retumbante na morte. Nas entrelinhas do texto, que relança a questão freudiana sobre o que quer uma mulher, é possível ler outra pergunta: afinal, o que é uma mulher? Pergunta que também foi lida (por Lacan) nas entrelinhas do caso Dora, escrito por Freud de forma quase literária. Tecendo uma aproximação entre esses dois textos, a peça de Nelson e o relato clínico de Freud, o presente estudo trata da complexidade e profundidade do interesse e das reflexões de ambos os autores sobre a condição feminina. Deste modo, procura reunir elementos para uma releitura de suas obras, consideradas “machistas” por leitores e sobretudo leitoras contemporâneas.

**As possibilidades de destruição de um único objeto:
A Boneca de Hans Bellmer: uma leitura a partir do sonho de E.T.A.
Hoffmann e o paradoxo em *Kant avec Sade* de Jacques Lacan**

Lucas Henrique da Silva (UNESP)

Resumo Em *Kant avec Sade*, Lacan demonstra como as fantasias sadistas instalam-se no centro do sujeito cultivado pelo imperativo kantiano. Lacan fala da forma de gozo desse “homem do prazer”, a partir da tarefa “insuportável” de amar o próximo. O presente trabalho, ao tomar iniciativa em Lacan, busca iluminar uma história ou tema em específico, recortado da literatura e artes visuais: o tema da Boneca. A história do homem sensível que se apaixona por uma boneca – artefato criado à imagem de uma jovem mulher ou infante – pode ser lida a partir da estrutura paradoxal revelada por Jacques Lacan ao cruzar Kant e Sade. Tal história está presente nas artes desde pelo menos 1816, com o conto “O Homem da Areia” (Der Sandmann), de E. T. A. Hoffmann (1776-1822). Esse escritor alemão ligado ao romantismo apresenta, por meio do sonho e fantasia, a história do amor de um jovem culto por uma boneca (Olímpia). Hoffmann nos fez imaginar como seria se a paixão pudesse ser enfim livre de contradições, sendo guiada apenas pelo bem-estar. De certa forma, Hoffmann passa pela via de Sade, como, por exemplo, ao apresentar ao leitor a boneca despedaçada. É desse fato que nasce a

reimaginação dessa história praticada no século seguinte por Hans Bellmer (1902-1975). Artista plástico, também alemão, ligado ao surrealismo francês, Bellmer, um apreciador de Marques de Sade, publicou as fotografias de uma boneca como a de Hoffmann (*Die Puppe*, 1934). Em Bellmer, porém, a via de Sade se concretiza. A boneca se encontra despedaçada e reconstruída, em uma escala de possibilidades sem fim, tal como o estatuto do objeto em Sade, segundo Pierre Klossowski (1936). A partir destas questões, o presente trabalho busca articular o tema da Boneca com as tensões psicanalíticas do mencionado paradoxo de Lacan e suas possibilidades.

Aspectos do feminino: a literatura clariciana entre o mito e o ritual

Márcia Denise da Rocha Collinge (IFPA)

Resumo A presente investigação centra-se na seleção de aspectos do feminino, a partir das visões de Carl Gustav Jung (1875-1961) em *Tipos psicológicos* (1921) e *Aion* (1951), para fundamentar uma leitura inovadora que entrelaça a vida e a obra da escritora ucraniana naturalizada brasileira Clarice Lispector (1925-1977). Ao estudar a saga da escritora, de mil faces e enigmática a um só tempo, entrelaçada à fortuna crítica de vertentes múltiplas, apresentam-se conexões entre a construção das personagens femininas claricianas com os arquétipos de deidades mitológicas greco-romanas, tais como Ártemis, Atena, Héstia, Hera, Afrodite, Deméter, Coré e Perséfone, bem como a influência de tais arquétipos no processo de escrita criativa. Após o ritual de consagração nos estudos claricianos, alinhado ao pensamento de intelectuais como Benjamin Moser (1976), Benedito Nunes (1929-2011) e Yudth Rosembaum (1959), bem como do diálogo proposto da literatura e da fortuna crítica clariciana com a obra de mitólogos e intérpretes junguianos, como Joseph Campbell (1904-1987) e Jean Shinoda Bolen (1936), comprovaremos que este é o poder do mito – o qual ressoa na literatura clariciana – e que tanto nos seduz quer pela escuta, pelos silêncios, pelos rituais e pela dança do eterno feminino que ressoa em nós, leitores de Clarice.

Belmiro e a fantasia como modo de vida

Pedro Barbosa Rudge Furtado (UNESP)

Resumo Tencionamos, nesta comunicação, demonstrar como o veio fantasista de Belmiro, protagonista do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, estrutura-se por meio de uma racionalização do devaneio. O deslocamento psíquico de Belmiro, na maioria dos casos, é edificado da seguinte forma: 1) ele devaneia; 2) compreende racionalmente que devaneia, constatando amiúde, o quão patético é tal ato; 3) decide continuar devaneando. A síntese é a fantasia, que, infelizmente para o seu processo de autoproteção, passa por diversos testes de realidade que, no fim da narrativa, o demovem da criação ficta. Tal processo, regido pelo princípio do prazer, se desfaz a cada golpe da realidade e engendra a tristeza do protagonista. Ele é um sujeito desfibrado que a nada consegue aderir a menos que o objeto de adoração não possa ser objetivamente alcançado. A dissociação de Belmiro do grupo de amigos, por exemplo, está mais ligada ao seu desânimo da busca do que à ideologia dos outros. Mas a ideologia dos amigos também é importante no estabelecimento da solidão: as perspectivas políticas falam do agora, tempo do qual Belmiro quer fugir. O protagonista, no entanto, prefere a narrativa fantástica e irreal da nostalgia. A fim de estudar a rede mental fantasista de Belmiro, fazemos uso, sobretudo, de textos de Sigmund Freud (2019; 2020), sobre a perda de realidade do sujeito e a melancolia, e do jovem Georg Lukács (2017) acerca da nostalgia. Além de tal base teórica, auxiliam-nos na nossa análise interpretativa, ensaios da fortuna crítica do romance em questão, como os de Antonio Candido (2017), Luís Bueno (2015) e Alcir Pécora (2006). No fim e ao cabo, a falta da nostalgia, do ligar-se a um lugar paradisíaco do passado povoado por entes inventados, o faz encarar todo o vazio e a tristeza animados, também, pela ausência dos amigos.

Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme *Cría cuervos*, de Carlos Saura

Sylvia Maria Trusen (UFPA)

Resumo O filme *Cría Cuervos* (1976) constitui talvez um dos pontos mais altos da vasta filmografia do diretor aragonês Carlos Saura, ao lado de *Mamá cumple cien años* (1979), *Ana y los Lobos* (1972) da trilogia dedicada à dança flamenca *Bodas de Sangre* (1981), *Carmen* (1983), *Amor brujo* (1986), para destacar apenas alguns. Produzido em 1975 na Espanha, um ano após a morte do General Franco, chegou ao Brasil, nos anos de chumbo da Ditadura Militar, em fins da década de 70, sob o então Gov. Geisel. Mantendo, portanto, como pano de fundo, os anos sombrios da ditadura do General Franco, o filme desvela o modo pelo qual sua protagonista, Ana (interpretada por G. Chaplin) lida fantasmaticamente com a morte dos pais, e com o luto. Este trabalho pretende, assim, a partir de apontamentos sobre algumas sequências do filme, examinar esta obra de Saura em articulação com a noção psicanalítica de fantasia, destacando seu duplo vetor de instância que se enlaça à pulsão de morte e, portanto, também, à pulsão sexual. Tomando, pois, o conceito de fantasia como chave de leitura, pretende-se, amparada pelos textos de Freud (“O Estranho”, “Além do Princípio do Prazer”, “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, dentre outros), pelos de Lacan (Sem 1966-67, A lógica do Fantasma) e por seus comentadores (Marco Antônio Coutinho Jorge, A clínica da fantasia), ler esta produção de Saura. Outrosim, no que concerne à linguagem cinematográfica, destaca-se ainda A experiência do cinema, de I. Xavier, O que é o cinema de A. Bazin, bem como a coleção dirigida por C. Dunker, Cinema e Psicanálise.

História do cerco de Lisboa: uma leitura materialista lacaniana da obra de José Saramago

Maria Betânia da Rocha de Oliveira (UNEAL)

Resumo José Saramago (1922-2010) é apontado pela crítica literária como a maior expressão da literatura portuguesa contemporânea. Algumas de suas obras trazem a História de Portugal, mas Saramago

não realiza apenas uma transposição do plano histórico para o da ficção, como podemos observar em *História do cerco de Lisboa*, publicada em 1989. Nesta narrativa, a História de Lisboa ganha dimensões intertextuais e extrapola o fazer literário, uma vez que a partir de um fato histórico narrado sobre a perspectiva da ficção, outras narrativas literárias surgem, e sempre numa interlocução entre o real e o imaginário da literatura que se confundem com a História. No centro dessas histórias está o homem e todas as suas problemáticas existenciais, fato que atesta o inquietante interesse de Saramago pelo histórico e pelo social e sempre numa relação entre o ser humano e os problemas que afetam a sua convivência em e na sociedade. E, nessa perspectiva, apresentamos uma análise do romance a partir do materialismo lacaniano – a teoria contemporânea de Slavoj Žižek – uma linha de pesquisa que foi estruturada a partir do materialismo dialético e histórico com vistas a analisar as questões sociais, econômicas e políticas a partir da releitura que Žižek faz de Lacan para pensar os problemas do homem numa dimensão que exclui o tratamento clínico psicológico. Seguindo essa linha de pensamento, o objetivo deste estudo é aplicar o referencial teórico proposto por Žižek tomando como base os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, uma vez que o personagem protagonista Raimundo Silva transita no nível Simbólico e, como não se ajusta às normas e às regras da realidade a ele impostas como revisor de livros, seu Imaginário projeta suas angústias no desejo de se tornar autor de suas próprias histórias.

O declínio da experiência em João do Rio

Yasmin Lima de Carvalho (UERJ)

Resumo Este trabalho tem o objetivo de analisar o fenômeno do declínio da experiência na literatura de João do Rio, mais precisamente em determinadas crônicas presentes em sua obra *Vida Vertiginosa* (1911). Para isso, serão utilizados como aparato teórico o estudo de Sérgio Paulo Rouanet acerca da teoria freudiana a respeito do choque traumático que resultará na atrofia da experiência, sob a ótica de Walter Benjamin, bem como ensaios do teórico alemão a respeito da perda da experiência. Além disso, serão contemplados alguns aspectos da cidade, como sua essência obscura, dada a sua natureza de

confundir e desorientar, bem como a teoria de Renato Cordeiro Gomes a respeito da metrópole, uma vez que a mesma representa uma figura do progresso, contendo em si inúmeras experiências humanas em um espaço que se assemelha a um labirinto, dada a sua disposição de ruas cruzadas, becos e avenidas. O estudo visa averiguar os efeitos da metrópole no sistema cognitivo do homem moderno, sobretudo por provocar nele uma espécie de dispersão, que resultará em consequências profundas na maneira como ele percebe e apreende o mundo ao redor e o memoriza, bem como na forma que interage com seus semelhantes. Em certas crônicas do autor carioca é possível verificar elementos que conduzem ao apagamento de costumes em prol da vida moderna, associados à invenção de tecnologias regidas pela velocidade que comanda os novos tempos, transformando o espaço em que se passa a narrativa em uma espécie de vertigem, alterando assim a construção de memórias dos personagens e, conseqüentemente, impossibilitando-os de terem experiências.

O gozo e a política da autoria em Roland Barthes e Jacques Lacan

Derick Davidson Santos Teixeira (UFMG)

Resumo Em 1968, na saída do movimento estruturalista, Roland Barthes publica o divisor de águas “A morte do autor”. O autor que encontra seu fim nesse seminal obituário é aquele que, segundo o teórico, foi produzido pela modernidade europeia na medida em que ela descobre o prestígio do indivíduo. Sendo assim, conforme ele escreve, é óbvio que tenha sido o positivismo, desfecho da ideologia capitalista, a conceder a maior importância à figura autoral. Entretanto, após 1970, Barthes, em proximidade de Jacques Lacan, propõe um “retorno amigável da figura autoral”. Nessa via, apoiado na noção de gozo, em O prazer do texto, por exemplo, o teórico escreve que o autor que retorna pode aparecer no texto como corpo erótico, mas não biográfico. A noção de autor que ganha destaque em sua obra a partir daí é apoiada no gozo e no movimento pulsional em jogo na escrita. Trata-se de um sujeito descentrado, diferente do indivíduo prestigiado da lógica capitalista da qual Barthes desvia sua teoria em 1968. Se, em “A morte do autor”, a crítica à noção de autor feita por Barthes

é unísson com uma crítica à ideologia capitalista, seu retorno elaborado em companhia de Lacan, a meu ver, não é menos político. Sendo assim, poderíamos nos perguntar: qual é a política implicada em uma noção de autoria que faz valer um corpo de gozo que nasce no encontro do sujeito com a escrita? Para pensar a política implicada em uma autoria apoiada na noção de gozo, elencamos as formulações teóricas de Barthes e Lacan produzidas a partir de 1970. Veremos que a noção de autoria que surge do encontro de Barthes com Lacan possui uma política própria que responde ao avanço do poder em direção aos corpos.

O infamiliar em *Um copo de cólera* de Raduan Nassar

Glenda Regina da Cunha Marinho (Sorbonne Université)

Resumo Partindo da constatação que a novela *Um copo de cólera* (1978), de Raduan Nassar, estaria ligada ao infamiliar, esta comunicação se propõe a analisar em que medida o personagem-narrador experimenta o processo do Unheimliche freudiano e de que maneira essa sensação poderia eventualmente reverberar no leitor. Em “Das Unheimliche”, texto de 1919, Freud busca investigar um âmbito que considera marginalizado pela estética: sentimentos “contraditórios, repugnantes, penosos”, “suas condições e dos objetos que eles evocam” (2019, p. 56) e que são a matéria do infamiliar ou o inquietante. Um copo de cólera nos faz mergulhar no estado do personagem central, que também narra a maior parte história, mobilizado pelas malditas formigas de sua chácara e pelos seus relacionamentos. A partir do exame do Unheimliche, entende-se que há na narrativa um corpo carregado de lembranças vindo à tona, sem que de fato o personagem esteja pensando nelas, afinal, nem tudo que é psíquico é consciente. É justamente esse material que não foi trabalhado pela consciência e deixa traços na memória que volta de maneira misteriosa, ativado pelas questões mais banais, como no caso do personagem, a invasão da sua cerca pelas formigas. O revés de questões aparentemente práticas aciona uma dinâmica inesperada na narrativa. Dessa forma, na novela nassariana podem ser ressentidos indícios do Unheimliche tanto na construção do enredo quanto na linguagem da narrativa, uma vez que o léxico e suas rede metafóricas, junto com

as particularidades das construções sintáticas feitas por Nassar, também fazem parte da materialização do estado do personagem, podendo gerar um possível estranhamento ao leitor.

O neofantástico em *A Fúria*, de Silvina Ocampo e as narrativas clínicas em psicanálise: aproximações possíveis

Isabela Cim Fabricio de Melo (UFPR)

Resumo O presente trabalho apresenta uma articulação entre os contos de Silvina Ocampo em sua coletânea de textos *A Fúria*, primeiro trabalho da autora traduzido e publicado no Brasil, e a função e estrutura das narrativas clínicas em psicanálise, especialmente no que se trata de uma leitura lacaniana em retorno a Freud. Assim, o objeto principal da exposição consiste em compreender o neofantástico no trabalho da autora argentina, começando por caracterizá-lo a partir do que Roas (2014) qualifica como um problema de linguagem. Operando com o conceito de literatura fantástica apresentado pelo autor, considera-se que o trabalho de Silvina Ocampo (2019) é passível de análise tanto por sua perspectiva transgressora em termos de fenômenos “inapropriados à realidade comum” quanto em seu trato da linguagem, no qual aquilo de enigmático e inconsciente do sujeito aparece como transgressor e infamiliar no uso das palavras, no ato de narrar. Assim, a tomada do Unheimlich freudiano (1919/2019) para pensar o neofantástico de Silvina, como fenômeno privilegiado no diálogo com a angústia, indica para a articulação entre as criações narrativas em análise no trabalho com o inconsciente e o conteúdo da obra da autora. Para os fins pretendidos, a base bibliográfica da pesquisa em desenvolvimento é composta por textos freudianos, lacanianos e trabalhos de teóricos contemporâneos da psicanálise lacaniana. Para o campo da literatura, a pesquisa fundamenta-se especialmente na coletânea de contos *A Fúria*, de Silvina Ocampo (2019), no livro *Ameaça do fantástico*, de David Roas (2014), além de outros trabalhos de comentadores da área, como Sylvia Molloy e Mariana Enriquez.

O percurso da aprendizagem, ou pela dor, ou pelo prazer, em personagens femininas de Clarice Lispector

Cynthia Rejane da Silva Pinheiro (UNIFESP)

Resumo Oficialmente, para a maioria da inteligência brasileira que escreve a partir do eixo Rio São Paulo, um grupo de intelectuais deu início, em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, à Semana de Arte Moderna, que constituiu um divisor de águas em nossas artes, pois provocou na sociedade uma ruptura com qualquer resquício de estéticas “passadistas” até então vigentes. Muitos escritores surgiram neste cenário modernista, eles representavam a sociedade com suas características próprias, assomadas ao estilo individual de cada um, numa perspectiva instigante que alcançou pontos altos em alguns gêneros do romance brasileiro. Um desses romances chama-se “romances de tensão transfigurada” (BOSI, 2006), em que seu “herói” procura transpor o conflito permeador de uma crise existencial. Neste breve contexto surge Clarice Lispector, que difundiu em seus textos um enfoque introspectivo, num jogo de linguagem até então inédito, como disse Antônio Cândido (1968) ao tecer uma crítica para seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem*. Lispector rompe com os padrões estéticos de sua época, pois com seus textos intimistas, perturbadores, traz ao centro de discussão uma sociedade com valores hipócritas e excludentes. Suas personagens femininas, em um momento epifânico, questionam-se de sua realidade condicionada aos padrões impostos pela sociedade patriarcal. A proposta de comunicação serve para demonstrar a relevância do estudo deste campo vasto, que merece a devida atenção para a compreensão de como a literatura nos presenteia com múltiplos significados, que desconstrói a lógica, que vai além do coerente, e, assim, convoco o psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge (2010), em *Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan*, ao qual reverbera tais questões: “Há, assim, uma lógica inconsciente na obra que transcende a coerência que o artista quer lhe outorgar, por mais elaborada que a obra seja. O artista está mergulhado no inconsciente e dele sofre efeitos” (p. 246).

O tempo e o vento, de Érico Veríssimo: uma leitura psicanalítica

Zama Caixeta Nascentes (UTFPR)

Resumo Em minha docência e pesquisa na UTFPR, campus Curitiba, ocupei-me com a obra de Érico Veríssimo de 2017 a 2019. Por ser psicanalista de formação e de prática clínica, a Psicanálise fundamentava parte da análise da obra do escritor. A essa experiência somou-se a oportunidade de, em 2017, integrar a banca de defesa de tese da doutorado de Fernanda Boechat sobre o escritor gaúcho, abarcando a obra dele em seu conjunto. Essa experiência permitiu-me compreender a obra de Verissimo sob a ótica da doutoranda, ocupada com a posição de Érico Verissimo frente à política externa americana, diversa, portanto, da minha. Dessas duas experiências resultou o artigo, publicado em 2018, na revista da UFRGS, no qual analisei, psicanaliticamente, o romance *Noite*, publicado em 1954 pelo escritor. A densidade de “Noite” e o enquadramento exigido por um artigo científico impediram-me abordar nele “O tempo e o vento”. Na conclusão do artigo, sinalizei para o desejo de desenvolver em outro momento uma leitura de “O tempo e o vento” baseada na psicanálise de Freud e Lacan. Neste simpósio e com esta comunicação concluo este trajeto de minha atividade docente e pesquisante que elegeu como objeto Érico Verissimo. Da teoria psicanalítica, recortaremos, em especial, as noções com que analisamos “Noite”: crime e castigo. Crime edípico e castigo superegócio, para ficarmos com Freud; crime e castigo, para referirmo-nos ao título da obra de Dostoiévsky, *Crime e Castigo*, lida por Freud e estudada pelos psicanalistas a fim de entendermos a noção freudiana de culpa, que possui inúmeros pontos de contato com a dostoeivskiana de castigo. Em alguns momentos, a comunicação irá valer-se de noções de Lacan, psicanalista que está na base de minha formação como psicanalista, realizada na Associação Psicanalítica de Curitiba, à qual estou vinculado.

**Pílulas negativas do sintoma em *Matrix*:
forma representacional, crise e tecnofobia
da alt-right no capitalismo tardio**

Eider Madeiros (UFPB)

Letícia Simões Velloso Schuler (UFPB)

Resumo A saga cinematográfica criada pelas irmãs Wachowski tem se tornado, irônica ou mal-intencionalmente, um exemplo de cooptação discursiva pela extrema direita ocidental, sobretudo a estadunidense, bem característica dos tempos recentes e suas contradições. Em um terreno de referências que demonstram a intencionalidade das autoras-diretoras para uma leitura antissistema hegemônico em vigor, a apropriação das hiperformas do material audiovisual que se anuncia em *Matrix* (1999), e em menor peso nas sequências que dão continuidade à saga, surge, a exemplo das simplificações dicotômicas binárias com as pílulas azul e vermelha/blue pill vs. red pill, tal qual um mecanismo dos sintomas ou dos atributos do pós-modernismo ao lidar com as superfícies aparentes das representações. Partindo de uma hipótese sobre um problema de interpretação primária, e de como “patologias” sociais se sobrepõem na dimensão da cultura e das artes quando o campo dos referentes está atravessado por crises sistêmicas extensivas às do próprio capitalismo terceiro-milênio, buscamos refletir em que medida a realidade do simulacro contemporâneo tenta sinalizar, na neurose de transferência que obnubila grupos alt-right e seus discursos, mais a fugas ao negativo de uma crítica hacker que visa a superação do sistema, e menos a equívocos miméticos de positividade ideológica que operam retornos sintomáticos quase delirantes, sejam do recalcado, sejam de fobias, sejam de saudosismos antiprogressistas conspiratórios. Para traçar esses breves delineamentos, apoiamos-nos substancialmente nas aproximações entre os princípios de realidade e prazer freudianos e o real em Lacan, e das mimetizações da realidade e seus objetos em Baudrillard, para dialogar em torno de uma clínica social das neuroses e seus semblantes em discurso, a partir de uma dialética da sintomatologia revisada em Žižek (2002), Fisher (2009) e Safatle (2020), pelo que se contingencia na aporia político-econômica do contemporâneo e seus desamparos escatológicos.

Pulsão da escrita

Alex Keine de Almeida Sebastião (UFMG)

Resumo Este trabalho investiga a noção de “pulsão da escrita”, como resultado da transposição de um conceito psicanalítico para o campo dos estudos literários. Fenômeno análogo pode ser identificado nas expressões “inconsciente do texto”, de Jean Bellemin-Noël, e “prazer do texto”, de Roland Barthes. Recorre-se às obras de Clarice Lispector e de Maria Gabriela Llansol com vistas a delinear a noção de pulsão da escrita. A seguir, examinam-se as vicissitudes da referida pulsão e os diferentes modos que os escritores encontram de lidar com ela, havendo aqueles que preferem silenciar a escrever. Diante da escrita que não trouxe a paz, que parece ter fracassado em libertar, surge a dúvida quanto ao caminho a seguir, quando escrita e vida se apresentam em direções diversas. Percebe-se, então, que o não escrever pode aparecer para o escritor em duas vertentes. Numa delas, há oposição: trata-se, em certa medida, de escolher entre a escrita e a vida, de querer ver-se livre da dor e da morte experimentadas com a escrita. Na outra vertente, há alinhamento: o não escrever figura como o ponto situado no infinito para o qual tende o escrever. Nesse sentido, o silêncio em Clarice, o livro nunca publicado de Joseph Joubert e o Livro de Mallarmé parecem todos apontar para o livro por vir de que nos fala Maurice Blanchot, horizonte da obra sempre distante e buscada em sucessivos fracassos, ou em sucessivos livros não escritos. Ao final, formula-se a questão acerca da especificidade do objeto contornado pela pulsão da escrita.

Sob o signo do Sol Negro: traços da melancolia em *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe

Luciana de Oliveira Dreyer (UEMS)

Resumo A conceituação de melancolia foi se estabelecendo, ao longo de muito tempo, por meio de definições advindas de áreas como a Fisiologia, a Filosofia, a Astrologia e a Psicanálise. Este trabalho busca articular a noção de melancolia, a partir de concepções trazidas pela Psicanálise, para realizar uma análise da obra *A desumanização*,

de Valter Hugo Mãe. Obras voltadas aos estudos psicanalíticos sobre a melancolia – como *Luto e Melancolia* (2006), de Sigmund Freud, e *Sol negro* (1989), de Julia Kristeva, são a base para a compreensão de como os estados melancólicos transparecem no decorrer na trama de Valter Hugo Mãe. A Psicanálise é tomada aqui como uma chave interpretativa que, voltada ao texto, revela e desvenda os traços de melancolia que estão nas entrelinhas ou mesmo na superfície da narrativa. Esta aproximação é direcionada pela noção de Shintoma, determinada por Lacan, assim como da Textanálise (Psicanálise do texto) exposta por Jean Bellemin-Nöel. Este direcionamento visa analisar o texto pelo texto, distanciando o autor e a obra. A melancolia revelada em A desumanização foi sendo constituída por meio da análise dos encaideamentos de linguagem que, de modo claro ou metafórico, expressam, tanto na construção discursiva quanto na caracterização de lugares, enredo e personagens, aspectos da melancolia.

**“We’re always tired in the morning”:
uma leitura de *Ulysses*, de James Joyce**

Hêmille Raquel Santos Perdigão (UFOP)

Resumo O presente trabalho propõe uma leitura do romance *Ulysses*, de James Joyce, estabelecendo um paralelo entre o processo de reconhecimento de si como artista, pelo personagem Stephen Dedalus, e o período da vida do recém-nascido que antecede o estádio do espelho e a irrupção da fala. Foi percebido que, no romance, há uma equiparação entre o nascimento e o começo de um dia. Assim, o romance anterior de Joyce, *A Portrait of the Artist as a Young Man*, seria a narrativa de quando Dedalus era um artista embrionário, e sua saída do lar familiar rumo a Paris corresponderia ao seu nascimento como artista. A crise em que o personagem se encontra em *Ulysses* se assemelha ao que Julia Kristeva define como chora semiótica, o que explica tanto a indisposição para a fala quanto o desejo de retorno à mãe que regem o personagem nos episódios iniciais. O que corresponderia à irrupção da fala e ao estádio do espelho são representados em “Cila e Caribde” e “Circe”, respectivamente. Todavia, Joyce deixa implícito que esse processo é cíclico, e que não só o dia 16 de junho de 1904 mas todos os dias da vida de Stephen Dedalus são

similares ao nascimento. Dessarte, mesmo que durante o dia haja a irrupção da linguagem e “a assunção jubilatória de sua imagem especular” (LACAN, 2020, p. 97), ao dormir, a tendência é se deitar em posição fetal, como quem sinceramente abandona todos os anseios que teve durante o dia (ou durante a vida?), como quem realmente gostaria de ser embalado no ritmo atemporal de um corpo materno, até que, na manhã seguinte, seja apartado desse corpo sonhado para um novo começo de dia. A repetição desse processo, dia após dia, é que leva Stephen a dizer: ‘We’re always tired in the morning’.

Simpósio 79**Revisão da historiografia teatral: ler e reler****fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos na dramaturgia**

Maria Clara Gonçalves (UNESP)

Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo (USP/ECA)

Fabiana Siqueira Fontana (CAL/UFSM)

Resumo O simpósio de “Revisão da historiografia teatral: ler e reler fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos” foi idealizado por um grupo de pesquisadores, cujo objetivo é discutir acerca de peças, autores, gêneros, repertórios e/ou círculos teatrais de pouca visibilidade na historiografia teatral. Os textos dramáticos são uma parte importante do teatro, apresentando-se como expressão estética que, assim como na literatura, utilizam-se das palavras para contribuir à concepção da experiência humana. Os pesquisadores que se debruçam sobre o teatro, devem compreender que “a peça teatral, considerada literatura, é um dos elementos mais importantes do teatro; todavia, não o constitui, não lhe é condição indispensável” (ROSENFELD, 2008, p. 35). Devido a sua natureza multifacetada, o teatro tornou-se um objeto de análise complexo, sendo necessário levar em consideração outros fatores que não somente o texto. Essa “dificuldade” pode ser um dos motivos para que os textos dramáticos tenham obtido um espaço menor nos estudos literários de maior relevância. Deve-se ressaltar, ainda, que as obras teatrais receberam (e ainda recebem) leituras ligadas à critérios estéticos pautados em interesses históricos do momento de concepção da crítica. Em geral, “ao observarmos as premissas estéticas e culturais que impulsionaram as criações artísticas, constatamos que as reflexões construídas sobre as mesmas foram elaboradas a partir de ideias que, ao serem, sistematicamente, defendidas, tornaram-se referências para as práticas teatrais transformadas em marcos ordenadores da temporalidade que conhecemos como História do Teatro Brasileiro” (GUINSBURG; PATRIOTA, 2012, p. 23). Torna-se necessário, assim, questionar a cristalização de determinadas apreciações nos estudos historiográficos, pois isso contribui para o “apagamento” de uma parcela do universo teatral, criando uma linha temporal histórica fragmentada e construída a partir de critérios que nos dias atuais devem ser revisitados. Há de se repensar, ainda, sobre o juízo de “valor” estético, já

que determinadas peças, autores, gêneros, repertórios e/ou círculos teatrais tiveram mais relevância junto à crítica justamente por conta desse fator. As questões que atribuem essa ideia valorativa às obras de arte, em geral, sempre incorrem em julgamentos que diferenciam quais devem ocupar um lugar expressivo e quais serão colocados à margem nos estudos críticos. Os critérios que definem a posição dessas partes constituintes do universo teatral nos estudos sobre teatro, poderão ser discutidos a partir dos interesses críticos que mobilizam os pesquisadores de hoje. Ou seja, outros interesses mobilizarão outras avaliações que contribuirão à novas informações sobre a cena teatral como um todo. Contudo, não se trata de desconsiderar a relevância estética das produções, autores ou movimentos teatrais já consagrados pelos estudiosos, mas sim fazer um exercício reflexivo que permita questionar determinados lugares-comuns da crítica que foram realizados em outros tempos e em outras circunstâncias. Tal movimento reflexivo permite que seja incorporado aos estudos outros textos, autores e movimentos teatrais que possuem relevância estética, mas que, por diversos fatores, foram postos de lado na historiografia teatral. Obviamente, que esse movimento já está ocorrendo e, por isso, esse simpósio busca reunir esses trabalhos e criar uma rede ativa entre os pesquisadores. Se o juízo dos críticos está ligado às ideias estéticas que são valorizadas no momento em que suas análises foram feitas, então “o valor é uma atribuição historicamente construída. Frases como ‘esta obra tem densidade’ não são objetivas, e evocam primariamente os interesses dos sujeitos que as enunciam” (GUINZBURG, 2008, p. 103). Para que sejam construídas análises que ampliem o entendimento sobre o teatro nos estudos críticos, torna-se relevante avaliar as concepções estéticas que orientam as apreciações estilísticas das dramaturgias, a importância de determinados autores ao entendimento da cena teatral no qual estavam inseridos, o olhar valorativo da crítica pautado na hierarquização dos gêneros, os círculos teatrais de menos prestígio que permitem ampliar as informações sobre o movimento teatral e/ou o repertório de companhias/teatros à compreensão do gosto de uma época. Sobre o uso de fontes primárias, os aspectos da cena que ultrapassem a dramaturgia podem ser encontrados em diversas fontes, como anúncios de espetáculos, programas de peças e no ambiente histórico das encenações (destacando atores, diretores e cenógrafos); assim como documentos utilizados em seus processos de criação. Trabalhos que busquem

empreender uma leitura que explore outros textos e não apenas os canonicamente evocados pela crítica estabelecida de autores consagrados, ou mesmo àqueles que busquem um novo olhar sobre os já desgastados lugares-comuns da historiografia teatral, contribuirão sobremaneira à discussão proposta neste simpósio.

Ódio de raça: diálogo com o contexto histórico-literário luso-brasileiro

Flavia Maria Corradin (USP)

Resumo Francisco Gomes do Amorim (*Póvoa do Varzim, 1827/ +Lisboa, 1891), autor prolífico, dedicou-se a diferentes vertentes da literatura e ao jornalismo. Oriundo de família menos favorecida, emigrou aos 10 anos para o Brasil, tendo se dedicado a várias profissões na província do Pará. Vítima dos maus tratos de patrões portugueses, Gomes de Amorim fugiu para o sertão amazônico, onde encontrou, na cabana de uma família indígena, que o acolheu o poema *Camões*, de Almeida Garrett. É assim que se inicia seu interesse pela literatura. De volta a Portugal, estreita relações com Almeida Garrett, que o influencia no cultivo de temas emergentes à cultura popular. Esta comunicação vai tratar de um dos textos do autor, cuja temática se desenvolve em terra brasileiras. Estamos falando de *Ódio de raça*, drama em três atos, escrito em 1854, ano em que foi abolida a escravidão em Portugal e encenada, nos palcos do teatro d. Maria II, em Lisboa, em 1869. Nesta época, as barbáries da escravidão, no entanto, ainda grassava em terra brasileiras, onde, como sabemos, só será proibido a partir de 1888. Tal temática será objeto da referida peça, que será contextualizada a partir de uma óptica que versa temas caros ao romantismo português, como é o caso dos filhos gerados fora do casamento, oriundos das relações extraconjugais entre patrão e empregada, que neste caso um senhor de engenho e uma escrava. Tema recorrente no universo literário romântico luso-brasileiro, pretendemos examinar como se dá o diálogo do drama, seja com a obra do autor, seja com seu contexto de produção e encenação.

“Tempestads”, “Toscas” e espreitas: melodrama e imaginário moderno nos jornais brasileiros do início do século XX

George Luiz França (UFSC)

Resumo Ao tratar das matrizes históricas das mediações de massa, Jesús Martin-Barbero discorre praticamente em sequência sobre a aparição dos jornais ilustrados e do melodrama, como uma forma teatral popular nascida após a Revolução Francesa. No Brasil, o gênero chega no século XIX e embora as condições de circulação fossem diferentes do contexto francês, acaba sofrendo o juízo de valor de que se trataria de algo “baixo”, “popularesco”, “de mau gosto”. No entanto, a partir dele se constroem formas de sensibilidade e do imaginário popular, o que justifica que se olhe para os usos e funcionamentos desse conceito para além do juízo de valor. A comunicação pretende trazer resultados de um projeto que discute a presença do conceito de “melodrama” em jornais brasileiros do início do século XX. Nesse sentido, mapeamos usos do termo que não apenas tratem criticamente dele como um gênero textual propriamente dito, mas sim como um modo de imaginação e de leitura característico da modernidade que se articula com a construção das identidades nacionais no dilema entre o sujeito e a coletividade, em especial, na América Latina desde os processos de independência de seus países até a contemporaneidade. Para tanto, construímos um corpus de textos publicados em jornais brasileiros da primeira década do século XX nos quais apareça o termo “melodrama”, utilizando em especial o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Esse corpus – de resenhas, notícias, anúncios de espetáculos, mas também crônicas, textos sobre política e até mesmo fragmentos de folhetins – será discutido a partir das referências por ele realizadas que apontem para a leitura de determinados textos – literários, teatrais, cinematográficos – como “melodramas”, ponderando as implicações conceituais de se pensar a imaginação melodramática como um modo de ler (com Copjec, Rodríguez-Carranza e Brooks, entre outros teóricos).

A Aula-espetáculo de Ariano Suassuna como objeto possível da pesquisa em Artes Cênicas

Orleni Cunha Torres (UFRJ)

Resumo Ao pesquisar a utilização de mecanismos de comicidade nas aulas-espetáculo de Ariano Suassuna, foram constatadas estruturas que deflagram esses eventos como componentes das artes cênicas: formatação de um personagem (ou persona) e figurino, estrutura dramática formada por chistes encadeados tendo como tema as próprias experiências do artista e o improviso como norteador. Chega-se à conclusão de que as aulas-espetáculo são uma espécie de solo autobiográfico cômico, ou mais precisamente um solo autoficcional cômico. Por mais que Suassuna seja um notório dramaturgo, principalmente comediógrafo de sucesso, sua performance na aula-espetáculo não o revela somente como um escritor, professor ou declaradamente palhaço, mas também imprime nele traços de contador de histórias, ator cômico, monologuista e performer. Desta forma, a presente comunicação pretende historicizar esses eventos, destacando-os como componentes das artes cênicas e passíveis de uma análise dramática, considerando as aulas-espetáculo realizadas: no Teatro SESC Vila Mariana, São Paulo-SP, em 30 de abril de 2011; na inauguração do auditório Mozart Victor Russomano, do Tribunal Superior do Trabalho, Brasília-DF, em 18 de abril de 2012 e na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília, também em Brasília-DF, no dia 27 de junho de 2013. Utilizando as referências em vídeo como fontes primárias, é possível perceber como o artista experimenta a mistura entre o seu ofício de professor e o exercício cênico, concretizando a espetacularização de uma aula – que apresenta características do teatro contemporâneo – como sua última manifestação artística em vida.

A dramaturgia do jovem Guarnieri: peça inédita do Teatro Paulista do Estudante e a produção cultural engajada no Brasil a partir dos anos 1950

Lígia Rodrigues Balista (USP)

Resumo Apresento neste simpósio pesquisa de pós-doutorado em andamento sobre material inédito do dramaturgo Gianfrancesco

Guarnieri. O trabalho parte do levantamento de cerca de oito textos até então guardados no arquivo pessoal de Guarnieri que foram doados pela família ao Centro de Documentação Teatral (USP). A pesquisa concentra-se na análise de um desses textos inéditos assinado pelo já consagrado escritor de teatro brasileiro. Dentre as peças teatrais encontradas, o texto “A pipa de Diógenes” está assinado junto com Oduvaldo Vianna Filho e traz indicações de ser uma peça ligada ao Teatro Paulista do Estudante. Nessa peça em três atos, um grupo de jovens estudantes discute a contratação de um professor na Faculdade de Filosofia de São Paulo e planeja uma greve estudantil. Em meio a temas extremamente pertinentes para se pensar a relação entre cultura e política, a peça aborda ainda debates sobre revolução, nazismo e democracia, além de reflexões sobre arte e cultura em São Paulo. No acervo, há uma versão manuscrita do texto e algumas datilografadas, com certas alterações de texto e até de personagens. Para a presente comunicação, propõe-se a apresentação do trabalho de pesquisa desenvolvido até então no CDT, bem como exposição dos planos para análise e divulgação da peça destacada, pensando sua relação com o contexto da época, em especial com a história e memória do Teatro Paulista do Estudante, em São Paulo, a fim de refletir sobre como esses textos encontrados podem nos ajudar a reler a historiografia e as leituras críticas já propostas para o autor. Interessa-nos entender melhor as circunstâncias dessa produção escrita pelo jovem Guarnieri e as relações com outros aspectos do teatro engajado no Brasil e da dramaturgia já conhecida de Guarnieri.

A dramaturgia na história do teatro: um texto para a cena

Fabiana Siqueira Fontana (UFSM)

Resumo Na tradição do teatro ocidental, a peça teatral foi, por longos anos, considerada objeto de estudo privilegiado, principalmente, no âmbito da história do teatro. No entanto, desde, ao menos, o século passado, essa centralidade vem sendo questionada. No fenômeno se encontra a articulação de outro paradigma. Esse não consiste, necessariamente, no abandono do texto teatral na investigação da história do teatro, mas admite que o texto está inserido num contexto de enunciação mais amplo, que é aquele que rege a produção,

criação e apresentação do espetáculo. Nesse sentido, a dramaturgia assume um significado mais amplo quando analisada como uma obra destinada ao palco. Alinhado a essa discussão, este trabalho objetiva propor um debate centrado na problemática que envolve os documentos adotados como fontes de pesquisas, quando se analisa a dramaturgia nesta sua ligação intrínseca com a cena. Apoiado em um exercício de revisão bibliográfica, se propõe o desenvolvimento de um percurso focado nas questões metodológicas que surgem quando se ultrapassa a esfera da subjetividade implicada na figura do autor, para encontrar na relação deste com o campo teatral a direção da investigação das peças teatrais no âmbito da história do teatro. Trata-se, ao fim, de chamar a atenção para a relação da peça teatral com práticas e saberes que envolvem a edificação de uma cultura teatral, própria de um tempo-espaco específico, contexto, por sua vez, de onde emerge o texto.

A farsa de Inês, a costureira: *Amor por anexins*, de Artur Azevedo, e suas implicações paródicas

Rodrigo César Dias (UFRGS)

Resumo Por volta de 1870, estreava a farsa ou entreato cômico *Amor por anexins*, trabalho teatral mais antigo de Artur Azevedo a que temos acesso. Embora se trate de uma peça breve e despretenhosa, ela foi bastante exitosa desde suas primeiras apresentações, segundo relato do dramaturgo. Em cena temos duas personagens: Inês, costureira viúva, jovem e pobre, e Isaías, velho solteirão com situação financeira mais confortável. Inês, que aspirava a um “bom casamento” com um pretendente jovem e rico, tenta fugir das investidas inoportunas de Isaías, caracterizado como o “homem dos anexins” por não conseguir proferir uma frase sem utilizar ditos populares. Partindo desse enredo, retomo a relação paródica entre *Amor por anexins* e a comédia em um ato *Les jurons de Cadillac*, de Pierre Barton, cuja tradução livre *As pragas do coronel*, de Luís Guimarães Jr., é citada na peça de Azevedo pela personagem Inês. Pretendo, com isso, observar como a armação dramática da comédia francesa é apropriada e ressignificada em *Amor por anexins*, que, por sua vez, enforma conflitos sociais específicos da modernidade brasileira na segunda metade do século

XIX. Nesta proposta de leitura, destaco o ponto de vista da personagem Inês, que, pelas vias da astúcia e do humor, oferece uma interpretação das contingências em que está inserida e integra uma rica tradição de personagens gestados na cultura popular.

A hegemonia do trágico clássico na fronteira com o cômico popular na obra teatral de Lourdes Ramalho

Eduarda Maria Moreira Lopes (UERN)

Resumo A Literatura apresenta-se de diversas maneiras as quais convencionou-se chamar gêneros literários. Por vezes, esta definição foi o bastante quando tratava-se de classificar esta ou aquela obra de acordo com suas especificações e características de escrita. De acordo com esses fatores de classificação, passou-se a estabelecer limites, como linhas imaginárias, entre estes gêneros. Mas quando tratamos de tragédia clássica e comédia popular, foco do nosso estudo neste trabalho, há uma tendência à hibridização. A tragédia de ontem, como o drama de hoje, apresenta-se como privilegiado locus de resistência, a queda trágica sendo, em última instância, uma forma efetiva, porquanto comovente, de aferir, na profundidade da queda, a dignidade da luta heróica contra os excessos ou as carências da ordem. A proposta é entender que, não é porque não temos mais reis, que não deveríamos seguir essa linha tênue que pode possivelmente nos conduzir à atualidade: o coração e o espírito do homem comum, herói da tragédia moderna. Ao compor *As velhas*, a dramaturga Lourdes Ramalho transpõe uma versão feminina e ridícula de Dionísio, a divindade eternamente debochada, ironicamente, patrono da arte trágica. A escrita dramática brasileira de margem ganha notoriedade em meio ao sarcasmo e ironia. Utilizando-se da inversão de parâmetros de verossimilhança, Lourdes Ramalho parece querer fazer o gênero trágico clássico dar as mãos ao seu oposto para fazer-nos apreciar a existência humana que é, por muitas vezes, farsesca. Assim, Lourdes desponta no teatro paraibano pouco apreciado em detrimento dos holofotes voltados para os teatros nacionais. Analisaremos, pois estas relações com base em teóricos como Aristóteles até Raymond Williams.

A representação do imigrante em *A rosa tatuada* de Tennessee Williams

David Medeiros Neves (USP)

Resumo *The Rose Tattoo*, comédia em três atos, de Tennessee Williams (1911-1983), que no Brasil recebeu o título de *A rosa tatuada* (tradução de Raimundo Magalhães Jr.) foi uma das primeiras peças do dramaturgo estadunidense a estreiar na Broadway, em 1951. Nesse contexto foi recebida pela crítica em uma chave que preteria a matéria social da peça e focava, ao invés, em alguns personagens, considerando-os ora meras reverberações da biografia do autor, ora movidos a partir de pulsões sexuais, ou ambos: alimentando então a demanda do establishment. Quando *A rosa tatuada* estreia no Brasil, no Teatro Maria Della Costa (São Paulo), em 1956, a crítica paulistana irá apenas reverberar essa leitura enviesada, e já então consolidada, da crítica estadunidense, que, no contexto de estreia no Brasil, ganhara também o reforço das leituras, igualmente enviesadas, feitas a partir da adaptação fílmica de Hollywood, cuja estreia havia se dado no ano anterior. Nossa comunicação, A representação do imigrante em *A rosa tatuada* de Tennessee Williams, visa oferecer uma análise na contramão da leitura hegemônica, que assim prossegue, apresentando índices da matéria social inerente na peça, tomando como objeto a representação do imigrante siciliano, de escancarado protagonismo no drama, dentro do contexto específico em que é inserido pelo dramaturgo: um vilarejo habitado sobretudo por esses imigrantes localizado no Sul dos EUA, mais precisamente na Costa do Golfo, tomando como principal amostra a relação derogatória entre personagens estadunidenses de nascimento e os sicilianos: vide, por exemplo, o tratamento derogatório recebido por Serafina Delle Rose por outras personagens como Miss Yorke ou Flora e Bessie. Com essa comunicação esperamos somar aos estudos da dramaturgia que buscam revisar leituras subjetivas que estancam horizontes na recepção da dramaturgia de Williams, que ainda sendo enxergada por esse viés alienante permanece, de certo modo, desconhecida nos EUA e no Brasil.

Afinal, Drama é o que mesmo?:**Definindo um conceito e um lugar para o Drama na Historiografia Teatral através das ideias de três autores dramáticos japoneses modernos: T. Shoyo, O. Kaoru e K. Kishida.**

Paulo Ricardo Berton (UFSC)

Resumo Existe um mal-estar ontológico e uma confusão conceitual muito grande em torno do termo Drama e do gênero dramático em si. Seu lugar híbrido entre o literário e o teatral o torna um patinho feio no pensamento hegemônico da contemporaneidade. A Literatura não o trata com a mesma relevância, como o faz com os outros dois gêneros literários, tornando-o invisível nos currículos dos cursos acadêmicos de Letras, dadas as suas especificidades técnicas, que de certa forma restringem uma possível e romântica ‘liberdade poética’ na escrita, na leitura e na interpretação. Ao mesmo tempo, o Drama se encontra muito atrás em termos quantitativos de publicações. O Teatro, por sua vez, reflete este mesmo pensamento pós-moderno que se rebela contra preceitos e regras e que privilegia o sensorial e o emocional em detrimento do racional, preferindo abdicar do texto dramático no instante da encenação, por entender que este texto impede a sua autonomia enquanto arte. Drama é Literatura, mas do tipo que é escrita para se concretizar na cena teatral, tornando-se assim, matéria visual e sonora, o que não acontece nem com a Lírica nem com a Épica. O Teatro não necessita do Drama para acontecer, no entanto, sociedades que valorizam e apoiam a realização destas formas artísticas, estabelecem divisões setoriais em seus Teatros de acordo com diferentes epistemes do fazer teatral: o teatro musical, o teatro físico e o teatro falado, valorizando assim a existência do Teatro Dramático. Este último é o que nos interessa mais de perto e para tanto, serão consideradas as ideias em relação ao Drama dos pensadores e autores dramáticos japoneses Tsubouchi Shoyo (1859-1935), Osanai Kaoru (1881-1928) e Kunio Kishida (1890-1954) e suas contribuições para o estabelecimento de um Teatro Dramático naquele país no início do século XX a fim de elucidar os equívocos terminológicos aqui apontados.

***Aimez-vous Ionesco?* e *The Traveling Companion*:
a dramaturgia Pop Art de Tennessee Williams**

Luis Marcio Arnaut de Toledo (USP)

Resumo Este trabalho investiga a dramaturgia inovadora e experimental de Tennessee Williams em suas *late plays* [escritas entre 1962 e 1983], na qual usa o conceito da Pop Art para a construção narrativa das peças em um ato *Aimez-vous Ionesco?* [Você gosta de Ionesco?, 1976] e *The Traveling Companion* [O acompanhante de viagem, 1981]. A leitura hegemônica de sua obra, de realismo psicológico e biografismo, é, portanto, deslocada a partir da apresentação analítica de peças de uma fase negligenciada no Brasil, com poucas encenações e nenhuma tradução publicada. Expõe-se um dramaturgo conectado com o teatro experimental do off-off-Broadway daquele momento histórico, que sofreu duras críticas pelos jornalistas da época por não ter permanecido com a estilística canônica em que foi duramente enquadrado no mainstream. Com a Pop Art, Williams se coloca como um artista que ultrapassa o conservadorismo e a tradição realista do drama estadunidense, expondo-se como um observador crítico da sociedade de seu tempo e historicizando-o, sem deixar de lado seus elementos estilísticos marcantes: o lirismo e as contradições do *outsider*. Aspectos contundentes daquele circuito alternativo são observados em sua obra, contrastando com sua canonicidade: expedientes do chamado teatro do absurdo, a fisicalidade, que dá espaço para uma expressão do teatro da crueldade de Artaud em sua obra, e a figuração da homossexualidade de forma aberta, elementos pouco aceitos na época como expressões de um artista eminentemente estadunidense. O trabalho identifica os elementos do cotidiano e das culturas alta e baixa para compor forma e conteúdo, a tecitura das personagens e a estética camp. Revela, desta forma, um dramaturgo pouco conhecido no Brasil pelo uso destas poéticas e pela análise crítica da sociedade que a Pop Art confere aos textos.

**Algozes de almas e corpos:
a fisicalidade da morte e da condenação ao
Inferno no *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente,
e em *Na festa de São Lourenço*, de José de Anchieta**

Marina Gialluca Domene (USP)

Resumo No catolicismo, a condenação de uma alma ao Inferno ou sua salvação no Céu é determinada após a morte. Durante a Idade Média, a crença popular aproxima esta sentença cada vez mais dos últimos suspiros do indivíduo. No *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, o sentenciamento se dá em um porto, onde todas as almas tentam entrar na barca que leva ao Paraíso. A cena nos confirma que as personagens estão, de fato, mortas. Entretanto, há de se questionar se a condição do Moço, acompanhante do Fidalgo, é a mesma, pois ele não entra em nenhuma das barcas. No texto *Na festa de São Lourenço*, de José de Anchieta, o mesmo questionamento é possível quanto a Décio e Valeriano, os dois romanos responsáveis pelo martírio de São Lourenço. Na peça, os diabos recebem a incumbência de levar os dois romanos ao castigo eterno. Pelos diálogos travados, percebe-se que Décio e Valeriano devem ser mortos antes de serem levados ao Inferno. Em duas peças marcadas por contextos tão distintos, mas por objetivos tão próximos, a peculiaridade da condição de Décio, de Valeriano e do Moço – sobretudo em comparação à das outras personagens da peça – levanta dúvidas acerca da fisicalidade do julgamento das almas. A hipótese a ser debatida nesta proposta de comunicação é de que corpos físicos podem ser julgados, mas apenas almas desencarnadas possam chegar ao destino final. Baseada em uma bibliografia que inclui autores como Santo Agostinho, Philippe Ariès e Arthur Schopenhauer acerca da temática da morte, e trabalhos escritos por pesquisadores como Renato Cymbalista, José Camões e José Augusto Bernardes, em seus textos acerca da obra dos dois dramaturgos, esta comunicação, caso aceite, explorará a hipótese já mencionada, tentando estabelecer um paralelo entre a dramaturgia de Gil Vicente e a de José de Anchieta.

Aproximações da obra de Martins Pena ao teatro francês

Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo (USP)

Resumo “Martins Pena é considerado o Molière brasileiro”. Essa afirmação é clássica nos estudos sobre a obra do comediógrafo brasileiro Luis Carlos Martins Pena (1815-1848), mas, ainda que haja nessa comparação um fundo compensatório e valorizador da obras de nosso contrêncano e que tenha sido emitida por importantes pesquisadores brasileiros, não esgota as possibilidades de relacionamento dessa produção nacional com as obras francesa, sobretudo a do século XIX, mais próximas, aliás, ao nosso dramaturgo. Estudo recente, de Bruna Rondinelli, já identificou a proximidade da comédia O noviço, escrita em 1845, com o melodrama francês Fabio le Novice (1841), de Charles Lafont e Noël Parfait. Da mesma forma, procuraremos estudar à luz do comparativismo as peças O juiz de Paz da Roça, de 1837, encenado no ano seguinte no Teatro de São Pedro de Alcântara pela companhia de João Caetano dos Santos e L’audience du Juge de Paix ou le bureau de conciliation, de Rochefort, Charles et Julien, apresentado no Théâtre des Variétés em 1829. Conceitos de apropriação, adaptação, transcrição, inspiração devem ser trazidos à discussão neste caso, mas sempre fundamentados por uma perspectiva história que contextualize-os nas práticas do tempo. Assim, uma reavaliação da produção do comediógrafo pode rever a historiografia consagrada do teatro brasileiro e recolocar em nova perspectiva a fortuna crítica do autor.

Bio/grafias, releituras e linguagens: convergências dramáticas entre Tennessee Williams e Brian Friel

João Dóia de Araújo (UFPB)

Resumo Através dos estudos dramáticos feitos sobre a vida e obra do dramaturgo estadunidense Tennessee Williams, surgiu a ideia de debater a intertextualidade entre autores da dramaturgia moderna e da pós-modernidade. Ao pesquisar a historiografia e a estética dramática criada por Tennessee Williams descobrimos que autores nacionais e estrangeiros apresentaram leituras e linguagens bio/

gráficas semelhantes que parecem ter impulsionado releituras criativas através de textos dramáticos do escritor estadunidense. Nosso debate está basicamente pautado no drama moderno (ou drama social), nos estudos do teatro estadunidense e suas influências; assim como nos estudos de dramaturgia comparada que envolvem os textos escritos para o teatro e outras mídias. Como referencial teórico-crítico adotamos as seguintes fontes: *Tragédia Moderna* (2011) Raymond Williams, *Poética do drama moderno* (2017) Jean Pierre Sarrazac, *Ler o teatro contemporâneo* (2013) Jean-Pierre Ryngaert, *Literatura comparada* (2006) Tânia F. Carvalhal e *Dramaturgia Comparada Estados Unidos/ Brasil: Três Estudos* (2017) Maria Sílvia Betti, entre outros estudos do drama moderno e pós-moderno. O recorte feito nesta comunicação pretende debater a fusão de leituras, linguagens e historiografias entre as peças: *The Glass Menagerie* (1944), conhecida inicialmente no Brasil como *A Margem da Vida* (1968) por Tennessee Williams e *Dancing at Lughnasa* (1990), conhecida no Brasil como *Dançando em Lúmassa* (2013) escrita pelo dramaturgo irlandês Brian Friel. A proposta pretende trazer discussões sobre leitura comparada e intertextualidade entre um texto base do dramaturgo estadunidense para o texto pós-moderno do dramaturgo Irlandês. Estes intertextos apresentam biografias, linguagens e estéticas importantes e convergentes para os estudos da dramaturgia comparada. Ambos os textos tratam de temas semelhantes, porém com estruturas sociais diferentes em tempos históricos distintos que destacam um desenvolvimento dramático e social das personagens no contexto e na representação teatral, que fomentarão debates para os estudos de dramaturgia comparada atual.

Da cena ao tempo ou a tentativa de re-ver um espetáculo de 1868

Andrea Carvalho dos Santos (UFRJ)

Resumo Em 9 de janeiro de 1868, uma quinta-feira, depois de cerca de um mês de intensa divulgação nos jornais, estreou o drama “Força por Força ou O Magnetismo”, de Jules Barbier, no Teatro Ginásio, Rio de Janeiro, pela companhia dramática do ator e empresário Luiz Cândido Furtado Coelho. O drama em cinco atos e um prólogo era originalmente intitulado “Maxwell”, e teve tradução de um jovem crítico

e poeta chamado Machado de Assis. Era uma obra do teatro realista francês e tornou-se uma das peças do repertório da companhia, sendo apresentada em São Paulo, no Teatro São José, posteriormente. O empresário, também intérprete de um dos papéis masculinos principais do drama, levou ao palco um elenco conhecido do público da Corte que incluía Martinho Corrêa Vasques, Antonio José Arêas, Guilherme Pinto de Aguiar e Ismênia Augusta dos Santos, uma das mais ativas atrizes da época. Segundo Jean Michel Massa (2009, p. 181), o drama seria uma “espécie de romance policial”, com uma dinâmica de cena quase cinematográfica. A presente comunicação irá apresentar uma leitura dessa peça buscando recuperar o espetáculo, utilizando o texto como fonte para se entender a encenação, conjuntamente às imagens produzidas sobre a montagem e por comentários críticos publicados em periódicos da época. Pretendemos observar conjunturas histórico e sociais em que essa temporada ocorreu, sua recepção e sua temática para re-ver esse espetáculo no que ele consegue indicar sobre o gosto do espectador do século XIX e a expectativa de um público inserido em uma sociedade que compreendia o teatro como divertimento e sociabilidade, mas também como um modo de estar no mundo.

Do centro à margem:

reflexões sobre a dramaturgia de Clifford Odets e Arthur Miller

Thiago Pereira Russo (USP)

Resumo Olhar para a historiografia do teatro estadunidense é um exercício revelador. Uma quantidade significativa de dramaturgos marcou uma geração, e contribuiu para o debate sobre questões urgentes dentro e fora dos palcos, enquanto outra ficou na invisibilidade. Clifford Odets e Arthur Miller são exemplos de dramaturgos que uma vez estiveram no centro, mas que foram deslocados à margem dos palcos, dos debates e dos estudos de suas peças. Assim, olhar para a dramaturgia de ambos é jogar luz sobre um capítulo fundamental da dramaturgia e da história política e econômica daquele país, e compreender inclusive os rumos do teatro no Brasil. A comunicação fará uma breve análise comparativa de trechos de *A Vida Impressa em Dólar* (1935), de Odets, e de *A Morte de Um Caixeiro-Viajante*

(1949), de Miller, revelando a relação dialética entre forma e conteúdo engendrada em ambas. Em seguida olharemos para o que a crítica optou por ressaltar e o que optou por excluir, determinando, em alguma medida, o modo como tais dramaturgias seriam lidas tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos. Tal análise se torna determinante para compreender não somente os rumos que ambas as carreiras seguiriam posteriormente, mas também como isto se projetaria nas páginas e palcos do teatro moderno brasileiro, e como este viria a ser enxergado. Dramaturgos como Boal, Dias Gomes, Vianinha, e Jorge Andrade, essenciais para se compreender o teatro de nosso país, são alguns dos que reconhecem explicitamente a importância de Odets e Miller para suas obras.

Dramas familiares nos modernismos brasileiros: um estudo comparativo entre dois tempos

Mariana Toledo Borges (UNICAMP)

Resumo Apesar de se ter convencionado a Semana de Arte Moderna de 1922 ocorrida em São Paulo como o marco inaugural do Modernismo brasileiro, é sabido que outros modernismos floresceram em regiões fora do centro econômico do país, obedecendo a outra temporalidade e em nada devendo em influência ao núcleo paulista. Também é sabido que o teatro brasileiro só foi iniciado no Modernismo em 1943, ano da estreia de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues – mais de vinte anos depois, portanto, da revolução ocorrida na literatura e nas outras artes em geral. Adiciona-se a isso uma visão crítica que tem cada vez mais destacado a importância do modernismo tardio que ocorreu no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, quando os programas vanguardistas brasileiros amadurecem e ganham autonomia em relação às influências europeias – momento de singular importância para o teatro, que enfim consolida uma autêntica linguagem moderna. Muitos são os dramaturgos desse período que ganharam pouca atenção da historiografia e da crítica de teatro, obliterados por nomes célebres como Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Dias Gomes e Zé Celso. É possível acompanhar a transformação de tratamento dramático por que passam os mesmos temas num arco temporal que vai dos anos 1940 até o início dos anos 1970, observando

como elementos modernos – como o dinheiro, a constituição de uma classe média urbana e a contracultura, por exemplo – acabam por remodelar formalmente o drama. Nessa comunicação, pretendo investigar o tratamento dado ao tema da família em três peças – *Álbum de família* (1945), de Nelson Rodrigues, *Em família* (1970), de Vianinha, e *Hoje é dia de Rock* (1971), de Zé Vicente – dando enfoque à diferença entre um tratamento trágico do tema (próprio de Nelson Rodrigues) e um tratamento com tonalidades burguesas, que acusam uma modernidade em estágio mais avançado.

Entre o fascínio e a frustração: a recepção crítica da primeira visita da Ópera de Pequim ao Brasil

Esther Marinho Santana (UNICAMP)

Resumo Em 1956, a Ópera de Pequim realizava a sua primeira turnê nas Américas. Desembarcando no Brasil em setembro daquele ano, a companhia se apresentou nos Teatros Municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo, e se consolidou, segundo descrevem diversos periódicos coetâneos, como o espetáculo mais relevante da temporada. Embora os primeiros registros de textos dramáticos chineses datem da dinastia Tang (618 – 907 d.C.), a tradição 京劇 (Jīngjù) adquiriu os moldes atualmente vistos a partir do século XIX. Diante da inédita oportunidade de contato com uma arte teatral na qual se mesclam, sem necessário privilégio de quaisquer uma das formas, poesia, música, dança, pantomima e movimentos marciais e acrobáticos, a crítica brasileira revelou-se tão encantada quanto desnorreada. Nomeados, no ocidente, de óperas, tais espetáculos não possuem relação alguma com o gênero operístico europeu; logo, enquanto a designação opera como um possível mecanismo de aguçamento da curiosidade dos espectadores alheios às milenares culturas chinesas, termina por engendrar também uma possível armadilha. A variedade de profissionais escalados pelos jornais locais para os anúncios e comentários das apresentações reunia de compositores clássicos, como Renzo Massarani, a poetas, como Murilo Mendes e Manuel Bandeira, a nomes basilares do teatro nacional, como Sábato Magaldi e Paulo Mendonça. Após assistir a uma das sessões, o professor da Escola de Arte Dramática manifestava todo o seu fascínio frustrado em face do

que presenciara: “(...) como desvendar o mistério daquelas palavras, daqueles gestos, daquelas cores? Que pontos de referência utilizar?” (MENDONÇA, 1956, p. 625), ele indagava, concluindo a sua resenha numa espécie de aporia. Esta comunicação resgatará a primeira visita da Ópera de Pequim aos palcos brasileiros, e tentará refletir sobre as limitações e potencialidades da experiência espectral e crítica frente a uma teatralidade radicalmente estrangeira, mas de singular valor criativo para as nossas estéticas dramáticas.

Luisa Carnés: uma mulher no teatro de guerra

Ana Paula Cabrera (UFSM)

Resumo Ocupar um espaço em que a luta política é essencial, recordar a batalha de mulheres comprometidas, protagonistas de importantes transformações sociais é fundamental. As modificações sociais realizadas desde o fim do século XIX e nas primeiras décadas dos anos trinta na Espanha impulsionaram a criação de novas correntes de pensamento e ações protagonizadas por mulheres que defenderam seus direitos. Nesse período, uma nova mulher ganha espaço na literatura, na educação, no trabalho e na política, e em meio a essas transformações, encontramos Luisa Carnés (1905-1964), uma escritora autodidata da classe trabalhadora, que teve sua produção literária e teatral silenciada por mais de quarenta anos. Luisa como muitas mulheres espanholas do período sofreu as consequências da guerra, do franquismo e do exílio. Recuperar sua memória e apresentar parte da sua obra descoberta até o momento, ampliando as informações sobre movimentos teatrais silenciados, valorizando a atribuição histórica dessa dramaturgia é o objetivo desse trabalho. A produção dramática da autora é pequena, mas simboliza um momento crucial da sua vida e da vida de outras mulheres. A dramaturgia de Luisa Carnés inclui cinco obras, sendo uma delas inacabada: “Así Empezó” (1936) – foi representada na Espanha uma única vez, no início da Guerra Civil, fazia parte do chamado “Teatro de la Guerra”, ou “Teatro de Urgência”, destinado a criar um clima popular favorável ao regime republicano capaz de mostrar ao espectador os perigos da sublevação militar que ameaçava a República. “Así Empezó” é uma obra que lembra as primeiras horas da sublevação militar contra a

República através de um coro de vizinhas que expressam seus sentimentos e emoções desde suas janelas e oferece uma visão dos primeiros momentos do golpe de estado contra a República. Esse teatro, foi uma importante ferramenta para levar a propaganda republicana para a população geral.

O gosto no teatro barroco ibérico: estudo das preceptivas

Carlos Gontijo Rosa (PUCSP)

Resumo O gosto na apreciação do objeto estético é uma categoria fluida e de difícil apreensão, pois se trata de uma tentativa de uma valoração a partir de critérios subjetivos. As questões do gosto invadiram o campo da filosofia a partir do século XVIII europeu com a criação do campo da “filosofia do belo na arte”, aspecto que não pode faltar à discussão do gosto na contemporaneidade. Mas quando sociedades ainda não conscientes da abordagem filosófica utilizam o conceito de “gosto”, do que elas estão falando? Nesta comunicação, buscaremos rastrear a construção do conceito relativa ao teatro dos séculos XVII e XVIII na Península Ibérica, passando por textos fundamentais da preceptiva vigente neste recorte histórico, como Lope de Vega e Francisco Manuel de Melo, além de pareceres inquisitoriais e críticas literário-teatrais. O objetivo é o de compreender o sintagma “ao gosto português” que circulava nas publicações “de cordel” em Portugal no século XVIII para além do senso comum de que é necessário apenas “meterem-se graciosos” para se “acomodar ao gosto português” um original estrangeiro. Para tanto, leremos tais textos a partir da teoria forjada no Círculo de Bakhtin, especialmente nos conceitos de carnavalização e cronotopo presentes na obra do pensador russo. Esta comunicação é um desdobramento da fala feita no Encontro ABRALIC realizado em 2020.

**O rei Caramba aportou no Rio de Janeiro:
a mágica *A Pera de Satanaz* (1865) de Eduardo Garrido
na cena teatral brasileira do final do século XIX**

Maria Clara Gonçalves (UNESP)

Resumo O escritor e tradutor português Eduardo Garrido (1842-1912) conquistou as plateias portuguesas e brasileiras ao longo do século XIX com suas cenas cômicas, operetas e mágicas. Apesar de sua produção dramática ser conhecida do grande público brasileiro, foi em 1870 que, a convite do afamado ator e empresário Furtado Coelho, Eduardo Garrido aportou em terras brasileiras e iniciou a parceria com seu conterrâneo. No dia 17 de dezembro de 1871, no Teatro São Luiz, sob direção e música de Furtado Coelho uma companhia brasileira encenava um dos maiores sucessos de Garrido: *A Pera de Satanaz* (1865). Tal mágica já havia sido encenada na década de 60 no país por uma companhia portuguesa, mas foi a partir dessa data que esse espetáculo se fez mais presente na vida cultural brasileira. Espetáculos cômicos e musicados tomaram conta da cena teatral nos decênios finais dos oitocentos para alegria do público e, porque não dizer, tristeza da crítica. A mágica é um gênero em que se privilegia os efeitos cênicos e o espetacular, os personagens são seres sobrenaturais e não há nenhuma preocupação com a verossimilhança. Por ser um tipo de espetáculo pouquíssimo apreciado pela crítica, esses textos foram julgados desinteressantes e são pouco conhecidos nos dias atuais. A presente comunicação fará uma apresentação de *A Pera de Satanaz*, destacando como se configura seu enredo e seus efeitos cênicos, mapeará seu impacto no universo teatral brasileiro do final do século XIX, além de apresentar com mais detalhes o escritor Eduardo Garrido. Por fim, torna-se relevante discutir o porquê da invisibilidade do escritor e de suas produções dramáticas na historiografia teatral.

Para além da Indústria Cultural na Belle Époque Tropical: o Theatro da Exposição de 1908 e o Theatro Nacional de 1910 e 1912

Phelippe Celestino Pereira dos Santos (USP)

Resumo Nossa pesquisa revisita certo lugar-comum que se criou sobre o teatro brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, estuda e analisa o repertório dramático do Theatro da Exposição, na ocasião da Exposição Nacional de 1908; e do Theatro Nacional, realizado em 1910 e 1912 no palco do recém-inaugurado Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Considerado como um período fortemente caracterizado pela hegemonia da indústria cultural sustentada pelas produções cênicas cômico-musicadas, deixou-se à margem experiências e projetos que supostamente ocuparam um espaço de pouca visibilidade ou aceitação do público. No entanto, isso não deve implicar no apagamento destas manifestações ofuscadas, uma vez que o valor simbólico e o juízo estético são fatores intrínsecos aos interesses e às motivações da crítica. O movimento justo e tardio de legitimação de determinadas práticas que foram depreciadas em seu contexto original por motivos moralistas ou preconceituosos, tal como ocorreu com as operetas, mágicas, revistas etc., ou ainda a consagração feita a posteriori destas mesmas práticas erroneamente desvalorizadas, não deve monopolizar e absorver todo o entendimento de um determinado intervalo da história teatral brasileira. O risco disso se dá na medida em que os estudos historiográficos e a crítica podem acabar promovendo a cristalização e a uniformização de uma época multifacetada, diversa e sobretudo complexa, tanto do ponto de vista social, econômico e político, quanto cultural e estético. Em última instância, tal movimento pode incorrer em um aparentemente esgotamento, baseado sobremaneira em certo viés de análise e estudo, enquanto que restam ainda muitas outras práticas, produções e experiências a serem analisadas e examinadas com critério e profundidade. Nesse sentido, por meio da apresentação e discussão dos eventos mencionados busca-se destacar a necessidade de ampliação das perspectivas de abordagem e de expansão dos horizontes de investigação além do campo de observação e exploração já estabelecidos.

Pesquisar dramaturgia de autoria de mulheres no Brasil e no RS: palavra como existência e resistência

Natasha Centenaro (PUCRS)

Resumo Esta proposta de trabalho pretende apresentar uma pesquisa que vem sendo realizada pela autora desde 2019 e que busca, através de divulgação científica em eventos acadêmicos, bem como junto à sociedade civil, investigar e analisar a publicação de dramaturgia de autoria de mulheres no Brasil na contemporaneidade e em particular no estado do Rio Grande do Sul. Ao se levar em consideração que a publicação do gênero dramaturgia já tem pouca expressão e visibilidade no mercado editorial nacional, quando a autoria é de mulheres esta representatividade é ainda menor. No primeiro momento, o enfoque será na pesquisa efetivada em nível nacional, a partir de duas esferas: a dramaturgia publicada no Brasil em editoras reconhecidas e a autoria de mulheres dramaturgas no plano da encenação. Os critérios abordados são constituídos de um mapeamento quantitativo com duas variáveis: sendo a primeira delas, um levantamento das publicações nos catálogos on-line de editoras a partir de 2019, em categorias como “Dramaturgia” e “Teatro”; a segunda, a partir dos dados levantados na categoria “Autor” do Prêmio Shell de Teatro – Rio de Janeiro e São Paulo, de 1988 – 2019. Com base nesses resultados, segue-se a discussão e se apresentam alternativas para esse déficit da presença de mulheres exercendo a palavra escrita tanto nos livros como nos palcos. Num segundo momento, será apresentado o projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc-RS 2021 que se concentra na produção de dramaturgia de autoria de mulheres no estado do Rio Grande do Sul como modo de existência e resistência.

Samuel Beckett e a ruptura formal de *Not I*: dramaturgia e encenação através dos manuscritos e do theatrical notebook

Felipe Augusto de Souza Santos (USP/FAPESP)

Resumo Esta comunicação tem como objetivo desenvolver uma reflexão acerca do dramático *Not I* (1972), de Samuel Beckett, a partir do estudo das tensões entre seu trabalho como dramaturgo e como

encenador. Para tanto, abordaremos, além do texto dramaturgico original, manuscritos, datiloscritos e anotações provenientes dos chamados theatrical notebooks, desenvolvidos por Beckett antes e durante os ensaios de encenações de *Not I*, duas delas nas quais atuou como conselheiro prático durante o processo de ensaios ao lado de outros diretores, e finalmente as duas encenações dirigidas pelo dramaturgo em Paris. O tema de nosso trabalho é inédito no Brasil, sendo fruto das pesquisas realizadas ao longo de nosso doutorado, em fase de finalização, durante o qual desenvolvemos, entre outubro de 2020 e junho de 2021, pesquisas acerca de documentos não publicados (manuscritos, datiloscritos, textos dramaturgicos anotados pelo autor, programas de peças, etc.) junto à Samuel Beckett International Foundation, mantenedora do Samuel Beckett Archive, arquivo que agrupa um grande volume de documentos originais referentes à vasta obra de Samuel Beckett, sendo considerado o maior arquivo internacional dedicado ao dramaturgo e encenador irlandês, além do estudo do theatrical notebook voltado aos dramátículos ou peças finais de Beckett, publicado pelas editoras Faber and Faber e Grove Press. A pesquisa no arquivo beckettiano foi realizada sob supervisão de Mark Nixon, diretor da Samuel Beckett International Foundation e um dos maiores especialistas mundiais na obra de Beckett. O tema desta comunicação se mostra relevante devido a seu ineditismo no Brasil, bem como ao crescente interesse internacional referente ao estudo dos manuscritos inéditos de Samuel Beckett, possibilitando um aprofundamento acerca do entendimento do teatro beckettiano, dentro da perspectiva do diálogo entre as práticas de Beckett como dramaturgo e encenador.

Simpósio 80**Romantismo e classicismo: atualidades de uma velha batalha**

Andréa Sirihal Werkema (UERJ)

Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo "O conceito de poesia romântica, que atualmente corre o mundo e causa tanta polêmica e discórdia, partiu originalmente de mim e de Schiller. (...) Os Schlegel adotaram a ideia, e a desenvolveram, de modo que agora ela se disseminou pelo mundo todo, e todo mundo agora fala em classicismo e romantismo, nos quais ninguém pensava há cinquenta anos" (ECKERMANN, 2016, p. 392). À primeira vista, as polêmicas e discórdias evocadas por Goethe, versando sobre Romantismo e Classicismo, não têm mais lugar na cena contemporânea. Mesmo as definições de clássico e de romântico como opostos naturais perderam um tanto de sua força já que tal oposição deixou de fazer sentido no dia a dia de uma literatura que se voltou para outros problemas ditos mais urgentes. Afora o campo dos especialistas, tem-se por plenamente assente a identidade dos dois contendores da antiga disputa, assim como já bem demarcado o seu vencedor. Os românticos teriam ganhado a briga e, ao ganhá-la, fundaram a ideia moderna de Literatura. Mas se a ganharam, será para, logo a seguir, perdê-la para seus herdeiros imediatos que, recusando a herança, dispõem seus antecessores em lugar bem próximo àquele que estes haviam outorgado aos clássicos: literatura ultrapassada, datada. Há alguma ironia (talvez não exatamente a romântica) no desfecho dessa história. Afinal, uma das armas principais do combate romântico contra o classicismo é justamente a da atualidade, seu mais perfeito ajuste às formas do tempo e suas demandas específicas. Lembremos Stendhal: "O romantismo é a arte de apresentar aos povos as obras literárias que, no estado atual de seus costumes e de suas crenças, são passíveis de lhes proporcionar o maior prazer possível. O classicismo, ao contrário, apresenta-lhes a literatura que proporcionava o maior prazer possível a seus bisavós" (STENDHAL, 2008, p. 73). Convertidos os românticos em nossos bisavós, aos clássicos (qualquer que seja a identidade que se lhes atribua) caberia, no melhor dos cenários, a dimensão de fósseis. E para ambos, sobram apenas os "arqueólogos" da literatura, cujo idiossincrático prazer estaria na contramão do estado atual dos costumes e crenças. Assim seria a

história se alguns autores que ainda gozam de “atualidade” não nos indicassem que os restos dessa arqueológica batalha, ao serem escavados, iluminam questões aparentemente obscuras do presente da literatura e nos obrigam a revisar a historieta acima. Que se pense em Jacques Rancière, que tomando para si o desafio de reconstituir o “sistema de razões” que funda o nosso conceito de Literatura, retoma a cena supostamente obsoleta de modo a avaliar o que se perde e o que se ganha quando a implosão do sistema beletrista substitui um sistema literário assentado na “palavra eficaz” pelos tormentos de uma “palavra muda” (RANCIÈRE, 2010). Ou ainda em Thomas Pavel, que em um de seus retornos ao XVII francês e sua estética “estrutural e conscientemente infiel à realidade empírica” (PAVEL, 1996, p. 371), contrapõe esse “suplemento ontológico visível” próprio à ordem de mundo beletrista à “transfiguração da banalidade e sagração do lugar comum” e ao estreitamento do imaginário próprios à literatura moderna. E radicalizando o olhar para o presente através do cultivo do passado, lembremos João Adolfo Hansen em suas agudezas antianacrônicas, capazes de surpreender a atualidade através de um rigoroso investimento no que já não lemos (e nem sabemos ler) de um passado que deve ser reconstituído para que se faça mais clara a própria ideia do presente. De fato, uma compreensão mínima do imenso legado clássico – em toda a sua diversidade e complexidade – na literatura ocidental é pré-requisito para qualquer estudo que se faça no campo dos estudos literários, assim como o entendimento da quebra, ou da revolução romântica se faz caminho obrigatório para entender formas, aberturas e mesmo a transformação incessante dos gêneros literários. Mesmo a oposição clássico x romântico tem que ser revista de maneira incessante, já que se sustenta muitas vezes apenas de maneira didática, histórica ou metodológica, sendo que a verdade textual pode nos contar outra história. Demos alguns exemplos pontuais e apenas ilustrativos do problema proposto para formular um convite que aqui se faz aos amantes de literaturas inatuais, estejam elas conformadas nas doutrinas clássicas ou nas batalhas românticas, ou nos entrecruzamentos possíveis entre tais caminhos, para que venham conversar conosco – e, eventualmente, polemizar – sobre o muito de surpresa que ainda guarda esse passado.

A condição feminina no século XIX: a questão do trabalho e da educação em dois romances camilianos

Amanda Regina dos Santos Lourenço (UERJ)

Resumo Inegavelmente, o século XIX foi marcado como um período de profundas transformações nas sociedades ocidentais, especialmente em Portugal. Além de conviver com os desdobramentos da Revolução Francesa, o país da Península Ibérica também foi marcado pelos seus movimentos internos como a Revolução Liberal do Porto, ocorrida em 1820, por exemplo. Apesar disso, ainda havia um aspecto no qual havia pouco interesse em modificação: a sociedade portuguesa ainda pensava a condição das mulheres em sujeição aos homens, afastando-as de práticas sociais consideradas essenciais apenas para eles, como o trabalho e a educação. No entanto, apesar da tentativa de cercear o comportamento das mulheres por meio de estereótipos de feminilidade, a sociedade oitocentista portuguesa também assistiu aos movimentos de emancipação delas. Essa situação de instabilidade para as mulheres portuguesas naturalmente reverberou na literatura, especialmente de Camilo Castelo Branco, autor que costumeiramente dialogava com o seu público leitor. Ao conhecer a produção acentuada do escritor, nota-se a presença de personagens femininas múltiplas e que nem sempre estão dispostas a atender aos estereótipos impostos pela sociedade portuguesa. Nesse sentido, este trabalho tem por finalidade apresentar uma análise sobre duas personagens femininas de Camilo, a saber: Albertina, de *A Filha do Doutor Negro*, e Jerónima, de *As Três Irmãs*. As personagens selecionadas divergem dos modelos de feminilidade atribuídos às mulheres do período, especialmente se observarmos os aspectos da educação e do trabalho. A análise proposta pretende partir de uma reflexão sobre a condição da mulher portuguesa, observando as duas obras de Camilo e o seu contexto de produção, buscando evidenciar os movimentos de ruptura do comportamento feminino frente ao patriarcado oitocentista.

A poesia de Junqueira Freire por Machado de Assis e por Antonio Candido: romântico e/ou neoclássico?

Andréa Sirihal Werkema (UERJ)

Resumo No exame que faz de Inspirações do claustro, do ultrarromântico Junqueira Freire, Machado de Assis enfatiza a sua originalidade, a sua “individualidade poética”, nas palavras do crítico. A leitura machadiana, de forma bem clara, aceita a visão romântica da poesia, que defende, nesse caso, a contradição e a sinceridade da expressão dos sentimentos do poeta baiano. Já no capítulo da Formação da literatura brasileira dedicado ao poeta, justamente intitulado “Conflito da forma e da sensibilidade em Junqueira Freire”, Antonio Candido ressalta a marca neoclássica dos versos de Junqueira, o aspecto formal criando um choque bastante dissonante em relação ao conteúdo da maioria de seus poemas. Haveria portanto uma tentativa fracassada de casamento da forma clássica e severa com o conteúdo tumultuoso e irregular da poesia junqueiriana, que almejava exprimir o seu drama pessoal de frade arrependido, seus desejos reprimidos, de revolta contra o estado das coisas. O mais interessante, ao contrastar duas leituras como estas, no entanto, é poder investigar se a inadequação da forma cria um estado ainda mais “romântico” para a poesia de Junqueira Freire, por sua contradição inerente, ou se teríamos, como quer Candido, um poeta que fracassou quase que inteiramente em sua tentativa – ultrarromântica – de expressão testemunhal via poesia. É o que pretendo discutir rapidamente nesta comunicação.

As ambiguidades de Chateaubriand em meio à configuração do romantismo

Melissa Raquel Zanetti Franchi Christofolletti (UNICAMP)

Resumo Como reconhece nas ‘Mémoires d’outre tombe’, François-René de Chateaubriand teve papel fundamental na configuração da literatura romântica, embora admirador dos grandes autores da Antiguidade e do Classicismo francês. As obras do memorialista tendem a comparar e articular tais referências e elementos ao imaginário

cristão (em suas relações com o mistério, o medievalismo e a cavalaria). Em ‘O gênio do cristianismo’, Chateaubriand sustenta a existência de Deus pela beleza e perfeição da natureza, defendendo a verdade do catolicismo por um viés estético, através da análise de obras de arte, arquitetura, cultos e ordens que essa religião instaurara. Daí nasce certa dificuldade argumentativa, pois tal comprovação estaria ancorada em algo sempiterno (sendo o “belo ideal” também abordado) e em um conceito histórico e, portanto, relativo (DIDIER, 2009). Outra frente em que Chateaubriand se coloca em discussão com o classicismo é a da escrita de epopeias em prosa – ‘Os Natchez’, ‘Os mártires’ –; o autor considerava esse gênero como aquele que melhor poderia representar o homem moderno, desejando que suas *Mémoires* combinassem o romanesco e o épico (FUMAROLI, 2003). Já sua peça ‘Moïse’ inspirava-se nas tragédias de Racine, seguindo a métrica alexandrina, embora empregasse alguns elementos românticos e temáticas anteriormente abordadas por Chateaubriand, mostrando-se como um drama de transição entre classicismo e romantismo. Representada em 1834, época em que a nova estética atingia o ápice, foi um fracasso; se por romântico entendia-se a sintonia entre obra e desejos do público (STENDHAL, 1822), a peça estava comprovadamente ultrapassada. Vale ainda lembrar que Chateaubriand reprovava o rumo seguido pela segunda geração romântica, discordando da leitura que haviam feito de seu ‘René’. Pretende-se explorar tais ambiguidades de sua obra e posicionamento no que tange ao embate e à intersecção entre as escolas literárias mencionadas, partindo-se, principalmente, de sua retrospectiva memorialística acerca do desenvolvimento do romantismo.

Entre antigos e modernos: a teoria da tragédia de Friedrich Schiller

Isabella Gonçalves Vido (UNESP)

Resumo Ao examinar a recepção da obra de Schiller, Lesley Sharpe (1991) assinala que tomá-lo como “clássico” exige a cautela de esclarecer, inicialmente, de que trata o termo. Diversamente do “Klassizismus”, empregado para designar obras inspiradas na Antiguidade Clássica, convencionou-se compreendê-lo integrante do chamado

“Klassik”, termo reservado à produção literária do período compreendido entre a viagem de Goethe à Itália em 1786 e a morte de Schiller em 1805. Para leitores que desconheçam a natureza problemática da terminologia, entretanto, adentrar a obra de Schiller pode tornar-se, acredita Sharpe, séria dificuldade: as obras chamadas “clássicas” de Schiller são apenas parcialmente fruto de estudos dos antigos e, em algumas delas, tais como *Die Jungfrau von Orleans*, há tal afastamento da forma clássica que o autor chegou a denominá-la “uma tragédia romântica”. De opinião diferente é Anatol Rosenfeld, para quem Schiller é acentuadamente “anti-romântico”. Trata-se, para Rosenfeld, de uma diferença que se deve, em primeiro lugar, a uma razão cronológica, já que ele é anos mais velho que os primeiros românticos e também o pré-romantismo a que Schiller antes se filiara pode ser associado a eles. Mais decisivo é que entre Schiller e os românticos há “o profundo antagonismo entre as atitudes e concepções fundamentais relativas à vida, moral, arte e sociedade” (ROSENFELD, 1993, p.271). Sem o objetivo de esgotar os elementos que contrapõem, na historiografia literária, “clássico” e “romântico”, aceitamos o par correspondente “antigo” e “moderno” que Goethe indica em “Shakespeare e o sem fim”, a fim de que possamos examinar os ensaios que compõem a teoria da tragédia de Friedrich Schiller, mostrando-os em certa hesitação que não se resolve em um pólo ou outro. Antes de falarmos de um Schiller tão somente “clássico” ou “anti-romântico”, buscamos compreendê-lo em sua tentativa de conciliar tendências opostas em defesa da autonomia das artes trágicas.

Entre Camilo Castelo Branco, Garrett e Eça de Queirós: Romantismo e antirromantismo no romance português

Amanda de Carvalho Ferreira (UERJ)

Resumo Muitos estudos são realizados acerca do Romantismo português e seus autores. Mas há algo que se deve destacar: a complexidade e heterogeneidade deste período. Pensando na primeira geração romântica, com Garrett e Herculano sobretudo, encontramos marcas do Classicismo nas bandeiras iluministas “Igualdade, Liberdade e Fraternidade” utilizadas na luta contra o Miguelismo (anos 20 e 30) e contra o Cabralismo, já na década de 1840. Quando chegamos

à segunda geração romântica, esses ideais são postos em dúvida, e o tom humanista, além da harmonia entre o clássico e o romântico, perdem a vez. O máximo expoente desta geração é Camilo Castelo Branco, que bem saberá questionar o mundo novo dos barões da regeneração (1851) e as estruturas arcaicas do Antigo Regime. Na Geração de 70, que tanto combateu o idealismo romântico, temos uma retomada das Luzes com Eça de Queirós e o projeto que encontra o seu ponto máximo em Os Maias, cujo subtítulo, “Episódios da vida romântica”, dá o tom de como o ideal romântico vai então estar submetido a minucioso balanço crítico. José-Augusto França, em O romantismo em Portugal, estabelece uma analogia entre os personagens Carlos, de *Viagens na minha Terra* (1843-1844-1846), Guilherme do Amaral, da trilogia da *Felicidade de Camilo*, Carlos de *Os Maias* (1888) e Maurício, de *Memórias d’um doido* (1859). No Carlos de Garrett, temos a luta por um ideal e a impossibilidade de se manter imaculado numa sociedade que afundava no materialismo. Em Guilherme, o desespero e loucura de uma vítima da educação romântica. Em Maurício, mais um doido, vitimado pela ambição e pelo amor.

Esconjurando o *grand siècle*: Corneille, Molière e Racine na crítica historiográfica de Jules Michelet

Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo Na edição do ano passado, apresentei uma comunicação na qual buscava sistematizar como os três tomos de *Histoire de France* voltados para o século XVII visavam desconjurar o mito do “*grand siècle*” francês, a saber, da excelência da cultura e das artes do classicismo francês, indissociáveis da suposta excelência do reino e do reinado de Luís XIV. Esse mito, ainda hoje ativo no imaginário do país, manteve-se forte mesmo na cena cultural romântica francesa, da qual Michelet seria, segundo a crítica, um dos principais representantes. Naquela ocasião, indiquei como Michelet mobilizou uma série de recursos, tanto argumentativos quanto narrativos, cujo fito último era o de rebaixar a suposta grandeza do período, apoiando-se, para tanto, numa crítica teológico-política do período. Mas também sugeri que tal crítica se desdobrava em uma outra, de tipo estético, que reconhecia no cultivo da forma, comum, ao ver do historiador,

tanto ao Classicismo quanto ao Romantismo francês, um fundamento possível da perenidade do mito e de seus efeitos deletérios na cena francesa dos oitocentos. Nesta edição, pretendo retomar os argumentos já apresentados, concentrando-me particularmente na maneira como eles se articulam à crítica literária presente nos mesmos tomos, em particular àquelas dirigidas a grande tríade do classicismo francês: Corneille, Molière e Racine. Trata-se, portanto, de retomar o conjunto de referências feitas por Michelet aos três autores em questão e reexaminá-las à luz da crítica teológico-política e estética que comanda a visada historiográfica micheletiana sobre o *grand siècle*.

Friedrich August Wolf e a fundação de uma disciplina moderna para o estudo da Antiguidade

Rafael Guimarães Tavares da Silva (POSLIT/ FALE/ UFMG)

Resumo Friedrich August Wolf é um filólogo conhecido hoje por seu trabalho inaugurador da “questão homérica”, com seus *Prolegomena ad Homerum*, publicados em 1795. Apesar disso, sua obra tem uma outra dimensão fundacional importante: fruto de décadas de pesquisa dedicada a seu campo de estudos, sua *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft* [Apresentação da Ciência da Antiguidade] é um marco da fundação moderna dos Estudos Clássicos. Embora sua importância seja reconhecida por diferentes manuais dedicados à história do campo – como aqueles de Sandys (1908), Wilamowitz (1921) e Pfeiffer (1976) –, certos aspectos históricos do contexto de publicação dessa obra frequentemente não são levados em conta por seus intérpretes. Escrita nas semanas seguintes à derrota prussiana frente aos exércitos de Napoleão na Batalha de Jena (1807), a *Darstellung* é um documento eloquente das incertezas de então: empregando o alemão (em vez do latim, hegemônico nos meios eruditos), esse manual faz uma defesa apaixonada da importância que o estudo moderno da Antiguidade greco-romana ainda pode desempenhar para a constituição das nações europeias, em especial a dos alemães. Desenvolvendo esse *Griechenmythos* [mito grego alemão] já presente nos escritos de Goethe, Schiller e dos irmãos Schlegel, Wolf delineia um plano enciclopédico para servir de base para o estudo científico de um campo modelar para a mais moderna e emblemática instituição

universitária do século XIX: a Universidade de Berlim, fundada em 1810, graças aos esforços de Humboldt para unir os ideais de *Wissenschaft* [ciência] e *Bildung* [formação]. Uma leitura atenta da *Darsstellung* indica de que modo o privilégio da cultura greco-romana (em especial, dos gregos), em detrimento dos povos “orientais” (egípcios, hebreus e persas), como objeto exclusivo da “Ciência da Antiguidade”, tem implicações de grande impacto sobre um contexto que começa a apresentar reivindicações burguesas em nome do Estado-Nação e suas prerrogativas colonialistas (eventualmente, imperialistas).

José de Alencar e Alphonse de Lamartine: alguns diálogos e possíveis traduções

Wilton Jose Marques (UFSCar)

Resumo A presente comunicação discute inicialmente as relações entre José de Alencar e Alphonse de Lamartine em função da campanha do Diário do Rio de Janeiro, então dirigido pelo futuro romancista, para que os leitores brasileiros assinassem o Curso de Literatura Familiar do autor francês, que, na velhice, passava por dificuldades financeiras. Tal campanha, capitaneada por Alencar, conseguiu 3000 subscritores à obra de Lamartine. Evidentemente, a solidariedade de José de Alencar explica-se tanto pelo seu reconhecimento quanto pela admiração pela obra literária do autor francês, corroborada por afirmações, em cartas e artigos, chancelando-o, por exemplo, como “um dos mais distintos escritores de nosso século” ou ainda que não era “estrangeiro em parte alguma do mundo civilizado”. Além disso, também discute a possibilidade de o romance *Graziela* (1849), de Lamartine, ter de alguma forma ecoado no enredo de *Cinco Minutos* (1857). Como se sabe, esse primeiro ensaio romanesco de Alencar, publicado inicialmente em folhetim no Diário do Rio de Janeiro, em dezembro de 1856, saiu em livro já no início do ano seguinte. E, por fim, ainda levanta a hipótese de o autor brasileiro ter traduzido fragmentos do romance lamartiniano, que, a partir de abril de 1858, começou a ser publicado no Diário do Rio de Janeiro.

O bicentenário de Charles Baudelaire

Roxanne Covelo (UFMG)

Resumo O bicentenário de Charles Baudelaire: Este ano marca o bicentenário do nascimento do poeta e ensaísta francês Charles Baudelaire (1821 – 1867), cujos versos combinam o rigor formal do Classicismo com uma nova perspectiva estética explorada por ele em textos críticos sobre a modernidade e a arte Romântica (*l'art romantique*). Em um ensaio de 1855, escrito após sua visita à Exposição Universal de Paris daquele ano, Baudelaire questiona os limites da concepção Clássica da beleza como única, perfeita e atemporal. Nesse texto crítico, ele reflete sobre uma pluralidade de belezas contingentes e “bizarras”, como diz, chegando finalmente à conclusão de que: “o Belo é sempre bizarro...e é essa bizzarria que o faz ser particularmente o Belo.” Nessa apresentação, examinaremos a tensão que existe entre o formalismo Clássico do autor e sua concepção Romântica do “belo bizarro,” tensão presente por exemplo na obra poética *As flores do mal* (1857), e mais especificamente em poemas como “O ideal,” “A gigante,” “A uma mendiga ruiva” e o bem conhecido “Convite à viagem.” Veremos também o legado crítico de Baudelaire até hoje, 200 anos mais tarde, e as várias formas pelas quais suas ideias sobre beleza, estranhamento e modernismo foram adaptadas a debates estéticos contemporâneos.

O fastio poético de Álvares de Azevedo, crítico de romantismo

Cilaine Alves Cunha (USP)

Resumo Nos poemas humorísticos de *Lira dos vinte anos*, no estudo “Literatura e Civilização em Portugal”, em textos de Álvares de Azevedo de crítica literária, em Macário, Noite na taverna, O Fra Gondicário e O Conde Lopo, Azevedo destina à sua obra a função de problematizar o sistema artístico do tempo, rejeitando a concepção, ainda em curso, de que a arte deve não só deleitar, como também ensinar. Propõe, em alguns de seus textos, reescrever a tradição do ponto de vista da modernidade romântica e a questionar inclusive aqueles temas e princípios artísticos de que ele se valeu anteriormente. O

prefácio de Macário e este drama pressupõem a impossibilidade de reproduzir, na história do presente, os moldes da tragédia antiga. O Poema do Frade encena o desmoronamento da epopeia num mundo desprovido dos princípios cristãos que antes regulavam a prática social. Em certas poesias satíricas de sua autoria, Álvares de Azevedo cria enunciadores mascarados de poetas que se apropriam de temas, lugares comuns e de procedimentos poéticos em voga. O poema “A lagartixa” satiriza a permanente reprodução da lírica de amor. Em “Luar de verão”, o enfrentamento de algumas tópicas românticas vale-se de uma ironia sutil, às vezes sarcástica, e aponta para o traço metapoético de sua obra. Algumas obras do autor tematizam a derrocada de gêneros e procedimentos poéticos tradicionais enquanto espera o surgimento de novos fundamentos artísticos e tendências poéticas.

O fracasso da forma:

amor e teoria do conhecimento em *Do amor* (1822) de Stendhal

Clarissa Mattos Farias (PUCRJ)

Resumo A década de 1820 marca um ponto de inflexão na produção do escritor Henri Beyle (1783-1842), notabilizado por seu pseudônimo Stendhal, quando começa não apenas a explorar o tema que será mais recorrente e central em seus romances, a saber, o amor, como também se inicia sua investigação acerca do que será sua forma romanesca. Do amor, obra nomeada pelo autor ora tratado ora ensaio, publicada em 1822, é lugar privilegiado dessa sua busca. Após viver uma intensa e malsucedida paixão amorosa por Mathilde Debowski, italiana que conhecera no final do inverno de 1818, Stendhal tenta escrever no final do ano seguinte um romance sobre o seu amor, para analisar o que havia se passado em seu corpo e sua alma desde o momento em que se apaixonara. Após algumas horas de trabalho, ele abandona o empreendimento, se lançando na escrita do que a princípio denominou um tratado científico, no qual examinaria minuciosamente e matematicamente a paixão do amor. Vincula-se nomeadamente, em sua ciência, à Ideologia, corrente filosófico-científica chamada assim no início do século XIX pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836), do qual retira em especial sua hipótese acerca da teoria

do conhecimento, isto é, de que a gênese e formação das ideias é ancorada na sensação, de maneira que seria impossível dissociar todo o conhecimento de sua origem sensível (concepção desenvolvida ao longo do século XVIII em toda a teoria sensualista, da qual parte Tracy). Levando a sério essa hipótese, Stendhal começa por escrever um manuscrito sem dissociar sentimento e ideia, o que termina resultando em um desordenado tratado. Percebendo, porém, os limites da forma tratadística tradicional, passa a utilizar artifícios narrativos como ferramentas epistêmicas capazes de lidar com a confusão que julga inerente ao amor e ao seu conhecimento.

Para uma estética do poder dos fracos em “Théâtre en liberté”, de Victor Hugo

Beatriz Cerisara Gil (UFRGS)
Suélen Martins Meleu (UFRGS)

Resumo Na sentença “nós somos teus filhos, Revolução!” presente no ensaio intitulado W. Shakespeare, V. Hugo dirige-se a seus pares, pensadores e literatos, exortando-os a levarem a termo a revolução de 1789. Na França de 1864, data do referido ensaio, os ideais revolucionários de igualdade e de justiça estão longe de serem superados, e a situação política do momento, sob a ótica do autor, poderia ainda certamente ser ilustrada pelo verso de Châtiments, de 1853, segundo o qual “a história tem por esgoto tempos como o nosso”. Nesse período em que se exila, durante o segundo império, Hugo escreve um conjunto de peças de teatro marcado pela liberdade e inventividade formais, em que acentua sua oposição às regras do Teatro Clássico. Sob o título de Théâtre en liberté, uma coletânea de dramas e comédias aprofunda sua investigação sobre figuras marginalizadas e, especialmente, sobre os efeitos dos poderes da autoridade monárquica. Dentre as peças, Mangeront-ils? nos aparece como exemplar de uma composição marcadamente simbólica e satírica, na qual o autor explora recursos poéticos e condensa estruturas teatrais de forma inédita. Com essa criação, o dramaturgo responde, de um lado, a seu esforço mais imediato de engajamento contra o poder despótico do imperador e, de outro lado, recria mais amplamente um mundo de representações para os que se veem oprimidos ou perseguidos

pelo poder autoritário. Mantendo-se dentro do horizonte de sua viva retórica de W. Shakespeare, na qual evoca a filiação histórica de sua geração convocando os filhos da Revolução Francesa para encararem a criação literária como ação revolucionária, o escritor reapresenta a problemática política e social, redirecionando-a artisticamente. Examinaremos como em *Théâtre en liberté*, em especial na peça *Mangeront-ils?*, o dramaturgo erige novo palco para o protagonismo dos fracos e para recriação de laços sociais na sociedade burguesa em mutação.

Romantismo e [anti]modernidade em Barbey d'Aurevilly

Maria Clara Ferreira Guimarães Menezes (UFMG)

Resumo Logo na introdução de seu livro *La physiognomonie dans l'oeuvre de Barbey d'Aurevilly*, Reto Zöllner afirma que “Barbey ocupa de fato uma posição particular entre modernidade e tradição nostálgica” e que “seu estilo empolado e rico em imagens anunciando já a decadência, [...] a arte incomparável de suas narrativas e suas práticas discursivas modernas, seu estatuto de escritor-jornalista com seus artigos intransigentes guiados ‘pela cruz, a balança e a espada’, sua posição-chave na ‘Renovação católica’, suas visões críticas sagazes [...], sua moralidade profunda a despeito do escândalo provocado por seus textos romanescos, nos convidam a rever o clichê do romântico tardio.” O que Zöllner defende, ecoando Antoine Compagnon – que já havia reclamado o autor como um representante dessa espécie de “estado de alma” que é a Antimodernidade – é que o gosto pela polêmica, associado à nostalgia por um ideal passado e perdido e à profunda desconfiança em relação ao otimismo progressista cego pelos holofotes (ou fanal obscuro?) do futuro é, mais do que o amor pelo novo, o que define a essência do homem verdadeiramente moderno. Algo além fica, entretanto, subjacente no comentário de Zöllner -- e se replica na opinião de outros críticos: trata-se da separação entre romantismo e [anti]modernidade, ainda que Compagnon conceda ao movimento romântico francês o mesmo caráter opositivo indispensável à sua constituição. Outro complicador ainda se soma a essa discussão: o movimento romântico, em sua origem, reivindicou para si justamente o posto de ‘poesia moderna’, opondo-se ao classicismo

dominante. Diante disso, a presente comunicação propõe, sustentada pela visão de Compagnon sobre o assunto, discutir e explorar os limites entre classicismo, romantismo e modernidade, e o quão válida seria a separação entre os dois últimos, tomando como ponto de partida alguns aspectos do pensamento aureviliano que se mostram capazes de borrar essas fronteiras.

Uma leitura do conto “O anel de Polícrates”: Machado de Assis, romântico ou clássico?

Miriam Piedade Mansur Andrade (UFMG)

Resumo O conto “O anel de Polícrates” foi publicado no livro *Papéis Avulsos* em 1882. De acordo com Alfredo Bosi, em *Machado de Assis: o enigma do olhar* (1999), os contos recolhidos em *Papéis Avulsos* podem ser considerados “Contos-Teoria”: primeiro, porque foram publicados após *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) – romance tido como divisor de águas, que marca uma nova fase na escrita machadiana; e, segundo, porque esses contos encerram “uma fórmula sinuosa que esconda (mas não de todo) a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior” (p. 84). Dirce Côrtes Riedel, em seu livro *Metáfora: O Espelho de Machado de Assis* (1979), analisa esse conto e sugere que “o poeta (o artista) não somente representaria a aristocracia da humanidade, não somente seria o ‘cavaleiro’, o ‘príncipe da poesia’, mas também o sublime sacerdote, cujo dever é assegurar a sobrevivência dos deuses, pela prática do seu credo, isto é, pela sua própria produção artística. Como um sacerdote, ele deve estar em contato com os deuses, para induzi-los a restaurar a beleza no mundo e fazê-los descer das alturas celestiais para o nível das coisas mortais, em cada obra de arte” (146). Seja pela nova fase da produção machadiana, após a dita primeira fase em que seus romances são lidos e enquadrados na escola romântica, ou na caracterização do escritor/artista como aquele “cavaleiro” lançador de ideias, que assegura a sobrevivência de seus deuses, como sacerdócio, a leitura do conto “O anel de Polícrates” indica que Machado de Assis, através das suas “agudezas antianacrônicas”, citando João Adolfo Hansen, promove a sobrevivência dos clássicos, ao mesmo tempo em que inova a sua

produção artística, reconstituindo assim o passado no presente e restaurando a beleza da composição.

Visões do Fauno

Sandra Mara Stroparo (UFPR)

Resumo A figura mitológica do Fauno, meio homem, meio bode, é um belo representante da tentativa do homem de lidar com sua essência, suas contradições e, no limite, sua não humanidade. O esforço para transformar, em si mesmo, o que não é adequado a padrões morais e estéticos em algo animalesco, atribuindo a outro tipo de ser pecados e culpas, instintos e desejos proibidos, é tão antigo quanto psicologicamente compreensível. Histórica e mitologicamente ligado ao deus Pan e aos Sátiros, o Fauno atravessou as eras e os estilos artísticos, mantendo-se, ao menos até a metade do século XX, como um representante desse homem corrompido, em dúvida sobre si mesmo, sofrendo com o embate entre sua racionalidade e o que de mais humano e animal ainda permanece em seu corpo. Do mundo Clássico ao Contemporâneo, investigar essa personagem é descobrir uma constante nas temáticas estéticas do Ocidente: se entre os gregos e romanos o Fauno é um personagem entre o tolo e algo a ser temido, a partir do Romantismo e até chegar à Modernidade o Fauno vai encarnar uma representação masculina de sexualidade perigosa e decadente que, interessantemente, parece ir se tornando rarefeita na arte a partir da ascensão do feminismo, na segunda metade do século XX. Para este trabalho, escolhemos tratar de algumas obras específicas, do mundo neo-clássico ao século XX, mostrando essa transformação: Ronsard, Victor Hugo, Mallarmé e dois poemas de Manuel Bandeira.

William Hazlitt e a Crítica ao rés-do-chão

Daniel Lago Monteiro (UNICAMP)

Resumo Durante bastante tempo, boa parte do século XX, o nome de William Hazlitt (1778-1830) foi frequentemente lembrado, em seu

prejuízo, ao lado do filósofo e poeta Samuel Taylor Coleridge. Pois enquanto este arrogava para si o estatuto de teórico e difusor dos fundamentos subjetivos da criação literária, acerca da unidade orgânica da imaginação, além, é claro, de ter escrito alguns dos poemas mais célebres em língua inglesa, aquele foi o crítico prático, impaciente de todo limite e “inquieto [...] como a camurça”, para fazer valer a imagem de Thomas De Quincey a seu respeito. O mesmo incansável vaguear da mente de Hazlitt foi recentemente ressaltado por Harold Bloom, para quem esse caráter se explica dentro da extensa tradição do ensaísmo britânico a que Hazlitt pertenceu – tendo Hume e Johnson antes dele; Carlyle, Pater e Wilde depois (para ficarmos somente nos exemplos de Bloom) – e cuja importância nos dias de hoje é a de nos lembrar da insuficiência de teorias e métodos em crítica literária. Central para a crítica e ensaística de Hazlitt, como bem observou Tom Paulin – um dos mais renomados poetas britânicos da atualidade –, é o modo como desenvolveu uma poética da prosa, a partir da noção de que a boa escrita em prosa “possui corpo, forma, textura, beleza ou, em termos hazlittianos, momentum”. Em outras palavras, para Hazlitt o ensaio crítico não é um mero veículo de ideias ou um meio específico – para fazer valer as expressões de Theodor Adorno –, por intermédio do qual o escritor mobiliza conceitos trazidos de fora. Antes, para o crítico inglês, há uma opacidade na prosa ensaística. Assim, o crítico, ao se manter firme ao rés-do-chão, gera e cristaliza os conceitos em imagens.

Simpósio 81**Temas, formas e obsessões
do romance português contemporâneo**

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFRN)

Maria Aparecida da Costa (UERN)

Jonas Jefferson de Souza Leite (UFPE)

Resumo A literatura portuguesa nos últimos sessenta anos se revestiu de uma variabilidade de formas, expressões, estéticas, temas e obsessões que, entre as águas da ficção de viés ou teor mais social advindas do que foram as produções do chamado Neorrealismo (e mais distante, do Realismo) e as da ficção mais preocupadas com o trato estético, eivadas dos resquícios das vanguardas, tem assumido uma nova face, mais aberta, plural e ingressada no que poderíamos designar como uma literatura de corte universal. Isto é, tal literatura desplega os localismos ao se mostrar interessada pelas transformações e variações comuns a toda comunidade humana; trata-se isso ora como uma força marcadamente típica do post-modernismo (cf. Arnaut, 2002), ora como fluxo comum dado a uma época de dinamiizações e integrações, afinal toda literatura é sempre um “modelo orgânico, vivo” (cf. REAL, 2012). Nesse caso específico, as circunstâncias históricas que parecem influenciar os escritores advêm, dentre outras, do reconhecimento de Portugal numa dinâmica político-geográfica da Europa e das contínuas trocas culturais favorecidas em momentos pouco depois do fim das obstruções ditatoriais impostas ao largo de mais de quatro décadas e a possibilidade de integração do país para as correntezas das globalizações, que, positiva ou negativamente têm assumido o protagonismo de novos valores contrários aos estilemas da opressão. Independente de qual perspectiva teórica nasça uma compreensão sobre as modificações no âmbito do literário, o fato é que se cobra dos investigadores maneiras de pensarmos sobre e com intuito de construir detalhadamente suas implicâncias seja para com o cânone, a forma, seja para com as questões sociais, culturais e políticas, porque, no fim de tudo, o que todas as mudanças favorecem, numa dialética, são também novas formas de ser e estar no mundo (cf. Seixo, 1984). O produto das transformações por que passa a ficção, sabemos, se faz de motivações de ordem diversa e a principal delas responde pela presença de como os sujeitos se

relacionam com as novas posições assumidas nos contextos pelos quais transitam; ao mesmo tempo, a literatura tece uma participação na variabilidade das forças reinauguradas no mundo fora do tecido textual. O que marca este período, então, no romance português, é o desenvolvimento de novas práticas e experiências com a narrativa, a proliferação das inquietações tornadas em matérias temáticas dos novos ficcionistas – ora afastando-se do conteúdo histórico-social e de uma reflexão sobre os modos de ser e estar português para se aproximar de preocupações a um só tempo interior e exterior ao indivíduo do seu país (nativo ou ingresso) ora reinventando os mananciais de criação, tais como a guerra colonial, os transe da imigração, outros episódios da história dos povos (as guerras, os regimes despóticos, as violências explícitas ou encobertas), as crises do sujeito, a diversidade das relações humanas desencadeadas no extenso e complexo jogo social etc. No caso da ficção romanesca, do ponto vista estético-formal, cite-se a diversidade da composição, acentuada na valorização da escrita e suas implicações na tessitura textual (das quais as intersemioses, o ready-made e os procedimentos meta-ficcionais são apenas alguns exemplos), nas relações entre os modos escriturais e orais, no uso de novos recursos estilísticos, de criação, recriação e interpenetração das formas discursivas, na diversidade de registro e conformação da narrativa seja decorrentes das constantes infiltrações dos tons subjetivos (cf. CERDEIRA, 2020), marcados pelo recurso de intromissão lírica seja o desenvolvimento da reflexão sobre o cotidiano, a rotina íntima dos sujeitos agora olhada como mundividências de interesse ao literato. Ainda, o que seduz a escrita é um tipo de interesse por formas ficcionais diversas – tais como uso recorrente das chamadas narrativas marginais (em desordem, cf. Barrento, 2016), os gêneros de primeira pessoa, os relatos, os diários, as crônicas etc. Os rumos, portanto, são muitos e vastos; “o romance português sofreu, no seu todo, uma profunda rutura” (REAL, 2012, p. 22). No interesse de apontar, descrever, discutir, relacionar, construir diálogos com a pluralidade de eventos situados no âmbito da ficção romanesca, sua dinâmica geral, ora reafirmando essa tendência à dispersividade, ora estabelecendo uma busca por uma unidade dialética que possa compreender sujeitos e mundos na sua pluralidade, é que se constitui este simpósio. Vinculadas às discussões desenvolvidas no âmbito do Grupo Estudos Sobre o Romance, nosso intuito é, a partir da leitura de romances publicados em Portugal a

partir dos anos 1950, abrir algumas coordenadas úteis crítica, teórica e metodologicamente para pensar sobre o que é, no fim de tudo, um afã da literatura portuguesa pela universalidade.

“Autobiografia”, de José Luís Peixoto: refigurações

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFRN)

Resumo José Luís Peixoto recupera em *Autobiografia*, romance de 2019, um tratamento ficcional recorrente na literatura de uma das personagens principais desse romance: José Saramago recriou a Ricardo Reis e por conseguinte a Fernando Pessoa em *O ano da morte de Ricardo Reis*. O romance do primeiro José se ensaia no mesmo interesse com o segundo José perfazendo a vida comum do escritor. O enredo funda-se em três linhas narrativas: a do protagonista designado pelo mesmo substantivo da personagem referente; a lida desse José com a escrita da biografia im-possível de José Saramago; e a do cotidiano do próprio autor de Todos os nomes antes do Prêmio Nobel de Literatura. A estas pode-se acrescentar outra, a que funda o próprio romance que se escreve. O objetivo da comunicação ora proposta consiste numa leitura que visa deslindar esse processo de composição do romance a partir do conceito de refiguração. O termo dessa discussão encontra fundamento em Carlos Reis (2018), ao que se acrescenta definições como a de pastiche subjacente às noções de Gérard Genette (2010) sobre o palimpsesto como base dos fenômenos de transtextualidade, e o de metaficção, subjacente em teóricos com Jameson (1971), Linda Hutcheon (1980) e Margaret Rose (1979). Interessada em compor um panorama sobre Autobiografia a partir do tratamento da personagem, a discussão aqui apresentada nos encaminha para uma leitura sobre o romance de José Luís Peixoto visto como um texto motivado por toda sorte de manipulações criativas que colocam o romance em trânsito com outras textualidades diversas.

“Quanto tempo permanecerás sobre a cova onde teu passado apodrece?” – Configurações das memórias da infância e da adolescência em romances portugueses contemporâneos

Cristina Arena Forli (UFRGS)

Resumo Considerando a preponderância da utilização de memórias da infância e da adolescência na literatura portuguesa contemporânea e a problematização da experiência do colonialismo português na África, este trabalho tem como enfoque a análise das configurações dessas memórias em romances portugueses contemporâneos e sua relação com o discurso histórico oficial. Foram elencados quatro romances para o corpus desta pesquisa: *O nosso reino* (2004), de Valter Hugo Mãe, *O retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, e *A árvore das palavras* (1997), de Teolinda Gersão. Tendo como narradores crianças/adolescentes ou adultos que relembram essas fases da vida, esses romances enfatizam o processo de formação desses sujeitos em um momento tão violento da história, como é o colonialismo, em Portugal, Angola e Moçambique. A importância dessa abordagem está no fato de esses sujeitos não terem legitimação no âmbito da circulação dos discursos, o que configura suas memórias como subterrâneas (POLLAK, 1989), e no fato de esse momento da história ainda ser silenciado no que diz respeito à esfera pública portuguesa. Como aporte teórico, utilizam-se os estudos de pesquisadores como Maurice Halbwachs, Michael Pollak, Phillip Ariès, Contardo Calligaris, Michel Foucault, Albert Memmi, Homi Bhabha, Boaventura de Sousa Santos, Stuart Hall, Margarida Calafate Ribeiro, Grada Kilomba, David Le Breton, Doreen Massey, entre outros. Os resultados indicam a importância dessas memórias para realizar uma rasura no discurso histórico oficial, possibilitando o tensionamento entre diferentes narrativas, a sensibilização proporcionada por uma ignorância mobilizadora e a insubordinação de quem desperta para a injustiça e não a aceita.

Entre epígrafes e uma didascália: um olhar para o romance português contemporâneo *Dias Úteis*, de Patrícia Portella

Mariana Daminato Alves (UFSCar)

Ailton Pirouzi Junior (UFSCar)

Resumo O presente trabalho consiste em uma leitura da obra *Dias úteis* (2019), da escritora portuguesa Patrícia Portella, sob a perspectiva das epígrafes e de uma particular didascália. A intenção é entender a construção narrativa e temática dos “contos” dessa “novela”, definições escolhidas pela própria autora, através dos paratextos que os antecedem. Com a utilização de autores predominantemente de língua portuguesa, Portella recorre a Machado de Assis, Drummond, Clarice Lispector, Veríssimo e Adélia Prado da literatura brasileira e completa seu repertório com Maria José – o heterônimo de Fernando Pessoa – e Humberto Helder, seus conterrâneos. Por meio de uma leitura geral e relativamente analítica, percebeu-se que as epígrafes de *Dias úteis* (2019) não fazem papel de “borda da obra”, como rotulado por Genette (2009). Tanto quanto as epígrafes, a didascália carrega significado e intenção particular dentro do texto e, mais do que orientações de como ler a obra, ela apresenta a intenção da autora, ideias que serão exploradas e, ao mesmo tempo, carrega significado em si mesma. Ademais, destaca-se o fato de a obra ser contemporânea e pós-moderna, o que apresenta uma opção de leitura que se pretende explorar, relacionando-a com os pré-textos. Em suma, a ideia é entender não só as epígrafes e a didascália, mas de que maneira esses paratextos foram explorados em *Dias Úteis* (2019) e, assim, entrelaçar textos, enredos e períodos.

Jenny amava António, que amava Pedro: ciranda amorosa em “Nas tuas mãos”

Alyne Isabelle Duarte da Silva (UERN)

Maria Aparecida da Costa (UERN)

Resumo Após a década de 1970 surge em Portugal uma leva de artistas que testemunharam o frenesi causado pela Revolução dos Cravos. Como consequência de toda revolução, a sociedade, o sujeito e

as artes sofrem profundas modificações. É nesse período, de metamorfose cultural e transformações sociais, que emerge a literatura de Inês Pedrosa (1962), consolidando-se ao longo dos anos como uma das principais escritoras do cenário português contemporâneo. Desta maneira, o presente trabalho busca refletir, através de uma ótica sócio-histórica a relação amorosa entre as personagens Jenny, António e Pedro, do romance *Nas tuas mãos* (2004), de Inês Pedrosa, e analisar a forma como se desenvolve a ciranda amorosa entre as três personagens e quais as interferências dessa relação na vida de uma das protagonistas da obra, Jenny. Para isso, a discussão é embasada nos pressupostos teóricos de Ana Paula Arnaut (2010), que pauta discussões sobre aspectos do romance português contemporâneo; Anthony Giddens (1993), que aborda as transformações que as relações íntimas sofrem na modernidade; Roland Barthes (1981) tratando sobre o discurso amoroso na literatura; Deolinda M. Adão (2013), que tece considerações acerca da construção da personagem feminina na obra de Inês Pedrosa; e entre outros teóricos que sustentem a nossa abordagem.

José Saramago “escrepintor”: a aprendizagem pelo *Manual de Pintura e Caligrafia*

Denise Noronha Lima (UECE)

Resumo *Manual de pintura e caligrafia*, de 1977, é o segundo romance publicado por José Saramago (1922-2010), exatamente três décadas após a sua estreia na literatura, com *Terra do Pecado*. Considerando o valor transicional e formativo dessa obra, visto que ela antecede imediatamente a fase madura do autor, iniciada com *Levantado do Chão*, de 1980, este estudo busca examinar a forma como esse movimento de transição se transfigura na narrativa, pela relação entre a pintura e escrita autobiográfica do protagonista. Procede-se à análise de diversos aspectos da relação entre literatura, pintura e identidade, para a qual são utilizadas, dentre outras, as reflexões de Louis Lavelle (2012) sobre o mito de Narciso (2012); Tzvetan Todorov (2014) sobre a pintura e a personalidade de Goya; e Italo Calvino (1990) sobre Leonardo da Vinci e a escrita. Essa base teórica dialoga com o romance em estudo a partir da palavra “escrepintor”, com a qual o

narrador-personagem se define em sua persistente tentativa de encontrar o seu estilo, a sua voz, que acredita ser a manifestação da sua verdade. Decorre da discussão a conclusão de que o Manual de pintura e caligrafia simboliza o nascimento de uma nova forma de narrativa de Saramago, cuja consolidação se efetivará nos romances seguintes. Desse modo, considera-se que o Manual é um romance de transição e de aprendizagem, tanto para o protagonista como para o seu autor, ao mesmo tempo que contém os temas e obsessões que o leitor de Saramago encontrará disseminados em toda a sua obra posterior.

Matteo perdeu o emprego e uma taxonomia ficcional do comportamento humano

Juliana Florentino Hampel (USP)

Resumo Consoante Arnaut (2016), a mistura de gêneros e sua decorrente “fluidez genológica” seriam os aspectos que marcam a nova literatura portuguesa. Sem dúvida, características presentes no conjunto da obra de Gonçalo M. Tavares, somadas a um “racionalismo abstrato” nas palavras de Miguel Real (2012). Em seu livro *Matteo perdeu o emprego* (2013), de fato, há o apagamento das fronteiras de gênero no imbricamento do ensaio e da ficção, além da ligação de elementos narrativos que criam uma espécie de cartografia da desordem ao utilizar o alfabeto como ordenamento racional de um mundo que beira ao caos e ao absurdo. Deste modo, ao tentar ordenar esse universo por uma suposta ordem que não é racional, Tavares apresenta as relações humanas mediadas por novos tipos de racionalidade, como a do dinheiro, a do instinto e a do conflito. Povoado por cenas bizarras e que, ao mesmo tempo, provocam o riso, *Matteo perdeu o emprego* apresenta o homem contemporâneo como aquele desprovido de subjetividade e empatia, mas que questiona tais categorias fixadas por uma lógica cartesiana que não dá conta de sua complexidade. O estranho, elemento fundamental para compreender a obra deste escritor, é a peça-chave que conecta essas personagens, que sucumbem ao jogo cruel das limitações que lhes são impostas: a falta de dinheiro, a falta de saúde, a loucura e, simultaneamente, os modos de contestação a tudo isso. Ademais, esta comunicação intenta debater a adaptação do livro para peça de teatro representada em

São Paulo em 2018 pela Companhia dos Tios, confirmando as possibilidades de releitura que o projeto de escrita tavariano proporciona.

Morte e memória: perspectivas identitárias na Tetralogia das Minúsculas, de Valter Hugo Mãe

Karine Costa Miranda (UFC)

Resumo O autor Valter Hugo Mãe é um dos escritores de grande destaque no panorama literário português contemporâneo. Seus quatro primeiros romances, *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltazar sera-pião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquina de fazer espanhóis* (2010) são conhecidos como a “tetralogia das minúsculas”: todos os livros, incluindo o nome do autor, foram escritos sem letras capitais. Os enredos dos quatro romances percorrem todas as fases da vida: a infância; juventude; a fase adulta e a velhice, com personagens e fios narrativos distintos. Além das letras minúsculas e da prosa poética, a (re)construção da memória é outro aspecto em comum entre os romances que compõem a tetralogia das minúsculas. Dessa forma, este estudo pretende investigar as temáticas e questões em comum entre as obras, como: memória, morte, identidade, gênero, religião, trabalho, família e classe social. Tais temas convocam um texto de teor poético, expressão dos tormentos íntimos dos personagens. Nessa perspectiva, esta pesquisa intenciona analisar o excesso de descrições, diálogos e sinestesias que representam o percurso das personagens que anseiam mergulhar em sua subjetividade. Essas características, junto a outras, possibilitarão compreender os mecanismos que permitem estudar a tetralogia das minúsculas nos âmbitos social e subjetivo, por meio dos estudos acerca da memória, morte e identidade. Para aporte teórico, elegeu-se os estudos de Norbert Elias, Joel Candau, Zygmunt Bauman, Philipe Ariès, Edgar Morin e Paul Ricoeur.

**Narrar Portugal:
o dialogismo n'O retorno, de Dulce Maria Cardoso**

Karen Lorrany Neves Adorno (UFMS)

Resumo Quase meio século após a Revolução de 74, a temática da descolonização e os traumas advindos desse momento decisivo da História de Portugal ainda suscitam grandes debates. A consciência colonial, que desde a independência das ex-colônias portuguesas em África, veio tomando corpo ao longo das décadas, ainda se mostra um tema caro para a literatura portuguesa contemporânea. Diante disso, amparada na análise teórico-metodológica proposta pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1998) de que “Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações e que se organizam no romance num sistema estilístico harmonioso” (BAKHTIN, 1998, p.106), procuro tecer considerações sobre o dialogismo no romance português contemporâneo *O retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso. Na narrativa se constrói uma rede discursiva complexa enunciada pela personagem protagonista Rui, que tem a sua enunciação atravessada pelas posições sócio ideológicas de discursos “outros”. Tais discursos manifestam a posição histórico-social da personagem e daqueles que estão à sua volta. Percebe-se, ao longo do romance, que a fala de Rui é orientada por um discurso dominante, de natureza colonialista e racista, produto histórico, como afirmou outrora Boaventura de Sousa Santos, da “noção de descoberta imperial”. Através da perspectiva de Rui, o leitor observa as relações de poder piramidal expressas por relações binárias, tais como branco-preto, colonizador-colonizado, cidadão da metrópole-retornados, rico-pobre. Essa confluência de vozes canalizadas pela voz do protagonista e os jogos de poderes que mudam geograficamente, historicamente e socialmente criam um emaranhado de vozes sociais, complexificando a relação leitor-texto quando da construção significante-significado.

Um beijo dado mais tarde e a (des)aprendizagem da leitura

Gisele Seeger (PUCRS)

Resumo A libertação da língua de sua condição de “impostura” é um núcleo semântico disseminado por toda a obra de Maria Gabriela Llansol. A expressão designa o problema da disposição “de uma língua falsa sobre a realidade irredutível e indizível do mundo e dos seres”, disposição essa que supõe a “ilusão fenomenológica de acesso às coisas em si, os objectos” (LOPES, 2013, p. 80). Mas é n’Um beijo dado mais tarde (1991) que esse núcleo encontra um espaço de “dramatização” ficcional, erigindo-se tanto em construção textual sui generis quanto em dilema central na existência dos seres que por esse universo transitam. Para isso, nos termos de João Barrento (2016), esta obra “reconstitui um processo ambivalente de dependência e rotura em relação aos pilares maiores do romance e da sociedade burguesas: a casa, o pai e a língua acomodada” (p. 138-139). Diante dessa obra, podemos perguntar se o abalo desses e outros muitos pilares que sustentaram a tradição do romance corresponde à morte da arte de narrar. A resposta, em meu entender, é negativa: o que os textos de Llansol fazem é antes expandir os limites do paradigma romanesco e da narratividade. Segundo Paul Ricoeur (1997), “[t]alvez seja necessário, apesar de tudo, confiar na exigência de concordância que estrutura, ainda hoje, a expectativa dos leitores e acreditar que novas formas narrativas [...] estejam nascendo; elas atestarão que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer” (p. 46). Faço meu o pressuposto de Ricoeur e proponho-me a investigar o que nesta obra sucede a essa “exigência de concordância que estrutura, ainda hoje, a expectativa dos leitores”. Melhor dizendo, proponho uma aproximação da experiência de “(des)aprendizagem da leitura”, procurando elucidar como este romance simultaneamente problematiza o processo de leitura e o expande para além das práticas convencionais.

**Uma vida inventada:
ficcionalização biográfica em “Bela”, de Cristina Silva**

Jonas Jefferson de Souza Leite (UFPE)

Resumo Já é cediço na crítica literária especializada que a poetisa Florbela Espanca (1894 – 1930) passou por um amplo processo de mitificação e tornou-se mote literário para a constituição de obras literárias que utilizaram a sua vida como possibilidade artística. Neste mecanismo criativo, a possibilidade de ficcionalização de fatos biográficos consolidados na história da escritora é uma das forças destes textos, que aliam reconstrução biográfica e invenção, no afã de criar novas possibilidades de contar uma história deveras visitada. Segundo Leite (2018), a mitificação de Florbela, iniciada a partir da sua morte, teve uma feição crítico-biográfica num primeiro momento (1930 – 1979) e, na atualidade, tem um cariz crítico-ficcional, e se espalha por diferentes gêneros literários, demonstrando a força e a riqueza que o mito florbeliano adquiriu ao longo de mais de 80 anos de um contínuo processo de (re)criações. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o romance “Bela” (2005), de Cristina Silva, que, a partir de uma visada psicológica, intenta, dentro de um jogo dicotômico, aliar as lembranças da personagem Florbela (narradas do além-túmulo) com a histórica tecida por um narrador onisciente que dá conta de várias personagens que orbitaram em torno da poetisa, cabendo ao leitor escolher qual retrato da artista que irá compor.

Simpósio 82**Textos, contextos e tecnologias
na literatura: encenações de saberes**

Evaldo Balbino da Silva (UFMG)

Leni Nobre de Oliveira (CEFET – MG)

Tereza Ramos de Carvalho (UFMT/CUA)

Resumo O campo literário é locus interdisciplinar por excelência. Afirmar claramente isso, por exemplo, o fundador da semiologia literária Roland Barthes. Para o estudioso, a literatura “assume muitos saberes”. Citando o romance *Robinson Crusoé*, diz o crítico haver aí “um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura)”. Prosseguindo no seu argumento, Barthes continua: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. É com o mesmo Roland Barthes que aprendemos que a literatura “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta”. A ciência, afirma o autor de *O prazer do texto*, “é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES, 1979, p. 18-19). Diríamos até mais sobre o campo literário: ele é um espaço eminentemente transdisciplinar. Além de promover diálogos entre disciplinas e ciências diversas, ele as atravessa ou por elas é atravessado, na medida em que se trata dum campo que encena os diferentes saberes e com eles se cruza. Eis aí o poder humanizador do texto literário, no sentido de que ele nos dá o reconhecimento de pertencermos às culturas humanas (CANDIDO, 2004). Nessa perspectiva, texto e contexto, no espaço literário, formam um amálgama de representação da vida, e os contextos (nas mais diferentes perspectivas históricas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, enfim conceituais) se fazem textos, participam da estrutura

mesma da obra literária (CANDIDO, 2000). Na leitura literária, pois, o crítico deve ficar atento ao texto e aos contextos que o engendram e nos quais ele é engendrado (BOSI, 2001). Conforme explica Ivana Martins, “a literatura [deve] ser compreendida como produção artística inserida na cultura, sofrendo influências de ordem política, social, ideológica, histórica, entre outras. [...] a obra literária é produto de um contexto maior, no qual visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes, lendas, enfim, a diversidade de elementos culturais, participam ativamente, influenciando a constituição do texto (MARTINS, 2009, p.90). Somando-se aos diferentes saberes e técnicas de longa data, têm-se hoje as revoluções culturais da era digital. Fala-se aqui duma era a que devemos prestar atenção, não a considerando cegamente, nos termos de Pierre Lévy e em relação às técnicas culturais anteriores e antigas, como bárbara e contrária à vida: “O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isso, porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) o constituem em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus, são condicionadas por processos materiais.” (LÉVY, 1993, p. 15). O fazer literário, bem como a recepção da literatura, qualquer que seja o espaço em que ocorram, viabiliza-se através de um sistema semiótico (ou intersemiótico), perpassando por diversos níveis sógnicos (quer sejam eles visuais, sonoros, verbais etc.). Nesse sentido, para além da oralidade e da escrita, podemos também dizer de outras plataformas e de outras possibilidades de produção e recepção literárias, quando, nos termos de Pierre Lévy, consideramos o mundo da cibercultura (LEVY, 1999) e das virtualidades midiáticas (LEVY, 1996). Pela exposição teórica até aqui feita, este simpósio busca congrega comunicações que tecam leituras da tessitura literária em diálogo com diferentes contextos e disciplinas, comunicações que concebam a literatura como o espaço interdisciplinar e transdisciplinar por excelência e como espaço que se constrói em diferentes plataformas, a partir de diferentes tecnologias e com diversidade sógnica. Sendo assim, serão recebidas as mais diversas abordagens teóricas que levem em consideração alguns desses aspectos aqui apontados.

A influência da tecnologia no mundo literário: booktubers e a crítica digital

Renata Fernandes Magdaleno (PUCRJ)

Resumo Grandes jornais brasileiros, como *O Globo*, por exemplo, extinguíram seu suplemento literário semanal, deixando a comunicação dos lançamentos mensais das editoras espremida entre as notícias culturais. Os suplementos literários que surgiram nos últimos anos, como Suplemento Pernambuco, estão direcionados para um público mais especializado, marcados por ensaios e críticas assinadas por estudiosos e escritores. Por esse motivo, o mercado editorial nacional passou a valorizar a relação com os booktubers, apontando esses críticos informais da produção literária como alguns dos principais canais de comunicação com o grande público. Desta forma, passaram a enviar seus lançamentos para os booktubers, com milhares de seguidores. Os booktubers fazem da crítica literária uma espécie de performance, tirando a literatura de um pedestal e aproximando o universo dos livros dos leitores. Trazem também as características da comunicação digital para o mundo da crítica literária. Suas análises lembram as primeiras críticas literárias, chamadas de críticas de rodapé, publicadas nos jornais do início do século XX. Fazem análises impressionistas, que se distanciam dos estudos acadêmicos e aproximam o público não especializado do texto. Esta comunicação pretende analisar o fenômeno dos booktubers, refletindo a transformação pela tecnologia da escrita e da leitura e comparando, ainda, estes críticos digitais com os críticos brasileiros do início do século XX.

A poesia barroca no Brasil: retórica e realidade no seicentismo brasileiro

Evaldo Balbino da Silva (UFMG)

Resumo Partindo das ideias de que o campo literário é locus interdisciplinar por excelência ao assumir muitos saberes (BARTHES, 1979, p. 18-19), de que ele detém um poder humanizador no sentido de que nos dá o reconhecimento de pertencermos às culturas humanas (CANDIDO, 2004); de que texto e contexto formam na literatura um

amálgama de representação da vida e de que os contextos (nas mais diferentes perspectivas históricas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, enfim conceituais) se fazem textos e participam da estrutura mesma da obra literária (CANDIDO, 2000; BOSI, 1994; BOSI, 2001), este trabalho busca fazer um recorrido pela poesia barroca brasileira. A partir de um amplo panorama, busca-se aqui centrar-se na discussão das possíveis relações entre discurso e realidade, texto e contexto. As relações entre contextos e poesia (literatura) são buscadas no viés de uma crítica sociologicamente orientada (CANDIDO, 2000), mas também nos termos de Adolfo Hansen ao se considerarem as construções de uma retórica seiscentista barroca (HANSEN, 1989; 2004). Revisitando diferentes abordagens crítico-teóricas (além das já citadas, têm-se: CIDADE, 1951; SILVA RAMOS, 1967; BOSI, 1994; RISÉRIO, 1997; SANTIAGO, 2002; WISNIK, 1997; PARENTE CUNHA, 1979; WOOLF, 1985), buscamos contextos e textos, realidades nas quais toda uma gama de topoi se constituiu a partir de poéticas prescritivas e de práticas poéticas que se perfazem em consonância com os preceitos estéticos da época, mas também em tensão com eles.

Breves considerações sobre o papel do leitor no “Grupo das obras literárias” no Facebook.

Gleise Tainara De Freitas Da Silva (UNEB)

Resumo A historiografia literária demonstrou que o foco dos estudos literários esteve ancorado, ao longo de muito tempo, nos polos autor e obra. Todavia, com o passar dos anos, os estudos literários passaram a dar voz ao leitor, entendendo que ele contribui para a produção dos sentidos do texto. Pensando no leitor como um sujeito ativo na leitura, este trabalho pretende refletir sobre a importância do exercício da leitura literária e a função do leitor. Buscou-se analisar textos postados no ambiente virtual, da rede social Facebook, no Grupo das obras literárias. Coletou-se na página do grupo três imagens em formato de memes, as quais possuíam um sentido satírico, relacionado as obras literárias. Buscou-se observar comentários realizados pelos usuários no intuito de analisar o sentido atribuído por eles em relação a essas produções imagéticas. Esse trabalho é qualitativo, de caráter bibliográfico e dialoga com pressupostos teóricos

de Antoine Compagnon (1999) e Wolfgang Iser (1996), acerca da instância do leitor e da leitura interpretativa. Desse modo, o texto literário, na contemporaneidade, configurado às diferentes propostas de leituras em meio virtual promove o protagonismo do leitor pelas atribuições de sentido que são empregadas, bem como o reconhecimento das mais diversas nuances imbricadas pelo viés lúdico/satírico impregnados nesses textos.

Como a literatura se apropria da economia política para a análises das sociedades contemporâneas

Amandine Elsa Molin (UnB)

Resumo Essa trabalho propõe uma leitura comparativa das obras *Reprodução* (2013) do escritor brasileiro Bernardo Carvalho e *L'empire du Ciel* (2016) do romancista francês Tancrède Voiturez. Nosso objetivo é estudar a estrutura narrativa ficcional contemporânea e principalmente a integração de elementos da economia política como eixos essenciais da criação das personagens. A literatura aparece como uma plataforma multidisciplinar onde podem encontrar-se e dialogar diferentes disciplinas, a economia é uma delas. Esse trabalho, depois de uma introdução sobre os laços entre literatura e economia, coloca em perspectiva a evolução das personagens em função de três eixos. Inicialmente suas lógicas individuais de acordo com suas relações com a China, depois sua participação no capitalismo cognitivo e o acúmulo deste capital pela internet ou pela ciência e por fim suas evoluções dentro de um espaço físico e moral. Esse ponto de visto estético participa de uma nova forma de análise da estrutura narrativa e mostra os conflitos entre a racionalidade de um indivíduo submetido ao mundo econômico e sua subjetividade ligada ao imaginário da globalização. Esse trabalho se propõe de dialogar com economistas (PIKETTY, BOYER, D'IRIBARNE), sociólogos (BAUMAN), historiadores da literatura (BAKHINE, POIRSON), críticos literários (TODOROV), filósofos (GOUX, HAN, BARROSO) mas também com escritores (LE CLEZIO, HOUELLEBEC).

Da produção do “barco que veleje” ao clique da “plataformização” da vida

Heloisa Lopes da Silva de Andrade (UNEB/UFMG)

Resumo Este trabalho propõe analisar as músicas de Gilberto Gil, “Internet 2”, e de Erasmo Carlos e Emicida, “Termos e Condições”, a partir da noção de que a cibercultura não pode ser dissociada da gramática conceitual que enlaça a “genealogia política da internet” (LOVELUCK, 2018). Essa compreensão nos permite problematizar que não é mais possível “fazer um barco que veleje” pela rede como um espaço de inovação, abolição de fronteiras e liberdade de um grupo humano que se interessa em constituir-se como um “coletivo inteligente” (LEVY, 1999), mas sim, que existe um controle que atravessa assimetricamente a lógica binária dos “termos e condições”. O conjunto de traços regulatórios nos informa do controle automatizado dos algorítmicos atuando em cada busca que realizamos, em cada link que acessamos, em cada vídeo que assistimos. A análise e a discussão baseiam-se nas produções teóricas de Foucault, Shoshana Zuboff e Antoinette Rouvroy. Como síntese da discussão, entende-se que as músicas, juntamente com a noção de cibercultura, nos ajuda a ler, conhecer e pensar as “mutações em curso” (LOVELUCK, 2018), indicando, de certa forma, o contexto contemporâneo do “capitalismo de plataforma” e da “governamentalidade algorítmica” na trama complexa que envolve o modo de vida ancorado em tecnologias digitais.

Diálogos com Drummond: texto e intertextos

Tereza Ramos de Carvalho (UFMT)

Resumo Para Julia Kristeva, cada texto constitui um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos. Ou seja, o texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de outro texto. Assim reforçamos a ideia de que um texto sempre pode ser intertexto de outro, quer pela alusão ou pela rejeição. A alusão textual é a maneira mais comumente utilizada para se estabelecer o diálogo entre duas ou mais vozes e, ainda, entre dois

ou mais discursos, que embora sendo pessoal, congrega em si várias vozes. O dialogismo dá sentidos ao discurso, à linguagem, uma vez que todos os textos resultam do cotejo entre as muitas vozes sociais. E a polifonia pode ser identificada em certos textos que se deixam perceber muitas vozes, com seus diferenciados conflitos. Neste artigo discutimos o dialogismo a partir das várias vozes que se constituem a partir do poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, com destaque ao poema “Os três mal amados” de João Cabral de Melo Neto e ao conto “As mulheres da quadrilha”, de Janaína Azevedo, ou seja, a leitura será voltada aos diálogos intertextuais realizados por outros autores com o poema de Drummond. O poema “Quadrilha” foi publicado em 1930, no livro *Alguma Poesia*, obra da primeira fase drummondiana, “Os três mal amados” em 1943 em homenagem à “Quadrilha” e “As mulheres da quadrilha” para “Os três mal amados”, de João Cabral em 1999.

Lives, booktubers e leitores: leitura literária na pandemia

Ana Paula Gomes Rosa Costa (UNIOESTE)

Resumo A apresentação tem como objetivo analisar os significados e práticas da leitura literária que foram especialmente motivadas pela pandemia da Covid 19, desde março de 2020, realizadas nas plataformas de comunicação virtuais e lives em redes sociais, por meio de leitura simultânea, conjunta e compartilhada como Youtube, Instagram e Facebook. Atribuir a leitura a possibilidade de ser transportado para outros lugares e vivências, vê-la como um dos meios de aquisição de conhecimento, de si e da experiência humana, como forma de lazer ou uma companhia de auxílio para lidar com ansiedade e medo são alguns significados da leitura coletiva motivada pela vivência do medo coletivo da pandemia e, ao mesmo tempo, pelo isolamento social exigido pelas medidas de contenção do vírus. Os dados foram obtidos por meio de análise, transcrição e estabelecimento de relações entre os vídeos, listas de livros elaboradas por instituições, professores e entre outras pessoas, e dos comentários de participantes de canais literários acerca da leitura literária. Além das abordagens sobre recepção literária (ZILBERMANN, 1989) utilizamos a sugestão de Benedict Anderson (2008) sobre as comunidades imaginadas

formadas pela leitura simultânea de jornais e romances, em diferentes nações, e a de comunidade interpretativa em que leitores desses espaços virtuais compartilham regras e estratégias de leitura e permitem uma troca de interpretações. Tal prática contribui uma disseminação mais ampla da literatura e traz pistas para uma crítica literária fora do ambiente acadêmico com uma linguagem mais próxima dos leitores comuns, que compartilham e expõem suas leituras libertas do peso de uma avaliação escolar.

O relato de Carolina Maria de Jesus como artefato histórico-social

Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG)
Jaqueline Peixoto Vieira da Silva (UFU)

Resumo A Literatura, objeto complexo inter e transdisciplinar, apresenta, intencionalmente ou não, registros das leituras e percepções de mundo dos escritores e poetas em suas obras. Em *Diário de Bitita e Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, o espaço da vivência da narradora/autora, o aspecto representativo da obra como registro da memória e a peculiaridade do tempo histórico, tornam esses diários especificidades únicas de registro dos costumes cotidianos da pacata Sacramento, iniciada com a fartura de ouro encontrado em Desemboque, e da favela do Canindé, na marginal do Rio Tietê. Carolina Maria de Jesus surpreende-nos pelas suas peculiaridades memorialísticas e, por ela ser descendente de negros escravizados no Brasil, sua produção potencializa-se como um instrumento de construção e de reconstrução mimética de seus antepassados e contemporâneos, construindo um relato a mercê da História oficial, com seu olhar atento e perspicaz, diante da sociedade de Sacramento, no início do século XX, no Alto Paranaíba, e da classe média paulistana. Essa obras retratam hábitos, costumes, divisão de classes, princípios religiosos, comportamentos de brancos, pardos e negros, preconceitos e abusos vários, compondo o retrato da condição dos negros no pós-abolição em situação diaspórica, bem como a estrutura social na qual tais habitantes se inserem, sendo tais obras, assim, registro único dos costumes. Seus registros são legados importantes da passagem dos afrodescendentes em diáspora em Minas Gerais e

em São Paulo. patrimônios preservados do olhar da narradora para sua infância, adolescência e maturidade como pessoa brasileira de cor preta, pobre, mulher, mãe e provedora da família, narradora de sua vida escrita, ela mesma o corpo-suporte escrito, vivido, idealizado ou experimentado dessas narrativas.

Simpósio 83**Traduzir e retraduzir autores clássicos de expressão alemã:
interfaces na zona de tensão com a contemporaneidade**

Magali dos Santos Moura (UERJ)

Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares (UFSC)

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Resumo Nas últimas décadas, o envolvimento com a atividade da tradução vem alcançando um crescente destaque entre as diversas atividades que já vinham sendo realizadas, no Brasil, por professores universitários e membros da academia em geral. É voz corrente que grande parte das traduções ditas literárias, mas também as traduções realizadas em áreas de contato com a Literatura Comparada, tais como a Psicanálise e a Filosofia, são levadas a cabo, preponderantemente, por docentes. Talvez uma explicação para esse fato resida, por exemplo, em questões de cunho meramente econômico: dado o alto grau de complexidade da tradução de textos oriundos das áreas recém-mencionadas, a relação custo-benefício, na hora de se assinar um contrato de tradução com uma editora, em geral não parece ser muito atraente para tradutores ditos profissionais. Esclareça-se, a esse respeito, que não existe, no nosso país, nenhuma associação que congregue especificamente tradutores editoriais em geral ou literários em particular. Falta, portanto, uma representação para essa classe de profissionais. Dessa maneira, tanto na vasta área da Germanística, com seus limites que avançam para áreas como a Psicanálise, a Filosofia, a História, as Ciências Sociais etc., não se procede de modo diferente: vários docentes têm desenvolvido atividades tradutórias, que não se resumem apenas ao ato de traduzir, mas que se inserem em diferentes formatos de apresentação e formas de atuação: a) desenvolvem e capitaneiam projetos editoriais, com editoras particulares ou de suas respectivas IES; b) propõem projetos de extensão com foco voltado para a tradução ou a retradução de textos literários de expressão alemã; c) criam e efetuam pesquisas que envolvem a tradução ou a retradução de obras clássicas e/ou canônicas, assim como de textos críticos seminais de escritores germanófonos, não apenas os já conhecidos do grande público, mas também aqueles cujas contribuições ainda são pouco difundidas em nosso país, entre outros. Essas atividades não se restringem, portanto, apenas a

traduções inéditas, mas também abrangem retraduições e reedições críticas (v. reedições do Fausto de Johann Wolfgang von Goethe, a re-visitação às diversas traduções de Herbert Caro de obras de Thomas Mann, as retraduições de obras de Sigmund Freud, de Walter Benjamin etc.). Se, por um lado, esses trabalhos são caracterizados, também, como uma re-visitação às obras de diversos autores, por outro lado, eles permitem que se estabeleçam novas discussões não apenas acerca do processo tradutório em si, mas também sobre necessárias (re)atualizações críticas sobre autores e obras com uma mirada contemporânea, sem se perder de vista, obviamente, o foco do texto original que lhes serve de protótipo. O exercício da tradução e a apresentação ao público de obras de autores de outras épocas trazem consigo uma espécie de busca por realocação desses contextos e atores – os próprios autores, mas também seus personagens – mais antigos, ao se lançar a possibilidade de que novos diálogos sejam estabelecidos entre os textos ditos clássicos e/ou canônicos com a cultura e a língua contemporâneas vigentes no Brasil atual. Vislumbra-se, assim, novos pontos de partida para discussões no amplo campo da Literatura Comparada. Este simpósio pretende abrigar produções que incitem discussões sobre os mais variados temas decorrentes do acima exposto, tais como: a) a recepção, via (re)tradução de autores clássicos de expressão alemã (de Literatura, Psicanálise, Filosofia etc.) na atualidade brasileira; b) cotejo de técnicas, estratégias, modos e procedimentos tradutórios empregados na tradução de obras germanófonas para o português brasileiro; c) o papel desempenhado pelo tradutor como mediador cultural entre diferentes mundos, diversas épocas, várias formas de linguagens etc.; d) os processos de revisão estabelecidos pelas editoras que implicam em novas relações entre o passado e o presente; e) o estabelecimento de listas terminológicas, glossários, notas do tradutor e demais elementos paratextuais durante o processo tradutório; f) o fomento do diálogo entre a literatura e outras áreas do saber; g) processos trans/interculturais como determinantes do processo tradutório; h) discussão acerca da escolha dos objetos de tradução; i) o trânsito editorial entre a academia e as grandes, médias e pequenas editoras; j) a variabilidade da tradução de gêneros literários; k) as peculiaridades do ensino de tradução literária no Brasil e a prática de tradução; l) a recepção pelo público brasileiro da literatura de expressão alemã traduzida (o que se lê, o que se vende, o que se precisa ainda traduzir etc.) a dicção do autor

germanófono e a sua dicção na obra traduzida; n) a tensão entre autores clássicos e ética tradutória; e, por fim, o) as relações contratuais entre tradutores literários e editoras, e a inexistência de uma associação de tradutores literários como empecilhos para um maior número de obras germanófonas traduzidas.

Algumas reflexões sobre diferentes traduções do Prometheus kafkiano: conflitos entre o manuscrito original de Franz Kafka e as alterações realizadas por Max Brod

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Resumo O objetivo principal desta comunicação é apresentar um cotejo de diferentes traduções – disponíveis em cinco línguas distintas – da narrativa curta Prometheus, escrita originalmente por Franz Kafka, mas que, após ser compilada e alterada por Max Brod, somente foi publicada após a morte do autor. Em seu texto, Kafka descreve, de forma concisa, quatro mitos sobre os suplícios a que Zeus supostamente submeteu Prometeu, após o titã ter traído a confiança divina, revelando o segredo do fogo aos humanos. Ao longo do cotejo das traduções, recorreremos ao estudo crítico realizado por Jean-Michel Adam e Ute Heidmann (ADAM; HEIDMANN, 2011) sobre duas versões francesas da narrativa kafkiana, que se fundamentaram no manuscrito kafkiano. Com base em sua análise, os dois autores apontam sérias divergências entre o texto alterado por Brod e o manuscrito original de Kafka. Dessa forma, abrem espaço para novas (re)leituras que implicam em novas (re)interpretações do opúsculo, por se tratar de importantes diferenças estruturais entre a narrativa kafkiana original e aquela trazida a lume por Brod. Por conseguinte, também urge que se revisitem as traduções já existentes nas diferentes línguas, visando, por fim, à divulgação dessa questão que tem impacto direto sobre a própria genética do texto de partida. Em nosso trabalho, elencaremos algumas traduções já consagradas em português, espanhol, francês, italiano e inglês do texto compilado por Brod. Tais traduções virão acompanhadas de breves reflexões que faremos sobre estratégias e decisões dos tradutores. Como suporte teórico, recorreremos, na área específica da análise crítica de traduções, a Reiß (1986) e Nord (2016), e, no âmbito da poética do traduzir,

a Meschonnic (2010) e Borges (1974). Por fim, apresentaremos uma proposta de tradução, em português, para o texto original de Kafka e uma, também em português, para o texto alterado por Brod.

Caminhos da tradução literária: tradutor como coautor e crítico

Magali dos Santos Moura (UERJ)

Resumo Pretende-se expor e discutir o processo de escolhas linguísticas e terminológicas inerente ao processo tradutório de textos literários. Pode-se afirmar que a produção de significados a partir das escolhas que o tradutor efetua interfere diretamente na construção de sentidos a partir da recepção da tradução em uma determinada cultura. Dessa forma, o estabelecimento de uma determinada terminologia ou de expressões pode interferir diretamente na ideia com a qual um autor ou conceito é entendido e recebido. Como norte para o desenvolvimento das considerações, leva-se em consideração o seguinte pensamento de Octavio Paz (2009, p. 27): “Tradução e criação são operações gêmeas. Por um lado, conforme mostram os casos de Charles Baudelaire e de Ezra Pound, a tradução e? indistinguível muitas vezes da criação; por outro, ha? um incessante refluxo entre as duas, uma contínua e mútua fecundação”. Assim sendo, ao se deparar com determinadas expressões e conceitos, assim como determinados conteúdos ficcionais, o tradutor realiza uma tríplice ação no ato de traduzir: primeiramente tem lugar o entendimento do processo de linguagem de um determinado autor; depois se faz uma reelaboração do texto em outro sistema linguístico-cultural, podendo-se falar de uma coautoria; e o cuidado com a recepção da tradução que se está a realizar. Este trabalho se propõe a apresentar alguns produtos da prática tradutória através da tradução de “História vom Dr. Johann Faust” (Spies; 1587) e também de alguns textos de Heinrich Heine, “Die Elementargeister”, “Die Göttin Diana” e “Der Doktor Faust”, textos que requerem reflexões acerca tanto da tradução de prosa, como de poesia. Questões sobre escolha do objeto a ser traduzido, sua traduzibilidade e fidelidade ao original (do ritmo, das metáforas), e do processo de escolha vocabular serão tematizadas na apresentação. Também se gostaria de debater a questão da elaboração de edições críticas no processo editorial brasileiro.

Compartilhamento de saberes: prática tradutória, interculturalidade e Comparativismo

Ebal Sant'Anna Bolacio Filho (UFF)
José Mauro Ferreira Pinheiro (UERJ)

Resumo Este trabalho pretende apresentar um relato de algumas fases do Projeto de extensão “Vice-versa: relações interculturais na prática” desenvolvido na UERJ. Em primeira linha, o Projeto visa estabelecer elos interculturais, sobretudo entre as culturas alemã e brasileira, escolhendo o processo tradutório como meio para sua execução. A elaboração do projeto se baseou na concepção de que se pode conceber a tradução como uma das primeiras formas de estabelecimento de um contexto dialógico de confronto cultural por meio de uma natural comparação entre os sistemas linguísticos. Tomando por base a ideia de que a tradução é uma habilidade inerente ao processo de aquisição de línguas, apesar de seu quase que “banimento” pelo método comunicativo, optou-se por integrar este projeto a disciplinas do curso de Bacharelado em Letras Português-Alemão. Como primeiros frutos deste trabalho foi editada em 2014 a tradução de uma seleta de lendas coligidas pelos Irmãos Grimm que, até então, se encontravam inéditas em língua portuguesa. Como segundo movimento e como promoção dos estudos interculturais, seguiu-se com uma nova edição comentada daquelas lendas e com os trabalhos de preparação de uma nova seleção. A fase atual do projeto volta-se para uma nova direção ao se propor o que poderia ser entendido por uma retradução dos textos para o formato oral, objetivando a divulgação em um novo formato de mídia, os arquivos sonoros, o que, por sua vez, requer um estudo da dimensão dos registros de literatura oral. Propomo-nos a apresentar com detalhes as fases do projeto que visa estabelecer o exercício da tradução como instrumento inerente ao processo de aprendizagem e discussão de um sistema cultural-linguístico-literário, assim como o uso de meios digitais para sua realização.

Duas vezes *Passagens*: atividades tradutórias para leituras novas da obra benjaminiana

Maíra Moraes Cardoso Leal (UFRN)

Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN)

Resumo Atualmente existem duas traduções para português da obra *Das Passagen-Werk* (GS V, 1982) de Walter Benjamin, a brasileira *Passagens* publicada em 2006 e a portuguesa *As Passagens Parisien-ses* publicada em 2019. Ambas revisitam a obra benjaminiana, mas o fazem por meio de caminhos diferentes. Enquanto a portuguesa se aproxima da edição histórico-crítica de Rolf Tiedemann da obra base publicada em 1982, a brasileira se afasta ao omitir parte do aparato textual da obra base e ao apresentar novas possibilidades de leitura. Esse fenômeno deve-se possivelmente ao fato de que a tradução brasileira se precipitou a partir de um projeto acadêmico liderado por Willi Bolle, sendo transformada em um projeto editorial posteriormente e a tradução portuguesa, por outro lado, faz parte de um projeto editorial maior de edição da obra Benjaminiana. Assim, a investigação parte da abordagem metodológica das transferências culturais demonstrando as diferentes dinâmicas de transformação da obra via atividade tradutória formando novo original dentro de cada novo contexto cultural. Surge assim a necessidade de analisar como é feita a revisão à obra *Passagen-Werk*, quais são as novas discussões acerca do processo tradutório e qual é a posição dos tradutores e editores em relação a obra base. Busca-se também o entendimento da motivação contemporânea por trás da tradução de uma obra tão complexa quanto *Passagen-Werk* e como essas traduções contribuem ou não para a acessibilidade e novas leituras do texto.

Os casos clínicos de Freud:

Tradução de Literatura ou Tradução de Teoria

Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares (UFSC)

Resumo Para além do criador-fundador de uma teoria e técnica de tratamento clínico do psiquismo, Sigmund Freud contou com o reconhecimento de grandes nomes do seu tempo, como uma grande

artista da palavra. Além da admiração de sua escrita por ninguém menos que Thomas Mann, Hermann Hesse, Stefan Zweig, Albert Einstein entre outros, Freud foi agraciado em 1930 com o Prêmio Goethe, no mesmo ano, aliás, em que o crítico literário suíço Walter Muschg lhe dedica o ensaio “Freud als Schriftsteller” (Freud como escritor). Mais do que um aspecto facilitador da comunicação de suas ideias e propostas teóricas, Freud ao mesmo tempo reconheceu nos Dichter, nos escritores criativos, seus grandes mestres. Por outro lado, temos o impactante testemunho de um terror ao duplo (Doppelgängerscheu) confesso em uma carta enviada a Arthur Schnitzler, em relação ao escritor que abandonou a Medicina para se dedicar a retratar o psiquismo humano pela via da ficção, Num momento em que nos vemos rediscutindo as possibilidades e formas mais adequadas de traduzir Freud, fazendo jus tanto à sua clareza e agudeza teórica, quanto à eloquência elegante e ao gênio estético do grande escritor, tais questões se tornam ainda mais complexas quando tratamos da tradução dos famosos e paradigmáticos cinco grandes casos clínicos, a saber, o Pequeno Hans, o Presidente Schreber, Dora, o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos. Textos que à época despertavam a curiosidade dos leigos, ávidos pela leitura de uma espécie de “roman-à-clefs”, fato que causou o repúdio do autor. Neste trabalho pretendemos identificar as perdas e ganhos, caminhos e descaminhos possíveis numa orientação de leitura que situe tais escritos como algo mais próximo da narrativa beletrista ou do relato de observação científica.

Poemas de Rainer Maria Rilke traduzidos por Augusto de Campos: entre o olhar e o silenciar

Ana Maria Ferreira Torres (UFPA)

Resumo Entre as décadas de 1990 e de 2010, Augusto de Campos (1931-) publicou três antologias de poemas traduzidos do escritor germanófono, nascido em Praga, Rainer Maria Rilke (1875-1926): *Rilke: poesia-coisa* (RILKE, 1994), *Coisas e anjos de Rilke* (CAMPOS, 2001) e a segunda edição, revisada e ampliada, dessa última em 2013. Por meio dos prefácios aos livros, o tradutor se propõe a apresentar uma visão moderna do poeta praguense, no sentido das inovações com

o trabalho da linguagem, destoante da concepção predominante no Brasil de que a força de sua escrita estaria puramente na temática sentimental e filosófica. Este trabalho propôs uma leitura crítica do conjunto de traduções, com destaque à do poema “Der Alchemist”, presente no livro *Neue Gedichte*, vertida para o português como “São Sebastião”, que está na segunda edição de *Coisas e anjos de Rilke* (CAMPOS, 2015[2013]). A crítica tem por base a consideração do texto traduzido como independente (RICOEUR, 2011) (CARDOZO, 2019), em que se buscaram as interpretações que o tradutor realiza do texto original, bem como aquilo que é acrescentado por meio de seu novo poema, de modo a perceber qual faceta de Rilke ele pretende apresentar ao leitor de sua época, o que é identificado não somente nas traduções, mas também nas concepções de Campos sobre tradução e de poesia. Notou-se que as traduções põem em destaque os elementos visuais e musicais – no que se refere à noção de silêncio como música – dos poemas rilkeanos, bem como dá-se relevância à reflexão acerca da morte e da vida criativa que está contida em muitos dos textos traduzidos por Campos.

**Traduzir para dar voz à malandragem:
experiências tradutórias no romance pícaro
alemão de Hans Jakob Christoffel Von Grimmelshausen**

Levy da Costa Bastos (UERJ)

Resumo O objetivo dessa comunicação é considerar os elementos constitutivos de uma tradução que dê voz ao que é estrangeiro no romance pícaro “Coragem” (Trutz simplex: oder Ausführliche und wunderseltame Lebensbeschreibung der Ertzbetrügerin und Landstörtzerin Courasche) de Hans Jakob Christoffel Von Grimmelshausen, e à sua personagem narradora. A ideia-força que alicerça este empreendimento é o reconhecimento da tarefa do tradutor como agente “desfamiliarizador” (VENUTTI, 2002). Ao traduzir uma obra do século XVII estabelecemos um paralelo entre duas realidades linguísticas distantes: o texto de partida alemão marcado pela circularidade pícaro-barroca e o texto de chegada, no qual devem estar presentes as marcas de transformação cultural, sem, todavia, perder a fidelidade fundamental com o texto desde o qual se orienta. Interessa-nos reafirmar

o “estranho” inerente ao Frühneuhochdeutsch dos tempos de Hans Grimmelshausen, quando transcodificado para o português do Brasil contemporâneo. Operamos uma tradução reconhecendo tanto a diferença quanto a identidade entre línguas. Há, é certo, uma permanente equivalência entre elas, que pode ser explícita, subentendida ou a se construir (KOLLER, 2011). Mas a teoria das equivalências não diz tudo. Há muito de inapreensível numa língua. Há, pode-se dizer, um resíduo que não se pode “domesticar” (BERMAN, 2007), e que por isso mesmo, deve permanecer “estrangeiro”. E esse é o interesse prevalente desta tradução: deixar Hans Grimmelshausen e sua obra “Coragem” falarem em português sim, mas preservando o seu “sotaque”. Fazer valer as marcas identificadoras do estrangeiro em nossa língua materna. Deixar a malandragem da anti-heroína Coragem se expressar em toda sua intensidade.

Traduzir, reescrever e mediar

Elfriede Jelinek no Brasil: um projeto de tradução

Ruth Bohunovsky (UFPR)

Resumo Elfriede Jelinek (*1946) é autora de uma vasta obra de prosa, ensaios, textos para teatro e de outros gêneros. O Prêmio Nobel de Literatura, que recebeu em 2004, é sinal de sua importância no mundo da literatura contemporânea, não apenas em língua alemã. Sua obra transita constantemente entre a literatura, a filosofia e a psicanálise e estabelece diálogos explícitos e criativos com outros textos (literários ou não) e discursos (muitos deles da atualidade dos países de língua alemã) – o que traz desafios enormes para a recepção em outros contextos linguísticos e, portanto, para qualquer projeto tradutório. Nesta comunicação, apresentamos um projeto acadêmico de tradução (colaborativa) da obra teatral de Jelinek e que, desde a escolha dos textos a serem traduzidos e os projetos editoriais até as estratégias e técnicas de tradução procura contribuir para uma maior recepção dessa autora tão inovadora e engajada no âmbito literário e teatral brasileiro. O foco recai sobre a primeira peça da autora, *Was geschah nachdem Nora ihren Mann verlassen hatte oder Stützen der Gesellschaften* (título traduzida por nós como *O que aconteceu após Nora deixar a casa de bonecas ou Pilares das Sociedades*), uma

peça „secundária” de Jelinek que estabelece diálogos criativos e críticos com Ibsen, Brecht e Freud. Além de expor o projeto tradutório e seus objetivos, será abordada a metodologia da tradução colaborativa e seu papel fundamental na procura por resultados que permitam aos tradutores cumprirem sua função de mediadores culturais e que sejam adequados para tornar Jelinek uma autora e dramaturga relevante também em solo brasileiro.

Uma tradução documento e uma tradução ferramenta da peça *Reigen*, de Arthur Schnitzler

Deborah Raymann de Souza (UFPR)

Resumo Partindo do conceito de escopo, da vertente funcionalista, e nas categorias definidas por Christiane Nord (2011) e desenvolvidas por Bohunovsky (2019), a saber, a tradução documento e a tradução ferramenta, apresento duas traduções da peça *Reigen*, do escritor austríaco Arthur Schnitzler (1862 – 1931), cujo objetivo ou finalidade em uma delas é mostrar ao público leitor facetas consideradas importantes do contexto “original” da peça e, na outra, apresentar uma possível “adaptação” do texto que pode servir tanto para leitura, como a primeira, quanto como base para uma montagem atualizada e localizada no Brasil, essa com o objetivo de possibilitar maior identificação do público e “restituir” o poder de escândalo da peça. Esta comunicação apresenta então uma “tradução documento”, que procura aproximar o leitor de um texto de partida histórico com todos os seus elementos de época, e uma “tradução ferramenta” com o objetivo de comunicar, de causar um certo efeito no público de recepção. Ambas traduções foram parcialmente desenvolvidas no âmbito de meu mestrado no programa de pós-graduação da UFPR sob orientação da Profa. Dra. Ruth Bohunovsky, e cujo tema principal foi a tradução de personagens-tipo. A questão da linguagem, que se dá como um dos principais problemas de tradução nessa peça, já que Schnitzler faz uso do dialeto austríaco como forma de marcar a posição social dos personagens, foi discutida em minha dissertação seguindo o trabalho de Hörmanseder, *Text und Publikum* (2008), e será também abordada na comunicação.

Simpósio 84**Tradução de literatura e ciências humanas
no par de línguas francês-português**

Clarissa Prado Marini (UFOB)
Kall Lyws Barroso Sales (UFAL)

Resumo Na esteira da transdisciplinaridade apresentada como norteadora do congresso da ABRALIC 2021, propomos este simpósio temático visando promover o diálogo entre o estudo de literaturas traduzidas e o estudo de traduções de especialidade nas áreas das ciências humanas. Enquanto podemos pensar num distanciamento entre textos literários e textos de áreas de especialidade, como os textos das diferentes áreas do conhecimento das Ciências Humanas, podemos também aproximar esses dois gêneros de texto. O tradutólogo Antoine Berman (1991) defende que poesia, literatura, filosofia, textos religiosos e grande parte das obras de ciências humanas podem ser consideradas como obras. Segundo o conceito do que Berman chama de “obra”, esta seria classificada como a escrita que não usa a língua como instrumento de comunicação para transmissão de mensagens, mas a considera como o meio de revelação do sujeito, ou seja, a própria linguagem como reveladora do existir humano. As pesquisas dedicadas à tradução de literatura têm grande espaço nos Estudos da Tradução no Brasil e são figuras de proa tanto na elaboração de traduções inéditas, de retraduições e, conseqüentemente, na circulação do pensamento sobre línguas/culturas, além do diálogo constante com outras áreas das chamadas humanidades. Se entendemos que o objeto das ciências humanas é “o ser expressivo e falante”, pode-se defender que as ciências humanas não têm por objetivo a exatidão do conhecimento, seu objetivo está no campo das descobertas, das revelações, das interações e das comunicações (BAKHTIN, 2017, p. 58). A tradução torna-se, portanto, elemento imprescindível no diálogo entre literaturas, línguas e culturas. Em língua portuguesa, muitas traduções de textos de especialidade têm como fundamento o estudo e a análise literária, pois segundo a reflexão bakhtiniana, a ciência da literatura deve estabelecer um vínculo mais estreito com a história da cultura, pois é parte inseparável dela (BAKHTIN, 2017, p. 11). Assim, um sentido só revela as suas profundezas encontrando o outro, pois, entre eles, há uma relação dialógica que supera

o fechamento e a unilateralidade desses sentidos e dessas culturas. Na busca desse outro, a reflexão bakhtiniana dialoga com o entendimento de Berman sobre as traduções, pois, para este, “a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é nada.” (BERMAN, 2012, p. 17). Dentro desta perspectiva dialógica, a tradução de obras teóricas tem grande importância para o desenvolvimento das áreas do conhecimento nacional e internacionalmente. Izidoro Blikstein relata numa entrevista (FERREIRA, 2013), que a tradução de grandes obras da Linguística desempenhou um importante papel na divulgação das teorias linguísticas e acabou por culminar na inauguração dos departamentos de Linguística nas universidades brasileiras, mudando o cenário da grande área de “Letras” para sempre. As traduções de obras francófonas como as de Saussure, Benveniste, Barthes, Greimas, Dubois, traduzidas no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, são até hoje basilares na formação dos cursos de Letras. O professor Blikstein comenta, nessa mesma entrevista, que nos cursos de Letras eram desenvolvidos estudos diacrônicos de Filologia Românica e Portuguesa e esse movimento de tradução de grandes linguistas contribuiu para uma “avalanche” da Linguística o que, posteriormente, mudou os currículos universitários no Brasil para acompanhar as mudanças que estavam acontecendo internacionalmente. Além disso, a tradução de obras teóricas nas ciências humanas contribui para a reflexão e recepção das literaturas. É difícil negar, por exemplo, a influência e a relevância do pensamento do teórico russo Mikhail Bakhtin nas mais diversas áreas do conhecimento, filosofia, história, ciências sociais e, principalmente, linguística e literatura. É a partir das traduções de Julia Kristeva que o pensamento bakhtiniano constrói seu complexo diálogo com o Ocidente. Características temáticas ou estilísticas aproximam a literatura das demais áreas das ciências humanas, pois são textos nos quais a linguagem é construída de maneira singular a expressar o pensamento de um sujeito. A respeito desse compartilhamento de características entre textos literários e de ciências humanas, mais especificamente da filosofia, Castro Ramírez (2018) alerta que em ambos, as noções de “autor”, “leitor”, “originalidade”, “criação”, “tradição” (entre outras) têm muita influência tanto na análise desses textos quanto na tradução deles. Tendo como ponto de partida estas complexas relações entre traduções de literatura e de teoria nas ciências humanas, serão acolhidos, neste simpósio, trabalhos a respeito de

história da tradução, crítica de tradução ou tradução comentada de textos literários ou textos teóricos de ciências humanas escritos, originalmente, em língua francesa e traduzidos para língua portuguesa ou, no sentido inverso. Serão considerados trabalhos que abordam: 1) textos literários traduzidos, ou em tradução, que construam diálogos com outras áreas das ciências humanas e 2) textos traduzidos, ou em tradução, de diferentes áreas das Ciências Humanas: Teoria Literária, História da Literatura, Linguística, Estudos da Tradução, Filosofia, História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Pedagogia.

Guimarães Rosa em tradução: um estudo sobre a versão francesa de *Primeiras estórias*

Elvis Borges Machado (UFPA)

Resumo Com o apoio da CAPES, esta comunicação propõe-se examinar a versão francesa de *Primeiras estórias* (1962), de Guimarães Rosa, com o objetivo de verificar como a versão de Oseki-Dépré, *Premières histoires* (1982), procurou recuperar, na língua francesa, a poética rosiana. Ao revolucionar sintaxe e semântica, Guimarães Rosa não só potencializa vocábulos e expressões populares, como também supera as aparentes impossibilidades da língua e do pensamento. Com efeito, a tradução de Guimarães Rosa nos convida a uma reflexão para além das discussões filológicas entre línguas, na medida em que o elaborado trabalho que realiza sobre a língua portuguesa se faz tanto inventivo quanto crítico (BIZZARRI, 1980; LORENZ, 1983; LANCIANI, 2003). Ou seja: o desafio tradutório não está apenas em reconstituir em outra língua a matéria narrada e descrita, mas compreender que a poética rosiana se faz também como um combate a certas posturas da linguagem que ainda se limitam à visão dualista entre “prosa”/“verso”, “oralidade”/“escritura”. Assim, a impossibilidade de pensar a escrita de Guimarães Rosa com base em categorias estagnadas nos levou a buscar na obra de Meschonnic (1999, 2001) um possível ponto de vista sob o qual pudéssemos refletir sobre a poética e sobre a tradução também como críticas a uma visão enrijecida da língua. Sob a ótica do pensador francês, a poética possibilita pôr “problemas” para a língua e para a sua transformação pela ação de um sujeito. Com efeito, o tradutor também é um agente de transformação,

pois a tradução muda a língua, como o faz a poética. Nesse sentido, traduzir Guimarães Rosa é ainda mais estratégico para os estudos da tradução, pois, ao fugir de um racionalismo da palavra, a obra rosiana estimula o tradutor a abandonar a segurança de uma tendência cartesiana da língua, cuja tão propalada “clarté française” ainda se faz como uma verdadeira autoridade.

***Le silence des médias* (1987) e a tradução comentada de obra ensaística**

Beatriz Romero (UNESP)

Maria Angélica Deângeli (UNESP)

Resumo O presente trabalho tem como objetivo realizar a tradução parcial comentada para o português brasileiro do ensaio *Le silence des médias* (1987), da escritora e jornalista quebequense Colette Beauchamp. No livro em questão, a autora investiga as relações entre mulher e imprensa nos anos 1980, mais especificamente no Quebec, expondo a prevalência dos valores masculinos na imprensa. Assim, a partir do trabalho de tradução comentada, busca-se explicitar a análise interpretativa do ensaio, bem como as decisões tradutórias tomadas, levantando uma reflexão sobre o status da tradução de textos de ciências humanas. Para a análise da obra, os eixos centrais serão a relação entre a mulher e a imprensa, partindo dos trabalhos de Buitoni (1986; 2009) e Mateos (2019), e a questão da “dominação masculina” (BOURDIEU, 2016) presente na mídia, como exposto por Beauchamp. Já o projeto de tradução apoia-se nos estudos de Antoine Berman (2007), tendo em vista o que o autor chama de “tradução da letra”: um projeto de tradução ética, que busca reconhecer o Outro enquanto Outro no texto traduzido, baseando-se na tradução da letra, ou seja, da corporeidade carnal do texto como um todo, e não de palavra por palavra, como costuma-se pensar. Além disso, por tratar-se de um texto ensaístico, pensar-se-á na tradução comentada a partir do ponto de vista da tradução de obras, também apresentado por Berman (1991), levando em consideração as especificidades da tradução de um texto teórico de ciências humanas, mas que também se constrói enquanto obra, uma vez que seu objetivo é tratar das experiências humanas no mundo (BERMAN, 1991). A partir desta pesquisa,

portanto, pretende-se observar em que medida a tradução de textos teóricos de ciências humanas distancia-se e, ao mesmo tempo, aproxima-se da tradução de textos literários, uma vez que Berman classifica ambos os textos como obras.

Louis Wolfson:

vida&obra de um estudante de línguas esquizofrênico

Ciro Lubliner (USP)

Resumo Esta comunicação encarna um primeiro movimento de pesquisa que se encontra na experiência de tradução do primeiro livro de Louis Wolfson: *Le Schizo et les langues* (1970). Esse é, portanto, um esforço inaugural na direção de buscar enriquecer e nos dotar de ferramentas que auxiliem na conjugação daquilo que consideramos a base sólida e o solo fértil de toda tradução, qual seja, o tripé prática-teoria-crítica. Será, por meio de uma revisão bibliográfica e do lançamento de algumas miradas críticas segundo as recepções à obra de Wolfson que tratará essa fala. Apesar de, nesse primeiro momento, ainda não abordar pormenorizadamente as estratégias e perspectivas a serem adotadas para a prática tradutória, essa comunicação será de fundamental importância no auxílio a um mapeamento preciso de boa parte do que foi escrito e vem sendo pensado a partir da obra do autointitulado “estudante de línguas esquizofrênico”. Assim, de saída, buscaremos contar parte da curiosa história do escritor estadunidense, destacando eventos em sua vida que culminaram na escrita de seus dois livros, baseados em vivências transformadas em testemunhos autobiográficos. Em seguida, retraçaremos os contextos que envolveram a publicação de sua primeira obra, pela reconhecida editora francesa Gallimard. Depois, partiremos para a indicação de uma coleta e revisão bibliográfica dos textos já publicados acerca do escritor ao redor do mundo: críticas, ensaios, trabalhos acadêmicos, resenhas etc. Finalmente, apontaremos alguns vetores que certamente serão de extrema valia para a experiência de tradução, ressaltando como a escrita procedimental e translinguística de Wolfson demanda do ato tradutório uma visão expandida, conectando-o necessariamente a outros campos do saber: à literatura, à psicanálise, à linguística e à filosofia.

Simpósio 85**Usos políticos da memória e da história
nas literaturas de língua portuguesa**

Daniel Marinho Laks (UFSCar)

Roberta Guimarães Franco (UFMG)

Renata Flavia da Silva (UFF)

Resumo As relações entre memória, história e literatura sempre foram objeto de análise e de debate acerca das especificidades de cada campo e das possibilidades de diálogos interdisciplinares, especialmente dentro do campo conflituoso da Literatura Comparada. Obras literárias que dialogam de forma próxima com a história, seja pelo gênero literário, pelo tema e/ou personagens escolhidos, ou que apresentam um caráter (auto)biográfico, podem funcionar como base para a organização de arquivos públicos ou particulares, monumentos e museus, os quais têm como objetivo mediar o estabelecimento de uma memória coletiva sobre acontecimentos transcorridos. A possibilidade de curadoria dos episódios que devem ser rememorados ou comemorados sob uma perspectiva nacional está intimamente ligada à afirmação dos interesses de grupos que estabeleceram sua hegemonia e, nesse sentido, o processo de produção de uma memória coletiva pretende funcionar como ferramenta política de legitimação de estruturas específicas de poder. Debate também presente na formação dos cânones literários, questionados por correntes críticas mais contemporâneas pelo seu caráter fragmentário e centralizador, que atenderia a perspectivas e interesses específicos. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Ao longo do tempo, a análise literária foi ganhando contornos que incluem, desde a possibilidade de pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades de acordo com o leitor, advinda através da Estética da Recepção, até os mais recentes Estudos Culturais e Póscoloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo à luz questões que a dita história oficial silenciou. A memória, por sua vez, seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre

as perspectivas individuais e coletivas, se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formas variadas de diálogo entre memória, história e literatura. No Brasil, tais diálogos podem apontar desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em propor limites e questionamentos a este conceito – basta lembrar das ideias de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978) –, chegando a manifestações mais recentes, ou a recuperação de obras/escritores apagados/silenciados, que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura portuguesa ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o reverso dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), ao apontar a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida pelo olhar exógeno, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais. Portanto, as literaturas de língua portuguesa formam um extenso objeto de análise, comparadas entre si ou dentro de um único espaço, para o antigo e ainda necessário debate entre Literatura, História e Memória. Este simpósio, continuidade da proposta de edições anteriores, pretende, assim, acolher trabalhos que discutam as relações entre memória, história e literatura. Para

isso, sugerimos, entre outros possíveis, alguns eixos de articulação: a literatura como arquivo; representação do trauma na narrativa e na poesia; vertentes políticas das escritas de si; memória coletiva e espaços públicos; relações entre os espaços de língua portuguesa.

África em prosa e verso: o outro lado da história

Caio Cesar Tabajara Silva Santos (USP)

Resumo O processo neocolonial em África deixou, como sabemos, duras heranças que esses territórios forjados a partir da ganância imperialista construiu como bem quis. O colonizador, como nos diz Memmi (2007) criou a figura do colonizado e não pode ignorá-la. Criou-se então a necessidade de dizer o que que era ou não africano e sem se levar em conta o conhecimento ontológico das populações subjugadas, contaram a história de um único ponto de vista. Chima-manda (2019) nos chama a atenção que o perigo de se contar uma única história é o fato de se acreditar que só existe ela. E foi exatamente o que os escritores fizeram: ergueram sua literatura contra o colonizador e contaram a história do seu ponto de vista. Como nos diz Manuel Rui (1985) “[...] a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta [...]. Escrever então é viver, escrever assim é lutar [...]”. Serão apresentados para essa comunicação os textos *A fronteira do asfalto*, de Luandino Vieira, *Ziche pescador*, de José Craveirinha, ambos contos que nos farão refletir a questão da divisão citadina e do trabalho extenuante forçado ao colono. O poema *Bayete*, de Noémia de Souza mostrará a voz do autóctone e seu inconformismo perante a situação colonial que culminará nos horrores causados pela guerra contados no poema *Amargos como os frutos*, de Paula Tavares. O objetivo é mostrar como esses textos questionam a história contada pelo colonizador e mostra a história do ponto de vista de quem de fato poderia narrar tudo o que passou e sofreu. Como diz Mía Couto (2002) “[...] Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente”.

“A longa viagem”, de Menotti Del Picchia, e as disputas por protagonismo no Modernismo brasileiro

Daniel da Silva Moreira (UFJF)

Resumo No próximo ano, mais precisamente no mês de fevereiro, vai-se comemorar o centenário daquele que é tido como o evento mais importante e definidor da cultura brasileira, a Semana de Arte Moderna de 1922. Todavia, se a centralidade da Semana no cenário cultural brasileiro é aceita sem grandes contestações por boa parte da crítica e da história literária, fato é que ainda resta muito a se discutir sobre o discurso que se construiu ao longo do tempo em torno dos eventos de fevereiro de 1922. Assim, a meu ver, seria um equívoco pensar na Semana de Arte Moderna de 1922, desde sua origem, como o maior evento cultural brasileiro do século XX, com a importância que vai adquirir, de divisor de águas e catalisador de correntes de vanguarda, como iria, mais tarde, sobretudo por volta de seu cinquentenário, se institucionalizar. Minha proposta, que acredito que o conjunto de textos com o qual tenho trabalhado – as memórias e autobiografias de escritores ligados à Semana, como as de Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, entre outros – ajude a evidenciar, é que a relevância daquele acontecimento foi também sendo construída através desses discursos, que, como já disse, buscam situá-lo como central. No presente momento, dedico-me a uma leitura dos dois volumes de memórias deixados por Menotti Del Picchia, ambos intitulados “A longa viagem” (“1ª etapa”, 1970, 2ª etapa, 1972), que revisitam os acontecimentos de fevereiro de 1922, e que, como quase todos os textos autobiográficos de figuras ligadas ao Modernismo, participam de uma verdadeira luta por protagonismo nesse episódio considerado como definidor da arte nacional, a ponto de fazerem orbitar em torno dele todos os acontecimentos anteriores e posteriores da narrativa de vida de Del Picchia.

“Agora lembrei melhor”:

Ondjaki, autoficção e o permanente exercício de deslembrar

Renata Flavia da Silva (UFF)

Resumo Herdeiro de uma longa tradição de protagonismo infantil na literatura angolana, Ondjaki vem, ao longo dos últimos vinte anos, exercitando sua habilidade de desdobrar-se em vários eus, capazes de traduzir as múltiplas experiências do autor, quer sejam relacionadas à sua infância e à história de seu país, quer sejam relacionadas, ainda, à tradição literária na qual se insere e seu próprio fazer literário. No multifacetado universo textual erguido pelo autor destaca-se uma voz infantil e autoficcionalizada, dotada de elementos de sua memória privada e também de uma memória geracional, composta pela vivência infantil e juvenil dos anos 80 e 90 em Luanda e de, ao mesmo tempo, uma memória herdada das gerações que o antecederam. Tratando-se, não de uma literatura de testemunho? gênero marcado pelo compromisso com a veracidade?, mas da transposição ficcionalizada das memórias de sua infância, Ondjaki opera um gênero híbrido, modelando as memórias, suas e alheias, em uma reconstrução literária e arbitrária de sua existência. Propomos, aqui, investigar as narrativas autoficcionais do autor, aliando à análise de diferentes elementos textuais operadores teóricos relacionados à focalização narrativa, à adaptação ficcional de memórias individuais e geracionais e à interseção dos discursos histórico e ficcional, a fim de elucidar os sentidos atribuídos ao ato de deslembrar instituído pelo autor, um exercício contínuo de conhecimento e superação do passado.

“Essas mentiras, caro doutor, vão tornar-se

verdades indiscutíveis”: memórias subterrâneas, violência

e legitimidade em *O anjo branco*, de José Rodrigues dos Santos

Daniel Marinho Laks (UFSCar)

Resumo O objetivo desta proposta de comunicação é discutir o romance *O anjo branco*, de José Rodrigues dos Santos, a partir da ideia do campo literário como um arquivo de memórias que se confrontam

em disputa por uma autoridade narrativa sobre um tempo e a legitimidade dos seus acontecimentos específicos. O autor se coloca como representante de sua comunidade de memória e teatraliza, no palco de sua narrativa, uma argumentação ideológica interessada muito mais na representação do que chama de “espírito do tempo” do salazarismo português do que na reconstituição factual das ocorrências. Esta noção das intenções que sustentam as ações do regime está intimamente relacionada à base das teorias contratualistas de surgimento do Estado que justificam o monopólio e a utilização da violência por parte do poder público quando visam o bem comum. Assim, o artigo discute a relação entre história, memória, política e literatura a partir de teóricos como Thomas Hobbes, Hayden White, Michael Pollack, Margarida Calafate Ribeiro e Diana Klinger. A literatura, como campo de disputa ideológica pela legitimidade de memórias específicas, aponta para as formas como o passado é constantemente reconstruído pelo presente, respondendo a contingências específicas deste tempo que autorizam ou desautorizam narradores e os efeitos de verdade próprios de suas narrativas.

**“Não conheço o meu corpo porque não conheço o teu”:
as memórias privadas de um mapa coletivo em
“As telefones”, de Djaimilia Pereira de Almeida**

Roberta Guimarães Franco (UFMG)

Resumo Em 2020, Djaimilia Pereira de Almeida publica “As telefones”, romance que retoma o tema da migração entre Angola e Portugal nos anos 80, já abordado em “Esse cabelo” (2015) e “Luanda, Lisboa, Paraíso” (2018). O romance concentra-se na vivência compartilhada entre mãe e filha, majoritariamente por telefone, consequência da decisão de Filomena de enviar Solange para ser criada por uma irmã em Portugal. A estrutura da obra reproduz essa vida por um fio, apartada pela necessidade de sobrevivência, que impede a filha de reconhecer a si mesma por não conhecer o referente materno: “Não conheço o meu corpo porque não conheço o teu”. Nesse sentido, a obra confere à escrita de Djaimilia Pereira de Almeida um lugar na literatura portuguesa contemporânea atrelado a um projeto literário que enfaticamente – entre movimentos autobiográficos e

autoficcionais – encena o esfacelamento familiar como consequência de um trânsito migratório. Este trabalho, parte do projeto “O cotidiano como memória coletiva: perspectivas do micro nas narrativas de língua portuguesa”, pretende analisar como o diálogo entre mãe e filha, separadas pelo processo migratório entre Angola e Portugal no contexto pós descolonização, simboliza uma memória ainda por fazer quando falamos sobre o abrangente “Pós-25 de abril”, memória sobre uma diáspora contemporânea que envolve os dois países.

“Não foi um cruzeiro”:

a distopia à cor da pele em *Água de barrela*, de Eliana Alves Cruz

Maximiliano Gomes Torres (UERJ)

Resumo A memória de um passado colonial e escravocrata no Brasil emerge em cada bala “perdida” que “encontra” um corpo negro como alvo. Essa necropolítica de cor e de classe social, sustentada por séculos e fantasiada por uma “democracia racial”, revela não somente a morte de determinado grupo como fato e ponto de discussão isolados. Ela desenha uma trilha de corpos que se confundem com a história da construção desse país: autoritário, racista e violento. Em *Água de barrela* (2018), Eliana Alves Cruz reconstrói, por meio da memória das gerações de seus familiares, a saga de pessoas que foram perversamente desumanizadas e escolhidas como alvo e presa, sequestradas de seu continente originário e trazidas como escravizadas, vivenciando, cotidianamente, a dor, a perda, a humilhação e a falta de direitos básicos. Obrigadas a cumprir uma jornada de trabalho que chegava até dezoito horas diárias, em “troca” de pouca comida, água e uma muda de roupa ao ano, eram expostas, frequentemente, aos atos mais vis de agressão. Afinal, como lembra Lilia Moritz Schwarcz, um “sistema que prescreve a propriedade de uma pessoa por outra, não tem nenhuma chance de ser benevolente” (SCHWARCZ, 2019, p. 28). Nas páginas do romance, nos deparamos com um dos aspectos mais cruéis do sistema colonial: o apagamento das narrativas individuais e coletivas das nações ocupadas, em prol de uma imposição branca e imperial de civilização que condena o que se considera “Outro” ao aniquilamento. É nesse sentido que *Água de barrela*, ao desmontar o discurso dominante, restituindo o

que Lélia Gonzalez definiu como “uma história que não foi escrita, o lugar de emergência da verdade” (GONZALEZ, 2020, p. 65), descoloniza a memória e a história em seus usos políticos na literatura.

**“Nem muito longe, nem muito perto demais”:
percepções sobre a presença do Estado no sertão
de *Corpo de Baile*, de João Guimarães Rosa**

Marina Cardoso de Melo (UFV)

Resumo Historicamente marginalizado e relacionado ao arcaico, bárbaro, conservador e tradicional (LIMA, 1999), o sertão no imaginário social brasileiro representou, desde os tempos coloniais, uma categoria espacial marcada por dicotomias, que ora tendiam a pensá-lo de maneira negativa, como se concentrasse em seu território todas as mazelas que acometiam a sociedade em geral, ora de forma positiva, como se o verdadeiro berço da brasilidade estivesse cristalizado nos mistérios de uma parte pouco desbravada do país (SENA, 2010). Na produção de João Guimarães Rosa, um dos mais proeminentes nomes da Literatura Brasileira do século XX, esse espaço ganhou contornos metafísicos e míticos, tendo sido também interpretado por parte da crítica como palco para o desenrolar de tramas de teor universal. O que pretendemos neste trabalho, entretanto, é buscar o sócio-histórico impresso no sertão norte-mineiro recriado por Rosa, sobretudo no modo como foi representado nas novelas que compõem a coletânea *Corpo de Baile*. Para tanto, o estudo abarca os modos como a presença estatal, em suas mais diversas formas, foi abordada ao longo desses enredos, partindo do pressuposto de que, como aponta Roncari (2007) e Soares (2008), o espaço sertanejo retratado por Rosa nesta obra em específico encontra-se em processo de modernização, localizado temporalmente no período pós-Revolução de 30 em que o poder central procurava se fazer mais presente nos interiores do Brasil, opondo-se ao mando das oligarquias locais característico das épocas do Império (1822-1889) e da Primeira República (1889-1930).

A alegoria de Ulume: memória que corre, tempo que transcende

Jéssica Schmitz (UFRGS)

Resumo Contrariamente ao que a história tem defendido e apresentado durante anos acerca da colonização europeia portuguesa, a literatura africana das ex-colônias, seguindo uma perspectiva pós-colonial, tem desconstruído muitos dos discursos dominantes e, principalmente, trazido ao centro todas as vozes excluídas e silenciadas. A exploração colonial interferiu, de forma avassaladora, em todos os espaços nos quais impôs sua autocracia. Além de desestruturar os sistemas administrativos locais, como é o caso de Angola, onde existiam grupos e tribos muito bem organizados, causou uma desestabilização cultural e identitária significativamente grande. No âmbito dos estudos pós-coloniais, as literaturas africanas em língua portuguesa têm recebido destaque justamente por dar voz àqueles que durante longo período viveram em um silêncio imposto pela política colonialista. As literaturas africanas, por meio de escritores como Pepetela, por exemplo, têm desempenhado o papel de re(construir) e (re)organizar a historicidade das ex-colônias. Como campo de análise, utilizou-se a narrativa “Parábola do Cágado Velho”, de Pepetela, com o objetivo de estabelecer uma relação de sentido entre a história e a memória e, assim, verificar como se dá a representação dos eventos da história, bem como, a construção da memória, identidade e sua relação com o silêncio. A investigação é de natureza bibliográfica, tendo por base, a teoria do imaginário, do dialogismo, da identidade, do silêncio e da memória. Pode-se constatar que a narrativa de Pepetela evidencia o deslocamento no qual vive o sujeito histórico e sua constante busca por um espaço habitado de sentido, em que o silêncio entra como marca principal nessa busca.

A História Geral das Guerras Angolanas e sua releitura pós-colonial em Pepetela

Erick Caixeta Carvalho (UFLA)

Resumo Pepetela é autor de vasta produção literária que se pauta em profundas reflexões sobre o passado, o presente e o futuro de

Angola. Além de diversas obras que tratam diretamente da história recente de seu país, o autor possui duas obras nas quais o tempo da narrativa é o século XVII, sendo elas *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*, de 1997, e *A sul. O sombreiro*, de 2011. Nestas, Pepetela estabelece um constante diálogo com a História Geral das Guerras Angolanas (HGGA), escrita pelo português António de Oliveira de Cadornega (1623-1690). Em nosso trabalho, temos dois propósitos principais. O primeiro consiste em situar a obra HGGA em seu próprio tempo histórico, buscando compreender, portanto, o que se entendia por uma obra de história no contexto português do século XVII. O segundo, por sua vez, trata-se de nossa pretensão de analisar a releitura pós-colonial da história de Angola presente nas duas já mencionadas obras de Pepetela, especialmente no que diz respeito ao diálogo que este autor estabelece com a HGGA, inclusive fazendo da figura de Cadornega uma personagem de *A Gloriosa Família*. Acreditamos que estes dois pontos distintos de nosso trabalho possuem uma relação um com o outro pelo fato de que a obra de Pepetela, ainda que trate do século XVII, foi escrita nos séculos XX e XXI. Sendo assim, este autor vai ao passado com questões próprias de seu tempo, que são muito distintas daquelas do século XVII, quando Cadornega escreveu sua obra. Portanto, ao buscar, primeiramente, as características da escrita do gênero histórico no contexto em que a HGGA foi produzida, e analisando, a seguir, a releitura que Pepetela faz da história de Angola a partir de uma perspectiva pós-colonial, pretendemos contribuir para uma reflexão sobre os diálogos entre a literatura e a história.

A memória como ferramenta analítica em *A Máquina de Joseph Walser* e *A Máquina de Fazer Espanhóis*

Amanda de Britto Murtinho (USP)

Resumo Gonçalo M. Tavares e Valter Hugo Mãe são autores da Literatura Portuguesa contemporânea que vêm alcançando destaque por meio de premiações literárias e um número crescente de obras traduzidas para outras línguas, sendo alvo cada vez mais frequente de análises críticas e estudos acadêmicos. Pretende-se expor o uso da memória na composição de duas obras publicadas pelos autores

citados, sendo elas *A Máquina de Joseph Walser* (TAVARES, 2010) e *A Máquina de Fazer Espanhóis* (MÃE, 2016), avaliando como esse elemento dialoga com eventos históricos e com a possibilidade de formular posicionamento crítico e a construção de novos sentidos. Tal análise será composta pela comparação entre os textos escolhidos no que tange suas ambientações (tempo e espaço) e construções de enredo (narração e protagonistas), sendo que o período da ditadura salazarista em Portugal, minorias sociais e a memória do protagonista compõem o cenário proposto por Mãe, conduzindo o leitor por meio da crise de identidade, a idade avançada e o medo da morte, enquanto Tavares dá ao leitor a liberdade de associar a guerra e o regime autoritário de sua ficção aos diferentes momentos em que atrocidades acometeram o solo europeu, aliando-se a isso, ainda, discussões sobre a relação entre os homens e as máquinas, que abrem espaço para a associação com as revoluções industriais e seus efeitos em diferentes aspectos da sociedade.

A reescrita da memória imperial na poesia de Patrícia Lino

Leonardo von Pfeil Rommel (UFRGS)

Resumo Em *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), a poeta Patrícia Lino, através de uma série de poemas verbo-visuais, satiriza e promove uma reescrita da memória imperial portuguesa. O Kit poético de Patrícia Lino é composto por uma coleção/catálogo de pequenos objetos cotidianos, bibelôs, manuais e imagens ironicamente destinados a aplacar os sentimentos de saudade e nostalgia dos portugueses em relação ao seu passado histórico marcado pelas Grandes Navegações, pelo colonialismo e pelo Estado Novo. Os objetos do Kit convocam a memória imperial lusitana para, em seguida, a subverter, promovendo um rebaixamento do tom solene e grandioso que historicamente sempre acompanhou a empreitada e as práticas discursivas do colonialismo português e europeu. A ironia mobilizada pelos poemas-imagens que constroem uma espécie de manual ao avesso da identidade portuguesa desempenha um papel político, uma vez que lança um olhar crítico e ressignifica os usos e abusos da memória histórica, tanto no passado, quanto na contemporaneidade. Alguns temas marcantes na identidade e

na memória portuguesa, como o papel de destaque do país durante as navegações são recontextualizados e reavaliados à luz do século XXI. A poesia do Kit, enquanto discurso pós-colonial, revela as contradições e as faces obscuras do tempo imperial que foram herdadas e ainda assombram a sociedade portuguesa contemporânea.

As relações entre ficção e história segundo José Saramago

Daniel Vecchio Alves (UFRJ)

Resumo Para adentrar na relação entre ficção e história em José Saramago, é importante, antes de tudo, se familiarizar com suas entrevistas, ensaios e diários sobre o tema, visto que Saramago foi bastante indagado sobre essa relação interdisciplinar em suas obras, seja em programas comunicacionais, conferências ou palestras. Veremos que, com o estudo desse material crítico-reflexivo de Saramago sobre suas próprias obras, será possível aproximar mais diretamente o ficcionista português do posicionamento crítico de Márcia Gobbi e Teresa Cristina Cerdeira, autoras que tratam especificamente acerca da necessidade de se considerar a possibilidade de apropriação, pela literatura, das temáticas da história. Junto a essas estudiosas, refletiremos sobre uma ficção saramaguiana que desdobra criativamente as fontes históricas e não apenas uma ficção ambientada na ilusão ou na desconstrução das representações do passado. É essa perspectiva, aliás, que diferencia, em nosso entendimento, a ficção histórica da metaficção historiográfica ou mesmo do romance histórico romântico. O que aqui se propõe, portanto, é reabrir o debate sobre a relação entre ficção e história em José Saramago, que muitos deram por terminado, para melhor explorar essa “capacidade da narrativa saramaguiana de proporcionar traços historiograficamente inteligíveis à literatura, fazendo do seu espaço narrativo um campo de implicações semânticas que possibilitam a representação crítica e hipotética de temas e fontes históricas” (VECCHIO, 2017). Por fim, se Perrone-Moisés (1999) afirmou que “Se Saramago fosse historiador, pertenceria à nova história”, nesta proposta de comunicação, por outro lado, apesar das inúmeras considerações existentes de Saramago a Georges Duby, tenderá a um reposicionamento desse paralelo, reproximando Saramago do tratamento da história dado pela corrente

hermenêutico-fenomenológica da filosofia contemporânea, que tem Paul Ricoeur como um de seus mais importantes expoentes.

Da imagem-texto ao texto-imagem: a fotografia na construção memorialística de *Retratos Antigos* e *No exílio*, de Elisa Lispector

João Cláudio Martins Araujo de Barros (UERJ)

Resumo A investigação da imagem fotográfica em *No exílio* (1948) e *Retratos Antigos* (2012), narrativas memorialísticas, de Elisa Lispector, propõe um mapa teórico que não descarta as questões que inquietam e movem os escritores da literatura e da crítica literária, por exemplo: representação imagética, técnica, linguagem, visualidade; além de outras questões emergenciais dialógicas que colocam em curso um caminho teórico vasto, no diálogo entre texto literário e fotografia. Com isso, o presente trabalho visa a abordar questões diretamente ligadas à retórica, uma vez que o gênero fotográfico reconstrói diversas imagens de eloquência nos quais se estabeleceram arranjos precisos na descrição de recordações. Se em *No exílio* Elisa Lispector recorre às lembranças guardadas em suas memórias para compor uma narrativa fotográfica, é em *Retratos Antigos* que ela narra a partir das próprias imagens fotografias o enredo memorialístico. Nesse viés, a fotografia exerce força ambivalente porque se pode realizar através da descrição de caracteres afetivos e até mesmo morais e psicológicos, numa relação entre texto- imagem e imagem-texto, para produzir molduras memórias que servem à literatura. Portanto, através desse trabalho comparatistas, é possível perceber na literatura autobiográfica, de Elisa Lispector, aqui em questão, sob a ótica da relação entre texto e imagem, além de seus ruídos, a relação da autora com a fotografia na (re)construção de espaços, lembranças, modos e pessoas. No mais, o estudo se debruça na filosofia do exílio através da voz da narradora que faz curvar o sistema da imagem. Tal esforço propõe a construção do imaginário na esfera do desejo, da lembrança, do medo, da perda e do encontro e, até mesmo, da própria utopia da narradora que vive à custa da recordação para preencher o vazio.

Deslocamentos contemporâneos:

o imigrante negro em *Morte Sul Peste Oeste*, de André Timm

Allysson Augusto Silva Casais (UFF)

Resumo Estudos panorâmicos acerca da literatura brasileira sobre imigração, feitos por críticos como Leonardo Tonus (2012), Stefania Chiarelli (2016) e Maria Zilda Ferreira Cury e Sandra Regina Goulart Almeida (2018), revelam um predomínio em nossas letras de narrativas a respeito da imigração ocorrida entre o final do século XIX e início do XX. Contudo, a conjuntura migratória nacional mudou radicalmente nas últimas décadas, o Brasil passando de um país caracterizado pela chegada de imigrantes, em sua maioria, europeus a um marcado pela saída de cidadãos e pela vinda de indivíduos de outras nações do sul global. Dentre a produção contemporânea, um dos romances que trata desse novo contexto é *Morte Sul Peste Oeste* (2020). Ao narrar a experiência de um imigrante haitiano nos frigoríficos catarinenses, o livro de André Timm abre espaço para indagarmos a respeito da literatura sobre a imigração atual, buscando entender quais questões entram em jogo nessas narrativas. Nesta comunicação, pretendemos investigar como o cruzamento da xenofobia e do racismo na experiência do imigrante negro em *Morte, Sul, Peste, Oeste* traz à tona uma discussão acerca do lugar da mestiçagem na construção de uma identidade brasileira, problematizando a forma que a imigração no Brasil serviu historicamente como uma ferramenta de embraquecimento da população.

Ecos do passado, ventos de futuro:

Os vivos e os outros, de José Eduardo Agualusa.

João Gabriel Pereira Nobre de Paula (UNESP)

Resumo A memória, tomada a partir de uma espécie de essência ontológica, deixa entrever um caráter ambivalente, operando entre os campos da rememoração e do esquecimento, como destaca Paul Ricoeur, configurando-se como a presentificação de uma ausência, convergindo as potências do âmbito da recordação individual, capaz de mesclar-se e inserir-se em um contexto mais amplo, da

coletividade, segundo os estudos de Maurice Halbwachs, ou testando os limiares da veracidade pela mediação do distanciamento temporal e da ação das subjetividades para com os acontecimentos. Neste ínterim, há eventos destacados neste arcabouço memorial que, como o holocausto e, em perspectiva, as implicações da empresa colonial, que pela forma, pela força, violência com que irrompem, bem como os efeitos decorrentes, estabelecem-se como traumáticos no corpo social, a desembocar em posturas de completa aversão rememorativa ou, em sentido oposto, à necessidade de revisitar o evento como alternativa “terapêutica” e de enfrentamento. Exposto este quadro teórico, tomamos como objeto de nossas considerações o romance *Os vivos e os outros*, obra do autor angolano José Eduardo Agualusa, publicado no ano de 2020, que traz como enredo um colóquio literário de escritores africanos na ilha de Moçambique, que se veem isolados do mundo por uma forte tempestade no continente e que são acometidos por inesperados encontros. Nosso objetivo desenvolve-se, então, como investigação das relações das personagens com a memória e, em menor chave, com a possibilidade de uma pós memória (termo abordado em obras de pesquisadores como Marianne Hirsch e Beatriz Sarlo), a fim de destacar os desdobramentos espectrais da rememoração de obras dos escritores-personagens da narrativa, bem como a necessidade de superação deste quadro para que se possa arquitetar um “novo mundo”.

**Entre rastros e ecos: a transmissão da memória
e as comunidades mnemônicas em *Água funda*,
de Ruth Guimarães, e *No exílio*, de Elisa Lispector**

Nicolas Ferreira Neves Jacintho (UFSCar)

Resumo O ato de narrar pressupõe um exercício de retomada e rememoração já que, consoante Paul Ricoeur (1984), a relação estabelecida entre tempo e narrativa é da ordem da fenomenologia. A articulação entre tempo e narrativa põe em relevo os contatos possíveis entre memória e literatura, de modo que, muitas das vezes, esta pode ser tomada como arquivo daquela: encarados a partir de tal aproximação, os elementos do binômio literatura-memória são investidos de um caráter marcadamente político visto que a preservação da

memória por meio da literatura parte de uma (re)significação social da atividade mnemônica. Sobre isto, Michael Pickering e Emily Keightley (2012) propõem que exista uma transmissão vertical da memória que, como uma herança, passa de geração a geração formando aquilo que os autores chamam de ‘comunidade mnemônica’. Esta comunicação tem por objetivo demonstrar como os romances *Água funda* (1946), de Ruth Guimarães, e *No exílio* (1948), de Elisa Lispector, articulam narrativamente a memória com vistas à preservação e transmissão do passado como postura política: no caso do romance de 1946, o ato de preservar a memória se dá pelo resgate da tradição, da oralidade, dos valores e do sistema de pensamento do assim chamado caipira; já no romance de Lispector, a transmissão da memória impõe-se quase como um dever com vistas a preservar o passado de uma família de judeus que parte em exílio saindo da Ucrânia para chegar ao Brasil. Costumes, geografias e idiomas convertem-se em objetos de memória em ambas as obras, que serão analisadas à luz de Paul Ricoeur (1984), Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pickering e Emily Keightley (2012).

Ficção, história e política brasileira na narrativa poética de Cyro dos Anjos no romance *Montanha*

Ricardo Santos Porto (UFMS)

Resumo A presente comunicação tem como objetivo propor uma análise do romance *Montanha*, escrito pelo romancista e intelectual mineiro Cyro dos Anjos em 1956. Para a consecução de tal trabalho de pesquisa, foram utilizados alguns conceitos da literatura comparada, do romance histórico e do *Roman à Clef*. Cyro dos Anjos neste romance, que se consolida como um dos primeiros do gênero político no país, tenta extrair a essência dos fatos em um momento bastante conturbado e turbulento da sociedade brasileira. Para tanto, ele intenta reunir elementos típicos do jogo político nacional, como alianças, conchavos, traições, corrupção para a construção de uma trama deveras complexa e fragmentada. É possível observar na construção do romance, uma tentativa de criar um enredo que pudesse representar uma inovação na literatura brasileira e distanciar-se também faz temáticas memorialistas e diarísticas dos romances anteriores

publicados pelo autor. Montanha se constitui em um romance político que foi profundamente influenciado por elementos da linguagem cinematográfica, e pelos romances americanos produzidos nas primeiras décadas do século XX, que em alguns casos possuíam mais de uma narrativa que podiam ou não ter relação uma com as outras. Para executar essa análise trabalhamos com o quadro teórico de Antonio Candido com o livro *Brigada Ligeira*, Alfredo Bosi com *História Concisa da Literatura Brasileira*, Vera Márcia Milanesi em *Cyro dos Anjos: Memória e História*, Wander Melo Miranda em *Cyro & Drummond*, além de obras de John dos Passos e William Faulkner.

Figurações do mar em Sophia, Bethânia e Cesária: uma reflexão sobre composições atlânticas

Everson Nicolau de Almeida (UFV)

Resumo O mar, pensado como elemento formador do imaginário humano europeu, desde as narrativas clássicas gregas, tem sido retratado como um lugar de adversidades e de conquistas. Na Idade Média, as narrativas que representavam as águas salgadas como morada criaturas monstruosas e terríveis ganharam ainda mais espaço nas culturas do chamado “Velho Mundo”. Com a expansão das viagens ultramarinas, o mar passou a ser considerado fonte de riquezas e de progresso por parte daqueles que navegaram pelo Atlântico e colonizaram as terras de América e de África. A significação mitológica e identitária em torno do mar adquire, em três países distintos, representações análogas aos movimentos das ondas em estado de calma. Não obstante, a profusão de memórias é inevitável, assim como o choque causado pelo turbulento encontro das águas com os rochedos. Levando em conta tais considerações, a presente proposta de comunicação tem por objetivo refletir sobre as imagens e imaginários do mar em obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Bethânia e Cesária Évora. Enquanto elemento comum nas composições analisadas, o mar adquire sentidos distintos quando abordado tematicamente nas obras das autoras. O Atlântico, caminho desbravado pelos portugueses no processo de invasão do Brasil e de Cabo Verde, é a via pela qual a palavra navega carregada de sentidos e sentimentos que colidem, se complementam e estabelecem diálogos oriundos

dos conflitos travados pela colonização. Os sentimentos e as questões existenciais que são apresentadas por meio das composições analisadas resultam de memórias marcadas pelas políticas coloniais e de suas reverberações em diversos campos da vida social, política econômica, cultural e espiritual. Sendo assim, abordar a temática do mar em composições poéticas é, sobretudo, olhar para as identidades de sujeitos que tiveram suas existências perpassadas pelas diversas representações simbólicas das águas do Atlântico.

História e memória

em *Paisagem com mulher e mar ao fundo* de Teolinda Gersão

Solange do Carmo Vidal Rodrigues (FURG)

Resumo O foco desta pesquisa é examinar o segundo romance da autora portuguesa Teolinda Gersão, *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982). Esta obra assemelha-se, de certa forma, a *O Silêncio* (1981), primeiro romance da autora, uma vez que se refere ao período correspondente ao regime ditatorial de salazarista. Mas há, em *Paisagem* um elemento surpreendente. Gersão, ao se referir a O. S. faz uma alusão à realidade (António Oliveira Salazar). A imaginação criativa da autora, ao compor sua narrativa, logo após o final de um período histórico em que o poder constituído se mostrou tão arbitrário, representa um avanço para a literatura portuguesa: “Poderiam gritar um dia e ir embora, depois de partir as vassouras contra a porta [...], mas porque agora era ainda um povo sem boca, reflexo apenas, porque eles tinham roubado sua voz. Eu reflecto o povo, disse O. S. pela voz de todos eles”. (GERSÃO, 1996, p. 128). O estudo relativo ao romance se voltará ao diálogo entre história, memória e literatura, principalmente após a Revolução dos Cravos. Margarida Calafate Ribeiro, ao prefaciá-lo, *Do colonialismo nosso como impensado* (2014), se reporta às numerosas margens da reflexão de Eduardo Lourenço, em particular depois da eclosão da liberdade pós 25 de Abril. Partes importantes deste labor, revistas, atualizadas ou refundidas, vieram à luz. Nesse sentido, o aporte teórico elencado ao examinar o texto de Teolinda Gersão, abarca autores como Eduardo Lourenço, Silviano Santiago, Boaventura de Sousa Santos (2010), entre outros.

**Império-minuto: (im)pactos da memória
em *A noite das mulheres cantoras*, de Lília Jorge**

Ariane de Andrade da Silva (UERJ)

Resumo Este trabalho volta-se à obra *A noite das mulheres cantoras* (2011), da escritora portuguesa Lília Jorge. No romance, dialogam escrita literária e musicalidade, numa noite feminina, potencializada pelo canto das mulheres. Ao longo dos capítulos, acompanha-se a história de um grupo de cinco mulheres cantoras, quatro mulheres portuguesas retornadas de África e uma cantora africana, em suas buscas pelo estrelato. Na história das mulheres cantoras o que sobretudo avulta é certo fascínio social pela cultura do espetáculo, assim como as armadilhas e os horrores ocorridos nesse cenário. Nesse ínterim, destaca-se uma narradora fraturada e assombrada por traumas de seu próprio passado. Na condição de retornada, a narradora-personagem Solange de Matos recorda-se a todo o tempo de momentos de tensão vividos por ela e sua família durante a fuga de Moçambique. A memória do trauma choca e paralisa a narradora, fazendo-a recorrer ao esquecimento como estratégia de sobrevivência e, muitas vezes, de manutenção do status quo demandado pela sociedade do espetáculo onde circula. Num romance fundado sob o bastião da memória e, ao mesmo tempo, enredado nessa sociedade do espetáculo, rememorar é um procedimento de redefinição de sentidos. Nesse exercício de recordação, a possibilidade de retorno a, e de revelação de, um passado que ameaça gera um pacto de silêncio entre as mulheres cantoras. Para Maria Graciete Besse (2013, p.126), o olhar de Lília Jorge “resgata do silêncio os contornos porosos da estranheza e da diferença”, com isso à vista, interessa-nos desnudar e refletir sobre pactos de silêncio presentes na narrativa, assim como sobre seus impactos no desenvolvimento das personagens. Finalmente, nos é caro avaliar ainda de que formas a estrutura da narrativa atua como metáfora da fragmentação da memória de quem narra e, porque não, do próprio passado.

Memória, luto e melancolia no romance de João Tordo

José Luís Giovanoni Fornos (FURG)

Resumo A presente comunicação pretende a apresentação e a análise do romance *O deslumbre de Cecília Fluss* (2017), do escritor português João Tordo, considerando as categorias da memória, do luto e da melancolia. Para tal exame, recorre-se aos estudos de Paul Ricoeur, em especial, na passagem do livro *A história, a memória, o esquecimento* (2007), em que o autor discorre sobre os usos e os abusos da memória. Em tal capítulo, o filósofo francês aborda dois ensaios de Freud a fim de orientar tal discussão. O primeiro indicado é *Rememoração, repetição, perlaboração*. O outro ensaio é *Luto e melancolia*. Segundo Ricoeur, o ponto de partida de Freud é identificar o obstáculo principal no qual o trabalho de interpretação esbarra no caminho da recordação das lembranças traumáticas. Tal obstáculo, atribuído às resistências do recalque, é designado pelo termo “compulsão da repetição”. Tendo em vista tal aspecto, recorre-se ao exame das personagens, considerando o ambiente afetivo e familiar, assinalado por patologias. O romance *O deslumbre de Cecília Fluss* pertence a uma trilogia de narrativas que recebe a denominação de livros “dos lugares sem nome” onde as personagens não se atrelam à história, à política e à geografia de um determinado país, transmitindo a ideia de uma estrutura de repetição e circularidade.

Motivos para rir: abordagens sobre a comicidade na literatura angolana

Renato dos Santos Pinto (UFF)

Resumo O riso está entre as características que tornam a raça humana peculiar entre todas as espécies. Os motivos que provocam o riso são ambíguos, podendo ser causados de forma espontânea ou deliberadamente. Quando há intencionalidade, pode estar associado ao reforço de estereótipos ou à desestabilização de forças detentoras de poder. Portanto, tem a capacidade de agir como propulsão ou resistência à determinada dominação cultural, política e/ou social. Nesta comunicação, pretendemos abordar a comicidade em narrativas

dos autores angolanos Luandino Vieira, Manuel Rui e Ondjaki, buscando uma justificativa para essa opção estética. Ao final da ficção *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, o narrador realça a necessidade das festas e comemorações, espaços normalmente susceptíveis ao riso, como ato de resistência cultural contra o opressor colonial. Em *João Vêncio: os seus amores*, do mesmo autor, o riso burlesco aparece entre cenas de extrema violência nas recordações de infância de seu narrador; *Quem me dera ser onda* e *Crônica de um mujimbo*, de Manuel Rui realçam a inadaptabilidade de se seguir um modelo pronto, vindo de fora, na gestão do Estado angolano, entrando em choque com costumes locais; os romances *Quantas madrugadas tem a noite* e *Os transparentes*, de Ondjaki, revelam o caminho para um cenário distópico algumas décadas após a independência angolana e estabelecem uma conexão entre a comichade de algumas cenas e a capacidade da população de rir em situações de grande precariedade. Para dar sustentação teórica à nossa análise, utilizaremos textos de Bakhtin, Bergson, Márcio Seligmann-Silva, entre outros.

O tom naturalista em Ana Paula Maia

Andre Luiz Godinho Aguiar (UFV)

Resumo Ana Paula Maia é uma escritora carioca nascida em 1977. Publicou sete livros, dos quais os cinco mais recentes compõem o que ela nomeia “Saga dos homens brutos”. Na apresentação da primeira novela desta série, “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” (2009), Maia afirma que pretendeu escrever as obras com um “tom naturalista”. É possível pensar, a partir desta afirmação, que ela buscou ativamente que a relação entre cenário e personagem fosse percebida, um como o reflexo do outro, e que a narração tivesse o mínimo possível de metáforas e adjetivações, assemelhando-o a um documento objetivo. O naturalismo, segundo o teórico Alfredo Bosi, apresentava personagens e enredos submetidos ao destino cego do que eram chamadas as “leis naturais”, supostamente codificadas pela ciência do fim do século XIX: deslocava-se o eixo da literatura para o homem comum, desfigurado pelas heranças biológicas, pela vida familiar, pela própria profissão. Decorrentes do determinismo e do

positivismo, as narrativas tinham o objetivo de retratar de forma documental sua época, assemelhando a literatura à fotografia e sua ideia de “revelação literal”. A presente comunicação pretende abordar a problemática da escola naturalista no Brasil, que ajudou a formar na virada do século XX estereótipos do espaço brasileiro, como o favelado, o malandro, o operário e o sambista. Desta forma, mostra-se como as histórias de Ana Paula Maia, seus cenários suburbanos e seus personagens que sobrevivem com muito pouco podem ser entendidos como um acúmulo de saberes e composições imagéticas do imaginário coletivo do país que representam uma continuidade ou uma apropriação dessa estética em relação à marginalização.

Os olhos do cão: infância, cidade e memória em *Nós matamos o cão tinoso* e *Dragão e Eu*

Diana Gonzaga Pereira (UFF)

Resumo Ao observar que a cidade fundada pelo colonizador não mantém um perfil exclusivo, já que varia conforme os interesses da metrópole e se transforma, também, de acordo com o crescimento da consciência do colonizado, Tania Macêdo (2008) aponta-nos um caminho que pode se desdobrar em muitos outros. Neste sentido, este estudo se debruça sobre duas cidades do colonizador – uma em Moçambique e outra, em Cabo Verde – e que se tornam cenário de narrativas que apontam para questões como memória, identidade e infância, a saber: *Nós matamos o cão tinoso*, de Luís Bernardo Honwana, e *Dragão e eu*, de Teixeira de Souza. Nesses espaços, que abrigam problemas universais de desigualdade, miséria e guerras, nesse lugar mal afamado, como já definiu Fanon, a infância se constrói de modo peculiar, mas sempre denuncia ora a violenta e inquestionável submissão das crianças, ora realçam o valor da autonomia e do amadurecimento, sobretudo diante do sofrimento. Como elemento comum a esses dois contos propostos por esta análise está a figura do cão. É a partir dele, do papel que desempenham em uma e outra narrativa, que buscaremos apontar os contrastes, os contatos e os contornos que permeiam esses textos e elucidar a necessidade de revisitar a infância do colonizado, a fim de projetar, através das memórias, novas formas de vivência, a partir desse passado-presente.

Os usos políticos do cágado como elemento reivindicador da memória e da História em Angola

Adriano Guedes Carneiro (UFF)

Resumo Esta comunicação tem por objetivo provocar a possibilidade de uma chave de leitura para uma parte da obra do escritor angolano Pepetela a partir da evocação do cágado, como elemento da tradição bantu, o portador da sabedoria, mas também como animais da ordem dos quelônios tal qual a tartaruga, comparada por Walter Benjamin ao flâneur, (especificamente em *Passagens* e nos textos presentes em Baudelaire e a modernidade). Essa identificação e aproximação do cágado bantu com o flâneur benjaminiano possibilita a aplicação do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre “o devir-animal”, presente no livro *Kafka: por uma literatura menor* e em *Mil Platôs*, como alternativa ao complexo de Édipo freudiano presente na relação entre Angola/Portugal; bem como a utilização da ideia de Aion, entendido quase como sinônimo de eternidade, em *Lógica do Sentido*, como oposição ao tempo cronológico e sucessivo (chronos), em que o antes se ordena ao depois sob a condição de um presente englobante no qual, como se diz, tudo acontece, como nos indica a leitura interpretativa de François Zourabichvili. Para tanto, a priori, utilizar-se-á as obras de Pepetela: *O desejo de kianda* (1995), *A parábola do cágado velho* (1996) e *A gloriosa família – o tempo dos flamengos* (1997). Numa obra recheada de camadas interpretativas, tomaremos aquela que clama pela ideia da existência de uma Angola anterior à colonização portuguesa e posterior às ruínas do projeto ditatorial do partido que governa o país há quase cinquenta anos.

Redenção e dissolução do passado em *Até que as pedras se tornem mais leves do que a água*, de Lobo Antunes

Gong Li Cheng (UFMS)

Resumo “Até que as pedras se tornem mais leves que a água” (2017) retoma e amplifica temas recorrentes da extensa obra de Lobo Antunes. Em primeiro lugar, o trauma deixado pela guerra colonial em Angola, que o autor conhece por ter sido enviado, como jovem médico,

entre 1971 e 1973. Em seguida, as relações familiares frustradas, a demanda de um amor jamais realizado, a decadência de Portugal, o racismo, o sofrimento das coisas e dos seres – pedras, plantas, animais e humanos. Eis a trama: um alferes casado, que serviu em Angola, ao regressar da guerra, traz consigo uma criança órfã, que adota e trata como filho. Após quarenta anos, o órfão e o combatente visitam a aldeia da família para assistir à matança anual de um porco. Desde as primeiras páginas sabemos que o órfão irá matar o pai no momento em que o animal for esfaqueado. Lobo Antunes nunca é fácil de ser lido, porém este último romance é particularmente desafiador. Isso se deve ao puro horror de memórias que se misturam com a tristeza cotidiana, mas também à dificuldade em distinguir as vozes de personagens sem nome e a primazia dada pelo escritor à linguagem. A história evolui em espiral, sendo cada progressão na narrativa feita muito lentamente e acompanhada de um regresso atrás. Assim, a história avança ao mesmo tempo que recua, pois é ancorada numa memória porosa, que mistura o passado com o presente. No fundo, como afirma Jeanne Marie Gagnebin (2014), a narração busca redimir o passado, no sentido da “Erlösung”, resolução e dissolução ao mesmo tempo, “para que se possa viver efetivamente o presente”. Nossa comunicação explorará justamente como o romance busca dissolver as pesadas pedras do passado.

Solidão e memória em *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*

Francisca Kellyane Cunha Pereira (UFC)

Resumo Esta pesquisa realiza um estudo sobre a obra *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), de Mia Couto, tendo como enfoque a solidão e o isolamento como meio de esquecimento. No romance escolhido, observa-se a morte social de um personagem, com o intuito de esquecer seu passado e arrependimentos, no período pós-independência de Moçambique. Porém, o processo de exílio em seu lar e dentro dele mesmo faz um duplo caminho de esquecer e de reviver o passado. A solidão e o esquecimento caminham lado a lado nessa obra, pois “apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade” (ROSSI, 2010, p. 32). Podemos observar o entrelaçamento das

histórias particulares e dos eventos históricos de seu país, no ponto de encontro da memória coletiva e individual. Bartolomeu Sozinho (VDRD) se isola em seu lar, abandonando uma África de domínio português, mergulhada agora em guerras civis e conflitos identitários. É nesse espaço de desconstrução que o protagonista reescreve suas narrativas particulares e públicas. Dessa forma, para a confecção deste estudo, utilizaremos teorias relativas à memória de Paul Ricoeur (1996), Paolo Rossi (2010) e Michael Pollak (1992). Acerca do Pós-colonialismo, serão consultados textos de Stuart Hall (2006), Homi Bhabha (2013) e Albert Memmi (1967). O arcabouço teórico referente à produção literária de Mia Couto será baseado nos escritos de Rita Chaves (2005), Fernanda Cavacas (2015) e Ana Mafalda Leite (2010).

Tomar banho no mar

André Sebastião D. Corrêa de Sá (University of California)

Resumo Num passo sibilino, e repetidamente aludido, o escritor Vergílio Ferreira refez um passo célebre de Bernardo Soares para conjurar sob uma metáfora o complexo de emoções a que os falantes da língua portuguesa, por via dos seus ilustre precedentes, teriam aceso prioritário. “Uma língua”, diz ele, “é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação”. Este tipo de idealismo –nomeadamente na versão desenvolvida por Oliveira Martins na sua História de Portugal (1879) –, de modo mais explícito ou fantasmático, é reconhecível na generalidade dos esquemas interpretativos da experiência cultural portuguesa. Esta comunicação consiste numa tentativa de refutar a viabilidade de afirmações deste teor. Para isso, apresentarei o exemplo de dois escritores que, numa época em que o proselitismo nacionalista estava ao rubro, instruíram os portugueses a manter com o mar uma relação emancipada de conotações oceânicas e retóricas imperiais. Mais especificamente, argumentarei que o livro de viagens *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante* (1876), de Ramalho Ortigão, e o livro de poesia *Só*, de António Nobre (1ª ed. 1892) fazem um uso específico do “mar português” que nos

encorajava, muito antes das proposições pós-coloniais, a olhar para a cultura portuguesa sem termos de a filtrar pelas paisagens patológicas do labirinto da saudade.

**Um mapa nos cabelos de Mila:
uma análise de *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida**

Isabela Lapa Silva (UFPE)

Resumo Na obra *Esse cabelo*, da autora luso-angolana Djaimilia Pereira de Almeida, a narradora Mila organiza a biografia de seus cabelos, revisitando memórias da infância e histórias de seus familiares. Ao longo da narrativa, percebe-se uma história mais ampla que fala de uma geopolítica entre dois continentes, Europa e África. Partindo disso, o trabalho busca discutir a percepção da narradora sobre o espaço geográfico da Lisboa que viveu, a partir de uma paisagem urbana que é atravessada pelo passado colonial português. Nessa discussão, o objetivo é evidenciar o ponto de vista da narradora sobre essa cidade em que lhe coube viver e crescer, bem como as assimetrias sociais que se refletem nos espaços e nos modos de vivê-lo. Por se tratar de uma história dos cabelos de Mila, as rotas dos salões que ela percorre são importantes para se pensar a perpetuação da mentalidade colonial sob diferentes vestes, assim como do racismo e do machismo, a partir de um padrão de beleza e de feminilidade difundido à época. Para tanto, serão utilizados como fundamentação teórica os autores Stuart Hall (2013), José Ramos Tinhorão (2019), Luís Alberto Brandão (2013) e Grada Kilomba (2019). Com base nas discussões propostas por esses teóricos, será apontado o papel dessa relação da narradora com a cidade para a percepção e construção de si. Na tentativa de reivindicar esse direito de narrar a biografia dos seus cabelos, Mila recria um mapa dos lugares em que viveu, dos espaços de beleza que visitou, combinando passado e o presente da escrita. Mas, a este mapa geográfico, sobrepõe-se um mapa de si mesma, como parte de um processo da narradora de acessar as raízes, a sua origem angolana, e entrar em contato com uma parte de si mutilada pelo meio em que cresceu.

Uma confraria de corpos insepultos e lutos impedidos

Táscia Oliveira Souza (UFJF)

Resumo O texto teatral “As confrarias”, de autoria do dramaturgo Jorge Andrade e que abre sua coletânea de peças intitulada “Marta, a árvore e o relógio”, retrata o drama de uma mãe em busca, pelas confrarias de Vila Rica, de um solo sagrado onde enterrar o filho morto. Através dela, o escritor paulista busca pôr em cena a perseguição política e o luto impedido e incompleto das famílias privadas de sepultar os corpos de seus entes queridos. Recorrendo ao “lá e então” brechtiano – recurso vastamente usado pelo teatrólogo alemão Bertolt Brecht – ao contextualizar o enredo de sua peça em meio à Inconfidência Mineira, no fim do século XVIII, o dramaturgo brasileiro denuncia o “aqui e agora” do momento de sua escrita, isto é, o período entre 1968 e 1969, quando o texto foi concebido, logo após o AI-5 e o endurecimento da ditadura civil-militar no país, com suas torturas, assassinatos e ocultações de cadáver. Da mesma forma, neste trabalho, nossa intenção é, a partir do “lá e então” andradiano e do papel da memória em sua obra, refletir sobre o “aqui e agora” do atual momento político brasileiro, mais uma vez mergulhado em perseguição política, famílias privadas de dar sepultura digna a seus mortos e lutos que não se conseguem concluir.

Simpósio 86

Versões da lusofonia

Andreia Guerini (UFSC)

Odile Cisneros (University of Alberta)

Orlando Grossegeisse (Universidade do Minho)

Resumo Embora falada por mais de 250 milhões de pessoas de 09 países em 04 continentes (<https://www.cplp.org/>), a língua portuguesa ocupa um lugar “periférico” no sistema-múndi globalizado. Em termos literários, a produção desses países lusófonos é muito rica e variada, mas pouco conhecida no âmbito da literatura universal. Não por acaso, em *Gênio. Os 100 autores mais criativos da história da literatura* (2003), Harold Bloom elege como representantes da língua portuguesa Camões, Eça de Queirós e Machado de Assis, escritores consagrados, mas todos anteriores ao século 20. E em *O Cânone Ocidental: Os livros e a escola do tempo* (2001), publicação anterior ao *Gênio*, temos Fernando Pessoa, junto com Borges e Neruda. Bloom cita e destaca a obra de três autores portugueses, um brasileiro e nenhum africano ou asiático. Curiosamente, Pessoa, considerado o maior poeta português do século 20, teve uma recepção muito tardia no universo de língua inglesa. No entanto, em 1975, a publicação de *New Portuguese Letters* (tradução de Helen Lane para o inglês de *Novas Cartas Portuguesas*, uma obra coletiva e heterogênea de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, também conhecidas como “as três Marias”, e publicada originalmente em 1972), teve um impacto importante em correntes feministas internacionais. Mais recentemente, autores como o português José Saramago e o moçambicano Mia Couto ficaram conhecidos pelo mundo fora, o primeiro recebendo o Prêmio Nobel em 1998 e o segundo o Prêmio Neustadt em 2014. Essa fortuna literária desigual do mundo de língua portuguesa leva a questionamentos importantes: qual é o lugar das literaturas de língua portuguesa no mapa da literatura mundial? Como ela se posiciona perante a outras literaturas dominantes? Se, como argumenta o crítico literário americano David Damrosch (2003), “literatura mundial” é a forma em que as obras literárias circulam fora de seu contexto nacional, as literaturas de língua portuguesa podem apresentar um estudo de caso bastante rico e diversificado além de paradoxal por ter tido, apesar de sua riqueza, pouca disseminação

em outros contextos. Por isso, este simpósio tem por objetivo, em um primeiro momento, dar continuidade ao seminário “Versões do Brasil 1 e 2”, que aconteceu no âmbito da Associação de Literatura Americana Comparada (ACLA), de 09 a 11 de abril de 2021, que se propôs a discutir como a literatura brasileira circula no exterior, mais especificamente nos sistemas literários de língua inglesa, espanhola, francesa e italiana. O seminário da ACLA abordou variados assuntos, das recentes traduções e retraduições de Clarice Lispector, Machado de Assis, Jorge Amado e autores do Nordeste brasileiro, até questões de internacionalização, pedagogia, teoria e performance em ficção e poesia contemporâneas. Em um segundo momento, este seminário quer ampliar a discussão incorporando um âmbito maior da lusofonia a fim de verificar como as literaturas de língua portuguesa (e não apenas a brasileira) têm sido recebidas em outros sistemas culturais. Apesar de uma longa história e conquistas inquestionáveis, em geral, as obras literárias de língua portuguesa, aparentemente, não se destacam no cenário literário mundial ou ficam circunscritas a determinadas épocas (o caso de *Os Lusíadas*, de Camões) ou a determinados grupos, como o da academia (o caso das obras de Machado de Assis), ou ao mercado editorial (o caso das obras de Paulo Coelho). Grande parte da circulação de obras só é possível através da tradução, e as traduções atuam como uma força e podem interferir em seu funcionamento, como já destacado por Itamar Even-Zohar (2000) em sua *Teoria do Polissistema Literário*. Entre as perguntas mais importantes que surgem está a questão do impacto da tradução na fortuna literária das que, no contexto nacional, ou da língua, são consideradas obras-primas. Por que e como as obras literárias escritas em português atingem públicos e reconhecimento para além do contexto da lusofonia? Há escritas que assumem o lugar de “born translated” (WALKOWITZ 2015)? Este seminário quer examinar textos-chave da lusofonia e sua tradução em vários idiomas (alemão, inglês, espanhol, francês, italiano, russo, chinês e outros), para avaliar a sorte de tais “versões” no cenário literário mundial. Quais autores tiveram sucesso fora do seu contexto nacional e linguístico e quais não? Foi a tradução responsável pelo sucesso ou falta dele? Qual seria o mapa, ou mapas (Lambert, 1990) das literaturas de língua portuguesa no mundo não-lusófono? É possível esboçar uma história das traduções (Lambert, 2020) de literaturas de língua portuguesa? Como as micro-histórias (ADAMO, 2006 e GINZBURG, 1993) podem ajudar

a compreender a macro-história da recepção de autores de obras de língua portuguesa?

A literatura brasileira contemporânea em língua inglesa: cartografias

Cimara Valim de Melo (IFRS)

Resumo Este trabalho busca analisar o *modus operandi* da literatura brasileira no século XXI, em suas relações com a chamada ‘global literature’. Toma, para isso, o sistema literário brasileiro atual, a partir do papel nele exercido pelo tradutor e pelo agente literário, centrando-se na circulação da literatura brasileira no mundo anglófono. Nesse sentido, são também observadas conexões entre autores, obras e prêmios literários na última década, a fim de que sejam compreendidas algumas variáveis que influenciam positivamente no processo de internacionalização da literatura brasileira. O mapeamento realizado parte das seguintes questões: Quais são os autores brasileiros mais traduzidos para a língua inglesa no século XXI? É possível perceber conexões entre prêmios literários e tradução da literatura brasileira para a língua inglesa? Quais as maiores lacunas observadas no processo de internacionalização desse sistema literário no século XXI? Tais questões instigam o presente estudo e oferecem caminhos à recepção da literatura brasileira na contemporaneidade em termos globais. Observa-se, por exemplo, um sistema orgânico, marcado por desigualdades e desafios, no qual repercutem as consequências de instabilidades econômicas, políticas e socioculturais vividas pelo país nos últimos anos. Assim, torna-se imperativo olhar para a literatura brasileira atual sob um olhar decolonizador, que leve em consideração incongruências históricas pelas quais os processos culturais não passam ilesos.

Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução italiana

Giorgio Buonsante (UFSC)

Resumo O presente artigo analisa a tradução italiana de *O que é lugar de fala* (2017), de Djamila Ribeiro, realizada por Monica Pães. Em

um primeiro momento, de acordo com as teorias feministas, queer, pós-coloniais e afrodiáspóricas da tradução, apresentamos a autora e a obra, destacando conceitos-chave para, na sequência, examinar aspectos da tradução italiana e, em especial modo, algumas escolhas lexicais relacionadas ao conceito de “lugar de fala”. Focamos nossa atenção para com aquelas escolhas tradutórias que, por se distanciarem do sentido previsto no prototexto, nos concedem raciocinar opções outras. Além disso, exploramos também vários elementos e aspectos relacionados a um processo tradutório que tendencialmente desconsidera a eufonia. Apesar disso, afirmamos também a necessidade e a importância do papel da tradução para fazer circular em outros contextos culturais obras que discutem questões de gênero, de raça, orientação sexual, ou simplesmente dxs oprimidxs, provenientes de países ditos “periféricos”, intermediando e quebrando o silêncio, via a tradução. A tradução é assim capaz de auxiliar as vozes de muitxs autorxs e inúmeras obras publicadas fora do eixo dominante e hegemônico que, assim, podem alcançar um público mais amplo e, talvez, sensibilizá-lo em relação a esses assuntos conseguindo assim, como afirma Djamilia Ribeiro, despertar a consciência branca e mudar a ordem social.

João Ubaldo Ribeiro na Itália: traduções, paratextos e agentes da tradução

Elena Manzato (UFSC)

Resumo João Ubaldo Ribeiro (1941 – 2014) foi um escritor e jornalista brasileiro. Escreveu mais de 25 obras entre romances, contos, crônicas e literatura infanto-juvenil. Recebeu o prêmio Camões em 2008 e foi membro da Academia Brasileira de Letras mas – como o seu amigo Jorge Amado, que prefaciou o romance Sargento Getúlio – não gostava muito das formalidades daquele ambiente. Mestre no uso literário da ironia, seus textos mais reconhecidos são *Sargento Getúlio* (1971), *Viva o povo brasileiro* (1984) – pelos quais ganhou o prêmio Jabuti – e *O sorriso do lagarto* (1989). Também destacamos *A casa dos budas ditosos* (1999), já que foi best-seller e causou escândalo em Portugal devido a seu conteúdo licencioso. O objetivo desta comunicação é contextualizar e apresentar as obras traduzidas na Itália,

juntamente com os paratextos e o(a)s agentes da tradução: desde já antecipamos que apenas três obras do autor foram traduzidas: *Viva o povo brasileiro*, *Sargento Getúlio* e *A casa dos budas ditosos*. As três tiveram duas edições, mas apenas *Viva o povo brasileiro* manteve apenas uma tradução, de Claudio M. Valentinetti, que também traduziu *Cacau e Suor* de Jorge Amado. Como no caso de Cinzia Buffa, tradutora de *A casa dos budas ditosos*, é interessante notar que Valentinetti não se ocupava apenas de literaturas em língua portuguesa, ele foi também – e principalmente – tradutor de Gabriel García Marquez. O primeiro tradutor de *Sargento Getúlio*, Stefano Moretti, foi poeta e romancista, e a outra tradutora Romana Petri foi editora da Cavallo di Ferro, que publicou duas obras do autor em análise. Finalmente, Cinzia Buffa traduziu, além de *A casa dos budas ditosos*, mais 11 textos de autoria brasileira e outros de autorias de língua espanhola.

Para além da alta cultura: análise de três traduções de obras de Machado de Assis publicadas no âmbito da imprensa, na Argentina, em 1905, 1922 e 1934

Débora Garcia Restom (UERJ)

Resumo Este trabalho propõe-se analisar três traduções, não assinadas, de obras de Machado de Assis publicadas na Argentina, nas primeiras décadas do século XX: o romance *Esau y Jacob*, em 1905, na Biblioteca La Nación, coleção editada pelo jornal *La Nación*, a qual apostou na massificação do consumo do livro e na ampliação do público leitor no país (WILLSON, 2004); o conto “El enfermero”, em 1922, na *Caras y Caretas*, revista de grande circulação, que alcançava diversas camadas sociais; e o conto “El incrédulo frente a la cartomante”, em 1934, na *Revista Multicolor de los Sábados*, suplemento literário do jornal *Crítica* que, segundo Saítta (1999), unia a alta cultura e a cultura popular, ao incorporar no seu quadro importantes escritores e, ao mesmo tempo, dirigir-se a um público massivo com temáticas como o crime, o ocultismo, a adivinhação. A fim de indagar como essas traduções foram recebidas no sistema cultural argentino, serão analisados quatro aspectos: a intermedialidade (a correlação entre as ilustrações e os textos traduzidos); os agentes envolvidos (editores, jornalistas, ilustradores) que, segundo Lefevere (2007),

são verdadeiros reescritores da obra; a tendência de cada tradução para o polo da adequação ao texto-fonte ou para o polo da aceitabilidade na cultura receptora (TOURY, 2012); e, finalmente, a análise da variação linguística, já que, na tradução “El enfermero”, se faz largo uso de vocábulos e expressões do lunfardo, gíria que adquire notória relevância especialmente na década de 1920 a 1930, na Argentina.

Paz-Pessoa: Diálogos

Odile Cisneros (Universidade de Alberta)

Resumo O objeto dessa comunicação é explorar o papel do poeta mexicano Octavio Paz na disseminação da obra do poeta português Fernando Pessoa. Embora Pessoa começou a ser traduzido e disseminado no âmbito de língua espanhola, particularmente na Espanha, na década de 1940, a obra dele foi relativamente pouco conhecida na América Latina até uns vinte anos depois. Apesar de não ter sido o primeiro em traduzir Pessoa na América Latina, Octavio Paz foi quem teve talvez a maior influência na recepção da obra de Pessoa como um poeta que fazia parte da “tradição da ruptura” que Paz teorizou em seu ensaio *Los hijos del limo*. A presente comunicação avaliará o papel de Octavio Paz tanto como crítico quanto como tradutor da obra de Pessoa a partir da célebre *Antología* de Fernando Pessoa, publicada por Paz em 1962. Analisarei o ensaio de interpretação “El desconocido de sí mismo” assim como as traduções de Paz. A leitura estabelecerá relações entre a apresentação e tradução de Pessoa e teorias de Paz sobre poética em *El arco y la lira* e *Los hijos del limo*, e sobre tradução no ensaio *Traducción: Literatura y literalidad*. Através da análise dos poemas, tentaremos também esclarecer o diálogo poético e tradutório que Paz estabelece com Pessoa – até que ponto as traduções permitem, como teorizava Paz, colocar novamente “os signos em rotação” e até que ponto se apropriam deles em prol da voz do poeta-tradutor?

Sem Guimarães Rosa: uma narrativa alternativa para a literatura brasileira em países de língua alemã (1967-1984)

Orlando Grossegese (Universidade do Minho)

Resumo Quando Curt Meyer-Clason (CMC) edita a sua grande antologia *Die Reiher und andere brasilianische Erzählungen* (Tübingen / Basel: Erdmann 1967, 399 pp.), João Guimarães Rosa (JGR) ainda está vivo. Para além de *Grande Sertão-Veredas* (1964), só *Corps de ballet* (1966) existe em tradução alemã, pela mão de CMC. O anexo desta grande antologia documenta a enorme presença da literatura brasileira em língua alemã depois de 1945, publicada por uma variedade de editoras e traduzida por um grande número de tradutores, entre os quais também CMC que começou em 1963, com Pikkube, de Muriilo Rubião. Em 1984, Mechtild Strausfeld, de 1974 a 2008 responsável pela literatura espanhola e latinoamericana na Suhrkamp (Frankfurt), edita o volume *Brasilianische Literatur*, com 15 ensaios de 14 filólogos de literatura brasileira. CMC é o único autor alemão, com um artigo sobre JGR, para além da própria Strausfeld que inicia a sua introdução com uma homenagem a CMC, “Vermittler und Übersetzer brasilianischer Literatur”. A grande narrativa, entre 1960 e 1980, é a ‘descoberta’ da literatura brasileira pela vida cultural nos países de língua alemã possibilitada sobretudo pela atividade incansável de CMC, se tornando um dos motores do boom latinoamericano dos anos oitenta, com um processo que culminará em 1994 com Brasil como país-tema da Feira de Frankfurt. Nesta comunicação questionaremos esta narrativa, começando pela própria autoidealização de CMC como “irmão gémeo” de JGR ou como “jagunço de Munique”, e pelo conceito de ‘Brasilidade’ associado. CMC funcionaliza a sua imagem para uma mediação da literatura brasileira monopolizadora, por ser (mais) ‘autêntica’.

Informações sobre a presença online da ABRALIC

Visite nosso site

abralic.org.br

**Siga-nos no Facebook**

facebook.com/associacaoabralic

**Visite nosso canal no YouTube**

tiny.cc/ABRALIC

**Entre em contato**

contatoabralic@gmail.com



**Saudações
comparatistas!**

Os textos deste livro foram compostos em Source Serif, família tipográfica de Frank Griebhammer livremente inspirada nos tipos gravados por Pierre Simon Fournier, na França, no século XVIII. Os títulos foram compostos em Objektiv, família tipográfica de Bruno Mello. O papel do miolo é o Polen Soft 80 g/m² & o papel da capa é o Cartão Supremo 300 g/m².



“Os resumos aqui reunidos são uma amostra do fazer comparatista da atualidade, resultado de um longo percurso da ABRALIC em seu papel de associação responsável por promover e instigar os estudiosos da área ao longo de seus trinta e quatro anos de existência. A partir dos trabalhos apresentados, desenvolvem-se leituras, discussões e reflexões que levam pesquisadores de todo o mundo a se dedicarem ao estudo de obras literárias e a observarem novas presenças, vozes e artes, trazendo à tona a elaboração de muitos diálogos transdisciplinares, tema do XVII Congresso ABRALIC e um dos objetivos fundamentais da Literatura Comparada hoje.”

